SINATRA

ANTHONY SUMMERS e ROBBYN SWAN



novo século®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



ANTHONY SUMMERS
ROBBYN SWAN

SINATRA
A vida

novo século®

Copyright © 2005, 2006 Anthony Summers and Robbyn Swan
All rights reserved.
Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século
Projeto Gráfico e Composição: Claudio Tito Braghini Junior
Capa: Carlos Eduardo Gomes
Foto da Capa: Latinstock Brasil.
Tradução: Carolina Barbosa Hebling
Preparação: Ana Cristina Teixeira
Revisão: Mateus Duque Erthal / Mario Zamarian
Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Summer, Anthony
Sinatra: a vida / Anthony Summers, Robbyn Swan; [tradução
Carolina Barbosa Hebling]. -- Barueri, SP: Novo Século Editora, 2012.

Título original: Sinatra: the life
1. Cantores norte-americanos – Biografia 2. Sinatra, Frank,
1915-1998 I. Swan, Robbyn. II. Título

11-14585
CDD-782.42164092

Índices para catálogo sistemático:
1. Cantores norte-americanos: Vida e obra 782.42164092

2012
Impresso no Brasil
Printed in Brazil
Direitos cedidos para esta edição à
Novo Século Editora
Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar
CEP 06455-000 – Tamboré - Barueri - SP
Tel. (11) 3699-7164 Fax (11) 3699-7245
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br
ISBN: 978-85-7679-690-9

Com amor para Theresa Santore Swan

“Desde o início, ele estava lá com a verdade das coisas em sua voz”.

BOB DYLAN

Nota dos autores

Fomos contratados para escrever este livro com a recomendação expressa de entregar uma versão verdadeira da vida de Frank Sinatra. Ele foi um artista de talento brilhante e de generosidade sem paralelo, ofuscados sempre por intrigas pessoais e histórias persistentes que o ligavam a alguns dos piores criminosos do mundo. Em cinquenta anos de fofoca, quais foram os reais acontecimentos? Acreditamos tê-los revelado – sem negligenciar a mágica da música de Sinatra ou suas virtudes. Alguns críticos proeminentes sugeriram, quando foi lançada a edição de capa dura de nosso livro, que tínhamos sido injustos para com o homem e sua arte. Afirmamos que estão errados e sustentamos cada linha escrita.

ANTHONY SUMMERS E ROBBYN SWAN

Agradecimentos

AS PESSOAS SÃO A MATÉRIA VITAL da biografia, frequentemente mais importantes do que o registro em papel. Esta biografia nasceu da constatação do editor Jim Silberman de que não havia um livro completo, totalmente documentado, sobre a vida de Frank Sinatra. O presidente da Knopf, Sonny Mehta, campeão em publicações de qualidade em tempos difíceis, depositou confiança em nós e financiou o projeto por quatros anos de trabalho duro. Agradecemos a ele, especialmente, assim como a Jonathan Segal, um verdadeiro rei entre editores em uma era na qual a redução de gastos tem feito da profissão uma linhagem em extinção e a Leyla Aker, nossa guia na última volta da corrida até a publicação. Leah Heifferon fez um excelente trabalho durante a preparação da edição em brochura.

Devemos especial gratidão a Ric Ross, em Los Angeles, que deve ser devidamente creditado – não menos pela filha de Sinatra, Nancy, cujo livro sobre seu pai se beneficiou do conhecimento de Ric – uma enciclopédia ambulante sobre a vida do cantor. Ele é um perfeccionista na busca pela acuidade e o manuscrito se beneficiou de sua leitura cuidadosa. Ganhou também dos olhos de águia do conselheiro geral associado da Knopf, Jon Fine, e do editor de preparação Fred Chase.

Nossa principal pesquisadora foi Kelly DiNardo, que por três anos encontrou o inencontrável para nós, com diligência e boa vontade. Bob Lamb, Catherine Valeriote e April Lubold fizeram valiosas contribuições. Em Roma, Livia Borghese empenhou sua mente afiada para decifrar questões sobre as origens da família de Sinatra e sobre o envolvimento com Lucky Luciano. Na Sicília, localidade que supostamente recebe mal estrangeiros intrometidos, fomos acolhidos com boa vontade por todos – de historiadores a cidadãos dos modestos vilarejos. Agradecimentos especiais a Nicolò Sangiorgio, fonte de todo o conhecimento sobre Lercara Friddi, que honrou sua promessa de manter um segredo; ao historiador Salvatore Lupo e Umberto Santino do Centro Siciliano de Documentazione, ambos vozes corajosas contra a Máfia; a Maria Gerardi, diretora do arquivo de Agrigento, e Mariella Marguglio, da Biblioteca Centrale em Palermo; Dottore Virginio Alberelli e a agente de polícia Vera Fichera do quartel general de Palermo; e Kathy Kirkpatrick do Gen Tracer, uma

genealogista profissional especializada na Sicília, que conduziu uma pesquisa crucial para dar o arremate à nossa discussão sobre a descoberta de que os Sinatra e a família de Luciano compartilhavam a mesma cidade de origem.

Nós pedimos à primeira esposa de Sinatra, Nancy, e aos seus três filhos que participassem de entrevistas – e no caso das filhas Nancy e Tina, reforçamos os pedidos, depois de não recebermos resposta inicial. Tina respondeu por meio de um advogado, dizendo que os Sinatra não estavam preparados para participar. Nós também pedimos, em vão, a participação da quarta esposa de Sinatra, Barbara, em uma entrevista. O silêncio da família direta contrastou com a cooperação recebida dos primos de primeiro grau, Frank Monaco, Rose Sinatra Paldino, Rose Ellman Sinatra, Morris Esposito, e dos primos de segundo grau Marilyn Sinatra e Maryann Paldino Flannery. A filha de Eva Bartok, Deana, que alega Sinatra ter sido seu pai e que incorporou seu sobrenome, dividiu conosco sua história tocante. Em Hoboken, Anthony e James Petrozelli e Rose Tamburro, parentes de dois dos cantores do grupo Hoboken Four, bem como Lucille Kirk Buccini, que cantava com Sinatra no Rustic Cabin, foram generosos em nos fornecer informações. A viúva do *bandleader* Frank Mane, Mary Mane, e seu advogado Robert Mandelbaum, gentilmente nos permitiram ouvir a primeira gravação de Sinatra, e Ed Shirak, entusiasta de Frank, foi prestativo em nos mostrar fotografias do jovem Sinatra em Hoboken.

Das mais de 500 pessoas que falaram conosco, somos especialmente gratos à primeira esposa de Sammy Cahn, Gloria Cahn Franks, e também à sua viúva, Tita; ao filho de George Evans, Phil; à recentemente falecida Janet Leigh; Jerry Lewis; Shirley MacLaine; Jeanne Martin; à primeira esposa de Harry James, Louise Tobin; aos agentes Milt Ebbins e ao recentemente falecido Mort Viner; Lee Solters, assessor de imprensa de Sinatra por muito tempo; e ao produtor George Schlatter. Os colegas cantores Buddy Greco, Connie Haines, Jo Stafford e o comediante Joey Villa compartilharam memórias conosco, assim como o fizeram os músicos Joe Bushkin e Tony Mottola, ambos infelizmente falecidos hoje, e também Frank Fighera, Al Porcino e Al Viola. A violista Ann Barak e o violinista Tony Posk foram excepcionalmente generosos com seu tempo – Ann também se juntou a nós na difícil empreitada na Sicília. Vernise Yocum Pelzel, filha do copista Vern Yocum, compartilhou conosco lembranças que seu pai, recentemente falecido, tinha compilado.

Uma das tarefas mais delicadas para um biógrafo, especialmente quando o assunto é uma grande celebridade, é a vida amorosa do personagem biografado.

Apenas aqueles pessoalmente envolvidos podem, de fato, descrever um relacionamento. Sinatra e Ava Gardner já se foram, mas tivemos a grande sorte de ter acesso às gravações sem cortes de entrevistas em fita, nunca publicadas, que ela deu ao autor Peter Evans, e pela qual ele recebe direitos autorais. Nosso caloroso agradecimento a Evans, um grande profissional e bom amigo. Mearene "Reenie" Jordan, que foi íntimo de Gardner por mais de 40 anos, conversou conosco na Califórnia, assim como Spoli Mills, melhor amiga da atriz em Londres, e também o primeiro marido de Gardner, recentemente falecido, Artie Shaw. A cantora Peggy Connelly e a atriz Lois Nettleton, que tiveram ambas longos casos com Sinatra, foram compassivas quando poderiam ter sido rudes – e pacientes com perguntas intrusivas. Do mesmo modo colaboraram Jeanne Carmen, Marianna Case, Jill Corey, Carole Lynley e Sandra Giles. A amante de Humphrey Bogart, Verita Thompson, e a ex-showgirl Liz Renay tiveram *insights*. Susan Murphy descreveu uma experiência sexual aflitiva e não recusou nossa sondagem. O jornalista St. Clair Pugh tinha lembranças pessoais do caso com Gloria Vanderbilt, assim como Peter Duchin sobre sua noite com Sinatra e com Jackie Kennedy Onassis.

Dos amigos e conhecidos do cantor, estimamos as contribuições de Nick Sevano e Sonny King – que conviveram com Sinatra por quase toda sua vida – e de Rock Brynner, do recentemente falecido Brad Dexter, Leonora Hornblow, Bob Neal e Tony Oppedisano. Armand Deutsch, Jackie, viúva de Matty Jordan, e Abbe Lane também nos concederam tempo para conversar. Phyllis McGuire, que era próxima do parceiro de Frank, Sam Giancana, planejou falar pouco mas acabou se soltando. O Dr. Rex Kennamer, médico da família e amigo, disse o máximo que pode sem trair a responsabilidade profissional. O escritor Pete Hamill, em quem Frank depositava uma confiança fora do normal, expandiu o que já está contado em sua admirável biografia *Why Sinatra Matters*. George Jacobs, o criado, a quem o autor Summers entrevistou pela primeira vez vinte anos atrás, falou com lealdade, mas abertamente sobre o homem a quem ele serviu por tanto tempo. Johnnie Spotts, um dos pilotos de Sinatra, falou com muita cautela. Outro piloto, Dan Arney, foi mais ousado. Dominick Dunne se lembrou do violento e abusivo Sinatra.

Nós nos esforçamos ao máximo para chegar ao fundo da questão sobre a qual todos querem saber, o envolvimento do cantor com a Máfia. O recentemente falecido Joe Nellis, que interrogou Sinatra em nome do Kefauver Committee; Nick Akerman, ex-procurador assistente dos Estados Unidos pelo distrito de

Nova York; o recentemente falecido Ralph Salerno, consultor de destaque sobre o crime organizado; e Sal Vizzini, um corajoso ex-agente secreto do *Federal Bureau of Narcotics* foram abertos e francos conosco. Assim também foi Dougald McMillan, que foi um procurador na *Seção para o Crime Organizado do Departamento de Justiça de Kennedy*, e quem, no passado, tinha mantido a boca bem fechada. O pianista Chico Scimone, invejavelmente em forma aos 91 anos, em Taormina, na Sicília, se lembrava de ter tocado para Sinatra em sua "audição" para a Máfia. Angela Marrocco, filha de Willie Moretti, falou conosco, de forma breve, mas muito proveitosa. A sobrinha de Jimmy "Blue Eyes" Alo, Carole Russo, e seu amigo, o ex-promotor musical Ken Roberts, foram bem francos, assim como Luellen Smiley, a filha de Allen Smiley, e Joseph Sullivan, neto de Angelo De Carlo. Toni, a filha de Joe Shimon, expandiu as entrevistas que os autores tinham feito anteriormente com seu recém-falecido pai, trazendo memórias do que ele dizia sobre Sinatra, Sam Giancana e Johnny Rosselli. Billy Woodfield, que morreu enquanto o livro estava sendo preparado, descreveu vividamente suas experiências com Sinatra que incluíam Luciano e Giancana; e sua viúva, Lili, nos forneceu algumas magníficas fotografias de Woodfield. Os filhos de Tommy Dorsey, Tommy Dorsey III e a recém-falecida Patricia Dorsey Hooker, foram prestativos sobre o assunto da ameaça da Máfia ao seu pai. Como Martin Jurow estava incapacitado de falar, sua esposa Erin Joe complementou a versão publicada do marido sobre o papel da Máfia em assegurar a Sinatra um papel em *A um Passo da Eternidade (From here to eternity)*. O recém-falecido Dan Taradash não sabia nada sobre esse assunto, mas descreveu o que tinha aprendido do processo como roteirista. O notável roteirista e diretor Mel Shavelson se lembrou de como uma cabeça de ovelha em uma bandeja levou Sinatra a cancelar uma reunião. Informações de inestimável valor sobre Sinatra em Las Vegas foram fornecidas por Count Guido Deiro e Ed Walters, que tinham sido, respectivamente, agente de vendas e agenciador de apostas no Sands, em Las Vegas; Eve Quillin, cosmetóloga e colunista; Ed Becker, autor e ex-diretor de entretenimento no Riviera; Ralph Denton, advogado e confidente íntimo do governador Grant Sawyer, de Nevada; e John Smith, o competente escritor do *Las Vegas Review-Journal* com relação à história sombria da cidade. Temos muito respeito pelos trabalhos biográficos anteriormente feitos sobre Sinatra pelos autores Arnold Shaw, cuja viúva Ghita gentilmente nos cedeu acesso a seus manuscritos.

As pessoas de quem tivemos assistência mais geral são muitas para

constarem todas aqui. Ed O'Brien, que escreveu extensivamente sobre Sinatra, conversou e se correspondeu conosco por muitos meses. Rick Apt, que administra a Ric Apt's Collectibles, com site em www.blueeyes.com abriu para nós seu excepcional arquivo de vídeos. O senador do estado de Nevada Bob Coffin, que pode ser contatado pelo endereço eletrônico bcoffin@vegas.infi.net, nos abasteceu com livros e fotografias de sua coleção em Las Vegas. Nossos agradecimentos também a Mary Ann Mastrodonato, Josephine Collins, de Los Angeles – que possui um estoque impressionante de números de telefone não publicados – e a Pattie Porter, assistente de Artie Shaw.

Dois autores de livros sobre Sinatra, Donald Clarke e Michael Freedland, nos auxiliaram generosamente com orientação. Nossa amiga Sally Denton, coautora de *The Money and the Power*, livro seminal sobre Las Vegas, permitiu que vasculhássemos seus arquivos. Gus Russo, que tinha acabado de escrever *The Outfit*, seu competente livro sobre a Máfia de Chicago, possibilitou trocas de informações que valem ouro, mais uma vez. O mesmo podemos dizer do eclético autor Dick Russell, um colega com o qual sempre podemos contar, e Douglas Valentine, que compartilhou conosco bons bocados que havia coletado ao escrever sua história do *Federal Bureau of Narcotics*, no livro chamado *The Strenght of the Wolf*. Murray Dubin, um jornalista especialista na Máfia de Filadélfia, nos conduziu à filha de Angelo Bruno. Charles Higham, em meio aos preparativos para o filme *O Aviador* (*The Aviator)*, que se volta para seu trabalho, arrumou tempo para discutir conosco o pano de fundo de sua biografia de Ava Gardner. Robert Lacey, sempre com autoridade, nos ajudou a dar um salto além do material encontrado em seu livro *Little Man*, sobre Meyer Lansky, para fontes vivas sobre os velhos mafiosos. Peter J. Levinson, autor de livros importantes sobre Harry James e Nelson Riddle, nos contou sobre seus encontros com Sinatra. Em Londres, Gavin MacFadyen e Michael Gillard dividiram conosco os arquivos que ambos tinham reunido enquanto preparavam seus dois programas sobre Sinatra para a produtora Hart Ryan Productions, exibido pela ITVMeridian Broadcasting no Reino Unido, em 2000. John J. Binder, autor de *The Chicago Outfit*, nos forneceu fotografias de sua extensa coleção. Alf Batchelder nos enviou material sobre as visitas de Sinatra à Austrália. Sylvia Schmitt nos apoiou com ajuda bem-vinda em Palm Springs.

Bibliotecários, essenciais para todo biografista, frequentemente permanecem de rostos anônimos. Agradecemos especialmente à equipe animada da Biblioteca Margaret Herrick na Academy of Motion Picture Arts and Sciences, a David

Schwartz e Joyce Marshall na University of Nevada em Las Vegas, a James Hastings e Fred Romanski do Textual Reference Branch no National Archives, a Sheron Kelly na biblioteca John F. Kennedy, a Tim Noakes no Department of Special Collections em Stanford, à associação Palm Springs Historical Society, e a Frank Prain, gerente da biblioteca no *Melbourne Age*, em Melbourne, Austrália. Jim Lesar, nosso advogado para demandas do Freedom of Information Act[1], foi mais um que tornou possível o impossível. A equipe talentosa no Paladin In Vision, em Londres, lutou e ganhou a luta para fazer um grande documentário para a televisão partindo de nosso trabalho, em uma época em que o financiamento era extremamente difícil de ser levantado. O documentário iria ao ar na A&E, na BBC e em outras redes, na época coincidente àquela da publicação deste livro.

Agradecemos aos nossos agentes, Sterling Lord e seu assistente Robert Guinsler, em Nova York, e a Jonathan Lloyd, que dirige Curtis Brown em Londres. Também em Londres, Patrick Janson-Smith e Marianne Velmans e a equipe da Transworld nos trouxeram sangue novo quando entraram a bordo do projeto. Temos enorme admiração pela equipe da Knopf, que lutou pela publicação do livro, seu diretor de publicidade Paul Bogaards, Victoria Gerken e Lydia Buechler.

Quatro amigos nossos nos ajudaram em especial. A hospitalidade de Henry Ehrlich e Tamara Glenny em Nova York, e de Robert Dorff e Padrick Peper em Los Angeles, tornou possível que evitássemos algumas despesas de hotel devastadoras. Em Iowa, pela terceira vez, Sondra Feldstein empenhou sua mente acadêmica para ler e tomar notas dos mais de quinhentos livros consultados. Aqui, na Irlanda, pelo menos quinze pessoas contribuíram de uma maneira ou de outra. Murphy Media, em Waterford, fez maravilhas com fotografias. Pauline Lombard, Ciara Guiry e Sally e Sam Brittain mantiveram em ordem um sistema de 1.500 arquivos, fitas e uma cronologia monstruosa. Jenette Woods e Angela Daly fizeram recortes das entrevistas gravadas em fita, e Ger Killalea cuidou para que as máquinas se mantivessem funcionando. James Ronayne, mais uma vez dirigiu quilômetros e quilômetros por nossa causa, e Jenny Barlow e Ann Dalton cuidaram de nosso bando de crianças.

Nossos assistentes pessoais, a primeira, Michele Sheehan, e depois, Sinéad Sweeney, foram peças-chave para o projeto. Sinéad trouxe sua inteligência afiada e responsabilidade, e devemos a ela agradecimento especial.

Nosso amor e gratidão aos nossos filhos negligenciados, que, quando crescerem, saberão que é melhor não serem autores de não ficção. Entretanto, eles podem ter percebido que – não importa o quão desfiador seja o trabalho – nos consideramos afortunados na profissão que escolhemos.

ANTHONY SUMMERS E ROBBYN SWAN
Irlanda, 2005

1
Estreia

18 de março de 1939.

Em um estúdio na West 46th Street da cidade de Nova York, um conjunto tocava *Flight of the bumblebee,* de Rimsky-Korsakov. Era um lugar simples, um cômodo com sofás e lâmpadas, com cortinas penduradas para abafar o eco das paredes. Um grande dia para aqueles músicos, que estavam gravando pela primeira vez.

Um rapaz franzino ouvia enquanto tocavam. Na noite anterior, no Sicilian Club, próximo à sua casa em Nova Jersey, ele havia perguntado se poderia se juntar a eles. Agora, como a banda tinha acabado de tocar, deu um passo à frente e falou com o *bandleader*[2]. "Posso cantar?", perguntou.

O *bandleader* olhou de relance para o relógio do estúdio para ver se ainda tinham tempo, e, então, disse ao jovem para ir em frente. Ele escolheu *Our love*, um arranjo bem popular baseado em uma melodia de *Romeu e Julieta* de Tchaikovsky. Defronte do microfone rudimentar, ele se lançou à letra açucarada:

> *Our love, I feel it everywhere*
> *Our love is like an evening prayer*
> *I see your face in stars above*
> *As I dream on, in all the magic of*
> *Our love*[3].

Imatura, um pouco esganiçada, a voz foi transmitida através de um amplificador para um dispositivo de gravação conhecido como torno. O torno conduzia o som para uma agulha e esta entalhava um sulco em um disco de doze polegadas, feito de laca de base de alumínio. O resultado era um disco que seria

tocado em um prato de uma vitrola em 78 rotações por minuto.

O *bandleader* guardou o disco em uma gaveta por quase sessenta anos. Ele o tiraria de lá, de tempos em tempos, com deleite e crescente nostalgia, para tocá-lo para os amigos. A música soa metálica, uma relíquia da infância da tecnologia de gravação. O disco ainda está guardado em segurança. O advogado da viúva do *bandleader*, uma octogenária amparada pela Previdência Social, diz que os herdeiros do cantor exigiram todos os direitos e a parte do leão de qualquer renda potencial vinda do disco, impedindo sua liberação.

O disco é uma peça valiosa da história da música. Sua etiqueta gasta, datilografada em uma velha máquina manual, mostra que a gravação foi feita nos estúdios Harry Smith, "eletronicamente gravado" para o *bandleader* Frank Mane, sendo a cópia marcada como o "primeiro original". Foi a primeiríssima gravação de estúdio conhecida das mais de milhares que fariam daquele jovem franzino o maior cantor popular da história. Afinal, embaixo de "Voz por", exibe-se numa caligrafia impecável a legenda.

Frank Sinatra

Um ano depois daquele primeiro disco, aos 25 anos, Sinatra contou a um novo conhecido sobre como via seu próprio futuro. "Eu vou ser o melhor cantor do mundo", ele disse, "o melhor cantor que já existiu."

2
Uma família da Sicília

“Io sono siciliano”... Eu sou siciliano.

Aos 71 anos, no calor escaldante de 1987, Frank Sinatra estava cantando, não tão bem na ocasião, na terra de seus pais. “Eu quero dizer”, falou à plateia absorta, presente no estádio Palermo’s Favorita, “que amo muito vocês por virem aqui esta noite. Faz muito tempo que não venho à Itália − Estou muito entusiasmado. Estou muito feliz.”

A multidão urrou em aprovação, especialmente quando ele disse que era siciliano, que seu pai tinha nascido na Sicília. O som de sua voz deu uma pequena desafinada enquanto falava e ele parecia mais reflexivo do que feliz. Em um outro concerto, na cidade de Gênova, ao norte da Itália, ele tinha preparado uma piada para a plateia. “Duas pessoas maravilhosas e muito importantes vieram de Gênova”, comentou bem humorado, “Uma... *Uno: Christopher Columbus. Due: mia Mamma*...”.

Essa segunda plateia também o saudou com alegria, ainda que menos entusiasmadamente quando Sinatra mencionou que seu pai era da Sicília. “Eu não acho”, disse o cantor com uma ponta amarga de ironia, “que eles ficam muito animados com a Sicília”. Foi como uma reverência em sinal de compreensão pelos sentimentos dos italianos do norte sobre a ilha situada no extremo sul do país. Eles olham para os sulistas com desdém, os veem como atrasados e indolentes, e também porque, como todos sabem, a região é sinônimo de crime organizado. É a ilha do fogo e do paradoxo, o pé desmembrado da perna da Itália. Sicília: a maior ilha do Mediterrâneo, com pouco mais de dezesseis mil quilômetros quadrados, uma cornucópia de história que permanece mais remota e misteriosa do que qualquer lugar na Europa.

A história da ilha tem sido uma saga de violência. Seu solo foi abalado por

terremotos e seus vulcões cuspiram fogo e lava, muito antes de Cristo. Seu povo carrega os genes dos gregos e dos romanos, dos vândalos germânicos e árabes, dos normandos e dos hispânicos, todos invasores que escreveram com sangue a história da Sicília.

"A Sicília é ingovernável", escreveu Luigi Barzini. "Os habitantes há muito aprenderam a não confiar e a desarmar todas as leis escritas." O crime foi endêmico, de forma tão alarmante que há cem anos a taxa de criminalidade da ilha era tida como a pior da Europa. Naquele momento, o mundo lá fora já tinha ouvido falar do nome espectral que se tornou inseparável daquela ilha − Máfia.

A origem dessa palavra é tão misteriosa quanto a irmandade criminosa em si, mas, na Sicília, máfia tem um significado e Máfia − com M maiúsculo − tem outro. Para os habitantes da ilha, na visão de Barzini, a palavra máfia era originalmente usada para se referir a "um estado de espírito, uma filosofia de vida, um conceito de sociedade, um código moral." No centro da palavra está o casamento e a família, com parâmetros estritos. O casamento é para a vida toda e o divórcio, inaceitável e impossível.

Um homem com posses ou habilidades especiais estava fadado a ter autoridade e a ser conhecido como um "padrone". Na máfia, com m minúsculo, aqueles que viviam dentro do código e do poder exercido na comunidade eram "uomini rispettati", homens de respeito. Esperava-se que se comportassem lealmente, que fossem bons pais de família, e suas palavras eram seus vínculos. Eles davam o exemplo e esperavam ser respeitados.

A corrupção do código e a descida para a criminalidade foram rápidas. Logo, antes do alvorecer do século XX, a Máfia, com M maiúsculo, ainda que nunca tivesse sido considerada exatamente como uma organização, já estava cobrando tributos dos fazendeiros, controlando os suprimentos básicos de água, controlando os construtores e os homens de negócio, estabelecendo preços e contratos.

A cooperação com esse esquema era brutalmente imposta: os que se posicionavam firmemente em protesto eram mortos, não importando o *status* que tinham. A Máfia via com ironia o Estado, fraudando eleições, corrompendo os políticos que a favoreciam e aterrorizando seus oponentes. De 1860 a 1924, nem um único político da Sicília foi eleito para o parlamento italiano sem a aprovação da Máfia. A ilha e seu povo, como escreveu um antigo visitante, não eram "sopa no mel".

O avô paterno de Frank Sinatra cresceu na Sicília nos anos que se seguiram

ao fim da lei para estrangeiros, um período de desordem social e política. Sua infância e seus primeiros anos de adulto coincidiram com o colapso da autoridade civil, levantes brutalmente reprimidos, e a ascensão da Máfia para preencher o vácuo de poder existente.

Fora isso, muito pouco se sabe a respeito dos bastidores da Família Sinatra na Sicília. O obituário do avô, que apareceu no *New York Times* por causa do neto famoso, dizia apenas que nascera "na Itália", em 1884 (embora sua certidão de óbito americana indicasse que ele tinha nascido muito antes, em 1866). Duas vezes, em 1964 e 1987, Frank Sinatra contou ao público que sua família tinha vindo da Catânia, no extremo leste da Sicília. No entanto, disse a um de seus músicos, à primeira violista Ann Barak, que teriam vindo de Agrigento, no sudoeste da ilha. Sua filha Nancy, que consultou seu pai longamente enquanto trabalhava em dois livros sobre sua vida, escreveu que o bisavô dela teria "nascido e crescido" em Agrigento. O nome dele seria John.

Na verdade, ele não veio nem da Catânia nem de Agrigento: nasceu antes das duas datas anteriormente reportadas e seu nome verdadeiro era Francesco, ou na versão americanizada, Frank.

CERTIDÕES DE BATISMO e de casamento sicilianas, dados de imigração para os EUA e de censo e entrevistas com netos ainda vivos situam que Francesco Sinatra nasceu em 1857 na cidade de Lercara Friddi, nas montanhas do noroeste da Sicília. A cidade tinha cerca de dez mil habitantes e era um lugar de alguma importância, referido por alguns como "piccolo Palermo", pequeno Palermo.

A razão para tal era o enxofre, matéria-prima essencial para as indústrias de papel e farmacêutica, elemento de que a Sicília era rica, especialmente Lercara. Companhias estrangeiras colhiam os lucros e, no entanto, a maioria dos habitantes definhava na pobreza. A cidade estava localizada, nas palavras de um proeminente editor italiano, "no território central da Máfia". A cidade fica a quinze minutos de Corleone, nome que ficou famoso pelo filme *O Poderoso Chefão* e, na realidade, uma comunidade creditada por criar mais mafiosos americanos do que qualquer outro lugar na Sicília. Fica apenas a dezenove quilômetros do reduto da Máfia, Prizzi − de *A honra do poderoso Prizzi* (*Prizzi's Honor*), romance de Richard Condon sobre a máfia, e do filme, de mesmo nome, baseado no livro e estrelado por Jack Nicholson.

Foi Lercara Friddi, no entanto, que produziu os mais notórios mafiosos do

século XX. A cidade natal de Francesco Sinatra trouxe ao mundo Lucky Luciano. Luciano foi “sem dúvida, o mais importante gângster ítalo-americano”, de acordo com uma autoridade, e o “cabeça do submundo italiano por toda a ilha”, segundo um chefe da Comissão de Chicago para o crime. Um de seus advogados o descreveu como tendo sido, simplesmente, “o fundador da Máfia moderna.”

Luciano, cujo nome verdadeiro era Salvatore Lucania, nasceu em Lercara Friddi em 1897. Certidões de batismo e casamento antigas mostram que seus pais, juntamente com Francesco Sinatra e sua noiva, Rosa Saglimbeni, casaram-se na igreja de Santa Maria della Neve com uma diferença de dois anos entre cada evento. Luciano foi batizado lá, na mesma fonte em que foram os dois primeiros filhos de Francesco.

Durante todos os anos de especulação sobre as conexões de Frank Sinatra com a Máfia, esta coincidência de origens permaneceu desconhecida. Outras informações recentes mostram que é provável que os Sinatra e os Lucania se conheciam. As duas famílias viveram na mesma ruazinha, a Via Margherita di Savoia, mais ou menos na mesma época. A agenda pessoal de endereços de Luciano, apreendida por autoridades policiais por ocasião de sua morte em 1962, e disponível hoje nos arquivos do Bureau Federal of Narcotics, contém apenas dois registros para indivíduos que viviam em Lercara Friddi: um deles, de um membro de sua família e o outro, de um homem chamado Saglimbeni, um parente da mulher com quem Francesco Sinatra se casou. Mesmo que os Sinatra e os Lucania não se conhecessem, a notoriedade posterior de Luciano torna certo que a família Sinatra tenha eventualmente sabido que compartilharam com o gângster a mesma cidade de origem. Parentesco e origens são importantes para a cultura ítalo-americana e se tornaram ainda mais nas primeiras décadas da diáspora.

Quando menino, Frank Sinatra possivelmente ouviu de algum de seus muitos parentes que sua família e Luciano tinham vindo da mesma cidade siciliana. Ele certamente poderia ter tido conhecimento disso por meio de Francesco, que morou com a família Sinatra depois da morte de sua esposa e com frequência cuidava de seu neto, quando os pais o garoto estavam ausentes.

Francesco viveu até 91 anos, bem depois de Luciano ter se tornado um sobrenome infame e de Frank Sinatra ter se tornado um cantor internacionalmente famoso. O próprio Sinatra sugeriu, e um contato próximo confirmou, que o cantor e seu avô eram “bem próximos”. Bem mais tarde, ele

disse que mudara de rumo para retomar seus laços sicilianos. E, ainda assim, como vimos, deixou turvas as águas de sua história, sugerindo que seus antepassados vieram de cidades na Sicília distantes de Lercara Friddi.

O fato de que a família Sinatra veio da mesma cidade de um grande mafioso não era, em si, motivo para embaraço. A razão para o obscurecimento deste fato, no entanto, pode ser encontrada no envolvimento da família com contrabando durante a infância de Frank Sinatra e, acima de tudo, na relação de longo tempo que ele manteve com Luciano, relação esta cuja profundidade pode agora ser documentada, pela primeira vez.

HAVIA APENAS UMA ESCOLA em Lercara Friddi e poucas pessoas lá sabiam ler ou escrever. Francesco Sinatra não era uma exceção, mas ele tinha um comércio − era sapateiro. Ele se casou com Rosa, uma mulher do local que tinha sua idade, ou seja, casaram-se aos 20 anos. Aos 30 anos, em 1887, o casal tinha dois filhos. Quando o século XIX chegava ao fim, milhares de sicilianos passavam fome, especialmente no campo. Havia revoltas por comida e a criminalidade estava fora de controle.

Na região oeste da Sicília, o poder da Máfia havia se tornado absoluto. Palermo, a capital da ilha, deu origem ao primeiro *capo de tutti capi*, Don Vito, aquele que um dia iniciaria os primeiros laços entre a Máfia siciliana e os Estados Unidos. Seu sucessor, Don Carlo, agia em uma vila situada apenas a vinte e três quilômetros de Lercara Friddi. Alguns dos mais notórios chefes de gangue americanos − Tony Accardo, Carlo Gambino, Sam Giancana, Santo Trafficante − eram, assim como Luciano, originários da Sicília do oeste.

Em 1889, Francesco e Rosa mudaram-se para um subúrbio da classe trabalhadora em Palermo. Mais dois filhos do casal nasceram lá, porém morreram na infância, possivelmente vítimas da epidemia de cólera que devastou aquela região no começo dos anos 1890. Um milhão e meio de sicilianos deixariam a ilha nos vinte e cinco anos que se seguiram, com muitos indo para a Argentina e para o Brasil e, em número crescente, para os Estados Unidos.

Francesco Sinatra se juntou ao êxodo no verão de 1900. Aos 43 anos, disse adeus a Rosa e aos seus filhos sobreviventes − que eram então três filhos e duas filhas − e embarcou para Nápoles. Lá, transferiu-se para o navio a vapor britânico *Spartan Prince*, carregando um bilhete de última classe para Nova York. Na ilha Ellis, em 6 de julho, ele disse aos oficiais de imigração que

planejava ficar com um parente que morava no bairro Old Broadway, em Manhattan. Ele tinha trinta dólares no bolso.

Francesco conseguiu emprego e logo tinha condições suficientes para enviar ajuda à família. Seu filho mais velho, Isidor, juntou-se a ele na América, e Salvatore, que tinha apenas quinze anos e declarou ser sapateiro como o pai, chegou em 1902. Rosa chegou no Natal do ano seguinte, acompanhada de Antonino, de nove anos, e suas duas filhas, Angelina e Dorotea, que eram mais novas. Antonino − Anthony Martin ou Marty, como também veio a ser conhecido na América − viria a ser pai do maior cantor popular do século.

A Estátua da Liberdade sorriu, diria Frank Sinatra em um momento emotivo quarenta anos mais tarde, quando seu pai "deu seu primeiro passo no solo de Liberdade". No entanto, para muitos imigrantes italianos recém-chegados, o sorriso se provou ilusório.

NA ÉPOCA DE FRANCESCO, os imigrantes italianos foram recebidos com muita hostilidade. Eles estavam no fundo do poço em Nova York, marginalizados por aqueles que haviam chegado antes deles, como os alemães e principalmente os irlandeses. Os italianos eram conhecidos como sujos, ignorantes e criminosos, e eram tratados como vilões, chamados de *wops*, *dagos* e *guineas*. Logo no começo do século XX, quando os negros estavam sendo linchados no Sul, alguns americanos consideravam que os italianos − imigrantes do sul da Itália e da Sicília, especialmente − "não eram nem mesmo brancos". A Ku Klux Klan se voltava contra eles. Os italianos se viram excluídos das igrejas frequentadas por outros grupos étnicos, vinculados a trabalhos menores e perseguidos pela polícia.

A acusação de criminalidade tinha, de fato, alguma base. Naquela época, fugitivos da Máfia vindos da Sicília já estavam agindo nos Estados Unidos havia alguns anos. O chefe do bando de Palermo, Don Vito, apresentando-se para os oficiais da imigração como um "negociante", chegou da Europa no ano seguinte à chegada de Francesco e, durante sua estada de dois anos, assentou as bases do que viria a ser a chamada Máfia Americana.

Para os sicilianos oprimidos, Vito e seus seguidores eram os "uomini rispettati" que haviam colocado ordem no galinheiro. Eles ofereciam proteção, emprestavam dinheiro, tornaram muitas coisas possíveis − cobrando algum preço. Eles extorquiam dinheiro de vendedores e trabalhadores e aqueles que não cooperavam eram prejudicados. Para alguns imigrantes, unir-se à classe dos

criminosos era mais atraente do que o trabalho legítimo. “Eu percebi que os italianos eram considerados sujeira, a escória da terra”, lembra “Jimmy Blue Eyes” Alo[4], filho de um alfaiate calabrês e que viria a ser um mafioso americano profissional. “Eu desisti... fui pelo outro caminho.”

Lucky Luciano, que chegou na América vindo de Lercara Friddi muitos anos depois dos Sinatra, fez a mesma escolha. “Nós éramos rodeados por foras da lei”, ele lembrava ao tratar de sua infância na região do Lower East Side de Manhattan, “e muitos deles eram caras supostamente inocentes... Todos eles estavam roubando de alguém. E nós tínhamos os verdadeiros profissionais, os Dons ricos do velho país, com seus grandes carros pretos e bigodes da mesma cor combinando... O que importa é que nós sabíamos que eles eram ricos, e ser rico era o que contava.”

Francesco, por sua vez, batalhou. Muitos italianos eram sapateiros, aparentemente um número grande demais, pois ele encontrou trabalho como reparador de caldeiras. Mais tarde conseguiu um trabalho na Companhia Americana de Lápis que pagava onze dólares por semana (o equivalente a duzentos dólares hoje), e ficou na companhia por dezessete anos. Rosa, como Francesco, já em seus 40 anos, criou seus filhos e acabou abrindo um pequeno armazém. Naquele tempo, o casal já tinha há muito trocado Nova York pela cidade cujo nome é, hoje, inseparável dos Sinatra − Hoboken.

No século XIX, a cidade tinha sido reduto de novaiorquinos opulentos, como os Vanderbilt e os Astor. Quando os Sinatra chegaram, no entanto, ela tinha se tornado uma cidade industrial suja de sessenta mil habitantes. O lado da cidade banhado pelo rio Hudson recebia navios do oceano e era as costas de uma montoeira de fábricas e de pátios ferroviários. Os irlandeses dominavam a cidade, tinham os trabalhos mais rentáveis e ocupavam os melhores imóveis. Os recém-chegados italianos se espremiam em umas poucas ruas deterioradas e faziam o melhor possível vivendo em cortiços.

Os italianos ficaram em seu território, em parte porque não eram bem-vindos em outros lugares e, em parte, porque era o melhor para eles. Na região da cidade conhecida como Little Italy − Pequena Itália −, eles tinham o conforto de sua própria igreja e seus próprios costumes e regras, impostas por seus próprios protetores criminosos. Sicilianos, em especial, tendiam a gravitar em ruas estabelecidas por aqueles que tinham chegado antes, vindo de suas mesmas cidades e vilas. Parentes próximos frequentemente moravam no mesmo

quarteirão ou inclusive no mesmo prédio.

Hoboken era uma cidade dura e os italianos que permaneciam em território irlandês depois de escurecer faziam um convite a ataques de violência. Muitos homens do setor italiano da cidade possuíam armas de fogo, principalmente pistolas velhas, e, em 1909, algumas foram usadas em uma batalha contra a força policial dominada pelos irlandeses. A polícia, chamada à cena de uma balbúrdia na Monroe Street − no caso, uma criança italiana tinha sido morta em um acidente envolvendo outros italianos −, chegou debaixo de chumbo pesado. "Italianos alterados armados com revólveres", reportou o *New York Times*, "espreitavam atrás de janelas e portas dando tiros aleatórios na polícia... Uma centena de tiros ou mais foram disparados, e tarde da noite de ontem a tranquilidade ainda não havia sido restabelecida."

Francesco e Rosa criaram seus cinco filhos em Hoboken, durante mais de uma década de invernos congelantes e verões sufocantes. Eles não tinham aquecedor central e, claro, também não tinham ar condicionado. Isidor trabalhava na mercearia dos pais. Salvatore virou padeiro. Marty, que deixou a escola quando tinha dez ou onze anos, não conseguia nem ler nem escrever e nem mesmo falar inglês muito bem. Ele completou quinze anos no mês em que se deu a batalha entre os imigrantes italianos e a polícia.

Marty era um rapaz pequeno, "do tamanho de um cogumelo", teria dito um conhecido. Ele logo começou a sofrer de calvície precoce e, talvez, para compensar sua baixa estatura, tinha várias tatuagens. Ele foi acometido por asma crônica. Os parentes lembravam dele como alguém gentil, na maior parte do tempo, mas era suscetível a longos silêncios pensativos e tinha um temperamento explosivo. Também gostava de beber.

Seguindo os passos de seu pai e de seu irmão Salvatore, Marty começou como aprendiz de sapateiro. Por anos, no entanto, não tinha nenhum trabalho fixo. Em dado momento, enquanto trabalhava como motorista, ele se envolveu em um acidente fatal. Depois de atropelar e matar uma criança de cinco anos na Newark Street, perto das docas, Marty simplesmente foi embora. Julgado por homicídio, ele declarou à corte que estava "sem forças" e tinha "perdido a cabeça", e, assim, foi absolvido. Ele também se meteu em confusão por receber mercadorias roubadas.

Por um tempo, foi lutador profissional, como peso médio. Ele chamava a si mesmo de Marty O'Brien no ringue, aludindo ao seu patrocinador, um irlandês da Filadélfia. Boxeadores italianos frequentemente usavam nomes irlandeses

para serem aceitos por um público maior. Foi provavelmente por meio de um companheiro boxeador, Dominick “Champ” Garaventa, que conheceu a mulher que viria a ser a mãe de Frank Sinatra.

Dolly Garaventa, uma entre os oitos irmãos de Dominick, era também imigrante − do norte da Itália. Seu pai, um camponês de Rossi, uma aldeia perto de Gênova, tinha trazido sua esposa e filhos para os Estados Unidos antes da virada do século. No entanto, se tinha alimentado altas esperanças para o futuro de seus filhos, estava amargamente desapontado.

Dominick se envolveu com a venda ilegal de bebidas alcoólicas, e foi preso depois de um tiroteio envolvendo seu irmão Lawrence. Lawrence, conhecido como *Babe* por ser o mas mais novo dos irmãos, se tornou o pior de todos. Também boxeador, foi preso mais de vinte vezes, condenado por agiotagem e detido por tentativa de contrabando e por dois assaltos à mão armada que resultaram em assassinato. Outro irmão, Gustavo, foi preso diversas vezes por vender ilegalmente números de loteria.

Dolly, mais propriamente Natalina, ou Natalie Garaventa, nasceu no dia depois do Natal, em 1896. Tinha olhos azuis e a pele clara e, quando jovem, cabelos louros avermelhados. Embora miúda, era muito bonita mesmo enquanto adolescente. Mulheres não tinham permissão para assistir a lutas, mas Dolly se vestia como um garoto para ver Marty Sinatra lutar. Ela tinha um linguajar pesado – sua boca suja se tornou lendária – e falava sem parar. Ela nunca esquecia nem perdoava uma ofensa percebida. Era alfabetizada, falava inglês fluentemente e chegou a receber treinamento para ser enfermeira. Também sabia cantar, um talento herdado de seu pai. Cantava canções populares e árias de ópera em casamentos e festas de família e também no Hoboken’s Clam Broth House – em cima de uma mesa.

Marty Sinatra conheceu Dolly em 1912, quando tinha 18 anos e ela 16. Ele sabia cantar também e fazia serenatas para ela com uma cantiga sentimental chamada *You Remind Me Of The Girl Who Used To Go To School With Me.* Dolly era mais intelectualizada, mandona e dominadora, mas o amor floresceu. Enfrentando a oposição de seus pais, ela e Marty fugiram – ao todo, percorreram três quilômetros – para Jersey City, onde se casaram na prefeitura, no Dia dos Namorados de 1913. Depois disso, voltaram para casa, se reconciliaram com suas famílias e mais tarde se casaram novamente na igreja.

Eles alugaram um apartamento na Monroe Street, número 415, no quarteirão em que seus companheiros italianos tinham lutado com a polícia quatro anos

antes. Salvatore Sinatra – que agora nomeava a si mesmo como Charlie – e sua esposa se mudaram para o mesmo corredor. Publicitários ainda descreveriam o prédio como tendo sido um cortiço. Na realidade, o prédio era uma estrutura moderna de madeira, quatro andares em cima de um porão, dividido em oito apartamentos. Não havia água quente e duas famílias dividiam o único banheiro de cada andar, o que não era nada estranho naquele tempo. Cada família tinha três cômodos e mais uma cozinha com fogão. O irmão de Dolly, Dominick, lembrava disso como "uma ótima vizinhança de classe média baixa".

ENQUANTO DOLLY E MARTY encontraram um ao outro, celebraram laços, arrumaram sua casa, o mundo deu voltas. O Titanic naufragou por causa de um iceberg. Woodrow Wilson foi eleito presidente, evitando ao máximo que pôde uma manifestação de mulheres, em Washington, reivindicando seu direito de voto. Um aviador francês sobrevoou o Mediterrâneo para além da Sicília, levando seu aeroplano por sobre o espaço marítimo em uma extensão jamais alcançada anteriormente. O Canal do Panamá foi aberto, unindo o Atlântico ao Pacífico. Henry Ford estabeleceu uma "linha de montagem" para construir automóveis. Einstein aperfeiçoou sua Teoria da Relatividade. A Europa foi tragada pela guerra, embora naquele momento os Estados Unidos estivessem ainda de fora.

E havia algo mais. Vitrolas de dar corda – fonógrafos – apareciam agora no mercado e eram bastante acessíveis. Pela primeira vez, os americanos podiam ouvir música em discos de rápida rotação, chamados simplesmente discos.

Estes tremores sísmicos afetaram pouco os recém-casados, embora Dolly, que ainda mergulharia na política local, possa ter brindado pelas mulheres que protestavam em prol do sufrágio na capital. Neste momento, entretanto, ela estava preocupada, assim como Marty. Noivas, especialmente noivas de maridos sicilianos, deveriam atender à expectativa de ficarem grávidas.

3
Filho único

“NÓS FOMOS CASADOS por muito tempo”, lembrava Dolly, “e não pensávamos que teríamos um filho.” Então, no começo de 1915, depois de uma espera de dois anos, ela finalmente ficou grávida. Esperava ter uma menina.

As dores vieram na segunda semana de dezembro. Parteiras percorreram com dificuldade as ruas cobertas de neve até alcançar o apartamento dos Sinatra, e, então, chamaram um médico. Esparramada em uma mesa de cozinha, Dolly estava em apuros. Ela tinha menos de um metro e meio de altura e pesava apenas quarenta quilos, e o bebê era enorme. Ela estava em agonia.

Outras mulheres se acumulavam ao redor, dando palpites. Lá estava a mãe de Dolly, Rosa, sua irmã Josie e uma vizinha da casa da frente. O parto não progredia e a paciente começava a perder as forças. Temendo pela vida de Dolly, o médico optou pelo fórceps. O bebê foi literalmente arrancado para fora da vagina, sangrando na cabeça e no pescoço. Não era a garota que Dolly esperava, mas um menino pesando seis quilos, aparentando estar morto.

“Acho que ele não vai sobreviver”, Josie lembrou de ouvir o médico sussurrar. “Vamos cuidar da mãe.” E então, uma das mulheres – creditada como sendo a mãe de Dolly – pensou em segurar o grande bebê debaixo de uma torneira de água gelada. Ele balbucia algo, levou um tapinha nas costas e começou a chorar.

O trauma deixou Dolly incapacitada para ter outros filhos. O lóbulo da orelha esquerda da criança, sua bochecha e parte de seu pescoço, rasgados pelo fórceps, guardariam cicatrizes para o resto de sua vida. Quando adulto, ele usaria maquiagem quando necessário para cobrir o machucado. Um tímpano perfurado, descoberto muito tempo depois, pode também ter sido resultado do nascimento.

Quando homem crescido, falaria em público da gratidão pelo seu

renascimento. Secretamente, ele tivera problemas para aceitar o que soube sobre as circunstâncias de seu nascimento. Aos onze anos, conta-se que tentou atacar o médico responsável por seu parto. Quando adulto, surpreenderia uma de suas amantes com um rompante de ressentimento. “Eles não estavam pensando em mim”, disse amargamente, “estavam pensando apenas em minha mãe. Eles apenas me arrancaram e me jogaram de lado.”

A certidão de nascimento, registrada no estado de Nova Jersey, em 17 de dezembro de 1915, dava ao recém-nascido o nome de “Frank Sinestro”. “Sinestro” era um engano do escrivão, mas “Frank” fazia sentido. É um costume italiano nomear o filho primogênito como o bisavô paterno, neste caso, Francesco. Um quarto de século mais tarde, quando a criança tinha se tornado uma celebridade, o nome seria registrado novamente como “Francis A. Sinatra”. A letra “A.”, o mundo ficou sabendo, era de “Albert”.

“Deus te ama,” familiares mais velhos diziam ao garoto; “ele salvou você por algum motivo. Você está fadado a ser alguém.”

Uma fotografia de Frank Sinatra quando bebê, tirada com seu terno de aniversário contra um pano de fundo de uma cena rural, mostra uma criança gordinha. “Não foi antes dos quatro ou cinco que ele ficou realmente magrinho”, lembrou sua tia Josie. Uma fotografia colorida publicada mostra Frank enrolado em panos, protegido do frio, no colo de sua mãe, com um capuzinho escondendo o lado esquerdo cheio de cicatrizes na cabeça. Na foto, Dolly, com 19 anos, parece achar difícil sorrir, e Frank – Frankie, como seria chamado até o começo da idade adulta – parece olhar para ela desconfiado.

Aquela velha fotografia de família agora parece simbólica da infância que se seguiu. Dolly tinha um estranho conceito de maternidade e Frank tinha todos os problemas de uma criança qualquer, e outros mais. Como esperava uma menina, ela tinha comprado roupinhas de bebê cor-de-rosa, e ele as vestia. “Eu não me importava”, ela lembrou. Mais tarde, pediu à sua mãe que fizesse para ele roupinhas estilo Little Lord Fauntleroy[5]. Frank brincava com bonecas e foi “um pouco afeminado” por mais tempo do que se espera, de acordo com um conhecido de sua infância.

Ficar em casa com o bebê nunca foi uma prioridade para Dolly. Frank passou a maior parte de sua infância sendo cuidado ou por seu avô, Francesco, ou por sua avó materna. Em 1917, quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, Marty foi dispensado da convocação por ser um homem com

uma família dependente. Dolly, no entanto, se voluntariou para trabalhar além-mar como enfermeira. Quando sua oferta não foi aceita, começou a trabalhar como “chocolate dipper"[6] em uma doceria.

Porém, as aspirações de Dolly eram muito maiores. Ela se profissionalizou como parteira e mergulhou na política local, ambas atividades que a tornaram uma figura controversa. Em 1919, nos meses finais das campanhas pelo sufrágio feminino, foi uma das mulheres que se acorrentaram aos trilhos de trem na prefeitura de Hoboken. Depois de ganha a batalha pelo sufrágio, ainda em seus 20 anos, ela se tornou líder da ala democrata. “Fui chamada para o cargo porque falava todos os dialetos”, lembrou ela.

Quando os chefes irlandeses da cidade começaram a pedir votos dos imigrantes italianos, eles precisavam de alguém com influência na vizinhança. Dolly ganhou essa influência por conseguir empregos para as pessoas, garantindo cheques de auxílio-desemprego para os necessitados, dando conselhos para problemas de saúde, angariando sacos de carvão para serem distribuídos no inverno. “Ela era como uma madrinha”, disse Anthony Petrozelli, que cresceu na Monroe Street. “Eles a respeitavam. Ela era forte e não se deixava abater por nada.”

Os políticos para quem Dolly trabalhava mandaram em Hoboken e Jersey City por trinta anos, um período infame de corrupção e bandidagem. Ela era próxima de dois prefeitos do período, ambos personalidades notórias, e então gastou seu tempo livre, nas palavras de sua neta Tina, “comprando votos para a máquina democrata local.”

Dolly queria trazer seu marido para a política também, mas, como colocou sua sobrinha Rose Paldino, “Marty não era esperto o bastante”. Em casa, ele perturbava sua esposa fingindo ser a favor dos republicanos, e ela revidava se recusando a cozinhar. Frank foi logo cedo pressionado a carregar cartazes para os democratas. Ele cresceu apoiando os democratas e assim continuaria até chegar aos 50 anos.

As mulheres da comunidade italiana conheciam Dolly por causa do anúncio no diretório da cidade em que se lia, em negrito: “DELLA SINATRA, Enfermeira de Maternidade e Parteira – Ligue Hoboken 985”. Ao escrever sobre a família, anos mais tarde, Kitty Kelley explorou o fato de que a mãe de Sinatra teria feito abortos, em uma época em que este procedimento era ilegal e imoral. Dolly foi presa muitas vezes por fazer abortos, sendo condenada em duas

ocasiões. Alguns a conheciam como “Hatpin Dolly"[7], e sua reputação ainda chegaria a impedir seu filho de se apresentar em uma igreja católica local.

Outros eram menos condenatórios. “Se alguma mulher ficava grávida por engano, era uma grande desgraça”, disse Petrozelli, “então as mães das moças chamavam Dolly e lhe suplicavam: ‘Por favor, antes que meu marido descubra, você tem que fazer algo.’ Ela fazia. Sem dinheiro envolvido, ela fazia de coração.” A mãe de Sinatra fazia mais partos do que abortos, dizem outros, e às vezes não cobrava por seus serviços.

Enquanto Dolly trabalhava e fazia suas negociatas políticas, continuava a empurrar Frank para parentes e vizinhos. Quando não ficava com Francesco ou com a avó, ou uma de suas irmãs, ficava com a velha senhora judia Sra. Golden ou com uma babá adolescente, Rose Carrier. Rose o levou ao cinema, quando os filmes ainda eram mudos. A Sra. Golden o alimentava com bolo de café e maçãs e lhe deu um bibelô judeu com uma inscrição, objeto que ele passou a cuidar como um tesouro. Um dia, de acordo com a sua memória, ele penhoraria o camafeu para conseguir um quarto de um milhão de dólares em bônus de Israel. Frank pegou mais o iídiche da Sra. Golden do que o italiano de seus parentes próximos. Ele entendia um pouco de italiano, mas nunca aprendeu a falar bem o idioma.

Dolly tentou compensar suas ausências inundando seu filho com brinquedos, mais bicicletas do que o necessário, e férias todos os verões em Catskills. Ela vestia Frank com roupas tão elegantes que sua aparência se tornou como que uma lenda local. “Ela teria feito eu me vestir de calças de veludo, acho”, ele disse, lembrando do passado, “exceto pelo fato de que naquela vizinhança eu teria sido morto.” Quando ficou mais velho, e Dolly um pouco mais rica, Frank tinha sua própria conta na Geismar’s, a loja de departamentos local.

Porém, roupas e brinquedos não eram substitutos para o afeto. “Tia Dolly estava sempre ocupada”, lembrou um dos primos de Frank, John Tredy. “Acho que Frankie ficava sempre um pouco para escanteio. Ele estava sempre sozinho.” Parentes e vizinhos se recordam dele como um menino solitário, sentado desoladamente em seu triciclo na calçada, perambulando do lado de fora da frente da casa de sua avó.

Quando Dolly estava em casa, Marty e Frank não conseguiam relaxar. Ela sequestrava o cinzeiro do marido a cada cinco minutos. Ela dava banhos em seu filho, com água gelada e com escova de limpar o chão, muito mais do que o

necessário. Mesmo quando já era um homem crescido e um fumante inveterado, Sinatra não suportava ver um cinzeiro cheio. Ele estava sempre lavando suas mãos, um hábito que virou motivo de piada entre seus colegas músicos que ficou conhecido como seu traço de *Lady Macbeth*, e era, dizia um amigo, "fanático por suas unhas". As notas de dinheiro em seu bolso tinham de ser limpas, novas em folha. "Não suporto gavetas de escritório levemente abertas, garfos e facas desalinhados, livros em pilhas desarrumadas", diria Sinatra aos 30 anos. Em restaurantes, os copos à sua frente tinham de estar igualmente alinhados.

Dolly não tinha paciência para medos infantis. "Nós estávamos na praia", lembrou Frank. "As ondas quebrando me deixavam com muito medo. Eu ficava gritando: 'Não! Não!', mas minha mãe dava risada. Eu ainda consigo sentir o susto gelado que me afogava quando ela me mergulhava debaixo d'água."

Dolly "sempre esperava mais dele", diria Nancy, primeira esposa de Frank, "nunca era suficiente... era difícil agradá-la". Quando Frank falhava em agradá-la, as punições eram severas – ele apanhava, como ele mesmo confirmou. Uma vez, quando montou em um cavalo de carrossel, ele prendeu a cabeça na estrutura do teto e foi retirado com dificuldade. Longe de ser solidário, ele recordou, "Meu pai me tirou do meu passeio."

Eram as punições de sua mãe, no entanto, que ele temia. A outrora pequena Dolly tinha ficado bruta e intimidadora, e seus castigos davam medo e eram injustos por vezes. De acordo com uma história de família, ela certa vez o puniu por rolar escada abaixo. De acordo com sua neta Tina, que ouviu o que se passava, foi um empurrão de Dolly que teria feito Frank cair primeiro e que o havia deixado inconsciente. Ela atormentou seu filho por dias depois daquilo "como uma galinha castigada".

"Ela costumava bater muito em Frank", lembra Rose, a sobrinha que morava do outro lado do corredor. "Ele costumava correr para o apartamento de minha mãe, ir para debaixo da mesa e chorar – ela tinha aquelas toalhas de mesa longas que tocavam no chão –, dando um jeito para se esconder. Ele dizia: 'Lala Nanina' – era o apelido de minha mãe, algo como 'titiazinha' – 'ela está com um taco de beisebol, ela vai me matar.' "

Às vezes era difícil distinguir entre a raiva de Dolly e seu afeto. Ela "me surrava com aquele bastão", lembra Frank, "depois me abraçava contra o peito... Quando ela se aproximava, eu nunca sabia se ia receber um abraço ou uma surra".

Dolly inspirou um misto de obediência e ressentimento em seu único filho

até ele crescer. “Sim, mamãe. Não, mamãe,” as pessoas o ouviam dizer ao telefone. E quando ela ainda o comandava, em plenos anos 1970, podia-se ouvi-lo dizer em tom cansado: “Tudo bem, mãe, se você acha isso, mãe”.

A cantora Peggy Connell, uma das amantes de Sinatra, se lembra dele “evitando sua mãe como uma praga. Ela era só dor de cabeça, e ele sentia vergonha dela”. “Ela era insuportável”, disse Frank para a atriz Shirley MacLaine depois da morte de Dolly, “mas eu me cagava de medo. Nunca sabia o que ela odiaria que eu fizesse”. Mesmo assim, ele ficou arrasado com seu falecimento.

A educação de Frank constitui um padrão bem comum. São clássicos os casos de pais que não podem ter mais filhos e acabam prejudicando aquele que eles têm, exageram a importância das falhas da criança, demandando dela a perfeição. Filhos únicos, mostram estudos, podem se tornar agressivos em demasia, socialmente inaptos e ter menos sucesso para sustentar relacionamentos. Em troca, com os devidos cuidados dos pais e boa sorte, essas crianças podem crescer normalmente. Frank Sinatra, no entanto, não era apenas suscetível a problemas típicos de filho único. Ele cresceu rodeado de foras da lei, em uma época sem lei.

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL MUDOU Hoboken e também a vida da família Sinatra. Navios de tropas tomaram lugares de embarcações de passageiros na orla da cidade. “Céu, Inferno ou Hoboken no Natal!” tornou-se a vinheta dos mais de 1 milhão de soldados que embarcaram para a Europa. Em 1917, três anos antes da Lei Seca se tornar uma lei nacional, os vários bares da cidade receberam ordem para fechar em prol dos interesses do decoro militar. Uma esperança vã.

Hoboken tornou-se ponto de entrada para navegações trazendo bebidas alcoólicas estrangeiras e, assim, bares pipocaram por todos os cantos da cidade. Como a administração local falhava em fazer valer a lei, logo havia 250 bares no quilômetro e meio quadrado que perfazia a cidade.

Marty e Dolly administraram uma destas tavernas. Usando dinheiro emprestado da mãe de Dolly, abriram um “bar e churrascaria” na esquina da Fourth Street com a Jefferson. Eles chamaram o lugar de Marty O’Brien’s – usando o nome que Marty dava para si no ringue –, o que fazia bastante sentido comercialmente em uma Hoboken dominada por irlandeses. Com um toque italiano, serviam massas e sanduíches para acompanhar as bebidas.

Um pouco do que acontecia no bar se tornou história de família: Dolly ajudando a levantar bêbados, empunhando um cassetete que guardava atrás do bar; Marty se vingando de forma macabra de um dono de salão conhecido que tentara saldar um débito de 200 dólares com um cavalo. Quando Marty viu que o animal estava nas últimas, mal se aguentando nas patas, o conduziu até a porta de outro bar e lhe deu um tiro à queima-roupa. A carcaça foi encontrada na manhã seguinte, bloqueando o caminho da porta. Marty era um "cara quieto e gentil até você o colocar contra a parede," diria um amigo, "aí ele se tornava o garoto de rua que ele já tinha sido."

Havia outra questão, muito mais séria, relativa aos negócios do bar. Os Sinatra precisavam de bebidas alcoólicas e de proteção, serviços que apenas gângsteres podiam oferecer. A Lei Seca significou bonança para os mafiosos italianos e judeus que, de fato, uniam forças e controlavam o crime organizado na América. Os primeiros grandes nomes de mafiosos estavam agora fazendo fortunas e lutando batalhas violentas por território: Meyer Lansky, Bugsy Siegel, Joe Adonis, Johnny Torrio, Longy Zwillman, Willie Moretti, Waxey Gordon, Dutch Schultz, Frank Costello – e Lucky Luciano.

A Lei Seca era um "jogo de bola completamente novo", lembra Costello, "e nós tínhamos a bola em nosso poder." Os gângsteres eram excepcionalmente ativos em Nova Jersey. As docas de Hoboken eram um ponto-chave de passagem para carregamentos de bebidas, e Marty Sinatra era um dos italianos locais que se envolveram no esquema. "Ele ajudava no contrabando," seu filho admitiria anos mais tarde. "Sua tarefa era seguir os caminhões de bebida para que não fossem saqueados.... Eu me lembro de que, no meio da noite − eu tinha só três ou quatro anos de idade −, ouvia soluços, choro e pranto terríveis. Acho que meu velho foi um pouco lento demais e acabou sendo atingido na cabeça. E ele voltou para casa e foi ensanguentando toda a cozinha. Minha mãe ficou histérica."

Frank admitia que a atividade de venda clandestina de bebidas em que se envolveu seu pai era em nome de "um dos caras durões" daquela época. Ele não disse qual era cara o durão, mas em 1995 sua filha Nancy − em um dos livros que escreveu com a ajuda de seu pai − disse que seus avós tinham sido obrigados a "se misturar" com grandes criminosos. Um deles, ela especificou, era o contrabandista Waxey Gordon, que mantinha negócios com Luciano. De acordo com o escritor Pete Hamill, que teria tido um acesso raro a Frank muitos anos mais tarde, a história contada em Hoboken era de que Gordon teria sido um

cliente assíduo no bar dos Sinatra.

O jovem Frank passou uma boa parte de seu tempo no bar durante a Lei Seca − ele com frequência fazia seus deveres ali, à noite. Os clientes de seus pais estavam entre os primeiros que o ouviram cantar. “Havia uma pianola no canto do bar”, ele lembrava, “era uma *nickelodeon*[8] − bastava colocar um níquel para o rolo tocar. Eu tinha perto de 11 anos, coisa assim... Alguns dos caras me colocavam no piano, e eu cantava acompanhando o instrumento, e eles me davam um centavo... Minha voz parecia uma sirene − lá no alto, aguda. E eu me lembro que a canção se chamava *Honest and Truly*.” “Honest and truly,” cantava o garoto, “I’m in love with you....”[9] Já crescido, ele diria lembrar de ter pensado, ainda naquele tempo, “Mas que belo filão é este!”.

Dolly era próxima de seus irmãos Dominick e Lawrence, e ambos se encrencaram durante o período da Lei Seca. O registro criminal de Lawrence começou com a prisão por vender bebidas alcoólicas para soldados. Em 1921, quanto tinha 20 anos e estava em liberdade condicional, enfrentando as penas de ter assassinado um motorista da American Express, ele foi procurado pela polícia por ter conexão com dois assaltos em Nova Jersey e outro assassinato. Em 1922, foi preso após mais um assalto no qual um policial foi fatalmente baleado. Antes de morrer, o policial indicou como seu assassino, um proeminente associado de Waxey Gordon.

Quando Lawrence foi julgado pelo caso da American Express, Dolly apareceu na corte fingindo ser sua esposa, carregando um bebê emprestado para a ocasião e soluçando. Quando ele recebeu uma longa sentença de cadeia, ela, gritando, denunciou o juiz como um “maldito F.D.P.”[10] Ela visitava Lawrence na cadeia regularmente e depois o levou para sua casa quando ele foi solto.

Lawrence foi preso ainda mais uma vez em 1931, bem como seu irmão Dominick, após um tiroteio na rua. Na sequência, a polícia isolou parte de Hoboken, à procura de um carro registrado no nome que Marty Sinatra usava, O’Brien. Lawrence abandonou seu próprio carro com um buraco de bala no para-brisas na Madison Street, a duas portas de distância da casa da irmã de Dolly, Josie Monaco. Frank via sua tia Josie com muita frequência, já que sua casa dava para os fundos do primeiro apartamento dos Sinatra. O sogro dela, que também morava em Madison, tinha sido réu em um caso de violação da proibição do comércio de bebidas, e um gângster havia morrido fora da casa de Josie durante uma luta entre dois contrabandistas rivais.

Lawrence, como o pai de Frank, estava envolvido com um contrabandista poderoso. “Ele era um saqueador que atuava com Dutch Schultz, com uísque e afins”, disse o filho de Josie, “e eu acho que ele se envolveu em uma trapaça ao roubar produtos *de* Dutch Schultz.” Schultz usava italianos como armas alugadas e, como disse Sinatra, “Meu pai cresceu tendo gângsteres como vizinhos... Eles eram seus amigos íntimos”.

Uma família chamada Fischetti morava próxima dos Sinatra na Monroe Street durante a Lei Seca, e um dos filhos dessa família era colega de Frank. Membros da família, de acordo com fontes policiais, eram operadores de caminhão envolvidos com o crime organizado e mantinham contato com os notórios irmãos Fischetti, associados a Al Capone, de Chicago, e Lucky Luciano. Os irmãos, Rocco, Charlie e Joseph, viviam na região de Nova York antes de se mudarem para o Centro Oeste.

Eles, inicialmente, serviram Capone como guarda-costas, mas, mais tarde, cresceram em sua organização. O irmão mais novo, Joseph, Joe “Stingy"[11], seria caracterizado pelo FBI como “um criminoso muito violento.” Ele se especializaria em entretenimento e se tornaria companhia próxima e associado de Frank Sinatra, o qual ele dizia conhecer desde que eram “jovenzinhos”.

“Jimmy Blue Eyes” Alo, braço direito de Meyer Lansky, manteve uma fotografia de Marty e Dolly Sinatra em sua mesa do café até 2001. “Eu conhecia Frank Sinatra desde que ele era criança”, disse antes de sua morte. “Ele sempre quis ser um gângster, aquele impostor.”

QUANDO Frank completou 12 anos, em 1927, os Sinatra tinham acumulado dinheiro suficiente para mudar de vida. Deixaram a Monroe Street e o setor italiano e conseguiram um apartamento de três quartos em uma vizinhança teuto-irlandesa. Marty, aos 33 anos, não se adequava mais ao boxe ou ao trabalho nas docas e deu um jeito de conseguir um emprego como bombeiro, trabalho normalmente vetado aos italianos. Foi Dolly que ajudou nesta situação, usando seu taco para cima do próprio prefeito. Naqueles dias, a piada era que era preciso um suborno de duzentos dólares para entrar na polícia e trezentos dólares para ingressar no corpo de bombeiros − “porque bombeiros podem dormir bastante.”

Os Sinatra mantiveram o bar Marty O’Brien, o que garantiu que permanecessem bem de vida quando veio a Depressão. A família tinha um rádio − os americanos se divertiam com essa invenção mágica desde 1920 − e Frank tinha o seu próprio, uma engenhoca que “se parecia com um pequeno piano de

cauda.” O aparelho trouxe a ele aquilo que recordaria como “a mistura de saxofones metais bem afinados” das *big bands*, Guy Lombardo e Wayne King, o jazz ritmado de Louis Armstrong, o jazz “sério” de George Gershwin, o gênio de Irving Berlin. E, também, os cantores populares − a “garganta provocante” de Rudy Vallee, o “Prisioneiras do amor” de Russ Columbo, e, cantando solo na CBS em 1931, um Bing Crosby já maduro.

A mãe de Marty morreu em 1925 e seu falecimento foi lembrado por muito tempo por conta do tremor de terra que fez seu caixão deslizar pela sala enquanto seu corpo era velado pelos familiares. Seu pai, Francesco “Pops” Sinatra, continuou vivo até os anos 1940 e seria lembrado carinhosamente por Frank como “o velho e amável cavalheiro com longos bigodes encaracolados” que oferecia conselhos em um inglês capenga. “Como é que você vai crescer para ser um homem saudável?”, ele perguntava, enquanto cozinhava uma panela de espaguete. “Você tem que comer! Comer muito! Para ter ossos firmes!”. Frank e seus jovens amigos, disse Lee Bartletta, que estava sempre entrando e saindo da casa, eram agora “a vida do Pops”.

Dolly continuou a comprar roupas descoladas para seu filho, o que alimentava a inveja e o deboche de outras crianças por ele. Aos 10 anos, ele usava um chapéu fedora. Aos 12, foi fotografado, extravagantemente, em calças de equitação. Na época em que foi para o colegial, Frank tinha mais de uma dúzia de jaquetas de esporte e tantas calças que seus amigos o chamavam de “Slacksey"[12]. Ele, às vezes, doava suas roupas ou comprava vestimentas para crianças mais pobres − e Dolly pagava. Ele deixava os outros usarem sua autorização para ir à piscina e comprava bilhetes de cinema para grupos de amigos, e seria generoso deste jeito por toda sua vida. “Frank não sabe como demonstrar amizade”, diria o comediante Phil Silvers, trinta anos mais tarde. “Ele o faz com presentes caros.”

Espantosamente, quando ele tinha quinze anos, Dolly gastou trinta e cinco dólares para lhe comprar um carro − um Chrysler conversível de segunda mão. Isso fez dele o “príncipe da vizinhança”, lembra Nick Sevano, um contemporâneo mais jovem, de Hoboken. Porém, nos estudos, não havia nada de príncipe. Na escola David E. Rue Junior High School, Frank vivia sempre encrencado. Seus boletins eram ruins, o que era agravado pelo fato de que seu primo Sam, vizinho da frente, trazia boas notas para casa. Frank tinha um certificado atestando que havia completado o Ensino Fundamental, mas aquela

foi sua última graduação.

Na Demarest High, ele deixava os professores enraivecidos. “Garoto preguiçoso”, o professor de matemática o chamaria, anos depois, “sem absolutamente nenhuma ambição.” “Não tem talento para nada”, disse o diretor, e no boletim de Frank constava apenas seu nome, mas nenhuma das informações usuais sobre progresso escolar.

“A escola era muito chata”, diria ele mais tarde. “Nunca nos preocupávamos com tarefa de casa, e nas poucas vezes em que íamos à escola, bagunçávamos.” Frank frequentemente escapava da escola com seus amigos para visitar a Hudson Burlesque House na 38th Street em Nova York. Depois de apenas um ano, dependendo da fonte que se tome como referência, ele largou a escola ou foi expulso.

A expulsão, quando se deu, era previsível. Frank tinha começado com brincadeiras complicadas que lhe renderam outro apelido, “Angles"[13]. Ele soltou pombos no auditório da escola durante uma assembleia, e também causou comoção ao trazer um gato para uma sessão de cinema e baleá-lo nas costas com uma pistola BB, bem como quando disparou fogos de artifício debaixo da tampa de um bueiro. Durante a vida adulta, se divertiria assustando pessoas com bombinhas.

Frank também realizava pequenos furtos. Uma vez contou de uma ocasião em que “nós decidimos invadir uma banca de fruta. Esperamos até ficar bem escuro e saímos pela rua. Quando o velho verdureiro virou as costas, nós atacamos a banca aos berros. Então, agarramos tudo que podíamos levar com nossas mãos.” Ele contava outras histórias − numerosas e sinistras demais para se acreditar completamente – de assaltos em lojas de doces, roubos de troco de caixas registradoras, roubos de bicicletas. “Tudo o que eu conhecia,” ele disse, “eram garotos fortões nas esquinas, brigas de gangue e pais ocupados demais tentando ganhar dinheiro para comida, aluguel, roupas... As crianças das vizinhanças irlandesa, negra e judia uniam suas gangues... Encontrávamos um alívio de nossas solidões em guerras raciais odiosas.”

As guerras de sua vizinhança na infância, sugeriu Frank, fizeram dele um campeão da igualdade racial por toda a vida. Enquanto brincavam no matagal perto do rio Hudson, dizia, ele e seus amigos uma vez conseguiram espiar uma reunião da Ku Klux Klan. Então, correram para contar para seus pais, que se apressaram em atacar os doutrinários com tacos de beisebol. “Eu ouvia

histórias", ele disse, "de coisas que acontecem porque você é italiano.... Eu contornava algumas áreas da cidade porque só ouviria gritos: 'Matem o *dago*[14]!' Eu ouvia as mesmas histórias de meus amigos judeus." Uma vez, lembrou ele, "uma criança parruda me chamou de 'wop'[15]. Mas eu e um menino judeu acabamos com ele."

Frank pintava uma cena sombria das "amargas e sangrentas brigas de quarteirão", e de uma infância na qual "cada um carregava um cano − sendo que não estavam todos estudando para serem encanadores." Ele se vangloriava de sua própria bravura. "Às vezes, para mim era uma questão de 'tem a fama, rola na cama'. Você acha que eu sou só um carcamano espertão das ruas? Muito bem, eu serei o carcamano espertalhão das ruas e vou quebrar sua maldita cara."

Sua dentição da juventude teria sido "endireitada", segundo ele, não pelo dentista, mas por uma briga de socos. Uma cicatriz acima do nariz foi o legado de uma "garrafa de Coca-Cola arremessada em uma briga de rua", infligida quando ele tinha nove anos. Outra história sugere que teria sido um machucado na cabeça provocado por uma corrente de bicicleta que teria perfurado seu tímpano − e não teria sido, como comumente aceito, o fórceps usado para arrancá-lo do útero. "Eu levei mais pancadas", disse ele, "do que para-choque em estacionamento."

Seu tio Dominick testemunhou um desses encontros, depois de seu sobrinho colidir com outro garoto em sua bicicleta. "Logo, logo, quatro ou cinco crianças estavam tirando seu couro. Ele simplesmente se manteve de pé, trocando porradas sem jamais desistir. Ele se metia em muitas brigas quando era criança, porque tinha um temperamento difícil." Com três lutadores profissionais ao mesmo tempo na família, Frank logo aprendeu a usar seus punhos.

Seu pai, ele lembra, "costumava me mostrar no quintal, sabe, como dar socos, como dar um gancho de esquerda, posicionar os pés, esse tipo de coisa... Eu tinha cinco anos de idade quando ganhei meu primeiro par de luvas de boxe". Pesos-pesados como Jack Dempsey e Gene Tunney causaram fervor no mundo todo e o jovem Sinatra virou um eterno entusiasta. "Meu esporte favorito é o boxe", disse ele no início da carreira a um entrevistador, e era inclusive noticiado quando lutava como semiprofissional nos clubes de Hoboken. Ele tinha fotos de publicidade mostrando-o vestido de shorts curtos e usando luvas de boxe. Em seus primeiros anos como cantor, diria-se, ele se exercitava no *backstage* com luvas e um saco de pancadas ou frequentava academias de ginástica para

observar lutadores profissionais se enfrentando. Ele chegou a compartilhar a "posse" de dois pesos-pesados, Tami Mauriello e Chuck Crowell, bem como do peso-médio Ray Brown.

As lutas, o temperamento difícil e a fanfarronice se tornariam características para toda a vida de Sinatra e prejudicaram sua reputação vezes e mais vezes. "Se alguém bater em você, me chame!", rabiscou ele uma vez no final de uma carta ao compositor Sammy Cahn. Era apenas um p.s. jocoso na carta, mas também pendia para a violência real e indesculpável.

Como homem maduro, Frank diria que "seus dias de lutas de gangue e de pequenos roubos" o levaram a desenvolver ressentimento por autoridade, em especial na forma de policiais. Ele descreveu como, uma noite, dois grandes policiais vestidos à paisana se aproximaram dele, que estava parado em uma esquina, e perguntaram como havia conseguido seu terno azul novíssimo e seus sapatos de couro preto envernizados. Quando se recusou a responder, diz ele, os detetives "me socaram até minhas partes moles saírem para fora, até eu virar uma poça de sangue".

"Muitas das crianças com as quais eu cresci em Hoboken estão hoje cumprindo pena na cadeia", Sinatra disse ao colunista Lloyd Shearer. "Muitos foram para a cadeira elétrica." Frank contou a Anita Colby, assistente do produtor cinematográfico David Selznick, que "Todo mundo da minha classe ou foi para a cadeira elétrica, ou foi enforcado". Em outra entrevista para a imprensa, ele disse algo menos dramático e mais confiável − que "alguns" de seus velhos camaradas acabaram em reformatórios e que apenas "um" foi para a cadeia.

Frank claramente inventava muito de sua imagem como um carcamano abusivo que teve uma infância violenta. "Ele nunca foi atormentado por conta de sua ascendência", disse Nick Sevano. "Quando ele estava crescendo, era conhecido como o pequeno garoto rico e franzino, e o povo da cidade, que era pobre, o atazanava por isso... Ele ficava um pouco aborrecido e era quando partia para agressões." Dominick, o tio de Frank, dizia que "não havia brigas de gangue, apenas brigas, que eram típicas brigas de criança, e que ninguém se machucava de fato". Se na realidade houve um confronto com dois policiais, Dominick nunca ouviu falar. Quanto ao boxe, disse Buddy, filho de Dominick, Frank "nunca participou de uma luta. Ele se anima, fica esquentado e aí acha que pode lutar, mas não era capaz nem de derrubar seu chapéu com um taco de beisebol". Um artigo mais investigativo da revista *Look* trazia uma citação de

um morador de Hoboken que dizia: “Essa coisa toda sobre ser um delinquente é um monte de bobagem. Ele só está tentando parecer valentão”.

DOLLY NÃO FICOU MUITO PREOCUPADA quando a trajetória escolar de Frank acabou de forma desacreditada em 1932. “O jeito dela de pensar”, lembra sua sobrinha Rose, “era que italianos não precisavam ter formação para ter um emprego.” Marty ficou “terrivelmente chateado”, no entanto, e por bons motivos. Frank tinha mostrado vocação para o desenho − ele gostava de rascunhar pontes e túneis − e seu pai esperava que se tornasse um engenheiro. O Stevens Institute of Technology fica em Hoboken e Frank havia encorajado seus pais a acreditarem que estudaria lá. Agora, suas esperanças estavam frustradas.

“Eu não queria ir para a faculdade”, ele lembra, mas seu pai certamente queria, de acordo com Sinatra, “do pior jeito. Ele era um homem que nunca soube ler nem escrever seu próprio nome e sua grande aposta era a educação.” Marty colocou tudo numa única frase: “Você quer arrumar um emprego que preste?” − *regalla* foi o modo como ele realmente disse − “ou você quer ser um vagabundo?”.

“Se eu tivesse a mesma chance novamente”, Sinatra diria, “eu teria sido um pouco mais paciente para adentrar o mundo... já que eu tive uma educação mais formal”. Quando seu filho apareceu com um diploma de Ensino Médio, lembra o rapaz, ele agiu como “se fosse o maior feito desde o celofane. Ele achou que eu era Albert Einstein”.

Em sua maturidade, Sinatra descobriria literatura e história e colecionaria obras de arte. “Ele queria muito ser melhor, aprender”, disse seu amigo e ator Brad Dexter. “Ele tinha fome de saber.”

No entanto, durante sua adolescência, Sinatra lembra “que havia apenas uma resposta, fugir... Mais de uma vez eu me escondi com uma tia por uma semana ou duas”. Quando não estava fugindo, ele se mexia para arrumar trabalho. Graças a uma de suas poucas distinções na escola ter sido a de ganhar uma competição de modelagem de aviões, ele tentou um estágio técnico na Casey Jones School of Aeronautics, em Newark, próximo dali. Como não funcionou, matriculou-se por um curto período de tempo na Drake Business School.

Um porta-voz de imprensa de Sinatra teria creditado ao cantor um posto como articulista esportivo no jornal *Jersey Observer*. Não é verdade. Ele teve no jornal um emprego de subalterno, conquistado apenas graças à intervenção de Dolly junto ao gerente de circulação Frank Garrick, que era padrinho do filho

dela. “Lembro bem de Frank”, disse a viúva do editor da cidade. “Ele trabalhava jogando pacotes de jornais dentro dos caminhões de entrega, mas era tão frágil que meu marido lhe deu um emprego dentro da empresa. Ele era office boy.”

Garrick mais tarde explicou como o mito do articulista de esportes começou. No dia seguinte à morte de um verdadeiro articulista de esportes, vítima de um acidente de trânsito, “Frank se sentou à mesa do rapaz falecido e começou a agir como se estivesse no cargo”. Quando alguém perguntava a Frank por que estava lá, ele dizia que estava cumprindo ordens de seu padrinho. Quando foi descoberto e lhe solicitaram para deixar o lugar, ele demonstrou uma petulância horrenda. “Me chamou de cada nome sujo!”, lembra Garrick. “Como se fosse me matar... As palavras que ele usou eram odiosas, terríveis. Ele me chamou de tudo quanto era palavrão possível e depois saiu correndo. Ele nunca mais me disse nenhuma palavra, até cinquenta anos mais tarde, quando sua mãe morreu. Sua mãe também me riscou da lista.”

Marty e Dolly subiram mais um degrau na escada econômica e social em 1932, quando compraram uma casa confortável na parte mais badalada da cidade. Dolly tinha agora seu próprio quintal, um *bulldog* e uma tartaruga − e um filho que estava se dando mal em tudo. Frank, por sua vez, estava cheio de Hoboken, estava cheio do mundo limitado em que tinha crescido.

“Tenha orgulho de sua linhagem italiana”, conta-se que o pai de Frank disse a ele. O filho chegaria a aceitar de coração, mas apenas no futuro. Ele rejeitava e se ressentia pelas “ideias antiquadas” de Marty, as ideias da “la via vecchia”, o velho jeito europeu. Ele gostaria de explorar o universo de possibilidades que tinha percebido na América, se pudesse ao menos tocá-lo.

O Frank Sinatra que saiu de Hoboken entraria em conflito com sua história. Não estaria muito longe o dia em que, desejando expressar o desprezo que sentia pelos homens, ele desdenhosamente os descartava como meros “sapateiros” − sabendo bem que seus próprios avô e tio tinham tido aquela profissão. No futuro, entretanto, de acordo com seu amigo Tony Oppedisano, ele expressaria “afinidade pelos homens trabalhadores e se identificaria com pessoas que dão duro para manter um teto sobre suas famílias”.

Pessoalmente, no entanto, o jovem Sinatra não tinha tempo para essas “lamúrias de cidade pequena” que viria um dia a dividir com o mundo na canção *New York, New York*. Ele queria deixar para trás a Little Italy com seus imigrantes que iam envelhecendo e cujos sonhos tinham fracassado, suas velhas senhoras grudadas aos costumes de um tempo que já não existia. O homem

adulto falaria de Hoboken com desprezo, caracterizando o lugar como uma “poça de lama” e um sumidouro. Ele disse a Pete Hamill que queria apenas “sair do inferno”.

No decorrer de toda sua infância, Frank tinha observado os trens chegando e partindo do terminal ferroviário de Hoboken, se envolvido em problemas por subir para dentro deles, tinha atormentado sua mãe para lhe comprar uma locomotiva de brinquedo de dar corda e um caminhão de carga. Em seus dias de poder, ele instalaria um vagão de trem em sua casa na Califórnia com uma réplica completa do pátio ferroviário de Hoboken. Os trens, como teria visto o jovem Sinatra, *iam* a algum lugar, a algum outro lugar.

O mesmo acontecia com as balsas, e, quando adolescente, Sinatra fazia o passeio de quatro centavos até Manhattan sempre que possível. Uma fotografia evocativa, desenterrada não muito tempo atrás de um porão em Hoboken, mostra Sinatra adolescente e esquelético sentado de pernas cruzadas em um pier de Hoboken, contemplando a água. Ele parece solitário, mas desde o verão de 1931, o menino que cantava a solidão não estava mais completamente sozinho. Já tinham acontecido flertes adolescentes antes, uma menina para exibir no baile do colégio, mas, desta vez, a história resultaria em algo especial.

A garota era Nancy Barbato, que tinha apenas 14 anos quando se conheceram. A tia de Frank, Josie, tinha uma casa de veraneio perto do mar em Long Branch, a uma hora do sul de Hoboken, e ele passava os finais de semana lá. Os pais de Nancy tinham uma casa do outro lado da rua. “A primeira vez que a vi”, ele lembrava, “ela estava sentada nos degraus de sua varanda fazendo as unhas. Quando assobiei, ela me deixou de cara no chão, me ignorando completamente.”

O gelo durou pouco. Logo, Frank estava esperando ela terminar os trabalhos de casa e sairiam para longas caminhadas na praia. “O verão foi o começo de tudo”, disse ele. “Ainda lembro de como a lua brilhava naquelas pequenas veias crespas e molhadas na areia onde as ondas tinham imprimido um desenho e do cheiro salgado do mar quando descia os degraus de madeira para encontrá-la.” Quando chegou o inverno, ele caminhava na neve alta apenas para dizer olá e voltar para casa.

Nancy era a quarta filha dos sete filhos de Michelangelo Barbato, um modelador de gesso, e sua esposa Giaraninna − Michael e Jenny, na América. Seu pai era um imigrante italiano e sua mãe tinha nascido em Hoboken. Os Barbato receberam muito bem Frank na casa deles, e ele adorava aquelas visitas.

O ambiente familiar de Nancy era muito diferente daquele em que ele havia crescido, sem irmãos nem irmãs, com os silêncios longos e temperamentais de seu pai e com sua mãe sempre atormentando alguém. Uma noite na casa dos Barbato era uma ocasião alegre, barulhenta, com o falatório de crianças atropelando a conversa umas das outras em volta da mesa, Jenny Barbato comandando a cozinha e Verdi ou Caruso na vitrola.

Houve outras garotas nos sete anos que se passaram antes de Frank se casar com Nancy. Ainda assim, ela mudou tudo para ele. “Eu era um menino pobre, solitário e sem coragem quando a conheci”, diria ele. “Em Nancy encontrei beleza, calor e compreensão. Ficar com ela era meu único escape do que parecia para mim um mundo cruel.”

Nancy não tinha esperanças em Frank apenas como namorado. Ela também acreditava que ele poderia cantar.

4
“Eu serei cantor”

O PRÓPRIO FRANK SINATRA teve dificuldade para se lembrar de como foi que começou a cantar. “Às vezes, acho que sei”, diria quarenta anos mais tarde”, mas aí chacoalho minha cabeça e fico pensando. Estou mesmo lembrando o que realmente aconteceu ou o que outras pessoas pensam que aconteceu? Quem diabos sabe a verdade, depois de um certo ponto?”

A ideia de cantar para viver, pensava ele, veio quando tinha 11 anos, quando conseguia moedas para cantar no bar de seus pais. A música estava em seu sangue, pois ele vinha de uma família musical. Dolly cantava em casamentos e reuniões políticas, e, às vezes, arranhava um violão. Um primo que tocava banjo cantava com um grupo que tinha. Ray Sinatra, um parente distante que fora aclamado como criança prodígio quando era pianista erudito, chegou a dirigir sua própria banda em Las Vegas.

Enquanto cantava no bar de sua família, Frank costumava também cantar no coral da igreja de São Francisco em Hoboken, e seus tons agudos eram ouvidos em piqueniques no verão. Ele pensava que tinha cantado sozinho em público, pela primeira vez, “em algum hotel em Elizabeth, Nova Jersey. Final dos anos 1920. Até aqui, dava para ver a separação entre meu cabelo e a cabeça. Provavelmente cantei *Am I Blue?* e devo ter sido pago com alguns pacotes de cigarros e talvez um sanduíche”.

Quando morava com os Sinatra, depois de ter deixado a prisão, Lawrence, o tio de Frank, ouvia o sobrinho cantar no banheiro. Ele achava que o garoto iria longe, mas foi seu tio Dominick que, em 1931, quando Frank tinha quinze anos, deu a ele um ukulele. Para os jovens dos anos 1920 e 1930, aquele instrumento de quatro cordas era o que seria o violão décadas depois. Aquele era o tempo de glória do “Ukulele Ike” Cliff Edwards e do Mágico das Cordas Roy Smeck, e

milhares de jovens imitadores vestiam casacos de guaxinim para dedilhar canções para as garotas.

“Ele era o único garoto das redondezas que tinha um instrumento musical”, disse sua primeira babá, Rose Carrier. “Lembro muito claramente como costumava sentar na sarjeta, debaixo do poste de iluminação em noites de verão, dedilhando aquele ukulele e botando a voz para fora. Todas as crianças ficavam em volta dele, fascinados pela ideia de que ele estava aprendendo a tocar aquilo.”

Frank tinha consigo seu ukulele quando conheceu Nancy Barbato, e com o instrumento lhe fez serenata. No outono, durante o ano que passou na Demarest High, ele ganhou confiança suficiente para cantar no intervalo durante um jogo de basquete. “Os aplausos o faziam continuar cantando”, lembrou o árbitro Gerald Molloy. “A garotada não deixava ele parar.”

No Ano Novo de 1933, quando Dolly queria exibir sua nova casa, resplandecente com um piano *baby grand*[16] e um telefone dourado, ela incluiu Frank para cantar na celebração. “Uma festa foi dada na casa do Sr. e Sra. Sinatra, no alto da Garden Street”, mencionava uma passagem da coluna social do jornal local, “em homenagem ao seu filho Frank. Senhorita Marie Roemer e senhorita Mary Scott cantaram alguns *pout-pourri* vocais, acompanhadas de Frank Sinatra”.

Seu garoto de dezessete anos conseguia fazer alguma coisa, parecia estar pensando Dolly, mesmo tendo sido expulso da escola e não demonstrar sinais de que conseguiria logo um emprego fixo. Ele tinha trabalhado por pouco tempo como operário rebitador no estaleiro Teijent and Lang, como carregador para uma editora, limpador e arrumador em navios atracados na doca. O pai de Nancy deu uma chance para que ele tentasse lidar com gesso, mas Frank não fazia aquilo nem um pouco bem.

Música, agora estava claro, era o que importava para Frank. Marian Brush, uma garota com quem teve um namorico, sugeriu que ele arrumasse um grupo para tocar em bailes de colégio. “Em troca do convite”, disse ela, “ele cantava alguns números com a banda. Eu recolhia dinheiro na porta de entrada e, quando tínhamos o suficiente, íamos todos para o Village Inn em Nova York para que Frank pudesse cantar com a orquestra de lá. Nós entrávamos e perguntávamos ao gerente com antecedência para que deixasse Frank cantar. Nós dizíamos que era o único jeito de entrarmos, e ele normalmente consentia.”

Ensaiar em casa era difícil, porque Marty, que se irritava com o fracasso do filho em se manter em um emprego, somente autorizava que usassem o porão. A tia de Frank, Josie, no entanto, deixava os garotos usarem um prédio na Madison Street, um antigo clube que ainda se vangloriava de ter um piano. Logo, ele estava cantando em clubes da sociedade − o Cat's Meow, o Comedy, Azovs − e para grupos de mulheres. Coberto pelo indispensável casaco de guaxinim e cantando em um megafone como se fosse Rudy Vallee, Frank cantava nas festas. Cantava para sua mãe em reuniões políticas. "Eu me apresentava em qualquer lugar", lembrou, "qualquer lugar em que as pessoas me ouvissem." Quando Frank foi comunicado de que era jovem demais para se apresentar no teatro vaudeville do local, chamado Fabian's Follies, ele deu um jeito de subir ao palco. De acordo com o que se conta, ele cantou *Someday Our Names Will Be in Lights on Broadway*.

Poucos, no entanto, acreditariam nisso. O canto de Frank foi tão mal recebido no Cockeyed Henny's, um salão de bilhar local, que foi rejeitado sem maiores rodeios. Também não foi bem aceito quando tentou se apresentar em um salão na Monroe Street. "Frank entrou de mansinho lá e tentou cantar, e eles o empurraram pra fora", lembrou um dos parentes do dono do estabelecimento. Um trombonista corpulento o perseguiu e o colocou para fora do palco na União Católica da Little Italy de Newark numa ocasião em que ninguém conseguia fazê-lo parar de cantar.

Alguns o encorajavam mais. "As pessoas começaram a dizer: 'Nada mal!'" lembrou Sinatra. "Eu não estava certo daquilo. Não sabia mesmo." Por um tempo, ele disse, considerou se tornar "monologuista ou malabarista". Foi quando tudo mudou. "Pouco tempo depois de Frank começar a sair com Nancy", contou sua tia Josie, "ele a levou para ver Bing Crosby. E depois de Bing Crosby sair do palco, Frank virou para a moça e disse: 'Eu vou ser cantor'. Quando voltaram para casa naquela noite, Frank comunicou a notícia muito seriamente."

"Muitas pessoas", Frank teria dito sobre Crosby, "pensam que ele é só um cantor de baladas. Mas estão erradas. Ele é um trovador. Ele conta uma história a cada canção... Ele faz você se sentir como se estivesse cantando apenas para você. Aposto que consigo fazer o mesmo". "Algum dia", Nancy lembrava dele dizendo no caminho para casa depois do show de Crosby, "serei eu lá em cima."

Opiniões familiares divergem sobre quando e onde Frank teria tido esta revelação sobre si, mas parece que a história não se resume a uma invenção de assessores de imprensa. Sinatra recorda o momento: "Desde a primeira vez que

ouvi Crosby no rádio", disse, "pensei que ele estava em uma categoria própria. Ele era o maior... O Will Rogers das canções".

O rádio, o meio musical mais influente da época, tocava os sucessos de Crosby constantemente. *The Groaner* logo ofuscaria Rudy Vallee e Russ Columbo morreria em um acidente envolvendo tiros. Crosby se tornou o cantor popular soberano, levando audiências ao êxtase com *Million Dollar Baby* e *Just One More Chance*, canções que embalaram o amor de uma geração.

Crosby era "a maior coisa do país", lembra Sinatra. "Em gravações. No rádio. Nos filmes. Todo mundo queria ser Bing Crosby, inclusive eu... Bing foi meu primeiro ídolo do canto." O músico e contemporâneo de Hoboken John Marotta se lembrava de ver Frank "parado nas esquinas das ruas, usando um blaser, um boné de marinheiro e fumando um cachimbo", imitando Bing Crosby.

"Meu pai dizia que o viu ser alvo da antipatia das crianças, por andar por aí como se fosse Bing Crosby", disse o filho de outro contemporâneo, James Petrozelli. Frank continuou impossível de deter. O cachimbo, marca registrada de Crosby, podia ser visto preso ao canto da boca do jovem em sua primeira fotografia publicitária. Mesmo durante os primeiros anos de sua própria fama, Frank aparecia em seus ensaios usando um cachimbo, boné e uma camisa floral, ao estilo de Crosby.

Sinatra recordava ter pensado que Crosby "cantava com tanta facilidade que não poderia ser muito durão... Ele era tão sossegado, tão casual. Se ele achava que as palavras estavam ficando estúpidas ou qualquer coisa assim, começava a só cantarolar *buh-ba, buh-ba, boo*. Até para andar ele parecia não fazer esforço... Era como Fred Astaire. Fred fazia você acreditar que você conseguia dançar também. Quer dizer, não era só eu que sentia isso. Eram milhões e milhões de pessoas. Algumas pessoas dançavam e cantavam mesmo passando pela época maldita da Depressão. Toda vez que Bing cantava, era um dueto, no qual você era o outro cantor".

A determinação de Frank para se tornar cantor ficou evidente bem no pior momento da Depressão, quando treze milhões de americanos estavam sem trabalho. Seus pais entraram em desespero. Dolly achou uma foto de Crosby na parede do quarto de Frank e "atirou um sapato em mim quando repeti qual era minha ambição". Marty achou que aquilo era "obsessão" e perdeu a paciência.

"Lembro da ocasião", disse Sinatra. "Nós estávamos tomando café da manhã, e eu devia ter acordado naquela manhã para procurar um emprego... Ele disse: 'Por que é que você não sai logo de casa e vai morar sozinho?', tipo 'Vai embora

daqui!’ E eu acho que aquele sapo ficou preso [na minha garganta] por uns vinte minutos e não conseguia engolir ou me livrar dele... Concordamos que seria uma coisa boa, e empacotei a pequena mala que tinha e vim para Nova York. Minha mãe, claro, estava quase em prantos... Ele parou de falar comigo por um ano... Um ano inteiro.”

Sinatra tinha dezessete anos quando deixou a casa de seus pais, o que situaria a data de sua partida em 1933. Dois anos se passariam até que tivesse um intervalo suficiente do ocorrido e mais de cinco anos até mergulhar de vez na música como negócio. “Eles me chamavam de sucesso que se deu da noite pro dia”, diria na ocasião. “Não me faça rir!”

O que se seguiu a isso foi algo como um período perdido. Provou-se impossível de identificar qualquer evento específico entre 1933 e o outono de 1935 − este, por sua vez, surpreendentemente diferente e cheio de narrativas. Há, no entanto, algumas pistas. Dolly amoleceu e deu a Frank sessenta e cinco dólares − uma suntuosa soma na época − para que ele comprasse um equipamento de som rudimentar. Era um novo recurso, muito cobiçado pelos músicos, e abriu as portas para que ele entrasse nas bandas às quais aspirava. Consistia de um amplificador, um alto-falante e, como não poderia faltar, um microfone.

Até aquela época, a única maneira de amplificar a voz dos cantores era usando um megafone. Rudy Vallee usava um e, como lembrou alguém contemporâneo, Frank tinha andado com um por aí, “como se fosse parte de seu guarda roupa”. O megafone trazia humilhação. “Os caras jogavam seus tostões dentro dele para ver se eu engolia”, lembrou ele. “Muita risada.” Bing Crosby, pelo contrário, tinha começado a usar um modelo precursor de microfone logo que este foi lançado no mercado, no final dos anos 1920. De repente, os artistas que tinham recursos não precisavam mais projetar suas vozes. Alguns viam o microfone como um tipo de decepção. Não era o caso de Sinatra.

“Descobri muito cedo”, ele diria, “que meu instrumento não era minha voz. Era o microfone.” Um repórter antigo escreveu sobre as mãos de Sinatra “segurando firme o microfone, como se fosse sustentar um corpo muito frágil para ficar de pé sozinho”. Uma noite, anos depois, em Las Vegas, quando ele viu que o microfone estava estragado, simplesmente o jogou no chão e deixou o palco. Não estava preparado para trabalhar sem sua arma secreta, porque ela tornava possível cantar num tom falado. Isso dava a Sinatra intimidade com seu público.

Diferentemente de muitos artistas que seguiram seus passos, Sinatra procurava usar o microfone “com muita economia.” “Eu normalmente tentava ter em mãos um microfone preto”, disse, “para que ele se mesclasse ao meu *smoking* e a plateia não o notasse”. Com um microfone, ele disse: “você pode cantar como se tivesse cantando ao ouvido de alguém, você pode conversar com um camarada do bar, você pode sussurrar coisinhas doces para uma mulher”.

Este último motivo, claro, ganhava dos outros. “Para Sinatra”, pensava E.B. White, “um microfone é tão real quanto uma garota esperando para ser beijada.” Ou como disse Gore Vidal: “Sinatra faz o sangue correr nas veias; Bing Crosby te coloca para dormir”.

Em Nova York, depois de seu pai mandá-lo embora de casa, no entanto, havia prioridades mais urgentes. Ele tinha um quarto para pagar e precisava comer. “Andei por aí”, ele lembrava, “cantando com pequenos grupos... Foi no tempo em que eu trabalhava a noite toda por nada. Ou, talvez, por um sanduíche e cigarros − a noite toda por três maços.”

No início, ele chegou à cidade como uma criança de onze anos com os olhos arregalados, que foi trazida pelos pais para ver a vitrine de Natal da Macy’s. Mais recentemente havia feito viagens de espionagem com colegas de escola para espiar as maravilhas das mulheres de seios à mostra em casas burlescas. Agora, aos dezessete anos, começava a sair para o Roseland Ballroom para ouvir as *big bands*. Mais importante do que tudo, ele provou a cena musical dos clubes.

Uma Shangri-lá dos músicos estava se formando em Nova York, bem naquele período, no quarteirão de Midtown, entre a Fifth e a Sixth Avenues, hoje conhecido como “Swing Alley”, “The Street That Never Slept” − e como uma completa “52nd Street”. O quarteirão estava rapidamente se tornando o lugar para os notívagos, atores, escritores, políticos e os colunistas de fofoca que ali alimentavam suas atividades. Sobretudo, ali era a casa do jazz.

Bing Crosby havia começado como um cantor de jazz obscuro, e o jazz deu a Sinatra seu senso de ritmo, bem como sua agilidade pela vida toda de improvisar. 52nd Street era onde a cultura do Harlem se encontrava com o mundo dos brancos, e Sinatra deu crédito a mais de uma dúzia de “*jazzmen* negros cuja arte ajudou a me educar musicalmente.” “O talento é cego para a cor”, disse Sinatra, e ele driblava igualdade racial quando isso ainda era um ato controverso. Billie Holiday, a “Lady Day”, ainda não estava se apresentando

regularmente naquela rua em 1933, mas aparecia lá ocasionalmente. A primeira vez que ele a ouviu cantar “debaixo do holofote em alguma casa de jazz noturna da 52nd Street, *swingando* no ritmo da batida”, disse Sinatra, “fiquei impressionado com ela.”

Um quarto de século mais tarde, ele lhe rendeu sua última homenagem, ofereceu seu último elogio. “Billie Holiday foi e continua sendo a minha maior influência musical.” Foi com ela que aprendeu nuances, fraseado, notas tristes, notas alegres e notas dobradas.” “Holiday”, ele pensava, “vivia dentro da canção.” Logo a admiração se tornou mútua. Holiday, um dia, diria que queria ter sido como uma Sinatra fêmea, e em seu último álbum ela prestou um tributo a ele cantando *I’m a Fool To Want You*, música que o fez famoso.

Muitos dos grandes nomes da era das *big bands*, juntos aos quais Sinatra eventualmente alcançaria proeminência nacional, eram figuras familiares na 52nd Street. Benny Goodman era *habitué* do Onyx Club, tocando seu clarinete. Tommy Dorsey também, improvissando no trompete − surpreendentemente não no trombone, instrumento pelo qual ele era famoso.

A rua foi lugar para mais *speakeasies*[17] do que qualquer outro lugar na cidade durante a Lei Seca, que estava no fim em 1933. A prostituição era uma marca do bairro. Frank estava entre as pessoas da noite que não achavam nada demais ficar acordado até o amanhecer. Entre eles, os top gângsteres, que eram proprietários e frequentavam as *speakasies* e dominavam os clubes e restaurantes que tomaram o lugar das primeiras quando a bebida se tornou legal novamente. Eles também iam aumentando sua penetração na indústria de entretenimento.

Quatro mafiosos poderosos em particular frequentavam os *points* da noite da região de Nova York: Lucky Luciano, àquela altura o líder de fato do sindicato nacional do crime; seu amigo Frank Costello, de Nova York; o primo de Costello, chefe do crime de Nova Jersey, Willie Moretti; e Dutch Schultz, proprietário de um clube na 52nd Street, o Club Abbey, até seu assassinato por um dos capangas de Luciano. Todos aparecem na história de Sinatra.

FRANK LEMBRAVA DE SUAS PRIMEIRAS AVENTURAS em Nova York dizendo que tiveram “um final parecido com o de um filme.” “Na noite de Natal”, dizia ele, “fui para casa visitar o pessoal e houve beijos e abraços e fizemos as pazes”. Isso se deu provavelmente em dezembro de 1933, ano em que ele fez dezoito anos. Marty estava aliviado de ter seu único filho em casa, e

Dolly tinha se tornado sua entusiasta apoiadora. Munido de mais dinheiro de seus pais, Frank começou as aquisições de partituras para uma vasta seleção de canções populares. Isso lhe proporcionou ainda mais influência com bandas locais e ele começou a conseguir mais shows.

Em um concurso amador na Academia de Música de Nova York, ele experimentou seu primeiro ataque de medo do palco que, desconhecido do público, o perseguiria por todo o futuro. “Juro pela alma da minha mãe”, Sinatra declararia no *The Larry King Show,* em 1988, “eu tremo toda vez que dou o passo para entrar no palco.” Na Academia, enquanto esperava para entrar no palco, Frank podia ouvir outros competidores recebendo vaias e gritos de “Já perdeu! Para o gancho!” − a vara de metal usada para arrancar do palco artistas sem chance. “Eu, lá. Parado, tremendo”, Sinatra lembrava, “imaginando que no momento em que anunciarem o cara de Hoboken, eu estarei morto.”

O público não sentenciou Frank “para o gancho”, mas ele também não ganhou um prêmio. Mais perto de casa, em um concurso no Teatro Estadual da Cidade de Jersey, cantou *That Old Black Magic* e ganhou, de fato, um prêmio. Ele entrou no rádio também de forma modesta, quando um contato de seu tio Dominick o levou para a WAAT em Jersey City. Frank cantou sem receber por isso, mas qualquer exposição ajudaria. Um antigo guia de rádio mostra que ele tinha um espaço de quinze minutos em abril de 1935, com seu próprio nome. Em outras ocasiões, segundo um relato, ele foi identificado apenas como “O romântico”.

O próximo golpe de sorte veio graças a alguns jovens músicos que tinham sido clientes no bar dos Sinatra. Membros de um trio chamado os Three Flashes tinham sido contratados para cantar aos finais de semana no Rustic Cabin, uma casa de shows de beira de estrada na Route 9W, a 24 quilômetros de Hoboken. “Frank ficou em volta da gente como se fôssemos deuses ou qualquer coisa assim”, mencionou Fred Tamburro, um dos Three Flashes. “Nós o levamos junto por uma simples razão: o garoto Frankie tinha um carro. Ele costumava ser nosso motorista por aí.”

“Então”, disse a viúva de Tamburro, “Dolly veio falar com Freddie e pediu que ele colocasse Sinatra em seu grupo.” “Sua mãe começou a nos importunar,” disse o músico Jimmy *“Skelly”* Petrozelli[18], dos Flashes. “Dolly era uma pessoa influente, um peixe grande em Hoboken. Ela continuou caindo em cima de nós, e nós finalmente aceitamos”. “Ela empurrou e empurrou Frank, e acabaram

colocando ele pra dentro", disse recentemente a sobrinha de Dolly, Rose ". Não havia quem não soubesse quem ela era. Ela conhecia todos os gângsteres e todos os políticos."

Dolly colocou seu filho nos Three Flashes quando eles estavam prestes a fazer um teste para um programa de rádio patrocinado por um popular empresário, Major Bowes. Quando Frank se juntou a eles para ir até o Bronx, para uma primeira reunião com Bowes, Tamburro explicou que agora eram quatro. Bowes gostou do que ouviu. Ele ficou tomado, de acordo com Tamburro, pela interpretação que o grupo fez de *Shine − Shine Away With Your Bluesies* − para qual Frank contribuiu com algumas linhas de solo. Já Sinatra disse que foi sua interpretação de *Night and Day* que ganhou Bowes de vez.

Alguns dias depois, em uma competição no New York's Capitol Theater, eles foram introduzidos como os Hoboken Four, "os bobos alegres e dançantes." "Bobos", disse Bowes, "porque eles são muito felizes." Os aplausos da plateia e as chamadas dos ouvintes do rádio lhes renderam o primeiro prêmio − um contrato de seis meses para se apresentarem no palco e no rádio, por todo o país. Isso aconteceu em 8 de setembro de 1935, poucos meses antes do vigésimo aniversário de Frank.

A turnê de Bowes acabou sendo mais fatigante do que glamurosa e acabou em amargura. O pagamento de setenta e cinco dólares por semana para cada (mil dólares hoje) era mais do que qualquer um deles já havia ganhado antes, porém, ainda assim, aquela soma magnânima encolheu quando descobriram que teriam que pagar as suas despesas de sobrevivência. Eles foram levados de trem e ônibus por trinta e cinco estados e para cidades incluindo Des Moines, Wichita, Los Angeles, San Diego, San Francisco, Oakland, Vancouver, e então voltaram para o sul, em Bellingham, Washington.

Ficou óbvio durante a viagem que Frank tinha um talento especial. Convidado para cantar em uma casa noturna de Oakland, ele topou e cantou solo sem ensaio. "Ele ficou muito bom depois de uns meses em turnê," lembrou Petrozelli. "O ônibus ficava lotado, pessoas falando, pessoas namorando, pessoas lendo − tudo que as pessoas fazem em ônibus. Aí Frank começava a cantar de algum lugar e tudo parava... Ele colocava seu coração e sua alma ali. Ele realmente tinha aquilo tudo."

"Frank se destacou como o melhor do grupo", disse um antigo membro da equipe de Bowes. "Depois do show, as pessoas iam em rebanhos para os bastidores... Dos outros membros pediam um autógrafo ou dois, mas Frank era

praticamente dilacerado. Ele tinha que expulsar as mulheres mais doces. Tudo que elas queriam era acabar na cama com Frank Sinatra."

Em Hoboken, até onde se sabe, sua vida sexual de adolescente tinha se limitado a flertes com as filhas das vizinhas e o romance duradouro com Nancy Barbato, que tinha apenas dezoito anos em 1935 e ainda debaixo das asas da família. Na estrada, longe de casa e tratado como uma minicelebridade, ele era o jovem garanhão. De acordo com Tamburro, "Ele conseguia todo rabo de saia que queria. Esse cara tinha um apetite por sexo que ninguém nunca viu."

A popularidade de Frank, especialmente seu sucesso com as garotas, não combinava muito bem com seus colegas cantores. Uma vez foram para cima dele com os punhos, e em uma das brigas ferozes Tamurro acabou derrubando Frank, que ficou inconsciente. Depois de três meses, ele deu um basta e voltou para New Jersey. A razão, disse mais tarde, foi que estava "com saudades de casa." O resto do grupo terminou a turnê, mas eles acabaram se separando logo em seguida. Dois aceitaram trabalhos como garçons, e Tamburro trabalhou um tempo como vendedor de carros. Quando Sinatra ficou famoso e Tamburro lhe pediu um trabalho, este se ofereceu para contratá-lo como criado particular. Tamburro recusou a oferta.

Apesar do desfecho infeliz, Sinatra se lembrava da primeira turnê como uma experiência que "me tornou apegado a cantar como uma ambição e trabalho para a vida toda". Mais dois anos áridos passariam até que a sorte cruzasse novamente seu caminho. Ele se lembrava dessa época como um "período de pânico." Frank se candidatou a um trabalho como garçom-cantor no restaurante Vaughan Comfort, em Jersey Shore, mas não foi contratado. O pianista disse que ele não cantava alto o suficiente. As coisas melhoraram um pouco depois que a família de Sinatra se uniu em uma festa em prol da Sicilian Cultural League[19] no Hoboken's Union Club. Marty e Dolly apresentaram a liga com uma bandeira americana, e Sam Sinatra, o primo que havia frustrado Frank por ir bem na escola, era tesoureiro. Frank começou assumindo trabalho no clube.

No entanto, isso não era suficiente para viver. Em 12 de dezembro de 1936, ele cantou no Minstrel Show, no Malec's Plauderville Ballroom, patrocinado pela companhia de bombeiros de seu pai. Estava arrolado no programa como um dos dezoito "garotos" do coro. Era seu vigésimo primeiro aniversário.

Frank começou a assombrar as salas de espera das estações de rádio em Nova Jersey e Nova York. "Eu saía do meu escritório", lembra Jimmy Rich, o pianista

acompanhador da WNEW em Manhattan, “e ele estava lá para me ver ou para ver qualquer outro que o escutasse... De algum jeito, ele passava pela recepcionista.” Frank estava preparado para cantar em troca da passagem do ônibus ou “por nada”, ou seja, nenhum pagamento.

Ele se apresentava nesse esquema na WNEW, WOR em Newark, e de novo, com um amigo guitarrista para acompanhá-lo, na WAAT de Jersey City. Gostava especialmente da WOR porque a estação ostentava uma orquestra com cordas. “Eu tinha três canções que fiz com a seção de cordas − queria trabalhar com cordas”, disse mais tarde.

Na primavera de 1937, Frank contatou Ray Sinatra, que, naquele tempo, era membro da orquestra da NBC. “Ele queria saber se nós éramos parentes”, lembrava Ray. “Ele mencionou que queria ser um cantor.” Ray checou, descobriu que eram primos de algum nível e conseguiu um espacinho em um programa de rádio da NBC.

Esse foi o ponto alto de um período de baixas. “Ah! Os sanduíches de *cream cheese* e amendoim que comia quando estava vivendo com trinta centavos ao dia, trabalhando naqueles programas!”, lembrava Sinatra. “As noites frias em que andei cinco quilometros porque não tinha um centavo para a passagem de ônibus... Mas eu trabalhava seguindo uma teoria básica − mantenha-se ativo, consiga o máximo de prática possível.”

Manter-se ativo significava mais viagens a Manhattan, frequentemente com seu amigo Nick Sevano, de Hoboken. Numa visita a um produtor musical da Broadway, à procura de partituras, a dupla recebeu ajuda de um jovem rapaz chamado Hank Sanicola. Ele era um *song plugger*[20], um dos muitos do exército de músicos sem rosto pagos pelos editores tanto para encontrar novos artistas quanto para conseguir que uma nova música fosse introduzida no rádio. Frank ainda não era uma grande aposta, mas Sanicola o colocou debaixo de sua asa.

Logo estavam passando horas juntos: Frank testando canções enquanto Sanicola martelava no piano. “Sem seu incentivo”, diria Sinatra, “eu facilmente teria jogado a toalha.” Sanicola tinha algum talento musical, experiência com negócios e o porte físico de um ferreiro. Ele recorda ter se tornado “o braço de ferro de Sinatra... Eu costumava ir para cima e acertar os caras quando eles começavam a juntar suas gangues em volta dele nos bares.” Mais tarde, Sinatra empregou Sanicola como seu gerente, e Sevano como seu faz-tudo. Por ora, no “período de pânico”, Sanicola ajudava dando uma pingadinha de dinheiro no

bolso do cantor toda semana.

Frank também conheceu Chester Babcock, um *song plugger* na Remick Music. Babcok, que estava segurando a onda trabalhando como operador de elevador em um hotel, aspirava à carreira de compositor. Usando o nome Jimmy Van Heusen, sendo o último nome incorporado do fabricante de camiseta, ele alcançaria sucesso antes de Frank. *Come Fly with Me*, *High Hopes*, *My Kind of Town* e *Only the Lonely* são algumas das dúzias de canções que escreveria para Frank. Quando os bons tempos chegaram, era natural que Van Heusen se tornasse íntimo de Sinatra. Ele conseguiu combinar um entusiasmo de uma vida toda por voar − ele mais tarde pilotou junto com Sinatra e Bing Crosby − com um gigantesco apetite para sexo e para bebidas fortes. Quando Frank tinha 20 anos, seu núcleo de amizades já estava tomando forma.

No final dos anos 1930, no entanto, esses amigos ainda estavam se esforçando para darem certo, e Frank era o que os *pluggers* chamavam de "kolo", ou seja, alguém que almejava se estabelecer em uma rede maior de contatos da rádio, e para isso se comportava como tal, mas ainda não tinha conseguido. Ele era como um *habitué* da 52nd Street, comparecendo às "jam sessions" de domingo à tarde no jazz clube Hickory House. Ele ficava por lá em uma cabine preta escutando Count Basie, Artie Shaw, Benny Goodman, Art Tatum e Nat "King" Cole, entre outros, esperando por uma chance para cantar.

Billie Holiday aparecia neste endereço frequentemente agora, com uma gardênia em seu cabelo, sua marca registrada, enfeitiçando ouvintes com suas canções de amor e dor. Uma noite, quando dois senhores no Onyx Club falavam alto durante a performance dela, ele foi pra cima deles − uma de suas primeiras demonstrações públicas de temperamento violento.

Naqueles anos de formação, dizia Sinatra, ele também prestava muita atenção a duas outras cantoras negras. Ele se sentia "tocado no fundo" pelos trabalhos de Ethel Waters, aclamada por sua gravação de *Stormy Weather*. Com seus 40 anos de idade, Waters, como Holiday, tinha sido criada na pobreza, filha de uma mãe de 20 anos que tinha sido estuprada por um homem branco. E, por volta de 1938, ele ouviria a britânica Mabel Mercer, recém-chegada de seu trabalho em cabarés em Paris. "Ele estava lá quase toda noite", lembra o agente de imprensa de Mercer, Eddie Jaffe. "Ele diria a todos o quanto foi influenciado pela maneira como ela transmitia a letra."

Pessoas do mercado musical, enquanto isso, diziam a Frank que ele tinha muito que aprender da ópera. Ele estava passando mais e mais tempo na casa de

Nancy, onde ópera era tocada a todo momento. Ele fantasiava que estava cantando a ária *Vesti la Giubba − Vista a fantasia* de *I Pagliacci*, e invejava aqueles que tinham voz para aquilo. Ele achava seu contemporâneo Robert Merrill "o maior barítono que já ouvi". Se reencarnação fosse possível, Sinatra diria um dia que gostaria de voltar como Luciano Pavarotti. Ambos grandes cantores que um dia se tornariam seus amigos.

ALGUM TEMPO DEPOIS da separação dos Hoboken Four, provavelmente em 1936, o antigo líder do grupo, Fred Tamburro, notou uma mudança em Frank. "Ele não falava mais como em Hoboken. Ele parecia um inglês ou qualquer coisa do tipo. Eu perguntava sobre isso a ele, e dizia que havia tido aulas com um professor." Graças a uma sugestão de Sanicola, Frank estava frequentando um professor de canto. "A voz dele na época era bem miúda", lembra Nick Sevano. "Ela não tinha alcance. Nós íamos ao professor de canto duas vezes por semana. Ele o fazia treinar escalas ao piano. E, então, Frank estudava em casa, algumas horas por dia, e aprendia ritmo e divisão na música."

O primeiro professor passou Frank para John Quinlan, um antigo cantor do Metropolitan Opera que havia sido demitido por embriaguez. Começou, então, uma série de sessões de quarenta e cinco minutos, cada uma por um dólar. Frank consultou Quinlan vez ou outra por anos, e mais tarde eles seriam colaboradores em um pequeno volume chamado *Tips on Popular Singing*[21]. Sinatra considerava seu professor "um grande mestre". Quinlan lembrava de Frank como "um garoto que nunca parava de estudar".

No cartão de apresentação que Frank usava nesta época, lia-se:

FRANK SINATRA
VOCALISTA
RÁDIO − PALCO − ARTISTA DE ESTÚDIO

O cartão trazia o telefone Hoboken 3-0985, o mesmo número que mulheres grávidas usavam para chamar pelos serviços de parto e aborto de Dolly. No entanto, poucos clientes potenciais ligavam. Levando em conta todas as lições de canto, por todos os dias e noites ouvindo músicas de outros, o sucesso era tão elusivo quanto antes. Aos 22 anos, Frank estava entrando em desespero. "Eu não estava indo para lugar algum", ele lembrava. "Eu estava desistindo".

5

“Se eu conhecia aqueles caras?”

FOI DOLLY, como era esperado, quem veio em socorro. Uma noite, provavelmente no início de 1938, um Frank abatido contou-lhe que havia sido rejeitado para um trabalho como cantor. Ela disse que não queria que ele ficasse saindo para clubes o tempo todo. Ele lhe lançou um olhar amuado e subiu as escadas para seu quarto. Em pouco tempo, pela porta, sua mãe o ouviu chorar. O pranto durou horas.

“Acho que percebi naquele momento, pela primeira vez, o que cantar realmente significava para Frankie”, Dolly disse mais tarde. Ela nunca se opusera à ideia de que ele se tornasse um cantor, como se opunha o marido, e resolveu ajudar mais uma vez.

O trabalho que ele procurava era no Rustic Cabin, um *point* noturno próximo da ponte George Washington, onde Frank, pela primeira vez, esteve com os Three Flashes. Construído para se parecer com uma cabana, e anunciando ter “a verdadeira atmosfera do Oeste”, era uma casa de chope e *steak*[22], com uma pista de dança e uma plataforma para bandas. O Rustic Cabin atraía centenas de pessoas em um fim de semana dos bons. Sinatra lembrava de lá como “um ponto de encontros furtivos... Todos os homens casados iam para lá com suas amantes, porque havia pequenas cabines dentro do próprio lugar... bem privadas”.

Frank estava louco para trabalhar lá por dois motivos. A gerência do Hoboken’s Union Club, onde ele cantara algumas vezes, não podia bancar a instalação de uma ligação que tornasse possível estações de rádio captarem e transmitirem música tocada em lugares distantes. No entanto, o Cabin já tinha uma ligação deste tipo e bandas que tocavam lá apareciam na rádio WNEW, em Nova York, nas noites de sábado.

“Trabalhar com uma boa banda”, lembrava Sinatra, “era o pote de ouro no

fim do arco-íris para qualquer cantor que quisesse isso.” Essa era, é claro, a era das *big bands*, de Goodman, Jimmy e Tommy Dorsey, Artie Shaw, Duke Ellington e Guy Lombardo. A ligação com a rádio assegurava que os músicos e os agentes que interessavam, do outro lado do rio em Manhattan, pudessem ouvir a música tocada lá. A proximidade do local com Nova York também o tornava acessível para “olheiros” que estivessem em busca de novos talentos. Quando Frank ouviu que havia uma vaga no Rustic Cabin, pulou para cima daquela chance.

Eles estavam procurando alguém que pudesse atender aos fregueses nas mesas e fazer as vezes de mestre de cerimônias quando necessário − e também cantar. O trabalho pagava apenas quinze dólares por semana, mas Frank queria mesmo assim. Ele atazanava músicos que tocavam no Cabin para dar uma ajudinha quando fosse sua audição, mas o *bandleader* Harold Arden, que lembrava de Frank do tempo dos Three Flashes, não gostava dele. Ele foi dispensado na hora.

Anos depois, quando a imprensa se interessou, Dolly explicou que ela tinha contatado seu conhecido Harry Steeper, que era maestro do ramo de Nova Jersey da Federação Americana de Músicos e era próximo do homem que viria a ser presidente da associação. O sindicalista era um funcionário público no distrito de North Bergen, a oito quilômetros de Hoboken, e conhecia os Sinatra. “Como camaradas políticos, nós costumávamos fazer favores um para o outro”, disse Dolly a um repórter. “Eu pedi a ele que conseguisse uma nova tentativa para Frankie. ‘E desta vez’, eu disse, ‘veja se ele consegue o emprego.’” Steeper também recebeu um pedido escrito de Marty. Respondeu aos Sinatra que podiam contar a Frank que ele seria contratado, e foi.

Alguns acreditavam que havia mais do que isto. Em um artigo provocativo, anos depois, o colunista Lee Mortimer, do *New York Daily Mirror*, escreveu: “A Máfia arrumou um trabalho para Sinatra no Rustic Cabin”.

“SE EU CONHECIA AQUELES CARAS?”, Sinatra disse, tarde na vida, referindo-se à Máfia. “Claro, eu conhecia alguns... Passei muito tempo trabalhando em salões. E salões não são mantidos pela Irmandade Cristã. Tinha um monte de caras em volta que tinham saído da Lei Seca e mantinham salões muito bons. Eu era uma criança. Trabalhava nos lugares que estavam abertos. Eles te pagavam. Não conheci nenhum ganhador do Prêmio Nobel nos salões. Mas se São Francisco de Assis fosse um cantor e trabalhasse em salões, ele teria

conhecido os mesmos caras e isso não queria dizer que ele fazia parte de qualquer coisa. Eles diziam ‘olá’, você dizia ‘olá’. Eles vinham para os bastidores. Eles te agradeciam. Te ofereciam uma bebida. Era isso. Agora não importa mais, não é?”

Longe de simplesmente ter encontros incidentais com “alguns caras” em sua juventude, Sinatra teve relações íntimas com assassinos reincidentes, bandidos e vice-czares. Seus negócios estariam interligados com as maracutaias dessas pessoas por cinquenta anos.

Sinatra evitava tocar na questão da Máfia sempre que possível. Na metade dos anos 1960, quando aceitou dar uma entrevista para a CBS, fez seu advogado garantir que não haveria perguntas sobre a Máfia. Quando Walter Cronkite abordou o tema inadvertidamente, Sinatra prontamente interrompeu a entrevista e, como lembra o produtor Don Hewitt, “saiu como uma bala.” Por quase cinco décadas, vários comitês congressionais e órgãos do estado quiseram questionar Sinatra sobre suas conexões com a Máfia. Quando forçado a testemunhar, frequentemente era agressivo e sempre evasivo.

Após o ataque de Lee Mortimer, Sinatra respondeu com um longo artigo de próprio punho. “Eu conheci muitos sujeitos indesejáveis em meus anos de entretenimento em clubes noturnos”, escreveu, “bem como qualquer estrela da noite faria em uma ocasião ou outra.” Aquela era sua defesa, e era verdadeira, até onde podia. As relações de cantores com a Máfia, no entanto, tinham algumas vezes consequências sinistras.

Gângsteres ítalo-americanos tentaram extorquir dinheiro do tenor Enrico Caruso em 1909. Dizia-se que ele resistira a princípio, mas que os teria aplacado depois, com um pagamento feito secretamente. Bing Crosby, de acordo com arquivos do FBI, acabou cedendo a pedidos por dinheiro e, uma vez, quando um elemento da Máfia o ameaçara, teria pedido ajuda para um atirador profissional de Capone. Mario Lanza tolerou a pressão do submundo durante toda sua carreira, ainda mais quando estava com problemas financeiros. Mafiosos da Costa Leste uma vez disseram a Lanza que poderiam ajudá-lo de diversas maneiras, contanto que recebessem uma parte de seus ganhos. Se ele não concordasse, ameaçaram, o matariam.

Al Martino fez um acordo com criminosos do qual iria se arrepender. “Caras do submundo vieram visitar meu agente”, disse ele, “para fazer uma oferta que não poderia recusar. Meu agente caiu fora depois de ser ameaçado. E agora aqueles caras se tornaram meus agentes.” Martino acabou pegando um avião

para a Europa por causa de suas dívidas com a Máfia e não retornaria por sete anos, até seu principal perseguidor ter morrido.

"Entregar-se para 'os Rapazes' é um negócio sério", lembrava Mel Tormé. "O poder deles no campo do entretenimento era indisputável. O preço que um artista tinha que pagar, no entanto, era certamente inaceitável." Advertido por seu agente de que os mafiosos "literalmente tomariam conta de sua vida", disse Tormé, ele deu um jeito de trabalhar sem eles.

Outros artistas próximos de Sinatra eram manipulados por gângsteres. O comediante Jimmy Durante tinha um cara durão e personalidade do submundo do crime como seu agente, foi subsidiado em um filme por Waxey Gordon, pagou uma multa para Mickey Cohen e tinha Bugsy Siegel como seu amigo. O mesmo ocorria com o ator George Raft, que tinha uma boa base para papéis de gângster que lhe trouxeram fama. Ele começara como um jovem marginal nas horas vagas, apontando armas para os caminhões de bebida sendo entregues a Dutch Schultz. Muitos anos depois, tendo ocupado a linha de frente para o crime organizado, como receptor e recepcionista no Capri Casino em Havana, foi indiciado por fraude. Durante a investigação do IRS, o antigo tesoureiro do cassino foi fatalmente baleado. A Máfia também o usou para representar como investidor no Sands Hotel em Las Vegas e em um clube de apostas em Londres, até ele ser barrado do Reino Unido.

Joe E. Lewis, lembrado como um artista cômico, era também um apreciado tenor até desafiar os proprietários do Club Green Mill em Chicago, deixando o estabelecimento para se apresentar em outro *point* noturno. Assaltantes bateram nele sem piedade e cortaram seu rosto e garganta com uma faca de caça. Os dias de Lewis como cantor tinham acabado. Quando alcançou a fama como comediante, sua voz era descrita como algo que soava como "dois pedaços de lixa sendo friccionados". Lewis continuou a trabalhar para os gângsteres mesmo depois de sua experiência, uma amostra do quão aderente era o crime organizado aos negócios das casas noturnas.

O artista Sonny King, que tinha nascido como Louis Schiavone, no Brooklyn, foi parceiro de Durante nos palcos por anos. Ele também era próximo de Sinatra, que se tornou padrinho de um de seus filhos. "Não havia uma casa noturna em Nova York que não fosse propriedade dos Rapazes", dizia King. "Naturalmente, você entrava em contato com eles. Eles preferiam artistas italianos. Se eles gostassem de você, você tinha trabalho o tempo todo. Eles ditavam o quanto te pagavam. Se não gostassem de você, você simplesmente não

trabalhava.”

Assim como os mafiosos procuravam artistas, alguns artistas buscavam a Máfia, um padrão que continuou por décadas. “Eles querem ficar em volta dos caras da Máfia porque sabem que a Máfia controla os melhores estabelecimentos”, disse Vincent Teresa, o primeiro mafioso do alto escalão a se tornar informante, “então eles vêm, se tornam próximos a você e pedem que lhes consiga um lugar.”

Donos de clubes, enquanto isso, podem começar limpos, mas acabam se vendo mergulhados nos negócios ilegais. “Muitos desses clubes funcionam com a grana contada”, dizia Vincent. “Um cara da Máfia descobre que você está com problemas financeiros e logo faz uma oferta para emprestar algum dinheiro ao dono. Antes que o dono do clube perceba, ele está envolvido até a cabeça e, de repente, tem um novo e silencioso parceiro.”

No final dos anos 1930, havia mais de duzentas mil máquinas de *jukebox* em bares e tavernas em todo o país. Elas representavam uma indústria multimilionária dominada pelos gângsteres. Os criminosos controlavam os discos que tocavam, assim como as músicas que iam para as paradas de sucesso semanais. Aquilo lhes deu outro poder sobre os músicos. “Eles pegavam você e falavam, ‘Vamos te colocar em todos *jukeboxes* do oeste do Estados Unidos’”, lembra Artie Shaw. “Isso era muito tentador. Eles estavam em tudo, os Rapazes.”

Cinco anos após o fim da Lei Seca, os chefes da Máfia tinham suas garras em tudo que dizia respeito à indústria musical, bem como as agências de teatro e os estúdios de Hollywood. Seu modo de operar podia agora, de fato, ser chamado de crime “organizado”, com liderança determinada e regras impostas em âmbito nacional.

O chefe reconhecido por sua rede modernizada de crime, com interesse pessoal no mundo do entretenimento, era Lucky Luciano.

TRÊS DÉCADAS APÓS seus pobres pais o terem trazido de Lercara Friddi, Luciano estava rico e exercia um poder sem precedentes. Seu começo, no entanto, não havia sido auspicioso. Ele tinha sido carregador de compras quando criança e aos dezoito anos ficou na cadeia por seis meses devido a uma acusação por posse de narcóticos. Foi preso em Nova Jersey por portar um revólver carregado. Havia também uma série de assaltos à mão armada, pequenos roubos, acusações de apostas em jogos de azar, das quais escapou simplesmente pagando uma multa.

De acordo com um de seus biógrafos, Luciano progrediu de ter cometido não menos do que vinte assassinatos para o *status* de liderança como traficante de drogas. Um de seus advogados o considerava um “sádico”. Outro observador o descreveu como “astuto, voraz... selvagem cruel, como uma naja mortal, enrolada no submundo do leste”. Por volta de 1928, tendo se distanciado de envolvimentos pessoais com violência, Luciano estava na posição de ordenar outros para matar.

No curso dos três anos seguintes, os assassinatos de três grandes criminosos marcaram o fim da “antiga Máfia”. Luciano, que estava envolvido em pelo menos duas destas mortes, ascendeu, em 1931, aos 35 anos, como o cabeça no novo sindicato nacional do crime.

A face que ele apresentava para o mundo, no começo dos anos 1930, era a de um poderoso homem de negócios. Vivia em grande estilo nas Waldorf Towers, indo à noite a restaurantes e clubes que ele controlava. Jimmy Durante era sua companhia para o jantar, Lewis e Raft eram seus amigos. Ele investia em musicais da Broadway e − estendendo o império do crime para Hollywood − tinha papel de liderança em estabelecer controle por meio da Máfia sobre o sindicato dos empregados dos palcos.

Então, em 1936, tendo sido declarado inimigo público número 1 de Nova York, Luciano foi preso, indiciado e sentenciado a um longo período de prisão por manter uma cadeia de bordéis. Atrás das grades, contudo, continuaria sendo, nas palavras de um estudioso, “um dos mais brilhantes executivos do crime da idade moderna.” Associados graduados da Máfia mantinham contato constante, consultando-o regularmente para assuntos importantes.

Figuras proeminentes entre estes comparsas eram Frank Costello e Willie Moretti. Moretti “idolatrava” Luciano e era seu associado mais leal, de acordo com um documento do Federal Bureau of Narcotics. Ele e Costello, assim como seu líder, haviam cometido crimes de juventude − roubos e assaltos −, depois mudaram para a liga soberana do crime durante a Lei Seca. Moretti, cujos vizinhos em Nova Jersey o viam como um bom homem de família, benfeitor de caridades no local e frequentador assíduo da Igreja, era um bruto e um assassino. Costello, em Nova York, era um sábio conselheiro para associados criminosos e um corruptor efetivo de funcionários públicos. Menos conhecido era o fato de que ele também era um assassino.

Moretti controlava cassinos e casas noturnas na região norte de Nova Jersey e redondezas. O Riviera, no alto de uma colina próxima da ponte George

Washington, era sua obra de arte. Era popular por seu clube noturno, com um teto que deslizava e abria no verão para que os casais pudessem dançar sob as estrelas, e notório por seu Marine Room, onde apostas ilegais eram feitas. Sinatra costumava frequentar o lugar em seu caminho para o Rustic Cabin, que ficava apenas a cinco quilômetros dali, para ouvir música.

O feudo de Costello era Manhattan, e, como Luciano, ele tinha interesses principalmente no *show business*. Ele era o proprietário secreto do clube noturno Copacabana, acreditava-se que tinha interesse no Stork Club e, depois, no Tropicana de Las Vegas. Fez amizade e contratou Joe E. Lewis, e começou a fazer parte da tentativa de seduzir Mario Lanza para um acordo sujo. Em Hollywood, Costello tinha influência junto aos diretores de estúdio Harry Cohn e Jack Warner.

Sinatra disse que nunca tinha visto Luciano até 1947 e depois disso apenas em um encontro casual que rendeu nada mais do que um aperto de mão e um *drink*. Se ele ouvisse o nome do mafioso, assegurou, poderia nem mesmo fazer ligação com o infame chefe da Máfia. Teria dito isso de um dos mais notórios gângsteres de seu tempo, vindo da mesma vila na Sicília de onde viera a família de Frank.

Sinatra conhecia Costello. “Apenas de falar ‘oi’ nos *nightclubs”*, ele diria um dia a investigadores do Senado. Outros guardavam memórias diferentes. Nick Sevano seguramente se lembrava de Costello como um “daqueles caras” com quem Frank “sentava por aí e conversava toda noite nos clubes”. O colunista John Miller, amigo íntimo de Costello e seu companheiro de jantar no Copacabana, disse que “Sinatra e Frank C. eram grandes amigos... Sinatra sempre se juntava a nós”.

Já sobre Moretti, Sinatra disse nunca ter ouvido falar dele até a metade dos anos 1940, quando Moretti se tornou seu “vizinho”. O mafioso, de fato, morou perto de Frank nos anos 1940. “Nossos quintais eram praticamente encostados”, disse Angela, filha de Moretti. Frank disse ter recusado um convite de Moretti para jantar. “Mais tarde,” completou ele, “se apresentou em um restaurante e eu, depois daquilo, o vi cinco ou seis vezes em um período de anos.” Em outra ocasião, ele disse que alguém − lamentava não se lembrar do nome da pessoa − trouxera Moretti para vê-lo em casa. Ele conheceu Sinatra, disse o cantor, só quando estava “muito fraco.”

E Moretti estava presente, assim como os pais de Sinatra, quando Frank estreou no Copacabana em 1950. O *restaurateur* de Las Vegas Joe Pignatello,

chef particular de outro grande mafioso, disse, antes de sua morte em 2001, que Moretti era “amigo de longa data” de Sinatra. Tina Sinatra reconheceu que seu pai “teve contato com pessoas como Willie Moretti por toda sua vida”.

NÃO HÁ EVIDÊNCIAS de que Moretti ou Costello tiveram alguma relação com o emprego no Rustic Cabin para Sinatra. Se a Máfia estava em cena, como apontado por Lee Mortimer e outros, isso se deu provavelmente com uma figura de menos poder. Três fontes dizem que o homem em questão era o mafioso local Angelo “Gyp” De Carlo[23].

De Carlo nasceu e foi criado em Hoboken e, em 1938, com 30 e poucos anos, estava chegando ao seu auge dentro do crime. “Ele era um tipo de cara descontraído, não era um extravagante... Nunca muito saliente”, lembrou um conhecido. “Se você entrasse em um bar acharia que ele era seu tio”. De fato, havia participado por um tempo de roubos em rodovias, depois mudou para o jogo e agiotagem. O FBI futuramente o caracterizaria como “executor metódico do submundo do crime”.

De Carlo era um “homem feito”, um mafioso formalmente iniciado, e sua família tinha contato com Lucky Luciano pelo menos entre 1940 e o começo dos anos 1960; há entradas para Gyp e sua filha Gloria em agendas diferentes de Luciano. “Meu avô diria, ‘Lucky disse isso,’ ou ‘Lucky disse aquilo’”, disse Joe Sullivan, filho de Gloria. “Era tudo confidencial.” Pessoalmente, De Carlo responderia a Moretti.

Dolly Sinatra conhecia bem De Carlo. Quando eram jovens, haviam tido suas andanças juntos e agora colaboravam na política local. Seu sobrinho Sam Sinatra logo se casaria com a irmã da esposa de De Carlo. Gyp ajudava Sam quando ele precisava de dinheiro e, em troca, Sam teria feito um pequeno serviço para De Carlo. “Ele costumava vigiar os lugares para De Carlo”, disse seu neto. “Esses caras mandavam gente como Sam para a costa leste e para Cuba, pra lá e pra cá, para ver se os negociantes o estavam trapaceando ou não.”

De Carlo tinha interesse em ter controle sobre artistas, especialmente cantores. Anthony Petrozelli, irmão de Jimmy “Skelly” Petrozelli, membro do grupo Hoboken Four, cumpriu pena na cadeia com o mafioso e disse que De Carlo gostava de Frank e dos outros membros do grupo. “Ele adorava todos aqueles caras”, disse Anthony Petrozelli recentemente. “Eles trabalhavam para ele. Bastava ele estalar os dedos e estavam na casa do Gyp, não importava qual fosse a ocasião.”

James Petrozelli, filho de Jimmy, lembrava de seu pai contando a ele as mesmas coisas e que seu pai lhe dera a impressão de que “Gyp tivera muito a ver com terem conseguido” o emprego para Frank no Rustic Cabin. Sam Sinatra tinha idêntica opinião também, diria sua viúva, Rose. Robert Phillips, antigo oficial de polícia que teria contato frequente com Frank anos depois na Califórnia, disse que “Sinatra não ia para lugar algum até que Gyp De Carlo desse sinal de ok”, baseando sua afirmação no que havia visto dos arquivos sobre o crime organizado. “Gyp De Carlo era seu patrocinador, seu mantenedor.” Era seu *duke-in*, como costumavam dizer nas ruas – ou seja, o homem que o trouxe para o grupo.

Tudo indica que, a partir do momento em que Frank teve sua primeira oportunidade no Rustic Cabin, peixes ainda maiores da Máfia do que De Carlo ficaram interessados. Luciano, preso em Dannemora no interior de Nova York, mantinha interesse agudo em seus muitos “investimentos”, o que incluía bares e locais de jogo em Nova Jersey. Agora, palavras tinham tocado seu ouvido sobre o progresso de um jovem cantor chamado Frank Sinatra.

“Quando eu estava em Dannemora”, ele lembraria anos depois, “os amigos que vinham me ver me contavam sobre ele. Eles diziam que era um menino magrelo das redondezas de Hoboken com uma voz incrível – e cem por cento italiano. Ele costumava cantar nas quebradas lá, e todos os caras gostavam dele.”

Um dos visitantes de Luciano, amigo de longa data de Nova Jersey, chamado Mike Lascari, tinha preparo para lidar com a indústria musical. Lascari, o maioral do esquema emergente do *jukebox*, estava constantemente à procura de novos talentos. Entre os visitantes de Luciano também se incluíam Willie Moretti e, costumeiramente, Frank Costello. Relatórios nos arquivos de aplicação da lei sugerem que três deles tiveram papel no começo da carreira de Sinatra.

Um documento de 1951 do Bureau of Narcotics a respeito da Máfia afirma categoricamente que Frank “foi ‘descoberto’ por Willie Moretti depois de sofrer pressão de Frank Costello e Lucky Luciano”. Um documento do FBI trazia a citação de um informante dizendo que Sinatra “foi originalmente ‘criado’ por Frank Costello em Nova York”. E um relatório de 1944 de ocorrência criminal em Nova Jersey apontava que Moretti “tinha interesse financeiro em Frank Sinatra”. Mais tarde, no meio de uma conversa com alguns agentes, o gângster “admitiu sua ligação” com Sinatra.

O filho do policial veterano que escreveu o relatório de 1944, um antigo

investigador de Nova Jersey, lembrava de seu pai discutindo o problema Sinatra-Moretti. Como lembrou Matthew Donohue Jr.: “Willie Moretti e os graúdos como Joe Adonis[24] costumavam ir ao Rustic Cabin. Pessoas como estas estavam sempre por lá. E Willie acabou conhecendo Sinatra”.

CHICO SCIMONE, um pianista nascido em Boston, de família siciliana, confirmou as conexões antigas de Sinatra com a Máfia. Scimone se mudou para Nova York seguindo o conselho de Rosario Vitaliti, um siciliano mais velho que o conhecia desde a infância. Vitaliti tinha um açougue no Brooklyn, mas Scimone logo percebeu que “ele estava metido com a Cosa Nostra”. Vitaliti era amigo de longa data de Lucky Luciano. No açougue, Scimone foi apresentado ao irmão de Luciano, Bartolo, e ao próprio Luciano. Também conhecera Costello, Moretti e outros, mafiosos que o contratavam como músico, não só nos clubes, mas para seu entretenimento pessoal.

“Toda vez que faziam reuniões, reuniões secretas, se divertiam depois delas”, disse Scimone. “Eles arrumavam cantores e dançarinas e se não havia um piano, eu trazia meu acordeon. Às vezes, eles queriam que eu fosse às suas casas para encontros familiares, batizados e coisas do tipo. Carlo Gambino tinha um piano de cauda e me chamava para ir à sua casa uma vez por mês. Ele amava a canção italiana *Torna a Surriento*[25].”

Scimone ficou muito tempo em silêncio sobre suas experiências com mafiosos, embora fossem relações inocentes. “Eles confiavam em mim”, disse ele. “Eu jamais falaria. Agora o mais velho deles morreu – Joe Bonanno – e eu posso falar.” Em 1938 ou 1939 − Scimone não pode precisar melhor – Frank Costello fez um pedido inusitado. “Os *amici* de Nova Jersey o haviam contatado sobre um jovem camarada. Disseram que ele tinha boa voz e que queriam testá-lo – algo como uma audição – e me chamaram para tocar piano.”

Moretti estava presente nesta audição, e o jovem camarada em questão era Sinatra. “Ele tinha seus 20 anos”, lembrou Scimone.” Ele tinha consigo algumas partituras. Perguntei a ele: ‘Em que tom você vai cantar?’ Ele cantou uma porção de canções. Não me lembro agora quais eram – uma delas deve ter sido *Night and Day*. Alguém tinha trazido Sinatra até lá, e depois da audição ele partiu. Eles tinham escutado enquanto cantava, e quando perguntaram minha opinião sobre ele, e eu disse ‘Ele é bom’. Ele tinha uma boa voz. Foi apenas uma breve audição.”

Olhando para trás, parecia bem normal para Scimone que os chefões da Máfia quisessem testar Sinatra. “A Máfia controlava tudo naquela época”, disse. “Eles podiam construir ou destruir alguém.” Ele soube, disse, que em algum momento Sinatra e Luciano “tiveram alguma amizade”.

“OS RAPAZES SE AFEIÇOARAM A FRANK, em parte porque era um cantor de salão, e eles adoravam músicas de salão, e porque gostavam de sua petulância,” disse Sonny King. “Ele era um jovem deliquente quando o conheceram. Gostavam de pensar nele como seu garoto, seu filho. Ele demonstrava respeito, e isso era a coisa certa de se fazer.”

Frank insistiu ao testemunhar para o Comitê de Controle de Jogos do Estado de Nevada, nos anos 1980, que Willie Moretti “não teve absolutamente nada a ver com minha carreira, em nenhum momento”. A transcrição de uma sessão fechada, mais anterior, com investigadores do Senado dos EUA, no entanto, mostra que, naquela ocasião, Frank admitiu algo crucial:

ADVOGADO: “Vou lhe perguntar especificamente. Você, em algum momento, esteve associado a Moretti?”.

SINATRA: “Bom, Moretti arrumou algumas apresentações para mim quando eu estava bem no começo”.

6
Tudo ou nada

SEJA COMO FOR QUE ELE CONSEGUIRA O EMPREGO, trabalhar no Rustic Cabin era menos do que glamoroso. “Frank odiava o lugar”, disse Fred Travalena, que trabalhava lá como um garçom-cantor. “Mas ele dizia que sabia como colocar o prato para alguém e que faria *qualquer coisa* para poder cantar. Algumas refeições servidas pesavam mais do que ele próprio. Se você bagunçava os pedidos ou derrubava alguma coisa e o cliente reclamasse, eles descontavam no seu holerite.”

Sinatra se lembrava de ter que enxugar o chão, conduzir as pessoas aos seus lugares e “se curvar para o patrão”. Valia a pena, no entanto, porque ele tinha que cantar. As gorjetas rolavam na mesa, lembrava o cantor, quando ele e o pianista empurravam um pequeno “piano meia-cauda” em volta do bar e cantavam para cada mesa, individualmente. Quando uma jovem cantora chegou ao clube, alguns meses depois, Frank “era o garoto cantor”, disse Lucille Kirk, que mais tarde se casou com um trompetista da casa. “Um dos melhores que já ouvi. Toda vez que abria a boca, a plateia silenciava. Ele tinha o controle da plateia só de olhar para ela. Era uma qualidade mágica dele.”

Em uma fotografia guardada por Kirk, Frank, vestido com um smoking branco, aparece com jeito modesto à frente da banda tocando no Cabin. Em uma outra foto, ele olha diretamente para a câmera, com os cabelos brilhantes, cheio de juventude, intenso.

Kirk lembrava de Frank como um paquerador incorrigível. Ele se atrevia a passar a mão nas suas costas mesmo na frente de seu futuro marido. E “Ah! As mulheres!”, ela dizia se referindo a Frank e às clientes. “Eram muitas mulheres.”

Sinatra raramente expunha suas ideias sobre mulheres e sexo. Mas um contemporâneo de Hoboken, Joey D’Orazio, lembrava de algo que Frank teria

dito no Rustic Cabin. “Nós somos animais”, ele disse, “animais do inferno, cada um de nós, é o que éramos, e tínhamos orgulho pra caramba disso, também... Tem mais na vida do que só Nancy, e eu vou ter isso pra mim.” “Eu só estou atrás de pegar o máximo de mulheres que puder”, disse a outro amigo, Tom Raskin.

Depois de sete anos de relacionamento com Nancy Barbato, o mundo de Frank estava de repente repleto de oportunidades sexuais. “Ele era um cara magrelo, feições comuns, pomo de Adão protuberante, orelhas pontudas”, disse D’Orazio, “mas tinha mais carisma e magnetismo que qualquer um... As multidões se amontoavam sobre ele sempre que ele saía do palco.”

Frank discutia sua boa sorte com Harry Schuchman, o saxofonista contratado do Cabin. “Você tem alguma coisa, rapaz”, Schuchman levantava os ombros, “você parece feito pra cama”. A esposa de Schuchman observava as mulheres na plateia enquanto Fank cantava. “Sua voz e seu charme de menino ganhavam todas elas”, dizia. “Elas eram possuídas.”

Nancy Venturi, que com pouco mais de dez anos foi uma das que caiu por Sinatra, conta: “Ele tinha sexo na cabeça”. “Ele ia para a cama com qualquer uma que aparecesse em sua frente... Havia algo incomumente intenso em seu jeito de fazer amor, pelo menos comigo.” Ela lembrava da técnica e sedução de Frank, de suas frases abertamente sexuais. Outros rapazes, pensava ela, “não falavam daquele jeito naquela época”.

Venturi contribuiu para a lenda de que Sinatra era muito bem dotado sexualmente. “São só quatro quilos e meio de Frank, mas cinquenta quilos de pinto”, frase famosa de Ava Gardner para o governador colonial da Grã-Bretanha no Kênia, em uma ocasião social.

D’Orazio disse que Frank se gabava do tamanho de seu pênis. Venturi, rindo, disse que ele “o balançava e o chamava de ‘Big Frankie’... Soa ridículo agora, mas naquela época – bom, naquela época era ridículo também”.

Outra amante de Frank disse que foi para a cama com ele, em parte, para descobrir “o que um monte de ossos como aquele poderia fazer. Não era muito, naquele tempo. Imagino que ele tenha melhorado.” Ele era carinhoso, disse Venturi. “Eu me sentia amada, completamente amada... O que é que eu sabia na época?”.

Em um determinado momento, Venturi pensou estar grávida de um filho de Frank. Sem ter mais o que fazer, ela o convenceu a ir à igreja com ela para rezar. “Qual é, Deus?”, ela lembrava dele dizendo, enquanto ajoelhavam defronte ao

altar. “Me dá um tempo, né? Faça com que ela não esteja grávida. Combinado? Então, uh, muito obrigado, Deus... É isso. Então, amém, certo?” Deus aparentemente escutou.

Na primavera de 1938, Frank dançou no Rustic Cabin com uma ítalo-americana de 27 anos, Toni Della Penta. Ela era filha de um homem envolvido em negócios ilegais de venda de álcool, separada do marido e muito temperamental. De acordo com Della Penta, ela e Frank namoraram por meses. Dolly, a quem ela logo conheceu, a chamava de “lixo barato” e tentava manter o casal separado. Em uma noite de verão, no entanto, Frank deu a ela um anel e a pediu em casamento. Ela ainda não havia dormido com ele até então, mas a proposta funcionou como mágica. Eles passaram a frequentar hotéis juntos, assinando como “Sr. e Sra. Sinatra”.

Della Penta disse que tinha engravidado. Por algum tempo, a despeito das objeções de Dolly, Frank continuou a dizer que se casaria com ela. Então, ela diz que abortou e que Frank “não apareceu mais.” Ela se sentiu abandonada e amargurada.

Naquele tempo, Frank ainda estava muito envolvido com Nancy Barbato. Ela, agora com 21 anos, vinha ao bar de beira de estrada para ouvir Frank. “Ele prometia que se casaria com ambas as mulheres”, lembrava Travalena. “Virou realmente uma bagunça.”

Della Penta ligou para o Cabin uma noite para falar com Frank e Nancy atendeu ao telefone. Elas trocaram palavras de ódio e, então, Della Penta apareceu em um surto de raiva. Ela atacou Nancy, rasgando seu vestido. Depois disso, teve uma discussão corajosa com Frank – que estava tentando fugir – antes de sair gritando.

Della Penta deu queixa e, em 26 de novembro de 1938, Frank foi preso durante o trabalho e levado para a cadeia do condado. Ele se viu enfrentando uma acusação fora de moda por “Sedução” − a qual ele tinha alegadamente cometido duas vezes durantes aquele mês – “sob promessa de casamento” a “moça solteira de boa reputação quanto à sua castidade, por meio da qual ficou grávida”. A foto de fichamento tirada no dia seguinte, mostrando Sinatra como prisioneiro nº 42799, mais tarde desapareceu dos arquivos policiais – apenas para reaparecer anos depois e ir à venda na forma de pôster.

Dolly entrou em ação novamente, de acordo com Della Penta, mandando Marty Sinatra ver o pai de Toni. Os dois homens tentaram persuadir Della Penta a retirar a queixa. De Frank foi cobrada uma taxa de fiança de mil e quinhentos

dólares, e, então, a queixa foi retirada quando veio à tona que Della Penta ainda estava legalmente casada. Quando ela, por sua vez, foi presa depois de um barraco com Dolly na casa dos Sinatra, respondeu com uma segunda queixa. A multa desta vez foi por outra ofensa obscura dentro do código civil daquela época – "Adultério".

Pouco antes do Natal, Frank foi preso mais uma vez e novamente pagou fiança. A insensatez teve fim apenas quando Della Penta retirou a segunda queixa. Embora ridículo, o caso deu as primeiras evidências de três traços da personalidade de Frank: promiscuidade, fúria contra a cobertura da imprensa sobre sua vida privada e uma propensão a fazer ameaças violentas.

A imprensa local tinha relatado os dois casos de aprisionamento, o segundo anunciado pela manchete "Passarinho preso por acusação moral". Frank "ligou para alguém do jornal", lembrou um amigo, "e disse: 'estou indo aí e vou te bater até seus miolos saírem para fora, tá me ouvindo? Vou matar você e quem mais tiver alguma coisa a ver com aquele artigo. E não sou passarinho bosta nenhuma'".

Nesse meio tempo, havia outro tipo de música para enfrentar. "O que Nancy não sabe não vai machucá-la", Frank teria dito para D'Orazio alguns meses antes. Agora ela sabia e estava machucada. "Nancy estava arrasada pela maldita coisa toda", disse um conhecido de Sinatra. "Houve um monte de estardalhaço e falação sobre aquilo, esteja certo." Nancy peguntou se o caso com Della Penta tinha sido a primeira vez que Sinatra teria saído da linha. Ele confessou que não, mas jurou que nunca mais aconteceria.

No começo de janeiro de 1939, convites formais foram enviados à família e aos amigos para o casamento de Nancy Rose Barbato e "Mr. Francis A. Sinatra." "Eu fiquei bastante surpresa", disse Adeline Yacenda, que conhecia o jovem casal havia muito tempo. "Eu sabia que eles não tinham planejado se casar tão cedo. O casamento foi muito, muito de repente." O convite era para o dia 4 de fevereiro de 1939, menos de duas semanas depois de Della Penta retirar suas acusações.

Dolly ofereceu um chá de cozinha para a futura noiva e um de seus próprios anéis para Frank presentear Nancy durante a cerimônia. Frank emprestou dinheiro de um amigo e conseguiu uma casaca e uma calça listrada. Nancy preparou um tradicional vestido branco de casamento que tinha sido usado antes por uma de suas irmãs.

Ela se lembrava da cerimônia, na Igreja de Nossa Senhora das Dores em

Jersey City, como não muito grande “mas muito boa”. Nancy caminhou corredor adentro no braço de seu pai com lágrimas caindo em seu rosto. O noivo tinha o que Nancy descreveu como sua “expressão de completamente ‘tomado’... Acho que nunca vi Frank tão feliz em toda sua vida”. Uma antiga namorada, Marian Brush, que passou alguns momentos sozinha com Frank ao final da recepção, teve outra impressão. Para ela, “ele parecia o homem mais triste que eu já tinha visto”.

O casal foi direto da ceia de casamento para seu primeiro lar, o qual Nancy descreveu como “gracinha de apartamento em Jersey City”. Frank estava “muito ocupado”, disse ela, para sair em lua de mel. No entanto, ele ficou todo prestativo pela casa, escolheu cortinas para a cozinha – amarelas e marrons – e as pendurou.

“Frank”, Nancy contou à imprensa alguns anos depois, “não acredita que uma esposa – e nem a dele, aliás – deva ter uma carreira própria ou seu próprio salário. Já eu, não quero meu marido ajudando com serviço de casa ou remendando suas próprias meias.” Ainda assim, Nancy trabalhou durante os primeiros anos de casamento como secretária. Mesmo com o aumento de Frank para vinte e cinco dólares semanais no Rustic Cabin, o dinheiro estava curto.

“Nosso casamento começou com um golpe contra nós”, lembrava Sinatra. “Eu estava trabalhando a maioria das noites, e Nancy trabalhava o dia todo. Não podíamos nem ter domingos juntos.” Pior ainda ficou quando se mudaram para outro apartamento, Nick Sevano sempre varava a noite lá. Frank passava muito do seu tempo livre com Sevano e Hank Sanicola.

Antes do casamento, um parente de Sinatra teria ouvido Frank dizer a Nancy: “Estou indo para o topo e não quero ninguém pendurado no meu pescoço”. Nancy teria respondido sem pestanejar, prometendo não ser uma pedra em seu caminho. Ela estava mais preocupada com os olhos perdidos do marido. Sevano, que achava Nancy “uma grande mulher”, disse que Frank “passava muito pouco tempo em casa, e nós passávamos mais tempo com ele do que ela. Ela ficava muito nervosa por causa de Frank e mulheres que ele poderia encontrar”. Dentro de dezoito meses, Frank se deu conta de que não deveria, de maneira nenhuma, ter se casado. “O que confundi com amor”, admitiu mais tarde, “era apenas a amizade calorosa que Nancy me dava.”

Desde a primeira vez que Sanicola ouvira sobre os planos de casamento de Frank, respondera pesarosamente, “Pobre Nancy...”.

O MUNDO ESTAVA EM TUMULTO quando Frank e Nancy começaram a vida de casados. Hitler tomou a Tchecoslováquia e fez uma aliança com Mussolini. Pessoas contra e a favor dos nazistas manifestavam-se em Nova York. O presidente Franklin Roosevelt sugeriu que a América não ficaria alheia à guerra iminente. Eleanor Roosevelt se demitiu da sociedade Daughters of the American Revolution[26] quando a organização impediu a cantora negra Marian Anderson de cantar no Constitution Hall em Washington. Em Nova Jersey, o popular sacerdote radical de direita Padre Coughlin continuava a culpar os judeus pelo avanço do comunismo.

O programa de rádio de Orson Welles sobre marcianos aterrissando em Nova Jersey causava pânico nacional. Hollywood arrebentava com filmes estrelados por Spencer Tracy, Errol Flynn, Mickey Rooney e Bette Davis. Judy Garland estava voando além do arco-íris. Humphrey Bogart e Jimmy Cagney tinham monopolizado o mercado de filmes de gângsteres. O álbum mais vendido do momento era *Deep Purple*, cantado por Hildegarde.

No Rustic Cabin, depois de um ano fazendo duplo papel de garçom e cantor, Frank começava a ficar impaciente. Pegava outros trabalhos como cantor quando podia, não apenas pelo dinheiro, mas também para tornar seu nome conhecido. “Estava sem rumo, atirando para todos os lados, fazendo qualquer programa de rádio sustentável [sem patrocínio] que eu conseguia”, ele lembrava. Seis semanas depois de seu casamento, estava naquele estúdio na rua West Forty-sixth de Nova York, quando o *bandleader* Frank Mane o deixou fazer sua primeiríssima gravação, *Our Love*.

O objetivo de Frank era estar onde as coisas aconteciam, ou seja, com as *big bands*. “Eu estava sem parar entre Jersey e Nova York”, lembrava, “tentando dar um pulo aqui e ali...”. Assim, deu um jeito de abordar Glenn Miller, que estava começando a fazer sucesso. “Fui até ele”, lembrava Sinatra, “e disse, ‘Glenn, eu quero um trabalho!’ Eu fiz isso mesmo!... Em essência, ele me disse, ‘Não me ligue, eu te ligo’.” O muitíssimo popular Tommy Dorsey, a quem Frank considerava “um deus”, foi convencido a ouvi-lo em “um clube”, talvez o Rustic Cabin, mas não ficou impressionado. Quando ele se levantou para partir, Frank chamou sua atenção levantando um cartaz onde lia-se: “Precisamos da grana!”. Dorsey apenas riu e se foi.

Então, Frank participou de um ensaio no Nola Studios em Nova York graças ao convite de outro *bandleader*, Bob Chester, que tinha ouvido pessoalmente

Frank no Rustic Cabin. Dorsey apareceu enquanto ele estava cantando. “Quando nos viu, ficou um pouco perturbado”, lembrava Dorsey. “Bem no meio da canção, ele esqueceu a letra.” Mesmo assim, o que o *bandleader* ouviu aquela vez o fez pensar “que a voz do garoto tinha apelo, era realmente boa...”.

Frank fez um teste com a banda de Dorsey, mais ou menos nesta mesma época, no Charlie’s Grill, um bar de beira de estrada de Nova Jersey, administrado por Willie Moretti, mas ainda não seria desta vez que Dorsey o contrataria. Uma noite no Rustic Cabin, o trompetista ficara sabendo e contara a Frank que Cole Porter estava na plateia. “Eu dediquei a canção seguinte, *Night and Day*, ao Sr. Cole Porter”, lembrou Sinatra, “e em seguida esqueci todas as palavras.”

No fim, foi a ligação de rádio do Cabin que acabou trazendo um avanço. Altas horas de uma noite em junho de 1939, a jovem cantora Louise Tobin estava se preparando para partir em viagem. O marido de Tobin era o brilhante trompetista Harry James, que deixara a Benny Goodman Orchestra para formar sua própria banda. Ele estava recebendo ajuda nessa empreitada do mafioso Gyp De Carlo. “Eu estava arrumando malas e ouvindo o rádio”, lembrou Tobin. “Naqueles dias, havia aqueles pequenos alto-falantes nos cantos dos quartos de hotel. Harry estava tentando conseguir músicos para sua banda, especificamente naquele dia ele estava procurando um cantor. Eu ouvi este rapaz cantando e soava bem para mim. Harry estava dormindo e eu o acordei e disse: ‘Querido, tem um garoto cantando que pode te interessar ouvir.’”

James dirigiu até o Rustic Cabin na noite seguinte. “Perguntei ao gerente”, lembrou, “onde é que eu podia achar o cantor. ‘Nós não temos um cantor,’ ele me disse. Nós temos é um *emcee*[27], isso sim, e ele canta um bocado.”

Sinatra dizia que fora sorte ele estar trabalhando na noite que James veio – Lucille Kirk pedira a ele que trocassem algumas noites. “É mesmo?”, disse Kirk quando soube disso, recentemente. “Foi ele que *me* pediu se eu trocaria. Tenho certeza que ele sabia que James estaria lá.” Frank vinha tentando chamar a atenção de James desde que soubera que este estava formando uma banda. De acordo com um antigo colega, ele teria até convencido alguém a deixar uma foto sua sobre a mesa de James.

Frank estava atendendo as mesas quando soube que James estava na plateia. “De repente”, lembrou James, “ele tirou seu avental e subiu ao palco. Ele tinha cantado apenas oito compassos de *Night and Day* quando senti os pelos do meu

pescoço arrepiarem.” A pedido de James, Frank seguiu com *Begin the Beguine*. James soube então, ele diria anos mais tarde, que Frank “estava destinado a ser um grande vocalista”. O *bandleader* lhe ofereceu um trabalho num local fixo, a setenta e cinco dólares semanais por um ano. Foi em boa hora, pois a gerência do Rustic Cabin havia acabado de dizer a Frank que ele estava para ser mandado embora. “Eu quase quebrei seu braço para que ele não fosse embora”, disse sobre aquela primeira conversa com James. “Liguei para Nancy e lhe disse para se demitir do emprego. Ela ia pegar a estrada comigo e com Harry James... O mundo parecia bom, dourado, glorioso.”

JAMES ERA UM BAIXINHO FRANZINO com cabelo escuro ondulado e olhos azuis que rivalizaram com os de Frank. Ele era filho de artistas de circo: seu pai, um maestro de banda, e sua mãe, uma trapezista, e aos 5 anos tinha sido nomeado “A enguia humana”. Aos 8, ele tinha começado a tocar trompete com a banda do circo. Embora tivesse apenas 23 anos ao contratar Frank, estava muito à frente dele em experiência.

James bebia muito, fumava maconha – como muitos músicos da época – e era um apostador incurável. Sua promiscuidade sexual era lendária; uma amante o chamara de “o filho da mãe mais infiel que já pisou nesta terra”. Ele era um homem solitário que fazia o impossível para não ficar sozinho. “Eu amei Harry James”, disse Sinatra anos depois, “amei por muito tempo”.

Se unir a James foi um salto adiante, mas não por muito tempo. Harry James e o conjunto Music Makers estavam sofrendo com más contratações e plateias esparsas. “Estávamos batalhando por dinheiro”, disse Louise Tobin, “e Harry não era o melhor dos homens de negócio.” Porém, ele era um músico virtuoso, e abrira para Frank um mundo de possibilidades.

No dia seguinte ao encontro no Rustic Cabin, Frank encontrou James no Paramount Theatre em Nova York. Inspirado pela textura da voz de Sinatra, James queria que ele usasse no palco o nome artístico de Frankie Satin[28]. Frank disse que não. “Consegue imaginar?”, disse uma vez. “'Agora tocando para a plateia, senhoras e senhores, o primeiro e único *Frankie Satin*...’ Se eu tivesse feito aquilo, hoje estaria trabalhando em navios de cruzeiro.”

A cantora da primeira turnê de James, Yvonne Marie Jamais, tinha sensatamente aceitado assumir um novo nome, Connie Haines. “Frank”, Haines lembrava de sua aparição no Baltimore Hippodrome, “era tão novo que nem tinha ganhado um apelido. Os fãs nem sabiam o nome dele. E depois do primeiro

show, a gritaria começou no teatro e as garotas vieram para o *backstage*... Havia umas vinte delas. Não tínhamos aquilo tudo na nossa plateia. Mas aconteceu, era real."

Frank trabalhou para James durante todo o verão e outono de 1939. Em Atlantic City, no Steel Pier, cantou para uma pista de dança gigante, congestionada de jovens casais. Em Nova York, que estava sediando a World's Fair, cantou no Roseland Ballroom na Broadway. George Simon, que tinha tocado bateria para Glenn Miller e estava começando carreira como crítico de música, o ouviu lá. "Ele parecia algo como um garoto tímido em seu primeiro encontro", pensou Simon, "gentil, amável, mas muito inseguro. Sua necessidade de aprovação também se refletia em uma rotina um tanto incomum do gerente de James, Gerry Barrett, que – depois de minha crítica sobre a banda naquela noite – praguejou não por uma boa crítica da banda, mas porque queria boas observações sobre 'o garoto'."

Barrett disse a Simon que Frank queria elogios "mais do que qualquer um que já vi. Então elogie, combinado? Porque queremos deixá-lo feliz e mantê-lo com a banda e esta é a única coisa que o faria feliz". Na primeira crítica publicada conhecida do trabalho do novo cantor, Simon mencionou "os vocais muito agradáveis de Frank Sinatra, cujo fraseado é digno de louvor".

James tinha sacado o poder de Frank. "Ele estava sempre pensando nas letras", lembrou. "A melodia era secundária. O sentimento que ele nutria pelas palavras era simplesmente lindo. Ele podia cantar a melodia errada e ela ainda ficaria bela." O controle de respiração de Frank, no entanto, precisava ser trabalhado. James sugeriu que exercitasse mais, que aprendesse a pular corda.

Muitas vezes, naquele ano, James levava sua banda para os estúdios de gravação. Cinco álbuns saíram destas sessões, cada um rendendo a Frank uma bagatela de cinquenta dólares, que ia muito além de seu ganho semanal. Esses foram seus primeiros álbuns comerciais.

"Isso era novo para ele", lembrou o baterista de James, Mickey Scrima. "Ele ficava ansioso, como todo mundo, quando estávamos gravando, porque se você não fica ansioso, você não dá a mínima para aquilo... Lembro que nos *playbacks* Frank sentava lá e era muito crítico, dizendo, 'Ai, errei...' ou 'eu devia ter feito isso ou aquilo'. Nós fazíamos três ou quatro gravações de uma canção, e ele perguntava se podia ficar com uma das que não eram usadas. Mais tarde ele a tocava vezes e vezes."

Nenhum dos álbuns se tornou *hit* imediatamente, em parte porque uma

disputa sindical com difusores impediu que fossem tocados no rádio. No entanto, relançado quatro anos depois, *All or Nothing at All* iria parar no segundo lugar das paradas:

> *All or nothing at all,*
> *Half a love never appealed to me.*
> *If your heart never could yield to me,*
> *Then I'd rather have nothing at all...*

Glenn Miller, que mais ou menos um ano antes rejeitara Frank abruptamente, ouviu *All or Nothing at All* e admitiu que tinha errado a mira. Das quatro vezes que Sinatra gravaria a canção, que se tornaria um grande sucesso, seu autor, Jack Lawrence, preferia a primeira jovial versão.

A futura esposa de James, Betty Grable, ouviu Frank cantar no Panther Room em Chicago e foi conquistada. "Aquele cara", disse ela, "canta do jeito que Clark Gable faz amor." Billie Holiday, que também estava em Chicago, foi gentilmente crítica ao estilo de cantar de Frank. "Eu fui até lá onde ele estava", ela lembrava, "e eles não queriam me deixar entrar. Mas Frank e os outros me viram, éramos quatro, e nós saímos e nos divertimos. Eu disse a ele que ele não fraseava corretamente... Ele me disse, '*Lady*, você não é comercial.'"

Um cliente do Panther Room lembrava de um encontro tocante. "O cantor deixou o palco", Julie Paresich lembra, "e eu fui ao seu encontro e me adiantei para pedir seu autógrafo. Ele ficou surpreso e parecia muito tímido. Ele me perguntou por que queria aquilo. Eu disse: 'porque gostei de ouvi-lo cantar.' Ele respondeu: 'ninguém nunca me pediu um autógrafo.'"

Talvez não fosse verdade, mas Frank raramente era modesto. Quando um jornalista perguntava sobre o "pequeno cantor franzino" que cantava tão bem, James respondia, "Não fale tão alto. O nome do menino é Sinatra. Ele se considera o maior vocalista da parada. Tome nota. Ninguém nunca ouviu falar dele. Ele nunca teve um álbum de sucesso. Ele parece um trapo molhado. Mas diz que é o maior. Se ele ficar sabendo que vocês o elogiaram, vai pedir um aumento esta noite."

Na costa oeste, nada deu certo para James e a banda. O salão de baile que haviam reservado para tocar pegou fogo, e o local substituto, um *supper club*[29] em Beverly Hills, chamado Victor Hugo, provou ser completamente inadequado. "O lugar era tão pequeno", lembrava Sinatra, "que os metais de nossa banda

empurravam as pessoas da pista com o sopro. Havia canários em gaiolas por todo lado, em viveiros… Depois do primeiro sopro, eles não deram mais nenhum pio.”

A gerência do Victor Hugo cancelou o que havia combinado e os músicos se viram cortados e quebrados. Frank e Nancy, que tinha se unido a seu marido na turnê como planejado, se viram dividindo um apartamento com dois membros da banda e passando fome. “Um monte de vezes”, lembrou um colega músico, “Frank ficava tão deprimido por não estar indo para o alto, de não estar se tornando uma grande estrela, que chegava a falar de largar tudo.” Se considerava terminar com a banda de James, não passava por sua cabeça abandonar sua ambição. Mickey Scrima, um dos colegas de quarto do casal em Los Angeles, disse que Frank falava constantemente sobre o que estava para acontecer.

Ele aspirava cantar com Count Basie, com quem Billie Holiday tinha trabalhado. Mais do que ninguém, ele se agarrou à esperança de cantar com Tommy Dorsey porque, pensava, cantar com ele seria “um mostruário melhor.” Dorsey tinha já ouvido a versão de Frank de *All or Nothing at All*, e o *bandleader* estava se estranhando com o vocalista de sua banda.

Em novembro de 1939, quando sua banda e a de James estavam em Chicago ao mesmo tempo, Dorsey se colocou em ação. Frank encontrou um bilhete escrito com garranchos, em um pedaço arregaçado de papel, na porta de seu vestiário: “Mr. Dorsey gostaria de vê-lo”. No hotel de Dorsey, um assistente pediu a Sinatra que cantasse *Marie*, uma das canções que eram marca registrada da banda. Frank ouviu a versão de Dorsey em um gravador e então cantou à capela. Sua performance, que acabou com um impressionante glissando, lhe rendeu uma audição com o próprio *bandleader*.

“No momento em que o vi, lembrei dele”, recordou Dorsey. “Eu disse: ‘Você é o menino que soprava as letras.’ Ele riu e eu também. Ele me disse que sempre havia desejado fazer parte da minha banda.” Astutamente, Dorsey deu a Frank a impressão de que o emprego poderia estar indo para outro cantor – e então lhe ofereceu um contrato de longo prazo de cem dólares por semana. Frank mordeu a isca”.

James reagiu filosoficamente às novidades. “Bom”, ele disse, “se não fizermos nada melhor nos próximos meses, me arrume uma brecha lá também.” Sinatra jamais esqueceu a generosidade de James em autorizá-lo a deixar suas obrigações. Ele falava de James como amigo e mentor, o homem “que tornou tudo possível.”

Frank passou um Natal sofrido, sozinho, enquanto trabalhava seus últimos meses com James e depois ficou de cama com pneumonia. Nancy, que estava grávida, estava em casa com seus pais em Jersey City. Ela enviou ao marido um presente para alegrá-lo durante os feriados, um par de luvas – cada dedo simbolicamente recheado com uma nota de dólar.

Frank cantou com James pela última vez em janeiro de 1940, em Buffalo, Nova York. A banda tocou no Shea Theater com Red Skelton e um acrobata chamado Burt Lancaster. Depois do show, perto da meia-noite, James e os outros músicos deixaram a cidade. “O ônibus saiu com o resto dos caras”, Frank lembrava. “Eu me despedi deles, e estava nevando. Não tinha ninguém por perto, e fiquei parado com a minha mala na mão e vi os faróis de trás desaparecerem. Aí começaram as lágrimas... Tinha tanto espírito e entusiasmo naquela banda.”

Em casa, em Nova Jersey, por uma semana mais ou menos, Frank comunicou às pessoas que ele estava deixando a cidade para sempre. Antes de fazer isso, no entanto, ele e mais três amigos se encontraram na casa dos pais dele em Hoboken. Usando um kit de gravação caseiro, fizeram uma gravação juntando só Frank e Walter Costello, um acordeonista que conheciam. Talvez porque a guerra estivesse assolando a Europa, escolheram cantar *Roses of Picardy*, uma balada melancólica sobre a Primeira Guerra Mundial:

> *She was watching and longing and waiting,*
> *Where the long white roadway lies...*

Costello disse à sua irmã que Frank fizera a gravação como uma “recordação”. “Acho que foi seu jeito de dizer adeus a Hoboken,” disse Ed Shirak, um entusiasta de Sinatra que encontrou por acaso o álbum no final dos anos 1990. “Ele sempre tivera certeza de seu destino antes de vivê-lo.”

Um dia, debruçado na janela nas Waldorf Towers, em Manhattan, Sinatra olharia para o oeste em direção à sua cidade natal. “É bem mais longe do que você pensa, de Hoboken ao Waldorf”, disse ao seu colega.”

7

“Deixe ele ir”

AOS 24 ANOS, sete após jurar que um dia teria tanto sucesso quanto Bing Crosby, Frank estava no radar musical da América. Em janeiro de 1940, mês em que assinou contrato com Dorsey, a revista especializada *Metronome* publicou os resultados de uma nova pesquisa: Bing Crosby era o melhor “jovem cantor”, com 637 votos; em décimo primeiro lugar na lista estava Frank Sinatra, com 21 votos.

Trabalhar com Tommy Dorsey mudaria estes números. Frank tinha entrado para a banda que ele considerava “nº 1 dos Estados Unidos, na verdade, do mundo, a General Motors do meio musical”. O baterista, Buddy Rich, achava Dorsey “o trombonista mais melódico e maravilhoso que já tinha vivido.” Ele era conhecido no mundo dos negócios como “Starmaker”[30], porque junto com seu talento vinha um faro para os negócios.

Dez anos mais velho que Frank, Dorsey tinha crescido em um lar repleto do som brilhante e confiante dos instrumentos de metal. Seu pai, trabalhador de minas de carvão que se tornou professor de música em uma região carente do leste da Pensilvânia, deu nas mãos do filho seu primeiro instrumento quando este tinha seis anos. Tommy e seu igualmente talentoso irmão, Jimmy, formaram seu primeiro conjunto musical – uma pequena banda de jazz – ainda adolescentes, quando Jimmy era um minerador aprendiz e Tommy, um garoto de entregas.

Depois de um longo e duro aprendizado, triunfaram como os Dorsey Brothers Orchestra. Quando brigaram e se dividiram, Tommy foi atrás de fama nacional como o The Sentimental Gentleman of Swing[31]. “Sentimental” descrevia bem a maestria que Dorsey tinha da pegada musical, de um tom quente e ao mesmo tempo fácil de dançar. A personalidade dele era algo além, mais uma vez.

“Se você conseguir aturá-lo, ele consegue te aturar”, dizia o clarinetista Buddy DeFranco, “você pode aprender um bocado com ele.” Ele exigia dedicação total, era intolerante e impunha disciplina rígida. Punia os músicos que chegavam tarde – um cantor foi demitido por perder o começo do ensaio. Ele gritava com os arranjadores. Uma vez, expulsou seu melhor baterista, Buddy Rich, para fora do palco até a rua, e noutra vez o teriam visto bater na cabeça dele com seu trombone.

Dorsey dirigia como louco e dizia muitos palavrões. Ele era um mulherengo. Bebia demais, mas era mais irritante quando não estava bebendo. “Eu faço o que eu quiser, diabos!”, dizia Dorsey. “Ninguém me diz como é que tenho que viver minha vida.”

Às vezes, ele mostrava sensibilidade, como quando parava o ônibus da banda para perguntar queixosamente: “Por que é que vocês não gostam de mim?”. E, ainda que alguém fosse novo na banda, se depararia com um desconcertante batismo de abuso. “Bom, seu merdinha”, Dorsey podia perguntar, “você vai me arrumar problema ou vai fazer tudo certinho?”.

Sinatra entrou na banda em janeiro de 1940 e, provavelmente, cantou com ela pela primeira vez no Lyric Theater, em Indianápolis. Embora novamente se falasse em mudar seu nome − “Frank Sinatra nunca vai significar muita coisa”, dissera um membro da banda – não houve mudança. O apelido de Sinatra, impresso pequeno, abaixo do de Dorsey, que vinha em grandes letras garrafais, era “Frank Sinatra, o Romântico Virtuoso”.

“Sabíamos que teríamos um novo cantor”, lembrou a vocalista Jo Stafford, “mas não sabíamos nada sobre ele... Nós nem chegamos a encontrá-lo antes de nosso primeiro show.” Há alguma dúvida sobre qual música Sinatra cantou naquela noite, mas não há dúvida sobre a recepção que teve. “Vimos sair aquele jovem de aparência realmente frágil, com um cacho grande de cabelo”, disse Stafford. “Eu só pensei, meio magro... Mas ele cantou pouco mais de alguns compassos de *Stardust* e um grande silêncio se abateu sobre o teatro... Ninguém tinha feito aquilo antes.”

O produtor de rádio de Dorsey, Herb Sanford, ouviu a mesma canção e pensou: “Cara, isso não é qualquer coisa, não”. O agente de imprensa Jack Egan lembrou de como o novato “botou pra quebrar completamente... Eles continuavam gritando por mais, mas Frank não tinha nada preparado... Ele e Tommy se uniram e Frank sugeriu que imitassem *South of the Border*... Aquilo arrebentou ainda mais.”

“A meninada começou a gritar”, disse Egan. “Não havia nada manipulado naquilo... os gritos eram reais.” Depois do show aquela noite, de acordo com um membro da banda, Frank “de fato se olhou no espelho e beliscou a si mesmo”. O trompetista Zeke Zarchy achava que Sinatra parecia “temer estar onde estava”. Frank lembrava de ter se contido por temer que os membros da banda pensassem que ele era um intruso. Outros não se lembravam de tal reserva. “Ele entrou e assumiu o controle”, disse o arranjador Sy Oliver. “Ele tinha um grau de confiança incrível para um jovem.”

A rotina da banda era fatigante, com coisa de nove shows por dia e viagens de ônibus de seiscentos e cinquenta quilômetros durante a noite até a apresentação seguinte. Frank tirou de letra. Para a admiração dos colegas, que batalhavam para se manterem apresentáveis, ele continuava visivelmente bem preparado. Isso era, em parte, devido a Nick Sevano, que meses antes, aos dezoito anos, tinha se juntado a Frank como assistente pessoal e secretário geral. Frank era extravagante, se hospedando em hotéis confortáveis, enquanto colegas se viravam com seus mais modestos quartos divididos em quatro. Ele dava boas gorjetas em restaurantes, jogava dinheiro fora. “Frank estava sempre quebrado”, disse o agente da banda, Bobby Burns, “porque emprestava um monte para os outros caras”.

Bem no começo, percebendo que Dorsey quase sempre comia sozinho depois do show, Frank e um amigo o convidaram para jantar. Dorsey retribuiu levando Frank ao Patsy’s, um restaurante italiano na 56th Street em Nova York, pressionando o proprietário para “engordá-lo”.

Frank se tornou a ponte entre os membros da banda e seu chefe. “Uma vez”, lembrava ele, “estava tendo uma grande agitação na banda por conta de termos que viajar a noite toda em um ônibus da Greyhound. Eu fui até Tommy e disse: ‘Olha, os rapazes estão descontentes – assentos duros, não tem ar-condicionado, nem umas bebidinhas. Quando eles vão para o palco, estão fora de si. Você não terá o melhor deles desse jeito. Depois daquilo, sempre tinha doze engradados de Coca-Cola em cada ônibus – até que [o pianista] Joey Bushkin apresentou à banda o Pernod[32] e todas as Cocas de repente perderam a graça.”

Uma vez, Frank assumiu o volante do ônibus e anunciou que pretendida passar Dorsey, que estava dirigindo na frente deles em seu carro. “Primeiro, todo mundo gritou com ele dizendo que estava louco”, lembrou Bobby Burns. “Aí começaram a rir. Saímos como foguete pela estrada.” Frank deu um jeito de

ultrapassar, e Dorsey respondeu bem-humoradamente, mesmo depois de saber que o motor do ônibus precisava de reparos caros.

Frank chamava o *bandleader* de “o velho”, e dizia que tinha sido “como um pai para mim.” Dorsey era uma pessoa da noite, como Frank. “Eu me sentava para jogar cartas com Tommy até umas 5h30 toda manhã”, lembrava Sinatra. “Ele nunca conseguia dormir: ele tinha menos sono do que qualquer homem que eu conhecera. E mais ou menos naquela hora eu capotava na cama, mas, às 9h30, uma mão me chacoalhava pra acordar, era Tommy dizendo, ‘Ei, camarada – que tal um golfe?’. Aí eu ia correndo para o campo de golfe. Tommy, certa vez, comprou um carrinho de bebê, encheu de gelo e cerveja e contratou um *caddie*[33] extra para dirigi-lo atrás de nós. Tomávamos uma cerveja depois de cada tacada. Depois de nove buracos, imagine – estávamos chumbados.”

Ambos tinham origens humildes e escolaridade mínima. Dorsey procurava pessoas que tivessem tido educação, assim como Frank. Ambos tinham tido mães indisciplinadas e protetoras. Dorsey adorava pregar peças infantis, assim como faria Frank no futuro. O *bandleader* deixava esponjas cheias de água nos assentos dos músicos ou ligava uma mangueira de jardim neles, das laterais do palco. Ele derrubou água com gás nos seios de uma cantora.

Ambos preferiam a colônia Courtley. Ambos usavam pasta de dente recomendada pelos dentistas. Ambos buscavam a perfeição e o controle sobre todos à sua volta. Dorsey colecionava trens de brinquedo elaborados. Ambos eram implacáveis com os inimigos. E os dois estavam em harmonia a respeito do que mais importava para eles: sua música. Frank, Dorsey dizia, “cantava uma canção como se acreditasse em cada palavra da letra... Tive outros cantores na minha banda, é possível que muitos deles soubessem mais sobre a parte técnica da música, mas nenhum nunca cantou como Frank. Ninguém nunca colocou em uma canção tudo o que ele colocava”.

Embora Tommy sequer oferecesse orientações desse tipo, Sinatra diria “Tommy me ensinou tudo o que sei sobre canto”. Ele atribuía a Dorsey seu domínio da voz e dicção, o que em suas canções raramente traía sua educação de Nova Jersey. Frank aprendera, mais do que qualquer outra coisa, de ver Dorsey tocando o trombone. Ele conseguia sustentar uma frase musical por um tempo extraordinariamente longo, prolongando o clima do momento musical, como se não precisasse respirar. Se um cantor pudesse dominar o mesmo nível de controle da respiração, pensava Frank, ele poderia minimizar a necessidade de

interromper o sentido das letras da canção. “Eu costumava observar as costas de Tommy, sua jaqueta, para ver quando ele ia respirar”, disse ele. “Eu poderia jurar que o filho da puta não estava respirando. Eu não conseguia nem ver a jaqueta dele se mexer... Eu pensava, ele tem que estar respirando por algum lugar – pelas orelhas?”.

Dorsey acabou contando seu segredo. “Ele me mostrou”, disse Sinatra, “que estava respirando pelo canto da boca, então dava para pegar ar... Mas ao segurar o instrumento, ele cobria a boca com a mão... Isso fazia *parecer* que tocava dez ou doze compassos sem respirar.”

Um cantor dificilmente poderia cobrir sua boca, mas Frank continuou atento à questão ao menos por causa de um recém-descoberto entusiasmo que impressionaria muitos jovens de sua plateia. Um convite por acaso para um concerto no Carnegie Hall acendeu nele um amor duradouro pela música clássica – Debussy, Brahms, Ravel, Rachmaninoff, Wagner. O violino do virtuoso russo Jascha Heifetz, a quem Frank fazia questão de assistir frequentemente, fortaleceu seu sentimento de que, para um cantor, controle de respiração era de suprema importância.

“Toda vez que ele descia o arco”, disse Sinatra, “mal se percebia que ele estava subindo de volta... Você nunca ouvia uma quebra … Eu pensava, se ele está fazendo isso com o arco, por que é que não posso fazer melhor do que eu faço hoje ao usar minha respiração? Minha ideia era fazer minha voz trabalhar da mesma forma que um trombone ou um violino.”

Frank se preparou para melhorar sua respiração. “Fiz um monte de exercícios, exercícios de respiração. Fiz corrida e esse tipo de coisa.” Ele costumava nadar preferencialmente debaixo d’água para manter o fôlego o mais forte possível.” O treinamento físico, acreditava Joe Bushkin, teria permitido a Frank aumentar sua extensão em três notas. Sammy Cahn o viu em ação com Dorsey e ficou maravilhado. “Frank conseguia sustentar uma frase imensa”, disse ele, “até que aquilo o levasse para um tipo de paroxismo − se ele engasga, todo seu corpo parece explodir, para se libertar.”

Frank retornou ao seu antigo professor de canto, John Quinlan, para praticar “exercícios para a garganta.” Quinlan o convencera da importância de vocalizes, de cantar sem palavras, todos os dias, uma disciplina a qual Sinatra atrelaria toda sua vida de trabalho. Sempre que possível, antes das apresentações, Frank ensaiava vezes e mais vezes, com Hank Sanicola acompanhando ao piano.

Dois anos antes, no Rustic Cabin, um outro garçom cantor dissera que Frank

era um cantor do “bel canto”. Agora, com o sucesso acenando, Frank decidira que o “bel canto” poderia ser “algo diferente” do que ele precisava. A expressão italiana, que remonta à Idade Média, significa simplesmente “canto belo”. Articular o sentido completo do “bel canto” para leigos, no entanto, tende a iludir os maiores especialistas. O compositor Albert Innaurato chamara (o “bel canto”) de “coisa inalcançável... aquele balanço impossível entre palavra e tom... simultâneos som e sentido emergindo de emoção poderosa.”

Innaurato achava que Sinatra dominava as técnicas do “bel canto”, normalmente almejadas por cantores de ópera, sem forçar a potência operística. Tanto ele quanto Ella Fitzgerald, escreveu, “têm teatros de ópera em suas gargantas, e a respiração de uma vida flui em suas vozes, fazendo nossas almas vibrarem em resposta”. Luciano Pavarotti achava que Sinatra na maturidade tinha se aproximado “bastante do *bel canto*”.

Ouvintes menos sofisticados, apontou um crítico musical, podem ter ouvido a técnica de Frank e achado que soava como “gemidos e mugidos”. Mesmo Connie Haines, que também se mudou da banda de Harry James para a de Dorsey, não entendia muito, no começo. “Não sabia se eu dava importância para aquilo”, ela lembrou. “Nós tínhamos vozes bem treinadas antes daquilo, sabe. Mas Frank acreditava nas *palavras,* como um ator. Ele transmitia a mensagem. Quando era uma jovem cantora, não entendia. Mas, hoje, quando o ouço, acho que ele era o melhor cantor do mercado – de todos os tempos.”

Depois de três meses junto com Dorsey, Frank estava ganhando adeptos. Um trio de músicos, incluindo o predecessor de Frank na banda de Dorsey, Jack Leonard, foi ver o “novo garoto” em uma performance em Nova York. “Tínhamos certeza de que ele ia tropeçar no próprio rabo”, lembrou o pianista Joel Herron, “mas quando ele começou a cantar, afundei na minha poltrona. Me senti humilhado pelo cara que estava sentado do meu lado – Leonard – e que tinha se tornado a coisa mais ultrapassada do mundo.”

Em maio de 1940, a banda de Dorsey tocou em uma casa noturna no Hotel Astor, perto da Times Square. Um bar famoso estava reabrindo naquela noite, e o lugar estava cheio de celebridades. Quando Frank cantou *Begin the Beguine*, lembrou Joe Bushkin, “o lugar foi à loucura”. Quando seguiu cantando com *Polka Dots and Moonbeams*, lembrou ele, “as pessoas ainda estavam pirando”. Aquilo acabou colocando um problema, pois a banda não tinha mais músicas para Frank solar no repertório. “Canta qualquer coisa que você quiser com Joe”, disse então Dorsey, e aí Frank e Bushkin deram um jeito de se virar com muitas

canções não ensaiadas. Bushkin foi derrubado, no entanto, quando Frank pediu que o acompanhasse em *Smoke Gets in Your Eyes*. “Se você conhece essa música”, disse Bushkin, “sabe que você pode realmente ficar perdido no meio... Estou lá sem a faca nem o queijo, cara... Não consegui achar a mudança de acorde. Quando vejo, Frank estava lá cantando sozinho.” Buskin se sentiu tão sem saída que, por alguns minutos, chegou realmente a sair do piano.

Mesmo assim, Frank não perdeu a plateia. Aquela foi a noite, achava Bushkin, que “Sinatra aconteceu.” Multidões se amontoaram até o Astor e o contrato da banda foi prorrogado. O lugar ficou lotado durante todo o verão.

FRANK ESTAVA ANSIOSO para gravar discos, e com Dorsey ele tinha uma grande oportunidade. Na era anterior à dos *long-plays*, lembrou Frank, o lance era fazer correndo “três minutos apelativos de fortes emoções de música comercial” sempre que possível. Oitenta e oito canções com Sinatra foram lançadas nos quase três anos que ele ficou com a banda, mais de quarenta delas somente no primeiro ano. Um destes casos foi *I’ll Never Smile Again*.

A canção foi escrita por uma jovem pianista lamentando a morte de seu marido. Chegou a Dorsey como um gravação demo, mas, por algum tempo, ele não se importou em ouvir. Quando ele e seus colegas finalmente o fizeram, em seu escritório no Rockefeller Center em Manhattan, perceberam que a música tinha apelo comercial óbvio. Então, ele deu uma chance para os Sentimentalists, um grupo formado por Frank como vocalista e o quarteto Pied Pipers. Ele os apressou para cantarem “bem tranquilo, como se fossem cinco pessoas sentadas em volta de um piano em uma sala de estar.” O trombone de Dorsey e um piano tilintante sustentavam a melodia:

> *I’ll never smile again,*
> *Until I smile at you.*

A canção foi para o topo das paradas por doze semanas, começando na metade de julho de 1940, tocando ininterruptamente no rádio e nas *jukeboxes* de todo o país. Embora Frank tenha recebido os créditos no selo do disco, sua contribuição lhe rendeu um bônus de apenas vinte e cinco dólares. Ainda assim, todos os envolvidos sabiam que ele tinha feito um avanço e que *I’ll Never Smile Again* era o marco de uma carreira.

Logo apareceram mais *hits* da dupla Dorsey-Sinatra dedicados à solidão: *Everything Happens to Me*, o lamento de um cara cuja garota o havia

dispensado, *Stardust* e *I Guess I'll Have to Dream the Rest*, uma canção de amor não correspondido. Incontáveis canções que seriam gravadas por Sinatra tinham esse tema. A solidão se tornaria seu instrumento de trabalho.

Além dos programas de música, o rádio estava cheio de notícias sobre a guerra. Edward R. Murrow, correspondente de Londres para a CBS, trazia o baque das bombas que explodiam e das sirenes gritando para dentro das salas dos americanos. Winston Churchill prometia o desafio resoluto a Hitler "até que, quando Deus quisesse, o Novo Mundo, com todo seu poder e força, desse um passo à frente para o resgate." Embora mais de um ano tenha se passado antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, o clima estava instaurado. Em outubro de 1940, o presidente Roosevelt anunciou que dezesseis milhões de americanos seriam convocados a se alistar. Frank, que era um deles, preencheu um formulário do Serviço de Seleção começando por declarar que não tinha "nenhum desvio mental ou físico, nem doenças".

Milhares dos que já estavam envolvidos na guerra eram ouvintes de Frank. "Jovem rapaz", Churchill lhe disse anos depois, "você pertence ao meu povo, assim como ao seu próprio, pois era sua a voz que os embalou no verão infame de 1940."

No outono, quando a banda estava se apresentando no salão de baile Palladium, em Los Angeles, foram recrutados para aparecer em um filme medíocre da Paramount chamado *Noites de Rumba* (*Las Vegas Nights)*. Frank teve que cantar *I'll Never Smile Again* por uma taxa extra de uns quinze dólares por dia. O sonho dos membros da banda, lembrou Bobby Burns, era que sua permanência temporária em Hollywood significaria "deitar ao sol, comer abacates e andar com belas jovens estrelas ao luar." Frank viveu aquele sonho. Se acomodou em uma suíte de luxo, pendurando a conta em nome de Dorsey, e lá instalou uma atriz loira, Alora Gooding. O caso dos dois continuou por algum tempo. Nick Sevano considerava Gooding como "o primeiro grande amor de Frank longe de casa... Ela foi seu primeiro contato com o *glamour*, e ele ficou louco por ela".

Nancy descobriu sobre a outra mulher e tinha uma razão especial para se sentir traída. Quatro meses antes, tinha dado à luz a uma filha, chamada de Nancy em homenagem à mãe. Frank estava animado com a notícia e a apelidou de "Miss Moonbeams"[34]. Sua canção *Nancy* (com o sorrisinho) – não ideia sua, mas de um amigo anos mais tarde – se tornaria a favorita entre os soldados. Na

aparência, o casamento dos Sinatra parecia sólido. Porém, na realidade, tinha sido turbulento desde o início e agora, mais do que nunca, devido às infidelidades de um jovem sempre longe de casa.

Joe Bushkin, que gostava de Frank, o via agir em campo do posto de observação de seu piano. “Frank dava um tapinha no meu ombro e dizia, ‘Olha só o que eu vou fazer!’ Alguma garota com muita birita na cabeça estava sacudindo na pista de dança... Sempre que ele podia tentar algo com uma mulher, ele tentava.”

Andar por aí não foi nada difícil. “Eu costumava ficar lá no palco, tão impressionado que quase esquecia de fazer meus solos”, disse Dorsey. “Dava para sentir a excitação vindo das massas quando aquele garoto levantava para cantar. Ele não era um ídolo de matinês. Ele era um garoto magrelo com orelhonas. E, ainda assim, o que ele fazia com as mulheres era incrível.”

A colunista Liz Smith, na época uma adolescente de dezessete anos de Fort Worth, Texas, saboreava as memórias. “Eu olhava para ele ali, em pessoa, e suspirava”, lembrava ela. “Nossos namorados ficavam furiosos que olhássemos sobre seus ombros, com os olhos perdidos, sem ouvir o que eles estavam dizendo.”

Peggy Maley, uma futura atriz, viu Frank no Astor Roof durante uma temporada em casa, de férias do colégio de freiras. “Lá estava aquele cavalheiro esbelto, cantando com sua voz fantástica. Sua garganta tremia como... como... Eu ficava enfeitiçada. Eu me apaixonei pela voz dele.”

Shirley Kelley, uma fã que ouviu Frank em Montreal, achava que era “o jeito que ele acariciava a canção, fraseando as palavras de modo que cada uma de nós sentíssemos: ele está cantando para *mim*. Meio hipnotizadas, parávamos e balançávamos, chegando mais perto do palco e dele... Não consigo lembrar de nada do jovem rapaz que me levou para dançar em meu primeiro grande encontro. Quando tento, o que me lembro é do carisma poderoso do jovem Frank Sinatra”.

“Eu consigo a boneca que eu quiser”, Frank disse em uma viagem para Hoboken, de acordo com seu amigo Joe D’Orazio. “Eu não consigo me segurar mais. Não quero machucar Nancy. Só não quero mais dormir com ela.”

Em uma conversa com Sammy Cahn, Frank deixou claro que seu casamento estava em apuros. “Pouco tempo depois que tivemos a pequena Nancy”, ele admitiu muito depois, “eu sabia que nosso casamento ia mal. Devíamos ter ficado muito contentes, mas não estávamos.” Como colocou Bushkin, a mulher

com quem Frank havia se casado era “respeitada na vizinhança”, mas Frank desistira da vizinhança.

Em turnê com Dorsey, Frank escreveu uma carta para sua esposa cheia de autocomiseração. Ela poderia duvidar da sinceridade dele, escreveu ele, “por causa dos acontecimentos passados”, mas ele prometia melhorar.

Enquanto o casamento continuava seu lento colapso, Frank colaborava com Hank Sanicola em uma canção chamada *This Love of Mine*, uma das duas únicas em que ele contribuiu com a letra. Ele cantava essa canção no estilo de *I'll Never Smile Again*, e as palavras eram dolorosamente aplicáveis à situação de sua mulher:

I cry my heart out – it’s bound to break,

Since nothing matters, let it break.[35]

Nancy preferia aquela música, dizia Frank, entre todas as da fase inicial de sua obra.

“NADA SIGNIFICAVA MAIS PARA ELE DO QUE sua carreira”, disse Nick Sevano. “Ele tinha um direcionamento como eu nunca vi em ninguém.” Dorsey dissera repetidas vezes que Frank tinha que tomar a liderança de apenas um cantor, Bing Crosby. Em 1940, no entanto, Frank lembrou de pensar que talvez o mundo não precisasse de outro Bing Crosby.

Durante a filmagem de *Noites de Rumba*, Crosby tinha dado uma parada no estúdio e ouvira Frank cantando *I'll Never Smile Again*. “Esse Sinatra”, disse Crosby para Dorsey logo depois, “é muito bom, Tommy. Acho que você tem algo grande aí.”

Na primavera de 1941, passados seis meses e vários sucessos, Frank foi eleito como cantor número um em uma pesquisa feita entre estudantes universitários. No final daquele ano, três das maiores revistas de música lhe classificariam em primeiro lugar. A coroa de Crosby estava sob ameaça, e Frank era seu maior rival. Os americanos debatiam apaixonadamente sobre os méritos de cada cantor.

O crítico George Simon, da *Metronome*, que já vira bastante de Frank naquele período, dizia que ele tinha se tornado “insuportavelmente convencido”. Frank contou a Sammy Cahn, como contara a Harry James, que esperava ser “o melhor cantor do mundo”. Ele disse algo bem semelhante durante um encontro no salão de baile de Nova Jersey, com o escritor do *show business* Earl Wilson.

Frank estava botando banca. “Ele não gostava de mim porque eu era do sul e não era sofisticada-de-Nova-York como ele achava que era”, disse Connie Haines. “Ele me chamava de caipira provinciana. Ficava imitando o que eu fazia por detrás enquanto eu dançava o *jitterbug*[36] e cantava. Às vezes, eu saía (correndo) do palco em lágrimas. Uma vez, ele se enfureceu e disse: ‘Não vou cantar no mesmo microfone que ela. Quero dois microfones’.”

Dorsey, que reprimira Frank naquela ocasião, lembrava como ele conseguia “se irritar como uma criança.” Ele também era suscetível a rompantes de violência – um traço que já mostrara em seus dias do Rustic Cabin. “Eu estava trocando de vestido no vestiário”, lembrou Lucille Kirk, “quando ele entrou agitado de raiva por alguma coisa. Pegou o espelho de maquiagem e simplesmente o arremessou. O espelho quebrou, e ele ficou louco de raiva outra vez. Ele tinha um temperamento difícil.”

Às vezes, Frank procurava briga. Quando o baterista de Harry James, Ralph Hawkins, fez um comentário sarcástico sobre cantores, ele quis resolver o problema com os próprios punhos. Se um bêbado na plateia se tornasse um transtorno, Frank ia para cima dele. Quando alguém jogava pipoca no palco, lembrou Jo Stafford, “ele saía voando do palco... pronto para trucidar a pessoa”. “O problema de andar por aí com Frank”, disse Milton Berle, que o conheceu em 1940, era que “eu sempre acabava em brigas”.

As briguinhas de Frank com o baterista Buddy Rich levavam à violência. Ambos eram músicos brilhantes com egos colossais e pavio curto. Eles eram amigos – dividiam quarto, sentavam juntos nos ônibus de turnê – mas começavam a discutir por bobagens. Tudo começava com coisas triviais, mas os verdadeiros conflitos eram os profissionais. Rich sentia que o foco da banda em baladas leves, o estilo de Sinatra, lhe dava pouca chance para mostrar suas habilidades. Em seu direito de estrela, se ressentia do fato de que Frank tinha sido conferido de mais proeminência do que ele. Ele encontrava meios de irritar Frank, tocando muito alto a bateria, ou no tempo errado, ou falando alto quando Sinatra estava cantando.

Uma noite, durante um bate-boca nos bastidores, Frank explodiu. “Buddy estava atrás de mim gritando com Frank”, lembrou Jo Stafford. “Onde Frank estava parado tinha uma travessa grande com aqueles jarros velhos cheio de água gelada... Depois disso, tudo que ouvi foi um barulho tremendo acima da minha cabeça. Frank tinha pegado um desses jarros e jogado em Buddy. Se aquilo

tivesse acertado, o teria machucado gravemente, e talvez até o tivesse matado." Sinatra e Rich começaram a se esbofetear e então foram separados por colegas.

Em 1º de setembro de 1940, a revista *Down Beat* relatou que Rich tinha apanhado na rua de dois homens, ficando com machucados que tinham deixado seu rosto "como se tivesse sido esmagado por uma pá." Os agressores eram totalmente desconhecidos para Rich, de acordo com seu biógrafo Mel Tormé, e também não teriam roubado nada. A surra que deram, escreveu Tormé, foi "friamente eficiente e profissional".

Rich perguntou a Frank se ele estava por detrás do ataque. Frank hesitou e, então, confessou que "ele tinha pedido um favor para uma dupla de caras de Hoboken." Mesmo depois daquela confissão, eles retomaram a parceria mais para frente. Quando Rich quis formar sua própria banda, Frank lhe emprestou uma boa soma de dinheiro. Eles se apresentaram juntos por muito tempo ainda, e Frank foi quem ajudou quando Rich estava seriamente doente. A relação dos dois encapsulava as manifestações dos extremos da personalidade de Sinatra – da retaliação violenta para a generosidade extravagante. "Ele é o homem mais fascinante do mundo, mas não coloque a mão na jaula", disse Tommy numa observação que ficou famosa.

No começo de 1941, as relações do *bandleader* com Sinatra estavam se deteriorando. As birras e o temperamento de Frank tinham se tornado um aborrecimento para Dorsey, que já tinha o pavio curto. Ele mandou Frank para casa na noite em que ele jogou o jarro em Rich. A banda funcionava sem um cantor, ele reclamou, mas não sem um baterista. Ele despediu Frank quando tornou as coisas difíceis para Connie Haines, mas logo o contratou de volta. Um verdadeiro abismo se estabeleceu entre os dois homens, e ele só dependia da proporção do sucesso de Frank. O informante de Dorsey, "Bullets" Durgom, cujo trabalho era aquecer o interesse nas estações de rádio, descobriu que "tudo que eles queriam saber era de Frank." "Esse garoto ainda vai ser grande", disse a um repórter, "se Tommy não acabar com ele antes. Tommy não gosta de Frank roubando a cena – e ele não gosta de gente temperamental como ele próprio."

Dorsey gostava da disciplina em seus músicos – ele vestia a banda com uniformes – e aquilo não se adequava a Frank. O *bandleader* deplorava o pequeno cacho na testa que deixava Frank afetado e uma vez ordenou que deixasse o palco e "fosse pentear seu maldito cabelo". Toda noite, como seus colegas "vocalistas", Frank tinha que sentar com os braços cruzados até que Dorsey lhe desse sinal para ir para o centro do palco. "Éramos como

marionetes", lembrou, "e Tommy era o cara que puxava as cordinhas." Frank aturou trabalhar na sombra de Dorsey por muitos meses, mas não aguentava mais. No outono de 1941, segundo conta, ele deu a Dorsey a advertência do ano. "Tommy ficou muito bravo", disse, "se recusou a falar comigo por meses." Dorsey subiu o salário de Frank para duzentos e cinquenta dólares por mês, mas corria nos círculos musicais que Frank poderia entrar em greve.

Em janeiro de 1942, Dorsey autorizou Frank a gravar como solista. Aquele era um grande salto, e ele ensaiou intensivamente antes da sessão de gravação em um estúdio de Los Angeles. "Era um momento de muito nervosismo", lembrou o arranjador de Dorsey, Axel Stordahl. "Frank não sabia o que podia acontecer – se venderia sozinho em uma gravadora. Nunca vou esquecer de quando ele pegou os *dubs* [as cópias iniciais]. Nós sentamos no quarto de Frank no Hollywood Plaza Hotel e ouvimos por vezes e vezes. Este foi um ponto de virada de sua carreira."

Connie Haines lembrava da cena quando a banda ouviu o primeiro trecho. "Frank sentou em um banquinho. Ele estava vestindo um daqueles chapéus que Bing Crosby tinha tornado popular. Estava virado para baixo sobre sua cabeça, bem no ângulo certo, e ele tinha um cachimbo na boca. Eu observei... Pequenos movimentos involuntários de seus ombros, olhos, dedos... Quando a última nota foi finalizada, todos nós sabíamos que seria um sucesso. Então, eu o ouvi dizer, 'Hey, Bing, velhão. Mexa-se. Lá vou eu'."

As quatro canções que Frank gravara naquela primeira sessão solo − *Night and Day*, *The Night We Called It a Day*, *The Song Is You* e *The Lamplighter's Serenade* − tiveram boa recepção. Ele continuou a ficar no topo das pesquisas de popularidade. Nos concertos, multidões pediam bis depois de bis. Dorsey teria aumentado seu salário para quatrocentos dólares por semana (o que seriam, hoje, 4.500 dólares).

Mesmo assim, Frank continuava péssimo, um poço de nervos. Ele beliscava sua comida, voava de médico para médico. "Ele começou a falar sobre morte e sobre morrer", lembrava Nick Sevano. "Ele me dizia que achava que não viveria muito tempo." Frank estava neste estado, segundo contara a Sevano e Sanicola, porque sentia que tinha que deixar Dorsey ou então seria ultrapassado por outros cantores.

Quando Frank disse novamente a Dorsey que pretendia partir em breve, o *bandleader* primeiro reagiu com descrença; depois com um pedido de que ficasse e, então, com raiva. Frank, ele insistiu, tinha que ficar com ele até o final

do contrato – mais dois anos. Na esperança de que Dorsey desistisse dele, Frank começou a aparecer tarde para transmissões e a sair no meio de sessões de gravação. Nada disso funcionou.

Mais desesperado ainda, Frank trabalhou durante o verão de 1942 em uma agenda sufocante que levou a banda a Nova York, Montreal, Detroit, Filadélfia, Baltimore, Washington e para a região centro oeste. Em Washington, disse a Dorsey, de uma vez por todas, que estava partindo. O *bandleader* o fez assinar um acordo de separação, que depois rasgaria: “Deixe ele ir. Pode ser que seja a melhor coisa pra mim”.

Frank cantou com a banda pela última vez em 10 de setembro de 1942, em Minneapolis. Enquanto as bebidas rolavam depois do show, de acordo com Dorsey, Frank “estava literalmente chorando no meu ombro... deprimido com o que aconteceria com sua carreira”. Três meses perto de seu vigésimo sétimo aniversário, depois de quase três anos com a maior banda do país, ele seguia sozinho – mas atado a amarras horrendas.

“Você não vai deixar esta banda tão fácil quanto pensa”, dissera Dorsey. Frank tinha ignorado as cláusulas no documento que o tinha libertado. Dentro dos termos do acordo, Frank tinha concordado em pagar um terço de todos seus ganhos futuros que ultrapassassem cem dólares, pelos próximos dez anos, para Dorsey. Outros 10% “além do teto” iriam para o agente de Dorsey. Essas deduções seriam feitas antes de sofrerem expensas e taxações. É possível, mais ainda, que o trato não se aplicasse apenas por dez anos, mas por um período ilimitado de tempo. (Frank também tinha que pagar 10% de todos seus ganhos para o agente que ele contratara para o representar como artista solo).

No ano seguinte, quando os dólares estavam rolando para dentro, Frank disse à imprensa que era “errado qualquer pessoa possuir um pedaço dele.” Ele então desconsideraria o acordo de Dorsey como se fosse apenas “um pedaço impertinente de papel”. Quando falhou em honrar o acordo, Dorsey e seu agente o processaram. Então, de repente, dois dias depois da ação de Dorsey ser arquivada na Califórnia, ela foi retirada da corte.

“Eu contratei um bocado de advogados para me livrar daquilo”, disse Frank, uma década depois. “Eles falaram com Dorsey, mas ele não cedeu. Finalmente, me recomendaram a um respeitado advogado teatral, Henry Jaffe, e ele me levou a Jules Stein, diretor da maior agência cênica, a Music Corporation of America[37]. Sr. Stein estava ansioso para me representar e assegurou minha

liberdade por sessenta mil dólares, ele contribuindo com trinta e cinco mil e eu pagando vinte e cinco mil dólares [seiscentos e vinte e cinco mil dólares hoje].”

Sinatra deu mais detalhes anos depois. Dorsey inicialmente recusara a ceder, disse, insistindo: “Não! Não! Não! Não! Eu quero um terço do salário dele pelo resto de sua vida – enquanto ele viver”. Usando sua influência como conselheiro pela American Federation of Radio Artists[38], segundo Sinatra, Jaffe respondeu com uma ameaça direta. A conversa foi assim:

Jaffe: “Você gosta de tocar música em salas de hotéis e de ter a nação te ouvindo no rádio? Gosta de ser transmitido pela NBC?”.

Dorsey: “Claro que sim”.

Jaffe: “Pois não vai mais... Bom, que tal conversarmos sobre Frank Sinatra e veremos que tipo de acordo podemos fazer – se você quiser continuar no rádio”.

Como contou Sinatra, aquela foi a conversa que quebrou a resolução de Dorsey e o persuadiu a chegar a um acordo.

A versão de Dorsey sobre o episódio começou a vir à tona apenas uma década depois, em um artigo de revista de 1951. Ele teria sucumbido, segundo o que citavam de Dorsey, só depois “de receber a visita de três sujeitos aparentando serem homens de negócios, que lhe disseram com a boca bem aberta para ‘assinar ou esperar pela outra opção’. O antigo diretor de entretenimento de cassinos de Las Vegas, Ed Becker, disse que Dorsey contou em particular sobre o episódio. “Tommy me disse que era verdade”, lembrou Becker. “Ele disse, ‘Três caras da cidade de Nova York vindo pelo caminho de Boston e Nova Jersey me abordaram e disseram que queriam comprar o contrato de Frank’. Eu disse ‘O diabo que vocês vão comprar.’ Então eles sacaram uma arma e disseram: ‘Você quer assinar o contrato?’ E eu assinei”.

Sinatra insistiu que nada remotamente parecido com aquilo teria jamais acontecido. Um antigo advogado de Dorsey, bem como um assistente atual, disseram não saber dessa intimidação. O amigo de Frank, Brad Dexter, no entanto, disse que Frank lhe contara que a história era verdadeira. Dois dos filhos de Dorsey disseram que a ameaça foi discutida em família. “Tenho certeza de que aconteceu de fato”, disse seu filho, Tommy Dorsey III. A filha de Dorsey, Patricia, que contou ter ouvido sobre o episódio dos avós, disse: “Havia uma ameaça de que alguém ia sequestrar meu irmão e a mim. Acredito que esse foi o tipo de ameaça que levou meu pai a ir em frente e deixá-lo sair do contrato”.

Antes de sua morte em 1956, Dorsey contou a Lloyd Shearer, o então

correspondente da costa oeste para a revista *Parade*: “Recebi a visita de Willie Moretti e um bando de seus rapazes. Willie passou os dedos sobre uma arma debaixo da roupa e me disse que ficava feliz de saber que eu deixara Frank fora de nosso contrato. Entendi a mensagem”.

A primeira confirmação do envolvimento de Moretti veio em 2005, quando a edição em capa mole de seu livro estava sendo preparada. Dan Lewis, um repórter do *Paterson Call* de Nova Jersey, lembrou de como a gangue cultivava sua amizade nos anos do pós-guerra – na esperança de envolvê-lo em um esquema de jornal. Ele veio a conhecer Moretti o suficiente para perguntar se havia um fundo de verdade em ele ter interferido na disputa de Frank com Dorsey. O mafioso sorriu, lembrava Lewis, e respondeu mais ou menos dessa forma: “Digamos que fizemos um bom trato, que deixou todo mundo feliz... Digamos apenas que tomamos conta direitinho de Sinatra”.

O mafioso Joseph “Doc” Stacher[39], que trabalhava para o pessoal de Luciano, disse: “Os italianos entre nós tinham muito orgulho de Frank. Eles sempre nos contavam que tinham gastado um monte de dinheiro ajudando-o com sua carreira, desde que entrara para a banda de Tommy Dorsey.”

O próprio Luciano falou, antes de sua morte, do tempo “em que alguns trocados foram necessários para trazer Frank para o público... Acho que cinco ou seis mil. Eu liberei o dinheiro e ele saiu do fundo, embora alguns caras tenham colocado um pouco mais do próprio bolso. Tudo isso o ajudou a se tornar uma grande estrela.”

Desde quando a Máfia forçou Dorsey a recuar, segundo um documento do Federal Bureau of Narcotics afirmava nos anos 1950, Sinatra se tornou “um dos muitos no mundo do entretenimento que sabidamente colaborava com a Grande Máfia.” De acordo com seu amigo Sonny King, Luciano e Frank Costello “designaram” dois mafiosos específicos para cuidar de Sinatra. Joe Fischetti, disse King, devia estar “sempre por perto dele”. Sam Giancana, o futuro chefe da Máfia de Chicago, estava lá para se colocar em ação “se maiores problemas aparecessem”. Nas palavras da esposa de Giancana, Phyllis McGuire, Frank continuou “amigo dos Meninos por anos, desde que precisou se livrar do seu contrato com Tommy Dorsey”.

“Você não conhece os italianos do jeito que os italianos se conhecem”, disse Gene DiNovi, um pianista ítalo-americano que trabalhava com Sinatra. “Italianos tendem a virar dois tipos de gente: Lucky Luciano ou Michelangelo.

Frank é uma exceção. Ele é as duas coisas.”

8

“F-R-A-N-K-I-E-E-E-E-E!”

“ESPERO QUE VOCÊ TROPECE NO SEU PRÓPRIO RABO!” Tommy Dorsey disse a Frank quando a disputa entre os dois teve fim. Ele não acreditava que Sinatra duraria muito sozinho.

Frank devia ter deixado Dorsey e ido direto para um contrato lucrativo com a Columbia Records. Um alto executivo da Columbia, Emanuel “Manie” Sacks, há muito reconhecera seu talento e lhe prometera gravar como solista quando estivesse livre. Quando ficou, contudo, a indústria de gravação havia sido paralisada por problemas trabalhistas que efetivamente fecharam os estúdios por dois anos.

Assim, Frank seguiu para Hollywood. Fez uma pequena ponta cantando em um filme B chamado *Alvorada da Alegria* (*Reveille with Beverly)*, tentou e falhou em um emprego como cantor de equipe para a NBC, e, então, foi para o leste. O comediante George Burns o rejeitou e, em vez dele, contratou um grupo vocal, os Three Smoothies – também conhecidos como Babs and her Brothers – para um quadro semanal em seu programa de rádio. Sacks lhe arrumou um programa de quinze minutos na CBS Radio, o que lhe rendeu uma exposição midiática importante. No final de 1942, no entanto, Frank estava de volta a Nova Jersey, atuando em teatros provincianos.

Sua sorte mudou em 12 de dezembro, seu vigésimo sétimo aniversário, graças a um agente persistente de Nova York, chamado Harry Romm. Depois de semanas de tentativa, Romm conseguiu a atenção de Robert Weitman, diretor do Paramount Theater, o espaço mais quente da música e do cinema na Broadway. Weitman já tinha sucesso garantido com um programa de Ano-Novo, a comédia musical *Star Spangled Rhythm*, estrelada por Bing Crosby, acompanhado da banda de Benny Goodman.

Apesar disso, Romm insistiu muito sobre Sinatra. “Dê uma chance. Venha e veja por você mesmo”, ele se lembrava de ter dito a Weitman. “É a coisa mais infernal que você já viu. Um menino magrelo que parece mais estar passando fome está cantando no Newark e as garotas estão gritando e desmaiando por todo o bar. Tem que ver para crer.” Weitman concordou em ir ao cavernoso Mosque Theater de Newark para ouvir Sinatra se apresentar. O lugar estava cheio menos que a metade. “Aí”, lembrou ele, “aquele garoto magrelo entrou no palco. Ele não era muito mais velho que os garotos que estavam assistindo. Ele parecia ainda ter leite em seu queixo. Assim que o viram, a meninada enlouqueceu. E quando ele começou a cantar, ficaram de pé e gritaram e gemeram e continuaram até eu achar que – desculpem a expressão – suas calças tinham caído.”

Weitman botou para quebrar em poucas horas. “Ele me ligou na casa noturna”, lembrou Frank, “e disse, ‘O que você vai fazer na noite de Ano-Novo?’. Eu disse, ‘Coisa nenhuma. Não consigo reserva em lugar algum...’ Ele disse: ‘Queria que você estreasse lá na biboca’. Ele costumava chamar a Paramount de ‘a biboca’. Eu disse: ‘Você quer dizer na noite de Ano-Novo?.’ Ele disse: ‘Isso mesmo’... Eu caí de bunda no chão.”

O Paramount era majestoso, a mais alta estrutura da Broadway ao norte do Woolworth Building. O globo de vidro iluminado no topo do prédio podia ser visto de Nova Jersey. Era o modelo para os vastos palácios cinematográficos da época, e seu auditório de veludo vermelho e dourado acomodava quase quatro mil pessoas. Bing Crosby, Rudy Vallee, Fred Astaire, Gary Cooper, Mae West e Claudette Colbert estavam entre as estrelas que tinham visto seu nome na marquise debaixo do grande arco ornamental do Paramount. Na madrugada de 30 de dezembro, quando Frank chegou para ensaiar, havia seu nome abaixo do título do filme e “Benny Goodman e sua Banda”, e junto com o crédito para a comédia *Radio Rogues*: EXTRA – FRANK SINATRA.

A noite foi fundamental. Tendo em vista todo seu sucesso inicial, ele ainda era relativamente desconhecido. Quando Weitman disse a Goodman que Frank estaria no show, Goodman perguntou: “Quem é ele?” O comediante Jack Benny apresentou Frank no palco como se fosse um apadrinhado – como um favor para Weitman. Na verdade, nunca tinha ouvido falar dele antes.

Assim que o nome de Sinatra foi pronunciado, no entanto, veio da plateia uma reação que nenhum dos presentes jamais esqueceria. “Achei que o diabo do prédio ia vir abaixo”, disse Benny. “Pessoas correndo para o palco, gritando.”

Weitman recorda que houve um grande grito da plateia: “F-R-A-N-K-I-E-E-E-E-E!”. O próprio Sinatra lembrava-se de um som que foi “absolutamente ensurdecedor... um tremendo urro”. Conduzindo de costas para a plateia, Goodman não podia imaginar o que estava acontecendo.

Frank gelou aterrorizado de medo por um momento, depois explodiu em risada. Ele não se lembrava, depois, se tinha começado cantando *For Me and My Gal* ou *That Old Black Magic*. “Os devotos”, escreveu o editor do *The New Republic*, Bruce Bliven, tinham reconhecido “um jovem de aparência agradável”, que “com grandes passos desajeitados se move desajeitadamente para o centro do palco enquanto a gritaria continua... Ele tem uma cabeça de cachos negros e a vira para o lado, enquanto faz gestos desajeitada e timidamente, tentando manter a multidão quieta o suficiente para que ele possa cantar”.

Algo sem precedentes tinha começado. Grandes multidões, a maior parte de mulheres e jovens, começaram a se amontoar no teatro. Logo, Frank estava tocando cerca de uma centena de canções por dia – e pelo menos nove shows. “Houve um sábado em que eu fiz onze shows”, lembrou ele. “Nós começamos às 8h10 da manhã e terminamos às 2h30 da manhã de domingo.”

Quando sua família foi ao teatro vê-lo, tornou-se parte do espetáculo. Nancy foi engolida pela multidão e os fãs passavam suas mãos em Dolly. “Eu não conseguia ouvir”, reclamou Marty. “Quem conseguia ouvir?”. Era tudo demais para Francesco Sinatra, que tinha então seus 80 anos. “Eu o coloquei na terceira fileira, junto com a meninada”, lembrou Sinatra. “Ele não sabia o que diabos tinha acontecido, porque quando saí do palco todos tinham ido embora e ele estava lá sentado. Pude ver seu rosto. Estava absolutamente aterrorizado. Trouxeram ele de volta para o vestiário depois da apresentação, e ele estava com tanta raiva – tinha vindo de tão longe e nem tinha me ouvido cantar. Ele não entendeu que aquele era o jogo da meninada.”

A temporada originalmente de uma semana no Paramount foi estendida, primeiro para um mês, depois dois meses, um recorde para o teatro. Frank concordou em voltar na primavera. Sua audiência era formada por uma quantidade opressiva de garotas adolescentes e pré-adolescentes, tipicamente vestidas com suéteres, saias na altura do joelho, e meias brancas – eram as *bobbysoxer*. O dicionário *Webster’s* define uma *bobbysoxer* como uma “garota adolescente”.

“Os gritos estridentes reverberavam”, disse, sobre as fãs, o amigo de Bob

Weitman, Armand Deutsch, o herdeiro da Sears. “Era um novo som, uma expressão estridente de adulação e erotismo curiosamente inocente. Elas eram, Bob me contou entristecido, praticamente impossíveis de serem removidas, lutando ferozmente contra todos os esforços de expulsão e de corte de excessos.”

Poucas *bobbysoxers* ficavam para uma única apresentação. Elas traziam comida e bebida e se instalavam. A equipe de apoio do teatro frequentemente descobria que tinham urinado em suas poltronas, fosse de medo de perder seus lugares para ir ao banheiro, fosse por pura excitação.

“Elas gritavam toda vez que ele cantava a palavra ‘amor’”, disse Al Viola, que, mais tarde, se tornou o guitarrista principal de Frank. “Eu sempre pensava, ‘Ah, lá vem elas’.” No entanto, algumas vezes, as fãs ficavam “tão silenciosas como se estivessem na igreja”.

As fãs caíam de joelhos nos corredores. As garotas formavam filas para beijar as fotos de Frank nos murais de cartazes, imploravam por restos de cabelo caídos no chão do barbeiro de Frank, tentavam pegar o lenço do bolso de sua jaqueta quando ele passava. Na esperança de pará-lo e fazê-lo autografar à força, algumas voavam para cima de seu carro. Elas lhe presenteavam com ursos de pelúcia, arranjos de flores em formato de coração, uma *loving cup*, uma chave dourada – a qual se encaixaria no coração de quem enviou.

Não tardou para que, quando algumas admiradoras mais velhas se juntaram às fãs, roupas íntimas fossem lançadas da plateia, sutiãs colocados para fora para serem assinados ainda vestidos no corpo. Uma vez, uma mulher entrou no camarim de Sinatra, abriu o casaco e por baixo dele estava nua.

“Ele era meu ídolo quando eu estava na oitava série”, lembrou Marie Carruba, uma antiga professora, meio século depois. “Eu tinha fotos dele por todo meu armário na Ansonia High. Eu trabalhava alguns dias na Sorveteria Gardella, e o único jeito de trabalhar durante as tardes era se o Sr. Gardella me deixasse ouvir Frank no rádio. Eu sabia, claro, que ele estava cantando apenas para mim. Nós morávamos em Connecticut, e uma amiga e eu pegávamos um trem e saltávamos em Nova York para ir às matinês no Paramount. Eu ia sempre que podia, mas minha mãe nunca soube.”

“Um grupo de garotas costumava matar aula”, disse uma outra antiga *bobbysoxer*, a jornalista Martha Lear, “para gritar e desmaiar por quatro shows ao vivo, junto com outras mil adolescentes dementes... Aquele glorioso “espaguete” debruçado lá no holofote cantava suavemente, nos dando um breve lampejo de um sorriso, ou como bônus especial, um tremor no canto do lábio

inferior. Eu costumava levar binóculos só para ver o lábio inferior... Antes de irmos para casa, forjávamos os bilhetes de nossos pais: 'Por favor, perdoe a ausência de Martha na escola ontem, pois ela estava doente'."

Bruce Bliven, do *The New Republic*, achava que as devotas no Paramount eram quase "filhas da pobreza". E. J. Kahn, da *The New Yorker*, as considerava "garotas superficiais, solitárias de lares de classe média baixa." A jornalista da *Hearst* Adela Rodgers St. Johns lembrou das fãs como "descabeladas, melancólicas, largadas, sem pai nem mãe". Em março de 1943, no entanto, Frank provou que seu público não era só de jovens e pobres.

Assim que terminou sua primeira temporada no Paramount, Franksaiu louco atrás de um bico em uma casa noturna. Muitos proprietários o recusaram, incluindo Arthur Jarwood, que mantinha o Riobamba na 57th Street. "Sinatra é para crianças", ele zombava. Com os negócios em baixa por causa da guerra, no entanto, ele mudou de ideia. Consigo, Sinatra arrancava os cabelos de pensar como arrumaria um público mais velho, mais poderoso, mas assim que as coisas aconteceram, ele colocou seus colegas artistas no lugar deles e os deixou para lá. "Nós mal podíamos atravessar a multidão que viera para ver Frank", disse a cantora e comediante Sheila Barrett, que dividiu os créditos. "O clube estava tão lotado que as garotas do coro não conseguiam continuar. Nem um grupo de dança programado para antes conseguia... A multidão estava impaciente para que saíssemos. Eles queriam Frank!"

O crítico da *Billboard* escreveu uma crítica tão efusiva que seu editor acreditou que estivera bêbado. Earl Wilson, hoje escritor da coluna do *New York Post* que se tornaria uma referência, achou aquela "uma noite extraordinária". Sammy Cahn, que o viu no Riobamba, achou a "audiência, uma das mais cosmopolitas, variadas que se pode imaginar – as garotas mantidas pelos pais, os ricos, os famosos, as figuras infames do esporte, os jovens marginais... quem você imaginar".

"Três vezes por noite", disse a revista *Life* aos seus leitores, "Sinatra entra sob um pequeno holofote que ilumina a pista de dança. Em um tom de voz convidativo, sem respirar, ele canta canções como *You'd Be So Nice to Come Home To, That Old Magic, She's Funny That Way, e Embraceable You*. Enquanto sussurra as letras, mexe carinhosamente seu anel de casamento e seus olhos ficam nebulosos. Um silêncio tranquilo paira sobre as mesas e, nos olhos das mulheres, fica um suave contentamento. As luzes se acendem e Sinatra abaixa a

cabeça, desliza pelo chão e é engolido pelas sombras.”

Após duas semanas de temporada no Riobamba, Sheila Barrett e o *entertainer* Walter O'Keefe foram dispensados. “Quando eu vim para este lugar”, disse O'Keefe, “eu era a estrela e um garoto chamado Sinatra era um dos quadros. Aí passaram por cima de mim com um trator que me arrebatou de uma vez. Senhoras e senhores, lhes dou a legítima estrela – Frank Sinatra!”

Do Riobamba, voltou para o Paramount para outro mês de agitação. Aí, raro para um cantor popular, cantou em concertos com as orquestras sinfônicas de Washington, Cleveland, Nova York e Los Angeles. Em Washington, cantou para quinze mil pessoas de um palco suspenso sobre Potomac. A maioria dos espectadores debandou quando a orquestra começou a tocar Beethoven e Bach. Frank chamou os músicos da Filarmônica de Nova York de “os garotos da banda”. Em Los Angeles, os eruditos se sentiram ultrajados por um “um cantor que não sabe se é ele ou se é Caruso[40]” estar degradando os templos da música clássica. No entanto, milhares de fãs encurralaram a estação de trem quando ele chegou e o maestro Vladimir Bakaleinikoff o recebeu calorosamente. O grande progresso nas finança da orquestra sobrepujou todas as objeções. Músicos eruditos frequentemente trabalhariam com Sinatra nos anos que se seguiram em uma atmosfera de respeito mútuo.

Frank tinha ido a Hollywood para fazer uma comédia musical na qual ele faria o papel dele mesmo. Em *A Lua a Seu Alcance* (*Higher and Higher)*, ele cantava cinco canções e dizia a primeira fala de um diálogo em sua carreira no cinema. “Bom dia. Meu nome é Frank”, disse na soleira da porta, e uma dona de casa desmaiava em seus braços. O filme não era nada inesquecível.

De volta a Nova York, ele se apresentou no Wedgwood Room do Waldorf-Astoria, para uma plateia cada vez mais rica e de classe do que aquela do Riobamba. Entre os compromissos, cantava em shows de rádios nacionais. Estava todo sábado à noite no Your Hit Parade.

No verão de 1944, Sinatra estava novamente em Hollywood, para fazer um filme patriota de grande orçamento, do tempo da guerra. Em *Marujos do Amor* (*Anchors Aweigh*), estrelava de forma improvável como um tímido rato de biblioteca e maestro de coral que ligava para a companhia de telefone para checar a hora certa, enquanto outros marinheiros ligavam para marcar encontros. Frank aprendeu a dançar para fazer o filme, com a ajuda de Gene Kelly. “Eu não sabia andar direito, imagine dançar”, lembrava. “Eu era um cara que levantou e

se pendurou em um microfone... E uma das razões de ter me tornado uma ‘estrela’ foi Gene Kelly.” Frank progrediu “de péssimo para adequado”, disse Kelly, trabalhando mais duro do que qualquer um que conhecera.

Em 11 de outubro, noite de estreia no Paramount em Nova York, Frank provocou um frenesi sem precedentes na história da música. Garotas esperaram a noite toda na rua para comprar ingressos. Quando as portas se abriram, uma multidão do tamanho do teatro lotou o espaço e começou a entoar seu nome. Os fãs ignoraram totalmente o filme que estava sendo exibido e então – quando ele apareceu – a gritaria o fez ficar virtualmente inaudível.

Por volta das 5 h da manhã do dia seguinte, um verdadeiro exército de jovens já estava esperando do lado de fora, próximo ao Paramount. “Eu me aventurei descendo a Times Square”, escreveu Earl Wilson, que tinha trabalhado à noite para o *Post*, “e fiquei literalmente apavorado. A polícia estimou que dez mil jovens estavam enfileiradas em seis filas na 43rd Street, Eighth Avenue e 44th Street, e outros vinte mil estavam correndo loucamente na Times Square, extrapolando as calçadas e tornando o movimento do tráfego quase impossível”.

“Subindo a Fifth Avenue, um desfile de *Columbus Day*[41] estava se formando. Duzentos policiais estavam de folga da ronda policial lá e foram pra cima... Eventualmente havia quatrocentos e vinte e um policiais reserva, vinte carros de patrulha, dois caminhões de emergência, quatro guardas da polícia costeira, seis sargentos, dois capitães, dois assistentes de inspetores-chefe, dois inspetores, setenta patrulheiros, cinquenta guardas de trânsito, doze polícias montadas, vinte policiais femininas e duzentos detetives, tentando controlar umas vinte e cinco mil adolescentes. As garotas gritavam, desmaiavam ou caíam de êxtase no chão, eram pisoteadas e puxadas para cima por seus acompanhantes e voltavam a gritar. Elas avançavam na cabine de ingressos e a destruíam. Janelas eram quebradas.”

Das 3.600 fãs aceitas para a primeira apresentação, apenas algumas centenas saíram no final. Milhares enfurecidas, do lado de fora, formavam um enxame nos arredores durante todo o dia, sem dispersar até anoitecer. Houve um caos semelhante quando Frank se apresentou em Chicago, Boston e Pittsburgh. O *The New Republic* descreveu o ocorrido como “um surto elétrico de excitação... Um fenômeno de histeria em massa que é visto apenas duas ou três vezes em um século”.

A idolatria a Elvis Presley, dez anos mais tarde ou aos Beatles em 1964

talvez tenham chegado perto. O furor em torno de Frank, no entanto, era a primeira erupção de idolatria no século XX, e maior do que qualquer uma até então.

AO QUE CONSTA, JOVENS GAROTAS na América da época da Segunda Guerra Mundial não apenas gritavam por Frank, mas desmaiavam por ele. Isso tudo começou no primeiro dos shows no Paramount, de acordo com o historiador William Manchester. “Uma garota na décima segunda fileira, que não tinha almoçado”, escreveu Manchester, “desmaiou”. Outra garota “aparecia no teatro diariamente, uma garota nada atraente, sardenta, de uns dezessete anos, que usava óculos e tinha o cabelo preso em marias-chiquinhas. Ela se segurava de pé pela voz de Frank, e então, desabava em um desmaio”.

“Essas bonecas vêm noite após noite”, disse um garçom do Riobamba. “Quando esse cara canta, elas realmente desmaiam. Nós temos que trazer água para mantê-las conscientes. É uma coisa realmente fora do normal.” Bruce Bliven viu fãs “surtarem nas cadeiras, fosse desmaiando, fosse convencendo a si próprias de que estavam desmaiando”. Uma garota escreveu para Frank para dizer que, depois de quatro desmaios, “eu caí da cadeira e bati minha cabeça. Decidi sentar no chão logo no começo quando for te ouvir”.

“Nós adorávamos desmaiar”, disse Martha Lear. “Nós nos juntávamos atrás de portas trancadas dos quartos, em cômodos em que papéis de parede de broto de rosas tinham sido rebocados com fotos da Voz por cima, e treinávamos desmaiar. Nós colocávamos seus discos para tocar e ficávamos em volta gemendo por um tempinho. Aí a canção chegava ao fim e nós caíamos todas no chão.”

A histeria era encorajada por pessoas da própria equipe de Sinatra, e talvez tivesse (inclusive) começado com eles. “Toda a indústria do soluço começou com um agente de imprensa maravilhoso”, disse a atriz Celeste Holm, que estava atuando em *Oklahoma!*, em um teatro por perto, na época. “Ele parou nos fundos da casa e disse ‘Quantas meninas vocês conseguem juntar para ver o show de hoje?’. Elas disseram ‘Por quê?’ e ele, ‘Vou deixar vocês entrarem de graça e darei dez dólares para cada se continuarem com o que estão fazendo, só que dez vezes mais alto’. Foi assim que tudo começou.”

Dizem que o primeiro agente de imprensa de Sinatra, Milton Rubin, ficava parado no saguão do Paramount distribuindo moedas de cinquenta centavos – um cenário muito mais plausível do que os dez dólares de Holm. Milton foi

substituído por George Evans, um mestre da astúcia, que tinha representado Russ Columbo, Rudy Vallee e Glenn Miller. Evans é que concederia que “certas coisas fossem feitas. Seria tão errado de minha parte divulgá-las quanto seria para um médico discutir seu trabalho”. Ele negou ter induzido fãs a “entrarem e guincharem” e prometeu doar cinco mil dólares em caridade caso alguém provasse o contrário. “Eu gosto de mantê-las batendo as asinhas”, dizia sobre as *bobbysoxers*.

Aquilo significava, em parte, distribuir ingressos de graça, manter uma ambulância estacionada e enfermeiras perto do teatro para encorajar potenciais mocinhas a desmaiar e arranjar para que as garotas dessem beijos em Frank – deixando-o marcado de batom vermelho brilhante. Evans juntava fãs no porão do Paramount para treiná-las a saber quando e como gritar. De acordo com Nick Sevano, Evans “fazia alguém jogar a calcinha no palco quase todo show”.

Jack Keller, assistente de Evans, dizia que as roupas de Frank eram rasgadas com tanta frequência e com tanta facilidade pelas fãs porque ele usava “ternos quebráveis” feitos para despedaçar se fossem puxadas. Keller disse que as garotas tinham, sim, sido “contratadas para berrar quando ele sensualmente fazia o som rolar.” Anos mais tarde, o próprio Evans admitiu que a “histeria-Sinatra” tinha sido “algo em torno de 98% sintética”. Ter ouvido algumas “belezinhas adolescentes” gemer, disse ele, o teria inspirado a levar outras a fazer o mesmo. “Desmaiar se tornou a nova sensação”, disse ele, “Frank tomou o caminho da glória através disso... Era um tanto quanto cômico transformar esse cara desajeitado em um deus do amor, mas eu vi que ele realmente causava um certo efeito em um monte de jovens garotas. Tudo que fiz foi tirar vantagem disso, aumentar um pouco a coisa, e funcionou.”

Frank fingia surpresa ante à demonstração frenética, uma vez que não gostava dos relinchos das garotas. Ele atribuiu isso à solidão no período da guerra. “Eu era o garoto que ficava em toda drogaria de esquina que tinha fechado, convocado para a guerra. Aquilo era tudo”. Ainda assim olhava dentro dos olhos de cada uma das fãs, as provocava mostrando a língua. “Nunca vi nada como o jeito de ele morder e assoprar”, disse um agente da Broadway.

Psiquiatras e psicólogos discutiam sobre “hiperestesia mamária”, “hipnose em massa”, especulavam tanto se as fãs queriam ser mães para Frank ou receberem cuidados de mãe dele ou o viam como “imagem de pai”. Um psicólogo, que achava que Frank fazia “um tipo de *strip-tease*”, talvez tenha chegado mais perto da resposta sobre o que estava acontecendo. Um jornalista

do *Daily Variety* colocou de outra forma: “Para mulheres de quinze anos ou por aí, ele cantava com intimidade, diretamente, como um cara estacionado com sua garota na Lovers Lane”[42].

“O jovem Sinatra”, escreveu o crítico musical Francis Davis, “se revelou um garoto que bem poderia ganhar uma menina para tudo com sua conversa doce, mas que não seria insistente – diferente dos garotos que as garotas conheciam na vida real... Frequentemente o que garotas querem de um garoto é outra garota, e as garotas que desmaiavam por Sinatra apertavam-no em seus corações como um homem que era tão sensível e que, em algum nível, tão autoconsciente quanto elas eram.”

“O elemento sexo é o mais importante neste tipo de negócio”, disse Bobby Darin, um ídolo adolescente do final dos anos 1950. “Você tem que vender sexo.” Sinatra, na opinião de Darin, tinha o tipo de magnetismo que fazia uma garota querer “estacionar seus sapatos debaixo da cama do *entertainer.*” Martha Lear achava ridículo os psicólogos e sua teorização. “Que lelés!”, dizia. “O que quer que estivesse se agitando entre nossos peitos púberes, não tinha nada de maternal... O que tínhamos por Frank era sexual. Era excitante. Era formidável.”

“O que é que você tem”, perguntou a atriz Carmen Miranda a Frank em 1944, “que faz as garotas todas gritarem por você?”

“Não é o que eu tenho, Carmen”, respondeu Frank, “é o que *elas* têm. Imaginação.”

FOI SEU TRABALHO no palco e no rádio que fez de Frank uma estrela. Em 1944, dois dias após o fim da paralização de dois anos da indústria da gravação, os executivos da Columbia apressaram-no para ir a um estúdio para a primeira de uma série de sessões de gravação. Dezessete canções foram colocadas em disco, incluindo *Saturday Night (Is the Loneliest Night in the Week)*, *Embraceable You* e *She’s Funny That Way*.

O fanatismo por Sinatra continuava rolando solto. Frank estava tirando quatrocentos dólares por semana quando deixou Tommy Dorsey. Agora, seus agentes podiam declaradamente exigir algo como vinte mil dólares (duzentos mil dólares, hoje) para uma semana regular. Em um período especialmente cheio de uma semana, Frank tirava trinta mil dólares. Ele juntou quase um milhão e meio de dólares (quinze milhões de dólares, hoje) durante os anos 1944 e 1945.

“Eu não podia acreditar”, disse Nancy à colunista Louell Parsons. “Tudo em que eu conseguia pensar era no tempo, seis anos antes, quando comíamos

espaguete sem molho porque o molho de carne era mais caro.”

“Agora, eu sou dono de mim mesmo”, teria dito Frank depois de se desvencilhar do contrato com Dorsey e começar a se comportar apropriadamente. Ele investiu em uma gravadora, a Barton Music Corporation, e dentro de três anos estaria ordenando a construção do edifício de escritórios Sinatra em Hollywood.

A comitiva Sinatra tinha expandido. Além de George Evans, havia agora um agente para contratações. Frank tinha surrupiado o arranjador de Dorsey, Axel Stordahl, fazendo com que seu salário mais que quadruplicasse. Stordahl estava por detrás do som luxuriante e da qualidade absoluta que agora marcavam o trabalho de Sinatra. Frank também contratou Sammy Cahn e o compositor Jule Styne, os quais produziriam sucesso atrás de sucesso por anos. Jimmy Van Heusen, então muito bem-sucedido por seus próprios méritos, também escreveu para Frank. Hank Sanicola acumulava cargos como gerente, técnico de ensaio, pianista *off-stage* e, nas palavras de Frank, como um filho-da-puta que “afundava com o navio”. Frank tinha demitido Nick Sevano, embora fossem se reconciliar futuramente. Seu papel como pau para toda obra, por ora, estava preenchido por um outro Frank Sinatra, um primo de primeiro grau de Hoboken, que tinha sido criado no apartamento que dava de frente para o dos Sinatra. De acordo com a filha deste primo, seu pai também tinha função de guarda-costas. Sanicola também.

Sinatra, agora, cultivava abertamente uma imagem belicosa. “Eu queria encontrar esse cara atrás do palco”, rosnava para um inconveniente que jogou um centavo no palco na Filadélfia. “Se eu não posso dar uma lambada nele, tenho um cara grande comigo que pode”. Fred Tamburro, que tinha batido em Frank quando eles eram membros do Hoboken Four, foi aterrorizado por uma dupla de seguranças depois de atazanar Frank por causa de um empréstimo. O treinador profissional Al Silvani, que se exercitava no Stillman, “empório do músculo” na Oitava Avenida em Manhattan, também se tornou guarda-costas.

“Eu fiquei intimidado”, disse George Avakian, produtor da Columbia Records. “Dois guarda-costas saíram do elevador. Olharam para a direita e para a esquerda. Aí, Frank saltou, outros dois caras saltaram também e olharam para a direita e para a esquerda. Eles pareciam cinco diamantes andando pelo hall*!”*

Frank também exagerava em ser cuidadoso e compassivo, como descobriu Peggy Lee quando ficou doente no período em que trabalhava com ele no Paramount. “Ele era meu enfermeiro particular”, lembrou ela. “Primeiro, ele me

trouxe cobertores para que parassem os arrepios. Aí, quando era possível, um chazinho; mais tarde, uma torrada. No meio tempo, estava lá fora cantando em uma média de seis a oito shows por dia.” Uma noite, Frank cumprimentou o cantor Ray Anthony, que sabia estar sem trabalho, depois se apressou. Um instante depois, Anthony percebeu que tinha ganhado cinquenta dólares. Frank dirigiu até Nova Jersey em uma tempestade de neve para contar a um outro músico duro sobre uma vaga de emprego.

Tais gestos foram feitos sem alarde; outros, para obter atenção. Ele gostava de jogar seu dinheiro por aí. Na metade dos anos 1940, tinha dado de presente trezentos isqueiros de ouro da Dunhill – juntos custando quase meio milhão de dólares – para amigos e conhecidos.

Ele enviou um bracelete de ouro da Cartier para Jule Styne, um relógio de ouro para o comediante Rags Ragland. Outros recebiam abotoaduras de ouro. Um jornalista amável recebeu apenas um clipe de dinheiro de ouro, a mesma categoria de presentes que Frank atribuía aos chefes de garçons. Um guarda-costas recebeu um chaveiro, com os dizeres “Frank Sinatra” em ouro. Quando Frank descobriu que a tripulação do bote Navy PT tinha rebatizado a embarcação para *Oh Frankie!*, enviou medalhas de ouro de São Cristóvão para todos.

Quando não estava no palco, Frank usava suéteres considerados de garoto, jaquetas esportivas e nós de gravata do tipo “orelha de spaniel”, familiares para suas fãs, todos salpicados de acessórios de ouro. Ele preferia ternos pretos bem cortados e camisas monogramadas, personalizadas em Nova Jersey. Contava-se que tinha cinquenta ternos, vinte e cinco jaquetas esportivas, cem calças folgadas e sessenta pares de sapatos.

Os Sinatra se mudaram de seu apartamento em Nova Jersey para uma casa em estilo Cape Cod nas redondezas de Hasbrouck Heights. Não ficaram lá por muito tempo. Frank tinha agora um contrato de longo prazo com a MGM e decidiu se mudar para a Califórnia. No Natal de 1944, a família estava instalada em uma grande casa cor-de-rosa no San Fernando Valley, em uma soberba localização no lado banhado pelo Toluca Lake. A proprietária anterior tinha sido a atriz Mary Astor. Na casa ao lado, estava o clube de elite Lakeside Country Club[43], que torcia o nariz para judeus, negros e alguns artistas – incluindo os arrivistas emergentes de Hoboken. Dois membros, Bing Crosby e Bob Hope, apoiaram em vão a candidatura de Frank.

Fora os esnobes locais, Frank e Nancy tinham encontrado uma nova e idílica morada que chamaram de Warm Valley[44] – o mesmo nome que tinham dado para a casa em Hasbrouck Heights – e Nancy transformou o interior escuro da casa com cremes, pastéis e chita florida. Uma fonte salpicava no pátio. Frank melhorou a doca, comprou um bote para expedições no lago e uma jangada. Com uma parede alta de estuque para um lado, a água por trás, e um mordomo para manter distantes os visitantes indesejados, era um perfeito retiro para uma estrela. Nancy chamava o lugar de "A Casa Que a Música Construiu".

Quase todos seus amigos eram jovens e estavam querendo se divertir. Nancy cozinhava espaguete para Mario Lanza, na época ainda um tenor incipiente. Amigos talentosos eram recrutados para entretenimento doméstico – Jule Styne no piano, Sammy Cahn suprindo o que faltava, tamborilando e fazendo letras; Phil Silvers, Rags Ragland e Danny Thomas produzindo as risadas; Frank maquiado como negro cantando *Mammy*.

Sinatra formou um time de *softball* estrelado por Styne e Cahn, Anthony Quinn, outros atores e escritores, e Hank Sanicola e Al Silvani. Eles chamavam o time de *Swooners*[45].

Durante o dia, os homens jogavam cartas na jangada. De noite, havia jogos intermináveis de *gin rummy*[46]. "Era mais com os caras, exceto Ethel Styne", lembrava a primeira esposa de Cahn, Gloria, que conheceu seu marido na Warm Valley. "Eles jogavam seis ou oito de cada lado com apostas enormes. Nancy e eu éramos como se fôssemos as duas criadas, ou garçonetes, alimentando todo mundo, repondo as bebidas, limpando os cinzeiros."

Para quem estava de fora, os Sinatra pareciam estar felizes. George Evans, ansioso por evitar o menor sopro de escândalo, assegurava que assim fosse, orquestrando uma sucessão de histórias sentimentais; os pais amorosos e sua filha de 4 anos, Nancy, foram até tema de tirinhas de quadrinhos. Esta aparente felicidade tinha se expandido, logo antes da mudança para a Califórnia, graças ao nascimento de um filho, Franklin Wayne Emmanuel – Franklin por causa do presidente Roosevelt e Emmanuel por conta de Manie Sacks, o padrinho. Seu filho veio a ser conhecido como Frank Jr. e Frank tinha esperanças de que este segundo filho fortalecesse o casamento. Ao contrário, disse ele, "pouco a pouco fomos nos afastando".

Em Nova Jersey, quando o maremoto de publicidade começou, Nancy tinha tentado lidar com a correspondência de fãs e com o dinheiro. A nova equipe de

Frank tinha tomado controle destas tarefas, mas ela logo percebeu que sua casa tinha se tornado um aquário de peixinhos dourados. *Bobbysoxers* tinham sitiado a casa, rabiscado mensagens de amor eterno por Frank nas paredes e nos peitoris com batom. Garotas escalavam nos ombros umas das outras para espiar as janelas do quarto, roubavam cuecas *boxer* de Frank do varal. Havia rumores de ameaças de sequestro das crianças.

No pretensioso mundo da Califórnia, Nancy estava longe de suas origens. “As pessoas tentavam fazê-la não se vestir como uma esposinha de Nova Jersey”, lembrava Gloria Cahn. “Ela ganhou lindas roupas feitas para ela por Jean-Louis. Mas era uma pessoa de ficar em casa, uma típica italiana que cresceu para cuidar de seu marido e de sua família. Ela era muito ‘pessoa de verdade’. Eu costumava vê-la passar dirigindo o enorme carro que Frank lhe comprara, um Chrysler, acho. Era uma visão engraçada porque ela era uma mulher tão pequenina – acho que tinha que colocar almofadas no assento para poder alcançar os pedais... Ela estava tentando muito ser o que Frank precisava como a estrela que ele havia se tornado, mas...”.

Virtualmente todos da família de Nancy, sua mãe e seu pai e suas cinco irmãs com suas famílias, seguiram os Sinatra para a Califórnia. Uma irmã foi morar com eles. Frank reclamava com os amigos sobre ter que chegar em casa e encontrar sua casa abarrotada com parentes Barbato e seus filhos.

“Eu estava no limite e constantemente irritado”, lembrou Frank. “Nancy e eu nos vimos entrando em discussões terríveis.” Frank frequentemente saía para festas sozinho e agora, quase aos trinta, começara a beber mais. Ele tomou um gosto especial pelo uísque Jack Daniel’s. “Eu comecei a beber nos anos 1940, numa noite em que não conseguia dormir”, diria. “Tem sido o óleo de meu motor desde então.”

O casamento com Nancy traria uma terceira criança, mas não havia mais paixão. Fofocas sobre seus flertes com outras mulheres tinham aumentado. Enquanto trabalhava no filme *Marujos do Amor,* dizem, Frank teve uma lista em seu camarim de mulheres da MGM que desejava. O maquiador Gordon Bau disse que ele viu a lista pendurada do lado de dentro da porta. Numerosos nomes tinham recebido ok ao final das filmagens.

A deterioração do casamento era apenas uma de séries de dificuldades aparecendo agora, tanto problemas que ele provocava como outros por visitas de inimigos. Para começar, ele estava no meio de uma guerra difícil.

9

Rejeitado para servir

Quando os ianques vierem marchando.

Eu quero estar lá, rapaz...[47]

QUANDO ESTREOU NO PARAMOUNT novamente, em outubro de 1944, Frank escolheu cantar aqueles versos de uma canção da Segunda Guerra Mundial, desavergonhadamente militarista. Não era bem o tipo de música a que suas fãs estavam acostumadas, mas elas gritaram de qualquer forma. Nas barracas e nos refeitórios, e em campos abertos e barcos pelo mundo, os homens e mulheres das forças americanas e aliadas vinham ouvindo aquela canção há mais de um ano. O catálogo da V-Discs, discos feitos exclusivamente para os militares, incluía mais de noventa canções de Sinatra.

Soldados e aviadores nas batalhas de Anzio e Monte Cassino tinham ouvido melancolicamente *When Your Lover Has Gone* e *Falling in Love With Love*. Tropas enfrentando bravamente os alemães na Normandia tinham ouvido Frank cantar *All the Things You Are* e *The Way You Look Tonight*. Soldados que entraram na Alemanha conheciam *Long Ago and Far Away* e *None but the Lonely Heart*. Seu apelido, A Voz, estava pintado nos narizes dos bombardeiros americanos. Um recém-liberto prisioneiro de guerra em Hong Kong, Alexander Shivarg, teve um contato de deixar qualquer um perplexo com o primeiro militar britânico que encontrou depois de sair de trás das grades. “Eu perguntei ‘O que tem acontecido?.’ E ele disse: ‘Frank Sinatra, é isso’ . ”

“’sinatra’ soava um pouco oriental, e achei que fosse algum maldito atol do Pacífico cujo nome tinha esquecido, como Iwo Jima. Mas eles riram e disseram: ‘Não, ele é um carcamano. Ele é magrelo e nada atraente, mas tem essa voz maravilhosa a que ninguém resiste. É um cantor americano, um garoto como a

gente, e faz agitar a combinação das garotas e elas molham as calcinhas quando ele canta. E à vezes, ele nem precisa cantar...' Eu não podia acreditar. Fiquei arrasado... Tudo que as pessoas conseguiam falar era sobre Frank Sinatra... Você pode com aquele maldito Sinatra? Mais importante para a garotada do que a guerra."

Mesmo o inimigo sabia sobre ele. A mulher nipo-americana mais identificada com as transmissões de propaganda da Rosa de Tóquio, Iga Toguri, tinha um interesse no *swing* desde sua época de estudante na Califórnia. Ela soltou algumas indiretas sobre o que aquele vil Sinatra poderia estar fazendo para as mulheres dos G.I.[48] enquanto seus homens enfrentavam seu caminho através do Pacífico.

As canções de Frank faziam seu caminho suave para dentro dos quartos americanos. "Algumas mulheres", escreveu Pete Hamill, "usavam aquela música, com sua expressão de pura "necessidade", para seduzir os homens disponíveis... Ele estava cantando para aquelas mulheres, de qualquer idade, para as quais a noite de sábado era verdadeiramente a mais solitária da semana." *I'll Be Seeing You* confortava maridos e esposas, amantes e namorados, ansiando por voltar para seus familiares, para preciosos abraços que estavam na memória. Frank, escreveu o antigo editor da *Down Beat*, Gene Lees, "dizia pelos garotos o que eles queriam dizer. Ele dizia para as garotas o que elas queriam ouvir."

Frank estava em Hollywood, em uma festa na casa de Lana Turner, no dia que levou a América para a guerra. Os convidados só souberam do ataque a Pearl Harbor oito horas mais tarde, quando um recém-chegado lhes disse para ligar o rádio. "Enquanto ouvíamos", lembrava Turner, "eu olhava em volta para os jovens homens atordoados na minha sala de estar, e pensava o quão drasticamente nossas vidas estavam para mudar."

Profissionalmente, Frank apoiou com muita energia o esforço de guerra em casa. Fora o programa *V-Disc*, ele aparecia no *Command Performance*, um programa de rádio voltado para militares fora do país. Ele cantava para grupo após grupo, eletrizou uma plateia no Central Park com sua versão de *God Bless America*. Ele cantou para grupos militares, incluindo uma curiosamente muda plateia das *Waves*, as auxiliares navais femininas, que haviam recebido ordens para não se comportarem como *bobbysoxers*. Ele pedia às fãs para doarem roupas para os refugiados. Levantou fundos para um esforço de guerra leiloando suas próprias roupas – uma gravata por duzentos e setenta e cinco dólares, uma

camisa por quinhentos dólares, um par de bermudas por mil dólares, um relógio de ouro por dez mil dólares.

Muitos músicos trocavam suas roupas de civis por uniformes. Só da banda de Dorsey havia Joe Bushkin, Buddy Rich, o trompetista Ziggy Elman, os arranjadores Sy Oliver e Paul Weston, e o empresário Bobby Burns. Os *bandleaders* Artie Shaw e Eddy Duchin se alistaram na Marinha. Glenn Miller insistiu em também se unir ao Exército, embora fosse muito velho para se alistar. As bandas que ele organizou para a Força Aérea incluíam músicos de sua antiga banda e aqueles de James, Dorsey, Goodman e Shaw. Miller morreu seis meses depois do Dia-D, enquanto voava da Inglaterra para a França a bordo de uma aeronave militar.

Rudy Vallee estava na guarda costeira e Frankie Laine trabalhava em uma fábrica de aviões. Jack Leonard, predecessor de Frank com Dorsey, foi alistado no Exército e premiado com uma Estrela de Bronze por entreter tropas cansadas das batalhas. Mickey Rooney tinha sopro no coração, mas foi aceito pelo Exército e foi para fora como artista. Gene Kelly se alistou na Marinha e, embora tenha pedido para entrar em regime de combate, foi designado para fazer filmes de propaganda. Outros viram ação. Clark Gable voou em missões como major da Aeronáutica, como Jimmy Stewart, que teve muito mais condecorações. O cantor Jimmy Roselli serviu em combate na França. Frank, no entanto, permaneceu nos Estados Unidos até o fim do conflito, cantando a caminho da fama e fortuna. Ele demonstraria seu patriotismo balançando a bandeira dos Estados Unidos em um mastro de cinquenta metros de altura, fora de sua casa, e frequentemente fazia papel de soldado em filmes. Ainda assim, nunca vestiu um uniforme durante a Segunda Guerra, levantando uma controvérsia que nunca foi satisfatoriamente resolvida.

Ele foi um dos dezesseis milhões de jovens americanos obrigados a se registrar no serviço militar em 1940, cumprindo o que o presidente Roosevelt chamou de “o primeiro dever da livre cidadania”. Como “Frank Albert Sinatra”, Registro n° 2615, foi deferido com base no fato de que era casado e tinha filhos. O deferimento pode ter sido automático ou em resposta a uma solicitação dele. Isso ficou sujeito a uma revisão posterior.

Não era um tempo fácil para os ítalo-americanos. Embora milhares tenham se alistado e servido com honra, a lealdade deles era suspeita. Assim como os nipo-americanos haviam sido confinados, também o foram alguns ítalo-americanos que não tinham cidadania americana. Eles foram soltos apenas em 1942, depois

que oficiais do governo decidiram que não representavam risco de segurança. Eles eram, brincou Roosevelt, apenas “um bando de cantores de ópera”.

No verão de 1943, em pleno resplendor de sucesso, Frank se inscreveu para ingressar na guarda costeira. Não há registro do que virou a inscrição. No outono, entretanto, com o deferimento para pais casados prestes a ser abolido, ele foi reclassificado como 1-A – disponível para serviço. George Evans assegurou publicidade a este fato. Frank passou por um exame físico preliminar e, em dezembro, foi examinado novamente (os médicos do Exército anotaram sua altura como 1,70 m, algo como sete centímetros a menos do que ele costumava dizer que tinha). Ele saiu do centro de acolhimento para anunciar que tinha sido rejeitado por fatores médicos. Os médicos, disse, haviam encontrado um “buraco na minha orelha que eu não conhecia” e “umas coisas que eu devia cuidar direito”. Ele tinha sido declarado 4-F – “rejeitado para o serviço militar por razões físicas, mentais ou morais”. Para alegria dos fãs, os boatos se espalharam.

“Sinatra tem tanto problema de ouvido quanto o General MacArthur”, zombou um antigo colega de escola de Hoboken. “Como você arruma tímpano perfurado?”, perguntou um comediante de um clube noturno de forma zombeteira. O jovem Pete Hamill ouviu seu pai desmerecer Frank como um “trapaceiro alistado”. No Camp Haan na Califórnia, para entreter soldados, Frank encontrou Bobby Burns, agora vestido de uniforme. “Há muito resmungo sobre seu ‘status’ de 4-F”, disse-lhe Burns. “As tropas imaginam que você está em casa aproveitando-se das garotas enquanto eles estão ausentes.”

Em outubro de 1944, dias depois de Frank ser recebido de volta no Paramount pelas *bobbysoxers*, alguém na terceira fileira o acertou no olho com um ovo. Durante uma exibição de *A Lua a seu Alcance*, marinheiros foram a seus pés e vaiaram. “Não é exagero dizer”, escreveu William Manchester, que serviu na Marinha, “que ao final da guerra Sinatra tinha se tornado o homem mais odiado das Forças Armadas.”

O destacamento local de alistamento de Frank tornou as coisas piores quando apareceu com uma nova e misteriosa classificação. Por um período em 1944, ele se tornou 2-A(F), definido como “qualificado para serviço militar limitado”, mas deferido “em apoio da saúde, segurança ou interesse nacionais”. A pergunta de um repórter, “cantar é essencial?”, resumiu a reação. Então, no começo de 1945, Frank foi convocado de volta a Nova Jersey para outro exame médico.

As fãs sabiam antecipadamente que ele estava vindo. Centenas delas

avançaram, rasgando suas roupas, quando ele chegou no 113° Arsenal de Infantaria para passar pelos médicos. Então, depois de Frank ter sido enviado para o Forte Jay para outros exames, seu arquivo foi para Washington "para revisão de altos oficiais militares sob um decreto governando o reexame de atletas e estrelas do palco e da tela que estavam pendentes." Eles decidiram de uma vez por todas que o "Frail Finch"[49], como o chamava um jornal de Nova Jersey, não iria para a guerra. Ele era, mais uma vez, um 4-F.

Aquele foi o fim do processo oficial, mas não das suspeitas e das duras críticas. "Você pode me dizer", a mãe de um militar perguntou em uma carta ao jornal após alguns dias, "por que atletas e estrelas do palco e da tela são tão importantes para receber uma dispensa especial?" Colunistas conservadores tiveram seu dia. "A explicação para o 4-F é emocionalmente insatisfatória", escreveu George Sokolsky, deplorando "a oportunidade de Frank de perseguir seus objetivos pessoais enquanto outros homens de sua idade eram forçados a desistir de suas carreiras e lutar, mesmo que até a morte, por seu país". Lee Mortimer, do *New York Sunday Mirror*, ridicularizou Frank como um cantor popular que "conseguia segurança e trinta mil dólares por semana atrás de um microfone" enquanto outros arriscavam suas vidas. Westbrook Pegler, da Hearst, atacaria maliciosamente o "corneta-surda Frankie Boy" anos depois.

Frank tinha dito ao *New York Times* antes de sua primeira rejeição que ele ficaria "feliz em servir o Exército", que esperava fazer "trabalho com o rádio ou artilharia", talvez na Marinha. Ele expressou frustração ao ser excluído. De acordo com a esposa de Milton Berle, Ruth, ele tinha estado "desesperado" para servir.

A poderosa Hedda Hopper, colunista favorável a Frank, argumentou em sua defesa que ele tinha apoiado a causa sempre que possível, "cantando dia e noite para conquistar aqueles soldados". Ela elogiava Frank, também, por ter feito uma "turnê no front da guerra". Ele tinha, de fato, feito uma turnê de sete semanas cantando para as tropas nos Açores, África do Norte e Itália. Diversos artistas tinham feito viagens parecidas bem no começo, quando havia risco significativo. Mais de trinta "soldados maquiados" tinham sido mortos durante a guerra. Al Jolson e Joe E. Brown, ambos com mais de 50 anos, tinham se apresentado em bases no que era conhecido como Foxhole Circuit. Bing Crosby, Bob Hope, Merle Oberon e Marlene Dietrich se colocaram na linha de fogo antes que a Alemanha sucumbisse na primavera de 1945. Ainda assim, apenas

em junho daquele ano, depois das armas terem silenciado, Sinatra cantou para as tropas na Europa.

Os defensores de Frank alegaram que ele quis fazer aquilo todo o tempo, mas que, como colocou sua filha Nancy, “o FBI lhe negou um visto por conta das acusações dos jornais da *Hearst* de que ele era comunista.” Os registros e o arquivo do FBI contam outra história. Esforços para difamar Frank por suas filiações políticas vieram apenas no final da guerra e ele seria impedido de entreter tropas na Coreia apenas dez anos mais tarde.

Frank não foi o único artista a ficar de fora do conflito. John Wayne percorreu distâncias extraordinárias para deixar o serviço militar. “Ele fez com que seu estúdio maquinasse sempre novas dispensas para ele”, escreveu Garry Wills. Dean Martin passou “o primeiro susto de verdade de sua vida” quando recebeu seu aviso de alistamento, de acordo com um de seus recentes biografistas. Ele não queria servir, e foi salvo por uma hérnia dupla. Jerry Lewis tinha esperado ir para a guerra, mas foi dispensado por sopro no coração e, como Frank, por tímpano perfurado. O *New York Times* se referiu à dispensa de Frank laconicamente como “mais um caso de tímpano perfurado”.

Semanas após a doença do ouvido ter sido descoberta, uma carta irritante foi enviada para um jornal clamando que a assistente de Sinatra havia pagado aos médicos um suborno gigante para garantir que ele recebesse uma classificação 4-F. Ordenados para investigar, agentes do FBI entrevistaram o Capitão Joseph Weintrob, o jovem médico do Exército que recomendou a dispensa. Ele negou que alguém teria tentado influenciá-lo, e o FBI não encontrou evidência para sustentar a acusação. Weintrob disse que ele tinha observado uma perfuração do tímpano esquerdo que era consistente com uma doença prévia, bem como cicatrizes consistentes com cirurgia no mastoide. Raios X, disseram ele e outro médico, sustentavam as conclusões. Ainda assim, o médico do comitê de alistamento, Dr. Alexander Povalski, examinando Frank dois meses antes de Weintrob, não achara nenhuma evidência de danos no ouvido.

Em três questionários de alistamento, Frank tinha respondido “não” a questões como se tinha problemas físicos. No relatório formal de Weintrob, entretanto, Frank chamou atenção para seu ouvido. Ele voluntariamente disse que tinha tido “pelo menos três operações de mastoide em sua juventude”, e desde então tido episódios de “ouvido escorrendo” – o mais recente há poucos meses – e “frequentemente sofria de ‘barulhos na cabeça’ no lado esquerdo”.

Finalmente, Frank ofereceu aos médicos militares informação sobre si que

permaneceu desconhecida até depois de sua morte. “Durante a entrevista psiquiátrica”, o Capitão Weintrob anotou em seu relatório:

> o paciente afirmou que ele era “neurótico, tem medo de multidões, medo de usar elevador, ter pessoas à sua volta o faz querer correr. Ele tem ideias somáticas e dores de cabeça e tem estado nervoso nos últimos quatro ou cinco anos. Desperta cansado no período da manhã, está sem forças e desnutrido”. O psiquiatra que o examinou concluiu que aquele convocado sofria de psiconeurose e não era aceitável do ponto de vista psiquiátrico.

O diagnóstico de “psiconeurose severa”, não foi anexado à lista. Uma anotação de “instabilidade emocional” foi feita no lugar. Sentiu-se que isso evitaria constrangimento indevido para ambos, o convocado e o serviço de convocação.

A viúva de Weintrob, Beverly, lembra que seu marido achava Frank “incapaz fisicamente”. Seu conhecimento não era contemporâneo, uma vez que ela se casou com o médico muito depois. Ela lembra, no entanto, que Sinatra tivera contato social com Weintrob depois da guerra e que tinha ingressos para suas apresentações em concertos.

Um amigo de Sinatra, Robert Neal, herdeiro do café Maxwell House, disse que o contato íntimo deles o levou a concluir que Frank “deveria ter ido. Ele tinha algo com o tímpano e usava isso. Ele simplesmente usava aquilo para escapar... Ele não serviu o Exército, e acho que ele sentia muito por isso”.

EM MEIO ao furor sobre sua condição de alistamento, Frank disse aos jornalistas que ele era como qualquer outro jovem americano. Aquilo há muito deixara de ser verdade, especialmente dado o fato, inusitado para um artista daquela época, de Frank ser àquela altura uma figura do panorama político.

Ele tinha sido “doutrinado” na política democrata, como comentou, quando sua mãe o levou para manifestações eleitorais, ainda um garotinho. No começo de seu triunfo no Paramount, ela o tinha feito cantar em um comício eleitoral em Nova Jersey. Assim que a guerra acabou, ele disse em uma entrevista que estava se preparando para “um tipo de serviço público”. No meio tempo, o garoto que tinha sido reprovado na escola tinha começado a devorar livros sérios.

Frank tinha começado a ler noite adentro enquanto cantava com Dorsey, e esse foi o início de um hábito que durou por toda a vida. “Ele sempre arrumava

estes livros grossos, o tipo de livro que ele achava que deveria ler", disse a cantora Peggy Connelly, uma de suas amantes nos anos 1950. Em aviões e raros momentos de paz em trens transcontinentais, ele se atirava para cima da moderna literatura americana. Questionado durante uma entrevista na época da guerra sobre quais livros o tinham mais influenciado, ele mencionou: *One God*, de Florence Mary Fitch – "Você nunca levantará sua mão ou sua voz contra a religião de outro homem depois de ler aquilo"; *History of Bigotry in the United States*, de Gustavus Myers – "Um grande livro"; *An American Dilemma*, de Gunnar Myrdal – "li este duas vezes"; e *Freedom Road*, de Howard Fast – "Sensacional... todo mundo nos Estados Unidos deveria ler esse livro."

Um entrevistador do pós-guerra encontraria no camarim de Frank em Hollywood – junto com o *Dicionário Webster – The Forty Days of Musa Dagh*, de Franz Werfel, e *The Way to Peace*, de Margaret Deland. Ele leu com profundidade a literatura sobre racismo, preconceito religioso e opressão. Havia também *The Roosevelt I Knew*, do antigo Secretário do Trabalho Frances Perkins. A postura do presidente com relação à Itália tinha alienado alguns ítalo-americanos mais velhos, incluindo Dolly Sinatra, nos anos 1930. Em 1944, para irritação de sua mãe, as políticas de princípios sociais de Roosevelt inspiraram em Frank uma devoção que, a quem observasse, "quase beirava a adoração."

Ele fez grandes e pequenos gestos, apresentando-se em um imenso leilão de títulos de guerra no aniversário de Roosevelt, dando o nome de seu filho em homenagem ao presidente, mantendo duas fotos coloridas do presidente em seu quarto, deixando todos saberem que tinha votado como democrata em 1940. George Evans, bastante político, encorajou Frank a se envolver diretamente na campanha de reeleição de Roosevelt em 1944, e Frank mergulhou no projeto com entusiasmo. Ele ofereceu seus serviços para as sedes do partido democrata e também para organizar o Comitê de Ação Política do Trabalho e, no outono, pediu a um conhecido que entregasse um bilhete pessoal para Roosevelt.

Meu querido Sr. Presidente,

Aqueles caras [os Republicanos] estão de brincadeira? Nós estamos ganhando a guerra.

FRANK SINATRA

Dias depois, Frank recebeu um convite de última hora para uma recepção à tarde na Casa Branca. Ele era um dos muitos convidados, mas um monte de

repórteres estava esperando por ele quando Sinatra apareceu no Portão Leste. “Ele brincou comigo sobre a arte de fazer as garotas desmaiarem”, disse então de sua reunião com o presidente. O presidente tinha zombado dele amigavelmente, lembrou Frank. “Quando me aproximei dele na fila, ele gritou ‘Olha quem está aqui!’, e quando demos as mãos, ele deu risada com seu jeito inesquecível e sussurrou: ‘Que tal me contar qual é o primeiro lugar da Parada de Sucessos desta semana? Não digo a ninguém’.” Pessoalmente, no entanto, Roosevelt parecia intrigado sobre a Sinatramania. “Imagina esse cara as fazendo desmaiar”, murmurou ele para um assistente. “Ele não as faria desmaiar no nosso tempo, certo?” Ainda assim, dizem que o presidente recebeu Frank pelo menos em mais uma ocasião.

Em seguida à primeira visita à Casa Branca, republicanos e colunistas conservadores ridicularizaram o presidente por se encontrar com um mero cantor popular. Em resposta, em um de seus concertos, Frank cantou uma paródia da canção *Everything Happens to Me*:

> *They asked me down to Washington*
> *To have a cup of tea:*
> *The Republicans started squawking*
> *They're mad as they can be!*
> *And all I did was say hello*
> *To a man called Franklin D.*
> *Everything happens to me!* [50]

Frank e Nancy contribuíram com sete mil e quinhentos dólares (setenta e cinco mil dólares, hoje) para o fundo de campanha democrata. Uma tarde em Nova York, tendo acabado de sair do Waldorf enquanto o oponente de Roosevelt, Thomas Dewey, fazia um comício, Frank acabou levando a maioria da multidão junto consigo ao longo da Park Avenue em seu caminho. Jovens começaram a usar *bottons* em que se lia: “Frankie é por FDR e nós também. Um panfleto democrata mencionava solenemente Sinatra como afirmando “Em 1944 Roosevelt tornará o sonho da América Jovem uma realidade”.

Pessoas do *show business* através do país estavam se envolvendo em política como nunca. Os chefões dos estúdios faziam notícia com grandes contribuições. Humphrey Bogart, Danny Kaye, Charles Boyer e Bette Davis eram parte de um comitê “Hollywood apoia Roosevelt”. Edward G. Robinson presidiu uma

reunião do sindicato. Rita Hayworth fez campanha no rádio e seu marido, Orson Welles, que era próximo do presidente, viajou o país fazendo discursos. Foi a estrela de Sinatra, no entanto, que brilhou mais intensamente pelos democratas.

Frank fez transmissões apoiando o presidente e discursou em uma reunião no Carnegie Hall durante o mês de seu tumultuoso retorno ao Paramount. Em 29 de outubro, uma semana antes das eleições, apareceu no Madison Square Garden com o candidato de Roosevelt, Harry Truman, membros do gabinete e o prefeito de Nova York. Ele conseguiu fazer um pequeno discurso comovente.

"Eu disse que apoiava Roosevelt", ele lembrava, "porque ele era *bom* para mim. Ele era bom para mim, para os meus filhos e o meu país, logo deveria ser bom para todos os outros caras e suas crianças. Quando atravessei a praça, me senti como um jogador de futebol americano saindo do campo – fraco, atordoado, excitado, e com todo mundo vindo para apertar a mão ou dar um tapinha nas costas – me senti orgulhoso."

Nos últimos dias da campanha, Frank parou de trabalhar no Paramount e apareceu em dois ou três eventos políticos por dia. De acordo com seu agente, também fez várias transmissões em italiano, evidentemente preparadas para ele, já que não era fluente no idioma. Na noite da eleição estava no Hotel Astor falando para três mil democratas na reunião Broadway por Roosevelt. Ele passou a noite seguinte bebendo com Orson Welles no restaurante de Toot Shor na West 52nd Street, esperando o resultado das eleições. Welles e Shor celebraram a vitória de Roosevelt levantando o peso-pena Frank no ar.

Tal era a exaltação daqueles dias, e o senso de Frank de que tinha feito uma grande contribuição, que ele imaginou para si um futuro em um tipo bem diferente de holofote. "Quando vou a algum lugar para discursar", contou à revista *PM* na primavera de 1945, "sou o Frank Sinatra *cidadão*, não *artista*... Acho que vou me aposentar do *show business* algum dia. Mas quando fizer isso, não vou ficar sentado debaixo da sombra das árvores. Quero entrar para algum trabalho de serviço público… Se algum caça-votos que não quisesse nenhum bem para a comunidade e estivesse concorrendo a um cargo e eu não pudesse bater nele de nenhum jeito, então eu concorreria a um cargo. Certamente."

Frank não pôde ir à posse de Roosevelt. Ele e George Evans partiram de avião da Califórnia mas foram impedidos pelos atrasos das linhas aéreas. Três meses mais tarde, era um entre milhões de atordoados com a notícia de que Roosevelt estava morto, derrubado por uma hemorragia cerebral. Frank estava

trabalhando na Columbia Records quando ouviu e começou a chorar. Então, com um pequeno grupo de *bobbysoxers* em seus calcanhares, foi para a St. Patrick Cathedral para acender uma vela. Ele viajaria mais tarde para a casa de Roosevelt no Hyde Park, Nova York, para participar de uma cerimônia.

Havia aqueles, claro, que não se enlutaram com a morte de Roosevelt. Seus oponentes tinham visto as reformas econômica e social do presidente como traição, e seu discurso de ajudar o "terço da nação, os mal-alojados, mal-vestidos, mal-nutridos" como comunismo velado. Eles detestavam alguns de seus principais apoiadores, incluindo Frank.

"Pobreza", disse Frank em sua entrevista para a *PM*, "é o maior espinho. Isso cai no que disse Henry Wallace, quando falou que *toda criança no mundo* deveria ter seu litro de leite por dia." Frank admirava Wallace, o vice de Roosevelt durante sua terceira administração, que defendeu mais direitos para mulheres e negros, melhorou a habitação pública e defendeu relações mais próximas com a União Soviética, duvidando de seu comprometimento com uma revolução mundial. Para a direita, entrentato, Wallace era um comunista.

O PAC[51], ao qual Frank se filiou durante a campanha, foi parte do Congress of Industrial Organizations[52]. Sua unidade de registro, sob o *slogan* "Cada trabalhador é um eleitor", recebeu muito do crédito pela grande virada que resultou na vitória dos democratas na eleição. Muitos republicanos viam o PAC e seu líder lituano de nascença, Sidney Hillman, como comunistas. A quintília humorística submetida a um jornal anti-Roosevelt incluía os versos:

> *Political pots have a lid,*
> *Beneath which the cooking is hid.*
> *But it's easy to tell*
> *From Bolshevik smell*
> *Which stew was concocted by Sid.*[53]

Nas semanas anteriores à eleição, Frank tinha se tornado um membro do Independent Voters Committee of the Arts and Sciences for Roosevelt[54], que mais tarde mudou o nome para Independent Citizens Committee of the Arts, Sciences and Professions (ICCASP)[55]. "Deveríamos ficar de olho aberto com esse órgão", rabiscou o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, em um recorte de jornal sobre o grupo, "já que os nomes de alguns de seus membros indicam que eles

vão de liberais legítimos a simpatizantes e comunas".

Filiações políticas à parte, Frank estava agindo sem limites, como se pudesse fazer o que quisesse impunemente. Na noite da eleição, enquanto bebia com Orson Welles, contam que ele tinha declarado que queria "bater" no poderoso colunista anti-Roosevelt, Westbrook Pegler. Pegler, como Sinatra e Welles, estava se hospedando no Waldorf. Uma fonte informou que Sinatra tentou e falhou ao procurar Pegler, e então destruiu o quarto dele. Pegler negou aquilo, mas disse que Frank estava "gritando bêbado" e teve que ser silenciado, controlado por um policial. Um dos colunistas da equipe disse que seu chefe teria alfinetado Frank de dentro do quarto, gritando: "Você é aquele garotinho de Hoboken que canta no rádio?". Frank teria então voltado para sua própria suíte, arrebentado a mobília e jogado uma cadeira pela janela.

Welles disse que não havia ocorrido incidente de nenhum tipo. Frank admitiu ter "tomado uns goles" e ter ido para o quarto de Pegler, mas disse que partiu pacificamente quando descobriu que ele estava fora. Algumas noites mais tarde, ignorando uma advertência de Hank Sanicola de que Pegler era "muito poderoso para ficar zoando com ele por aí", ele conseguiu manter o colunista fora de seu show na Wedgwood Room do Waldorf. A versão de Pegler sobre a saga da noite da eleição dizia que Frank tinha passado pela sede do PAC que, segundo escreveu ele, "era também a sede dos comunistas".

Frank deu de ombros para a advertência de que se envolver em política poderia causar danos à sua carreira. "O modo como eu via aquilo", disse ele, "é que se você vive em um país – se você é pai e tem filhos – e você ama esse país... Se eu quiser me manifestar como cidadão e isso vier a me prejudicar no *show business*, então, eu digo 'Pro inferno com tudo!'."

Ter sua palavra, juntamente com a maneira como ele conduzia sua vida pessoal, em breve traria inimigos perigosos para Frank.

10
Cidadão da comunidade

A MIGRAÇÃO DE FRANK para Hollywood tinha sido um movimento não apenas em direção à ostentação e ao glamour, mas para um ninho de vespas político. Havia um rumor vindo dos estúdios e de muitas das grandes casas nas colinas das redondezas, o rumor do ardor liberal e neoliberal. “Todos os tipos de atividades radicais e comunistas”, um investigador do Congresso tinha declarado em 1938, “estão descontrolados nos estúdios de Hollywood”. Em 1947, o House Un-American Activities Committee[56] estava começando sua inquisição a sério, e se voltava para Hollywood.

O comitê e o FBI eram o punho efetivo da direita. Hoover sentia em Hollywood “o cheiro de ar úmido do comunismo”. Outros inimigos da esquerda no mundo do cinema iam de estrelas e diretores conservadores a chefes de estúdio nervosos e malucos que ficavam interferindo. Ainda para completar trinta anos, sem rodeios, envergonhado de sua origem das classes trabalhadoras, ainda que inacreditavelmente rico, um ídolo da juventude que estava o tempo todo exposto ao público, Frank era um alvo certeiro. Desde a metade dos anos 1930, quando Moscou exortou os comunistas do Ocidente a trabalhar com os liberais para formarem uma “frente popular” contra Hitler e o fascismo durante a guerra, quando América e União Soviética eram aliadas, o Partido Comunista parecia aceitável para muitos na esquerda americana. Cheios de energia e comprometidos, os cerca de cem membros de carteirinha exerciam uma influência desproporcional ao número de filiados.

Comunistas americanos tinham apoiado Roosevelt, se apresentando para o mundo todo como, segundo escreveu o jornalista Ronald Brownstein, “algo que se parecia muito com democratas da esquerda”. Com o fim da guerra, contudo, e os soviéticos tentando alimentar a subversão nos Estados Unidos e roubar

segredos militares, a direita estava pronta para atacar.

A filosofia política de Frank era simples, inocente até. Roosevelt tinha discursado pelos “homens esquecidos na base da pirâmide econômica”, um conceito com o qual Frank se identificava. “O que gosto no presidente”, ele dissera uma vez, “é que ele tem grande afeição pelo homem comum. Bom, eu sou um desses, mesmo com toda minha fortuna.” Frank repetidamente se declarava “homem comum de Hoboken”, um dos “caras comuns...”. “Eu não sou um grande pensador...”, “não sou o tipo de cara que fica mentalizando sobre por que ou como eu acabei vindo parar em alguma coisa. De repente, tenho uma ideia – talvez eu fique tocado por alguma coisa. E quando fico suficientemente tocado, eu faço algo a respeito.”

Em 1945 e 1946, em meio a umas trinta sessões de gravação que produziram, mais memoravelmente, *These Foolish Things*, *All of Me* e *Put Your Dreams Away*, Frank abertamente apoiou causas que eram suspeitas ao olhar da direita. Ele foi um patrocinador para um concerto em prol do Committee for Yugoslav Relief[57], o qual logo estaria na lista de organizações subversivas do procurador-geral. Ele fez uma grande contribuição para um comitê croata julgado pelo FBI como um grupo “de frente comunista”. Seu nome foi ligado a grupos anti-Franco, o Action Committee to Free Spain Now[58] e aos Veterans of the Abraham Lincoln Brigade[59].

Delegados da Conferência Mundial da Juventude em Londres disseram que Frank ajudou a pagar as despesas deles e que tinha contatos com a Juventude Americana pela Democracia. Ambos os grupos também eram chamados de vermelhos pelos conservadores. Quando a American Federation of Radio Artists[60] o elegeu para sua chapa, um informante revelou ao FBI que ele era um “seguidor da facção da esquerda” daquela associação.

Em fevereiro de 1946, Frank foi eleito vice-presidente do ICCASP, e logo depois para o mesmo cargo no HICCASP, o afiliado de Hollywood do grupo. Eram grupos de pressão com raízes nas campanhas de eleição dos democratas, se vangloriando de ter o antigo Secretário de Interior Harold Ickes como presidente, o filho de Roosevelt como diretor e Albert Einstein como membro. Naquele verão, contudo, o HICCASP estava em crise. “Os *Commies*[61]”, disse um membro do HICCASP à *Time*, “estão fazendo buracos como caruchos em um biscoito”, e o grupo, de fato, incluía membros do Partido. Depois de uma reunião

tempestuosa, na qual os membros trocaram insultos – “escória capitalista” e “fascista” respondidos com “inimigo do proletariado” e “caçador de bruxas” – alguns liberais céticos renunciaram. Frank, no entanto, ainda era vice-presidente quando, meses depois, a organização clamou pelo “desarmamento universal”, sobre o fim do sigilo sobre a investigação da energia atômica e se opôs ao final da aliança de guerra com a União Soviética.

Das mais de mil páginas do dossiê do FBI sobre Sinatra, quase um quarto se relaciona com suas conexões com a esquerda. Em 1944, um ano após a divisão começar a coletar material sobre ele, o órgão recebeu um relatório citando Sam Falcone, um sindicalista proeminente do norte do Estado de Nova York. Falcone, um membro do Partido Comunista, tinha sugerido “que Sinatra viesse para Schenectady para participar de um programa para levantar fundos, uma vez que Sinatra era um antigo membro da Young Communist League[62] e viria para o partido comunista por uma quantia simbólica”. Outro informante mais tarde afirmou que Frank “era formalmente filiado à organização American Youth for Democracy[63], mas tinha recentemente sido admitido na sucursal de Nova York do Partido Comunista”.

O governo interceptou cartas de Frank enquanto monitorava correspondência recebida por comunistas e outros acusados considerados como riscos para a segurança. Seu nome chegou até a aparecer durante a vigilância de um suspeito em um dos grandes casos de espionagem soviética pós-guerra. O FBI estava acompanhando as confissões de Elizabeth Bentley, que por seis anos tinha sido mensageira, passando informações de fontes do alto escalão de Washington para superiores do submundo comunista. Ela estava trabalhando para agentes da NKVD, um braço da inteligência soviética, os quais lhe deram o codinome de Clever Girl[64]. Bentley contou aos interrogadores americanos sobre um contato conhecido no submundo como “Charlie”, um dentista “russo judeu” que servia como intermediário para “um certo material”.

Agentes do FBI suspeitavam fortemente de que o traidor fosse o Dr. Abraham Weinstein, um dentista de Nova York de ascendência russa. Weinstein negava ser um comunista, mas de fato admitiu ter tratado de funcionários comunistas americanos e um oficial consular soviético, bem como ter contribuído para organizações americanas-soviéticas. Não escapou da vista do FBI, nesse meio tempo, que Sinatra – que em 1946 usava um conjunto de dentes da frente muito brancos encapados de coroas – era um dos pacientes de

Weinstein ou que tinha conseguido ingressos para que Weinstein e sua esposa fossem ver seu show no Waldorf-Astoria.

Não há evidência confiável de que Frank fosse comunista ou mesmo desleal em qualquer sentido. Investigadores do FBI, classificando cada detalhe da ficha corrida anos depois, tiveram a mesma opinião. Em 1946, seguindo insinuações da direita feitas a partir de um evento do HICCASP em prol dos veteranos de guerra, ele reagiu com sua exasperação típica. “O Comitê queria urgentemente a aprovação da legislação que providenciaria casas para os veteranos”, ele explodiu. “Se aquilo era atividade subversiva, sou totalmente a favor!” Frank era um novato político, que não entendia como aparentes aliados tentavam explorar seu nome famoso e como inimigos procuravam tornar seu nome imundo. O fato de que ele tinha conversado com o presidente Roosevelt e de que ele e o procurador geral Tom Clark se tratavam pelos primeiros nomes pode ter subido à sua cabeça. Frank estava agora dedicando tanto tempo a preparar falas e entretenimento em prol de causas liberais que seu salário acabou caindo significativamente. Lá estava na rádio nacional, não cantando, mas sim defendendo como podia sua posição sobre os direitos dos veteranos e a conferência Big Four em Paris e citando Thomas Paine.

Seus conselheiros mais próximos insistiram com ele sobre o assunto. “George Evans e eu encorajamos aquela consciência social desenvolvida recentemente”, disse Jack Keller, “porque víamos que isso certamente colocaria Frank como algo à parte, como ‘um cidadão da comunidade’ tanto quando uma estrela.” Evans, que era próximo do Dr. Weinstein, de acordo com o FBI, via a partir disso que os ideais de Frank em “fazer um mundo melhor” estavam espalhados entre os jovens. Ele também apresentara Frank para Jo Davidson, de 62 anos, um companheiro apoiador de Roosevelt e escultor aclamado.

Davidson tinha sido presidente do ICCASP desde sua fundação. Frank o considerava muito e seguia seus conselhos em questões políticas. Davidson achava que Frank parecia “um Lincoln mais jovem”, e logo começou a trabalhar no busto de seu novo amigo. Ele e Frank foram vistos em uma reunião da então incipiente Nações Unidas, ouvindo o delegado soviético Andrei Gromyko.

Para a direita, a conexão com Davidson era mais uma evidência do que um colunista teria chamado de “virada para bombordo” de Sinatra. O escultor, cujos pais eram russos, tinha sido, em sua juventude, próximo de Emma Goldman, uma proeminente anarquista deportada dos Estados Unidos como uma “radical perigosa”. Em breve, ele seria descrito na *Life* como um dos muitos

“enganadores e simpatizantes” que “enfeitam as frentes comunistas”.

A revista *PM*, que serviu de palanque para as ideias de Frank antes e depois da eleição de 1944, era o órgão da Frente Popular de Nova York. Era inequivocamente de esquerda, incluindo comunistas de carteirinha em sua equipe e visto por alguns como um veículo para o “comunismo americano”.

Comunistas americanos, de fato, tentaram arrebanhar artistas liberais democráticos. Como colocou um observador, eles eram tão “materialistas” quanto eram “etéreos” os artistas. Um dos primeiros liberais a perceber que ele e seus amigos estavam sendo manipulados, o roteirista Philip Dunne, disse que ele e seus companheiros tinham sido “inocentes”. “Nós éramos, a maioria, vozes virgens em assuntos políticos”, Jo Davidson disse mais tarde.

Os amigos ativistas de Frank incluíam Orson Welles, sob o olho pernicioso do FBI desde o iconoclástico filme *Cidadão Kane (Citizen Kane)*, e Gene Kelly, outro membro de liderança do HICCASP. Outros liberais em seu círculo e outros que vieram a entrar foram Humphrey Bogart, Lauren Bacall, Gregory Peck, Judy Garland e Ava Gardner. Seja qual fosse o nível de inocência política destes amigos, não podia haver um engajamento casual às causas da esquerda, uma vez que o Un-American Activities Committee[65] chegou a voltar suas armas para Hollywood.

Em janeiro de 1946, o proeminente evangelista e racista Gerald Smith convocou o comitê para investigar Frank. Ele disse que Sinatra estava envolvido com a American Youth for Democracy[66], “certamente” sendo usado pelo Partido Comunista e que não era um “enganador inocente”. Frank respondeu de forma otimista. “Se isso significa concordar com Jefferson e Tom Paine, [Wendell] Willkie e Roosevelt, ficarei feliz em aceitar o título”, respondeu. “Não vamos apenas ignorar Smith... Vamos fazer o que a maioria das pessoas faz com esquisitões – vamos nos livrar dele”.

Os assessores de Sinatra ficaram mais cautelosos. Meses mais tarde, quando a American Youth for Democracy pediu a Frank que contribuísse em um artigo sobre problema raciais, sua equipe de apoio pediu mais informações sobre a organização em questão. As “crenças políticas” de Frank, enfatizou um assessor para o solicitante, “não vão em direção ao comunismo”. Ainda assim, Frank não cedeu prontamente. “No minuto em que alguém tenta ajudar os que precisam, ele é chamado de comunista”, resmungou quando uma organização católica de leigos o atacou por discursar em uma reunião de esquerda. No começo de 1947,

ele publicou uma carta aberta para Henry Wallace logo depois do ex-vice presidente ter pedido mais brandura com a União Soviética.

"Táticas divisionistas", escreveu Frank, "têm sido capazes de invadir as mentes das pessoas que se consideram liberais... Foi muito fácil marchar com os liberais e progressistas nos anos de Roosevelt. Sabíamos que ele não nos deixaria caminhar de forma errada. Até que um outro líder em que possamos confiar, como confiamos nele, aceite a luta que gostamos de acreditar que seja a nossa – a luta pela tolerância, que é a base de qualquer luta pela paz – será duro ser um liberal."

Dois meses depois, novamente inspecionando as relações de Frank com a Juventude Americana para a Democracia, o congressista Karl Mundt, do Un-American Activities Committee, o acusou de conduta "inimiga aos melhores interesses da América". Logo, como foi relatado, Frank seria intimado a testemunhar em Washington. Ele nunca foi, embora fosse uma das celebridades que formavam o Committee for the First Amendment[67] que se opunha aos excessos do Un-American Activities Committee.

No outono de 1947, Frank e outros se encontraram na casa do compositor Ira Gershwin para planejar protestos contra o Un-American Activities Committee. Entre os presentes estavam Bogart e Bacall, Rita Hayworth, Groucho Marx e Gene Kelly – um informante do FBI anotou os números de suas placas quando chegaram.

"Uma vez que eles sufocarem o cinema", disse Frank em um depoimento, "quanto tempo vai demorar até que o Comitê comece a trabalhar contra a liberdade de transmissão? Quanto tempo passará até que nos digam o que podemos ou não falar em um microfone? Se você faz uma denúncia em rede nacional para se conseguir um tratamento justo aos desafortunados, eles vão te chamar de comuna? Será que eles vão nos calar à base do medo? Tenho minhas dúvidas."

À medida que a direita manteve a pressão, muitos liberais de Hollywood recuaram da política, temendo por suas carreiras. Frank começou a se afastar dos grupos que estavam sendo tachados de frentes comunistas, deu fim aos seus protestos barulhentos, e, eventualmente, passou a manifestar sua oposição ao comunismo. Em 1948, foi anunciado que ele e outros ítalo-americanos de destaque gravariam um apelo a ser transmitido aos eleitores italianos para que não votassem em comunistas nas eleições seguintes. Ele respondeu furiosamente

contra insinuações persistentes a respeito de suas simpatias pela esquerda. “Se não cortarem isso”, ele tentou frear, “vou mostrar o quanto um americano sabe responder a uma briga – mesmo contra o estado – se este americano estiver, por acaso, também correto. Eu ajo direito, não sou da esquerda.”

Em 1950, pouco antes de o Un-American Activities Committee começar um novo ataque a Hollywood, Frank enviou segundo o FBI, um emissário às sedes do bureau:

> para marcar um horário para encontrar o Diretor e oferecer seus serviços. [NOME DO EMISSÁRIO DELETADO] apontou que Sinatra, a princípio, era desejoso de oferecer seus serviços à CIA, mas ele tinha dito a Sinatra que a CIA não era a organização apropriada para se abordar... Um amigo na CIA disse que ele deveria cuidar deste problema junto ao FBI... Sinatra se sensibilizou ante as alegações que foram feitas a respeito de suas atividades subversivas... Ele nega quaisquer afiliações ou interesses subversivos, mas sente que na visão daqueles que promoveram a publicidade que ele vem recebendo, estes elementos subversivos não estão certos de sua posição, e, dessa forma, Sinatra sente que ele poderia ser de bom uso para o escritório.

“Não queremos nada com ele”, J. Edgar Hoover rabiscou na carta.

Dúvidas persistentes sobre a lealdade de Frank repetidamente levaram o Exército dos Estados Unidos a rejeitá-lo como artista a serviço das tropas pela última vez em 1954 no rescaldo da guerra da Coreia. De acordo com um relato do Exército, o general Alfred Kastner disse a Frank que “existia uma questão séria” a respeito de suas “simpatias pelo comunismo, comunistas e simpatizantes.” Frank disse que ele “odiava e desprezava” tudo que tivesse a ver com o comunismo. O cantor era, insistia, “tão comunista quanto o Papa”.

No começo de 1955, porém, o FBI começou uma sondagem de um ano de seu histórico que envolvia nove oficiais do FBI e muitos informantes. Isso foi disparado por um pedido do Departamento de Estado, que estava consultando uma solicitação recente de Frank para passaporte. O governo estava naquela época recusando passaportes não apenas para comunistas, mas para qualquer um cuja atividade fora do país pudesse, em sua visão, apoiar o comunismo ou, de forma ainda mais ampla, ser “contrário aos melhores interesses dos Estados Unidos”. Frank havia jurado que jamais fora membro de um partido ou de uma

frente de organização comunista. Dado este histórico, o Departamento de Estado queria saber se ele tinha feito uma afirmação falsa. Se sim, haveria bases para processá-lo? Hoover posteriormente relatou que a única mancha negra contra Frank era ter sido vice-presidente do HICCASP. O grupo tinha sido tratado como uma frente comunista apenas pelo Un-American Activities Committee da Califórnia, e não pelo governo federal, e assim as autoridades deixaram o problema de lado.

Anos depois, Frank ainda ficaria furioso por causa da pressão oficial que foi exercida. Em 1966, despachou um intermediário para Washington para "determinar a identidade do 'f.d.p'" que anos antes o tinha tachado de "comuna" e levado o Exército a dispensá-lo como artista. A então esposa de Phil Silvers, Jo-Carroll Dennison, que frequentemente conversava de política com Frank nos anos do pós-guerra, disse: "Muitos dos amigos que eu tinha e tenho foram literalmente membros do Partido Comunista, dedicados à derrubada do capitalismo. Mas sou confiante de que Frank não era como eles. Ele era, na minha opinião, um liberal absolutamente verdadeiro, no melhor sentido da palavra. Acreditava em direitos civis, direitos humanos, e se colocava nesta linha".

"Frank era ambicioso e idealista", disse ela, "e tenho certeza de que ele ficou aterrorizado, com um furo no estômago, de imaginar que sua carreira estava em perigo durante as ações do Un-American Activities Committee. Mas não acho que ele tenha recuado. Frank era muito corajoso."

"Minha primeira lembrança de seu pai vem do período de Roosevelt", o ex vice-presidente Hubert Humphrey escreveria em uma carta para Nancy, a filha de Sinatra. "Ele é um devoto e sólido liberal americano, seguindo a tradição de Roosevelt e Truman, Kennedy e Johnson... O que eu mais me lembro sobre seu pai é da sua grande preocupação com o país e particularmente com os negros americanos, aos quais, por tanto tempo, tinha sido negada oportunidade de igualdade."

11

“O que é a América?”

FRANK PODE TER EXAGERADO sobre a pobreza inicial de sua família, pode ter autorizado assessores a aumentar os fatos sobre sua juventude, mas ele sem dúvida enfrentou preconceitos. Em sua infância, contou a um grupo de jovens em 1945, crianças afroamericanas eram menosprezadas, sendo chamadas de *niggers*, e os judeus como *kikes* ou *sheenies*. Ele era chamado de “pequeno dago” e apedrejado por outras crianças.[68]

Frank culpava, pelo preconceito, não as crianças, mas seus pais, incluindo os seus próprios. Lembrava-se de sua mãe o importunando sobre a origem étnica de seus amigos de infância, de seu pai “odiando” pessoas de etnias diferentes que lhe pudessem tomar o emprego. Durante a juventude de Frank, a Ku Klux Klan tinha um número significativo de membros em Nova Jersey, e sua hostilidade era amplamente aplicada.

Aos dezessete anos, quando Frank passou um ano se virando em Nova York, ele tentou um emprego de mensageiro em Wall Street. “Uma das perguntas que estava em quase todos os formulários que tinha de preencher”, ele lembrou, “era ‘religião?’. Isso significa que conseguir um emprego – uma questão de vida ou morte para a gente de quem eu descendo – dependia em grande parte da sua religião.”

Passeando pela 52nd Street, ele havia visto o quão profundamente arraigado era o preconceito racial. No fim da década de 1930, havia ainda em Nova York poucos lugares fora do Harlem onde pudesse tocar uma banda de negros. Mesmo no rádio, invisíveis para a audiência, músicos negros não podiam tocar com bandas de brancos.

As condições para os artistas refletiam as das sociedade em geral, como Frank havia descoberto ao viajar pelo país. A Segunda Guerra Mundial havia

mudado poucas coisas nesse sentido, embora a indignação dos negros houvesse aumentado. Permitia-se aos negros que se apresentassem em alguns hotéis de primeira classe, mas não que se hospedassem neles. A polícia de Washington D.C. tolerava casas noturnas específicas para negros, mas realizava batidas ou as fechava se mulheres brancas fossem vistas entrando. Em um hotel de Nova York, depois de reclamações de hóspedes brancos, Billie Holiday foi obrigada a utilizar o elevador de serviço em vez do principal. Duke Ellington podia gravar com Rosemary Clooney, mas a capa do disco não podia ter uma imagem dos dois juntos.

Frank detestava esse tipo de regras. Para ele, Ellington e Holiday eram apenas dois dos afro-americanos que admirava como colegas e tratava como amigos. Uma fotografia de 1943 o mostra não apenas rindo, sentado junto à pianista e cantora negra Hazel Scott, mas de mãos dadas com ela, o que era chocante para a época. Scott, além de negra, era uma ativista dos direitos civis que apoiava comunistas.

Frank revoltava-se visceralmente contra o preconceito flagrante. “Quando eu era criança e alguém me chamava de ‘carcamanozinho sujo’”, lembrou-se, “só havia uma coisa a fazer – quebrar a cara dele... Se alguém berrasse ‘carcamano’ ou ‘judeu’ ou ‘preto’ perto de nós, o ensinávamos a não repetir.” Assim o fez, já adulto, em diversas ocasiões. Em uma festa, quando estava com a banda de Dorsey, nocauteou um jornalista que havia chamado outro convidado de “judeu maldito”. Tomou então outro drinque e bateu nele novamente enquanto era carregado para fora.

Orson Welles presenciou um episódio parecido. “Sinatra entrou em um restaurante para tomar um café com alguns amigos músicos”, ele lembrou, “um dos quais era negro. O homem atrás do balcão se recusou a servir esse cara negro e Sinatra o derrubou com uma só pancada.”

Entretanto, para Frank era claro que em questões raciais “você tem que tratá-las por meio de educação.” Ele começou sutilmente – embora tenham percebido cedo o bastante – na sua interpretação da canção clássica de Jerome Kern, *Ol’ Man River*. Quando Paul Robeson a cantava, em 1927, os “escurinhos” todos trabalhavam no Mississippi enquanto os brancos se divertiam. A versão de Frank, de 1943, dizia: “Here *we* all work while the white folks play”[69]. Com evidente paixão, ele a cantaria dessa forma inúmeras vezes.

Em 1944, em uma de suas visitas à Casa Branca, Frank disse ao presidente

Roosevelt que pensava em começar a falar com os jovens “sobre a necessidade de tolerância e mostrar que não precisamos destruir os ideais pelos quais nossos antepassados fundaram este país”. Roosevelt aprovou a ideia, e dentro de meses Frank cumpriu com sua palavra. No início de 1945, encorajado por George Evans, foi ao Bronx falar com crianças sobre delinquência juvenil. Em março, no Carnegie Hall, ele discursou para o World Youth Rally[70].

Somente naquele ano, Frank deu trinta palestras. “O elemento surpresa foi ele ter vindo falar de ‘Tolerância Racial’ em vez de cantar”, lembrou-se a ex-aluna Grayce Kaneda sobre uma visita que ele fez à Filadélfia. “Negros, irlandeses, italianos, chineses, japoneses, judeus, católicos e protestantes, estavam todos juntos lá.”

“A próxima vez que você ouvir falar que não há lugar para estrangeiros neste país”, escreveu Frank em um artigo, “diga a ele que ‘todo mundo’ nos Estados Unidos é estrangeiro... Seria bom se as pessoas escolhessem seus parceiros pela cor de sua pele! Irmão não conversaria com irmão, e em algumas famílias nem mesmo o pai e mãe conversariam entre si. Imagine se um cara de cabelo escuro como eu não falasse com loiros. Quanto mais você pensa sobre isso, mais você percebe quão importante foi o que Abraham Lincoln disse: ‘Nossos antepassados criaram neste continente uma nova nação, concebida em liberdade e dedicada ao ideal de que todos o homens são iguais.’ Veja só!”

Apesar de seu discurso parecer banal hoje, ele foi bem recebido. O diretor de cinema Mervyn LeRoy disse a Frank, “Você poderia alcançar mil vezes mais gente se contasse sua história na tela.” A dupla se aliou a um vice-presidente da RKO e conseguiu o aval para fazer um curta-metragem voltado a jovens que pudessem ser vítimas potenciais de intolerância – talvez preparados para receber conselhos de uma estrela da música. O resultado foi um filme de quinze minutos feito em apenas dois dias, *A Casa em que Vivemos* (*The House I Live In).*

O filme foi construído em torno de uma canção que havia sido interpretada anteriormente apenas por um grupo negro de música *gospel* e parecia fadada à obscuridade. Suas três primeiras estrofes:

What is America to me?
A name, a map, or a flag I see,
A certain word, democracy
What is America to me?
The house I live in

A plot of earth, a street
The grocer and the butcher
Or the people that I meet.
The children in the playground,
The faces that I see
All races and religions
That's America to me [71]

Frank fez dessa canção uma forte peça de propaganda populista. No filme, ele interpretava a si mesmo, um cantor popular que sai de um estúdio e encontra uma gangue de garotos maltratando um jovem judeu. "Olhem, rapazes", ele os advertia, "religião não faz a menor diferença! A não ser talvez para um nazista ou um babaca... Deus não criou um povo melhor que o outro. O seu sangue é o mesmo que o meu, e o meu é o mesmo que o dele. Você sabe o que é este país? Ele é feito de uma centena de tipos diferentes de gente – e todos são americanos... Vamos usar nossas cabeças como bons americanos e parar de brigar uns com os outros."

O filme termina com os garotos se dispersando, ânimos acalmados, cantarolando baixinho. O filme foi um bom material para o caldeirão cultural americano e teve, em geral, uma boa recepção, assim como foi bem recebida a notícia de que a renda seria destinada à caridade e que Frank não recebera cachê. Uma colunista costumeiramente ácida, Harriet Van Horne, declarou que ele era "um jovem sincero e trabalhador, com uma percepção profunda dos erros de seus irmãos e uma consciência social que não foi atrofiada por dinheiro ou fama".

A Casa em que Vivemos rendeu um Oscar especial a Frank e seus colegas, seu primeiro Prêmio da Academia, pelo qual ele tinha um orgulho especial; ele viria a cantar essa música diversas outras vezes ao longo dos anos. Mais recentemente, em 2001, a canção foi relançada após os ataques terroristas ao World Trade Center. Bill Cosby, alguns minutos após o início de um de seus programas, fez com que se abaixassem as luzes enquanto a voz de Frank, morto já havia três anos, preenchia o auditório. Cosby acreditava que a canção poderia ajudar na superação do trauma da nação americana. (Outros, no entanto, transformaram-na num hino ufanista.)

No outono de 1945, Frank foi à Benjamin Franklin High[72] no Harlem italiano, onde haviam ocorrido brigas entre estudantes ítalo-americanos e negros.

Um destes, o saxofonista Sonny Rollins, lembrou-se de como “Sinatra veio e cantou no nosso auditório... Depois disso as coisas melhoraram e o tumulto acabou”.

Em Gary, Indiana, estudantes brancos da Froebel High[73] haviam se rebelado e iniciado uma greve contra uma determinação que permitia aos alunos negros estudar ao lado dos brancos, utilizar a mesma biblioteca e o mesmo refeitório, e nadar na piscina da escola. Muitos pais de famílias brancas e empresários locais apoiaram os protestos. Frank, que havia chegado para dar uma palestra, descobriu que o líder dos alunos brancos tinha “três secretárias” e concluiu que “deve ter alguém por trás dele”. Do pódio, sem se deixar abater pelas tentativas de interrupção dos dignitários locais, acusou dois proeminentes homens brancos locais de haver orquestrado a greve. Ele, então, pressionou-os com agressividade até que alguém baixasse as cortinas. “Eu enchi o saco deles, não enchi?”, disse ao ser forçado a se retirar. Anos depois, lembrou-se do episódio como sendo “de certa forma a apresentação mais importante que já fiz”.

Dias depois, na Filadélfia, Frank declarou que os problemas em Gary “não são espontâneos. São políticos. As pessoas por trás disso estão entre as mais poderosas do país. É estarrecedor”. Teria ele sentido qualquer pressão ou repercussão desde que se juntara ao esforço antirracista? “Não, ainda não”, respondeu Frank. “Mas estou só aguardando. Espero senti-las qualquer dia.” Logo após fazer esses comentários, um informante do FBI na Filadélfia alegou que ele haveria recentemente aderido ao Partido Comunista. Isso se deu apenas duas semanas após Gerald Smith haver pedido ao Un-American Activities Committee que o investigasse.

Frank entrou em contato com comunistas durante suas campanhas contra o ódio racial. O compositor de *The House I Live In*, Earl Robinson, era um membro do Partido, bem como Abel Meeropol, que viria a adotar os órfãos de Julius e Ethel Rosenberg após a execução do casal por serem espiões soviéticos. Albert Maltz, o roteirista do filme, também era filiado ao Partido. Aos três seria negado trabalho durante os anos de perseguição aos comunistas.

Frank fazia pouco caso da insinuação de que ele próprio “falava como um comunista”. “Sabe”, ele disse, “chamaram a Shirley Temple de comunista. Nós dois, eu e a Shirley, eu acho... A luta contra esse ódio racial é generalizada. Eu sou apenas uma pessoa tentando dar o melhor de mim a uma coisa que acredito ser a mais importante. Critiquem-me por ser um pai e querer que meus filhos

cresçam num mundo decente... Essa é uma luta à qual me apeguei. Estou nela para o resto da vida."

"FRANK NÃO LIGAVA se você era roxo ou verde, azul ou preto", disse o artista Sonny King. "Todo artista negro tinha um grande respeito por esse homem." Sammy Davis Jr., que Frank conheceu ainda adolescente e tirou da obscuridade, dizia isso a quem quisesse ouvir. Ele havia sido torpemente maltratado no Exército por conta da cor de sua pele. Ele se apresentara em um hotel de luxo em Las Vegas no qual não lhe era permitido se hospedar ou chamar um táxi na entrada; um hotel em que a piscina era esvaziada se uma pessoa negra houvesse entrado n'água. "Frank não punha os pés no Sands ou em qualquer outro lugar em Vegas", disse King, "se o Sammy não fosse aceito da mesma maneira que ele era."

Frank aplicava a mesma regra em todas as situações, qualquer que fosse o status de seus companheiros. "O telhado explodiu", recordou-se Frank Jr., quando funcionários de um restaurante relutaram em servir o criado negro de seu pai, "e foi papai que armou a dinamite".

"Billy Eckstine foi o primeiro negro a conseguir trabalho no Copacabana", recordou Hal Webman, da *Billboard*, "quando o Sinatra adoeceu, em 1950, e escolheu Eckstine para substituí-lo. Ele teve que passar por cima de todo mundo, mas Sinatra insistiu – ele tinha esse direito de acordo com o contrato – e, no fim das contas, acabaram aceitando." Ele também insistiu para que seu arranjador negro, Sy Oliver, ficasse no mesmo hotel "só para brancos" que ele. A administração do Court Club em Miami Beach proibiu Jo Thompson, uma cantora de cabaré negra, de sentar-se com clientes brancos quando não estivesse se apresentando. Quando Frank foi ao local, fez questão de convidá-la para sentar-se à sua mesa. "Eu acho que ele fez de propósito", disse Thompson. "Ele era um dos brancos com uma atitude diferente."

Em Hollywood, os sindicatos de músicos já eram segregados há muito tempo, e Frank combatia isso. "As indústrias do cinema e da televisão eram muito racistas", lembrou-se o trombonista Milt Bernhart, "e quando Frank tinha uma gravação, ele fazia o possível para encontrar músicos negros que pudessem tocar." "Ele insistia em ter uma orquestra integrada", disse o guitarrista Al Viola; a barreira sindical foi derrubada depois que Buddy Collette, um flautista negro, foi contratado para gravações com Sinatra.

Em 1956, quando Nat "King" Cole foi agredido no palco por uma gangue

racista em Birmingham, Alabama, Frank telefonou-lhe da Europa em solidariedade. Logo após, em um longo artigo sobre o preconceito para a revista *Ebony*, ele descreveu Cole como sendo "um cidadão de primeira classe, um cavalheiro de muito caráter que honra sua profissão aonde quer que ele vá. Tenho orgulho de contar com ele como amigo". Houve agitação diante do fato de que Frank chegaria inclusive a escrever para uma revista negra. "Seu posicionamento público sobre raça no artigo da *Ebony*", declarou um editorialista na revista *Jet*, "foi o mais importante depoimento feito por uma pessoa branca famosa desde que a Sra. Eleanor Roosevelt apoiou a causa da justiça racial e da igualdade no seu artigo 'If I were a Negro'[74], no *Negro Digest*, em 1943." A Universidade Wilberforce, uma das primeiras universidades para negros americanos, homenageou Frank com um título de doutor *honoris causa*, citando sua "prática da real democracia".

Sua posição, escrevera Frank na *Ebony*, era de que "a função de um artista é entreter. Mas ele também é um cidadão responsável, com os mesmos direitos e obrigações que o seu próximo... Tenho certas opiniões definidas sobre os problemas que dividem nossa nação no presente e, com frequência, tenho o desejo de me pronunciar sobre isso."

Ele o fez também por meio de seu ofício. Catorze anos após *A Casa em que Vivemos*, ele apareceu em *Só Ficou a Saudade* (*Kings Go Forth)*, filme de 1958 sobre a questão racial entre os sexos. Produzido com um orçamento apertado – executivos do cinema temiam que fosse "ousado" demais – o filme era medíocre a não ser pelo que Frank chamou de "mensagem importante mas simples" de que "o amor pode superar qualquer coisa, inclusive as diferenças raciais e religiosas". Controvertidamente, ele se manteve fiel a essa máxima, servindo de padrinho do casamento de Sammy Davis Jr. e May Britt alguns anos depois.

Frank se aliou à cruzada de Martin Luther King Jr. na década de 1960, levantando enormes quantias, cantando em eventos beneficentes para a National Association for the Advancement of Colored People[75], o Congress of Racial Equality[76] e a American Civil Liberties Union[77]. Lágrimas escorreram pelo rosto de King quando ouviu Frank cantar *Ol' Man River*. Nancy Sinatra lembrou-se de como seu pai "sofreu" ao saber que King fora assassinado.

Seu comprometimento era sincero, mas ele não tinha tempo para o politicamente correto. Fazia piadas racistas com alegria e efeito, com base no princípio de que o humor quebrava o silêncio sobre a discriminação e a

ridicularizava. As piadas iam do jocoso ao ultrajante.

"Dedicaremos a próxima canção a Ben-Gurion", disse Frank sobre o primeiro-ministro israelense durante uma apresentação, "e a chamaremos de *There Will Never Be Another Jew*[78]". A maioria das piadas era direcionada a Sammy Davis, a quem gostava de chamar de "Smokey the Bear[79]", por vezes até de "jungle bunny"[80]: "É melhor você se lavar, que a gente não consegue te ver no escuro." "Aqui está um negrinho que vai cantar para nós." Quando Davis fazia sua imitação de Frank cantando *All the Way,* Frank comentava, "Ele é só, desculpem a expressão, uma cópia de carbono". Davis lhe retribuía as brincadeiras na mesma moeda.

Em 1974, Frank levou as coisas a um extremo gratuito. "Os polacos estão desossando os negros", disse em um palco em Las Vegas, "e os usando como roupa de mergulho." Isso teve o poder de chocar, mesmo num tempo em que as audiências estavam ficando *blasé*.

Houve um clamor de grupos *antiapartheid* em 1981, quando Frank cantou em um *resort* em Bophuthatswana, uma suposta pátria negra criada pelo regime racista na África do Sul. Muitos artistas, incluindo Shirley Bassey, Liza Minnelli, Johnny Mathis, Ray Charles, Glen Campbell, os Beach Boys, Cher, Dolly Parton e Neil Sedaka, também se apresentaram na África do Sul no início dos anos 1980. Jesse Jackson, entretanto, acusou Frank de "trocar seu patrimônio ideológico por um punhado de dinheiro". Mesmo assim, o contrato para os shows estipulava que qualquer pessoa, branca ou negra, poderia comparecer. "Se houvesse qualquer forma de segregação", disse, "eu não tocaria. Porque eu toco para todas as pessoas, qualquer cor, qualquer crença, bêbados, sóbrios, o que for." Duke Ellington admirava Frank como um "primeira voz não conformista" e mais. "Não conheço mais ninguém", escreveu Wellington em sua autobiografia sobre as iniciativas de Frank nos anos 1940, "que teria feito qualquer coisa que colocasse em risco sua posição tão logo alcançasse o auge do sucesso, mas Francis Sinatra decidiu fazer algo que é normalmente considerado perigoso e danoso para uma carreira que está só começando... Ele é um individualista. Ninguém diz a ele o que fazer ou falar."

FRANK TINHA OPINIÕES IGUALMENTE FORTES sobre liberdade religiosa − com uma ênfase geracional nas lutas dos judeus. Em 1942, quando os primeiros relatos das atrocidades nazistas chegaram aos Estados Unidos, Frank

tinha centenas de medalhas com a imagem de São Cristóvão em um lado e a Estrela de Davi no outro. Elas eram enviadas a militares servindo no além-mar, amigos e parceiros − até a policiais que haviam sido guarda-costas em apresentações suas. “Se a guerra tem algum ponto positivo”, escreveu Louella Parsons depois de conversar com Frank sobre as medalhas, “é a compreensão que muitas pessoas importantes alcançaram de que todas as religiões são boas e cada uma tem seu lugar em nosso mundo, e de que nós devemos respeitar as crenças de nossos pares.”

Dois anos depois, em Hollywood, Frank cantou em um concerto beneficente para idosos judeus. Por anos, levara consigo uma *mezuzah*, um pergaminho contido num pequeno estojo de metal, que sua vizinha judia, Sra. Golden, havia lhe dado quando criança. Ele ameaçou abandonar a cerimônia de batismo católico de seu filho quando o padre tentou impedir que Manie Sacks, um judeu, fosse o padrinho, como ele havia escolhido. O padre recuou. Ao descobrir que alguns clubes de golfe excluíam judeus, Frank se tornou o segundo não judeu a se filiar a um clube de maioria judaica.

Em todas as questões que envolvessem os judeus, seu compromisso ia além da luta contra o preconceito religioso. Para ele, assim como para muitos de seus contemporâneos, fundar um Estado de Israel parecia uma resposta humana aos horrores do Holocausto. Em setembro de 1947, quando as Nações Unidas estavam se movimentando por um acordo sobre o estabelecimento de um estado judeu no Oriente Médio − para desconforto e fúria dos árabes − ele cantou em um comício no Hollywood Bowl ao qual compareceram vinte mil apoiadores da causa sionista. No ano seguinte, tomada a decisão da ONU e recrudescidos os conflitos entre árabes e judeus na Palestina, Frank chegou a executar trabalhos clandestinos para a resistência judaica.

O Copacabana em Nova York dividia um prédio com o antigo Hotel Fourteen, que o Haganá, um dos principais braços armados do sionismo, usava como quartel-general. Uma parte essencial da missão do Haganá era obter armas para combatentes judeus na Palestina, a despeito de um embargo americano ao envio de armas para o Oriente Médio. Em março de 1948, no bar do Copacabana onde agentes do Haganá se misturavam a artistas, Frank foi recrutado para uma operação secreta.

“Eu enviei um capitão de navio irlandês para o porto de Nova York com um navio cheio de munições com destino a Israel”, recordou o ex-prefeito de Jerusalém, Teddy Kollek, que havia conduzido operações do Haganá nos

Estados Unidos. “Ele possuía documentos falsos de conhecimento de embarque e deveria levar o carregamento para além do limite de cinco quilômetros e transferi-lo a outro navio. Mas uma grande quantia deveria ser entregue, e eu não sabia como fazer o dinheiro chegar até ele. Se saísse de casa carregando o dinheiro, o FBI iria me interceptar e acabar confiscando a munição.”

“Desci as escadas até o bar, Sinatra veio até mim e conversamos. Não sei o que me deu, mas lhe contei o que estava fazendo nos Estados Unidos e qual era o meu dilema. E, na manhãzinha do dia seguinte, saí pela porta da frente do prédio com uma bolsa, e o FBI me seguiu. Frank Sinatra saiu pela porta dos fundos, carregando uma sacola de papel cheia de dinheiro. Ele desceu até o píer, entregou o dinheiro, e viu o navio partir.”

De acordo com Kollek, a sacola que Frank carregava continha cerca de um milhão de dólares (sete milhões de dólares em valores atuais). Dois primeiros-ministros israelenses, David Ben-Gurion e Menachem Begin, foram agradecê-lo em particular pelo que havia feito. “Era o início da jovem nação,” contou Frank à sua filha Nancy. “Eu queria ajudar, tinha medo de que eles não conseguissem cumprir com as expectativas.”

Frank continuou sendo um campeão de Israel, embora houvesse feito algum esforço para ser imparcial. Ele fundou o Frank Sinatra International Youth Center[81] em Nazaré para ajudar tanto as crianças árabes como as judias. Contudo, os países da Liga Árabe baniram, durante anos, os filmes e discos de Sinatra.

Como muitas coisas na vida de Frank, seu comprometimento com Israel era impulsivo, por vezes até irracional. Em 1965, durante as filmagens em Tel Aviv de *A Sombra de um Gigante (Cast a Giant Shadow)*, um filme sobre um herói do conflito que acompanhou a fundação do estado judeu, ele teve um acesso repentino fora do comum. Rock Brynner, cujo pai, Yul, também estrelava o filme, lembra-se vivamente do ocorrido.

“Estamos no hotel. É meia-noite e estamos bebendo”, disse Brynner. “De repente, depois de apenas 24 horas em Israel, Frank vira judeu. Ele tem que ‘pegar os canalhas pelo negócio do Holocausto’. Quem ele poderia culpar se Hitler já era? Uma vez havia se encontrado com Alfried Krupp von Bohlen, o herdeiro da indústria de armamentos, que havia sido condenado por utilizar trabalho escravo durante a Segunda Guerra Mundial. Daí ele pega o telefone, de madrugada, e diz à telefonista do hotel: ‘Ponha-me na linha com Krupp von

Bohlen.’ E ela: ‘Onde ele mora?’. E Frank se volta para mim e diz ‘Onde mora von Bohlen?’. E digo ‘Essen, na Alemanha’, e a telefonista começa a tentar explicar − estamos em 1965 − que durante a noite não há conexão. Não tem jeito.”

“Mas Frank não queria saber, e, de repente, a telefonista é uma colaboradora nazista disfarçada de telefonista judia. Ele está martelando a mesa de café com o receptor do telefone, dizendo: ‘Eu quero falar com Krupp von Bohlen em Essen, Alemanha!’. ”

Durante a mesma viagem, no Sinatra Youth Center[82], Frank − sóbrio − expôs o objetivo simples e digno de sua cruzada contra o preconceito. “Eu não sei o que há de errado com os adultos e por que eles agem desse modo, mas acho que entendo as crianças. Se nós conseguirmos juntá-las enquanto ainda são jovens o bastante, talvez quando ficarem grandes serão mais espertas do que nós temos sido.”

Conforme o tempo foi provando que estava errado, Frank pareceu entender que nem toda a culpa podia ser colocada nos árabes. “Ele percebeu”, disse Brad Dexler, “que Israel era dominador demais. Ele pensou que os EUA deveriam apoiar igualmente os palestinos, porque eles também tinham o direito à terra pátria.” Frank se tornou cético quanto à política americana na região. “Nós estamos falando sobre fazer a paz”, ele contou a um entrevistador, “e o que estamos fazendo é lhes dar ferramentas de guerra. Nós estamos dando aviões à Jordânia, aviões a Israel. Não faz sentido algum para mim.”

Em tempos de crise, no entanto, Frank apoiou Israel. Em 1967, às vésperas da Guerra dos Seis Dias, enviou um telegrama ao presidente Lyndon Johnson pedindo-lhe que condenasse as ações “ultrajantes” do líder egípcio Gamal Abdel Nasser. “Espero que peguem aquele Arafat”, disse em 1982 durante a invasão do Líbano por Israel, “e que façam um julgamento decente antes de executá-lo.”

Em momentos positivos durante a longa agonia do Oriente Médio, Frank teve gestos de esperança. Apresentou-se à sombra das pirâmides para arrecadar fundos para os feridos de guerra egípcios, louvando o presidente Anwar Sadat como um “grande homem, que está lançando a pedra fundamental da paz para todas as nações árabes”. Frank arrecadou fundos para um International Student Center[83] no campus da Universidade Hebraica de Jerusalém. Isso também levava seu nome e era destinado a árabes e a judeus. Uma bomba terrorista devastou o refeitório do centro em 2002, matando e mutilando tanto árabes

quanto judeus.

Os dois árabes mais infames tinham visões diferentes sobre a obra de Sinatra. De acordo com uma ex-concubina de Saddam Hussein, ele gostava de dançar ao som de *Strangers in the Night*, na privacidade de seu palácio em Bagdá. Seu gosto pela canção era conhecido e os donos de restaurantes da moda a tocavam regularmente para agradar ao regime. Osama bin Laden, pelo contrário, segundo a imprensa iraquiana, “amaldiçoava a memória de Frank Sinatra toda vez que ouvia suas canções”.

12
O mulherengo

Apesar de sua vida política agitada em 1945 e 1946, nesses dois anos Frank cantou em cento e sessenta shows de rádio, fez trinta e seis sessões de gravação e quatro filmes. Além disso, em 1946 chegou a assumir o palco quarenta e cinco vezes por semana, cantando até cem canções por dia. No mesmo ano, uma nova gravação de Sinatra chegava às lojas todos os meses. Seis chegaram à parada dos dez melhores e o total de vendas de discos foi estimada em dez milhões. Ele chegou a receber noventa e três mil dólares (aproximadamente oitocentos e cinquenta mil dólares hoje) por apenas uma semana no palco.

Em meio a isso tudo, cuidava de trabalhar com músicos de qualidade e de romper fronteiras. O advento da gravação de longa duração ainda demoraria dois anos, mas uma coleção inovadora, composta por oito discos em 78 rpm, surgiu naquela primavera. *The Voice of Frank Sinatra*, que incluía *These Foolish Things* e *Someone to Watch Over Me*, oferecia um tom musical coeso num único pacote. Este foi o primeiro dos "álbuns conceituais" que Frank produziria por décadas.

Frank andava explorando as disciplinas musicais. Gravou com um grupo gospel e com Xavier Cugat, um violinista clássico que havia se transformado num líder de uma banda de rumba. Ouviu algumas gravações experimentais feitas por Alec Wilder, um compositor excêntrico cujo trabalho flutuava entre o jazz e o clássico. Wilder não conseguia encontrar alguém que gravasse sua música comercialmente, mas Frank dizia "Eu acho que posso conduzir... Usando meu nome, talvez a gente consiga te fazer algum bem. Vamos chamar o Manie".

Em Columbia, Manie Sacks achou que a ideia era absurda, salientando que Frank mal sabia ler música. Frank insistiu, entretanto, e logo uma data para a gravação foi marcada e uma orquestra foi reunida. Os músicos, que

consideravam Frank um cantor popular de baladas, encontravam-se céticos, beirando à hostilidade. “Eu nunca vi Frank tão assustado como ele parecia estar naquela noite quando se levantou para conduzir aqueles homens”, Wilder se lembrou. “Mas ele admitiu sua fraqueza de imediato. ‘Cavalheiros’, ele acrescentou, ‘eu preciso da ajuda de vocês. E eu quero ajudar essa música.’”

Frank manejou a batuta com habilidade. “Aqui estavam todos os caras da sinfonia com suas barbichas e seus violinos Stradivarius”, Sacks se recordava. “Frank entrou e subiu na plataforma como se fosse Koussevitzky e quando já havia terminado, todos os musicistas o aplaudiam e o agarravam e o abraçavam. Eu não sei como ele fez isso, mas criou as mais belas gravações que você já ouviu na vida.”

Frank rejeitou uma primeira prova da capa do disco de Wilder porque ela mostrava o nome do compositor em fonte menor do que o dele próprio. Wilder, insistiu, deveria ter no mínimo igual projeção. Frank ainda conduziria em seis álbuns subsequentes, pouco conhecidos agora, exceto para os aficionados.

“Frank tinha grande força interior”, disse Jo-Carroll Dennison. “Era sempre ‘Vamos fazer isso. Vamos lá fazer aquilo.’ Energia e ímpeto enormes. Sua adrenalina estava em alta o tempo todo. Eu não acho que parou jamais. Ele tinha uma personalidade frenética naqueles dias.”

O frenesi então começou a mostrar seus danos. No começo de 1946 Frank teve de cancelar uma apresentação depois que seu médico lhe ordenou “descanso absoluto”. “Trabalho duro e ‘prática além do necessário’, digo após o expediente, nunca afetaram Frank”, disse George Evans. “Mas tensão emocional o destruía por completo. Você sempre percebia quando ele estava com problemas. Ele tinha problemas com a garganta. Germes nunca eram a questão – a não ser que existam germes de culpa.”

PARA O PÚBLICO, Frank e Nancy ainda pareciam ser o casal ideal, curtindo seus filhos e a boa sorte em sua casa no lago Toluca. Frank até pregava para os jovens coisas sobre decoro e moderação. Em um artigo que levava sua assinatura, escreveu que “garotos vão sair com as garotas que eles chamam de ‘babe’.” “Mas quando a maioria dos homens se casa, eles procuram por garotas que serão boas mães e esposas. Talvez eu seja muito à moda antiga... Devo um monte das coisas que fiz à boa e ordeira mente de Nancy, assim como à influência estabilizadora que ela sempre foi em minha vida.”

Ainda assim, Nancy estava cada vez mais infeliz. “Eu me recordo de jantares

de Natal com Frank e sua família no final dos anos quarenta” disse o compositor Jimmy McHugh, “e nós todos estávamos meio sentimentais, e Nancy virou para mim e disse, ‘eu daria qualquer coisa para voltar para a estrada novamente com Harry James, fazendo sanduíches de cebola’.”

Frank, por sua vez, exasperava-se. Numa noite de chuva, ao sair de casa sozinho para jantar, Nancy lhe chamou a atenção dizendo: “Não se esqueça das suas galochas!”. Aquela observação mundana, ele confessou a um amigo anos depois, desencadeou em sua mente a ideia de que seu casamento tinha acabado. Frank não tinha mais tempo para a pequeneza das questões domésticas, mas tinha muito tempo para o brilho de Hollywood e para outras mulheres.

Evans sabia sobre a vida mulherenga. “A relação entre meu pai e Frank era como a de pai e filho”, disse seu filho Phil. “Meu pai se sentia responsável. Eu não sei dizer quantos telefonemas houve às duas ou três da manhã. Poderia ser Frank no telefone ou – tão frequentemente quanto – Nancy reclamando dos galanteios de Frank.”

A atriz Peggy Maley, que Frank conheceu naquele período, o evitou. “Ele ligou e pediu para me encontrar”, ela lembrava, “mas não saí com ele. Não me submeteria a me tornar um item de colecionador. Ele era promíscuo, tinha casos com praticamente qualquer mulher para quem ele dissesse ‘como vai?’.”

De acordo com Jo-Carroll Dennison, Frank era um frequentador regular do apartamento que Jimmy Van Heusen e Axel Stordahl mantinham nas Wilshire Towers. “Esse era o lugar aonde todos os homens iam durante a semana para suas orgias de solteirões. Garotas de programa entravam e saíam o tempo todo... Eles tinham festas com todos os tipos de mulher e Frank sempre estava lá.” Amigos que agiam como procuradores de Frank logo alugaram um outro apartamento em Los Angeles, um “esconderijo” para seu uso exclusivo. O FBI começou a colher informações sobre as relações de Frank com prostitutas.

Ele era pouco discreto sobre sua vida boêmia e as colunas de fofoca começaram a circular insinuações pouco sutis. “Que cantor bêbado tem sido visto frequentando casas noturnas com uma estrela diferente a cada noite?” ou: “Consegue imaginar se o garoto fantástico dos grandes sucessos conta à sua esposa aonde ele vai quando a noite cai?”.

Quando Frank fez 50 anos, disse a um grupo de escritores: “Se eu tivesse tantos casos quanto dizem por aí, estaria falando com vocês de dentro de um pote da escola de medicina de Harvard”. Ainda assim, há farta evidência de que ele tinha uma vida sexual prolífica. Shirley Ballard, outra atriz que o conheceu

em Hollywood em meados dos anos 1940, lembrou do “querido, adorável” Frank que a levou para a cama numa noite em um apartamento com vista para a Sunset Strip. “Era como um momento mágico. Eu pensei, ‘serei seduzida por Frank Sinatra. Isso realmente pode acontecer?’. Eu tinha aprendido a cantar sozinha ouvindo os seus discos; então, estava preparada para ouvir suas próprias canções me ninando em seus braços. Imagine! Ele me iniciou na música clássica naquela noite, tocou algo chamado *Ports of Call* do Jacques Ibert, umas das mais excepcionalmente belas peças de música jamais escritas, simplesmente gloriosa. E lá em cima com ele, olhando a cidade, ó meu Deus, meu ídolo, foi, bem, memorável.”

Eles tiveram um caso do tipo vai-e-vem por dois ou três anos. Para Ballard, estar com Sinatra era estar “num universo paralelo, numa órbita com Frank, arrebatada por sua energia quase eletromagnética”. Quanto ao sexo, ela lembra que ele era “um amante atencioso, não era egoísta, do tipo descuidado... Havia ocasiões nas quais aconteciam, no camarim da NBC onde ele fazia seu show de rádio, umas rapidinhas. Mas elas também eram excitantes.”

O romance e a qualidade hipnótica de Frank eram memórias frescas em sua mente mais de meio século mais tarde. “Nós estávamos em Palm Springs no clube Chi Chi... Era tarde, bem lá atrás. E o Frank se inclinou para trás na cadeira, me fitou e cantou *I've Got a Crush on You* – para mim. Essas coisas são inesquecíveis... Aqueles olhos azuis. Eles te arrebatavam. Quando eles lhe eram apresentados, quando eles eram sedutores, quando eles estavam bravos.”

A cantora e atriz Marilyn Maxwell é mais frequentemente apontada como a amante de Frank quando seu casamento começou a declinar. Sua relação com Frank como colega era de longa data, e Nancy pode ter pensado que ela não representava nenhum perigo. Ela havia começado sua carreira como Marvel Maxwell – seu nome real –, filha de uma pianista. A imprensa enfatizou seu visual voluptuoso – “um dos melhores recheios de suéter do país” era um rótulo tipicamente dado pela imprensa – mas ela tinha talento como dançarina e cantora e encarava a arte dramática com seriedade. Colegas gostavam dela por sua inteligência, integridade e humor divertido.

Ela e Frank se conheceram em 1939 em Nova York, provavelmente num estúdio de rádio, quando ele estava com Harry James, e ela tinha dezenove anos e cantava com uma outra banda. Tendo encorajado Frank a sair sozinho, ela começou a se concentrar na arte dramática, trocou “Marvel” por “Marilyn” e mudou-se para Nova York. Ela permaneceu por lá mais quatro anos, quando ele

se estabeleceu na Califórnia, e era uma das jovens que ele selecionou para ser batgirl[84] para o seu time de *softball* Swooners.

Contratado para estrelar *Wake Up and Live*, uma comédia de rádio de 1944 dirigida por Cecil B. DeMille, Frank insistiu para que Marilyn contracenasse com ele. A personagem de Marilyn se apaixonava pelo cantor chamado de Fantasma Trovador, interpretado por Frank. No mesmo ano, num filme chamado *Abbott e Castello Perdidos num Harém (Lost in a Harem)*, ela apresentou a canção chamada *What Does it Take to Get You?*, que continha o verso: "Eu posso até chegar na segunda base[85] com Frank Sinatra". Flerte ficcional foi ecoado como uma paixão privada. O caso começou em 1943 e continuou por três anos, apesar do fato de Marilyn, assim como Frank, ser casada, pelo menos ainda nesse período. Nick Sevano teve a impressão de que eles eram "loucos um pelo outro".

Quando os Sinatras deram uma festa no *réveillon* de 1945, Marilyn apareceu portando um bracelete de diamantes – um que Nancy havia encontrado ao acaso alguns dias antes no porta-luvas de um dos carros da família. Pensando que havia esbarrado em um presente-surpresa para ela mesma, o deixou onde estava. Agora o bracelete estava no pulso de outra mulher e então ela ordenou que Marilyn saísse da casa.

Nancy contou às filhas sobre a humilhação anos depois. Ela disse que quando confrontou Frank, ele alegou que Marilyn não significava nada. Seis meses depois, porém, enquanto filmava em Nova York, ele fez planos de acompanhá-la em uma disputa pelo título de boxe no Madison Square Garden. George Evans, que sabia que a imprensa havia descoberto o caso, o dissuadiu de fazê-lo. Em vez disso, ele apareceu na primeira fila ao lado de Joe DiMaggio e Marlene Dietrich.

Frank e Dietrich também se envolveram. Dietrich, 44 anos naquele ano, catorze anos mais velha do que Frank, era há muito uma atriz celebrada por seu papel de mulher aproveitadora e frequentadora de boates no filme *O Anjo Azul (The Blue Angel)*. No filme ela havia cantado – naqueles tons roucos, *hard-soft* – "Homens grudam em mim como mariposas em volta do fogo." Na vida real, vinte e dois filmes depois, eles ainda "grudavam". Quando ela e Frank se juntaram no Madison Square Garden, ele já se havia juntado à sua coleção de troféus masculinos, que incluíam Erich Maria Remarque, Maurice Chevalier, Jean Gabin, Jimmy Stewart, Douglas Fairbanks Jr., Joseph Kennedy e John

Wayne. Durante a Segunda Guerra, enquanto fazia um *tour* nas zonas de guerra, Marlene havia entretido soldados de modos além daqueles para os quais havia sido convocada pela United Service Organizations. Ela também teve amantes mulheres e até um marido na Alemanha – que nunca se divorciou dela, apesar de tudo.

Os diários e cartas de Marlene, disponíveis desde sua morte em 1992, oferecem um vislumbre preciso da sua relação com Frank. Um dos registros em seu diário sugere que se conheciam desde 1942 e que se tornaram íntimos dois anos depois. “Eu vou jantar com [Clark] Gable esta noite – com as intenções mais puras”, ela escreveu para sua filha em 1944. “Mas a escolha é difícil – porque o Sinatra gruda ao telefone e ele é pequeno e tímido. Eu vou lhe mandar os discos dele”.

Meses depois, tomando cuidado com a censura por conta da guerra, Marlene escreveu uma carta da Itália descrevendo entretenimento na “terra de Frankie”. Ela mencionou ter sido alojada na cidade de Nancy, ao nordeste da França, à qual – também para satisfazer a censura – ela se referia como “esposa de Sinatra”. Os soldados, em suas apresentações, ela recorda, “enlouqueciam e gritavam, do jeito que as adolescentes o faziam com o Sinatra.” “Eu sei que eles tinham algo entre eles”, disse Sammy Cahn sobre Frank e Marlene. “Teria sido muito difícil resistir a ela. Ela possuía poderes como amante que se espalhavam entre cochichos – em boa parte porque ela era, supostamente, a campeã no departamento do sexo oral.”

Numa noite, jogando cartas com colegas no apartamento das Wilshire Towers, Frank anunciou que Marlene estava a caminho. Cahn pensou que, se ela chegasse, se retiraria quando visse todos os homens sentados à sua volta. “Eu estava errado”, ele se recorda”. A dama entrou, sorriu timidamente e permitiu que Sinatra lhe tomasse a mão e a levasse ao quarto.”

O caso com Dietrich permaneceu oculto, mas em março de 1946 Frank apareceu nas capas por outro caso obscuro de divórcio em Nova York. “No dia seguinte ao nosso casamento”, Sven Ingildsen disse em sua reclamação, a noiva de 21 anos, Josephine “me abandonou para ir sozinha ver Frank Sinatra e não retornou até as cinco da manhã.” Essa história, porém, foi logo esquecida com a avalanche de rumores sobre Lana Turner.

“GUARDE BETTY GRABLE, Lamour e Turner”, Frank havia cantado, dois anos antes, em sua primeira gravação de *Nancy*, a canção sobre sua pequena

filha. Aos 21 anos de idade, Lana já era uma celebridade nacional, um clássico exemplar de passagem do lixo ao luxo de Hollywood. Seu pai, um viciado em jogo e contrabandista, havia sido assassinado quando ela tinha 9 anos. Sua mãe, obrigada a trabalhar, deixou-a aos cuidados de diversos lares adotivos. Então, quando sua filha chegou aos 15 anos, ela a trouxe a Los Angeles. Já dotada de beleza estonteante, Lana foi rapidamente "descoberta" e oferecida aos estúdios por um agente de talentos. Foi aprovada como atriz e sabia dançar, mas seu maior bem era evidentemente sua beleza física. A Warner Brothers a lançou como sua "Garota Suéter". Mais de doze filmes depois, já na MGM em 1941, ela atingiu o estrelato em *A Garota de Ziegfeld*, atuando ao lado de Judy Garland e Hedy Lamarr.

No ano seguinte, quando ela fez 21 anos, Lana tinha, em questão de meses, perdido sua virgindade para um advogado que logo a abandonou, casou-se com o *bandleader* Artie Shaw, de quem se separou em seguida e abortou um filho. Naquele verão, depois de se divertir com inúmeros outros homens, muitos deles "nomes sem importância" de Hollywood, casou-se com um estranho que havia conhecido há poucas semanas. Ele não tinha emprego, circulava com mafiosos, usava um falso nome e, como ela descobriu mais tarde, ainda era tecnicamente casado com outra mulher. Em meados de 1943, quando deu a luz a uma garotinha, esse casamento também desmoronou.

"A única coisa que te interessa", disse o chefe do estúdio da MGM, Louis B. Mayer, a ela numa reunião em seu escritório, "é..." e apontou para a sua genitália.

Em 1992, em sua autobiografia, Lana alegou que ela e Sinatra nunca tiveram um caso. "O mais próximo que chegamos de um namoro, Frank e eu", escreveu, "foram algumas refeições na MGM." Supõe-se, porém, que o manuscrito original do livro contasse a tempestuosa relação com Frank tintim por tintim. Esse relato teria sido apagado, aparentemente porque Lana não quis "dar-lhe a satisfação".

Ava Gardner, a quem Lana chamava de "boa amiga", disse numa entrevista para a sua autobiografia que Lana "tinha um caso muito sério com Frank... Nós nos encontramos no banheiro feminino durante uma festa e ela me contou a sua história. Ela tinha se apaixonado por Frank e, pensava ela, Frank por ela."

De acordo com Joe Bushkin, Frank havia conhecido Lana em 1940 enquanto ele estava em Hollywood com a banda de Dorsey, num tempo em que ela tinha se apegado à música e aos músicos. Num clube em San Fernando Valley, ela

ouvia, fascinada, o canto de Billie Holiday. Dorsey, Buddy Rich e Frank estavam na festa-maratona que Lana deu na semana em que Pearl Harbor foi bombardeada. Em meio ao emaranhado de outros casos, ela encontrou tempo para sair com Dorsey, Rich e Manie Sacks. Rich teve seu coração partido por ela.

A intimidade com Frank provavelmente veio depois, seis anos após esse encontro casual. Eles haviam sido fotografados juntos na MGM, apareceram juntos no show de Frank na rádio, fizeram campanha juntos pelo presidente Roosevelt. De acordo com Lana, ela e Nancy haviam se aproximado. “Quando [Nancy] voltou de Hollywood numa visita”, recordou sua amiga de Hoboken, Marian Brush, “ela agia toda pomposa, dizendo ‘Oh, nós somos muito próximos da Lana’ e ‘nós vemos Lana o tempo todo’. ” O que transpareceu em 1946, então, deve ter sido muito doloroso para Nancy.

Frank e Lana começaram esse caso naquele ano no estúdio, um caso que eles raramente se importavam em esconder. “Eles se amassavam em seu carro parado no estacionamento”, um executivo da MGM disse. “Meio engraçado, uma vez que ambos tinham seus camarins para irem.” O casal tinha desculpas para sair de casa o tempo todo em Nova York naquela primavera, Lana por conta de seu novo filme *O Carteiro Sempre Toca Duas Vezes (The Postman Always Ring Twice)*, e Frank pelos shows de rádio e filmagens no local. Lá, ao que parece, deram início a um caso consumado.

Quatro meses depois, em outubro, o casamento conturbado de Sinatra virava notícia em nível nacional. George Evans anunciou que Frank e Nancy haviam se separado. Em palavras a um colunista, Nancy declarou que Frank queria “a liberdade da separação sem o divórcio”. Ele havia deixado sua casa e estava à procura de um apartamento. Frank disse mais tarde que tinha tido intermináveis discussões com Nancy “sobre questões triviais”. Na verdade, ele havia abandonado sua esposa apenas vinte e quatro horas depois de “dançar muitas vezes” com Lana numa festa em Hollywood – com a imprensa à espreita. Logo ele estava em Palm Springs, onde Lana tinha uma casa, e foi visto com ela no Chi Chi Club.

Numa era em que revistas de aficionados e colunistas de fofoca de Hollywood possuíam grande poder, havia bons motivos para se esconder a verdade. Um a cada dois americanos, dizia-se, lia o “evangelho” habitualmente professado pelas rainhas da arte, Louella Parsons e Hedda Hopper. Ambas as jornalistas dependiam de astros e estúdios, e os astros e estúdios dependiam das colunistas. Algumas palavras de Parsons ou Hopper eram suficientes para fazer o

sucesso ou a destruição de um ator ou de um filme.

Ademais, ter um contrato de filme em Hollywood era viver em um espartilho social. O padrão MGM de "conduta moral" obrigava os artistas a viver "observando convenções e morais públicas," e a não "cometer qualquer ato que tendesse a chocar, insultar ou ofender a comunidade". Na MGM exigia-se que um ator solicitasse permissão para se casar. Fosse ele ou ela fotografados numa boate fumando, o estúdio tentaria assegurar que a ofensa causada pelo cigarro fosse apagada da foto. Essa hipocrisia poderia ser implementada como e quando o estúdio quisesse.

Parsons, que era próxima de Louis B. Mayer, já vinha utilizando sua coluna para impor a Lana que "se comportasse e não entrasse numa onda frenética". Chefes da MGM, aflitos por conta de *O Carteiro Sempre Toca Duas Vezes*, em que ela representava uma esposa adúltera, haviam buscado maneiras de suavizar a natureza do papel de "sedutora imoral", a ponto de fazê-la aparecer na tela vestindo branco virginal. Quanto a Frank, o estúdio havia cultivado a sua imagem como a de um bom homem de família. Ele e Lana representavam um investimento financeiro gigantesco. Decidiu-se que algo deveria ser feito.

Naquele mês de outubro, os responsáveis por solucionar problemas da MGM abordaram Lana e a fizeram papagaiar um simples roteiro. "Eu não estou apaixonada por Frank", ela logo estaria dizendo a serviço do estúdio, com lágrimas nos olhos, "e ele não está apaixonado por mim. Eu nunca desmanchei um lar em minha vida... Eu não posso aceitar essas acusações."

Enquanto Parsons enfatizava a mensagem, Hedda Hopper castigava Frank na imprensa e o avisava que ele estava arriscando sua carreira. Nancy, ela contou aos seus leitores, era uma mulher tão atenciosa que "se recusava a comparecer a qualquer festa até que se certificasse de que Frank não iria, por temer causar-lhe embaraço". Hopper até o prensou, falando em uma solenidade pública, dando-lhe um sermão sobre valores de família. "Eu o avisei de que ele era propriedade pública", disse ela, "e que parte dessa propriedade pública eram Nancy e seus filhos."

Dezessete dias após deixar sua casa, Frank estava de volta. Sua reconciliação com Nancy, na frente de amigos, clientes e impressa na Slapsie Maxie's, uma boate na Beverly Boulevard, parecia uma estratégia de publicidade. Ele e Nancy sentaram-se sem companhia em mesas separadas, e, então, Max Rosenbloom pediu uma canção. Frank cantou *Goin' Home,* forçado, e caminhou até sua esposa. Eles se beijaram e dançaram e partiram, sorrindo radiantemente para um

fotógrafo que os aguardava na porta. “É isso”, Frank disse a um repórter. “Vou para casa, vamos esquecer o resto.”

Não estava tudo acabado. Algumas semanas depois em Nova York, após levar Nancy para sua noite de estreia no Waldorf, Frank estava de encontro marcado com Lana novamente. “Eu estava fingindo ser a companhia de Lana, quando Frank a visitou uma noite”, lembrou Phil, filho de George Evans. “Eu me lembro de ter sentado e conversado com Lana num dos salões enquanto Frank fazia o show. Então ele voltou e a recolheu. E sei que Lana foi sua companhia para a noite.”

Frank fazia uma “ponte aérea entre o quarto dela e o de Nancy”, lembrava-se Ava Gardner de Lana contando-lhe, “tentando equalizar obediência à doutrina católica com indulgência em suas inclinações naturais... Planos de divórcio já estavam montados e planos de casamento haviam sido feitos... Ela se sentiu como se estivesse à beira de se casar com Frank.” Se Frank realmente a encorajou a acreditar naquilo, ele a desapontou. O casamento dos Sinatra ainda cambalearia por mais quatro anos.

“EU NÃO TENHO MUITO O QUE DIZER em minha defesa”, disse Frank, voltando àquele período, “exceto que eu estava num estado terrível de confusão mental.” Ele ficou doente por um tempo após o furor sobre Lana, e houve menção de um jornal a respeito de um impedimento por conta de um ataque de nervos. Um fator que contribuiu deve ter sido o excesso de trabalho. Nos dezessete dias da crise Lana Turner, ele havia feito quatro shows de rádio, apresentado programas completos de canções em cada um deles, havia passado um dia em estúdio gravando um disco, dois dias gravando para seu filme *Aconteceu no Brooklyn (It Happened in Brooklyn)* e uma noite ao vivo no palco. Ele lembrava-se de ter se sentido “desesperadamente cansado, caindo aos pedaços”.

Os memorandos da produção da MGM para *Aconteceu no Brooklyn* confirmam: “Sinatra relatou que estava doente e não trabalhou”, “Sinatra estava cansado e não trabalhou”, “não compareceu”, “recusou chamadas para vir trabalhar”. Louis B. Mayer mandou um telegrama para Frank reclamando da “longa série de violações das obrigações contratuais”, assegurando que o texto saísse nos jornais. Frank disparou telegramas furiosos, incluindo um para o crítico Erskine Johnson do jornal *Daily News*, de Los Angeles: “Apenas continue a divulgar mentiras sobre mim e meu temperamento – não minha temperança –

fará que você ganhe uma mordaça na sua boca estúpida e depravada.”

Ao fim do ano, o *Women’s Press Club* de Hollywood o elegeu como “o astro menos cooperativo de 1946”, acusando-o de recusar centenas de pedidos de entrevista. Agora começava um interminável ciclo de desavenças com jornalistas, conversas belicosas e violência física real.

Pouco antes de deixar sua casa para juntar-se a Lana, Frank chocou os membros companheiros do Screen Actors Guild numa reunião para discutir a greve que ocorria. Ao descobrir algumas ameaças agressivas de alguns grevistas – houve menção de se jogar ácido no rosto dos atores que cruzassem as linhas dos piquetes – ele respondeu com uma explosão própria. Ninguém “iria dizer-lhe o que fazer... Se alguém quisesse dar uma de durão com ele – oras, ele conhecia alguns caras durões também”, foi dito sobre ele.

De fato conhecia, como o país estava prestes a descobrir.

13
Um aperto de mão em Havana

NO DIA 30 DE JANEIRO DE 1947, Frank tirou uma licença na Califórnia para portar uma pistola alemã Walther. Indagado por um repórter na delegacia – alguém deu a dica à imprensa sobre ele estar ali –, respondeu que precisava de uma arma por uma "questão pessoal". Carregar uma arma tornou-se uma rotina para ele. "Nunca deixava sua casa sem ela", disse seu manobrista George Jacobs sobre o Smith & Wesson 38, o favorito de seu chefe nos anos 1960. "Sempre carregava uma arma no coldre."

Em uma versão, Frank alegou que a pistola era uma lembrança trazida para casa do pós-guerra em seu tour pela USO[86] na Itália. Disse a outro repórter que "queria que Nancy tivesse alguma proteção no caso de uma emergência. Então eu comprei uma pequena arma para a casa." Depois também diria que precisava de uma arma "para proteger fundos pessoais".

Após obter a permissão, Frank voou para Nova York para cumprir um compromisso com uma rádio e seguiu para Miami. Antes de dirigir-se ao sul, porém, o colunista Earl Wilson soube de sua viagem e de quem seria seu anfitrião na Flórida – e ficou perplexo. O anfitrião era o mafioso Joe Fischetti, e a mansão em Miami Beach na qual Frank se hospedou pertencia aos irmãos mais velhos de Joe, Charles e Rocco, frequentemente descritos como "herdeiros de Al Capone". Os irmãos tinham acabado de voltar do funeral de Capone em Chicago.

Charles, então aos 46 anos, gostava de usar o nome de Dr. Fischer e posar como um rico colecionador de arte. Amigos o apelidaram de Príncipe Charlie. Na realidade, ele era um temido agiota e agenciador de maracutaias políticas. Rocco, três anos mais novo, se intitulava um negociador de antiguidades. Ele havia emergido como um mandante.

Joe, de 37 anos – seu nome real era Giuseppe – foi descrito pelo FBI como "o menos inteligente e o menos agressivo" dos irmãos. "Eu sou o único da família que nunca matou ninguém", disse uma vez a um visitante, enquanto empunhava a arma que sempre carregava consigo. Joe também estava ligado à extorsão. Ele era uma espécie de garoto de recados para seus irmãos e o principal representante de um império baseado na jogatina e, cada vez mais, no *show business*. As raízes daquele império eram entrelaçadas com aquelas de gângsteres na costa leste. Rocco tinha sido preso uma vez enquanto deixava um encontro da Máfia com Lucky Luciano. Charlie, por sua vez, estava regularmente em contato com Willie Moretti.

Frank se juntou aos irmãos em Miami num momento-chave do crime organizado. Luciano circulava novamente. Ele havia sido liberado da prisão em Nova York no começo de 1946, com a condição de que fosse exilado na Itália. A polícia italiana foi ao encontro de seu navio e o acompanhou até a Sicília e de volta a Lercara Friddi. De lá, Luciano rapidamente chegou a Roma, onde foi abrigado numa bela suíte de hotel, em contato com seus sócios americanos e tramando seu retorno ao poder real. Antes de deixar os Estados Unidos, Luciano havia acertado com um de seus sócios mais poderosos, Meyer Lansky, sobre como fazê-lo. Ele iria retomar o controle do império do crime a partir de Cuba, a apenas cento e quarenta e quatro quilômetros dos Estados Unidos.

Luciano chegou em Havana no fim do outono de 1946, onde organizou sua base de operações com a conivência dos políticos cubanos e começou a receber um fluxo regular de mafiosos americanos graduados. "Os caras estão vindo", ele recordou, "não porque eu pedi. Eu ordenei." Rocco e Joe Fischetti voaram num Pan Am de Miami no dia 11 de fevereiro de 1947. Um quadro congelado de uma filmagem os mostra saindo do avião, Rocco atrás, Joe na frente com sua mão cobrindo o rosto. Entre eles, segurando uma bagagem de considerável tamanho, está Frank Sinatra.

Nove dias depois, jornais americanos traziam um artigo assinado de Havana. "Estou francamente desconcertado", escreveu o colunista Robert Ruark, "quanto ao porquê de Frank Sinatra, fetiche de milhões, escolher passar suas férias na companhia de operadores do vício condenados e gângsters sortidos... Ele esteve aqui por quatro dias na semana passada e seu companheiro em público era Luciano, os guarda-costas de Luciano e uma suntuosa coleção de viciados em jogo... Houve consideráveis especulações sobre a natureza do desgosto causado aos que viam Frank, noite após noite, com o Sr. Luciano no Gran Casino

Nacional, o empório dos dados e a hípica... Sr. Sinatra, o autopromovido salvador dos pobres do país, da virtude de suas palestras sobre viver de modo limpo e amando o próximo, com seus filmes sobre tolerância e suas explorações no departamento do 'faça o bem', parece estar dando um exemplo bastante peculiar."

O artigo teve efeito explosivo, e Frank negou tudo. "Qualquer relato de que eu cultivo relações fraternas com gângsteres e com membros do crime organizado é uma mentira deslavada", disse. "Eu frequento muitos lugares e encontro muitas pessoas de todos os caminhos da vida – editores, cientistas, homens de negócios e, talvez, alguns personagens de conduta questionável."

Os relatos de Frank sobre o episódio – sua associação com os Fischettis, a viagem a Cuba e o encontro com Luciano – não permaneceram consistentes. Ele disse que havia encontrado Joe Fischetti de modo passageiro enquanto se apresentava em Chicago, mas que pouco o viu. Ele havia apenas "cruzado" com Fischetti em Miami antes da viagem a Cuba. Questionado por advogados para o Special Committee to Investigate Organized Crime in Interstate Commerce, do Senador Estes Kefauver – o Kefauver Committee[87] –, alegou que havia encontrado Charlie e Rocco Fischetti "apenas para dizer 'oi, como vai?', e três vezes, no máximo". Ele não tinha "um grama" de negócios com qualquer um deles.

George Evans disse aos agentes federais que seu cliente foi a Cuba apenas pela sugestão de Joe Fischetti, porque estava sendo assediado pelos fãs em Miami. Frank contou aos advogados do Kefauver Committee, entretanto, que pretendia ir a Cuba antes de mencionar a intenção a Fischetti. De fato, ele disse em uma entrevista que estava planejando a viagem quando submeteu a requisição de porte de arma antes de deixar a Califórnia. Mais tarde, testemunhando para a Comissão de Controle de Jogos do Estado de Nevada, disse que foi pura coincidência ter encontrado os Fischetti quando voou para Havana no mesmo avião.

A respeito da história veiculada na notícia sobre o encontro com Luciano, Frank disse: "Eu fui criado para estender a mão para um homem quando apresentado a ele, sem primeiro investigar seu passado". Então, contando a "versão completa da história" numa entrevista com Hedda Hopper, disse: "Eu apareci num cassino uma noite. Um dos capitães – uma espécie de anfitrião – me reconheceu e me perguntou se me importaria em conhecer algumas pessoas... Eu

não pude recusar... Então, passei por vários rituais de apresentação, mal prestando atenção aos nomes das pessoas às quais estava sendo apresentado. Um calhou de ser Lucky Luciano. Mesmo se tivesse prestado atenção ao seu nome, provavelmente não o teria associado ao notório personagem do submundo... Eu me sentei à mesa por cerca de quinze minutos. Então, me levantei e voltei para o hotel... Quando atos tão inocentes sofrem tamanha distorção, você fica sem saída".

Em um artigo assinado, Frank surgiu com outra variação da história. "Eu fui convidado para um jantar", escreveu, "e enquanto estava jantando percebi que um dos homens na festa era Lucky Luciano... Não consegui pensar em alguma maneira de sair do meio da mesa sem criar uma cena constrangedora... Depois do jantar fiz um *tour* pelos pontos turísticos da noite... Nós finalmente acabamos num cassino em Havana e passei pela mesa onde estavam Luciano e vários outros homens... Novamente, a fim de evitar conturbações, tomei um drinque rápido e pedi licença para sair."

Frank disse aos advogados do Kefauver Committee que foi apresentado a Luciano por Connie Immerman, a quem descreveu como um "proprietário de restaurante nova-iorquino". Em outras declarações, disse que a apresentação foi feita por Nate Gross, um jornalista de Chicago. O nome do mais notório gângster da América, ele alegou, havia soado meramente "familiar". Só quando um companheiro no jantar lhe explicou quem era, disse ele, é que pôde se dar conta de quem era aquele que havia conhecido. Luciano e os Fischetti estavam novamente presentes, disse à equipe de Kefauver, quando ele sentou para assistir a um show no Sloppy Joe's, um *point* noturno famoso na capital cubana.

Finalmente, questionado em 1970 pelo Estado de Nova Jersey, que investigava o crime organizado, Frank alegou que não conhecia nenhum gângster e que se mantinha alienado da reputação de Luciano como chefão da Máfia.

Na realidade, os registros do FBI mostram que ele e os Fischetti haviam gastado um bom tempo juntos nos meses que antecederam a viagem à Cuba. Ele e Charles haviam passado três horas visitando a mãe dos Fischetti no Brooklyn. Ele tinha sido convidado de Rocco no clube de campo de Vernon, fora de Chicago, e tinha estado em contato com Joe sobre uma reunião em Nova York. Ao contrário da negação de Frank de qualquer relação de negócios com os Fischetti, os irmãos disseram ao Kefauver Committee que ele foi parceiro deles numa operação de comércio de carros. De acordo com um informante do FBI,

Joe Fischetti havia afirmado que, na mesma noite da viagem a Havana, ele havia tido um “interesse financeiro em Sinatra”.

Tanto o FBI quanto o Federal Bureau of Narcotics, que mantinham agentes em Havana em 1947, sabiam que Luciano estava na cidade antes de Frank chegar. Depois de sua chegada, duas fontes na folha de pagamento do Escritório de Narcóticos, um ascensorista e uma telefonista no Hotel Nacional, relataram idas e vindas da suíte de Luciano no oitavo andar e da suíte de Frank no andar de baixo. Registros do departamento e documentos particulares do jornalista Robert Ruark contradizem o que Frank alegou sobre o encontro com Luciano ter sido no máximo um breve aperto de mão.

“Enquanto estava em Havana”, o supervisor do departamento relatou ao comissário Harry Anslinger, “Luciano entreteve Frank Costello, Meyer Lansky, Ralph Capone, Rocco e Charlie Fischetti com extravagância, assim como Frank Sinatra e Bruce Cabot, atores.” Willie Moretti também estava em Cuba.

Por cautela em relação aos advogados de Sinatra – Frank abriria processos por conta das histórias de Havana – o editor executivo do *New York World-Telegram* pediu a Ruark que submetesse um memorando interno com detalhes sobre como ele havia chegado às informações que escolheu.

“O Sr. Larry Larrea, gerente geral do Hotel Nacional me disse”, respondeu Ruark, “que Frank Sinatra estava de férias em Havana e – para o horror evidente do Sr. Larrea – estava passando a maior parte dos dias com Lucky Luciano, guarda-costas e um variado grupo de jogadores e gângsteres... O calibre dos que acompanhavam Sinatra era tão baixo que Sr. Larrea preferiu ficar em sua suíte em vez de correr o risco de trombar com Sinatra e seus amigos no saguão.”

O colunista social do *World-Telegram* contou a Ruark que havia visto Frank no cassino com Luciano em duas noites consecutivas e que também haviam sido flagrados juntos na pista de corrida. Outras testemunhas que corroboraram o relato incluíam Connie Immerman, o homem que Frank afirmou tê-lo apresentado a Luciano. Immerman, que era um antigo gerente do Cotton Club, é referido nos relatórios do Escritório de Narcóticos como “escudeiro de Luciano... notório jogador.” Immerman caracterizava Luciano apenas como “um cara bacana, apenas levando a vida levemente e tentando superar seu passado”.

No segundo encontro com Larrea, Ruark descobriu que Sinatra estava naquele exato momento no andar de cima com Luciano. “Eu não aconselharia você a subir”, avisou o gerente. “O melhor que você pode esperar é ser expulso. Eles são caras bem durões. Estão com um monte de mulheres e não sei o quanto

já beberam.” O alerta, Ruark se lembrou, incluía o conselho a “não despachar minhas histórias sobre Sinatra e Luciano pela Western Union... Era uma prática do escritório cubano de telegramas ligar para os sujeitos envolvidos nas histórias do tipo que eu pretendo escrever e haveria boa chance de que a história se perdesse, fosse deturpada ou revirada de modo a dissipar sua essência. Ele também disse que um escritor de uma história dessas bem poderia acabar com um ‘galo’ na cabeça.”

Um mês depois do furo de Ruark, seu colega Ventura lhe contou numa carta que Frank teria se envolvido numa orgia em Havana. “Emilio Sanchez deu uma festa na suíte de Sinatra quando ele estava lá, que também contou com a presença de Ralph Capone [irmão de Al]... Resumo da festa: muita bebida e uma dúzia de mulheres nuas. No meio da festa uma delegação de escoteiras cubanas chegou com uma mentora para oferecer uma lembrança ou outra para Sinatra. Todas as garotas foram recolhidas para dentro dos dois quartos, enquanto A Voz saía vestido impecavelmente num robe e echarpe de seda. Durante a cerimônia, quatro corpos nus foram catapultados para a sala de estar. As escoteiras fugiram em total tumulto.”

Anos depois, num livro endossado pelo comissário Anslinger, o editor da *Reader’s Digest* Frederic Sondern contou a história tal qual preservada nos arquivos do departamento de investigação. As escoteiras, ele escreveu, foram guiadas por uma freira e recebidas na suíte “por uma série de erros desastrosos de vários profissionais”. Elas entraram numa cena de “caos indecente. Havia garrafas no chão, lingerie pendurada nas estantes e um monte de gente dormindo onde havia caído. As escoteiras foram conduzidas de volta para o elevador por sua líder pálida. A irmã reportou o incidente à madre superiora e a madre superiora ao seu bispo”.

Outro informante disse mais tarde ao FBI que “uma carga de avião de prostitutas” havia sido enviada para Havana como cortesia dos irmãos Fischetti. Elas foram fornecidas para uma “festa no Hotel Nacional no qual Sinatra estava hospedado”.

Quatro anos depois, em 1951, a equipe do Kefauver Committee confrontou Frank com oito fotografias tiradas em Havana. Uma, de acordo com o advogado do comitê, Joe Nellis, mostrava-o “com seu braço em volta de Lucky Luciano na varanda do quarto do Hotel Nacional... outras mostravam Sinatra e Luciano sentados numa boate dentro do Nacional, com várias garrafas, divertindo-se à beça na companhia de garotas bonitas... E então havia algumas fotos dele com os

irmãos Fischetti [e] Luciano.” Outras fotos mostravam Frank com Santo Trafficante, Johnny Rosselli e Carlo Gambino, todos mafiosos em ascensão.

Um membro antigo da equipe do Hotel Nacional, Jorge Jorge, recentemente forneceu informações sugerindo que o envolvimento de Frank ia muito além do suposto aperto de mão casual com Luciano. Jorge disse que, por razões de segurança, Luciano passou boa parte de seu tempo em um conjunto de quartos que se intercomunicavam, longe da suíte registrada. Luciano e Lansky usaram dois deles; Frank, o terceiro.

Jorge, que disse que fora designado para servir Luciano porque falava inglês, descreveu o momento em que trouxe o café à suíte. “Nós íamos com as mesas, as com pequenas rodas. E lá estavam eles, Sinatra, Luciano e Meyer Lansky. Eles pensavam que eu ouviria o que eles estavam conversando, então mudavam de assunto. Eles me esperavam servir o café... Uma vez terminado, me olhavam como quem dizia ‘adeus’ e eu deixava o quarto.”

Os agentes do Bureau of Narcotics descobriram que Luciano estava envolvido no desenvolvimento de empreendimentos enormes de cassinos e *resorts* – e, pensaram, em narcóticos – em Cuba, e para isso ele precisava ter acesso a grandes quantias de dinheiro. Segundo o departamento, em informação corroborada posteriormente pelo próprio chefe da Máfia, além de Rocco e Joe Fischetti e um sócio-chave de Meyer Lansky, visitantes associados traziam vastas quantias de dinheiro para ele em Havana.

Havia suspeitas de que Frank e o antigo campeão peso-pesado Jack Dempsey haviam agido como transportadores de dinheiro durante o episódio de Cuba. Registros oficiais sugerem que os Fischetti contribuíram com dois milhões de dólares(dezesseis milhões hoje) e que Frank pode ter levado dinheiro para Havana em sua bagagem de mão. Depois da alegação aparecer na imprensa, Luciano a negou e Frank respondeu com escárnio.

“Imaginem eu, Frankie magrinho,” disse, “levantando dois milhões de dólares em pequenas notas. Só para registro, mil dólares em notas pesam mais de um quilo, o que faz com que a carga que eu supostamente carreguei fosse de quase três toneladas. Mesmo que as notas fossem de vinte, a mala exigiria uma empresa de carga para carregá-las.” A bagagem vista no fim de sua chegada, disse Frank, continha apenas “meus óleos, material de desenho e joias pessoais”. Frank de fato comprou pinturas e suprimentos para arte, mas, de acordo com sua esposa Nancy, só o fez meses depois da viagem a Havana. “Se você puder me encontrar uma pasta que comporte dois milhões de dólares”, disse Frank em

testemunho à Comissão de Controle do Jogo do Estado de Nevada, “eu lhes darei dois milhões de dólares.” Norman Mailer tentou e descobriu que até uma quantia maior poderia ser guardada numa pasta.

Jerry Lewis disse numa entrevista gravada que Frank carregou dinheiro para a Máfia mais de uma vez. Lewis nasceu em Nova Jersey, tinha feito amizade com Dolly Sinatra, foi apresentado a Frank em 1939 e conheceu alguns dos mesmos gângsteres. No ano do episódio de Cuba, ele se apresentou numa festa de casamento para uma das filhas de Willie Moretti. Ele era íntimo dos irmãos Fischetti.

No caso de Frank, disse Lewis, a relação com a gangue “tinha a ver com a moralidade de que um aperto de mãos vem antes de Deus. Frank, num coquetel, disse a Meyer [Lansky] de modo absoluto, ‘se houver algo na costa leste, oeste, intercontinental e estrangeira – se tudo isso acontecer, eu vou o tempo todo, Meyer’. Ele se voluntariou a ser o mensageiro. E quase foi pego uma vez... em Nova York.” Frank estava passando pela alfândega, Lewis explicou, carregando uma mala com “3,5 milhões em notas de cinquenta”. A alfândega abriu a mala e então – por causa de uma multidão se acotovelando atrás de Frank – abortou a busca e o deixou partir. “Nós jamais ouviríamos falar dele novamente”, Lewis ponderou, se o dinheiro tivesse sido descoberto.

Em algum ponto, durante a estadia de Frank em Havana, de acordo com Jorge, funcionário do Hotel Nacional, ele fez uma apresentação para os gângsteres em conjunto numa sala de banquete. “Luciano era grande fã do canto de Sinatra,” disse o sócio de Lansky, Joe Stacher, “mas é claro que o nosso encontro nada tinha a ver com seu canto.” Dos vários assuntos em pauta naquelas semanas em Cuba, um tinha a ver com Bugsy Siegel, o veterano alcoólatra, jogador criminoso, e assassino que operava na costa oeste. O último projeto grandioso de Siegel, o Hotel e Cassino Flamingo, fundado por gângsteres, ia mal. Sua inauguração, semanas antes, havia sido um fiasco, e o hotel estava temporariamente fechado. Os mafiosos haviam descoberto que alguns dos milhões confiados a Siegel, incluindo uma grande quantia que havia sido contribuição dos irmãos Fischetti, havia sido desviada para contas privadas na Suíça.

A operação embrionária de Las Vegas prometia uma bonança fabulosa. Frank, que conhecia Siegel e outros gângsteres-chave da costa oeste, havia visto o potencial. Ele andava explorando planos de construir um hotel cassino próprio em Vegas, um com estrutura para transmissão. Siegel havia reclamado sobre a

possibilidade de ter Frank como concorrente, enquanto simultaneamente tentava fazê-lo apresentar-se na abertura de gala do Hotel Flamingo. Frank não se dispôs a fazê-lo.

No encontro com a Máfia em Cuba, Siegel foi condenado à morte. Ele morreu numa saraivada de balas alguns meses depois, com sua execução aprovada por Luciano e conduzida, disse um informante, por Charles Fischetti. Alguns dias depois, disse Shirley Ballard, que ainda estava vendo Frank, "Nós estávamos com alguns produtores de música – provavelmente no camarim de Frank – e Frank disse, 'Okay, nós vamos para a casa onde Ben morreu – ele sempre chamava Siegel de 'Ben' – 'e nós vamos beber por ele". Então nós entramos no Cadillac de Frank e fomos até Beverly Hills, e sentamos na sala onde Siegel havia sido assassinado. Isto foi logo depois de ele ter sido baleado. Bebemos e fizemos um brinde a ele. Foi sombrio, como se seu fantasma estivesse ali ainda. Frank e os outros estavam solenes e levantaram a taça para ele."

Em Vegas, o sindicato havia assumido o Flamingo em questão de horas e o administrou até elevá-lo à condição de meca dos jogos de azar e do entretenimento da América, tendo Frank como astro dos astros.

DEPOIS DE HAVANA, Luciano e Frank procuraram minimizar seu relacionamento. Luciano negava que Frank "tivesse sido alguma vez solicitado a fazer algo ilegal", enquanto Frank insistiu em 1952 que o encontro em Havana havia sido a única ocasião em que os dois tinham se encontrado.

As manchetes sobre a aventura de Frank em Cuba se revelaram um benefício para o Bureau of Narcotics. Washington pressionou o governo cubano, e Luciano foi mais uma vez enviado de navio para a Itália. Ele passaria lá o resto de sua vida, tramando novos crimes e se mantendo em contato constante com associados da Máfia nos Estados Unidos. O Bureau of Narcotics pressionou a polícia italiana para mantê-lo sob vigilância e, quando fosse encontrado pretexto, conduzir buscas em suas residências.

Foi uma busca da polícia, dois anos depois da viagem de Frank a Havana, que resultou nas primeiras evidências da contínua conexão com Sinatra. "Quando a polícia italiana invadiu o apartamento luxuoso de Lucky em Roma", escreveu o colunista Jack Lait, do *Daily Mirror* de Nova York de forma transparente, "eles encontraram um porta-cigarros de prata de lei com a inscrição: 'Ao Meu Querido Amigo, Charlie Luciano', em cima de uma das

assinaturas americanas mais procuradas, a de uma jovem estrela, um conhecido amante dos gângsteres". A fonte de Lait era evidentemente o Bureau of Narcotics; uma passagem similar pode ser encontrada em um rascunho de manuscrito nos papéis de Anslinger. Um artigo posterior indentificava a "estrela" nomeada na dedicatória como "Frank Sinatra".

A história persistiu por um tempo, com variações sobre se o presente era de ouro ou prata, e se era um porta-cigarros ou um isqueiro. Frank clamaria que não tinha dado "nenhum presente, de nenhum tipo, em nenhuma ocasião, para Luciano". Falando sobre a viagem a Cuba, Luciano lembrou que Frank tinha dado "vários presentes a diferentes caras, como porta-cigarros de ouro, um relógio, este tipo de coisa... Para mim, o cara sempre foi Número Um OK."

A mulher que era amante de Luciano nos três anos anteriores à sua morte por infarto em 1962, Adriana Rizzo, disse recentemente que ela, de fato, lembrava de um certo isqueiro. "Eu tinha um isqueiro de ouro que ele me deu de presente, e que tinha recebido de Sinatra. Ele tinha parado de fumar por causa da doença cardíaca." O isqueiro estivera entre os itens removidos depois da morte de Luciano por seu irmão Bartolo, disse Rizzo, e desde então, ela não tinha mais visto o objeto. No entanto, ela se lembrava de que ele tinha uma inscrição.

Sobre o porta-cigarros, o general aposentado Fulvio Toschi, da Polizia Tributaria da Itália, uma unidade de aplicação do Tesouro, lembrava de tê-lo visto enquanto dava busca em um cofre de Luciano. O objeto era, disse ele, um "grande porta-cigarros de ouro com as palavras, algo como, 'Para meu amigo, ou chapa, Lucky' e a palavra 'Frank' ou 'Frank Sinatra'. "

Um documento no arquivo de Anslinger indica que Luciano conhecia o endereço de Frank um ano antes do episódio em Cuba. O documento registra a apreensão pela polícia italiana, aparentemente no começo de 1946, da agenda de endereços de Luciano. "Frank Sinatra" estava listado nela, juntamente com o endereço na Califórnia que Frank tinha, então, havia dois anos.

De volta ao exílio após sua incursão a Cuba, o chefe da Máfia se tornou uma figura comum em hotéis e restaurantes exclusivos de Roma e Nápoles. O público vinha para vê-lo como se fosse um tipo de Poderoso Chefão emérito, um sujeito que aparentemente estava feliz por dar entrevistas a jornalistas e conversar com turistas. Ainda assim, chefes da Máfia nos Estados Unidos o consultavam regularmente em ligações telefônicas codificadas e enviavam por mensageiros correspondências com informações e dinheiro. O Bureau of Narcotics acreditava que ele permanecia com um grande poder, o cabeça do emergente tráfico de

drogas internacional.

Relatórios do Bureau of Narcotics indicam que Frank, como Jimmy Durante, George Raft e outras figuras menos conhecidas do *show business*, tinham contato repetido com o mafioso. Louis Russo, um parceiro de Luciano desde a infância, categorizava os três artistas como sendo os "amigos pessoais íntimos e grandes admiradores, senão adoradores do herói", que era o chefe da Máfia (Luciano).

Em 1950 e 1960, informantes disseram ao FBI que Frank tinha levado dinheiro para Luciano na Itália, como se alegava que teria feito em Cuba. Relatórios para o Bureau of Narcotics citavam Luciano dizendo que ele esperava por Frank para o Natal de 1952 e, então, como Frank não fez a viagem, ele o teria encontrado no Hotel Terminus em Nápoles na primavera seguinte. Frank estava na Itália naquela ocasião, em uma turnê que incluía apresentações em Nápoles e Roma.

De tempos em tempos, parece, Luciano fazia incursões de volta, atravessando o oceano, traçando seu caminho – mais discretamente do que em 1947 – para a Cuba de Fulgêncio Batista. Houve rumores, segundo um relato da imprensa, de que em 1956 ele adentrou aos Estados Unidos furtivamente por nove vezes. Agentes federais receberam informação sobre dois conclaves da Máfia presididos pelo chefe exilado, um em Cuba, em 1951, e outro no ano seguinte, no Plantation Yacht Club em Florida Keys. Houve muitas reuniões com Luciano lá, de acordo com a esposa do gângster de Chicago Murray Humphreys. "Nós costumávamos encontrá-lo no Plantation Yacht Club", disse Jeanne Humphreys. "Os rapazes sempre davam grandes 'bota-foras' para Lucky naquele clube." De acordo com um relatório do FBI, Sinatra estava presente na reunião de 1951.

O assistente de Sinatra, George Jacobs, lembrava do que aconteceu em um hotel de Roma alguns anos depois, provavelmente no verão de 1958. "Nós entramos na suíte", disse Jacobs, "e lá estava Lucky Luciano sentado na sala de estar. Estava sentado lá, só nos aguardando chegar." Quando Jacobs viu o rosto infame e se deu conta de quem era, ficou com medo. "Pensei que era uma dessas ocasiões das quais você não volta". Luciano levantou de sua cadeira e beijou Frank. "Eles sem dúvida conheciam bem um ao outro", lembrou Jacobs, e a reunião com Luciano o surpreendeu como um "momento de alegria" de Frank durante sua viagem para a Itália.

Logo depois do Natal do mesmo ano, Frank e Luciano devem ter se

encontrado outras duas vezes em um período de semanas, em Cuba e na Flórida. Dizem que Frank e o chefe da Máfia estiveram juntos em Havana naquele período, na noite da derrubada do regime de Batista. Se isso foi verdade, o assunto em discussão era provavelmente a construção de um novo cassino multimilionário. Segundo um documento do FBI, que cita registros do National City Bank, Frank e outros eram investidores do projeto em parceria com um sócio da Máfia.

De acordo com um relato em primeira mão, Luciano e Frank se encontraram novamente no mesmo mês, em Miami. Billy Woodfield, o fotógrafo que frequentemente trabalhava com Sinatra, disse que os viu durante a gravação de *Os Viúvos Também Sonham (A Hole in the Head)*, uma comédia estrelada por Frank e Edward G. Robinson. "O elenco de apoio para a multidão de *Os Viúvos Também Sonham* estava lá para as filmagens", disse ele. "Frank tinha levado a mim e esses caras para as filmagens em Flagler Field. Foi engraçado, eles estavam todos vestindo calças curtas e meias altas e grandes chapéus Kadiddlehopper e fedora – roupas estranhas para as corridas. Estavam todos indo para uma área de jantar fora da área executiva enquanto eu colocava o filme."

"Frank disse, 'Billy, tire algumas fotos minhas... Faça duas impressões das fotos e me dê os negativos. Não faça outras impressões'. Um dos caras – que estava vestindo calças normais – disse, 'Que você quer dizer com isso, uma *foto?* Eu não devia nem estar no país!'. Era Luciano".

Peggy Connelly, uma jovem cantora que foi amante de Frank nos anos 1950, não sabia nada sobre o crime organizado. Ela não podia deixar de notar, no entanto, que Frank tinha convidados esquisitos de final de semana e parceiros sobre os quais ele era muito sensível. "Tem algumas pessoas para quem eu tenho que dizer oi", disse, enquanto a levava para uma sala privada em um clube de Nova York para encontrar alguns companheiros robustos, vestidos em ternos escuros. "Vou lhe apresentar a eles. Não direi nenhum sobrenome, e não pergunte por eles."

Uma vez Frank falou com orgulho de uma reunião da Máfia da qual ele tinha sido autorizado a participar. "Ele contou isso seriamente", lembrou Connelly. "Ele disse que estavam falando sobre quem estaria responsável por algo, quem era o homem certo. 'E aí' ele disse, 'todos se voltaram em um único olhar para mim', Frank acrescentou, claro, que não havia possibilidade real de que ele fosse um tipo de Poderoso Chefão – de jeito nenhum. Mas ele falava como se pudesse se imaginar naquela cena. Ele ficava muito tocado pelo tipo de apreciação e

homenagem que eles (os mafiosos) prestavam a ele. Eu podia ver seu coração saindo para fora com isso.”

Dez anos depois, quando Frank estava próximo do presidente John F. Kennedy, ele tinha ficado mais cuidadoso, pelo menos com respeito a encontrar Luciano. “Sinatra ficou meio assustado”, uma fonte disse ao Bureau of Narcotics em 1961, “e agora, quando está na Itália, dá desculpas para não visitar Nápoles e Luciano. Contudo, sempre telefona para ele.” Ele também se correspondeu com Luciano naquele ano, de acordo com outro relatório do Bureau.

“Sinatra era uma amigo muito próximo de Luciano”, disse Adriana Rizzo. “Certamente, ele era. Às vezes, vinha para Nápoles. Eles se encontravam, de tempos em tempos, no Excelsior ou outros grandes hotéis como o Vesuvio. Eu estava lá com Luciano quando eles falavam ao telefone. Eram sempre ligações muito afetuosas.”

O mafioso, já com uma certa idade, tinha uma grande coleção de discos de Sinatra. Trancado em seu apartamento na Via Tasso, em Nápoles, ele ouvia os discos frequentemente. “Eles tinham um grande carinho um pelo outro”, disse Rizzo. “E por Sinatra, Luciano tinha muito respeito.”

14
Flertando com o desastre

A aventura com a Máfia em Cuba foi “uma das coisas mais imbecis que já fiz”, disse Frank a Pete Hamill anos mais tarde. Outras asneiras viriam a seguir, e sofrimento pessoal.

“Você será minha namorada?”, ele ligou para Nancy, de Havana, sugerindo que tirassem umas férias no México. Antes de deixar Havana, ela contara que estava grávida de novo. Havia dito também que estava considerando fazer um aborto – então ilegal, era um passo extremamente radical para uma católica. Frank nunca pensou que realmente iria adiante, mas ela foi. Quando ela lhe contou, no México, ele ficou chocado.

Logo após sua volta a Hollywood, ele causou mais problema para si mesmo. Em 8 de abril, pouco antes da meia-noite, Frank e um companheiro chegaram ao Ciro’s, um ponto noturno no Sunset Boulevard. Ele entrou de carro pelo portão de saída, segundo notou um taxista em espera, evitando assim que seu carro fosse estacionado por um manobrista. Lá dentro, o colunista Lee Mortimer terminava de jantar com uma acompanhante. O taxista, William Taylor, seria a única testemunha do que aconteceu quando eles saíram, quinze minutos depois.

“Sinatra saiu do Ciro’s”, investigadores relatariam segundo palavras do taxista, “andando atrás de Mortimer e o acertou com sua mão direita, derrubando-o no chão. Após derrubá-lo, Sinatra se afastou. Mortimer se levantou segurando seu maxilar e disse algo como ‘Por que você me bateu?’ Nesse momento, um homem descrito como de mais ou menos 1,80m, 90 quilos, cabelo preto, usando uma jaqueta de listras azuis, agarrou Mortimer e o segurou... Sinatra disse ‘Deixe-o levantado, eu vou arrancar seus miolos fora’... Chamou Mortimer de ‘pedaço de merda’ e ‘pervertido desgraçado’. ”

Taylor não viu o que aconteceu em seguida, porque sua vista foi bloqueada

por pessoas saindo apressadas do clube em reação à confusão. Mortimer disse aos investigadores que Frank havia batido nele várias vezes, enquanto outros tentavam segurá-lo. Outras duas testemunhas, sua acompanhante e Nat Dallinger, uma fotógrafa da King Features, disseram que viram outros segurando Mortimer. Dallinger gritou “quatro homens contra um é muita coisa!” e ficou tentando afastá-los.

A briga logo acabou. Machucado, mas não seriamente, Mortimer se encaminhou para uma delegacia, passou por um médico e chamou a imprensa. Frank, que tinha voltado para o bar e pedido uma dose dupla de *brandy*, parecia não perceber, a princípio, que teria que pagar um preço por aquilo.

No dia seguinte, enquanto ensaiava *Oh, What a Beautiful Mornin’!* em um estúdio local, foi preso, acusado por agressão e espancamento, e solto sob fiança. Sua licença para porte de arma foi retirada até segunda ordem. Os homens que estavam com Frank durante o incidente se negaram a falar com os investigadores “sem a orientação de seus advogados”. O companheiro pesado identificado como quem havia segurado Mortimer inicialmente, o *songplugger* Sam Weiss, amigo de longa data de Frank, se negou a fazer uma declaração com base no fato de “estar com medo dos policiais”. O proprietário do Ciro’s e seus funcionários disseram não ter visto nada.

Frank admitiu ter agredido Mortimer, mas negou tê-lo atacado por trás ou que alguém tivesse lhe ajudado. Ele teria agredido o colunista apenas, seria citado, porque Mortimer o insultara no restaurante. “Ele me chamou de *dago* sujo filho-da-puta, e eu não aceitaria isso de ninguém.” A alegação gerou bastante compaixão a Frank, e ele a fazia tão frequentemente que muitos chegaram a acreditar. Na verdade, tinha sido preparado por um dos seus agentes de relações-públicas. A declaração não apareceu na primeira conversa de Frank com um jornalista, meia hora depois do bate-boca. Ele disse ao colunista Harrison Carroll, que chegou apressadamente ao Ciro’s depois de receber uma dica, que ele e Mortimer não tinham trocado nenhuma palavra. Frank teria atacado Mortimer porque, segundo ele, “Por dois anos ele ficou me provocando... Ele me olhou de um jeito. Não consigo descrevê-lo. Foi um daqueles olhares ‘Onde você quer chegar com isso?’. Eu o segui para fora e vi tudo vermelho. Eu o ataquei. Estava todo confuso... Não consegui me conter.”

Mortimer, especialista na cobertura do *show business*, já havia escrito artigos duros sobre Frank. As fãs de Sinatra, para ele, eram “estridentes, extremistas neuróticas que não paravam de gritar... delinquentes juvenis.” Ele debochava de

Frank por este ter esperado “até que as hostilidades acabassem para realizar sua feliz viagem de sete semanas” entretendo tropas na Europa. Ele criticou duramente *A Casa em que Vivemos* como “luta de classes posando de entretenimento”. Frank, disse ele, passou “muito do tempo em que estava em Nova York com outros militantes de esquerda... lutando por isso e aquilo e por quase qualquer causa pateta que aparecesse”. Umas poucas semanas antes, depois do episódio em Havana, ele teria feito referência a “Frank (Lucky) Sinatra”.

O ataque enfureceu tanto Frank que ele tinha falado abertamente que queria “sovar” o colunista ou, de acordo com Sonny King, “enfiar sua cabeça na privada e puxar a descarga”. “Da próxima vez”, Mortimer disse que Frank teria dito no Ciro’s, “vou te matar”. Parece possível que ele tenha planejado o ataque com antecedência. Os investigadores do promotor público concluíram que “Sinatra, com uma gangue por detrás e com a ajuda de um outro homem, fez um assalto inesperado e sem provocação.”

Ainda assim, o caso nunca foi a julgamento. Frank apareceu na corte, pediu desculpas e concordou em pagar nove mil dólares (hoje, setenta e dois mil dólares) a Mortimer. O promotor então retirou a acusação. Mortimer continuou criticando Frank em seus artigos e, como focava cada vez mais no crime organizado, em seus livros. Em *USA Confidential*, ele e o coautor Jack Lait escreveram categoricamente que Frank era “uma propriedade da Máfia”.

A Máfia, assim como Frank, respondeu a Mortimer. Três anos depois do ataque no Ciro’s, o colunista apanhou até ficar inconsciente de dois jovens deliquentes no clube Riviera de Nova Jersey, do qual Willie Moretti era proprietário. Em 1960, os microfones de investigação do FBI teriam captado criminosos de Nova Jersey discutindo um artigo de Mortimer que tratava Sinatra como escória, por suas ligações com um cassino conduzido pela Máfia em Las Vegas. Alguém, um deles previu, “vai dar um tiro ou uma sova em Mortimer, mais cedo ou mais tarde”.

Quando Mortimer morreu, três anos depois, de causas naturais, Frank fez sua vingança póstuma. “Frank e eu estávamos no clube de Jilly [Rizzo] em Manhattan”, lembra Brad Dexter. “Ele disse, ‘Aquele filho da puta imundo, fico feliz que esteja morto’. Ele disse a Jilly para pegar o carro – isso era 2h30 ou 3h30 da manhã, e ele estava cheio de uísque. Mortimer tinha sido enterrado do outro lado do rio, e ele dirigiu até seu túmulo. Frank baixou o zíper da calça e urinou na sepultura.”

“Você consegue imaginar o quão doente da cabeça um filho da puta tem que estar pra ir até lá só para mijar no túmulo do cara? Eu disse: ‘Por que diabos você queria fazer aquilo?’. Ele disse, ‘É, esse viado fez minha vida virar um inferno. Ele falava coisas contra mim, escrevia artigos, me causou muita dor. Devolvi pra ele!’ Frank sempre tinha que deixar as coisas quites.”

FRANK TINHA ANDADO na corda bamba em 1947, procurando publicidade massiva, pregando valores da família e se engajando em causas políticas controversas, ao mesmo tempo em que namoriscava, se associava a criminosos notórios e agia como um bandido. Atacando fisicamente e ameaçando jornalistas, estava pedindo para levar de volta.

A maioria dos jornais nos Estados Unidos era ferrenhamente conservadora naquele momento, nenhum mais do que aqueles da cadeia Hearst, com enorme influência exercida por uns cinquenta jornais, revistas, estações de rádio e companhias de cinema. O fundador mais antigo, William Randolph Hearst, era um homem de opinião influente em política que pensava que Franklin Roosevelt tinha levado o país à maneira da União Soviética. Os “Vermelhos, Rosas e Punks” de Hollywood, pensava ele, tinham espalhado o comunismo.

O turbilhão de atividade política de Frank já havia feito dele um alvo para os redatores da Hearst. Sua carta aberta de apoio ao ex-vice presidente Henry Wallace, numa visão presidencial ultraliberal, tinha sido publicada apenas semanas antes das bobagens em Havana. O homem que trouxe aquela história a público, Robert Ruark, da Hearst, logo estava ridicularizando as novidades de que Frank faria o papel de um sacerdote no seu próximo filme, *O Milagre dos Sinos (The Miracle of the Bells)*, como um artifício preparado para “limpar a cara de Sinatra, o amiguinho do bandido”. Então veio o ataque a Mortimer, que também estava na lista de pagamentos da Hearst.

Aquela breve luta, notou a *Time*, teve cobertura pela cadeia Hearst, “quase sob medida para uma tentativa de assassinato político”. Frank recebeu um prêmio Thomas Jefferson por trabalhos em prol de direitos civis poucos dias depois, mas este fato ficou perdido no furor.

Mortimer começou a procurar por mais sujeira, cultivando informantes no Bureau of Narcotics e no FBI. J. Edgar Hoover já tinha ordenado à sua equipe que coletasse informações sobre Frank e agora encarregava um assistente sênior de enviar informações relevantes a Mortimer sobre a proteção que Frank recebera da Máfia e as acusações por causas sexuais de uma década antes.

Mortimer passou as informações para um cachorro grande da Hearst, Westbrook Pegler, ganhador do Pulitzer por suas grandes revelações de extorsão em sindicatos de trabalhadores. Robert Ruark sugeriu que ele e Pegler trocavam informações bestiais sobre Sinatra. Pegler escreveu uma série de colunas anti-Sinatra no outono de 1947, jogando mais luz no lado negro da vida de Frank e focando em sua conexão com a Máfia.

Outro redator da Hearst, Frank Conniff, lançou a repreensão mais selvagem. “Posando de bonzinho, oferecendo apoio e conforto para organizações da frente comunista”, escreveu, Frank “é abertamente amigo dos mafiosos... Nenhum jornal teria escrúpulos se Bing Crosby ou Clark Gable ou Perry Como ocasionalmente caíssem em transgressões. Mas que seja lembrado que estes homens nunca posaram como se fossem mudar o mundo... O cheiro maduro de hipocrisia vaza por cada poro da carreira recente de Sinatra.”

George Evans não conseguiu parar a investida da imprensa. Foi preciso uma rara abertura penitente de Frank para conseguir aquilo. Ao final de 1947, ele foi ver Hearst em pessoa. “Eu não sei o que aconteceu entre os dois”, escreveu Hedda Hopper mais tarde, “mas uma coisa que sei é que algumas horas mais tarde uma ordem saiu às publicações Hearst para que aliviassem a barra para Sinatra.” O neto de Hearst, John, que estava presente ao encontro, disse que Frank tinha sido “bastante contrito”. Pouco depois, ele foi recebido como hóspede no castelo de Hearst, o pai, no norte de Los Angeles.

A carreira de Frank tinha levado umas pancadas. Os fabricantes dos cigarros Old Gold, patrocinadores de um de seus programas de rádio, dispensaram-no, alegando má publicidade e avaliações negativas crescentes. Em novembro, em vez de promoção maciça, ele teve públicos decepcionantes durante uma estada de três semanas no Capitol Theater, em Nova York. Apenas quatro singles de Sinatra foram para o *top ten* naquele ano. Entretanto, Frank ficou em segundo lugar na pesquisa da ABC para eleger a “pessoa mais popular ainda viva”. Apenas Bing Crosby foi classificado como mais popular. Ele e Frank ficaram à frente de Eleanor Roosevelt, dos generais Eisenhower e MacArthur, e do Papa Pio XII.

Frank manteve seu ritmo frenético, focando acima de tudo em seu trabalho no estúdio de gravação. Ele normalmente chegava no estúdio no meio da noite, quando achava que sua voz estava em seu ápice, trabalhava as rotinas técnicas, depois fazia aquecimento vocal enquanto a orquestra ensaiava. Quando dizia “Vamos tentar uma!”, estava claro que estava bem no ponto de começar.

Enquanto o homem Sinatra estava cada vez mais errático, o músico Sinatra estava mais comprometido, profissional e criativo do que nunca. Quando estava em Nova York, voltava regularmente ao seu antigo treinador vocal John Quinan. Gravações originais do período, preservadas na Columbia, sobrevivem como vívida e audível evidência do artesão trabalhando. Uma sessão de novembro de 1947 – que produziu *I'm Glad There Is You* e *Body and Soul* – reflete um Sinatra que se envolvia com os músicos, os convencia a entrar no clima que ele queria, e que ficava irritado quando alguém da seção de metais errava uma passagem essencial.

Frank trabalhava no seu ritmo e estilo, experimentava com sílabas, lutava pela perfeição. Quando estava trabalhando, se opunha a deixar imperfeita a pronúncia ou a gramática. “Me deixa louco”, disse ele uma vez, ao ouvir “*imagination*” reproduzida como “*amagination*”, “*Whom can I turn to?”* cantada como “*Who can I turn to?*”. Rosemary Clooney, que gravou com ele, nunca esqueceu da dicção de Frank. “Era assustadoramente clara, não importa o que ele estivesse cantando... Ele colocava “os pingos nos is” e cortava os “ts” de cada palavra.” O cantor Julius La Rosa, que colecionava em sua adolescência os antigos discos de selo vermelho da Columbia gravados por Frank, achava que sabia o objetivo de toda aquela lapidação: “Ele colocava um ponto final aqui, uma vírgula ali, para elevar o sentido. Aquilo veio a ser conhecido como fraseado. E tudo o que ele estava fazendo era contar a história como acreditava que as palavras deveriam ser ditas. Mas era revolucionário, e foi isso o que fez ele ser Sinatra. Ninguém fizera aquilo antes... Sinatra era capaz de fazer uma canção de trinta e dois compassos virar uma peça em três atos.”

Who’s Who in America incluiu Frank em sua edição de 1948. Ele apareceu como “SINATRA, Frank, barítono”, uma descrição de trabalho mais exata do que teria sido alguns anos antes. “Sua voz tinha um tom mais agudo quando começou”, disse o guitarrista Al Viola, o primeiro a ouvir Frank cantar no Paramount. “Naquela época, ele parecia quase um tenor.” Sua voz tomou “matizes mais soturnas”, escreveu Charles Granata, engenheiro de gravação, produtor e “sinatrófilo”. “Ele começou a colocar um pouco de dor na música, como se estivesse lutando para extrair cada nuance de emoção do fundo de sua alma... dolorosa, melancólica.”

“As canções que eu canto e suas letras”, Frank insistiu uma vez, “não são nunca próximas de minha vida, a despeito do que algumas pessoas pensam.” Em outra ocasião, no entanto, admitiu que “sentia” uma letra porque “tinha estado lá

e aqui. Eu *sei* sobre o que foi.”

Dia 30 de outubro de 1947 foi declarado *Sinatra Day*[88] em Hoboken. Como iniciativa do novo prefeito, um ítalo-americano que Dolly tinha ajudado a eleger, Frank seria presenteado com a chave da cidade. Ele aceitou a chave – enorme, de madeira, “do Coração dos Cidadãos de Hoboken” – na prefeitura e fez um discurso para uma multidão aos gritos. Mais tarde, desfilando pelas ruas em um carro de bombeiros dirigido por seu pai, Marty, dizem que lixo foi atirado contra ele.

Nos bastidores, os Sinatra estavam em disputa, brigando por besteiras. Dolly, que estava sempre tomando dinheiro emprestado de parentes sem pagá-los de volta, brigou com seu filho poderoso por causa de finanças. Por algo em torno de dois anos a partir daquilo, ela e Frank ficariam sem falar um com o outro. Meses depois da visita, seu avô Francesco morreu com 91 anos.

Exceto por uma aparição em uma solenidade local, Frank não faria outra visita pública a Hoboken por quase quarenta anos. Uma vez, chegando ao final de um voo a Nova York, seu assistente Lee Solters lembrou que ele “cuspiu pela janela” quando alguém apontou para fora dizendo que o avião estava passando por Hoboken.

O “lar” há muito tinha sido a Califórnia, embora em 1947 e 1948 Frank estivesse frequentemente fora. Seus filhos Nancy e Frank Jr. tinham lembranças carinhosas de Toluca Lake – fogos de artifício no 4 de Julho, expedições no grande conversível Ford de seu pai, a chegada do primeiro aparelho de televisão. Naquele tempo, entrementes, sua mãe mantinha a falsa imagem de que estava tudo bem.

O casamento, Nancy contou a um entrevistador, era “tão tradicional e tipicamente americano quanto um mostruário de ponto-cruz... Meu trabalho é cuidar das necessidades pessoais de Frank... É uma função primordial de esposa”. Ela mantinha suas gavetas e armários tão arrumados quanto o resto – ela aprovava a obsessão dele por limpeza e ordem –, o mantinha suprido com meias Argyle, seguia a ideia caprichosa dele de que o quarto nunca deveria ficar sem uma caixa de chocolates. Ser a Sra. Sinatra, Nancy declarou, a mantinha “profundamente satisfeita”.

Os Sinatras saíam quando possível para Palm Springs, o oásis luxuriante no deserto a cento e sessenta quilômetros de Los Angeles, mais uma vila do que um *resort*, que se tornaria principal base de Frank nos anos futuros. Ele decidiu

construir uma casa lá, e trabalhadores se empenharam sem parar, mesmo à noite com luzes artificiais, para completar a tarefa. A casa tinha uma piscina em formato de piano de cauda, e um verdadeiro piano de cauda foi trazido de Nova York. Frank chamava a casa de Twin Palms.

Para as crianças, Palm Springs trazia mais lembranças felizes – aulas de natação na piscina, passeios em estradas sujas no jipe de seu pai. Para a filha Nancy, no entanto, havia vislumbres da infelicidade de sua mãe – como o dia em que Frank mandou a família de volta para Los Angeles antes do planejado. Enquanto iam embora de carro, ela notou que sua mãe estava chorando por detrás dos óculos de sol.

Notícias de que outro bebê estava a caminho, no final de 1947, ajudaram a dissipar rumores de problemas conjugais contínuos do casal. Uma segunda filha, Christina – logo apelidada de Tina – chegou no mês de junho seguinte. O bebê nasceu no Dia dos Pais, e, pela primeira vez, Frank estava disponível para levar sua esposa ao hospital. Parecia para todo mundo que ele tinha tomado um rumo.

Em Nova York, George Evans tinha estado trabalhando para reconstruir a imagem do cliente, acabar de uma vez com as fofocas sobre os rabos de saia, aliviar as histórias sobre os mafiosos. Apesar das revelações de Havana, soube o FBI, Frank ainda estava em contato regular com os irmãos Fischetti. Dizem que foi durante estes meses, também, que Joe Fischetti falou dos “interesses financeiros da Máfia em Sinatra”. Logo depois, o protetor de Sinatra na juventude, Willie Moretti, admitiu aos agentes oficiais que ele era “parceiro de Sinatra”. Tinha sido relatado, ainda, que Frank regularmente “contribuía” com Moretti.

Embora nada daquilo tenha se tornado público, Evans estava lutando para controlar uma história sórdida que ligava Frank ao gângster da Califórnia Mickey Cohen, ao controle da Máfia sobre o boxe e a um criminoso do território de Moretti que estava operando em Los Angeles. Frank conhecia o trapaceiro em questão desde seus dias de Hoboken. Mais ainda, descobriram detetives policiais, o nome de Sinatra aparecia na agenda de endereços de Cohen. Indagado sobre o fato, Cohen disse: “Qual é o problema? Ele é meu amigo.”

Agentes do FBI receberam informação de que Frank era coinvestidor no Stables, um clube noturno de Palm Springs, envolvido financeiramente em um caso recente de fraude. A própria Palm Springs, logo declararia um relatório da comissão de crime do estado da Califórnia, era um “*rendez-vous* preferido para muitos indivíduos indesejados dos Estados Unidos”. Dois dos indivíduos

indesejáveis nomeados tinham sido proeminentes durante o episódio em Havana. Outro era Allen Smiley, que estava sentado ao lado de Bugsy Siegel quando este foi assassinado. Smiley tinha um apartamento nas Sunset Towers, bem como Frank e muitos amigos, e disse conhecer Frank “muito bem”. Solicitado em 1948 a sugerir convidados para um casamento da Máfia, ele incluiu o nome de Frank.

O flerte com a Máfia em Cuba era parte de um padrão duradouro. O envolvimento de Frank com criminosos estava trançado no tecido de sua vida e carreira em 1948. “Eu conheci essas pessoas a minha vida toda”, disse Nancy, filha de Frank, anos depois. “Me sentei à mesa com eles falando de suas famílias... Então eu ouvia seus nomes nas notícias e dizia para mim mesma, ‘Oh, meu Deus. Este aqui está sob investigação por evasão fiscal’. Ou então, ‘Aquele outro acaba de ser interrogado por assassinato’.”

Por um longo tempo, Frank não se afetava seriamente pelo fato de que o público sabia de seu envolvimento com a Máfia. O pouco que foi parar nas publicações pode inclusive ter se somado ao misticismo que o envolvia. Outros fatores, no entanto, o fariam ajoelhar de sofrimento.

ALGUÉM PODE TER PENSADO, assim que começou 1949, que Frank estava podendo muito em Hollywood. A MGM tinha lhe pagado mais de trezentos mil dólares – mais de dois milhões de dólares hoje – por seu trabalho no cinema ao longo dos doze meses anteriores. Aquilo era mais do que Judy Garland ganhava e quase tanto quanto a estrela mais bem paga da época, Bette Davis, da Warner. Ainda assim, os escandalosos ruídos de Frank e a falta de disciplina levaram a paciência dos executivos da MGM ao limite. Ele tinha se comportado mal também quando foi emprestado à produtora RKO para *O Milagre dos Sinos*, o filme no qual ele fez o papel de um sacerdote, e para *Isto Sim que é Vida (Double Dynamite)*, uma comédia com Jane Russell e Grouxo Marx. Ele tinha tentado evitar comparecer à estreia de *O Milagre* em São Francisco, e se vingou infantilmente quando o produtor insistiu para que aparecesse. Em sua suíte do Fairmont Hotel, onde Frank estava hospedado com mais três amigos, ele pediu oitenta e oito coquetéis Manhattan que nunca foram tomados, levou cerca de doze pessoas para uma noitada na cidade, deu uma festa de uma noite inteira, e depois alugou uma limusine para levá-lo a oito quilômetros ao sul, para Palm Springs – e colocou tudo na conta da RKO.

A MGM estava muito atenta ao fato de que *It Happened in Brooklyn* havia perdido dinheiro, e que *Beijou-me um Bandido (The Kissing Bandit)*, um filme

de Frank ao estilo de *Zorro,* seria lembrado como um constrangimento, um fracasso total. *O Milagre*, no qual – opinou o *New York Times* – Frank parecia "com medo e sem fala", foi muito mal. *Isto sim que é Vida* não foi lançado por três anos, e apesar do poder de sedução de Jane Russell – alguns diziam que o título do filme era uma alusão ao seu busto de quase 97 centímetros– foi um desastre de bilheteria. O investimento de Hollywood em Sinatra não estava valendo a pena.

A chama do sucesso de Sinatra como cantor também estava trepidando. Ele tinha apenas um *single* entre os *top ten*, no número sete, em 1948. Pela primeira vez em seis anos, a eleição dos melhores da Down Beat não o tinha classificado como um dos três maiores cantores americanos. Frank ficou em quarto lugar, depois de Billy Eckstine, Frankie Laine e Bob Crosby, irmão de Bing.

Frank tinha começado a reclamar da indústria musical. Ele disse a um entrevistador que canções populares eram "decadentes... sem sangue", que o Tin Pan Alley estava ficando "um lixo terrível". "Nós temos que dar às pessoas coisas que mexam com elas emocionalmente", disse ele. "Nós não estamos fazendo isso e tem algo errado em algum lugar". Não importava o que houvesse de errado ou não com a indústria musical, o que podia ter dado errado para Frank é que ele estava perdendo contato com seu público. Suas garotas *bobbysoxer* tinham crescido.

Em dezembro de 1948, um periódico do *show business* trazia a manchete "É o fim de Sinatra?". Um ano antes, isso teria sido ridículo. Frank disse a Manie Sacks que ele, de fato, se sentia acabado, consumido. Ele voltou-se para si mesmo, seguiu sozinho para Palm Springs onde ficou por dias a fio, disse Nancy, e se comportava estranhamente em casa. "Quando tínhamos convidados", disse sua esposa, "ele frequentemente ficava alheio, sozinho e não queria conversar." Algumas vezes, lembrou uma de suas irmãs, ele se trancava em outro cômodo para fugir das pessoas.

Frank tinha feito 33 anos, e Nancy, 31. Eles tinham uma filha de oito anos, um filho de cinco e um novo bebê. Faltava um mês para seu décimo aniversário de casamento.

15
Amantes, eternamente

Algumas semanas após o Natal de 1948, a MGM juntou mais de cinquenta estrelas para uma fotografia que marcaria o jubileu de prata do estúdio. Frank, sem sorrir, usando terno e gravata cinzas, empoleirou-se em uma fileira alta perto do fundo. Bem no centro, elegante em azul royal, orgulhosamente ao lado de Clark Gable e Judy Garland, sentou-se uma atriz em ascensão.

Ava Lavinia Gardner veio de Grabtown, Carolina do Norte, um ponto tão insignificante na região tabaqueira que nem sequer aparecia nos mapas locais. Nasceu em 1922, caçula dentre os sete filhos de um fazendeiro trabalhador e sua esposa.

Ela foi bem sapeca quando criança, subia em árvores, andava descalça – como faria frequentemente na vida adulta – e aprendeu cedo a usar palavrões. Aos oito anos, já fumava atrás do celeiro com os garotos. Entretanto, no meio da adolescência, se tornou uma curvilínea e bela morena que pintava as unhas e desejava vestidos que não podia comprar.

Atuou um pouco na escola e tinha mais facilidade com diálogos do que seus colegas. Sentada na sala de cinema, encantada, disse a uma amiga que sonhava em ser uma estrela de Hollywood. Ela sabia cantar e falava em ser cantora em uma das “big bands”, porém esperava acabar trabalhando como secretária e se casando com um garoto local. Então, um cunhado fotógrafo tirou fotos de Ava – fotos simples, reservadas – e as mandou para um caça-talentos da MGM. Pouco depois, usando um vestido de dezesseis dólares e sapatos de salto alto emprestados, fez um teste cinematográfico. Em 1941, aos 18 anos e com uma de suas irmãs como companhia, encontrava-se em um trem para Hollywood.

Ava se tornou apenas mais uma atriz à espera, tendo aulas de técnica vocal e de dança, posando para fotos em trajes sumários e fazendo o que lhe diziam. Seu

primeiro papel significativo em um filme viria apenas depois de quatro anos de tédio disciplinado, e o verdadeiro estrelato não viria até o fim da década. Mesmo aí não afirmaria o seu talento. “Eu nunca liguei para atuação o suficiente para me entregar de coração a isso”, disse a um entrevistador. “Nunca fui uma boa atriz – nenhum de nós na Metro era. Nós éramos apenas bonitos de se ver.”

A vida amorosa de Ava, no entanto, logo virou notícia. Ela sempre sustentava que havia sido criada de maneira estrita, era tímida e que resistira aos avanços masculinos por muito tempo. “Eu banquei muito a difícil”, disse na meia-idade, “aquela merda de ‘bonitinha do Sul’. Acho que isso é melhor do que se entregar logo, dizendo ‘Nossa, sou louca por você’.” Ainda assim, antes de sair da Califórnia, declarou sua intenção de se casar com “a maior estrela de cinema do mundo”.

Ela começou a flertar com um ator conhecido como o “King of The Box Office”[89], Mickey Rooney, logo no seu primeiro dia na MGM. O antigo astro mirim, agora com 21 anos, era o artista mais bem pago do estúdio e seu bem mais valioso. Louis B. Mayer tentou dissuadir os dois do casamento. Quando eles insistiram, Louis garantiu que o casamento acontecesse sem estardalhaço e longe de Los Angeles. Ava tinha apenas dezenove anos e conhecia Rooney há cinco meses. Um publicitário da MGM ficou por perto durante toda a lua de mel, “perto pra caramba”, Ava se lembrou, mesmo “quando você ia para a cama”.

“Assim que ele tirar sua roupa”, Mayer disse à Ava, “ele vai correr atrás de alguma outra garota.” De acordo com Ava, Rooney cumpriu a profecia. Dentro de dois meses, ela disse, “encontrei evidências de que ele tinha tido alguém na minha cama. Não sei quem diabos foi.” Rooney disse que Ava foi a primeira a causar problemas, por dar atenção demais a um outro jovem ator. O casamento terminou em divórcio em 1943, após pouco mais de um ano.

Então, Ava se divertiu por aí. Howard Hughes, enlouquecido e obsessivo até naquela época, tinha uma atração por seios grandes e por mulheres recentemente divorciadas – “wet decks”[90], como ele as chamava – e Ava se encaixava na descrição. Ava insistiu nunca ter dividido a cama com ele, apesar de algumas pessoas acreditarem no contrário. O magnata, entretanto, continuaria as suas investidas e a espiaria por anos a fio.

Quando era uma jovem na Carolina do Norte, Ava tinha dançado o *jitterbug* ao som de Artie Shaw. Depois de ter servido na Marinha, e com problemas de audição ameaçando sua carreira musical, Shaw estava, nas suas próprias

palavras, “em estado de disfunção”. Aos 34 anos, já havia passado por quatro esposas – chegariam a ser oito – e estava afundado na psicanálise. Ava considerou Shaw “o primeiro homem inteligente e intelectual que eu conheci”. Ele lhe disse que ela era “a mulher mais perfeita”.

Eles se casaram em 1945, em parte para diminuir a publicidade negativa gerada quando o público soube que estavam morando juntos. Uma vez casados, Shaw estava determinado a “melhorar” a sua mulher perfeita. Ele disse à Ava que lesse *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, levou-a a um psiquiatra e contratou um mestre russo para que lhe ensinasse xadrez. Em companhia de outros, quando ela falava alto, ele a mandava calar a boca. Logo o casal passou a discutir constantemente e deixou de fazer sexo. Eles se divorciaram depois de menos de um ano. Ela tinha 23 anos.

No final da década de 1940, ela começou a ter sucesso como atriz. Teve casos com o cantor Mel Tormé e com os atores Howard Duff, Robert Taylor e Robert Mitchum, de acordo com um de seus biógrafos. A visão de Tormé sobre seu relacionamento com Ava abarca quatro de suas características: sua “beleza gloriosa”, sua embriaguez, sua crueza – ela respondeu a um elogio bem-intencionado de um desconhecido com um “Você chupa?” – e a explosão de ira que acabou com o caso amoroso. Duff se lembrou da inabilidade de Ava em relaxar, das suas alterações de humor, “tão rápidas que ninguém podia acompanhá-la”, das “discussões terríveis, terríveis... Ela podia ser muito violenta” – e das bebedeiras.

O escritor britânico Peter Evans, que trabalhou com Gardner na década de 1980 em um livro de memórias planejado, foi distraído pelas tentativas de Ava em “revisar sua própria história, incluindo suas entrevistas guardadas comigo, para que ela aparecesse bem. As mudanças que ela fez, devido a um desejo de ‘respeitabilidade’, distorceram a sua história”. As fitas não editadas, entretanto, oferecem verdadeiros *insights*.

“Eu comecei a beber a sério quando eu estava com Artie”, Ava contou a Evans. “Ele tinha um monte de gente inteligente ao seu redor, a sua turma inteligente, como chamavam, e isso fazia com que eu me sentisse uma tola. Eu ficava bêbada porque era insegura.” De acordo com Rooney, Ava tinha demonstrado “uma capacidade tremenda para o álcool” mesmo quando estava com ele. Pela metade da década de 1940, conhecidos começaram a notar a atriz bebendo champagne “como Coca-Cola” e misturando uísque com cerveja. Howard Duff se lembrou dela o convencendo a fazer um coquetel infernal. “Eu

misturei tudo – vodca, gim, uísque, conhaque, tudo... e, de repente... estávamos juntos no tapete."

Ava gostava de falar sobre "o quanto nós bebíamos e ainda seguíamos em frente. Nós nunca estávamos atrasados para o trabalho, sempre fizemos nosso trabalho." Ela estava tão "desesperadamente insegura", lembra-se a relações públicas Ann Straus, que antes de uma apresentação de teatro "ela bebeu várias doses de uísque, e mesmo assim eu tive de empurrá-la para o palco com a palma da minha mão."

Ela "podia mudar quando bebia", disse Mearene "Reenie" Jordan, empregada e companheira fiel que se juntou a ela no fim da década de 1940, e isso contribuiu para as explosões violentas de Ava. "Quando perco a paciência, querida", Ava admitia, "você não vai encontrá-la em lugar algum." Rooney se lembrou de como uma vez ela "usou uma faca de cozinha em cada móvel da casa". Diz-se que ela nocauteou Howard Hughes, golpeando-o com um vaso ornamental. "A raiva", disse Rooney, "sempre foi parte de Ava."

Ava podia falar e se comportar como uma puritana, ou o oposto. Ela era fascinada pela prostituição, tanto que em quatro ocasiões bem documentadas pediu para ser levada a bordéis, em excursões guiadas. "Eu acho que fazer sexo é um ótimo esporte", disse a um escritor. "O ruim é toda a conversa que você tem que ouvir do homem antes."

"Eu quero me casar e ter filhos", disse no início do relacionamento com Rooney. Uma vez casados, porém, disse a ele que nunca quis ficar grávida. Ela afirmava que queria um bebê de Artie Shaw, mas ainda assim usava métodos contraceptivos. "Eu não acho que genuinamente, em meu coração, queria de fato um bebê", disse a Peter Evans. "Talvez eu estivesse desempenhando um papel – o de fazer tudo perfeito, a 'esposa perfeita'. Quem vai saber?"

Ava ficou grávida durante o caso com Howard Duff, mas fez um aborto. De acordo com uma amiga, ela foi a um médico carniceiro que "a operou sem anestesia, para que ela entendesse a magnitude do que ela estava fazendo. Ele fez um trabalho malfeito, não removendo completamente o feto... O evento a traumatizou tanto que ela nunca se recuperou totalmente daquele choque".

Essa era a mulher por quem Frank Sinatra ficou obcecado em 1949.

FRANK TAMBÉM ESTAVA POR AÍ com os copos. Chegando bêbado e sem ter sido convidado, fez uma cena na festa que marcava o noivado de Mel Tormé e Candy Toxton, uma jovem atriz. Quando a noiva fugiu para um quarto,

ele lhe passou um sermão através da porta trancada. Um amigo o empurrou para fora da casa quando ele estava prestes a começar uma briga com Tormé. Semanas depois, em uma outra festa, ele atingiu alguém na cabeça com uma garrafa.

Foi a essa altura, no começo de 1949, que Frank começou sua longa caçada por Ava Gardner. Enquanto dirigia para a MGM para tirar a fotografia em grupo do estúdio, Ava foi ultrapassada por um carro que vinha acelerado. O carro que a perseguia diminuiu a velocidade, ultrapassou-a novamente, diminuiu mais uma vez, e, então, enquanto o motorista tirava o chapéu, acelerou mais uma vez. Frank tinha conseguido a sua atenção.

Ava sabia já há tempos que ele era "um paquerador terrível". Anos mais tarde, quando estava casada com Rooney, Frank veio à sua mesa no Hollywood Palladium e brincou dizendo que queria tê-la achado primeiro. Ele "tinha olhos para ela" também quando ela estava casada com Artie Shaw. Frank conseguiu persuadi-la, assim como Marilyn Maxwell, a vestir uma camiseta com um "S" de Swooners e a atuar como *batgirl* no seu time de softball.

Em 1946, quando Ava havia saído para dançar com Howard Hughes e Lana Turner com Frank, os casais trocaram de parceiro. Mais tarde, ela havia se mudado para uma casa ao lado das Sunset Towers, onde Frank e Sammy Cahn tinham apartamentos. "Só por pirraça", Cahn relembrou, "Frank e eu colocávamos as cabeças para fora da janela e gritávamos o nome dela". Ela ouvia "suas vozes bêbadas gritando 'Ava, você está me ouvindo, Ava? Ava Gardner, nós sabemos que você está aí embaixo. Olá, Ava! Olá!'". Ela afirmou achar aquilo não muito charmoso e disse a um amigo que achava Frank "vaidoso, arrogante, dominador". Ainda assim, veio uma tarde em que se juntaram e "beberam um bocado". E, em algum momento depois disso, houve um outro encontro do qual ela se lembrava em particular, quando "nós bebemos, conversamos e nos apaixonamos".

Logo no começo do romance, houve um momento de loucura que definiu o tom daquilo que estava por vir. Uma noite, de acordo com Jack Keller, assessor de George Evans, o casal foi preso numa cidade perto de Palm Springs. Frank ligou pedindo ajuda às três da madrugada. "Estou na prisão", disse a Keller. "Nós queríamos uma diversãozinha e atiramos em alguns postes de luz e janelas de lojas com um 38, só isso... Tinha um cara, nós o 'amassamos' um pouco no estômago. Mas não é nada. Só um arranhão."

Keller disse que alugou um avião, voou com uma pilha de dinheiro para

pagar pelo estrago, comprar o silêncio da polícia e de todos os envolvidos, e voltou com Frank e Ava para Los Angeles. Miraculosamente, a história foi mantida fora da imprensa.

Em uma noite mais sóbria em Hollywood, Frank disse a Ava que seu casamento estava realmente acabado. No fim de 1949, na casa que ela alugava no fora de moda e arborizado Nichols Canyon, ela o levou para a cama. “Nós nos tornamos amantes para sempre – eternamente”, ela se lembrou mais tarde. “Grandes palavras... Mas eu realmente sentia que, independentemente do que acontecesse, nós sempre estaríamos apaixonados.”

AOS 34 ANOS, ele era uma estrela decadente. Aos 27, ela estava no caminho para o estrelato. Ambos eram liberais assumidos. Com Artie Shaw, ela havia socializado com pessoas que alguns consideravam “vermelhos”, inclusive visitados pelo consulado soviético. Ela, como Frank, havia dado a sua opinião sem rodeios numa transmissão em protesto contra os abusos do Un-American Activities Committee da Casa Branca. Ela se entusiasmava por jazz e se socializava com músicos afroamericanos. Eles tinham muito em comum.

Amigos e ex-amantes tentaram se meter no meio e separá-los. Lana Turner disse a Ava que Frank nunca deixaria a sua esposa. Marilyn Maxwell disse a Frank que ele tinha que “tomar cuidado, muito cuidado por onde anda”. George Evans alertou-os de que suas carreiras corriam risco. Ele temia que a MGM lançasse mão da cláusula moral em seus contratos.

Após meses de subterfúgios, o casal começou a alargar os limites impostos. Eles foram a uma estreia da Broadway juntos, mas com um outro casal. Ava apareceu na festa de aniversário de Frank em Nova Yorque, em dezembro de 1949, e depois se juntou a ele quando Frank apareceu em Houston, Texas. Lá, um fotógrafo que tentou tirar uma foto foi ameaçado por Frank, e a história virou notícia. Na Califórnia, Nancy finalmente perdeu a paciência.

Quando Frank voltou do Texas, no Dia dos Namorados, o advogado de Nancy anunciou que ela estava em busca de uma separação legal e de uma divisão de bens. “Minha vida de casada”, ela adicionou, “se tornou extremamente infeliz e quase insuportável.”

Apesar de ter apenas nove anos, a filha Nancy podia ver que sua mãe estava “terrivelmente machucada”. Uma vez, acidentalmente, ela se deparou com fotografias da imprensa que sua mãe havia escondido: Frank com Marilyn, Frank com Lana, Frank com Ava.

Frank também estava crescentemente perturbado. “A batalha que tinha travado comigo mesmo começava a ter suas consequências”, ele se lembrou. “Eu me encontrei precisando de pílulas pra dormir, pílulas pra começar o dia e pílulas pra relaxar durante a tarde.” Em Nova Yorque, em março, na primeira de uma maratona de cinco noites no Copacabana, Frank precisou de um sedativo só para entrar no palco. Não era apenas a sua separação da família que o estava deixando para baixo. As coisas não estavam muito boas com Ava.

Ambos eram inseguros e o ciúme os consumia. “Se ele olhasse para o outro lado da sala em um restaurante”, Mearene Jordan disse, “ela juraria, ‘Reenie, eu vi, ele estava piscando para uma garota... Eu o vi dando aquele olhar’. E a briga começava.” Frank se preocupava obsessivamente com Howard Hughes, que continuava telefonando para Ava, e sobre ela ainda manter contato com Artie Shaw.

Uma noite, após uma de suas discussões, Ava voltou furiosamente para a suíte que dividiam na Hampshire House e telefonou para Shaw. Ela deixou sua agenda de endereços aberta na página que tinha o nome dele, bem onde Frank poderia ver. Shaw, que estava morando em Nova Yorque com uma nova namorada, recordou-se do que aconteceu.

“Ela ligou às duas da madrugada e disse que tinha estado com Sinatra e os garotos Fischetti. Um dos rapazes tinha atirado um copo de uísque na cara de uma de suas amigas, e ela tinha que sair dali. Ela disse que queria me ver. Eu expliquei que não estava sozinho. Mas ela veio assim mesmo, muito bem vestida, e disse que queria me fazer algumas perguntas. Eu pedi à minha namorada que voltasse para cama, para que Ava e eu pudéssemos conversar.”

Ava não gostava de gângsteres ao redor de Frank, nem do jeito como se comportavam. O que ela queria falar agora, entretanto, era de sexo. “Quando você e eu estávamos na cama juntos”, ela perguntou a Shaw, “era bom?”. Shaw disse que o lado físico do casamento tinha sido bom. “E então”, de acordo com Shaw, “ela liberou um suspiro de alívio e disse ‘Bom, então não tem nada de errado comigo?’ Eu disse ‘Não, claro que não. O que você quer dizer?’. E ela disse ‘Bom, com o Frank é como se eu estivesse na cama com uma mulher. Ele é tão delicado. É como se ele pensasse que eu fosse quebrar, que sou um pedaço de porcelana de Dresden e que ele vai me machucar’.”

“Eu disse que sempre pensei que Frank era um garanhão, e ela disse ‘Não... Eu só queria saber que não é culpa minha’. Nós conversamos um pouco e o telefone tocou. Eu atendi – já perto de três da manhã – e era o Sinatra. Ele disse

‘A Ava está aí?’, e eu disse ‘sim’, mas ela dizia ‘Oh meu Deus!’ e fazia sinais estranhos. Eu disse ‘Eu não acho que ela queira falar com você. Eu não posso arrastá-la pelo pescoço até o telefone se ela não quiser’. Ele começou a falar muito, e uma hora eu simplesmente desliguei o telefone.”

“Ava foi embora, mas quinze minutos depois a campainha tocou. Nós tínhamos uma daquelas coisas de interfone, e era o Sinatra. Agora ele dizia que queria falar comigo. Eu perguntei se estava sozinho e ele disse que sim, então apertei o botão. Mas ele não estava sozinho. Ele subiu com um colega grandão. Eu me sentei no sofá e Frank ficou à minha frente, batendo em seu próprio peito, falando de maneira toda truculenta. Eu disse ‘Frank, você é metade do durão que diz ser?’. Ele disse ‘sim, sou durão assim’.”

“O outro cara, o guarda-costas, estava parado, como quem joga cara e coroa, como uma cena de George Raft. E aí eu disse ‘Então por que você precisa dele?’. Frank olhou para o cara, estalou os dedos e o cara saiu. Como um grande mastim... Eu disse ‘Frank, qual é o seu problema? São quatro da manhã e, pelo amor de Deus, eu quero dormir’. No fim, ele se levantou e partiu, um pouco envergonhado, um pouco com o rabo entre as pernas.”

Enquanto isso, Ava estava de volta à Hampshire House, na cama, porém acordada. Algumas noites antes, preocupada, havia revelado a Kirk Douglas – um colega em visita – que Frank tinha uma arma. Agora, não muito longe do amanhecer, o telefone tocou. Era Frank, de volta da visita a Shaw e telefonando de um quarto do lado oposto à suíte. “Eu nunca vou me esquecer de sua voz”, ela se lembrou. “Ele disse ‘Eu não consigo mais aguentar isso. Eu vou me matar – agora!’. Houve um grande estalo no meu ouvido, e eu sabia que era um tiro de revólver.”

“Eu larguei o telefone e saí correndo, passei pela sala de estar e entrei no quarto de Frank... E havia lá um corpo deitado na cama. Oh Deus, ele estava morto? Eu me joguei sobre o corpo, dizendo ‘Frank, Frank...’. E o rosto, com um sorriso bem pálido, virou para mim, e a voz disse ‘Ah, olá’.”

Frank tinha disparado a sua arma no colchão.

ALGUNS MESES ANTES, George Evans havia feito uma previsão sobre Frank: “Daqui a um ano você não vai ouvir nada sobre ele. Ele estará morto profissionalmente... Eles não vão ver suas fotos. Eles não vão comprar seus discos... O público sabe dos problemas com Nancy e as outras mulheres, e não gosta mais dele.” Agora Evans havia partido, morto por causa de um ataque do

coração, e sua profecia parecia estar se tornando realidade.

Em abril de 1950, a MGM anunciou que Frank e o estúdio haviam decidido por uma “separação amigável”. Na verdade, Frank havia sido despedido. Louis B. Mayer tinha sido paciente com os últimos fracassos de Frank nas bilheterias e tinha aguentado sua falta de disciplina no *set* de filmagem, mas a gota-d’água foi uma piada de mau gosto de Sinatra sobre a vida pessoal de Mayer. Quando soube, o chefe do estúdio mandou Frank sair e permanecer do lado de fora.

Frank também havia brigado com seu poderoso agente, a Music Corporation of America. “Ele queria ser o cara número um”, disse um executivo da MCA. “Queria que todos se curvassem perante ele, que o reverenciassem, mas nem todo mundo fazia isso.” David “Sonny” Werblin, o agente que lidava com Frank em Nova Yorque, disse a um executivo da NBC que seu cliente “não era bom, não atrairia nem moscas”. Subitamente, Frank não tinha grandes eventos agendados.

Ele estava na pior, bebendo e fumando demais. “Todas as noites”, Ava relembrava, “nós tomávamos três ou quatro martínis, grandes, em grandes copos de champanhe, depois vinho no jantar, e depois íamos a alguma casa noturna e começávamos a beber uísque ou *bourbon*. Eu não sei como conseguíamos.” Frank já não estava mais trabalhando bem. Enquanto cantava para uma audiência esparsa no Copacabana, sua voz parecia enlameada.

Então, nas primeiras horas de 2 de maio, Frank tentou alcançar uma nota alta enquanto cantava *Bali Ha'i*, a canção-tema do musical *South Pacific*. Ele tinha notado gotículas de sangue em sua boca havia alguns dias, mas não fez nada a respeito. “Como um idiota”, ele se recorda, “eu não tinha ido ao médico... Eu tentei soltar uma nota, mas não saiu nada... Nada, apenas pó... Finalmente eu me virei para a plateia e sussurrei no microfone ‘Boa noite’, e saí do palco.”

Os médicos disseram a Frank que ele tinha sofrido uma hemorragia nas cordas vocais e não poderia falar, tampouco cantar, por várias semanas. “Eu andava carregando um bloco de notas e um lápis para escrever”, disse anos mais tarde. “Após o quadragésimo dia, comecei a falar de novo, muito calmamente, e depois a fazer alguns exercícios vocais.”

Frank não estava dizendo a verdade. Depois de dez dias, e ignorando o conselho médico, ele partiu para a Europa, atrás de Ava. Ela estava na Espanha, gravando *Pandora (Pandora and the Flying Dutchman)*, um filme no qual ela fazia o papel de uma bela estrangeira que se envolve com um matador. Um célebre toureiro da vida real, Mario Cabré, 35 anos, bonito, elegante e charmoso,

fazia o papel de matador. Ava estava passando muito do seu tempo fora do *set* com ele, e os jornais diziam que ele havia declarado seu amor por ela. Ansiosos para minimizar o seu envolvimento com Frank, um homem casado, os relações públicas do filme decidiram ressaltar a ideia de que Ava tinha um romance a desabrochar. De Nova York, Frank estava bombardeando Ava com telefonemas ansiosos. Frequentemente ela sequer estava lá para atendê-lo.

Agora, voando até Barcelona em uma visita de três dias, trouxe a Ava um colar de esmeraldas e uma série de acusações. Ela negou as histórias sobre Cabré e contra-atacou com seu escárnio. Em Nova York, sabia ela, Frank fora visto com uma paixão antiga, Marilyn Maxwell.

No caminho de volta para os Estados Unidos, Frank disse a um jornalista que Cabré não significava nada para Ava. “Nada!”, gritou pelo telefone. “Você não entende?”. Na Espanha, entretanto, Ava estava mostrando publicamente o seu afeto pelo toureiro. Quando isso chegou aos jornais, as pessoas passaram a tirar sarro de Frank. “O lance da Ava era bem conhecido, e também o fato de que ele estava com problemas de voz”, disse o guitarrista Tony Mottola. “Eu me lembro de estar numa corrida com ele, e alguma voz áspera na multidão gritou ‘Onde está a Ava, Frank?’.”

Em setembro, Nancy, chorosa, foi ao Tribunal para descrever as misérias de se casar com Frank Sinatra. Ela deixou claro que queria apenas a separação, e não o divórcio. O juiz lhe concedeu a guarda das crianças, a casa da família e um terço da renda futura do marido, de até 150 mil dólares por ano – com extras quando ele faturasse mais – por toda a vida. Frank conseguiu manter a casa em Palm Springs e “quaisquer gravações fonográficas que ele viesse a desejar.”

Se Ava estava se perdendo, Frank também estava. Rosemary Clooney descreveu como ele seduziu sua irmã Betty em uma casa noturna nova-iorquina. Ele flertou, deu um sorriso “vagaroso, vagamente perigoso”, depois foi até o palco e fez uma apresentação improvisada de *I'll Never Smile Again*. Rosemary lembrou sua irmã que Frank era “louco pela Ava Gardner”. Ela foi ignorada. “Quando saímos da casa noturna”, lembra, “nós todos entramos num táxi. E daí eles me largaram na rua.”

Ava estava às voltas com um novo projeto de filme, *O Barco das Ilusões (Show Boat)*, e sob pressão da MGM para se comportar. Ela estava recebendo cartas ameaçadoras – um remetente a chamava de “Bitch-Jezebel-Gardner”[91] – e agora falava em não ver Frank enquanto ele estivesse casado. Ela ficava a

maior parte do tempo na Califórnia, enquanto ele lutava com sua carreira náufraga em Nova York. “As pessoas não entendem a psicologia do que aconteceu”, disse Mitch Miller, produtor que havia substituído Manie Sacks na Columbia Records. “Era um clima diferente naqueles dias... Sinatra, com seu comportamento público com Ava e deixando sua esposa, fez com que os padres dissessem ‘Não diga às crianças. Não comprem seus discos’.”

Frank não teve uma única música na lista da *Billboard* de melhores canções de 1951. Ele continuou trabalhando, mas teve pouco retorno. Teve um programa de TV na CBS, mas que seria cancelado no ano seguinte, quando os patrocinadores saíram de cena. Seus dois programas de rádio tinham pouco impacto, e um deles saiu do ar depois de apenas sete semanas. Outros cantores – Frankie Laine, Johnnie Ray e Eddie Fisher – agora eram mais populares. Uma noite, em Nova Iorque, Frank passou em frente ao local onde Fisher estava cantando. Filas de pessoas que queriam ingressos dobravam a esquina. Alguns dos fãs de Fisher zombavam de Frank. Ele voltou ao apartamento de Manie Sacks, onde o próprio mais tarde o encontrou. Frank estava na cozinha, deitado com a sua cabeça ou sobre o fogão ou dentro do forno. O gás estava ligado. Ele foi ressuscitado, mas seus amigos levaram o episódio a sério.

Em uma sessão de gravação naquela primavera, Frank produziu duas faixas que pareciam dolorosamente pessoais. Uma delas incorporava versos que ele tinha refeito por conta própria:

> *I'm a fool to want you,*
> *To want a love that can't be true,*
> *A love that’s there for others too...*
> *I know it’s wrong, it must be wrong,*
> *but right or wrong I can't get along*
> *Without you.*[92]

Ele gravou *I'm a Fool to Want You* de uma vez só, e depois fugiu do estúdio, parecendo angustiado. Na mesma sessão, Frank cantou *Love Me* – “Please love, whatever else you do just love me... I'll die if you should tire”[93]. As palavras jorravam, pensou um de seus primeiros biógrafos, Arnold Shaw, “numa voz entorpecida pelo medo de perder Ava”.

Dois meses mais tarde, Nancy disse que ia começar o processo do divórcio. “Eu estou concordando em dar a Frank a liberdade que ele pediu tão

seriamente", disse.

Frank reatou os laços com seus pais e levou Ava para Hoboken para vê-los. Ela ficou admirada com a casa imaculada de Dolly Sinatra e entendeu a fonte da limpeza obsessiva de Frank. Ela viu fotos de Frank quando criança, "pequenas e doces fotos que as mães guardam como tesouro e que os filhos gostariam de jogar na chaminé".

Em Hollywood para trabalhar em *Ao compasso da Vida (Meet Danny Wilson)* – um filme de terceira categoria da Universal no qual ele fazia o papel de um cantor que consegue estourar graças a um gângster –, Frank recebeu a visita no *set* de filmagem de vários psiquiatras e de um sacerdote do Catholic Family Counseling Service[94]. Nancy também consultou um psiquiatra. Dr. William Kroger, um pioneiro no uso psiquiátrico da hipnose, disse: "Cuidei da família de Sinatra, cuidei de Nancy – tentei salvar o casamento." Ava mal podia esperar para vê-lo se desmantelar. "Nós hesitamos", disse ela, "entre a alegria diante do casamento iminente e a desgraça, já que Nancy estava demorando mais e mais para registrar mesmo o maldito divórcio".

Frank aceitou um compromisso para cantar num cassino em Nevada, com o propósito principal de preencher o requisito de residência para um rápido divórcio. Ele estava frenético agora, "gritando, berrando" com as telefonistas do Riverside Inn em Reno. Ele tinha de novo interrogado Ava sobre Mario Cabré. Ela tinha dormido com ele? "Eu tentei fugir da pergunta", disse ela, anos depois, "mas Frank suspeitava e ficou em cima de mim." Ela tinha ido para a cama com Cabré apenas uma vez, ela disse em suas memórias de 1990, "um único engano – depois de uma daquelas noites espanholas românticas, cheias de estrelas, preenchidas com dança e bebida". Em Nevada, admitiu o ocorrido para Frank. "Eu contei e ele nunca me perdoou. Nunca."

Aquilo ainda perseguia a mente de Frank uma década depois. "Ele estava bebendo muito e começou a chorar em meu ombro", disse Brad Dexter, descrevendo uma conversa no início dos anos 1960. "Ava o castrava, realmente o castrava. Ele sofria."

No final de agosto, o casal teve mais brigas alimentadas por álcool enquanto tiravam férias em Lake Tahoe. Frank blasfemava sobre os outros homens dela, até mesmo quando o iate em que estavam encalhou. Umas noites depois, após outra conversa amarga, Ava saiu dirigindo pela escuridão de Los Angeles. Quando voltou para casa, descobriu que Frank tinha tomado uma overdose de

pílulas para dormir.

Um médico tinha sido convocado para o quarto de Frank às 4 horas da manhã para encontrar um paciente que tinha se identificado como “Henry Sinolo” e que disse ter ingerido alguns barbitúricos. Quando indagado sobre quantos, respondeu “Não sei”. O médico achou os sinais vitais de Frank normais, administrou uma solução salina para induzir ao vômito e limpar seu estômago e partiu. Quando Ava tinha se unido novamente a ele, Frank disse à imprensa que tinha “apenas tido uma dor de barriga” depois de tomar ‘duas’ pílulas para dormir”. “Isso é tudo o que houve, com honestidade... Suicídio é o pensamento mais distante da minha cabeça.”

“Eu queria socá-lo”, lembrava Ava, “mas, em vez disso, o perdoei em uns 25 segundos.” Para ela, aquilo tinha sido apenas mais um de seus “dramas de suicídio... para me trazer de volta ao seu lado”. Aquele foi o terceiro episódio do tipo.

Quando Frank fez sua primeira aparição em Las Vegas, no Desert Inn, uma semana depois, Ava cedeu à sua própria insegurança. “De repente, ela ficou emburrada”, lembrou Axel Stordahl. “Ela achou que Frank estava olhando para uma garota na plateia um pouco mais de tempo do que o necessário. Tudo acabou com eles jogando livros e lâmpadas um no outro.”

Depois disso, Ava passou algum tempo no hospital por “exaustão”. Havia rumores de um aborto. Ela era uma propriedade realmente quente da MGM agora, e, para evitar mais constrangimentos, os executivos decidiram que era melhor ela se casar com Frank o mais rápido possível. Os advogados do estúdio forçaram as negociações do divórcio, e o impasse tinha finalmente acabado. Nancy obteve seu decreto de divórcio na Califórnia, e ele conseguiu o seu em Nevada. Acertos foram feitos para que Frank e Ava se casassem em um local supostamente secreto na costa leste.

A loucura ainda continuava. Em Nova York, Ava lembrava, recebeu uma carta “de uma mulher que admitia ser uma puta e dizia estar tendo um caso com Frank. Era imunda, dava detalhes que achei convincentes e que me reviraram o estômago. Como eu podia continuar com o casamento?”.

A cerimônia estava acabada. Então, depois de uma noite durante a qual amigos foram de um lugar para o outro, entre o quarto de Ava e o de Frank, a cerimônia estava de pé novamente. “Tínhamos combinado o casamento por semanas”, ela disse em 1989, “ninguém sabia” − exceto a imprensa da nação. Em 7 de novembro de 1951, repórteres e fotógrafos se aglomeraram na casa

perto de Filadélfia onde o casamento deveria ocorrer.

“Frank estava tão bravo, pobrezinho”, disse Ava. “Ele passou o tempo todo na janela de cima gritando para a imprensa, ‘seus malditos, sumam daqui!’ no máximo de seus pulmões. Ele estava tentado – nós tivemos que segurá-lo – a sair e brigar com eles. Mas nós finalmente o fizemos descer as escadas, o trouxemos para a frente do pastor. Dick [Jones, um arranjador de Tommy Dorsey] tocou piano. Estava horrivelmente desafinado. Eu desci as escadas. Eu estava usando um vestidinho adorável que Howard Greer fez. Um estilista maravilhoso, mas não dava pra usar absolutamente nada por baixo.”

“E nos casamos. Eu não me lembro da cerimônia. Havia uma fotografia – Frank a guardou na carteira por anos. Estávamos tão aborrecidos, querendo sair de lá, que esquecemos toda nossa bagagem – não havia uma única escova de dentes conosco. Alugamos um avião e chegamos a um pequeno hotel na praia. Em Miami, suponho...”

“Eu não tinha roupas para usar na praia. Eu vesti o paletó de Frank. Eu estava descalça e Frank tinha enrolado a barra de sua calça, e nós demos uma volta na praia. É uma fotografia triste.”

“Frank e eu não começamos muito bem. Fomos a Havana, Cuba, e tivemos uma briga na primeira noite. Quem sabe sobre o que brigamos?... Eu lembro de ficar de pé, bêbada de cair, na varanda do hotel, no canto. Parada lá, balançando. Frank estava com medo de chegar perto de mim. Ele achava que eu ia pular... Deus, eu era louca!... Deus do céu!”

16
Arruinado

Em fevereiro de 1952, com apenas um piano como acompanhamento, Frank cantou *Bewitched, Bothered and Bewildered* – "this crazy situation has me on the blink"[95] (trecho da música) – em um clube de São Francisco. Ele disse ao público que cantava para Ava.

Ava falava sobre o futuro do casal, sobre como eles gostariam de morar em Palm Springs, sobre como desejava se tornar dona de casa e mãe. Ainda assim, as brigas continuavam. Com poucas semanas de casamento, saíram em viagem para entreter tropas americanas na Europa. "No último minuto em Londres", Janet Leigh lembrava, "Ava e Frank não partiram para a viagem... Eles se desentenderam. A paixão deles era tão dura quanto romântica... quente e fria."

Ava agora era chamada "Sra. Sinatra", fato apreciado por Frank. Para humilhá-lo, porém, os repórteres, às vezes se referiam a ele como "Sr. Gardner". "Amigos notavam um Frank muito diferente perto dela", disse Gloria Cahn, ex-esposa de Sammy Cahn. "Ele era subserviente. Ele se rebaixava na presença dela… Ele era como um cãozinho a seguindo, e algumas pessoas disseram que ele perdera sua masculinidade. E se ela não estivesse no clima, sabe como é, o dispensava."

"Frank não tinha um emprego", lembrava Ava. "Pobrezinho, sua voz tinha ido embora. Ele tinha chegado a um ponto em que literalmente não podia cantar porque havia perdido toda a confiança. E, o pior de tudo, um homem orgulhoso como o Frank, que sempre quer estar no comando, estava tendo que contar com uma mulher para pagar as contas, a maioria delas. O seu ego, não importa o que eu fizesse, deixava tudo muito pior."

"Ele tinha feito uma gravação com Harry James que ficou tão ruim que eu chorei quando a ouvi", disse Ava. O próprio James achou aquela "a pior coisa

que já tínhamos gravado.” Frank também fez alguns trabalhos excelentes em estúdios de gravação, mas isto não refletiu em vendas. Sem um agente – a MCA usou espaço nos jornais para anunciar que ele não era mais um cliente – era um cantor que aparentemente ninguém queria ouvir.

Ava abominava repórteres, e Frank era criticado pela imprensa mais do que nunca. “Isto é um relacionamento privado”, esbravejou durante uma viagem ao México, antes do casamento. “Eu não sou obrigado a falar com ninguém. Não foi a imprensa quem me deixou famoso. Foi o meu canto e o público americano.” No México, Frank e seus companheiros quebraram a câmera de um fotógrafo e destruíram o filme. Um de seus guarda-costas ameaçou atirar no fotógrafo. Em um incidente no aeroporto de Los Angeles, Frank pareceu guiar seu carro na direção de um fotógrafo.

Quando os jornalistas passaram a ignorá-lo, no entanto, Frank mudou de tom. “A maior parte dos meus problemas com a imprensa foi minha culpa”, ele assumiu em 1952, em um longo artigo assinado na *American Weekly*. “Eu sempre serei grato à imprensa pelas milhões de linhas publicadas, as quais tornaram meu nome familiar.” Ele prometeu à Press Photographers Associaton[96] que sempre “estaria pronto no caso de vocês desejarem tirar fotos.”

Bob Weitman, que tinha proporcionado a Frank sua gloriosa estreia no Paramount em 1942, deu-lhe outro breve retorno à casa, mas as plateias estavam vazias. No Chez Paree em Chicago, um clube que acomodava mil e quinhentas pessoas, apenas cento e cinquenta clientes apareceram. “Sinatra já teve sua época”, opinou o jornalista Burt Boyar, que o viu se apresentar lá. “Foi triste. Do começo ao fim uma terrível lição... Ele estava abandonado – por seus amigos, por seu público.”

Ele foi descartado também, após nove anos, pela Columbia Records, onde Mitch Miller agora dizia que “não poderia distribuir” suas gravações. Frank não andava encrencando apenas com Miller, mas também, e isso era incomum na sua carreira, com os técnicos de estúdio. Um deles, Harold Chapman, achava ele “um dos homens mais desprezíveis para quem já trabalhei; então nós, engenheiros e músicos, apenas cruzamos os braços e deixamos ele afundar”. A sessão de gravação de 17 de setembro de 1952 marcou o final de uma maravilhosa relação de negócios bem-sucedida. “Dane-se ele”, Miller falou a um colega executivo que perguntou sobre Frank. “Ele já era.”

Frank foi humilhado inclusive em Hoboken, quando apareceu a uma

arrecadação de fundos dos bombeiros a pedido de seu pai. Os adolescentes locais de uma nova geração não se impressionaram. “Ele deu umas desafinadas”, relembra Tony Macagnano, uma criança da época. “As pessoas o vaiaram e atiraram frutas e outras coisas, tirando sarro... Ai, ele ficou doido!”

Jule Styne achava que Frank “estava parecendo a própria morte” quando cantou no French Casino, um clube de segunda no porão de um hotel em Nova Iorque. Os dois amigos jantaram juntos em um restaurante da Mulberry Street onde um dia Frank tivera de sair pela porta dos fundos para evitar ser atacado pela multidão de fãs. Agora, ninguém se dava ao trabalho de olhá-lo duas vezes. “Uma pomba na marquise do teatro”, disse ele a um produtor, “chamaria mais atenção do que meu nome.”

O roteirista Budd Schulberg viu Frank se apresentar em “alguma bodega de segunda categoria” na Filadélfia. “O auditório estava ocupado em menos da metade”, se lembra, “claramente hostil porque ‘A Voz’ não estava mais lá. O ‘Tudo’ de ontem era ‘ Absolutamente nada'[97], um patético fogo-de-palha. Um provocador lhe falou para calar a boca e ir para casa. Alguns outros bêbados seguiram o movimento... ‘Eu vou cantar mais uma’, ele ameaçou, ‘e então vou passar aí por vocês com um taco de beisebol’.” Schulberg pensou em Frank como um clássico exemplo de “sucesso na América – na velocidade de um raio em que estoura e no repentino apagão no qual frequentemente desaparece.”

Os fãs clubes de Sinatra estavam se desfazendo, acima de tudo por conta do tratamento insensível de Frank com Nancy e do ruidoso cortejo com Ava, mesmo sendo agora casados. Um grupo de admiradoras postou a Hedda Hopper uma gravação de *Nancy with the Laughing Face* que elas quebraram em pedaços. Eles falaram a Hopper que o antigo ídolo delas era agora “Frankie-Not-So-Hot-Tra[98]”.

DE INÍCIO AVA CULPAVA o *show business* pelos problemas com o casamento. “Hoje é nosso sétimo aniversário”, ela disse a uma entrevistadora em junho 1952. “Sete *meses*. Você quer ver seu marido, e onde ele está? Jogando no Chez Paree em Chicago! Ou então ele está apostando em St. Louis... É duro.”

O ciúme de Ava e a falta de confiança tornavam tudo isso mais difícil, como descobriu seu sobrinho Billy Grimes em uma visita a Nova York. Após passar uma noite inteira e inocente juntos, ele e Frank se viram acusados de visitar um bordel. “Qualquer coisa podia me provocar”, Ava disse anos depois. Em

setembro, quando o marido dela apareceu no clube noturno Riviera, ela avistou Marilyn Maxwell no auditório e alegou que Frank estava fazendo “gestos bonitinhos” para ela. Ela ficou transtornada, voou para a Califórnia e devolveu seu anel de noivado para Frank pelo correio. Ele o perdeu.

Sendo ou não Frank culpado de infidelidade tão no início do casamento, Ava o era. “Eu odeio traição”, disse ela para um entrevistador anos antes, “Eu não vou suportar isso. Eu não o faço.” Ainda no verão anterior de 1952, em Utah, filmando *A Bela e o Renegado (Ride, Vaquero!*), ela teve um caso com o diretor de cinema John Farrow. A fonte disso é a filha de Farrow, Mia, que um dia se tornaria a terceira mulher de Frank.

Frank e Ava tiveram brigas épicas, semanas depois do fim da gravação de *A Bela e o Renegado*. Isto ocorreu em outubro, quando o casal estava reunido para se reconciliar do incidente no Riviera. Como Ava disse, eles começaram a discutir por bobagens, após beberem muito num restaurante em Los Angeles. Frank bravejou: “Se você quer saber onde eu estou, eu estou em Palm Springs fodendo Lana Turner.” Então, ele se enfureceu.

Ava soube que Lana e Benton Cole, o agente que ela e Turner dividiam, estavam ficando na casa de Frank em Palm Springs. Então, ela se moveu em uma perseguição feroz no meio da noite, na companhia de uma de suas irmãs, na esperança de pegar Frank e Lana “no ato”. Quando se dirigiam à casa, avistaram Frank em seu carro “rodeando como se estivesse de guarda.” Lana e Cole estavam na casa, ainda acordados segundo Ava, supondo ser umas 3 horas da manhã. Eles receberam Ava e a irmã, e os quatro “resolveram festejar”. Após muitos *drinks*, Ava disse: “A porta abriu violentamente e surgiu Frank parecendo Al Capone e o Estrangulador de Boston em uma pessoa só”. Ele despejou uma chuva de acusações, rejeitou Lana como uma “puta de vinte e cinco centavos”, acusou farristas de estarem “falando mal dele pelas costas”, e, então, disse a todos que “saíssem do diabo da casa dele”. Ava disse que a casa era dela também e começou a pegar tudo o que era dela. Pegou fotos, livros e gravações, roupas e cosméticos, e Frank mandou-lhes à força para a garagem.

Na sua versão, Lana disse que ela e Cole fugiram da discussão, e então retornaram encontrando “viaturas estacionadas na frente da casa com luzes vermelhas piscando, rádios chiando. A claridade dos refletores iluminava a casa... Bem quando estávamos saindo do carro, a porta da frente se abriu e Frank e Ava saíram, ainda brigando. A polícia se mexeu para separá-los.”

Como Lana colocou, vários “rumores doentios” se originaram daquela noite.

Um deles era que Ava chegou para encontrar Frank, como ele tinha ameaçado, na cama com Lana. Outra história dizia que ele teria surpreendido Ava e Lana transando, enquanto outra dizia que ele estava em um bacanal com sua esposa, Lana e outro homem. Um relatório do FBI, divulgado depois da morte de Frank, faz referência a uma alegação de um homem que teria feito sexo na casa com Ava e Lana. Nenhum desses rumores foi comprovado pelos fatos, isto é, as versões oferecidas por Ava e Lana não eram confiáveis.

Tendo finalmente despachado todo mundo aquela noite, Frank encheu uma mochila com algumas roupas e foi para a casa de Jimmy Van Heusen. Indagado por alguém ao telefone sobre como Frank estava, Van Heusen disse que ele estava "no banheiro, vomitando". Quando Ava mudou seu número de telefone, foi dito que Frank estava "perto de um colapso". "Você sabe", ele falou ao agente de Hollywood Milt Ebbins", não tem por aqui um prédio alto o suficiente para eu pular de cima." "Sinatra", reportou a colunista Dorothy Kilgallen, "está aterrorizando seus amigos, telefonando com uma voz melancólica, dizendo 'Por favor, certifique-se que as crianças sejam bem cuidadas' e depois desligando." Ele ligava no dia seguinte, Kilgallen escreveu, para se desculpar e explicar que estava bêbado.

Privado do telefone de Ava, Frank pediu a Earl Wilson para publicar em sua coluna o que ele estava sentindo. Ele agora percebeu, segundo Wilson, que "a ama mais do que qualquer coisa e tem que fazer tudo para retornarem." Um homem que detestava a intrusão da imprensa estava reduzido a usar a própria imprensa para mandar uma mensagem a sua esposa.

Ainda assim, logo, como esperado, o casal estava sendo visto junto novamente, jantando no Frascati's, chegando de mãos dadas em um comício para o presidente democrata Adlai Stevenson. Drapejada em cetim e peles, Ava apresentou Frank como "um homem maravilhoso, maravilhoso" e ele cantou para a multidão. Eles foram para a Carolina do Norte, para visitar a família de Ava e então embarcar para a África. O destino deles era o Quênia, e a locação na selva onde John Ford dirigiria o filme *Mogambo*. Ava contracenaria com Clark Gable e com a jovem Grace Kelly. A carreira dela estava em alta num momento em que Frank não tinha trabalho, nem futuro, e o dinheiro não entrava como antes.

O ano de excessos, pagamentos a Nancy e impostos tinha sugado seus milhões. Não havia mais "nem dinheiro, nem fama", Ava disse. "Ninguém mais quer saber dele. Ele não consegue quitar as contas, levar pessoas para sair,

diverti-las. Não tem mais ninguém exceto a mim.” Ava até pagou a passagem aérea de Frank para Nairobi.

“VOCÊ É CASADA?”, expatriados ingleses costumavam brincar. “Ou você vive no Quênia?”. A elite inglesa, homens e mulheres que mandavam na então colonia britânica, levava uma existência luxuosa. Eles trabalhavam o menos possível, bebiam muito e dormiam em qualquer lugar. Era um país que as futuras gerações veriam pelas lentes de filmes como *Adeus, África (White Mischief)* e *Entre Dois Amores (Out of Africa)*.

A MGM tinha decidido que *Mogambo* seria um “grande filme”, e estava montando o maior safári da história da África oriental. Às margens do rio Kagera, onde três territórios africanos se encontravam, a companhia construiu um acampamento para abrigar cento e setenta e cinco brancos e muitas centenas de negros africanos. Mais mil africanos foram chamados como extras. Havia “tendas-restaurantes”, uma tenda-hospital, uma tenda de entretenimento e – memorável para 1952 – água encanada quente e fria. Com uma escavadeira, tinham construído uma pista de pouso.

A África fascinava e amedrontava Ava. Ela se irava com as inconveniências, o calor, as moscas e os leões que predavam por perto, e encontrou então um refúgio na bebida. Embora Grace Kelly, aos 23 anos, viesse a ser carinhosa com Ava, a jovem ficou a princípio afrontada pela conduta da co-estrela. “Ava é tão doida”, Kelly escreveu a uma amiga, “É inacreditável... Eles estão fazendo outra tenda para ela – não gosta da antiga porque é antiga –, a tenda dela é ao lado da minha, então eu ouço toda a gritaria, os berros.”

Ava não tinha consideração por Frank, disse uma gerente da locação, Eva Monley. “O tratava como um irmão perdido vindo para pentelhá-la. Ela não o permitia no *set*; eu era responsável pelas acomodações e Ava me disse: ‘Coloque-o em uma tenda separada, bem longe da minha. Não o deixe ficar perto de mim’.”

Frank passava o tempo lendo, e frequentemente tomava o transporte aéreo diário de volta para a civilização. O escritor Alan Frank, que na época era um garoto em férias, relembra de tê-lo visto em um hotel em Malindi, na costa do Oceano Índico no Quênia. Ele reconheceu “a figura no piano de armário que ficava atrás da varanda espaçosa do Eden Roc... Ele sentou-se à vontade tocando as notas com um único dedo e fumando. Ele estava com a barba por fazer, claramente longe de estar feliz”.

Em Nova York, os novos agentes de Frank na William Morris estavam tentando conseguir um papel para ele em *A um Passo da Eternidade*, a adaptação da Columbia Pictures para o romance de James Jones sobre brutalidade e imoralidade no Exército dos Estados Unidos. Eles imaginavam que seu cliente era uma escolha natural para o papel de Angelo Maggio, o pequeno e rebelde bêbado ítalo-americano perseguido por um sargento assediador.

Frank sentiu afinidade por Maggio, o considerava um personagem saído das vizinhanças que ele havia conhecido quando garoto. “Eu conheci centenas de Maggios”, disse, “poderia ter sido um Maggio, talvez quando era mais jovem... Posso atuar nesse papel melhor do que qualquer um vivo.” Antes de partir para a África ele tinha feito *lobby* duramente para este papel, tendo até se dirigido pessoalmente ao cabeça do estúdio, Harry Cohn. Para Cohn, ele era um cantor e não um ator, e, pior, um cantor arruinado. “Quem diabos”, disse ao seu assessor Jonie Taps quando Frank partiu, “ia querer aquele babaca magricela em um grande filme?”

Da África, Frank tinha bombardeado executivos da Columbia com telegramas assinados por “Maggio”. Ava, que já havia intercedido por ele antes de terem partido, conseguiu falar com Cohn pelo telefone e pediu pela causa de Frank novamente. Uma semana depois de sua chegada ao Quênia, Frank foi convocado para voltar para um teste de atuação.

No momento em que ele partiu, Ava estava grávida. Por alguns relatos, ela suspeitava disso mesmo antes de ir embora de casa. Ela tinha por muito tempo falado a qualquer um que a pudesse escutar o quanto desejava ser mãe. “Enfim, descobri o que desejo da vida”, disse após se casar com Frank, “estar com meu marido sempre e ter filhos com ele.” Frank tinha falado de eles terem “uma dúzia de filhos”.

Contudo, agora ela tinha tomado uma decisão que ia contra tudo aquilo que havia dito publicamente: “Eu não posso continuar com isso”, disse em 1989. “Nós não estávamos progredindo. Nós estávamos loucamente apaixonados, mas simplesmente não era hora de ter uma criança. Então, decidi ir a Londres para um aborto.” Na época, e em particular, ela falou mais brutalmente. “Ava odiava muito Frank por causa desta época”, o *cameraman* de Ford, Robert Surtees, disse. “Ela falou para minha mulher, ‘Eu odeio tanto Frank. Eu quero que esse bebê não nasça.’”

Ford lembrou Ava que aborto era um grande pecado aos olhos da Igreja Católica e disse a ela que isso machucaria Frank terrivelmente. Mas Ava estava

decidida. Sem consultar seu marido, ela viajou a Londres acompanhada por um assessor, Paul Mills, e a esposa de Surtees, Maydell, e fez o aborto.

Mills disse à imprensa britânica que Ava estava sendo tratada por “anemia”, provocada por uma infecção tropical. Recuperando-se no Savoy Hotel, Ava disse a Willian Attwood, da *Look*, que o problema era disenteria, causada por “comer alface e beber água de torneira”. Attwood terminou a entrevista perguntando se ela queria ter filhos, e ela respondeu, “Ai, meu Deus, claro!”. Quatro anos mais tarde, ela alegaria ter sofrido um aborto espontâneo. “Toda a minha vida eu quis ter um bebê”, disse, “e a notícia de que eu o havia perdido – tenho certeza que era um garoto – foi um golpe cruel.”

Ela retornou à África após o aborto, assim como Frank após seus testes de câmera. Eles brigaram novamente, e ele estava deprimido porque outros seis atores eram considerados para o papel de Maggio. O elenco de *Mogambo* o considerava uma figura miserável e solitária, mas ele ganhou simpatia quando o Natal se aproximou. Frank arrumou uma árvore, completa com luzes coloridas, em frente à tenda de Ava e a presenteou com uma estola de pele de marta e um anel de diamantes comprado em sua ida recente aos Estados Unidos. (Ele havia prometido pagar por ele mais tarde.) Ava estava indiferente e falou que a estola havia sido comprada com o dinheiro dela.

Frank fez da noite de Natal memorável, caminhando na escuridão com cantores africanos segurando grandes velas vermelhas. Os africanos fizeram o coro em francês enquanto ele cantava *Noel* em inglês. A maioria dos ouvintes estava perplexa, mas não Ava. “Ela estava tomando taças e taças de álcool”, Monley recordava. “Eu não lembro com quem estava. Então Sinatra apareceu e começou a cantar músicas de Natal. Ela ofensivamente gritou para ele, ‘Canta mais alto!’... Então notou que aquilo era especial demais para ser retribuído com risadas. E ficou paralisada em silêncio.”

Em janeiro de 1953, em uma festa social em Nairobi, o casal perdeu todo o decoro. “Ele e Ava Gardner se envolveram em uma espécie de competição de palavrões”, relembra Lee Harragin, filho do procurador-geral do Quênia. “Eles estavam berrando e gritando um com o outro, tanto que tiveram que ser literalmente trancados no escritório do anfitrião para parar de perturbar o resto da festa.”

Ava, de fato, fez seu marido feliz por um momento naquele mês. “Eu engravidei novamente”, ela disse em um entrevista para suas memórias póstumas. “Desta vez, Frank realmente sabia e ficou encantado. Eu me lembro

um dia pulando de jipe pela planície africana, me sentindo enjoada como o diabo. Ali mesmo, pela primeira e única vez em nosso relacionamento, Frank decidiu cantar pra mim... tão lindamente, aquela canção adorável *When you Awake*.

> *When you awake the day takes a bow at your door,*
> *When you awake the sun shines like never before*
> *Clouds soaked with rain find it hard to explain to the earth below.*
> *They can't let it rain, for it would stain such a heavenly show.*
> *You make it so...*[99]

Quando Frank tomou o avião de volta para os Estados Unidos, para cumprir um compromisso de cantar num clube em Boston, Ava tomou um avião para Londres para fazer outro aborto. Ela, mais uma vez, tinha tentado justificar sua atitude dizendo que uma mulher não tinha direito de ter uma criança a não ser que ela e seu companheiro tivessem "um estilo de vida são, sólido". Ainda assim, ela continuou dizendo que queria um filho com Frank, mesmo quando o relacionamento deles já tinha sofrido um colapso irreparável.

"A gravidez aterrorizava Ava", disse Mickey Rooney. "Eu não acho que ela sabia por que... A ideia de ter um bebê a enchia de um medo sem razão e sem nome". Ava disse ao seu amigo Spoli Mills, décadas depois, que ela "achava que teria sido a pior mãe do mundo".

Há uma outra possibilidade, que certamente a teria levado a insistir no aborto.

QUANDO FRANK SOUBERA que Ava faria *Mogambo* com Clark Gable, de acordo com Sonny King, ele temeu que Ava saísse da linha com o galã. Gable, de fato, teve um caso durante a filmagem, porém com Grace Kelly. Ava ajudou Kelly com os pequenos dramas do caso, e as duas mulheres conspiraram juntas nos assuntos do coração e de cama. "Nós nos dávamos bem", disse em uma de suas últimas entrevistas gravadas, referindo-se à sua amizade com Kelly. "Fazíamos nossas maldadezinhas às vezes. E ninguém nunca soube." De acordo com Eva Monley, uma das "maldadezinhas" de Ava teria acontecido com um camareiro de *Mogambo*, e outra com Frank "Bunny" Allen, um caçador profissional e notório farrista.

Allen era um inglês com sangue cigano em suas veias, neto de um construtor de carruagens para a realeza britânica, que tinha tomado o mesmo caminho dos

seus irmãos para a África colonial. Todos o chamavam de “Bunny”, o apelido que ganhara quando criança caçando coelhos a laço próximo ao Castelo de Windsor. No começo dos anos 1950, quando virou moda para os americanos ricos fazer safáris na África, ele foi celebrado por seu conhecimento naqueles jogos.

Allen tinha sido parceiro de Denys Finch-Hatton, o caçador vivido por Robert Redford no filme *Entre Dois Amores*, quando o futuro Rei Edward VIII foi para o Quênia caçar leões e elefantes. Allen tinha uma cicatriz de garras de um leopardo e uma costela ferida por um búfalo. O dedo anelar de sua mão esquerda fora arrancado. A sociedade branca no leste da África fez comentários de suas inumeráveis conquistas por décadas, que incluíam a aviadora Beryl Markham, a autora de *A História de Elza (Born Free)*, Joy Adamson, e uma mãe que chegou à cama de Allen e encontrou a filha já em seus braços.

Ava corria para Allen continuamente durante as gravações de *Mogambo*. Ele cuidava de todos os aspectos práticos do projeto e dava conselhos nas cenas com animais selvagens. Allen estava dirigindo um caminhão de filmagem um dia, bem atrás de Ava e Gable, quando três rinocerontes atacaram. Allen calmamente deu tiros fatais em dois dos animais, e o terceiro fugiu. Allen era, diria Ava mais tarde, “o tipo de homem em que qualquer garota confiaria para que a levasse para a floresta”. Mais tarde, Allen disse de Ava apenas que ela tinha sido “uma garota adorável... Ela estará na minha lembrança e em meu coração para o resto de minha vida”.

Ele nunca falou sobre suas conquistas, mas os obituários que anunciaram sua morte em 2002 se referiram ao caso amoroso com Ava como um fato. “Ela estava andando por aí com Bunny Allen”, disse Eva Monley. “Quando você está mantendo um acampamento, que era o que eu estava fazendo, você sabe quem está indo para a cama com quem. Eu fui à tenda dele um dia por algum motivo. Sua enteada estava lá, muito triste porque tinha descoberto que ele estava na cabana de Ava e não na dele. Estou absolutamente certa de que isso aconteceu.”

“Era de comum conhecimento entre certos membros da comunidade que Bunny ‘pulava cerca’ com Ava Gardner”, disse Lee Harragin. “Bunny era incrivelmente discreto. Mas, com alguém como Ava Gardner, isso era um pouco difícil de esconder – quando o marido estava fazendo tamanho estardalhaço” – uma referência à festa em Nairobi na qual Ava e Frank haviam brigado.

Harragin, um advogado aposentado, disse que as pessoas presentes acharam que a briga “era por causa do caso amoroso com Bunny. Não podíamos pensar

em outra razão para explicar por que Sinatra estava tão apavorantemente raivoso. Ele era um homem muito possessivo e ciumento."

O furor na festa se deu pouco antes de Ava pegar um avião para a Europa, para fazer seu segundo aborto, nos três meses de gravação de *Mogambo* na África. "Bunny não sabia", disse Adrian Blomfield, que pesquisou o obituário de Allen no *Daily Telegraph* de Londres, "se a criança era dele". Com aquela dúvida também na cabeça de Ava, o aborto deve ter parecido essencial.

DOIS MESES depois de seu teste para *A Um Passo da Eternidade*, Frank ainda não sabia se conseguiria o papel. Suas chances pareciam tão fracas que o produtor Buddy Adler nem pretendia assistir a seu teste. Ele acabou, sim, vendo o teste, a pedido de Fred Zinnemann, e ficou impressionado. Zinnemann e o roteirista Dan Tradash ficaram interessados, mas não convencidos.

"O teste foi bom, mas não incrível", disse Taradash. "Nós tínhamos testado Eli Wallach, e, em termos de atuação, seu teste tinha sido muito melhor. Nós todos tínhamos decidido por Wallach." Ainda assim, ficaram impressionados pela aparência física de Frank. "Na cena, ele ficava sem roupas, apenas com shorts, e estava bêbado, realmente cambaleante", disse Taradash. "Sinatra parecia uma galinha depenada. Ele parecia o papel de Maggio, enquanto Wallach era um rapaz bem-torneado, musculoso. Nós todos acabamos concordando que ele provavelmente podia fazer o papel." Sem a concordância de Harry Cohn, que detinha o poder na Columbia, não importava o que qualquer outro pensasse. No final, Cohn foi coagido a dar o papel a Frank (um assunto ao qual retornaremos). Ele cedeu de má vontade, sob a condição de que Frank recebesse um pagamento mínimo.

As novidades chegaram a Frank em Boston, onde ele estava se apresentando em um clube chamado Latin Quarter. Ele dividiu as boas novas com Pearl Bailey, que estava no projeto junto com a orquestra de Duke Ellington. "Ele disse, 'Pearl, eles me ofereceram um filme chamado *A Um Passo da Eternidade*'", lembrava Louis Bellson, baterista de Ellington. "'Eles vão me pagar mil dólares por semana, o que é um nada'. Pearl disse a ele, 'Pegue e não olhe para trás'."

A gravação de *A Um Passo* começou em março de 1953, e Frank arrumou uma amizade de copo com Montgomery Clift, o brilhante, inveterado alcoólatra que integrava o elenco como o chapa de Maggio, Prewitt. Eles trabalhavam em seus papéis juntos e ficavam bêbados juntos. No hotel, no Havaí, atiravam latas

de cerveja da janela e gritavam obscenidades no saguão. Burt Lancaster e Deborah Kerr, cujo abraço apaixonado na praia logo escandalizaria e arrepiaria as plateias, frequentemente tinham que colocar Frank e Clift na cama. Eles bebiam até apagar, todas as noites, de acordo com Lancaster. “Nós ficávamos muito, muito chumbados”, disse James Jones, que frequentemente se juntava à dupla. “Falávamos da injustiça da vida e do amor, e aí Monty e eu ouvíamos Frank falar sobre Ava Gardner.”

Aparentemente sem saber do caso de Ava com Bunny Allen, Frank ainda estava preocupado com sua mulher e Clark Gable. O elenco de *Mogambo* estava agora na Europa, e ele ligava para Ava com frequência. Quando estava bêbado, falava até em se matar.

Ele correu para a Europa assim que as filmagens terminaram. Ava juntou-se a ele em uma desastrosa turnê pela Itália. Uma plateia em Nápoles, evidentemente mais interessada em ver Ava Gardner do que Frank Sinatra, expulsou Frank do palco com vaias. Num hotel em Milão, as brigas aos berros do casal perturbavam outros hóspedes. Em Roma, Frank esperava sentado pacientemente enquanto Ava comprava vestidos de noite. Então, ele foi embora sozinho para cantar na Escandinávia, Bélgica, Inglaterra e Escócia.

“Eu me lembro exatamente do momento em que tomei a decisão de pedir divórcio”, disse Ava em sua última entrevista. “Foi no dia em que o telefone tocou e Frank estava do outro lado da linha, anunciando que estava na cama com outra mulher. Ele deixou claro que se ele ia ser constantemente acusado de infidelidade quando era inocente, haveria de chegar uma vez em que ele também decidiria ser culpado.”

No começo de outubro, Ava ainda estava dizendo à imprensa o quanto ela e Frank queriam um filho “mais do que qualquer coisa no mundo”. No fim do mês, no entanto, a MGM comunicou que ela e Frank tinham “exaurido qualquer possibilidade de reconciliar suas diferenças”. Eles estavam se separando, dizia o anúncio, e isso era definitivo.

TRÊS SEMANAS DEPOIS, em Nova York, Jimmy Van Heusen voltou para seu apartamento para encontrar Frank caído no elevador com seu pulso esquerdo sangrando. Ele subornou o porteiro para que este ficasse quieto, levou seu amigo ao Hospital Mount Sinai e emitiu um comunicado sobre um acidente com vidro quebrado.

Em 29 de novembro, Frank estava em forma o suficiente para cantar ao vivo

na televisão. Eddie Fisher, que apareceu no mesmo programa, notou os “pequenos cortes” ainda visíveis em seu antebraço. Aquele tinha sido o quarto gesto suicida de Frank.

Ava estava agora indo a um psiquiatra. O médico disse ao jornalista Irv Kupcinet que ela tinha sido guiada por extrema insegurança ao pressionar Frank constantemente a provar seu amor. Ele respondia, mas nunca era suficiente para ela. Frank também estava consultando um psiquiatra.

Aos 38 anos, Frank estava física e espiritualmente exausto. Segundo registro do Mount Sinai, seu peso tinha baixado para 53 quilos. Ele havia começado a perder cabelo. “Eu estava arruinado”, diria Frank, lembrando daquele tempo difícil. “Eu realmente desisti por um tempo e fiz altas contas de bar por um ano mais ou menos. Mas depois disso eu disse: ‘Ok, acabou o feriado, vamos voltar ao trabalho’.”

17
Uma ajuda dos rapazes

POR TODAS SUAS VICISSITUDES, a aposta de colocar Frank no elenco de *A Um Passo da Eternidade* valeu a pena. O filme tinha sido um sucesso desde sua estreia em agosto de 1953. Críticos que no passado tinham massacrado a atuação de Frank agora elogiavam sua atuação como Maggio. “Quando está inspirado”, declarou o resenhista da *Newsweek*, “Sinatra sabe atuar”. A *New Yorker* o aclamou como “ator de primeira linha.”

De repente, Frank era alguém que agradava às multidões novamente, perseguido na rua por seus admiradores. “Agora”, dizia ele, lembrando a Jule Styne sobre o tempo em que ninguém parecia se importar com quem ele era, “eu sou uma estrela novamente”. Ainda assim, ele queria que sua ressurreição tivesse aprovação. “Embora o Sr. S. fosse uma das pessoas menos religiosas que eu já encontrei”, lembrou George Jacobs, o criado contratado havia pouco, “durante todo o mês anterior ao Oscar ele foi até à igreja Good Shepherd em Bervelly Hills e rezou”.

As preces foram atendidas na noite do Oscar em março de 1954, quando o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante foi anunciado. Quando a audiência explodiu em aplausos tumultuosos, Frank saiu correndo pelo corredor para ser premiado com sua estatueta, um momento que ele lembrava como marca da “maior mudança” de sua vida.

“É engraçado isso da estatueta. Você sobe para o palco como se estivesse em um sonho, e eles te estendem aquele homenzinho diante de vinte ou trinta milhões de pessoas, e você tem que lutar para conter as lágrimas. É um momento muito especial. Como sua primeira garota ou o seu primeiro beijo. Como a primeira vez que você bate num cara e ele cai no chão. Não acho que um ator sequer possa passar por isso e não mudar.”

Em sua casa, a alguns quilômetros dali, o psiquiatra de Frank que estivera assistindo à cerimônia do Oscar na televisão disse: “É isso, então”, disse Dr. Ralph Greenson à sua esposa segurando a risada. “Não o verei mais!” Ele estava certo. Frank se sentia seguro agora, teria contado a um entrevistador, aceso por nova ambição. As coisas também estavam aparecendo no lado musical.

Antes da separação de Ava, e de cortar os pulsos, ele tinha sido contratado pela Capitol Records. As canções que começou a gravar vinham de sua rotina de clubes noturnos. Seis meses antes do Oscar, no Riviera, em Nova Jesey, Frank tinha mostrado que sua voz estava em forma novamente. A audiência tinha sido capturada. “Você alguma vez já viu uma multidão numa noite de estreia ficar completamente quieta por uma hora?”, escreveu George Simon da *Metronome*. “Ou uma imensa penca de trogloditas de baixo nível manter o barulho dos talheres e a conversa em tal altura que um cara sentado bem no fundo de um lugar tão grande como o Riviera poderia captar cada nota suave que emitia o cantor? Isso foi o que ocorreu mês passado, quando vi Frank Sinatra em duas ocasiões diferentes.” Simon achou a performance digna de um cantor que estava se desenvolvendo como “um dos mais sábios *showmen* de todos os tempos”.

LOGO DEPOIS QUE A ESTRELA DE FRANK começou a brilhar novamente, dois gângsteres visitaram Mario Lanza em sua casa em Los Angeles. O cantor estava encrencado financeiramente e os mafiosos lhe ofereceram cento e cinquenta mil dólares em dinheiro, sem impostos, se ele fizesse filmes e gravasse discos para companhias controladas pela Máfia. Em sua campanha para Lanza, registrou o Bureau of Narcotics, os mafiosos apontaram que “Frank Sinatra, alguns anos atrás, tinha estado em uma condição financeira parecida com aquela... ‘Olhe’, disseram eles, ‘o que nós fizemos por ele’.”

Hoje está suficientemente claro o que a Máfia fez por Frank. Nos três anos que antecederam seu colapso profissional, Frank não tinha feito nenhuma apresentação em clubes noturnos. Do começo de 1950 em diante, fez muitas. Uma das primeiras, em janeiro de 1950, foi o Shamrock em Houston, onde Allen Smiley tinha influência. Smiley, que tinha sido vizinho de Frank nas Sunset Towers, Los Angeles, trabalhava próximo a parceiros de Lucky Luciano. Ele tinha recentemente cuidado de Willie Moretti, que estava passando algum tempo na Califórnia.

Três meses depois, Frank estreou no Copacabana, em Nova York, supostamente controlado por Frank Costello. O colunista John Miller, amigo de

Costello – a esposa do mafioso era madrinha do filho de Miller – se lembrava de um Sinatra que poucos já tinham visto. Frank frequentemente vinha se sentar à mesa de Costello durante este período, segundo Miller, como um suplicante. “Ele estava sempre pedindo favores para o velho.”

Moretti, de volta da costa oeste, estava no Copacabana para a estreia de Frank. Também estava lá Joe Fischetti, e Frank conseguiu trabalho no Chez Paree em Chicago logo depois. Em setembro, quando sua crise pessoal se agravou, Frank se apresentou no Steel Pier em Atlantic City. Meses depois, e de novo quando sua carreira começou a se recuperar, ele voltou para Atlantic City para cantar no 500 Club de Paul “Skinny” D’Amato. D’Amato sempre estivera associado ao crime organizado. Logo no início, quando D’Amato estava começando nos negócios com os jogos, haviam confiado a ele os cuidados de Lucky Luciano quando o mafioso estava se escondendo da lei.

D’Amato sempre insistiu que ele era o único proprietário do 500 Club. Uma fonte usualmente competente, no entanto, afirma que ele foi testa-de-ferro de Marco Reginelli da Máfia da Filadélfia. Reginelli era um visitante frequente, sempre tratado com realeza, assim como o seu sucessor, Angelo Bruno – em homenagem de quem, por sua vez, D’Amato nomeou seu filho.

Frank conhecia D’Amato desde os anos de 1930, e seria um dos que carregariam o caixão em seu funeral. Sinatra gostava de celebrar seu aniversário com ele e, quando sua própria estrela estava em ascensão, veio em resgate quando os negócios estavam devagar no 500. Foi uma amizade construída no período em que Frank atingiu o fundo do poço.

“Sinatra estava pra baixo e por fora”, disse Roy Gerber, um veterano executivo de hotel de Atlantic City. “Ele estava *fora* do *show business*. No entanto ele tinha amigos em Atlantic City. Ele sempre poderia conseguir trabalho aqui... Antes de Sinatra conseguir o papel de Maggio em *A Um Passo da Eternidade*, isso era tudo que havia para ele. Lugares como o 500 Club.”

“Antes de Frank ter seu grande momento novamente”, disse Vincent Teresa, o informante da Máfia em New England, “ele estava implorando por lugares para cantar.” Frank, de fato, conseguiu trabalho em Boston e, segundo Teresa, o cantor teria tomado dinheiro emprestado de Joe “Beans” Palladino[100], um *bookmaker* com fortes conexões com a Máfia. Ele estava endividado com mafiosos ou homens de negócio relacionados com a Máfia por todo o país.

Em 1951, durante o rompimento de seu primeiro casamento, Frank foi aceito

no Desert Inn. “Naquele tempo você podia entrar”, disse Sonny King, “podia sentar no fundo da sala por vinte e cinco centavos e beber Coca-Cola e assistir Frank Sinatra – e ele estava cantando para metade da casa. Aquilo partiu meu coração, porque a voz dele não estava lá.”

Em vez de performances pobres, Frank estava novamente contratado no ano seguinte. Ele conseguiu o trabalho graças a um telefonema de Skinny D’Amato para Moe Dalitz, pupilo das velhas Máfias de Detroit e Cleveland. Dalitz era a força dominante na mudança da Máfia para Las Vegas, e o Desert Inn era o principal posto de fronteira. Um operador bem mais pragmático que Bugsy Siegel, ele sobreviveria durante os anos 1980 adentro e terminaria seus dias sob o manto da respeitabilidade.

Dalitz tinha estado presente com Luciano e Moretti no conclave da Máfia que, pela primeira vez, discutiu a formação de um sindicato nacional do crime. Ele tinha sido um dos criminosos que se despediu de Luciano quando este foi exilado em 1946. Confrontar Dalitz, de acordo com um relatório da inteligência americana, era tão difícil quanto desafiar Luciano.

O relacionamento de Frank com as figuras da Máfia era tal que eles prontamente se envolveram na vida pessoal do cantor. Uma vez, quando ainda estava casado com Nancy, Frank tinha pedido a Mickey Cohen, em Los Angeles, para conter um mafioso menor que ele suspeitava estar perseguindo Ava. Cohen aconselhou Frank a “ir para casa com Nancy, onde ele deveria estar”. Willie Moretti deu a Frank o mesmo conselho mais de uma vez. “Quando Sinatra estava recém-divorciado de sua esposa”, disse um informante ao FBI em 1948, “um primo da esposa de Sinatra que é relacionado a um membro principal da Máfia de Moretti contatou Willie Moretti para falar sobre as dificuldades do casamento de Sinatra... Como resultado, Moretti pessoalmente instruiu Sinatra a voltar e viver com sua esposa. Sinatra obedeceu imediatamente.”

Dois anos depois, com as notícias de que Frank estava envolvido com Ava e que os Sinatra estavam se separando, Moretti enviou a Frank um telegrama:

ESTOU MUITO SURPRESO PELO QUE TENHO LIDO NOS JORNAIS ENTRE VOCÊ E SUA QUERIDA ESPOSA. LEMBRE, VOCÊ TEM UMA ESPOSA DECENTE E FILHOS. VOCÊ DEVIA FICAR MUITO FELIZ. LEMBRANÇAS A TODOS.

WILLIE

A advertência de Moretti era típica de sua geração ítalo-americana, principalmente dos *mafiosi*. “A integridade da família (com ‘f’ minúsculo) era alta na lista da Máfia”, escreveu Claire Sterling em seu estudo sobre a Máfia siciliana. “Esperava-se que um Homem de Honra mantivesse as aparências... Manter uma amante era praticamente compulsório; mas um membro podia ser expulso por abandonar ou se divorciar de sua esposa.” Costello tinha a mesma visão. Ostentar uma amante em público, como Frank fazia com Ava, pensava ele, “mostrava uma falta de respeito pela instituição do casamento”.

Em 1953, depois do divórcio de Frank e Nancy, e quando seu casamento com Ava estava entrando em colapso, Luciano se encontrou com Frank em Nápoles. “Luciano estava tentado a convencer Frank a retornar para sua esposa Nancy”, relatou um agente do Bureau of Narcotics na Itália. “No entanto, ele não o fez porque pensou que era insensato interferir.”

Moretti já estava morto naquela época, executado por companheiros gângsteres em um restaurante de Nova Jersey. Enquanto dividiam seus negócios de interesse, os chefes da Máfia tinham debatido sobre quem assumiria o papel de Moretti em tomar conta de Frank Sinatra. “Por causa das conexões de meu pai com Hollywood”, disse a filha do gângster Allen Smiley, Luellen, “eles sugeriram dar a meu pai o papel de cuidar de Sinatra. Como ficou claro, ele não queria aquilo, mas era o que tinham para oferecer”.

Ficar apenas de olho em Frank foi algo confiado a outros. A Máfia tinha um contínuo interesse em cada aspecto de sua vida e carreira.

O ROMANCE DE MARIO PUZO, *O Poderoso Chefão (The Godfather)*, e o filme baseado nele incluíam um personagem que dificilmente teria sido modelado com base em alguém que não Frank Sinatra. No capítulo de abertura do livro, Johnny Fontane, cantor protegido da Máfia, vai até o chefe da Organização, Dom Corleone, em busca de ajuda. Fontane tinha se livrado de seu contrato com um *bandleader* chamado Halley (leia-se Dorsey) graças a uma ameaça de morte da Máfia a Halley. Ele tinha, então, se tornado “a maior atração do canto no país” e feito filmes que faziam rolar dinheiro em Hollywood. Mais tarde, Fontane tinha “se divorciado de sua esposa que fora sua namorada de infância” e deixado seus filhos para “se casar com a mais glamorosa estrela loira do cinema”. Apenas a cor de cabelo está errada. Fontane constantemente suspeita que sua nova esposa atriz lhe é infiel. Ele bebe muito, perde peso, não consegue dormir e toma remédios. Sua voz vai embora e ele é descartado por seu

estúdio em Hollywood, em parte porque ele “costumava cantar aquelas canções para organizações liberais”. Há um papel em um novo filme, Fontane conta a Corleone, que ele está desesperado para interpretar.

“O personagem principal é um cara como eu. Eu nem precisaria atuar, só ser eu mesmo. Nem teria que cantar. Eu posso até ganhar o prêmio da Academia... Eu seria grande outra vez.” O problema, Fontane conta a Don, é que o diretor do estúdio recusou considerá-lo para o papel. “Ele mandou dizer que, se eu for e beijar sua bunda no refeitório do estúdio, talvez ele pense sobre a ideia.”

O chefe do estúdio, no romance, é Jack Woltz, um novaiorquino de ascendência russa que se mudou para o oeste, investiu no mercado de *jukeboxes* e ascendeu até se tornar um tirânico diretor de estúdio. Ele tem um “amor sedento” por mulheres, mas, acima de tudo, ama seus cavalos puro-sangue. O orgulho e a alegria de Woltz são Khartoum, um reprodutor fabulosamente caro que ele comprou. Uma manhã, logo depois do encontro de Fontane com Don, conforme sabem os aficcionados por *O Poderoso Chefão*, Woltz acorda e encontra a cabeça degolada de Khartoum ao pé de sua cama. Mensagem recebida. Fontane consegue o papel.

Na vida real, Harry Cohn era também um novaiorquino de família russa. Desde o começo de seus negócios com as *jukeboxes*, ascendeu até se tornar um renomado déspota de Hollywood. Ele tinha um apetite sexual voraz e era viciado em corridas de cavalo. Ele não possuía um cavalo reprodutor árabe, mas como apostador inveterado tinha como favorito um cavalo chamado Omar Kiam. E, é claro, tinha sido contrário resolutamente a inserir Frank no elenco de *A Um Passo da Eternidade*.

“Que coisa dissimulada!” Frank diria sobre *O Poderoso Chefão*. “Alguém indo até a Máfia para conseguir papel em um filme!” Para os íntimos, Frank tinha há muito sugerido uma versão diferente. “Hey”, George Jacobs lembrava de Sinatra dizer com um sorriso do Gato da Alice, “consegui aquele papel com meu próprio maldito talento.” “E então”, disse Jacobs, “ele deu uma piscada para mim.” Frank admitiu para Brad Dexter, assim como para Ava, que a Máfia tinha contado com Cohn. Há também uma testemunha de primeira mão.

Martin Jurow, que produziu os clássicos filmes *Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany’s)* e *Laços de Ternura (Terms of Endearment)*, era o homem da Agência William Morris em Nova York quando o elenco estava sendo formado para *A Um Passo*. Ele tinha 41 anos na época, um agente de garra e determinação que tinha se voltado para o *show business* depois de graduar-se na

Harvard School of Law. Em 2001, ele contou como um colega da William Morris, George Wood, trouxe Frank ao seu escritório. Wood explicou que Frank estava lá para discutir sua carreira que estava afundando, e imaginava se Jurow teria alguma sugestão. Wood, Jurow sabia, era próximo dos "'investidores silenciosos' que estavam querendo pagar altos cachês para apresentações em seus clubes em Las Vegas" − em outras palavras, os mafiosos. Wood estivera "conectado" desde os tempos da Lei Seca e era próximo a Frank Costello e Meyer Lansky.

Jurow olhou com cuidado para Frank quando ele entrou na sala. Algo de sua arrogância resistia, mas ele parecia sem espírito, quase desesperado. Quando Jurow disse que encontrar um papel de prestígio em um filme o tiraria da estagnação, Frank disse sombriamente que havia pouca chance daquilo acontecer. Jurow, no entanto, sabia algo que Frank desconhecia – que Fred Zinnemann ainda estava procurando o ator ideal para fazer Maggio em *A Um Passo*. Frank olhou para o papel, um perdedor tentando mostrar uma cara de bravura, e Jurow colocou seu nome. Zinnemann demonstrou interesse. Cohn, contudo, reagiu com seu característico desinteresse. Gritando ao telefone, disse que não teriam "aquele vagabundo" do Sinatra em seu estúdio.

Horas depois de ser recusado, Jurow foi visitar Wood em seu apartamento em Central Park South. Como ele contou cinquenta anos mais tarde, foi lá que "algo fantástico ocorreu". Ele encontrou Wood, não pela primeira vez, com o mafioso "Jimmy Blue Eyes" Alo, um membro importante do antigo sindicato de Luciano. Alo tinha um perfil discreto, mas um grande poder. Ele conhecia tão bem Frank e sua família, disse um associado, que Frank o considerava como "seu melhor amigo naquele terreno". Ele era íntimo do agente de Frank na costa leste, Henri Giné, embora aquilo fosse algo difícil para Giné manter em silêncio. Alo tinha interesse na agência William Morris, Wood sabia desde os anos 1930, e o visitava quase todo dia.

Aquela noite, em Nova York, Alo ficou sabendo como Cohn tinha rejeitado Jurow. Alo conhecia Cohn e tinha lhe feito favores no passado. "Harry Cohn, hein?", Jurow lembrava de Alo responder. "Onde está ele agora? Na Califórnia?... Ele tem um telefone pessoal?" Jurow lhe deu o número. "Jimmy Blue Eyes, então, resolveu facilmente o problema e me deu tapinhas na cabeça", Jurow lembrava. "Ele falou comigo de modo tão decisivo que eu nunca esqueci: 'Ele tem débito com a gente. Aguarde uma ligação.' Três simples palavras, mas pronunciadas com certeza profética." Jurow sentiu que ele estava "bem no meio

de um filme de Edward G. Robinson". Cohn, de fato, telefonou logo – para reconhecer a derrota e garantir para Jurow que Frank conseguiria o papel.

A viúva de Cohn, Joan, tinha conhecimento do envolvimento da Máfia. O escritor Peter Evans, que a conheceu socialmente anos mais tarde, frequentemente a ouvia descrever como "dois cavalheiros da Máfia apareceram na Columbia Pictures e disseram a Harry Cohn que ele *ia* colocar Frank no elenco de *A Um Passo*". Quando ele passou a palavra para Zinnemann, como contou Joan, o diretor disse que pensava que Frank poderia ser bom para o papel de qualquer forma, o que deu a Cohn uma maneira de salvar sua cara. Ele podia dar à Máfia o que eles queriam, enquanto mantinha plausivelmente que sua decisão estava baseada em mérito.

De acordo com seu biógrafo, Costello tinha também entrado em contato com George Wood, na William Morris, e contado aos amigos que "ele é que tinha conseguido o papel para Sinatra". Johnny Rossell, um emissário importante da Máfia na costa oeste – Luciano tinha autorizado seu trabalho lá –, disse que entregou a ameaça da organização. Ele era há muito tempo próximo de Cohn, tendo produzido a grana que deu a Harry o controle da Columbia Pictures. Ele aconselhava Cohn em investimentos de apostas e tinha sido convidado frequente em sua casa. Os dois homens usavam anéis de compromisso, rubis encapados de ouro, para atestar suas amizades. Como em todas as relações da Máfia, contudo, o ponto de partida era o medo.

Rosselli "foi quem planejou aquilo", seu sócio associado Joe Seide disse. "Aquilo era negócio sério. Estava no formulário de 'Olhe, você faz isso para mim e talvez não façamos isso com você.'" Meredith Harless, antiga assistente do presidente da MGM, Louis B. Mayer, disse que ela viu Rosselli oferecer um simples ultimato: "Dê o papel a Frank ou eu vou te matar".

TENDO AJUDADO FRANK durante um difícil período, a Máfia permaneceu por perto. Em novembro de 1953, quando Sinatra cortou os pulsos em Nova York, ele intecionava sair para um compromisso num clube noturno em St. Louis. Como ele não apareceu, foi o advogado de St. Louis Morris Shenker, o mais proeminente advogado da Máfia de seu tempo, que comunicou aos agentes de contrato de Frank o que tinha acontecido. As relações de Shenker com os gângsteres de alto escalão iam "muito além de mera representação legal", relatava a *Life*. O jornal *Sacramento Bee* o descrevia como "um ganhador de dinheiro para a Máfia".

Depois do episódio dos pulsos cortados, George Wood foi designado para cuidar de Sinatra. “Quando Frank comia, eu comia”, lembrava ele. “Quando ele dormia, eu dormia; quando ele queria andar, eu andava com ele. Quando ele cortava o cabelo, eu cortava o cabelo também.”

Por mais emocionalmente instável que fosse Frank, a Máfia tinha uma boa razão para mimá-lo. Agora, mais do que nunca, ele representava um investimento importante. Uma fortuna em dinheiro da Máfia estava sendo investida para fazer de Las Vegas a capital do jogo do país, e o caminho para ludibriar idiotas era providenciar entretenimento de primeira classe. Frank estava prestes a fazer parte de um novo negócio específico da Máfia, o Sands Hotel and Casino.

O Sands foi aberto no final de 1952, quando Frank tinha tão pouco dinheiro que Ava precisou pagar sua passagem de avião para a África. Ele estava encrencado com impostos há algum tempo e a Receita Federal solicitou um confisco de cento e noventa mil, novecentos e noventa e sete dólares (setecentos e cinquenta mil dólares, hoje) contra ele no começo de 1953. Todo o dinheiro de Frank durante o período de baixa viera de suas apresentações em clubes noturnos e o papel em *A Um Passo* tinha levantado seu moral, mas pagado apenas dez mil dólares. Ele ainda estava muito endividado. Então, em agosto de 1953, o *Los Angeles Times* informou que a Nevada Tax Commission[101] tinha adiado sua decisão sobre se ia ou não conferir a Sinatra uma licença de jogo “até que ele tivesse quitado suas obrigações de imposto de renda”. Essa licença seria necessária, explicava o *Times*, se Frank fosse manter “um interesse de dois por cento no Sands Hotel em Las Vegas”, um investimento de cinquenta e quatro mil dólares. Frank conseguiu sua licença alguns meses depois, quando contou aos comissionários que estava pagando gradualmente o débito de impostos. De uma hora para a outra, evidentemente, ele tinha acesso a grandes montantes de dinheiro.

Um dos proprietários secretos do Sands era Frank Costello. O prédio do complexo havia sido supervisionado por Jimmy Alo, que estava agora monitorando o progresso. O gerente geral do Sands, Jack Entratter, um grande companheiro, tinha sido acompanhante de Frank durante o começo louco de sua popularidade e trabalhado como segurança no Copacabana, em Nova York.

No começo de 1953, durante as filmagens de *A Um Passo da Eternidade*, Frank foi visto em Las Vegas brincando livremente com um mandante de um

sócio de Luciano que morava em Nova York. Em outubro, aproveitando sua onda de sucesso no filme, voltou à cidade para sua estreia no Sands. A gerência o instalou com estilo na suíte presidencial do hotel, com seus três grandes quartos e sua própria piscina. Os "investidores silenciosos" estavam assegurando que Frank fosse mimado. Ele cantaria no Sands no próximo ano, no ano depois daquele, e de novo e de novo até o final dos anos 1960. O local virou, como colocou sua filha Nancy, sua casa em Las Vegas. Ele reinaria como "King of Las Vegas"[102], a estrela das estrelas da cidade.

DOIS ANOS ANTES, pressionado por advogados do Kefauver Committee para discutir seus alegados laços com a Máfia, Frank tinha estado em grande ansiedade. A popularidade crescente da televisão levara muita gente a acompanhar gângster após gângster ser obrigado a testemunhar em público e baixar a cabeça diante de questionamentos duros. Desesperado para evitar tal tipo de exposição, Frank concordou em encontrar investigadores às 4h00 da manhã em um escritório no Rockefeller Center. O advogado que fez as perguntas, Joe Nellis, vividamente lembrava como Frank entrou parecendo "um gatinho perdido, cansado pelo sofrimento, assustado até a morte". Sinatra visivelmente balançou quando Nellis lhe mostrou uma foto sua em Cuba com Luciano. Frank disse que os mafiosos "eram pessoas que sua mãe conhecia, que sua família conhecia". Os Fischetti, admitiu, eram "grandes chapas", "boas pessoas que apoiavam a Igreja". Costello, disse, era apenas alguém com quem ele "uma vez" tomara um drink.

Nellis achou Frank "um cara atraente com uma memória muito conveniente... um incrível mentiroso. Ele tentou desesperadamente encobrir aquelas relações. Se ele tivesse aparecido em público diante do Comitê e mentido tanto quanto mentiu, eu teria sido o primeiro a recomendar que ele fosse enviado ao Ministério Público Federal por acusação de perjúrio". Assim, tendo dado as informações mais importantes a Nellis, e num período no qual o comitê já era inundado pela publicidade, Kefauver deixou o caso de lado. De 1954 em diante, Frank simplesmente negaria sua conexão com a Máfia ou evitaria perguntas difíceis com respostas desdenhosas. Ele parecia admirar os criminosos. "Eu sempre senti que Sinatra era frustrado", disse o assessor de imprensa da Broadway Eddie Jaffe. "Ele preferiria ter sido um membro da Máfia a ser o grande cantor que foi." "Sinatra é um cara paradoxal", disse Bing Crosby. "Eu acho que secretamente ele sempre alimentou um desejo infantil de ser um

criminoso.” “Eu me recordo dele dizendo”, lembrava Eddie Fisher: ‘Eu preferia ser um *capo* da Máfia a ser presidente dos Estados Unidos’. E ele agia deste modo.”

Frank buscava papéis da Máfia nos filmes. No final dos anos 1950, fez lobby para um papel de contador da Máfia em *Os Irmãos Rico (The Brothers Rico)*, adaptação de um romance de Georges Simenon. Anos depois, embora estivesse bravo com a similaridade entre si próprio e o personagem Fontane em *O Poderoso Chefão*, Frank disse a Francis Ford Coppola que queria fazer o papel de Don Corleone. Aquele papel foi para Brando, claro, mas Coppola ofereceu a Frank o papel de um mafioso sênior em *O Poderoso Chefão III (Godfather III)*. Ele recusou o papel só porque, na época, estava no meio dos seus 70 anos e o filme envolveria uma filmagem de três meses.

Frank se parecia com um mafioso, lembrava o saxofonista Don Raffell. “As portas duplas na Capitol [estúdios de gravação] se abrem e lá está Sinatra. Ele vem com um chapéu preto com uma banda branca, terno preto, camisa preta, sapatos pretos, gravata branca borboleta − um gângster. Ele chega silencioso, entra na cabine de gravação e diz: ‘Vocês tiveram tempo demais para equalizar essa coisa. Não quero brincadeirinha ou eu como o rabo de vocês!’... Ele fala tudo isso como um criminoso... Ele era uma mãe malvada!”

Frank gostava de falar no estilo gângster, em um ritmo rápido que, tomado literalmente, sugeria que tinha poder para ordenar uma terrível resposta. Uma de suas frases favoritas era: “Se alguém te atingir, me chame”. Variações incluíam: “Às vezes, eu queria que alguém realmente te machucasse para que eu pudesse matá-lo” e “Eu podia ter feito ele ir pro hospital, você sabe”. Nem todo mundo tinha certeza de que Frank estava brincando.

“Quando ele me disse um dia, ‘Me conte se alguém te importunar, e eu vou dar um jeito isso’”, lembrava Shirley MacLaine, “me deu um arrepio. Por um lado, eu me felicitava por ter sua proteção; por outro – o que ele faria para alguém que me ‘importunasse’? E era o mistério perigoso em torno disso tudo que fazia aquilo atraente?”.

“Eu não acho que Frank Sinatra chegou a matar alguém”, disse Sonny King com casualidade alarmante, “embora eu ache que ele tenha batido em uns vários por aí.”

Na maior parte do tempo, aquilo era só conversa de Frank, ainda que pesada.

Outros interpretavam Frank bem desse jeito. Earl Wilson percebeu que o pai de Frank ensinara a ele que “Sicilianos eram lutadores orgulhosos e imbatíveis...

inesquecíveis". "Sinatra", pensava seu biógrafo Arnold Shaw, "queria, como *Il padrone* dos velhos, ser um Homem de Respeito". Gay Talese, que escreveu o clássico texto sobre Frank para a *Esquire*, nos anos 1960, via isso na maneira como ele tratava os amigos. "Se eles permaneciam leais, então Sinatra não fazia nada de volta. Eles fazem bem em lembrar, contudo, de uma coisa. Ele é Sinatra. O chefe. *Il padrone*." Mario Puzo achava que Frank "obviamente modelava seu comportamento pessoal nos grandes chefes da Máfia que viviam na Sicília".

Se Frank sentia uma afinidade pelos *mafiosi*, em 1953 sentia-se também em débito. "Estes são os caras que me deram um trabalho quando ninguém mais deu", o personagem de Sinatra diz em uma dramatização da TV sobre a vida de Frank, em 1992, num programa para o qual ele providenciou evidências factuais. "Os Meninos seriam as únicas pessoas que o contratariam quando sua voz tivesse ido", disse John Smith, colunista do *Las Vegas Review-Journal* que frequentemente havia escrito sobre crime organizado. "Eles estavam sempre lá por ele, e ele foi leal com eles depois daquilo."

Parece que Frank não se perturbou com o fato de que os *amici* que ajudaram na sua ressurreição eram assassinos e chantagistas. Ele não se incomodava quando os chefes de Las Vegas o supriam com pagamentos principescos, mantinham seu nome nos luminosos, o tratavam como um rei. Os mafiosos estavam devolvendo a Frank seu trono e prometendo mandato de longo prazo.

De 1951 a 1954, agências federais receberam relatos de que os mafiosos eram "os proprietários de Sinatra", que ele era "um membro participativo da Máfia de Luciano... eles ainda o 'possuem'". "Era uma relação simbiótica", disse John Smith. "Las Vegas o ajudou com seu retorno, e ele ajudou a fazer Las Vegas. Las Vegas é uma fábrica. A fábrica é a aposta, e você alimenta a fábrica tornando-a sexy."

"Apostar funciona a favor da casa quando a casa ganha e o jogador perde. Se você sentar em sua cadeira o tempo suficiente, você vai para casa sem um centavo. Então, como você convence pessoas a apostar? Você tem que dar à elas uma razão para vir a Las Vegas. Frank Sinatra deu a muitas gerações uma razão para vir a Las Vegas. Um cara como esse é importante para a Máfia porque ele é um 'ganhador'."

São dois lados de uma mesma lâmina. Para os artistas, o atrativo financeiro era imenso. "Há uma coisa que você tem que entender", disse Herman Hover, que se tornou um executivo no Frontier Hotel. "As grandes atrações não estavam muito interessadas em seus salários naqueles dias. No que eles estavam

interessados era no dinheiro debaixo dos panos... Grana por fora, sobre a qual eles não pagavam a comissão do agente ou o imposto de renda. Era muito fácil conseguir dinheiro por debaixo dos panos, porque [os cassinos] tinham todo aquele dinheiro de apostas que eles não declaravam de qualquer modo."

O poder de atração de Frank era sua moeda de barganha, mas não garantia sua segurança. O contemporâneo de Frank, Jerry Lewis, explicou sua própria experiência no Copacabana. "Noites de domingo no Copa na primeira fileira", lembrava, "eram a galáxia dos chefes de família... E depois do show, quando você era chamado às mesas, você ia para que eles pudessem lhe apresentar a seus filhos e suas esposas. Tudo era muito, muito amável e honesto. No dia seguinte, o mesmo cara que lhe apresentou às suas duas adoráveis filhas atira seis balas contra um pobre de um filho da puta qualquer em algum canto da cidade, como se não fosse nada."

Lewis sentiu o perigo quando deu uma resposta a um inconveniente provocador em uma noite, apenas para descobrir que aquele que o abusava era o assistente de Luciano, Albert Anastasia. "Diga àquele bastardinho que ele tem sorte de eu ter senso de humor", Anastasia disse depois.

Fazer um balanço entre a benevolência de seus patrões e suas demandas, descobriu Lewis, era um jogo delicado. "As coisas boas que esses caras faziam não necessariamente valiam mais a pena do que as coisas ruins. Se você quer tê-las em sua vida, não há nada de mal em tê-las na sua vida de forma correta... Tê-las de forma incorreta, não vai ser uma longa descida. Não demora muito."

Max Block, um dirigente sindical da época, conhecia tanto os *mafiosi* quanto os artistas que eles controlavam. Ele via o quanto Lewis era apreensivo e simpatizava com ele. "Jerry ficava nervoso por causa da Máfia", lembrava. "Ele não queria se abaixar para os *big boys*, para que eles ficassem na folha de pagamento. Jerry teve sorte de não ter levado um tiro."

Os visitantes mafiosos de Mario Lanza, em 1955, mostraram sua verdadeira natureza quando ele resistiu às suas lisonjas com segundas intenções. "Você não sabe com quem está falando", disse Tommy Lucchese, um associado próximo a Lucky Luciano. "Mantenha sua boca grande fechada ou vou fechá-la para sempre." Tempos depois, na Itália, o próprio Luciano fez Lanza concordar em dar um concerto. Se ele falhasse em sua promessa, advertiram dois emissários da Máfia, "jamais apareceria em público novamente". Lanza não apareceu, e morreu no dia seguinte, aos 38 anos. Lanza tinha problemas de saúde e estava passando por tratamentos para emagrecer, mas sua morte foi totalmente

inesperada e a causa precisa nunca foi estabelecida. Testemunhas relevantes desapareceram logo em seguida, de acordo com a viúva do cantor, Betty, e ela acreditava que a Máfia tinha cumprido sua ameaça. Independentemente da verdade, os rumores alimentaram o medo sobre o que a Máfia podia fazer aos artistas.

Tommy Lucchese seria, tempos depois, hóspede de Frank em Atlantic City, e teria interesse em uma pista de corrida da qual Frank era diretor. Questionado sobre Lucchese pelo House Select Committee on Crime[103], Frank disse apenas que tinha encontrado o gângster "uma ou duas vezes, há muito tempo".

Frank corria riscos. Ele enfureceu chefes da Máfia de Boston por não cumprir uma promessa de cantar em seus clubes. Eles não fizeram retaliações, mas ele sabia que andava no fio da navalha. Como lembrava Jean, filha de Angelo Bruno, da Filadélfia, depois de uma discussão por picuinha sobre algo trivial com seu pai, Frank ficou em estado de pânico por horas.

Nos anos 1970, por pouco ele considerou colaborar com Pete Hamill em um livro sobre sua vida. "Eu disse a ele", lembrava Hamill, "que teria que discutir três assuntos com ele: sua política, suas mulheres e a Máfia. Ele deu com os ombros e disse que os dois primeiros não eram problemas. 'Mas se eu falar sobre aqueles outros caras, alguém pode vir bater na minha maldita porta!"

Frank, por mais de uma vez, cruzou com a Máfia de maneiras que podiam ter se provado fatais.

"Ele estava sempre encrencado, você sabe, com os Meninos", disse Jimmy Alo. "Eu tinha que entrar em ação."

18
Um triunfo do talento

UMA NOITE, NO COMEÇO DE ABRIL de 1953, bem no meio da gravação de *A Um Passo da Eternidade*, Frank tinha começado a trabalhar na Capitol Records na Melrose Avenue, em Hollywood. Diante de um microfone de estúdio, pela primeira vez em mais de seis meses, gravou quatro canções. Nenhuma causaria qualquer excitação, e, por anos, duas sequer seriam lançadas para o público. Contudo, mais tarde, naquele mês, quando Frank começou a trabalhar com o arranjador Nelson Riddle, sua carreira como cantor entrou em uma nova e brilhante fase.

A descoberta da parceria Sinatra-Riddle veio logo no começo do ano seguinte, com o lançamento do maior sucesso de Frank em sete anos. *Young at Heart* – "Fairytales can come true. It can happen to you" – disparou para o segundo lugar na parada da Billboard. Em março de 1954, quando Frank recebeu seu Oscar por *A Um Passo*, seu álbum *Songs for Young Lovers* estava nas paradas e subiu até o terceiro lugar. No final do ano, uma pesquisa elegeu Frank como melhor cantor. Ele foi o Cantor do Ano pela *Metronome* e o Vocalista (masculino) Mais Popular pela *Down Beat*. Por causa do sucesso de *A Um Passo*, foi sobrecarregado com outros convites para filmes.

Dúzias de *singles* de Sinatra e mais dezesseis discos do cantor se tornariam sucessos durante o período de Frank com a Capitol. Três álbuns alcançariam o número um e cinco outros, o número dois nas paradas. No final do verão de 1955, com seu quadragésimo aniversário se aproximando, Frank foi capa da revista *Time*. A revista dizia que ele estava "bem para uma segunda carreira que prometia ser mais brilhante que a primeira". Seu período mais brilhante tinha começado.

Não era fácil para Frank admitir o quão alta tinha sido sua queda. "Eu nunca

tive um fim!", esbravejou a um amigo. Em um momento mais honesto, admitiu para o crítico do *Los Angeles Times*, Roger Beck, que ele tinha sido "absolutamente certo em dar um tempo em meus discos... Eu estava fedendo. Minha voz estava acabada. Eu sabia disso e você sabia disso e todo mundo sabia disso." Assim como Martin Jurow tinha visto desespero em Sinatra antes de *A Um Passo*, também o vice-presidente da Capitol, Alan Livingston, lembrava o homem abatido que conhecera antes de contratar Frank, um homem que parecia "submisso, um gatinho, humilde... quebrado, endividado... no ponto mais baixo de sua vida."

Ainda assim, Livingston e Dave Dexter, outro executivo da Capitol, acreditavam que Frank poderia dar a volta por cima. Por uma ninharia – segundo consta, o pagamento inicial era de apenas mil dólares – Livingston ofereceu a ele um contrato que o amarrou à Capitol por sete anos. Exigia-se que Frank pagasse suas próprias despesas de estúdio. Ele assinou o acordo em uma cabine fechada com cortinas no Lucy's Restaurant em Hollywood.

Os vendedores da Capitol, gerentes locais e promotores não reagiram bem quando Livingston anunciou o acordo na convenção da companhia. "Devia ter algumas centenas de caras lá", lembrava, "e toda a sala fez, Uoooou...' Toda a equipe estava totalmente tomada pelo gemido coletivo."

Essa foi a época na América que William Manchester chamou de "a Siesta de Eisenhower", uma era de autoconfiança nacional a ser lembrada como um "tempo descomplicado, dourado... sem nuvens". Apesar disso, a sociedade americana estava mudando de várias maneiras. As pessoas estavam impondo suas individualidades, e não menos quando se tratava de sexo. Fotografias de Marilyn Monroe nua apareciam em uma nova revista chamada *Playboy*. Hemingway estava prestes a ganhar o Prêmio Nobel de literatura. O romance de J. D. Salinger de 1951, *O Apanhador no Campo de Centeio (The Catcher in the Rye)* tinha sido sensação e a personagem do solitário que vai contra o mundo tinha se tornado uma figura *cult*. Nos filmes, Bogart tinha registrado sua marca como o cara bonzinho com uma ponta de cinismo. No mês seguinte àquele em que Frank ganhou seu Oscar, *Rock Around the Clock*, de Bill Halley, começou sua escalada para o primeiro lugar nas paradas. Crucialmente, no entanto, a bomba relógio que era o *rock'n'roll* estava ainda por explodir.

Nesse ponto de virada cultural, Frank Sinatra alcançou uma nova geração. Para Barbara Grizzuti, que fez dezenove anos em 1953, ele era um "adorável sobrevivente". "Nos anos 1950, fracassos, se fossem suficientemente ostensivos,

se tornavam atraentes para nós... Ele capturava a multidão, como se espera que os heróis façam. Ele era o *outsider* que resistiu e fez acontecer. Ele não tinha ideologia, mas era fiel a ele mesmo. Nos anos 1950, ele era bom o suficiente."

O escritor David Halberstam também fazia dezenove anos naquele ano. O Sinatra da época *bobbysoxer,* pensava ele, "tinha feito música que era agradável para ouvir e confortável para dançar, mas parecia não guardar mistérios, ou emoção genuína." O som dos anos 1950 de Frank mudou as ideias de Halberstam. Ele agora cantava "tão bem e tão intimamente que alcançava um diálogo musical com seu público. Parecia entender melhor que qualquer um os mistérios do amor – o quanto é difícil para duas pessoas estarem no mesmo lugar ao mesmo tempo.

"Em alguns anos, com a chegada do movimento feminista, aqueles de nós que constituíam o miolo da audiência de Sinatra seriam vistos como uma elite masculina decidida que dominava e determinava as vidas das mulheres de nossa geração. Mas raramente nos sentíamos decididos quando éramos jovens. Frequentemente, sentíamos uma forma de rejeição ou coração partido e certamente uma grande dose de estranhamento. O atrativo de Sinatra é que ele parecia sentir a mesma dor."

"Sua chegada a um ponto particularmente intenso de sua vida e seu trabalho no começo e na metade dos anos 1950 constituiem o melhor – e sem dúvida o mais duradouro – trabalho já feito por um cantor popular na história deste país."

O editor literário do *The New Republic*, Leon Wieseltier, colocou de outra forma. Os anos de Frank na Capitol, escreveu, foram um tempo "em que um vocalista se tornou um cantor, quando um barítono ordinário com um gênio para frasear e um interesse em rejeição de repente veio à tona", produzindo gravações que "marcarão para sempre um ponto alto da música americana".

Se havia genialidade, ela era compartilhada. Isso porque a parteira dessa genialidade era Nelson Riddle, o único homem no meio musical que Frank chegou a chamar de "Maestro".

RIDDLE TINHA SIDO o arranjador interno da Capitol por alguns anos. Sua escolha de carreira tinha sido feita depois da guerra, quando uma colisão contra uma porta destruiu seus dentes da frente e colocou um fim em seu potencial como trombonista. Ele tinha feito arranjos para o irmão de Bing Crosby, Bob, Nat "King" Cole, Mel Tormé e Billy Eckstine. Ainda assim, e mesmo depois de dar a Cole um *hit* com *Mona Lisa*, ele permanecia, aos 31 anos, uma figura

consideravelmente obscura na indústria musical.

“Faça um favor a si mesmo. Trabalhe com Nelson Riddle”, disse Alan Livingston a Frank antes da primeira sessão de gravação na Capitol. Frank resistiu, preferindo Axel Stordahl, com quem tinha trabalhado desde o início dos dias de glória. Na segunda sessão, Riddle estava esperando no estrado. Quando Frank perguntou quem era ele, um produtor da Capitol estrada que o arranjador estava “apenas conduzindo a banda”. Somente depois de ele ter gravado a extasiante *I've Got the World on a String*, e ter se entusiasmado com o resultado, é que ficou sabendo que o arranjador era Riddle.

O som de Riddle era animado, um sopro de ar fresco, e todos presentes pareciam sentir isso. Um fotógrafo que estava lá naquele dia, Sid Avery, lembra do quão excitado Frank ficou quando ouviu o “playback”. “Jesus Cristo!”, exclamou Frank, “Estou de volta, baby, estou de volta!”. Haveria outros arranjadores nos anos seguintes, mas foi Riddle, combinando seus talentos com os dos compositores Cahn e Van Heusen, quem deu à renascença de Sinatra sua mágica.

Aqueles dois homens tinham muita coisa em comum. Riddle tinha nascido em Nova Jersey, apenas a três quilômetros de Hoboken. Seis anos mais novo que Frank, ele também crescera em uma família na qual a mãe era quem mandava. Embora seu primeiro casamento tenha durado mais do que o de Frank, o compromisso tinha sido muito prejudicado pelos rabos de saia de Riddle. Ele bebia demais. A vida de Riddle era permeada por instabilidade, desapontamento pessoal e solidão emocional.

Os pedigrees musicais dos dois coincidiam. Riddle também tinha dado seus passos na música clássica. Quando adolescente, ouvira vezes e vezes uma gravação do pianista Paderewski tocando Debussy. Ele tinha ficado sentado por noites inteiras ouvindo Shostakovich. Riddle tinha feito seus primeiros arranjos enquanto tocava trombone na banda de Dorsey.

Tendo descoberto os talentos de Riddle, Frank impôs sua própria vontade musical. Milt Bernhart, um trombonista que trabalhou para Frank vez ou outra por anos, lembrava de uma noite, bem no começo, em que Frank pediu um intervalo, virou um dedo para Riddle e levou-o para fora do estúdio. “Eu os observei do hall da entrada”, disse ele. “Nelson estava parado congelado, e Frank é que falava tudo... Mas não estava bravo... Estava gesticulando, suas mãos subiam e desciam e iam para os lados... Ele estava descrevendo a música e cantando.”

Frank rejeitou apenas uns oito arranjos de Riddle na mesma quantidade de anos. Ele demonstrou ser, como colocou Riddle, “um perfeccionista que conduzia a si mesmo e a todos em sua volta incansavelmente...” “Tinha ideias muito definidas, especialmente sobre o andamento da gravação e sobre quais partes deveriam ser suaves ou barulhentas, alegres ou tristes. Ele rascunhava algo breve como, ‘Começar com uma figura do baixo, construir a segunda vez e aí dar fade out até o final’. Possivelmente, era tudo que diria. Às vezes, acompanhava isso com uma chamada telefônica às três da manhã.”

Muito antes de uma gravação, Frank dizia a Riddle o que queria, e o arranjador tomava nota. Ele trabalhava em seus arranjos durante a maior parte da noite, às vezes a noite toda. No estúdio, Frank chegava a insistir em repetições sem fim, trabalhando e trabalhando as versões até ficar satisfeito com o fato de que tinha uma canção absolutamente perfeita.

“Se eu não estivesse conduzindo a orquestra do jeito que ele queria”, disse Riddle, “me cortava do caminho e tomava o lugar. Quando tomava o lugar para conduzir daquele jeito, eu me sentia péssimo.” “Aquele homem doce e gentil”, disse o escritor Charles Higham, que costumava comer com Riddle no restaurante Musso e com Frank no Hollywood Boulevard, “chegava à mesa tremendo depois de uma sessão com Frank.”

Riddle admitia, no entanto, que as críticas de Frank eram normalmente corretas, que fazer as coisas do jeito dele trazia um ótimo resultado. “Não há ninguém como ele”, diria. “Frank não apenas te encoraja para a aventura, mas tem uma apreciação tão aguçada do que quer alcançar que você é compelido a trabalhar até cair por ele. Não são apenas as intuições dele sobre tempos, fraseado e mesmo configuração que são incrivelmente corretas, mas seu gosto é muito impecável... Ainda não há ninguém que se aproxime dele.”

Frank elogiava Riddle como “o maior arranjador do mundo”. Ele era, dizia, “o melhor músico” “com a maior sacola de truques” entre qualquer orquestrador que ele já conhecera.

Nove álbuns da parceria Sinatra-Riddle foram produzidos entre 1953 e 1962, alguns com títulos que se tornaram parte da linguagem cultural da América: *Songs for Young Lovers*, *Swing Easy*, *In the Wee Small Hours*, *Songs for Swingin’ Lovers*, *Close to You*, *A Swingin’ Affair*, *Only the Lonely*, *Nice'n'Easy*, *Sinatra’s Swingin’ Session*. O período durante o qual Frank produziu esses álbuns com Riddle, e mais tarde aqueles com Billy May e Gordon Jerkins, foi a época de ouro de Sinatra, um longo fluxo de excelência pareado apenas pelos

Beatles nos anos 1960.

Enquanto Frank e Riddle planejavam os álbuns juntos, a concepção e direção eram somente de Frank. “Primeiro, eu decido o clima, às vezes escolho um título”, disse ele. “Ou, às vezes, pode acontecer de eu ter o título e adequar a pegada para combinar... Depois vem a levada do álbum, o que é vitalmente importante; eu coloco os nomes das canções em doze pedaços de papel e os embaralho um pouco, como um quebra-cabeças, até que o álbum esteja contando uma história completa com suas letras... Tommy Dorsey fazia isso com todo show de banda que ele tocava. Ele nunca me disse isso; simplesmente percebi enquanto eu sentava naquele palco noite após noite. Mas isto é o que tentei fazer com cada álbum que fiz.”

Sinatra sabia agora tirar o melhor de seus músicos. Ele e Riddle contratavam os mesmos músicos várias vezes, uma vez após a outra. Os homens que eles contratavam frequentemente ficavam maravilhados diante do quanto Frank sabia sobre os históricos de cada um. A Capitol tinha equipamentos de ponta, e Frank rapidamente aprendeu como usá-los e a tirar vantagens para seu maior benefício. David Hanna, um agente de publicidade que o conheceu em 1954, ouvia fascinado suas “previsões lúcidas, inteligentes e incrivelmente estudadas para todas as revoluções que estavam vindo no campo do som eletrônico. As palavras técnicas, cheias de sílabas, jorravam para fora de sua boca tão casualmente quanto as letras em uma canção de Rodgers e Hart.”

Rita Kirwan, da revista *Music*, sentou-se para uma sessão de gravação que se deu tarde da noite, para a qual a presença dos fãs tinha sido permitida. “A atmosfera comum de dia de trabalho ficou carregada de excitação. Porque Frank tem a rara habilidade de estabelecer contato com seu público, não importa qual seja o clima que ele queira evocar. Ele quebra o contato constantemente quando está gravando, interrompendo a si mesmo para melhorar uma linha, para questionar o regente sobre o arranjo, sobre o tempo ou o tom ou o fraseado.”

“Ele quebra o contato quando faz uma pausa para fazer piada, para dizer alguma coisa em sua dicção estranha e mal definida, tão diferente da dicção de suas performances. Mas, mesmo quando ele eleva sua plateia encantada por breves vinte e sete vezes durante uma canção, voltando à realidade para corrigir a si ou à orquestra, ele consegue restabelecer o clima que quiser no momento em que começar a cantar novamente.”

“De mais ou menos oito horas da manhã até depois da meia-noite, sua sessão de gravação continua. A voz do produtor no microfone da cabine de controle fica

grossa de tantos cigarros... Depois de muitas tentativas, vários descansos de cinco minutos e xícaras de café, a exaustão de Sinatra começa a aparecer em seus ombros...”

“Todo mundo ouve a gravação. Sinatra, segurando a cabeça com as mãos, apoiado contra a cabine de controle revestida de vidro, ouve mais criticamente que qualquer um. Uma epidemia de bocejos toma conta dos músicos. Frank olha para cima. ‘É, pois é. Acho que é esta. Que vocês acham?’. O produtor faz que sim com a cabeça... Sinatra se esparrama em uma das cadeiras, cruza as pernas e cantarola um fragmento de uma das canções que vinha gravando. Ele acena para o zelador agora arrumando o estúdio e diz, ‘Jesus. Que horário de trabalho louco nós temos. Nós dois deveríamos ter sido encanadores, hein?’.”

Muitas das canções que gravava agora eram velhos sucessos, trazidos de volta à vida dramaticamente por Riddle. Frank alternava tema e clima, levada de álbum para álbum: de *Swing Easy*, maquinando para misturar esperança exuberante com arrependimento e ainda balanço, até a maravilha da melancolia que estava em *In the Wee Small Hours* e *Songs for Swingin’ Lovers*, uma celebração de romance e sedução.

A música refletia o aprendizado de Frank e Riddle nas *big bands*, e o jazz, que era a escrita sagrada para ambos. Sobretudo, das capas cuidadosamente desenhadas à distribuição, os álbuns eram pessoais e particulares para Frank. Este foi, escreveu o crítico Henry Pleasants, “o momento em que o *swing* deixou a pista de dança e foi para trás dos cantores.”

O cantor, no meio-tempo, refez a si mesmo. “Eu mudei de gravadoras, de advogados, de contadores, de companhias de fotografia, mudei de roupas”, lembrava. O público via a aparência mudada, a imagem fresca, nas capas cuidadosamente confeccionadas dos novos álbuns: as gravatas-borboleta tinham ido embora para sempre; o rosto estreito, um pouco marcado agora, mas atraente; um sorriso arteiro ou uma pose solitária, como era preciso; um terno tornado libertino pela gravata solta e, normalmente, um cigarro.

Os chapéus, sempre favoritos de Frank, tornaram-se sua marca registrada de alegoria. A maneira como os vestia enquanto cantava, inclinados para baixo ou virados para trás, tornou-se “o barômetro de seus sentimentos”, opinou um de seus observadores. O adereço de cabeça cobria sua calvície progressiva. Era parte da rotina de trabalho diária de George Jacobs “borrifar tinta de cabelo na mancha calva que só aumentava na parte de trás da cuca de Sr. S.”. Cada vez mais, Frank usava adereços de cabelo.

Tudo aquilo era nada em comparação com o modo como sua voz havia mudado. Frank Jr. , até então, pensava na voz de seu pai como “romântica, cálida, melancólica”. Um dia, em 1953, contudo, enquanto ele ouvia a rádio em casa, algo o atingiu de maneira diferente. “Mesmo aos nove anos de idade”, ele disse décadas depois, quando já um músico feito, “eu notei que alguma coisa tinha mudado drasticamente na levada do meu pai... O som leve, gentil, diáfano e cantarolante tinha ido embora... Daquele dia em diante seu som estava diferente. Desafiador, assertivo, até mesmo forçado. E havia algo mais… Nos dias de cantor de baladas, os discos que ele fazia eram meramente uma conversação musical agradável. Mas a partir de *I've Got the World on a String*, todo disco tinha um posicionamento.”

“Eu não ligava para sua voz original”, disse Nelson Riddle. “Eu achava ela açucarada demais. Eu prefiro ouvir a verdadeira pessoa angular aparecendo em sua voz... Para mim, a voz dele só ficou interessante durante o período em que comecei a trabalhar com ele.” A voz estava mais velha agora – Frank faria quarenta anos em 1955 – e a garganta que a produzia estava prejudicada por cigarros e, cada vez mais, pelos destilados. Jule Styne, que morou no apartamento de Frank por um tempo, na época da Capitol, lembrava-se dele ficando “até tarde da noite tomando biritas – muito, muito brandy.”

Admiradores do novo Sinatra, apontou seu filho, não mais o chamavam de Frankie, como outrora faziam as adolescentes *bobbysoxers*. Agora, ele não era um mero ídolo, mas, sim, um cantor, que se apresentava como um fortão sofisticado. Este Frank era um cara bacana. Ele ocasionalmente mudava as letras um pouco, enfiava “cara” ou “gata” que não estava no original. Ele trocava *darling* por *baby* em *Night and Day*, de Cole Porter. Ele cantava *I've Got You Under My Skin* como “I've got, got, got, you”, para a irritação de Porter. “Não cante isso”, ele dizia, “se você não consegue manter como eu compus.”

Frank estudava as letras das canções com imenso cuidado. “Eu sempre acreditei que a palavra escrita vem primeiro, sempre primeiro... Sem querer diminuir a música por detrás de mim, mas ela é somente mesmo uma cortina... A palavra, de fato, dita para você em uma canção – ela realmente lhe diz o que é necessário.”

“Ele podia praticamente ter falado a coisa para mim e estaria tudo bem”, disse Riddle. “A interpretação pessoal de Sinatra para uma letra é como de pessoas que leem poesia ou um ator em um papel”, disse o cantor Joe Williams. “Com Frank, cada canção é uma vinheta para a história.” O escritor Richard

Iaconelli via Sinatra como conduzindo um *balé* com o microfone, o cigarro, uma mão esticada, perseguindo o conceito de “som como miniatura de peça de teatro”.

Riddle sugeriu que o jogo era essencialmente sobre sexo. “Música para mim é sexo”, dizia. “Está tudo amarrado de algum modo... Eu sempre tenho alguma mulher em mente para cada canção que faço o arranjo.” Frank, pensava, “aponta tudo o que faz de um ponto de vista sexual”. Ainda assim, o canto nos álbuns dos anos 1950 é algo que vai além do sexo, além da mera performance. David Halberstam achava o resultado de Frank “lamurioso, quase machucado”, o som de alguém que tinha “vivido” suas canções. O crítico Charles Taylor achava que as performances de Frank “iam além da autopiedade luxuriante e se aproximavam da tragédia luxuriante”. O escritor Mikal Gilmore via “escuridão” em Sinatra, “uma fome desesperada pela validação que vem do amor, um ódio ruinoso ante qualquer coisa que desafiasse aquela validação”.

“Ele pode dizer ‘eu te amo’ com mais convicção que qualquer um que conheço”, disse Freddie Karger, que compôs parte da música para *A Um Passo da Eternidade*. “Não são simples palavras para ele. Elas carregam algo que ele realmente sente.”

Riddle acreditava que ele sabia exatamente o que era aquele algo. “Foi Ava quem fez aquilo”, disse ele, “que tinha ensinado a ele como cantar canções de coração partido[104]. Foi assim que ele aprendeu. Ela era o maior amor da vida dele, e ele a perdeu.”

Do álbum *Wee Small Hours*, gravado no começo de 1955:

> *I get along without you very well,*
> *Of course I do...*
> *I've forgotten you just like I should,*
> *Of course I have,*
> *Except to hear your name,*
> *Or someone’s laugh that is the same*
> *But I've forgotten you just like I should.*[105]

E ele ainda não tinha esquecido Ava, nunca a esqueceria.

19
O coração solitário

OS HOMENS, OBSERVOU MARK TWAIN, “arriscam a fortuna, o caráter, a reputação e a própria vida” por sexo. Frank tinha chegado perto de perder tudo por Ava Gardner, mas não conseguiu se livrar de sua paixão por ela. Indo e vindo por mais de vinte anos, ele cogitava ficarem juntos novamente.

“Frank me ligava em Madri, Londres, Roma, Nova York, onde quer que eu estivesse, e dizia, ‘Ava, vamos tentar mais uma vez’”, ela lembrava. “Eu dizia ‘Okay!’ e largava tudo... E era o céu, mas não durava mais do que vinte e quatro horas.”

Frank fez essa tentativa poucos meses depois de sua separação formal, em dezembro de 1953. Ava estava em Roma se preparando para começar a gravar *A Condessa Descalça (The Barefoot Contessa)* quando ele ligou para dizer que estava indo para a Europa. Na ocasião, ela disse ao seu assessor, David Hanna, “Isso vai ser uma zona. Por que diabos ele faz isso? Não posso dizer a ele que não venha”.

Ele foi até Londres, carregado de presentes, na noite de Natal, aniversário de Ava, apenas para descobrir que ela deixara a Itália para ir à Espanha. Frank fretou um avião para Madri e, na noite de Natal, o casal foi visto em um restaurante cantando músicas natalinas. Na noite de Ano- -Novo, estavam em Roma, dando uma festa.

Eles terminaram aquela noite em um clube administrado pelo cantor americano Bricktop, na Via Veneto. Ava “estava meio sentada no colo dele”, lembrou Bricktop, “e me parecia que estava realmente tentando fazer com que ele se divertisse. Ele parecia tão triste.” Frank disse aos colegas que eles estavam “tentando consertar as coisas”. Ava, entretanto, disse a Hanna que “não tinha chance” de reconciliação, em parte porque ela tinha encontrado outro amante.

Ela tinha ido a Madri para passar o Natal com Luis Miguel Dominguín, o matador de touros número um da Espanha, desejável e bonito, um homem que tinha Picasso e Stravinsky como amigos pessoais. Ela continuou a vê-lo debaixo do nariz de Frank.

"Diga a ele que estou no cabeleireiro, diga qualquer coisa", Ava pressionou Betty Wallers, uma convidada da Inglaterra, "rápido para que ele não descubra sobre Luis". Frank esperou na casa que ela tinha alugado, alternando entre desamparado e enraivecido. George Jacobs achou a missão de Natal de seu patrão um "coisa muito masoquista" que "pioraria ainda mais sua dor... E ainda assim ele queria Ava em sua vida, não importando as circunstâncias... Ainda preso à esperança e ao sonho".

De volta aos Estados Unidos, Frank soube que Lauren Bacall estava prestes a viajar para a Itália para se unir ao seu marido, Humphrey Bogart, que coestrelava com Ava *A Condessa Descalça*. Será que ela se importaria, perguntou ele, de levar um bolo de côco para Ava? Bacall levou o bolo em sua bagagem de mão, em uma caixa grande, desajeitada, através do Atlântico, até o camarim de Ava. Ela respondeu friamente. "Ela estava claramente de saco cheio", disse Bacall, "mas não era a mesma coisa para ele."

"Ele ligava para ela praticamente a todo momento", lembrava Reenie Jordan. "Ligava e a chamava dizendo 'Preciso de você', e ela ia até ele."

Quando Ava voltou à Califórnia no período entre os filmes, Frank a convidou para ficar com ele em sua propriedade em Palm Springs. Ela concordou sob a condição de que ele não estivesse lá. Frank devidamente sumiu de lá e despachou Jacobs para buscar Ava no aeroporto. Ela ficou muito bêbada no caminho de volta e teve que ser carregada para dentro da casa.

O apartamento que Frank tinha conseguido recentemente, na Wilshire com Beverly Glen em Los Angeles, parecia a Jacobs como que um santuário a Ava Gardner. "Havia fotos dela por todo lugar, nos banheiros, no closet, na geladeira". E era a mesma coisa na casa em Palm Springs.

Solitário, Frank fez com que Jule Styne se mudasse para sua nova morada. "Eu chego em casa à noite, entro na sala de estar e ela parece uma funerária", lembrava Styne. "As luzes são baixas e chegam a iluminar só três fotos de Ava. Frank senta na frente delas com uma garrafa de 'brandy'." Sammy Cahn uma vez encontrou Frank chorando, fazendo um brinde a uma das fotos de Ava.

Com a adoração, vinha a raiva. Naquela mesma noite, Frank destruiu a fotografia emoldurada e rasgou a foto de Ava em pedacinhos. Então, depois de

beber um pouco mais, tentou juntar os pedaços de volta. Ficou louco quando não conseguiu encontrar o nariz. Até que, finalmente, o pedaço caiu de sua manga, e acabou sendo visto por um entregador que tinha chegado à porta trazendo mais bebida. Como recompensa, ele recebeu o relógio de ouro que estava no pulso de Frank.

O agente Irving "Swifty" Lazar[106], que morava no mesmo condomínio, uma vez voltou para casa e viu a luz do apartamento de Frank acesa e a porta aberta. "Frank estava sentado em uma poltrona", disse, "atirando com uma arma nos três retratos de Ava que haviam sido pintados pelo artista Paul Clemens."

Durante a estadia de Frank em Roma, Ava havia posado para modelagem de uma estátua nua dela mesma, em tamanho real, encomendada para uma cena de *A Condessa Descalça*. Frank comprou para si o objeto, trouxe para a Califórnia e mais tarde – quando se mudou para uma nova casa em Coldwater Canyon – a instalou no jardim.

Ele não dormia bem agora. Styne o ouvia andar para cima e para baixo, para cima e para baixo. Ele o ouvia ao telefone durante a madrugada, dizendo a Nancy, o único porto seguro em sua caótica vida pessoal, "Você é a única que consegue me entender".

Ele havia jantado com Nancy e os filhos na noite anterior à entrega do Oscar por *A Um Passo da Eternidade*. Sua filha Nancy, então com quase catorze anos, tinha feito um pequeno discurso e o presenteado com um medalhão com a inscrição: "Pai, todo nosso amor daqui até a eternidade". Por anos, lembrava Tina, sua mãe manteve algumas das camisas de Frank no closet e suas toalhas monogramadas no banheiro. Ela esperava, ainda àquela altura, que seu marido fosse voltar para casa.

No dia em que contratou Jacobs como seu assistente pessoal, Frank o tinha levado para conhecer a família. "Sr. S.", lembrou Jacobs, "parecia um garoto que tinha acabado de sair de um acampamento, voltando para um jantar em casa. Nancy, Grande Nancy, como era chamada, era tão materna com Frank, parecia mais sua mãe do que sua esposa, e eu pude ver como o 'elefante numa loja de porcelana' que havia nele poderia ser atraído pelo canto das sereias do mundo cinematográfico. Não havia nada de 'mal' na Grande Nancy e, infelizmente, aquilo não era uma coisa boa... A cena toda era de entristecer."

Frank disse a Jacobs que teria deixado Nancy mesmo se não tivesse conhecido Ava. Anos depois, entretanto, disse à sua filha mais velha que gostaria

de ter ficado. Ele estava arrasado, e sua solidão era dolorosamente evidente. Na noite em que ganhou o Oscar, foi detido por um policial enquanto vagava, sozinho e agarrado à estatueta, em Beverly Hills. Antes disso, Charlotte Austen, uma das várias amigas que estivera comemorando com ele em seu apartamento, o viu partir. “Frank subiu pela rua segurando aquele Oscar e parecia tão sozinho que meu coração quase partiu ao meio”, lembrava ela. “Lá estava a maior noite de sua vida, e a única mulher que lhe interessava estava a oito mil quilômetros de distância, na Espanha, com outro homem.”

TINA ACHAVA QUE, depois de Ava, Frank “manteria uma parte de si a salvo e fechada. Como ele me disse, ‘nunca mais vou me machucar daquele jeito outra vez’.”

Durante a saga Gardner, Sinatra publicou o que a imprensa apelidou de “A Lei de Sinatra”, uma proclamação de que sua vida pessoal estava fora do controle da mídia. Jornalistas que perguntassem sobre isto, vociferava ele, estariam “acabados, mortos, ponto final”. Era uma decisão que defenderia até o fim de seus dias, algumas vezes com os próprios punhos. Apesar daquilo, sua vida privada dificilmente ficava em segredo. Para George Jacobs, seu patrão parecia “o Casanova dos tempos modernos”. “Eu ficava sabendo de todas as mulheres do Sr. S., estrelas ou não”, escreveu em suas memórias. “Eu as pegava de carro, levava de volta para casa, as pagava quando eram profissionais; quando não eram, preparava o jantar de sedução à luz de velas, comprava as flores e chocolates e depois ouvia seus lamentos, quando o Sr. S. as deixava arrasadas, o que era inevitável.”

Frank levou algumas mulheres a acreditar – e talvez tenha também acreditado na ocasião – que estava procurando por um amor duradouro e que o preenchesse. A abundância de oportunidades, no entanto, raramente era recompensada com felicidade. O efeito colateral para algumas das mulheres era desapontamento e dor. Mesmo assim, um número impressionante delas, décadas depois, ainda falaria dele com afeição.

“Foi uma época de pesadelo que veio depois de Ava”, disse Norma Eberhardt, uma atriz que atuou em um dos filmes do Drácula. “Nós passamos muitas noites em Palm Springs tentando exorcizar aqueles pesadelos.” A primeira sedução que Jacobs observou envolvia “uma bela estrelinha dos estúdios”. A operação foi cuidadosamente preparada, com rosas providas pela Parisian Florist de Hollywood, presunto italiano do empório Monaco’s Italian,

espumante e chocolate da mercearia Jurgensen e um caderno gravado – a pequena estrela tinha ambições de escrever além de atuar. Também existiu Dinah Shore, que Frank conhecia desde os anos 1930 e com quem ele frequentemente se apresentava. Shore era casada com o ator George Montgomery, mas Jacobs disse que ela flertou com Frank por um longo período.

No fim de 1954, Frank jogou charme para Grace Kelly. Embora ela estivesse envolvida com outro homem, e apesar da amizade duradoura que tinha começado com Ava em *Mogambo*, concordou em encontrá-lo. Dizem que o encontro foi ruim, em parte porque ele já estava bêbado quando foi buscá-la em casa, em parte porque passou uma grande parte da noite chorando por causa de Ava. “Ele não tinha atração por Grace”, disse Celeste Holm, que mais tarde trabalhou com ele no filme *Alta Sociedade*. “Grace via Frank como um garoto das ruas... Ela estava num outro nível. Ela era uma princesa muito antes de ser casar com o Príncipe Rainier.”

Ava, nesse meio-tempo, estava alimentando a confusão emocional de Frank. Durante filmagens, colegas notavam, a bagagem dela sempre tinha uma pilha de discos de Sinatra. Ela tinha atirado na arena uma joia em formato de cruz em homenagem a um toureiro e logo voltado atrás implorando que a devolvesse porque tinha sido um presente de Frank. No auge de seu caso com Dominguín, voltou aos Estados Unidos para pedir divórcio – mas, não conseguiu levar a cabo o plano. O santuário a Ava continuava em seu lugar no apartamento de Frank, e ele mantinha uma fotografia dela no espelho do camarim enquanto filmava em Hollywood. Ele era vítima de suas emoções.

GEORGE JACOBS achava que Frank “buscava classe” nas mulheres. Socialmente, nenhuma poderia ter tido mais classe do que a herdeira Gloria Vanderbilt. Com 31 anos quando conheceu Frank, no fim de 1954, Gloria tinha acabado de ganhar uma fortuna – algo como uns vinte e sete milhões em dólares atuais – e havia por anos sido casada com um homem 42 anos mais velho do que ela, o maestro Leopold Stokowski. Antes daquele casamento, tinha passado por algumas aventuras caóticas em Hollywood, incluindo um noivado com o ator Van Heflin, uma paixão por Howard Hughes e um casamento infeliz com um agente mercenário, Pat De Cicco. Ela tinha se envolvido com pintura, produção de poesia e atuação.

Quando Frank disse a Vanderbilt que queria conhecê-la, lembraria ela em 1988, em suas memórias em estilo de diário, quis dizer a si mesma “Pare!” −

mas não conseguiu. Ela recordaria como, anos antes quando tinham se encontrado depois de um dos concertos do marido, Frank ficava olhando-a. Naquela época, no primeiro resplendor do casamento com Stokowski, Gloria mal cogitava aquela ideia. Agora, a ideia de estar com Sinatra a deixava empolgada.

"Era aquilo que eu estava esperando", escreveu. "Eu o verei de novo esta noite... Me sinto enlouquecida, como se estivesse dando tragos em algum tipo de oxigênio raro... Estou forte porque alguém poderoso me ama... Em três semanas, quando ele for embora, então não vai mais importar, não vai importar se nunca mais o verei. Ele é a ponte, a ponte para eu me libertar."

Vanderbilt saiu com Frank por alguns dias. Então, ela se mudou da suntuosa casa que dividia com Stokowski, levando consigo seus dois filhos pequenos. Depois do Natal, tendo dito à imprensa que seu casamento tinha acabado, chegou para uma estreia da Broadway de braços dados com Frank. Quando entrevistada na mesma noite no Copacabana, onde Frank estava estreando, ela disse que "não havia romance" entre eles.

O jornalista St. Clair Pugh, que os viu juntos no apartamento de Vanderbilt, pensou imediatamente que aquela afirmação era falsa. Carol Matthau, amiga próxima de Vanderbilt, sabia que não era verdade. Pugh acreditava que a canção *It Was a Very Good Year*, a qual Frank tornaria famosa, incluía uma referência consciente à folia que o filho pobre de Hoboken tinha aproveitado com a princesa da aristocracia americana.

> *It was a very good year for blue-blooded girls*
> *Of independent means...*[107]

Vanderbilt se lembraria de ceias à meia-noite com Frank, "durante as quais ele falava de si, pesando suas ideias como pratos de uma balança: o peso da Máfia de um lado, a leveza de Clark Kent do outro, luz e sombra, – para cima e para baixo, um impulso o levando para o escuro." Ela achava que Clark Kent sempre triunfava no final.

Gloria escreveu em seu diário, "Não consigo imaginar um longo futuro entre nós dois". A dúvida tinha fundamento, pois o caso durou apenas umas poucas semanas. O mesmo se deu com a ideia, meses depois, de que a milionária estrelaria um filme com Frank. De acordo com um relato, ela tinha chegado à loucura por causa da obsessão de Frank por Ava.

Na noite em que Frank e Vanderbilt estavam no Copacabana, Anita Ekberg, ex-miss Suécia, sentou-se perto deles. Frank tinha tido um namorico com a garota de 23 anos na Califórnia e a tinha mandado de avião para Nova York. Em vingança pela afronta, no entanto, ela apareceu no Copacabana com outro homem.

No começo de janeiro, Jill Corey, uma jovem de cabelos morenos e dezenove anos de idade que estava no Copacabana com o namorado, percebeu que Frank estava olhando para ela do palco. “Eu notei”, lembrava, “que ele estava cantando canções de amor meio que na minha direção. Eu lembro que senti minhas bochechas quentes. Eu não sabia por que ele estava fazendo aquilo e continuei olhando para trás do meu ombro para ver se havia uma mulher bonita sentada atrás de mim.”

Corey, que tinha começado a vida como Norma Jean Speranza, filha de um minerador de família ítalo-americana da Pensilvânia, era uma garota meiga que tinha cantado como contralto no coral da igreja. Agora, com um contrato de gravação e mudança de nome, tinha sido catapultada para um novo e brilhante mundo. Ela apareceu na televisão e foi capa da revista *Life* como uma “garota de cidade pequena” melhorada. Então, logo depois de ter sido comida com os olhos por Frank no Copacabana, Corey ficou espantada por receber sua ligação.

Tinha sido difícil saber seu paradeiro, disse Frank. Será que ela se uniria a ele no Copa depois de seu show na noite seguinte? Em uma entrevista, quase cinquenta anos mais tarde, Corey cantou baixinho, meio cantando meio falando, a canção que escreveria sobre aquele primeiro encontro:

Tonight I've a date with Sinatra,
Oh God, I'm experiencing angst!
In my virginal state, should he kiss me I'd faint,
And do I call him Frankie or Frank?
… On a drive through the park with his chauffeur,
Dinner, and wine, and dance.
In the back he holds my hand, sings in my ear,
It’s the beginning of romance... [108]

Começara, então, um caso intermitente de cinco anos que duraria até ela conhecer seu futuro marido. Houve encontros na Califórnia, encontros inebriantes com celebridades e gestos de afeição quando Frank estava viajando –

telegramas, flores, um urso de pelúcia.

Ele tinha o cuidado de esconder seus casos de seus filhos pequenos, nem sempre com sucesso. No mês do caso com Gloria Vanderbilt, e poucos dias depois de começar o romance com Corey, sua filha Nancy, com catorze anos, fez uma descoberta inquietante quando ele a levou para uma viagem à Austrália – um par de meias femininas em seu quarto de hotel. Isso a deixou bastante triste.

Como Frank passava logo de mulher para mulher, continuava uma quimera saber quem mandava em seu coração. Ava, que por um tempo tinha falado dele friamente como “Sinatra”, agora voltava a falar dele como “meu velho homem”, ou mesmo “o maior dos maiores”. Seu caso com Dominguín tinha esfriado e, por ora, não falava mais de se divorciar de Frank. Porém, em qualquer ocasião de encontros, segundo Jacobs, ficava claro que nada tinha mudado. “Eles ficavam brigando muito. Ele saía rasgando do quarto, e ela saía sempre gritando e xingando.” Ava, nesse meio-tempo, falava em mudar-se permanentemente para a Espanha.

SEGUNDO GEORGE JACOBS, Frank procurava revistas de cinema em busca de fotos de jovens mulheres para fazer sexo. Jimmy Van Heusen, que tinha ajudado a recrutá-las, também sabia onde procurar as melhores prostitutas. Depois de uma longa conversa com uma namorada habitual, disse Jacobs, Frank frequentemente desligava o telefone e suspirava, “Me arrume uma maldita puta”. Muitas prostitutas da região de Los Angeles comentavam sobre ele ter um caso com uma dançarina da época, Liz Renay. Elas falavam por aí sobre o quanto Frank era bem dotado, e sobre como era um bom cliente.

A própria Renay afetuosamente lembrava de um encontro inocente. Numa noite, quando ela e sua filha adolescente estavam esperando na rua sem transporte, Frank disse a elas que podiam ficar com ele em sua suíte. “Nós tínhamos bebido naquela noite”, lembrava. “Frank disse, ‘Não estou interessado em sujeira. Por que é que não nos deitamos como três soldadinhos de chumbo? Nem vamos tirar a roupa’.”

“Eu tive medo de que ele estivesse apenas dizendo aquilo, de que ele fosse tentar forçar minha filha a fazer qualquer coisa. Mas ele simplesmente deu às costas a ela em minha direção e foi dormir. Ele brincou de manhã, ‘Não diga a ninguém que dormi entre duas belas mulheres e tudo que fiz foi dormir... Isso vai arruinar minha reputação’.”

No outono de 1955, Frank buscou conforto com uma amante antiga. “Sinatra

estava meio bêbado uma noite", lembrava Rosemary Clooney, "e sussurrou pra mim, 'Não é interessante que ninguém saiba sobre mim e Dietrich?'" O retorno de Frank ao diário de Marlene Dietrich confirma a ligação entre os dois. No mesmo ano, aos 54 anos de idade, aquela mulher extraordinária estava apaixonadamente envolvida com Yul Brynner e "mantendo feliz" – eufemismo dela – Adlai Stevenson, o radialista Ed Murrow, o dramaturgo William Saroyan e um amante de longa data, cuja identidade permanece desconhecida.

Dietrich e Frank se encontraram novamente no começo de setembro, de acordo com seu diário, em um jantar festivo de Hollywood. Frank a levou para sair dois dias depois, aos quais se seguiram ligações, e então voou com ela para Las Vegas. "F. bebeu, mas tudo bem", lê-se em uma entrada no dia 9 de setembro. "Para a cama às nove da manhã." Ela ficou com Frank em Nevada, desafiando os apelos por telefone de Brynner, em Los Angeles, para que fosse lá ficar com ele.

O caso com Frank, pensava Maria Riva, filha de Dietrich, era "seu placebo particular contra a solidão de ansiar por Yul". Porém, as coisas logo azedaram. Em 11 de setembro, Frank estava "dormindo em uma cadeira às 9h30 da manhã... Levantou sem dar um beijo. Mau dia... não agiu como sempre... foi para seu quarto. Ele disse 'Vá para a cama'. Fiquei estupefata. Parti".

Duas semanas depois, quando se encontraram em uma festa, Dietrich percebeu que Frank estava completamente bêbado, "como um estranho". Foi quando Brynner contou a ela que sabia o que estava se passando com Frank e disse que ela podia agir como preferisse. Ela voltou a ficar junto de Frank novamente logo depois, quando ambos estavam trabalhando em *A Volta ao Mundo em 80 dias (Around the World in 80 Days)*. E novamente, no ano seguinte, durante um mal momento com Brynner:

> 1º de dezembro
> … Em casa com Frank. Finalmente algum amor.
> 2 de dezembro
> F ligou às 9h30 da manhã
> Finalmente alguma doçura.
> Dormi bem e bastante.

Em duas entradas no diário referindo-se a noites passadas com Frank, Dietrich escreveu sobre ele dizendo que havia sido "doce e delicado". Ela disse à

sua filha que ele era “o único homem realmente delicado que eu já conheci. Ele te deixa dormir, ele é tão agradável – de um jeito bom, ele é todo aconchegante”.

Outras mulheres se lembravam de Frank agindo friamente. “Ele inunda uma garota com presentes, atenção, elogios”, disse Jacqueline Park, ex-Miss Ceilão, com quem ele se relacionou. “Aí, do nada, não liga e cai fora da vida dela... Ele se enjoa facilmente.” Em Vegas com Jill Corey, numa época em que ela achava que o casamento estava no papo, Frank abruptamente a abandonou para sair e apostar.

Anita Ekberg tinha ido para casa fumando, depois de uma experiência parecida, para logo depois ter Frank esmurrando sua porta às 3h00 da manhã. “Abra isso aqui!” ela lembrava dele gritando. “Uma mulher que sai para jantar com Frank Sinatra tem que ir para casa com ele, mesmo que tenha que esperar a noite toda.” Ekberg não o deixou entrar.

Zsa Zsa Gabor tinha 38 anos em 1955, havia se divorciado há não muito tempo – pela terceira vez – e era conhecida profissionalmente, em especial, pela participação decorativa em *Moulin Rouge*. Depois de um primeiro encontro com Frank, segundo Gabor, ele deu um jeito de entrar na casa dela e disse que não sairia até que fizesse sexo com ele. Quando ela recusou, ele alegou que estava com uma terrível dor de cabeça e que precisava se deitar. Gabor ordenou a sua empregada para que mostrasse a ele o quarto de hóspedes e trancou-se em seu próprio quarto. Frank, então, veio batendo à porta, sem sucesso, até se retirar para o quarto de hóspedes novamente. Assim que o dia raiou, temendo que sua filha de oito anos visse Frank, ou o Cadillac dele parado na via de acesso à casa, Gabor foi até o quarto de hóspedes para pedir ao seu hóspede indesejado que partisse. “Fiquei implorando por mais ou menos uma hora”, ela lembrava, “mas Frank não sairia até que eu fizesse amor com ele. Aí, eu fiz. Fiz amor com Sinatra para que ele fosse embora e, a partir de então, eu o odiei. E Frank sabia disso.”

Outras mulheres tiveram más experiências com Frank. Sandra Giles, uma garota glamourosa tentando começar no mundo do cinema, tinha seus vinte anos em 1958. Como Jill Corey, recentemente havia sido assunto de uma reportagem de três páginas na revista *Life*. Numa noite, enquanto jantava com um namorado num restaurante italiano – um lugar que tinha telefones para comunicação entre mesas, uma mania da época nos *points* noturnos de luxo – ela foi surpreendida ao receber uma ligação de uma voz muito familiar. “Aqui é Frank Sinatra”, ele disse. “Queria que você viesse até nossa mesa para tomar uma bebida.”

Giles hesitou, explicando que estava com um acompanhante. Frank persistiu, insistindo para que se juntasse a ele em uma festa, mais tarde. Quando declinou novamente, ele disse que poderia lhe arranjar o trabalho que queria. Ela concordou em encontrá-lo em um estúdio de televisão e eles começaram a se ver. No começo, ela achava Frank simplesmente "bom e doce... não exageradamente romântico". Aí, então, chegou uma noite depois da cerimônia de premiação do Grammy na qual ele deixou de ganhar um prêmio e começou a ficar bêbado. Giles estava bebendo também e, junto com os outros, terminaria indo para a casa de Sinatra.

"Sentei no sofá", lembrava, "e alguém me passou um Drambuie. Acho que eu já tinha tomado quatro até então, e dei só um golinho. Quando acordei novamente, estava na cama – e nua. Frank estava na cama comigo, e estava nu também. Fiquei chocada. Ele disse, 'Vamos, você sabe que já fizemos' – ele quis dizer sexo – e eu disse 'Fizemos? Não fizemos, não'. Ficamos nessa conversa, até que saí da cama e fui ao banheiro e tranquei a porta. Ele perguntou, 'O que você está fazendo?' e respondi que estava chamando a polícia. Ele disse, 'sandra, volte para cá. Não vou tentar mais nada, nunca mais'. … Ele mandou seu motorista me levar para casa."

Giles tinha certeza de que Frank não havia feito sexo com ela naquela noite. Fingir que tinha feito, ela acreditava, tinha sido um estratagema cínico para conseguir o que ele queria com ela. Mais tarde, encontrou uma nota de cem dólares enfiada em sua bolsa – uma quantia significante naquela época – e Frank admitiu que tinha colocado lá. "Ele disse, 'sim, é uma coisinha para sua filha, como presente de Natal'. Foi sua maneira de se desculpar. Ele nunca disse, de fato, que estava arrependido.

Outra aspirante a atriz, Shirley Van Dyke, tinha se envolvido pela primeira vez com Frank na metade dos anos 1940, quando era uma estrela da patinação e ele, o ídolo das *bobbysoxers*. "Ela era uma de suas garotas, qualquer coisa sexual", disse o ex-marido dela, Stan Levey, um baterista que trabalhou com Frank, "e ele arrumava trabalho para ela. Se ele estava fazendo um filme, arrumava trabalho para ela como extra. Era um sistema de troca de favores – favores sexuais – por trabalho."

Bob, o filho de Van Dyke, na época um garotinho, lembra de sua mãe o levando para uma exibição do filme de Frank, *O Homem do Braço de Ouro (The Man with the Golden Arm)*, que teve sua estreia em 1955. "Ele nos encontrou no corredor e nos levou aos nossos assentos", lembrava. "Ele era muito bacana.

Minha mãe nutria fortes sentimentos por ele, isso é certeza. Ele podia ser generoso, mas também podia ser durão, eu penso. Acho que quando Frank soltou os cachorros, foi o fim. Ela passou muita dor por causa disso, nunca se recuperou completamente dele."

No início da primavera de 1957, Van Dyke foi levada para o hospital depois de tomar uma overdose de pílulas para dormir. Anotações encontradas em seu apartamento mencionavam Tony Curtis, Jerry Lewis – e Frank. "Frank Sinatra, você me fez mal", lia-se em uma delas, "você é tão grande, e eu sou tão pequena". Ela se recuperou e depois disse à imprensa que tinha estado "cheia e cansada de ficar apaixonada por ele... Não sei como é que fui me envolver tanto". Frank informou apenas que tinha ajudado Van Dyke a conseguir papéis em filmes.

ALGUNS MESES DEPOIS, em Londres, outra atriz, Eva Bartok, deu à luz uma menininha chamada Deana. Bartok, na época com 28 anos, era uma estrela com altos e baixos que tinha feito filmes com Burt Lancaster e Dean Martin. O espaço para "Pai" na certidão de nascimento tinha sido deixado em branco, mas, vinte anos depois ela disse ao escritor do *show business* Peter Evans que o pai era Frank Sinatra. Temendo um processo jurídico – Frank era conhecidamente combativo –, o jornal que publicou a história de Evans deu pistas da história sem fazer uma alegação explícita.

Em sua entrevista gravada com Evans, Bartok contou como conheceu Frank em uma festa em Hollywood, na casa do produtor Charles Feldman. Rex Harrison, David Niven e Judy Garland tinham estado lá também, mas Frank ficou concentrado nela. "Sinatra não significava nada para mim", disse a Evans, "mas foi algo como: 'Lá está ele!', um tipo de coisa instantânea acontecendo... Nos vimos conversando como se nos conhecêssemos por muito tempo. Antes de eu sair alguns telefones foram trocados e ele me pediu para ligar um pouco mais tarde, porque estava indo para casa."

Quando voltou para sua casa, Bartok pensou no que diabos ela estava fazendo, mas acabou ligando para Frank. "Ele disse, 'Estou sozinho e não consigo dormir'. Na mesma hora, me veio à cabeça 'Essa é velha!', mas, de algum modo, não disse aquilo." Logo, como lembrava, "Lá estávamos sozinhos naquela casa tão boa no alto da colina. Sentamos em frente a uma lareira e conversamos sobre livros – lembro-me de ficar surpresa com o tipo de livro que ele tinha nas prateleiras, mais sérios do que podia esperar... Conversamos e

conversamos... Recordo ter me surpreendido quando de repente amanheceu. E ele levantou e disse, ‘Bom, vamos para a cama!'’

“Não tinha havido nenhuma manobra ou estratégias de cama. Minha reação foi de espanto. Parecia a coisa mais natural do mundo, a única coisa que ele poderia dizer. Foi simples, daquele jeito.”

Eles continuaram em contato por alguns meses. Bartok jantou com Frank em restaurantes italianos, sentou-se para ver sessões de gravação, passou tempo com ele em casa, e então voltou para a Europa. Quando descobriu que estava grávida, disse ela, tinha “mil por cento” de certeza de que Frank era o pai, mas não lhe contou. “Eu sabia ou achava que sabia”, disse ela, “que aquilo provavelmente não teria dado certo.”

Um ano depois do nascimento, ela viu Frank quando ambos apareceram em um evento beneficente em Londres. “Ele me abraçou”, lembrou ela, “e disse ‘Como está, anjo?’ Lembro-me de olhar para ele e ver aqueles olhos olhando de volta para mim, os mesmos olhos que eu tinha deixado em casa, no berço. Uma mulher deu um passo à frente e perguntou se eu tinha uma foto do bebê. É claro que tinha. Este era o momento. Mas quando olhei para baixo procurando uma foto em minha bolsa de mão, alguém levou Frank embora para apresentá-lo para alguma outra pessoa. Ele jamais veria a sua filha.”

Em 1973, muito depois de ela ter contado à filha quem era seu pai, Bartok deu um jeito de contatar Frank ao telefone. Deana, ouvindo em outra extensão, lembrava-se dele dizendo “'Oi, Eva! Como está?’, de modo casual e amigável. Minha mãe disse, ‘Preciso conversar com você sobre uma coisa’. Ela não queria discutir algo tão íntimo ao telefone, e Frank prometeu ‘Vou te ligar, vamos nos encontrar e conversar’.”

Ele não ligou. Quatro anos depois, quando sua filha tinha quase dezenove anos, Bartok enviou uma carta a Sinatra:

> *Querido Frank,*
>
> *Esta é uma carta difícil de se escrever, então, por favor, tenha paciência comigo... É sobre minha filha Deana. Eu tenho imaginado, durante os últimos dezoito anos, se você alguma vez suspeitou que ela fosse também sua filha... Deana sabe desta verdade desde os três anos de idade. Certa ou errada, sempre a dissuadi de contatar você. Mas agora ela é literalmente uma mulher, com sua própria cabeça, e suas necessidade emocionais são fortes demais para continuarem a ser*

negadas. Muito simplesmente, ela precisa que você saiba disso e compreenda... Depois de todo este tempo, Frank, não preciso lhe dizer que não precisamos de qualquer coisa material de você. Só posso lhe dizer que esta é uma crise emocional na vida dela e, bem honestamente, não posso mais negar-lhe isto... Não posso deixar que ela continue se machucando assim... Teria sido muito melhor discutir isso com você pessoalmente, mas você não é o homem mais fácil de se encontrar para conversar.

Com amor,
EVA

PS.: Estou enviando junto uma foto recente de Deana. Ela é realmente muito bonita.

Frank respondeu pelo seu advogado, mas apenas para dizer que estava "muito ocupado com outros problemas de família", fosse para reconhecer a filha de Bartok, fosse para se encontrar com ela. No começo dos anos 1990, com 36 anos e com seus próprios filhos, Deana enviou uma carta a Frank. "Meu sentimento de perda por não ter nunca te conhecido, exceto à distância", ela escreveu, "está partindo meu coração. Por favor, responda". Ele não respondeu.

"NINGUÉM AMAVA FRANK mais do que ele mesmo", disse Jeanne Carmen, que saiu com ele de modo constante durante um longo período que começou nos anos 1950. George Jacobs a descrevia como "parceira de cama liga-desliga" e, menos educadamente, de "garota em *stand-by*". Quando ela conheceu Frank, tinha seus vinte anos, era uma garota do Sul, com sangue de índio Comanche, que já tinha trabalhado como modelo, artista burlesca, atriz de apoio e golfista de exibição. Sua aparência estonteante – ela tinha sido Garota do Calendário da *Esquire* em 1952 – a manteria nas revistas masculinas por toda a década.

Carmen tomou a iniciativa com Frank, enviando-lhe uma fotografia. Então, o vendedor de peles de Hollywood Abe Lipsey, que ela conhecia, os colocou em contato em um jantar festivo em Palm Springs. "Nós nos vimos dali em diante", ela disse, "por uns sete anos". A primeira fase do relacionamento dos dois aconteceu logo após a separação entre Frank e Ava, e Carmen disse que ele virou o "Pobre Frank" tão logo ficou sem companhia. Ele "andava pela casa

deprimido. Às vezes, quando acompanhava os convidados à saída, caía contra a porta e começava a chorar. Ele realmente chorava muito naquela época. Ele tremia e me dizia para segurá-lo. Ele parecia um garotinho."

Por toda a animação por estar em volta de Frank, por se misturar aos seus amigos famosos e receber presentes caros, Carmen nunca ficou profundamente envolvida. Na cama, disse, ele não era de grandes agitos. "Ele tinha o equipamento, mas não sabia o que fazer com aquilo. Nós íamos para a cama e ele dizia 'Me abrace, me abrace...' Hoje, ele tem esta reputação de ter sido um cara fortão, mas, na verdade, eu fazia papel de mãe com ele – ele precisava de uma figura materna. Eu era só uma criança, e ele era uns vinte anos mais velho, e eu não queria toda aquela lamentação, não queria ser mãe dele."

Um dia, aparentemente num impulso repentino, Frank perguntou a Carmen se eles não deveriam se casar. Tão repentinamente quanto o havia dito, ele fez virar piada, dizendo que esperava poder dormir com as amigas dela quando estivessem casados. Ela não gostou da piada, e ele esqueceu o assunto. Ele voltou a pedi-la em casamento várias vezes.

"Frank queria casar. Esse era seu fardo. Ele tinha que estar casado. Eu não queria aquilo. Se eu estava longe, meio que sentia falta dele. Mas simplesmente não conseguia passar muito tempo com Frank. Eu arrumava todos os tipos de desculpas para sair de lá antes que o fim de semana acabasse. Ele era romântico, mas de um jeito carente. Ele era muito carente."

Uma vez, Carmen atendeu o telefone e se viu falando com Ava Gardner. "Ela sabia de mim", lembrava Carmen. "Ela disse, 'Oi, Jeanne, está cuidando do meu Frankie?'. Eu disse, 'Aparentemente não tão bem quanto você cuidaria, Ava, porque ele fica lamentando e chorando o tempo todo.' Ela deixou sair uma gargalhada daquelas... Ela disse que eu era um tipo de pálida imitação dela."

"Havia uma 'mulher de Frank'", disse Brad Dexter. "*A* 'mulher de Frank' era Ava, que personificava para ele a mulher perfeita – jeito, rosto, tudo. Era a imagem que ele buscava todo o tempo nas mulheres. Ele continuava procurando por ela todo o tempo."

Ele pode ter pensado, por um tempo, que a tinha encontrado.

20
Peggy

PEGGY CONNELLY era uma beldade de cabelos escuros vinda do Sul em seus jovens vinte anos, uma cantora de banda começando a entrar nos negócios quando conheceu Frank no começo de 1955. Ele tinha 39 anos. Sua mãe, como a de Ava, autorizou que migrasse para o oeste apenas sob condição de que uma irmã mais velha tomasse conta dela. Ela estava morando no Clube para Garotas do Estúdio de Hollywood, que tinha regras desenhadas para proteger jovens moças de predadores.

Peggy não tinha nenhum interesse especial em Frank Sinatra até que uma amiga veio com um plano maluco. Seu ídolo estava na cidade, disse ela, e passando bastante tempo em um dos lugares badalados, o Villa Capri. Ela queria ir até lá, caso Frank aparecesse e a notasse, e pediu a Peggy que a acompanhasse. O restaurante estava praticamente vazio quando chegaram lá, e Peggy estava envergonhada.

"Eu não queria ir", lembrava. "Eu era inocente, do Sul, tinha sardas. Ela era da Califórnia, uma garota estonteante. Mas Frank estava lá como ela esperava! Nós mal tínhamos sentado quando, de repente, seu amigo Jimmy Van Heusen, olhando para nossa mesa, disse: 'Viu, Sr. Sinatra e eu podemos vir aqui tomar um café quando vocês terminarem de jantar?'"

"Eles vieram. Eu apenas sorri bastante, mas minha amiga foi com tudo. Aquilo deixou Frank louco. E, depois de dez minutos, ele ficou de pé e disse para *mim* – não para minha amiga – 'senhorita Connelly, gostaria de jantar comigo na próxima quinta-feira?' Ele gostava de ser formal. E eu disse sim, e Jimmy pegou meu número de telefone. E assim foi que começou."

Peggy estava adentrando um mundo estranho e exótico e começando uma experiência emocional desafiadora, um caso de três anos que traria dois pedidos

de casamento da parte de Sinatra e um confronto com Ava Gardner. Ela o veria cantando em seu auge, deixando sua marca como ator, de uma vez por todas, e – agora que ele estava no topo novamente – exercendo seu poder "Sinátrico."

Entre o começo de 1955 e o outono de 1957, Peggy iria com Frank ao estúdio e o ouviria gravar durante o período que fez dele uma lenda, os anos de *You Make Me Feel So Young*, *Mind If I Make Love to You?*, *It Happened in Monterrey* e *I've Got You Under My Skin*. "Eu ainda posso ouvi-lo saboreando as palavras", disse em 2003, "sua dicção e ritmos perfeitos. Eu não era uma grande conhecedora na época. Era muito jovem e não tinha experiência. Mas sua técnica e seu timbre, sua noção de gingado, mais o gosto e a inteligência para colocar tudo isso junto – aquilo só podia ser considerado lendário."

Peggy estava lá quando Frank, convencido de que os executivos da Capitol não estavam realmente ouvindo seu trabalho, decidiu provar quem ele era, pregando-lhes uma peça. "Ele fez Nelson Riddle escrever um arranjo romântico para uma canção de Jimmy Van Heusen − *There's a Flaw in My Flue* − que foi escrita para ser uma piada, pura diversão, com versos como 'smoke gets in my nose'[109]. Então, gravou na lata, de um modo absolutamente sério." A Capitol aprovou o álbum contendo a canção, sem nenhuma objeção. Se Frank não tivesse chamado a atenção do estúdio para a canção ridícula, ela teria chegado às lojas como uma faixa do álbum *Close to You*.

Frank estava sob demanda novamente como ator depois de seu sucesso em *A Um Passo da Eternidade*. Ele levou Peggy junto para a filmagem de *Eles e Elas (Guys and Dolls)*, uma imitação grosseira do musical de sucesso que ele coestrelou com Marlon Brando. Um ano antes, ou algo assim, de acordo com seu assistente, tinha "destruído pela metade" sua própria sala porque Brando tinha sido escolhido em seu lugar para o papel principal em *Sindicato de Ladrões (On the Waterfront)*. O fato de o filme ter sido gravado em Hoboken doeu como sal em uma ferida.

Durante as filmagens de *Eles e Elas*, os dois homens travaram uma guerra infantil. Eles se recusaram a dizer "bom-dia" um ao outro, e Frank criticou Brando como "o ator mais superestimado do mundo", o chamou de "Mumbles"[110] e rebaixou as técnicas de seu Método de Atuação. Ele sairia de seu camarim, disse ao diretor Joseph Mankiewicz, somente "quando Mumbles estiver ensaiando". Uma vez, saiu do set de filmagem em um acesso de raiva.

Alguns meses mais tarde, novamente com Peggy por perto, Frank

comportou-se e atuou melhor como o solteirão cheio de lábia em *Armadilha Amorosa (The Tender Trap)*. Sua gravação da canção-título foi para as paradas. Peggy também estava por perto, quando, no papel de um jornalista de coluna de fofoca, que ele tanto odiava, fez *Alta Sociedade*[111], com Bing Crosby e Grace Kelly. Em contraste com o super-relaxado Crosby, conhecido no set de gravação como "Nembutal", o nome da pílula para dormir mais usada na época, Frank foi apelidado de "Dexedrina".

"Eu tenho que *ir*", Frank uma vez reclamou ao diretor Vincente Minnelli. "Ninguém parece capaz de ajudar nisso – nem médicos, ninguém. Eu tenho que me *mudar.*" Frank "estava sempre a caminho de algum outro lugar mentalmente", pensava Peggy, "mesmo quando ele estava olhando nos seus olhos. Alguém, uma vez, disse que para ele não havia 'agora'. Ele nunca estava satisfeito por estar onde estava. Era por isso que eu gostava tanto quando íamos até Palm Springs sozinhos, quando não havia ninguém por perto."

Levou algum tempo até que Peggy concordasse em partir com Frank. "Eu tinha tido um namorado antes de sair de casa", disse ela, "e esse era o tamanho do meu conhecimento carnal. Ele sabia disso. Ele tinha o complexo da santa e da puta, e eu era do tipo santa. Lembro-me da primeira vez em que ele, de fato, tentou me carregar escadas acima em seu apartamento. Eu lutei para me livrar daquilo e disse, 'Me leve para casa', e ele disse, sombrio, 'Pegue seu casaco.'"

"Ele tinha um Cadillac conversível, aí começou a chover, e ele apertou o botão para levantar o teto e não funcionou. Eu contei a minha amiga que tinha chovido no famoso chapéu de Frank Sinatra! Tudo porque não ia ficar com ele... Mas nós saímos uma vez ou outra depois daquilo, e, no final, achei que disse não por tempo demais. Fui para cama com ele apenas quando tudo estava claro de antemão. Ele era realmente delicado com isso, e me levou a Palm Springs e nós estávamos totalmente sozinhos."

Na cama, disse Peggy, Frank "tinha energia e interesse, mas mais consigo mesmo. Ser daquela maneira não faz de um homem um amante perfeito." Eles tinham se tornado um casal, até onde ela sabia, e ela permaneceu fiel enquanto durou o caso. Escolheu não perguntar se Frank tinha feito o mesmo.

"Quando íamos ficar separados duas ou três semanas de uma vez", disse Peggy, "eu pensava que não queria saber. Achava que ele precisava de liberdade. Eu imaginava, contudo, se ele tinha achado um jeito de ficar de olho em mim. Quando eu estava fora, cantando em algum lugar, o telefone tocava

misteriosamente – sempre por volta das três da manhã. Ele descobria onde eu estava, e eu ouvia sua voz profunda ao telefone, ‘Querida, como está?’”

“Uma amiga mais velha tinha me dito logo de cara, quando eu o conheci pela primeira vez, ‘Ele já fez joguinhos com as melhores. Nem tente jogar com ele, porque você não sabe como fazer isso. Se ser você mesma não funcionar, é porque não teria funcionado de jeito algum.’ E foi assim que eu levei... Fiz o meu melhor, e sempre procurava pelo melhor dentro dele.”

Peggy estava se misturando a Ella Fitzgerald, Judy Garland, Cole Porter, Edward G. Robinson, Joe DiMaggio. “Estar com ele era como estar com um padrinho encantado, como ter Daddy Warbucks ao seu lado. Ele me deu uma estola de pele de marta quando mal nos conhecíamos, havia alguns meses. Ele tinha me perguntado se eu queria uma pele de marta ou um carro, e eu disse, ‘Nenhum, você não tem que me comprar nada’.”

“Mas ele veio me pegar de carro numa noite e eu sentei no banco da frente. Ele colocou sua mão atrás das costas e abriu uma caixa e colocou uma estola de pele de marta nos meus ombros. Lembro de vesti-la e dizer ‘Não, não, não!’ Mas aquilo era a coisa mais deliciosa que eu já tinha tocado...”

“A vida passava como se fosse um sonho. Onde quer que eu fosse e estivesse sem ele, ele tornava meu caminho mais fácil. As coisas apareciam como que por mágica. As pessoas tomavam conta de mim. Nunca carreguei dinheiro, nunca assinei registros de hotéis. Não tinha que parar na recepção, mesmo em lugares como as Waldorf Towers. Nem mesmo uma única conta me era apresentada. Eu comia nos restaurantes dos seus amigos em Nova York como convidada de honra e levava quantos amigos quisesse comigo. Quando disse a ele que Edith Piaf estava na cidade e que não poderia vê-la, ele arrumou um jeito por debaixo dos panos para que eu visse o ensaio dela.”

Logo no começo, Frank pediu a Peggy que fosse morar com ele. Ela tinha seu próprio apartamento na época e não estava preparada para deixá-lo para trás. Os dias e as noites que passou com seu amante, entretanto, a deixaram com memórias íntimas, únicas.

Frank tinha “sorte com sua pele. Ele tinha o tipo de pele que precisava de pouco tempo no sol para ficar com um bronzeado dourado adorável. Mas ele não cabia na ideia típica do italiano peludo – não me lembro de nenhum pelo no peito, talvez quase nenhum. Ele era magro, claro, e tinha mãos fora do comum, redondas e fofas, de aparência forte, diferente do resto de seu corpo”. Peggy, diferentemente das outras, nunca viu Frank usar maquiagem para esconder as

cicatrizes que o parto difícil de sua mãe tinha deixado nele. Ele tinha dores nas costas e raramente fazia exercícios. Quando se exercitava, era para nadar distâncias em sua piscina, "para ajudar na capacidade pulmonar, embora estivesse fumando – muito".

Ela tinha notado, naquele primeiro fim de semana em Palm Springs – na nova casa que ele tinha construído fora da cidade – que tudo que Frank possuía era "o mais limpo, melhor, cheirando fresco. Os lençóis, as toalhas, toda a casa cheirava bem. Tudo em volta dele era imaculado, em perfeita ordem, sua casa, seu camarim e seu quarto de dormir, seus *closets*, suas gavetas.

"Havia dois perfumes que ele usava. *Yardley's English Lavender* para suas gavetas, camisas e coisas. E *Jungle Gardenia*, que tinha sido a fragrância de Ava Gardner. Ele mantinha o perfume dela no banheiro, e era possível senti-lo nas coisas dele."

Fora da vista do público, Peggy notava, Frank usava "belos suéteres de cashmere em gradações de laranja e cor de oliva. Ele preferia cor de pêssego, e tinha suéteres dourados e camisas de algodão. Eu me lembro dos tons de cor laranja na casa e na mobília.

Em 1945, um repórter tinha reparado que Frank tinha móveis de jardim cor de laranja. Nos anos 1950, ele preferia usar camisas, suéteres, blazers e lenços laranja, menos gravatas. Ele chegaria a ter um apartamento nas Waldorf com decoração laranja, um avião que era revestido de cor de laranja por dentro e por fora, e um telefone laranja. No entanto, "ele odiava a cor laranja em mulheres", disse George Jacobs. "Laranja era para ele e somente ele."

Frank nunca falava sobre sua música ou canto em casa, pela experiência de Peggy. Quando convidados apareciam, ele tocava principalmente música clássica. Durante o período de seu relacionamento com Peggy, ele era especialmente entusiasta da soprano italiana Renata Tebaldi, que tinha recentemente feito sua estreia na América com *Aida*.

Peggy dizia que Frank parecia "envergonhado por sua falta de educação formal. Ele não era um tolo. Era muito inteligente, intuitivo. Mas quando escrevia em uma máquina de escrever, não usava pontuação nem maíusculas. Acho que em vez de cometer enganos, ele simplesmente não pontuava nada."

"Ele lia. Ele sempre teve estes livros grandes, não importava o que fosse lançado naquele tempo. Mesmo quando ainda não tínhamos estado juntos por muito tempo, sentávamos à cama com travesseiros encostados nas costas. Ele lia algum de seus livros, ou o *script* para a gravação do dia seguinte. Lembro-me de

ele ler *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*, de Eugen Herrigel. Sinatra, o grande amante, deitado na cama com sua namorada estudiosa, lendo livros zen. Mesmo naquela época, isso me pareceu divertido."

Em seus momentos íntimos, Frank era um homem de poucas palavras. "Ele não era um falador. Não era frio, mas era reservado, autocontido. Ele guardava as coisas. Ele não era tímido, mas, sim, extremamente inibido. Nunca consegui que dançasse comigo – exceto uma vez, quando estávamos sozinhos em um clube e consegui que ele dançasse metade de uma música. Lembro-me, também, de uma vez num avião aterrissando em Palm Springs, quando balançou e ele derrubou café em si, por todo o corpo. Ele disse, 'Vou só limpar isso aqui', levantou e foi ao banheiro. Não saiu de lá novamente até que o avião tivesse aterrissado."

"Nunca o vi desligado ou com o olhar vago, sonhador. E nunca expôs seus sentimentos, nem uma única vez. Não era uma pessoa abertamente emotiva. Era importante para ele estar no comando de si mesmo..."

"Eu descobri o que é que você pode fazer quando tem dinheiro e poder o bastante. Uma vez, quando ele estava fumando e bebendo demais, e tinha uma sessão de gravação no dia seguinte, fiquei falando, 'Não fume esse cigarro, não beba essa dose', mas é claro que ele fez tudo, fumou e bebeu. Aí, quando chegamos a Hollywood, ele não conseguia cantar. Ele tentou uma série de canções e não conseguiu cantá-las. Você sabe o que este tipo de sessão envolve, o custo de tudo, quando músicos e estúdios são agendados. Mas ele apenas reagendou tudo e a refez depois, quando bem quis."

Frank conversava com Peggy sobre o hábito de beber demais que mantivera em anos passados. Ele disse a ela que "quando era mais jovem, mas já uma estrela, ele e um bando de amigos, os caras que moravam em volta de Nova York e Nova Jersey, costumavam pegar um quarto de hotel por um fim de semana e beber, beber e beber. Ele disse, 'Acordei em uma manhã e me encontrei enrolado em volta de uma caixa de correio na rua. Meu médico disse que era hora de eu endireitar e tomar conta de mim, ou eu não daria conta. Eu não duraria'".

Na metade dos anos 1950, o consumo de álcool preocupava sua namorada. "Ele me impressionou logo no começo em Palm Springs. As vezes em que ele bebia eram bem tarde, sozinho ou com amigos próximos. Estava com ele apenas Jimmy Van Heusen, ou então um ou dois dos seus amigos íntimos italianos. Eles sabiam como lidar com ele. Eu costumava encontrar as garrafas na cozinha pela manhã. Nunca era uma coisa do tipo de ele chegar tropeçando – foi só ficando

cada vez mais e mais silencioso. Eu via um homem obstinado que queria satisfação imediata, e que, quando não conseguia, ficava entediado. Eu só me mantinha fora do caminho dele."

Frank algumas vezes explodia de raiva, embora não frequentemente na frente de Peggy. "Se ele ficava com raiva", disse, "eu contava de zero a dez. Não havia muito o que fazer. Uma vez eu estava com ele na Itália e os *paparazzi* tinham estragado tudo. Você nem pode imaginar como é. Você não pode ir às compras, sair para comer, fazer nada. No aeroporto de Roma, quando estávamos partindo, ele finalmente tinha chegado ao limite. Estávamos sentados no avião, com os cintos de segurança apertados, e os urubus ainda estavam do lado de fora da porta. De repente, ele pediu desculpas, levantou-se e desapareceu porta afora. Ele voltou só um pouco eriçado, e sentou-se novamente. Só depois fui descobrir que ele tinha socado um deles."

Frank não suportava ser tocado. De acordo com uma história publicada na revista *Look*, quando um político das antigas colocou amigavelmente uma mão em seus ombros em 1956, ele foi rejeitado com um rosnado: " Tire a mão do meu terno, merda." Frank negou o ocorrido.

"Em bares ou casas noturnas em que ele estava cantando", lembrava Peggy, "as pessoas agiam com camaradagem, diziam 'Beba alguma coisa', ou algo assim, e tocavam em seu ombro." Ele virava um gelo, baixava o olho em direção àquela mão em seu braço e ficava olhando, e não se mexia até que tirassem a mão de lá... Se alguém o desagradava, ele deixava isso claro com uma expressão facial, ou simplesmente dizia: 'Daria tudo para não ter conhecido essas pessoas', ou se referia às pessoas como 'ratos malditos'. Ele usava demais essas expressões, seriamente ou brincando."

Não teve graça nenhuma o que ocorreu uma noite em Palm Springs. "Tínhamos ido jantar na cidade, e Jimmy Van Heusen foi buscar duas garotas e depois as trouxe para casa. Eu entrei antes deles na sala de estar e quase imediatamente houve uma barulheira atrás de mim. Uma das garotas tinha 'avançado' sobre Frank e, segundo Jimmy, ele fez um movimento característico – como que para repelir a moça – com seu braço. E de algum modo ela caiu e bateu a cabeça. Eu mesma não vi o que aconteceu. E lá estava ela machucada e sangrando muito. Uma ambulância foi chamada e a levou."

"Frank trancou-se em seu quarto, e não saía mais. Ele estava tremendamente envergonhado e arrependido. Finalmente, consegui entrar e ele estava sentado no escuro, no canto da cama, com a cabeça abaixada, realmente resignado. Ele se

chamava de ‘monstro’. ‘A mamãe’ teve que dizer, ‘Não, não, não! Você não é um monstro...’ Mas aquilo não o confortou muito.”

Peggy também estava ao lado de Frank, no começo de 1956, quando ele passou por uma grande decepção profissional. No fim do verão e no outono do ano anterior ele tinha dado tudo de si – algo que não se pode dizer de muitos dos seus cinquenta e seis filmes – para fazer *O Homem do Braço de Ouro*. Ele tinha se entusiasmado com o papel do protagonista, Frankie Machine, desde o momento em que leu o romance. Vencedor do primeiríssimo National Book Award, *O Homem do Braço de Ouro*, de Nelson Algren, era a história de um crupiê lutando para superar o vício em drogas e construir uma nova vida – um homem comum lutando contra a perda, um personagem que Frank conhecia bem.

Ele fez lobby para conseguir tomar o papel de Brando e trabalhou assiduamente para interpretá-lo bem. Ele se consultou com especialistas médicos e sentou-se atrás de um olho mágico para observar um verdadeiro viciado passando por abstinência de heroína. Ele cooperou com o diretor, Otto Preminger, comportou-se bem no set, em geral, e fez daquela uma performance memorável, comovente. O resultado foi um sucesso de bilheteria.

Se alguma vez Frank mereceu um Oscar, escreveu o crítico de cinema Daniel O’Brien em 1998, foi por *O Homem do Braço de Ouro*. Ele recebeu uma nomeação por Melhor Ator e em abril de 1956 foi à cerimônia do Oscar com grandes esperanças de vencer. Em vez dele, Ernest Borgnine foi quem ganhou, por sua atuação em *Marty*. Peggy Connelly, que estava com Frank naquela noite, lembrava-se do quanto ele estava angustiado. “Eu estava com vontade de ir às festas que dariam depois da cerimônia”, lembrou Peggy, “mas saímos, entramos no carro e fomos para casa. Ele entrou em seu quarto, não ligou a luz, apenas sentou na cama. Eu, finalmente, decidi entrar.”

“Eu me ajoelhei no chão e coloquei meus braços em volta dele. É embaraçoso agora lembrar o que eu disse a ele, ‘Isso é horrível. Ernie Borgnine é gordo e feio. Ele precisa disso para a carreira dele, mas você é Frank Sinatra e não precisa disso’. Mas ele tinha almejado aquele Oscar como se fosse sua última respiração, e eu estava tentando não deixá-lo afundar... Em alguns minutos, ele levantou-se e saiu.”

“Sendo um maníaco-depressivo de 18 quilates”, Frank diria a um entrevistador alguns anos mais tarde, “e tendo vivido uma vida de contradições emocionais violentas, tenho uma capacidade superacurada para a tristeza tanto

quanto para a emoção.” Também, evidentemente, uma capacidade para rápida recuperação. “No dia seguinte, na semana seguinte”, notou Peggy, “a questão de não ter conseguido o prêmio por *O Homem do Braço de Ouro* não voltou mais à pauta. Ele nunca dava um passo em falso. Ele tinha muito a fazer.”

Connelly, que tinha vivido na França por muitos anos, via paralelos entre as personalidades de Frank e do ator Alain Delon. “O charme de ambos”, concluiu, “estava todo envolto na mitologia que os franceses chamam de *caïd.* É uma antiga palavra árabe, usada na França para descrever um homem que é poderosamente atraente, mas fora da lei. Tal homem é conhecido por ser extravagante, mandão, convencido, cheio de bravata, duro com as mulheres – como uma figura da Máfia. Ele domina pessoas. Delon fazia papel de *caïd,* Frank vivia o personagem.”

Peggy fechava os olhos para a conexão de Frank com a Máfia enquanto estava com ele. “Eu costumava ficar com tanta raiva das pessoas que diziam ‘Você o conhecia bem. Ele era da Máfia, não era?’. Eu costumava dizer, ‘Bom, eu o vi no set e em sessões de gravação, e nunca o vi com uma metralhadora em suas mãos’. Engraçado, mas eles procuravam, e eu nunca procurei.” Mais tarde, ela admitiu para si que o fator Máfia tinha estado lá o tempo todo. Houve a história que ele tinha lhe contado sobre ter estado presente em uma reunião do alto escalão da Máfia; a noite em Nova York quando ele a apresentou a um grupo misterioso de homens e a advertiu para não perguntar por seus nomes; os convidados de fim de semana sobre os quais ele ficava muito sensível de comentar.

Anos antes de conhecer Frank, quando era uma adolescente, Peggy tinha visto um filme chamado *Sem Medo da Morte (The Enforcer)* e ficado com medo. “Fiquei tão apavorada”, lembrava, “pela ideia de que você pode estar andando pela rua e levar um tiro de alguém que nem te conhece. Lembro-me de pensar, ‘Por favor, Deus, proteja-me de chegar perto de algo como aquilo’. E ainda assim, enquanto eu estava com Frank, me encontrava naquela situação.”

“Quando íamos a Palm Springs e Frank dizia, ‘Vai ter alguém lá este fim de semana. Odeio isso, mas não há nada que eu possa fazer’. Este alguém era Joe Fischetti. Ele nunca saiu com a gente para jantar, pelo que me lembro. Ele só ficava lá. Ele ficaria durante a noite, depois iria embora...”.

“O quarto de Frank tinha um pequeno banheiro que nunca usei porque tinha portas de *saloon* – portas que não vão até o chão. O cômodo vizinho era o banheiro de hóspedes – fora do quarto de hóspedes. Em um fim de semana, no

meio da noite, levantei para ir ao banheiro de hóspedes. E assim que dei um passo para dentro, Joe Fischetti deu um passo para fora, nós dois completamente nus... Eu passei pela porta nua, na frente de um mafioso... Dei um grito e fechei a porta atrás de mim, e ele fez o mesmo."

Peggy pensava que Frank estava passando por "um período em que não queria estar associado com aquelas pessoas, não queria falar sobre aquilo, estava tentando subir socialmente... Mas ele costumava dizer que tinha que fazer o papel de anfitrião para várias pessoas... Ele sempre estremecia dolorosamente e dizia, 'tenho que fazer isso. Não posso fugir disso'."

Ao mesmo tempo, pensava ela, "Frank era fascinado por eles. Você não simplesmente joga isso fora... Você joga e range os dentes."

EM MAIS DE UM ANO de relacionamento com Peggy, Frank continuava tão calado sobre suas questões pessoais que ela achou que seu pai tinha morrido. Já sobre sua mãe, disse ela, ele a estava "evitando como se fosse uma praga... Eu me lembro de perguntar a ele porque é que tinha um assistente e não uma governanta, e ele disse, 'Eu não quero outra mulher por aqui. Já demorou muito para eu conseguir me livrar da minha mãe'." Frank nunca falava de Nancy perto de Peggy, e raramente de seus filhos, embora ele tenha, uma vez, trazido seu filho de doze anos para o jantar de Ação de Graças.

Tampouco compartilhava seus pensamentos sobre Ava Gardner, que, no começo de 1956, tinha deixado os Estados Unidos e se estabelecido na Espanha. Como queria o destino, entretanto, a Espanha era o destino do casal quando, a poucos dias da cerimônia do Oscar, eles tomaram um avião saindo de Los Angeles. Frank estava lá a trabalho em *Orgulho e Paixão (The Pride and the Passion)*, um filme épico baseado em um romance de C. S. Forester sobre a guerra entre os combatentes camponeses espanhóis e os franceses no século XIX. Ele fez o papel do líder da guerrilha espanhola, coestrelando com Cary Grant e Sophia Loren, e insistiu em fazer tudo o que normalmente é deixado para os dublês, como escalar montanhas, correr por explosões e fogos. Ele teve uma boa atuação, mas sua contrariedade superou até mesmo sua própria má reputação.

Ele recusou as acomodações da locação e insistiu em dirigir três horas até uma suíte no Castellano Hilton em Madrid. Reclamou sobre a comunicação precária e sobre a duração da agenda de filmagem. "Dezesseis semanas!", reclamou para o diretor, Stanley Kramer. "Não posso ficar em um lugar por

dezesseis semanas. Vou me matar."

"A tensão", disse Kramer de Frank, "caminha ao lado dele". Ele ficava em seu camarim com um "humor negro, raivoso", sentado por meia hora com sua cabeça curvada para a frente, mordendo seu próprio lábio inferior. Ele estava preocupado com seu cabelo ralo, que era compensado no filme por uma peruca inverossímil. Quando recebia ligações de um membro da equipe, às vezes fingia ser outra pessoa, só para adiar sua ida ao set. Uma vez, frustrado pelo tempo que uma filmagem noturna estava tomando, disse que ia urinar em Kramer se eles não terminassem até 11h30 da noite. Peggy, no meio-tempo, percebera que Frank estava bebendo muito do *brandy* espanhol Fundador. Ficar tão perto de Ava era algo difícil para ele suportar.

Ava tinha aguardado a chegada dele a Madrid. Ela tinha, anteriormente, conseguido uma exibição especial de *O Homem do Braço de Ouro* para ela própria e enviado um telegrama com cumprimentos. Ela estava rosnando por perto em um novo carro esporte, um presente de Frank, e tocando seus discos constantemente. Quando ele chegou, ela bancou a esposa com coração partido.

"Nós e nosso pessoal costumávamos ir a um restaurante toda noite", disse Peggy. "Ava aparecia lá também. Se ela estivesse lá quando chegássemos, ela se levantava e corria para fora. Algumas vezes em lágrimas. Ou então acontecia de estarmos lá primeiro, ela chegar e sair às pressas quando percebia que estávamos lá... Uma amiga tinha me dito, 'Tome cuidado. Ava pode apelar para a violência física, ela é capaz de arremessar uma garrafa'. Mas era sempre ela que saía correndo chorando e eu sabia que aquilo ia ter algum tipo de desfecho. Não sou uma boba, e sabia que Frank iria encontrar-se com ela se tivesse chance para isso."

O desfecho veio quando Peggy voltou para a suíte no Hilton, depois de uma breve viagem para fora do país. "Ele não foi rápido o suficiente. A primeira coisa que vi foi a cama desarrumada e a bagunça no quarto, foi quando soube que algo tinha acontecido. Aí, vislumbrei Ava pela porta da sala de estar. Mas entrei de qualquer forma para pegar minha correspondência. Ela estava sentada no sofá, enrolada, lendo o jornal e vestindo o roupão de banho de Frank."

"Eu não tive dúvida nenhuma de que Ava tinha passado a noite lá. Eu disse algo como, 'Esta é uma situação desconfortável, não é?' Ela não respondeu, apenas dirigiu a mim um olhar lancinante, então peguei minha correspondência e saí. Fui até a locação para encontrar Frank para o almoço. Ele não podia ter sido mais frio. Um beijo, aí me perguntou, 'Como estavam as coisas no hotel?', uma

observação completamente idiota, a não ser que houvesse algo de errado no hotel. Eu disse, com a mesma frieza, ‘Lotado’. E ele disse, ‘Ah, ela ainda estava lá?’ Não houve drama. Pela maneira como ele falou, Ava podia ser qualquer garota que ele tivesse deixado no hotel, até uma prostituta.”

Ainda assim, Frank mal podia esperar para sair da Espanha. No final de julho, semanas antes de suas cenas estarem prontas e sob protestos do diretor, ele voou de volta para os Estados Unidos. Assim que aterrissou em Nova York, Ava comunicou que o divórcio tão esperado estava perto da conclusão. Ela deu a entender que poderia vir a casar com seu mais novo pretendente, o comediante italiano Walter Chiari.

Diz-se que Frank teria reagido “como um homem louco” às histórias sobre Chiari e teria se encolhido “como um cão surrado” quando Ava falou mal dele em uma entrevista. Ela chegou a chamá-lo de “Sr. Sinada”, uma piada com seu nome e a palavra espanhola “nada”.

Frank compensou com gestos extravagantes de afeição por outras mulheres. Ele deu a Peggy um Thunderbird branco – o mesmo modelo que recentemente tinha ajudado Ellie Graham, uma amante de ocasião, que há pouco tinha abortado um filho dele, a comprar. No Lipsey, em Beverly Hills, bem antes do Natal, comprou um casaco de pele de marta para Peggy, outro para Nancy e um terceiro para sua secretária. Além disso, pediu Peggy em casamento.

“Foi algo do tipo: ‘Você não acha que devemos nos casar?’”, lembrava Peggy. “Meu ego me impediu de dizer, ‘Ai, querido, sim’, porque sabia vagamente sobre suas saídas escondidas com outras mulheres. Eu pensei, ‘Vou precisar de algo mais sério do que isso antes de aceitar’.”

O caso com Peggy duraria pela maior parte de 1957. Frank chegou até a pedi-la em casamento novamente, mas novamente ela recusou. O encontro com Ava, ela não conseguia mais ignorar os buchichos sobre outras mulheres, sobre a relação de Frank com prostitutas; ela sabia que nunca conseguiria viver com aquilo. Além disso, ela queria ir atrás de sua carreira como cantora, e ele não queria que ela trabalhasse. Em um fim de semana em Palm Springs, Peggy inventou uma desculpa para ir embora. Ela nunca mais voltou e logo depois se casou com Dick Martin, que era um comediante promissor.

Em maio daquele ano, Frank gravou uma nova e longa versão de *I’m a Fool to Want You* para o LP intitulado *Where Are You*?. Ava estava no México, trabalhando em seu novo filme, *O Sol Também se Levanta (The Sun Also Rises)*, e se comportando mal. Ela saía com uma série de homens e bebia muito.

Encurralou um grupo de músicos, os levou ao seu hotel, então telefonou para Frank em Hollywood para que ele pudesse ouvir as lamentosas canções de amor espanholas que eles tocavam. O escritor Peter Viertel, a quem ela implorou que dormisse ao seu lado uma noite, achou que ela estava nas garras da "solidão que quase causava pânico."

Aí então, antes de deixar o México, ela acionou Frank por divórcio pela última vez − em razão do abandono. O decreto foi emitido no começo de julho, um marco que a *Newsweek* resumiu da seguinte maneira:

Divorciados: A atriz de cinema AVA GARDNER, 34, do cantor e ator FRANK SINATRA, 39, depois de quase quatro anos de separação.

Frank, na verdade, tinha quase 42 anos. Ele e sua equipe de relações públicas vinham há muito espalhando que ele era um ou dois anos mais jovem do que na realidade.

Frank estava cada vez mais sozinho. "Meu pai", Tina Sinatra diria anos depois, "era um homem intenso que não conseguia se ater a um relacionamento íntimo significativo".

NO COMEÇO DE 1956, lembrava Peggy, Frank tinha se envolvido em um projeto musical baseado em versos de Norman Sickel, um poeta pouco conhecido. Sickel tinha escrito uma série de doze poemas interconectados, cada um dedicado a uma cor. Frank encomendou a um grupo de compositores a produção de música que combinasse com o clima dos poemas e ele próprio conduziu a orquestração resultante. Deu ao álbum o nome de *Tone Poems of Color*, lançado com os poemas impressos na capa.

Gilbert Gigliotti, professor de inglês que leciona um curso sobre Sinatra na Central Connecticut State University e que escreveu um livro sobre o cantor, dedicou um capítulo inteiro aos poemas e ao álbum. Os versos que tanto interessaram a Sinatra, escreveu ele, "assombram o leitor com sua perversidade... descrevem um universo torturado no qual ganância, altivez e intriga dominam o riso, o amor e a inocência". Para Gigliotti, *Tone Poems* reflete um Sinatra que, inicialmente ídolo de fãs mulheres, agora fala cada vez mais aos homens americanos desiludidos. Os poemas, como pensa o autor, transmitem a sensação de um homem abandonado "ensanguentado e sozinho" pelo amor, um homem mais interessado agora em controlar mulheres do que em romanceá-las.

Frank uma vez disse que preferia a cor laranja acima de todas as outras

porque era a “mais alegre”. O laranja dos poemas, no entanto, tem mais a ver com cinismo do que com felicidade:

> *Orange is the gay*
> *deceiver*
> *and I do deceive*
> *but nicely...*
> *My shade is correct*
> *and stylish,*
> *but never will it pierce*
> *my skin*
> *to affect my soul...*[112]

Do jeito que foi arranjada por Frank, a sequência de cores começava positivamente o bastante com “véu branco nupcial” e verde, uma evocação do amor gratificante. Conforme os poemas se moviam pela paleta, porém, a melancolia predominava. O azul, perto do fim, era para “o sonhador” que tinha “feito da solidão uma amiga”. O vermelho, a cor final, era “violento”, desgastante, indo mais e mais rápido “sem saber aonde ir ou por quê”.

Frank, de fato, parecia sentir um vazio emocional. Quando uma mulher caía de amores por ele, ou se tornava especial, sua tendência era dispensá-la. Por anos a fio haveria muito mais sexo do que amor. Com exceção de alguns camaradas do peito, agora depositava menos confiança na amizade. Durante seu curto colapso profissional, disse, ele “perdeu muita fé na natureza humana... Um monte dos chamados amigos desapareceu.” Eles tinham sido “como minha sombra, que só está lá quando o sol está brilhando”.

Um refúgio ocasional era a casa de Nancy e seus três filhos, que viviam em Holmby Hills. Quantas vezes ele não caía logo no sono no sofá quando ia visitá-los. De tempos em tempos, Tina deu a entender, Nancy até deixava que ele fosse para sua cama. Quanto às crianças, tentava compensar as longas ausências com presentes caros; em um Natal, quando sua filha Nancy tinha apenas quinze anos, ela encontrou um Chevrolet conversível, embrulhado para presente, parado na rua da casa.

Mesmo os filhos, entretanto, viam o outro lado de seu pai. “Numa noite”, disse Doug Prestine, o filho de um vizinho que tinha amizade com Frank Jr. , de treze anos, “nós dois estávamos vendo televisão na biblioteca da casa dos Sinatra

quando o Grande Frank bateu contra o portão com seu Cadillac... Ele estava completamente bêbado, vestindo um smoking branco todo rasgado e sujo... Ele balbuciou suas palavras e disse, 'O que vocês dois estão fazendo?'... Eu nunca tinha visto um homem crescido bêbado antes, mas Frankie não estava nem um pouco surpreso."

"Ele saiu muito resoluto, tirou seu pai do carro e o carregou para dentro de casa, onde tentamos dar um banho nele e enfiar algum café goela abaixo. Então, o Grande Frank desmaiou no sofá e nós voltamos a ver TV. Frankie agiu como se aquilo acontecesse o tempo todo."

Quando estava em Las Vegas para ver Frank durante uma pausa na gravação de *Alta Sociedade*, Bing Crosby ficou sabendo que ele estava à beira de um colapso, causado por "falta de sono e descanso, e muita bebida". Em um jantar para o comediante Jack Benny, no Friars Club, Frank entornou a maior parte de uma garrafa de uísque.

Bebidas eram combustível para a raiva dele contra pessoas que considerava inimigos. Depois de anos de elogios rasgados sobre Frank, Dorothy Kilgallen o ofendeu em 1956 com uma série de artigos cáusticos que começavam chamando-o de "Jekyll e Hyde em roupas de malandro trapaceiro". Frank ficou enfurecido primeiramente em particular, entre amigos. Um deles, Armand Deutsch, lembrava-se dele arremessando dardos em uma prancha que tinha uma "semelhança medonha" com três colunistas, Kilgallen, Louella Parsons e Hedda Hopper. Futuramente, acabaria por insultar publicamente Kilgallen, e ainda a xingaria no palco, em Las Vegas, enquanto estava obviamente bêbado, muito depois de sua morte.

Frank saiu de um clube em Sunset Strip, numa noite na metade dos anos 1950, com um copo na mão e discutiu com um jornalista que estava à espera, Bill Byron. Eles acusaram um ao outro de ter começado a briga, mas o herdeiro de Maxwell House, Bob Neal, que estava presente, disse depois que Frank "forçou o jornalista para dentro de uma cabine telefônica e aí a fechou". Quando saiu, disse Byron, Frank "virou para mim e me chutou nas canelas."

Quando Bill Davidson, da revista *Look*, reportou o caso, Frank processou o editor. A viúva de Davidson disse que, depois daquilo, num encontro em um hotel, "Bill estava sentado no restaurante e Sinatra estava a uma mesa ou duas com seus capangas... Eles levantaram e vieram até a mesa para tentar dar um jeito nele". Davidson, um ex-atleta, revidou o quanto pôde.

Posta de lado a arrogância de garoto valentão, a solidão de Frank, no fim dos

anos 1950, aparecia tanto em seu trabalho quanto na vida pessoal. Ele gravou o álbum *Only the Lonely*, uma coleção de canções sombrias – canções de *saloon*, ele as chamava – sobre tristeza e perda. O álbum era tão melancólico, disse uma vez Frank Jr., que "deveria ficar disponível apenas em drogarias com prescrição médica".

A faixa favorita de Frank no álbum era *Angel Eyes*[113]. "Anjo" tinha sido o apelido dele para Ava, quando as coisas estavam bem entre eles. Nos anos 1970, ele fecharia seu concerto "de aposentadoria" com esta canção:

> *… have fun, you happy people*
> *The drink and laugh's on me.*[114]

Não muito antes do divórcio de Ava e do rompimento com Peggy Connelly, Frank tinha se mudado para uma nova casa no alto de Coldwater Canyon, em Beverly Hills. Era um lugar deliberadamente isolado, no fim de uma longa estrada e fechado por um portão controlado eletronicamente. Em uma placa na entrada, lia-se: "Se Você Não Foi Convidado Tenha Uma Maldita Boa Razão Para Tocar a Campainha!".

Muitas noites, as pessoas que viviam mais abaixo da montanha ouviam música clássica vindo da casa, tocando horas a fio. As luzes frequentemente ficavam acesas a noite toda e, às vezes, vizinhos viam a silhueta de uma figura solitária lá acima, debruçada sobre um telescópio, olhando as estrelas.

Em outras ocasiões, Frank reunia companhias brilhantes em volta de si. "Dirigi até aqui esta manhã para passar um tempo com Frankie", o dramaturgo inglês Noël Coward escreveu em seu diário depois de passar o Ano-Novo na casa de Palm Springs. "Pessoas de todas as formas e tamanhos rodopiando pela sua pequena casa como ondas do mar implacáveis... Bogie empurrou Irving Lazar para dentro da piscina e Irving Lazar fez o mesmo... O caos reinante é liderado por Frankie, que consegue, aparentemente sem esforço, ser alegre e incansável... Ele é uma personalidade memorável – forte, vulnerável e, de alguma maneira, tocante."

Quando Humphrey Bogart e Lauren Bacall estavam indo embora naquela noite, Frank pediu a eles que ficassem. Bacall achou que ele parecia "desamparado", e então disse ao marido que eles deviam ficar. "Não", disse Bogart. "É muito ruim que ele esteja sozinho, mas é escolha dele... Ele escolheu viver do jeito que está vivendo – sozinho."

21

Betty

FRANK CONHECIA OS BOGART desde o período logo após a guerra, quando apareceram no rádio juntos. Ele tinha velejado no iate de Bogart, saído para beber com ele e Henry Fonda. Lauren Bacall recordava que, desde 1954, quando Frank estava em uma maré baixa depois da separação de Ava, ele "praticamente morava em nossa casa... cinco ou seis dias na semana".

Bogart, como pensava Brad Dexter, era "um cara que Frank idolatrava" − como nenhum outro homem em qualquer momento de sua vida. Bacall − "Betty" para os íntimos – achava que ele parecia "venerar Bogie". Na superfície, havia similaridades entre os dois. Ambos tinham atingido o auge do estrelato mais ou menos ao mesmo tempo. Ambos tinham ganhado o Oscar – Bogart como Melhor Ator em *Uma Aventura na África (The African Queen)*. Ambos eram homens pequenos com cabelo sumindo – Bogart usava perucas também – e, ainda assim, legiões de mulheres os achavam atraentes. Ambos tinham imagens de valentões e eram beberrões. Ambos tinham se oposto ao Un-American Acitivities Committee e eram conhecidos como liberais.

Na realidade, eles eram muito diferentes. Bogart, filho de um cirurgião conhecido de Nova York, teve uma infância privilegiada. Ele havia sido enviado para uma escola particular na expectativa de que entrasse em uma faculdade da Ivy League[115], e servido a Marinha por um curto período no final da Primeira Guerra Mundial. Ele tinha 54 anos, contra os 38 de Frank, quando a amizade dos dois começou.

Bogart era bem casado com Bacall havia nove anos. Como Sinatra, frequentemente entrava em confrontos de ira, mas evitava ir para as vias de fato. Ele tinha moderado seu hábito de beber. Embora não fosse o grande ideal de fidelidade conjugal, não era um mulherengo. Bacall achava que o autocontrole

de Bogart com relação às mulheres intrigava e fascinava Frank. “Ele simplesmente não conseguia entender como um homem podia não apenas ser talentoso, mas inteligente, e além disso ter uma família e não ficar por aí ferrando tudo. Ele simplesmente não entendia como alguém podia fazer aquilo, porque tudo o que *ele* fazia era ferrar com tudo.”

Bogart era excepcionalmente bem letrado, articulado em uma vasta gama de assuntos, e Frank o via como mentor. Ele lastimava sua própria falta de educação mais e mais a cada ano que passava, e frequentemente perguntava a Bogart quais livros ele deveria ler. “Acho que somos pais substitutos para ele, ou coisa parecida”, disse Bogart certa vez para o escritor Richard Gehman. Ele via Frank como alguém que não era “emocionalmente adulto”, como um homem que deveria “ficar longe das mulheres” e concentrar-se em atuar. Mesmo assim, disse Bacall, gostava de Frank e “se divertia com suas ‘batalhas contra moinhos de vento’.”

Ficar perto dos Bogart trouxe a Frank boa alegria em um tempo de treva pessoal. A casa do casal em Mapleton Drive, nas Holmby Hills, foi descrita por um amigo como “um tipo de casa sempre aberta a todos”. Quando a luz acima da porta da frente estava acesa, os amigos sabiam que eram bem-vindos para entrar e beber.

Frank acabou tomando parte de um círculo social que incluía Judy Garland, John Huston, David Niven, o “Príncipe” Mike Romanoff do restaurante Romanoff, o roteirista Nunnally Johnson e Swifty Lazar. Outros amigos eram Spencer Tracy e Katharine Hepburn, o jovem Richard Burton e Adlai Stevenson. Como lembrava Rosemary Clooney, uma festa na casa dos Bogart era um “redemoinho de música e risada”.

Havia também exóticos fins de semana à bordo, pois Bogart era um ávido velejador. “Nós ancoramos em Cherry Cove”, Niven escreveu sobre uma dessas viagens, “e Frank Sinatra ancorou-se ao nosso lado, em um barco a motor alugado com várias garotas bonitas e um pequeno piano. Depois do jantar, acompanhado por Jimmy Van Heusen, Sinatra começou a cantar. Ele cantou a noite toda... Seu talento monumental e fraseado requintado, aquecidos por uma garrafa de Jack Daniel’s em cima do piano... Ele cantou até a lua e as estrelas se empalidecerem no céu que antecedia o alvorecer.”

Burton, que também estava lá, tinha lembranças diferentes. “Frank, de fato, cantou a noite toda”, anotou em seu diário depois de ler a versão de Niven, “mas Bogie e eu saímos para caçar lagostas, e Frank ficou muito puto com Bogie...

Ninguém conseguia fazer Frank parar de cantar e cantar... Bogie e Frank quase chegaram às vias de fato no dia seguinte por causa da cantoria da noite anterior, e eu levei Betty para casa porque ela estava com ódio das explosões de Bogie para cima da cantoria de Frank... Bogie era desnecessariamente cruel."

Bogart podia na verdade assumir para si muito do estilo extravagante de Frank, a exemplo do que se passou em junho de 1955 quando ele levou amigos até Los Angeles, de avião, para celebrarem a estreia de Noël Coward em Las Vegas. Frank ostentou "quatro dias e quatro noites de autoindulgência concentrada", lembrava Niven, "apartamentos individuais para todos... comida e bebida 24 horas por dia... uma grande bolsa de dólares de presente para cada garota da festa gastar em apostas". Toda a festa foi, então, transferida para a casa de Frank em Palm Springs, onde continuaria durante o fim de semana.

O grau de extravagância logo enfastiou Bogart. Tanto quanto qualquer outro, no entanto, ele gostava da energia frenética do grupinho indisciplinado que formavam.

O RAT PACK[116] ORIGINAL tinha nascido de uma noite de bebedeira no Romanoff, segundo Joe Hyams, um jornalista que conhecia a maioria dos envolvidos. O grupo da vez, como descobriu, tinha decidido formar "uma organização com uma plataforma de iconoclastia... contra tudo e todos, inclusive contra eles mesmos". Hyams entrevistou Bogart e então escreveu uma história que apareceu no *New York Herald Tribune* no dia 15 de dezembro de 1955:

"O Rat Pack de Holmby Hills teve sua primeira reunião anual na noite passada, no restaurante Romanoff em Beverly Hills, e elegeu os representantes oficiais para o próximo ano. Os nomeados para as posições executivas foram: Frank Sinatra, líder do bando; Judy Garland, primeira vice-presidente; Lauren Bacall, a mãe... Humphrey Bogart, o "rat"[117] encarregado das relações públicas; Irving Lazar, secretário de registros e tesoureiro".

Os membros fundadores, os leitores foram informados, tinham aprovado um brasão de armas desenhado pelo historiador do Rat Pack, Nathaniel Benchley, amigo de Bogart e filho de Robert Benchley, um renomado intelectual e membro da Algonquin Round Table[118]. O brasão trazia um rato roendo uma mão humana, e a legenda "Nunca seja um rato para um rato". Os membros logo estariam usando prendedores de lapela em formato de cabeça de rato, com rubis como seus olhos. A organização, como diria Bogart a Hyams, não tinha outra

função além do “alívio para o tédio e a perpetuação da independência. Admiramos a nós mesmos e não ligamos para mais ninguém”.

De acordo com Niven, o grupo ficou com este nome quando Bacall disse aos sobreviventes ressacados do recente bacanal em Las Vegas que eles pareciam “um maldito bando de ratos”. O executivo do Hotel Sands, Jack Entrater, então, enviou a cada membro do grupo um rato branco – embrulhado para presente. Segundo Hyams, foi em Beverly Hills, no Romanoff, que Bacall recebeu seus amigos − “adultos que agiam a maior parte do tempo como delinquentes superprivilegiados” − com a tirada, “vejo que o Rat Pack está todo aqui”. Bogart disse que o nome derivava do nome que ele costumava usar para os carros de corrida ingleses que ele e seus colegas possuíam, os Beverly Hills Rat Traps[119].

“Dizemos Ratos”, disse Bogart a outro repórter, “por ficarmos de pé até tarde e bebermos muito. Somos contra os quadradões e contra ficar entediado, e a favor de muita diversão.” Os membros tinham de ser “contra a *PTA*[120]”, brincou sua esposa, “têm de ficar de pé até tarde e beber e rir bastante, e não ligar para o que qualquer pessoa disser ou pensar de você.”

Louella Parsons não achou graça. Ela sabia, como escreveu em sua coluna, “que você e seus bons amigos se encontram apenas para reuniões sociais ou para expedições animadas de fim de semana na casa de Sinatra em Palm Springs... Seria tudo muito engraçado se não fosse pelo fato de que vários adolescentes levam muito a sério tudo o que as estrelas de cinema fazem.” “As pessoas trabalharam por anos para conferir dignidade à nossa profissão”, disse William Holden. “Pode parecer careta e enfadonho, mas é bem possível para pessoas ter relações sociais sem recorrer a um bando de ratos.”

Hollywood já tinha visto grupos parecidos antes. John Barrymore e depois Errol Flynn tinham presidido seus próprios círculos de beberrões dedicados. Bogart insistia que seu pequeno grupo era apenas uma piada. No entanto, dois meses depois de seu comunicado sobre o Rat Pack, o riso acabou. Durante um fim de semana na casa de Frank em Palm Springs, os amigos ficaram sabendo que Bogart estava com câncer na garganta.

Frank era um apoio inabalável quando a saúde de seus amigos estava mal. Quando estava na Califórnia, ele visitava Bogart em casa quase todo dia. No verão de 1956, quando estava na Espanha fazendo *Orgulho e Paixão*, telefonava ou enviava telegramas. “Ele levantava o astral de Bogie quando estava com ele”, lembrava Bacall, “ele mantinha o ritmo do “ring-a-ding"[121] em alta

velocidade". Enquanto Bogart definhava, ele fazia piadas de seu amigo franzino Frank. "Eu perdi tanto peso", disse o ator doente ao escritor Charles Hamblett, "que isso preocupou Sinatra. Ele esteve aqui ontem à tarde e ficou com ciúmes da minha cintura."

Em janeiro de 1957, em suas últimas horas de plena consciência, Bogart assistiu ao filme de Frank de 1945, *Marujos do Amor*, na televisão. Quando morreu, 36 horas depois, Frank estava em Nova York tocando no Copacabana. Ele cancelou as apresentações e trancou-se em seu quarto, evitando ligações de todos, exceto de Bacall. E então, depois de dizer a ela que ele planejava tomar o avião de volta para o funeral, pediu a Peggy Connelly que fosse em seu lugar.

Frank não parecia especialmente emocionado quando ligou para falar do funeral. "Ele *nunca* expunha seus sentimentos", disse Peggy.

O CASAMENTO DE "BOGIE E BACALL" é comumente retratado como o romance do *show business* de seu tempo, sendo a morte de Bogart seu último ato trágico. Ainda assim, nem tudo era perfeito.

Verita Thompson, cabeleireira e assistente pessoal de Bogart, disse, anos mais tarde, que ela tinha tido um longo e esporádico caso com ele que se manteve até 1954, tomando nove anos do casamento com Bacall. O diretor Nicholas Ray, que conhecia bem Bogart e dirigiu dois de seus filmes, alegava que Bacall também não era o ideal de fidelidade.

Bacall tinha conseguido fama em 1944, depois de fazer o papel da antagonista de Bogart em *Uma Aventura na Martinica (To Have and Have Not)*. Ela tinha dezenove anos na época, 25 anos mais jovem do que o homem com quem se casaria em breve. Nos anos 1950, contou ela em suas memórias, ficara ocasionalmente tentada a se perder por aí. Ela teve uma "paixão" por Adlai Stevenson, a quem foi apresentada durante a campanha presidencial de 1952. Como escreveu, "Seu jeito paquerador me encorajou", e ela o via quando podia. No ano seguinte, sentiu-se "muito atraída" pelo compositor Leonard Bernstein. "Se Lenny e eu estivéssemos livres", disse ela, "só Deus sabe que loucura teria sido."

De acordo com sua versão, nenhuma loucura, de fato, aconteceu. "Nunca me atrevi... Eu sabia que Bogie – não importasse o quanto me amasse − suportaria flertes, mas se alguma vez eu realmente fizesse algo, ele me deixaria."

Peggy Connelly suspeitava que Frank e Bacall tinham começado um caso antes de Bogart morrer. "Frank amava Bogart", disse ela, "mas com sua mulher

era... outra coisa.” “Não era segredo para nenhum de nós”, disse o dramaturgo Ketti Frings. “Todo mundo sabia sobre Betty e Frank. Nós só esperávamos que Bogie não descobrisse. Aquilo teria sido mais mortal para ele do que o câncer”. Bogart não sabia sobre a “verdadeira relação” de sua mulher com Frank, disse Verita Thompson. Entretanto, o ator William Campbell achava que Bogart estava inquieto por causa daquilo. “Foi assim que eu peguei o que estava acontecendo... Porque havia algum relacionamento ali, mais da parte dela do que dele. E eu acho que Bogart estava atento a isso.”

Bogart ainda estava preocupado com isso alguns meses antes de morrer. Quando Frank preparou uma festa de aniversário para Bacall em Las Vegas, em setembro de 1956, seu marido ficou de fora. Ele estava “irritado e ressentido” quando ela voltou para casa, e ela logo descobriu por que. “Ele era meio enciumado de Frank”, lembrava Bacall, “em parte porque achava que Frank estava apaixonado por mim, e em parte porque nossa vida íntima, que antes fora muito boa, não mais florescia da mesma forma com a sua doença.”

Em contraste, disse ela, Frank “representava saúde física...”. Ele era “loucamente atraente, eletrizante... Deve ter sempre havido um sentimento especial entre mim e Frank.”

Nas semanas que se seguiram à morte de Bogart, o sentimento especial se intensificou. Na primavera de 1957, Frank e Bacall estavam saindo juntos. Em 5 de julho, dia em que o divórcio entre Frank e Ava saiu, ele e Bacall estavam cruzando a costa da Califórnia a bordo de um iate alugado. “Depois daquele fim de semana”, disse ela, “o relacionamento só cresceu”. Frank era “muito atencioso, muito cuidadoso, muito amável, e doce com as crianças”.

Porém, em retrospecto, Bacall podia ver que as coisas nunca estiveram bem certas, mesmo naquela época. Frank tinha se tornado inexplicavelmente “distante – educado, mas distante”, antes da viagem de barco. O cruzeiro tinha sido desmarcado, e de repente, confirmado outra vez. Durante a viagem, ela lembrou com cansaço, Frank “ficou bêbado e arrumou briga com um garçom... Ele sempre fazia isso”.

Em setembro, ela vendeu a casa que tinha dividido com Bogart em Mapleton Drive, porque sentiu que “Frank se sentiria melhor se eu me mudasse”. Alugou outra casa, tendo feito antes disso a transferência de suas mudas de Clívia para o jardim de Frank, porque “elas tinham sua cor preferida, o laranja”.

No Natal, poucos meses depois de sua mais recente proposta de casamento para Peggy Connelly, Frank pediu a Bacall que se casasse com ele. A maneira

como ela respondeu não estava clara, mas dois dias depois do Ano-Novo ele ficou bêbado e se comportou “como um maníaco”. “Ele está, de fato, agindo de forma peculiar”, disse Bacall a Jack Entratter, um convidado de honra em Palm Springs. “Acho que eu devia sair daqui”. Por mais de um mês o casal não teve contato nenhum.

Em março, em Los Angeles, Frank veio vê-la. Ele parecia arrependido e a pediu em casamento novamente. “Eu disse, ‘Oh, bom – o que mudou?’”, lembrou Bacall, mas, “ele foi muito convincente... todas as minhas barreiras caíram... eu disse, ‘Ok’.”

Quando comeram em um restaurante japonês naquela noite, uma pessoa que estava jantando veio até eles para pedir autógrafos. Frank a incentivou: “Coloque seu novo nome”, e ela rabiscou “Betty Sinatra” em um guardanapo. Quando ele partiu alguns dias depois para cantar em Fontainebleau, em Miami Beach, Bacall sentia-se abençoadamente feliz. “As crianças teriam um pai, eu teria um marido, teríamos um lar novamente.”

Apenas uns dias depois, em 12 de março, jornais alardeavam: “Sinatra casa com Lauren Bacall”; “'Oh, Frankie!’ suspira Lauren... Ele disparou a pergunta depois do sukiyaki”. “Núpcias talvez, na época do Oscar”.

A história tinha vazado pelo agente Swifty Lazar, com quem o casal tinha compartilhado as novidades desde o começo, ou pela própria Bacall. Segundo um jornalista, ela disse que Frank havia feito o pedido e que ela pretendia casar-se com ele. Outro mencionou que ela havia dito, “Eu não sei de nada. Liguem para Miami”.

Os repórteres, de fato, ligaram para Miami e uma entrevista com um porta-voz de imprensa levou a uma manchete muito diferente: “Sinatra não vai dizer se vai se casar com Bacall”. Quando um repórter perguntou a Frank se o casamento estava certo, recebeu uma resposta brutal. “Para quê? Só para eu ter que chegar em casa mais cedo toda noite? Maluquice!”

Bacall telefonou para Frank logo que a história estourou, e ele não parecia bravo. Então, poucos dias depois, Frank ligou acusando-a de ter deixado vazar o pedido de casamento para a imprensa. Então, ele simplesmente cortou todo o contato. Um mês depois, quando os dois jantavam na casa de amigos em comum, ele a ignorou completamente. Ele fez o mesmo quando se esbarraram depois de um concerto em Palm Springs. “Minha humilhação foi indescritível”, lembrava Bacall. Frank tinha agido “como um completo merda”. Por anos, eles não se falariam, de forma alguma.

Ocorreu para ela, mais tarde, que o casamento teria sido fadado ao fracasso, de qualquer modo. Ele logo seria infiel, “porque era o que ele fazia. Este é o *Swingin’ Guy*[122]”. Quando tinha sido esposa de Bogart, em contraste, ela tinha sido “casada com um homem crescido”. Ela via Frank como “incrivelmente juvenil e inseguro”. Se Bacall tivesse se casado com Frank, como ela disse ao diretor Peter Bogdanovich em 2002, “não teria conseguido viver com aquela maldita personalidade inconstante”.

Swifty Lazar, que era próximo tanto de Sinatra quanto de Bacall, achava Frank “algo beirando a linha entre o homem mais generoso do mundo e um completo de um merda”.

22
O líder do bando

QUANDO FRANK SINATRA ALCANÇOU novamente o auge da música popular, o rock’n’roll estourava ao seu redor. Em junho de 1956, a revista *Time* observou um abalo sísmico: “Uma guitarra elétrica tão alta que seu som estilhaça e parte... Um grupo vocal que arrepia e se exercita violentamente no compasso da música enquanto entoa de forma tosca uma frase quase sem sentido, uma letra imbecil em linguagem caipira.”

Aos filhos adolescentes das *bobbysoxers* de Sinatra, pouco importava o que pensava a *Time*. Agora eles compravam quase metade dos discos vendidos nos Estados Unidos e tinham seus próprios ídolos. O primeiro hit do rock’n’roll, uma canção chamada *Sh-Boom*, de um grupo chamado Crew Cuts, havia alcançado o topo das paradas já em 1954. No ano seguinte, *Rock Around the Clock*, de Bill Haley, também havia chegado à primeira posição. Em 1956, *Heartbreak Hotel*, *Hound Dog* e *Don’t Be Cruel*, lançadas por um ex-caminhoneiro chamado Elvis Presley, mudaram a história da música pop.

Com suas caretas e rebolado, Presley em ação era a luxúria em pessoa, tanto que por um tempo a televisão relutou em mostrar seus quadris sacolejantes. Ele era uma afronta à América da classe média, o que era parte das características que lhe trouxeram a devoção adolescente.

Ironicamente, foi na televisão que Presley foi apresentado por Tommy Dorsey à nação, durante um programa de variedades da CBS. Então com cinquenta anos de idade, o homem que havia contribuído para a ascensão extraordinária de Frank parecia gasto e antiquado ao lado de Presley com 21 anos. Dorsey morreu logo depois disso, engasgado durante o sono após um enorme jantar seguido de pílulas para dormir. Depois de mais uma apresentação na TV, no programa de Ed Sullivan, os discos de Presley, segundo relatos,

estavam rendendo setenta e cinco mil dólares por dia (quinhentos mil dólares hoje).

Enquanto Presley triunfava, Frank observava, ouvia e cismava. Junto com Dorsey morria uma era, como havia escrito em uma carta, e Sinatra sentia-se ameaçado. Ele "odiava Elvis tanto", lembrou George Jacobs, "que ficava sentado sozinho no seu estúdio, sobre a mesa de som, ouvindo cada nova faixa repetidamente... Ele estava tentando descobrir que diabos era essa coisa nova, artística (embora nunca fosse admitir que isso fosse arte) e culturalmente (embora nunca fosse admitir que isso fosse cultura). Por que é que o público estava curtindo essa coisa? O que isso tinha? Essas perguntas levaram a melhor sobre o Sr. S.".

Num artigo de revista de 1957, Frank declarou que o rock'n'roll era "a forma de expressão mais brutal, feia, degenerada e depravada que já tive o desprazer de ouvir... Ele fomenta reações quase totalmente negativas e destrutivas nos jovens. Cheira à imitação barata. É cantado, tocado e escrito na maior parte por babacas cretinos e por meio de suas reiterações quase imbecis e letras maliciosas e lascivas – em outras palavras, obscenas".

Frank achava que a mania pelo rock'n'roll poderia arruinar o mercado para sua música. Por um tempo, preocupado com seus ganhos, ele fez concessões e gravou algumas canções que flertavam um pouco com o rock. Foi, contudo, fazendo o que fazia de melhor, de novas e fascinantes maneiras, que alcançou novamente um sucesso fabuloso.

Em 1957 e 1958 foram lançadas *All the Way*, *I Couldn't Sleep a Wink Last Night*, *Come Fly with Me*, *Let's Get Away from It All*, *It's Nice to Go Trav'ling*, *Moonlight in Vermont*, *Only the Lonely*, *Angel Eyes* e *One for My Baby*. O álbum *Only the Lonely* chegou à primeira posição e permaneceu nas paradas for dois anos e meio. *Only the Lonely* e *Come Fly with Me* foram os dois álbuns que mais venderam em 1958. No ano seguinte foram lançadas mais canções de ressonância duradoura: *Come Dance with Me*, *Dancing in the Dark*, *Cheek to Cheek*, *Baubles*, *Bangles and Beads*, *When No One Cares*, *I Can't Get Started* e *A Cottage for Sale*.

Ao longo desses três anos, Frank gravou cento e vinte e quatro canções, a maioria das quais pela primeira vez, em trinta e sete sessões de gravação. Ele apareceu na televisão mais de quarenta vezes e se apresentou no Texas, em Utah, na Califórnia, no Estado de Washington, no Canadá, em Londres, Mônaco e na Austrália. Fez onze apresentações beneficentes. Estrelou em seis filmes, como

um guerreiro pela libertação espanhola em *Orgulho e Paixão*, um comediante de casa noturna em *Chorei por Você (The Joker is Wild)*, um mulherengo em *Meus Dois Carinhos (Pal Joey)*, um soldado da Segunda Guerra Mundial em *Só a Saudade (Kings Go Forth)*, um aspirante a escritor em *Deus Sabe Quanto Amei (Some Came Running)*, e um empresário falido em *Os Viúvos Também Sonham (A Hole in the Head)*. Apenas um desses filmes obteve algum sucesso.

Para o editor da *Metronome*, Frank era o "símbolo mais fantástico da masculinidade americana já descoberto". Para Sidney Skolsky, do *New York Post*, ele era "a voz do amor da América". Ele era considerado *cool*[123] – o termo agora era "*in*"[124] – mas sua vida particular era marcada por uma infelicidade crescente. Houve um breve relacionamento com Lady Adelle Beatty, uma ex-modelo de Oklahoma recentemente divorciada de um herói de guerra britânico. Shirley MacLaine lembrou-se de Frank lhe dizendo que aquele foi "um relacionamento muito importante, mas ele não sabia como lidar com os ciúmes que ela tinha". À exceção de um relacionamento com Juliet Prowse, iniciado durante as gravações de *Can-Can*, a vida sexual de Frank parece ter consistido, por anos, de sexo casual e encontros marcados com prostitutas.

Nos bastidores estava, como sempre, Ava Gardner. Frank apresentou-se na Austrália em 1959, segundo Ava, apenas porque na época ela estava trabalhando lá. "Nós queríamos conversar", lembrou ela, "estar juntos". Eles tiveram duas noites juntos. Alguns meses depois, Frank suplicou-lhe que "voltasse para casa". Ele lhe mandou uma chave dourada com a seguinte frase gravada: "Para quando você quiser vir para casa". A inscrição no relógio de ouro que ela logo lhe enviou – "Ao Frank e às noites desertas" – sugere que ela de fato logo foi visitá-lo. "Eu me apaixonava", disse Ava, "e a paixão durava vinte e quatro horas."

A canção *One for My Baby*, lamento de um bêbado que amou e perdeu seu amor e que não tem ninguém com quem conversar a não ser o *barman*, estava rapidamente tornando-se a marca registrada de Frank.

It's a quarter to three, there's no one in the place
Except you and me.
So set'em up Joe, I got a little story
I think you ought to know...
... this torch that I found, it's gotta be drowned
Or it's gonna explode.

Make it one for my baby,

And one more for the road.[125]

A canção tinha um significado especial para ele, Frank dizia, porque “eu havia vivido essa mesma experiência tantas vezes”. Ele gostava de uma história que circulava na época sobre um grupo de beberrões solitários conversando enquanto sua *One for My Baby* tocava no *jukebox*. “Queria saber”, um deles murmurava, “quem *ele* escuta”.

O perfil público de Frank continuava a camuflar sua infelicidade privada. As pesquisas anuais da *Down Beat* mostravam que ele havia voltado firme à posição de Melhor Cantor. Qualquer preocupação que Frank tivesse tido com dinheiro havia ficado no passado. Dizia-se que um acordo televisivo de 1957, patrocinado pela marca de cigarros Chesterfield e pela marca de relógios Bulova, havia lhe garantido, sozinho, sete milhões de dólares (hoje quarenta e seis milhões de dólares) ao longo de três anos. Filmes lhe rendiam ainda mais. Sua renda bruta ao longo desses mesmos três anos, previa-se, alcançaria quatro milhões de dólares por ano. O correspondente de Hollywood para o *New York Times* calculou que Frank havia se tornado “o artista mais bem pago da história do *show business*”. Já no início de 1959, a *Down Beat* o classificou como “o mais quente do mercado”. Bing Crosby achava que Frank passaria logo a ser considerado “o maior artista do mundo”.

Enquanto o rock’n’roll preparava seu ataque frontal aos antigos valores, Frank se tornara um Flautista Mágico para os adultos descolados, enfeitiçando milhões. Ele também estava criando um novo Bando de Ratos, aquele que seria lembrado.

EM FEVEREIRO DE 1957, apenas um mês após a morte de Humphrey Bogart, Frank se apresentou em Los Angeles ao lado de um cantor e comediante cortês e aparentemente imperturbável chamado Dean Martin. Eles se apresentaram juntos outras três vezes naquele ano. Em janeiro de 1958, um dançarino negro diminuto chamado Sammy Davis Jr. apareceu no programa de TV de Frank. Estavam cada vez mais ligados a Frank, também, Joey Bishop, 40, um quarentão mal-humorado veterano da noite, e Peter Lawford, 34, um ator inglês que sabia dançar um pouco. Logo viria também Shirley MacLaine, de apenas 24 anos e já uma atriz e dançarina talentosa. Esses eram os cinco membros do bando de Sinatra.

Martin era um mistério até para quem era próximo a ele. De acordo com sua segunda esposa, Jeanne, “Tem algo nele que é inalcançável”. A jornalista italiana Oriana Fallaci saiu de uma entrevista dizendo que Martin era um “dilema” ambulante. Os americanos que achavam que ele era “simples, fácil... uma pessoa muito fina, com uns poucos defeitos deslumbrantes”, escreveu, estavam errados.

Dezoito meses mais novo que Frank, Martin era filho de um imigrante italiano que era barbeiro em Steubenville, Ohio. Seu nome verdadeiro era Dino Crocetti e, até os cinco anos de idade, só sabia falar italiano, então um dialeto local. Steubenville era uma cidade do aço onde a vida era bruta e Martin crescera pouco lapidado. Largou a escola no segundo grau e os empregos de engraxate e frentista foram alguns de seus primeiros. Lutou um pouco de boxe, o que lhe rendeu um rosto um tanto agredido, e, depois, trabalhou em uma usina. O jogo ilegal prosperava em Steubenville – Las Vegas e Atlantic City mais tarde fervilhariam de crupiês que haviam aprendido seu ofício lá – e Martin já se metia com jogo desde os tempos de escola. Em 1936, aos dezenove anos, ele dava as cartas no *blackjack* e trabalhava em uma mesa de jogo de dados. Ele se lembrava de parentes dizendo aos seus pais: “Seu filho vai ser um gângster; ele vai morrer na cadeira elétrica.”

Martin e a Máfia não eram desconhecidos um do outro. Na adolescência ele havia ajudado a contrabandear uísque para a Pensilvânia. Como crupiê, conheceu o chefe da Máfia local. Entretanto, sua ficha continuou limpa, e sua habilidade com o canto lhe proporcionou uma rota de fuga de Steubenville. Teve aulas de canto com a mulher do prefeito, ouvia Bing Crosby no cinema e começava a se apresentar com uma banda. À noite, depois do expediente como crupiê, cantava num bar da região.

Cantando por um tempo em locais controlados pela máfia, tornou-se Dino Martini e, por fim, Dean Martin. Quando estourou a guerra, sua hérnia dupla o poupou da convocação. Em 1944, aos 26 anos, foi chamado ao Riobamba, em Nova York, para substituir um cantor que cancelara sua apresentação – Frank Sinatra. Martin se tornou a “Voz Alta, Escura e Bonitona”, foi até comparado a Frank, mas seu grande momento ainda não havia chegado. Então, em uma casa noturna chamada Glass Hat, conheceu Jerry Lewis.

Lewis, nessa época famoso por *Satirical Impressions in Pantomimicry*, juntou-se a Martin – descrito como “um romântico do microfone” – e por uma década eles seriam um dos feitos mais bem-sucedidos da história do *show business*. Lewis, representando o bobo simpático, fazia dupla com Martin, o

homem correto e indulgente que sabia cantar. Eles se apresentaram por toda a nação, fizeram filmes engraçados e cobraram enormes cachês.

"Não sou cantor", contou Martin à *Variety*, "mas nós, *crooners*, nos viramos porque somos bem inofensivos." Seus discos *That's Amore* e *Memories Are Made of This* venderam mais de um milhão de cópias cada um nos anos 1950. Ele correu riscos ao se separar de Lewis em 1956, mas prosperou. Sua primeira investida em atuação séria, no papel de um playboy tentando escapar do recrutamento militar no filme de guerra *Os Deuses Vencidos (The Young Lions)*, foi muito elogiada. Martin pensava que filmes eram diversão, e não trabalho de verdade.

Frank conheceu Martin no final dos anos 1940 no Copacabana. Ambos eram descendentes de italianos de origem humilde, garotos que abandonaram os estudos, mas que chegaram lá. Tinham contatos em comum na Máfia. Martin conhecia os irmãos Fischetti, e havia se apresentado com Lewis no casamento de uma das filhas de Willie Moretti. Diferentemente de Frank, Martin tinha o cuidado de não ostentar suas associações.

Ambos mais que souberam aproveitar seus tempos de juventude, mas Martin passou a exercitar o autocontrole. Raramente perdia a calma. No passado costumara beber demais, apresentando-se embriagado no palco, mas passara a beber com moderação. Ao final da década de 1950, seu casamento sobrevivia. Ao contrário de Frank, que se animava à noite e dormia tarde, Martin preferia deitar-se antes da meia-noite e levantar-se cedo para jogar golfe.

Apesar de não fazer parte do Rat Pack de Bogart, Martin era bem-vindo no círculo social de Bogart e havia se tornado amigo de Frank também; os filhos de Frank o chamavam de "tio Dean". Não era muito do feitio de Martin, no entanto, permitir uma intimidade verdadeira.

"A relação deles era assimétrica", disse Jeanne, sua segunda esposa. "Dean adorava brincar com Frank – digo 'brincar' porque eles eram como crianças – mas Dean acabou crescendo e parou de brincar. Ele tinha grande admiração pelo Frank como cantor, mas não o respeitava muito como homem."

O RELACIONAMENTO DE FRANK com Sammy Davis Jr. parecia bastante simples – uma história de generosidade retribuída com gratidão eterna. "Aqueles que adentravam o círculo privado de Sinatra", escreveu Wil Haygood, autor de uma biografia recente de Davis, "eram ou aqueles fabulosamente talentosos ou aqueles cuja bajulação ridícula ele meramente tolerava. Sammy era

um caso raro: preenchia ambos os requisitos".

Dez anos mais novo que Frank, Davis era filho de um negro do Sul que fugira para Nova York temendo um ataque racista, tornando-se o dançarino líder de um grupo mambembe de vaudeville. A mãe de Davis, uma corista com sangue cubano, caiu na estrada novamente após dar à luz. Sua avó paterna no Harlem cuidou dele até os três anos de idade e então seu pai o levou junto com o grupo para a estrada.

O menino observava dos bastidores, imitava os artistas e até mesmo caminhava sobre o palco e dava cambalhotas. Durante a Depressão, ainda criança, formou um trio com seu pai e seu parceiro, o artista de vaudeville Will Mastin. Aos sete, recebeu o papel-título em um filme sobre um menino negro que sonhava em se tornar presidente. Ao chegar à adolescência, já era dançarino, cantor e baterista. Ele serviu no Exército perto do fim da Segunda Guerra Mundial e então voltou a se juntar ao pai e a Mastin nos palcos. Havia se especializado agora em fazer imitações dos famosos – inclusive Frank Sinatra.

Os dois se conheceram antes de os Estados Unidos entrarem na guerra. Posteriormente, quando Davis o cumprimentou do lado de fora de um estúdio de rádio em Hollywood, Frank certificou-se de que ele tinha ingressos para o show. Em 1947, quando Frank preparava uma apresentação em um teatro de Nova York, ele pediu que o trio se juntasse a ele no programa. Por sua insistência, receberam mais que três vezes seu pagamento costumeiro.

Como disse Davis: " Todas as grandes coisas aconteceram depois daquilo." Vários meses de luta depois, ele começou a ser aceito em clubes de Hollywood bancados por astros brancos. Frank manteve contato, mandou telegramas de apoio, continuou estimulando Davis a derrubar a barreira racial. "Sammy talvez nunca tivesse chegado lá se não fosse por ele", disse Marilyn Sinatra, uma prima cujo pai trabalhava como faz-tudo para Frank na Costa Oeste. "Depois, quando ele e o Frank estavam juntos, eles não deixavam o Sammy entrar num hotel. O Frank dizia: 'se ele não entrar, eu não entro', e terminava a discussão."

Em 1954, depois de uma batida de carro que quase matou Davis e destruiu seu olho esquerdo, Frank foi visitá-lo no hospital. Hospedou Davis em sua residência de Palm Springs durante a recuperação, levou-o à casa de seus pais em Nova Jersey para o Natal, encontrou para ele um novo local para morar e o encorajou a se apresentar de novo. Daí em diante, pensou Peggy Connelly, o que Davis sentia por Frank beirava a idolatria.

Davis começou a imitar Sinatra dentro e fora dos palcos. Quando Frank

começou a usar casacos impermeáveis brancos, também o fez Davis. Usava chapéus parecidos com os de Frank, simulava inclusive o caminhar de Frank e tirava inúmeras fotografias de seu herói. Enquanto isso, Frank falava publicamente sobre os “talentos impressionantes” de Davis e emulava aspectos de seu estilo – comendo notas e estalando os dedos.

Parecia não haver limites para a devoção de Davis. Peggy King, uma cantora que foi sua namorada por um tempo, presenciou um momento de camaradagem. “O Frank acabou de bater numas prostitutas”, exclamou Davis certa noite depois de atender o telefone. “Preciso ir.”

Sendo um homem negro altamente visível, Davis sempre atraía polêmicas. Assim foi quando começou a usar uma Estrela de Davi num colar e declarou que estava se convertendo ao judaísmo. Como Frank, era extremamente promíscuo e chamava a atenção ao ir atrás de mulheres brancas constantemente. Isso era uma obsessão e o colocava em perigo. Harry Cohn ficou furioso quando, em 1957, Davis se envolveu com a estrela em ascensão da Columbia Kim Novak. O chefe do estúdio enxergou nisso, desde o início, um potencial para o escândalo e chamou a Máfia para dar um susto em Davis. O agente de imprensa de Davis, Jess Rand, lembrou-se de chegar a um quarto de hotel em Chicago e encontrar seu cliente cara a cara com um capanga armado que ameaçava acabar com o olho que restava a Davis.

Então, subitamente, enquanto rumores sobre sua complicação começavam a surgir na imprensa, Davis surpreendeu a todos casando-se com Loray White, uma cantora negra obscura com quem não tinha o menor envolvimento. Era uma união de fachada e seria dissolvida um ano mais tarde. Muito tempo depois, Davis revelou que um “amigo bem-relacionado”, o qual não identificou, havia lhe avisado, em detalhes aterrorizantes, que a ameaça da Máfia era séria. Esse amigo, contou, passou o recado em um camarim em Las Vegas. Ele contou também de contatos com um chefe da Máfia de Chicago que, ao saber que ele iria se casar com White, terminava a mensagem com um: “Relaxe... a pressão terminou”.

O fotógrafo Billy Woodfield, que conhecia Davis e viajava bastante com Frank, revelou em primeira mão que recordaria ter visto Davis chegar um dia, bastante nervoso, ao camarim de Frank em Las Vegas. “O Sammy disse ‘O Frank está aí?’, e eu disse ‘Ainda não chegou’. Nesse momento, Frank entrou, olhou para ele e disse ‘O que há de errado?’. O Sammy disse ‘Preciso falar com você’, e o Frank me acenou com a cabeça. Fui sentar-me do lado de fora. Houve

gritaria e então o Sammy saiu e ficou a caminhar para lá e para cá. Ouvi o Frank dizer ‘Chame o Fischetti’.”

Frank falou ao telefone – quase certamente com Joe Fischetti – e então de novo com Davis. Davis saiu de lá parecendo estar “realmente perturbado”. No trem entre Los Angeles e Las Vegas, contou Woodfield, citando Frank, Davis havia sido abordado por dois gângsteres. Eles lhe teriam dito: “Agora você é um negro judeu de um olho só. O dia que você vir este loiro aqui de novo, você vai ser um judeu negro cego. Você vai se casar este fim de semana – você que se vire para achar alguém”. Frank contou a Woodfield que Chicago estava retribuindo um favor a Harry Cohn. Frank estava sendo usado de intermediário para garantir que Davis entendesse o que deveria ser feito.

Apesar de toda a devoção de Davis e o apoio inabalável de Frank a ele, a relação deles era frágil. Dois anos antes, quando uma revista de fofocas insinuou que Davis flertara com Ava Gardner, Frank ficou furioso até que Ava lhe assegurasse que o boato era infundado. Uma vez, ao lhe ser mostrada uma fotografia dele sentado ao lado de Cindy Bitterman, outra das mulheres de Frank, Davis rasgou a imagem no meio para suprimir o rosto de Bitterman. Ele tinha medo do que Frank pudesse fazer se visse a fotografia.

“O talento”, diria Davis em 1959, em uma entrevista no rádio, “não é desculpa para a falta de educação. Eu adoro o Frank, mas há várias coisas que ele faz para as quais não há desculpas. Não importa se você é a pessoa mais talentosa do mundo. Isso não lhe dá o direito de pisar nas pessoas e tratá-las sem respeito. É isso o que ele faz às vezes... Eu acho isso indesculpável.”

Frank retaliou, cortando relações com Davis e garantindo que ele fosse deixado de lado de um de seus próximos filmes. Meses mais tarde, após Davis se desculpar em público durante uma apresentação beneficente, ele e Frank se abraçaram na frente da plateia numa demonstração que Dean Martin considerou “repugnante”. Davis recobrou o status de “Charley”, sinônimo genérico para camarada no grupo de Sinatra, e permaneceu próximo a Frank por anos.

PETER LAWFORD, chamado por Frank de “Charley The Seal”[126] até eles se desentenderem, uma vez descreveu a si mesmo como sendo “um rapaz inglês quase bonito que ficava bem num camarim ao lado de um piano”. Ele nascera em 1928, filho da “sociedade” londrina, e foi trazido aos Estados Unidos ainda adolescente. Seu pai, um general britânico da reserva, havia sido nomeado cavaleiro por heroísmo na Primeira Guerra Mundial. Sua mãe, filha de

aristocratas, era uma mulher infeliz que considerava que o nascimento de seu filho fora “um terrível acidente”.

Se ela tivesse de ser mãe, disse Lady Lawford, teria preferido que fosse de uma menina. Assim como a mãe de Frank, ela vestia seu filho com roupas de menina quando bebê e continuou a fazê-lo até quando ele tinha onze anos. Ele foi educado por governantas, uma das quais abusou sexualmente dele aos dez anos de idade. Ele anunciou cedo a seus pais que não queria seguir os passos do pai e entrar no colégio militar. Queria ser um ator, algo encorajado por sua mãe.

Na Inglaterra, onde figurara em um filme aos oito anos, um jornal chamou Lawford de “o Jackie Coogan britânico”. Quando sua mãe o levou a Hollywood, no início de sua adolescência, seu sotaque inglês e boa aparência lhe deram um papel ao lado de Mickey Rooney. Depois de vários anos de dificuldades – seus pais estavam falidos – conseguiu uma ponta como um jovem piloto inglês em *Mrs. Miniver*, um filme de sucesso sobre Londres durante os bombardeios alemães na Segunda Guerra. Outra atuação em um filme de guerra lhe rendeu um contrato com a MGM.

Lawford, descrito hoje em dia como um “deus bem talhado... um metro e oitenta... maliciosos olhos azuis”, passava tanto tempo quanto podia na praia. Ele socializava com os astros, incluindo algumas das mulheres da constelação de Sinatra – Marilyn Maxwell, Lana Turner, com quem teve um caso, e até mesmo Ava Gardner.

Lawford conheceu Frank numa festa da MGM em 1944, quando tinha 21 anos e Frank e Nancy haviam acabado de se mudar para Hollywood. Ele frequentava as festas na casa deles e participava com bom humor de gozações sobre sua falta de dinheiro em comparação com os outros convidados.

Dois anos depois, quando, junto com Frank, fazia parte do elenco de *Aconteceu no Brooklyn* − Lawford interpretou um aristocrata inglês − falou em uma entrevista sobre o “temperamento singular” de Frank. Como ele logo descobriu, a raiva podia durar muito tempo. Em 1954, após Frank terminar com Ava, a imprensa relatou que ela e Lawford haviam tido um “encontro”. De acordo com o ator e seu empresário, que estava presente, não havia sido mais que uma reunião de amigos, mas Frank não queria saber.

“Eu estava na cama, às três da manhã”, lembrou-se Lawford, “quando toca o telefone. Então, vem uma voz do outro lado da linha... ‘Que história é essa entre você e a Ava? Vou mandar quebrarem suas pernas, seu vagabundo. Se ouvir mais sobre esse negócio com a Ava, você já era’.”

Passaram-se três anos até que Frank voltasse a falar com Lawford, vê-lo ou aparecer em público com ele. Então, em 1957, algum tempo depois que Lawford se casara com Patrícia Kennedy, irmã do então senador John F. Kennedy, eles se encontraram em um jantar e reataram como se nunca houvessem rompido. Frank e Lawford logo estariam apresentando números de canto e dança regulares no programa de TV de Dinah Shore, começaram a aparecer juntos em filmes e tornaram-se até sócios no ramo de restaurantes. Farrearam juntos em viagens para a Inglaterra, Mônaco e Itália. Numa suíte de um hotel em Roma, quando estavam bêbados juntos, Frank fez algo atípico. “Ele olhou para cima”, recordou Lawford, “e disse: ‘Charley, eu... ah... desculpe’. Frank estava finalmente se desculpando pelo acesso de raiva por causa do negócio com a Ava”.

Lawford passou a falar de Frank com entusiasmo a quem lhe desse ouvidos. Como Sammy Davis Jr. fazia antes dele, pensava-se, ele até macaqueava o estilo e as manias de Frank. “Ele tem um talento enorme”, disse a um repórter. Frank possuía “algo de mágico que muitos de nós gostaríamos de ter... Considero um privilégio viver na mesma era em que Frank vive. Mesmo. Eu o acho um gigante; um ser humano fantástico”.

O DUVIDOSO LOCAL de nascimento do Rat Pack foi Madison, Indiana, 10.500 habitantes, uma “típica cidade pequena americana”, de acordo com o *Office of War Information*[127] da Segunda Guerra Mundial. Seus dias de bonança já haviam findado há tempos quando Frank chegou estrondosamente. Ele estava lá para rodar o filme *Deus Sabe Quanto Amei*[128], baseado em um novo romance de James Jones.

O filme conta a história de um veterano do exército, bebedor de uísque e aspirante a escritor, personagem de Frank, que volta à sua terra natal depois de longa ausência. Dean Martin coestrela no papel de outro beberrão, um jogador profissional. Shirley MacLaine interpreta uma prostituta simplória mas cativante, que se apaixona pelo ex-militar e morre de forma trágica no último rolo. O trio espúrio contrasta agudamente com o povo vagaroso e honesto da pequena cidade onde a história se passa. Na vida real também era assim. Frank e sua comitiva trouxeram às pessoas de Madison não apenas agitação e uma bem-vinda enxurrada de dólares, mas também grosseria e insultos – atribuídos, na maior parte, a Frank.

Ele zombava dos moradores do lugar, acreditando que ninguém que se

importasse estivesse ouvindo: “E aí, sua feiosa... olá, jeca... cai fora, seu pelego”. Importava “moças do prazer” e bebia em demasia. Ele arrancou um telefone da parede porque achava que a telefonista estava ouvindo suas conversas. Dizem que chegou a arrebentar uma televisão com uma garrafa de cerveja. Pior de tudo, agrediu fisicamente a John Byam, um recepcionista de hotel de 67 anos de idade, depois que alguém da turma de Frank reclamou da presteza do serviço. “O Sr. Sinatra me agarrou pela camisa e começou a me empurrar pelo recinto... gritando comigo... Ele finalmente me largou e me sentei à minha escrivaninha e comecei a chorar.” O recepcionista se afastou do serviço por vários dias.

MacLaine, para quem o filme era um ótimo descanso, tinha acesso regular à casa que Frank e Martin alugaram durante as filmagens. “Eu era a mascote”, ela disse. “Eu limpava a casa, fazia cappuccinos para eles e atendia à porta... Eles não deixavam nenhuma outra mulher entrar na casa”. Ela observava, fascinada, a dupla salpicar-se de colônia, enfeitados para sair com seus bons ternos, belas gravatas selecionadas e chapéus de aba larga saídos diretamente da cena da corrida de *Garotos e Garotas.* Ela arregalava os olhos ao vê-los dar gorjetas de cem dólares aos carregadores de malas.

Frank e Martin, em momentos diferentes, bateram à porta do quarto de hotel de MacLaine, mas ela achava que estavam apenas fingindo interesse. “Nenhum dos dois jamais deu em cima de mim. Eles sabiam que eu não ia aceitar e que qualquer outro que tentasse não teria chance. Eu era a ‘garotinha’/‘mãe’, e eles não cruzavam a linha.” Depois, quando ela os via envolvidos com mulheres, ficava se perguntando se eles enxergavam as mulheres como “seres reais com necessidades e inteligência. Será que eles alguma vez se comunicaram num nível satisfatório?”

Frank e Martin, notou MacLaine, “podiam cismar com alguém por pequenas coisas que os ofendessem pessoalmente. Eles não conseguiam superar seu julgamento sobre os dentes ou o cheiro de uma pessoa. Faziam troça aos cochichos, baniam alguém de suas vidas porque seu protetor de testículos aparecia por baixo das ceroulas.”

Ela viu esses homens crescidos esconder biscoitos na cama um do outro, jogar espaguete no smoking de um homem, dar a um fã um cubo de gelo e pedir para patinar sobre ele. MacLaine, no entanto, passou a gostar muito deles, desenvolvendo até mesmo uma queda por Martin, e os considerava “crianças primitivas”. Apesar de Frank tratá-la bem, ela notava o quão rude, mesmo cruel, ele era com os outros. Ele parecia nunca medir as consequências de seus atos e,

até onde soube, nunca admitiu seus erros e “demandava lealdade total, sem desvios”. Ele “tinha que viver em um mundo que ele houvesse criado para poder controlá-lo”, pensava MacLaine, “e seu talento e sua astúcia manhosa permitiam que ele se virasse bem.”

O comportamento de Frank durante as gravações de *Deus Sabe Quanto Amei* atraiu a atenção de toda a nação. MacLaine recordou que “Um repórter da revista *Life* veio nos visitar. Nós não íamos falar com ele − e porque nós nunca nos separávamos ele nos pôs o apelido de O Clã.”

Durante um tempo, esse foi o nome que pegou. Eles ainda não eram o Rat Pack, mas o artigo da *Life* deu ao grupo uma identidade na mente do público: “Não conformidade agora é a chave para a importância social”, escreveu Paul O’Neil. “Aquele homem bravo de meia-idade, Frank Sinatra, é seu profeta − e o monarca social reinante... Mas somente o clã (composto por aqueles para quem Frank sorri) é que REALMENTE IMPORTA... Hoje não há outro Frank além de Frank... Como comandante supremo e feiticeiro-chefe do clã, Frank personifica sua atitude não conformista: uma indiferença aberta e agressiva... Ele é conhecido entre os fiéis por alcunhas como O Papa, O General ou O Carcamano.”

Os companheiros mais próximos de Frank, como notou O’Neil, estavam em sua maioria na casa dos quarenta anos de idade ou mais velhos. Moravam ou tinham a esperança de vir a morar em casas que custavam duzentos e cinquenta mil dólares, uma quantia considerável para a época. Compravam paletós de seersucker[129] de um alfaiate requintado o qual fornecia, por cento e vinte e cinco dólares, o que nova-iorquinos podiam comprar em outro lugar por vinte e nove dólares. Vários eram donos de Dual-Ghias, carros esportivos italianos equipados com motores Dodge. Eles trocavam entre si presentes caros que iam de prataria gravada a pantufas personalizadas. Os leitores da revista foram informados de que a secretária de Frank frequentemente convocava, em cima da hora, “os nomeados” do Clã à casa dele para cantar, tocar suas músicas para os outros presentes, assistir a filmes e jogar pôquer.

Sammy Davis foi o único membro do grupo cujas declarações foram citadas pela *Life*, e suspeitava-se que era a principal fonte da revista. Posteriormente, ele afirmou que o culto à personalidade, à personalidade de Frank, fora soberbo. “Ele era nosso líder”, relembrou Davis. “Ninguém fazia o que Frank fazia. Ninguém ousava.”

Os membros do grupo acabaram renegando o rótulo Clã, em grande parte porque soava parecido demais com Klan. No lugar disso, tornaram-se o Rat Pack, descrito por Davis como “apenas um grupo de caras limpos, íntegros e ordinários que se encontram uma vez por ano para dominar o mundo”. Para isso tinham suas próprias gírias e seu próprio jargão debochado.

Cedendo à insistência do humorista Art Buchwald, Frank liberou as definições de alguns termos em “ratpackês”[130]:

– gas*:* uma situação boa, como “a gas of a weekend”[131].

– clyde: um termo genérico que podia ser usado para o que quer que fosse. Como em “Passa o clyde” ao pedir o sal, “Tenho que ir ao clyde”, querendo dizer “festa”, ou então “Não gosto do clyde dela”, quando você quiser dizer “voz”.

– bunter*:* o oposto de um *gasser,* um zé-ninguém.[132]

– cool*:* expressa admiração ou aprovação.

– crazy*:* semelhante a *cool.*

– Harvey*:* uma pessoa quadrada. Um Harvey, ou Harv, é o típico turista que vai a um restaurante francês e pergunta “O que já tem pronto?”.

Muitas das outras palavras do léxico do Rat Pack estavam focadas em sexo: “bird”[133] para a genitália, masculina ou feminina, frequentemente esta; “quim”[134], gíria inglesa arcaica para ” vagina”, provavelmente contribuição de Lawford; “charlies”, que quando não usado para se referir aos camaradas, podia fazer um serviço extra e se referir a um bom par de seios. “Mother”, como em “motherfucker”, era muito utilizado[135]. “Não sou tão certinha assim”, disse uma vez Keely Smith, aludindo a um caso que tivera com Frank nessa época, “mas esse é um dos motivos pelos quais não me casei com o Frank, por causa do palavreado do grupo... Eu sabia que não poderia criar meus filhos num ambiente desses.”

O modo com que o Rat Pack se apresentava em público no início de 1960, entretanto, elevou Frank e sua turma à estatura de ícones nacionais quase que da noite para o dia.

AS APRESENTAÇÕES QUE ELES FIZERAM naquele ano no Sands, em Las Vegas, foram divulgadas como “A Cúpula”, nome que Jack Entratter, chefe do cassino, tirou da expressão estenográfica cunhada pela imprensa para fazer

menção ao encontro de líderes americanos, soviéticos, britânicos e franceses agendado para a primavera. Entratter havia endereçado uma série de telegramas falsos ao grupo de Sinatra, um dos quais, assinado “Kruschev”, dizia: “Você venha à minha reunião de cúpula e eu irei à sua”.

Em apenas quatro semanas, aproximadamente trinta e quatro mil pessoas foram ao Sands para os shows do Rat Pack. Pessoas ofereciam cem dólares por ingressos comprados a três dólares. Robert Legare escreveu na *Playboy* que o Pack incorporava “uma iconoclastia selvagem que milhões de pessoas invejam secreta ou mesmo inconscientemente – o que os torna, aos olhos do público, o grupo mais ensimesmado do mundo”. Recentemente, após assistir a uma velha gravação do grupo de Sinatra em ação, o jornalista James Wolcott descreveu o Rat Pack como sendo “um Monte Rushmore de homens se divertindo”.

A apresentação do bando consistia de números de canto e dança – na maioria das vezes, quem dançava era Davis – e humor pastelão. Numa piada recorrente, quem estava sob os holofotes era interrompido por um dos que estavam esperando nos bastidores. “Ei, onde diabos fica o banheiro aqui?”, diria Dean Martin de fora do palco. “Estou muito apertado”. Joey Bishop, do palco, logo pediria, “Dean, fecha a porta do banheiro”. Dois membros do Rat Pack apareceriam, vestidos apenas com a metade de cima do smoking, cuecas de fora, as calças penduradas nos braços. Milhares de pessoas achavam isso engraçado.

Estar bêbado e tirar sarro do fato de se estar bêbado era, supostamente, hilário. “Aqui estão eles, pessoal”, diria Joey Bishop enquanto Martin e Frank faziam sua entrada juntos, “Haig e Vague”[136]. “Café da manhã”, balbuciava Martin, enquanto Frank montava sobre o palco um bar portátil coberto de birita. Martin, como de costume interpretando o beberrão, fingiria entornar uísque escocês direto de um balde de gelo e exortaria a plateia a comprar “meu novo livro, *‘O Poder da Bebedeira Positiva’.”*

Davis chamava Martin de “o único bebum totalmente sóbrio do *show business*”, afirmando que ele raramente consumia álcool de verdade no palco. Entretanto, Ed Walters, chefe de cassino no Sands, disse: “Eles estavam realmente bebendo no palco, a não ser por Joey”. As apresentações, como observou um colunista, eram “uma glorificação do alcoólatra americano”. “Beber muito era um pré-requisito para ser membro do Clã”, disse Davis.

Enquanto o movimento pelos direitos civis ganhava ímpeto, o Rat Pack fazia piadas sobre raça. Davis era ridicularizado e ridicularizava a si próprio, com

bons resultados. “Você quer dançar comigo?”, ele perguntaria a Lawford. “Você por acaso sabe que eu sou um dos maiores dançarinos Mau-Mau[137] judeu?”, ao que responderia Lawford: “Não sou preconceituoso”, Davis: “Conheço seu tipo. Você vai dançar comigo. Mas você não iria à escola comigo”.

Por vezes o humor deles exagerava um pouco. “Posso dançar com você”, Martin dizia a Davis, “posso cantar com você, posso nadar com você, posso cortar grama com você, posso ir aos *bar mitzvahs* com você, mas” – isso enquanto o negro lhe apoiava uma mão amiga sobre o ombro – “não encoste em mim”. Piadas assim podiam magoar, Davis admitiu anos mais tarde. Ele se dava bem com o grupo porque o Rat Pack era um grupo diversificado – dois ítalo-americanos, um negro, um judeu (Bishop) e um ex-inglês (Lawford) – e eles faziam questão de tê-lo.

Frank e Martin caíam num sem-fim de piadas sobre sexo, às vezes mutilando a letra de canções conhecidas. “You made me love you, I didn’t wanna do it, I didn’t wanna do it” virou “You made me love you, You woke me up to do it”[138]. Um trecho de *Chattanooga Choo Choo*, “Nothing could be finer than to have your ham an’ eggs in Carolina” podia virar “Nothing could be finer than to shack up with a minor”[139].

Durante o dia, os cinco homens trabalhavam nas tomadas externas de *Onze Homens e Um Segredo (Ocean’s 11)*, sobre um grupo de veteranos de guerra que trama roubar simultaneamente cinco cassinos de Las Vegas. À tarde, retiravam-se ao que ficou conhecido como a “Sede do Clube”, a sauna e a academia de ginástica próximas à piscina do Sands, onde se refestelavam em seus roupões brancos bordados com suas iniciais – FAS para Frank – ou com seus apelidos: DAG, como em Dago, para Martin, e FILHO DA MÃE para Bishop, porque era uma de suas frases características. Uma vez Frank conseguiu para Davis roupão, toalhas e sabonete marrons.

Havia mulheres de sobra na Sede do Clube. “Eu fui, tirei minha roupa e entrei”, recordou-se Kirk Douglas. “Sentada ao meu lado, no meio da névoa, estava uma garota linda, nua. Nós papeamos por uns dez minutos. Quando eu saí, os ‘garotos’ estavam me olhando... Eu disse: ‘O cara ali dentro é mesmo muito legal.”’

Paul Anka nunca se esqueceu de uma experiência que teve em Vegas na juventude. “Eu tinha dezoito ou dezenove anos – não me deixavam nem mesmo entrar no cassino... Conheci Sinatra e os outros caras, e eles saíam juntos. Os

melhores momentos que já tive foram dentro daquela sauna. Lá dentro acontecia de tudo, e as mulheres estavam lá o tempo todo! Não só eram bonitas como sabiam o que estavam fazendo... Se você quisesse transar – transar para valer – era lá que você conseguia."

"O lugar fervilhava com as mais deslumbrantes garotas", disse Henry Silva, que interpretou um bandido em *Onze Homens e Um Segredo* e ia a todas as apresentações da "Cúpula". "Essas mulheres colocavam a chave delas no nosso bolso e diziam, 'Venha até o quarto tal, vou estar lá, de banho tomado, vou cuidar de você, fazer amor com você como ninguém nunca fez antes'. Dava para ficar com duas ou três garotas ao mesmo tempo."

"Jogava-se pôquer na sala de massagem", contou o Conde Guido Deiro, um crupiê. "Uma mesa grande com cinco ou seis caras enrolados em toalhas e mulheres sob a mesa fazendo sexo oral."

"Quando Dean chegou na cidade", disse o chefe de cassino Ed Walters, "as garçonetes brigavam para ver quem iria lhe chupar". Segundo George Jacobs, Entratter às vezes enviava suas melhores dançarinas para a suíte de Frank "por conta da casa".

"As mulheres eram tratadas como bens pessoais", disse Deiro, "e Sinatra foi provavelmente o primeiro de verdade a ter *groupies*. Algumas mulheres arremessavam a chave de seus quartos no palco. Mas a maioria das mulheres com quem ele se engraçava eram profissionais – garotas de programa."

DURANTE AS APRESENTAÇÕES NOMEADAS DE "A CÚPULA", os sibaritas do Sands bancaram os anfitriões para um visitante ilustre de Washington, o senador John F. Kennedy, cunhado de Peter Lawford. Em retrospecto, a reconciliação, em 1957, de Frank com Brother-in-Lawford[140], como ele costumava chamá-lo, foi tão rápida e completa que até pareceu estranha. Os Lawford tinham começado a passar os fins de semana na casa de Frank em Palm Springs com tanta frequência que tinham seu próprio guarda-roupa por lá. Frank demonstrava tanto afeto por Patrícia Kennedy Lawford que o ajudante de Frank, Jacobs, pensou que ele estivesse tentando seduzi-la. Os Lawford batizaram sua filha, nascida em fins de 1958, Victoria Frances – Victoria em homenagem à reeleição de seu tio Jack para o Senado, e Frances em homenagem a Francis Sinatra, que se tornou seu generoso padrinho.

No entanto, olhando para trás, Lawford refletiu sobre o fato de que Frank reatara com ele no exato momento em que seu cunhado começava a ser cogitado

para concorrer à presidência pelo Partido Democrata em 1960. “Acho que nós éramos bastante atraentes para Frank”, declarou mais tarde, “por causa de Jack... Frank queria estar na crista da onda.”

23
O convidado de Chicago

JOHN F. KENNEDY parecia trazer para sua candidatura presidencial mais do que seu ágil intelecto e um registro de bravura durante a Segunda Guerra Mundial. Quando chegou em seus 40 anos, ele parecia jovial, robusto, um homem de família com uma esposa cheia de estilo e um bebê. Sua imagem cativaria milhões de eleitores, mas era em grande parte forjada.

Kennedy estava sofrendo de uma enfermidade dolorosa, crônica, que destruiria sua candidatura se tivesse se tornado pública naquela época. Ele tinha sido hospitalizado mais de uma vez com queixas intestinais, problemas nas costas e doença de Addison, uma condição patológica das glândulas suprarrenais que reduz a capacidade do corpo de resistir a infecções. A gravidade dos problemas de saúde de Kennedy se tornou, nas palavras do estudioso Robert Dallek, que teve acesso a registros da Biblioteca Kennedy em 2002, “um dos segredos mais bem guardados da história recente dos Estados Unidos”. Apenas pessoas íntimas sabiam do uso profuso de drogas feito por Kennedy, algumas prescritas por médicos, outras – anfetaminas – providenciadas por um charlatão das celebridades para ajudá-lo a dar conta da dor e do estresse, algumas delas puramente recreacionais.

“Peter Lawford e o futuro presidente cheiraram carreiras de cocaína” em Palm Springs, em muitas ocasiões, segundo George Jacobs. Kennedy dizia que cocaína fazia bem “para suas costas”, comentário ao qual se seguia “uma piscada de garoto safado”.

Com relação ao sexo, como colocou seu então futuro secretário de Gabinete Fred Dutton, Kennedy agia “como se fosse um deus, fazendo sexo com quem ele quisesse e quando sentisse vontade”. “Eu, uma vez, perguntei a ele”, disse a escritora Priscilla Johnson, que trabalhou para Kennedy nos anos 1950, “por que

é que ele estava se colocando em risco de ser pego em um escândalo ao mesmo tempo em que estava tentando fazer sua carreira deslanchar... Finalmente, ele deu de ombros e disse: ‘Eu não sei, na verdade. Acho apenas que não consigo evitar’.” “No que dizia respeito ao sexo”, disse uma vez o senador George Smathers, amigo de Kennedy, “ele achava que podia andar sobre a água.” O mesmo se podia dizer do seu envolvimento com a Máfia – e também de seu pai.

Joe Kennedy havia se envolvido profundamente com contrabando, e aquilo tinha levado a negociações com alguns dos sócios mais próximos de Lucky Luciano. Frank Costello disse que ele e Kennedy eram “parceiros” nos negócios ilegais de bebidas. Segundo Richard Mahoney, que escreveu a história da família Kennedy, eles ainda tinham ligações de negócios na metade dos anos 1950, até caírem fora por causa de um acordo envolvendo uma propriedade em Manhattan. Outros criminosos, como Joe Stacher, Moe Dalitz e Owney Madden, falavam da atuação de Kennedy na era da Lei Seca. “Eu discuti a parceria de Kennedy com ele muitas vezes”, disse Q. Byrum Hurst, advogado de Madden. “Owney controlava todas as casas noturnas de Nova York... e Joe queria todos os estabelecimentos para suas bebidas.” John Kohlert, um músico que Al Capone manteve sob sua asa durante um tempo, lembrava de estar presente, em 1936, em uma reunião na qual Joe e Capone discutiram o acordo de contrabando de bebida. Em documentos alfandegários canadenses do mesmo ano, o nome de Kennedy aparece junto com os de Capone e do mafioso Jake Guzik, listado juntamente com eles como um “importador” de uísque para os Estados Unidos.

Mike McLaney, amigo próximo de Joe, cujo nome esteve ligado às operações do sindicato, disse em uma entrevista em 1994 que sabia que Kennedy usava rotas “controladas por Lucky Luciano” para fazer contrabando de bebida. Kennedy aparece em histórias de dois contrabandistas sobre roubos de caminhões de bebida, sendo que em um deles, na região sul, em New England, onze homens foram assassinados a tiros. Tina se lembrava de sua avó Dolly Sinatra falar de Joe como um “contrabandista filho-da-mãe”.

Depois da Lei Seca, Joe Kennedy aumentou sua fortuna importando bebida legalmente. Conforme sua brilhante carreira progredia – como presidente da Comissão de Câmbio e Segurança e da Comissão Marítima, e como embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha – ele continuava a negociar com os mafiosos. O Comitê Kefauver ouviu um testemunho de que Tom Cassara, o advogado que Kennedy escolhera para representar sua companhia de bebida, era um homem importante da Máfia. Em 1946, quando Cassara foi morto a tiros em

Chicago, Kennedy prontamente vendeu a companhia e seu estoque de scotch para dois ex-contrabandistas, por oito milhões de dólares (setenta e quatro milhões de dólares, hoje). Um dos compradores foi um sócio de longa data de Willie Moretti.

Joe saiu do negócio de bebidas tão logo John estava entrando na política, e aquilo provavelmente não foi coincidência. O mercado de uísque, como colocou Richard Whalen, biógrafo de Joe, tinha se tornado "levemente embaraçoso" agora que ele estava empenhado em colocar um Kennedy na Casa Branca. A péssima atuação de Joe como embaixador em Londres, os problemáticos erros e oposições ao envolvimento dos Estados Unidos na guerra contra a Alemanha nazista, que tinham culminado em sua demissão, tinham há muito colocado um ponto final em suas próprias perspectivas presidenciais. Ele estava agora depositando suas esperanças em seu filho Jack.

John Kennedy ficou em dúvida, a princípio, sobre adentrar a política, mas, como lembrava seu pai, "Eu disse a ele que ele tinha que fazer isso". Vencer a todo custo era o principal imperativo para os filhos da família Kennedy e Joe usou todos os seus recursos para levar isso adiante quando foi a vez de ganhar na política. "Tudo que Joe tinha, ele tinha comprado e pagado", disse uma assistente próxima a ele, "e a política é como a guerra. São necessárias três coisas para vencer. A primeira é dinheiro, a segunda é dinheiro e a terceira é dinheiro também." Kennedy jorrou grana em um nível sem precedentes durante a campanha congressional de John em 1946, sendo muito desse dinheiro distribuído por debaixo dos panos.

Com sua eleição para a Câmara, e depois para o Senado, John Kennedy mostrou que tinha o potencial para atingir as expectativas de seu pai. "Eu vou elaborar planos para eleger você como presidente", foi o que escutou de Joe um membro da equipe de apoio no começo de 1952, durante a campanha de seu filho para o Senado, como se ganhar para a Casa Branca já fosse um fato consumado. Aqueles planos envolveriam certamente a Máfia.

SEGUNDO BILL BONANNO, filho do chefe da Máfia Joe Bonanno, Joe Kennedy visitou seu pai em seu retiro no Arizona, em 1954, muito antes do começo da campanha aberta à presidência, e novamente em 1956. Joe Bonanno, que originalmente tinha chegado ao poder em Nova York como um aliado de Luciano, era membro da "Comissão" que arbitrava as relações entre as famílias da Máfia. Ele era um amigo de longa data de Frank Costello, a quem admirava,

segundo ele, por sua “habilidade em cultivar amizades entre políticos e funcionários públicos”. Décadas antes, a ida ilegal de Bonanno aos Estados Unidos tinha sido facilitada por Willie Moretti.

“Nenhum democrata se elegia em Nova York”, disse Bill Bonanno, sem um empurrãozinho de alguma das principais famílias da Máfia da cidade. Seu pai não apenas era chefe de uma daquelas famílias, mas também influenciava a política no sudeste. Antes da eleição de 1956, de acordo com Bill, “Kennedy disse a meu pai que ele queria levar seu filho para a chapa nacional – ainda que fosse apenas para preparar o terreno para uma verdadeira corrida à presidência em 1960... Meu pai – e seus aliados em Nova York e no *establishment* democrata do Arizona – concordou”. Mafiosos da costa oeste produziram devidamente o dinheiro para o cofre da campanha de Kennedy.

Em 1958, como reportaram agentes do FBI, John F. Kennedy participou de um comício em Tucson com Gus Battaglia, melhor amigo de Joe Bonanno, um oficial graduado do Partido Democrata do estado do Arizona. Segundo Bonanno, ele se encontrou com Kennedy no rancho de Battaglia. Também estava em contato com Frank Sinatra, a quem convidou para cantar em um casamento de família e, de acordo com relatórios do FBI, seria um convidado de Frank em um encontro em Atlantic City em 1959.

No fim, porém, não foi Bonanno que serviu como principal conexão da Máfia para os Kennedy durante a corrida pela Casa Branca.

SAM GIANCANA era um dos mais poderosos criminosos da metade do século XX. Nascido Salvatore Giancana, em 1908, filho de imigrantes sicilianos pobres, largou a escola aos onze anos, foi parar na cadeia por roubo de automóvel aos dezessete e foi preso por assassinato aos dezoito – acusação retirada quando uma testemunha da promotoria foi morta. Naquela época, ele já tinha se tornado Sam “Mooney” Giancana[141], um jovem de traços finos, com uma inclinação ao sadismo e uma reputação crescente em Chicago como motorista de fugas. Ele logo iria para a cadeia novamente por assalto à mão armada.

Depois da Segunda Guerra Mundial, ele era frequentemente visto ao lado do herdeiro de Al Capone, Tony “The Big Tuna” Accardo[142]. Nos anos 1950, o crime organizado de Chicago controlava uma miríade de clubes, extorsões de máquinas de *jukebox*, elementos da indústria cinematográfica, o jogo em Las

Vegas e empresas em Cuba. E em 1957, quando Accardo pulou fora, o poder passou para Giancana.

Ele vivia, para todos os efeitos, como um respeitável homem de família de classe média. Seu lar era uma casa de tijolos amarelos em um subúrbio arborizado, espaçosa, porém não ostensiva, compartilhada com uma esposa zelosa e leal. Suas três filhas frequentaram escolas católicas particulares e Giancana jogava golfe em um clube de campo. Ele fazia doações para instituições de caridade, colecionava pinturas e porcelana antiga. Quando sua mulher faleceu, ainda jovem, ele foi visto ajoelhado na igreja, chorando.

Uma das filhas de Giancana achava que ele se vestia "como alguém em uma fotografia de um executivo da *Fortune 500*... Poderia ser confundido com o presidente da General Motors". O terno, a camisa branca e a gravata poderiam ter passado por inspeção, embora o ouro sólido das abotoaduras, com as iniciais em diamante, fosse exagerado.

Alguns achavam Giancana charmoso. Eddie Fisher o via como "um homem engraçado, cheio de vitalidade, caloroso, que tinha calhado de ter estes grandes caras corpulentos em volta dele todo o tempo". "Ele é tão divertido", disse Joe Shimon, um ex-inspetor policial de Washington, que recebeu de bom grado Giancana em sua casa, mais de uma vez: "Minha esposa o acha adorável".

Outros discordavam. Rock Brynner, filho de Yul Brynner, se lembrava dele como "assustador, tão profundamente feio que era difícil de olhar para ele. Sua feiura, diferentemente da maioria das pessoas, parecia refletir sua alma". "Ele era tão sério quanto os impostos ou a morte", disse Michael Corbitt, proprietário de um posto de gasolina que foi sugado pelo crime por Giancana, "muito temperamental. Ele podia lhe dirigir um olhar que não era percebido por ninguém. Um olhar de assassino". O chefe da Máfia bateu em uma de suas filhas e teve que ser impedido para não lhe causar sérios danos. Ele, uma vez, atirou em um televisor, deixando o aparelho em pedaços porque não funcionou adequadamente. Um relatório do FBI o caracterizou como "cruel, sem sentimento humano".

Giancana vivia pela arma, o instrumento usado em crimes no qual ele estava envolvido: o roubo e assassinato de um barbeiro em 1926, em outro assassinato dois anos depois, em um sequestro em 1946, que Giancana ordenou que fosse usada para matar um banqueiro em 1948, e para dar fim a um "amigo da família" envolvido no mesmo caso. A vítima, como indicaram as evidências forenses, teve os pés e mãos amarrados, foi forçada a ajoelhar, e então foi estrangulada e

largada crivada de balas.

Frank Sinatra um dia insistiria, em depoimento às autoridades responsáveis pelo jogo em Nevada, que jamais tinha encontrado Giancana até por volta de 1960. Em 1959, disse ao FBI que não sabia nem mesmo como chegar até Giancana, meses depois do escritório ter estabelecido que o mafioso tinha os números de telefone de Frank, o residencial e o comercial. A ligação entre os dois homens tinha, de fato, começado anos antes, como confirma uma grande quantidade de informações.

Eles tinham sido apresentados pela primeira vez, como sugere um documento do FBI, pelo mafioso Angelo de Carlo, de Nova Jersey, que tinha contratado Frank quando ele estava começando. No começo dos anos 1950, quando a carreira de Frank estagnou, Giancana conseguiu trabalho para ele. “Aquele bandido”, disse Frank a Ava, “é responsável por me arrumar um emprego.”

Antoinette, filha de Giancana, se lembrava de Frank ter cantado em uma apresentação beneficente que sua mãe organizou em 1953. Seu pai e Frank se abraçaram e pareciam “muito afeiçoados”, disse ela, quando se encontraram em particular no ano seguinte. Frequentemente, embora não se possa dizer que sempre, eles eram discretos com seus encontros. “Meu pai era o que fazia a ponte”, disse Marilyn Sinatra, filha do primo de Sinatra que trabalhou para Frank na Califórnia. “Sam vinha à nossa casa com seus homens. Ou então, meu pai os levava para encontrar Frank onde é que este achasse que poderiam se encontrar.”

George Jacobs se lembrava de uma ocasião, em 1956, quando Giancana veio para ficar na casa de Frank em Palm Springs. Ele era claramente um “convidado especial”, e Frank estava “ansioso para que tudo estivesse certinho, os lençóis, o sabonete e o caviar.” Quando o mafioso apareceu, acompanhado por camaradas gângsteres, Frank parecia “arrepiado de medo”. Ele seguiu Giancana pelos arredores aonde ele ia, disse Jacobs, sempre “com um comportamento impecável, como um garotinho do altar da igreja.” “O que ele e Giancana falavam”, lembrou Jacobs, “era sobre negócios, os negócios de administração de cassinos. Os números de que eu ouvia falar por aí faziam minha cabeça rodar... Sinatra tinha posse de uma parte do Sands, em troca por fazer seu lugar exclusivo de apresentações em Vegas, e adorava a ideia de ser um capitalista, um proprietário. Ele queria ter ainda mais. Sam Giancana era seu mentor nestas ambições... Sr. S. insistia que o homem era um mágico, um gênio dos negócios.”

No começo de 1958, quando Frank se apresentou no Sands, ele e o chefe da Máfia foram vistos juntos em outro cassino, o El Rancho Vegas. No verão,

quando Frank estava em Indiana fazendo *Deus Sabe Quanto Amei*, Giancana estava lá também. Um dos homens de Giancana, que servia como seu guarda-costas, motorista e *chef*, cozinhou para Frank, já que estava em locação para outros filmes. Shirley MacLaine, que conheceu Giancana durante a filmagem, não soube de início quem ele era, e em uma noite, quando o mafioso estava vencendo-a no jogo de buraco, ela apontou uma pistola de água para ele, de brincadeira. Ele respondeu sacando uma verdadeira pistola 38 na direção dela.

No mesmo mês, quando Frank chegou a Chicago, Joe Fischetti foi pegá-lo no aeroporto. No dia seguinte, acompanhado de Dean Martin, foi levado de carro para a residência do predecessor de Giancana, Tony Accardo. Lá, segundo o FBI foi informado, a dupla fez uma "apresentação de comando privativa". Frank e Martin também cantaram para Giancana e "um grupo fechado de pessoas" em 1959, de acordo com os arquivos do FBI, no Armory Lounge, a antiga espelunca que Giancana usava como seus quartéis.

Registros indicam que em julho, quando Giancana deu uma requintada festa de casamento para sua filha Bonnie em Fontainebleau, Frank veio de avião da Califórnia para participar. No mesmo mês, enquanto tocava no 500 Club em Atlantic City, Frank alugou o primeiro andar inteiro do Claridge Hotel para uma "festa particular" que incluía tanto Giancana quanto Joe Bonanno.

Gincana gostava de ter artistas à sua volta e gostava de manipulá-los. Foi para ele que Sammy Davis Jr. tinha se voltado quando foi ameaçado pela Máfia por causa de seu caso amoroso com Kim Novak, e foi ele quem, depois de Davis ter se casado com uma garota negra, disse a ele que a ameaça tinha sido suspensa. De acordo com uma informação que o FBI recebeu mais tarde, Giancana era o proprietário secreto da Worldwide Actors Agency[143], que contava entre seus clientes Jimm Durante, Sonny King e Frank. Ele foi distraído também pelo brilho e *glamour* do *show business*. Ele tinha estado "no cio" desde a morte de sua esposa, como colocou seu biógrafo William Brashler, e aquilo deu a ele e Frank um interesse comum. Relatórios do FBI refletem Frank como tendo apresentado o mafioso para uma mulher, e vice-versa. Keely Smith também se tornou próxima de Giancana.

Frank saía do seu rumo para agradar o chefe da Máfia. Quando soube que Giancana gostava de um charuto cubano, preparou um carregamento para enviar por avião. Algo mais significativo ainda, ele presenteou o chefe da Máfia com uma estrela rosa de safira. Giancana, que admirava o trabalho de Frank,

conseguiu uma cópia de *A Um Passo da Eternidade* e lhe assistiu mais de uma vez. Ele se referia a Frank como “skinny little runt”[144], mas em certo tom que, segundo pensava sua filha Antoinette, denotava para ele um gesto de afeto. No entanto, não achava que seu pai tinha muito respeito por artistas. Ele simplesmente os usava, disse ela, “para alcançar seus próprios interesses”.

Políticos eram ainda menos estimados por Giancana. “Eles são todos ratos”. Antoinette lembrava de ele dizer, “mais rastejantes que barriga de cobra... indivíduos subumanos.” No entanto, políticos, bem como artistas, têm seus usos.

24
O candidato e a meretriz

John F. Kennedy e Frank se encontraram pela primeira vez em 1955, quando Frank fazia um discurso em um comício do Partido Democrata. Frank disse à plateia que algumas pessoas achavam que os profissionais do entretenimento deveriam ficar fora da política porque o envolvimento político poderia arruinar uma carreira. Sinatra acreditava tão profundamente na causa que o trouxe ao comício que, "se isso significasse o fim da fase de entretenimento na sua vida, que assim fosse", recorda o senador Alan Cranston.

Frank há muito havia se afiliado como democrata, havia feito campanha para Roosevelt, Truman e Adlai Stevenson, como o faria novamente em 1956. Na convenção dos democratas naquele ano, ele cantou seu hino pessoal dos direitos civis, *A Casa Em Que Vivemos*. Ele estava sentado com os partidários de Kennedy quando, depois de Stevenson ter sido escolhido como o candidato do partido, Kennedy não conseguiu a vaga de vice- presidente. Frank ouviu Stevenson elogiar Kennedy como "o verdadeiro herói da vez" pela maneira como se comportou na convenção, e ele ouviu também o lado de Kennedy na situação. Eles já estavam entusiasmados em relação à campanha de 1960.

Frank já estava empolgado com líderes anteriores por conta de suas políticas. Ele e John Kennedy, porém, atraíram um ao outro por outros fatores. Eram da mesma geração, ricos a ponto de o dinheiro se tornar irrelevante, e ambos se acalentavam sob uma aura de *glamour.* Nas viagens à costa leste em meados da década de 1950, Frank começou a visitar Kennedy no hotel Mayflower em Washington. O senador mantinha um esconderijo por lá, um quarto no qual ele dava festas de jantar para celebridades, e Frank agora era uma delas.

Kennedy provavelmente visitou Frank pela primeira vez em Palm Springs no verão de 1958. Chamado para fazer massagem em Kennedy, George Jacobs se

deparou com perguntas lascivas. “A Shirley MacLaine tem a xoxota bonitinha?”, Kennedy quis saber. “As pernas dela eram tão boas como as de Cyd Charisse? Se MacLaine não estava com Frank, como é que ela foi elencada para *Deus Sabe Quanto Amei*?”

Kennedy adorava fofocas sobre as mulheres de Hollywood, e Frank o provia delas – assim como das mulheres em si. “Eu sei que quando Kennedy estava concorrendo à presidência e estava com Sinatra”, Richard Burton observou em seu diário: “o lugar era como um bordel, e Kennedy era o principal cliente.” Esse tipo de coisa, claro, era comentado somente aos sussurros. A cascata de publicidade positiva sobre o senador era motivo de inveja para políticos mais experientes.

No fim do ano de 1958, depois que Kennedy ganhou a reeleição para o senado, Frank deixou que soubessem pela primeira vez que eles eram próximos. “O senador Kennedy”, disse ele aos repórteres, “é meu amigo.”

Para a dançarina Juliet Prowse, que começou um caso com Frank meses depois, ele e Kennedy pareciam amigos do peito. “Era coisa de admiração mútua”, ela disse. “Claro, Frank adora o poder dos políticos, o poder daqueles que fazem as coisas acontecerem.”

JOE KENNEDY MANTEVE-SE ENVOLVIDO, embora nos bastidores, e também visitou Frank em Palm Springs. De acordo com Jacobs, ele maldisse a ajuda com comentários racistas e queimou com um charuto uma das prostitutas que Frank providenciou. “Mr. S.,” o camareiro recorda, “disse que ela havia ‘merecido’... Sinatra respeitou sua arrogância”.

“Nós vamos vender Jack como flocos de sabão,” disse Joe a um amigo, e conseguiu. Ele manipulou a imprensa, garantindo que o rosto de seu filho estivesse na capa das revistas influentes, e forneceu o que aparentava ser quantidades ilimitadas de dinheiro. Quando havia crítica, John Kennedy ria dela. “Eu acabo de receber o seguinte telegrama do meu generoso papai,” ele anunciou no jantar anual do Gridiron Club, uma ocasião leve para a imprensa em Washington. “Querido Jack – não compre um voto sequer além do necessário – Eu estarei condenado se tiver que pagar por uma avalanche.”

Esparramado no chão com um mapa dos Estados Unidos, Joe havia maravilhado um companheiro com seu conhecimento enciclopédico de contatos-chave de um canto ao outro do país. Ele sabia “quem os chefes eram nos bastidores,” disse um democrata do congresso, Eugene Keogh. “Ele estava em

contato com eles pelo telefone, apresentando o caso de Jack.” Também mantinha uma linha aberta de comunicação com a Máfia.

No inverno de 1959, mandou um intermediário para falar com um representante de Joe Bonanno. “Joe Kennedy havia se envolvido conosco desde o início,” disse Bill Bonanno. “Ele pediu um favor e foi contemplado.” O encontro, acrescentou, o levou à arrecadação e à consultoria sistemática com outras figuras do crime nacional.

A antiga ordem da Máfia encontrava-se em estado de incerteza e em meio a uma reviravolta sangrenta. Homens do topo na antiga rede de Luciano estavam mortos ou em declínio. Em Nova York, houve uma tentativa frustrada de matar Frank Costello, e uma tentativa bem-sucedida de assassinar Albert Anastasia. Na Itália, houve dois atentados à vida de Luciano. Luciano então se encontrou na Sicília com mafiosos americanos, incluindo Joe Bonanno, para discutir o caminho a se seguir.

Por todas as divisões, o império do crime estava florescendo. Em Havana e Las Vegas, os jogos de azar iam de vento em popa. O tráfico de narcóticos aumentava. A Máfia se diversificava, penetrando o mundo dos negócios legitimados como nunca havia feito. À medida que a Máfia prosperava, porém, havia uma crescente pressão do congresso para restringir seu poder. Para contê-la, assim como políticos procuravam o apoio de criminosos, criminosos astutos estavam de olho em políticos potencialmente condescendentes.

Bill Bonanno é a única fonte da Máfia que falou sobre a fase inicial do pacto de Kennedy com os mafiosos. “Eu fui instruído a voltar para Nova York [de Tucson] e sondar outros líderes sobre um esforço orquestrado para apoiar JFK”, recordou ele. “As opiniões sobre Kennedy eram profundamente divididas. Joe Profaci [um chefe da Máfia de Nova York], por exemplo, disse que simplesmente não confiava em Kennedy. Líderes do meio-oeste – em Cleveland e Michigan – haviam deixado claro que deveríamos ir atrás de alguém que fosse mais enraizado nos sindicatos, onde tínhamos mais influência.”

Líderes mafiosos mais jovens estavam divididos, de acordo com Bill Bonanno. Santo Trafficante, de Tampa, hesitava em apoiar Kennedy. Carlos Marcello, de Nova Orleans, se opunha veementemente. Giancana, por sua vez, parecia estar a favor, e Joe Kennedy precisava de uma maneira de alcançá-lo.

O velho Bonanno não servia muito para tal fim, porque havia sofrido um ataque cardíaco havia pouco tempo e porque ele e Giancana não se davam bem. Joe Kennedy recorreu então a “Jimmy Blue Eyes” Alo. “Joe veio a mim antes,”

disse Alo. “Kennedy e eu tínhamos um amigo mútuo, Phil Regan, o ator e cantor do Brooklyn. Eu recebi uma chamada de um velho amigo que eu conhecia desde Detroit, do cassino. Ele disse: ‘Phil Regan está na cidade, ele quer falar com você.’ Joe Kennedy havia mandado Phil me ver.”

Regan, um ex-policial de Nova York que havia se tornado um artista do entretenimento, reconheceu em uma entrevista que já conhecia a família Kennedy desde o começo da década de 1930. Ele disse também: “Lá atrás, em 1959, eu trabalhei para o pai de Jack... Eu viajei com Jack o ano de 1959 inteiro”. Ele também era próximo dos mafiosos de New Jersey e iria finalmente ser preso na Califórnia por tentar subornar um oficial do condado.

Alo recordou-se de ser abordado por Regan. “Nós nos encontramos em Bal Harbor, na Flórida, e conversamos. Ele disse: ‘Bem, você sabe que Jack Kennedy vai ser nomeado para concorrer à presidência? O velho me delegou a tarefa de vê-lo porque ele já tem tudo planejado...’ Ele disse: ‘Você conhece o Sam Giancana?’ “Eu disse: ‘Ah, claro.’ Ele disse, ‘Você conversaria com ele?’ Joe Kennedy queria que falasse com ele sobre ajudar Jack em Chicago... Eu disse: ‘Deixe-me longe desses políticos!” Phil, não me envolva com a política porque eu não quero ter nada a ver com isso’... Eu recusei... A próxima coisa de que ouço falar é que eles foram atrás de Sinatra.”

Políticos e chefes do crime vinham usando e abusando do regime democrático. Duas décadas antes, de acordo com Lucky Luciano, ele e Costello haviam se encontrado secretamente com o candidato presidencial democrata Al Smith para intercambiar apoio pela promessa de favores futuros. Quatro anos depois, quando Smith brigou contra Roosevelt pela nomeação, a Máfia cobriu suas apostas. Luciano compartilhava uma suíte de hotel na convenção democrata com um partidário-chave de Smith, enquanto Costello se reunia com um assistente *top* de Roosevelt. Roosevelt não se revelou um bom patrono, mas os chefes da Máfia continuaram a acreditar que poderiam influenciar a política.

Llewlla Humphreys, filha do sócio de Giancana Murray, “o camelo” Humphreys, disse que ela foi recebida na Casa Branca pelo presidente Harry Truman. Ela alegou também ter encontrado Dwight Eisenhower em um encontro do sindicato em Chicago convocado para “decidir quem deveria ser o próximo presidente dos Estados Unidos.” “Meu pai”, disse ela, “não tinha um grande respeito por políticos... Ele sabia que podia controlá-los.”

Como um aprendiz de gângster em Chicago, Giancana havia sido um eleitor ilegal durante as primárias republicanas de 1928, um das dúzias de capangas que

corria de uma zona eleitoral a outra emitindo votos falsos. Quando gângsteres cometeram o maior abuso eleitoral naquele ano – eles atiraram em um candidato para garantir a eleição do outro – Giancana foi um dos questionados.

Ao final de 1950, como cabeça da Máfia de Chicago, Giancana tinha dois deputados, vários representantes estaduais e numerosos membros de comitê em seu bolso. O prefeito Richard Daley raramente se opunha à sua vontade. Agora, a aposta estava prestes a aumentar.

O crime organizado sempre procurou maneiras de corromper oficiais públicos comprometendo-os, explorando suas fraquezas, e John Kennedy havia tornado fácil o trabalho dos mafiosos em identificar seu calcanhar de Aquiles. Segundo a viúva de Meyer Lansky, num passeio para Havana na década de 1950 com o senador, Kennedy havia pedido conselho para seu marido sobre onde encontrar as melhores garotas. “Dê uma garota a ele”, disse Giancana em 1959, “e ele fará de tudo.”

Giancana estava especialmente bem situado para ter tal conhecimento. Em uma noite de verão em 1958, o FBI descobriu que Pat e Peter Lawford estavam socializando no Mocambo com Bea Korshak. O marido da senhora Korshak, Sidney, era um poderoso advogado que trabalhava para a Máfia e era próximo de Giancana – e de Frank – com comprovada *expertise* em comprometer seus inimigos. Ele havia se furtado a ter de testemunhar para o comitê Kefauver por meio da obtenção de fotos comprometedoras do senador Kefauver em um quarto de hotel com duas mulheres e, então, do confrontamento de Kefauver com tais fotos.

Frank, como Peter Lawford colocou posteriormente, era o atual “cafetão de Jack”. Ele era capaz tanto de produzir apresentações com mulheres desejáveis em Hollywood como de conseguir encontros com prostitutas. Havia o que o FBI chamava de “festas indiscretas em Palm Springs, Las Vegas e Nova York” envolvendo Kennedy, Lawford, Frank e as prostitutas. Havia também o que William Safire havia chamado de “a mais surpreendente relação dupla na história do crime e da política.”

POR ALGUMAS NOITES, na primeira semana de novembro de 1959, depois de um evento de arrecadação em Los Angeles, Kennedy e seu assistente, Dave Powers, foram convidados de Frank em sua casa em Palm Springs. Powers lembrou de como cada manhã era “repleta de música na casa inteira, até nos banheiros.” Frank tinha orgulho da visita e batizou os cômodos que Kennedy

havia usado como “Kennedy Room”, e finalmente pendurou a placa “JOHN F. KENNEDY SLEPT HERE” na porta. A decisão de permanecer, que foi feita de última hora, foi evidentemente considerada uma boa ideia. “Tivemos uma ótima noite,” disse Powers.

Antes de Frank e Kennedy deixarem Los Angeles para ir a Palm Springs, jantaram no Puccini em Beverly Hills. Nick Sevano, que estava lá naquela noite, lembrou que Kennedy e Frank se interessaram muito por duas mulheres sentadas em outra mesa – a atriz Angie Dickinson e uma beldade morena chamada Judith Campbell. “Frank mandou um recado para mim dizendo ‘Traga as gatinhas aqui,’” disse Sevano. “Eu as trouxe e nós acabamos na casa de Frank até três da manhã assistindo a filmes. As garotas não ficaram – apenas assistiram aos filmes.”

Judith Campbell – mais conhecida por seu nome de casada, Judith Exner – era filha de um arquiteto bem de vida, e ex-modelo da Bonwit. Ela havia crescido em Nova Jersey e sul da Califórnia e na sua adolescência havia socializado nas bordas da sociedade de Hollywood. Ela havia namorado Robert Wagner brevemente, casado-se com um ator, William Campbell, quando tinha 18 anos, e então se divorciou – depois de uma separação de dois anos – no começo de 1959, quando ela tinha 25. Ela encontrou Frank pela primeira vez em “festas”, disse ela, apenas meses antes do encontro no Puccini.

Campbell permaneceria desconhecida do público até dezesseis anos depois, quando o comitê do senado levantou evidências de que durante a presidência de Kennedy ela havia tido contato regular não apenas com Kennedy, mas com Giancana e Johnny Rosselli. A passagem relevante do relatório do comitê não estabeleceu qual a natureza dessas relações e não mencionou Sinatra. Nas memórias de Campbell, *My History*, publicadas em 1977, nada foi dito sobre Kennedy estar presente no restaurante Puccini ou no quarteto que se formou da partida do restaurante à casa de Frank.

De acordo com seu relato, Frank havia enviado Sevano para perguntar se ela gostaria de sair com ele. Ela concordou, e Frank seguiu ligando para ela e, então, abordando-a, novamente no Puccini, para uma conversa. Logo depois, como alguém pôde supor já que Kennedy estava com Frank em Palm Springs, ele ligou para Campbell para pedir-lhe que se juntasse a ele numa viagem para Honolulu. Ela voou dois dias depois, no dia 9 de novembro, e encontrou Frank no aconchego da cobertura do hotel Surfrider com Peter e Pat Lawford e outros.

Houve muita bebida, conversas inconsequentes e uma expedição de compras.

Campbell fez questão de pontuar que foi ela quem pagou pelas compras. Ela foi para a cama com Frank naquela noite, uma experiência que descreveu como idílica. Porém, o clima romântico foi dissipado no terceiro dia, quando Frank e Lawford foram para o quarto com mulheres japonesas para uma sessão de "massagem". Lawford deu em cima de Campbell, e ela afirma ter rechaçado a investida. Nas duas noites consecutivas, Frank afundou num temperamento feio e perseguiu outra mulher.

Karen Dynan, uma turista que estava de férias no Havaí naquela semana, lembrou-se de haver flertado com Frank, vestido em seu traje de banho laranja. Ela viu Campbell deixar Sinatra para trás e para Dynan aquilo pareceu o contrário, como se Campbell estivesse sendo dispensada. "Nós estávamos bebendo e essa mulher saiu andando, uma bela mulher de cabelos morenos, vestida num terno e pronta para viajar, toda maquiada. Lawford disse: 'Bem, adeus, Judy'. Sinatra não olhou para ela ou disse coisa alguma. Nós pensamos que ela fosse uma prostituta ou algo do tipo."

Quando Campbell voltou a Los Angeles, um colunista local perguntou-lhe se ela e Frank tinham ficado juntos no Havaí. "Nem de longe", respondeu. Frank, no entanto, voltou a contatá-la logo em seguida, disposto a seguir o relacionamento. Eles se viram novamente duas semanas antes do Natal, na casa de Campbell em Palm Springs. Peter e Pat Lawford estavam presentes novamente, assim como Jack Entratter e Johnny Formosa, um sócio íntimo de Giancana. Campbell pressupôs que aquele Formosa tinha "alguma conexão com o submundo de Chicago", pensou Frank, "e andava cuidadosamente ao seu lado."

A conversa no jantar foi dominada por política. Frank parecia "quieto" durante a discussão e, na cama aquela noite, falou sobre Kennedy. "Eu vou apostar até dinheiro", disse ele a Campbell. "Jack consegue ser nomeado.... Ele é meu amigo. Eu sei como ajudar meus amigos."

No mês seguinte, Frank foi a um estúdio para gravar uma versão especial de *High Hopes*, uma canção que havia gravado no ano anterior para o filme *Os Viúvos Também Sonhar (A Hole in the Head)*. A nova versão, com Nelson Riddle conduzindo e as letras especiais de Sammy Cahn, era chamada *High Hopes with Jack Kennedy*:

> *Everyone wants to back Jack*
> *Jack is on the right track.*[145]

Foi feito para ser o tema da campanha, retumbando em alto-falantes enquanto o candidato percorria seu caminho de cidade a cidade nos meses que se seguiram. “Eu sou Jack Kennedy”, diria, enquanto acenava com a mão. Então: “Eu venho de milhares de milhas daqui. Eu não sou seu vizinho, mas eu não acho que isso importe. O que conta é a qualidade do homem e do seu bom julgamento”.

Frank teria mais impacto na campanha de Kennedy do que qualquer artista havia tido em qualquer campanha presidencial precedente. Diz-se que ele mostrou aos seus convidados recados emoldurados que alegou ter recebido de Kennedy durante sua campanha. “Frank”, lia-se em um deles, “como podemos contar com os rapazes de Vegas?”

Em janeiro de 1960, Kennedy começou a trabalhar nos Estados principais a bordo do Caroline, um avião que sua família havia adquirido meses antes. Frank, enquanto isso, fazia ponte aérea entre Los Angeles, Palm Springs e Las Vegas, onde ele filmava *Onze Homens e um Segredo* e se apresentava nos shows do *Sands in the Rat Pack*. Foi no Sands, de acordo com Judith Campbel, que ela conheceu Kennedy.

KENNEDY voou para Las Vegas num domingo, 7 de fevereiro de 1960. “Não havia razão maldita alguma para parar por ali,” disse Blair Clark, uma repórter da CBS viajando no Caroline, “exceto pela diversão e pelos jogos. Nós todos percebemos: ‘Que mal faria ver Sinatra no Sands?”’ Como Kennedy via os shows naquele fim de semana, ele se tornou parte do entretenimento.

“Senhoras e senhores,” Frank anunciou naquela primeira noite, “O senador John F. Kennedy, do grande estado de Massachusetts... O próximo presidente dos Estados Unidos!” Kennedy se levantou, fez reverência e recebeu aplausos de pé. “Filho da mãe”, exclamou Bishop. “Você tem os votos dos judeus!” “O que”, perguntou Dean Martin, “você disse que o nome dele era? Frank, se ele conseguir, você será o embaixador na Itália.”

Ninando Sammy Davis em seus braços, Frank agradeceu pelo “troféu” que havia “chegado da Associação Nacional para a Promoção das Pessoas de Cor”. Era um trote que eles usaram com frequência, mas nesta ocasião Frank foi até lá e derrubou Davis no colo de Kennedy. “Está tudo perfeitamente bem para mim”, Davis lhe disse, “desde que eu seja doado para George Wallace ou James Eastland [segregacionistas proeminentes].”

Kennedy era o centro das atenções naquela noite e na próxima, quando, às

altas horas da madrugada ele reembarcou no Caroline para prosseguir com sua campanha. Depois dos shows, Davis recordou em suas memórias, todos se sentaram falando de política e em como reunir apoio do *show business*. Semanas depois da visita de Kennedy, porém, o FBI ficou sabendo que Kennedy, Sinatra e Lawford haviam se "envolvido em alguma espécie de festa indiscreta." O dono do El Rancho Vegas, um alegado informante, havida falado sobre *showgirls* correndo para dentro e para fora da suíte de Kennedy. O gerente de campanha do candidato havia "lamentado a associação de Kennedy com Sinatra" e "certas atividades sexuais de Kennedy com esperanças de que elas nunca tivessem publicidade."

Blair Clark, que havia sido uma colega de classe de Kennedy em Harvard, sentou-se à mesa de Sinatra no Sands e foi convidada a juntar-se ao senador na suíte de Frank escada acima. Haviam passado pela mesa "oportunistas e *showgirls*", lembrou-se Clark, e duas mulheres presentes na suíte. Ele e Mary McGrory, do *Washington Star,* haviam pedido licença, disse Clark, "porque perceberam que Jack e Frank e algumas garotas estavam prestes a fazer uma festa". Um ex-inspetor do Fisco americano descobriu, por meio de uma atriz que trabalhava em *Onze Homens e Um Segredo*, que Kennedy recebia suprimentos de mulheres e "experimentava as mercadorias."

O supervisor do cassino do Sands, Ed Walters, ouviu de colegas do quadro de funcionários do hotel, incluindo aqueles envolvidos na limpeza das salas do senador, não só sobre os galanteios de Kennedy, mas também sobre seu uso de cocaína. Trabalhadores da campanha até tentaram comprar cocaína para ele; outros do séquito de Kennedy, entretanto, estavam preocupados. "Com o antigo sistema de PBX que nós tínhamos", disse Walters, "as telefonistas sabiam quem ligava para quem e ouviam coisas. A família de Kennedy lá no leste estava preocupada com ele, saindo e sendo seduzido por Sinatra e as garotas, e com seus problemas de saúde – tinha um médico com ele quando veio. Nós nos perguntávamos se ele estava concorrendo para presidente, se não estaria se aproximando demais de Sinatra."

Quando Clark e McGrory decidiram que era prudente deixar a suíte de Sinatra, lembrou-se Clark, uma das mulheres com Frank e Kennedy era Judith Campbell.

"EU ESTAVA SENTADA à mesa no Sands com Peter e Pat e Jack", disse Milt Ebbins, agente de Lawford, anos depois. "As luzes estavam baixas, mas

senti uma mulher chegar e sentar-se ao meu lado – talvez fosse o seu perfume. E ela disse: ‘sou Judith Campbell, convidada do Sr. Sinatra. Ele me pediu para me sentar nesta mesa.’”

Quando o show terminou, disse Ebbins, ele a apresentou às pessoas da mesa. Ela foi, em seguida, “escada acima” com Kennedy. “Eu fui ao Peter mais tarde e disse: ‘Quem é aquela garota?’ E Peter disse: ‘Ela é uma prostituta. Frank lhe deu duzentos dólares para ela parar em nossa mesa... para ir à cama com Jack.”’ O crupiê do Sands Count Deiro disse que Campbell era uma das três mulheres rodeando Kennedy naquele fim de semana.

Nas memórias de Campbell oferece-se uma versão mais romântica da história. Kennedy “estava muito bonito em seu terno desenhado,” quando sentou-se à mesa de Frank, ela escreveu. “Aqueles dentes fortes e brancos e seus olhos irlandeses sorridentes.... Eu estava tremendamente impressionada pelo porte, inteligência e charme.” Foi Edward Kennedy, disse, que a perseguiu na primeira noite: ela teve que se esquivar dele quando o viu em frente à sua porta. Então, John lhe telefonou, convidando-a para almoçar com ele no dia seguinte no pátio de Frank. O encontro durou três horas e, disse ela, eles passaram a maior parte do tempo falando de religião. Ambos eram católicos e a religião de Kennedy era tema de campanha. Na segunda noite, do camarote de Jack Entratter, assistiram à apresentação do Rat Pack. Kennedy não fez nenhuma investida naquele fim de semana, afirma, mas lhe telefonou logo em seguida para vê-la novamente. Eles transaram pela primeira vez um mês depois, de acordo com Campbell, no hotel Plaza de Nova York. Seguiu-se, então, o que ela caracterizou como “um longo e íntimo relacionamento”, que durou até o segundo ano do mandato de Kennedy.

Em suas memórias, Campbell disse como, dois dias depois de transar com Kennedy, voou para Miami, a pedido urgente de Frank, para ver a apresentação do Rat Pack no Fontainebleau. Quando ela chegou, disse, Frank a apresentou para Joe Fischetti, e então – num encontro social – para Giancana.

“Venha cá, Judy”, lembra Campbell de Frank ter dito. “Eu quero que você conheça um bom amigo meu, Sam Flood.” Giancana estava usando um de seus pseudônimos. Quando ela entrava na sala, Campbell disse, “os olhos de Flood nunca me abandonaram.... Havia um pequeno sorriso em seu rosto.” No dia seguinte, ela estava sentada para um jantar com Giancana. Quando ela foi fazer seu *check-out*, descobriu que ele havia pago sua conta do hotel.

A vida de Campbell seria agora dominada pela sua relação sexual com John

F. Kennedy e seus contatos paralelos com Giancana. De modo controverso, ela alegou, antes de sua morte, que Kennedy a usou como uma espécie de mensageira, para carregar envelopes para Giancana. Ela carregava dinheiro durante as campanhas eleitorais, disse, e no começo da presidência, papéis relacionados a planos do assassinato de Fidel Castro. Ela também afirmou que presenciou encontros secretos entre Kennedy e Giancana.

Quando ela começou a se pronunciar, em 1975, mantenedores da chama de Kennedy negaram ou zombaram das alegações de Campbell. “A única Campbell que eu conheço”, ria Dave Powers com escárnio, “é uma sopa de verduras massuda.” Frank publicou um comunicado à imprensa quando Campbell anunciou que escreveria seu livro. “O inferno não tem tanta fúria”, lia-se, “quanto uma vigarista com um agente literário.”

De qualquer maneira, muito do que Campbell alega é confiável. Boa parte do que diz é ancorado por registros de telefonemas da Casa Branca e outras documentações. É bastante interessante que algumas de suas alegações mais controversas sejam suspeitas porque ela não as tornou públicas até que muitos anos se passassem, e foram feitas na época como confissões “privadas”. Ao que parece, no entanto, Campbell estava longe de ser ingênua. Ela não era, como se autorretratava, uma mulher ligeiramente reservada arrebatada por homens glamorosos.

Uma declaração ácida de Frank para a imprensa sobre Campbell havia sido editada por um advogado. No rascunho de Frank, ele a havia chamado não de vigarista, mas, sim, de “prostituta”. Campbell sempre negou vigorosamente que recebia dinheiro por sexo e abriu um processo de calúnia quando um livro fez tal alegação. Ainda assim, um agente do FBI, que a investigava, William Carter, disse que ele e seus colegas “definitivamente pensavam que ela vendia seus favores”. Ele considerava Campbell uma “prostituta de luxo”.

A declaração de Carter reforça a de Karen Dynan, que pensou que Campbell fosse uma prostituta quando a viu no Havaí, assim como as de Lawford e do agente Milt Ebbins. De acordo com George Jacobs, Campbell era uma espécie de “prostituta agendável por telefone” que fazia “truques discretos”. Se não exatamente uma prostituta, “ela namoraria qualquer um... Ela era a perfeita *pin-up* da era Eisenhower, da garota da porta ao lado. Que ela cobrava por favores não era bem o ponto... Se um dos amigos do Sinatra vinha para a cidade e queria transar, ele enviaria Judy... Ela parou de cobrar o Frank, como forma de comissão pelas apresentações. Ela fez milhares. Eles faziam um bom dinheiro

naquela época... Todos os supervisores de cassino, todos os gerentes de hotel a conheciam."

"Campbell era notória para nós no hotel," disse Conde Guido Deiro, um crupiê do Sands. "Naqueles dias, nós agenciávamos gente no cassino o tempo todo. Era parte do pacote complementar de delícias que oferecíamos aos jogadores. Seu número pode ter constado na lista, não tenho certeza... Ela era notória no sentido de que nós sabíamos quem era e que era considerada uma garota de alta classe que poderia ser comprada."

Assim como havia dúvidas sobre as negações de Campbell sobre receber dinheiro por sexo, havia razão para duvidar sobre o que ela dizia sobre sua relação com mafiosos. Em seu livro de memórias, ela escreveu como se o mundo da Máfia fosse um terreno desconhecido para ela. Conde Deiro disse que ela era especialmente familiar com a equipe do Sands "porque era namorada de Johnny Rosselli." Quando Campbell conheceu Kennedy, Rosselli estava operando em Las Vegas em nome de Giancana. Ele também tinha tido uma conexão de longa data com Joe Kennedy – eles eram parceiros de golfe ocasionais e jogavam cartas juntos. Campbell disse ao Comitê de Inteligência do Senado que conheceu Rosselli possivelmente em 1960. Até aquele ano, ela alegou em entrevista que não tinha conhecido nenhum mafioso. Em suas memórias, entretanto, ela disse que havia o conhecido "apenas brevemente anos antes".

Rosselli disse em 1975 que ele a conhecia desde 1951, quando ela tinha dezessete anos, que a conheceu durante seu curto casamento e que saiu com ela assim que se divorciou. Patricia Breen, viúva de um dos sócios de Rosselli em Hollywood, disse que Rosselli via Campbell "com frequência". Brad Dexter, que conhecia todos os envolvidos, disse que Rosselli e Campbell mantiveram uma relação sexual. Ele também descartou a alegação de Campbell de não ter conhecido Giancana até depois de seu envolvimento com Kennedy, dizendo que tinha certeza de que ela o havia conhecido antes de 1960. Essas asserções, indicando que a mulher com quem Kennedy havia se envolvido já estava associada a um chefão da Máfia quando ela o conheceu, colocou uma nova e nefasta conjectura no episódio já desgastado.

"Quando Sam queria uma garota", disse George Jacobs, "Sinatra a enviava a ele." A ordem em que Campbell se conectou com os homens-chave envolvidos, acrescentou Jacobs, não era – como ela afirmava – Sinatra, seguido de Kennedy, seguido de Giancana. Era, na verdade: Sinatra, seguido de Giancana, e então John Kennedy.

Depois que as memórias de Campbell foram publicadas, Peter Lawford começou a compilar notas sobre o caso de Judith Campbell. Num fragmento sobrevivente, recuperado depois da morte dele, escreveu: “Judy era uma prostituta da Máfia”.

CAMPBELL FOI A LAS VEGAS no fim de semana que se encontrou com Kennedy, segundo alegou, só porque Sinatra pediu a ela que fosse. Uma reportagem publicada na revista *Newsweek*, em 1975, quando a primeira história de Campbell-Kennedy apareceu, sugeria outro cenário. Uma fonte não nomeada naquela reportagem − hoje identificada como Sammy Davis Jr. − estava bastante envolvida naquele fim de semana. Ele colocou seu carro e seu motorista à disposição de Kennedy e se divertiu com Frank e Kennedy na suíte de Sinatra. Como contou Davis à *Newsweek*, tinha sido admitido com antecedência que Kennedy solicitaria companhia feminina porque “todos sabíamos que ele era um garanhão.” Conforme solicitado, disse, a companhia feminina foi arranjada. A *Newsweek* reportou Davis explicando que tudo foi feito “discretamente: em vez de encontrar alguém do local, eles decidiram por uma garota ‘de fora’ – e alguém pediu a Giancana que fizesse uma ligação para Los Angeles”.

Pode ser que Giancana estivesse por perto quando Campbell e Kennedy se conheceram. Gloria, a esposa de Sammy Cahn, estava na festa de Sinatra naquele final de semana. Ela sabia quem Giancana era e lutando para lembrar dos fatos quando entrevistada em 2001 disse que achava que o chefe da Máfia estivera presente no hotel. Ela se lembrava das pessoas dizendo, em algum momento: “Como pode Frank com toda essa gente em volta dele, quando ele tem o senador e outras pessoas maravilhosas?”.

Frank, provavelmente, pouco se importava com aquilo. Isso porque, naquela época, e mesmo durante a presidência, Kennedy se comportou como se pudesse se livrar de qualquer coisa, inclusive de sua relação com Giancana. “Eu conheci Jack Kennedy quando ele era um senador”, disse Nick Sevano, “e nós jantamos com Sam [Giancana] e alguns outros. Jack era muito respeitoso com Giancana.” O colunista social Taki Theodoracopulos, que andava com as mesmas pessoas que os Kennedy no começo dos anos 1960, lembrava de uma noite em que saíram, em Nova York, com Peter Lawford e Giancana, apresentado por seu apelido de Sam Mooney. “Eles conversaram sobre todas as garotas que Mooney costumava fornecer para os Kennedy”, disse Theodoracopulos, “lembrando das garotas que JFK tinha conseguido por meio de Mooney. Mooney tinha muito

orgulho de sua ligação com Kennedy. Sempre soltando algo como: ‘Quando Kennedy disse isso, quando disse aquilo, quando enviou seu avião...’ Dava para saber que eles se encontravam.”

“Eu acho que não é preciso ter muita imaginação”, disse Judith Cambell, anos depois, “para pensar que há uma possibilidade de eu ter sido usada.” “Eles deliberadamente a deram como presa a Jack”, disse Brad Dexter, antes de sua morte, em 2002, “e Frank era parte disso. Muito a sério.”

O COMITÊ DE INTELIGÊNCIA DO SENADO esbarrou no caso amoroso de Kennedy e Cambpell na metade dos anos 1970, enquanto investigava se, enquanto presidente, Kennedy sabia das tramas para assassinar líderes internacionais. O comitê não podia questionar Giancana porque ele havia sido morto a tiros no dia em que a equipe do Senado chegou para negociar seu depoimento.

Rosselli, de fato, testemunhou, mas repetidamente se recusou a responder perguntas como sobre o que sabia sobre o primeiro encontro de Campbell com Kennedy. “Eu não vou responder a esta questão”, disse ele. Questionado sobre se tinha alguma vez a visto com Kennedy, ele respondeu: “Acho que vou parar. Eu podia responder a algumas destas questões, mas não acho que quero entrar nisso!” Ele nunca responderia àquelas questões centrais, porque foi morto poucos meses depois.

Campbell foi questionada, mas não sob juramento. Apenas um parágrafo foi atribuído a ela no relatório interno do comitê, o qual se referia apenas como sendo uma anônima “amiga próxima” do presidente. O comitê não entrevistou Frank, uma omissão notável, nunca explicada satisfatoriamente. William Safire se expressou fulminantemente sobre a omissão em diversas colunas, listando mais de doze questões a que Frank deveria ter respondido. Entre elas:

- Quando você apresentou Sam Giancana para Judith Campbell, se é que o fez, e a pedido de quem?
- Os mafiosos pediram a você que a apresentasse para os Kennedy?
- Você chegou a ver Campbell e Kennedy juntos, ou Giancana, Rosselli e Campbell juntos?
- Até onde você sabe, houve algum registro dos encontros entre a senhorita Campbell e John Kennedy, ou então, foram tiradas fotos deles que pudessem ter sido usadas pelo crime organizado com propósito de

chantagem?

- Vocês estavam atentos a qualquer tipo de comunicação entre o Presidente e o homem contratado para matar Fidel Castro por intermédio da mulher que você apresentou para ambos?

Era inaceitável, escreveu Safire, para o presidente do comitê "fechar a tampa da caixa de Pandora uma vez que agora tinha espreitado o mal que se escondia lá dentro. Como cantava aquele grande organizador de encontros entre os criminosos da Máfia, belas mulheres, e um presidente do Estados Unidos: 'Tudo – ou absolutamente nada'."

Em março de 1960, na semana em que Campbell disse que ela teve seu primeiro jantar com Giancana, na Flórida, um relatório do FBI citou um informante dizendo que Frank estava "se colocando à disposição para assessorar a campanha do Senador Kennedy, por meio do que Joe Fischetti e outros criminosos terão acesso ao Senador Kennedy". Mais ainda, os mafiosos estavam "financeiramente apoiando e ativamente se esforçando para assegurar a nomeação de Kennedy."

Sinatra e Joe Kennedy também estavam em Miami naquela ocasião, e Frank pediu a Sammy Cahn que lhe fizesse um favor. "Frank", disse Cahn, "pediu a mim: 'sammy, leve o Papai Joe até o hall e o apresente ao Sr. Fischetti'. Então, lá estava eu, andando pelo hotel, levando o pai do em breve candidato democrata até o hall para conhecer o Sr. Fischetti. Quer dizer, um dos mais bem conhecidos criminosos dos Estados Unidos!" Cahn fez como havia sido ordenado, embora tenha ocorrido para ele, mesmo então, que aqueles homens estavam jogando "um jogo perigoso".

25
No meio de tudo

“NÃO É DO PAPA que tenho medo, é do Pop”, disse o ex-presidente Harry Truman sobre a previsão de que John Kennedy, um católico, poderia vencer a disputa pela Casa Branca. “O velho Joe Kennedy é o maior trapaceiro que já tivemos em qualquer lugar deste país.” Conforme a campanha esquentava, Joe buscava a Máfia mais assiduamente do que nunca. No mês anterior ao episódio em Miami, convidou Giancana, Rosselli e outros líderes da máfia a se juntarem a ele em um almoço no restaurante Felix Young em Nova York. Giancana escutou Joe fazer suas conjecturas, mas não se comprometeu a ajudar seu filho a ganhar a presidência. O conselheiro de Giancana, Murray Humphrey, que lembrava das discussões com Joe Kennedy durante a Lei Seca, estava atento às lisonjas dele. Giancana sabia, também, que Robert, o irmão do potencial presidente, era um inimigo ávido do crime organizado – durante seu trabalho para o Subcomitê de Investigações do Senado, ele tinha mirado e interrogado pessoalmente o chefe da Máfia. Giancana imaginava se poderia se arranjar melhor com Richard Nixon na Casa Branca.

Joe Kennedy precisava trazer Giancana à bordo porque a influência da Máfia na política de Illinois era muito forte, e Illinois era um estado-chave para a eleição. Quase três décadas depois, quando sua filha Tina estava preparando o filme televisivo sobre a vida do pai, Frank revelou o que aconteceu depois daquilo. Durante o almoço, no condomínio de Kennedy em Hyannis Port, Joe Kennedy disse a ele o que queria. Como retratado no filme, a conversa se deu como a seguir:

Joe Kennedy: Frank, nós somos farinha do mesmo saco, viemos do mesmo mundo, escolhemos nosso caminho para subir na vida. Nós conhecemos as mesmas pessoas. E eu sei que você conhece as pessoas de quem estou falando.

Frank: Claro, conheço sim.

Kennedy: Nós precisamos de um impulso de nossos amigos de Chicago que controlam os sindicatos. Eles podem vencer esta corrida para nós. Mas você entende, Frank, não posso ir até essas pessoas. Isso poderia se voltar contra Jack. A Casa Branca não pode dever nenhum favor a eles. A melhor coisa que você pode fazer por Jack é pedir pela ajuda como se fosse um favor pessoal para você.

Frank: Eu compreendo.

Frank concordou em ser um intermediário. Sua primeira missão, no entanto, não envolvia Illinois, mas sim uma campanha vital nas primárias. Na vida real, e também no filme, ele aborda o assunto com Giancana durante um jogo de golfe. “Meu amigo Jack Kennedy”, disse Frank ao mafioso, “precisa de ajuda com as primárias na Virgínia do Oeste”.

A Virgínia do Oeste tinha aparentado jogo certo até Hubert Humphrey, um protestante, entrar na corrida. A população da Virgínia do Oeste era, em mais de 95%, protestante e nunca tinha eleito um católico para nenhum cargo importante. Ainda assim, Kennedy castigou Humphrey na primária, uma vitória envolta em nuvens de alegações de corrupção desde o começo.

“Eu conheço bem Joe Kennedy”, disse Bob Neal. “Ele fez um trato com Giancana e a primeira parte do combinado foi a Vírginia do Oeste”. Giancana tinha, finalmente, conquistado reuniões pessoais com Kennedy, arranjadas por Frank. Murray Humphreys, sócio do mafioso, que tinha permanecido cético mesmo depois de ouvir a “falação” de Frank, perdeu a discussão. Humphreys concluiu, disse sua esposa Jeanne anos depois, que Giancana concordou “em eleger aquele moleque do Joe Kennedy”, em parte, “para impressionar Sinatra”.

Na Virgínia do Oeste, o amigo de Frank Skinny Amato estava espalhando dinheiro como se fosse esterco na roça. “Nós temos eles conosco”, disse Amato, comunicando que tinha falado com “o Velho”, um dos irmãos de Kennedy, ou um de seus assistentes próximos, algo que acontecia todo dia durante a campanha. Uma fotografia da época o revela conversando com John Kennedy. Também visível na fotografia está Angelo Malandra, um advogado da Máfia que, como disse um agente do FBI, era “uma das pessoas que, juntamente com Sinatra, detinham o dinheiro da máfia na Virgínia do Oeste”.

John Chernenko, um ex-presidente de comarca democrata na Virgínia do Oeste, disse ter recebido uma mensagem, em 1960, de um conhecido gângster. “Frank Sinatra”, dizia o contato, “estava interessado em saber se estavam precisando de algum dinheiro”.

Dinheiro para a Virgínia do Oeste, como D'Amato tinha ouvido em uma conversa em um grampo telefônico, tinha vindo de Las Vegas. Em fevereiro, enquanto Kennedy relaxava na suíte de Frank no Sands, Peter Lawford tinha levado Sammy Davis a um canto para dizer algo. "Se você quer ver a cara de um milhão de dólares em grana viva", ele sussurrou, "vá até o próximo cômodo. Há uma sacola de couro marrom no *closet.* Abra-a. É um presente dos donos do hotel para a campanha de Jack."

Depois de sair uma noite com Frank naquele ano, Brad Dexter passou por uma experiência semelhante. "Nós voltamos", disse Dexter, "e ele disse que tinha uma valise em seu carro e que era para eu ir pegá-la. Eu a trouxe para dentro e ele disse: 'Abra'. A maldita valise estava arrebentando de tão cheia de notas de cem dólares enroladas em pacotes. Devia ter cem ou duzentos mil dólares lá."

"Eu disse: 'Jesus Cristo, Frank, ficamos fora a noite toda. Qualquer um dos manobristas podia ter tirado a valise do carro e virado do avesso toda esta porra de dinheiro'. Ele diz: 'Não se preocupe com isso Brad. Tem mais de onde veio este'." Frank então explicou que o dinheiro da bolsa vinha dos "Rapazes" − a Máfia. Segundo Dexter, a secretária de Frank, Gloria Lovell, "costumava receber mensagens e dinheiro de um lado para outro para ele, para Chicago, para Sam Giancana, para Jack Kennedy, para distribuição dos pagamentos." Giancana diria que Frank tinha sido meramente "nosso garoto de entregas".

Em julho, na convenção democrata em Los Angeles, o garoto de entregas estava ocupado. Com Davis e Lawford, Frank entreteve três mil democratas presentes no banquete da noite da convenção – Dean Martin também se apresentou para Kennedy durante a campanha, ainda que não na convenção. Ele se sentou ao lado de Kennedy no palanque, falando animadamente.

A polícia de Los Angeles soube, mais tarde, que os dois homens estavam acompanhados de prostitutas "desde logo antes do dia de abertura da convenção". No dia de abertura, propriamente, segundo Judith Campbel, Kennedy tentou com ela algo que Frank tinha tentado meses antes, ou seja, que ela fizesse sexo com ele e outra mulher.

A convenção abriu com Frank e outras vinte estrelas cantando o hino nacional em um ritmo notadamente jazzístico. Todos os 4.509 representantes e vices tinham recebido o álbum de campanha de Frank na chegada – sua versão especial de *High Hopes* de um lado, e *All the Way* do outro.

Frank perambulou pelo andar da convenção a semana toda, levantando apoio

para seu amigo. Preocupado com as câmeras de televisão, tinha coberto o pedaço careca de sua cabeça com maquiagem preta. Bob Neal, que estava do seu lado a maior parte do tempo, ficou com a impressão de que Frank “realmente adorava política. Ele estava bem no meio de tudo, amava fazer parte daquilo. Muito macho, o máximo”.

Gore Vidal, que estava na convenção como delegado, via Frank como um (improvavelmente magro) Falstaff do Príncipe Hal de Kennedy. Em uma festa dada por Tony Curtis e Janet Leigh, depois de Kennedy ter sido nomeado, o escritor observou Frank de perto. “Eu estava situado, junto com Sinatra, na mesa onde Kennedy sentaria. Nós esperamos. E esperamos. Sinatra parecia irritado; começou a beber muito. O jantar começou. Então, uma das irmãs dentuças do candidato disse, informalmente: ‘Oh, Jack sente muito. Ele não poderá vir. Foi ao cinema’. Sentado à minha frente, Falstaff murchou e não falou mais nada durante a noite.”

Frank, de fato, viu Kennedy no dia seguinte, na casa de Lawford, e Peter Lawford presenciou uma troca interessante. Os convidados que ele planejava trazer para a recepção do fim de semana, disse Frank, poderiam incluir “alguns amigos de Chicago”. “Bem, Frank”, respondeu Kennedy com tom solene de brincadeira, “só se certifique de que eles deixem seus óculos escuros no carro.”

Na véspera da convenção, Murray Humphreys tinha trabalhado para conseguir apoio a Kennedy. Escondido em uma suíte de hotel em Chicago, ele fez telefonemas e se misturou com políticos e dirigentes sindicais.

Mafiosos importantes também estavam em Los Angeles durante a convenção, segundo Bill Bonanno. Para alguns, disse ele, “Kennedy permanecia uma aposta difícil, quase impossível... Mais pessoas no mundo estavam por detrás de Lyndon Johnson do que de Kennedy”. Tommy Lucchese, o antigo auxiliar de Luciano em Nova York, fez uma visita silenciosa a Joe Kennedy e, segundo Bonanno, fez um acordo. Aqueles que estavam sob o controle da Máfia agora estavam avisados para colocar seu peso por detrás de seu filho John.

Giancana se encontrou com Humphreys no mês seguinte. Eles conversaram durante um jantar sobre “quais políticos deviam ser ‘mudados de lado’”, lembrou Jeanne Humphreys, “quais chefes de sindicatos tinham que ser convencidos... Mooney [Giancana] estava entusiasmado... Ouvia-se muito ‘Frank disse isso’ e ‘Frank disse aquilo’ e ‘Isso tudo vai valer a pena’”. Jeanne disse, em tom de brincadeira, que ela havia falado a Giancana que alguém devia colocá-la na folha de pagamento da campanha. O chefe da Máfia respondeu:

“Nós todos receberemos nosso pagamento no final”.

NA CALIFÓRNIA, e ao longo do país, Frank tinha embarcado em uma maratona de atividade de campanha. Rosalind Wyman, uma organizadora-chave da campanha democrata na Costa Oeste, achava que era ele “quem realmente fazia a diferença”. Frank era muito eficiente em levantar fundos. As pessoas pagavam cinquenta dólares por cabeça para ouvi-lo cantar do trampolim na piscina da casa de Tony Curtis em Beverly Hills. “Ele ficava ao telefone com alguém”, disse Milt Ebbins, “e, antes que você percebesse, voltava dizendo: ‘Fechamos por dez mil’. Frank estalava os dedos e as pessoas faziam fila.”

“Se ele dissesse às pessoas para irem a algum lugar, elas iriam”, disse Wyman. “Sammy Davis Jr., Nat King Cole, Ella Fitzgerald, Milton Berle, Bobby Darin, Steve Allen e Jayne Meadows, Frank conseguia todos eles para nossos eventos.” “Quando era necessário transporte, Frank bancava o avião.”

“Nos espalhamos por todo lugar”, lembrava Davis. “Eu faria comícios em L.A., São Diego, e costa acima até São Francisco; então, nos encontrávamos de novo com Frank. ‘Como foi? O que aconteceu?’... Havia sempre grupos se misturando, planejando atividades e era empolgante estar lá, todo mundo o conhecia e você conhecia todo mundo, e todos estavam se dando para algo em que realmente acreditavam.”

“Uma simples ligação”, disse Joseph Cerrell, um assessor político durante a campanha, “e [Frank] toma conta da coisa toda. Não há contas para a orquestra... As pessoas não dizem não para ele.”

A energia e o entusiasmo de Frank não tinham limites. Ele emprestou seu nome para um livro, *Many Happy Returns*, que apresentava receitas recomendadas pelas democratas Eleanor Roosevelt, Dinah Shore, Bette Davis e Lauren Bacall. Ele arrumava tempo para a política mesmo quando estava trabalhando, fazendo turnês de trabalho pelas ilhas do Havaí em um avião particular durante a locação para *A Hora do Diabo (The Devil at 4 O'Clock)*, um filme de aventura pouco memorável. “Como eu gostaria de ter a fibra de Sinatra”, disse Robert Kennedy, que era também conhecido por sua resistência.

Na metade de outubro, quando Frank apareceu em um comício em Nova Jersey, a saudação da multidão parecia ser mais para ele do que para os políticos no palanque. Milhares se empurravam para frente gritando “Queremos Sinatra!”, e ele teve que abreviar um pouco seus comentários. Dois dias depois, participou de um programa de rádio com Eleanor Roosevelt.

Os consultórios de dois dos médicos de Kennedy foram assaltados durante a campanha, provavelmente esforços republicanos para conseguir informações sobre os problemas de saúde do candidato. Com intenção semelhante, operações secretas para John Kennedy tinham tentado confirmar rumores de que Nixon teria se consultado, por algum tempo, com o Dr. Arnold Hutschnecker, um psicoterapeuta de Nova York. Eles tiveram êxito, confidenciou Kennedy depois, ao conseguir ter em seu poder um "dossiê completo". Milt Ebbins confirmou esta informação. "A única coisa que eles roubaram", disse, "foi um relatório sobre Nixon, um relatório detalhado de quatro ou seis páginas datilografadas. Eu me lembro da palavra 'paranoico'... A recomendação médica era de que Nixon procurasse um lugar para tratamento."

Em 6 de novembro, menos de 48 horas antes da eleição, o Dr. Hutschnecker ficou surpreso ao receber uma chamada de uma repórter da *Associated Press*. A repórter queria saber se o médico se importaria de comentar algo sobre seu paciente Richard Nixon. Hutschnecker não comentaria, e a informação ficaria fora das notícias até um bom tempo no futuro. O homem que tinha deixado vazar a história para a imprensa, de acordo com um repórter do *Washington Post*, havia sido Frank Sinatra.

Frank estava na casa de Tony Curtis para ver a apuração na noite da eleição. À meia noite, a treze quilômetros de distância do Ambassador Hotel, Nixon dizia, em ambiente privado, que Kennedy venceria. Na frente das câmeras, no entanto, o oponente de Kennedy não cederia. "Frank estava bêbado", lembrava Janet Leigh, "e gritava para a tela da TV: 'Admita, seu filho da mãe! Admita!' Frank ligou para o hotel onde estava Nixon e tentou encontrá-lo, e disse a alguém para fazê-lo admitir a derrota. Foi uma noite pesada."

Na manhã seguinte, o mundo ficou sabendo que Kennedy tinha vencido no voto popular com vantagem de apenas 113.057 de quase sessenta e nove milhões de votos. Ele teria perdido no colégio eleitoral, a parte crucial do processo; se vinte e oito mil eleitores no Texas, e 4.500 em Illinois tivessem votado de maneira diferente. Suspeitas de fraude tinham como alvo principal Illinois.

Frank tinha se mantido na linha telefônica com Chicago ao longo do dia todo da eleição, checando resultados a cada meia hora com o líder da ala democrata, Jake Arvey, que era próximo de Giancana. Durante as horas da virada daquela noite, antes de ir para a casa de Janet Leigh, Frank falou pessoalmente com Giancana, mais de uma vez, voltando-se repetidas vezes para os amigos: "Isso vai virar, vai virar".

O próprio John Kennedy fez uma ligação, de Hyannis Port, para o prefeito Richard Daley, de Chicago. Kennedy disse aos assistentes que Daley tinha lhe assegurado: “Vamos conseguir com a ajuda de alguns amigos próximos”.

Em seu escritório em Armory Lounge, Giancana tinha comandado sua própria bancada de telefones. Com Johnny Rosselli, monitorou as apurações locais enquanto chegavam. Ordens foram emitidas e operações de campo viraram o processo de votação como exigido.

“Os votos não foram comprados”, disse a esposa de Murray Humphreys, mais do que foram “comandados, exigidos e, em alguns casos, conseguidos com persuasão.” Segundo Chuck, irmão de Giancana, “os caras se mantiveram parados de forma ameaçadora ao lado das cabines de votação, onde deixavam claro para os eleitores que todas as células deviam ser destinadas para Kennedy... Não foram poucos os braços e pernas quebradas”.

Grandes apostadores conhecidos tinham feito grandes apostas. “Eu sei que Joe Kennedy apostou vinte e dois mil dólares na vitória de seu garoto”, disse o ex-apostador profissional Harry Hall. “Frank Sinatra e Dean Martin fizeram grandes apostas também.”

Os votos que colocaram Kennedy no topo em Illinois tinham sido “roubados – deixe-me repetir – roubados”, disse um especialista sobre o crime organizado, o professor Robert Blakey, de Notre-Dame. Só as escutas telefônicas do FBI, disse, já mostram que o dinheiro e o poder da máfia fizeram a diferença. Porém, a Máfia não faz nada de graça e Blakey tinha certeza de que Giancana acreditava que “os Kennedy fariam algo para eles” em troca.

Segundo Jeanne Humphreys, Joe Kennedy tinha garantido a Giancana que uma administração dos Kennedy iria “deixar a Máfia em paz”. O ex-agente do FBI, William Roemer, que orquestrou a vigilância do FBI em Chicago, lembrou o teor das conversas grampeadas da Máfia, antes e depois das eleições, algumas delas em dialeto siciliano. “Em uma ocasião”, escreveu Roemer, Giancana teve uma conversa na qual sugeriu que “Frank Sinatra tinha se comprometido com Giancana em 1960... O consenso era que se Giancana usasse sua influência em Chicago com o ‘Bloco do Lado Oeste’ e outros funcionários públicos em nome de Kennedy, Sinatra sentia que ele podia fazer Kennedy desistir da investigação do FBI sobre Giancana”.

Mesmo Lucky Luciano estava nutrindo esperanças por um retorno do exílio. Ele lembrava que, no fim dos anos 1950, tinha recebido a visita de um senador americano “que ansiava chegar à Casa Branca” − não era Kennedy – e que

“falou sobre tentar arrumar um jeito para eu voltar.” Nada veio daí. Durante a campanha de 1960, no entanto, por razões que Luciano não revelou, suas esperanças cresceram.

“Estávamos jogando buraco na varanda e conversando”, disse Sal Vizzina, um agente secreto do Bureau of Narcotics que se aproximou de Luciano naquela época, “e eu tive a sensação de que Costello e Lansky estavam lhe prometendo uma oportunidade de voltar, caso Kennedy vencesse. Teoricamente, ele próprio não precisaria fazer nada porque eles podiam fazer por ele... Ele inferiu que podia conseguir uma brecha para voltar para os Estados Unidos”.

O sócio de Luciano Joe Adonis, que tinha sido deportado para a Itália em 1956, era um assassino de muitas mortes nas costas, mais um dos gângsteres que Frank alegou conhecer apenas de “oi e tchau”, embora os registros do FBI sugerissem o contrário. Ele pode ter tido uma razão especial para um otimismo em voltar para a América. De acordo com Michael Hellerman, um íntimo de Skinny D’Amato, Joe Kennedy tinha prometido “fazer o que pudesse”, caso seu filho se tornasse presidente, para ver se Adonis era autorizado a voltar.

“Joe Adonis espera ser autorizado a retornar do exílio na Itália na primavera”, escreveu Walter Winchell, quando faltavam poucas semanas para a eleição. “Cartões de Natal de Luciano chegando em Nova York... Frank Costello deve dar um pulo lá antes de a neve derreter.”

Com respeito à Máfia, no entanto, a família Kennedy estava em desacordo, internamente.

QUATRO ANOS ANTES, no cargo de conselheiro-chefe do Subcomitê para Investigações do Senado, Bobby Kennedy tinha resolvido expor a infiltração do crime organizado nos sindicatos. Seu pai tinha achado a ideia “perigosa... não é o tipo de coisa para as pessoas mexerem por aí”, e eles discutiram amargamente. Bobby bateu o pé, e em 1959 estava perseguindo Sam Giancana. Ele interrogou pessoalmente Giancana em uma sessão pública, o atormentou para saber sobre a eliminação de cadáveres, o insultou por responder, como uma garota, às questões com risadinhas. Giancana tinha invocado a Quinta Emenda trinta e três vezes[146].

Frank, que assistiu ao interrogatório pela televisão, tinha explodido de raiva enquanto Kennedy questionava seu amigo. “Vocês acreditam nesta fuinha?” exclamou. “Vocês acreditam nesse louco do Mick?” O próprio Giancana, segundo sua filha Antoinette, “realmente odiava Bobby Kennedy... Bobby era ‘o

rato da família', enquanto Jack era diferente."

No mês que se seguiu à eleição, John Kennedy anunciou a nomeação de Bobby como Procurador Geral de Justiça dos E.U.A. Mafiosos de todo o país ficaram boquiabertos e horrorizados pois seu algoz tinha se tornado o principal oficial de aplicação das leis da nação. Pronunciando-se sobre os passos do Departamento de Justiça, Bobby deixou claro que pretendia promover guerras ao crime organizado.

Os arquivos do FBI mostram que o nome de Giancana estava localizado perto do topo daqueles selecionados para "ação intensificada e concentrada". Ele estava também sob vigilância eletrônica, e agentes do FBI logo iriam colocar uma escuta em suas sedes. Ele, eventualmente, seria sujeito ao sistema de vigilância em que era seguido "passo a passo"[147], planejado para mantê-lo confuso. Para onde ele ia, a polícia ia atrás. Quando jogava golfe, agentes do FBI que jogavam golfe o seguiam.

Como mostravam escutas do FBI e outras evidências, Giancana fervia de raiva. Ele achava que tinha sido traído, e Frank podia ser considerado parcialmente culpado por aquilo.

ARTISTAS NUNCA ESTIVERAM imunes à retribuição violenta, pelo menos vinda de Giancana. Tinha sido o jovem Giancana, alegavam alguns, que teria esfaqueado Joe E. Lewis no fim dos anos 1920. Ele estivera envolvido na ameaça da Máfia a Sammy Davis em 1957. Seria ele, segundo um colega mafioso, quem em 1961 daria ordem para matar Desi Arnaz – mais tarde revogada – porque este estava fazendo *Os Intocáveis (The Untouchables)*, uma série de TV que retratava os mafiosos como matadores implacáveis.

No começo do mesmo ano, logo quando começou a ficar claro que a administração de Kennedy não daria moleza ao crime organizado, Frank passou por um momento de absoluto terror. Melville Shavelson, um roteirista nomeado para o Oscar e que mais tarde se tornaria presidente da Writers Guild, ficou sabendo do que tinha acontecido naquela época. Ele e seu parceiro Jack Rose tinham trabalhado para a cerimônia de posse de Kennedy, com a segurança de que Frank seria prestativo se eles precisassem de um favor. Fazendo valer a promessa, perguntaram a Frank se estrelaria um filme que estava entre os trabalhos da Paramount. Frank disse que talvez estivesse interessado e pediu aos roteristas para encontrá-lo em Fontainebleau, em Miami Beach. Shavelson e Rose foram de avião para lá, chegaram ao hotel e tomaram o elevador até a suíte

de cobertura de Frank. “Nós entramos na sala de estar”, disse Shavelson, “e havia um bando de capangas sentados em volta. E um deles perguntou o que queríamos. E eu respondi: ‘Frank nos disse para vir até aqui para conversarmos sobre um filme’. Ele disse: ‘Você não vai falar disso com ele hoje’. Eu perguntei: ‘Por que não?’ E ele respondeu: ‘Porque ele não vai sair do quarto dele’.”

“'Por que não?’, perguntei novamente. E o cara de Frank me disse: ‘Ele pediu serviço de quarto ontem e trouxeram para ele uma bandeja de prata com um prato grande, coberto com uma tampa de prata’. Eu não sei se foi Frank ou um deles que levantou a tampa, mas debaixo, segundo nos contaram, tinha uma cabeça de cordeiro... Frank levantou, foi para seu quarto e não saiu mais. Ele não apareceu no dia seguinte.”

Animais mortos tinham, de fato, sido usados pela Máfia para enviar avisos e ameaças. Embora fosse ficção, a cabeça de cavalo em *O Poderoso Chefão* era autêntica tradição da Máfia. Como escreveu Herner Hess em seu estudo sobre a Máfia siciliana, uma “ovelha com sua garganta cortada”, deixada do lado de fora da porta de alguém, é uma das ameaças do leque de possibilidades usadas contra quem não fosse membro.

Muito à frente no futuro, segundo um membro da equipe de apoio de Frank, ele não conseguiria tolerar o cheiro de cordeiro assado. Fosse por afetamento ou precaução, preferia sentar-se virado para a parede em restaurantes. Como disse sua filha Tina, Frank tinha ido a Giancana em nome de Kennedy, sem esperar nada de volta. “O que ele *não* esperava era ser colocado como um tolo inocente tapado, um laranja.”

26
A debandada dos amigos

EM JANEIRO de 1961, duas noites antes da posse de John Kennedy, Frank dormiu na mansão de Robert Kennedy fora de Washington. Joan Braden, uma amiga que estava hospedada na casa, achou que os filhos da família Kennedy se comportavam como se ele fosse “um deus que tinha caído do céu”. Depois de pedidos sem fim para que cantasse, ele finalmente recostou em sua cadeira, tirou sua peruca – uma separação surpreendente – e cantou. Depois disso, levantou e disse: “Chega de Frank Sinatra. Bobby, me traga uma bebida”.

Na noite anterior, em outra festa dos Kennedy, Frank tinha sentado do lado do presidente eleito. Um mês depois de seu aniversário de 45 anos, parecia que ele não tinha apenas fama e fortuna, mas também chegado ao pico de seu poder político. A festa de gala que produziu, com a presença de uma pletora de estrelas, foi considerada um grande sucesso. Embora apenas três mil pessoas tenham comparecido ao show – pois houve uma nevasca – todos os doze mil assentos tinham sido vendidos com antecedência a preços que iam de cem dólares a mil e quinhentos dólares, com camarotes custando até dez mil dólares. A gala reduziu o custo da festa para um milhão e meio de dólares.

Em troca, Frank foi homenageado. Jacqueline Kennedy, que não aprovava as palhaçadas do Rat Pack, foi até o camarote presidencial de braço dado com ele. John Kennedy pegou o microfone para se declarar “endividado com um grande amigo, Frank Sinatra... Vocês não podem imaginar o trabalho que ele teve... Eu agradeço a ele em nome de todos vocês”.

No dia seguinte, entretanto, quando Kennedy enfrentava o frio em frente ao edifício do Congresso, Frank não estava entre os seiscentos homens e mulheres sentados na área reservada para os amigos do presidente. Em vez disso, estava em sua suíte no Statler Hilton, assistindo pela televisão. O compositor Leonard

Gershe, que assistia com ele, disse que “Frank não quis ir – a temperatura estava algo em torno de doze graus abaixo de zero”. Segundo o *New York Daily News*, Frank tinha ficado bêbado antes da cerimônia. “Havia um estande que designava assentos e Frank não estava na lista”, disse Bob Neal. “Ele subiu até lá e disse: ‘sou Frank Sinatra’, e um cara replicou: ‘Não queremos saber se você é o Papa. Você não está na lista’. E os seguranças jogaram ele para fora. Foi o que eu ouvi.”

Naquela noite, no Hilton, quando Frank deu um jantar para seus companheiros artistas, houve caviar e champanhe e, para cada convidado presente, uma lembrança − uma caixa de cigarros prateada com inscrição. Frank tinha encomendado as caixas em grande quantidade de Ruser de Beverly Hills, ao custo de milhares de dólares. Este era o show paralelo e suntuoso de estreia de Frank e o presidente tinha prometido aparecer.

Gloria Cahn se lembrava de como Frank sentou “muito no canto, esperando, observando, imaginando quando Kennedy ia chegar lá”. Então, veio a mensagem de que o presidente estava no hotel e queria que as estrelas descessem as escadas para apertar sua mão. “Diga a ele”, disse Frank, “que estamos comendo.” No entanto, ele escapuliu, pouco depois, e convenceu Kennedy a subir para conversar com as estrelas.

No dia seguinte, quando era hora para um grupo seleto de celebridades voar para Palm Beach para visitar o pai do presidente, Frank não estava entre eles. Janet Leigh ficou surpresa de encontrá-lo ainda em sua suíte com sua namorada da época, Juliet Prowse. “Tony [Curtis] e eu fomos para a sala de estar, e ele e Juliet estavam tomando café da manhã. Eu disse: ‘Oh! Puxa! Você ainda não está vestido’. Ele disse: ‘Nós não vamos. Eu tenho que voltar a Hollywood’. Tudo tinha parecido amigável e acolhedor na noite anterior, e Poppa Kennedy tinha casas esperando por Frank e por nós. Aí foi simplesmente ‘puxa, ele não veio.”’

“Na hora, não entendi o que tinha acontecido. Mas, depois, ficamos sabendo – acho que por meio de Peter Lawford – que algo tinha sido dito depois do baile, ou naquela manhã. Frank não estava de bom humor... Alguma coisa tinha acontecido.” A relação entre Frank e Kennedy tinha, de fato, começado a se desfazer há algum tempo.

Em março de 1960, houvera uma certa agitação quando Frank comunicou que estava contratando Albert Maltz para escrever o roteiro para um filme que planejava. Quinze anos antes, Maltz tinha trabalhado em *A Casa em que Vivemos*, mas tinha, logo depois daquilo, sido declarado comunista e mandado à

prisão por desafiar o House Un-American Activities Committee. A seleção de Maltz, como sugeria a imprensa conservadora, contaminava não somente Frank, mas seu amigo John Kennedy. Frank brigou pela causa por um tempo, depois demitiu Maltz – sob pressão de Joe e Robert Kennedy. Frank ficou enraivecido, segundo George Jacobs. Ele encheu a cara por três dias, rasgou *scripts*, arremessou a mobília pela casa e jurou que sairia do *show business*.

Mais uma vez, Frank levou bala dos conservadores quando o Rat Pack começou a ser apelidado de "Jack Pack". Havia receios no campo democrata, mais uma vez, de que a associação com Frank prejudicasse Kennedy. "Era esperado", escreveu um assessor, "que Sinatra... mantivesse distância do Senador". Jacqueline Kennedy tornou público que ela também pensava isso. Frank ficou sabendo e, atendendo às críticas, foi obrigado a se fazer menos visível.

O que realmente o irritou foi a recaída de Kennedy com a questão racial. Sammy Davis tinha sido vaiado pelos sulistas na convenção democrata, não somente porque era negro, mas, sim, porque tinha anunciado seus planos de se casar com uma mulher branca, a atriz sueca May Britt. Um mês antes da eleição, com o casamento iminente, a imprensa sugeriu que as ligações de Davis com a campanha democrata custariam votos a Kennedy. Joe Kennedy fez pressão de novo e de novo Frank obedeceu. Ele pediu a Davis que postergasse o casamento até depois da eleição, e Davis concordou. A recompensa para eles foi uma afronta escandalosa.

Três dias antes da posse, Davis recebeu uma ligação da secretária de John Kennedy, Evelyn Lincoln. O presidente eleito, ela lhe disse, tinha pedido a ela para dizer que "ele não quer que você esteja presente em sua posse... Ele espera, realmente, que você compreenda". Minutos depois, Peter Lawford ligou com idêntico recado. Davis então cancelou sua viagem para Washington.

Frank ficou horrorizado, discutiu furiosamente com Lawford na noite de gala e teve que ser dissuadido de abandonar a coisa toda. Dias depois, quando Frank cantou em um evento beneficente para Martin Luther King Jr. em Nova York, ele estava bebendo muito. Peter Levinson, um publicitário autorizado a ir a seu camarim, viu Frank virar doze doses de bourbon antes de entrar no palco para cantar.

A despeito de tudo isso, Kennedy telefonava para Frank ocasionalmente e atendeu a ligação quando Frank ligou em seu aniversário. "Feliz Aniversário, Presidente!" foram exatamente seus cumprimentos. Frank visitava Kennedy na

Casa Branca, embora apenas uma vez sozinho. Ainda assim, sua esperança de manter a amizade se alternava com raiva pelas desfeitas contínuas.

Joe Kennedy ordenou que imagens de Frank fossem removidas da cerimônia de posse, depois as colocou de volta a contragosto e, então, deixou de convidar Frank para uma exibição. Joe disse a Frank que ele era bem-vindo para se juntar a ele em férias na Côte d'Azur e, respondendo às farpas da imprensa, avisou que, no fim das contas, não tinha "vaga" para Frank em sua villa.

No outono de 1961, os Kennedy receberam Frank no condomínio da família em Massachusetts. O álcool rolou solto, como lembrava o motorista de Joe, mulheres que "pareciam prostitutas" chegaram. Uma delas, que tinha sido vista sendo apalpada por Joe Kennedy naquela noite, estava envolvida com um dos amigos de Frank na manhã seguinte. Frank estava "barulhento e desagradável" e o secretário de imprensa da Casa Branca, Pierre Salinger, saiu do seu caminho para dizer que ele não tinha sido convidado pelo presidente, mas, sim, por Peter Lawford.

Frank foi recebido na Casa Branca naquele mês, mas como parte de um grupo e apenas por acidente. "Frank Sinatra também vem", a secretária do presidente anotou em um memorando. "Tish [Baldrige, secretária pessoal de Jacqueline] disse que não houve modo de não chamá-lo, já que ele estava no quarto de Peter Lawford quando ligou para ele". A Princesa Helen Chavchavadze, que estava presente quando ele chegou à Casa Branca, lembrava de Frank como "querendo chamar a atenção, extremamente censurável, ofensivo". Descansando em uma sacada com um Bloody Mary, Frank parecia inconsciente daquela desaprovação. "Tudo que eu fiz foi por Jack", disse ele a Dave Powers. "Sentar aqui faz com que tudo tenha valido a pena."

No começo de 1962, entretanto, Frank deixou cair a máscara de que estava tudo bem. "Ele estava no meio de um ataque de irritação", lembrava o arranjador Billy May, sobre uma sessão de gravação em 6 de março. "Nós tínhamos feito *The Boys' Night Out* e, durante toda a gravação, Frank só olhava fixamente e colérico... Então, chegou a hora de gravar a segunda música, *Cathy*, que era uma bela canção – uma valsa. Frank ensaiou um pouco e aí olhou para Van Heusen e soltou: 'Vou lhe dizer uma coisa, Chester. Por que é que você não pega Jack Kennedy para gravar a porra dessa música e aí vê quantos discos vende?"'.

Dois dias depois, o escritório de Frank comunicou que ele iria tomar um avião para a Flórida para cantar em um jantar para George Smathers, amigo do presidente. Embora a voz de Frank parecesse boa no estúdio naquela semana,

seu porta-voz alegou que ele estava mal da garganta. Estava evitando algo a que tinha se comprometido com Kennedy pessoalmente, porque ele sabia que uma humilhação total era iminente.

Mesmo antes de o presidente assumir o poder, Frank tinha ordenado trabalho extensivo de construção em sua casa em Palm Springs. “Ele gastou milhares de dólares”, lembrava Peter Lawford, “em quartos de hóspedes, telefones extras, até mesmo um heliponto. Tudo para acomodar o presidente. Sinatra tinha em sua cabeça que sua casa se tornaria um tipo de Casa Branca do Oeste.”

Com Kennedy prestes a passar um fim de semana em Palm Springs no final de março, Frank tinha feito preparações frenéticas. Festas foram planejadas, listas de convidados fechadas. Então, Frank foi informado de que o presidente não estaria com ele, nem passaria por lá. Em vez disso, ficaria no Silver Spur Ranch, de Bing Crosby.

Peter Lawford comunicou as más notícias, inicialmente pelo telefone, e Frank explodiu. Ele arrancou o telefone da parede, depois tentou sem sucesso falar com a Casa Branca. Lawford, então, chegou em pessoa, e Sonny King testemunhou o que aconteceu. “Frank o agarrou pelo pescoço. Ele não bateu nele, mas o derrubou de alguns degraus de escada e disse que nunca mais queria ver sua cara novamente... Frank foi a um ponto de raiva do tipo dos reis maníacos dos filmes.”

Segundo King e George Jacobs, Frank chutou a porta, destruiu fotos dos Kennedy e golpeou o chão do heliponto com uma marreta. Lawford estava mais uma vez expulso do círculo mágico de Sinatra.

Frank colocou a culpa em Robert Kennedy. “Ele estava mais louco do que o diabo porque Bobby não deixaria o presidente ficar em sua casa”, lembrava Shirley MacLaine. “Mas ele adorava JFK”. Frank falou afetuosamente de John Kennedy até o fim de seus dias. Ele acalentava recordações de sua amizade – um telegrama, uma caixa de fósforos edição especial de posse e mesmo um telefone vermelho que ele tinha instalado para a visita que nunca aconteceu.

Ainda assim, o presidente tinha concordado com a decisão de não ficar na casa de Sinatra. Meses antes, durante uma visita presidencial prévia à Califórnia, Marilyn Monroe tinha estado presente enquanto os irmãos Kennedy discutiam a respeito de Frank. Ela contou ao jornalista Sidney Skolsky, um confidente, como tinha sido a conversa. “Jack”, segundo ela disse ao citar palavras de Bobby Kennedy, “você não pode deixar ele chegar à porta da frente ou à porta do lado da Casa Branca. Você não pode ficar na casa dele, não podem andar por aí como

amiguinhos.” Red Fay, amigo do presidente, lembrava de Bobby usando palavras quase idênticas: “Johnny, você simplesmente não pode se associar a esse cara”. Segundo Myer Feldman, um assessor especial da Casa Branca, o presidente concordou.

“Aquilo não significava nada para ele”, disse Richard Goodwin, outro assessor especial. “Se Kennedy pensasse sobre aquilo de alguma maneira, se achasse que lesaria minimamente sua presidência, é claro que ele teria cortado. Ele teria cortado convivências bem mais próximas do que a com Sinatra se ele precisasse.”

“Eu não sei se Frank percebeu aquilo”, disse MacLaine, “mas ele tinha juntado os pontos em termos de manipulação teatral... em termos do código de ‘isso é o que eu quero, isso é o que eu vou fazer’. Era difícil de dizer quem seria o mais cruel”.

A mensagem passada por Lawford incluía uma explicação específica. Segundo Sonny King, “Peter disse a ele que JFK não podia vir por causa de sua ligação com os caras que eu prefiro chamar de ‘os cavalheiros de má reputação’, por causa da situação entre Frank e Sam Giancana.” Myer Feldman insistiu que “era uma questão de se aquilo poderia ou não prejudicar a nação. O prejuízo pessoal a ele nunca o preocupou muito”.

Ainda assim, o enredamento de Frank com Giancana era inseparável dos envolvimentos dos próprios Kennedy.

27
Pagando o preço

ENQUANTO JOHN KENNEDY SE PREPARAVA para o fim de semana na propriedade de Crosby, Bobby estava anunciando vitórias em sua guerra pessoal contra o crime organizado. Como disse Bobby em uma conferência de prevenção ao crime, novas leis e inteligência especializada haviam colocado os maiores gângsteres para fugir da polícia. Apenas naquele ano, trezentos e cinquenta mafiosos foram indiciados, sendo que cento e trinta e oito deles foram condenados. Alguns mafiosos estavam fugindo dos Estados Unidos em vez de enfrentar a justiça.

Luciano e Adonis ainda estavam exilados. Skinny D'Amato, amigo de Frank, lembrou a Joe Kennedy que a ajuda dele durante a eleição tinha como contrapartida uma promessa de intervenção em nome de Adonis. Robert Kennedy, no entanto, não tinha intenção de autorizar Adonis a voltar, e o próprio D'Amato acabou indiciado sob acusações fiscais. O procurador-geral também fez pressão para que houvesse a deportação de quaisquer outros mafiosos que pudessem ser mostrados como estrangeiros. Houve novos esforços para expulsar Costello e Rosselli. Não tardou para que o chefe da Máfia de Nova Orleans, Carlos Marcello, fosse colocado dentro de um avião, levado embora do país e despejado na Guatemala.

Giancana não poderia ser deportado, pois havia nascido nos Estados Unidos, mas foi também vigorosamente perseguido. Em uma visita a Chicago, Bobby surpreendeu os agentes do FBI pelo tanto que sabia sobre o chefe da Máfia. Mensagens de Washington impeliam uma pressão "a todo custo" contra ele, e logo foi relatado que Giancana estava ficando "muito preocupado".

Alguns mafiosos apelaram para Frank na esperança de que o presidente lhe desse ouvidos. O advogado de Frank, Milton "Mickey" Rudin, categorizado por

um oficial sênior da divisão de inteligência de Los Angeles como “advogado da bandidagem”, intercedeu em nome de D’Amato. Indiciá-lo por encargos fiscais seria “injusto... um ato puramente político”. Seguindo “instruções” da Máfia, como reportou um agente sênior do FBI, Frank tentou ajudar Costello em sua briga contra a deportação. A transcrição de uma fita de áudio de vigilância do FBI indica que Frank falou em nome de Marcello com o presidente e também com seu irmão. Tudo em vão.

Giancana e Rosselli esperavam um tratamento especial, pois ambos tinham estado envolvidos com a CIA para assassinar Fidel Castro e, como colocou Giancana, consideravam que “estavam trabalhando para o governo”. Giancana sentiu, também, que tinha uma garantia de clemência por conta de sua ajuda durante a campanha. Ele pediu a Frank que intercedesse.

O chefão de Los Angeles Mickey Cohen disse: “Sinatra foi até o presidente Kennedy... John disse a ele: ‘Vá falar com Bobby...’ Mas Bobby tratou Frank com tom de ataque e não foi nada receptivo. Aí, Frank voltou para falar com John Kennedy... John disse a Frank: ‘Por que você não vai ver o Papai, vai falar com o Pai sobre isso’.”

Frank alegou que tinha ido falar com Bobby e com Joe Kennedy, de acordo com uma conversa verificada por um grampo do FBI em dezembro de 1961. O empregado de Giancana em Las Vegas Johnny Formosa relatou que Frank tinha descrito como tinha pressionado o procurador-geral e seu pai, fazendo de tudo para evitar vigilância eletrônica. Como retransmitiu Formosa:

[Frank disse] “Johnny, eu peguei o nome de Sam e escrevi num papel, e disse a Bobby Kennedy: ‘Este é o meu chapa... É isso que eu quero que você saiba, Bob’”. … [e] Frank viu Joe Kennedy três vezes... Joe Kennedy ligou para Frank três vezes.

Formosa disse que Frank estava “começando a entregar as coisas”, a perceber que os Kennedy eram “infiéis a ele”. Giancana lamentou que sua “doação” tivesse sido em vão e que “mesmo se eu tivesse uma multa por velocidade, nenhum desses [obscenidade suprimida na transcrição do FBI] iam querer saber de mim... Eles só se preocupam com eles mesmos, com manter-se limpos, em aliviar a barra deles.”

O próprio Giancana não acreditava mais em uma palavra que Frank dizia, como contou a Formosa:

“Uma hora, ele me fala isso, na outra, me fala aquilo. A última vez que falei com ele foi na Flórida... E ele disse: ‘se eu não consigo falar com o velho vou

falar com O Homem [o presidente]’. Uma hora, ele diz que falou com Robert, e logo depois ele diz que não falou com ele... Bom, então, ele nunca falou com ele. Isso tudo é um monte de [obscenidade suprimida]. Esqueça isso. Por que mentir para mim? Não esperava por essa... Não acho que tenha feito [obscenidade] nenhuma.”

Giancana ordenou a Formosa que contratasse Frank e Dean Martin para uma série de duas semanas de performances em um lugar controlado pela Máfia e acrescentou uma ameaça. Se um dos dois astros o desobedecesse, disse ele, “daremos a eles uma pequena dor de cabeça... Tudo que eles conhecem é o braço... Se você alguma vez bater naquele cara, vai quebrar sua mandíbula. Aí ele não poderá cantar”.

Duas semanas depois, Rosselli relatou a Giancana que Frank parecia estar evitando suas ligações. Ele prometeu “socar suas [obscenidade] até elas saírem, em Palm Springs, se não gostasse do seu tom de voz”. Mesmo as autoridades menores da Casa Branca não tinham tempo para Frank, disse Rosselli a Giancana. “Eles não o querem por perto. Eles o tratam como se trata uma mulher. Você [obscenidade] elas, as paga, e elas se dão por satisfeitas, acaba por aí. Você está certo, Moe [apelido familiar de Giancana]... Eles só conhecem um jeito de fazer as coisas. Agora, deixe eles verem seu outro lado.”

Giancana estava furioso. “Mentiroso [obscenidade]!”, ele exclamava para outro parceiro. “Se alguma vez eu ouvir aquele [obscenidade] outra vez... Eu pensei que com esse cara [Sinatra] as coisas iam ficar bem. Eu devia ter imaginado que esse cara ia me [obscenidade]... Quando um cara mente pra você...”

Qualquer esperança que Frank ainda tivesse de desviar a ira dos gângsteres conseguindo uma intervenção de Joe Kennedy tinha se extinguido. Pouco antes do Natal de 1961, o pai do presidente tinha sofrido uma trombose cerebral que o deixou sequelado e incapaz de falar. “Por quê?”, George Jacobs ouviu Frank exclamar, “Por que é que Joe teve esse maldito derrame?”

“DESCASQUEM O ABACAXI!”, disse Robert Kennedy à sua equipe contra o crime organizado, “ataquem os sócios ‘ilustres’ da Máfia”. No começo de 1962, um dos jovens advogados de Kennedy, Dougald McMillan, topou várias vezes com o nome de Frank enquanto trabalhava em um caso envolvendo Joe Fischetti. “A associação de Sinatra com a Máfia era muito escancarada”, lembrava, “não tinha como não perceber.” Ele, então, começou a construir um

arquivo sobre ele.

Logo, um superior de McMillan, Edwyn Silberling, recomendou a Bobby que as questões fiscais fossem cuidadosamente investigadas. Ele foi rejeitado. Mais para frente, durante uma reunião de equipe, McMillan chamou a atenção de Kennedy para a descoberta feita pelo FBI de que Judith Campbell estava em contato tanto com o presidente quanto com Giancana. Ele achava que Campbell deveria ser imunizada e obrigada a testemunhar perante o grande júri. A proposta foi rejeitada.

Mais adiante, quando Frank tentou evitar aparecer diante de um grande júri – ele pediu a um membro da equipe da Casa Branca para que interviesse – McMillan ameaçou se demitir. Quando Frank por fim testemunhou, mas de forma evasiva, McMillan pediu que fosse chamado novamente a se apresentar. O pedido foi recusado. Frank tinha, então, contratado um advogado que também representava Giancana.

William Hundley, que se tornou líder da Organized Crime Section of the Justice Department[148] naquele período, disse que sua equipe "considerava Sinatra um portador de más notícias... um instrumento para aquela gente". Mesmo assim, Bobby nunca deu passe livre para que se perseguisse Frank. "Acredito que havia uma razão enormemente convincente por detrás da autoridade dele e que o impedia de dar o sim", disse McMillan." "Era o medo que o impedia de aprovar uma investigação sobre Sinatra. Medo da exposição... Isso teria sido devastador para a reputação de JFK." McMillan achava que Bobby estava contra a parede, entre seu comprometimento com esmagar a Máfia e o fato de que sua própria família estava desesperadamente comprometida.

MESMO DEPOIS DAS COMPLICAÇÕES que aquilo tudo tinha lhe trazido, Frank continuou na companhia de gângsteres de Chicago. Na Flórida, agentes do FBI e informantes o viram com Joe Fischetti mais de uma vez. Um informante de Miami Beach disse de forma simples: "Fischetti é Sinatra". Fossem quais fossem suas motivações, e a despeito de sua ira pela falha de Frank em interceder junto aos Kennedy, o próprio Giancana também se manteve por perto. Frank foi visto com o chefe da Máfia em Atlantic City, "em uma sala de jantar particular no andar privativo de Sinatra no Claridge Hotel." Em setembro, Giancana estava em Palm Springs, ligando para "o número de Frank Sinatra que não estava na lista" e visitando "a residência de Sinatra". Em novembro, juntamente com Dean Martin e Sammy Davis, Frank cantou para plateias lotadas

no clube de luxo de Giancana, o Villa Venice, fora de Chicago: uma apresentação imposta.

Frank passou o Natal de 1962 em Acapulco com Giancana e um grupo que incluía o Maharami de Jaipur, o industrial francês Paul-Louis Weiller, o empresário irlandês Loel Guinness e sua esposa Gloria, o *playboy* dominicano Porfirio Rubirosa e Yul Brynner, que tinha trazido junto seu filho Rock. “Acho que Giancana se apresentou como ‘Dr. Moody’[149]”, disse Rock. “Eu fiz 16 anos naquele Natal, então eu poderia legalmente começar a dirigir, e fui convocado para levar ‘Dr. Moody’ de carro para visitar os resorts de Acapulco. Lá estava eu, roncando o motor pela região em um jipe rosa com listras brancas, com esse cara de dar medo.” Brynner achou que Giancana e Frank pareciam “confiar um no outro, mas não davam a sensação de que eram muito próximos, ou parte de qualquer coisa juntos.”

Em fevereiro de 1963, Giancana e Sinatra jantaram juntos em Nova York. Em março, foram vistos juntos em Palm Springs, e em maio no Havaí, onde Giancana chamou a si mesmo de “J.J. Bracket”. Em junho, quando ele e Frank se falaram por telefone, tinha se tornado “James Perno”. Frank também levou Giancana à sua casa em Nova Jersey naquele mês, para que ele experimentasse a cozinha de sua mãe.

Contrariamente ao que sentiu Rock Brynner, Frank e Giancana há muito faziam secretamente parte de algo em comum. Estavam ambos envolvidos no Cal-Neva Lodge and Casino, um conglomerado de prédios que imitavam estilo rústico com vista para o Lake Tahoe, na fronteira da Califórnia com Nevada. Lá, também, havia uma conexão com os Kennedy.

JOE KENNEDY tinha frequentado o Cal-Neva por décadas, desde os dias em que o lugar fora um mero refúgio para caçadores e pescadores. Ele gostava tanto de lá que, na metade dos anos 1950, acionando um antigo contato de negócios como intermediário, comprou para si o estabelecimento – não ficou claro se em partes ou por completo. Então, durante a campanha de 1960, Frank e muitos outros adquiriram 49.5% do négocio.

É quase certo que o verdadeiro proprietário da parte de Frank no Cal-Neva, era Giancana. Segundo documentos do FBI, o chefe da Máfia admitiu o fato. A ironia é impressionante: Giancana efetivamente foi coproprietário de um cassino de jogos de azar com o pai de um procurador-geral dedicado a destruir tudo que o mafioso representava.

No verão de 1963, o *resort*, renovado e conhecido como Sinatra's Cal-Neva, estava em sua terceira temporada de apostas e entretenimento de primeira categoria. Uma operação de prostituição funcionava no balcão da frente. Skinny D'Amato tinha sido trazido de Atlantic City e Rosselli e Johnny Formosa foram vistos no resort. Formosa parecia ter um cargo de gerência. Os investigadores pertencentes ao Nevada Game Control Board suspeitavam de irregularidades, mas nada conseguiram provar. Em 2003, entretanto, o copiloto do avião privativo de Frank lembrou de ter feito um voo que a tripulação ficou conhecendo como "a corrida da sonegação". "Eles nos chamaram e disseram que iríamos para Truckee-Tahoe, e de lá para o Sands, e depois para Burbank, o que significava que estávamos em uma corrida por dinheiro", disse Dan Arney. "Eu me lembro de que havia três maletas, e que eu tive de ir para trás durante o voo e olhei dentro de uma delas. A grana estava em pilhas de dez mil dólares."

Dinheiro também entrava vindo de Giancana em Chicago. Joe Pignatello, parceiro de Giancana, contou a um amigo, Tony Montana, sobre uma missão que fez envolvendo os correios. "Giancana deu a Joe um pacote cheio de dinheiro", disse Montana. "Ele disse: 'Leve isso a Tahoe e entregue para Skinny D'Amato. Se alguém roubar isso de você, a única coisa que vai salvá-lo é se o encontrarmos com um buraco na cabeça. Em outras palavras, só não o entregue este dinheiro se for morto.' Aconteceu de Skinny estar fora da cidade, em São Francisco, e Joe acabou tendo que ficar em um quarto de hotel com o dinheiro acorrentado em seus braços."

Giancana fez pelo menos uma aparição no Cal-Neva no verão de 1962, quando Marilyn Monroe estava por lá. Ela estava apenas a dez dias de sua morte, agonizando sobre seus relacionamentos com John e Robert Kennedy. As pessoas que a viram no resort acharam que ela estava em um estado lastimável, visivelmente bêbada ou drogada. Billy Woodfield lembrou de como, algum tempo depois, Frank pediu a ele que processasse e imprimisse um rolo de fotografias que ele tinha tirado no Cal-Neva. "Eu revelei o filme", lembrou Woodfield, "e algumas das fotos, algo em torno de nove quadros, mostravam Marilyn de quatro. Ela parecia doente. Montado nela, cavalgando-a como um cavalo ou tentando ajudá-la a se levantar – não consegui decidir qual das duas opções – estava Sam Giancana."

Monroe parecia estar angustiada nas fotografias, e Woodfield ficou imaginando o que é que se passava na cabeça de Frank para querer usar a câmera dele para qualquer coisa naquele momento. "Frank me perguntou o que achava

que ele deveria fazer com as fotos", disse Woodfield. "Eu disse que as queimaria. Ele sacou seu isqueiro, as queimou, e foi o fim daquilo."

Embora Monroe e Giancana estivessem totalmente vestidos nas fotografias, o mafioso disse a muitas pessoas que ele e a atriz teriam feito sexo no Cal-Neva. Monroe disse isso também, segundo Jeanne Carmen, que era sua amiga. Giancana zombou da performance ruim dela e ela falou do episódio com repugnância.

Essas contravenções teriam sido de grande interesse para oficiais do Gaming Control Board de Nevada porque, em primeiro lugar, Giancana não deveria estar no Cal-Neva. Como um dos mais ilustres mafiosos listados no Livro Negro do Comitê, não estava autorizado a colocar o pé em nenhum cassino do estado. De fato, como lembrou Nick Sevano:"Ele dava um jeito de se infiltrar para ir ver Sinatra, de helicóptero, imagine você. Dinheiro era distribuído para toda a polícia, então ninguém checava nada. Sinatra tinha um lugar separado no Cal-Neva, sobre o qual ninguém sabia. Eles costumavam se enfiar lá para jantar. Eu estava lá".

No final de julho de 1963, chegou aos ouvidos das autoridades que Giancana tinha estado no chalé com sua amante, a cantora Phyllis McGuire, e tinha se metido em uma briga de punhos turbulenta, envolvendo o *road manager* de McGuire, Frank e George Jacobs. Depois daquilo, Giancana partira para Palm Springs. A polícia tinha sido chamada, no entanto, e oficiais do Gaming Control Board tinham investigado. Frank negou que houvera uma briga. D'Amato e o gerente do hotel impediram a entrada dos agentes do comitê. Então, no feriado do Dia do Trabalho, Frank se colocou em problemas sérios ao ligar para o presidente do comitê, Ed Olsen.

O investigador-chefe de Olsen e a secretária da Gaming Commission ouviram nas extensões enquanto Frank submetia seu chefe a uma longa invectiva. Estava apimentada de tanta linguagem chula que o memorando de Olsen para a gravação trazia uma etiqueta dizendo "OBSCENO OBSCENO". Frank começou a conversa dizendo a Olsen que ele estava "agindo como um maldito tira". Será que eles não podiam, pediu o cantor, falar em *off?*

Olsen negou, dizendo que intimaria Frank, caso ele quisesse uma entrevista formal. "Tente me achar, então", disse Frank. "E se você conseguir, pode esperar uma surpresa bem graúda... uma surpresa grande, gorda, fudida. Lembre-se disso. Agora, escuta aqui, Ed... Não brinque comigo. Não brinque comigo. Só não brinque comigo."

Olsen perguntou se aquilo era uma ameaça, e Frank respondeu muito deliberadamente – como indica o texto original do memorando de Olsen: “Não... Só não brinque comigo... E pode dizer isso ao seu maldito comitê e sua maldita organização também”. Mais adiante, quando agentes do comitê foram ao Cal-Neva para uma inspeção pré-programada, Frank os colocou para fora. No dia seguinte, quando apareceram novamente, D’Amato tentou suborná-los com notas de cem dólares.

Olsen informou as autoridades responsáveis por apostas e o governador de Nevada. O comitê emitiu uma queixa formal, notificando que a corporação de Frank tinha quebrado a lei, hospedando Giancana mesmo sabendo que este tinha sido banido dos cassinos de Nevada, que a corporação tinha desafiado as autoridades ao dizer que manteria a parceria, e por um funcionário ter se recusado a testemunhar e ter tentado “intimidar e coagir” as autoridades.

Frank estava encurralado e sabia disso. Ele declarou, um mês depois, que não brigaria contra as acusações, mas abdicaria de seus lucros em Nevada, no Sands e no Cal-Neva. Aquilo tudo, vindo como veio depois de seus problemas com os Kennedy, foi um golpe financeiro e psicológico gigantesco.

Frank se sentia decepcionado, abandonado, havia mais de um ano, desde que o presidente havia decidido não ficar em sua casa. Angie Dickinson se lembrava de Frank dizendo: “Se ele ao menos pegasse o telefone e me ligasse e dissesse que era politicamente difícil me ter por perto, eu entenderia. Eu não quero prejudicá-lo. Mas ele nunca me ligou”.

John Kennedy não o tinha abandonado completamente. Em uma viagem a Las Vegas, durante o desastre no Cal-Neva, o presidente deu uma palavra em nome dele. “O que vocês estão fazendo com meu amigo Frank Sinatra, caras?!”, perguntou ao Governador Grant Sawyer, enquanto andavam em uma limusine aberta. O governador respondeu, como lembrou em suas memórias: “Bom, Sr. Presidente, vou tentar cuidar das coisas aqui em Nevada, e te desejo sorte em nível nacional”. Embora Sawyer não tenha mencionado o fato em seu livro, contou ao seu amigo Ralph Denton que Kennedy tinha, de fato, ido um pouco além. “Há alguma coisa que você possa fazer por Frank?”, teria perguntado. Sawyer respondeu: “Não”.

É pouco provável que Frank tenha sabido disso. Eddie Fisher achava que o rompimento com os Kennedy “devastou” o cantor. “Estava para além de machucado”, disse Leonora Hornblow, outra amiga. “Assim como Ava, uma das maiores dores de sua vida.”

Em um momento decisivo no fiasco no Cal-Neva, Frank levou Giancana para Palm Springs a bordo de seu avião privativo. O FBI soube daquilo, como sabia de praticamente todo movimento que o mafioso fazia. Tão intensiva era a vigilância, disse Giancana, que era como se ele vivesse em uma ditadura comunista. Pior ainda: bisbilhoteiros do FBI ouviram Giancana reclamar que muitas de suas fontes usuais de fundos estavam sendo cortadas. Ele contou a um amigo que a baderna no Cal-Neva tinha custado quatrocentos e setenta mil dólares para a Máfia de Chicago. Havia rumores de que ele pudesse ser deposto da liderança. Um relatório de vigilância de outubro observou que Giancana, bloqueado o tempo todo, estava xingando o governo.

As autoridades dos jogos de Nevada formalmente despiram Frank de suas licenças em 22 de outubro. No começo de novembro, novamente reportou-se que Giancana estava com Frank em Palm Springs.

NO FIM DE SEMANA ANTERIOR À VIAGEM DE JOHN KENNEDY a Dallas, o presidente assistiu ao filme *Tom Jones*, na casa de seu pai, na Flórida. Depois do jantar, assessores próximos lembraram mais adiante, começou a cantar *September Song*, a melancólica música de Kurt Weill que Frank tinha gravado no começo da presidência:

> … the days dwindle down to a precious few
> September, November...[150]

Na Califórnia naquela semana, Judith Campbell estava se sentindo perturbada e confusa. Ela não tinha saído nem com o presidente nem com Giancana por meses – embora Giancana ficasse em contato ocasional pelo telefone – e o FBI, atento aos envolvimentos dela pela vigilância telefônica, estava constantemente seguindo seus passos. Uma vez, quando Campbell estava no Key Club em Palm Springs, Giancana e Frank tinham estudadamente se comportado como se não a conhecessem.

Contudo, gravações telefônicas mostravam sessenta ligações entre Campbell e o chefe da Máfia no verão de 1963, e dezesseis para Frank enquanto ele estava no Cal-Neva. As ligações foram protegidas, pois todos os três sabiam que o FBI estava observando e ouvindo. Ela disse que se sentia “como se estivesse em um imenso labirinto, cansada de intriga, e de não saber o que estava acontecendo.” Em 20 de novembro, Johnny Rosselli instalou Campbell em um quarto de hotel em Beverly Hills.

Em 22 de novembro, no Texas, o presidente Kennedy foi assassinado. Frank estava em locação naquele dia, fazendo papel de mafioso em *Robin Hood de Chicago (Robin and the 7 Hoods)*, uma paródia da lenda de Robin Hood gravada na Chicago dos anos 1920. Eles estavam gravando uma cena em um cemitério em Los Angeles e tinham feito muita piada antes, quando alguém percebeu uma velha lápide com a inscrição “John F. Kennedy”.

Quando as notícias vieram de Dallas, Frank andava por entre as sepulturas. Então, ele fez uma ligação para Washington, finalizou a cena no cemitério e partiu para Palm Springs. Ficou lá por muitos dias, disse George Jacobs, vivendo de sanduíches e “amplas quantidades” de Jack Daniel’s. Frank não foi convidado para o funeral do presidente, mas enviou flores.

Na semana seguinte, parecia inquieto, distante, durante o jantar de Ação de Graças. Oito dias depois, Frank Jr., agora com quase vinte anos e começando uma carreira própria como cantor, foi sequestrado em um resort de Lake Tahoe. Dois homens armados ganharam acesso ao seu quarto com o pretexto de fazer uma entrega, o forçaram a entrar em um carro durante uma nevasca, levaram-no até uma casa próxima a Los Angeles e fizeram os pedidos de resgate.

Frank passou dois dias e três noites voando até Nevada e de volta de lá, em um avião alugado, atendendo a telefonemas dos sequestradores e providenciando a entrega dos duzentos e quarenta mil dólares (hoje, um milhão e meio de dólares). Seu filho foi libertado, o dinheiro recuperado e os sequestradores pegos e presos. Acabou-se descobrindo que eles eram um trio de aparentes amadores, sendo que um deles tinha frequentado a escola junto com a filha mais velha de Sinatra. Testemunhando na corte durante o julgamento dos sequestradores, entretanto, Frank Jr. disse que tinha ouvido os sequestradores conversando como se “estivessem apenas executando um plano idealizado por superiores... superiores no crime organizado”.

Segundo Tina Sinatra, durante toda aquela provação, seu pai ficou assombrado pela ideia de que o sequestro fosse uma mensagem da Máfia, uma advertência para que ele ficasse em silêncio sobre qualquer coisa que pudesse saber e que comprometesse a Máfia no assassinato do presidente.

Naquela época, tal ideia teria parecido bizarra. O público foi informado de que o presidente tinha sido baleado por um homem armado, sozinho. As dúvidas surgiram quando Lee Harvey Oswald foi morto por Jack Ruby e dissipadas quando a Comissão Warren retratou como equívoco o fato de Jack Ruby ser considerado um criminoso solitário. Quaisquer sugestões de conspiração eram

mais focadas na União Soviética e em Cuba. Hoje, contudo, muitos daqueles que acreditavam que havia uma conspiração acham que a Máfia estava envolvida. O consultor-chefe da House Select Committee on Assassinations[151], Robert Blakey, disse sem rodeios que "a Máfia foi responsável".

Aqueles que compartilham essa perspectiva focam três chefes da Máfia em particular – Carlos Marcello, Santo Trafficante e Sam Giancana. Horas antes da morte de seu irmão, Bobby Kennedy tinha pedido a Julius Draznin, um especialista em negócios ilícitos junto ao National Labor Relations Board, para procurar líderes da Máfia em Chicago. "Ele queria dizer Sam Giancana", disse Draznin.

Durante cinco dias depois do assassinato, Judith Campbell se trancou em um quarto de hotel no qual Rosselli a tinha deixado, se recusando inclusive a falar no telefone. Rosselli então a levou para Palm Springs e lá, no Canyon Country Club, ela encontrou Frank. Ele olhou através dela, e nunca mais se falaram. Giancana e Rosselli a abandonaram logo depois daquilo.

Nos dias seguintes ao assassinato, segundo George Jacobs, "Sinatra pensou em voz alta, embora não muito alta, se o Sr. Sam [Giancana], que conhecia Jack Ruby de um circuito de clube de *strip* no qual ele tinha uma mão envolvida, podia ter algo com isso."

Não foi antes do décimo sexto dia depois do assassinato, quando o relatório do Assassinations Committe foi publicado, que a extensão das conexões de Ruby com o crime organizado ficou conhecida por todos. Ele tinha crescido em Chicago e se tornado um pequeno criminoso em pareceria com os mafiosos locais. Sua eventual mudança para Dallas, segundo ele, teria seguido instruções da Máfia. Quando os parceiros de Giancana se reuniram em Dallas para discutir operações de apostas, poucos meses antes do assassinato, se encontraram no Carousel Club de Ruby.

A saga do assassinato teve efeitos estranhos na Reprise, a companhia de gravação que Frank tinha fundado em 1960. Em novembro de 1963, quando estava discutindo a promoção de um álbum de rock'n'roll com um músico em Dallas, Ruby tinha alegado "conexões" com a companhia. Tinha feito diversas ligações nos últimos meses para os vários números de Mike Shore, um assessor e publicitário de Frank que tinha escritório no Reprise. Shore testemunhou, mais tarde, que as ligações tinham sido relativas a problemas que Ruby estava tendo como uma associação dominada pela Máfia na época, a American Guild of

Variety Artists[152]. No mesmo dia de uma das ligações para Shore, quatro semanas antes do assassinato, Ruby também telefonou para um homem chamado Irwin Weiner, em Chicago. Weiner, uma figura do submundo que era parceiro de Giancana, tinha crescido com Earl Ruby, irmão de Jack, e com Mike Shore. Weiner alegaria, em uma entrevista de 1978, que a ligação de Ruby para ele não havia sido sobre o problema da associação. Poucos meses depois, depondo sob juramento para o House Assassinations Committee, ele disse que sim, havia sido.

Depois de Ruby ter assassinado Oswald, disse Shore, ele respondeu a uma ligação do irmão de Ruby ajudando a encontrar para o assassino de Oswald um advogado de defesa e a levantar fundos para cobrir taxas legais. Planos foram feitos pelo fotojornalista Billy Woodfield para entrevistar Ruby na cadeia, com a parte do leão do dinheiro antecipado para Ruby. *My Story*, de Jack Ruby e Woodfield, foi publicado em série e apareceu em jornais ao redor do mundo. Shore disse que nunca tinha discutido a questão de Ruby com Sinatra.

Tony Oppedisano, um produtor que se tornaria o mais próximo dos amigos de Frank em seus anos de declínio, disse que o assassino do presidente era um assunto sobre o qual Frank disse que eram “coisas confidenciais que eu não divulgaria... Ele tinha sua própria opinião sobre o cenário que levou a isso”.

SAM GIANCANA NUNCA DE FATO PERDOOU Frank por seu papel no relacionamento falido com os Kennedy ou pela perda do Cal-Neva. Segundo um membro da família do mafioso, apenas a intercessão dos parceiros da Costa Leste persuadiram Giancana a não matar Frank em 1963. “Aquele filho da mãe tem sorte de estar vivo”, disse quando Frank chegou inesperadamente ao Armory Lounge.

Nos anos que se seguiram, o chefe da Máfia alternava em socializar com Frank e aterrorizá-lo. Uma vez, quando Frank estava se apresentando em Las Vegas, Giancana enviou recado de que queria vê-lo. Então, ele disse que não queria vê-lo. Depois, enviou-lhe insultos. Frank antecipou o fim de sua apresentação e partiu. Giancana continuou a falar em matar Frank, de tempos em tempos.

Em 19 de junho de 1975, depois de o chefe da Máfia ser encontrado morto baleado em sua casa em Chicago, investigadores observaram que – além da bala fatal desferida atrás de sua cabeça – um tiro tinha sido disparado dentro de sua boca e cinco outros debaixo de seu queixo. Os outros seis tiros, como foi dito,

indicariam que a Máfia sabia que não se podia mais confiar em que Giancana permaneceria em silêncio, e advertiriam outros a não cometerem o mesmo engano. Como observado anteriormente, membros da equipe do Senate Intelligence Committee[153] tinham chegado a Chicago, justamente naquele dia, para os preparativos do depoimento que Giancana daria.

Poucos meses depois, quando ficou claro que o comitê não ia interrogar Sinatra, William Safire publicou uma longa lista de questões que sentia que deveriam ter sido feitas a Frank. A questão final, como escreveu o colunista, deveria ter sido: “Antes ou depois do assassinato de Kennedy, Giancana ou Rosselli chegaram a mencionar o nome de Jack Ruby para você?”. Sinatra, escreveu Safire, “pode sair de tal interrogatório com brilho de honra. Talvez, possa mentir para quaisquer insinuações sinistras. Mas nós podemos desistir de nossos sonhos por mais um dia... Nos resta ponderar o que poderia se saber se, ao menos, o ‘Old Blue Eyes'[154] tivesse sido chamado a cantar.”

A alusão era à canção melancólica que Frank tinha transformado em sua canção tema nos anos 1940. Sua última gravação dela tinha sido lançada três meses antes do assassinato:

> *Put your dreams away for another day*
> *… it’s time to make a new start.* [155]

28
O milionário solitário

O NOVO INÍCIO QUASE ACABOU antes mesmo de começar. Em maio de 1964, espairecendo no *surf* na ilha havaiana de Kauai, Frank precisou ir ao socorro de uma mulher que estava sendo arrastada para o mar pela corrente marítima – e acabou sendo ele próprio carregado também. Ambos chegaram bem perto da morte. “Ele parecia um caso perdido”, lembrou Brad Dexter, que teve um papel essencial no resgate. “Ambos estavam sofrendo de hipoxia – que acontece quando você perde o oxigênio da cabeça e fica cego. Frank dizia: ‘Consigo te ouvir, mas não consigo te ver!... Salve-a, e me deixe... Vou morrer’.”

“E eu disse: ‘Frank, pelo amor de Deus seja homem e vamos, lute contra isso’. Mas ele não podia, ele simplesmente não tinha força física. Quando o agarrei, não tinha musculatura nenhuma. Ele não era um homem forte. Aí vieram dois havaianos com pranchas gigantes e os levaram nelas. Ambos estavam inconscientes... Quando eu cheguei à praia, fiz respiração artificial nos dois... A água jorrava para fora dos pulmões de Frank.”

Pouco tempo depois, quando Dexter foi ver como Frank estava passando, o encontrou sentado com sua filha Nancy. “Ele disse: ‘Minha família lhe agradece’”, lembrou Dexter, “e não apenas ‘obrigado’. Ele nunca, jamais, me agradeceu por ter salvo sua vida.”

Frank manteve Dexter próximo a ele por muitos anos ainda, e lhe deu trabalho em filmes. Quando acabaram por brigar, entretanto, Frank alegou que Dexter “não salvou minha vida, de fato. Foi um cara velho, com uma prancha de surf”. “Se Brad não estivesse lá”, disse Ruth Koch, viúva do produtor Howard W. Koch, a mesma mulher que compartilhou aquele episódio dramático de provação com Frank, “acho que o Sr. Sinatra não teria sobrevivido.”

“Frank e eu tínhamos um relacionamento importante”, disse Dexter mais

tarde. “Ele me amava, e eu o amava – como amigos. Mas ele não suportava o fato de que eu tinha salvado sua vida. Eu nunca o deixei sentir que me devia obrigações. Mas ele teria preferido salvar a *minha* vida, porque neste caso *eu* deveria obrigações para *ele*.”

Joey Bishop tinha enviado um telegrama a Frank dizendo depois do quase afogamento. “Você esqueceu de si mesmo?”, perguntava ele. “Você poderia ter se perdido nas ondas.” Em um artigo intitulado “O Enigma de Frank Sinatra”, Richard Gehman escreveu sobre a necessidade de Frank de sustentar a ideia de que ele tinha poder sobre os acontecimentos e sobre seus companheiros. O autor apontava que Frank tinha, de fato, se tornado “uma força imensamente poderosa – uma lei para si mesmo... na medida em que ele ficou maior e mais poderoso, ficou cada vez mais arrogante.”

Seu poder, Gehman relatou, era ao mesmo tempo pessoal e financeiro. Ele podia exigir uma parte dos lucros em qualquer filme de que participava, ditava quais seriam as músicas da vez. Ele também se tornou tão inacessível que reportar algo significativo sobre ele era quase impossível.

“Sinatra se tornou o homem mais temido de Hollywood”, escreveu Gehman. “Um repórter veterano de Hollywood me disse: ‘Ninguém vai falar nada dele. Ele é intocável’.” Enquanto preparava seu artigo, observou Gehman, ele recebeu uma ligação de ameaça no meio da noite. “Se sabe o que é bom para você, deixe Frank em paz”, disse-lhe a voz ao telefone.

“Já seria perturbador”, escreveram os editores da *Good Housekeeping*, que publicou o artigo de Gehman, “se este enorme poder estivesse nas mãos de um ser humano estável e previsível. Quando está nas mãos de um homem atormentado por emoções que aparentemente não consegue ou não quer controlar, isso é algo para ser visto como alarmante.”

Gehman achava que aquilo estava indo longe demais. Ele, depois, lembrou a seus leitores do Sinatra compassivo, o Sinatra que respondera a uma viúva de um dono de uma casa noturna, quando esta estava em dificuldade, com uma apresentação sua junto a uma orquestra de vinte e dois membros, sem cobrar nada. Acima de tudo, Gehman pensava que ao talento absoluto de Frank deveria ser dado mais peso do que ao lado sombrio de sua personalidade. “Não importa quão poderoso, ou corrupto, ele seja ou possa vir a ser. Podemos perdoá-lo enquanto continuar nos encantando com o simples fato de existir.” Apesar de todas as suas falhas, Frank nunca perdeu seu poder de sedução.

. . .

UM DIA, EM MARÇO de 1962, Frank tinha entrado na cabine de gravação para cantar *Gotta Right to Sing the Blues*. Naquela faixa, disse o apresentador de rádio e devoto de Sinatra Jonathan Schwartz, Frank soava como "se estivesse diante do microfone lendo uma seção de esportes e mascando chicletes". Em uma sessão anterior, tinha preferido rasgar a partitura a fazer outra gravação da mesma canção. Ele estivera de mau humor porque, depois de meses de ressentimento, estava fazendo sua última gravação para a Capitol Records.

Frank tinha desejado mais controle sobre o processo criativo, e a companhia não lhe tinha concedido. "Dane-se! Dane-se sua companhia!", tinha gritado quando Alan Livingston, da Capitol, tentou encontrar uma maneira de resolver o impasse. Embora a Capitol tivesse sido seu selo durante os anos de glória de sua carreira de estúdio, o rompimento tinha se tornado inevitável. "Eu ajudei a construir aquilo", disse ele a um colega, enquanto caminhavam ao longo da Vine Street, após passarem pela famosa sede circular da Capitol. "Agora vamos construir algo só nosso." Frank explicou que tinha estabelecido a Reprise Records – a "Reprise" – porque pretendia produzir álbuns "que tocassem de novo e de novo". Ele pronunciava a palavra, no entanto, não como em "repreese", mas como em "reprisal"[156]. Alguns apelidaram a nova companhia de Revenge Records[157].

Uma cópia promocional dizia que a companhia trazia ao mundo "um novo e emancipado Sinatra, mais feliz... desaprisionado, desacorrentado, desconfinado." Aspirava-se trazer a Frank, e aos artistas por ele contratados, mais liberdade de criação e dinheiro. Ele produziu dez álbuns nos primeiros três anos, gravando suas versões de *Ring-A-Ding-Ding*, *In the Still of the Night*, *Call me Irresponsible*, *The Second Time Around*, e novas versões das velhas favoritas de Sinatra. Satisfazendo seu interesse pelo jazz, Frank também fez um álbum com Count Basie. No mesmo período, ele se apresentou em onze países estrangeiros, apareceu na televisão e manteve um ritmo frenético em outras frentes de trabalho – tudo em meio ao seu tumulto pessoal durante a presidência de Kennedy.

Frank tinha dito que quando ele lançou a Reprise é que viu seu futuro "não tanto como artista, mas como um alto executivo... Tenho me fascinado com as finanças." Billy Woodfield o fotografou em um grande escritório, vestido de camisa de manga comprida, cigarro na mão, presidindo uma reunião de doze

executivos. Havia um *news ticker*[158] da *United Press International* de um lado dele, uma foto do presidente Kennedy no aparador. Outra fotografia mostrava Frank diante de uma imensa ampliação laminada, lotada de números e intitulada "*Comparative Gross Receipts*"[159].

Embora fosse mais artifício de publicidade do que um reflexo de como de fato ocupava seu tempo, as fotografias evocavam uma imagem de Frank como The Chairman of the Board[160], um apelido que ficaria marcado. (O apelido tinha sido dado, ironicamente, pelo *disc jockey* William B. Williams, quando procurava uma alcunha que fizesse jus à autoridade musical de Frank). Ainda assim, Frank tinha escolhido um momento infeliz para começar uma nova companhia, e a Reprise teve um início vacilante.

Os *singles* que davam bastante dinheiro eram, cada vez mais, gravados por jovens cantores e cantoras, para um mercado jovem. Frank estava no final de seus quarenta anos, e seus fãs que tinham feito seu nome eram pouco mais jovens que isso. Nenhum *single* de Sinatra tinha ido para a lista dos dez melhores desde 1956; tinha se tornado difícil para ele chegar até mesmo à lista dos quarenta melhores. A Capitol estava tendo sua vingança comercial minando a companhia de Sinatra por meio do relançamento de álbuns do cantor que eram controlados pela gravadora, a preços promocionais. A Reprise estava ameaçada.

Então, em agosto de 1963, numa época em que tudo parecia estar dando errado para ele, Frank, de repente, estaria por aí exibindo aos amigos um cheque (visado) no valor de um millhão de dólares (seis milhões de dólares, hoje). Tão maravilhado estava com isso que não depositou o cheque por dias. Frank tinha vendido dois terços da Reprise para a Warner Brothers Records, e um milhão de dólares era só o valor do sinal. O acordo foi guiado pelo fato de que Frank possuía o dinheiro da companhia, disse uma fonte da Warner Brothers Records ao FBI. Logo depois, a Warner adquiriu uma fatia majoritária dos projetos cinematográficos de Frank, garantindo a ele duzentos e cinquenta mil dólares mais 15% do lucro bruto, o que fez dele o artista mais bem pago de Hollywood.

Nove filmes de Sinatra foram produzidos aos montes de 1961 a 1965, cinco deles envolvendo membros do Rat Pack. Depois de 1961, no entanto, não havia mais filmes que poderiam ser descritos como próprios do Rat Pack. Frank gostava de trabalhar com Dean Martin e Sammy Davis, mas ele tinha começado a abominar o nome Rat Pack. Filmes feitos por Sinatra e amigos, além disso, não atraíam mais grandes audiências.

Houve também um filme do gênero catátrofe, *A Hora do Diabo*, que foi de fato um desastre, e dois filmes de guerra que tiveram boas críticas e boa bilheteria. *Ninguém Foi Tão Valente (None but the Brave)*, sobre a provação dos oficiais americanos encalhados em uma ilha do Pacífico, obteve bilheterias respeitáveis; *O Expresso de Von Ryan (Von Ryan's Express)*, sobre uma fuga em massa de prisioneiros aliados de um campo de prisão italiano, foi um grande sucesso. Houve também *Sob o Domínio do Mal (The Manchurian Candidate)*, um belo filme sobre soldados americanos que sofreram lavagem cerebral na Coreia, o qual culminava em um enredo em que se assassina um candidato à presidência. Era, ao mesmo tempo, uma sátira política complexa ao período de McCarthy nos Estados Unidos. Frank teve uma performance espetacular como major do exército, sendo ele mesmo um veterano esfarrapado, que frustra o assassinato do candidato a presidente. O filme atraiu magras audiências, no entanto, e logo foi retirado de circuito. Frank achou que aquele foi "sem dúvida, o melhor filme que havia feito." Ele mandou imprimir uma dama de ouros, a "chave de controle" do assassino do filme, que tinha sofrido lavagem cerebral, no fundo de sua piscina em Palm Springs.

No acordo com a Warner, Frank se tornou "assistente especial" para o próprio Jack Warner, uma posição de prestígio em um império poderoso. Ele trabalhava em um escritório de grandeza apropriada, decorado em laranja obviamente, com fotografias de presidentes democratas dispostas, todas com inscrições gravadas. Na antessala, ficava o busto dele próprio, que Jo Davidson tinha esculpido duas décadas antes.

Em 1965, Frank estava presidindo a Reprise Records, duas companhias de cinema, a Artanis – "Sinatra", soletrado ao contrário – Productions e a Park Lake Enterprises; uma empresa de fretamento de aviões, a Cal Jet Airway; e a Titanium Metal Forming, que fazia peças para aeronaves e mísseis. A companhia de frete aéreo tinha dois jatos – um Lear de oito lugares e um Morane-Saulinier de três lugares – e um helicóptero. Frequentemente, Frank saía de Palm Springs à tarde, cedo para ele, fazia sua viagem diária para Burbank a bordo do Lear, e então dirigia até seu destino na Warner Brothers em seu Dual-Ghia preto. O Lear também era útil para fazer o transporte rápido de hóspedes para ir e vir de Palm Springs, ou Las Vegas.

As empresas de Frank empregavam setenta e cinco pessoas, em período integral, incluindo secretárias respondendo a mensagens de fãs, seus pilotos, e, a todo momento, um pelotão de guarda-costas. A casa de Palm Springs tinha sido

recentemente ampliada e ostentava agora uma piscina de água salgada – no meio do deserto. Nesta época, ele alugou um apartamento de cinco quartos em East River Drive em Manhattan e uma casa de dez cômodos em Beverly Hills. Embora tivesse perdido suas licenças para jogos em Nevada, ainda possuía os prédios que fizeram a história do Cal-Neva Lodge em Lake Tahoe. A revista *Look* calculou a renda anual de Sinatra no ano de 1965 em três e meio milhões de dólares (vinte milhões de dólares, hoje), sem impostos.

O dinheiro jorrava para fora tão rápido quanto entrava. Ele "vive como a realeza", disse seu amigo e produtor William Goetz. Quando Frank saiu em um cruzeiro marítimo, alugou não apenas um iate, mas um hidroavião para seguir o primeiro. Uma vez, levou um barbeiro de avião de Nova York para Miami, para lhe fazer um corte de cabelo. De todos os milhões que Frank gastou em excessos de autoindulgência, entretanto, uma parte constante de dinheiro ia para ajudar outras pessoas. Ele vinha se apresentando em eventos beneficentes desde os anos 1940, levantando imensas somas de dinheiro para hospitais infantis, para idosos, refugiados, para a saúde mental, os cegos, para a luta contra o câncer, e muitas outras caridades relacionadas à saúde. Em 1962, declarando que como um "adulto superprivilegiado" deveria fazer algo pelas crianças desprivilegiadas, realizou uma Turnê Mundial para Crianças, que foi levada a dez países e arrecadou, em dólares atuais, quase seis milhões. Ele próprio pagou as despesas, que somaram aproximadamente a metade da verba arrecadada.

Ele enviou à mãe de Jule Styne, que não conhecia, quatro dúzias de rosas por dia, quando ela estava doente em um hospital de Nova York. Ele puxou Phil Silvers para fora de uma terrível fossa profissional, se apresentando junto com ele. Ele alegrou o cantor Joey Napoli, enviando-lhe uma centena de bengalas quando sofreu danos severos em um acidente de carro. Quando a casa do pianista Bill Miller foi destruída em um deslizamento de terra, no qual sua esposa morreu, Frank pagou as contas do hospital que não estavam cobertas pelo seguro de saúde, encontrou uma nova casa para Miller e a mobiliou por completo.

Ele pagou as contas do hospital quando ficaram seriamente acometidos Buddy Rich, Joe Louis – que ele levou de avião para o Texas para um tratamento de primeira classe depois de um AVC –, Lee J. Cobb, Joel Pressman, marido de Claudette Colbert, e, tempos depois, Peggy Lee. Ele também tomou conta das contas para Mabel Mercer quando ela estava velha, doente e sem um tostão.

Horrorizado ao ouvir que Billie Holiday estava tendo uma morte miserável

na ala psiquiátrica de um hospital de Nova York, Frank mexeu os pauzinhos para conseguir transferi-la para um hospital particular. A morte da cantora teve um efeito profundo nele e, em tributo a ela, ele gravaria a canção *Lady Day*, tempo depois:

> *So many shadows in her eye*
> *...Lady Day has too much pain.*[161]

Frank providenciou assistência médica para o marido de sua empregada em um hotel. Ele deu mil dólares para um engraxate de outro hotel quando soube que aquele era um ex-campeão de boxe derrubado pelos tempos difíceis. A perna de uma garota foi salva quando Frank apressou especialistas para a cena de um acidente em uma escada rolante no Bonwit Teller. Ele enviou um advogado para representar um casal de imigrantes idosos que estavam sendo ameaçados de despejo. Ele conseguiu um caminhão de alimentos e artigos de primeira necessidade para serem enviados aos filhos de uma mulher que estava morrendo em Long Beach.

Tina Sinatra estava com seu pai um dia, quando, depois de ver uma reportagem no jornal sobre uma família pobre cuja casa havia sido destruída por um incêndio causado por uma árvore de Natal, Frank ordenou a seu gerente de negócios que “enviasse a eles um trocado”. Como explicou Tina, quando ele se referiu a um trocado, naquele contexto, ele quis dizer cinco mil dólares.

Frank pediu a Whitey Littlefield, um sócio nos negócios, que comprasse um ônibus para entregar a uma escola de Ohio. Segundo Littlefield, “a única condição era que ninguém nunca soubesse de onde viera o ônibus”.

A generosidade de Frank era, na maioria das vezes, guiada por nada mais do que boa vontade sincera. Assim, muito das doações foram desencadeadas pelo acaso, aleatoriamente, por uma reportagem do rádio ou da imprensa sobre alguma miséria humana. Ao mesmo tempo, pode ser que algo disso se relacionasse ao jeito siciliano “padrone” dele, a ver com sua compulsão em colher autoridade e respeito distribuindo ajuda aos necessitados. “De certo modo”, disse o *bandleader* Peter Duchin, “ele era muito emocional... muito italiano.”

NO COMEÇO DE NOVEMBRO de 1965, um mês antes do quinquagésimo aniversário de Frank, o escritor Gay Talese tomou um avião para Los Angeles para entrevistá-lo. O editor de Talese pela revista *Esquire* tinha lhe assegurado

que a entrevista “estava certa”. Mas, em vez disso, o jornalista foi dispensado de forma evasiva por um relações públicas com uma série de desculpas esfarrapadas. Limitado apenas a uma breve conversa com Sinatra, ele passou cinco semanas observando Frank e conversando com pessoas que circundavam o cantor.

O artigo que Talese escreveu ainda é aclamado como a peça de observação mais próxima jamais escrita sobre Sinatra. Ele estudou Sinatra no estúdio, em um cassino de Las Vegas, em um estúdio de cinema e bebendo tarde da noite em um clube privativo. Os leitores da *Esquire* ficaram sabendo da arrogância de Frank, de sua compulsão para controlar outras pessoas e sobre a ansiedade que ele inculcava naqueles que ficavam à sua volta. Ainda assim, como escreveu Talese, “em uma época em que os muito jovens parecem estar tomando o controle, Frank Sinatra sobrevive como um fenômeno nacional, um dos poucos produtos de antes da guerra a resistirem à ação do tempo... Ele não se sente velho, ele faz homens velhos se sentirem jovens, fazem-nos sentir que, se Frank Sinatra pode, consegue, é porque algo pode ser feito.”

Ainda assim, Frank estava sentindo a passagem do tempo. Três anos antes ele dissera, “Como cantor, terei apenas mais uns anos à frente – como ator, talvez alguns mais, mas não muitos... E francamente, estou ficando um pouco cansado.”

Quando Frank chegou aos cinquenta, ele apresentou um programa de uma hora na NBC, para celebrar a ocasião. Ele também concordou em ser filmado para *Sinatra: An American Original*, um documentário da CBS News a ser narrado por Walter Cronkite– muito embora, como seu relações públicas teria dito a Talese, Frank temesse que a rede “tentaria expô-lo com relação à Máfia”. A Billboard lançou um tributo de oitenta e cinco páginas, no qual havia grandes histórias publicadas na *Life*, *Look* e *Newsweek*.

Frank também gravou um marco musical, o álbum *September of My Years*. A voz estava mais grave, como a de um homem mais velho, mais ainda, era a voz de um homem que provavelmente tinha fumado milhares de Camels sem filtro. “O barítono acetinado de 1943”, como opinou Arnold Shaw, agora soava “como veludo rasgado”. Saudosas, sombrias, as canções do álbum proclamavam que Frank era agora, de fato, um homem de meia idade: *How Old Am I?*, *Last Night When We Were Young*, *It Was a Very Good Year*, *Hello, Young Lovers*, e *This Is All I Ask*:

And let the music play as long as there's a song to sing
Then I will stay younger than spring.[162]

Na festa de aniversário que sua primeira esposa, Nancy, deu para ele, uma ocasião reluzente de *black-tie* no Beverly Wilshire Hotel, sua filha Nancy o aporrinhou sobre sua calvície. Naquele momento, prestes a alcançar seu próprio destaque como cantora, ela cantou a melodia de "Tit Willow":

The rug he once cut he now wears on his head
My Daddy, my Daddy, my Daddy...[163]

O cabelo de Frank estava tão ralo que ele tinha agora em sua comitiva uma mulher cuja função era cuidar de suas sessenta perucas. Logo, procuraria um cirurgião para um transplante de cabelo, em Nova York. Como notou Talese, quando Frank sacou seu isqueiro de ouro para acender o cigarro de uma mulher, seus dedos estavam "cheios de calos e com pele fraca... tão rijos de artrite que ele mal conseguia mexê-los".

Frank era muito metódico com suas coisas. Em seu camarim no Royal Festival Hall em Londres, o comentarista David Jacobs tinha testemunhado um ritual exasperador. "Fui levado à sua presença e lá estava Frank Sinatra, vestido com sua camisa formal e meias de seda, gravata borboleta e suas cuecas. O Sr. George Jacobs, o criado negro, percebeu que era hora do mestre se vestir."

"Então, ele pulou para a mesa, o que eu achei muito estranho, e o Sr. Jacobs foi até o armário e tirou de lá as calças de Sinatra, que estavam penduradas em um daqueles cabides fora de moda para calças, que você tem que prender bem no traseiro. E ele desprendeu a calça, fez o movimento mais lindo possível como um mágico, e as segurou para Sinatra, que ainda estava de pé em cima da mesa."

"Em seguida, Sinatra colocou uma perna rija dentro de uma das pernas da calça, fez o mesmo com a outra perna e pulou para cima de uma cadeira. E quando ele alcançou a cadeira, o Sr. Jacobs o levantou pelas axilas e o colocou no chão. Sr. Jacobs fechou a braguilha de Sinatra. Então, ele tirou o casaco do armário e Sinatra colocou um braço duro no casaco, e depois o outro, e já estava abotoado."

"E eu disse para ele: 'Me perdoe, mas você se importaria em me contar por que é que se veste dessa maneira extraordinária?' Ele olhou para mim e disse: 'Bom, quando eu entro no palco, não gosto de aparecer com um terno amassado

– como está o seu’. Então, caminhou em direção aos aplausos tumultuosos sob a luz do holofote, e assim que chegou ao centro do palco pulou em um banco, levantou as pernas e cruzou os braços – e você não via o terno dele, de qualquer maneira.”

“Sou um homem metódico quase no limite do aceitável”, declarou Frank, quando se aproximava seu quinquagésimo aniversário. “Exijo que tudo esteja no seu lugar.”

O espírito de 1965, entretanto, não era de simetria. Naquele ano, em um poema publicado depois em sua antologia *The Fall of America*, Allen Ginsberg escreveu sobre “Frank Sinatra lamentando os anos distantes, gravações de setembro cantadas com voz triste, e os Beatles gritando *Help!*, suas vozes clamando por afeto”. Os Beatles tinham feito sua investida na cultura americana no ano anterior. Eles tinham sido recebidos no Kennedy Airport por cerca de cinco mil adolescentes aos gritos, e setenta e três milhões de pessoas tinham visto a apresentação da banda no The Ed Sullivan Show.

Jule Styne havia declarado, em 1962, que Frank tinha “derrotado o rock’n’roll”. Dois meses depois da chegada dos Beatles, entretanto, eles eram os donos dos *singles* na parada dos cinco melhores da *Billboard*, e dos álbuns na parada dos dois melhores. Frank não tinha nenhum *single* nas paradas, e apenas um álbum, no décimo lugar. Como o destino faria, os Beatles não haviam apenas assinado contrato com a Capitol, mas também haviam sido trazidos a bordo por Alan Livingston, com quem Frank tinha discutido.

“Nós saímos do nada”, disse Paul McCartney, mais tarde, “com cabelos engraçados, parecendo marionetes ou algo assim... Acho que aquilo foi realmente um dos grandes motivos do nosso sucesso – mais o cabelão do que a música, originalmente. Um monte de pais de pessoas queriam o nosso fim.”

Frank era um desses pais. “Cabelo longo”, disse George Jacobs, “o deixava louco... Ele não queria saber o quanto aquela música era boa... Para ele era tudo uma grande desculpa para usar drogas.” Frank viria a destruir o rádio do carro com o salto de seu sapato porque toda estação parecia tocar somente *Light My Fire* dos Doors. “Ele realmente odiava rock’n’roll, odiava os Beatles”, lembrou Rock Brynner. “Era algo geracional. Ele não tinha nada além de desprezo por tudo aquilo.” A nova música repelia Frank, disse seu filho.

Os mais recentes grupos de rock’n’roll, diria Frank, “perdem o ponto porque não param para pensar o que suas letras significam: eles ouvem demais a si mesmos. Alguns gritam durante uma maldita noite inteira, como se cantassem a

Declaração de Independência a cada nota. Eles não conhecem sombra, nuance, cor? Isso me ofende."

John Lennon, de sua parte, não tinha tempo para a música de Frank. "Peggy Lee eu poderia ouvir o dia inteiro", disse ele. "Ella Fitzgerald é demais." Mas: "Sinatra não é para mim; simplesmente não dá, sabe?" McCartney, caracteristicamente, via de maneira mais ampla. Como um adolescente nos anos 1950, disse ele que tinha percebido que "se alguém queria entrar para o *show business*... você olhava para uma pessoa do tipo de Sinatra como a mais chacoalhante possível." Quando ele escreveu *When I'm Sixty-Four*, tendo aproximadamente 16 anos, lembrou McCartney, "Eu achava que estava escrevendo uma canção para Sinatra."

Para a maioria dos adolescentes da metade dos anos 1960, Frank e sua música eram como uma cartola empoeirada, e ele sabia disso. Em público, começou a fazer barulho mais aceitável, admitindo que:"Devemos parar e pensar que vinte e cinco anos atrás nós fazíamos a música de nossa era... Garotos querem identidade".

Alguns anos depois, Frank gravaria uma canção de aniversário para a esposa de Ringo Starr, deixaria disponível seu jato para Paul McCartney e receberia George Harrison como seu hóspede. Ele gravaria tanto *Something* de Harrison quanto *Yesterday* de Lennon e McCartney, e as elogiaria como as melhores canções de amor escritas em décadas. Frank conseguia reconhecer talentos, mesmo em roqueiros. No final, como acabou acontecendo, a nova música e o som de Sinatra coexistiriam.

Mesmo em 1965, muitas pessoas respondiam quando Frank fazia o que sabia melhor. Quando *In the Wee Small Hours* foi tocada em um clube de Beverly Hills, observou Gay Talese, "a canção inspirou muitos jovens que estavam lá sentados, cansados de rodopiar, a levantarem e se moverem devagar pela pista de dança, segurando uns aos outros bem de perto... Era uma canção, como muitos de seus clássicos, que evocava solidão e sensualidade... um tipo de afrodisíaco leve. Indubitavelmente, as palavras desta canção, como de outras, colocaram milhões no clima, era uma canção para se fazer amor ouvindo, e, sem dúvida, a maior parte da América tinha feito amor ao som desta canção".

Fazer amor ao som de Sinatra, escreveu Talese, tinha sido apreciado por ricos e pobres, "nos carros, enquanto queimavam as baterias, em chalés à beira de lagos, em parques isolados e coberturas exclusivas e quartos mobiliados... Em todos os lugares em que se ouviam as canções de Sinatra, eram estas palavras

que aqueciam as mulheres, as cortejavam e ganhavam seus corações, cortavam as últimas ameaças de inibição e gratificavam os egos masculinos de amantes ingratos.”

Enquanto ele meditava naquele clube de Beverly Hills, Talese observava Frank parado em um canto escuro, com um copo de bourbon em uma mão e um cigarro na outra. Sinatra estava mirando para dentro do cômodo além do bar, onde as pessoas estavam ajuntadas. Ele tinha estado em um “humor de silêncio taciturno” por toda a semana. Em cada lado dele estava uma loira atraente e cada uma parecia esperar em vão que ele dissesse algo.

De novo e de novo, nas semanas que se seguiram, em estúdios de gravação e nos cassinos no Sands, em um estúdio cinematográfico ou na rua, Talese observou mulheres em volta de Frank. Elas balançavam ao som de sua música, abriam sorrisos de adulação em sua direção. Nenhuma delas, até onde contou Talese, chegou a algum lugar. “Ele precisa de uma boa dose de amor”, o escritor citou Hank Sanicola dizendo. “Ele quer amor 24 horas por dia.” Em 1965, entretanto, Frank encontrou amor duradouro com uma mulher mais impossível do que nunca.

Emocionalmente, ele ainda estava ligado a Ava.

29
A noivinha

SE AVA GARDNER NÃO PODIA VIVER COM FRANK, aparentemente também não conseguia viver sem ele. Em 1961, ela tinha aparecido em uma estreia de Sinatra em Las Vegas, descoberto que a primeira Sra. Sinatra e seus filhos tinham chegado antes dela, e deixado a cidade. Um ano depois, ela e Frank foram vistos saindo juntos em público em Los Angeles. Então, durante sua World Tour for Children[164], ele fez um desvio para vê-la em Madri.

Não foi uma visita feliz. Ela tinha vivido lá por seis anos, naquela época, e tinha se tornado conhecida como uma linda e patética bêbada. O copiloto do avião de Frank, Dan Arney, testemunhou uma briga furiosa entre eles durante a visita. “Eles foram jantar e acabaram entrando numa disputa de provocações... Ela chegou a dizer, ‘Eu nunca mais vou falar com aquele carcamano filho da mãe outra vez’.”

Ava arrastou Arney e o outro piloto para “um lugar que era realmente como um puteiro, um motel cheio de mulheres. Nós entramos em um cômodo com uma grande pista de dança e Ava pediu alguns dançarinos flamencos... Às 5h30 da manhã nós dissemos que tínhamos de ir embora e ela começou a xingar todo mundo... Nós a vimos com o rabo cheio de bebida mais de uma vez.”

Quando Ava chegou aos Estados Unidos, Frank colocou seu avião ao seu dispor. O avião a levou e trouxe de Palm Springs, e de Las Vegas, para tratamento de desintoxicação, e para o spa de Elizabeth Arden no Arizona. “Consegue imaginar?”, perguntou Frank a Sonny King. “O quanto eu costumava perseguir Ava! E agora ela é minha paciente.” Ainda assim, ele a estava perseguindo.

Constantemente, ele também ia atrás de outras mulheres. Frank simplesmente enviava uma intimação, quase sempre com um recado enviado em um quarto

abarrotado de gente, para mulheres que chamassem sua atenção. Suas aproximações, às vezes, envolviam desaforos. Uma noite, nos anos 1960, ele enviou um amigo íntimo a outra mesa, em um restaurante de Nova York, para dizer a Michael Hellerman, amigo de D'Amato, que gostaria de "levar para sair" a garota que o acompanhava em um encontro. "Eu levei a garota até a mesa de Frank", disse Hellerman. "Os olhos dela estavam brilhando como dois diamantes. Ela esqueceu até que eu existia. Quando ela saiu com Frank, ficou tão nervosa que vomitou. Ele precisou colocá-la em um táxi para levá-la para casa."

Frank saía com celebridades, garotas que trabalhavam na chapelaria, ou pagava sexo com prostitutas. Seus laços eram geralmente breves e deixavam as não profissionais confusas. "Primeiro, eram ligações incessantes", disse uma atriz a Richard Gehman. "Ligações divertidas, cheias de piadas, malucas... Depois disso, vinham as flores e o champagne e os presentes... aí, as noites no restaurante favorito dele." Então, "do nada, ele simplesmente parava com tudo... parava de ligar, pronto". Outra mulher disse: "Eu não o entendo. Ele me leva para sair e parece que passa a maior parte da noite falando com os caras."

"Pensam que eu tenho um Ph. D. em matéria de mulheres", disse Frank à revista *Life*, ao longo de uma entrevista que, ao seu modo, também foi vazia, em 1965, "mas a verdade é que eu fracassei mais do que o contrário..."

Ele tinha fracassado, laboriosamente e por muitos meses, com a dançarina Juliet Prowse. Eles tinham se conhecido no set de gravação de *Can-Can* em 1959. Ela tinha 23 anos, contra os 44 dele, e era uma mulher alta, inteligente, brilhante – que, não fosse pelo peso, teria provavelmente se tornado uma bailarina. "Ele estava cantando uma canção de amor para ela", disse Shirley MacLaine, amiga da dançarina que os apresentou, "e ele se apaixonou pela pessoa para quem estava cantando, e ela se apaixonou pela voz dele e pelo fato de que ele era Frank. Isso é amor?". A canção que Frank tinha cantado para Prowse em *Can-Can* tinha sido *It's All Right with Me*:

> *It's not her face, but such a charming face*
> *That's all right with me.*[165]

Juliet não era fácil de conquistar e talvez aquilo tenha funcionado ao seu favor. Filha de uma família colonial britânica, criada na África do Sul, tinha sido um prodígio da dança desde sua infância. Ela ficou impressionada quando Frank avançou, mas não se surpreendeu. Eles saíram juntos por quatro meses antes do

caso se tornar sexual, segundo disse ela em sua única entrevista mais profunda sobre o relacionamento.

Frank parecia “incrivelmente amável e gentil. Talvez, porque eu tivesse quase a mesma idade de sua filha. Talvez ele respeitasse mais aquilo. Eu não era uma mulher que tinha rodado muito por aí... Me lembro dele dizendo – e ele disse isso muitas vezes – que comigo ele se sentia mais confortável do que com qualquer pessoa que já estivera na vida.” Segundo Juliet, havia algumas vezes em que sentavam quietos na piscina enquanto ela tricotava meias para ele. Ela cuidava do jardim e ele pintava – um *hobby* que ele cultivou desde os anos 1940, mas para o qual tinha pouco tempo. “Ela me sufoca e eu amo isso”, disse Frank a MacLaine.

Frank pediu Juliet em casamento. Ele voou para a África do Sul para se encontrar com a família dela e recebeu seus pais com boas-vindas quando foram para Los Angeles no final de 1960. No entanto, ela foi resistente e continuou a ser mesmo depois de cinco pedidos de casamento. Embora Frank fosse bom para ela, não gostava do que se passava quando ele ficava bêbado. Ele ia rasgando para cima de bons amigos com muita violência, e sem razão, ou então “jogava coisas no chão, se o serviço não era feito como ele queria.” Ele mentia descaradamente, dizendo que “nunca tinha tido um bate-boca ou usado palavras duras” com mulheres em sua vida. Ele dizia que sua futura esposa teria que parar de trabalhar, e aquilo perturbava Juliet. A dança era sua paixão e sua vocação. Além disso, Frank continuaria seu caso com Ava , “o grande amor de sua vida... o único sobre o qual ele chegou a falar”. Juliet conseguia tolerar esta questão, mas a possessividade de Frank era outro problema.

Frank não a deixava ter uma vida própria, ela disse. Ele ficava parado na esquina, observava ela dirigindo, depois a censurava por dirigir em alta velocidade, se enraivecia com ela por ela fazer *cartwheels*[166] de dançarina em público em uma crise de exibicionismo. Como ela disse, tempo depois, ele era “realmente como uma figura paterna”. Com relação a outros homens, era desmedidamente ciumento.

“Eu sabia que ele se encontrava com outras garotas”, disse Juliet, “que não estava saindo apenas comigo. Por isso, não via razão para que não pudesse sair com este dançarino, Nick Nevara. Bom, ele acabou descobrindo e veio até meu apartamento às três da manhã, esmurrando minha porta. E eu não podia atender porque Nick estava comigo lá dentro. Aí, desapareceu, gritando e berrando... Eu

fiquei louca, pensando: ‘Como ele se atreve a fazer isso com a minha vida?’... Dei um presta atenção nele, disse que não queria vê-lo nunca mais e que ele não devia tentar me usar para o que queria.” Por seis meses contando a partir do verão de 1961, eles não se viram. No entanto, Frank se encontrou com Marilyn Monroe.

SINATRA E MONROE. Eis duas estrelas que brilhavam com uma luz de mesma intensidade. Eles tinham se conhecido em 1954, quando ela era casada com Joe DiMaggio e estava trabalhando em *The Seven Year Itch*[167]. Frank e Maggio eram camaradas na época, e naquele ano colaboraram para um episódio bizarro envolvendo Marilyn.

James Bacon, na época um jovem jornalista, os viu juntos em Villa Capri, na noite de 5 de novembro. “Parecia uma reunião dos Filhos da Itália”, lembrava ele. “Sinatra, DiMaggio, e vários outros ‘paisanos’... Eu pude ver que DiMaggio estava com um humor terrível.” Por volta de meia-noite, Sinatra e DiMaggio se juntaram a detetives particulares, os quais Frank tinha contratado, encontrando-os fora de um prédio de apartamentos em West Hollywood. Os detetives tinham observado o prédio acreditando que Marilyn estivesse lá com um amante. Momentos depois, alguns dos homens arrombaram a porta de um apartamento e entraram com tudo no quarto de uma moradora que estava dormindo – e que não era Marilyn. Eles tinham dado uma batida no apartamento errado.

Frank negaria ter entrado no prédio, mas admitiria ter estado presente do lado de fora. Um dos detetives envolvidos, entretanto, disse que Sinatra tinha sido um dos invasores. A amizade de DiMaggio com Frank não durou. Em 1960, há muito já divorciado de Marilyn, mas ainda obcecado por ela, DiMaggio começou a acreditar que ela estivesse dormindo com Frank.

Parece evidente que havia algum tipo de caso entre os dois, em uma época em que Marilyn estava um poço emocional. Frank tinha se tornado solícito durante o colapso do casamento da atriz com Arthur Miller. Ele a presenteou com um *poodle* branco que ela batizou de Maf, como em Máfia. Em fevereiro de 1961, quando ela teve alta de um período de repouso na Payne Whitney Psychiatric Clinic, em Nova York, Frank permitiu que ficasse em sua casa, em Coldwater Canyon. Um dos assessores de imprensa de Monroe, Rupert Allan, pensava que Frank estava apenas agindo como um bom amigo. Sonny King sentia que ele era “o grande protetor” dela, e que ela era “sua amiguinha favorita”.

Marilyn estava no Sands, em um estado deplorável, quando Frank se apresentou lá, no começo de junho. “Toda aquela beleza física que ela tinha”, lembrou Eddie Fisher, “tornou-se feia pela bebida e pelos remédios... Eu não sei se Marilyn estava bêbada ou chapada, mas ela estava se babando toda. Quando Frank começou a cantar, ela começou a esmurrar o chão do palco. Eu vi Frank fazer um pequeno gesto em direção a ela e guardas apareceram quase imediatamente e praticamente arrastaram Marilyn para fora do lugar”.

A atriz ainda estava em péssima forma, em agosto, quando se juntou a Frank e alguns amigos para um fim de semana no iate do cantor. “Eu me lembro de ir até a casa de Frank antes de irmos para o barco”, disse a esposa de Dean Martin, Jeanne, “e ele disse: ‘Você pode, por favor, entrar e vestir Marilyn, para que possamos pegar a limusine e ir?’. Ela não conseguia se arrumar sozinha.”

Marilyn dividiu uma cabine com Frank. Uma fotografia tirada durante a viagem mostra Frank deitado de costas ao lado da atriz, lendo uma revista. Marilyn tentava socializar, como lembraram outros que estavam a bordo, mas ela parecia desorientada. “Ela estava tomando pílulas para dormir”, disse a esposa de Mike Romanoff, Gloria, “então ela desaparecia às dez horas da noite e não acordava até onze ou doze da manhã do dia seguinte. Nós brincávamos com Frank, dizendo: ‘Que romance, este, hein?’”. Jeanne Martin se lembrou de Marilyn “vagando pelo deque, tentando achar mais pílulas, num estado lamentável. Ela era incapaz de dormir e ficava cambaleando seminua, tentando encontrar alguém que pudesse lhe arrumar umas ‘vermelhinhas’ às três da manhã”. Quando o iate atracou no porto, Marilyn saiu e desapareceu.

Semanas depois, ela fez com que sua empregada de Nova York, Lena Pepitone, tomasse um avião para Los Angeles, levando-lhe um vestido especial. Monroe estava vestindo a roupa, brilhando como em sua melhor forma, quando Frank chegou para levá-la para sair. “Ele tirou uma caixinha de seu bolso”, disse Pepitone, “e colocou dois lindos brincos de esmeralda nas orelhas de Marilyn. Eles se beijaram tão apaixonadamente que eu fiquei constrangida de estar parada ali do lado.”

Naquele verão, de acordo com Pepitone, a atriz andava falando de se casar com Frank. No entanto, logo depois do Ano-Novo de 1962, enquanto Marilyn estava sentada com o roteirista Nunnally Johnson, leu uma reportagem no jornal que, como lembrou Johnson, a fez “soltar fumaça”: Frank tinha ficado noivo de Juliet Prowse.

Nos sete meses que restaram a Marilyn, ela seria rejeitada pelos irmãos

Kennedy e se encontraria bastante com Frank. Foi no final de julho que ele a fotografou em estado de angústia no resort Cal-Neva, na companhia de Sam Giancana. Dias depois, aos 36 anos, Marilyn estaria morta.

Frank disse à imprensa que estava "profundamente entristecido" pela notícia, que ele sentiria muita falta de Marilyn. George Jacobs achou que estava "em choque". Barrado da cerimônia fúnebre, ele tentou, em vão, subornar para conseguir entrar. Naquele momento, provavelmente se arrependia de sua frase dita da boca para fora de poucas semanas antes, quando um repórter tinha perguntado o quão bem conhecia Marilyn. "Quem?", teria respondido sarcasticamente. "A senhorita Monroe me lembra uma jovenzinha pura com quem fui à escola, e que mais tarde se tornou uma freira. Esta é minha lembrança."

Informada desta conversa, Marilyn teria respondido: "Diga a ele para olhar no *Who's Who*".

DEPOIS DE SEIS MESES durante os quais Frank e Juliet Prowse não tinham nem se falado, ele se encontrou com ela no aeroporto de Los Angeles, exibiu-lhe um anel de diamante e soltou a pergunta mais uma vez. Juliet disse sim, mas cancelaram pouco mais de um mês depois do encontro.

A insistência de Frank para que Juliet desistisse de seu trabalho tinha contribuído para o rompimento final. Também teria contribuído para isso a recusa de Frank em viajar para a África do Sul para discutir planos de casamento com seus futuros sogros. "Ele era o mestre do controle, e viu aquilo como um desejo de Juliet da aprovação de seus pais", lembrou Shirley MacLaine. "Ele nem discutiria aquilo, nem mesmo ligaria para ela. Ele foi embora e Juliet não foi mais atrás dele – porque aquilo tudo era insano demais."

Durante o breve noivado, Ava tinha enviado um telegrama de congratulações para Frank. Aquela ligação angustiada persistia, como percebeu o escritor Stephen Birmingham em 1963, no México, durante a gravação de *A Noite do Iguana (The Night of the Iguana)*. Ela e Frank, como soube o escritor, "ficaram muito próximos. Todas as vezes em que estive com ela, ele ligou pelo menos uma vez... Ela ia para o banheiro dela e conversavam por meia hora."

Mesmo naquele momento, os encontros ocasionais dos dois eram arruinados pelo ciúme. "Se uma garota bonita viesse e falasse com ele", notou Birmingham, "Ava ficava furiosa. E os olhos dela ficavam passeando pelo lugar; ela fixava nesse ou naquele e você podia saber que a próxima coisa que aconteceria seria

aquela pessoa vir até a mesa, e Frank ficar furioso.”

Em 1964, ambos estavam na Itália, onde Ava estava fazendo *A Bíblia no Início (The Bible)* com George C. Scott, e Frank estava gravando *O Expresso de Von Ryan (Von Ryan’s Express)*. Ela estava envolvida com Scott. “Frank e eu estávamos ficando em uma casa de campo no Via Appia”, lembrou Brad Dexter. “Nós três fomos jantar juntos e ela acabou ficando bêbada e cambaleando escada acima. Foi realmente triste. Frank virou para mim, uma noite, e disse: ‘Ela é a única mulher pela qual fui realmente apaixonado em toda a minha vida, e olhe para ela. Ela se tornou uma mulher que vive caindo de bêbada.”’

Ava estava com 42 anos. Em outubro, enquanto estava em Los Angeles filmando cenas de interiores para *O Expresso de Von Ryan (Von Ryan’s Express),* Frank começou a sair com uma garota de dezenove.

OS PAIS DE MIA FARROW, o escritor e diretor John Farrow e a atriz Maureen O’sullivan, tinham mudado para quartos separados quando ela tinha 8 anos, porque seu pai estava tendo um caso com Ava Gardner. Quando ela tinha 11 anos, tinha sido apresentada para Frank enquanto jantava fora com seu pai. Quando Frank disse: “Que garotinha bonita!”, o pai dela respondeu: “Você fique longe dela”.

A segunda vez em que ela encontrou Frank foi em 1964, na Twenty Century-Fox, quando tinha dezenove anos e estava fazendo o papel de filha abandonada na versão televisiva do romance *Peyton Place*. Mia estava familiarizada com os métodos de Hollywood. Seus pais eram produto daquilo; sua madrinha era a rainha da fofoca, Louella Parsons, seu padrinho era o diretor George Cukor. Segundo a imprensa, no entanto, ela era “uma fada de olhos abertos”, uma “garota abandonada” com “uma inocência de cortar o coração e indefesa como uma criança”. Ela descreveu a si mesma como tendo sido “uma adolescente terrivelmente inocente... com medo dos homens.” A única vez em que tinha estado na cama com um homem, do que ela se lembrava, tinha sido exigida durante uma filmagem para uma cena simulada em que um casal fazia amor.

Mia parecia a figura da garota abandonada inocente. Ela tinha apenas 1,65 metro de altura, e suas medidas eram 50-50-50. Ela usava sutiãs com enchimento e uma vez recusou-se fazer uma cena de nu porque sentiu que a audiência poderia ficar desapontada. Embora pudesse ser casta, a jovem Mia de dezenove anos não era completamente inocente sobre o mundo. Enquanto morava em Nova York, tinha sido levada por Salvador Dalí para uma festa no Greenwich

Village, na qual tinha visto outros convidados fazendo sexo grupal. Edie Goetz, amigo de Frank e filha de Louis B. Mayer, achava Mia “uma jovem senhora muito inteligente... Ela sabia exatamente quem era e o que queria.” Liza Minnelli, uma amiga de infância, dizia que Mia era “mais forte do que todos nós”.

Frank tomou a iniciativa quando se conheceram na Fox, de acordo com o que Mia escreveu eu sua autobiografia em 1997. Segundo ela, ele começou uma conversa quando visitou uma sala de filmagem nas redondezas, onde ele estava trabalhando para *O Expresso de Von Ryan*. Ela escreveu que ele a convidou para uma exibição privada de um de seus filmes, segurou sua mão quando as luzes se apagaram e pediu a ela que tomasse o avião com ele – naquela mesma noite – para Palm Springs. Brad Dexter se lembrava do encontro de maneira diferente. Mia fez “olhos furtivos” no *set* de filmagem de Frank, segundo Brad, e o atormentou insistindo em que a deixasse ir para Palm Springs.

Frank, de fato, enviou seu jato para Mia, não logo depois da exibição, mas no dia seguinte, e ela chegou pontualmente à casa dele – com seu gato. Embora houvesse fotografias de Ava por todo o lugar, ela não mostrou se abalar. Frank a levou pelos braços enquanto lhe mostrava seu quarto e, nas palavras dela, “o gato dormiu sozinho naquela noite”.

Logo, o casal estava passando o fim de semana juntos. Frank pintava, enquanto ela escrevia *sketches* ao lado da piscina. Eles fizeram palavras cruzadas juntos, e ele a apresentou às sinfonias de Vaughan Williams. No Natal, quando Mia estava esperando ganhar um filhotinho de cachorro, Frank deu a ela um “coala de diamante”. Ele também deu um estojo de cigarros de ouro e um Thunderbird amarelo, para “combinar com seu cabelo”.

Mia chamava Frank de “Charlie Brown”. Ele a chamava de “Angel Face” ou “Baby Face”[168]. Desde o primeiro encontro dos dois, ela pensou: “Que lindo rosto ele tem, cheio de dor”. “Eles não o conhecem de fato”, ela se lembrava de ter dito. “Eles não conseguem ver a suavidade machucada, que nem ele consegue suportar que se torne conhecida.”

A canção *The Impossible Dream*, de *O Homem de La Mancha*, fazia Mia lembrar de Frank, cuja loção pós-barba, ela notou, era a mesma de seu pai. “Eu penso nele”, disse sobre Sinatra logo no início, “como um homem coberto de cicatrizes e que ainda luta para alcançar a estrela inalcançável.” Ela sugeriu que Frank gravasse aquela canção, e ele o fez.

Durante quase um ano, Frank manteve Mia muito mais para ele próprio. Ele não a apresentou para seus filhos, e ela também não esteve na sua festa de cinquenta anos. “Frank estava realmente bêbado naquela noite”, lembrou Sonny King. “Ele escorregou nas escadas, caiu... Sua ex-mulher Nancy o ajudou a se levantar e colocou sua cabeça no ombro dela. Aí, alguns de nós entramos em um carro – sem Nancy e sem dó – e fomos para um retiro numa colina, em Hollywood Hills. Quando entramos, Mia Farrow estava perto da lareira.

“Aquele foi meu primeiro encontro com ela. Ela parecia uma pequena fada, e eu gostei dela. Mas não cabia ali... Ela era como uma *hippie* na esquina de Haight-Ashbury. Frank era meio ‘hiponga’, de seu próprio modo, mas não exatamente um hippie... Ela tinha suas próprias ideias, e ele tinha suas ideias velhas. Eles não combinavam.”

Embora sem muito otimismo, as filhas jovens de Frank trataram Mia com amizade. Ao mesmo tempo, estranhamente, o pai delas fazia o possível para cultivar relações com pessoas de sua mesma idade ou mais velhas.

“Frank tinha decidido que já era tempo de ele entrar na meia-idade”, disse um conhecido anônimo para a revista *Life*. “Ele mudou de alfaiate. Começou a vestir roupas de banqueiros, com duas fileiras de balões... Começou a sair com o *establishment* de Hollywood dos velhos tempos e começou a ir a festas com as atrizes Rosalind Russel, Claudette Colbert e Merle Oberon, bem como com seus respectivos maridos. Parecia que todas as suas amigas mulheres tinham mais de 50 e todos os homens mais de 60. Ele empurrou Mia para dentro do grupo e a forçou a conviver com eles, e nem ela nem eles gostavam uns dos outros.” Mia se viu em um círculo que também reunia Billy Wilder e Kirk Douglas; William Paley, o presidente da CBS; Bennett Cerf, presidente da Random House; o empresário irlandês Loel Guinness; o produtor Arthur Hornblow; o diretor de produção da *Twentieth Century Fox*, William Goetz; Armand Deutsch, o herdeiro da Sears, e Roebuck, com suas respectivas esposas. Na ocasião, Mia lembrava, ela encontrou os filhos destes convidados – todos mais velhos do que ela. Eles jantaram no que ela chamou de “mesa da garotada”, enquanto ela sentou com os “mais velhos”. Depois do jantar, na casa dos Goetze, quadros de Picasso de valor inestimável foram mecanicamente levantados e substituídos por uma tela, para a sessão de cinema depois do jantar.

A vida com Frank, Mia acabou concluindo, consistia em três compartimentos separados. O primeiro era o tempo privado que tinham para si, o segundo era o turbilhão social pomposo e o terceiro era o desconcertante “outro mundo” de

Frank em Las Vegas e Nova York. Ficar por perto da irmandade do cassino seria um desafio para Mia. “Ela chegou a me ligar”, lembrava Sonny King, dizendo: “‘sonny, você poderia vir até aqui para me ensinar como dizer algumas palavras em italiano para que eu possa responder aos amigos de Frank?’. Ela queria se entrosar com eles.”

Mia observaria Frank jogando, jogando dinheiro fora, e bebendo. Ela descobriu que ele era capaz de ingerir uma garrafa inteira de Jack Daniel’s em uma sentada. Durante o que Mia se lembrava como as “intermináveis noites de Vegas”, os homens falavam a maior parte do tempo com homens, e as mulheres com mulheres. Nas horas que precediam o amanhecer, ela frequentemente se via conversando com mulheres maquiadas em vestidos colantes, algumas prostitutas. (Segundo George Jacobs, logo depois de Frank e Mia se conhecerem, Frank tinha encomendado garotas que tinham uma semelhança com Mia.)

Especulações da imprensa sobre o casal tinham começado ainda no primeiro ano do relacionamento, quando Frank levou Mia e um grupo de amigos mais velhos em um cruzeiro de iate ao longo da Costa Leste. Ela se irritou quando as pessoas fizeram piadas sobre a diferença de idade entre eles – a tirada de Dean Martin foi que ele tinha uma garrafa de Scotch mais velha do que Mia. A viagem de iate foi um ímã para a imprensa, mais ainda quando Frank atracou na praia em Hyannis Port para visitar Joe Kennedy, que ainda estava preso à cadeira de rodas, quatro anos depois de seu derrame. A revista *Time* considerou a viagem como “provavelmente, a mais proximamente observada desde que Cleópatra desceu o Nilo para se encontrar com Marco Antônio.”

Frank e Mia estavam se equilibrando, como ela colocou, em um “abismo de inseguranças”. Ela saiu para viajar com um homem bem mais jovem. Frank teve um caso com Sheila MacRae, de 41 anos, a artista e ex-mulher do ator Gordon MacRae. No mesmo período, em Miami, de acordo com um relatório do FBI, ele recebeu a encomenda de uma “linda morena” trazida a seu quarto por Joe Fischetti.

Eles se reconciliaram no verão de 1966, depois de Frank ter ligado para Mia de Las Vegas, no meio da noite. Logo depois, ele a pediu em casamento, e ela aceitou. Ele comprou um anel de noivado de diamante, de oitenta e cinco mil dólares e a presenteou – em uma caixa de bolo – durante um voo transcontinental.

“Casar com Mia?”, tinha dito a mãe da atriz, Maureen O’sullivan, de 54 anos, sobre Frank, algum tempo antes. “Faria mais sentido se ele se casasse *comigo*”.

Ela achava que sua filha não estava “emocionalmente preparada para se casar”. Dolly Sinatra repudiou a ideia, dizendo: “Meu filho está apenas ajudando esta garota a se tornar uma estrela.”

O próprio Frank tinha dúvidas. Em um jantar com Juliet Prowse, confessou que ele “não parecia conseguir se decidir”. Ele disse a Shirley MacLaine que queria que ela se encontrasse com Mia para “dar seu parecer sobre ela. Ele perguntou o que eu achava, e acho que disse algo como, ‘O que você diz sobre alguém que parece um garoto de 12 anos?’”.

Ava, que estava em Nova York para uma pré-estreia, recebeu perguntas sobre Mia do crítico Rex Reed. “Os olhos de Ava brilharam e ficaram na cor de um verde suave de campo de golfe” ele escreveu depois. “A resposta vem como a cena de muitos gatos lambendo pires de leite. ‘Hah! Eu sempre soube que Frank acabaria na cama com um garoto’.”

Frank continuou a ver Ava nas ocasiões em que estavam na mesma cidade ao mesmo tempo. Em uma noite, em Nova York, Michael Hellerman, amigo de Skinny D’Amato, testemunhou um momento inquietante. “Eu subi até o apartamento de Sinatra”, lembrava. “Ele estava parecendo o cara mais feliz que já tinha visto. Estávamos todos lá, sentados no sofá conversando, quando a campainha tocou. De repente, Ava saiu de outro cômodo, toda vestida, carregando uma mala e se dirigiu diretamente para a porta. Ela abriu a porta, se virou, deu um pequeno aceno, dizendo adeus para Frank... O cara na porta era um espanhol piloto de avião. Ficamos muito constrangidos pela situação de Frank.”

Mesmo assim, ele a viu, mais uma vez, em Londres, quando estava lá, começando a trabalhar em um novo filme, um péssimo *thriller* chamado *Serviço Secreto em Ação (The Naked Runner)*. Ava, que estava se cansando da vida na Espanha, começava a passar uma boa parte de seu tempo na Inglaterra. George Jacobs achava que Frank ainda esperava ganhá-la de volta. “Eu acho”, o criado se lembrava das palavras do patrão depois de ter visto Ava e ser rejeitado novamente, “que não tenho para onde correr”.

O que ele fez foi correr desorientadamente para o casamento com Mia, mais cedo do que planejava e com raiva. “O que desencadeou aquilo”, disse Brad Dexter, que estava produzindo *Serviço Secreto em Ação*, “foi quando eu disse a ele que, em vez de se casar com Mia, devia ir se consultar com um psiquiatra. Havia um célebre em Londres e disse que seria uma boa ideia se consultar com ele. Ele sabia que havia algo de errado, mas olhou para mim e disse: ‘O quê?

Você acha que estou louco?’ E, aí, Frank ficou animado como um macaco. Ele pegou o telefone, ligou para Las Vegas para falar com Jack Entratter e disse: ‘Estou pegando o avião. Entre em contato com Mia e faça ela ir para lá... Eu quero me casar’. Ele partiu na manhã seguinte.”

Em Nova York, a caminho de Las Vegas, Frank jantou com Peggy Connelly e visitou Sheila MacRae. Ficou divagando com MacRae sobre como ele poderia arrancá-la de seu casamento de 25 anos. Então, se calou, olhou pela janela, e disse, “Quero me casar”. Segundo Jacobs, Sinatra, então, retornou para seu apartamento e chamou uma prostituta antes de seguir para Las Vegas.

Ele e Mia se casaram no dia seguinte, em 19 de julho de 1966, em uma cerimônia de quatro minutos no Sands. O hotel tivera apenas poucas horas para providenciar a licença de casamento, um juiz para oficializar – uma tarefa não muito difícil em Nevada – e o bolo com champagne. Frank não tinha avisado sua família do que estava prestes a fazer, mas logo antes da cerimônia instruiu Jacobs a “ligar para a senhorita G.”, para evitar que ela não ouvisse as novidades primeiramente de outra pessoa.

Frank se referia à Mia como “minha noivinha” durante a lua-de-mel, a colocava sentada em um banco e cantava *September Song* na frente de hóspedes convidados. A sensação geral, disse Mia, “era um pouquinho parecida com a de uma adoção”. Nancy, a filha de Frank, que os via como “o Dançarino e a Menina-Flor”, achou que o contraste era romântico. Tina, que tinha 18 anos na época, achou “uma gracinha” quando Frank apareceu com Mia no Daisy, um clube da moda em Beverly Hills, usando uma jaqueta Nehru e um colar de contas “paz e amor”. Sonny King, entretanto, achava que as pessoas ficaram desconcertadas “quando Frank entrou em uma daquelas roupas de guru, com correntes que se pareciam com castanhas.”

Sandra Giles, antiga namorada de Frank, também viu o casal no Daisy. “Mia Farrow estava dançando com todos os homens”, disse ela. “Ele parecia muito sozinho. E ele veio até minha mesa e disse: ‘sandra, você se importaria se sentasse com vocês?’”. Junto com as incongruências, havia diferenças mais profundas. Mia queria ter filhos; Frank, não. Mia apoiava o movimento contra a guerra do Vietnã; Frank, que tinha começado a se movimentar politicamente para a direita, não apoiava.

Quando estavam longe um do outro, fazendo filmes, no começo de 1967, ficou evidente que o casamento estava com problemas. A atriz Tiffany Bolling disse que teve um caso rápido com Frank em uma locação quando esteve junto

com ele na Flórida para filmar *Tony Rome*, um filme de detetive. Para ela, ele parecia estar triste e solitário, e estava bebendo demais. Mia, no entremeio, estava trabalhando em *O Espião de Dois Mundos (Dandy in Aspic)*, que envolvia gravações em locações na Inglaterra e na Alemanha. Durante aquele período, de acordo com um relatório publicado, ela enviou a Laurence Harvey, que coestrelava com ela, uma gaiola dourada com um pássaro de mesma cor − com um bilhete dizendo que ela se sentia muito como o passarinho.

Como tinha acontecido com Juliet Prowse, o fim se deu por causa da carreira de Mia. Ela insistia em honrar seu compromisso com finalizar seu trabalho em outro filme. “Perder Frank era impensável”, disse ela, “mas não achei que ele me deixaria.”

Em uma tarde, em novembro daquele ano, sem aviso prévio, o principal advogado de Frank, Mickey Rudin, apareceu no set de filmagem de *O Bebê de Rosemary (Rosemary’s Baby)* com documentos para a separação preparados e prontos para serem assinados. Mia assinou onde era exigido e partiu logo depois para a Índia, para lá se engajar em meditação com o em voga Maharishi Mahesh Yogi. Lá se juntaram a ela os Beatles. Mia estava, agora, afinada com a aristocracia do rock’n’roll da geração dela e completamente desafinada com Frank. Ele fez com que ela voasse para o México, poucos meses depois, para o divórcio. Eles tinham sido casados por apenas dois anos.

HOUVE RUMORES sobre o fim do casamento de que Frank teria abusado fisicamente de Mia. O produtor David Susskind disse que ela, certa vez, “apareceu para trabalhar com vergões pretos por todo o corpo... Ferida da cabeça aos pés, com cortes vermelhos e marcas nos braços, ombros e pescoço, como se tivesse apanhado muito”. Mia dissera várias vezes que não tinha sido Frank o responsável por aqueles machucados. “Se tem um tipo de cara que eu não tolero, é aquele que maltrata mulheres”, disse Frank, uma vez. Ainda assim, há perguntas problemáticas e constrangedoras sobre o que seria seu tratamento com relação às mulheres.

Como mencionado antes, Zsa Zsa Gabor contou como, na década de 1950, Frank a aborrecera por horas até que ela fizesse sexo com ele, só para que ele saísse da casa dela. Agora, mais de uma década depois, havia outro incidente.

“Eu aceitei o convite para ir a uma exibição em sua casa em Mulholland”, escreveu Gabor. “Ele estava casado com Mia Farrow, a quem eu conhecia e apreciava... Nós todos bebemos, e então eles começaram a exibir o filme. Na

metade, fui para o toalete feminino. E Frank foi atrás de mim e forçou para entrar, insistindo: ‘Minha querida... Quero fazer amor com você de novo’. Depois de dizer aquilo, Frank começou a desabotoar os botões de minha blusa de seda preta... Apelando para toda a minha força, eu me forcei para longe dele e saí do toucador, e só virei para ameaçá-lo: ‘Frank, estou indo embora. Nunca, nunca mais tente tocar em mim novamente.”

O que Susan Murphy alegou é muito mais sério. No final dos anos 1960, Murphy era apenas mais uma moradora de Palm Springs. No final de fevereiro ou no começo de março de 1969, quando ela conheceu Frank, tinha apenas 20 anos e ele 53. Ele tinha se separado de Mia há seis meses.

O encontro começou com a típica aproximação de Frank. Em uma noite, quando Murphy estava em um encontro no restaurante de Palm Springs, ele enviou alguém para a mesa dela com um bilhete pedindo-lhe que se juntasse a ele. Ela achou aquilo “bem rude”, porque estava obviamente com outro homem, e lá ficou em seu encontro. Logo depois, entretanto, outro amigo pediu a ela para ir com ele a uma festa na casa de Frank, em Palm Springs. Ela foi, como lembrou quase quatro décadas depois, vestindo um “lindo vestido de seda de gola alta que comprei no Bullock. O vestido tinha lantejoulas em volta do pescoço, e eu vestia sapatos prateados.”

A primeira pista do problema de Frank veio muito cedo, embora ela tenha falhado em reconhecer no mesmo momento. “O que aconteceu”, disse com algum constrangimento, “foi que eu fui ao banheiro e não tinha trancado bem a porta. Sinatra entrou atrás de mim. Ele simplesmente abriu a porta. Eu tinha a sensação de que ele sabia que eu estava lá dentro, e então me seguiu. Ele nem pediu licença e fechou a porta. Apenas olhou para mim, ficou me mirando. Era como se ele tivesse se preparado para fazer aquilo. Aí, ele se virou e foi embora. Eu saí e não mencionei o incidente para ninguém.”

Quando a noite foi passando, o rapaz com quem Murphy estava se encontrando na ocasião foi embora. “O que sei é: tivemos notícia de que alguns de nós, Danny Schwartz [um industrial poderoso, amigo de Frank] e sua esposa, e Sinatra e eu – e o piloto, é claro – devíamos voar para Las Vegas. Eu pensei: ‘Que diabos? Isso vai ser engraçado’. Então, nós fomos para Vegas em seu avião, para um cassino. Ele quis chamar muita atenção. Ele agiu como se todo mundo devesse parar completamente quando ele entrasse no local.”

“Eu nem sabia como apostar, e Sinatra veio até mim e me entregou uma nota de cem dólares e disse à Sra. Schwartz para me ajudar, e estava meio que me

ensinando a jogar *blackjack*. Sinatra atravessou o salão e me insultou porque eu tinha dividido o dinheiro. Eu deveria ter colocado todo o dinheiro em uma única aposta. Todo mundo ficou olhando. Naquele momento, pensei: 'Mal posso esperar para ir para casa'. E não demorou muito até que pegássemos o jato novamente. Voamos para Palm Springs e nós dois fomos levados de volta para a casa. Era uma ou duas da manhã."

"E eu ia pensando comigo mesma: 'Bom, vou juntar as minhas coisas. Vou embora'. Mas ele disse que queria me mostrar o resto da casa. No começo da noite, tinha visto apenas o prédio principal, então, eu disse: 'Bom, tudo bem'. Havia todos aqueles bangalôs individuais. Aí, nós entramos em um, e eu disse algo como: 'Realmente adorável. Bom, preciso ir agora'. E ele: 'Não, você não vai'."

"Ele me jogou na cama. Eu disse: 'De jeito nenhum!' Mas me jogou de um jeito que bati minha cabeça, e já levantou meu vestido, abaixou minha calcinha, e fez o que queria fazer. Eu sabia que não podia dominá-lo. Ele foi enérgico, e tudo acabou bem rápido. Eu me lembro bem – descobri mesmo sem me interessar – de que ele era bem grande neste departamento. E foi assim. Depois que passou, fiquei chorando e estava sem condições para dirigir ou qualquer outra coisa. Eu me sentia como se metade de mim estivesse morta. E aí, eu apenas deitei lá e meio que fui dormir. Ele ficou lá, também, mas não disse uma única palavra."

"Quando eu me levantei, ele me perguntou se eu não podia ficar – acho que ele estava sentindo algum tipo de remorso. Eu não podia acreditar na perturbação daquilo tudo. Eu disse: 'Ai, meu Deus, definitivamente não!' Eu estava devastada. Eu tinha tirado a máscara e tudo mais, e ele queria que eu *ficasse* lá! Ele disse: 'Meus amigos me chamam de Francis'. Eu pensei: 'Isso é inacreditável, depois do que ele fez para mim, dizer que sou amiga dele'. Eu disse que tinha de ir, peguei minhas coisas e fui. Ele me arrumou um motorista. Eu nunca mais o vi outra vez."

Murphy doou o vestido de seda que ela tinha vestido naquela noite, e jogou suas roupas de baixo no lixo. Ela não disse a ninguém o que tinha acontecido, até muito depois. "Eu estava com medo de trazer o assunto à tona. Eu queria ir até a polícia, mas pensei: 'Eu, contra Frank Sinatra? Ninguém vai acreditar nisso.' Aí calei a boca sobre tudo. Eu estava com muito medo porque ele conhecia muitas pessoas e tinha muitos contatos. Eu não era ninguém importante, então poderia acabar ignorada muito facilmente. Eu me amedronto

até agora, ao contar isso para alguém".

Quando indagada sobre se achava que Frank estava bêbado quando foi para cima dela, Murphy respondeu: "Eu diria que ele estava, mas não estava cambaleando ou caindo de bêbado. Ele estava controlado." Na festa, horas antes da investida, a impressão de Murphy tinha sido de que Frank "precisava, exigia a ribalta. Egoísta. Ele agia como se fosse Deus."

30
Fora de controle

“UMA ESTRELA É ALGO ESPECIAL”, disse o cientista social Leo Rosten no programa de Walter Cronkite em comemoração ao aniversário de 50 anos de Frank. “Um Picasso. Frank Lloyd Wright. Frank Sinatra. Nós damos a eles licença especial, como a realeza dos tempos antigos. Nós dizemos: ‘satisfaçam seus desejos. Cada um deles. Não resistam à tentação. Vivam para nós. Vivam como viveríamos se fôssemos lindos ou brilhantes ou afortunados e muito, muito ricos’.”

“O Sr. Sinatra gera muito entusiasmo. Ele tenta o público e o provoca com suas escapadas particulares. Ele é um homem complicado... Ele tem uma tensão animal. Sugere violência, até mesmo perigo.”

O público perdoou Frank por suas falhas e trapaças, segundo achava Rosten. Naquela época, no entanto, as pessoas não sabiam o verdadeiro alcance da violência fervente daquele homem, nem de como ela se manifestava.

Saindo da dura cultura de Hoboken dos anos 1930, levado por uma onda de sucesso, o jovem Sinatra não tinha colocado freio algum em seu gênio. Por um período, nos anos 1950, talvez castigado pela publicidade e o caso jurídico que se seguiu ao seu ataque a Lee Mortimer, ele perdeu o controle com menos frequência. Ele não mandava mais telegramas avisando que ia colocar “uma correia na sua boca maldita”, como tinha escrito ao jornalista Erskine Johnson. Entretanto, a imprensa continuou sendo a besta-fera, especialmente se provocava sua ordem de que tudo relativo à sua vida pessoal estaria fora do alcance da mídia.

As ameaças não se limitavam à mídia. Houve a ligação às três horas da manhã para Peter Lawford dizendo “vou quebrar suas pernas”, se ele voltasse a se encontrar com Ava. Falar de quebrar pernas não significava que pernas seriam

mesmo quebradas, mas ninguém podia ter certeza. “Deixe-me lhe dizer uma coisa”, vociferou Frank para o produtor Sam Spiegel em um restaurante. “O dia em que você não falar comigo será o dia em que você terá seus malditos dentes arrebentados.” Aí, ele se virou para a esposa de Spiegel, Betty: “Olhe, boneca. Você tem uma bela boca. Tenha certeza de que é melhor mantê-la desse jeito, e fechada”. A ofensa de Spiegel, naquela noite, segundo um amigo do produtor, tinha sido cumprimentar Sinatra com um mero “E aí?”, em vez de cumprimentá-lo pelo nome.

O primeiro rompimento de Juliet Prowse com Frank foi provocado, em parte, por uma ligação de advertência da secretária do cantor. “É melhor você sair daí”, disse a secretária a Prowse, quando ela estava em seu próprio apartamento. “Frank está preparado para derrubar seu prédio.” Embora nada tenha acontecido, ela levou a ameaça a sério. Ela sabia que Frank era próximo dos gângsteres e, como disse, “sabia que ele tinha os colocado em ação antes”.

Tiffany Bolling, uma distração feminina de Frank em um mau momento do casamento com Mia, se lembrava de uma noite em que ele jogou uma cadeira em alguém que o ofendeu em um restaurante, e depois foi embora enraivecido. Quando seus guarda-costas falaram de voltar para bater no ofensor, disse Bolling, ela ficou tão aborrecida que voltou para casa. Mais tarde, Frank disse que tinha contido seus homens.

David Susskind recebeu uma ligação de advertência depois de cruzar com Frank durante o casamento com Mia. “É Sinatra”, disse-lhe uma mulher próxima a Jimmy Alo. “Ele deu ordem para pegá-lo... Ele está louco e vai arrumar outros gângsteres para fazer isso para ele. O meu rapaz disse que ninguém encosta a mão em ninguém no Leste sem ele dar ok, e que se alguém puser a mão em você, esse cara não vai estar vivo no dia seguinte. Mas ele disse que você não deve ir para Las Vegas nem para Miami. Ele não pode controlar o que acontece lá.” Susskind evitou, então, aquelas cidades por um tempo.

Frank amenizava as histórias sobre seus ataques a repórteres. “Em alguns segmentos da imprensa”, disse ele em 1965, em um jantar com James Bacon, um jornalista amigo, “sou conhecido como o Eichmann da canção... São mentiras, rumores perversos iniciados por cerca de meia dúzia de repórteres descontentes porque eu os atropelei com meu próprio carro.”

De acordo com um relatório do *New York Journal-American*, Frank tinha feito exatamente aquilo enquanto deixava um clube noturno da cidade de Nova York em 1958. Isso começou, segundo o repórter Dan Vandergrift, quando Frank

furiosamente se recusou a ser chamado de “Frank”. De forma muito similar ao rompante que teve com Spiegel, ele insistiu que Vandergrift o chamasse por “Sr. Sinatra”. Então, disse o fotógrafo Mel Finkelstein, a limusine de Frank, dirigida por um chofer, bateu de raspão em Vandergrift, quando estava para sair. Finkelstein formalizou queixa na polícia e houve ampla cobertura da imprensa. O motorista da limusine admitiu que o fotógrafo “poderia” ter sido pego pelo para-choque traseiro. De sua suíte, nas Waldorf Towers, Frank enviou uma declaração repudiando a história como “imaginação absurda”.

No mesmo ano, em uma viagem para Mônaco, Frank ameaçou jogar um jornalista da revista *Time* de cima do terraço. Ele foi impedido e dissuadido da ação por Billy Woodfield, que estava viajando com ele. Em 1962, em São Francisco, Frank lutou com um fotógrafo até derrubá-lo e insistiu que ele desistisse de seu rolo de filme fotográfico. Em 1964, depois de um conflito com repórteres na Espanha, foi acusado de ameaçar a paz e multado. Ele alegou que os jornalistas envolvidos nestes dois últimos incidentes vinham tentando comprometê-lo ao fotografá-lo com mulheres que não conhecia.

No mesmo ano, em Paris, ele jogou bombinhas em fotógrafos, primeiro na rua, e, depois, em um restaurante. A *Time* se referiu a Frank como tendo ameaçado “esmagar” o rosto de uma jornalista e disse que ele e seus amigos repeliram jornalistas franceses “com facas cegas, uma garrafa de gin e um punhado de bastões”. Frank zombou das alegações de que dois fotógrafos tinham sido machucados, dizendo que, se houvesse qualquer machucado, seriam “automutilações”.

Rock Brynner, que estava com Frank na viagem, lembrava disso como “a investida catastrófica na Europa”. “Quando os carros dos *papazzi* se amontoaram em volta de nós”, disse ele, “Frank pediu ao motorista para encontrar uma rua sem saída. Havia carros à nossa frente e também atrás de nós. Então, demos sinal, e o carro da frente caiu na rua sem saída. Ele e seu parceiro lançaram bombinhas, provocando sérios danos. Aqueles carros acabariam batendo. Houve feridos. Nós tínhamos armado uma cilada para os *paparazzi* e vi o companheiro de Frank arrastar um cara pelo colarinho, jogá-lo no chão e pisar com seu calcanhar na mão dele, quebrando os ossos da mão do fotógrafo. Lembro-me vividamente daquilo.”

Bombinhas tinham se tornado a arma escolhida por Frank contra fotógrafos. Ele enchia os bolsos com elas, lembrava Mia, quando se arrumava para sair à noite, durante a lua-de-mel. Frank também nocauteou o fotógrafo Jerry Engels,

do *NewYork Post*, derrubando-o no chão durante esta viagem, esmagando a câmera dele. Os *paparazzi* podem se tornar inaceitavelmente importunos, mas os atos de violência de Sinatra eram indefensáveis.

Philip Irwin, um dos detetives particulares envolvidos na malfadada batida planejada para pegar Marilyn Monroe com um amante, acreditava ter sido uma das vítimas de Frank. Ele tinha apanhado de bandidos, como declarou sob juramento a um comitê de investigação, depois de reportar ao Bureau of Private Investigators and Adjusters[169] da Califórnia que Frank tivera papel principal naquele ataque. Irwin não tinha evidência cabal sobre quem é que estava por detrás do ataque, mas disse que "tinha muito receio" de Frank. Agora que tinha testemunhado em público, disse ele, estava "com medo de apanhar, mais uma vez".

O agente Milt Ebbins disse ter escutado sobre dois supostos ataques pelo próprio Frank. Um, envolvendo uma garota que trabalhava em uma chapelaria do restaurante Florentine Gardens em Hollywood, ecoava à violência sexual alegada por Murphy. "Frank levou a garota para sua casa", disse Ebbins. "Segundo eu entendi, ela não cooperou sexualmente com ele e entrou em uma terrível briga. Ele a empurrou contra uma janela de vidro e ela se machucou seriamente. Muitos pontos... Frank arrumou uma grande multa."

O segundo incidente envolveu um manobrista no restaurante Romanoff's. Quando Frank o agrediu verbalmente por não buscar seu carro suficientemente rápido, o manobrista deu-lhe um tapa na cara. "Frank não fez nada na hora", disse Ebbins. "Ele nunca fazia nada até que tivesse um peso-pesado atrás dele. Ele partiu, mas aí se juntou a Hank Sanicola, que era bom com os punhos. Mais tarde, ele e Sanicola seguiram o cara até Mulholland, bloquearam o carro e o pararam. Frank chamou o cara de todos os piores nomes que existem na Terra, e Sanicola o surrou sem dó."

Ainda que as histórias de Ebbins sejam boatos, outra balbúrdia envolvendo estacionamentos está bem documentada. O incidente ocorreu quando, alegou Frank, um carro dirigido por um manobrista quase o acertou por centímetros. Dos três manobristas envolvidos na briga que se seguiu, um teve sua camisa rasgada por Frank. Outro levou empurrões. Um terceiro, que foi levado ao Hollywood Receiving Hospital com cortes e escoriações, disse que tinha apanhado de "Sinatra e um guarda-costas". O segurança, um dos empregados de Sammy Davis, foi sentenciado a dez dias de prisão e liberdade vigiada. Frank foi

processado por agressão e fez um acordo fora dos tribunais.

Em 1964, durante o torneio Bing Crosby de golfe em Pebble Beach, na Califórnia, Frank apareceu no saguão do resort Del Monte, à uma hora da manhã, pendindo algo para comer. Informado de que a cozinha estava fechada, ele agarrou o telefone e insistiu em falar com o proprietário do hotel. Quando o proprietário chegou, trazendo uma garrafa de champagne como desculpas pela falta da comida, foi recompensado com um murro no olho.

Em Israel, em 1965, Frank saiu procurando encrenca. “Sempre que Frank tinha muito tempo para gastar”, disse Rock Brynner, “algum estrago estava a caminho fatidicamente. Uma noite, morrendo de tédio no hotel, ele disse: ‘Vamos lá, Rock, vamos dar uma volta’. Bom, aquilo significava confusão. Não tínhamos segurança nem nada, e ele estava realmente saindo para provocar briga. Havia *paparazzi* e também fãs ardentes correndo para chegar perto dele. Ele esperou até que a multidão estivesse bem perto e apertada, e então disse: ‘Vamos lá, vamos sair daqui’. Uma briga se seguiu a isso, e fomos abrindo caminho com murros para voltar para o hotel... Isso era perfeitamente previsível.”

Durante um jantar no Bistro em Los Angeles, em uma noite em 1965, Sinatra, bêbado, caluniou o escritor Dominick Dunne pelas costas, depois atacou sua esposa. Frank também cuspiu veneno em Lauren Bacall, Maureen O’sullivan e Swifty Lazar, que também estavam presentes. Para terminar, ele arrancou a toalha de mesa de debaixo dos pratos, copos e prataria, jogou comida em Lazar e saiu soltando fogo pela boca.

Dunne nunca descobriu por que é que Frank o odiava, embora possa ter criado aversão por um programa de TV no qual o escritor trabalhara anos antes. Um incidente ainda pior aconteceu no ano seguinte. “Foi no Daisy, depois do casamento de um amigo”, lembrou Dunne. “Minha esposa e eu estávamos com um pequeno grupo e Frank estava na mesa ao lado com Mia, Nancy e Tina. Havia um capitão no Daisy, um cara maravilhoso, italiano, e ele veio e me deu um tapinha nas costas.”

“Eu virei para olhar para ele, e ele disse: ‘Oh, Sr. Dunne, sinto muito’. Então, ele armou o golpe e me socou. O soco foi na minha cabeça e o restaurante abarrotado de gente ficou em silêncio. Eu olhei em direção a Frank e ele estava olhando para trás, para mim, com um tipo de sorrisinho em sua face. Foi como se aquilo fosse seu entretenimento. Eu senti ódio, porque conhecia esse cara que tinha me batido como um homem decente, muito decente. Nós nos levantamos e

saímos. E enquanto estávamos parados lá fora, esperando o garoto trazer meu carro, o capitão veio correndo. Ele estava soluçando e disse novamente: ‘sinto muito, muito mesmo. O Sr. Sinatra me obrigou a fazer isso’.”

“Ele disse que Sinatra tinha pagado a ele cinquenta dólares, que na época era algo como trezentos dólares. Era a fofoca nas rodas sociais da cidade. Foi horrível, e mostrou o tipo de poder que Sinatra tinha, para fazer um homem decente agir de forma indecente.”

IGUALMENTE FREQUENTES eram as crises de raiva de Frank, que começavam por causa de álcool ou não, sendo que as primeiras datavam desde o fim dos anos 1940. Nos anos 1960, ele estava alardeando abertamente seu consumo de bebidas. Uma bandeira com um brasão de uma garrafa de Jack Daniel’s ficava hasteada do lado de fora de sua casa, de vez em quando – assim como outra, na qual se lia Alka Seltzer para as manhãs seguintes. “Jack Daniels”, segundo Frank, era seu amigo.

Uma garrafa da bebida era um item indispensável em seu camarim, e ele usava um *blazer* com o símbolo do Jack Daniel’s ornamentando o bolso. Frank era um comercial ambulante para aquela marca, tanto que os destiladores o nomearam – junto com Elizabeth Taylor, Paul Newman e J. Edgar Hoover – membro do Tennessee Squires, pessoas que formalmente receberam um lote de terra na matriz da Jack Daniel’s em reconhecimento de sua devoção comprovada. Em vez do terço de metro quadrado nominal concedido aos outros Squires, Frank tinha sido agraciado com um acre inteiro.

Frank brincava com seu consumo de álcool e rotineiramente aparecia no palco levando um copo que parecia ter bebida – e frequentemente tinha. Ele alegava que, em certa medida, o uísque era bom pra sua voz, e via isso como combustível social, “gasolina”. Ele comia um monte de chocolate, dizia, porque absorvia toda a birita.

Frank usava a bebida como um apoio de palco para evocar tanto a tristeza quanto a diversão: tristeza quando ele estava cantando bêbado em um bar, pedindo ao barman apenas mais uma saideira; diversão era como na frase citada de seu amigo Joe E. Lewis: “Você não está bêbado se você consegue deitar no chão sem ter que ser segurado”. Ou, ainda, na inscrição de uma fotografia dele próprio, com garrafas, dada para um amigo: “Beba, Dickie! Faz bem para seu passarinho”.

Nos anos 1970, Frank iria relembrar velhas histórias, sentando para conversar

com Yul Brynner até o amanhecer, ficando “chapado, absolutamente chapado, e tocando Wagner tão alto quanto se podia tocar”. Um proprietário de um clube no Havaí se lembrava dele chegando com um grupo de oito, pedindo uma garrafa de Jack Daniel’s, e então insistindo para que se alterasse o pedido e se trouxesse “uma garrafa para cada um”. Todas as garrafas foram esvaziadas.

“Eu sinto muito pelas pessoas que não bebem”, disse Frank. “Quando elas acordam de manhã, isso é o melhor estado que elas vão sentir o dia todo.” E depois, em Las Vegas, em uma rara ocasião em que ele estava obviamente bêbado no palco: “Eu não confio em ninguém que não bebe. Tem algo errado com gente assim”.

Frank normalmente cortava a bebida e o cigarro nas duas semanas que antecediam uma apresentação, algum conhecido dele teria dito. Ele sabia que o excesso era uma insensatez para um cantor. Uma vez, durante uma gravação, o escritor de comédias Sheldon Keller o viu afundado em uma cadeira, censurando a si mesmo: “Bebe, bebe, bebe mesmo. Fuma mesmo, fuma, fuma. Idiota, idiota, idiota!”

Algumas pessoas tinham a impressão de que ele não era realmente um grande beberrão. “É mais comum do que incomum”, disse Rosalind Russell, “ele falar mais sobre bebida do que realmente ingeri-la”. “Em todos estes longos anos em que eu o conheci, eu só o vi bebendo mesmo uma vez”, disse Leonora Hornblow. “Ele tinha uma enorme capacidade para beber”. No entanto, com relação à bebida, aparências podem ser enganosas.

Existe alguma evidência de que beber pesadamente era algo de família. Frank, uma vez, falou de seu pai como tendo sido “um homem que bebia”. Sua mãe bebia “uma caixa de cerveja por dia” na meia idade, segundo a prima de Frank, Marilyn Sinatra. O próprio hábito de beber de Frank tinha uma longa história. Ele confidenciou a Peggy Connelly que um médico o havia advertido, quando ele ainda tinha seus 20 anos, de que se o abuso de álcool continuasse, aquilo poderia matá-lo. Gloria Cahn se lembrava de Frank bebendo muito com Jimmy Van Heusen, logo depois de ele ter se mudado para a costa oeste, na metade dos anos 1940. O comediante Pat Cooper, que fazia aberturas para as plateias de Frank, na metade dos anos 1960, achava um milagre que “alguém que fumava e bebia e bebia e fumava do jeito que ele fazia” pudesse sobreviver até idade longeva. Holmes Hendricksen, ex-diretor de entretenimento do Harrah, em Lake Tahoe, onde Frank se apresentou nos anos 1970 e no começo dos anos 1980, se lembrava de consumir “uma incrível quantidade de uísque” com ele,

tanto em casa quanto na estrada. Armand Deutsch, um hóspede regular de fins de semana na casa de Palm Springs, disse que Frank bebia uma garrafa inteira de uísque todos os dias, durante um longo período. Frank admitia isso para seu médico. Hornblow achava que “ele precisava daquilo.” “Aquilo se tornou o padrão de sua vida.”

Rock Brynner, um alcoólatra que alcançou a sobriedade, se lembrava de Frank como tendo sido um de seus “melhores professores” em matéria de bebida. Ele achava que Frank tinha sofrido de um “chocante, trágico efeito do alcoolismo. Eu certamente o vi perto de cair de bêbado, embora mais em casa. Isso não quer dizer que ele não conseguia demonstrar algum controle. Em público, ele se mantinha na vertical, pelo menos... Que prazer podia ser estar em sua companhia. Havia um grande momento quando a química era incrível. Adicione mais duas horas, e mais Jack Daniel’s, e virava algo doentio. Quando se fala do comportamento de Frank, de suas variações de humor, muito disso era só comportamento doente – erros que gente bêbada e doida comete.”

O escritor e apresentador de rádio Jonathan Schwartz havia dito sem rodeios que Frank era um alcoólatra. Schwartz, que tinha procurado tratamento para o alcoolismo, achava Sinatra “um caso clássico, que apresentava o ato de beber como sinônimo de virilidade para milhões de cidadãos inocentes que bebem ao redor do mundo... Eu não entendi o jogo até ele já estar bem adiantado, porque ele era muito talentoso em cobrir os fatos com bravatas que autorizavam aquela situação, fazia aquilo com orgulho.”

As informações sobre os hábitos de bebida de Frank contidas neste livro foram compartilhadas com dois especialistas em alcoolismo. O Dr. Robert Morse, presidente do Medical Scientifical Committee do National Council on Alcoholism and Drug Dependence[170], disse: “Há pouca dúvida de que Sinatra tinha um sério problema com bebida. Ele tinha muitos dos sintomas associados ao alcoolismo, mas que não eram necessariamente diagnóstico daquela condição. Ter tido tamanha tolerância ao álcool – vejo referências a um consumo de uma garrafa por dia de Jack Daniel’s – é o sintoma mais específico. Alguém só consegue ter este tipo de tolerância se tornando um alcoólatra. Muito do que sabemos sobre os hábitos de Sinatra com a bebida é consistente com um quadro de alcoolismo.” A mesma informação levou James Graham, uma autoridade sobre o alcoolismo entre celebridades, a concluir que “Sinatra era um alcoólatra”.

Sintomas de alcoolismo, observou Dr. Morse, incluem “mudança de personalidade quando sob efeito do álcool, ir de agradável para desagradável” e “episódios violentos repetidos”. “Sinatra ficava raivoso quando bebia, especialmente depois de shows”, disse o agente de Dean Martin, Mort Viner. “Algo tirava ele do sério”, disse Bob Neal. “Ele tinha um gatilho que você não acredita.” “O truque”, segundo Swifty Lazar, era “vê-lo entre a mudança de humores. Você pode fazê-lo, mas é muito mais fácil se ele não estiver cheio de álcool. Quando estava sóbrio, Frank tinha potencial para ser uma doçura; quando estava bêbado, era o pior filho da mãe que Deus já colocou na Terra. Era um ritmo de Jekyll-and-Hyde... Jimmy Van Heusen, uma vez, me deu bons conselhos sobre como lidar com Frank quando está bêbado: Desapareça!”

“Era previsível se você o conhecesse”, disse Brynner. “Você podia ver a mudança vindo. Mas ele tinha um temperamento forte e quando entrava em certo estado de humor aquilo tinha que queimar até o fim. Ele não tinha um botão de desligar.”

MAIS OU MENOS UMA HORA DEPOIS DA MEIA-NOITE, em 7 de junho de 1966, o mês seguinte ao casamento dele com Mia Farrow, Frank chegou ao Beverly Hills Hotel com Dean Martin e outras oito pessoas para comemorar o aniversário de Martin. Eles se acomodaram barulhentamente em uma cabine no Polo Lounge, barulhentos demais para um cliente sentado ali perto. O empresário milionário e colecionador de arte Frederick Weisman se opôs às obscenidades que estavam soltas por lá e pediu a Frank para fazer seu grupo baixar a bola. Momentos depois, ele estava no chão, seriamente machucado. Frank e Martin tinham ido embora quando a polícia chegou.

Weisman tinha sofrido uma fratura no crânio e tinha sido carregado às pressas por uma ambulância ao Beverly Hills Emergency Hospital, onde caiu em coma. Ele começou a recuperar a consciência apenas três dias depois, após uma cirurgia cerebral que durou duas horas e meia. Ele sofreu de amnésia por algum tempo e contou aos detetives que não conseguia lembrar nada do que se passou depois de ter chegado ao Polo Lounge e ter notado Frank Sinatra.

Frank não estava disponível para questionamentos no começo e o chefe de polícia de Beverly Hills disse que ele estava “se escondendo”. “Nós todos nos dirigimos até Palm Springs naquela noite”, lembrava George Jacobs, “para despistar.” Frank chegou a falar com a polícia pelo telefone. A esposa de Jack Entratter, Corinne, que estava se hospedando na casa de Frank, se lembrava do

resultado do incidente como “a única vez em que vi aquele homem assustado... Nós simplesmente não fomos a lugar nenhum. Nós só esperamos. Ninguém sabia como aquilo ia terminar.” Três semanas depois, o advogado do distrito de Beverly Hills declarou que não havia “evidência de crime” e o caso foi encerrado.

Leitores dos jornais do dia ficaram apenas com as versões que Frank e Martin tinham dado à polícia. “O cara estava me xingando e falando palavrões”, disse Frank inicialmente. “Eu disse a ele: ‘Não acho que você devia estar sentado aí com seus óculos e com este tipo de conversa’. O cara levantou e veio repentinamente para cima de mim. Eu me defendi, naturalmente”. Mais tarde, entretanto, ele disse: “Em nenhum momento eu vi alguém bater nele – e eu certamente não fiz isso.”

Embora nenhuma testemunha independente tenha visto a ofensiva, o *Los Angeles Times* reportou que o olho direito de Frank estava “descolorido”. Frank foi reportado como tendo dito que Weisman tinha batido nele com os punhos ou com um cinzeiro. Martin, que tinha ido embora para Lake Tahoe depois do incidente, disse à polícia que “algum homem acertou o Sr. Sinatra. Outro homem pulou entre os dois homens e nosso grupo. Quando eu olhei para trás, vi um homem deitado no chão. Mas não vi ninguém acertar esse homem.”

O amigo que tinha estado com Weisman no Polo Lounge, Franklin Fox, disse que Frank tinha, de fato, dito a Weisman que era um erro sentar lá de óculos. De acordo com Fox, entretanto, Frank, então se aproximou “para desafogar sua raiva”. Ele tentou manter Frank longe de Weisman, mas aí: “eu estava na frente de Fred quando Sinatra *jogou o telefone*... Dean Martin estava tentando tirá-lo de lá, e quando vi, Fred estava deitado no chão.”

Weisman nunca falou publicamente sobre o conflito, mas discutiu o assunto com sua prima Carol Weisman Wilson. Ela se lembrava dele dizendo, quando sua memória voltou, que o fim do confronto tinha vindo para a área de estacionamento fora do restaurante. Lá, disse ela, “eles bateram nele”.

No ano seguinte, Martin mudou sua versão sobre os eventos. “Nós estávamos um pouco barulhentos”, disse. “Quando estávamos saindo pela porta, tinha alguns caras, e um deles disse: ‘Lá vai os dois carcamanos barulhentos’. Bom, Frank chegou lá numa fração de segundo, antes de mim, e bateu em um cara, eu bati no outro, os segurei e os joguei contra a parede. Os tiras vieram. Dissemos que não sabíamos quem tinha feito aquilo e fomos embora. Mas fizemos aquilo, sim.” Indagado em uma entrevista recentemente se Frank tinha acertado

Weisman, a ex-mulher de Martin, Jeanne, negou enfaticamente com a cabeça.

Weisman nunca se recuperou completamente de suas lesões, segundo Carol Weisman Wilson: “Ele nunca foi exatamente a mesma pessoa depois daquilo”.

NO MÊS SEGUINTE AO INCIDENTE COM WEISMAN, em Londres, Frank ficou enraivecido com Brad Dexter porque este o desaconselhara a casar com Mia Farrow. “Ele ficou louco”, disse Dexter, “ficou maluco, começou a destruir o apartamento em Grosvenor Square, golpeou lâmpadas, virou a mesa.”

Poucos meses depois, com sua nova esposa a seu lado, Frank provocou uma cena em Las Vegas. Enquanto o comediante Jackie Mason fazia sua apresentação no Aladdin, Frank começou a ofendê-lo da plateia. Mason respondeu chamando Frank de “um delinquente juvenil de meia idade... um lunático.”

Logo depois, alguém ligou para o comediante avisando que não repetisse suas observações sobre Frank. Três tiros foram deflagrados, mais tarde, pela janela de seu quarto de hotel. Mason saiu ileso e continuou fazendo piadas sobre Frank. Três meses depois, quando ele e Frank estavam ambos trabalhando em Miami, houve mais advertências e um ataque físico. “Eu estava em um carro com uma garota”, lembrou Mason, “a alguns poucos quarteirões do hotel em que eu estava me apresentando. Estou lá sentado com ela, conversando. De repente, a porta abre e entra um punho, que me golpeou bem no nariz – um punho com algum tipo de anel que deveria servir para abrir um corte na sua face.” O nariz de Mason foi quebrado e foi necessária uma cirurgia plástica.

A mulher que acompanhava Mason se lembrava vividamente do ataque. Mais tarde – ela tinha pulado fora do carro e fugiu durante o incidente – Mason lhe contou que o agressor tinha dito antes de escapar: “Algo como: ‘Isto não é o pior que pode acontecer se você não mantiver sua boca fechada sobre Frank Sinatra’... Algo assim”. Mason não conseguiu provar nada e a investigação da polícia foi abandonada.

Frank passou muitas semanas do começo de 1967 em Miami, com Joe Fischetti. Na ausência de Mia, segundo agentes do FBI que monitoravam Fischetti, o mafioso o ajudava a se resolver com mulheres. Histórias se espalharam de que Frank tinha destruído a mobília e jogado uma televisão pela janela de sua suíte no Fointainebleau. Bebendo muito, como Frank, estava outro comediante, Schecky Greene.

“Por pior que fosse o estado emocional em que estivesse”, lembrou Greene, “eu costumava sentir que se eu precisasse de quatro psiquiatras, ele precisaria de

cinco. Havia um programa na televisão chamado Sybil, sobre esta mulher com múltiplas personalidades. Poderia ter sido sobre Frank."

Greene brigou com Frank porque ele também fazia comentários ácidos sobre Frank durante sua atuação. Ele contou como, em uma noite, no saguão do hotel Fointainebleau, "as coisas ficaram um pouco sangrentas." Sua cabeça ficou com uma fenda aberta, disse ele, por um dos guarda-costas de Frank e por Fischetti, que estava empunhando um *blackjack*[171]. Greene fez uma aparição no filme *Tony Rome*, de Frank, com sua cabeça enfaixada, um detalhe que no filme foi explicado como um ferimento de uma batida de carro. Na realidade, de acordo com Greene, "as faixas em minha cabeça são por causa da porrada".

"Frank tinha muitas pessoas que na época o lambiam", disse Greene. "Aqueles guarda-costas atacariam ao seu comando. Mesmo que ele não ordene porradas, permite que a violência aconteça, tendo aqueles caras em volta dele." Frank também usava seus próprios punhos. Naquela primavera, em Miami, segundo uma fonte do FBI, ele se enfureceu com um empregado no Eden Roc Hotel, que atendeu o telefone e se recusou a acreditar que estava falando com Frank Sinatra. "Não sentindo dor alguma, pois tinha ingerido muito Jack Daniel's", de acordo com o relatório do Bureau, Frank correu ao Eden Roc para bater no ofensor. O FBI foi informado de que, depois, ele voltou ao Fontainebleau, "rindo e se sentindo feliz sobre o incidente todo."

Na noite de 8 de setembro, uma sexta-feira, em Las Vegas, Frank entrou no cassino do Sands com um grupo de astronautas da Apollo que visitavam o lugar. Quando pediu crédito, o que tinha por muito tempo sido uma questão óbvia para ele, o crédito foi negado. O Sands tinha recentemente sido comprado por Howard Hughes, o rival odiado por Frank por conta do interesse mútuo em Ava. Frank devia dinheiro para a casa e tinham ouvido ele dizer que não tinha intenção de saldar o débito. Em resposta, o gerente de Hughes tinha agora cortado o crédito de Frank.

Frank conteve sua raiva na frente dos astronautas. Ele partiu do cassino, mas voltou logo nas primeiras horas da manhã, em um acesso de raiva. Paul Anka se lembrava de como ele "se levantou da mesa e começou a gritar e espernear bem no meio do cassino". Frank disse a um dos agenciadores de apostas que ele ia "quebrar suas duas pernas." Ele disse a David Silverman, supervisor do turno da noite, que "se ele não fosse um velho, ele o enterraria". "Eu construí este hotel de um montinho de areia", gritou Frank, "e antes de acabar, é isso que se tornará,

outra vez.” E então, ele partiu, para acabar retornando às 10h15 da manhã.

Mia se lembrava de passear com Frank em um carrinho de golfe quando eles finalmente se dirigiam, como ela imaginava, para a cama. O marido dela estava vestindo uma caixa de sapato na cabeça, para proteger seus olhos do sol da manhã. De repente, para o terror de Mia, Frank aumentou a velocidade, mudou de direção e bateu com tudo em uma porta de vidro. Eles, então, caminharam para dentro do cassino, amontoaram cadeiras e tentaram, sem sucesso, colocar fogo nelas com seu isqueiro de ouro.

Frank voou de volta para Palm Springs, dormiu um pouco, e começou a bebedeira que duraria todo o fim de semana. Em algum momento da noite de domingo, ordenou que preparassem seu avião, retornou a Las Vegas e pediu desculpa aos agenciadores de apostas por seu comportamento duas noites antes. Quando amanheceu na segunda-feira, entretanto, estava gritando pelos cantos, exigindo falar com Jack Entratter ou com o vice-presidente do Sands, Carl Cohen. Ambos estavam dormindo, mas Frank disse à telefonista do hotel que se não fossem acordados, ele “arregaçaria, rasgaria todo aquele maldito lugar de merda” e arrancaria cada fio daquela sala de telefone. Três telefonistas se agacharam no escritório quando Frank chutou e esmurrou a porta. Quando um guarda de segurança armado tentou contê-lo, Frank disse que ia sacar sua arma e “enfiar no rabo do policial”.

Pouco antes das 6 horas da manhã, tendo sido acordado, Cohen se uniu a Frank em uma mesa no restaurante. Frank o chamou de *son of a bitch*[172], *motherfucker*[173], *rat fink*[174] e *cock sucker*[175], e disse “vou arrumar alguém para te enterrar”. E, então, virou a mesa para cima de Cohen.

Naquele ponto, segundo um relatório arquivado pelos investigadores do xerife do condado, Cohen o golpeou com seu punho direito, acertando Frank Sinatra no lábio superior, o que resultou na perda de dois dentes da frente”. Cohen tinha mais de 1,80 metro e pesava cerca de 110 quilos. Frank estava nocauteado no chão, mas ficou de pé de volta e gritou: “Você quebrou meus dentes, vou te matar” − junto com uma nova série de investidas. Ele, novamente, tentou bater em Cohen e golpear um segurança na cabeça com uma cadeira quando este interveio, abrindo um corte que precisou de pontos. Então, partiu, tendo novamente ameaçado matar o chefe do cassino. Ele ligou para Mia parecendo, lembrou ela, “desnorteado e derrotado”, e sua fala “não era clara”. Cohen tinha demolido muito do trabalho caro feito por dentistas em seus dentes

da frente.

Dois dos seguranças habituais tinham estado ao lado de Frank durante o conflito e em algum ponto, segundo Sonny King, Frank ordenou que "pegassem" Cohen. Cohen respondeu: "Faça um movimento e eles não vão saber em que parte do deserto te encontrar", e os grandalhões recuaram. "Naquela cidade", disse o agenciador de apostas Ed Walters, referindo-se ao confronto, "havia pessoas com quem nenhum artista deveria se meter." Cohen era uma delas.

Os investigadores do xerife do condado falaram com mais de uma dúzia de membros da equipe do Sands, mas não conseguiu contatar Frank, que tinha deixado a cidade novamente. Anos depois, quando testemunhava ante o Nevada State Gaming Control Board, Frank depreciou o episódio como tendo sido "apenas uma discussão entre companheiros" da qual ele "preferia não tratar".

Alguns dias antes do incidente com Cohen, quando o crédito de Frank estava cortado, ele tinha telefonado para Nova York e protestado sobre a situação com Jimmy Alo. Alo exercia grande influência no Sands, mas disse a Frank que deixasse a questão de lado. Agora, com os dentes arrebentados, Frank apelava novamente para Alo. Ken Roberts, que então era um promotor de concertos em Nova York, estava sentado com Alo e Henri Giné, representante de Frank na Costa Leste, quando Frank telefonou. "Jimmy estava lá sentado vestindo seu chapéu, mesmo estando calor", lembrou Roberts. "Sinatra continuou ligando, e Jimmy estava com muita raiva dele pelo que ele tinha feito. Em vez de falar com Frank, falou alto para que Frank ouvisse. Jimmy disse: 'Henri, diga a ele. Ele precisou de mim na sexta. Eu falei com ele na sexta. Eu disse o que fazer. Disse a ele para ir para casa e esquecer o assunto, e ele não fez isso. Eu não preciso falar com ele."' Alo sentia que Frank merecia aquele troco.

Mesmo antes do incidente, Frank tinha participado de discussões sobre levar seu talento para outras direções. Agora que Howard Hughes era proprietário do Sands, ele não tinha desejos de permanecer por lá. Bem agora, um contrato com o Caesars Palace era anunciado mesmo antes de seu dentista chegar para arrumar seus dentes.

Frank estava à deriva. Seu último casamento tinha falido, a ligação de negócios com o Sands tinha sido cortada e ele vivia uma desordem emocional. Observando-o em um estúdio de gravação em 1967, o crítico musical Gene Lees refletiu sobre o quanto Frank parecia solitário.

"Todas as suas piadas, suas pequenas amabilidades", escreveu Lee na revista

High Fidelity, "arrancaram risos da cabine de controle. Mas, pouco a pouco, percebo que é mais risada do que merece, e sobre esta última observação, todos caem na gargalhada como se fosse uma das tiradas mais agudas de Fred Allen. É como se tivessem que fazer aquilo, aquelas pessoas em volta. O que é estranho sobre aquilo é que eles estão separados dele por uma janela dupla; ele não pode escutá-los, não tem como saber quem riu mais alto de sua piada. Mas eles o fazem, do mesmo jeito."

"Esta é uma pista do poder incrível desse homem contraditório, cuja vida complicada e obviamente solitária é um estranho amálgama de elegância e feiura, de fracasso profundo e sucesso vertiginoso, de lealdades inflexíveis e antipatias igualmente inflexíveis, de gentilezas e cortesias e grosseria... Em algum lugar dentro dele, Frank Sinatra sofre. Muito bem. Sempre foi assim desse jeito; o prazer da plateia vem da dor do artista."

31
Procurando uma saída

A CARREIRA DE ESTÚDIO DE FRANK DESLANCHOU durante seu período turbulento na metade dos anos 1960. *Strangers in the Night*, em 1966, e *My Way*, em 1968, se tornaram sua nova assinatura musical, canções de Sinatra para uma nova geração.

Frank não gostava de nenhuma das canções. “Eu não quero cantar isso”, disse ao seu assistente de longa data Irving Weiss quando ele lhe trouxe a partitura para *Strangers in the Night*, “é um monte de bosta.” Logo depois da canção se tornar um sucesso, quando estava em um cassino em Las Vegas, ele prometeu “enfiar o arco do violino no lugar onde o sol não bate” se o maestro da orquestra tocasse a música mais uma vez.

Uma vez, quando terminou de cantar *Strangers*, um microfone aberto pegou-o dizendo: “Essa é a pior música de bosta que eu já ouvi”. “Se vocês gostam dessa música”, disse à plateia, “devem ser doidos por iogurte de abacaxi”. “Vocês *ainda* gostam dela?”, ele resmungaria, após os aplausos, depois chacoalharia a cabeça sem acreditar naquilo. Al Viola, guitarrista preferido, se lembrava de como ele gostava de mutilar as letras das canções. Frank se divertia com a versão esquisita:

> *Wond’ring in the night*
> *Just where my pants is...*[176]

Havia críticos que chamavam *Strangers* de “porcaria”, “canção de parasitas”, e zombavam dos “du-bi-o-bi-dos” no final como se fossem “esterco... como se Alistair Cooke estivesse falando coisas sem sentido”. Frank pode ter concordado, mas ele era um realista. “Ele tirava sarro daquela música”, disse Armand Deutsch, “mas dizia: ‘Me ajudou com a pizza’ – a canção trouxe um

monte de dinheiro para o seu bolso."

Strangers se tornou o primeiro *single* número um de Sinatra em onze anos, e ficou naquela posição por quinze semanas. Ganhou quatro Grammy Awards, incluindo o Álbum do Ano e Melhor Performance de Vocalista Masculino (*Michelle*, dos Beatles, levou o Grammy de Melhor Canção do Ano).

Viola gostava de ficar no estúdio depois de uma sessão de gravação para ouvir os *playbacks*. Era um hábito que o levou, em 30 de dezembro de 1968, a ser a primeira pessoa de todas a ouvir *My Way*. "Eu fiquei arrepiado e chocado", lembrou Viola. "Chocado por ser tão boa. Aquilo era história. O homem estava cantando sobre sua vida."

Um dia, com sorrisinho irônico, Frank apelidaria *My Way* de seu "hino nacional". Da maneira como cantava, a música – que falava de uma vida dura, através de alegrias e lágrimas, de amor e perda, sem desculpas – apareceu como uma autobiografia provocadora. Já tinha sido um sucesso na França, quando Paul Anka escreveu letras para ele e trouxe para Frank em Las Vegas. Frank a achou "esquisitinha" e falou em gravá-la. No entanto, ele o fez em quarenta e oito horas.

My Way "não tinha nada a ver com minha vida, por mais que parecesse", Frank alegaria mais tarde. Ainda assim, Anka achava que a canção era "completamente ele", e Frank Sinatra Jr. disse que as "cinco palavras do inglês mais puro" do refrão − "I did it my way"[177] − resumiam seu pai de forma exata.

Stephen Holden, crítico da *The Atlantic Monthly*, desprezou a canção como um "bramido ranzinza de autossatisfação". Para Peter Silverton, do *Observer* de Londres, era "algo que Hitler poderia ter cantado enquanto marchava Paris adentro." Para Sarah Vowell, ao escrever para a revista *Salon*, em 1997, a canção evocava explosão de raiva de crianças de dois anos ou talvez as últimas palavras faladas por Hitler para Eva Braun... Você pode imaginar Olive North violando a Constituição com grafites que dissessem 'Eu enfrentei tudo. E continuei de pé...' Quem quer ser lembrado por uma rigidez cega?".

"Toda vez que eu levanto para cantar aquela música, fico rangendo os dentes", disse Frank, para conhecimento do público, "porque não importa qual possa ser a imagem que se tem, eu odeio excesso de orgulho nos outros." Ele disse a uma plateia que apenas queria que o "pequeno árabe" − Anka tem ascendência libanesa – escrevesse um sucesso para ele com maior frequência. O "constrangimento" dele, disse Anka, foi enunciado apenas depois de *My Way* ter

sido “tocada e cantada demais”.

My Way não foi ao topo das paradas nos Estados Unidos, mas, assim como *Strangers in the Night*, deixou claro que Frank ainda era um músico de marca maior. Ainda assim, ele estava tão desarranjado musicalmente quanto em sua vida pessoal. O álbum *My Way* – a canção foi simplesmente enfiada na abertura da próxima coleção para vender bem no mercado – errou a mira como uma tentativa de ecoar o estilo contemporâneo. *For Once in My Life* pertencia a Tony Bennett, e a versão de Frank soava como um abuso. Ele não soava *cool*, mas bobo, quando torturou as palavras de *Mrs. Robinson* com gírias indecentes da era do Rat Pack − “How’s your bird, Mrs. Robinson?”[178].

Tentar fazer um *swing* de *Some Enchanted Evening*, como Frank fez no mesmo período, foi um equívoco bizarro. Foi absurdo, também, imaginar, como ele fez, que podia bancar o comediante e ter uma gravação bem-sucedida simplesmente por recitar o poema *Gunga Din* de Rudyard Kipling apenas com sopros de corneta e efeitos sonoros de campo de batalha como acompanhamento. Gravada apenas dois dias depois da surra em Frederick Weisman, soava meramente desastrosa. Nunca foi lançada.

Houve muita experimentação nos dez álbuns de Sinatra lançados entre 1967 e 1971. Duas coleções do trabalho feito com o músico brasileiro Antônio Carlos Jobim, autor de *Garota de Ipanema*, incluíam algumas performances brilhantes, mas não eram para os ouvintes tradicionais de Frank. Os bons momentos em uma colaboração com o poeta pop Rod McKuen, em um álbum intitulado *A Man Alone*, foram obscurecidos por descidas à escória. *Watertown*, o solilóquio de um homem cuja vida o tinha abandonado, era uma mistura longa de música e narração. Um crítico a considerou apenas “mais um item em uma longa era de pouca importância”.

Em maio de 1969, milhões de pessoas no mundo todo assistiram aos astronautas da Apollo 10 circundarem a Lua – e a nave espacial era a primeira a enviar de volta à Terra fotos coloridas nítidas – e viram uma fita cassete rodando em um gravador. Do espaço veio a voz do astronauta Gene Cernan chamando o Controle da Missão: “Aqui vai um recado só para que vocês, caras, não fiquem tão empolgados pela TV e não se esqueçam do seu trabalho aí embaixo.” Os expectadores ouviram uma voz familiar cantar:

Fly me to the moon, let me swing among the stars,

Let me see what spring is like on Jupiter and Mars...[179]

Para uma audiência global, uma canção de Frank Sinatra permanecia um sinônimo de amor e romance. Mesmo assim, quando os anos 1960 acabavam, Frank era um homem sozinho.

MARTY, O PAI DE FRANK, sofria de enfisema e morreu em 1969 com 74 anos. Seu filho o tinha trazido de avião para o Texas, para uma cirurgia de coração de última hora, em vão. Centenas saíram às ruas quando Marty foi trazido de volta para casa, em Nova Jersey, para o enterro. Dolly tentou se jogar na sepultura.

Frank sentiu muito a perda. Ele conseguiu que os restos mortais de seu pai fossem desenterrados e novamente enterrados em Palm Springs. Além disso, também levantou fundos para instalações de treinamento médico moderno na cidade, o Martin Anthony Sinatra Medical Education Center[180], que funciona ainda hoje.

Dolly se mudou de Nova Jersey para se tornar vizinha de porta de Frank, embora odiasse a Califórnia.Tornando-se uma presença constante a partir de então, ela continuou a arrumar brigas com seu filho. Embora Tina Sinatra achasse que seu pai "adorava" a mãe dele e lhe dava tudo o que ela queria, "ela o deixou louco".

Tina tinha 21 anos quando começou a década de 1970, saindo de uma adolescência turbulenta. Ao mesmo tempo em que reprovava seu pai pelas ausências durante sua infância, ela também o elogiava como a "rocha" da família em tempos de dificuldade. Frank Jr., que, na época, estava na metade de seus vinte anos e trilhando seu caminho como cantor, tinha se sentido excluído desde quando foi enviado para o internato no começo da adolescência. Daquele momento em diante, disse ele, esteve "fora do círculo mais interno da família".

Como músico profissional, Frank Jr. foi capturado pela aura de seu pai. "Será que foi um talento genuíno", perguntou um escritor, "ou a cálida lembrança dos anos dourados de Sinatra que catapultou o garoto de Frankie para a ribalta?". Frank Jr. disse amargamente que tinha "um único e simples sonho – dizer ou fazer algo, qualquer coisa, qualquer maldita coisa, que fosse minha, 100% minha... Eu não podia nem atravessar uma sala sem que alguém dissesse: 'Ele anda exatamente como seu velho pai'. Frequentemente, perguntava a mim mesmo: 'Quem sou eu? Como Frank Sinatra Jr., sou amaldiçoado ou

abençoado?’.”

A filha Nancy tinha se tornado uma cantora popular. *These Boots Are Made For Walkin* e *Somethin’ Stupid*, um dueto com seu pai, tinham sido sucessos imensos. Ela estava encostando nos 30, embarcando em um segundo casamento e começando a trabalhar em um livro sobre seu pai que seria intitulado, disse ela, *A Very Gentle Man*. Duas décadas depois do divórcio dos dois, Nancy, a primeira esposa de Frank, continuava uma silenciosa presença na vida do cantor e era evidente que nunca havia considerado seriamente se casar outra vez.

Frank ainda estava perseguindo mulheres, mas sem tanto ímpeto. Ele teve casos breves depois que o casamento com Mia desabou, mas eles não levaram a lugar algum. Ele tinha usado seu velho estratagema, um convite à sua mesa em um restaurante, para pegar a atriz Patty Duke. Ela foi para a cama com ele naquela noite, disse ela, mas não fizeram sexo: “Nada aconteceu... Eu passei algumas semanas com ele, indo e vindo... Nós dormimos na mesma cama, mas nunca houve sexo.”

Ava tinha a afeição dele, mesmo agora, embora pudesse ser desnecessariamente cruel. Como marido, disse ela a um jornalista, Frank tinha sido “um monstro sagrado... convencido de que não havia ninguém no mundo além dele”. Logo depois daquilo ser publicado, Pete Hamill foi beber com Frank e amigos no salão de P. J. Clarke’s em Nova York. Na madrugada, enquanto rolava o uísque, alguém tocou *I'm a Fool to Want You* na *jukebox*. “Uma canção do passado de Sinatra”, percebeu Hamill. “Uma canção de 1951 e de Ava Gardner, e da pior época de sua vida. Todo mundo na mesa conhecia a história. Sinatra fitou por um momento o *bourbon* em seu copo. Então, balançou a cabeça. ‘Hora de ir’, disse. Todos nós levantamos, fomos à porta do lado e seguimos Frank Sinatra noite adentro.”

Agora, na metade de seus 50 anos, Frank estava cada vez mais sozinho, de outros modos. Seu conceito de lealdade, um conceito que tinha como sacrossanto, o tinha levado a destruir relações importantes. “Meu filho é como eu”, disse Dolly uma vez. “você cruza o caminho dele, e ele nunca esquece.” Seu conceito de lealdade, pensava Orson Welles, envolvia um elemento de “ferocidade”.

Muito antes, Hank Sanicola tinha advertido Frank de que seu envolvimento com Sam Giancana poderia levar a um desastre financeiro, e Frank tinha rejeitado o conselho. Sua parceria de vinte anos com Sanicola tinha terminado com uma discussão explosiva. Frank tinha cortado Jack Entratter fora de sua

vida depois da briga no Sands e nunca mais falou com ele. Também tinham sido sócios por um quarto de século. A cantora Phyllis McGuire achava que aquela era a ação de um homem “capaz de ser generoso e gentil e ainda assim tão cruel, um grande amigo e ainda assim um homem que corta relações com amigos”. Frank tinha rompido com Brad Dexter, fazendo com que ele fosse despedido por um garoto de recados.

George Jacobs também foi tratado como lixo. Na noite do divórcio de Frank com Mia, quando o criado a encontrou por acaso em uma discoteca em Beverly Hills, ela pediu que dançasse com ela. Ele concedeu, e Frank ficou sabendo. Quando Jacobs voltou a Palm Springs, sua chave não abria mais o portão da frente. Ele recebeu uma carta de um advogado banindo-o do local, sem dar chance para explicações, e – depois de quinze anos de serviço – não recebeu indenização alguma.

Quatro pessoas que tinham sido presenças indispensáveis no mundo de Frank morreram em questão de poucos meses em 1971: Entratter, morto aos 57; Joe E. Lewis, finalmente morto pelo álcool; Louis Armstrong, com quem Frank tinha atuado repetidas vezes ao longo dos anos; Michael Romanoff, um companheiro de peso. Marilyn Maxwell, com quem ele tinha mantido contato, morreria aos 49. Hank Sanicola também morreria em breve.

“Para ser amigo de Frank”, disse Rosalind Russell, “é como em uma de suas canções, *All or Nothing at All*[181]. Tem que ser um comprometimento total, incondicional, um cobertor de segurança que nunca esgarça.” Frank agora conseguia a lealdade desejada vinda de um corpulento nova-iorquino de um olho só chamado Jilly Rizzo. Nascido Ermenigildo Rizzo, filho de pais imigrantes italianos, no lado mais baixo do West Side, ele tinha sonhado em ser um lutador profissional. Ele parecia adequado – Frank brincou que já o tinha confundido com um rinoceronte. Depois de uma temporada de quatro anos no Exército e uma série de trabalhos como atendente de bar, Rizzo tinha trazido seu próprio ponto, o Jilly’s, para a 52nd Street em Manhattan. Tornou-se o bar preferido de Frank.

Com uma placa luminosa proclamando o bar como “Home of the King”[182] e fotografias de Frank decorando as paredes, o Jilly’s se tornou um santuário para Sinatra. Frank mantinha sua corte lá quando estava na cidade, sentava em seu trono, sua cadeira azul de madeira, em uma mesa que estava sempre reservada para ele. Rizzo sentava-se ao seu lado em uma cadeira idêntica. Quando Frank

queria privacidade, outros clientes eram dispensados.

Rizzo tinha estado por perto crise após crise – o esbarrão com a morte no Havaí, o sequestro de Frank Jr., o rompimento com Mia e a morte de Marty Sinatra. A mãe de Rizzo o chamava de "cuzão"[183], como apelido afetuoso. Tina dizia que Rizzo se tornara parte da família. Seus serviços iam desde arrumar Frank com as garotas a viajar com ele para se encontrar com grandes personagens: a Rainha Elizabeth II, presidentes americanos, Jackie Kennedy Onassis. Como colocou Frank, Rizzo "era bom de faxina". A dupla, às vezes, usava jaquetas que combinavam, de cor laranja e bordadas nas costas com o *slogan* "Viver bem é a melhor vingança, F.T.A." "F.T.A." era uma sigla para "Fuck Them All![184]". Para ficar perto de Frank, Rizzo se mudou para Palm Springs.

Rizzo disse que amava Frank "como um padrinho danado de bom... o maior ser humano que conhecia". Ele se lembrava de ter dito ao seu herói: "Frank, você purifica qualquer maldito lugar que entra". Frank retribuiu dando a Rizzo um pequeno papel em três de seus filmes e o indicando a um posto em sua companhia de cinema, Artanis Productions. Ele inseriu a frase "Jilly loves you more than you can know"[185] em sua interpretação de *Mrs. Robinson*. Ele classificava Jilly como um "poeta", por sua eloquência e também pelo que Frank via como "sabedoria dos antigos".

Rizzo tinha sido preso duas vezes por agressão antes de conhecer Frank, base talvez para sua função de guarda-costas, que preferia renegar. Um comediante brincou que Rizzo era o "trator" de Frank, pelo jeito como abria caminho nas multidões. Frequentemente, o que ele fazia para Frank não era motivo para piada.

Em 1964, em Paris, segundo Rock Brynner, foi Rizzo quem pisoteou a mão de um fotógrafo francês, quebrando alguns ossos. Em 1972, em um clube noturno em Monte Carlo, Rizzo "pulverizou" um estudante suspeito de estar tirando fotos. Ele foi, então, carregado para o aeroporto para evitar que fosse preso e voou embora no jato privativo de Frank. Em Las Vegas, Rizzo castigou um bêbado inconveniente arrastando-o para um lugar silencioso e explodindo bombinhas em seu bolso, tantas que o quadril do homem quebrou.

Em 1973, Rizzo assumiu a culpa depois que um hóspede apanhou em um hotel de Palm Springs. O hóspede levou o caso ao tribunal, alegando que homens da parte de Frank o tinham cercado no banheiro fazendo coro e dizendo:

“Respeite o Homem! Respeite o Homem!”. Então, com uma ordem e um estalar de dedos de Frank, deram-lhe uma sova no corpo e na cabeça. Rizzo, que admitiu ter sido um dos agressores, foi considerado culpado por agressão e obrigado a pagar cento e um mil dólares ao queixoso.

Rizzo era profundamente envolvido com a Máfia, embora seu dossiê no FBI contenha relatórios que conflitam sobre ele ser ou não um “homem mandado da Máfia”. Um documento o categoriza como um “associado da LCN” − La Cosa Nostra. Outros o relacionam a Sam Giancana, Joe Fischetti e às famílias de Nova York. Seu melhor amigo mafioso era Dave Iacovetti, da família criminosa Gambino, com quem ele e Frank socializavam. Ele tinha ligações íntimas com a família de outro homem de Gambino, Thomas Bilotti. O irmão de Bilotti, Jimmy, atuava como mentor de um dos filhos de Rizzo e, depois da morte de Dolly, a mãe de Bilotti esbanjaria afeição por Frank, como se ele fosse seu próprio filho. Com Carlo Gambino, segundo se alega em um relatório de 1971, Frank e Rizzo levantaram cem mil dólares – quase meio milhão hoje – que foram usados em um cambalacho com ações.

As conexões de Rizzo com a máfia o pegariam em 1990, quando ele e diversos outros foram condenados por uma fraude que drenou oito milhões de dólares de uma associação de poupança e empréstimo. Ele foi poupado das grades por conta de sua idade e saúde frágil, e sentenciado a mil horas de trabalhos comunitários. Rizzo seria enterrado próximo a Frank, no túmulo da família Sinatra.

A AMERICAN-ITALIAN ANTI-DEFAMATION LEAGUE (AID)[186], um novo grupo de pressão, foi fundada em 1967, com o objetivo declarado de combater o que afirmava serem falsas alegações em livros, filmes e mídia que “injustamente manchavam vinte e dois milhões de ítalo-americanos como sendo pessoas de caráter sinistro”. Frank, o mais celebrado de todos os ítalo-americanos, concordou em ser o presidente do grupo. Dezoito mil pessoas se aglomeraram no Madison Square Garden em outubro para ouvi-lo cantar e se pronunciar às pessoas por aquela causa vestido em um smoking resplandecente com um lenço de bolso vermelho.

Aceitar a presidência do grupo trouxe a Frank publicidade negativa imediata. Um especialista em crime organizado junto ao Departamento de Polícia de Nova York, aposentado do cargo, Ralph Salerno, disse ao *New York Times* que o envolvimento de Frank com mafiosos “não tem grandes chances de

correspondência com a imagem que a Liga está buscando projetar". Segundo Salerno, o que era necessário para as "pessoas boas e decentes" que compunham a maioria populacional de ítalo-americanos, era que se dissociassem dos "em torno de dez mil malfeitores", a comunidade criminosa que incluía muitos dos amigos de Frank.

Logo veio à tona que, no comitê de diretores da AID, estavam pelo menos sete homens que tinham ligações com membros da Máfia ou associados. Frank se demitiu e, embora o comitê tenha passado por uma limpeza, o grupo se perdeu de vista – para ser substituído em 1970 pela Italian-American Civil Rights League (IACRL)[187]. Mais uma vez, com o intuito de erradicar o preconceito, a nova organização teve comparecimento imenso a comícios, levantou milhares de dólares e recebeu atenção nacional. Graças aos esforços do grupo, emissoras de rádio e TV e o Departamento de Justiça concordaram em não usar as palavras "Máfia" e "Cosa Nostra" em programas e documentos oficiais. Esta segunda liga, entretanto, era ainda mais um joguete do crime organizado do que sua antecessora. Seu fundador e vociferante modelo de liderança era Joe Colombo, chefe de uma das cinco famílias do crime de Nova York.

Agora astuto, Frank recusou um pedido de Colombo para que se apresentasse em um comício da IACRL. "Colombo ficou furioso com o fato de Sinatra não aparecer", disse Hector Saldana, um jornalista a quem Jimmy Alo descrevera o que aconteceu. "Ele informou a Sinatra que se ele viesse para o oeste de Mississsipi, pagaria com a própria vida. Alo checou e soube que um acordo tinha sido, de fato, desfeito. Sinatra ficou muito amedrontado. 'Ele me ligava todo dia, chorando', disse Alo. 'Ele estava parecendo um bebê chorão'."

Alo negociou um acordo com Colombo. A ameaça seria anulada se Frank aceitasse se apresentar no próximo grande evento da liga, um concerto no Madison Square Garden. Ele, de fato, se apresentou, mas desconsiderou funções adjacentes. "Até onde pode ser apurado", observava um relatório do FBI, "Sinatra não quer mais ser associado com o criminoso."

Durante a primeira fase dos protestos ítalo-americanos, quando Frank era um apoiador ardente, ele havia sido censurado em uma publicação por Mario Puzo, que, na época, era um escritor ítalo-americano pouco conhecido. O romance de 1969 de Puzo, *O Poderoso Chefão*, o tipo de livro que a liga não queria publicar, vendeu um milhão de cópias em capa dura e oito milhões em brochura. O filme que se seguiu, o primeiro dos três *O Poderoso Chefão*, fez o nome do diretor

Francis Ford Coppola e se tornou um dos mais lucrativos filmes da história do cinema. O filme gerou publicidade maciça e não se pode negar a importância, já mencionada, de que o cantor protegido da Máfia na história fosse, inconfundivelmente, baseado em Sinatra.

Frank ouviu qualquer coisa antes de que o livro saísse – os direitos do filme tinham sido obtidos com bastante antecedência – e fez com que seus advogados exigissem ver o manuscrito. Com o fracasso desta manobra, brigou para conseguir que o personagem de Sinatra fosse retirado do filme. Para aplacá-lo, e evitar um processo jurídico, os produtores cortaram o papel do cantor mafioso.

"Sinatra ainda não estava contente e tentou me arrancar à força do papel", disse Al Martino, que fazia o papel do cantor no filme. "Mas eu tinha minha própria força". Segundo Martino, Frank foi avisado por Sam Giancana para que desistisse. Durante um encontro ao acaso no restaurante Chasen's, em Beverly Hills, lembrou Puzo, Frank o insultou com voz "alta, enlouquecida", o acusou de ser um "proxeneta" e ameaçou "surrá-lo com vontade".

O furor de *O Poderoso Chefão* foi apenas um elemento de uma onda de críticas negativas da imprensa. Em 1969, vieram de Nova Jersey revelações obtidas por escutas do FBI colocadas no escritório de Angelo De Carlo, o primeiro patrono de Frank na Máfia. De Carlo tinha sido pego na escuta repetidas vezes discutindo com Frank – levantando a possibilidade de que Frank poderia contribuir com fundos para um cassino, dizendo como ele tinha arrumado uma mulher para Frank e falando sobre seus contatos bem recentes.

Naquele verão, enquanto estava à bordo de um iate em Highlands, Nova Jersey, e portanto dentro da jurisdição do Estado, Frank recebeu uma intimação para se apresentar diante de uma comissão que estava investigando a atividade da Máfia. Ele brigou durante meses para evitar depor, cedendo à pressão apenas quando a Suprema Corte dos Estados Unidos determinou que estaria sujeito a um período de três anos de prisão caso não concordasse em depor. Quando se apresentou, Frank solenemente disse aos interrogadores que ignorava o fato de que grandes gângsteres que conhecia ou tinha conhecido fossem mafiosos. Lucky Luciano, Willie Moretti, Sam Giancana e Joe Fischetti eram membros da Máfia? Até onde Frank sabia, não. Ele não conhecia uma única pessoa, disse sob juramento, que pudesse ser descrita como pertencente ao crime organizado.

Sempre que era chamado a depor sobre questões relativas à Máfia, Frank lutava para se livrar de fazê-lo. Em 1968, usou desculpas espúrias para protelar aparecer em uma corte de Miami relativamente a um caso de calúnia envolvendo

o Fontainebleau Hotel e o jornal *Miami Herald*, e então, deixou a Flórida quando recebeu ordens do juiz da corte de aparecer ou ir para a cadeia. A questão em julgamento se mostrou controversa logo depois, quando o fato foi abandonado.

Quatro anos depois, tendo divulgado inicialmente que estava preparado para aparecer ante o House Select Committee on Crime, Frank partiu para a Inglaterra. Quando o Comitê votou para tomar providências que o forçassem a se apresentar, ele sumiu do Savoy Hotel de Londres e evitou a exposição por um tempo na Europa. Seis semanas depois, quando finalmente se dignou a aparecer no Capitólio, estava em um humor beligerante.

"Vamos dispensar aquele tipo de questionamento", disse Frank, quando indagado sobre suas relações com Tommy Lucchese, o aliado de Luciano que antes da morte deste tinha seguido para se tornar, ele mesmo, um chefe da Máfia. Existia algo que se possa chamar de Máfia? "Partindo do ponto da interpretação", disse Frank, "suponho que você possa dizer que existe. Mas realmente não coloquei o dedo nisso para que pudesse dizer que existe, porque não sei nada sobre isso." Depois de depor, fez alarde no *New York Times*, posando de cidadão inocente ultrajado que tinha sido convocado a se apresentar de qualquer modo.

Frank tinha bramido por Washington "como Lear denunciando o vento", escreveu Thomas Thompson, da *Life*. Em suas apresentações anteriores ante a Comissão de Nova Jersey e ao Comitê da Câmara, Frank tinha divulgado a alegação de Joe Colombo de que ele estava sendo perseguido apenas por causa de sua identidade étnica. "Se um homem clama 'Criminoso' e 'Inocente' com força suficiente e por tempo suficiente", escreveu Thompson, "fica cada vez mais fácil acreditar nele."

NA NOITE DE 13 DE JUNHO DE 1971, Thompson sentou para conversar com Frank em um camarim do Los Angeles Music Center. Frank estava fumando, vestindo uma camisa e calças de smoking e tinha uma bota de verniz sobre um dos joelhos. Ele pediu chá quente, depois mudou o pedido para vodca. Então, enquanto Al Viola arranhava uma melodia no violão, começou a cantar baixinho:

When a woman loves a man... try a little tenderness...[188].

Thompson achou que a voz soou "sussurrada, vinda de longe, mas cintilante, polida como uma moeda de ouro guardada em uma caixa de veludo."

Entre as cinco mil pessoas que ouviriam Frank cantando naquela noite, estava o vice-presidente dos Estados Unidos, o conselheiro de segurança nacional, o governador da Califórnia, Vossa Serena Alteza, a Princesa Grace de Mônaco (Grace Kelly), Cary Grant, Bob Hope, Jimmy Stewart, Jimmy Durante, Rock Hudson, David Niven, Jack Benny, Pearl Bailey, Barbra Streisand, Edward G. Robinson, Steve Allen, Carol Burnett, Diahann Carroll, Natalie Wood, Ali MacGraw, Clint Eastwood, Robert Wagner e a família de Frank. Eles estavam lá porque Frank tinha anunciado que aquela seria a última *performance* de sua carreira no *show business.*

Dois meses antes, Tina tinha supreendido seu pai ocupado com caneta e papel, ao lado da piscina em Palm Springs. Ele estava rascunhando uma declaração, a ser publicada pela colunista Suzy (Aileen Mehle), algo em torno de uma semana depois, anunciando sua "aposentadoria do mundo do entretenimento e da vida pública". Frank nunca tivera muita oportunidade, segundo a declaração, para "reflexão, leitura e exame das coisas". Agora esperava ter tempo para sua família, dedicar-se a escrever, talvez até mesmo dar aulas. Sua decisão, dizia ele, era final.

A imprensa buscou uma explicação. Ele estaria doente? Frank disse a Thompson, naquela noite no Music Center, que sua saúde estava "espetacular". Será que estava se afastando porque suas vendas de álbuns tinham caído vertiginosamente e seu filme mais recente, o western cômico *O Mais Bandido dos Bandidos (Dirty Dingus Magee)*, tinha fracassado? Durante a vodca com Thompson, Frank disse apenas: "Estou cheio. Talvez o público esteja cheio também". Ele tinha gravado mais de novecentas canções, muitas delas mais de uma vez, produzido oitenta e sete álbuns e feito quarenta e três filmes.

Em parte, Frank disse, tempos depois, que decidiu se afastar porque "ser uma figura pública já me irritou demais. As pessoas espreitando como fantasmas nas minhas janelas". Ele acusava certos repórteres de "patetas" e "colecionadores de lixo", uma categoria na qual certamente teria incluído o jornalista premiado Nicholas Gage. Gage tinha escrito um artigo original em 1968, no *The Wall Street Journal*, que, pela primeira vez, expunha publicamente detalhes sobre os contatos de Frank com a Máfia.

A declaração de afastamento, além disso, veio alguns meses depois de outro confronto violento entre Frank e um funcionário de cassino, dessa vez, no Caesars Palace. A Máfia, mais uma vez não o apoiara. Giancana, que viveu a maior parte do tempo fora do país depois de descansar temporariamente na

cadeia, era uma carta usada. Angelo De Carlo e Jimmy Alo estavam presos. Joe Fischetti estaria logo na mesma situação.

Frank se preocupava com sua segurança pessoal. Duas mulheres com quem teve casos em 1971 disseram que ele ainda carregava consigo uma arma. Ele fez o possível e o impossível para mostrá-la a uma delas quando esta foi visitar sua casa em Palm Springs. A outra ficou chocada ao ver que ele carregava uma arma em um coldre de ombro feito de couro.

Peggy Connelly viu Frank nesta época. “Ele não era o Frank que eu tinha conhecido”, disse ela. “Ele tinha perdido alguma coisa. Tinha sido sempre tão cheio de energia e agora tinha perdido seu charme. Ele parecia morto, de alguma maneira.” “Quem é sensível, tem sempre pontos de desespero”, disse Burt Lancaster no ano em que Frank se aposentou. “Acho que uma das razões para Frank se aposentar enquanto ainda tem vitalidade é que ele está buscando seu próprio caminho para sua própria paz.”

Depois da meia-noite da noite de sua apresentação pré-aposentadoria, quando Streisand terminou sua interpretação balançante de *Oh, Happy Day*, Frank se enfiou em seu smoking e entrou no palco. Ele disse: “Aqui vai como tudo começou”, e começou a cantar *All or Nothing at All*. Enquanto ele cantava, muitos na plateia começaram a chorar. Frank fechou com *Angel Eyes*, pronunciou sua última fala melancólica: “Peço licença para desaparecer”, no halo de um único holofote, e então desapareceu na escuridão.

Ele voltou para receber uma salva de palmas com a plateia em pé, mas recusou fazer um bis. “Estou cansado”, disse Frank a Thomas Thompson na limusine que o levou embora do Music Center. “Foram trinta e cinco anos do diabo.”

Como havia um lamento mexicano tocando no rádio da limusine, Frank improvisou alguns versos, cantou alguns compassos e então parou. “Senhoras e senhores”, disse aos seus acompanhantes, “esta é a última vez que Frank Sinatra abrirá sua boca.”

Todos deram risada.

32

“Let Me Try Again”[189]

FRANK INSISTIA QUE SUA CARREIRA TINHA ACABADO. “Acabou para mim, de verdade, acabou... Não quero colocar mais nada de maquiagem. Não quero mais me apresentar. Não vou parar de viver... Talvez vá começar a viver... Isto é, a primeira coisa a fazer será não fazer absolutamente nada por oito meses.” Agora, teria tempo para pintar, disse ele – tinha feito diversas paisagens de qualidade ao longo dos anos e estava tentando arte abstrata. Ele planejava, também, tirar fotografias de cactos e pendurá-las na ala do hospital dedicada ao seu pai. E “leria Platão e plantaria petúnias”.

Por meses a fio, Frank não cantou. “Eu nem cantarolava para ninguém. Não fazia som algum... Toquei muito – me divirto muito com ópera e música clássica.” Ele era flagrado em galerias de arte perseguindo seu interesse em pintores americanos modernos – e em Picasso, a quem reverenciava. Além disso, trabalhou um pouco com sua pontuação de golfe, ou seja, como diria ele, não fez “absolutamente nada”.

Estava estupendamente rico e carregado de homenagens. No começo de 1971, tinha recebido um Oscar especial, seu terceiro, em reconhecimento pelo seu trabalho de caridade. Ele tinha ouvido sentado na galeria do Senado os membros assinalarem sua aposentadoria com tributos extravagantes. O senador John Tunney da Califórnia o declarou “o maior artista” da história da América. A cidade de Palm Springs elegeu um Dia de Frank Sinatra e renomeou a estrada em que ele viveu – na comunidade hoje conhecida como Rancho Mirage – dando-lhe o novo nome de Frank Sinatra Drive.

Mesmo assim, pensava Tina, Frank era o homem mais solitário do mundo. Ele estava achando mais difícil do que nunca sustentar uma relação com uma mulher. Marianna Case, uma dançarina que tinha sido casada duas vezes e que

tinha quase trinta anos, estava trabalhando meio período como coelhinha da *Playboy* quando Frank a notou em um comercial de sutiã. Ele fez com que um amigo em comum ligasse para ela e dissesse que Sinatra esperava que ela se juntasse a ele para um jantar.

No primeiro encontro dos dois, Frank colocou Marianna para sentar perto dele em uma mesa apinhada de gente. Ela achou que ele parecia, a um só tempo, cavalheiro, espalhafatoso e nervoso. Ele a chamou para sair mais uma vez, e houve, então, mais noites tempestuosas com seus variados camaradas. Frank cozinhou para ela na casa dele. Ela o viu quando ele tinha bebido demais e quando, como explicou Jilly Rizzo uma noite, estava "tendo outra oscilação de humor"; quando se enfureceu, "com o rosto contorcido de frustração", depois de perder nas mesas de Las Vegas. Ela foi chamada, uma vez, porque, como lhe contou Rizzo, Frank estava "agindo muito loucamente e acho que se você vier aqui ele pode se acalmar. Ele sempre parece se iluminar quando você está por perto". Ela chegou e encontrou Frank tendo um acesso de birra, observou silenciosamente enquanto ele bradava obscenidades e arremessava fitas por todo lado.

Ela chegou a pensar que ela fosse um "entretenimento" para Frank, embora não no quarto. Uma vez, ela perguntou se poderia "se deitar com ele" por uma noite, mas ele disse que não queria "estragar nada". O mais próximo de sexo a que o casal chegou foi "um beijo e um abraço". Marianna admirava o lado de Frank que colocava mulheres, algumas mulheres, "em pedestais". Barbara Walters, que na época estava prestes a se tornar uma celebridade nacional, o colocou em sua lista dos dez homens favoritos de 1971 "por causa de seu preciosismo à antiga... Ele trata as mulheres como se elas fossem feitas de vidro. Ele é tão preocupado com o conforto e dignidade delas quanto um vitoriano".

Frank deplorava os recentes excessos no comportamento das mulheres e em seus modos de vestir. O que procurava em uma mulher, ele dizia, era inteligência, certo grau de reserva e elegância. Ele queria "que as mulheres fossem mulheres".

A atriz Lois Nettleton, com quem ele começou a sair no começo de 1971, parecia preencher os requisitos de muitas formas. Ela era uma mulher adorável, vivaz, quinze anos mais nova que ele, divorciada e livre de filhos. Ela era altamente inteligente e articulada, com um histórico bem estabelecido na Broadway, em filmes e televisão. Depois daquele primeiro encontro, um concerto sinfônico, Lois e Frank começaram um relacionamento que duraria

quase um ano.

Eles se tornaram amantes e, como uma hóspede regular, ela via o Sinatra do espaço privado, o homem com compulsão por limpeza e ordem, que gostava de esbanjar presentes com os íntimos. Ela fez um cruzeiro com Frank no iate dele, dormiu com ele em sua cabine vermelha, branca e azul, e ainda guarda uma jaqueta com a inscrição “A bordo do Cristina”. Eles “foram andar de bicicleta juntos em estradas silenciosas próximas à casa dele em Palm Springs”, como lembrava Lois. “Ele me deu uma bicicleta com uma linda cestinha de tecido na frente, e no dia em que me presenteou, encheu a cestinha com margaridas – minhas flores favoritas... Ele me mandaria bilhetes assinados ‘Francis’ – ele preferia que aqueles que o conheciam o chamassem de Francis em vez de ‘Frank’. Um dos que guardei diz apenas: ‘Você é formidável’.”

Frank se abriu bastante, descreveu o que sabia de seu nascimento problemático, falou de como sempre tinha amado trens – como ansiou por ganhar uma locomotiva quando era um garotinho. Ele tinha dito a Marianna, alguns meses antes, que, às vezes, ainda sentia como se fosse um garotinho. Agora, mostrava a Lois sua roupa de marinheiro, que tinha vestido há mais de um quarto de século para o filme *Marujos do Amor*, e refletia pesarosamente sobre o fato de que a roupa não lhe servia mais.

Desde os anos 1940, quando se dedicou pela primeira vez à pintura, Frank tinha desenhado e pintado figuras de palhaços. Um dos primeiros tinha sido uma cabeça de palhaço com bochechas brancas com farinha e uma boca vermelha brilhante com uma gola bufante no pescoço. Ele deixava pendurado um rosto triste de palhaço sobre sua mesa no escritório da Warner Brothers e se vestia como um palhaço quando ia para uma festa à fantasia. Amigos especiais e pessoas próximas recebiam figuras de palhaços como presente. Peggy Connelly tinha uma que ele desenhou em um copo de guardar escova de dente, no qual estava rabiscada a mensagem “Bom dia, querida”. Lois ganhou uma gravura de palhaço.

O interesse de Frank em palhaços, dizia ele, vinha da admiração que tinha por Emmett Kelly, o famoso palhaço dos anos 1940 e 1950. Kelly, criador do personagem vagabundo Weary Willie, descrevia a si mesmo como “um camarada triste e esfarrapado que levava a sério tudo o que se propunha a fazer – não importasse o quão fútil ou tolo aquilo parecesse”. Segundo Tina, alguns dos palhaços de Frank eram autorretratos.

Lois dizia que, com ela, Frank era quase sempre “delicado, romântico”. Seu

primeiro elogio a Lois tinha sido dizer que ela era “uma verdadeira *lady*”. “Percebi que eu era especialmente importante para ele naquela época. Era como se ele estivesse entrando em outro estágio da vida. A ideia de se aposentar, de alguma maneira, se tornaria parte de uma vida realmente de alta classe. Ele estava muito envolvido nas coisas mais sofisticadas da vida, arte, política, questões sociais.”

“Ele juntava pessoas maravilhosas em torno de si, pessoas muito elegantes, mesmo entre os artistas... Nós fomos à casa de Gregory e Veronique Peck para tomar chá, para uma das festas de Phyllis Cerf [esposa de Bennet]... Candice Bergen e sua mãe vieram jantar conosco. Minha imagem de Frank, definitivamente, é a dele sendo o artista notável em um mundo elegante. Ele sentava na cabeceira da mesa, comigo à sua direita. Eu sentia que tinha orgulho de mim, queria que todo mundo me visse com ele. Eu não era glamorosa ou ‘de Hollywood’, e não tinha ataques histéricos. Eu fui criada para ser uma lady, tentei sempre ser socialmente virtuosa e fazer a coisa certa. Acho que isso era importante para ele.”

“É como se ele fosse o rei que aponta para uma donzela e diz: ‘É você...’ Eu era uma das muitas mulheres em sua vida, mas fui escolhida dentro da corte. Foi tudo tão adorável por um ano e pouco.” Lois teve a impressão de que Frank tinha começado a beber menos, e não havia comportamentos grosseiros dele quando ela estava junto, não havia brutalidade. “Comigo, era sempre como um cavaleiro numa armadura brilhante. Ainda assim, havia um lado irritável dele. Ele não gostava de ser desafiado. Ele precisava estar no controle, e tinha um temperamento volátil, instável. Eu estava sempre com um pouco de medo de que ele fosse mudar.” Em uma noite, no final de 1971, no espaço de algumas poucas horas, isso aconteceu.

“Ele tinha uma festa para ir, em um restaurante de Beverly Hills. Nós chegamos lá um pouco mais cedo, antes das outras pessoas. Estávamos tomando uma taça de vinho e ele disse: ‘O que você acha de a gente se casar?’ Eu fiquei sem fôlego, tomada. Só me lembro da felicidade, mas provavelmente disse algo como: ‘seria adorável’. As pessoas estavam começando a chegar, e então sentamos todos para jantar. Depois da refeição, fui ao banheiro das mulheres para passar batom e arrumar meu cabelo. Alguma coisa tinha se derramado no meu vestido e eu estava limpando. Alguns fãs meus entraram e comecei a conversar com eles. Aí, Tina, acho eu, entrou e disse: ‘Lois, o que está fazendo? Nós estamos indo embora’. Ainda que eu não tenha percebido na hora, todo

mundo tinha começado a ir embora quando me levantei para ir ao banheiro. Acho que Francis tinha imaginado me pegar na porta de saída. Mas eu não estava lá...”

“Quando o alcancei, na calçada, ele virou para mim e gritou comigo até os pulmões saírem. Ele gritou na minha cara e me xingou – porque eu tinha demorado muito. Eu o tinha deixado esperando, e ele estava muito *furioso*. Da maneira como ele via, eu o tinha humilhado. Entrei no carro e voltei para casa. Jilly Rizzo estava lá, sentou comigo no quarto e disse:'Ele vai se acalmar, ele vai voltar a si’. Eu pensei: ‘Bom, tudo bem’, e tive a sensação de que fiquei sentada lá por uma eternidade. Eu tinha comigo um presente para Francis, um presente pelo seu aniversário ou pelo Natal, um pequeno medalhão de Sagitário em uma corrente.”

“Eu sentei lá naquela confusão, segurando o Sagitário. Logo antes daquilo, estávamos falando sobre casar, e aí ele tinha gritado comigo e me deixado abandonada! Eu podia ouvi-los conversando, rindo e bebendo na sala de estar, e acabei pedindo a Jilly que arrumasse alguém para me levar para casa. E aquele, realmente, foi o fim.”

Depois de um tempo, Frank pediu a Lois para que fosse vê-lo novamente, e eles se encontraram algumas vezes. O dano que ele tinha causado, no entanto, era irreparável.

DURANTE O CASO DOS DOIS, Lois tinha se visto, uma vez, sentada ao lado de Frank enquanto ele fazia as vezes de anfitrião para o conselheiro de segurança nacional do Presidente Richard Nixon, Henry Kissinger, e seu vice, Alexander Haig. Alguns anos antes, eles não teriam sido seus hóspedes. “Muito depois de ele parar de cantar”, John Kennedy tinha dito sobre Frank em 1961, “ele estará firme pelo Partido Democrata.”

Frank continuaria proclamando que seria “democrata por toda a vida”. E, no entanto, lá estava ele, entretendo a oposição. Na ocasião em que dedicou a ala do hospital à memória de seu pai, o vice-presidente Spiro Agnew e o governador da Califórnia, Ronald Regan, foram seus convidados de honra. Agnew tinha saído correndo do casamento de Tricia Nixon, em Washington, para vir ao concerto de encerramento de Frank na Califórnia. As visões antigas de Frank sobre Nixon e Reagan eram ferozes. Em 1960, foi solicitado a Frank que pensasse em algo que o fizesse rir, e ele respondeu zombeteiramente: “Nixon!” Shirley MacLaine lembrava de que ele “odiava Nixon com uma acidez profunda.” Frank tinha por

muito tempo desprezado Reagan por ele ter aparecido como “testemunha amigável” ante ao House Un-American Activities Committee. Ele o repudiava como “um idiota, ou Bonzo” − o chimpanzé com quem Reagan apareceu em um de seus filmes –, um “chato estúpido” que tinha entrado na política apenas porque sua carreira como ator tinha emperrado. Ele achava Nancy Reagan, a quem ele tinha conhecido durante os dias dela como atriz, “uma biscate estúpida com tornozelos gordos”. Em 1966, quando Reagan foi eleito governador, Frank declarou que ele talvez “deixasse o país... certamente deveria deixar o estado”. Ele ficava mudando o refrão de *The Lady is a Tramp* para:

> *She dislikes California, it’s Reagan and damp...*
> *That’s why the lady is a tramp.*[190]

Ainda assim, quando Reagan estava concorrendo à reeleição, Frank fez campanha para ele. “Eu apoio o cara, o partido não apoio mais”, disse Frank. “Se as pessoas não acham boa ideia, que se danem”. De repente, ele estava elogiando Reagan como “um candidato ilustre... um cara muito honesto” que “acredita no que faz”.

Embora Frank nunca tenha dito isso dos Democratas, eles o tinham chateado. Ele tinha permanecido leal por algum tempo, a despeito das rejeições dos anos de Kennedy. Tinha apoiado Hubert Humphrey em 1968. E, no entanto, foi recebido com desdém quando Humphrey o trouxe para a Casa Branca, na primavera, para se encontrar com o presidente Johnson. Johnson, a princípio, o ignorou, e então o despachou com um folheto de *souvenir* e um batom com o selo da Casa Branca. Ele disse sobre o batom: “Ele fará de você um grande homem com suas mulheres”.

Frank continuou a apoiar Humphrey, mesmo depois disso, e o fez com ainda mais vigor quando Robert Kennedy se declarou candidato. “Bobby”, dizia ele, “simplesmente não é qualificado para ser presidente.” Ele não derrubou nenhuma lágrima quando Kennedy foi assassinado. Para Frank, como lembrava seu publicitário da Reprise, Mike Shore, Bobby tinha sido sempre ‘aquele tira do cacete’. A pior coisa em que ele conseguia pensar era chamar alguém de tira!”.

Dois meses depois do assassinato de Bobby, a conexão de Frank com a Máfia teve na campanha de Humphrey o mesmo efeito que tinha tido na de John Kennedy. Em maio de 1968, houve uma reportagem impressa dizendo que Frank andava jantando com assessores do líder dos Teamsters, na época na cadeia,

Jimmy Hoffa. Então, em agosto, apareceu a história do *The Wall Street Journal* sobre suas ligações com a Máfia. O mais alto assessor de Humphrey, Joe Nellis, que tinha já interrogado Frank sobre seus laços com a Máfia quando era procurador do Kefauver Committee, mandou a Humphrey um memorando de advertência. Logo depois daquilo, Frank começou a desaparecer da vista pública como um apoiador proeminente de Humphrey.

Todavia, quando já se estava no meio da primeira presidência de Nixon, Frank ainda falava como um Democrata, no que tocava à política nacional. "Nixon me assusta", disse ele ao *Los Angeles Times* em julho de 1970. "Ele está levando o país para o chão... Os democratas têm que se unir e derrotar Nixon em 72." E, então, como o Dia de Ação de Graças se aproximava, de acordo com um memorando da Casa Branca, o estrategista político de Nixon, Charles Colson, trouxe a ideia de persuadir Frank para a causa republicana.

O vice-presidente Agnew trabalhou nesse projeto por alguns dias. Como ele se lembrou mais tarde, ele e Frank acabaram se encontrando no clube de campo de Palm Springs, passaram o feriado juntos e se deram bem. Como um greco-americano, disse ele, sua ancestralidade mediterrânea fazia com que tivesse muita coisa em comum com Frank. Isso contribuiu, também, para que ele estivesse vidrado na música dos anos 1940, que tocasse piano e gostasse de cantar.

Agnew se tornou um convidado habitual na casa de Frank e fez dezoito visitas ao cantor nos meses seguintes. Os dois jogavam golfe juntos, jantavam fora, varavam a noite conversando no recanto de Frank e, em uma ocasião, viram o filme pornô *Garganta Profunda (Deep Throat)* juntos. Os quartos de hóspede de Frank, antes remodelados para John F. Kennedy, acabaram sendo renomeados de "A Casa de Agnew".

No começo de 1971, um assessor de Agnew estava pronto para reportar em um memorando da Casa Branca: "Sinatra está pronto para ser chamado a bordo". O chefe de Gabinete de Nixon, H. R. Haldeman, foi informado de que Frank tinha "pique para trazer com ele muitos dos jovens mais alegres... Ele deveria ser logo convidado para entreter na Casa Branca". Houve alguma hesitação – o FBI tinha alertado o gabinete do presidente para as conexões de Frank com a Máfia – mas essa hesitação evaporou gradualmente.

"Embora Sinatra tenha sido controverso", o conselheiro presidencial Dick Moore escreveu em novembro, "ele parece ter assentado depois de seu afastamento." Dentro de dois dias, o próprio Nixon enviou congratulações a

Frank por um prêmio estadual na Califórnia, e Frank ofereceu a Marta, esposa do Procurador-geral John Mitchell, um passeio em seu jato particular. Quando o House Select Crime Committee tentou forçar Frank a depor, Agnew tentou adiar o trabalho sobre uma intimação. Quando ele finalmente depôs, em julho de 1972, o próprio presidente ligou para elogiá-lo por sua atuação desafiadora.

"Ele está a bordo, agora", escreveu Haldeman em seu diário no mês seguinte, e ficou logo claro que o cortejo republicano tinha funcionado.Frank apoiou Nixon em sua campanha triunfante à reeleição em 1972. Depois da vitória republicana, Frank alugou uma casa em Washington, junto com o assessor de Agnew, Peter Malatesta. Ele continuou a desfrutar das regalias da Casa Branca de Nixon, não importava quão mal se comportasse.

Na noite da posse em 1973, no saguão do Hotel Fairfax em Washington, Frank avistou a colunista Maxine Cheshire, que, meses antes, tinha lhe perguntado se os laços dele com a Máfia poderiam criar constrangimento para Agnew. Agora que a tinha encontrado, ele a insultou dizendo que ela era "nada mais que uma vagina", uma garota de dois dólares. Publicamente, foi dito que Nixon ficou "lívido". Em privado, como revela a transcrição de uma fita da Casa Branca, ele disse que Cheshire valia "duas moedinhas, não dois dólares". Duas semanas depois da posse, Nixon pediu a Frank que cantasse em uma recepção da Casa Branca para o primeiro ministro italiano.

O fascínio de se apresentar em um evento do Estado convenceu Frank a interromper seu afastamento. Ele nunca tinha sido tão honrado, nem por Kennedy. Na recepção, em abril de 1973, ele cantou dez canções, na maioria velhas favoritas, e, atendendo a um pedido pessoal de Nixon, fechou com *A Casa em que Vivemos*. O presidente disse à plateia que Frank era, como um artista, "o que o Monumento a Washington é para Washington... o ponto máximo".

A administração de Nixon abraçou Frank de forma tão irrestrita que, onde quer que ele estivesse no mundo, telefonistas autorizadas podiam encontrá-lo pelo painel de tarefas da Casa Branca. Ele chegou até a receber um nome em código para o Serviço Secreto − "Napoleon". Nixon e seus homens já estavam enredados no caso de Watergate quando Frank se apresentou na Casa Branca, mas ele não se desencorajou.

Em outubro, acusado de propina, Agnew alegou não haver controvérsia sobre as acusações de evasão fiscal e renunciou. Frank tinha dado refúgio a ele em sua casa enquanto a pressão se exercia, o tinha exortado a lutar pelo cargo e feito

uma grande contribuição para seus custos com a justiça. Depois da renúncia de Nixon, ele foi um dos primeiros a oferecer conforto quando o ex-presidente saiu do isolamento.

Watergate perturbou Frank um pouco. Seu único comentário, em uma conversa com Tina, foi um “ninguém é perfeito”, acompanhado de um levantar de ombros. Realmente parecia que Frank estava acenando um adeus para sua lealdade quando, três meses depois da renúncia de Nixon, apareceu em uma arrecadação de fundos do estado de Nova York para os democratas. Seu percurso, entretanto, estava determinado. De Gerald Ford a Reagan – e Frank tinha sido mais discreto durante a presidência de Jimmy Carter – e aí, de Reagan a George H. W. Bush, ele se aqueceria na luz do sol republicana.

Na realidade, a nova afiliação de Frank não chegou a mudá-lo, de acordo com Tina, que disse que ele continuou a apoiar causas liberais – como a do direito das mulheres ao aborto, ou de uma reforma do uso de armas. Segundo ela, ele seguia “sua própria batida”.

Ainda na administração de Kennedy, de acordo com um de seus amigos mais próximos, Frank tinha imaginado que poderia ser homenageado com um cargo de embaixador. “Ele deu o sangue, trabalhando para Kennedy, na esperança de que teria aquilo”, lembrava-se Sonny King. “Aí, o mesmo aconteceu com Ronald Reagan, e novamente isso não se concretizou. Ele se tornou amargo com relação à política, e triste.” Aquela era uma aspiração absurda. Um interrogatório sobre Sinatra em uma audiência de confirmação[191] teria sido um empecilho para qualquer administração.

Gore Vidal, um Democrata liberal, achava Frank “uma criatura imparcial da direita americana... um Fausto ítalo-americano cujo acordo com o diabo republicano levou a lugar nenhum”. Joseph Cerrell, um consultor político que trabalhou com Frank antes mudança de lado, foi mais preciso. “Eu acho que Sinatra está na categoria de quem faria isso pelo seu ego... ele gosta de atenção. Eu acho que ele ainda é um garotinho de Hoboken que gosta de ser bajulado por presidentes.”

Outro fator pode ter contribuído para Frank abandonar os Democratas em favor dos Republicanos. Shirley MacLaine ficou sabendo, na época em que ele mudou de lado, disse ela, que o fez sob pressão da Máfia. A Máfia, no entendimento dela, tinha concluído que para eles a grama tinha se tornado mais verde do lado republicano do muro político.

DEPOIS DO PERÍODO MAIS EXPLÍCITO DE BAJULAÇÃO, na recepção de 1973 na Casa Branca, Nixon fez uma sugestão: “Você deveria sair deste afastamento”, disse a Frank. O presidente estava pregando para um convertido.

“Eu não achava que ele ficaria afastado”, se lembrava Bill Miller, pianista de Frank por quase quarenta anos. “Eu estava vivendo de adiantamento naquela época, e não de salário, e assim foi por um ano e meio. Então, eu sabia. Por que mais ele me manteria por perto como empregado?”

“Um grande artista é um grande artista”, disse Bob Regehr, executivo da Reprise. “Quantas vezes Judy Garland não disse que ia se aposentar? E a cada vez, ela voltava. Cantores se aposentam, atores de aposentam, toureiros se aposentam, mas eles sempre acabam voltando.”

O próprio Frank alegou que nunca tinha dito que estava finalizando tudo, que ele queria apenas um descanso. Ele estava mentindo quando disse que a ideia de que teria falado em “aposentar” era apenas “uma invenção da imaginação de alguém”. A pressão para voltar, disse ele, tinha vindo de seus filhos e de trinta mil cartas de “pessoas que queriam me ouvir cantar”. Com mais sinceridade, acabou admitindo que simplesmente “sentia falta do mundo louco do *show business*”.

A mudança radical de estilo de vida, de uma agenda frenética para gastar tempo em casa, não funcionou. Rosalind Russell disse que Frank simplesmente se entediou. “Ele não aguentou aquilo”, disse o copista de música Vern Yocum. “Ele tinha vivido com toda aquela adulação, a reação espontânea das pessoas, que era como seu alimento. Ele não conseguia viver sem aquilo.”

O retorno começou à guisa de apresentações “privadas” em eventos públicos. Em fevereiro de 1972, havia apenas sete meses “afastado”, Frank tinha cantado em show organizado pela polícia em Palm Springs. Na primavera, tinha se apresentado em uma Noite de Boas-Vindas a Ted Agnew em Baltimore. Em abril do ano seguinte, três dias depois do concerto para Nixon na Casa Branca, foi anunciado que Frank estrelaria em um especial de TV de uma hora. Discussões tinham começado sobre um retorno a Las Vegas, e ele estava trabalhando em um novo álbum, *Ol’ Blue Eyes Is Back*. Frank nunca tinha sido chamado de “Ol’ Blue Eyes” – aquilo foi ideia do diretor de arte da Reprise – mas o rótulo logo caiu na boca das pessoas no mundo todo.

O concerto televisionado marcando o retorno “oficial” de Sinatra começou do jeito que tinha terminado o show de encerramento de sua carreira, com seu rosto iluminado por um único holofote. A plateia deu a ele boas- vindas

arrebatadoras, embora avaliações e críticas tenham sido menos animadoras. O novo álbum se saiu bem, mas não foi um sucesso esmagador.

No ano anterior, quando Frank tinha cantado para Agnew, sua voz tinha soado um pouco "rachada", como escreveu Sally Quinn do *Washington Post*. Ele tinha pedido desculpas para a plateia, na ocasião, e então fez vocalizes por meses para fazer a voz ficar novamente em forma. Entretanto, ela ainda soava um pouco enferrujada para o repórter Dwight Whitney, trabalhando para o TV Guide na gravação daquele concerto. O lábio de Frank tremeu quando começou a cantar e ele errou uma das letras. Cecil Smith do *Los Angeles Times* notou que o rosto debaixo do holofote "estava agora mais ofegante, arredondado na mandíbula", e Frank tinha uma pança. Ele tinha quase 58 anos, tinha castigado seu corpo durante toda a vida adulta, e agora apareciam os efeitos.

Naquela noite, e em dezenas de vezes no ano que se seguiu – em Las Vegas, Miami, Los Angeles, Boston, Buffalo, Filadélfia, Pittsburgh, Nova York, Japão e Austrália – ele cantou uma canção que, como *My Way*, era uma versão inglesa de uma original francesa, com letras em inglês de coautoria de Paul Anka:

> *I know I said that I was leaving*
> *But I just couldn't say good-bye*
> *It was only self-deceiving*
> *… Let me try again.*[192]

Quando cantou *Let Me Try Again*, no final de 1974, no Madison Square Garden, vinte mil pessoas bramiam com aplausos. "Ah, Frankie sempre amado", escreveu a ex-*bobbysoxer* Martha Lear na seção de artes do *New York Times*, "aqui estamos no Garden dançando de rosto colado, e à meia luz, e é tudo tão adorável... É *Ol' Blue Eyes* agora, com a barriguinha, a papada e a peruca, e o diabo. Os olhos azuis ainda queimam, as mangas da camisa ainda são incomparavelmente acertadas, o estilo ainda está todo lá, e o que sobrou da voz faz comigo o que nenhuma voz faz, e sempre será assim". Um concerto que se deu por volta da mesma época no Carnegie Hall foi descrito na *Newsweek* como "o Woodstock dos velhões".

Outros concordavam sobre a voz de Frank, mas para além disso viam pouco a enaltecer. "Aquele estilo que ele estabeleceu era grande o suficiente e amplo o suficiente para conduzir a carreira de mais doze artistas", escreveu Ralph Gleason na revista *Rolling Stone*, lembrando de 1941, "mas Ol' Blue Eyes é um

entrave que Frankie nunca foi... É simplesmente esquisito vê-lo agora todo lustrado como um manequim de cera, com aquele tapetinho na cabeça, parecendo um idiota, e seu movimento no palco, que antes tinha o ritmo de uma pantera, é agora um atropelo constrangido."

"A possibilidade de sua presença é ocasião para guarda-costas e telefonemas confidenciais, grandes planos de segurança e um manto de sigilo... Eu não acho que alguém além desses palhaços da folha de pagamento dele realmente acha que esta panóplia de poder seja necessária... Para Frank Sinatra, cuja voz fez dele amigo de milhões de americanos, continuar como um ditador caribenho escondendo a história com guarda-costas e uma polícia secreta é algo simplesmente obsceno... Acho que ele foi parar em algum lugar que fez dele estranho para mim, de um jeito que ele nunca tinha sido antes."

Thomas Thompson catalogou os episódios sórdidos mais recentes e expressou indignação sobre os insultos às jornalistas (Maxine Cheshire não tinha sido a única vítima de Frank), a surra em um hóspede do hotel em um banheiro em Palm Springs, o apoio ao corrupto Agnew. "Frank está de volta ao palco", notou Thomas, "uma carranca escurece seus olhos azuis como uma tempestade no fim da tarde, estrelando, desta vez, em um drama sem fim com cenas tão feias e desagradáveis que fazem você querer seu dinheiro de volta... Não consigo nem chegar perto de entender este homem – de fato, duvido que ele entenda a si mesmo."

George Frazier, o lendário crítico do *Boston Globe*, se dirigiu a Frank de forma direta: "Durante toda a sua vida, você quis ser um grande homem, mas o tipo errado de grande homem... Você é um caso triste, Frank. Acho que você é o melhor cantor que já existiu, mas acho também que você é um fracasso lamentável como ser humano".

"Não se preocupe comigo", assegurou Frank a Tina mais uma vez depois da morte de um amigo próximo. "Eu nunca vou ficar velho". No entanto, ele fazia 59 quando 1974 acabou, e ainda estava sozinho.

33
Barbara

QUATRO ANOS ANTES, quando Marianna Case estava se encontrando com Frank, ela ficou sabendo de uma mulher mais velha, chamada Barbara Marx, que às vezes aparecia na casa de Palm Springs. Uma vez, quando Marianna sentou-se à direita de Frank para jantar, ele colocou Marx sentada à sua esquerda. Ela olhava fixamente para Marianna, fazendo-a se sentir "desconfortável". Tempos depois, Lois Nettleton também conheceu Marx. Lois achou que a maneira vigorosa com que ela falava com Frank sugeria que os dois conheciam bem um ao outro. "Ela estava tentado persuadir Frank a voltar, para sair do afastamento. Ela parecia estar mesmo insistindo sobre esse assunto. E, finalmente, ele disse: 'Pare com isso!', ou algo de mesmo efeito. Eles pareciam próximos, mas nunca pensei nisso como algo romântico." Em um encontro posterior, entretanto, o radar feminino de Lois pegou, enfim, alguma coisa no ar. Marx parecia, agora, curiosamente possessiva com Frank. E ela chegaria a ter direito para ser.

Barbara Marx era esposa de Zeppo, o mais jovem dos irmãos Marx e, embora Frank fosse mantê-la mordendo a isca por muito tempo enquanto saía com outras mulheres, Barbara viria a se tornar a quarta Sra. Sinatra.

Barbara foi registrada Barbara Blakeley em 1927, em Missouri, filha de um açougueiro de uma cidadezinha que passou por tempos difíceis, se mudou, e acabou se estabelecendo com sua família em Long Beach na Califórnia. Segundo um fragmento de certa memória escrita por um *ghost-writer,* projeto que ela encomendou e depois abandonou, ela teria crescido prometendo a si mesma que "perseguiria uma vida de agitação".

Quando estava na adolescência, Barbara era alta, "estirada" e loira. Ela participou de concursos de beleza e conseguiu trabalho em Nova York por um

tempo. Ela se casou com um jovem aspirante a cantor e deu à luz um garotinho. De volta a Long Beach, quando o casamento fracassou, manteve uma escola de formação de modelos por um período. Aquilo se provou não ser suficientemente compensador e nem emocionante o bastante. O "anseio secreto" de Barbara, dizia ela, era morar em Las Vegas.

Ela se mudou para lá com seu jovem filho quando estava perto dos trinta anos de idade e se tornou uma *showgirl* no Riviera. O hotel, administrado pela Máfia, como tantos outros em Las Vegas, ostentava um cassino, duzentos e cinquenta cômodos e uma piscina gigante a céu aberto. As *showgirls* e dançarinas, rodopiando em seda e lantejoulas, eram uma das principais atrações. Segundo Ed Becker, que era diretor de entretenimento do Riviera na época, o trabalho delas no palco era de serem "belos objetos". Fora do palco, depois do show da meia-noite, "elas tinham que passar uma hora ou duas no *cocktail lounge* do *lobby,* como que acessíveis a apostadores perdulários". O hotel era famoso como o "lugar de encontro para celebridades", e Barbara pescou um peixe pequeno.

Zeppo Marx era um *habitué* do cassino. Ele vinha noite após noite, como lembrava Becker, "com a língua de fora, lambendo Barbara". Zeppo e Barbara se tornaram um casal e se casaram em 1959. Ele tinha 58, e ela, 32. Ela mudou para a casa dele em Palm Springs e se tornou uma figura decorativa da sociedade local. A vida de Barbara transformou-se em uma longa rodada de manhãs no campo de golfe ou na quadra de tênis, almoços no Racquet Club e jantares fora.

Um dia, provavelmente menos de um ano depois, Ava Gardner chegou a Palm Springs em uma de suas ocasionais visitas para ver Frank. Enquanto Ava esperava por Frank, como lembrava Barbara, ela decidiu que queria jogar uma partida de tênis. "Eu liguei para o Racquet Club e pedi por alguém que pudesse vir e jogar comigo. Um profissional veio e disse: 'sra. Sinatra, Barbara Marx mora do outro lado do canal e ela adora tênis. Por que você não a convida? Poderemos jogar em duplas.'"

"Nós jogamos tênis aquela tarde e estávamos sentadas tomando uma Coca-Cola quando Frank chegou. Eu o apresentei para Barbara e para os outros. Ele ficou lívido... Ele só esperava chegar em casa, e lá estava uma penca de estranhos. Aquela foi a primeira vez em que se encontraram. Eu o apresentei para aquela vaca!"

Barbara aparecia na casa frequentemente durante os anos 1960, lembrava George Jacobs. "Zeppo tinha seus sessenta anos e estava sempre doente, e

muitas vezes, à noite, quando ele ia dormir, Barbara saía furtivamente e ia visitar o Sr. S... Ela morava atravessando a pista de golfe, na nossa frente. E ele dizia: 'Quem diabos a chamou para vir aqui?'. No começo, ele a odiava. Ele não quis ter nada com ela, e a todo lugar que íamos ela aparecia. Ele dizia: 'Quem continua a convidando para estar por perto?'" Quando chegou o verão de 1971, onze anos depois do primeiro encontro dos dois, a relação com Barbara parecia não ter ido a lugar algum. Tina achava que Barbara era apenas "um tapa buraco, coisa de uma noite só, com visto prorrogado".

Ela estava errada. Em 1974, Barbara estava divorciada de Marx e era vista constantemente com Frank. Ele não tornava as coisas fáceis para ela. Embora a própria Barbara gostasse de uma bebida, ela frequentemente se sentava em silêncio enquanto Frank festejava com seus camaradas mais grosseiros. Ela preferia que ele "saísse com a elite", como disse Joey Villa, amigo de Jilly Rizzo. Frank se encontrava com outras mulheres e Barbara desaprovava isso. Mesmo assim, ela nunca desistiu.

Na primavera de 1976, dezesseis anos depois do primeiro encontro dos dois, Frank pediu a Barbara que se casasse com ele. Ele chegou inesperadamente em uma reunião de família com sua pretendente a noiva no braço, usando, como se lembrava Tina, um anel "com um diamante do tamanho de um ovo de codorna". Ele não tinha dito às suas filhas que estava ou ia ficar noivo. Dolly Sinatra não tinha engolido Barbara. "Não quero nenhuma prostituta entrando nesta família", tinha dito. Em vez de enfrentar sua mãe, Frank mandou seu advogado informar-lhe que ia se casar novamente.

O casamento, em 11 de julho, foi um evento grandioso na casa do ex-embaixador Walter Annenberg. Os mais de cem convidados incluíam Ronald Reagan – que interrompeu sua campanha presidencial para vir ao casamento –, Spiro Agnew, Gregory Peck e Kirk Douglas, todos com suas esposas, e o cirurgião cardíaco Michael DeBakey, que tinha cuidado do pai de Sinatra durante a fase final de sua doença. A dama de honra da noiva foi Bea Korshak, esposa do advogado e sócio da Máfia Sidney Korshak. As filhas de Frank foram ao casamento, mas Frank Jr., não. Apesar de todas as tormentas, sua mãe estava presente.

O casal fez seus votos, de acordo com a reportagem no *Ladies' Home Journal*, "diante de uma lareira de mármore negro coberto com árvores de gardênia e dois pássaros esmaltados segurando mais flores brancas, delicadamente, com seus bicos". Quando o juiz perguntou a Barbara se ela

aceitaria Frank para viver “na riqueza e na pobreza”, Frank respondeu por ela. “Na riqueza, na riqueza”, ele brincou. O presente de casamento dele para ela foi um Rolls-Royce azul-pavão. Ela deu a ele um Jaguar verde. Na recepção, após a cerimônia, Sidney Korshak silenciosamente entregou a Tina uma caneta barata. Ele incentivou que ela guardasse como um *souvenir* porque, como disse, aquilo tinha lhe poupado uma bela soma de dinheiro. Frank e Barbara tinham usado a caneta, explicou ele, para assinar um acordo pré-nupcial. Segundo Tina, em seu livro *My Father's Daughter*, o acordo estipulava que o espólio existente de Frank, bem como seus ganhos futuros, não iriam para Barbara. Garantia, contudo, que ela fosse provida de uma mesada generosa. Como escreveu Tina, Barbara tinha recusado a assinar o acordo até o último momento possível.

Frank tivera suas dúvidas sobre se casar com Barbara, da mesma maneira que tivera anteriormente ao se casar com Mia. Algo em torno de um ano antes, ele tinha sido acompanhado em Lake Tahoe por sua primeira mulher, Nancy, que depois chamou uma das filhas para confidenciar que estava prestes a sair de férias com o ex-marido. Eles passaram muitos dias juntos, e então, lembrava Tina, tiveram um “interlúdio romântico” na casa de Palm Springs. Mais tarde, apenas alguns minutos antes de se casar com Barbara, Frank contou às filhas que ele vinha acalentando esperanças de se reconciliar com Nancy –vinte e cinco anos depois do divórcio entre eles.

Ele também vinha se agarrando, mais do que nunca, à fantasia de que ele e Ava pudessem ter um novo começo. Pete Hamill tinha recentemente encontrado Ava embriagada no apartamento de Frank em Nova York. “Frank tinha ligado para ela em Londres”, disse a amiga da atriz, Spoli Mills, “e aberto seu coração”.

Mesmo quando o casamento com Barbara estava marcado, segundo disse a acompanhante de Ava, Reenie Jordan, Frank “ligou para ela diversas vezes e perguntou se ela voltaria... Eu perguntei a ela por que ela disse ‘não’, e ela respondeu: ‘Reenie, Frank está ficando velho e precisa de alguém para estar lá com ele. Você sabe que não vou aceitar essa merda e ficar lá, com todos os amigos dele. Mas Barbara vai ficar com ele. Ele terá alguém junto dele’... Na última ligação que ele fez antes de se casar novamente, Ava disse a Frank para se casar com Barbara”.

“Nenhuma grande novidade”, Ava rabiscou em uma carta para Mills, “Frank e sua garota finalmente amarraram seus laços ontem. Esse casamento certamente acabou com a chance de sermos convidados para a casa em Palm Springs... Preciso de férias... Estou com uma ressaca monumental.”

Estar casado, disse Frank nove meses depois, dava a ele um “tipo de tranquilidade maravilhosa”. Parecia também que ele tinha renovado seu apetite pelo trabalho. Ele fez noventa e duas apresentações naqueles nove meses em que ficou sozinho. Agora, haveria mais de mil performances ao vivo entre 1970 e 1990.

“Tenho 61 anos de idade”, disse ele em 1977. “Vou continuar o que estou fazendo por mais cinco ou seis anos e depois vou sair fora dessa antes que se torne um tédio... Vou pegar meu seguro social e vou para casa, quando chegar a hora.” A outro entrevistador, ele disse, com mais clareza, quando tudo foi acontecendo, que não desistiria até “que eu não consiga mais trabalhar”.

Frank agora passava bem menos tempo no estúdio de gravação. Seus três novos álbuns nos catorze anos até 1990 iriam para as paradas, mas apenas um, *Trilogy*, seria um grande sucesso. Um *single*, *New York*, *New York*, foi uma canção de grande sucesso em vendas, o último dele, e se tornou uma marca indelével de sua lenda:

> *...if I can make it there, I’ll can make it anywhere,*
> *It’s up to you, New York, New York.*[193]

Frank cantou esta canção em público, pela primeira vez, em outubro de 1978 durante um evento beneficente no Waldorf-Astoria. No ano anterior, quando a canção tinha sido tema do filme de mesmo nome, não tinha decolado. Quando cantada ao vivo por Frank, foi um sucesso de parar o show. Foi em 1979, em Los Angeles, que ele fez a gravação que ainda hoje permanece. Ela veio como um nova afirmação pessoal desafiadora, bem como um hino à cidade.

Em junho de 1980, em uma febre de antecipação, os nova-iorquinos se aglomeraram para ouvir Sinatra no Carnegie Hall. O colunista Don Freeman, do *Union-Leader*, de São Diego, se lembrava de como, ao ouvir as primeiras tentativas da canção, a audiência “explodiu em uma saraivada de palmas em reconhecimento carinhoso. Sinatra, o sábio *showman*, aproveitou o aplauso e o ânimo para alcançar um pico de altos decibéis e depois diminuir para um tempo delicioso, um silêncio cheio de expectativa. Sinatra, o artista, levaria a plateia às alturas novamente, mas de seu jeito. Ele pitou um cigarro, tomou um gole de vinho. E, então, cantou *New York, NewYork*… Inesquecível”.

Milhões no mundo todo ouviriam Frank cantar a música ao vivo – ele comumente a fazia para finalizar –, já que a cantou por muitas vezes. Ele fez a

última longa etapa da carreira como a tinha começado, no palco. Houve apresentações internacionais que fizeram notícia: diante da realeza e outras celebridades no Royal Albert Hall de Londres – sarristas disseram que o espaço deveria ser renomeado para Francis Albert Hall; no deserto egípcio, à noite, sob o nariz da Esfinge [de Ginzé] – "a maior sala em que cantei", disse Frank; e diante de umas cento e setenta e cinco mil pessoas no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro – o que foi, naquela época, segundo o *Guinness Book of Records*, a maior audiência já reunida por um artista solo.

Era raro o mês em que Frank não estava na estrada para algum lugar, de grandes lugares em Las Vegas, Nova York e Los Angeles até cidades menores, como Saratoga, Devon, Pensilvânia, Clarkston, Michigan e São Carlos na Califórnia. Os americanos devem ter visto mais de Sinatra nas últimas décadas do cantor do que em toda sua carreira até então.

MUITOS OUVIRAM FRANK CANTAR uma canção intitulada *Barbara*:

...the song I'm singing my whole life long.

There's no one just like her, like Barbara...[194]

Frank tinha encomendado a canção em homenagem à sua nova esposa. O compositor Will Friedwald, que chamou a canção de "decepcionantemente inferior", estava sendo educado. Barbara viajava com Frank para quase qualquer lugar a que ele ia e ele a descrevia como "a luz do sol da minha vida".

Barbara mudou drasticamente a casa de Palm Springs, e a roda de amigos de seu marido já não tinha a proximidade de antes. Yul Brynner, um amigo há vinte anos, não se sentia mais bem-vindo. Até mesmo Jilly Rizzo se tornaria *persona non grata*. Com a ajuda da amiga Bea Korshak, designer de interiores entre os descolados, Barbara tinha dado um novo visual à propriedade. Ela remodelou a casa principal, instalando uma suíte para seu uso pessoal, cheia de espelhos. Ela se livrou de muito do que era cheio de laranja, ao gosto de Frank – mobília laranja, carpetes, cortinas, toalhas e a geladeira laranja. Prédios e quartos foram purgados dos nomes que Frank lhes tinha dado. "A maioria daqueles amigos não estava mais viva", acusou Barbara, e ela e Korshak renomearam em homenagem às canções dele. O prédio principal se tornou o *The House I Live In*[195]; a sala de projeção, *Send in the Clowns*[196]; dois dos quartos de hóspedes, *High Hopes*[197] e *Young at Heart*[198] ; e outro – instalações que tinham sido usadas por John

Kennedy –,*The Tender Trap*[199]. O escritório de Frank se tornou *My Way*[200]; um quarto separado que ele mantinha, *I Sing the Songs*[201]. Em um canto do quarto, de acordo com a *Architectural Digest,* ficava uma estatueta de São Francisco. O quarto de Barbara foi batizado de *True Love*[202].

"Tudo o que ela quer é fazer Frank feliz", disse Irene, mãe de Barbara, "é seu único objetivo na vida". Ninguém falava mais de Frank ter casos extraconjugais. Falava-se que Frank tinha moderado seus hábitos de beber, que dormia melhor, que tinha se acalmado. "Ele parecia não ter nada do nível de energia que alguém podia esperar", lembrou o escritor Charles Higham sobre um encontro em 1982. "Ele estava silenciosamente cortês".

Finalmente, lá estava uma mulher capaz de desafiar a autoridade de Frank e, em grande parte do tempo, acabar com ela. "Barbara começou a escolher com quem Frank podia ou não se encontrar", lembrou Leonora Hornblow. Mesmo assim, Barbara não conseguia que as coisas fossem sempre do jeito que ela queria. Em um verão, ela tentou levar o marido em férias para o lado descolado de Long Island. "Você consegue me imaginar passando as férias nos malditos Hamptons?" perguntou Frank a Larry King em particular. "Sinatra nos Hamptons!... A única coisa que eles fazem e que eu gosto é de beber."

Quando Barbara achava que Frank estava sendo generoso demais, ela intervinha. Durante o jantar, uma noite, quando Merv Griffin admirava o isqueiro de ouro requintado de Frank, o cantor disse, como costumava fazer, que Merv ficasse com o objeto. No entanto, quando a refeição acabou, Barbara pegou o isqueiro de volta. "Frank não está sempre certo", disse ela.

Nancy e suas filhas ficaram injuriadas de saber que Frank estava planejando a adoção legal de Bobby, o filho de Barbara que tinha 26 anos. Ele acabou abandonando a ideia, mas desapontou ainda mais a família quando obteve a anulação de seu casamento católico com Nancy. Elas ficaram sabendo desta notícia primeiramente pelos jornais. Nancy se sentiu "traída", disse Tina, "tanto pelo homem que ela amava quanto pela igreja na qual ela acreditava". Embora a anulação estivesse ornamentada de palavrório religioso e legitimidade formal, era como uma zombaria do conceito de casamento da maioria dos católicos.

Barbara, neste ínterim, tinha se convertido ao catolicismo, tornando possível seu casamento com Frank na igreja. Para o resto da família, aquela cerimônia foi mais um insulto. O casamento durou, embora não tenha ficado ileso de problemas e de uma curta separação. Tina, que tinha se tornado uma executora

da vontade do pai, começou a se preocupar com que o “legado de papai” se dissipasse. Era o começo de uma desagradável e prolongada contenda.

Dolly Sinatra, no meio tempo, tinha falecido aos oitenta anos de idade. Seis meses depois do casamento de Frank com Barbara, seu avião alugado tinha sido esmagado contra o Monte San Gorgonio, perto de Palm Springs. Ela estava, na ocasião, a caminho de Las Vegas para ver seu filho se apresentar, e sua morte o deixou em desalento. Por algum tempo depois ele passaria horas e horas com o olhar desesperançado, sem dizer nada. “Eles tinham brigado durante a infância dele e continuaram brigando até o dia da morte dela”, escreveu sua filha Nancy. “Mas eu acredito que para contrariar a fortaleza dela ele desenvolveu a própria... Agora, havia uma lacuna. Um grande vazio de amor.”

“Ele foi outro homem depois da morte de Dolly”, disse Sonny King. “Frank não era de frequentar igrejas. Mas, duas semanas depois de ela ter morrido, eu estava na igreja em Vegas – a Guardian Angel Cathedral – e senti um tapinha no ombro, me virei e lá estavam Frank e Barbara. Eu segurei a mão dele, e ele a minha. Ele estava chorando... Embora ele tivesse saído da toca depois de pouco tempo do ocorrido, ele estava devastado daquele jeito.”

34
A fotografia

NO COMEÇO DE 1976, UM HÓSPEDE NO PALM SPRINGS HOTEL, o promotor musical Tommy Marson, pediu para usar o telefone à beira da piscina. O empregado que lhe trouxe o telefone, então, acabou ouvindo o final de uma estranha conversa. Marson parecia enfurecido, autoritário.

"Ele disca o número", disse o empregado, "e eu o ouço dizer: 'Frank, preciso de você no Westchester [Premier] Theater' – ele especificou exatamente quando precisava dele – 'Frank, não estou nem aí para o que você tem que fazer. Esteja lá'. E aí, bate o telefone. Não era um pedido. Era uma ordem."

O teatro era em Tarrytown, Nova York, e Frank se apresentou lá como exigido, durante dez noites em abril de 1976, nove noites em setembro e outubro, e oito noites em maio do ano seguinte. Logo, porém, a despeito de suas apresentações e das de outros artistas, o teatro novo em folha fechou. Tinha sido uma operação da Máfia financiada com dinheiro da Máfia, e uma demorada investigação que se seguiu levou a uma série de processos envolvendo fraudes com ações, extorsão e crimes de sonegação. Onze acusados acabaram indo para a prisão ou pagaram multas pesadas.

Embora não tenha sido acusado, Frank e dois parceiros próximos ficaram sob suspeita. Nathaniel Akerman, subprocurador dos Estados Unidos, disse que fora testemunha de que Jilly Rizzo tinha recebido parte do dinheiro sonegado, e que tinha "evidências gravadas em fita" de que o advogado de Frank, Mickey Rudin, recebera cinco mil dólares. Informação recolhida de escutas telefônicas de uma das secretárias de Frank, segundo documentação relacionada ao primeiro dos processos jurídicos, mostrava que ela tinha sido "bem informada sobre um aspecto da sonegação da renda dos shows". Em resumo, Akerman escreveu que outra pessoa, "uma das testemunhas do cúmplice", tinha afirmado que "Sinatra

tinha recebido cinquenta mil dólares em dinheiro por debaixo dos panos para a primeira série de concertos.”

Outra escuta telefônica gravou uma conversa entre dois dos homens que foram presos depois, o mafioso Gregory DePalma e o diretor de teatro Eliot Weisman, que se tornaria agente de Frank depois de cumprir a pena na cadeia. DePalma disse a Weisman:

> Você tinha que ter visto os ótimos momentos que tive com[Sinatra] na noite passada... Ele, Barbara e Jilly... Eu estava contando a Frank tudo sobre o ponto... Se conseguíssemos algum financiamento. Algo como sete milhões e meio de dólares. Ele diz: “Vamos conversar melhor. Eu e você... Eu tenho o que precisamos no camarim”. Eu digo: “Ah, é, fácil, acredite em mim”... Dá pra montar nesse cara, fácil, fácil.

A evidência 181, apresentada pela acusação em um interrogatório prévio, em novembro de 1978, era uma fotografia de Frank, com uma camisa aberta no pescoço, e outros oito homens vestidos de terno. Frank tinha um sorriso aberto no rosto, como quase todos os outros, e seus braços envolviam os ombros dos dois homens mais próximos dele.

O terceiro da direita para a esquerda, na linha de trás, era o chefe da Máfia de Nova York, Carlo Gambino. Na extrema esquerda estava seu escolhido sucessor, Paul Castellano, e, sentado em primeiro plano, estava seu sobrinho Joseph Gambino. Também estavam na fotografia Jimmy “The Weasel” Fratianno, uma figura reconhecida da Máfia da Califórnia que mais tarde se tornou informante do FBI, e Salvatore Spatola, descrito na época como um “membro renomado do crime organizado” e que foi depois identificado pelo FBI como um soldado de Gambino. Agachado ao lado dele estava Richard “Nerves” Fusco[203], que gerenciava falsificação de notas fiscais em Westchester e que iria para a cadeia por sua participação no cambalacho.

Os homens que Frank envolvia com o braço, na foto, eram DePalma, o homem de Gambino que administrava as concessões no teatro, e Tommy Marson. Três dos homens na fotografia eram acusados no caso, e ninguém contestaria o fato de que a foto tinha sido tirada no camarim de Frank, no Westchester. O negativo da fotografia já tinha sido destruído na época em que o FBI conseguiu a foto de um informante. O homem que tinha tirado a foto, lembrou o promotor dos Estados Unidos, “cagou de medo” quando foi intimado

pela promotoria.

Frank não fez comentário algum quando a foto foi publicada. Seu publicitário, Lee Solters, respondeu à pergunta do repórter dizendo: “Eu não ouvi uma palavra do que você disse”, e então, quando pressionado, disse: “Não posso dizer nada”. Dois anos depois, quando o Nevada Gaming Control Board o interrogou sobre a foto, Frank disse que ele estava sempre sendo solicitado pelas pessoas para posar em fotografias. Segundo ele, alguém dizia: “Você tiraria uma foto com três chineses de Hong Kong? E eu digo: ‘Beleza’. Então, eles tiram uma foto. Eu não tenho como saber a reputação deles. Eu não vou pedir para fazerem um teste de saliva, porque isso ia deixar todo mundo constrangido.”

Frank deu ao comitê sua versão de como a fotografia do Westchester teria sido tirada. “Fui chamado por um dos membros do teatro – quem ele era não é da minha conta –, ele disse que o Sr. Gambino tinha chegado com sua neta, cujo nome (coincidentemente) era Sinatra. O pai dela é médico em Nova York, sem relação nenhuma... E eles queriam tirar uma foto. Eu disse: ‘Beleza’”.

“Eles entraram e eu tirei uma foto com a garotinha, e antes que percebesse, tinha oito ou nove homens de pé em volta de mim, e muitas outras fotos foram tiradas. Isso foi tudo o que se passou.”

Frank disse que, na época, não sabia nada sobre a vida daqueles homens na fotografia, e que continuava não sabendo. Ele nunca tinha encontrado Carlo Gambino. Frank informou que ele conhecia Marson e que tinha encontrado Fratianno – que alegava conhecer apenas por Jimmy – apenas uma vez, na casa de Marson. Segundo Frank, ele estivera completamente desavisado dos lances sujos naquele teatro.

Fratianno diria que Frank tinha recebido Carlo Gambino em seu camarim “com um beijo e um abraço”, na noite em que a fotografia foi tirada. Neste meio tempo, como mencionou o médico de Frank em Nova York, o afilhado de Gambino devia ter se tornado conhecido de Frank – ele tinha sido do comitê para a American-Italian Anti-Defamation League. Fratianno disse ter se encontrado com Frank mais do que admitiu o cantor. Eles tinham se encontrado pela primeira vez, disse o mafioso, não no fim dos anos 1970, mas no começo dos anos 1950. DePalma e Frank, evidências de escutas telefônicas do FBI indicam, tiveram importantes conversas, pelo menos duas vezes.

Os procuradores estavam especialmente interessados em um acusado que *não* estava na fotografia. Este era Louis “Louie Dome” Pacella, um proprietário de restaurante de Nova York, preso por sonegar cinquenta mil dólares em impostos

dos rendimentos do Westchester. Pacella, disse o procurador em um depoimento da corte, tinha conhecimento do "envolvimento de Frank Sinatra, Mickey Rudin e Jilly Rizzo na sonegação da renda dos ingressos." Pacella, entretanto, se recusou a responder, ao grande júri, a questões sobre Frank, e seu silêncio o levou a uma acusação por desobediência e tempo adicional na prisão.

Indagado sobre Pacella pelo Nevada Gaming Control Board, Frank admitiu que ele era um bom amigo. Frank disse que tinha se tornado fã de Pacella durante visitas ao restaurante dele em Manhattan. O advogado de Pacella colocou mais vigorosamente: "Você verá", disse ele à corte, "que Frank Sinatra e Louis Pacella eram muito, muito, muito próximos e caros amigos. Na verdade, as evidências vão mostrar que eles eram irmãos, não porque compartilhavam os mesmos pai e mãe, mas porque compartilhavam amor, admiração e amizade por muitos, muitos anos."

Dizia-se que Pacella era um *capo* da família genovesa do crime e, segundo o Drug Enforcement Administration[204], ele traficava heroína. Ele tinha herdado uma tarefa especial. "Depois de Sam Giancana ter sido assassinado", disse Philip Leonetti, um mafioso de alto nível que depois se tornou informante do FBI, "Pacella assumiu o controle de Frank Sinatra."

Em janeiro de 1981, na noite de sua posse, o presidente eleito Reagan foi indagado sobre o que achava de Frank e o caso de Westchester. De acordo com o *Philadelphia Inquirer,* Reagan teria respondido: "Nós ouvimos estas coisas sobre Frank há anos e esperamos apenas que nenhuma delas seja verdade". Não foi uma declaração vibrante de crença na inocência de Frank. No entanto, Reagan já tinha pedido a Frank que se apresentasse em sua cerimônia de posse.

Tudo tinha acontecido em harmonia entre os dois homens desde 1970, quando Frank deu suporte a Reagan para ele se reeleger como governador. Reagan tinha feito o impossível para demonstrar sua amizade pelo homem que já o tinha chamado de palhaço. Ele esteve presente tanto no casamento de Frank e Barbara quanto no funeral de Dolly Sinatra.

Na campanha presidencial, no ano anterior, Frank tinha ridicularizado Jimmy Carter, o Democrata candidato à reeleição, como "nosso presidente fada dos dentes", também conhecido como "Mickey Mouse", enquanto conseguia altas somas para os Republicanos, se apresentando para a arrecadação. "Não é todo candidato que tem o rei na barriga", disse Reagan, inabalado pelas manchetes sobre Frank e a Máfia.

Frank estava “exultante”, reportou o colunista James Bacon, quando perguntado sobre produzir a cerimônia. Embora repudiado como “tão desprezível quanto um show de Las Vegas”, pelo crítico Rex Reed, e como “um baile da tintura para cabelo Grecian Formula”, pelo colunista Rex Winston, o show levantou cinco e meio milhões de dólares para o Partido Republicano. Frank distribuiu porta-cigarros gravados para os participantes companheiros, como tinha feito depois do concerto para Kennedy em 1961, e foi feliz para casa.

Meses antes, Frank tinha requerido uma nova licença junto à autoridade responsável por jogos em Nevada, e o interrogatório principal diante do Gaming Control Board aconteceu apenas três semanas depois da posse de Reagan. O presidente do comitê declarou, logo na abertura da reunião, que “o ônus da prova para provar adequação é do requerente”. Ainda assim, Frank teve a chance do percurso mais fácil possível. Indagado sobre episódios relativos à Máfia, ele respondeu mais de uma vez com negativas ou ao menos “não sei”. Ninguém o desafiou. Gregory Peck e Kirk Douglas disseram o quanto ele era um bom camarada e elogiaram o trabalho de caridade feito por Frank e sua generosidade. Nem um único especialista no crime organizado foi chamado a depor. Um membro do comitê se declarou “satisfeito” com aquilo, outro enunciou o voto de esperança de que Frank tinha “mudado um bocado”. O presidente do comitê disse que “no meio da jogatina não vamos necessariamente nos deparar com um grupo de garotos de coral”. O comitê conferiu a Frank sua licença e desejou-lhe boa sorte. Os presentes aplaudiram. Robert Lindsey, do *New York Times*, reportou que a busca por fatos feita pelo comitê “parecia ter sido ingenuamente superficial”. Frank, segundo Lindsey, tinha sido tratado com “alguma reverência”.

O procurador-geral nomeado de Reagan, William French Smith, que semanas antes tinha estado presente à comemoração do aniversário de 60 anos de Sinatra, tinha dito brevemente, antes do interrogatório, que ele “desconhecia totalmente quaisquer alegações sobre os bastidores da vida de Sinatra”. Isso depois de mais de dois anos de publicidade sobre o caso Westchester.

Quando fez o requerimento para a licença, Frank tinha listado Reagan como referência. Aquilo, disse um assistente de Reagan na época, não tinha mais relevância do que usar o nome de alguém para solicitar um cartão da Sears, Roebuck. Então, na manhã da decisão da autoridade em jogos, os jornais reportaram que Reagan tinha dito ao comitê por meio de seu procurador que Frank era “uma pessoa de honra – completamente honesto e leal”.

A parceria Reagan-Sinatra continuou a florescer. No mês que se seguiu ao da concessão da licença, quando o presidente levou um tiro e ficou ferido, Frank cancelou sua temporada no Caesars Palace e tomou o avião para Washington, para confortar Nancy Reagan. Tempos depois, durante uma cerimônia de entrega de prêmios pela National Sclerosis Society[205], para a qual Frank era presidente da campanha, ele presenteou o presidente com uma escultura de um cavalo branco com a inscrição: “Para o americano na Casa Branca, nosso presidente, que tem a coragem e a leva com força”. A Frank foi confiada a cerimônia de posse do segundo mandato de Reagan. Na primavera de 1985, Reagan o agraciou com o prêmio da nação pela mais alta civilidade, a Medalha da Liberdade, consagrando Frank como “um de nossos mais extraordinários e distintos americanos”.

FRANK CELEBROU SEU ANIVERSÁRIO DE SETENTA ANOS com pouca farra naquele ano. Quando tinha completado 65, Barbara tinha dado uma festa para mais de duzentos convidados. No ano anterior àquele, ele tinha celebrado seu aniversário, e também o de quarenta anos de sua carreira no *show business*, com mil convidados no Caesars Palace. Dois retratos de Sinatra, especialmente encomendados e medindo vinte e quatro por catorze metros, tinham embelezado a fachada do hotel.

A maioria das pessoas que eram referência em sua vida tinha partido para sempre: Bing Crosby; Harry James; Skinny D’Amato, seu padrinho em Atlantic City; Nelson Riddle, Yul Brynner e Orson Welles tinham morrido com um intervalo de quatro dias, um do outro, isso a dois meses do septuagésimo aniversário de Frank.

Em 1977, depois da morte de sua mãe, Frank tinha dito que estava trabalhando em sua autobiografia. Ele embarcou no projeto, escrevendo à mão e gravando relatos em um gravador de fitas, mas, depois de um tempo, desistiu. Então, em 1983, ele disse que poderia ser “forçado a escrever um livro... para me defender de acusações. Todo mundo, agora, está planejando escrever um livro”.

Na realidade, apenas uma autora independente tinha tais planos. Kitty Kelley, que já era conhecida por suas biografias sem rodeios de Jacqueline Kennedy Onassis e Elizabeth Taylor, estivera investigando a vida de Frank durante o ano anterior. Ela tinha, repetidas vezes, escrito a ele pedindo uma entrevista, mas ele não tinha respondido – a não ser para processá-la, antes que ela tivesse escrito uma única palavra. Ele exigiu de Kelley dois milhões de dólares em

indenizações punitivas, como lembrou a autora, por ela “ousar escrever sem autorização dele. Ele alegou que apenas ele, ou alguém que ele autorizasse, escreveria a história da vida dele... Mais ainda, ele alegou que eu estava me apresentando erroneamente como sua biógrafa oficial para ‘ter acesso e conhecer os aspectos privados de sua vida’. Declarando que eu estava me apropriando mal do nome dele e afins com propósitos comerciais, ele pediu à corte que declarasse embargo”.

A petição não deu em nada. Os meses de competição legal de Frank conseguiram pouca coisa, à exceção talvez de desencorajar alguns potenciais entrevistados. Algumas pessoas, disse Kelley, ficaram “tão horrorizadas que se recusavam a falar comigo por temerem represálias físicas”. Mais de oitocentas outras, contudo, concordaram em falar. O livro de Kelley, *His Way*, publicado no final de 1986, foi para o topo da lista de mais vendidos do *New York Times* e quebrou recordes de venda para o gênero biografia em diversos países. As tentativas de Frank para impedir o livro foi um tiro pela culatra e, em vez do esperado, garantiram à autora e seus editores uma publicidade massiva. Embora o livro fosse negativo demais, Kelley fez um trabalho pioneiro. Ela abriu portas que Frank, por muito tempo, deixara seladas.

“Eu nunca li o livro”, insistiu ele, meses depois do livro ter sido lançado. “Eu nem falo sobre isso.” Dois anos depois, na televisão, ele se pronunciou sobre “proxenetas e prostitutas... parasitas” que escreviam “um monte de bosta” por dinheiro. Isso era o mais próximo que ele chegaria a discutir sobre Kelley em público. Era um tabu, disse à própria família, inclusive mencionar o nome da autora.

A filha Nancy disse que os Sinatra “quase sufocaram nossa dor e raiva”. Em 2004, ela insultou Kelley publicamente, chamando-a de “doença ruim... Eu a odeio... Se eu a encontrasse alguma vez, não sei o que faria. Ela é pura escória”. Tina disse que o livro deixou seu pai doente e, coincidência ou não, o ano em que *His Way* foi publicado marcou o começo de um declínio.

A garganta de Frank tinha lhe dado trabalho nos últimos anos. No verão de 1986, pólipos foram retirados de seu cólon – não eram necessariamente um problema. Foi dito que ele teria cortado os cigarros e, embora houvesse recaídas, também teria cortado a bebida. Ele retomou uma agenda frenética dentro de dez dias do procedimento de retirada dos pólipos, voando para Atlantic City, Honolulu, Los Angeles, Chicago, Madri, Milão, Dallas, Las Vegas, e Atlantic City novamente. Então, dores intensas o forçaram a voltar para o hospital.

Um abcesso no intestino grosso exigiu uma cirurgia mais complicada e uma colostomia temporária. “Se eu não tivesse voltado da viagem em que estava”, disse Frank depois, “eu teria empacotado. Eles teriam flores e uma *big band* atrás do caixão... Foi uma operação de sete horas e meia.” Mesmo assim, ele estava de volta à estrada, espantosamente, dentro de duas semanas – para Las Vegas, Carnegie Hall, Los Angeles, Las Vegas novamente, Honolulu, Chicago, Gênova – sessenta e oito concertos em 1987.

Uma semana e pouco antes do Natal, naquele ano, vestidos em *smokings* para uma conferência matinal de imprensa, Frank, Dean Martin, e Sammy Davis anunciaram que logo embarcariam em uma turnê por vinte e nove cidades, chamada “Together Again”[206]. “Como que respeitando uma novela ruim”, observou Dennis McDougal no *Los Angeles Times*, os três “apoiaram suas respostas em conversas sobre desafiar a morte, cigarros, álcool e orgias até de madrugada”.[207]

Para Martin, que tinha 71 anos, a bebida que antes era um ato agora era refúgio. Ele misturava álcool com analgésicos prescritos e sofria de úlcera e problemas renais. Ele tinha sido arrasado, naquele ano, pela morte de um de seus filhos, Dean Paul, que era piloto da Air National Guard[208], em um acidente aéreo. Davis, agora com 62, tinha abusado do álcool e das drogas por anos. Ele tinha problemas no fígado e logo passaria por uma operação no quadril.

Eles começaram a turnê em março de 1988, se apresentando para catorze mil e quinhentas pessoas no Coliseum Arena em Oakland, Califórnia. A canção *I've Got the World on a String* de Frank levou a multidão a seus pés. Davis passou por cima de sua dor no quadril para dançar *The Girl from Ipanema* e fazer uma imitação de Michael Jackson. “Toda vez que você bebe, chove *bourbon* do céu”, cantou Martin. No entanto, ele esquecia as palavras para músicas conhecidas e tinha perdido a forma dos velhos tempos.

Frank tinha tido de adular Martin para convencê-lo a fazer a turnê, em primeiro lugar, e agora estavam brigando. Martin tinha caído no palco em Oakland, tinha arremessado um cigarro na multidão e Frank o tinha repreendido. Frank queria festejar noite adentro, mas seus colegas, não. “Eles não estavam em forma para isso”, disse Hank Cattaneo, gerente de produção musical de Frank. “Depois de meia hora, Dean diria: ‘Tenho que ir para cama’, e aí, Sammy diria: ‘Por favor, deixe-me ir também’. Mas o velho Frank gostava de curtir, conversar e contar histórias.”

Depois do quarto show, em Chicago, gritos de raiva foram ouvidos vindo do camarim. Duas noites depois, após Frank ter atormentado Martin mais uma vez por ele não querer curtir a noite, Martin alugou um avião e voou para a Califórnia. Ele fez seu gerente dizer à imprensa que estava doente e foi parar no hospital – uma jogada, segundo seu filho Ricci. “Ele adorava Frank e não era vingativo”, disse Ricci. “Ele só não aguentava mais manter a rotina de Frank.”

Martin foi substituído por Liza Minnelli, e a turnê continuou. Naquele ano e no próximo, Davis se apresentou com Frank frequentemente. No entanto, uma “garganta arranhando” durante a turnê “Together Again” tinha sido um sinal inicial de câncer. Davis morreu em maio de 1990, tendo se recusado a passar pela cirurgia que poderia ter salvado sua vida, mas que também podia destruir sua voz. Segundo Tina, a morte de Davis, vindo como veio, nos pés da morte de Jimmy Van Heusen, no mesmo ano, deixou Frank “em pedacinhos”. Ele tinha visitado Davis repetidas vezes em seus últimos meses, tinha soluçado quando partiu. Davis estava deitado para descansar, como ele tinha instruído, usando em seu pulso o relógio de ouro que Sinatra tinha lhe dado depois da última turnê em que estiveram juntos.

EM 1986, perto do fim de sua própria maratona com o cigarro e o álcool, Ava Gardner tinha sofrido um derrame enquanto internada em um hospital com pneumonia. O derrame a deixou com uma paralisia facial, dificuldades para andar e um braço que não conseguia mais usar. Ela se retirou em seu apartamento em Londres, continuou fumando e bebendo, e trabalhou com o escritor Peter Evans em uma autobiografia. Ela contou a Evans muita coisa amável sobre Frank. Contudo, quando indagada sobre se ele tinha sido o amor da vida dela, ela disse: “Não posso dizer que realmente foi, não. Não”. Ela disse que tinha amado igualmente seus três maridos. Em uma conversa com sua amiga, a atriz Arlene Dahl, entretanto, confessou que tinha amado Frank mais do que qualquer outro homem.

Todos os anos, desde que tinham se separado, Frank enviava a Ava um imenso buquê no aniversário dela. E pelos doze meses que se passavam até o próximo buquê, flores mortas há muito tempo permaneciam na cômoda de Ava. Mais ou menos na época do derrame, Frank enviou a ela uma fotografia do casamento dos dois, uma que ele tinha guardado em sua carteira por trinta e cinco anos.

Quando a condição de Ava piorou, Frank enviou um avião para trazê-la para

a Califórnia, para tratamento. Todos os dias durante a estadia de Ava, ele mandou uma limusine levá-la ao hospital para a fisioterapia.

Em 25 de janeiro de 1990, um mês depois de seu aniversário de 67 anos, Ava foi encontrada na cama, morta, em seu apartamento em Londres. Frank desmontou ao ouvir a notícia. Ava tinha estado doente, mais uma vez, recentemente, e agora ele reprovava a si próprio por não ter ido a Londres para ficar com ela. No entanto, quando ela foi trazida para casa na Carolina do Norte para seu enterro, ele não estava entre as três mil pessoas que lamentavam a morte de Ava e se enfileiraram próximo ao caixão. Em vez de ir, ele enviou uma coroa de flores. O cartão que acompanhava o arranjo dizia: “Com meu amor, Francis”.

No dia seguinte, uma multidão de dezoito mil pessoas viu Frank se apresentar na Knickerbocker Arena em Albany, Nova York. Ele andou pelo palco com uma garrafa de Jack Daniel’s em sua mão e parecia ter bebido mais da metade dela.

“Sinatra parecia confuso, perturbado, algumas vezes”, se lembrava um espectador. “Enquanto ele andava pelo palco e cantava *One for My Baby*, o fantasma de Ava Gardner estava lá com ele, no palco”.

> *Make it one for my baby,*
> *and one more, for the road.*[209]

35
Para o fim da estrada

EM 1991, AOS 75 ANOS, Frank embarcou em uma turnê mundial. Haveria oitenta concertos naquele ano, oitenta e sete no seguinte, noventa e sete no outro, e sessenta em 1994.

Um filme que sairia em 2001 com o título de *Heist* incluiria o seguinte diálogo:

GENE HACKMAN (NO PAPEL DE UM LADRÃO): “Ninguém vive para sempre”.

REBECCA PIDGEON (FAZENDO O PAPEL DE SUA ESPOSA): “Frank Sinatra tentou”.

O especial de TV que marcou o aniversário de 75 anos de Frank foi intitulado *The Best is Yet to Come*[210], e o *New York Times* assinalou a ocasião publicando uma história ao mesmo tempo cálida e melancólica. “Fisicamente”, dizia, “o Sr. Sinatra não é nenhum Dorian Gray. Em concertos, atualmente, ele frequentemente tem a aparência esbaforida de um pugilista veterano de bar que cambaleou em mais um round.

“Mesmo quando ele lê as letras no teleprompter na frente do palco, não há garantia de que ele vá cantar as palavras por completo. Cada vez mais – inevitavelmente – a voz dele desafina, e notas que são forçadas nunca são alcançadas.”

Em 1984, em Londres, um crítico disse que a voz de Frank, aos 68 anos, estava “estridente... Ela estremece como uma agulha desobediente em um de seus LPs.” Quatro anos mais tarde, um crítico de Los Angeles achou a voz do cantor “trêmula e apagada”. Em 1991, quando Frank se apresentou em Milão, foi dito que *La Voce*[211] soou “opaca e descolorida”. O som de Sinatra, disse um

crítico do *Times* de Londres, estava agora “em estado de franca deterioração”.

Assim também estava, cada vez mais, o corpo. A audição e visão de Frank estavam falhando. Ele estava lutando com um aparelho auditivo e – embora não em todas as apresentações – estava mesmo lendo as letras em teleprompters. “Ele estava usando um ou dois monitores no começo de 1984”, disse o trompetista Frank Fighera, que tocou com Frank nos anos finais. “Quando chegou a década de 1990, havia cinco ou seis monitores. A cada ano que se passava, o tamanho da letra ficava maior e maior, e mesmo assim ele se confundia.” Uma operação para catarata ajudou, mas não resolveu o problema.

Havia uma grande preocupação. Um crítico tinha observado já em 1978 que Frank “esquecia as letras de algumas músicas”. Isso tinha acontecido novamente em 1980, na frente de uma plateia de cento e setenta e cinco mil pessoas, no Brasil. Como o próprio Frank lembrava: “Eu estava no meio de uma canção que conheço tão bem quanto a minha mão, quando perdi a letra. Simplesmente fugiu. Nada. Eu estava cantando *Strangers in the Night* e quando parei não conseguia lembrar como continuava, o estádio inteiro começou a cantar por mim – em *inglês*. Fiquei emocionado”.

Houve um incidente parecido um ano depois em Boston. “Nós estávamos tocando *These Foolish Things*”, disse o guitarrista Tony Mottola, “e quando eu toquei o acorde para começar a música, ele teve um branco. Ele virou para mim e disse: ‘Qual é a próxima palavra?’, e eu respondi: ‘Eu não sei, mas o próximo acorde é C (dó) sustenido menor com sétima’. Aí, alguém na plateia falou a próxima palavra para ele, e ele seguiu em frente.”

Em 1984, em um concerto no Canadá, a memória de Frank lhe faltou de tal maneira que ele acabou saindo do palco. No final dos anos 1980, a imprensa estava publicando que ele tinha sido “incoerentemente divagante” no palco, dizendo palavras na ordem errada. Muitos acreditavam que vinha bebendo, que não tinha parado. “Que diabos é isso?”, exclamou em uma ocasião quando se atrapalhou todo. “Não devia ter tomado Coca-Cola antes do jantar.”

“A enfermidade dele podia aparecer de um dia para o outro”, disse Fighera. “Em Nova York, certa vez, quando tinha terminado o show, ele contou duas piadas, apresentou a banda, apresentou sua esposa, e aí começou a cantar. Após ter cantado, ele disse: ‘Obrigado, senhoras e senhores’ e começou a contar as mesmas duas piadas, apresentou a banda e sua esposa, e cantou a mesma música, tudo de novo.”

“Algumas vezes, depois daquilo, quando fazíamos um show, eu olhava para

ele e ele parecia um robô. Seus olhos pareciam de vidro. Ele tateava procurando o microfone, e diziam: ‘É coisa da medicação dele’.”

A filha Nancy, em uma visita a Palm Springs, encontrou um verdadeiro buffet de degustação de vidrinhos de remédio na mesa de café da manhã de seu pai. Eles incluíam diuréticos, pílulas para dormir, um barbitúrico para enxaqueca e um antidepressivo chamado Elavil. Informadas de que os remédios podiam ter efeitos colaterais perturbadores, incluindo dificuldade de orientação, Nancy e a irmã declararam sua preocupação. Barbara Sinatra, contudo, insistiu que o Elavil estava funcionando muito bem para as variações de humor de Frank, deixando-o mais calmo.

Tina tinha sempre admirado o intelecto afiado de seu pai e sua notável memória. No final dos anos 1980, entretanto, ele estava muito mudado. No Bally’s, em Reno, ela achou que Frank parecia “indeciso... titubeante, sem estabilidade na voz”, no palco. Mais tarde, quando ele pediu a ela que viesse até a suíte dele, ela o encontrou “pálido e ofegante”, e foi informada de que ele tinha inadvertidamente tomado o dobro da dose prescrita para o Elavil.

O arranjador Buddy Bregman, que conhecia Frank havia anos, se lembrava de um encontro inquietante no Hillcrest Country Club. Quando Bregman perguntou “Como você está?”, Frank lhe dirigiu um olhar vazio e disse: “Onde é o maldito bar?”. Bregman tentou novamente, mas Frank simplesmente se apressou a ir embora. Uma vez, também, Frank não reconheceu Liza Minnelli, a quem conhecia bem e que tinha, havia pouco tempo, se apresentado com ele.

Darrien Iacocca, esposa do presidente da Chrysler, se lembrava de ter sentado ao lado de Frank na Casa Branca durante o primeiro mandato presidencial de Bush. “Ou ele estava bêbado ou simplesmente confuso. Ele falou e falou sobre nada, a não ser sobre o molho de macarrão que costumava fazer. Ele parecia fora de si. No banheiro das mulheres, Barbara me disse: ‘Eu nunca saio do lado dele, nem por um instante’.” Darrien possivelmente tinha visto os efeitos colaterais da medicação, ou da bebida e medicação combinadas. Ela imaginou, no entanto, como outros naquela época, que poderia estar vendo os primeiros sintomas de Alzheimer. O médico de Frank em Los Angeles, Rex Kennamer, disse que seu paciente “definitivamente tinha um grau de demência”.

“Se eu fosse um lançador”, disse Frank no final dos anos 1980, “eles teriam me tirado fora depois de seis ciclos e um terço”. Quando ele decidiu ficar para o *full nine*[212], escreveu Jonathan Schwartz na época, não podia “mais sustentar

um verso da letra; ele precisa quebrá-lo e enquanto isso preencher o tempo, repetindo uma palavra ou frase, ou recuar para algum jargão próprio lendário seu, pedacinhos de mágica para desviar a atenção". E ainda: "As pessoas ficavam dispersas."

Frank ainda era um artista fascinante, como escreveu Stephen Holden na revista *The New Yorker*, em 1990, por causa da "espontaneidade do fraseado e entonação que ele imprime a quase tudo o que canta, não importa quantas centenas de vezes tenha cantado as canções. Mesmo quando lia as letras em um *prompter* na frente do palco, o Sr. Sinatra ainda parecia comprometido com o experimento, a tentar pequenos truques de fraseado, abusando de improvisos de omissão de notas e pulos e interpolações que funcionavam".

"Meu palpite", como previu Daniel Okrent na *Esquire*, "é que quando sua voz finalmente não conseguir mais atravessar uma oitava, ele fará performances apaixonadas que exijam menos de uma oitava." Como Mabel Mercer, pensava Okrent, Frank iria até o ponto de estar simplesmente recitando as letras com acompanhamento musical.

O produtor Tony Oppedisano chegou a uma suspeita do tipo de pensamento que levou Frank a continuar. Embora fosse um homem bem mais novo – Oppedisano estava perto dos quarenta – ele conhecia Frank há anos e, depois de Rizzo, tinha se tornado sua companhia masculina mais próxima. Ele comparecia a compromissos com Frank, frequentemente viajava com ele, e juntos passavam tempo sozinhos. Às vezes, Oppedisano estava por perto, à noite, quando Frank se acomodava na cama, fechava seus olhos e fazia uma prece. Frank rezava em voz alta, e uma prece típica sua era "Deus, me dê saúde. Deixe-me prover Barbara e Nancy e Frankie e Tina, e A.J. e Amanda... Mas Deus, não quero uma tonelada de dinheiro. Só me deixe com um dólar a mais do que preciso".

A.J. – Angela Jennifer – e Amanda eram as filhas de Nancy, filha de Frank, e estavam na adolescência no começo dos anos 1990. Tina tinha sido casada duas vezes e se divorciado. Frank Jr., embora solteiro, tinha um filho, Michael; ele tinha sido nomeado de Sinatra por causa do desejo de Frank de que um neto carregasse o nome da família.

A ansiedade de Frank com relação a ser capaz de prover sua família pode não ter sido um pensamento tão estranho quanto parece. Ao longo dos anos, seu esbanjamento tinha apertado inclusive sua fabulosa renda. Antes da venda da Reprise para a Warner Brothers, em 1963, segundo disseram executivos da gravadora, ele tinha sido forçado a emprestar do seu seguro de vida. No começo

dos anos 1970, depois de um período de relativa estabilidade, voltou a gastar demais – ao ponto de chegar ao ritmo de quinhentos mil dólares por mês, com impostos inclusos. Tinha emergido de seu breve afastamento, no começo dos anos de 1970, pelo menos em parte persuadido por seus consultores financeiros.

Houve conversas de família cheias de contrariedade sobre dinheiro, segundo Tina, durante o período de declínio de seu pai. O acordo pré-nupcial de Frank com Barbara tinha sido substituído, no final de 1987, por um "Acordo de Rescisão do Acordo Pré-matrimonial". O novo acordo estipulava, segundo escreveu Tina, que Barbara, a quem ela aludia como madrasta perversa, receberia 50% de tudo o que Frank tinha ganhado durante o casamento, e de qualquer renda futura. Mais uma vez, segundo Tina, um novo testamento que Frank assinou em 1991 assegurava que sua esposa receberia mais dinheiro depois da morte dele do que previsto em uma versão anterior, assinada apenas dias antes. Da maneira como Tina via, Barbara tinha se casado com o pai dela por causa do dinheiro.

Tina alegava, também, que Barbara "ridicularizava papai, chegava a chamá-lo de já-era", e que – embora fosse cuidadosa com o marido na presença de visitas – ela era "abertamente sem consideração" com ele quando apenas a família estava presente. Nancy, irmã de Tina, tinha classificado Barbara como "cruel" e tinha dito que o casamento fora um "imenso engano". Uma vez, de acordo com Tina, Frank telefonou para a mãe dela, sua ex-mulher Nancy, para dizer que ele gostaria de nunca a ter deixado.

O livro que Tina escreveu depois da morte de seu pai é o único relato publicado sobre os anos finais de Sinatra, e só por isso merece séria atenção. Contudo, como o livro é, em grande parte, uma crônica do conflito amargo com Barbara, deve ser tratado com cautela. Observadores mais imparciais retrataram Barbara como sendo o esteio afetuoso da velhice de Frank. Sonny King achava que Barbara era "a melhor coisa que tinha acontecido para ele em seus últimos anos". Armand Deutsch disse que ela era "a melhor coisa da vida dele". O Dr. Kennamer a descreveu como "maravilhosa".

A vida privada de Frank, agora, girava em torno de ler jornais, com crescente dificuldade, ouvir música clássica e assistir televisão. Ele também mantinha um entusiasmo de garoto por sua coleção de réplicas de trens. A residência de Palm Springs abrigava cinco delas, capazes de correr em *loopings* independentes, em três níveis, baseados em um modelo realístico de estação de trem. Frank gostava de receber crianças para ver, como dizia ele, "todos os trens correndo a cento e

quarenta e cinco quilômetros por hora ao longo dos trilhos... um monte de batidas e colisões". Barbara disse que seu marido tinha "um chapéu de maquinista, um apito e tudo mais".

No verão de 1991, a violista Ann Barak jantou em um restaurante em Los Angeles com Frank, Barbara e Frank Jr., que agora era maestro em quase todos os concertos de seu pai. Depois do jantar, lembra Barak, "Ele pediu um cigarro, e quando eu disse que tinha alguns, ele me levou direto para fora do restaurante, para a rua. Nós ficamos lá na esquina, à noite, fumando como se fôssemos crianças arteiras. Então, ele disse: 'Você tem alguns sobrando que eu possa levar para casa para meu esconderijo?'. Eu dei a ele um punhado, e ele enfiou todos em seus bolsos. Eu disse que esperava que ele não fosse pego, e ele respondeu: 'Que nada, não se preocupe. Eu sei o que fazer'. Ele colocou os braços em volta de mim e disse: 'Obrigado! Passei ótimos momentos'. A próxima vez em que o vi foi na semana seguinte, quando tocamos em mais um concerto. De volta à estrada."

Frank certamente não continuava cantando apenas por conta das preocupações com dinheiro que podia ter, mas porque precisava do que Paul Anka tinha chamado de "a droga mais pesada do mundo, a agulha na veia chamada *show business*". O próprio Frank tinha dito isso anos antes − "Me dá um barato". Frank Jr. achava que seu pai se tornaria um "velho louco e babão" caso se aposentasse. Tina acreditava que cantar era "a força vital dele".

Quando foi noticiado que George Michael, um cantor que tinha algo como 55 anos a menos que ele, estava deixando a carreira para "diminuir o fardo de ser uma celebridade", Frank escreveu uma carta ao *Los Angeles Times*. O jovem talento deveria ser grato por sua fama, escreveu ele, "até o dia em que ninguém aparecer e você se vir cantando para a faxineira em alguma bodega".

FRANK CONTINUOU a trabalhar mesmo quando perdas pessoais pesaram em seus ombros. Ele caiu de joelhos em desespero, disse Oppedisano, ao ouvir, na primavera de 1992, que Jilly Rizzo tinha morrido em um acidente de carro. Logo depois, saiu em uma turnê que o levou à Inglaterra, Espanha, Portugal e Grécia. No Albert Hall de Londres, com o primeiro ministro britânico na plateia, ele precisou de ajuda para entrar no palco.

No outono, Frank se apresentou em nove cidades americanas em uma turnê que incluía oito noites no Radio City Music Hall de Nova York. Shirley MacLaine, único membro do Rat Pack que ainda se apresentava, saiu em turnê

com ele. Ele tinha prometido que ia ser “uma coisa do barulho”, a não ser pelo fato de que poderia esquecer as letras das músicas. De fato, teve problema com elas e chegou a esquecer o nome de MacLaine uma vez, enquanto a apresentava para a plateia. MacLaine tentou de tudo para que o show desse certo. “Quando ele começava a cantar *You Make Me Feel so Young*”, lembra ela, “eu ficava olhando fixamente para ele. Quando ele cantava ‘And even when I'm old and gray'[213], eu dizia: ‘Você *está* velho e grisalho’.” Frank caía na risada, e a plateia também.

Tarde da noite, cidade após cidade, Frank levou MacLaine consigo para refeições em restaurantes italianos, recebidos por chefes locais da Máfia que agora estavam envelhecendo. Ela se sentava, hipnotizada, observando “os jogos de poder sutis que iam e vinham entre ele e os gângsteres”. Assim que o jantar começava, Frank parecia ter um tom de “deferência”. Então, entusiasmado por mais um martini, ele se comportava como se ele, e não os mafiosos, estivesse no controle.

MacLaine se maravilhava diante da capacidade de Frank vencer pelo cansaço seus camaradas. Ele ainda ficava lá, no bar do hotel, inventando histórias para estranhos, muito depois de colegas fatigados terem se retirado para a cama. MacLaine pensava que “eles sentavam com ele lá em nome de quem ele era. Eles sabiam que ele era solitário”. Na Califórnia, em novembro de 1992, Frank e Oppedisano ficaram diante da TV até tarde para ver Bill Clinton ser eleito. “Eu e ele enxugamos completamente uma garrafa de Jack Daniel’s”, lembrava Oppedisano, “e eu não me lembro de tê-lo visto cambalear por estar bêbado.”

Frank deu show, em todos os sentidos, pelo inverno e primavera adentro em 1993 – Nevada, Flórida, Nova York, Nova Jersey, Illinois, Escandinávia, Alemanha, Nova York, Vegas. Enquanto isso, algo especial estava tomando forma.

Naquele ano, o produtor musical Phil Ramone estava pressionando Frank para voltar ao estúdio de gravação para fazer “duetos” com toda uma constelação de grandes nomes – Barbra Streisand, Bono, Aretha Franklin, Carly Simon, Tony Bennett, Julio Iglesias, Luther Vandross e outros –, e sem se encontrar com nenhum deles. Os parceiros de Frank fariam suas gravações apenas depois de ele ter feito as suas, e seus trabalhos seriam transmitidos entre cidades distantes por um sistema de fibra óptica, por linhas telefônicas, para serem então mixados nos discos finais.

Frank achou a ideia bizarra, mas Ramone o convenceu dizendo que Laurence Olivier, que tinha feito Shakespeare quando tinha 20 anos, tinha aparecido com algo diferente e esplêndido para oferecer quando chegou aos 70. Frank mudou de ideia, e depois hesitou, quando chamado a cantar em uma cabine especialmente projetada. “Vou cantar lá fora com a banda”, ele insistiu, e os técnicos de Ramone acharam um modo de acomodá-lo. Frank, então, gravou velhas favoritas, uma atrás da outra, por quatro horas densas. Depois, quando veio a ouvir como os “duetos” sintéticos soavam – o primeiro reproduzido para ele foi *The Lady Is a Tramp*, com a voz mixada de Vandross –, aí a revelação do que a tecnologia podia alcançar o levou às lágrimas.

Quando o álbum *Duets* foi lançado em outubro de 1993, houve aqueles que não aprovaram o resultado. Um aficionado, que escreveu uma reclamação na revista *GQ*, disse que Bono cantando com Sinatra em *I've Got You Under My Skin* era como “Andy Warhol colaborando com Michelangelo na Capela Sistina”. O público não fazia piadinhas. *Duets* alcançou segundo lugar nas paradas da *Billboard* e vendeu dois milhões de cópias em duas semanas, chegando a três milhões. Tornou-se o álbum de Frank de maior vendagem em toda sua carreira.

Ao saber das notícias, segundo sua filha Nancy, Frank reagiu “como uma criança pequena”. Houve outros momentos maravilhosos. Em Nova Jersey, casais que eram meio século mais jovens que ele dançavam nos corredores entre as poltronas do auditório enquanto Frank cantava *Summer Wind*. As palavras vinham, agora, carregadas de uma especial mordacidade:

> *The autumn wind, and the winter wind, have come and gone,*
> *And still the days, those lonely days, go on and on...*[214]

Com certa frequência, contudo, ele tinha que confrontar uma dura realidade. Ele se perdeu completamente enquanto se apresentava para a Rainha da Suécia naquele ano. Em um concerto em Nova York, chegou a gritar em desespero: “Onde diabos estão as palavras?” E onde quer que Frank fosse se apresentar, assistentes ficavam em alerta com um tanque de oxigênio.

Houve um show em Aurora, Illinois, que foi um fiasco completo. “Frank Sinatra ficou velho esta noite”, escreveu Tom Junod na *GQ*. “Ele devia estar cantando *Guess I'll Hang My Tears Out to Dry*, e é essa música que a orquestra continua tocando enquanto o Velho Sinatra fica lá parado, sozinho. As luzes

ainda estão sobre ele, e o teleprompter continua soletrando as letras... mas o Velho Sinatra grita com desespero amedrontador: ‘Não consigo enxergar! Não consigo ouvir!’”

Em Las Vegas, Frank deixaria o palco, desgraçadamente triste por sua perda de memória, gritando que a plateia deveria receber seu dinheiro de volta. Murray Kempton, escrevendo no *Newsday*, achou que o deslize foi mais profundo que as sinapses destruídas. As trucagens de *Duets* não tinham enganado a Kempton.

“Ele se lembra bem do espírito destas canções”, escreveu Kempton entristecido, “mas se esqueceu do sentimento delas. A voz ainda segue como antigamente, mas não mais respirará a solitude do coração. Ele não consegue mais... Vê-lo agora é só tristeza.”

LOGO NO COMEÇO DE MARÇO de 1994, com lenço laranja na abotoadura do *smoking*, vestindo uma peruca cinza prateada, como um boné, Frank pisou em um palco de Nova York não para cantar, mas para receber o Prêmio “Legend” do Grammy. As mãos que apresentavam o prêmio eram de um herói atual da música, Bono do U2.

Lendo um manuscrito preparado, Bono descreveu Frank como um “homem de mais peso do que o Empire State, mais conectado do que as Torres Gêmeas, tão famoso quanto a Estátua da Liberdade.” Frank respondeu emocionado, mandou beijos para Barbara que estava na plateia, disse que a amava, e reclamou de forma geniosa que não tinham sido feitos arranjos para ele cantar. A cerimônia estava sendo transmitida ao vivo, mas, de repente, Frank sumiu da tela. Ele tinha sido cortado, seguindo instruções de alguém que temia que ele pudesse dar com a língua nos dentes, saindo do controle.

Cinco dias depois, enquanto cantava *My Way* em um concerto em Richmond, na Virgínia, Frank desmaiou. Oppedisano, que correu para seu lado, descobriu que ele estava encharcado de suor “até a camada de fora do casaco”. Frank se recuperou, foi colocado em uma cadeira de rodas e acenou debilmente, enquanto era levado do palco. A plateia aplaudiu.

Médicos de um hospital local concluíram que Frank estava desidratado. Ele tinha bebido muito na noite anterior, segundo Oppedisano. Ignorando o conselho de que deveria passar a noite no hospital, em observação, Frank voou de volta para a Califórnia. Dias depois, quando a revista *Time* perguntou por que ele ainda vivia um ritmo tão acelerado e pesado, Frank respondeu por fax: “Vocês escrevem para uma revista. Eu faço turnês. É o que eu faço.” Ele se apresentou

em Oklahoma, menos de três semanas depois do colapso.

Um mês depois, no Radio City Music Hall, foi às lágrimas. “Esta”, disse Frank, “pode ser a última vez em que estaremos juntos”. De fato, aquela foi sua última apresentação em Nova York. Nos meses que se seguiram, ele fez seus últimos shows em Las Vegas, Chicago e Atlantic City, e foi para muito longe, como para as Filipinas e o Japão.

As apresentações em Tóquio ainda sobrevivem em *videotape*. Elas mostram um homem envelhecido e frágil, de olhos úmidos, inchado na papada, bamboleando em vez de andando, fazendo movimentos esquisitos com a mão enquanto cantava roucamente seu repertório. Alguns de seus músicos acharam doloroso assistir à apresentação, e pensaram que teria sido melhor se Frank não tivesse aparecido. Assistindo à fita, hoje, contudo, percebe-se que todas as canções tinham mordacidade. A última interpretação de Frank para *One for My Baby*, com os adornos à letra original, toma um sentido especial:

“We’re drinking, my friend, to the end of a brief episode . . . when I’m gloomy, please listen to me before it’s all passed away. . . . I hope you didn’t mind my bendin’ your ear . . . that long . . . that long . . . it’s a very long, long road.”[215]

Natalie Cole, que estrelou com Frank em Tóquio, voou para casa com ele em seu jato particular. “Mesmo antes das rodas se levantarem da pista”, lembrava, “ele já estava virando o Jack Daniel’s, uma dose atrás da outra... Tínhamos ficado no ar por uma hora e pouco, quando Frank, de repente, olhou em volta para cada um de nós na cabine e berrou: ‘Quem diabos são essas pessoas?’”

Ele “se levantou e começou a andar em volta, confrontando um de cada vez, chegando perto de cada rosto, querendo saber: ‘Quem diabos é *você*?’... Ele começou com sua governanta, que estava com ele há uns cinquenta anos. Seu criado particular foi o próximo... Eu abaixei a cabeça e dormi até aterrissarmos em Honolulu para abastecer. Naquele momento, Frank, de repente, teve um momento de clareza. Ele estava lúcido, mas não tinha ideia de por que estava no avião”.

Frank apareceu publicamente como artista apenas mais uma vez, em um resort em Palm Springs, no encerramento do torneio anual de golfe que tinha e ainda tem o nome dele. De acordo com Oppedisano, ele se apresentou bem e bravamente.

O octagésimo aniversário de Frank, em dezembro de 1995, foi marcado por grandes manifestações públicas. O Empire State Building brilhava em azul, e *outdoors* gigantes ao longo da Fifth Avenue fizeram o papel de cartões de aniversário do país. Frank apareceu na televisão pela última das vezes, em um especial de duas horas. Muitas estrelas prestaram homenagem a ele.

Bruce Springsteen o chamou *Patron Saint of New Jersey*[216]. Pela primeira vez, em público, Bob Dylan cantou *Restless Farewell* − uma canção com letras que, de algum modo, ecoavam *My Way*. A cerimônia foi terminada com *New York, New York*, e Frank cantou junto com seus companheiros famosos, conseguindo, de alguma forma, segurar a última nota por mais tempo que todo mundo.

Naquela época, fazia anos que Frank terminava seus shows com um brinde à vida longa, sua versão de italiano arcaico *cent'anni!* − “cem anos de vida!” “Que vocês possam viver para ter cem anos”, disse ele às plateias de todo o mundo, “e que a última voz que vocês ouçam seja a minha”.

36
Saída

“A GENTE TEM QUE AMAR A VIDA”, Frank gostava de dizer em seus últimos anos de vida, “porque morrer é um pé no saco”.

O mundo do cantor estava encolhendo cada vez mais. Em um de seus últimos concertos, ele tinha engasgado enquanto começava a cantar *Guess I'll Hang My Tears Out to Dry*, uma canção de Sammy Cahn e Jule Styne, que tinha cantado por anos. Cahn tinha morrido no ano anterior, e Styne, apenas uma semana antes daquele concerto. Swifty Lazar também tinha partido. Frank não gostava de dizer que seus amigos tinham morrido. Ele preferia dizer que tinham “ido para as montanhas”.

Dean Martin tinha ido para as montanhas no Dia de Natal de 1995, aos 78 anos, com seus pulmões arruinados pelo cigarro, e seus rins e fígado, pelo álcool. Frank fez uma declaração pública descrevendo Martin como seu “irmão”. Contudo, a relação nunca mais foi a mesma desde que Martin abandonara a turnê “Together Again”. “Havia um muro entre eles”, disse Oppedisano. Frank não compareceu ao funeral de Martin.

O Sands, berço da carreira de Frank, estava para ser fechado definitivamente. A roleta do cassino e suas mesas de *blackjack*, as mil máquinas caça-níqueis, tudo seria vendido em leilão. O cassino reluzente em que Frank tinha caminhado como um príncipe, as suítes luxuosas em que ele tinha festejado, tudo seria demolido. “Frank levou aquilo como uma afronta pessoal”, lembrou Jerry Lewis. “Ele perguntou: ‘Como puderam fazer isso?’”

Frank tinha sido arrancado, também, do lugar que tinha chamado de lar por quase quarenta anos, o conjunto residencial próximo a Palm Springs que levava seu nome. A casa e seus pertences tinham, por muito tempo, significado bem mais do que a prova de seu fabuloso sucesso. Aquele era o abrigo no qual Frank

pudera sempre se refugiar, um lugar de conforto impregnado de memórias. Lá estava a coleção de arte: abrangendo desde tesouros Fabergé da velha Rússia até pinturas de modernos artistas americanos, incluindo Grandma Moses, Guy Wiggins, Andrew Wyeth e William Merritt Chase. Um dos trabalhos de Wiggins era uma pintura a óleo da Fifth Avenue sob a neve, peça que Frank provavelmente teria comprado para sua primeira esposa, Nancy. Aqui estavam os presentes de amigos que tinham partido: um estojo de ouro e prata recebido de Cahn e Styne; um conjunto de diamantes em uma caixa revestida de ouro presenteado por Mike Romanoff; um relógio que ganhou de Sammy Davis com a inscrição: "To Charley Shoulders Thanks Smokey the 'B'"[217]. Aqui estava o piano de cauda Bösendorfer de Frank – ele sabia tocar um pouco –, seus dois rádios vintage dos anos 1930, seus bustos montados de John F. Kennedy. Aqui estavam os trens de Frank: as réplicas que funcionavam, precisamente modeladas, um verdadeiro velho vagão-restaurante que ele tinha nomeado de Chicago e transformado em uma sala de massagem, esculturas de trem em madeira e cobre, colagens de trens, fotografias de trens.

Dentro de um ano, até a última apresentação de Frank, a maioria desses objetos foi leiloada na Christie's por dois milhões de dólares. A própria casa tinha sido vendida antes disso, por quase cinco milhões de dólares. Tinha ficado decidido que os Sinatra deixariam Palm Springs e iriam para Los Angeles. Frank tinha sido proprietário da casa por quarenta anos, tinha construído a primeira casa naquela região, cinquenta anos antes. Mesmo assim, Barbara achava que era tempo de mudar porque "todo mundo está na região de L.A. agora". Frank ficaria mais próximo de seus filhos e próximo do maior leque possível de opções para cuidados médicos.

Ele tinha parecido aceitar, a princípio, a perspectiva de se mudar, mas ficou desolado quando chegou a hora, "entrando em um luto, como se alguém tivesse morrido", de acordo com Tina. O novo e simpático proprietário, um empresário canadense, permitiu que os Sinatra ficassem na casa por mais algumas semanas. Quando o dia terrível da partida chegou, os vinte e seis membros da equipe de manutenção da casa de Frank se alinharam de cada lado da garagem. Alguns caíram em lágrimas quando Frank saiu da casa, embarcou em um *sedan* e partiu.

Os Sinatra possuíam duas belas casas na região de Los Angeles, uma em Beverly Hills e outra na praia de Malibu. A chácara de Beverly Hills, escondida em um pomar de laranjeiras e resguardada por altos portões de segurança, era

um lugar de opulência ao estilo Gatsby. A casa de Malibu, em Broad Beach, era mais modesta, mas não obstante, na medida para uma estrela. Entre os vizinhos estavam Dinah Shore, Steven Spielberg e Jack Lemmon. A casa de Beverly Hills parecia estéril para Frank, grande demais; o fazia lembrar de um hotel. “Devem estar metidos em negócio sujo nesta parada”, brincou ele sombriamente em uma ocasião em que estava sentado bebendo em seu próprio bar com Oppedisano. Ele gostava da casa na praia porque, dizia, estar próximo da praia ativava suas memórias de ter crescido perto da praia de Nova Jersey.

Frank sentia extrema falta do deserto. Houve uma noite em que Oppedisano ouviu-o perguntar a Barbara: “Quando é que vamos para casa?”. Quando ela respondeu que eles estavam em casa, ele replicou: “Esta é *sua* casa. Quando é que vamos para a *minha* casa?”. Às vezes, ficava profundamente desorientado. Em uma outra noite, em Malibu, enquanto estava sentado olhando as estrelas, se virou para as outras pessoas presentes em estado repentino de alarme. “Onde eu estou?”, queria saber.

Em julho de 1996, para celebrar vinte anos de casamento, Frank e Barbara foram à igreja Our Lady of Malibu[218] para renovarem seus votos de casados. As filhas Nancy e Tina foram convidadas, mas não compareceram. A tensão entre elas e a madrasta não tinha melhorado.

Em novembro, apenas um mês antes de seu aniversário de 81 anos, Frank deu entrada no Cedars-Sinai Hospital para tratamento do que seu publicitário descreveu como sendo um “nervo pinçado”. Na realidade, ele tinha sofrido um ataque cardíaco, agravado por uma pneumonia e um câncer na uretra. O câncer não era maligno. Já o coração e o problema pulmonar eram muito sérios. Tomografias do cérebro agora tinham definitivamente identificado estado de demência.

George Jacobs foi visitar Frank, mais ou menos nesta época. “Ele não sabia quem ele era”, lembrou Jacobs. “Ele disse olá e depois: ‘sinatra vai aparecer aqui a qualquer momento’. Eu saí de lá chorando”. A confusão permanecia intermitente, mas a equipe médica que cuidava de Frank tinha agora incluído um psiquiatra geriátrico. Havia uma enfermeira a postos a todo momento.

Em um de seus melhores dias, em abril de 1997, Frank assistiu em um programa na televisão à votação que a House of Representatives[219] fazia para conferir a ele uma Congressional Gold Medal[220]. Este é o mais alto tributo prestado a alguém pelo Congresso dos Estados Unidos e, entre os que o tinham

recebido anteriormente, estavam George Washington, Ulysses S. Grant, Sir Winston Churchill, e, de dentro do mundo do *show business*, George e Ira Gershwin, Marian Anderson, John Wayne e Bob Hope.

Frank há muito havia dito que tinha um tipo de tributo que ele dispensava. Ele tinha implorado a Tina para que não o deixasse "acabar em uma caneca de café" . O uso do nome dele e afins em uma marca de molho de macarrão e gravatas de seda tinha sido suficiente. No outono de 1997, entretanto, o *The Wall Street Journal* publicou uma notícia com a manchete "Esposa e filhos de Sinatra brigam pela Frank Inc. enquanto a saúde dele se esvai". O artigo dizia que "os membros da família vinham brigando por causa de peças de merchandising de indiscutível mau gosto, como um prato *souvenir* cantante lançado pela Franklin Mint, com Sinatra nos vocais por meio de um chip de computador. Estavam sendo feitos cigarros Sinatra... E barrar a licença tinha sido em grande parte um feito de Tina Sinatra".

Em 12 de dezembro, o grande violinista erudito Isaac Stern telefonou para Frank e tocou "Feliz Aniversário" na linha. Frank estava fazendo 82 anos.

Alguns de seus melhores momentos, neste período, eram passados silenciosamente com Oppedisano. Eles conversavam, tomavam uma atrás da outra noite adentro e assistiam televisão. Frank se divertiu, no começo de 1998, quando explodiu o escândalo de Monica Lewinsky. Ele e Bill Clinton haviam jantado juntos no começo do mandato e tinham se dado bem.

A tendência de Frank era de recontar sempre as mesmas velhas histórias, e o caso Lewinsky foi o gatilho para ele sair contando sobre o furor de 1991 em relação ao candidato à Suprema Corte, Clarence Thomas, e o alegado assédio sexual que teria cometido contra Anita Hill. "Obviamente", diria Frank, "aquele cara não tinha lido a Bíblia. Está direitinho lá: 'Não discutirás sobre vosso pênis com vossa gangue'."

À medida que foi perdendo mais e mais a mobilidade, a televisão foi se tornando um cordão umbilical com o mundo externo e uma constante irritação. "Eu sentava com ele em seu estúdio", lembra Don Rickles, "e assistíamos televisão, e ele ficava falando sem parar para que eu mudasse de canal. Ele sentava lá e dizia: 'Desliga isso, isso não presta... desliga isso... desliga isso'. Uma vez nos deparamos com ele cantando e ele disse 'Desliga isso!'"

Velhos amigos ainda apareciam para jogar pôquer. Em 10 de maio, um domingo, Jack Lemmon, o cantor Jerry Vale, o roteirista Larry Gelbart e o comediante Tom Dressen chegaram para jogar. Frank não se juntou a eles. "Eu

fui até o quarto dele e disse oi", recordou Dressen, que tinha sido, por muitos anos, quem levantava o astral de Frank, "e ele estava de pijamas, descansando". Frank se levantou o suficiente para expressar afeição de seu jeito, que já estava gasto pelo tempo. "Se alguém te bater", disse ele a Dressen, "me chame".

No dia seguinte, lembrou Oppedisano, "Barbara tinha saído e eu dei a ele uma cerveja sem álcool. E, pelo menos na cabeça dele, ele achou que estava virado, que estava chapado. Ele e eu nos divertimos muito".

Um pouco antes disso, quando sua filha Tina tinha ido visitá-lo, Frank tinha lhe perguntado quanto tempo faltava para a virada do milênio. Ele tinha certa vez prometido que entraria no ano 2000 dando sua maior festa de aniversário, talvez no Coliseu de Roma, ou no centro de Manhattan. Agora, informado por Tina de que a virada do milênio estava a menos de dois anos, ele respondeu: "Ah, eu chego lá. Não falta nada".

Na quinta-feira de 12 de maio, e no dia seguinte, entretanto, Frank parecia desanimado, mais infeliz do que o de costume diante de sua invalidez. "Isto não sou eu", disse a Oppedisano. "Não quero ir desse jeito."

Desde a morte de sua mãe, Frank tinha dado mais atenção à fé Católica Romana, na qual tinha sido criado. Tinha discutido com Shirley MacLaine a possibilidade de uma vida após a morte. "Nós tivemos uma conversa sobre reencarnação", ela lembra, "e ele foi extremamente aberto àquilo. Isso porque estava velho o bastante e muitas memórias, *déjà vus*, vinham para ele. Ele se apoiou bastante em mim para olhar mais de perto para estes assuntos, me ligava quando algo drástico acontecia na sua vida, procurando suporte espiritual. Para ele, isso não era nada excêntrico."

Oppedisano também sabia da crença de Frank no mundo espiritual. Durante a última série de concertos, em Manila, Frank tinha lhe contado que acreditava terem se conhecido antes, os dois, em uma vida anterior. Em seus meses derradeiros, diria que Jilly Rizzo, morto desde 1992, andava lhe visitando. Uma vez, tinha pedido a Oppedisano, sussurrando: "Tire minha mãe daqui". Ele insistia que Dolly estava sentada "bem ali, na cadeira".

Frank tinha uma concepção sobre o que constituía uma morte admirável. Sir Winston Churchill, dizia Frank, tinha "fechado seus olhos aos 91 anos, sentado em uma cadeira de balanço, com um bom cigarro em uma mão, um copo de brandy na outra. Esse é dos meus". Sir Winston, no entanto, não morreu daquele jeito. Morreu doente e desamparado em sua cama depois de semanas em coma.

Em 14 de maio de 1998, uma quinta-feira, enquanto Barbara estava fora

jantando com amigos, Frank reclamou à sua enfermeira de dores no peito e dificuldade para respirar. Algum tempo depois daquilo, sentou e gritou, depois caiu na cama. Seus lábios ficaram azuis. Paramédicos do Corpo de Bombeiros, atendendo a uma chamada de emergência, levaram-no correndo pela curta distância até o Cedars-Sinai.

O Dr. Kennamer foi avisado e foi correndo para o hospital. A governanta conseguiu contatar Barbara e Oppedisano por telefone e, quando eles chegaram, o médico ainda estava cuidando de Frank. Ele estava vivo, mas mal, depois de ter sofrido outro ataque cardíaco.

Versões diferem sobre a condição dele durante o pouco tempo que lhe restou. Oppedisano disse que Frank estava “ainda muito consciente quando eu cheguei. Eu segurei sua mão”. Barbara disse que seu marido teria dito a ela que estava “muito cansado”. Segundo Barbara, ela respondeu com “Lute, querido, você tem que lutar”. Segundo a declaração feita publicamente pela família, as últimas palavras de Frank foram: “Estou me perdendo”. Dr. Kennamer, no entanto, disse que ele estava “além da possibilidade de falar... Nós cuidamos dele por algo em torno de uma hora e meia. Demos a ele muita medicação endovenosa... Mas ele estava praticamente morto”.

Frank foi oficialmente declarado morto às 22h50. Quando suas filhas chegaram – não tinham sido chamadas de imediato –, encontraram o pai deitado em uma maca, com os olhos fechados e as mãos sobre o peito.

Assim que a notícia se espalhou, editores dos jornais interromperam as impressões, mudaram as capas, começaram a preparar edições especiais. Comentaristas começaram a cavoucar metros e metros de arquivos, se apressaram a colocar programas no ar. Em Nova York, o topo do Empire State Building estava aceso em azul novamente. Em Hollywood, o topo da torre da Capitol Records estava coberto de preto.

Em Las Vegas, na noite seguinte, os cassinos ao longo da Strip desligaram suas luzes por alguns minutos. O trânsito parou e milhares de pessoas se aglomeraram na calçada segurando velas acesas. Quando as luzes do Caesars Palace voltaram a acender, revelaram um imenso retrato luminoso de Sinatra. No Cal-Neva Lodge, em Lake Tahoe, tocaram músicas de Sinatra sem parar e serviram um coquetel azul, criado especialmente para a ocasião. No piano de cauda, que não estava sendo tocado, foi colocada uma rosa vermelha solitária.

Em Hoboken, só havia lugar em pé na missa em memória a Sinatra que se deu na St. Francis Church, onde Frank tinha sido batizado. Um grande retrato

dele no apogeu, com o cigarro na mão, sua marca registrada, estava de pé, apoiado no altar, entre as velas.

Alguns da congregação choravam, e então, todos se levantaram para cantar *My Way*, que foi tocada como hino após o ofício divino. Quando terminaram, o cantor ítalo-americano rimou com "Frankie took the blows, but he did it his way"[221]. Depois, alguns fizeram uma peregrinação até a placa que marcava o local de nascimento de Frank no número 415 da Monroe Street – a casa em si há muito não existia – para deixarem pães italianos e garrafas de Jack Daniel's na calçada.

Em uma igreja em Beverly Hills, com muito mais pompa e circunstância, o Cardeal Roger Mahony guiou uma vigília e uma missa fúnebre. Durante a vigília, o pianista de Frank, Bill Miller, tocou *In the Wee Small Hours of the Morning* e *All the Way*. A família seguiu um caixão que entrou em uma igreja abarrotada com a aristocracia do *show business*. Entre os presentes na missa, que ocorreu na manhã seguinte, estavam Gregory Peck, Kirk Douglas, Tony Bennett, Sophia Loren, Liza Minnelli, Tony Curtis, Paul Anka, Anthony Quinn, Milton Berle, Diahann Carroll, Dionne Warwick, Debbie Reynolds, Peggy Lee, Jack Nicholson, Gene Autry, Sidney Poitier, Janet Leigh, Faye Dunaway e Bruce Springsteen. Nancy Reagan e o ex-governador de Nova York Hugh Carey estavam lá, como também estavam Larry King e Phil Donahue, Joey Bishop, a ex-mulher de Dean Martin, Jeanne, e a viúva de Sammy Davis, Altovise. As duas ex-esposas vivas de Frank, Nancy Sinatra e Mia Farrow, sentaram atrás da família atual. O ar estava permeado de fragrância de gardênias, das flores que cobriam o caixão de Frank.

Depois da "Ave Maria", cantada pelo coro, a voz de Frank encheu a igreja. "Put your dreams away for another day", ele cantava, e as lágrimas caíam.

Os convidados em luto apareceram na luz do sol, onde cerca de quinhentas pessoas estavam reunidas. Fotógrafos se atropelavam para tirar fotos de rostos famosos. Lá no alto, um avião escrevia no céu, traçando no ar as iniciais "F.S.", e depois as contornou com a forma de um coração.

. . .

OS RESTOS MORTAIS DE FRANK SINATRA foram levados de avião, naquela tarde, para Palm Springs, e então ao cemitério Desert Memorial Park para o enterro. Um sacerdote, de outra igreja nomeada em homenagem a São

Francisco, conduziu a última cerimônia.

Um major-general do Corpo de Fuzileiros Navais entregou uma bandeira dos Estados Unidos dobrada para Barbara Sinatra “em nome de uma nação agradecida”. O presidente Clinton tinha aprovado esta homenagem final em resposta a uma iniciativa de Nancy, filha de Frank, mesmo que seu pai nunca tendo servido às forças armadas. A Medal of Freedom e a Congressional Gold Medal foram consideradas justificações suficientes.

Sumindo de vista, o caixão desceu para o jazigo revestido de bronze, onde estavam enterrados os pais de Frank. A lápide da sepultura de Frank é ladeada pela dos pais de Jilly Rizzo. É pequena, cheia de relva bem tratada, e tem apenas seu nome, data de nascimento e de morte, e o epitáfio esperançoso *The Best Is Yet to Come*[222].

Frank tinha incluído essa música em seu último grande concerto. “O melhor ainda está para vir”, ele tinha cantado, então, enfaticamente, não seguindo exatamente as letras originais, “Baby, vai ficar tudo bem”.

Ele sabia que nem tudo tinha acabado bem. Ele tinha decidido nunca escrever sua autobiografia, disse, “porque não tenho orgulho de muitas coisas que fiz”. Ele queria ser lembrado, como declarou a um entrevistador, por “ter me saído bem em fazer da música popular uma forma de arte – de ter tocado as pessoas...”. Ele também tinha dito certa vez: “O que tem sido dito sobre mim é irrelevante. Quando eu canto, eu acredito”.

Notas e Fontes

As citações completas dos livros mencionados nas Notas e Fontes aparecem na Bibliografia.

Abreviações usadas nas notas e fontes

BN – Grupo de Registro 170, arquivos do Federal Bureau of Narcotics, National Archives

corr. – correspondência com os autores

ELSUR –transcrições de fitas de vigilância eletrônica do FBI [FBI transcripts of electronic surveillance tapes]

ent. - entrevista conduzida pelos autores

FOIA –Lei de Liberdade de Informação [Freedom of Information Act]

FS –Frank Sinatra

FSFBI – arquivos da sede do FBI sobre Sinatra, FBI 62-832I9 [FBI headquarters file on Sinatra, FBI 62-832I9]

HSCA – Comitê Seleto da Câmara sobre Assassinatos [House Select Committee on Assassinations], Câmara dos Representantes [U.S. House of Representatives], 95ª Cong., 2ª sess., 1979

JFK – documentos relativos ao assassinato do Presidente Kennedy, reunidos durante o trabalho do Conselho de Revisão de Registros de Assassinato [Assassination Records Review Board] e armazenados no National Archives

LAT – *Los Angeles Times*

LAHE – *Los Angeles Herald-Examiner*

LLBN – arquivo de Lucky Luciano, Grupo de Registro 170, arquivos do Federal Bureau of Narcotics, National Archives

M/G ent. – entrevista conduzida para o documentário para a televisão da 2000 ITV (U.K.), Sinatra: Good Guy, Bad Guy, fornecida aos autores pelos jornalistas Michael Gillard e Gavin MacFadyen

MHL – material mantido na biblioteca Margaret Herrick Library, Academy

of Motion Picture Arts and Sciences

NA – National Archives, Washington, D.C.

NYT – *New York Times*

PITV – entrevista conduzida para o documentário da Paladin InVision para a BBC1 (Reino Unido) e A&E (Estados Unidos) feito em colaboração com os autores

WP – *Washington Post*

Capítulo 1: Estreia

22 *May I sing?*/ primeira gravação em estúdio: ents. Mary Mane, viúva de Frank Mane, o advogado da Sra. Mane, Robert Mandelbaum; Charles Granata, *Sessions with Sinatra*, Chicago: A Capella (Chicago Review Press), 1999, 2, Will Friedwald, *Sinatra! The Song is You*, Nova York: Da Capo Press, 1997, 65; (*Our Love*) letra e música de Larry Clinton, Buddy Bernier e Bob Emmerich, Nova York: Chappell, 1939; (tecnologia) ents. Alan Graves do Audio Lathe; (selo) foto e corr. Robert Mandelbaum, 4 de janeiro de 2004; (das mais de milhares) Granata, xiv.

23 "melhor cantor": Sammy Cahn, *I Should Care*, Nova York: Arbor House, 1974, 132.

Capítulo 2: Uma família da Sicília

24 Eu sou siciliano/"eu não acho": FS comenta durante a turnê italiana, 1987, RAI UNO (TV Italiana), *videotape* da coleção dos autores.

24 fogo e paradoxo: Donald Ordway, *Sicily: Island of Fire*, Nova York: National Travel Club, 1930, 2.

25 "ingovernável": Luigi Barzini, *From Caesar to the Mafia*, Nova York: Library Press, 1971, 68.

25 taxa de criminalidade: Will Monroe, *The Spell of Sicily*, Boston: Page, 1909, 123.

25 caracterização da Máfia: ("máfia"/"Máfia") Luigi Barzini, *The Italians*, Nova York: Atheneum, 1964, 253. Os autores também estudaram *A Family Business*, pesquisa sobre os laços de parentesco no crime organizado, por Francis Ianni e Elizabeth Reuss-Ianni (Nova York: Russel Sage

Foundation, 1972); (casamento/divórcio) Charlotte Chapman, Milocca: A Sicilian Village, Cambridge, MA: Schenkman, 1971, 88; (*padrone*) Donna Gabaccia, *From Sicily to Elizabeth Street*, Albany, NY: State University of New York Press, 1984, 5, Gay Talese, "Frank Sinatra Has a Cold", *Esquire*, abril 1966; ("uomini rispettati"*)* ibid. Barzini, *Italians*, 256, Claire Sterling, *The Mafia*, Londres: Hamish Hamilton, 1990, 49, 72.

26 corrupção/eleições fraudulentas: M. I. Finley, Denis Mack Sinith e Christopher Duggan, *A History of Sicily*, Nova York: Elisabeth Sifton-Viking, 1987, 183, 197-, Sterling, 47, Barzini, Italians, 256.

26 "Sopa no mel": Ordway, 7.

26 avô paterno: (obituário) *NYT*, 10 de abril de 1948; (certificado de óbito) "Frank" Sinatra, n. 226, 12 de abril de 1948, NJ Department of Health/Departamento de Saúde – Bureau of Vital Statistics; (1964/Catania) *Il Giornale*, 20 de dezembro de 2002; (1987) FS comenta durante a turnê italiana de 1987, RAI UNO; (Agrigento) ent. Ann Barak Stutch; (os livros de Nancy) Nancy Sinatra, *Frank Sinatra: An American Legend*, Nova York: Reader's Digest, 1998, 15, e ver também Nancy Sinatra, *Frank Sinatra: Meu Pai*, Nova York: Pocket, 1985, 2.

26 certidões da Sicília e dos EUA: para definir corretamente os nomes, local e datas de nascimento dos avós paternos de Sinatra, os autores se apoiaram, antes de tudo, em informações fornecidas pelos próprios avós quando estavam vivos, e pela neta de Sinatra, Rose Paldino. Os fatos relacionados às origens foram coligidos com auxílio de Kathy Kirkpatrick, uma genealogista especializada no estudo de certidões da Sicília. Kirkpatrick está de acordo com os achados dos autores.

Informações decisivas foram os nomes de solteira da avó paterna de Sinatra, Rose Saglimbeni, e de sua mãe, Angela Lo Forte, que estão anotados na certidão de óbito de Rosa. Utilizando seu nome de solteira – na Itália, mulheres casadas eram identificadas por seus nomes de solteira – Rosa Saglimbeni Sinatra entrou nos Estados Unidos na Ilha de Ellis, com três jovens filhos – incluindo o pai de Sinatra, Antonino – em 1903. Pesquisa aprofundada pelas certidões da ilha de Ellis definiriam uma data anterior para a chegada do avô de Sinatra, Francesco, em 1900, e a de seu tio Salvatore, em 1902.

As informações fornecidas por Rosa e Francesco aos oficiais de imigração dos EUA, juntamente com a data que eles deram depois para o Censo dos

EUA, definiram suas verdadeiras idades, bem como a profissão de Francesco (sapateiro), e o porto de partida deles na Sicília-Palermo. Uma busca por certidões civis de nascimento no subúrbio Brancaccio, de Palermo, rendeu a certidão de nascimento de Antonino Sinatra, com a data de 4 de maio de 1894 – a data de nascimento do pai de Sinatra que era conhecida – para Rosa Saglimbeni e Francesco Sinatra. Subsequente pesquisa entre as certidões da paróquia de Brancaccio revelou a certidão de batismo de Antonino.

As memórias imprecisas de um padre octogenário conduziu os autores ao vilarejo de Lercara Friddi. Os registros na igreja Maria S.S. della Neve, em Lercara, incluíam as certidões de batismo e nascimento dos avós de Sinatra, firmemente identificados graças à inclusão dos nomes de *seus* pais, que batiam em data com as certidões oficiais dos Estados Unidos (certidões de óbito – para Frank [Francesco] Sinatra, em 12 de abril de 1948, n. 226 – listando nomes de seu pai como Isidor, e para Rosa Sinatra, em 28 de fevereiro de 1925, n. 20 – na qual constava o nome de seus pais como Salvatore Saglimbene [sic] e Angela Lo Forte – NJ Department of Health – Bureau of Vital Statistics; certidões da Iha de Ellis – ver fontes para a imigração aos Estados Unidos ainda neste capítulo; Censo dos Estados Unidos – as respostas de Frank e Rose Sinatra para o Censo dos Estados Unidos, 1920; Certidões de Palermo – entrada de Antonino Sinatra, 4 de maio de 1894, certidão civil de nascimento, Palermo, microfilme, FHL 1963806, *Genealogical Society of Utah*, e certidão de batismo datada de 8 de maio de 1894, referindo ao nascimento em 4 de maio, na Paróquia S.S. Salvatore, Palermo – o documento mostra que um padrinho tinha o nome de solteira de Rosa, Lo Forte; padre – Don Antonino Scianna, mencionado em *La Republica*, em 13 de junho de 1987; Lercara Friddi – certidão de casamento, 2 de janeiro de 1881, entrada para Franciso Sinatra, filho de Isidor Sinatra e Dorotea Siragusa, com Rosa Saglimbeni, filha de Salvatore Saglimbeni e Angela Lo Forte, anotando o casamento em 30 de dezembro de 1880, *Libro di Matrimonia* n. XV, 1881-1889, certidões de batismo de Francesco, 24 de fevereiro de 1857, e de Rosa, 9 de setembro, *Livro dei Battesimi, Archivio Parrochiale Maria S.S. Della Neve*, Lercara Friddi.

27 Lercara Friddi: (origem) Finley et al., 160-, 192, Nicolò Sangiorgio, *Lercara Friddi*, Palermo, Sicily: Edizioni Kefagrafica, 1991, 143, Giuseppe

Mavaro, *Dialogo tra un maestro ed i suoi alunni sulla storia di Lercara Friddi*, Lercara Friddi, Sicília: Biblioteca Comunale, 2002, corr. (em correspondência com os autores) Nicolò Sangiorgio, ent. Salvatore Lupo; ("território principal/central") Alberto Consiglio, *Lucky Luciano*, Milão: Editrice A e G Marco, 1972, 11 –, ent. Salvatore Lupo; (Corleone/mafiosos) ibid., e Carl Sifakis, *The Mafia File*, Wellingborough (U.K.): Thorsons, 1987, 89, 223; (Prizzi/reduto/) Salvatore Lupo, *Storia della Mafia*, Roma: Donzelli, 1996, refs.; (nascimento de Luciano) Lupo, 29, Consiglio, 11 –; ("sem dúvida") Sifakis, 200; ("cabeça") Virgil Peterson, *The Mob*, Ottawa, IL: Green Hill, 1983,181; ("fundador") George Wolf com Joseph DiMona, *Frank Costello: Prime Minister of the Underworld*, Nova York: William Morrow, 1974, 95 – e contracapa.

27 Sinatra e Lucania: (certidões de casamento e batismo) entradas para o casamento de Francesco Sinatra e Rosa Samglibeni e Antonio Lucania e Rosalia Cafarelli/Capanelli, abril de 1983, Libro dei Matrimonia n. XV, 1881-1889, entradas para batismos de Isidor (1884) e Salvatore (1887) Sinatra, Bartholomey (1891) e Salvatore (1897) Lucania, Libro dei Battesimi, Archivio Parrocchiale Maria S.S. della Neve, Lercara Friddi; (moravam na mesma rua) Sangiorgio para os autores, 21 de dezembro de 2002 e 12 de janeiro de 2003, com citações das certidões de nascimento de Salvatore Lucania e Isidoro Sinatra.

27 agenda de endereços/Saglimbeni: *Agenda Personale di Lucania Salvatore*, anexo de Cusack para Giordano, 20 de junho de 1962, LLBN. Antonio Saglimbeni e Rosa Saglimbeni, com quem Francesco casaria, eram primos de segundo grau, por duas vezes separados. Embora na sociedade moderna na porção urbana dos Estados Unidos e da Europa isso fosse considerado uma relação distante – e, portanto, insignificante – na Sicília rural, tais parentes interagiam regularmente. Em seu livro *From Caesar to Mafia*, Luigi Barzini escreveu: "O poder tem muitas fontes. A primeira e mais próxima fonte é a família. Na Sicília, a família inclui os familiares até terceiro, quarto e quinto graus" (primos – certidões civis de nascimento e casamento para Lercara Friddi, 1719-1920, Genealogical Society of Utah – Antonino e Rosa eram descendentes de Salvatore Saglimbeni, corr. da genealogista Katharine Kirkpatrick; "Poder tem" – Barzini, *Caesar*, 69); (Francesco depois da morte da esposa) *Photoplay*, setembro de 1956; (idade de 91) certidão de óbito – outra data oficial mostra que ele tinha 91

anos quando morreu, e não 64, como foi divulgado pela imprensa;

28 (o próprio Sinatra indicou) FS ent. por Sid Mark, 19 de abril de 1983, *WPHT* (Philadelphia, PA), *Photoplay*, agosto de 1945;

28 (“muito próximos”) *Photoplay*, setembro de 1956, com referência a Lee Bartletta Amorino; (“mudara de rumo”) comentário de FS durante a turnê italiana de 1987, RAI UNO.

28 Francesco: (não sabia ler) resposta no manifesto de passageiros para S.S. Spartan Prince, 6 de julho de 1900, Ellis Island Foundation; (sapateiro) ibid., corr. Nicoló Sangiorgio, fazendo referência às certidões de nascimento de Isidor e Salvatore Sinatra, ent. Rose Paldino, e ver *Sinatra, My Father*, 2 – Marty, filho de Francesco (pai de FS) tinha o apelido de “Tony, o Sapateiro”; (dois filhos) certidões de batismo de Isidor e Salvatore Sinatra, corr. Nicoló Sangiorgio.

28 tempos de desespero: (passando fome) Monroe, 107, 121 –; (revoltas/crime) Sterling, 47,133, Monroe, 123.

28 poder da Máfia: (oeste da Sicília) Monroe, 141, Barzini, *Italians*, 254, Nicholas Gage, *The Mafia Is Not an Equal Opportunity Employer*, Nova York: Dell, 1972, 34, Sterling, 44; (Don Vito [Vito Cascioferro]) Barzini, *Italians*, 263, Sterling, 48, Peterson, *The Mob*, 482, *Life*, março de 1985 – ver também Richerd Gambino, *Blood of My Blood*, Nova York: Anchor Books, 1974, 277; (Don Carlo [Calogero Vizzini]) Barzini, *Italians*, 268, Sterling, 52, 63;

29 (Accardo) William Roemer, *Accardo*, Nova York: Donald Fine, 1995, 17; (Gambino) Ed Reid, *The Grin Reapers*, Nova York: Bantam, 1969, 287 –; (Giancana) William Brashler, *The Don*, Nova York: Ballantine, 1977, 12 –; (Trafficante) Atualização de arquivo, “Santo Trafficante Jr.”, Case 1-139, 24 de agosto de 1977, Dade County Public Safety Department, Organized Crime Division.

29 mudança de Palermo: registro “Última Residência” no manifesto/ declaração S.S. *Spartan Prince*.

29 dois filhos nascidos – morrem na epidemia de cólera?: um registro na paróquia de Brancaccio, Palermo, certidões de nascimento de batismo em 1989 de um garoto chamado Giuseppe. Certidões civis mostram que outro filho, Antonino, nasceu em 1892. Não há certidão mostrando que o garoto teria sido batizado, um indício de que ele pode ter morrido ao nascer ou pouco depois. Os autores não localizaram outras certidões/ registros de

nenhum desses filhos. A genealogista que é especializada em Sicília afirma que era costume, quando uma criança que levava o nome de uma família tradicional morria, dar o mesmo nome ao próximo filho. Esta é provavelmente a razão para que o pai de Sinatra, nascido em 1894, tenha também recebido o nome de Antonino.

O estudo da genealogia da família determina que a primeira criança dos Sinatra teria sido uma filha, Dorotea, nascida em Lercara Friddi, em 1881. Ao que parece, assim como os dois garotos que morreram em Palermo, também ela não sobreviveu. Os Sinatra também deram à sua última criança, uma filha, o nome de Dorotea, em seu nascimento em 1899 (Giuseppe – certidão de batismo, 8 de dezembro de 1889, paróquia S.S. Salvatore, Palermo; Antonino – registro, certidões de nascimento, Palermo, FHL 135000814, *Genealogical Society of Utah*, corr. Kathy Kirkpatrick; Dorotea – certidões de nascimento, Dorotea Sinatra, 13 de outubro, 1881, Lercara Friddi, Palermo, Itália, FHL 1965252, *Genealogical Society of Utah*; epidemia de cólera – ent. Fr. Alerio Montalbano [padre], Paróquia S.S. Salvatore, Brancaccio, Palermo, uma placa na igreja marca a epidemia de cólera no começo dos anos 1890).

29 emigração (êxodo) Finley et al., 202, Nick Tosches, Dino, *Living High in the Dirty Business of Dreams*, Nova York: Delta, 1992, 6.

29 viagem/chegada de Francesco: declaração/manifesto do S.S. *Spartan Prince.*

29 filhos de Sinatra que sobreviveram: na época de sua imigração para a América, Francesco Sinatra e sua esposa, Rosa, tinham cinco filhos vivos. O mais velho, Isidor, tinha nascido em 1884, seguido por Salvatore em 1887, Antonino (pai de FS), em 1894, Angelina em 1896, e Dorotea, em 1899 (certidões de batismo para Isidor [6 de fevereiro de 1984]) e Salvatore [19 de janeiro de 1887], Libro de Battesimi, registros de imigração para Antonino, Angelina e Dorotea, declaração de passageiros, Citta di Milano, com chegada em 21 de dezembro de 1903, Ellis Island Foundation, que lista idades na época da chegada aos Estados Unidos).

29 Isidor se junta a Francesco: os autores não localizaram um registro de chegada de Isidor a Ellis Island, mas ele certamente se juntou à família nos Estados Unidos em algum momento. O diretório da cidade de Hoboken para 1915 anota um certo Isidor Sinatra vivendo no endereço de Francesco. De acordo com a neta de Francesco, Rose Paldino, ele morreu jovem, de diabetes.

29 Salvatore/Rosa/filhos: declarações de passageiros, S.S. Marco Minghetti, chegando a Ellis Island em 2 de junho de 1902, e a Citta di Milano, Ellis Island Foundation, ents. Rose Sinatra Paldino, registros da cidade de Hoboken, 190-1930.

29 Estátua sorriu: endereço de FS, 100th Birthday Tribute to the Statue of Liberty, 3 de julho de 1986, *videotape* de coleção do autor.

29 hostilidade: (sujeira) David Evanier, *Making the Wiseguys Weep*, Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1998, 19; (criminoso) Donald Clarke, *All or Nothing at All*, Nova York: Fromm, 2000, 3; (alcunhas) Evanier, 23, Pete Hamill, *Why Sinatra Matters*, Boston: Little Brown, 1998, 38;

30 ("nem mesmo os brancos" Sicília especialmente) "Italians in America" (documentário de TV), Greystones Communications para a A&E, no History Channel, 1998, Gambino, 84 –; (Klan) ibid., e *New Yorker*, 9 de novembro de 1946; (igrejas) Michael Freedland, *All the Way*, Londres: Orion, 1998, 6.

30 criminalidade: (fugitivos) Sterling, 49 –; (Don Vito) ibid., e declaração de passageiros, S.S. Champagne, para chegar em 30 de setembro de 1901; (proteção) Sterling, 50, Barzini, *Italians*, 272 –, John Cummings e Ernest Volkman, *Goombata*, Boston: Little Brown, 1990, 23 –, Gage, 44; (Alo) Miami Herald, 8 de abril de 2001.

30 Luciano chegou: a data de chegada da família Lucania tinha sido previamente divulgada como tendo sido em 1904, 1906 ou 1907. Dados do censo dos EUA indicam que, como os Sinatra, eles chegaram em várias etapas. O pai de Luciano chegou em 1906 e sua esposa e dois de seus filhos – incluindo seu filho Salvatore, hoje lembrado como "Lucky" – no ano seguinte (Censo dos EUA, 1920).

30 "Nós éramos rodeados": Martin Gosch e Richard Hammer, *The Last Testament of Lucky Luciano*, Boston: Little Brown, 1975, 8. Ver também Tony Sciacca, *Luciano*, Nova York: Pinnacle Books, 1975, 16.

30 Trabalhos de Francesco/Rosa: (sapateiros) Hamill, 40; (caldeireiro/fábrica/mercearia) Sinatra, *Legend*, 15 – Francesco está listado no Censo dos EUA em 1920 como "proprietário" de mercearia.

30 onze dólares/duzentos dólares hoje: equivalentes modernos para somas de dólares em datas antigas foram calculados de acordo com dados fornecidos pelo Professor Robert Sahr do Political Science Department da

Oregon State University e disponíveis no website da *Columbia Journalism Review*, <www.cjr.org/tools/inflation>.

31 Hoboken: (resort) Clarke, 4, "The Abridged History of Hoboken", hobokenmuseum.org; (cidade industrial suja) Arnold Shaw, *Sinatra, Twentieth Century Romantic*, Nova York: Holt, Rhinehart e Winston, 1968, 9; (dominada pelos irlandeses) Freedland, 8; (território italiano) Barzini, *Italians*, 272, Chapman, 151; (ataque) ent. de FS em *Sinatra: An American Original*, especial da CBS News, 1965; (batalha) *NYT*, 6 de maio de 1909.

32 Isidor/mercearia: Diretório da cidade de Hoboken, 1915, 1918.

32 Salvatore/padeiro: ent. com a filha, Rose Paladino.

32 Marty: (caiu fora) FS ent. por Sidney Zion em um seminário, Yale University, 15 de abril de 1986, videotape das coleções dos autores; (iletrado) ibid. Sinatra, *Legend*, 22, Tina Sinatra com Jeff Coplon, *My Father's Daughter*, Nova York: Simon e Schuster, 2000, 63, ent. Rose Paldino; ("cogumelo") Kitty Kelley, *His Way*, Nova York: Bantam, 1986, 96; (tatuagens) ibid., 9, *Esquirre*, abril 1966; (asma) *Sinatra, My Father*, 6, Look, 14 de maio de 1957; (gentil) *Sinatra, My Father*, 3, 5; (silêncios) Hamill, 71, e ver Freedland, 16–; (temperamento explosivo) Earl Wilson, *Sinatra: An Unauthorized Biography*, Nova York: Signet, 1977, 17; (bebida) Robin Douglas-Home, *Sinatra*, Londres: Michael Joseph, 1962, 51; (sapateiro) *Sinatra, My Father*, 2; ("motorista") certidão de nascimento de FS, 17 de dezembro de 1915, New Jersey Bureau of Vital Statics; (acidente) *Jersey Journal*, 8 de maio de 1918; (mercadorias roubadas) Kelley, 1; (boxeador) Sinatra, *Legend*, 15; (boxeadores italianos) Hickman Powell, *Lucky Luciano*, Secaucus, NJ: Arno, 1975, 7ofn; (patrocinador) FS ent. por Zion.

32-33 Natalina "Dolly" Garaventa: certidão de nascimento, Natalina Garaventa, 26 de dezembro de 1896, *Comune di Lumarzo*, Gênova, Oggi, julho de 1987, ents. Julianna Casagranda, sobrinho Frank Monaco. Como referido em em sua certidão de nascimento, o nome completo de Dolly era Natalina Maria Vittoria Garaventa. Seu nome de solteira tinha sido apresentado com diferentes grafias ao longo dos anos. Em dois documentos oficiais o sobrenome de Dolly estava grafado como Garaventi. Sua neta Nancy usava Garavante em seus livros sobre o pai. Os autores usaram a grafia encontrada na certidão de nascimento italiana de Dolly, Garaventa (certidão de nascimento de FS, ilustrada em Sinatra,

Legend, 17, Natalie Sinatra, *Social Security Application*, 151-32-9978, novembro de 1958).

32 um pai camponês: dados fornecidos pelo escritório do prefeito, em Comune di Lumarzo, dezembro de 2002. O pai de Dolly tinha sido previamente referido como tendo trabalhado como litógrafo ou um quebrador de pedras para um litógrafo, isso antes de deixar a Itália. Os autores usaram a informação fornecida na Itália (ent. Frank Monaco, Sinatra, *Legend*, 15, [Rochester, NY] *Democrat & Chronicle*, 8 de janeiro de 1977, Wilson, 16).

32 irmãos Garaventa: (Dominick) *Jersey Journal*, 15 de abril de 1931; ver também Bill Davidson para Asst. Dir. Louis Nichols, e Jones para Nichols, 23 de janeiro de 1957, FSFBI fez revisão da revisão para os autores, 2004, ent. Rose Paldino; (Lawrence) *Jersey Journal*, 15 de abril de 1931, 17 e 19 de agosto de 1946, 14 de dezembro de 1948, 15 de janeiro de 1949, *Jersey Observer*, 13 de março de 1919, *NYT*, 1º, 3, 4 de fevereiro de 1922, ents. Frank Monaco, Anthony Petrozelli, James Petrozelli Jr., Rose Paldino, Nick Sevano. Ver também Kelley, 15, com referência a *Jersey Observer*,

33 (Gustavo) Kelley, 527, 222, 1.

33 Dolly descrita: (olhos e cabelo) M/G ent. de Nick Sevano, Ed Shirak, *Our Way*, Hoboken, NJ: Lepore's Publishing, 1995, 102, Shaw, 8, Tony Sciaca, *Sinatra*, Nova York: Pinnacle, 1976, 94; (altura) Sinatra, *Legend*, 16; (vestida como um garoto) ibid. 15, *Congressional Record*, 30 de junho de 1971, 22893; (falava grosso) ents. Rose Paldino, Frank Monaco, (nunca esquecia) Shaw, 10; (inglês/dialetos) Hamill, 78; (boa organizadora) FS no *New York Daily News*, 17 de janeiro de 1982; (cantora) Sciacca, *Sinatra*, 103, *Chicago's American*, 25 de setembro de 1966; (Clam Broth House) Shirak, 102.

33 Marty e Dolly: (encontro) Hamill, 57; (serenata) "Frank Sinatra's Own Hit Parade", não publicado. FS ent. por Dorothy O'Leary, 24 de março de 1948, MHL; (mais cerebral/mandona) ents. Rose Paldino, Phyllis McGuire, Brad Dexter, Kelley, 24, Paldino; (cortiço?) *Motion Picture*, 16 de junho de 1947, *American Weekly*, 20 de julho de 1952, ent. Rose Paldino, Freedland, 7, Sciacca, *Sinatra*, 92; (a casa descrita) ent. Rose Paldino; (Dominick) Sciacca, *Sinatra*, 92.

34 Vitrolas: Hamill, 52, e "Recording Industry History",

www.acusd.edu/gen/recording/notes.

Capítulo 3: Filho único

35 “Nós nos casamos”: *Look*, 28 de maio de 1957.

35 nascimento: (invernal) FS em especial da CBS News; (neve) *NYT*, 12 de dezembro de 1915; (mesa/noventa libras) FS em especial da CBS News; (nascimento) ibid., Sinatra, *Legend*, 16, *Look*, 28 de maio de 1957, Wilson, 14; (mulheres) ent. Frank Monaco, Shirak, 103, vizinha era Margaret Fiore; (“acho que não vai sobreviver”) Sciacca, *Sinatra*, 93;

36 (incapaz de ter mais filhos) FS ent. por Zion, Goldmine, 22 de março de 1991; (cicatrizes) Sinatra, *Legend*, 17, ents. Peggy Connelly, Tony Oppedisano; (maquiagem) *Look*, 14 de maio de 1957, ents. Peter Levinson, George Jacobs e William Stadiem, *Mr. S: My Life with Frank Sinatra*, Nova York: Harper, 2003, 56; (gratidão) FS no especial da CBS News; (tentou atacar) *Sinatra, My Father*, 282, J. Randy Taraborrelli, *Sinatra: A Complete Life*, Nova York: Birch Lane, 1997, 12; (“Eles não estavam pensando”) ent. Peggy Connelly.

36 certidão de nascimento/“Francis A.”: Sinatra, *Legend*, 17. O livro de Nancy Sinatra, *Legend*, afirma sem aprofundamentos que Frank Sinatra recebeu este nome em homenagem a seu padrinho, Frank Garrick. Outras fontes sugerem que recebeu o nome de Frank puramente por acidente, já que seus pais tinham decidido chamar o bebê de Martin. Muito provável é que o nome tenha sido escolhido para honrar seu avô materno, Francesco, o que era um costume italiano.

Os convites para o primeiro casamento de Frank incluíam a inicial do nome do meio “A.”, assim como seu certificado de alistamento e um novo registro de seu nascimento, preenchido em 1945. Em 1976, em ainda outra versão do registro, ficou formalmente especificado que o segundo nome do cantor era Albert. Conta-se que o próprio Sinatra disse, em 1947, que ele não tinha um nome do meio (Garrick – Sinatra, *Legend*, 16; por acidente – Taraborrelli, 7; costume – corr. Kathy Kirkpatrick, ent. Rose Paldino, cujo irmão mais velho também foi chamado de Frank em homenagem ao avô Sinatra; nome do meio – Sinatra, *Legend*, 17, *Freedland*, 5, Don Dwiggins, *Frankie*, Nova York: Paperback Library, 1961, 92, “Frank

Albert Sinatra", Selective Service registration card, #2615).

36 "Deus te ama": Wilson, 14.

36 fotografias de bebê: Sinatra, *Legend*, 16 – não disponíveis para serem usadas neste livro.

36 Josie: Sciaca, *Sinatra*, 93.

36 "Eu não ligava"/Francesco/avó: *Look*, 28 de maio e 11 de junho de 1957; *Photoplay*, setembro de 1956.

37 "um tanto afeminado" Kelley, 20, citando Kathryn Buhan.

37 convocação: *Draft Registration Records*, Hoboken, NJ, 1917-18, microfilmes, 1712108/09/10.

37 Dolly (se voluntariou) *Star*, fazendo referência à exibição sobre FS na Hoboken Library, sem data, 1986. Ver também *The Worker*, 25 de novembro de 1945; (se acorrentaram) Sinatra com Coplon, 11; ("Eu fui chamada") *Look*, 28 de maio de 1957, *Photoplay*, setembro de 1956; (influência) *Freedland*, 11, *Time*, 25 de agosto de 1965, Gerry Romero, *Sinatra's Women*, Nova York: Manor, 1976, 22, *Woman's Home Companion*, maio de 1956, Sciacca, *Sinatra*, 94, ent. Nick Sevano; ("madrinha") ent. Anthony Petrozelli.

37 Dolly e políticos/prefeitos: *Hoboken Historical Museum Newsletter*, março/abril de 1987, *Hoboken History*, volume 17, 1997, Warren Strickle, *New Jersey Democracy and the Urban Coalition*, 1919-1932, Washington, DC: Georgetown University, volume não publicado, maio de 1971, eds. Edward Foster e Geoffrey Clark, Hoboken, Nova York: Irvington, 1976, 63 –, "General Crima Survey: Newark Field Division", 13 de maio de 1944, FBI 62-75147-31-2. Os prefeitos eram Berbard MacFeeley (Hoboken) e Frank Hague (Jersey City); ("comprando votos") Sinatra com Coplon, 11;

38 ("Marty não era esperto o bastante") ent. Rose Paldino; (atazanar) Sinatra, *Legend*, 18.

38 FS carregando cartazes: Chicago's American, 25 de setembro de 1966, e Eymour Hersh, *The Dark Side of Camelot*, Boston: Little Brown, 1997, 139. Embora Tina Sinatra dissesse que seu pai carregou cartazes pelos democratas antes que pudesse ler as palavras neles escritas, o próprio FS disse que a primeira vez que fez parte de uma campanha foi quando ele participou de uma passeata por Al Smith, aos 12 anos. Isso teria acontecido em 1928, quando Smith, tendo sido eleito quatro vezes

governador de Nova York, concorreu pela presidência. Dada a afiliação de Dolly a políticos corruptos locais, e às ligações de Sinatra com Lucky Luciano, é interessante que, ao que se conta, Smith tenha pedido ajuda a Luciano durante a campanha. Segundo o associado de Luciano, Frank Costello, Smith se encontrou novamente com Luciano durante a disputa presidencial de 1932. Se Sinatra ficou sabendo de tais contatos conforme os anos se passaram, não deve ter parecido nada extraordinário o envolvimento de Kennedy com a Máfia, anos depois – em que Frank fez o papel de intermediário. ("Eu marchei" − Sinatra, *Legend*, 149. Ver também *Chicago's American*, 25 de setembro de 1966; Smith/Luciano – Gosch e Hammer, 98 –. Wolf com DiMona, 97 –, Sciacca, Luciano, 108–).

38 a parteira Dolly: (diretório) Diretório da cidade de Hoboken, 1925-1926, 126; (Kelley) Kelley, 25, 32; (presa) Jones para Nichols, 23 e janeiro de 1957, e Bill Davidson para Lou Nichols, 23 de janeiro de 1957, FSFBI, Taraborrelli, 26. Ver também confirmação da família em Friedwald, 62; ("Hatpin Dolly") *Star,* em data, 1986; (FS empurrado) Clarke, 19, Friedwald, 62; (às vezes não cobrava) ent. Anthony Petrozelli; Nick Sevano, James e Angela Petrozelli, Ed Shirak, Joe Spaccavento, Rose Ellman Sinatra, Al Certo, citado em Evanier, 47.

38 entregue a outros: Sinatra, *Legend*, 17, Sinatra, *My Father*, 4. George Carpozi, *Frank Sinatra: Is This Man Mafia?* Nova York: Manor, 1979,10.

38 Sra. Golden: *Look*, 28 de maio de 1957, Woman's Home Companion, maio de 1956, *Good Housekeeping*, junho de 1964, Wilson, 17, 360. O nome da Sra. Golden também aparece grafado de formas variadas como Goldman e Goldberg, mas Golden predomina; (Rose) Sciacca, Sinatra, 94, 97, Clarke, 17.

38 FS e iídiche/italiano: Friedwald, 61, 62n1. Dois amigos ítalo-americanos, o artista Sonny King e o cantor Dean Martin, comentaram sobre o domínio que Frank tinha do idioma (italiano). King disse que ele tinha aprendido umas poucas palavras na infância e, ocasionalmente, aparecia com uma frase de efeito italiana. Dean Martin se lembrava de falar em italiano com Sinatra, Vic Damone e Nick Conte, "é que não queríamos que os outros ouvissem o que estávamos falando". Sinatra contou a uma plateia (uma vez): "Eu não sei italiano suficiente para falar com vocês em italiano". Embora ele tivesse muito pouco domínio sobre o idioma, não é correto dizer que ele "nunca falou uma palavra" do idioma, como sugeriria Ava

Gardner (ent. Sonny King, Dean Martin citados em Oriana Fallaci, *The Egotists*, Chicago: Regnery, 1968, 163, comentário de FS sobre a turnê italiana de 1987, RAI UNO, Ava Gardner, *My Story*, Nova York: Bantam, 1990, 151).

38-39 Dolly/pertences: (bicicletas) *Time*, 19 de agosto de 1955; (brinquedos/ Catskills) *LAHE*, Aciacca, *Sinatra*, 98, Carpozi, 10, Alan Frank, *Sinatra*, Nova York: Leon Amiel, 1978, 13; (roupas) ibid. Freedland, 13, ent. Nick Sevano; ("calças de veludo") Sinatra, *My Father*, 5; (Geismar's) New Jersey Mothly, fevereiro de 1982; (Tredy) Sinatra, *My Father*, 7; (figura solitária) Kelley, 16, Clarke, 11.

39 cinzeiro/limpeza: (Dolly) *Woman's Home Companion*, maio de 1956; (FS) *Look*, 14 de maio de 1957; ("Lady Macbeth") Shaw, 10; ("fanático") ent. Tony Oppedisano. (dinheiro/"não suporto") *Look*, 14 de maio de 1957, rascunho para *Movieland*, 11 de junho de 1945, MHL; (copos) ent. Peter Levinson.

39 "Nós estávamos na praia": rascunho para *Movieland*, outubro de 1945, MHL.

39 "sempre esperava": Nancy Barbato Sinatra, citada em "Sinatra's Song", *Sinatra Music Society*, 2000, www.sinatra-ms.com.

39 "meu pai me tirou": *Photoplay*, agosto de 1945. Esta surra de seu pai foi, aparentemente, uma exceção. Em outras instâncias, FS disse que seu pai nunca tinha encostado um dedo nele (Sinatra, *My Father*, 5).

40 surras de Dolly: (atarracada) foto em Sinatra, *Legend*, 18; (caindo da escada) Sinatra, *My Father*, 4; (versão de Tina) Sinatra com Coplon, 54; ("ela costumava bater") ents. Rose Paldino, Rose Elman Sinatra; ("me surrava") Hamill, 84; ("Quando ela se aproximava") "*The Two Sinatras*", usnews.com, 25 de maio de 1998.

40 Dolly/FS adulto: ("sim, mamãe") *Look*, 11 de junho de 1957; ("ok, mãe") ent. Peter Levinson; ("evitando") ent. Peggy Connelly; ("Ela era insuportável") Shirley MacLaine, *My Lucky Stars*, Nova York: Bantam, 1995, 85; (arrasada) Sinatra, *Legend*, 252, ent. Rock Brynner; (filhos únicos) Robert Needham, MD, "Only Children", Benjamin Spock, MD, "Spoiling, Why We Do It", www.drspock.com.

40-41 Primeira Guerra Mundial/Hoboken: (tropas) *Freedland*, 8, The Official Record of the United States Part in the Great War, Governo dos EUA, cap. 3, 35–; ("Céu, Inferno") "The Abridged History of Hoboken", Hoboken Museum; (bares fechados) Kelley, 13; (bares pipocaram) M/G ent. de

Nick Sevano, *Hoboken History*, vol. 17, 1997, Hoboken Vigilance Committee to President Herbert Hoover, 1º de julho de 1929, Larson Papers, Box 21, Bk. 151, New Jersey State Archives.

41 o bar de Marty: (dinheiro emprestado) *New York*, 28 de abril de 1980, Carpozi, 9; ("bar e churrascaria") FS ent. por Zion, Hamill, 77; (levantar bêbados) M/G ent. de Nick Sevano, ent. John Marotta, Hamill, 84; (Marty/cavalo) Sinatra, *My Father*, 3, ent. Rose Paldino, ("um cara quieto e gentil") ent. Tony Oppedisano.

41-42 A Lei Seca/os Sinatra: ("novo jogo de bola") Wolf com DiMona, 33; (bloqueando o caminho da porta) Sciacca, *Sinatra*, 93, *Hoboken History*, vol. 17, 1997, Wolf com Di Mona, 48, Shaw, 9.

42 "Ele ajudava": FS ent. por Zion. A localização deste incidente no tempo é nebulosa. Em sua entrevista em Yale, Sinatra sugeriu que o ocorrido precedeu à abertura do bar de seu pai, mas conta-se que os Sinatra teriam aberto o bar "antes da Lei Seca". Isso poderia significar antes da Lei Seca chegar a Nova Jersey, em 1917, ou antes da proibição nacional, que começou em janeiro de 1920.

42 Marty; Waxeu Gordon: ("um dos caras durões") FS ent. por Zion; ("se misturar") Sinatra, *Legend*, 22; (Luciano) Sciacca, *Luciano*, 65 –, Sifakis, 143, Jonathan Van Meter, *The Last Good Time*, Nova York: Crown, 2003, 48, (Bologna, Italy) *Il Resto del Carlino*, 20 de novembro de 1954; ("um cliente assíduo") Hamill, 80.

42 FS no bar: (dever de casa) ent. Tony Oppedisano; (canto) Hamill, 87, e FS citado em *cbsnews.com*, 19 de maio de 1998.

42-43 Dominick/Lawrence: ver capítulo 2; (Dolly próxima) ents. Frank Monaco, Rose Paldino; (Lawrence vendendo bebida) *Jersey Observer*, 13 de março de 1919.

43 assassinato envolvendo a *American Express*: *NYT*, 1º de fevereiro de 1922. Pete Hamill, na p.73, e Kitty Kelley, na p. 14, escreveram que este incidente envolveu um motorista da Railway Express. De acordo com o *The New York Times* de 1º de fevereiro de 1922, um mensageiro da American Express é que foi morto; (outros assaltos/assassinato) ibid.; (policial baleado) *NYT*, 4 de fevereiro de 1922; (assassino nomeado) *Jersey Journal*, 31 de janeiro de 1922, o associado de Gordon era Carl Rettich, ibid., e *Providence Sunday Journal*, 28 de abril de 1935,

Providence Journal, 14 de fevereiro de 1950; (julgamento) Hamill, 73, Kelley, 14–.

43 Lawrence depois da prisão: (morou com os Sinatra) ent. Frank Monaco; (FS adorado) *Jersey City Chronicle*, 22 de julho de 1978, *Star*, 27 de novembro de 1979; (tiroteio) *Jersey Journal,* 15 de abril de 1931 – o carro foi encontrado na Madison Street, 415, enquanto a família Monaco morava na Madison, 417/418; (FS/Josie) *Look*, 8 de maio de 1957; (sogro/ casos de violação de vendas de bebida) ent. Frank Monaco, *Hudson Observer*, 20 de fevereiro de 1919; (gângster morto a tiros) Sinatra, *Legend*, 22 – o gângster era Joe Miotta, *Look*, 28 de maio de 1957; (Schultz usava os italianos) Jack Lait e Lee Mortimer, *Chicago Confidential*, Nova York: Crown, 1950, 169; (Luciano) Sciacca, *Luciano*, 113, Leonard Katz, *Uncle Frank*, Londres: W.H.Allen, 1974, 95 – embora em 1935 ele fosse o maior suspeito no assassinato de Schultz.

43-44 outros gângsteres: (“Meu pai cresceu”) Hersh, 138; (Fischettis) ents. Matthew Donohue, Bob Buccino, diretórios da cidade de Hoboken 1915-62, Censo dos EUA, 1920 e 1930, ent. e corr. Rocco Fischetti, “Joseph John Fischetti”, memo, 24 de julho de 1972, FBI 92-3024, 15, “Misc Information Crime Survey”, 26 de setembro de 1946, FBI 62-8861-531; (próximo de FS) ent. Anthony Petrozelli; (em contato com os Fischetti) ents. David Fagen, Jack Clarke, “Biographical Summary”, 16 de julho de 1957, “Joseph John Fischetti”, memo, 24 de julho de 1972, FBI 92-3024, 15, arquivo de Rocco Fischetti, FBI 63-HQ-599-10, *Chicago Field Office Report*, Rocco Fischetti, 23 de dezembro de 1967, FBI 92-2915-1, 24 de abril de 1964, FBI 92-2915-48, Virgil Peterson, *Barbarians in our Midst*, Boston: Little Brown, 1952, 158; (Joe “Stingy”/“mesquinho”) Laid e Mortimer, 183; (“o maior dos criminosos”) “*Correlation Summary”*, 25 de fevereiro de 1969, FSFBI; (indústria do entretenimento) o Procurador-geral assistente Herbert Miller para William Hundley, 22 de janeiro de 1964, Departamento de Justiça, Divisão para o Crime Organizado, 70A-3642-71; (companhia próxima) *Wall Street Journal*, 19 de agosto de 1968, ents. Peggy Connelly, Peggy Maley; (“jovenzinhos”) “Joseph John Fischetti”, memo, 28 de fevereiro de 1963, entrevista reproduzida de Fischetti, FBI 92-3024-58; (Alo) *Miami Herald*, 8 de abril de 2001, ent. Ken Roberts.

44 Os Sinatra melhoram Sinatra, *My Father*, 5.

44 bombeiro: “Sinatra Tour”, Hoboken Historical Museum, *Freedland,* 6, registros do Departamento de Incêndio, Hoboken Fire Departament Museum (Newark, NJ) *Sunday Star Ledger*, 26 de janeiro de 1969, *Esquire*, abril de 1966, *New Yorker*, 9 de novembro de 1946. Marty Sinatra foi promovido a capitão do Departamento de Incêndio de Hoboken em 1944; (piada) *Hoboken History*, vol. 17, 1997.

44 manter o Marty O’Brien funcionando: “Sinatra Tour”, Hoboken Historical Museum, Sinatra, *My Father*, 35.

44 Infância de FS aos 12 anos (“piano de cauda”) *Photoplay*, setembro de 1956; (“combinando saxofones”) George Simon, *The Big Bands*, Londres: Collier-Macmillan, 1967, vii; (mãe de Marty) ent. Rose Paldino, certidão de óbito de Rose Sinatra – o poderoso terremoto foi no mesmo dia, 18 de fevereiro de 1925;

45 (Francesco) *Photoplay*, setembro de 1956; (“velho e amável cavalheiro”/exortações) ibid. agosto de 1945; (“tudo na vida de Pop”) *Photoplay*, setembro de 1956; (roupas) *Freedland*, 13, *Time*, 29 de agosto de 1955, Carpozi, 11; (presentes para amigos) Shaw, 10, Shirak, 81, *Look*, 28 de maio de 1957; (Silvers) ibid.; (carro) Carpozi, 15, Wilson, 20, Kelley, 27; (“príncipe”) M/G ent. Nick Sevano.

45 vida escolar: (problemas) Shirak, 9; (primo Sam) Sinatra, *My Father*, 5, ent. Rose Ellman Sinatra; (certificado) Sinatra, *Legend*, 21; (“preguiçoso”/“Não tinha talento”) Kelley, 27; (boletim) *Look*, 28 de maio de 1957; (“a escola é muito chata”) *American Weekly*, 27 de julho de 1952; (vidros cortados) *Freedland*, 15; (Hudson Burlesque) ent. Frank Monaco.

46 largou?/ foi expulso?: *NYT*, 30 de junho de 1981, *Photoplay*, setembro de 1956, *American Weekly*, 27 de julho de 1952. Hoboken tinha um sistema educacional para nível *high school junior e senior,* naquela época. Os alunos frequentavam a *junior high school* no final da nona série. Sinatra começou na Demarest High School na décima série – aparentemente em fevereiro de 1931 (*NYT*, 30 de junho de 1981, Shaw, 7, ent. Frank Monaco).

46 problemas de FS na juventude: (“Angles” pombos/gato) *Time*, 29 de agosto de 1955; (fogos de artifício) Shirak, 103. (bombinhas) ents. Rock Brynner, George Jacobs, *Star*, 17 de fevereiro de 1976, citando Peter Lawford; (“decidimos invadir”) *Photoplay*, agosto de 1945; (outras histórias)

American Weekly, 27 de julho de 1952; (“Tudo o que eu conhecia”/“As crianças”) *Cosmopolitan*, maio de 1956, *American Weekly*, 27 de julho de 1952.

46-47 violência/brigas: (Klan) *Photoplay*, outubro de 1945; (“Eu ouvia”) Hamill, 38; (“eu contornava”) FS ent. no especial da CBS News; (“garoto valente”) Wilson, 17; (“amargo, sangrento”) *Ebony*, julho de 1958; (“cada um carregava”) *Freedland*, 9; (“às vezes”) Hamill, 49; (“dentes arrumados”) rascunho para Movieland, 15 de agosto de 1946, MHL; (“uma garrafa de Coca”) ibid. – outra versão dessa história sugere que a garrafa era de leite, Don Dwiggins, 5; (corrente de bicicleta?) *Cosmopolitan*, maio de 1956; (“levei pancadas”) rascunho para *Movieland*, 15 de agosto de 1946, MHL; (Dominick) Sciaca, Sinatra, 102; (“costumava mostrar”) Hamill, 58; (“eu tinha 5 anos”) *Jersey Journal*, 25 de abril de 1983; (“meu esporte favorito”) rascunho para *Movieland*, 11 de junho de 1945, MHL (fotos para propaganda) *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982;

48 (se exercitava/ ginástica) Shaw, 57; (“posse” dos pesos pesados) rascunho para *Movieland*, 11 de junho de 1945, rascunho para Blue Ribbon, sem data, 1943, MHL; (“se alguém te bater”) FS para Sammy Cahn, 29 de outubro de 1991, cortesia de Tina Cahn; (“brigas de gangue”/“investigadores”) American Weekly, Jul. 27, 1952, *Cosmopolitan*, maio de 1956; (“Muitas das crianças”) *Parade*, 12 de janeiro de 1964; (“Todo mundo da minha”) Kelley, 142; (reformatório) *Photoplay*, agosto de 1945; (Sevano) M/G ent. de Nick Sevano; (“não havia brigas de gangue”) Sciacca, *Sinatra*, 12.

48-49 “nunca participou de uma luta”: coluna de Westbrook Pegler no *New York Journal-American*, 13 de setembro de 1960 – Peggy identificou incorretamente o locutor como “Frank Garavanti [*sic*]”. De acordo com Frank Monaco, que estava presente durante a conversa, ele era, na realidade, Lawrence “Buddy” Garaventa, o primo de Sinatra, (“Essa coisa”) *Look*, 28 de maio de 1957.

49 esperanças dos pais sobre a carreira (“O jeito dela”/ “terrivelmente chateado”) ent. Rose Paldino. Nancy, filha de Sinatra, em seu livro *Legend*, atribui uma resposta diferente para Dolly. Segundo Nancy, Dolly queria que seu filho se tornasse a primeira pessoa da família a ter um diploma universitário. Os autores, contudo, acataram a versão de Rose Paldino,

contemporânea de Sinatra. Em 1985, quando Sinatra tinha quase sessenta anos, ele receberia um título de doutorado honorário em engenharia pelo Stevens Institute. Muitos graduandos (na época) assinaram uma petição contestando a homenagem, alegando que ele não tinha nenhuma excelência no campo da engenharia e aludindo à recente disputa do cantor com a comissão New Jersey Casino Control Comission (Dolly – Sinatra, *Legend*, 20; doutorado honorário – *Jersey Journal*, 10 de maio de 1985); (desenho/esperanças do pai) *Star*, 6 de maio de 1986, rascunho para *Movieland*, 11 de setembro de 1954, MHL, intro. De Tina Sinatra; *A Man and His Art: Frank Sinatra*, Nova York: Random House, 1991, viii; (FS havia encorajado) Sinatra, *Legend*, 20; (“eu não queria”) ibid., 22, 21; (“se eu tivesse a mesma chance”) ed. Guy Yarwood, *Sinatra in his Own Words*, Londres: Omnibus, 1982, 14. Ver também ents. Nick Sevano, Tony Oppedisano, Rock Brynner; (“celofane”) ent. Frank Sinatra Jr., sem data, Arnold Shaw Collection, University of Nevada, Las Vegas; (“Ele queria muito”) ent. Brad Dexter; (“havia apenas uma”) *Photoplay*, agosto de 1945.

49-50 primeiros empregos: (Casey Jones School) *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982; (Drake) Shaw, 7, *Goldmine*, 22 de março de 1991; (*Jersey Observer*) *New Yorker*, 9 de novembro de 1946, *Metronome*, maio de 1943, programa Sinatra’s Diamond Jubilee World Tour, *Look*, 28 de maio de 1957 (citando a Sra. Charles Brody, viúva do editor), Kelley, 28, 500. Ver também entrada de FS em *Who’s Who in America*, 1948.

50 região badalada da cidade: “Sinatra Tour”, *Hoboken Historical Museum*, visita do autor, ent. Frank Monaco, Sarah Vowell, *Take the Cannoli*, Nova York: Simon e Schuster, 2000, 74 – o endereço era 841, na Garden Street.

50-51 anseios de FS: (“Tenha orgulho”) Wilson, 17; (ressentia) *Photoplay*, agosto de 1945; (*la via vecchia*) Gambino, 3; ver também excelente análise em Hamill, 50; (“sapateiros”) *Newsweek*, 23 de julho de 1945; (“uma afinidade”) ent. Tony Oppedisano; (“poça de lama”) *Philadelphia Inquirer*, 6 de maio de 1984; (“sumidouro”) Vowell, 73; (“queria apenas”) Hamill, 51; (trens quando era criança) *A Man and His Art*, x, Taraborelli, 489, *USA Weekend*, 18 de dezembro de 1988; (vagão de trem) ent. Jackie Jordan, *Architectural Digest*, dezembro de 1998, Jacobs e Stadiem, 247; (balsas) transcrição, FS ent. para Larry King Live, CNN, 19 de maio de 1998, reprise do programa de 1988; (fotografia) Shirak, primeira seção de

fotografias.

51 FS conhece Nancy Barbato: FS, por duas vezes, no começo disse que “o ano em que conheci Nancy” foi “o verão em que eu tinha feito quinze anos”, o que situaria o encontro dos dois no verão de 1931. Passagens do livro de sua filha Nancy, *Frank Sinatra: An American Legend,* colocaram o encontro como tendo acontecido depois disso. Lá, Nancy faz uma citação de sua mãe dizendo que ela e FS tinham namorado por quatro anos e meio antes de seu casamento em 1939, uma referência talvez ao momento em que o relacionamento se tornou mais sério do que uma referência ao encontro inicial dos dois. Nós usamos as próprias memórias de Sinatra daquele tempo sobre o encontro deles (rascunho para *Movieland*, outubro de 1945, MHL, *Photoplay*, setembro de 1945, Sinatra, *Legend*, 22, 33).

51-52 Nancy Barbato: (dança) Kelley, 27; (catorze) Nancy nasceu em 25 de março de 1917; (Long Branch) ent. Frank Monaco, *Photoplay*, setembro de 1945; (“A primeira vez”) ibid.; (“Naquele verão”) rascunho para *Movieland*, 15 de agosto de 1946, MHL; (neve) *Redbook*, outubro de 1951; (cenário) Censo dos EUA, Jersey City, NJ, 1915, 1920 e 1930; (o acolhimento dos Barbato) Sinatra com Coplon, 18, *Redbook*, outubro de 1951, Sinatra, *Legend*, 24; (“eu era um pobre”) *American Weekly*, 20 de julho de 1952.

Capítulo 4: “Eu serei cantor”

53-54 música na infância: (“Às vezes, eu acho que”) Hamill, 98; (bar dos pais) endereço de FS, *Zion Lecture Series*; (família e música) Sciacca, *Sinatra*, 103, ent. Rose Paldino; (Dolly/violão) Frank, 13; (primo) Sinatra, *My Father*, 17 – o primo era Frad Tredy, ent. Frank Monaco; (Ray Sinatra) *Variety*, 7 de novembro de 1980; (São Francisco) Freedland, 15, ent. Rose Paldino, *Metronome*, maio de 1943, *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966; (“em algum hotel”) *Life*, 25 de junho de 1971; (Lawrence) *Jersey Dispatch*, 23 junho de 1977; (Dominick/ukulele) Sciacca, *Sinatra*, 103. Ver também *Variety*, 27 de janeiro de 1989; ent. Tony Oppedisano; (“Ele era o único que”) Carpozi, 22; (fez serenata para Nancy) Dwiggins, 9, Sinatra, *Legend*, 22; (“Os aplausos mantidos”) *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966; (*baby grand*/telefone) Sinatra, *Legend*, 21; (coluna

social) Kelley, 31; (uns poucos empregos) Sinatra, *Legend*, 21.

55 primeiras apresentações: (“Em troca”) Kelley, 33. Ver também rascunho para *Movieland*, 11 de junho de 1945, MHL; (Marty permitia) M/G ent. de Nick Sevano; (Madison Street) *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966; Sciacca, *Sinatra*, 104; (clubes da sociedade/grupos de mulheres) Dwiggin, 7, *Wall Street Journal*, 19 de maio de 1998, *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982, *Look*, 28 de maio de 1957; (festas/reuniões) *“Old Blue Eyes at 75!”* Starlog Communications, 1990/*Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966; (“Eu me apresentava”) programa *Sinatra’s Diamond Jubilee Tour*; (Fabian’s Follies) “Sinatra Tour”, *Hoboken History Museum*; (Cockeyed Henny’s) *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982; (“Frank entrou lá”) ent. e corr. Rocco Fischetti; (União Católica) Michael Immerso, *Newark’s Little Italy*, New Brunswick, NJ: Rutgers University Press; 1997, 118; (“As pessoas começaram”) FS ent. por Zion; (“monologuista”) *Life*, 23 de abril de 1965.

56 Bing Crosby: (“Pouco tempo”) Sciacca, *Sinatra*, 104. A tia de Sinatra, Josie, que disse se lembrar de tudo “como se fosse ontem”, situou o concerto de Crosby como tendo ocorrido no Paramount em Nova York, “no verão ele estava com 17 anos” – o que se deu em 1933. Um dos primeiros biógrafos, Arnold Shaw, datou a apresentação de Crosby em março de 1933. Um artigo expondo uma entrevista de 1943 de FS sugere que o concerto aconteceu em 1935, assim como uma citação posterior de sua esposa Nancy. E. J. Kahn da *New Yorker*, escrevendo em 1946, sugere que se deu em 1936. Diversas fontes localizam o concerto em uma casa de “vaudeville” em Jersey City, enquanto FS, em uma entrevista de 1948, fez uma referência a ter tomado sua decisão depois de ver um filme de Crosby (Josie – Sciacca, *Sinatra*, 104. Shaw – Shaw, *Sinatra*, 13; entrevista de 1943 – Blue Ribbon; Nancy – Sinatra, *Legend*, 25; Kahn – *New Yorker*, 9 de novembro de 1946; ver também *Cosmopolitan*, maio de 1956; Filme de Crosby? – Silver Screen, 24 de março de 1948); (Maioria das pessoas”) *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946; (“Algum dia”) Sinatra, *Legend*, 25; (FS recorda) artigo de Murray Frymer, *Sinatra Society of Las Vegas*, sem data, fevereiro de 1980, corr. George Giacomini, University of Santa Clara; (“Desde a primeira vez”/“Will Rogers”) *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966, *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (canções que embalaram) Sheilah Graham, *My Hollywood*, Londres: Michael

Joseph, 1984, 44; (“a maior coisa”/“Bing foi meu primeiro”) Hamill, 100, recorte, *Variety*, agosto de 1943, MHL; (“ficar nas esquinas”) Freedland, 16, e ver Sciacca, *Sinatra*, 105; (“Meu pai dizia”) ent. James Petrozelli; (foto de propaganda – 1938) *Star*, 6 de maio de 1986; (ensaios) E.J. Kahn, *The Voice: The Story of an American Phenomenon*, Nova York: Harper, 1946, 11;

57 (“cantava com tanta facilidade”/“ele era tão sossegado”) Blue Ribbon, ca. de 1943, MHL, Hamill, 88.

57 reação dos pais: (“atirou um sapato”) Carpozi, 18; (“obsessivo”) M/G ent. de Nick Sevano; (“Lembro da ocasião”) *A Conversation with Sinatra*, Bill Boggs, *Metromedia TV*, 1975. Ver também *LAHE*, 27 de setembro de 1975; (“Ele não falou”) FS. ent. por Zion.

57 FS deixa a casa dos pais: Douglas-Home, 21. Em seu livro *Legend*, Nancy, a filha de Sinatra, data o despejo de seu pai no começo de 1932, quando ele tinha 16 anos. Em uma entrevista anterior, entretanto, o próprio Sinatra se lembrou de ter deixado a casa dos pais quando tinha 17 – o que significa bem os últimos dias de 1932, ou o ano de 1933 (Sinatra, *Legend*, 21 – Douglas-Home, 21); (“Eles me chamavam”) *New York Post*, 11 de abril de 1947; (sistema de som) *Redbook*, outubro de 1951, Carpozi, 18, Shaw, 14.

58 megafones/microfones: (Vallee) Simon, 501; (“como se fosse parte”) *Freedland*, 22, citando John Marotta; (“Os caras jogavam”) Bill Boggs ent.; (Crosby/microfone) Steven Schoenherr, *Recording Technology History*, http://history.acusd.edu; (“Descobri muito cedo”) Hamill, 97; (“segurando firme”) Kahn, 14; (deixou o palco) Granata, x; (arma secreta) ed. Leonard Mustazza, *Frank Sinatra and Popular Culture*, Westport, CT; Praeger, 1998, 119; (“canto num tom de fala”) Gene Lees, *Singers and the Song II*, Nova York: Oxford University Press, 1998, 97; (“com grande economia”/“um de cor preta”) ed. Yarwood. 37; (com um microfone/Vidal) cbsnews.com, 15 de maio de 1998; (“Para Sinatra”) John Lahr, *Sinatra: The Artist and the Man*, Nova York: Random House, 1997, 14; (quarto em NYC) Sinatra, *Legend*, 21; (“Andei por aí”) Douglas-Home, 21;

59 (Macy’s) Larry King ent.;

59 (Roseland) FS ent. por Arlene Francis, 25 de setembro de 1981, WOR (NY).

59 52nd Street: (descrita) Arnold Shaw, *52nd Street: The Street of Jazz*,

Cambridge, MA: Da Capo, 1977 – primeiramente publicado como *The Street That Never Slept*; (Crosby) Shaw, *Sinatra*, 6. ed., Ethlie Ann Vare, *Legend: Frank Sinatra and the American Dream*, Nova York: Boulevard, 1995, 154; ("jazzmen") *Ebony*, julho de 1958; ("Talento") ibid.; (ouviu Holiday/Quando ele pela primeira vez/elogio) ibid., FS citado em *Melody Maker*, 18 de outubro de 1958; ("nuances") Nova York, 28 de abril de 1980, Donald Clarke, *Wishing on the Moon*, Nova York: Viking, 1994, 225; ("vivia dentro") Hamill, 115; (Sinatra fêmea) *Freedland*, 66; (Goodman/Onyx/Dorsey) Shaw, *52nd Street*, 19, 61, 68;

60 ("speakeasies") ibid. X; (penetração dos gângsteres) ent. com investigador Bob Buccino do *NJ State Organized Crime Division*, Clarke, *Wishing on the Moon*, 93; (*points* noturnos/Luciano) Gosch e Hammer, 153 – ele preferia Dave's Blue Room, ver também Shaw, *52nd Street*, referências a Dave's Blue Room; (Costello) Irving Lazar com Annette Tapert, *Swifty*, Nova York: Simon e Schuster, 1995, 49, Wolf com DiMona, 97. Ver também Collier's, 12 de abril de 1947; (Moretti) Evanier, 45, Gosch e Hammer, 48, Richard Hammer, *The Illustrated History od Organized Crime*, Philadelphia, PA: Courage Books, 1989, 86; (Schultz) ent.; Marie Marcus, Lazar com Tapert, 48, "*Marie Marcus Biography*", www.reostudios.com, Peterson, *Barbarians*, 216, Gosch e Hammer, 187.

59 "um final parecido de": FS ent. por Zion.

60 esforços para conseguir trabalho: (partituras) Shaw, *Sinatra*, 14, Kelley, 34; (medo do palco/"eu juro") *New Yorker*, 9 de novembro de 1946, Larry King ent. de FS, 19 de maio de 1998 (reprise); (concursos amadores) Shaw, 13 –, Dwiggins, 14; (WAAT) Sciacca, *Sinatra*, 105. *Friedlwald*, 63.

61-62 Three Flashes/audição: (bar frequentado) Sinatra, *My Father*, 14; ("Frank ficou em volta") Sciacca, *Sinatra*, 105, *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982; (Dolly exerce sua influência) ent. Anthony Petrozelli, James Jr. e Angela Petrozelli, Rose Tamburro, Rose Paldino, *Look*, 28 de maio de 1957, citando James Petrozelli Sr. – o último contrariou a si mesmo depois e disse que não houve pressão de Dolly (Sciaca, *Sinatra*, 106); (agora quatro/"*Shine*") corr. Ric Ross, *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982; (linhas de solo) Friedwald, 64; (*Night and Day*) *Silver Screen*, 24 de março de 1948.

62-63 Hoboken Four: ("bobos") *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982;

(aplausos) Romero, 27; (75 dólares) Sinatra, *My Father*, 15, mas 50 dólares de acordo com Sinatra, *Legend*, 25; (rota da turnê) *Freedland*, 31, Sciacca, *Sinatra*, 106; (sem ensaio) ibid., 107; ("Ele ficou muito bom") ibid. 109; ("Frank se destacou") ibid., 107; ("ele conseguia") Carpozi, 206; (surras) Sciaca, *Sinatra*, 107, Evanier, 48, ent. James Petrozelli; (inconsciente) *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982; ("ficou com saudades de casa") *Silver Screen*, 24 de março de 1948, Sinatra, *Legend*, 25; ("me deixou apegado") *Silver Screen*, 24 de março de 1948.

63-64 nova busca por trabalho: (período de pânico) Simon, vii, (Comfort's) corr. Bill Kelly, (Union Club) Shaw, *Sinatra*, 15, Fred Dellar, *Sinatra, His Life and Times*, Londres: Omnibus Press, 1995, "Sinatra Tour", *Hoboken Historical Museum*; ("Minstrel Show") programa, 11 e 12 de dezembro de 1936, gentilmente fornecido aos autores por Ric Ross; (Rich/WNEW/WOR/WAAT) Shaw, *Sinatra*, 15, *Freedland*, 34, ents. Tony Mottola, John Marotta, *Metro Newark*, abril de 1981; (Ray Sinatra) Dwiggins, 11, Taraborrelli, 25; ("cream cheese") New York Post, 11 de abril de 1947, ("uma teoria básica") Douglas-Home, 21.

64-65 Sevano/Sanicola: (conhecendo Sanicola) M/G ent. de Nick Sevano, ent. Lucille Kirk Buccini, *Billboard*, 20 de novembro de 1965, ed. Yarwood, 124; ("martelava") *Modern Screen*, 17 de julho de 1947, Shaw, *Sinatra*, 28; ("braço forte") *Look*, 11 de junho de 1957; (dinheiro pingado) Douglas-Home, 21.

65 Van Heusen: *Billboard*, 20 de novembro de 1965, *LAT*, 8 de fevereiro de 1990, ents. Gloria Cahn Franks, Tita Cahn.

65 "kolo": *Billboard*, 20 de novembro de 1965.

65 Hickory House: Shaw, *52nd Street*, 150.

65 Billie Holiday: (na *52nd Street*) ibid., 21, 84, 110, 246, Billie Holiday com William Dufty, *Lady Sings the Blues*, Londres: Abacus, 1975, 94; (estudou) ent. Tony Oppedisanon, Arlene Francis ent. de FS, WOR (NY), 1º de outubro de 1977, fita de áudio na coleção do autor; (temperamento de FS) Romero, 65.

65 Ethel Waters: (FS "tocado") *Ebony*, julho de 1958. Sinatra também admirava muito Ella Fitzgerald e Sylvia Syms. Ele chegou a considerar Fitzgerald como "a maior de todas as cantoras contemporâneas de jazz". Em 1983, fez um álbum com Syms. Sinatra e Syms eram amigos; ele a apelidou de

"meu pequeno Buddha". Contudo, nenhuma das duas eram assíduas na *52nd Street* na metade ao fim dos anos 1930 (Fitzgerald – *Ebony*, julho de 1958, Friedwald, 86; Syms, amigos – *Sinatra and Syms*, anotações de Sindey Zion sobre o álbum, 1983, *Phliadelphia Daily News*, 5 de abril de 1962, ed. Mustazza, 241; "Buddha" – *Star*, 26 de maio de 1992).

66 Mabel Mercer: (FS escuta) Wilson, 22, Bill Boggs ent., Arlene Francis ent. de FS, WOR (NY); (cenário) Shaw, *52nd Street*, 175, Romero, 63; (Jaffe) M/G ent. de Eddie Jaffe.

66 ópera: (pessoas de negócios) *New York Daily News*, 17 de janeiro de 1982 (ópera era tocada) Sinatra, *My Father*, 35; (I Pagliacci) *LAT*, 12 de agosto de 1943; ("o maior de todos os barítonos") Bill Boggs ent.; (Merrill/ Pavarotti) Geoffrey Giuliano, *Sinatra: A Tribute*, Nova York: Bantam Doubleday Dell Audio, 1998, programa Sinatra's Diamond Jubilee World Tour, *New York Daily News*, 17 de janeiro de 1982, ent. Tonny Oppedisano, *Philadelphia Enquirer*, 17 de maio de 1998.

66 professores de canto: (Tamburro) Kelley, 41; (Sevano) M/G ent. de Nick Sevano, confirmada por FS, *Metro Network*, abril de 1981; (Quinlan) *Metronome*, outubro de 1948, FS ent. por Zion, Kelley, 41, Frank Sinatra e John Quinlan, *Tips on Popular Singing*, Londres: Maurice Musica Co., 1941.

66-67 cartão de apresentação: *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982.

67 "Eu não estava": *New York Post*, 11 de abril de 1947.

Capítulo 5: "Se eu conhecia aqueles caras?"

68 soluçando/"Acho que": Dwiggins, 15.

68-69 Rustic Cabin: (descrito) Caye e Russ Jehn, *The History of Englewood Cliffs*, 1964-1994, Eaglewood Cliffs, NJ: *Centennial Committee*, 1995, 111, 113, Simon, ix, Friedwald, 44, ents. Rose Paldino, Mary Mane, Lucille Kirk Buccini; ("lugar furtivo") Charles Pignone, *The Sinatra Treasures*, Nova York: Bulfinch, 2004, 29; (ligação) *New York Journal American*, 27 de fevereiro de 1956, Shaw, *Sinatra*, 15, John Rockwell, *Sinatra*, Nova York: Rolling Stone Press, 1984, 32, Evanier, 48.

69 "Trabalhar com uma boa banda": Simon, viii.

69 olheiros: Shaw, *Sinatra*, 18.

69 emprego no Cabin: (descrito) Gary L. Doctor, *The Sinatra Scrapbook*, Nova York: Carol, 1991, 16, Granata, 3, *"A Mother Flipping Cockroach"*, broadwaytovegas.com, 21 de junho de 1999, ent. John Marotta, *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (Arden) Dwiggins, 15.

69 Harry Steeper: Dwiggins, 16, Carpozi, 26, *Look*, 28 de maio de 1957, ent. Ethel Steeper Bolz, *NYT*, 26 de setembro de 1943. Steeper era próximo de James Petrillo, que se tornou presidente da American Federation of Musicians, em 1940. O sindicato foi desde muito tempo dominado pelo crime organizado – era conhecido por "enviar os valentões" quando os "nightclubs" ou os músicos não cooperavam.

À parte a versão de Dolly, é claro que Sinatra também pressionou colegas músicos no Cabin para ajudá-lo a conseguir o trabalho. Ele disse isso anos mais tarde e Lucille Kirk Buccini – viúva do trompetista que tocava lá – disse: "ele importunava meu marido o tempo todo" (Steeper background – "A Brief History of the AFM", afm.org, "The Struggle for an Integrated Musicians Union", jazzinstituteofchicago.org, "The Genesis of Organized Crime in Chicago", ipsn.org, Dan Moldea, *Dark Victory: Ronald Reagan, MCA end the Mob*, Nova York: Penguin, 1986, 22, 28; FS "importunava" – Sinatra, *Legend*, 31, ent. Lucille Kirk Buccini).

70 Máfia: (Alguns acreditavam) *Look*, 28 de maio de 1957, Dwiggins, 95. (Mortimer) *New American Mercury*, agosto de 1951; ("Se eu conhecia?") *New York*, 28 de abril de 1980.

70 usos de "Máfia": estritamente falando, "Máfia" se refere à rede de crime que teve origem na Sicília. O crime organizado americano rapidamente acabou incluindo indivíduos de outras origens étnicas e recebeu nomes diferentes em diferentes épocas – *Cosa Nostra*, *The Outfit*, *The Syndicate*, *The Mob*, e assim por diante. Os autores estão cientes das distinções específicas entre os vários nomes e de que se diz que os mafiosos ítalo-americanos deixaram de usar o termo "Máfia" na década de 1930. "Máfia", contudo, se tornou a linguagem corrente para descrever o crime organizado – por este motivo explica-se o uso no contexto geral destas páginas.

70 entrevista para a CBS: *NYT*, 28 de novembro, *Newsweek*, 29 de novembro de 1965, Don Hewitt, *Tell me a Story*, Nova York: Public Affairs, 2001, 94 –, Walter Cronkite, *A Reporter's Life*, Nova York: Knopf, 1996, 329 –, especial da CBS News. Quando a gravação foi retomada, Sinatra descreveu "acusações de que eu estivesse me relacionando com mafiosos"

como sendo “ridículas” (especial da CBS News); (evasivo) tal como conversa com o promotor do Kefauver Committee, Joseph Nellis, citado em Hank Messick com Joseph Nellis, *The Private Lives of Public Enemies*, Nova York: Dell, 1974, 236.

70 “eu conheci”: *American Weekly*, 27 de julho de 1952.

70 Caruso/gângsteres: Henry Greenfield, *Caruso*, Nova York: Putnam, 1983, 153 –, 238.

70-71 Crosby/pedidos de dinheiro: Gus Russo, *The Outfit*, Nova York: Bloombury, 2001, 123 –, “Bing Crosby’s Secret Life”, americanmafia.com, 22 de dezembro de 199, Donald Shepherd e Robert Slatzer, *Bing Crosby*, Nova York: Pinnacle, 1981, 100.

71 Lanza e o submundo: Raymond Strait e Terry Robinson, *Lanza*, *Englewood Cliffs*, NJ: Prentica-Hall, 1980, 162 –, 145 –, *Parade*, 12 de janeiro de 1964, “Memorandum Report”, Bureau of Narcotics, District 17, 12 de novembro de 1957, e “In re Thomas Luchese”, 27 de novembro de 1956, *Harry Anslinger Papers*, Box 4, arquivo 13, *University of Pennsylvania Special Collections*. Em uma entrevista ao Federal Bureau of Narcotics em 1957, Lanza disse que ao longo dos anos ele tinha sido abordado por Frank Costello, por um dos irmãos Fischetti, e pelo chefe da Máfia de Chicago, Tony Accardo. Tommy Luchese, um sócio de longa data de Lucky Luciano, o tinha ameaçado em 1935. A última ameaça, e uma conversa em 1959 com o próprio Luciano, terá cobertura detalhada no capítulo 17 (Bureau of Narcotics, District 17, 12 de novembro de 1957 e “In re Thomas Luchese, 27 de novembro de 1956, *Harry Anslinger Papers*, Box 4, arquivo 13, *University of Pennsylvania Special Collections*).

71 acordo de Martino: “About Al Martino”, almartino.com, *Mean*, setembro de 2001.

71 Tormé: Mel Tormé, *It Wasn't All Velvet*, Nova York: Viking, 1988, 118.

71-72 artistas próximos a FS, manipulados: Sinatra era um admirador, amigo pessoal – e dizem que, em dado momento, parceiro de negócios – de Durante, que o chamava “Moonlight Sinatra”. Raft, também, se tornou um amigo da família e saía para a jogatina com Sinatra. Ele disse a repórteres que Sinatra ofereceu “fazer qualquer coisa no mundo para ajudar” na época de seu julgamento por evasão fiscal – e enviou a ele um cheque em branco. Lewis comparecia a comemorações da família Sinatra, viajava,

dividia suíte de hotel com ele, e com ele bebia na companhia do chefão da máfia Santo Trafficante. Sinatra se apresentou no lugar de Lewis quando este estava doente, cuidou dele pessoalmente, e pagou seus gastos com médicos. Ele tinha retratado Lewis em [*Chorei Por Você*], filme de 1957 baseado na vida do comediante ("Moonlight" – "The Best of Person to Person", Edward R. Murrow ent. de FS, 14 de setembro de 1956; Durante – Sinatra com Coplon, 94, *Memo to File*, 1º de março de 1955, "Summary Memo on Frank Sinatra", FBI 100-41713-4, ent. Tony Oppedisano; Raft – Sinatra com Coplon, 131, *Billboard*, novembro de 1965, Diretor, FBI, para procurador-geral, 10 de fevereiro de 1961, FSFBI, ent. de rádio de Paul "Skinny" D'Amato, University of Nevada, Las Vegas, fita de áudio da coleção dos autores, *Look*, 30 de novembro de 1965, Hank Messick, *The Mob in the Show Busines*, Nova York: Pyramid, 1973, 220; Lewis – Sinatra com Coplon, 94, 135, *LAHE*, 6 de julho de 1964, *Life*, 23 de abril de 1965, Frank Ragano e Sewyn Raab, *Mob Lawyer*, Nova York: Scribner's, 1994, 215, Art Cohn, *The Joker is Wild*, Nova York: Random House, 1955, 249, *Jazz Times*, maio de 1998, Irv Kupcinet com Paul Neinmark, Kup, Chicago: Bonus, 1988, 208).

Durante/gângsteres: Lewis Yablonsky, *George Raft*, Nova York: McGraw-Hill, 1974, 31, Stephen Fox, *Blood and Power*, Nova York: William Morrow, 1989, 82, Dean Jennings, *We Only Kill Each Other*, Nova York: Penguin, 1992, 20, Frank Rose, *The Agency*, Nova York: Harper Business, 1995, 93, 108, 146, 230, 241, Russo, 126, 171, 294, Antoinette Giancana e Thomas Renner, *Mafia Princess*, Nova York: William Morrow, 1984, 94–.

Raft/mafiosos: (Siegel) Jennings, 20, Ed Reid e Ovid Demaris, *The Green Felt Jungle*, Nova York, Trident, 1963, 20; (caminhões de bebida) Gage, 80 –, Yablonsky, 37, 246 –; (Capri) Vincent Teresa com Thomas C. Renner, *My Life in the Mafia*, Londres: Grafton, 1974, 223 –, Legal Atteché Havana para Diretor, 14 de janeiro de 1958, FBI 62-75147-210-109, "*Supplemental Correlation Summary*", 25 de fevereiro de 1969, "*Subject: Frank Sinatra*", FSFBI, (IRS/tiros) Hank Messick, *The Mob in Show Business*, Nova York: Pyramid, 1973, 216; (Vegas) Dennis Eisenberg, Uri Dan e Eli Landau, *Meyer Lansky*, Nova York: Paddington, 1979, 267; (barrado) resenha da *House Assassinations Committee* dos arquivos do FBI, obtida pelo autor, Gage, 81.

72 Lewis/gângsteres: (tenor) Art Cohon, *The Joker is Wild*, Nova York: Random House, 1955, 30, 41; (cortado) ibid. 3–, 35–. (“lixa”) *NYT*, 5 de junho de 1971; (continuou) Messick, *The Mob in the Show Business*, 53; “Title of Case: Samuel M. Giancana”, *Chicago Field Office Report*, 27 de julho de 1964, FBI 92-3171-1447.

72 a Máfia e os artistas: (King) ents. Sonny King; (Teresa) Teresa com Renner, 123–, 121–; (jukeboxes) Steve Schoenherr, “*Recording Technology History*”, www.history.acusd.du, Russo, 187 –, Dwiggins, 11, Robert F. Kennedy, *The Enemy Within*, Nova York: Harper and Row, 1960, 247–, Messick, *Show Business*, 162, M/G ent. de Ed Jaffee. (“Nós vamos”) M/G ent. de Artie Shaw.

73 histórico de Luciano: (furtos) Sifakis, 200; (narcóticos/revólver, etc.) “Memorandum re Charles Luciano” (com nomes falsos), 28 de agosto de 1935, FBI 39-2141-3, “Agent Fitzgerald Report on Luciano”, 13 de junho de 1951, *Lucky Luciano Files*, LLBN, Sciacca, Luciano, 23, Harry Anslinger e Will Oursler, *The Murderers*, Nova York: Farrah, Straus and Cudahy, 19, 1962, 102–. Rodney Campbell, *The Luciano Project*, Nova York: McGraw-Hill, 1977, 71–; (vinte assassinatos) Sciacca, Luciano, 14. (“sádico”) Wolf com DiMona, 9; (“astuto”) Campbell, 3; (distanciado) Sciacca, *Luciano*, 47, 50, Katz, 57, 89.

73-74 Luciano/ascendeu: Fred Cook, *The Secret Rulers*, Nova York: Duell, Sloan e Pearce, 1966, 99; Luciano estava aparentemente presente na cena do crime depois que Arnold “the Brain” Rothstein foi morto baleado em 1928, e estava certamente presente quando o chefe da Máfia de Nova York Joe Masseria foi morto três anos depois, e dizem que ele foi um dos que, no mesmo ano, organizaram o assassinato do primeiro e único “Chefe dos Chefes” Salvatore Maranzano (Rothstein-Katz, 79; Masseria – ibid., 83, Sciacca, *Luciano*, 97–; Maranzano – ibid., 101, Katz, 87; (Waldorf Towers) Sciacca, *Luciano*, 121, Martin Gosch e Richard Hammer, *The Last Testament of Lucky Luciano*, Boston: Little Brown, 1974, 148; (Durante/Lewis/Raft) ibid. 152, *Parade*, 12 de janeiro de 1964, Cohn, 339, Yablonsky, 246, Cusack para Anslinger, 2 de março de 1961 – o nome de Jimmy Durante aparece repetidamente nas agendas de endereços de Luciano, examinadas pela polícia italiana e fornecidas ao U.S. Bureau of Narcotics em 1949 e 1951, LLBN; (musicais) Sciacca, Luciano, 51; (Sindicato dos Artistas de Palco) Russo, 135, 140.

Prisão de Luciano: (inimigo público) Sciacca, *Luciano*, 126; (brilhantes executivos do crime) Alfred McCoy, *The Politics of Heroin*, Nova York: Lawrence Hill, 1991, 28, Cook, 99, *Time*, 12 de março de 1951.

74 Costello/Moretti: (visitas) *(NY) Daily Mirror*, 7 de abril de 1954, Sciacca, *Luciano*, 166, 170, 182; (Moretti "idolatrava"/leal) "*Summary Report on Thomas Eboli*", 13 de julho de 1962, LLBN, SAC Nova York para Diretor, 1º de maio de 1950, FBI 62-75147-34-106; (Costello/Moretti/Luciano) Gosch e Hammer, 24–, 51–, 94, Wolf com DiMona, 193, Katz, 43, 138–, 193; (ficha de Moretti) Cook, 152, Gosch e Hammer, 51, *Time*, 25 de dezembro de 1950, Jack Lait e Lee Mortimer, *Washington Confidential*, Nova York: Crown, 1951, 303, "*Willie Moretti aka Willie Moore*", Arquivo de Willie Moretti, Alpha Names File, *Kefauver Cammittee Papers*, NA; (Moretti, homem de família) *Life*, 25 de dezembro de 1950, Katz, 194; (assassino) Peterson, *The Mob*, 387, Sifakis, 225, Gosch e Hammer, 49, *Cook*, 153–; (ficha de Costello) Wolf com DiMona, 31, Katz, 39, Sfakis, 91–; (conselheiro de Costello) Cook, 101–; (assassino) Wolf com DiMona, 93, 95, Sifakis, 92; (Moretti controlava) Sifakis, 225; (Riviera) ibid., Cook, 172, "*General Crime Survey*", 13 de maio de 1944, FBI 62-75147-1-2, Tosches, 149, Rose, 162, ent. Joe Nellis; (Sinatra dava uma parada) Bill Boggs ent.

74 Costello e o Copacabana: *Parade*, 12 de janeiro de 1964, Katz, 132, Sifakis, 300, Fisher com Fisher, 30–. Costello tinha sido intimado durante um inquérito de 1944 sobre ligações do Copacabana com os mafiosos. Ele se recusou a depor. A gerência do clube, em meio a isso, declarou que acabaria com qualquer conexão que "pode ter ou ter tido" com o mafioso. Na realidade, as coisas continuaram como antes, sob uma nova administração da cidade (Tosches, 158); (Stork) Collier's, 12 de abril de 1947, (Tropicana) Pete Earley, *Super Casino*, Nova York: Bantam, 2000, 46, Wallace Turner, *Gamblers' Money*, Boston: Houghton Mifflin, 1965, 21; (Lewis) Katz, 251, Cohn, 295; (Lanza) "*Memorandum Report*", Bureau of Narcotics, District 17, 12 de novembro de 1957, *Harry Aslinger Papers*, Box 4, File 13, *University of Pennsylvania Special Collections*; (Cohn/Warner)Rose, 92, Katz, 140, 225.

74 Sinatra e Luciano: (encontro casual) *New York Daily News*, 11 de abril de 1947, *American Weekly*, 27 de julho de 1952, ("Se ele ouvisse") "*Heda Hopper's Hollywood*", 9 de abril de 1947.

75 Sinatra e Costello: (“Oi”) transcrição, FS interrogado por investigadores do *Kefauver Committee*, *Gallery*, setembro de 1978, Messick com Nellis, 235, *American Weekly*, 27 de julho de 1952; (“aqueles caras”) ent. Nick Sevano; (“Sinatra e Frank C.”) Kelley, 194, 526 – Miller era realmente próximo de Costello, ver Katz, refs.

75 Sinatra e Moretti: (versões de FS) *American Weekly*, 27 de julho de 1952, depoimento de FS, *Nevada State Gamig Control Board*, 22 de fevereiro de 1981. Ver também excerto, 17 de fevereiro de 1970, depoimento de FS ao *New Jersey State Investigation Commission*, Kelley, 393.

75 “Nossos quintais”: ent. Angela Marrocco. Os Sinatra possuíam uma casa no número 220 na Lawrence Avenue em Hasbrouck Heights, Nova Jersey, em 1943 e 1944. Moretti parece ter tido duas casas diferentes em Hasbrouck Heights durante os anos 1940. Uma delas, na Bell Avenue, 201, era a apenas algumas centenas de metros da morada de Sinatra. A outra, na Roosevelt, 301, ficava a um pouco mais de uma milha da casa dos Sinatra. Já que o próprio Sinatra descreveu Moretti como um “vizinho”, é provável que o mafioso estivesse no endereço mais próximo – Bell Avenue – no período considerado (Lawrence Avenue – Sinatra, *My Father*, 46, 56, Dwiggins, 54, registro de propriedade para Lawrence Avenue, 220, Block 84, Parcel n. 45-47, 1944, Hasbrouck Heights, NJ; Casas de Moretti – Paterson (J) Call, 22 de setembro de 1947, “Guarino W. Moretti”, *background memo*, Arquivo de Willie Moretti, Alpha Names File, *Kefauver Committee*, NA Newark to Director, 31 de julho de 1943, FBI 100-215961-2; registro de propriedade para Belle Avenue, 201, Block 84, Parcel n. 32-35, 1944, Hasbrouck Heights, NJ, e ents. Office of Tax Acessor); (no Copacabana) bilhetes escritos à mão de George Evans ent., 10 de setembro de 1947, *Pegler Papers*, Kelley, 146, (Pignatello) *Las Vegas Review-Journal*, 14 de dezembro de 1995, 11 de agosto de 2001, ent. John Smith – Pignatelo era o chefe de cozinha de Sam Giancana, de Chicago; (“toda sua vida”) Sinatra com Coplon, 73. Tina disse que ele também conhecia pessoas como Johny Formosa, um homem de confiança do chefe da Máfia de Chicago, Sam Giancana.

75-76 De Carlo: (“descontraído”) Evanier, 67; (cenário) “*Petition for Commutation of Sentence*”, 4 de abril de 1972, “*Application for Executive Clemency of Angelo De Carlo*”, 7 de julho de 1972, J. Keith para Sr. Cleveland, 2 de abril de 1973, Angelo De Carlo Cross References, FBI,

Cook, 207, Evanier, 67, *Mountainside (NJ) Echo*, 25 de outubro de 1973, *Elizabeth (NJ) Daily Journal*, 22 de outubro de 1973, *NYT*, 16 de setembro de 1924, ent. Jack Clarke; (“executor”) David Scheim, *Contract on America*, Nova York: Shapolsky, 1988, 231, 304 –, *Life*, 1º de setembro de 1967, Jonathan Kwitny, *Vicious Circles*, Nova York: Norton, 1979, 60, Evanier, 75 –; (Luciano/em contato) White para Anslinger, 5 de fevereiro de 1951, “Agenda Personale di Lucania Salvatore”, anexo para Cusack para Giordano, 20 de junho de 1962, LLBN; (“Meu avô”) ent. Joseph Sullivan; (De Carlo/Moretti) General Crime Survey, 19 de outubro de 1948, FBI 94-419-84, “General Crime Survey”, 13 de maio de 1944, FBI 62-75147-31-2, “CAPGA: Crime Survey”, 8 de agosto de 1946, FBI 62-8861-153; (De Carlo e Dolly) ent. Joseph Sullivan – neto de De Carlo.

76 Sam Sinatra: Sam, o primo de Sinatra com quem ele cresceu, se casou com Loretta Riley em 1939. A irmã de Loretta, Agnes, já era casada com Angelo De Carlo naquela época. De acordo com a última esposa de Sam Sinatra, Rose, o marido dela era “muito próximo” dos parentes comuns a De Carlo – ele tratava a filha e os netos do gângster “como se fossem seus” (ents. Rose Ellman Sinatra, Rose Paldino, Joseph Sullivan, Censo dos EUA de 1930, “Certidão de Casamento”, Sam Sinatra e Loretta Riley, 4 de novembro de 1939, “*Supplemental Correlation Summary*”, 25 de fevereiro de 1969, “*Subject: Francis Albert Sinatra, Sr.*”, 20, FBI 62-83219, “*File Review and Summary Checks”*, 26 de março de 1970, “*Subject: Francis Albert Sinatra*”, 50, FBILA 100-41413, SA Wilcus para SAC Newark, 22 de abril de 1964, FBI 1373514-588); (“Ele costumava vigiar”) ent. Joseph Sullivan.

76 De Carlo e artistas: (interesses de proprietário) ents. Jimmy Rosseli, Anthony Petrozelli, Bob Buccino, Evanier, 69–, Scheim, 359, depoimento de Gerald Zelmanowitz, Subcommittee on Investigations of Committee on Government Operations, Senado dos EUA, 92nd Cong. 1st sess., 13 de julho de 1973; (“Ele adorava”) ent. Anthony Petrozelli; (“Gyp tivera muito”) ent. James Petrozelli; viúva de Sam, Rose”) ent. Rose Ellman Sinatra; (“Sinatra não ia a lugar nenhum”) ent. Robert Phllips, e, re-“colocar à força”. Ver também Sal Vizzini com Oscar Fraley e Marshall Smith, *Vizzini*, Londres: Futura, 1974, 55.

77 Luciano e Sinatra (mantinha/“investimentos”) Sciacca, Luciano, 170, Gosch e

Hammer, 48, 232, 240.

77 "Quando eu estava": Gosch e Hammer, 312. Dúvidas surgiram sobre a credibilidade de *The Last Testament of Lucky Luciano*, de Martin Gosch e Richard Hammer, publicado em 1975. Ao longo dos anos, críticos apontaram erros históricos no texto. Nós, tendo olhado de perto para esta controvérsia, e tendo estudado importantes arquivos policiais na Itália, concluímos que – ainda que o livro não tenha incorreções – Luciano, de fato, deu longas entrevistas ao autor Gosch. Parece que o mafioso falou de maneira inexata sobre eventos de um passado distante, e que o livro foi prejudicado pelo fato de que nem Luciano nem o coautor Gosch podem revisar o manuscrito – ambos morreram antes da publicação. Nós entrevistamos o coautor vivo do livro, Richard Hammer, ex-repórter do *New York Times* e indicado para o prêmio National Book Award, e que reconheceu que ele deu "voz" a Luciano com base nas extensas notas de Gosch. Algumas inexatidões específicas à parte, nossa pesquisa sugere que não há razão para duvidar da veracidade, no geral, das memórias atribuídas a Luciano (ent. Richard Hammer, *NYT*, 17, 20, 23 de dezembro de 1974, 14 de março de 1975, Sciacca, *Luciano*, 230, "*Interrogation of Martin Arnold Gosch*", 27 de janeiro de 1962, 10th *Legion of the Guardia di Finanza*, Roma, Allan May, "The Last Testament of Lucky Luciano", pts., 1 e 2, americanmafia.com, agosto/setembro de 2002, Jack Anderson, "The Last Days of Lucky Luciano", *WP*, 26 de junho de 1962).

77 Lascari: Virgil Peterson, *The Jukebox Racket*, relatório confidencial para aplicação de lei, Chicago: *Chicago Crime Commission*, setembro 1954, 135, Russo, 188 – Katz, 146, Peterson, *The Mob*, 247. Lascari, que, em sua versão, entrou para o negócio das *jukeboxes* em 1937, era um íntimo de Luciano de longa data – em algum momento, chegou a viver com a família de Luciano. Seu nome aparece em uma agenda de endereços de Luciano e em registro de ligações de Luciano (Petersen, *The Jukebox Racket*, 135, Anslinger para Kefauver, anexo do extrato da agenda de endereços de Luciano, 8 de fevereiro de 1951, "Memorandum for File", "Charles Luciano", 10 de julho de 1947, e J. Ray Olivera para Garland Williams, 21 de março de 1947, LLBN).

77-78 Papel dos mafiosos no início da carreira de FS: ("descoberto") documento de 1951 do Bureau of Narcotics, citado em "*Correlation Summary*", 8 de

junho de 1964, "*Subject: Francis Albert Sinatra*", FSFBI, ("criado") "*Supplemental Correlation Summary*", 25 de fevereiro de 1969, FSFBI; ("interesse financeiro" de Moretti) "General Crime Survey", 13 de maio de 1944, por Capt. Matthew Donohue, citado em "Summary Memorandum re Francis Albert Sinatra", 29 de setembro de 1950, FSFBI ("admitiu sua ligação") "*General Crime Survey*", 15 de abril de 1948, por Capt. Matthew Donohue, citado em "Summary Memorandum re Francis Albert Sinatra", 29 de setembro de 1950, FSFBI; (Donohue) ent. Matthew Donohue Jr. – Donohue pai era subxerife de Bergen County, Nova Jersey, de 1936 a 1939 e chegou a se tornar chefe de polícia.

78 Scimone: (história e cenário) ents. Chico Scimone, "Processo Verbale di Interrogatorio, Francesco Scimone", e múltiplas referências citadas em *Comissione Parlamentare D'inchiesta Sul Fenomeno Della Mafia in Sicilia*, vol. 4, 205–. 210–, 280–, 465–, 557–, 773–, 818–, (Vitaliti) refs. Nos arquivos "Processo Verbale di Interrogatorio, Adriana Rizzo", 10th Legione Guardia di Finanza, janeiro de 1962, *Commissione Parlamentare D'inchiesta Sul Fenomeno Della Mafia in Sicilia*, vol. 4, 557–. Ver também Gosch e Hammer, múltiplas refs.; (Vitaliti/Luciano) ibid., e "*Agenda Personale di Lucania Salvatore*" anexo a Cusack para Giordano, 20 de junho de 1962, LLBN.

78 *Night and Day*: "*Night and Day* era meu melhor número/canção", Sinatra disse em 1948, "então eu a fazia em quase toda audição". Ele tinha cantado a música quando os Hoboken Five fizeram audição para Major Bowes (*Silver Screen*, 24 de março de 1948).

79 "Os Rapazes": ent. Sonny King.

79 "não teve absolutamente nada a ver com": depoimento de FS, *Nevada State Gaming Control Board*, 11 de fevereiro de 1981.

79 "arrumou algumas apresentações para a banda": transcrição, FS interrogado por investigadores do Kefauver Committee, *Gallery*, setembro de 1978.

Capítulo 6: Tudo ou nada

80 tarefas no Cabin: ("Frank odiava") "*A Mother Flipping Cockroach*", www.broadwaytovegas.com, 21 de junho de 1999 – o Travelena citado é o pai do comediante Fred Travelena; ("se curvar para o patrão") Doctor, 16;

(“piano meia-cauda”) Sinatra, *Legend*, 31; (“era o garoto cantor”) M/G ent. Lucille Buccini (nascida Kirk).

81 jovem atração para as mulheres: (raramente compartilhava seus pensamentos) Detalhes triviais à parte, parece ser um fato que Sinatra não falasse com qualquer profundidade – para conhecimento público, pelo menos – sobre relacionamentos entre homens e mulheres. Não devia ser irrelevante para esta postura o fato de que ele achava o casamento “um arranjo pessoal entre duas pessoas que convenientemente não deveria dizer respeito a mais ninguém” (*Ebony*, julho de 1958 e Yarwood, 69); (flerte) *Bergen (NJ) Record*, 17 de maio de 1998; (“Nós somos animais”/ “Ele era um magrelo”) Taraborrelli, 28; (“Estou só atrás”) ibid., 31; (“Você tem uma coisa”) Dwiggins, 20; (“A voz dele”) ibid. (“Ele tinha sexo”) Taraborrelli, 29.

81-82 tamanho do pênis: (“São só quatro quilos e meio de Frank”) Charles Higham, *Ava*, Nova York: Delacorte, 1974, 133. D'Orazio descrevia Sinatra como “dotado como um cavalo”, enquanto Anthony Petrozelli dizia que ele era “tão dotado que pesava”. A atriz Jeanne Carmen descreveu o pênis dele como “um grandinho” – “uma melancia no final de um palito”. Lena Samuels, que foi amante de Sinatra e também de Sammy Davis, disse que Sinatra ficou satisfeito quando ela lhe garantiu que o dele era maior do que o de Davis. Em contraste dessa coleção de lascívia, a filha de Sinatra, Tina, disse que – quando ela e seus irmãos tomavam banho com o pai – “Ele parecia normal para mim” (D'Orazio – Taraborrelli, 30; Petrozelli – ent. Anthony Petrozelli; Carmen, ent. Jeanne Carmen, C. David Heymann, *RFK*, Nova York: Dutton, 1998, 314n; Samuels – Taraborrelli, 218; “Ele parecia” – *New York Daily News*, 12 de junho de 2003; (“Big Frankie”) Taraborelli, 31; (“monte de ossos”) Freedland, 20; (“carinhoso”/“Qual é, Deus?”) Taraborrelli, 29.

82-83 Della Penta: (episódio principal) Kelley, 1, Taraborrelli, 32 –, “*A Mother Flipping Cockroach*”, M/G ent. de Lucille Kirk Buccini, ents. Matthew Donohue Jr., *Criminal Judicial District Court of the County of Bergen*, Docket 15228, 26 de novembro de 1938, e 15307, 21 de dezembro de 1938, Box 72, *Pegler Papers*, Jones para Nichols, 23 de janeiro de 1957, FSFBI, sem data, clipes referentes à prisão de 26 de novembro e Della Penta referente à briga com Dolly, *Jersey City Library* – o nome completo da mulher era Antoinette Della Penta Francke. A idade dela foi retirada do

Censo dos EUA de 1930. Mais de vinte anos depois, quando ele estava sendo investigado para uma licença para jogos em Nevada, Sinatra disse, por meio de seu advogado, que um exame médico tinha determinado que Della Penta não estava grávida. Na visão de Sinatra, ela era "uma doente" ("*Sands Hotel*", 21 de janeiro de 1963, FBI 92-6314-2); (FS ligou para) Taraborrelli, 34.

83-84 casamento com Nancy ("O que Nancy não sabe") Taraborrelli, 32; ("Nancy estava arrasada") ibid., 33; (nunca aconteceria novamente) Sinatra, *Legend*, 32; (convites) ibid. ("Eu fiquei surpresa"/chá) Kelley, 43, ent. Adeline Biondy Yacenda; (FS emprestou) *Modern Screen*, 17 de julho de 1947.

84 vestido de noiva: os autores usaram a referência para o vestido que aparece no livro, *Legend* da filha de Sinatra, Nancy. Nancy disse em uma entrevista de 1947, contudo, que usou um vestido que ela mesma tinha desenhado (Sinatra, *Legend*, 33, rascunho de Peterson); ("muito boa") "*My Life with Frank Sinatra*", rascunho de Marva Peterson, 21 de julho de 1947; (lágrimas) Kelley, 44; ("tomado") rascunho de Peterson; ("o mais triste") Kelley, 44.

84-85 "uma gracinha de apartamento"/"ocupado demais": rascunho de Peterson. Ao mesmo tempo em que Nancy disse, em 1947, que o casal não teve lua de mel, Sinatra disse, em 1943, que tiveram uma "lua de mel de três dias". Em outro lugar, foi dito que tiveram uma lua de mel de quatro dias que incluiu uma viagem de carro, de ida e volta, até a Carolina do Norte (Nancy – rascunho de Peterson; FS, *Metronome*, maio de 1943; Carolina do Norte? – *Jersey Journal*, 13 de fevereiro de 1939, Kelley, 45; (cortinas) Dwiggins, 20; ("Frank não acredita que") rascunho de Peterson; (Nancy secretária) *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (25 dólares) rascunho de Peterson; ("Nosso casamento começou") *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (Sevano) ents. Nick Sevano, M/G ent. de Nick Sevano; ("Estou indo") *Look*, 11 de junho de 1957; ("O que eu confundi com") *American Weekly*, 20 de julho de 1952; ("Pobre Nancy") *Modern Screen*, 17 de julho de 1947.

86 outros empregos: ("Eu estava sem rumo") Simon, viii, ver também *Billboard*, 20 de novembro de 1965.

86 *Our Love*: a filha de Sinatra, Nancy, escreveu que seu pai deu a canção *Our Love* de presente de casamento para sua mãe em 4 de fevereiro de 1939,

tendo a gravado no dia anterior. Isso parece estar errado – a data da gravação foi 18 de março de 1939 (Sinatra, *Legend*, 32); (“eu estava sem parar”) Friedwald, 68. Ver também *Life*, 25 de junho de 1971.

86 Miller/Dorsey: (“Fui até”) Friedwald, 68; (“um deus”) Douglas-Home, 23; (Dorsey convencido de) *Crescendo & Jazz Music*, outubro/novembro de 1992 – o observador era o saxofonista de Dorsey, Vince Carbone; (Nola Studios) encarte de FS em http://radio.cbc.ca/inperformance.

86 Chester: *Metronome*, maio de 1943, *Goldmine*, 22 de março de 1991, *Billboard*, 20 de novembro de 1965, Friedwald, 68. Por um tempo, no começo de 1939, FS ensaiou regularmente com a banda de Bob Chester nas manhãs e com outra banda durantes as tardes. De acordo com o ex-trompetista de Chester, Alec Fila, ele também cantava com Chester no hotel New Yorker (Simon, ix, *Metronome*, maio de 1943, *Billboard*, 20 de novembro de 1965, Friedwald, 68); (“Quando ele nos viu”) *Screen Star*, 28 de junho de 1955.

86 Charlie’s Grill: ent. Matthew Donohue, “*General Crime Survey*”, 13 de maio de 1944, FBI – 62-75147-31-2, SAC NY para Director, 15 de abril de 1954, FBI 62-78122-17. Versões sobre o primeiro encontro com Dorsey são variadas e inconsistentes. O próprio Sinatra descreveu da maneira de Dorsey, mas disse que eles se conheceram “alguns anos” antes de ele ter se juntado à banda de Dorsey, o que aconteceu em 1940. Isso situaria o episódio em 1937 ou – o que é mais provável – em 1938. A filha do cantor, Nancy, ofereceu duas versões em seus livros sobre seu pai. Em *Frank Sinatra, My Father*, escreveu que Dorsey teria ouvido Sinatra cantar alguma vez em 1939, em Nova York, quando ele estava com Henry James. Em *Legend* ela situa o episódio em dezembro de 1939, logo antes de Sinatra deixar James, mas, no Rustic Cabin, em uma noite que seu pai voltou para lá para se apresentar como convidado. A apresentação noticiada, do Charlie’s Grill, fornecida pelos autores pelo ex-investigador Matthew Donohue Jr., reflete o fato de que Sinatra estava cantando onde e quando podia. Outros se lembravam dele como cantando em outros lugares de Nova Jersey (diversas versões – Douglas-Home, 23, Sinatra, *My Father*, 24, Sinatra, *Legend*, 38; outros lugares – Friedwald, 65, Kelley, 42).

86 “Eu dediquei”: *Star*, 6 de maio de 1986, 31 de outubro de 1993, *Friedwald*, 44.

86-87 Harry James: (De Carlo) ent. Joseph Sullivan; (“Eu estava arrumando malas”) ent. Louise Tobin; (“Eu perguntei ao gerente”) *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (puro acaso/sorte) *Movieland*, 11 de junho de 1945; (“É mesmo?”) ent. Lucille Kirk Buccini; (fotografia) Sinatra, *Legend*, 34; (“ele tirou o avental”) Kelley, 48. Ver também Peter Levinson, *Trumpet Blue: The Life of Harry James*, Nova York: Oxford University Press, 1999, 67; (*Begin the Beguine*) Helen Hover ent. de FS, *unid. clip*, 1944, MHL; (“estava destinado”) Levinson, 67.

87 FS recebe oferta de emprego/ setenta e cinco dólares: Helen Hover ent. de FS. Em outro lugar FS disse sessenta e cinco dólares, Granata, 8. O biógrafo de James relata que o contrato era para apenas um ano, enquanto duas outras fontes indicam que este era por dois anos. Foi sugerido, também, que o interesse de James em Sinatra foi provocado pelo executivo da indústria fonográfica Manie Sacks, que, naquela época, estava trabalhando em agências de talentos. O agente Swifty Lazar, neste meio tempo, disse que James teria lhe contado sobre Sinatra antes de sair para vê-lo no Rustic Cabin. Os autores aceitaram o que a então esposa de James relatou a eles (um ano – Levinson, 68, 80; dois anos – comunicado de imprensa de George Evans, 1942, MHL, Dwiggins, 21; Sacks – *Woman’s Home Companion*, maio de 1956, Richard Gahman, *Sinatra and His Rat Pack*, Nova York: Belmont, 1961, 191; Lazar-Lazar com Tapert, 153); (ser mandado embora) ibid.; (“quase quebrei”) Friedwald, 67; (“eu liguei para Nancy”) Dwiggins, 21; (origem de James) Levinson, 3–, 19–, 26, 112–;

88 (“Eu amava Harry James”) *Philadelphia Inquirer*, 8 de julho de 1983 (más contratações) Levinson, 65; (“Estávamos batalhando”) ent. Louise Tobin; (no Paramount) *Billboard*, 20 de novembro de 1965.

88 Frank Satin: Levinson, 68, Hamill, 71, 38. Tempos antes, no Rustic Cabin, Sinatra tinha chamado a si próprio de “Frankie Trent”. Sua mãe contestou aos berros e aquilo acabou durando apenas umas poucas semanas (*Life*, outubro de 1995).

88 turnê com James: (Connie Haines) Levinson, 66, 69, Diggins, 21.

88 apresentação no Baltimore: Shaw, *Sinatra*, 19. A maioria das fontes situa em Baltimore a primeira apresentação de Sinatra com a banda de James. Jack Palmer, um trompetista de James, acreditava que Sinatra tinha se juntado a eles pela primeira vez em New Haven, Connecticut (Granata, 4–); (Steel Pier) ed. Mustazza, 85, 224; (“Ele parecia algo como”/ “muito agradável”)

Billboard, 20 de novembro de 1965;

89 (“Ele estava sempre”) *Goldmine*, 22 de março de 1991, com correção em 3 de maio de 1991;

89 (controle da respiração) *Philadelphia Inquirer*, 8 de julho de 1983, Levinson, 70 (gravações) Granata, 5, Shaw, *Sinatra*, 21; (50 dólares) Levinson, 69-; (“Era novo”) *Granata*, 7.

89-90 *All or Nothing at All*: Sinatra gravou *All or Nothing at All* com Harry James em agosto de 1939. O lançamento da canção foi adiado até junho do ano seguinte porque a American Society of Composers, Authors and Publishers (ASCAP), que publicou a canção, estava em uma disputa com os radiodifusores. Uma segunda ação do sindicato, uma greve realizada pela American Federation of Musicians, impediu músicos do sindicato de gravarem entre 1942 e 1944. Então, com radiodifusores famintos por “novo” material, a gravação de Sinatra e James de *All or Nothing at all* foi lançada e se tornou um sucesso (Clarke, *All or Nothing*, 33–, Levinson, 72–, Shaw, *Sinatra*, 21, Friedwald, 75, 132–, Adam Woog, *The Importance of Frank Sinatra*, San Diego, CA: Lucet Books, 2001, 40); (Miller) Friedwald, 37; (quatro vezes) Granata, 6–. (“Aquele cara canta”) *LAHE*, 7 de dezembro de 1979; (“Eu fui até onde”) Clarke, *Wishing on the Moon*, 225–; (“O cantor”) descrição do autógrafo, sothebys.com, 10 de janeiro de 2003. (“Não tão alto”) Shaw, *Sinatra*, 20; (salão de baile incendiado/Victor Hugo/quebrado) ibid. *American Weekly*, 26 de novembro de 1950, Dwiggins, 22; (“O lugar era tão pequeno”) *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966;

91 (“Um monte de vezes”) Sciacca, *Sinatra*, 111;

91 (Count Basie) Granata, 168, Simon, 82.

91 Tommy Dorsey: (esperanças) ed. Yarwood, 17, Sinatra, *Legend*, 39, *Life*, 23 de abril de 1965.

91 Dorsey tinha ouvido/encontro: Dwiggins, 24, Friedwald, 82, Sciacca, *Sinatra*, 38–, *Billboard*, 20 de novembro de 1965, *Screen Star*, 28 de junho de 1955, M/G ent. de Nick Sevano, Herb Sanford, *Tommy and Jimmy*, New Rochelle, NY: Da Capo Press, 1972, 182–, “Artans Knarf”, artigo avulso de Bobby Burns. Dorsey teria ouvido a canção no rádio e não no álbum, porque a gravação que Sinatra tinha feito não tinha sido lançada. Dizem que o cantor de Dorsey na época, Jack Leonard, tinha se tornado temperamental, e havia rumores de que ele queria sair da banda e seguir

sozinho. Parece mais provável, contudo, que ele e Dorsey estavam tendo problemas de comunicação e que Dorsey tomou uma decisão precipitada (não lançada – Friedwald, 82–; Leonard – Wilson, 28, Dwiggins, 26, Sanford, 182, Simon, 165); (outro cantor) Wilson, 28.

91 Contrato com Dorsey: os autores se apoiaram na declaração de Sinatra segundo a qual Dorsey pagava a ele 100 dólares por semana. Dorsey, no entanto, dizia que pagava 150 dólares. Outras fontes oferecem tanto o valor de 125 dólares quanto de 110 dólares (Dorsey – Dwiggins, 28; 125 dólares – Douglas-Home, 22, Levinson, 78; 110 dólares – *Time*, 28 de agosto de 1955); ("se não fizermos nada melhor") Levinson, 79. Ver também *Chicago Daily News*, 10 de maio de 1976, (amigo/ mentor) Friedwald, 69; ("tornou tudo possível") Sinatra, *Legend*, 38.

91 Natal: (Nancy grávida) Dwiggins, 22; *Redbook*, outubro de 1951; (pneumonia/luvas) Dwiggins, 29, "*The Sinatra Story*", recorte avulso, 1951, MHL.

91-92 deixando James: (Shea Theatre) Levinson, 79. James e Sinatra voltaram a trabalhar juntos depois, em um filme do governo que promovia títulos de guerra em 1944, e brevemente gravaram juntos em 1951. Eles também se apresentaram juntos algumas vezes em casas noturnas ao longo dos anos, e em um especial de televisão de John Denver, em 1976. Em 1979, James participou do tributo televisivo comemorando o aniversário de quarenta anos de Sinatra no *show business*. Eles permaneceram próximos até a morte de James (Daniel O'Brien, *Frank Sinatra Film Guide*, Londres: Butler e Tanner, 1998, 209, Levinson, 80, 242–. Friedwald, 75–, ent. Louise Tobin; ("O ônibus saiu") Douglas-Home, 22; (casa em Nova Jersey) Sinatra, *Legend*, 42, Freedland, 54.

92 *Roses of Picardy*: (NJ) Star Ledger, 23 e 25 de janeiro de 2000, Hudson Reporter, sem data, 2000. O disco *Roses of Picardy* não traz nenhuma identificação a não ser o título, que está rabiscado no álbum. Especialistas concordam sobre o fato de que este álbum teria sido gravado depois de 1935, mas não tiveram meios de datá-lo mais precisamente. A irmã de Costello, Rita Scalzo, contudo, disse que a gravação foi feita entre a transição de Sinatra com James e seu começo com Dorsey, e os autores endossaram esta versão. Sinatra gravou *Roses of Picardy* novamente em 1962.

92 "É bem mais longe": *New Yorker*, 25 de maio de 1998.

Capítulo 7: "Deixe ele ir"

93 pesquisa de opinião: *Metronome*, janeiro de 1940.

93-94 histórico de Dorsey: ("n. 1") FS ent. por Tom Jones, Melbourne, Austrália, 1955, fornecido para o autor por Alf Batcheldor; ("General Motors") Peter Levinson, *September in the Rain: The Life of Nelson Riddle*, Nova York: Billboard, 2001, 44; ("tocava maravilhosamente") Levinson, September, 46; ("o Starmaker") ent. Connie Haines; (infância/começo da carreira) Simon, 142, Levinson, *September*, 46–; *Current Biography,* Nova York, H. W. Wilson, 1942, 16–, "The Great American Big Bands" Big Bands Database; ("Se você conseguir aturá-lo") Levinson, *September*, 46; (dirigia como um maníaco) Simon, 145; (palavrões) Levinson, *September*, 46; (mulherengo) Cahn, 131; (bêbado) Simon, 145, Mel Tormé, *Traps, the Drum Wonder: The Life of Buddy Rich*, Alma, MI: Rebeats Publications, 1991, 68, *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002; ("Eu faço") Wilson, *Sinatra*, 32; ("Por que é que") Simon, 146; ("Bom, seu merdinha") Levinson, *September*, 47.

94 cantou pela primeira vez em Indianápolis: a primeira apresentação de Sinatra com Dorsey é contada através de variados relatos que dizem que ela teria se passado em Sheboygan, Wiscosin, Indianápolis, Minneapolis, Milwaukee, ou Baltimore (Friedwald, 83, *Goldmine*, 22 de março de 1991).

94 falar sobre mudança/"nunca vai": Freedland, 52.

94-95 Dorsey/início de FS: ("O Romântico Virtuoso") Sanford, 269; ("Nós sabíamos") Freedland, 52; ("sair"/"só pensei") Freedland, 52, Dwiggins, 33, Hamill, 109, ent. Jo Stafford; (Cara, isso) *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002, ("botou para quebrar") Simon, 166; ("realmente pareciam") *New Yorker*, 9 de novembro de 1946; ("em respeito") *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002; (intruso) Douglas-Home, 23; ("assumiu o controle") *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (rotina da banda) Frank, 30–, Dwiggins, 33; (esmero) Frank, 30 –, *New Yorker*, 9 de novembro de 1946; ("quebrado") "Artanis Knarf", unid artigo de Bobby Burns, MHL.

95 FS/relações com Dorsey: (jantar) Douglas-Home, 24; (Patsy's) *Newsday*, 24 de julho de 2002; ("Uma vez") Dougles-Home, 24; ("Primeiro, todo

mundo”) “Artanis Knarf”, unidade de artigo de Bobby Burns, MHL; (“o velho”) *Screen Star*, 28 de junho de 1955; (“como um pai”) Friedwald, 88; (“eu me sentava”) Douglas-Home, 24; (educação) Simon, 170; (mãe de Dorsey) Wilson, 34; (pregar peças) ibid., 35, Earl Wilson, *The Show Business Nobody Knows*, Nova York: Bantam, 1973, 155–;

97 (colônia/pasta de dentes) Pal Springs Life, fevereiro de 2002; (trens) Simon, 171; (perfeição) ent. Peter Levinson.

97 controle da respiração: (“cantava uma canção”) *Screen Star*, 28 de junho de 1955; (pouco treino) *Life*, 23 de abril de 1965; (“Tommy me ensinou”) Shaw, *Sinatra*, 33; (dicção) ed. Yarwood, 63 (“Eu costumava observar”/“podia jurar”/“ele me mostrou”) Bill Boggs ent., ver também FS ent. por Zion, *LAHE*, 6 de junho de 1981; (convite), ibid.

97-98 FS e a música clássica: comunicado à imprensa de George Evans, 1940, MHL, *LAT*, 12 de agosto de 1943. A imensa coleção de discos que Sinatra acumularia, uma vez que ser tornou poderoso, ao mesmo tempo que largamente devotada ao jazz, incluiria mais de duzentos álbuns clássicos (*Metronome*, maio de 1943, *Movie Show*, 31 de julho de 1947); (Debussy) *Movieland*, 11 de junho de 1945; (Brahms) *Silver Screen*, 24 de março de 1948. (Heifetz) McCall’s, julho de 1968; programa da Sinatra Diamon Jubilee Tour, FS ent. por Arlene Francis, 1º de outubro de 1977, WOR (NY), Joy Williams, “Frank Sinatra”, www.artistwd.com; (“Toda vez”/“Você nunca”/“Eu pensava”) FS ent. por Zion, *Life*, 23 de abril de 1965. Ver também Freeland, 65, Friedwald, 87; (“Fiz um monte”) FS ent. por Zion, ver também Bill Boggs ent.; (“exercícios”/vocalize) FS ent. por Zion, Freedland, 55; (ensaiava) Friedwald, 88.

98 *bel canto:* (garçom disse) *New York Daily News*, 17 de janeiro de 1982.

98 “algo diferente”: *Life*, 23 de abril de 1965 – Sinatra sugeriu neste artigo que o trabalho dele com o *bel canto* começara na metade dos anos 1930, mesmo assim há indício de que seu trabalho nesta área era posterior, da década de 1940. Isso faria mais sentido; (“coisa inalcançável”) *Opera News*, novembro de 1996; (Pavarotti) Sinatra, *Legend*, 289; (“gemidos”) Henry Pleasants, *The Great American Popular Singers*, Nova York: Simon and Schuster, 1974, 187. Ver também *Stereo Review*, novembro de 1971; (“Não sabia”) ent. Connie Haines.

99 “Tínhamos certeza”: Friedwald, 84.

99 Astor: (localização) *NYT*, 29 de dezembro de 2002; (reabertura/ apresentação

de FS) Friedwald, 90, ent. Joe Bushkin, (lotado) Tormé, 61.

99 gravações: (ansioso) Wilson, Sinatra, 29, *Goldmine*, 2 de março de 1991; (“três minutos de fortes emoções”) Shaw, *Sinatra*, 192;

100 (88 canções) *Billboard*, 20 de novembro de 1945;

100 (quarenta no primeiro ano) John Ridgway, *The Sinatra File*, parte 2, Birmingham, UK: John Ridgway, 1978, 14.

100 *Never Smile*: Shaw, *Sinatra*, 27, Sanford, 176, Friedwald, 93, ents. Joe Bushkin, Jo Stafford. Fontes discordam sobre a origem desta canção. A versão inicial foi escrita pela compositora Ruth Lowe no ano seguinte à morte de seu marido, agente do meio musical, morto durante uma cirurgia. Esta versão foi depois questionada, assim como o processo pelo qual a canção chegou até Dorsey (Wilson, *Sinatra*, 29, Dwiggins, 34–, “Composers e Lyricists Database”, http:info.net/.CAL/116.html, FS ent. WOR (NY), 25 de setembro de 1981, *Goldmine*, 22 de março de 1991); (“bem tranquilo”) Dwiggins, 34; (doze semanas) Ed O’Brien com Robert Wilson, *Sinatra 101*, New York: Boulevard Books, 1996, 3, “Sinatra on the Wireless”, *Sinatra Music Society*, 2000 – o autor John Rockwell observa que *Never Smile* ficou nas paradas de sucesso por quatro meses, Rockwell, 72; (tocar sem parar) Sciacca, *Sinatra*, 40; (bônus) Wilson, *Sinatra*, 30; (marco) FS em *Silver Screen*, 24 de março de 1948.

100-101 clima de guerra: (“até quando Deus quisesse”) Harold Evans, *The American Century*, Londres: Jonathan Cape, 1998, 301; (convocados) *Address to the Registrants under the Selective Service Law*, 16 de outubro de 1940, *Mt. Holyoke Library*; (formulário) SAC Newark to Director, 10 de fevereiro de 1944, FBI 25-244122-3; (“Jovem rapaz”) *As I Remember It*, comentário de Frank Sinatra Jr., Angel Records, 1996.

101 *Las Vegas Nights*: (Palladium) Tormé, 64–, Simon, 169; (*Never Smile*/taxa) O’Brien, 204, ent. A.C. Lyles; (“deitar ao sol”) “Artanis Knarf”, unid artigo de Bobby Burns, MHL; (suíte) ent. Connie Haines.

101-102 casos amorosos/situação do casamento: (Gooding) ent. Nick Sevano, Kelley, 56–; (animado com as notícias) *Modern Screen*, 17 de julho de 1947, Sinatra, *Legend*, 43; (“Miss Moonbeams”) Freedland, 55; (“Nancy”) Friedwald, 142–, Sinatra, *My Father*, 69; (“Frank dava um tapinha”) ent. Joe Bushkin; (“Eu costumava ficar lá”) David Hanna, *Sinatra*, Nova York: Gramercy Books, 1990, 16; (“eu olhava”) Liz Smith, *Natural Blonde*, Nova York: Hyperion, 2000, 306; (“Lá estava aquele cavalheiro esbelto”)

ent. Peggy Maley; (“o jeito que ele acariciava”) ed. Vare, 43; (“Eu consigo”) Taraborrelli, 46; (Cahn) Cahn, 132; (“Pouco tempo depois”) *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (“por causa de”) Sinatra com Coplon, 15.

102-103 *This Love of Mine*: Friedwald, 106, Shaw, *Sinatra*, 29 – Sol Parker, um vendedor de camisas, também contribuiu para a canção. Embora oito músicas tenham sido atribuídas a Sinatra, o compositor Will Friedwald se comprometeu a atribuir a autoria de Sinatra (apenas) às canções *This Love of Mine* e *I'm a Fool to Want You* (*Sinatra the Songwriter*), em www.members.aol.com/artani103/sinatra.html.

103 “Nada significava”: Levinson, *September*, 114.

103 Dorsey disse repetidas vezes: *Cosmopolitan*, maio de 1956.

103 FS lembrou: *Life*, 23 de abril de 1965.

103 Crosby e FS: ed Yarwood, 116, Hamill, 24, Don Dwiggins, autor de *Frankie*, escreveu que Sinatra e Crosby se encontraram brevemente durante a gravação de *Las Vegas Nights*. Outras fontes indicam que eles não se conheceram até 1941 ou 1943 (Dwiggins, 35, ver também Friedwald, 92, *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, e Louella Parsons no *Los Angeles Examiner*, 7 de janeiro de 1962).

103 “Esse Sinatra”: “Artanis Knarf”, artigo avulso de Bobby Burns, MHL.

103 pesquisa/revistas: Shaw, *Sinatra*, 28–, *Goldmine*, 22 de março de 1991, Sciacca, *Sinatra*, 40, *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002.

103-104 arrogância/violência: (“convencido”) *Metronome*, setembro e 1943; (“melhor cantor”) Cahn, 132; (Wilson) *Sinatra*, 30; (“Ele não gostava de mim”/“Ele me chamava de caipira”) *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002, ent. Connie Haines. Ver também Connie Hainesm *For Once in My Life*, Nova York: Warner, 1976, 39–, (“se irritar”) *Screen Star*, 28 de junho de 1955; (“Eu estava trocando”) ent. Lucille Kirk Buccini, M/G ent. de Buccini; (Hawkins) Levinson, *Blues*, 70; (bêbado) Sanford, 184; (“saía voando”) Shaw, *Sinatra*, 26; (“O problema”) Milton Berle, Nova York: Delacorte, 1974, 212.

104-105 Rich: (egos) Simon, 169; (temperamento) Levinson, *Blues*, 209, Torné, *Traps*, 62; (dividir quarto) Douglas-Home, 23; (ônibus) foto – Sinatra, *Legend*, 45; (pouca chance) Tormé, *Traps*, 60; (mais proeminência) *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002; (irritar) *Billboard*, 20 de novembro de 1965, Dwiggins, 34, ents. Joe Bushkin, Jo Stafford, Freedland, 61;

(incidente do jarro) *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002, ents. Jo Stafford, Joe Bushkin, Connie Haines, Tormé, Traps, 62; (porrada em Rich) *Down Beat*, 1º de setembro de 1940; (“friamente”/“ele pergunta”) Tormé, *Traps*, 62–; (Frank emprestou) *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982, Dwiggins, 34; (se apresentaram juntos) *Jazz Times*, maio de 1998, Golden Nugget poster, (ajudou quando doente) *(Ireland) Sunday Independent*, 14 de abril de 2001. (“Ele é o mais”) Kelley, 64.

105-106 o dilema de FS/Dorsey: (pavio curto) Simon, 170, ent. Tommy Dorsey III, *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002. (FS mandado para casa) Tormé, Traps; 63; (FS demitido) ent. Connie Haines; (“tudo o que eles queriam”) *Billboard*, 20 de novembro de 1965, *New Yorker*, 9 de novembro de 1946; (“Esse garoto vai) Wilson, Sinatra, 31 – o repórter era Earl Wilson, (Dorsey e os uniformes) Simon, 171; (“vá e penteie”) *Palm Springs Life*, fevereiro de 2002; (“Nós éramos como marionetes”) *Life*, 3 de maio de 1943. Ver também Hamill, 110; (advertência do ano) Douglas-Home, 25, Friedwald, 111. Ver também fonte em que aparece a dúvida sobre se ele deu a advertência, em Levinson, *September*, 114; (250 dólares) ed. Vare, 34; (“em greve”?) Wilson, *Sinatra*, 33; (ensaiava) Friedwald, 108; (“era um verdadeiro”) Dwiggins, 40; (“Frank sentou”) Haines, 41; (bem recebido) Shaw, *Sinatra*, 31; (pesquisas de opinião) *New Yorker*, 9 de novembro de 1946, *Redbook*, outubro de 1951, Freedland, 59, Taraborrelli, 50; (bis) Shaw, *Sinatra*, 32.

106-107 aumento para quatrocentos dólares: se o biografista de Dorsey se refere a um aumento de quatrocentos dólares, Sinatra declarou mais tarde que estava ganhando cento e cinquenta dólares por semana, nesta época (*Palm Springs Life*), fevereiro de 2002, *American Weekly*, 27 de julho de 1952).

106-107 FS deixa Dorsey: (“Ele começou a falar”) Kelley, 60–; (FS sentiu que deveria partir) Douglas-Home, 25, FS ent. por Zion, Shaw, *Sinatra*, 32; (reação de Dorsey) FS ent. por Zion, *New York Daily News*, 23 de janeiro de 1978, Kelley, 61, Sinatra, *Legend*, 50; (mais dois anos?) FS em *American Weekly*, 27 de julho de 1952 – FS se referiu a “mais um ano com opções” enquanto Nick Sevano falou de todo o contrato ter sido por cinco anos; M/G ent. de Sevano; (tarde/sair) M/G ent. de Nick Sevano; (agenda) Sinatra, *Legend*, 48; (“Deixe ele ir”) Wilson, *Sinatra*, 35.

107 cantou com Dorsey pela última vez: o próprio Sinatra, e um relatório contemporâneo escrito por George Simon da *Metronome*, indicam que a

última apresentação dele com Dorsey foi em 10 setembro (*Billboard*, 20 de novembro de 1965, *Metronome*, maio de 1943).

107 “estava literalmente chorando”: *Cosmopolitan*, maio de 1956.

107 “Você não vai deixar”: FS ent. por Zion.

107 acordo de separação: (termos) “*Assignment od Wages*”, 3 de setembro de 1942, fornecido para os autores por Tommy Dorsey III, FS em *American Weekly*, 27 de julho de 1952, *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, Freedland, 69. Uma revista sobre música calcularia que Sinatra se comprometeu a pagar para outros mais de 93% de seus ganhos. Outra teoria cômica colocava que ele teria conseguido vender mais de 100% de si. O antecessor de Sinatra, Jack Leonard tinha sido liberado basicamente sob as mesmas condições. Connie Haines tinha um contrato parecido, embora Dorsey não a tenha prendido a este (porcentagens – Shaw, *Sinatra*, 62. Leonard/Haines – Sciacca, *Sinatra*, 39, ent. Connie Haines, Haines, 58); (ilimitado) ibid., ent. Tommy Dorsey III. Ver também “Assignment of Wages”.

107 disputa FS/Dorsey: (“errado para qualquer um”) Shaw, *Sinatra*, 62, *New Yorker Journal-American*, 25 de agosto de 1943;

107-108 (“pedaço surrado”) Sinatra, *Legend*, 49; (processo) *New Yorker Journal-American*, 25 de agosto de 1943, *Chicago’s American*, 27 de setembro de 1966.

108 “Eu contratei”: *American Weekly*, 27 de julho de 1952. Referências às somas envolvidas no acordo de separação variam. Os autores citam aqui a versão de 1952 de Sinatra, mas os dois livros de Nancy sobre seu pai se referem a uma soma total de setenta e cinco mil dólares. Tem se dito em geral que a contribuição de Sinatra no contrato foi paga pela Columbia Records, como em adiantamento de futuros direitos autorais. Conta-se que a Columbia foi convencida a pagar o débito em nome de Sinatra pelo executivo sênior Manie Sacks, que acreditava no potencial de Sinatra. Outra teoria, proposta pelo autor Michael Freedman, é que Dorsey tornou o acordo viável para Sinatra, concordando em esperar o cantor conseguir o dinheiro (sessenta mil dólares – *American Weekly*, 7 de julho de 1952. Ver também *Down Beat*, agosto de 1998 reimpressão do artigo de 15 de setembro de 1953; setenta e cinco mil dólares – Sinatra, *My Father*, 40, Sinatra, *Legend*, 50; Columbia – *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, *Billboard*, 20 de novembro de 1965; Freedland, 72); (“Não! Não! Não!”)

FS ent. por Zion; (Jaffe/ conversa com Dorsey) retirado de ent. de FS por Zion, e Sinatra, *My Father*, 40.

108 ameaça física a Dorsey: (artigo) *New American Mercury*, agosto de 1951 – o artigo foi escrito pelo hostil jornalista Lee Mortimer; (“Tommy me disse que”) ent. Ed Becker;

109 (FS insistiu) *American Weekly*, 27 de julho de 1952, Sinatra, *My Father*, 39, FS ent. por Zion, ver também depoimento de FS, *Nevada State Gaming Control Board*, 11 de fevereiro de 1981 (advogado/assistente) Kelley, 63; (Dexter) ents. Brad Dexter.

109 filhos de Dorsey e a ameaça: ents. Tommy Dorsey III, Patricia Dorsey Hooker. Como relatado na biografia de Sinatra escrita por Randy Taraborrelli, ao citar o amigo de Sinatra Joey D'Orazio, Dorsey foi ameaçado não por “sujeitos realmente do submundo mas apenas alguns camaradas ameaçadores” conhecidos de Sinatra e Hank Sanicola. D'Orazio sabia disso, segundo as palavras atribuídas a ele, porque ele próprio tinha sido chamado a voar para Los Angeles com os homens envolvidos. Ele se recusou a fazer parte daquilo, mas ficou sabendo sobre a ameaça a Dorsey depois do ocorrido. Ele disse que Sanicola “não queria que Sinatra soubesse dos detalhes... queria sempre que Sinatra pudesse dizer que não sabia nadinha de nada”. Taraborrelli também cita Bea Wilken, uma amiga de Pat Dane, a então esposa de Dorsey, que diz que Sinatra “mandou seus colegas para machucarem Tommy” (Taraborrelli, 65).

109-110 envolvimento de Moretti?: (“Eu recebi a visita”) *Parade*, 12 de julho de 1964; (“Digamos que”) ent. Dan Lewis, Peter Levinson, *Tommy Dorsey: Livin’ in a Great Big Way*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2005, p. 161; (“*The Italian*”) Eisenberg, Dan e Landau, 233; (“um monte de dinheiro”) Gosch e Hammer, 312; (documento do Bureau of Narcotics) “File Review and Summary Chack”, Frank Sinatra, 19 de setembro de 1960, FBI 100-414413-121. Ver também “Correlation Summary”, Frank Sinatra, 8 de junho de 1964, FSFBI, *Wall Street Journal*, 19 de agosto de 1968, Gage, 81–, ent. Ralph Salerno; (“designaram”) ent. Sonny King; (“amigos dos Rapazes”) *Las Vegas Review-Journal*, 17 de maio de 1998; (“Você não conhece os italianos”) Less, 91, ents. Gene Lees, Gene DiNovi.

Capítulo 8: "F-R-A-N-K-I-E-E-E-E-E!"

111 Dorsey sobre a partida de FS: ("Eu espero que você tropece") Sinatra, *Legend*, 50; (não acreditava) Lawrence Quirk e William Schoell, *The Rat Pack*, Dallas: Taylor, 1998, 25.

111 Sacks reconheceu: *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946.

111 indústria de gravação paralisada: *Goldmine*, 22 de março de 1991, Simon, 54. Sacks conhecia Sinatra desde sua época no Rustic Cabin, o tinha ouvido tocar duas vezes com Dorsey, e garantiu a ele que iria gravá-lo em trabalho solo "quando ele estivesse livre". Conta-se que ele convenceu a Columbia a contribuir com vinte e cinco mil dólares para ajudar Sinatra a sair de seu contrato com Dorsey. Sacks e Sinatra assinaram um contrato inicial em 1942, e a Columbia encontrou um caminho para a disputa envolvendo o sindicato. Em maio de 1943, a companhia relançou *All or Nothing at All*, que tinha sido gravada com Harry James em 1939, e agora se tornava um sucesso de vendas de um milhão de cópias. No mês seguinte, Sinatra gravava a primeira de suas nove canções solo *a capella*, acompanhadas apenas por vozes, por causa da interdição de usar músicos. A normalização das gravações não se deu até novembro de 1944, quando Sinatra já tinha se atirado ao topo por outros caminhos (Sacks – *Woman's Home Companion*, maio de 1956, *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, *Billboard*, 20 de novembro de 1965; primeiro acordo – Friedwald, 122; *All or Nothing at All*/ *a capella* – Ridgway, pt. 2, 21, 26-).

111 nada certo: *(Reveille)* O'Brien, 204; (NBC) *Billboard*, 20 de novembro de 1965, Shaw, 38; (Burns) George Burns, *Dr. Burns' Prescription for Happiness*, Nova York: Putnam, 1984, 151; (Babs) *Music Web Encyclopedia of Popular Music*, www.musicweb.uk.net; (CBS) *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, Friedwald, 121; (teatros) FS ent. por Zion, FS ent. por Arlene Francis, 1º de outubro de 1977, WOR (NY).

112 Romm/Weitman/Mosque: (conseguiu atenção) *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, *Chicago's American*, 26 de setembro de 1966; (cheio até a metade), *Woman's Home Companion*, maio de 1956; ("Ele me ligou") FS ent. por Zion.

112 Paramount (descrito): "*Paramount Building Timeline*", Tobin Parnes Design Enterprises, http://www.tobinparnes.com, "The Paramount Building",

www.great-gridlock.net, Wilson, *Sinatra*, 25; (De madrugada) FS ent. por Zion.

112-113 “EXTRA” no Paramount: foto em Docto, 26. Fontes variam sobre se a abertura no Paramount foi em 30 ou 31 de dezembro de 1942. Um anúncio da época, na *Metronome,* determina a data como em 30 de dezembro (30 de dezembro – entrada, *Where or When?,* CD compilado por Giuseppe Marcucci, Dick Schwartz e Ed Vanhellemonk, publicação particular, janeiro de 2002, Shaw, *Sinatra*, 40, Dwiggins, 45; 31 de dezembro – Friedwald, 123, FS ent. por Zion; anúncio – Doctor, 25). (“Quem é ele?”) Shaw, *Sinatra*, 40; (“Benny”/“Achei que”) Sinatra, *My Father*, 44; (“F-R-A-N-K-I-E-E-E-E-E”) ibid., 45; (“absolutamente ensurdecedor”/Goodman não podia imaginar) Dwiggins, 45, Kelley, 66; (*For Me and My Gal*) Dwiggins, 45; (*Black Magic*) *Silver Screen*, 24 de março de 1948; (“Os devotos”) *New Republic*, 6 de novembro de 1944; (uma centena de canções) Wilson, *Sinatra*, 40; (nove shows) *Life*, 23 de agosto de 1965 – ver também “10 shows”, *Life*, 25 de junho de 1971; (“Houve um sábado”) Larry King ent. de FS, 19 de maio de 1998 (reprise); (família ao teatro) *New York Daily News*, 2 de abril de 1944, Kelley, 95–; (Marty/ Francesco) Freedland, 80, *NYT*, 17 de maio de 1990, Fs ent. em Suzy Visits;

114 (temporada estendida) *Life*, 3 de maio de 1943, *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946, *Newsweek*, 22 de março de 1943, *Metronome*, maio de 1943.

114-115 *bobbysoxers*: (tipicamente vestidas) Taraborrelli, 54fn, (*bobbysoxers*) *New Republic*, 6 de novembro de 1944, (“Os gritos estridentes”) Armand Deutsch, *Me and Bogie*, Nova York: Putnam, 1991, 103, ent. Armand Deutsch; (instaladas) *New Yorker*, 12 de novembro de 1946, ent. Al Viola, Alan Dale, *The Spider and the Marionettes*, Nova York: Lyle Stuart, 1965, 53; (urinavam) *High Fidelity*, agosto de 1971, Shaw, *Sinatra*, 42; (“Elas berravam”) ent. Al Viola; (silenciavam) Kahn, 51; (de joelhos/murais) Freedland, 28, Wilson, *Sinatra*, 40, Kahn; (cabelos caídos) *Liberty*, 12 de fevereiro de 1944, Kahn, 5. Wilson, *Sinatra*, 56; (lenço de bolso) Wilson, *Sinatra*, 54; (na frente do carro dele) Kahn, 55, ent. Jo Carrol Dennison; (flores etc.) Kahn, 66; (roupas íntimas jogadas) ent. Nick Sevano; (sutiãs/casaco aberto) Dwiggins, 37; (“Ele era meu ídolo”) ent. Marie Carruba; (“Grupo de garotas”) *All or Nothing at All*, documentário da rádio BBC, sem data, fita de áudio da coleção dos autores, NYT, 13 de

outubro de 1974 – Lears parece ter visto FS no Paramount e em Boston, ver também Friedwald, 124, Kahn, 63, Dwigins, 48; (“pobres”) *New Republic*, 6 de novembro de 1944; (“superficiais”) Kahn, 46; (“descabeladas”) *Cosmopolitan*, maio de 1946.

115-116 Riobamba: (“para crianças”) Wilson, *Sinatra*, 43; (negócios em baixa) *Newsday*, 15 de novembro de 1991; (Jarwood mudou de ideia) Wilson, *Sinatra*, 43; (Sinatra surtava) Shaw, *Sinatra*, 43; (se aglomeraram) *New Yorker Journal-American*, 27 de fevereiro de 1956, Wilson, *Sinatra*, 42; (“Mal podíamos”) ibid. 46; (o crítico estava bêbado?) *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946; (“extraordinária”) Wilson, *Sinatra*, 44; – (“mais cosmopolita”) Cahn, 132; (“Três vezes”) *Life*, 3 de maio de 1943; (Barret e O'Keefe dispensados) *New Yorker Journal-American*, 27 de fevereiro de 1956; (“Quando eu vim”) *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946.

116-117 progresso de 1943/1944: (de volta ao Paramount) *Metronome*, maio de 1943, Dwiggins, 58–, Wilson, *Sinatra*, 52, Kahn, 61, programa “Special Concert for the Benefit of the National Symphony”, 25 de julho de 1943; (Los Angeles) *LAT*, 1, 4, 12, 16 de agosto, *Metronome*, setembro de 1943, *Movie Stars*, julho de 1966; (“Caruso”) Dwiggins, 59; (*A lua ao seu Alcance*) O’Brien, 12–, Ridgway, pt 3, 4 – o filme seguinte seria Step Lively; (Waldorf) Wilson, *Sinatra*, 49, 53 –. *Billboard*, 20 de novembro de 1965.

117 Your Hit Parade: Shaw, *Sinatra*, 87–, Kahn, 111–, Friedwald, 127–. A primeira apresentação de Sinatra no *Yo*ur Hit Parade foi em 27 de fevereiro de 1943. Enquanto trabalhava no Hit Parade, Sinatra começou com sua primeira série no rádio, The Broadway Bandbox. Outros programas de rádio que exibiram Sinatra no período foram o The Frank Sinatra Program, The Frank Sinatra Show e Songs by Sinatra (Ridgway, pt-1, 6–).

117 *Marujos do Amor*: (descrito) O’Brien, 20;

118 (“Eu não sabia andar”) eds. Sheila e J.P. Cantillon, *Sinatra: His Life and Loves Decade by Decade*, edição de colecionador, Los Angeles: LFP, 1990, 50;

117 Estreia de 11 de outubro: (geral) Shaw, *Sinatra*, 45. *NYT*, 13 de outubro, *New Republic*, 6 de novembro de 1944, *Motion Picture Herald*, 21 de outubro de 1944;

118 (“Eu me aventurei descendo”) Wilson, *Sinatra*, 59–; (até o anoitecer) Sinatra, *Legend*, 54; (Chicago etc.) Shaw, *Sinatra*, 47.

118-119 meninas desmaiando: (declarações) Wilson, *Show Business Nobody Knows*, 325, *Time*, 29 de agosto de 1955, Kahn, 63, 103; (“Uma garota na décima segunda fileira”) William Manchester, *The Glory and the Dream*, Boston: Little, Brown, 1973, 307; (“aparecia no teatro”) Dwiggins, 46–; (“Essas bonecas”) *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966; (“desmaios”) *New Republic*, 6 de novembro de 1944; (“Eu caí”) Kahn, 50; (“Nós adorávamos”) *NYT*, 13 de outubro de 1974; (“Toda a indústria do soluço”) ent. Celeste Holm, BBC Radio, *All or Nothing at All*; (Rubin) Dwiggin, 45–, Wilson, *Sinatra*, 47.

119-120 Evans: (representado) Shaw, *Sinatra*, 54, ent. Phil Evans, Quirk e Schoell, 77, Tosches, 149; (“certas coisas”/ cinco mil dólares) Kahn, 67. Ver também *Liberty*, 12 de fevereiro de 1944 (“Eu gosto de mantê-las”) *Time*, 5 de julho de 1943; Gehman, 194, Dwiggins, 46; (batom) Shaw, *Sinatra*, 54; (porão) Wilson, *Sinatra*, 41; (“fazia alguém jogar” M/G ent. de Nick Sevano; (roupas rasgadas) *New Yorker*, 26 de outubro de 1946, Deutsch, 103; (“*ternos quebráveis*”) Shaw, *Sinatra*, 55.

120 “contratadas para gritar”: John Lahr, “*Sinatra’s Song*”, www.sinatra-ms.com, *LAHE*, 15 de maio de 1975. Keller se tornou um renomado assessor de imprensa por seu próprio mérito. Jerry Lewis, que logo se tornaria seu cliente, o descreveu como alguém que tinha “um intelecto surpreendente... o amigo mais próximo que já esperei ter”. Ele estava na abertura da campanha de Lewis para ajudar aqueles que sofrem de distrofia muscular (Jerry Lewis com Herb Gluck, Jerry Lewis, in *Person*, Londres: Robson, 1983, 161, 26, 1966; (“Era algo cômico”) Quirk a Schoell, 26.

120 FS e fãs: (surpresa?) *Life*, 23 de abril de 1965, FS ent. por Zion, *Suzy visits*; (não gostava da gritaria/relinchos) Friedwald, 134; (“Eu era o garoto”) *NYT*, 16 de maio de 1998, (olhares/língua/“Eu nunca vi”) Kahn, 51, 77.

120-121 motivo para histeria?: (geral) Kahn, 48–, *Manchester*, 309, *New Republic*, 6 de novembro de 1944;

(“um tipo de *strip-tease”) New Republic*, 6 de novembro de 1944; (“Para mulheres de quinze anos”) Freedland, 88; (“O jovem Sinatra”) *Atlantic Monthly*, setembro de 1998; (“O elemento sexo”) *Down Beat*, 12 de maio de 1960; (“Que lelés!”) *NYT*, 13 de outubro de 1974; (“O que é isso?”) *Movieland*, 15 de agosto de 1946.

121 FS transformado em uma estrela: (se apressou para um estúdio) *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (dezessete canções) Ridgway, pt. 2, 27–; (vinte mil dólares) *New Republic*, 6 de novembro de 1944. Ver também *Saturday Evening Post*, 24 de agosto de 1946.

121-122 juntou um milhão e meio de dólares: Kahn, 2, *Movieland*, 15 de agosto de 1946. Estas cifras extraordinárias são aquelas que foram aceitas, na época, por fontes confiáveis. George Evans foi citado em 1944 dizendo que seu cliente estava fazendo algo em torno de 1 milhão de dólares por ano, do qual a maioria pagou impostos. Em seu livro *Legend*, de 1995, Nancy, filha de Sinatra, sugeriu que seu pai recebia até 25 mil dólares por semana no começo de 1943, o que não confere com as outras versões (*Stars and Stripes*, 5 de julho de 1944, Sinatra, *Legend*, 51–); ("Eu não podia acreditar") Louella Parsons, *Tell It to Louella*, Nova York: Putnam, 1961, 150 – a observação foi feita à Louella, provavelmente em 1945; ("Agora sou dono") *New Yorker*, 9 de novembro de 1946.

122 Stordahl e FS: Douglas-Home, 25 –, FS ent. por Tom Jones, Melbourne, Austrália, 1955, fita de áudio da coleção dos autores, fornecida por Alf Batchelder. A parceria musical de Stordahl com Sinatra duraria essencialmente de quando houve o rompimento com Dorsey até o final da detenção de seus direitos pela Columbia Records em 1953. Eles também trabalharam juntos no começo e no fim do período de Sinatra junto à Capitol Records, que veio em seguida. Os dois foram próximos por muito tempo, ao ponto de Stordahl ser padrinho do casamento de Sinatra com Ava Gardner. Sua carreira foi abreviada, contudo, devido à sua morte, aos 50 anos, em 1963 (Shaw, *Sinatra*, 153).

122 Cahn/Styne e FS: Cahn, 133, FS ent. por Arlene Francis , 1º de outubro de 1977, WOR (NY), Theodore Taylor, *Jule*, Nova York: Random House, 1979, 4, 95, *Modern Screen*, 17 de julho de 1947. As relações de Sinatra com Cahn e Styne não eram as mais amenas. As relações com Cahn melhorariam depois de um hiato. Com Styne, no entanto, persistiu uma frieza duradoura (Cahn, 141–, ent. Tita Cah, Taylor, 125); (Sanicola) Douglas-Home, 25–, ent. de FS por Helen Hover, recorte, MHL, Cahn, 141; (filho-da-puta que "afundava com o") Wilson, *Sinatra*, 36; (Sevano demitido) ent. Nick Sevano, Kelley, 80–.

122-123 imagem de FS como briguento: (primo Frank) ents. Marilyn Sinatra – filha, Rosa Paldino, Rose Ellman Sinatra, *National Enquirer*, 22 de maio

de 1979; (Sanicola como guarda-costas), *Look*, 11 de junho de 1957; (“Eu queria encontrar”) *NYT*, 18 de dezembro de 1943; (Tamburro) ver referências anteriores, ent. Rose Tamburro; (treinar/ Silvani) *Newsweek*, 22 de março de 1943, *NYT*, 20 de outubro de 1984; *Billboard*, 20 de novembro de 1965. *Sports Illustrated*, 14 de fevereiro de 1972; (Silvani como guarda-costas) ent. Gloria Cahn Franks; (“Eu fiquei intimidado”) Granata, 32.

123 “Ele era meu enfermeiro particular”: Peggy Lee, *Miss Peggy Lee*, Nova York: Donald Fine, 1989, 20.

123 generosidade de FS: (Anthony) Dwiggins, 32; (músico/tempestade de neve) *Modern Screen*, artigo sem data, 1946?, de George Evans, MHL; (trezentos isqueiros/abotoaduras/chaveiro/tripulação do Navy) Kahn, 23, *New Yorker*, 26 de outubro de 1946; (Styne) Taylor, 95; (Ragland) Shaw, *Sinatra*, 100; (FS resplandecente) New Yorker, 26 de outubro de 1946, Helen Hover ent. de FS, recorte sem data, MHL, *Newsweek*, 22 de março de 1943.

123 roupas de FS: (geral) Wilson, 49, *Life*, 3 de maio de 1943, Kahn, 26–, *Movie Stars Parade*, 4 de junho de 1947; (camisas) M/G ent. de Nick Sevano, Wilson, *Sinatra*, 47; (cinquenta ternos etc.) Kahn, 25.

123 Hasbrouck Heights: *Newsweek*, 22 de março de 1943, Dwiggins, 54.

124 Toluca Lake: (contrato com a MGM) *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (descrição) *Movieland*, 11 de junho de 1945, Eleanor Harris, “If You Were a House Guest of the Frank Sinatras”, sem data, 1945?, MHL, Shaw, *Sinatra*, 71; (Lakeside Country Club) *Woman’s Home Companion*, junho de 1956, Cahn, 119. Ver também Sinatra, *Legend*, 63; (Warm Valley) Dwiggins, 83; (Lanza) *LAT*, 4 de junho de 1951, Strait e Robinson, 14; (entretenimento caseiro) Taylor, 111; *(the Swooners*) Rockwell, 69, Sinatra, *Legend,* 81, foto depois de Cahn, 91. Ver também: *Hollywood Citizen-News*, 20 de agosto de 1945 – referência ao time chamado “Cleffs”; (cartas na jangada) Sinatra, *Legend*, 61, (*gin rummy*) ents. Gloria Cahn Franks, Cahn, 119.

125-126 situação do casamento: (Evans ansioso) Gehman, 199, Wilson, *Sinatra*, 80, Redbook, outubro de 1951; (histórias sentimentais) “If You Were a House Guest of the Frank Sinatras”, Photoplay, setembro de 1945, Helen Hover ent. de FS, *Movieland*, 15 de agosto de 1946, *New Yorker Journal-American*, 27 de fevereiro de 1956, *Junior Miss*, setembro de 1944, ed.

Yarwood, 119; (nascimento de Frank Jr.) *Jersey Observer*, 11 de janeiro de 1944, ent. Adeline Biondy Yacenda; (nomes) Sinatra, *My Father*, 53; (fortalecesse/"Pouco a pouco") *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (*e-mails* de fãs) *Chicago's American*, 26 de setembro de 1966, Sinatra, *Legend*, 52; (lidar com o dinheiro) Wilson, *Sinatra*, 48; (sitiado) *New Republic*, 6 de novembro de 1944, Bergen (NJ) Record, 16 de maio de 1998, *Los Angeles Examiner*, 5 de agosto de 1945. Ver também memorando do arquivo, 1º de março de 1955; FBI 100-41713-4; ("As pessoas tentavam") ent. Gloria Cahn Franks, Shaw, *Sinatra*, 71; (família de Nancy) *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (sair para festas sozinho) *Cosmopolitan*, maio de 1956; (bebida) *Woman's Home Companion*, junho de 1956, ent. Brad Dexter;

126 ("Eu comecei a beber") FS ent., artigo avulso francês fornecido aos autores por Peggy Conelly.

126 lista de mulheres: Shaw, *Sinatra*, 73. As fontes divergem em determinar que a suposta lista estivesse na porta, durante a filmagem de *Marujos do Amor*, ou anteriormente, durante *A Lua ao seu Alcance* (Shaw, *Sinatra*, 71, Sciacca, *Sinatra*, 123); (Bau) ent. Bau por Robert Slatzer, fornecida aos autores.

Capítulo 9: Rejeitado para servir

127-128 Sinatra cantando durante a guerra: ("Quando os Yanks") ent. Joe Bushkin, *Billboard*, 20 de novembro de 1965, Friedwald, 136, Ridgway, pt. 2, 258 – a canção foi escrita pelo ex-colega de Frank, da banda de Dorsey, Joe Bushkin; (V-Discs) ibid., 257–; (*The Voice* pintado/Shivarg) Derek Jewell, *Frank Sinatra: A Celebration*, Nova York: Applause, 1999, 6, ent. Alexander Shivarg; (Rosa de Tóquio) "Tokyo Rose" biografia, www.fbi.gov, Freedland, 122; ("Algumas mulheres") Hamill, 128; ("falava pelos garotos") Lees, 93.

128-129 apoio à guerra por parte de FS: ("Enquanto ouvíamos") Lana Turner, *Lana: The Lady, the Legend, the Truth*, Nova York: Dutton, 1982, 75, ent. Joe Bushkin; (*Command Performance*) "AFRTS and Hollywood"), American Forces Radio e Television Service website; (comícios/shows) *Movie Stars Parade*, 4 de junho de 1947, *Blue Ribbon*, sem data, 1943,

Billboard, 20 de novembro de 1965, ed. Leonard Mustazza, *Sinatra: An Annotated Bibliography*, Westport, CT: Greenwood Press, 1999, 216, "Frank Sinatra: The Columbia Years; The V-Discs", comunicado de imprensa de setembro de 1994, www.legacyrecordings.com, Kelley, 83, Sinatra, *Legend*, 55, 57, 59; (WAVES) Freedland, 90; (doação de roupas) *NYT*, 6 de abril de 1945; (esforço de guerra) Dwiggins, 63.

129 artistas que serviram o Exército: ent. Joe Bushkin, Simon, 173, 363–, 422, Kelley, 74, Levinson, *September*, 54, "Artanis Knarf", artigo sem data de Bobby Burns, MHL, Shaw, *Sinatra*, 65, Sanford, 206, Dwiggins, 27, ent. Jimmy Rosselli, "The Stars Go to War", http://history.sandiego.edu, "*Celebrities in Uniform*", USAF Museum, "USO Recruits Support Troops", www.defenselink.mil/news, Clive Hisrschorn, *Gene Kelly*, Nova York, St. Martin's, 1974, 101, 107, 124–.

130-131 FS e o serviço militar: (mastro de bandeira/patriotismo) Sinatra com Coplon, 144, Sinatra, My Father, 364; (controvérsia) "Classification History: Frank Albert Sinatra, Serial Number 2615, Order Number 204", liberada para os autores em 2003, ents. e corr. Alyce Burton, Office of Public and Congressional Affairs, Selective Service System; ("primeiro dever") "Address to the Registrants under the Selective Service Law", 16 de outubro de 1940, Mt. Holyoke Library; (ítalo-americanos) *The Italians in America*, documentário de TV, supra; ("um bando de") *WP*, 7 de dezembro de 2001; (guardacosteira) registro das digitais, FBI 3-734-610 em NY 166-3211, Sect.1; (Evans/publicidade) Dwiggins, 62–, *NYT*, 6 de novembro de 1943, Shaw, *Sinatra*, 65, Wilson, *Sinatra*, 56; (médicos) Memo to Director, 10 de fevereiro de 1944, "Frank Albert Sinatra", FBI 25-244122; (altura) ibid., "Registrar's Report", 16 de outubro de 1940 – fornecido aos autores pelo Selective Service Administration, "Biography of Frank Sinatra", Solters & Roskin Public Relations, 1979; (rejeitado) *NYT*, 10 de dezembro de 1943, Dwiggins, 57, Shaw, *Sinatra*, 65; ("Sinatra tem tanto") carta a Walter Winchell, 30 de dezembro de 1943, FBI 25-244122, ("Como você arruma") Wilson, *Sinatra*, 57; ("trapaceiro listado") Hamill, 27; ("Há muito") Dwiggins, 66, Shaw, *Sinatra*, 91; "Artanis Knarf", artigo de Bobby Burns, MHL; *LAT*, 15 de outubro, *Los Angeles Examiner*, 16 de outubro de 1944; (tomates) ibid., eds. Tom e Phil Kuntz, *The Sinatra Files*, Nova York: Three Rivers, 2000, seção de fotos; (vaiado) "What is Frank Sinatra Really Like?" artigo de Jack Holland,

1943, MHL; (“Não é exagero”) Manchester, 309.

131 classificação 2-A(F): os regitros do *Selective Service* liberado aos autores declara que a reclassificação 2-A(F) foi aplicada em 9 de maio de 1944. Relatos confusos da imprensa da época sugeriam que essa designação foi aplicada apenas no começo de março de 1945. Na realidade, o começo de março marcou a restituição do “status” de 4-F (*New York Sun*, 3 de março de 1945, Kelley, 102); (“Cantar é essencial?”) Freedman, 95; (convocado de volta) *Washington Times-Herald*, 2 de fevereiro, *New York Sun*, 30 de janeiro, *LAT*, 4 de fevereiro de 1945; (fãs/Fort Jay) *New York Sun*, 8, 10, 13 de fevereiro de 1945, Dwiggins, 63–. Shaw, *Sinatra*, 89–; (“revisão”) *New York Sun*, 3 de março de 1945; (“Frail Finch”) *Jersey Observer*, 4 de março de 1945.

131 4-F novamente: na época, tanto uma declaração oficial inicial quanto reportagens da imprensa sugeriam que Sinatra permaneceu 2-A(F) até setembro de 1945, declarando que isso significava que estava fazendo trabalho civil. O registro oficial do Selective Service, contudo, reflete a reinstauração do 4-F, como deixou claro o agente George Evans em uma declaração pública (*New York Sun*, 3 de março, *Jersey Observer*, 4 de março, *Los Angeles Herald Express*, 5 de março de 1945; Kelley, 101, Wilson, *Sinatra*, 58).

131-132 controvérsia sobre FS e o alistamento: (“Você pode me dizer?”) *New York Sun*, 1º de março de 1945; (Sokolsky) ibid.; (Mortimer) (NY) *Sunday Mirror*, 15 de julho de 1945; *NYT*, 6 de novembro de 1943; (microfone) Wilson, *Sinatra* 57; (“desesperado”) Sinatra, *Legend*, 48, ver também Kelley, 76, *Los Angeles Examiner*, 20 de agosto de 1960, *Modern Screen*, sem data, 1946, MHL; (“cantando dia e noite”) *Modern Screen*, maio de 1947; (turnê de sete semanas) *Newsweek*, 23 de julho de 1945, Kahn, 115; (“soldados maquiados”) *B.G. News*, 5 de fevereiro de 2003; (Johnson/ Brown/ Oberon) “The Great Entertainers”, www.dinesp.fsnet.co.uk, “The Friendly Log Cabin”, exposição/exhibit da USO, University of Alaska, www.lib.uaa.alaska.edu, “1st Fighter Group History, 1944”, www1stfighter.org; (Bing) “Bing Crosby Internet Museum”, www.kcmetro.cc.mo.us, Hamill, 26; (Hope) “The Stars Go to War”, http://history.sandiego.edu; (Dietrich) Kahn, 115.

132 “o FBI negou”: Sinatra, *My Father*, 67, Freedland, 96. Dizem que o agente

de imprensa George Evans fez uma alegação semelhante a de Nancy (Freedland, 96); (Wayne) Garry Wills, *John Wayne's America*, Nova York: Simon e Schuster, 1997, 107–, 331n13; (Martin) William Schoel, *Martini Man*, Dallas: Taylor, 1999, 17, Michael Freedland, *Dino: The Dean Martin Story*, Londres: Comet, 1984, 22; (Lewis) Lewis com Luck, 102, ("outra perfuração") *NYT*, 10 de dezembro de 1943.

133 questão dos danos na audição: (suborno?) carta a Walter Wintchel, 30 de dezembro de 1943, FBI 25-244122.

133 FBI/Weintrob/Povalski/questionários: S.K. McKee Memos ao Diretor, "Frank Albert Sinatra, Selective Service", 10, 17, 24 de fevereiro de 1944, Weintrob para o Cirurgião Geral, 27 de dezembro de 1943, Weintrob para o Comandante Geral, 28 de dezembro de 1943, Callan para Ladd, 26 de fevereiro de 1944, FBI 25-244122, ent. Beverly Weintrob. Há uma referência a uma operação do mastoide no livro *His Way*, de Kitty Kelley. E, de acordo com Al Centro, um ex-alfaiate de Hoboken que o conheceu no começo da vida, ele "tinha sofrido uma cirurgia para solução de um abscesso no ouvido interno", na infância. Como mencionado antes, outra versão afirma que o tímpano foi prejudicado quando Sinatra foi acertado com uma corrente de bicicleta durante uma briga de garotos (Kelley, 17, Evanier, 49, *Cosmopolitan*, maio de 1956).

133 "entrevista psiquiátrica" de FS: Weintrob para o Comandante Geral, 28 de dezembro de 1943, FBI 25-244122-7. O FBI, que possuía uma cópia do relatório médico, secretamente deixou vazar a informação em 1947, mas ela permaneceu sem ser publicada até a morte de Sinatra, quando o arquivo do FBI foi liberado. O texto completo relativo à sua condição psiquiátrica está publicado aqui, pela primeira vez (Ruark para Pegler, 14 de março de 1947, Box 72, Pegler Papers, Herbert Hoover Library, Memo a Tolson, 12 de maio de 1947, FSFBI); ("devia ter ido") ent. Bob Neal.

134 como qualquer outro: *New Yorker Sun*, 30 de janeiro de 1945.

134 FS e a política no começo da década de 1940: ("doutrinado") fita de áudio de Giuliano; (comício eleitoral) Kahn, 30; ("um tipo de serviço público") PM, sem data, 1945, MHL; (lendo noite adentro) Clarke, 43; ("ele sempre arrumava") ent. Peggy Connelly; (trens/quatro títulos) PM, sem data, 1945, MHL; (entrevistador no pós-guerra) *Movie Show*, 31 de julho de 1947.

135 admiração de FS por FDR: (FDR alienado) Gambinom 326; (Dolly) Kelley,

93; (“quase beirava a”) Shaw, *Sinatra,* 91; (leilão) *Billboard,* 20 de novembro de 1965.

135 fotografias da FDR: Shaw, *Sinatra,* 91; anos depois, ele mostraria, com orgulho, para Edward R. Murrow um desenho autografado de Roosevelt que ele tinha recebido após a morte do presidente. Disse ele a Murrow que aquela foi “uma das últimas vezes que [FDR] assinou algo na vida” (Edward R. *Murrow: The Best of Person to Person*, vídeo da CBS News, Beverly Hills, CA: Fox Video, 1992); (voto nos democratas) Kelley, 93.

135-136 FS e a campanha de 1944: (George Evans político) ent. Phil Evans, Friedwald, 232; (ofereceu seus serviços) PM, sem data, 1945, MHL; (“Sr. Presidente”) PM, 2 de outubro de 1944; (visita à Casa Branca) lista de convidados, “Tea at the White House”, 28 de setembro de 1944, arquivo de Frank Sinatra, Franklin D. Roosevelt Library, Kahn, 31, Shaw, *Sinatra*, 77, WP, 29 de setembro, *New York Herald Tribune*, 29 de setembro de 1944, *New Yorker Journal-American*, 12 de setembro de 1947; (“Quando eu me aproximei dele”) *Movieland*, 11 de junho de 1945; (“Imagine esse cara”) Patricia Seaton Lawford com Ted Schwartz, *The Peter Lawford Story,* Nova York: Carrol e Graf, 1988, 72; (outra ocasião) Sinatra, *My Father*, 53. Ver também *Movie Star’s Parade,* 4 de junho de 1947; (colunistas) Kelley, 93; (paródia) Dwiggins, 71; (sete mil dólares) *New Republic*, 6 de novembro de 1944, *Time*, 29 de agosto de 1955; (*buttons*) *New Yorker*, 2 de novembro de 1946; (panfletos) “Correlation Summary”, 9 de junho de 1964, FSFBI; (pessoas do *show business*) *LAT*, 3 de outubro de 1944, Ronald Brownstein, *The Power and the Glitter*, Nova York: Pantheon, 1990, 93–, David Thomson, *Rosebud*, Londres: Little, Brown, 1996, 209, 257–;

137 (Robinson) Ted Morgan, *FDR: A Biography*, Nova York: Simon e Schuster, 1985, 726; (transmissões de FS) PM, 2 de outubro de 1944, *NYT*, 28 de outubro, 4 de novembro, 1944; (Carnegie Hall) ed. Vare, 116, Kelley, 94; (Madison Square Garden) PM, sem data, 1945, MHL.

137 transmissões em italiano: PM, 2 de outubro de 1944, *NYT,* 28 de outubro, 4 de novembro, 1944, “Administrative Page”, FBI 100-26603-C72 e 100-26603-3485. Não está claro se estas transmissões foram para ítalo-americanos nos Estados Unidos que não falavam inglês, ou propaganda para transmissões para a Itália nesta época da guerra. Conta-se que Sinatra, de fato, fez transmissões para a Itália em nome do governo, mas

depois da guerra, em 1948 (*Los Angeles Examiner*, 5 de abril de 1948); (comício de Astor) Dwiggins, 71; (bebendo com Welles) *New York Post*, 5 de fevereiro de 1945; (levantando Sinatra) Sinatra, *Legend*, 64.

137 "Quando vou": PM, sem data, 1945, MHL.

138 cerimônia de posse de FDR/morte: (não pôde comparecer) *Modern Screen*, 17 de julho de 1947, ver lista de convidados para 19 de janeiro de 1945, almoço, arquivo de Frank Sinatra, Franklin D. Roosevelt Library, (reação de FS à morte) Wilson, *Show Business*, vii; (serviço fúnebre) corr. Raymond Teichman para os autores, 17 e 30 de abril de 2003 – Teichman é arquivista da Roosevelt Presidential Library, *NYT*, 12 de abril de 1946, Shaw, *Sinatra*, 91; (não se enlutaram com a passagem de FDR) Morgan, 765.

138 críticas às políticas de FS: ("um terço da nação") "Fireside Chat on Reorganization of the Judiciary"), 9 de março de 1937, Franklin D. Roosevelt Library; ("Pobreza") PM, sem data, 1945, MHL; (admirava Wallace) Kelley, 110, ver também *New Republic*, 6 de janeiro de 1947; (Wallace "comunista") ex., Morgan, 76, Atlantic Monthly, agosto de 1948; (PAC) Morgan, 738, 740, "Labor Wants Out of the Limelight after Glare of Probes", cnn.com, 31 de março de 1998; (quintília humorística) citada em www.historymatters.gmu.edu; (ICCASP) Kahn, 32; ("Devíamos manter") "Summary Memorandum referente a Francis Albert Sinatra", 29 de setembro de 1950, FSFBI, referente ao rabisco no *Washington Daily News*, 11 de março de 1946.

139-140 incidente da noite de eleição: (Welles bebendo) Simon Callow, *Orson Welles*, Londres: Vintage, 1996, 283–; ("bater") *New Yorker*, 26 de outubro de 1946, referente ao relato de Drew Pearson, novembro de 1944; (Pegler negou) *Washington Times-Herald*, 30 de janeiro de 1945; ("gritando bêbado") *New York Journal-American*, 10 de dezembro de 1947; ("Você é aquele?") *Look*, 8 de maio de 1957; (Welles disse) *New York Post*, 5 de fevereiro de 1945; (Frank admitiu/ignorou a advertência) Kelley, 99; (na sede do PAC) *Washington Times-Herald*, 30 de janeiro de 1945, *New York Journal-American*, 10 de dezembro de 1947; ("Do modo como eu via") PM, sem data, 1945.

Capítulo 10: Cidadão da comunidade

141 Hollywood liberal: (“todos os tipos”) Brownstein, 67; (“o ar frio e úmido”) Kenneth O'Reilly, *Hoover and the UN-Americans*, Philadelphia: Temple, 1983, 91.

141 “frente popular”: Em 1935, da União Soviética, Stalin fez um apelo ao movimento comunista mundial para se unir a liberais de todas as bandas em uma “frente popular” para enfrentar o fascismo. Nos Estados Unidos, “Frente Popular” se tornou um termo guarda-chuva usado para descrever tanto os períodos de tal cooperação e as muitas organizações de esquerda envolvidas (Brownstein, 49, Denning, refs. Columbia Encyclopedia, 6. ed., citada em www.bartleby.com); (membros de carteirinha) Brownstein, 53, Larry Ceplair e Steven Englund, *The Inquisition in Hollywood,* Garden City, NY: Anchor Press, 1980, 145; (“algo que se parecia”) Brownstein, 65; 515–.

142 filosofia política de FS: (“homens esquecidos”) Morgan, 346; (“O que eu gosto”) PM, 2 de outubro de 1944; (“homem comum”) Shaw, *Sinatra*, 80; (“caras comuns”) PM, sem data, 1945, MHL; (“grande pensador”) *New Yorker*, 26 de outubro de 1946; (“não sou o tipo de cara”) PM, sem data, 1945, MHL.

142 causas de FS: (Youguslav Relief) “Memorando referente a Frank Albert Sinatra”, 6 de julho de 1950, e “Correlation Summary”, 8 de junho de 1964, FSFBI, “File Review and Summary Check”, 1º de maio de 1955, FBI 100-41713-4; (comitê croata) Rosen para o Diretor, 26 de fevereiro de 1947, e “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, FSFBI; (anti-Franco) “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, FSFBI, “Subversive Reference, Francis Albert Sinatra”, 28 de março de 1955, FBI 100-80275, Shaw, *Sinatra*, 99; (World Youth Conference) “Memorandum referente a Frank Albert Sinatra”, 26 de fevereiro de 1947, FBI O & C File 125, “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950 e SAC Washington to Director, 23 de maio de 1955, FSFBI.

142 AYD: “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, SAC Detroit to Director, 8 de abril de 1955, SAC New York to Director, 21 de julho de 1955, “Francis Albert Sinatra: Security Matter – C”, 8 de novembro de 1955, SAC Philadelphia to Director, 21 de março 1955, e SAC Washington to Director, 23 de maio de 1955, FSFBI, *New York Journal-American*, 16 de abril de 1947, David Caute, The Great Fear, Nova York: Simon e Schuster, 1978, 172. Em 1947, após alegações contra ele ante o

House Un-American Activities Committee, Frank diria que “não sabia nada” sobre o AYD juventude Americana pela Democracia e que se o grupo o tinha listado como patrocinador, tinha feito sem seu consentimento (depoimento de Gerald L. K. Smith, 30 de janeiro de 1946, 17, Hearings, Committee on Un-American Activities, U.S. House of Representatives, 79th Cong., 2nd sess., New York, 10 de abril de 1947); (Artistas do Rádio) “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, FSFBI; (ICCASP/ HICCASP) Ceplair e Englund, 225-, 393; (FS e ICCASP/ HICCASP) “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, FSFBI; “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FBILA 100-41413.

143 “Os Comunas estão fazendo buracos”: Steven Vaughn, Ronald Reagan em Hollywood, Nova York: Cambridge University Press, 1994, 122–. O futuro presidente Ronald Reagan era membro, e logo se tornaria um informante confidencial do FBI – código número T-10 – fazendo relatos/denúncias por telefone sobre o HICCASP do telefone pago na lanchonete da Nutburger do Sunset Boulevard (FBI 100-382196, 100-338892, 62-56921, 100-15732, Athan Theoharis and John S. Cox, *The Boss*, Philadelphia: Temple University Press, 1988, 255, Garry Wills, *Reagan’s America*, Garden City, NY: Doubleday, 1987, 246); (liberais renunciaram) ibid., 123; (FS ainda vice-presidente*)* SAC Washington to Director, 23 de maio de 1955, FSFBI; (um quarto do arquivo do FBI) Gerald Meyer “Frank Sinatra: The Popular Front and an American Icon”, *Science & Society*, outono de 2002. O arquivo completo consiste de 1.275 páginas.

143 Falcone: SAC Philadelphia to Director, 31 de março 1955, FSFBI. Falcone era presidente do Local 301 do Electrical, Radio and Machine Workers of America (“Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, SAC Philadelphia to Director, 12 de dezembro de 1945, SAC Los Angeles to Director, 11 de outubro de 1955, FSFBI, SAC Los Angeles to Director, 21 de abril de 1955, FBILA 100-41413).

144 cartas interceptadas: “Correlation Summary”, 8 de junho de 1964 e “Memorandum re Francis Albert Sinatra”, 26 de fevereiro de 1947, FSFBI.

144 Weinstein: (caso Bentley) *Nigel West*, Venona, Londres: HarperCollins,

1999, 219–, Allen Weinstein e Alexander Vassiliev, *The Haunted Wood*, Nova York: Random House, 1999, 87–, John E. Haynes e Harvey Klehr, *Venona*, New Haven: Yale University Press, 1999, 97–, 153–, (Clever Girl) West, 227, mas talvez também Mirna e Good Girl, Christopher Andrew e Vasili Mitrokin, *The Mitrokhin Archive*, Londres: Penguin, 1999, 145; (FBI/FS e Weinstein) "Referente Abraham Benedict Weinstein", 15 de dezembro de 1945, FBI 65-56402-36, "Gregory-Espionage", 28 de janeiro de 1947, 7 de junho de 1947, FBI 65-56402, "Subversive References, Francis Albert Sinatra", 28 de março de 1955, FBI 100-80275, SAC New York to Director, 21 de julho de 1955, FSFBI; (dentes de FS encapados de coroas) Kahn, 37; (sem investigação/evidência confiável) "Summary Memorandum re Francis Albert Sinatra", 29 de setembro de 1950, e "Francis Albert Sinatra – Security Matter – C", 8 de novembro de 1955, FSBI.

144 atitudes liberais de FS e associados: ("O comitê queria") *Daily Worker*, 21 de maio, 1946; (Tom Clark) FS/Clark corr. 11, 14 de novembro de 1947, 4 de agosto de 1949, Tom C. Clark Papers, Harry S. Truman Library;

145 (salário achatado/Paine) *New Yorker*, 26 de outubro de 1946; ("George Evans e eu") Kelley, 106, a citação vem das fitas de narrativas orais de Keller, ver também ent. Phil Evans, (Evans/Weinstein) "Summary Memorandum re Francis Albert Sinatra", 29 de setembro de 1950, FSFBI; ("mundo melhor") Taraborrelli, 78.

145 Davidson: (Evans apresentou) Kelley, 106. Ver também ent. Phil Evans; (histórico) ent. Jacques Davidson, *NYT*, 3 de janeiro de 1952, Jo Davidson, *Between Sittings*, Nova York: Dial, 1951, refs. Biografia Davidson, Hofstra Museum of Art; (presidente do ICCASP) Vaughn, 123, Science & Society; (estima de FS) FS ent. no Suzy Visits; (aconselhamento) Cosmopolitan, maio de 1956; (busto de FS) New York, 26 de outubro de 1946, *Hollywood Reporter*, 10 de outubro de 1946; (nas Nações Unidas) *Newsweek*, 22 de março de 1946; ("virada") *Los Angeles Examiner*, 10 de abril de 1947, citando Lee Mortimer; (Goldman) Emma Goldman, *Living My Lie*, Nova York: Knopf, 1931, cap. 31, Anthony Summers, *Official & Confidential*, Nova York: Putnam, 1993, 38.

145 Davidson como um dos "joguetes": *Life*, 5 de abril de 1949, Jacques, filho de Davidson, relatou aos autores que ele poderia assegurar o fato de que seu recém-falecido pai não era "um comunista, fosse de carteirinha ou

não” (corr. Jacques Davidson, 2003).

145 PM/ala da esquerda: Michael Denning, *The Cultural Front*, Londres: Verso, 1998, 16, 146, 95, 158.

145 comunistas/artistas liberais: (“materialista”) Brownstein, 98; (“inocentes”) ibid., 114; (“A maioria de nós era”) ibid., 98.

146-147 FS/amigos e a direita: (Welles) Callow, 557, ed. Mark Estrin, *Orson Welles: Interviews*, Jackson, MS: University Press of Mississipi, 2002, vxi, Orson Welles a Peter Bogdanovich, *This is Orson Welles*, Nova York: Da Capo Press, 1998, 364; (Kelly) “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FBI LA 100-41413; (Bogart/Bacall) Denning, 62, Vaughn, 146, Paul Buhle e Dave Wagner, *Radical Hollywood*, Nova York: New Press, 2002, 437; (Peck) Gerard Molyneaux, *Gregory Peck*, Westport, CT: Greenwood, 1995, 24–, *Variety*, 14 de dezembro de 1995; (Garland) Vaugh, 124, Buhle e Wagner, 437; (Gardner) ibid., 438, e entrevista, com direitos autorais, de Ava Gardner por Peter Evans, usada sob permissão; (Smith) Davis Margolis, “Gerald LK Smith Revisited”, www.davidmargolis.com, depoimento de Gerald L.K. Smith, 17, 47 (“Se isso significa concordar com”) “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FSFBI; (“crenças políticas não”) “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FSFBI; (“Na hora em que alguém”) *Daily Worker*, 21 de maio de 1946; (carta a Wallace) *New Republic*, 6 de janeiro de 1947 – Wallace era na época editor da revista *Science & Society*; (Wallace clama por uma posição mais branda) Robert Vexler, *The Vice Presidents and Cabinet Members*, vol. 2, Dobbs Ferry, NY: Oceana, 1975, 589; (“inimiga”) “Bills to Curb or Outlaw the Communist Party of the US”, 24-28 de março de 1947, Hearings, Committee on Un-American Activities, U.S. House of Representatives, 80th Cong., 1st sess., 299.

147 FS chamado para depor pela HUAC: (NY) *Daily Mirror*, *New Yorker Journal-American*, 13 de abril de 1947, Shaw, *Sinatra*, 113. Só é possível supor por que Sinatra nunca foi intimado pelo Committee on Un-American Activities, nem nunca colocado na lista negra em Hollywood. Foi observado que o comitê nunca, de fato, encurralou uma grande estrela de cinema – e também que havia uma tendência de ter judeus na mira (*Science & Society*); (FS e outros se encontraram) *Science & Society*; (“Quando/uma vez que eles tiverem reprimidos os filmes”) “Francis

Albert Sinatra – Security Matter – C", 8 de novembro de 1955, FSFBI; (liberais acuados) Ceplair e Englund, 290; (FS começou a se afastar) *Washington Times-Herald*, 14 de novembro de 1947.

147 apelo aos eleitores na Itália: *Los Angeles Examiner*, 5 de abril de 1948, *Science & Society*. Detalhes do projeto permanecem obscuros. Alguns relatos dizem que Sinatra foi quem organizou e alguém sugeriu que ele foi quem primeiro apareceu com a ideia. Registros oficiais sugerem que uma proposta de Frank e outros de que deveria haver uma turnê − em vez de uma transmissão de rádio − foi recusada. O serviço de inteligência dos EUA certamente teve papel em providenciar a transmissão, mas não há evidências de que as celebridades envolvidas estivessem cientes disso (FS organizou? − Kupcinet com Neimark, 213; turnê – Diplomatic History, Winter, 1983; inteligência dos EUA – Christopher Simpson, *Blowback*, Nova York: Collier, 1989, 91fn); ("Se eles não") *NYT*, 9 de junho de 1949.

148 FS envia mensageiro para o FBI: "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI.

148 discussão Kastner/Sinatra: "Memorandum for the Record", 17 de setembro de 1954, FSFBI.

148 inquérito do FBI: (investigação) ver 1954-55 corr. em FBI 62-83219-28 a 62-83219-37X15; (nove oficiais) *Science & Society*; (pedido de passaporte de FS) "Francis Albert Sinatra: Security Matter – C", 8 de novembro de 1955, FSFBI – o passaporte era, aparentemente, para a turnê na Austrália, Sinatra, *Legend*, 120; (recusando passaportes) Ceplair e Englund, 403; (intermediário) Brennan para Sullivan, 31 de março de 1966, FSFBI.

149 "Muitos dos amigos": ent. Jo Denninson.

149 "Minha primeira lembrança": Hubert Humphrey para Nancy Sinatra, 10 de dezembro de 1969, arquivos Interim, Misc. Corr., Sf-S1, 148.A.9.4F, Minnesota Historical Society.

Capítulo 11: "O que é a América?"

150 experiência de FS com o preconceito: ("pretos" etc.) *Science & Society*, e *Los Angeles Examiner*, 5 de agosto de 1945, Dwiggins, 2; (mãe atormentando) Sinatra, *My Father*, 7–; (pai "odiando") *Motion Picture*, 16 de junho de 1947; (Klan) Kahn, 87, Hamill, 72; ("Uma das perguntas")

Motion Picture, 16 de junho de 1947; (52nd Street) Shaw, *52nd Street*, 16, 20, 110, 254, 258;

151 (indignação dos negros aumentou) ibid., 265; (clubes) Robert Parker, *Capitol Hill in Black and White*, Nova York: Dodd, Mead: 1986, 17; (hotéis/Holiday/Ellington) Rosemary Clooney com Joan Barthel, *Girl Singer*, Nova York: Random House, 1999, 191; (amigo de Ellington) Friedwald, 301.

151 FS e Hazel Scott: a carreira de Scott foi promovida por Barney Josephson, proprietário de "nightclub" e (militante) de esquerda marcado na investigação de Abraham Weinstein, o dentista de Sinatra e suspeito por espionagem mencionado no capítulo 10. Depois de depor para o Un-American Activities Committee no começo do anos 1950, Scott entraria para a lista negra (*New York Post*, 6 de abril de 1943, Denning, 325, 335, 338–, 347, Bill Reed, "The Smokin' Life of Hazel Scott", para msnbc.com); ("Quando eu era criança"/"Se alguém") ed. Yarwood, 80, PM, 2 de outubro de 1944; (inúmeras ocasiões) ents. Lee Solters, Tony Mottola, Bricktop com James Haskins, *Bricktop*, Nova York: Atheneum, 1983, 215–.

151 "Judeu maldito": Down Beat, 1º de outubro de 1941, Dwiggins, 30. Uma versão de um jornal da época sugere que o comentário foi dirigido ao irmão de Benny Goodman, Henry, que era contrabaixista. Os Goodman eram judeus. A versão do autor Don Dwiggins, que sugere que o insulto pretendia atingir o próprio Tommy Dorsey, é quase certamente errada (*Down Beat*, 1º de outubro de 1941, Dwiggins, 30); ("Sinatra entrou") *New York Post*, 5 de fevereiro de 1945;

152 ("você tem que") ed. Yarwood, 80; *Ol' Man River*: segundo Will Friedwald, um estudioso dedicado a Sinatra, a palavra "darkies" aparece em apenas duas gravações do cantor; na "performance" de 14 de agosto de 1943 da canção *Ol' Man River*, no Hollywood Bowl, e na de *Without a Song*, gravada em 1941 (Friedwald, 317, 23, *New Yorker*, 26 de outubro de 1946, concerto de encerramento de FS, 13 de junho de 1971, fita de vídeo da coleção dos autores).

152-153 ação de FS contra o preconceito: (contou a FDR) Photoplay, outubro de 1945; (Bronx) Friedwald, 323; (World Youth Rally) *Science & Society*, PM, sem data, 1945, MHL; (trinta palestras) *Science & Society*,

Friedwald, 323, Dwiggins, 73; (“O elemento surpresa”) *Minidoka (WS) Irrigator*, 19 de maio de 1945; (“A próxima vez”) *Scholastic*, 17 de setembro de 1945.

153 *The House I Live In: (“Você poderia alcançar”) Movieland*, 11 de junho de 1945, Dwiggins, 75.

153-154 o histórico de “House”: Friedwald, 322. Escrita em 1942, a canção foi cantada pelo grupo de black gospel *Golden Gate Quartet*, no filme *Follow the Boys*. Sinatra gravou canções gospel com outro grupo black, o *Charioteers*, em 1945 (Friedwald, 323, Howlett, 36, ver também Earl Robinson com Eric Gordon, *Ballad of an American*, Lanham, MD: Scarecrow Press, 1998, 151); (“Olhem, rapazes”) O’Brien, 209, Dwiggins, 76; (“vamos usar”/cantarolando baixinho) “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FBI 100-41713-4; (bem recebido/“um jovem sincero”) Shaw, *Sinatra,* 86.

154 Oscar a FS: O prêmio foi compartilhado com o diretor LeRoy, o roteirista Albert Maltz e o produtor Frank Ross (www.oscars.org); (orgulho) vídeo de Edward R. Murrow.

154 “House” e Cosby/outros: Hartford Courant, 8 de setembro de 2002. A canção que as plateias de Sinatra ouviam nunca traziam a letra completa imaginada pelo autor Abel Meeropol. O segundo verso, que deveria incluir a fala “My neighbors white and black” (“Meus vizinhos brancos e negros”), foi retirada do filme, assim como uma fala sobre “*the worker and the farmer*” (“o trabalhador e o homem do campo”). Aparentemente, tal palavreado foi considerado explícito e populista demais para o público geral, e a omissão do texto enfureceu Meeropol. Certamente “House” já tinha perdido seu elenco original em 1991, quando Sinatra – há muito notado como sendo mais de direita do que de esquerda – cantou a canção em apoio às tropas dos EUA envolvidas no primeiro conflito com o Iraque (*Science & Society*).

154 (colégio) Benjamin Franklin High: *NYT*, 29 e 30 de setembro, 1º, 2 e 9 de outubro de 1945, *Daily Worker*, 27 de outubro de 1945, *Science & Society*, New York, 10 de agosto de 1998, eds. Jennifer Guglielmo e Salvatore Salerno, *Are Italians White?* Nova York: Routledge, 2003, 161. Nat “King” Cole também visitou a escola.

154-155 Gary: (FS chegou) *Life*, 11 de novembro de 1945, Kelley, 107–, “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, *Science & Society,*

FSFBI, (Gary, IN) Post-tribune, sem data, www.post-trib.com; (“três secretárias”) *The Worker*, 25 de novembro de 1945; (“de certa forma”) *Ebony*, julho de 1958; (“não são espontâneos”) *The Worker*, 25 de novembro de 1945.

155 contatos comunistas/insinuações: (Robson/ Meeropol) *Science & Society,* (San Jose, CA) *Mercury News*, 7 de abril de 2003, *Hartford Courant*, 8 de setembro de 2002. Meeropol, que escreveu sob o pseudônimo de Lewis Allan, também foi autor da canção antilinchamento “Strange Fruit”, cuja versão mais memorável foi cantada pela voz de Billie Holiday (Michael Denning, *The Cultural Front*, Nova York: Verso, 1998, 327).

155 Maltz: Buhle e Wagner, 381–, Vaughn, 145–. Maltz se tornaria o foco de uma feroz controvérsia envolvendo Sinatra em 1960. Como relatado no capítulo anterior, pressões políticas estavam prestes a forçar Sinatra a deixá-lo de lado como roteirista do filme *The Execution of Private Slovik*. A projeto foi abandonado. A roteirista de três outros filmes de Sinatra dos anos 1940, Isobel Lennart, era amiga do cantor e também membro do Partido Comunista. Lennart, autora de *Anchors Aweigh*, *It Happened in Brooklyn* e *The Kissing Bandit*, foi pressionada a depor ao House Un-American Activities Committee (Lennart – O’Brien, 22, Hedda Hopper ent. de FS, Chicago Tribune – NY News Syndcate, sem data, 1947, rascunho, MHL, “Isobel Lennart”, entrada em www.spartacus.schoolnet.co.uk); (“falava como”) *The Worker*, 25 de novembro de 1945.

155-156 FS e artistas negros: (“Frank não ligava”) M/G ent. de Sonny King, ver também, M/G ent. de Freddie Bell; (Davis respeitado) Geral Early, *The Sammy Davism Jr*., Reader, Nova York: Farrar, Strauss e Giroux, 2001, 25, Shaw, *Sinatra*, 118, Down Beat, agosto de 1956; (maus tratos no exército) Sammy Davis Jr., Jane Boyar e But Boyar, *Yes, I Can*, Nova York: Farrar, Strauss e Giroux, 1965, 51–; (hotel) ibid., 89–, 92, 198; (esvaziavam a piscina) ed. Early, 398, Rosemary Clooney com Joan Barthel, *Girl Singer*, Nova York: Random House, 1999, 190–; (“O teto desabou”) *Good Housekeeping*, junho de 1964; (“Billy Eckstine se tornou”) ent. Hal Webman; (Sy Oliver) Sinatra com Coplon, 95; (Jo Thompson) *Philadelphia Inquirer*, 17 de maio de 1998 (sindicatos/Bernhart/Viola/Collete) Granata, 108–; (Cole) *Look*, 14 de maio de 1957, ed. Yarwood, 79; (*Ebony*) *Ebony*, julho de 1958; (“Seu

posicionamento público") *Jat*, 13 de outubro de 1986; (doutorado) ibid., *(Kings Go Forth)* O'Brien, 105, *Ebony*, julho de 1958, Sinatra, *My Father*, 331; (FS padrinho de casamento) Davis, Boyar e Boyar, 55, 583; (a cruzada de King) Taylor Branch, *Parting the Waters*, Nova York: Simon and Schuster, 1988, 574, Sinatra, *Legend*, 190, *Hollywood Reporter*, 1º de novembro de 1963, *Valley Times Today*, 9 de outubro de 193, ent. Mort Viner; (Martin ouviu) Frank Sinatra Jr., *As I Remember It;* ("sofreu") McCall's, julho de 1968.

157-158 piadas racistas: ("Dedicaremos") ed. Yarwood, 52; ("Smokey") Wilson, *Sinatra*, 5; ("Jungle Bunny") Variety Clubs All Star Tribute to Skinny D'Amato, 20 de novembro de 1983, fita de video da coleção do autor; ("É melhor você") "Sinatra, Inc.", CNN Impact, circa 1998, fita de vídeo da coleção dos autores; ("Aqui está um negrinho") Deutsch, 117; ("Ele é só, desculpem") Taraborrelli, 214; ("Os polacos") New York, 28 de abril de 1980.

158 Bophuthatswana: "Register of Entertainers, Actors, and Others Who Have Performed in Apartheid South Africa", U.N. Centre Against Apartheid, outubro de 1983, UNST/PSCA (05) N911; *Chicago Tribune*, 27 de outubro de 1983, *People*, 10 de agosto de 1981, ent. Lee Solters.

158 Jackson: Kelley, 488.

158 "Se houvesse qualquer forma": fita de áudio de Giuliano.

158 Fs é o "*primo* não conformista"/ "Não conheço": *Jet*, 13 de outubro de 1986. Colocando à parte prêmios por ações de caridade, Sinatra recebeu homenagens de organizações dos direitos civis. Elas incluíram, já no começo de 1946, o Thomas Jefferson Award do Council Againts Intolerance, e o prêmio Life Achicvement do NAACP em 1987 – logo depois do furor sobre o concerto em Bophuthatswana. Ele recebeu uma condecoração do National Conference of Christians and Jews, em 1946, e, em 1980, se tornou um companheiro do Simon Wiesenthal Center. Em 1972, ele recebeu de Israel o Medallion of Valor em reconhecimento aos milhões de dólares que arrecadou. Em 1980, o prefeito de Jerusalém Teddy Kollek o presenteou com um prêmio da Jerusalem Foundation (prêmios-Sinatra, *My Father*, 300; *Jet*, 23 de março e 1º de junho de 1987, *Philadelphia Daily News*, 18 de janeiro de 1982; medalhão – *LAHE*, 2 de novembro de 1972; Kollek – *New York Post*, 16 de junho de 1980.

159 FS e os judeus: (medalhões/"Se a guerra") Sinatra, *Legend*, 48, *Los Angeles*

Examiner, 30 de setembro de 1945, *Liberty*, 12 de fevereiro de 1944; (benfeitoria aos idosos) Sinatra, *Legend*, 59; (mezuzah) *Look*, 28 de maio de 1957, ver também p. 7.

159 batizado de Frank Jr.: os autores aceitaram a versão de Nancy Sinatra sobre o batizado. Outra versão diz que Sinatra de fato, saiu enfurecido e que Sacks foi nomeado padrinho em "outro lugar" (Sinatra, *My Father*, xviii, Bill Zehme, *The Way You Wear That Hat*, Nova York: Harper Collins, 1997, 210); (clubes de golf) Sinatra, *Legend*, 63 – o clube ao qual ele se associou foi o Hillcrest Country Club.

159 comício no Hollywood Bowl: *People's World*, 27 de setembro de 1947.

160 "Eu enviei um irlandês"/Teddy Kollek: o papel de Sinatra como portador de dinheiro foi descrito de diversas maneiras nas memórias de Kollek, *For Jerusalem*, em *Legend*, de Nancy Sinatra, em *All the Way*, de Michael Freedland, e, mais recentemente, na entrevista feita pelos autores, em 2002, com Brian Greenspun, editor do *Las Vegas Sun*. As citações aqui feitas são retiradas destas quatro fontes. As versões de Kollek, tanto aquelas em suas memórias quanto as relembradas por Greenspun, sugerem que Sinatra estava se apresentando no Copacabana na época do contato com Haganah. O álbum não é um reflexo destas apresentações, mas mostra que eles estavam em Nova York em março de 1948, e que estava no clube, para uma entrevista, no dia 24 (Hotel Fourteen – Clooney com Barthel, 87; visita de FS – eds. Giuseppe Marcucci, Dick Schwarz, e Ed Vanhellemont, *Where or When?*, CD-ROM, publicação particular, janeiro de 2002; transportando dinheiro – ents. Brian Greenspun, George Schlatter, Teddy Kollek com Amos Kollek, *For Jerusalem*, Nova York: Random House, 1978, 237, Freedland, 148–, Sinatra, *Legend*, 83; agradeceu – ibid., 247, Kollek, 237).

160 "Era início", Sinatra, *Legend*, 83.

160 FS e Israel: (fundou o Youth Center) *Hollywood Reporter*, 11 de abril de 1962, (Londres) *Daily Mail*, 8 de maio de 1962; (Liga Árabe) Freedland, 297, *LAHE*, 25 de setembro de 1962, *Variety*, 26 de setembro e 15 de outubro de 1962;

160-161 (acesso violento) ent. Rock Brynner; ("Eu não sei") ent. Melville Shavelson, *How to Make a Jewish Movie*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1971, 175–; ("pareceu entender") ent. Brad Dexter; ("Nós estamos falando") Bill Boggs ent. de FS; (apoio em 1967/telegrama a LBJ) FS para

LBJ, 4 de junho de 1967, White House Central Files, Name Files, “Frank Sinatra”, Box 320, Lyndon Baines Johnson Library, SAC Los Angeles to Director, 21 de junho de 1967, FBI 105-53922-692, Sinatra, *Legend*, 202; (“Espero que peguem”) Jewish Week, 22 de maio de 1998; (apresentou-se/um “grande homem”) ent. Frank Sinatra no ABC’s 20/20, 1979, fita de vídeo da coleção dos autores, *Ladie’s Home Journal*, outubro de 1979; (Student Center) *Jewish Week*, 22 de maio de 1998; *Sinatra*, *My Father*, 261; (bomba) *AP*, 31 de julho, *Irish Times*, 1º de agosto de 2002; (Saddam) *New York Post*, 8 de setembro, www.abcnews.com, 12 de setembro de 2002, (Londres) *Sunday Times*, 4 de janeiro de 2004; (“amaldiçoava a memória”) *New York Post*, 5 de setembro de 2002.

Capítulo 12: O mulherengo

163 o trabalho de FS em 1945/1946: (rádio/gravações/filmes) *Where or When?* − dez das sessões de gravação foram para o cinema; (45 shows/ uma centena de canções) Shaw, *Sinatra*, 99; (seis foram para a parada das dez melhores/10 milhões) Sayers e O’Brien, 264, Kahn, 7–; (93 mil dólares) Shaw, *Sinatra*, 99, ver também Friedwald, 160 as apresentações em palco foram em Chicago; (álbum) Granata, 47–, Doctor, 33; (gospel/Cugat) Shaw, *Sinatra*, 94.

163-164 episódio Alec Wilder: Granata, 49, *New Yorker,* 16 de outubro de 1946, *Billboard,* 20 de novembro de 1965, encarte para *Frank Sinatra Conducts Music of Alec Wilder*, Columbia Records, ML 4271. Os álbuns que trazem Sinatra como regente são *Tone Poems of Color (*1956), para Peggy Lee em *The Man I Love* (1957), para Dean Martin em *Shop Warm* (1959), *Sinatra Conducts Music from Pictures and Plays*, para Sylvia Syms em *Syms by Sinatra* (1982), e para o trompetista Charles Turner em *What’s New* (1983).

164 FS e o trabalho excessivo: (“Frank tinha uma grande”) ent. Jo-Carrol Denninson; (teve que cancelar) *LAT*, 7 de janeiro de 1946; (“Trabalho duro”) Shaw, *Sinatra*, 100.

164-165 situação do casamento: (“Garotos saem”) Philadelphia, setembro de 1945; (“Eu me recordo”) *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (“Não se esqueça”) Hamill, 147.

165-166 FS mulherengo: (“A relação”) ent. Phill Evans; (“Ele ligou”) ent. Peggy Malley – que tempo depois se tornou uma das melhores amigas de Ava Gardner (“Este era o lugar aonde”), ent. Jo Carrol Denninson, Kelley, 112; (“Eles faziam festas”) ent. Jo-Carrol Denninson; (“esconderijo”), Bill Davidson, *The Real and the Unreal*, Nova York: Lancer, 1962; (prostitutas) Rosen to Tamm, 17 de abril de 1947, Belmont to Ladd, 29 de setembro de 1950, FSFBI, 37; (“Que cantor bêbado”/ “Consegue imaginar-se”) Parsons, 151.

166 “Se eu tivesse”: o fotógrafo Phil Stern respondeu a isso fazendo uma caricatura de um frasco de amostra com Frank engarrafado nele. Agradado pela ideia, Frank prontamente encomendou uma dúzia de cópias (*Newsweek*, 19 de abril de 1965; ent. com Phill Stern na CNN Impact; maio de 1998).

166 “querido, adorável”/caso com Ballard: ent. com Shirley Ballard.

167 Marilyn Maxwell: (histórico) Laura Wagner, “Marilyn Maxwell: The Other MM”, www.classicimages.com, fevereiro de 2000; (“recheios de suéter”) citação de Earl Wilson, arquivo de Maxwell, MHL, *LAHE*, 25 de agosto de 1972, (Colegas gostavam) sem data, *Photoplay*, 1972; (conheceu FS) unid. Clipe por Bobs Carter, 1945, Maxwell Collection, Nodaway Valley (IA) Historical Society, (Clarinda, IA) *Herald Journal*, 17 de abril de 1939, Jack Holland, “What is Frank Sinatra Really Like?” sem data, MHL, *LAT*, 23 de outubro de 1946 – Maxwell estava cantando com a banda de Ted Weems; (encorajou FS) unid. Clipe por Bobs Carter; (batgirls) Sinatra, *Legend*, 81, Kelley, 91; (FS insistiu) “Wake Up and Live”, Lux Radio Theater, 21 de fevereiro de 1944, *Frank Sinatra and Friends: 60 Great Radio Shows*, Schiller Park, IL: Radio Spirits, 2000; (“Eu posso até”) Laura Wagner, “Marilyn Maxwell”.

167 caso com Marilyn Maxwell: quatro parentes de Sinatra disseram aos autores que houve um caso: a prima de Sinatra, Rose Paldino; a viúva de seu primo Sam, Rose Ellman Sinatra; e duas primas de segundo grau, Marilyn Sinatra e Maryann Paldino Flanney. A sobrinha e xará de Maxwell, Marilyn Gaffen, e sua secretária de longa data, Jean Greenberg, disseram o mesmo.

167 Marilyn casada: Marilyn se casou com o ator John Conte no final de 1944, e se divorciou dele em junho de 1946 (*Clarinda, IA*) *Herald Journal*, 27 de junho de 1946; (“loucos um pelo outro”) Kelley, 116.

167-168 bracelete de diamante: o incidente envolvendo o bracelete foi descrito em livros de ambas as filhas de Sinatra e exibido no filme de 1992 para a TV, *Sinatra: The Music Was Just the Beginning*, produzido por Tina. Em seus livros, respectivamente, Tina datou o incidente como ocorrido na noite de Ano-Novo de 1945, e Nancy, na noite de Ano-Novo de 1946. Os autores optaram pela data de 1945, em parte, por causa de uma passagem na autobiografia do cantor Mel Tormé. Tormé, que é bem específico quanto à cronologia, escreveu que Maxwell estava com ele e com o arranjador Dean Elliott na noite de Ano-Novo de 1946 (Sinatra com Coplon, 16, Sinatra, *Legend,* 73, Tormé, Velvet, 94–); (FS alegou) ibid., clipe de Jack Holland; (título de boxe) *New Yorker Journal-American*, 29 de fevereiro de 1956, Shaw, *Sinatra,* 99 – a luta, em 19 de junho de 1946, foi entre o campeão peso-pesado Joe Louis e Billy Conn; (a imprensa tinha descoberto) ibid. *Woman's Home Companion*, junho de 1956, O'Brien, 25.

168 Dietrich: (histórico) Maria Riva, *Marlene Dietrich*, Londres: Bloomsbury, 1992, Charles Higham, *Marlene*, Nova York: Norton, 1977, Sheridan Morley, *Marlene Dietrich*, Londres: Sphere, 1978; (troféus) refs. em Riva, Higham, Marlene, 11, e referência Wayne, Wills, *Wayne*, 104–; (soldados) Riva, 547, (London) *Sunday Telegraph Magazine*, 28 de outubro de 2001; (amantes) ibid. Riva, 52, 165; (marido) Riva, 53, 763; (conheceu FS em 1942) Riva, 659.

168-169 "Eu vou comer": ibid., 541. Muitas das entradas do diário de Dietrich e cartas foram publicadas em *Marlene Dietrich*, uma biografia escrita por sua filha Maria Riva, após a morte da atriz aos noventa anos. Embora não precisamente datada no livro, a carta aqui citada foi evidentemente escrita no começo de 1944. A entrada mencionada é do dia 2 de fevereiro de 1955; ("terra de Frankie") ibid., 547; ("a mulher de Frankie") ibid., 552; ("desmaiar") Higham, Marlene, 215; ("Eu sabia que eles tinham"), Freedland, 126; ("estava errado") Cahn, 144, Kelley, 112.

169 "O dia que se sucedeu": Dwiggins, 86.

169 "Guarde Betty Grable": em 1963, ele atualizou a frase para: "Guarde Audrey Hepburn e guarde Liz Taylor" (Frank Sinatra: *The Complete Studio Recordings*, Reprise, Master #2024, 29 de abril de 1963. Ver também *Where or When?* Entrada para sessão de V-Disc, 8 de julho de 1944, Friedwald, 142–).

169-170 Lana Turner: (histórico) Cheryl Crane com Cliff Jahr, *Detour*, Londres: Sphere, 1989, 96–, Jeffrey Feinman, *Hollywood Confidential*, Chicago: Playboy Press, 1976, 143. Versões sobre a descoberta de Turner são variadas. De acordo com a atriz, ela foi observada pela primeira vez no Top Hat Café – e não no Currie's Ice Cream Parlor ou na drogaria Schwalb's Drug Store, como originalmente alegado por agentes da imprensa (Turner, Lana, 26, Joe Morella e Edward Epstein, *Lana*, Nova York: Dell, 1982, 6, Crane com Jahr, 40, Feinman, 7, 143–, Taylor Pero e Jeff Rovin; Always, *Lana*, Nova York: Bantam Books, 1982, 16–); ("Garota Suéter") Crane com Jahr, 42; (advogado) ibid., 47, Turner, *Lana*, 44; (Shaw/aborto) ibid., 49–; (outros homens) Morella e Epstein, 89; (nulidade) Crane com Jahr, 50 – o novo marido era J. Stephen Crane III, cujo verdadeiro nome era Joe Crane; ("A única coisa") Turner, *Lana*, 42; ("O mais próximo") Turner, *Lana*, 98, legenda da foto depois de 184; (manuscrito original/"dar-lhe satisfação") Taraborrelli, 85fn; (Ava, uma "boa amiga") Turner, *Lana*, 165, Gardner, 49; ("teve um caso muito sério") Gardner, 125; (encontro em 1940) ent. Joe Bushkin, O'Brien, 204; (música) Turner, *Lana*, 41, 49, 75; (Holiday) Morella e Epstein, 66–; (Pearl Harbor) Turner, *Lana*, 75; (saiu com Dorsey/Sacks) Morella e Epstein, 65, 88; (Rich) Tormé, Traps, 45–, Tormé, Velvet, 86.

170-171 FS e Turner: (fotografados juntos) Shaw, *Sinatra*, 73, Morella e Epstein, 91; (rádio/FDR) *"Where or When?"* entradas para 14 de junho, 6 de novembro de 1944; (Lana/Nancy próximas) Turner, *Lana*, 98; ("Quando [Nancy] voltou") Kelley, 92; ("Eles costumavam se amassar") Morella e Epstein 92, 97. Ver também, Dwiggins, 87, Kelley, 114, Freedland, 134, Romero, 78.

171 Começo do caso com Lana Turner em Nova York: Sinatra estava fazendo *Aconteceu no Brooklyn*, um filme desimportante sobre um GI desmobilizado das Forças Armadas que buscava um romance. A filmagem o levou para Nova York, na metade de junho. A data e o local do início do caso com Turner não são claras nas biografias anteriores de ambas as estrelas, e infundadas por recortes de jornal da época. Em vista das informações disponíveis, os autores aceitaram a versão oferecida por Tina Sinatra em seu livro (Crane com Jahr, 105 – *Where or When?* Entradas para 3-10 de abril, 1946, O'Brien, 29, Sinatra com Coplon, 17; outra filha de FS, Nancy, situou erroneamente a filmagem de Nova York – em 1947 –

em seu livro *Legend*, p. 80).

171-172 separação de FS/Nancy: (Evans anunciou) *NYT*, 7 de outubro de 1946, Kelley, 120; (“a liberdade”) *LAT*, 7 de outubro de 1946; (“questões triviais”) *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (“dançar muitas vezes”) *Los Angeles Examiner*, 7 de outubro, *LAT*, 11 de outubro de 1946; (Palm Springs) *Modern Screen*, maio de 1947, *LAT*, 24 de outubro de 1946, Shaw, *Sinatra*, 102; (Lana tinha um lugar) Turner, Lana, 103, Taraborrelli, 84; (colunistas de fofocas de Hollywood) Feinman, 157; (“código moral”) Gardner, 45, 51, Morella e Epstein, 199; (Parsons/“se comportasse”) Crane com Jahr, 45–; (chefes aflitos) ibid., 105; (solucionadores de problemas) Carpozi, 81, ver também *New York Journal-American*, 26 de outubro de 1946, coluna de Louella Parsons – Lana provavelmente não se pronunciou em uma conferência de imprensa como escreveu Carpozi, mas com Louella Parsons; (Hopper castigava) *LAT*, 7 de outubro de 1946; (“se recusava a comparecer”) ibid., 17 de outubro de 1946; (“eu o avisei”) *Modern Screen*, maio de 1947.

172 reconciliação de FS/Nancy: Carpozi, 82, *LAT*, 24, 25 e 26 de outubro de 1946, *Modern Screen*, maio de 1947, recorte/clipe de Jack Stone, Robert Chester Ruark Papers, Southern Historical Collection, Wilson Library, University of North Carolina, Chapel Hill, ent. Jo Carroll Denninson.

172-173 o caso com Lana Turner continuou: (“eu era o *beard* de Frank”) ent. Phil Evans. De acordo com o autor Richard Gehman, o próprio George Evans foi, em uma ocasião, recrutado como *beard*, com o pretexto banal – ele, também, era um homem casado – de que Lana fosse um caso dele. (Gehman, 198).

173 FS “indo e vindo”: Gardner, 125, 173. Parece que Lana Turner persistiu em seus contatos com Sinatra, mesmo quando já estava há meses em um envolvimento apaixonado com o ator Tyrone Power. Isso não estaria fora do esperado, dado seu histórico de volatilidade emocional. Sinatra continuou em contato com Turner ao longo dos anos. Ele era o “Tio Frank” para a filha dela, Cheryl, e deu apoio (a elas) depois do esfaqueamento fatal, em 1958, do mafioso e amante de Lana, Johnny Stompanato, pelo qual Cheryl foi considerada responsável. Lana foi convidada para jantar na casa de Sinatra em 1972 (persistiu – Fred Guiles, *Tyrone Power*, Garden City, NY; Double-day, 1979, 216–, Crane com Jahr, 112; “Tio”/deu apoio – ibid. 160, 291, 326; 1972 – Pero e Rovin, 139).

173 “Não tenho muito”: Hedda Hopper ent. de FS, *Chicago Tribune* – sindicato do *NY News*, sem data, 1947, rascunho, MHL.

173 condição de FS/conduta no final de 1946: (doente/colapso iminente) Shaw, *Sinatra*, 103; (dezessete dias) *Where or When?* Entradas para 9-23 de outubro de 1946, (“desesperadamente cansado”) Hedda Hopper ent. FS, *Chicago Tribune* – sindicato do *NY News*, sem data, 1947, rascunho, MHL; (memorandos da MGM) Kelley, 116.

173-174 “uma longa série”: Kelley, 119. A MGM tivera seus primeiros problemas com Sinatra dois anos antes, durante a filmagem de *Marujos do Amor (Anchors Aweigh).* Despoticamente, ele tinha insistido em ver as cenas não editadas, contra a política do estúdio, e então quebrou a promessa de não deixar que terceiros também tivessem acesso às cenas. Sinatra também ameaçou abandonar a produção a não ser que Sammy Cahn e Jule Styne escrevessem a música. O estúdio cedeu à pressão (O’Brien, 23, Cahn, 134); (“Apenas continue”) (LA) *Daily News*, 5 de novembro de 1946; (“menos cooperativo”) *Los Angeles Daily News*, 21 de dezembro de 1946.

174 Niguém “iria”: Esta observação aparece como relatada na p. 101 de excelente biografia escrita em 1968 por Arnold Shaw, *Sinatra*, Twentieth-Century Romantic.

Capítulo 13: Um aperto de mão em Havana

175 FS e a pistola: (licença) *LAT*, 31 de janeiro, 25 de abril de 1947, registro de digital 3794610, FBI 25-244122. O porta-voz de Sinatra para a imprensa disse que a pistola era uma Beretta, mas a permissão foi emitida para uma arma Walther (artigo de Robinson); (“nunca deixava sua casa”) Jacobs e Stadiem, 209. Jacobs à parte, as fontes que disseram que Frank carregava regularmente uma arma foram Marilyn Sinatra, filha de seu primo de primeiro grau – um outro Frank – Sinatra, que foi criado com o cantor e trabalhou para ele aos quarenta, o hostil colunista Lee Mortimer, e duas futuras namoradas (ent. Marilyn Sinatra, *American Weekly*, agosto de 1951, ent. Lois Nettleton, Marianna Case, *Another Side of Blue*, Running Springs, CA: publicação autônoma, 1997, 75–); (lembrança) artigo não identificado de Grace Robinson, provavelmente do *New York News*,

Robert Ruark Papers, artigo sem data para *Movieland*, de David McClure, MHL; (“queria que Nancy”) Hedda Hopper ent. de FS, *Chicago Tribune* – sindicato do *NY News*, sem data, 1947, rascunho, MHL; (“para proteger”) *Washington News*, 10 de abril de 1947.

175 viagem (para NYC) *LAT*, 31 de janeiro de 1947, Sinatra, *Legend*, 76; (Miami) *Where or When?*, *American Weekly*, 27 de julho de 1952; (Wilson) *New York Post*, 10 de abril de 1947.

175 Fischetti: (anfitrião) ibid.; (mansão) *Washington Times-Herald*, 28 de fevereiro de 1947.

176 “herdeiros de Al Capone”: *Miami Herald*, 12 de abril de 1951. Os Fischetti foram por muito tempo referenciados na imprensa e outros meios como primos de Al Capone. Rocco e Joe, contudo, negaram o fato ao FBI. Um parente remanescente revelou aos autores que a história surgiu porque Capone às vezes apresentava Charles Fischetti como um “primo” de Nova York − modo ítalo-americano de se referir a um amigo próximo da família (Rocco F., em Skokie, IL, memorando, 12 de fevereiro de 1963, FBI 92-HQ-2915, Joseph F., em Miami memo, 28 de fevereiro de 1963, FBI 92-3024, ent. David Fagen – sobrinho de Rocco F. Através do casamento); (funeral de Capone) “Rocco Fischetti” memorando, 24 de abril de 1964, FBI 92-HQ-2915; (histórico de Charles) *Chicago Daily News*, *Chicago Sun-Times*, *Brooklyn Eagle*, 11 de abril, *Chicago Tribune*, *12* de abril de 1951, Jack Lait e Lee Mortimer, *Chicago Confidential*, Nova York: Crown, 1950, 182–; (Rocco) *Chicago Tribune*, 7 de julho de 1964, White para Williams, Bureau of Narcotics, 9 de janeiro de 1946, Box 36, Pegler Papers, Giancana e Renner, 76–; (Joe) *Miami Field Office Report*, 27 de setembro de 1960, e 29 de outubro de 1962, 24 de julho de 1972, FBI 92-3024, “Re: Joseph Fischetti”, 16 de julho de 1957, FBI 62-96512-18, Lait e Mortimer, Chicago, 183, *Chicago Tribune*, 7 de julho de 1964; (“Eu sou o único” Irv Kupcinet com Paul Neimark, Kup, Chicago: Bonus Books, 1988, 150; (Rocco/Luciano e Charlie Moretti) Peterson, *Barbarians*, 158–, ver também Lait e Mortimer, *Chicago*, 115, SAC Newark to Director, 20 de novembro de 1944, FBI 62-3312-13, “Miscellaneous Crime Survey”, 12 de agosto de 1946, FBI 62-8861-122, 8 de agosto de 1946, FBI 62-8861-152.

176 libertação/exílio/chegada em Cuba de Luciano: (libertado da prisão). Houve prolongada controvérsia sobre se a libertação do mafioso teria sido uma

recompensa por usar sua influência para ajudar os aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Um estudo exaustivo feito por Rodney Campbell, voltado à investigação oficial feita no pós-guerra sobre alegada colaboração entre a U.S. Naval Intelligence e a Máfia, concluiu plenamente que Luciano, de fato, ajudou. O governador Thomas E. Dowey, que diminuiu a sentença do mafioso – e cujo trabalho como procurador dos EUA colocou, pela primeira vez, Luciano na cadeia –, publicamente confirmou a cooperação (Campbell, refs., ver também Eisenberg, Dan e Landau, 180–); (Lercara Fridi) Eisenberg, Dan e Landau, 228, Gosch e Hammer, 295–, "Summary of Information referente a Lucania", 12 de janeiro de 1947, LLBN; (sócios/parceiros) Eisenberg, Dan e Landau, 166, 174, *Miami Herald*, 25 de fevereiro de 1947, Gosch e Hammer, 242, 245, ver também capítulo 5; (Roma) Gosch e Hammer, 304; (em contato/ tramando) Siragusa para Oliva, e memorando anexado, 13 de junho de 1951, LLBN, "Activities of Top Hoodlums", 12 de dezembro de 1958, FBI 920632-515; (concordado com Lansky) Olivera para Williams, 21 de março de 1947, J. Ray Olivera (Bureau of Narcotics) Jornais/*papers*, cortesia da família Olivera, Eisenberg, Dan, e Landau, 228, 232, Gosch e Hammer, 306; (chegou em Havana/conivência) resumos de relatórios sobre Luciano, 16–, LLBN, Olivera para Williams, 21 de março de 1947, J. Ray Olivera Papers, Comissione Parliamentare D'Inchiesta Sul Fenomeno Della Mafia in Sicilia, vol. 4, pt.2, 1209; (um fluxo regular) "Parties Participating in the Meeting with Luciano in Cuba, 1947", resumos de relatórios sobre Luciano, 37, White para Anslinger, 5 de fevereiro de 1951, e Siragusa para Anslinger, 19 de fevereiro de 1951, LLBN; ("Os caras") Gosch e Hammer, 306.

176 chegada de Rocco e Joe Fischetti/FS a Havana: de acordo com o colunista Lee Mortimer, os três homens viajaram no voo 477 da Pan Am e seus nomes foram listados na declaração de passageiros. Sinatra pode ser reconhecido na fotografia e segundo Mortimer, oficiais da lei identificaram os irmãos Fischetti nos arquivos fotográficos. A identificação nunca foi contestada e o próprio Sinatra reconheceu ter viajado com os Fischetti. Outra imagem, observada por advogados procuradores do Senate Committee to Investigate Organized Crime em 1951, o mostrava junto a um irmão Fischetti de cada lado seu. O fotograma não foi publicado desde 1952 quando apareceu na *American*

Weekly – os autores obtiveram uma cópia original da revista na Biblioteca do Congresso. Algumas fontes sugerem que Sinatra estava com os mafiosos em Havana já em dezembro de 1946, e não no começo de fevereiro de 1947. Os movimentos conhecidos de Sinatra sugerem que ele poderia ter estado em Cuba em dezembro mas, a não ser que tivesse feito duas visitas, os autores não veem possibilidade de conciliar as duas versões. Em vista das evidências, incluindo uma fotografia do *Havana Post* registrando a chegada de Sinatra em 11 de fevereiro e a datação de uma reportagem contemporânea feita de Havana por Robert Ruark, os autores situam a viagem em fevereiro (fotografia – *American Weekly*, 27 de julho de 1952. Mortimer sobre o voo/identificação – Mortimer para Westbrook Pegler, 26 de setembro de 1947, anexada para John F. Kelly para Pegler, 30 de novembro de 1960, e uma nota sem data referente ao jornal de novidades *Royal News*, e uma carta sem data de Mortimer para Pegler – todos no Box 73, Pegler Papers; reconhecimento de Sinatra – *American Weekly*, 27 de julho de 1952; outra imagem – transcrição, interrogatório de Joseph Nellis de FS para o Kefauver Committee, 1º de março de 1951, publicado na *Gallery*, setembro de 1978, e Hank Messick com Joseph Nellis, *The Private Lives of Public Enemies*, Nova York: Dell, 1973, 234; visita em dezembro – Eisenberg, Dan e Landau, 232–, Gosch e Hammer, 306–; foto da chegada de Sinatra – *Havana Post*, 12 de fevereiro de 1947; Ruark – *Washington News*, 20 de fevereiro e memorando, Ruark para Lee Wood, 25 de fevereiro de 1947, Robert Ruark Papers).

177 artigo de Ruark: *New York World-Telegram*, 20 de fevereiro de 1947. Ruark foi pioneiro com a história apenas nos Estados Unidos. As notícias de que Luciano estava em Havana tinham estourado primeiramente na publicação semanal cubana *El Tiempo en Cuba* (9 e 16 de fevereiro e 2 de março, [NY] *Sunday News*; 26 de fevereiro de 1947).

177 versão de FS sobre Havana; ("Qualquer relato") [NY] *Sunday News*, 23 de fevereiro, *New York World-Telegram*, 24 de fevereiro de 1947.

177 Fischetti de modo passageiro/"cruzado": *American Weekly*, 27 de julho de 1952. Segundo sua filha Nancy, no livro *Legend*, Sinatra repudiaria seu próprio artigo assinado na *American Weekly* – que trata da questão de Cuba – como sendo "porcaria" feita pelos editores da revista (Sinatra, *Legend*, 1040. Ver também nota referente a "Most of my troubles", p. 452.

177-178 Kefauver: transcrição, interrogatório de Joseph Nellis a FS para o

Kefauver Committee, 1º de março de 1951, publicado na *Gallery*, setembro de 1978, ent. Joseph Nellis, artigo sem data de Alfred Klein, pt. 2, George White Papers, Stanford University, Messick com Nellis, 234. Em 1951, após ouvir algo em torno de 800 testemunhas, o comitê Kefauver concluiu que, de fato, havia "um sindicato nacional do crime organizado conhecido como Máfia" (*Summers, Official & Confidential*, 228); ("nem um grama") depoimento de FS, *Nevada State Gaming Control Board*, 11 de fevereiro de 1981; (Evans) ent. com George Evans, 12 de abril de 1948, LLBN; (já planejada) interrogatório de Joseph Nelli, ver também Hedda Hopper ent. FS, sindicato do *Chicago Tribune-NY News*, sem data, 1947, rascunho, MHL; (Nevada) depoimento de DS, *Nevada State Gaming Control Board*, 11 de fevereiro de 1981; ("Eu fui criado") *New York World-Telegram*, 24 de fevereiro de 1947; ("eu apareci") Hedda Hopper ent. FS, *Chicago Tribune – NY News Syndicate*, sem data, 1947, rascunho, MHL; ("Eu fui convidado") *American Weekly*, 27 de julho de 1952; (FS sobre Immerman) ibid. transcrição, interrogatório de Joseph Nellis a FS para o Kefauver Committee, 1º de março de 1951, publicado na *Gallery*, setembro de 1978, Messick com Nellis, 234–; (FS sobre Gross) Miller para Hundley, 22 de janeiro de 1964, e memorando anexado, 3 de janeiro de 1964, Organized Crime and Racketeering Section, Criminal Division, Departament of Justice, depoimento de FS, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fevereiro de 1981; (companhia explicada) transcrição, interrogatório de Joseph Nellis a FS para o Kefauver Committee, 1º de março de 1951, publicado na *Gallery*, setembro de 1978 – o companheiro era Gross;

179 (não conhecia nenhum mafioso/reputação de Luciano) Kelley, 394.

179 FS e os Fischetti: (visitando a mãe) "Memorandum e Frank Sinatra", 26 de fevereiro de 1947, FSFBI, "Indices Search Slip", 28 de março de 1955, FBI NY 100-80275; (Vernon Country Club) *Chicago Sun*, 16 de janeiro de 1948; (em contato com Joe) "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI, "Indices Search Slip", 28 de março de 1955, FBI NY 100-80275; (comércio de carros) ent. Joseph Nellis; ("tinha um interesse financeiro") "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI.

179 evidência sobre Cuba; (FBI e o Bureau of Narcotics tinham agentes/conheciam Luciano) Legal Attaché Havana to Director, 26 de março de 1954. FBI 88-32477-2256, Olivera to Williams, 21 de março de

1947, J. Ray Olivera Papers, “Summary of Information re Lucania”, 12 de janeiro de 1947, e relatórios de síntese sobre Luciano, 2–, 7–, 12, 23, 80, 92, e bilhetes para Olivera, 27 de março de 1947, LLBN; (elevador/telefonistas) Frederic Sondern Jr., *Brotherhood of Evil*, Nova York: Farrar, Straus e Cudahy, 1959, 115; (Luciano no oitavo andar) Dania Perez Rubio, *Hotel Nacional de Cuba*, Havana: Editorial José Martí, 1999, 16.

179 Frank no sétimo andar: Mortimer para Pegler, setembro de 1947, Box 73, Pegler Papers. As memórias do ex-funcionário do Hotel Nacional entrevistado em 2004 – cujo nome completo é Jorge Miguel Jorge Fernandez – era de que Luciano, também, foi registrado como usando uma suíte não no oitavo andar, mas no sétimo, e que, na realidade, fez uso de quartos no segundo andar – por motivos de segurança, como explicado posteriormente no texto. Seus guarda-costas teriam usado a suíte no andar superior (ent. Jorge Jorge por PITV).

179 “Enquanto estava em Havana”: resumo dos relatórios sobre Luciano, setembro de 1947, LLBN. Bruce Cabot, nomeado no relatório de White, era amigo de FS. Ator especializado em papéis de valentões, ele era um veterano que fez parte das operações de inteligência da Segunda Guerra Mundial, na Europa – incluindo a Sicília – e conhecido como um “fanfarrão briguento” (Sinatra com Coplon, 136, entrada de Cabot em entertainment.msn.com/celebs, Lee Server, *Robert Mitchum*: “*Baby, I Don't Care”*, Londres: Faber and Faber, 2202, 123); (Moretti em Cuba) “General Crime Survey”, 15 de julho de 1951, FBI 94-419, Peterson, *The Mob*, 248.

179-180 Frank abriria processos: *Modern Screen*, maio de 1947. Os autores não encontraram indicação alguma de que a petição foi levada adiante – é quase certeza que o caso foi abandonado. Ruark relatou que ele chegou em Havana quando Sinatra ainda estava na cidade, e que conseguiu sua primeira gorjeta de um alto executivo no Hotel Nacional; (“Me disse”/“Eu não aconselharia você”/“*não* despachar”) Ruark para Wood, 25 de fevereiro de 1947, Robert Ruark Papers; (Immerman/histórico) *NYT*, 25 de outubro de 1967, Olivera para Williams, 21 de março de 1947, J. Ray Olivera Papers, resumo dos relatórios sobre Luciano, LLBN.

180 “Sanchez deu uma festa”/“por meio de uma série de erros desastrosos”: Como disseram as diversas versões sobre os acontecimentos em Havana, e

provavelmente para antecipar uma ação judicial, o livro de Sondern, de 1959, disse apenas que a festa tinha sido dada em homenagem “a uma estrela bem conhecida da Broadway e de Hollywood”. Nas circunstâncias em questão, e à luz da carta de Ventura para Ruark, esta referência não poderia ser a ninguém mais do que Sinatra. Os autores não conseguiram identificar o tal Emilio Sanchez do qual se conta que teria dado a festa (“Sanchez deu” – ventura para Ruark, 17 de março de 1947, Robert Ruark Papers, Sondern, 115–; “um bem conhecido” – Sondern, 115–);

181 (informante/carga do avião) “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FBI LA 100-41413-4.

181 fotografias/equipe do Kefauver confrontou FS: ent. Joseph Nellis, Kelley, 159, M/G ent. De Joseph Nellis. As fotografias de Sinatra/Luciano realmente existiam – no passado. Um relatório nos arquivos do FBI sobre Sinatra indica que pela metade dos anos 1950 elas tinham sido “roubadas dos arquivos do Kefauver Crime Investigation”. Outros materiais também desapareceram (“File Review & Summary Check”, 9 de março de 1962, FBI LA 100-41413, ed. José Lizardo, *Records of the Senate Special Committee to Investigate Organized Crime in Interstate Commerce*, 1950-51, Washington, DC, National Archives, 1959, 5).

181 (“Nós íamos”): ent. Jorge Jorge pela PITV.

181-182 dinheiro para Luciano: (desenvolvimento/narcóticos) relatórios de síntese sobre Luciano, 5–, 20, 35–, arquivos sobre Luciano, LLBN, Eisenberg, Dan e Landau, 233; (dinheiro para Havana) ibid., 233, 251 o “parceiro de Lansky” era Joseph Stacher, relatórios de síntese sobre Luciano, 14, 37, LLBN; (Fischetti e os 2 milhões de dólares) Robinson para Olney, Kefauver Committee Files, NA, “Suplemental Correlation Summary”, 25 de fevereiro de 1969, FSFBI, relatório referente a Frederick Tenuto, 22 de abril de 1954, FBI 88-13277, *Wall Street Journal*, 19 de agosto de 1968, ent. Joseph Nellis; (alegação na imprensa) *New American Mercury*, agosto de 1951; (Luciano a negou) artigo sem data escrito pelo Kefauver Associate Counsel Alfred Klein, pt. 2, George White Papers; (“Pode imaginar”) *American Weekly*, 27 de julho de 1952, ver também transcrição, interrogatório de Joseph Nellis de FS para o Kefauver Committee, 1º de março de 1951, publicado na *Gallery*, setembro de 1978.

182 FS dedicando-se à pintura?: segundo Nancy Sinatra, seu marido teve a ideia de dedicar-se à pintura, e se apressou a comprar suprimentos artísticos,

durante a filmagem de *Beijou-me um Bandido*, que não começou a ser gravado até a metade de maio de 1947, três meses depois da viagem de Sinatra para Havana (teve a ideia – "My Life with Frank Sinatra", rascunho do artigo escrito por Marva Peterson, 21 de julho de 1947, ver também Movie Show, ms., por Lynn Peters, 31 de julho de 1947, MHL, ver também a introdução de Tina Sinatra, *A Man and His Art*, refs., gravação de *Beijou-me* – catálogo da AFI fornecido por MHL); ("Se você puder me encontrar") depoimento de FS, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fevereiro de 1981; (*Mailer NYT*, 16 de fevereiro de 1981, corr. do autos com Norman Mailer, 2003; (Lewis e FS) ent. Jerry Lewis, Sinatra, *Legend*, 177; (casamento de Moretti) *Paterson, (NJ) Call*, 22 de setembro de 1947; (conhecia os Fischetti) ent. Jerry Lewis, Tosches, 156, 162.

182 "tinha a ver com a moralidade": ent. Jerry Lewis. O ex-policial e investigador do New York Crime Committee William Gallinaro disse que ele soube do papel de Sinatra como mensageiro em 1947, por meio do contato com um policial cubano. Como relatado em outro capítulo, o amigo de Sinatra Brad Dexter posteriormente, viu uma mala contendo uma enorme soma em dinheiro vivo. Sinatra contou a ele que estava, na época, envolvido em transportar dinheiro para lá e para cá, de operações da Máfia relacionadas com as campanhas eleitorais de 1960 (ents. William Gallinaro, Brad Dexter).

183 motivo do encontro/Siegel: (FS se apresentou) ent. Jorge Jorge pela PITV; ("Luciano era grande fã") Eisenberg, Dan, e Landau, 233; (Siegel na agenda) ibid., 237–, Katz, 157–; Gosch e Hammer, 315–; (histórico de Siegel) "Final Report of the Special Crime Study Comission on Organized Crime", Sacramento, CA: estado da CA, 11 de maio de 1953, 22, Jennings, refs., Sifakis, 302; (Flamingo) W. R. Wilkerson, *The Man Who Invented Las Vegas*, Beverly Hills, CA: Ciro's Books, 2000, 99, 104; (os Fischetti contribuíram) relatório referente a Rocco Fischetti, 14 de fevereiro de 1963, FBI 92-3915, "Re Joseph Fischetti", 16 de julho de 1957, FBI 92-96512; (FS explorando planos) *Las Vegas Review-Journal*, 31 de julho de 1946, *Hollywood Citzen-News*, 3 de abril de 1946, "Correlation Summary", 8 de junho de 1964, e Rosen to Director, 26 de fevereiro de 1947, e memorando anexado, FSFBI; (Siegel havia reclamado) "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, e

"Correlation Summary", 8 de junho de 1964 FSFBI; (tentando consegui-lo para a abertura) "Memorandum re Francis Albert Sinatra", 26 de fevereiro de 1947, FBI O & C File 139, "Summary Memo on Frank Sinatra", 1 de março de 1955, FBI LA 100-41413; (condenado) Eisenberg, Dan, e Landau, 238, Katz, 158, Gosch e Hammer, 317–, 328; (Fischetti conduziu?) ibid, 318.

183 "Nós estavamos com alguns": ent. Shirley Ballard. Siegel era famoso por cultivar estrelas de Hollywood, e dizem que, inicialmente, Sinatra tinha "um respeito natural" por ele. Um relatório do Bureau of Narcotics o colocou como fazendo parte do círculo de Siegel, juntamente com Lana Turner. O parceiro de Siegel Allen Smiley disse que conhecia bem Sinatra e, em certo momento, Sinatra alugou um apartamento no mesmo prédio de Smiley, na Sunset Boulevard 8358. O mafioso de Los Angeles Mickey Cohen disse que Sinatra era um amigo, uma alegação corroborada pelos relatórios do FBI ("respeito natural" – David Thomson, *In Nevada*, Nova York: Knopf, 1999, 64; Narcotics Bureau e círculo de Siegel – resumo de relatórios sobre Luciano, LLBN; Turner – Crane, 65, Rose, 105–; Smiley – "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, e "Correlation Summary", 8 de junho de 1964, FSFBI; apartamento – "Summary Memo on Frank Sinatra", 1º de março de 1955, FBI LA 100-41413; Cogen – Davidson, 20; Mickey Cohen com John Peer Nugent, Mickey Cohen com John Peer Nugent, *Michey Cohen*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1975, 85–, 228, Rose para Diretor, 26 de Fevereiro de 1947,memorando anexado e "Summary Memo on Frank Sinatra", 1º de março de 1955, FSFBI), (o sindicato havia assumido) Wilkerson, 111, reid, 222, Lait e Mortimer, 203.

184 relação Luciano/FS: (negava que Frank "tinha sido alguma vez solicitado") Gosch e Hammer, 312, ver também *Washington Daily News*, 24 de fevereiro de 1947, *Parade*, 12 de janeiro de 1964; (FS insistiu) *American Weekly*, 27 de julho de 1952.

184 Luciano depois de Cuba: (enviado de volta, de navio) Anslinger e Oursler, 105–, rascunhos ms. De Anslinger, Box 4, File 3, Harry Anslinger Papers, University of Pennsylvania, Director to Legal Attaché, Rio de Janeiro, 25 de março de 1947, FBI 39-2171-110; (na Itália) Anslinger e Oursler, 107, resumo de relatórios sobre Luciano, 22. LLBN, Comissione Parliamentare d'Inchesta Sul Fenomeno Della Mafia in Sicilia, vol. 4, pt. 2, 1393.

184 porta-cigarros/isqueiro: (“Quando a polícia italiana”) coluna sem data, ca. Setembro de 1949, Alpha Name Files, “Sinatra, Frank”, Kefauver Committee Files, NA; (*papéis* de Anslinger) rascunho ms. de Anslinger, Box 4, File 3, Harry Anslinger Papers; (artigo posterior) *New American Mercury,* agosto de 1951 – notícia por Lee Mortimer; (sem “presente”) *American Weekly*, 27 de julho de 1952. Ver também depoimento de FS, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fevereiro de 1981; (“vários presentes”) Gosch e Hammer, 418–.

185 “Eu tinha um isqueiro de ouro”: ent. Adriana Rizzo. Documentos oficiais em arquivos italianos mostram que o irmão de Luciano, Bartolo, veio, de fato, dos Estados Unidos para negociar os bens do chefe da Máfia depois de sua morte. Ele aparentemente desalojou Adriana Rizzo, autorizando-a a retirar apenas seus objetos de uso pessoal (Rapporto Sulle Operazioni Di P.G. Comissione Parliamentare D'Inchesta Sul Fenomeno Della Mafia in Sicilia, vol. 4, pt.1, 377. Ver também *L'Ora*, 30 de janeiro, *Giornale di Sicilia*, 9 de fevereiro de 1962, Gosch e Hammer, 449–).

185 “grande porta-cigarros de ouro”: ent. Fulvio Toschi, e pesquisa no Rapporto Sulle Operazioni Di P.G. “Lucky Luciano”, Roma: Nucleo Centrale Polizia Tributaria Della Guardia Di Finanza, 30 de março de 1962, 1428. A informação disponível para os autores, pode-se notar, se refere a um isqueiro com a inscrição “Charlie” e um porta-cigarros inscrito “Lucky”. Luciano foi batizado “Salvatore”, mas mudou seu nome para “Charlie” no início da vida adulta depois de os amigos o terem chamado de “Sal”, o que ele achou que soava efeminado. Conta-se que o rótulo de “Lucky” lhe foi dado pelo companheiro de vadiagem Meyer Lansky, depois de Luciano ter escapado por pouco da morte. Dizem que posteriormente renegou o apelido – não foi pouca a falta de sorte dele quando recebeu uma longa sentença de prisão. Fontes sugerem que parceiros usavam tanto “Charlie” quanto “Lucky”. O colunista Leonard Lyons, que entrevistou Luciano em 1953, observou as iniciais C.L. em um isqueiro que o mafioso estava usando na ocasião.

Martin Gosch e Richard Hammer relataram em seu livro de 1974 sobre Luciano que a polícia italiana observou vários itens pessoais, incluindo um porta-cigarros com uma inscrição de Sinatra, durante uma busca no apartamento de Luciano em Nápoles, poucos dias antes de sua morte (“Charlie”/“Lucky” – Sciacca, Luciano, 50, 87 –, 168, Gosch e Hammer,

16, 109, 119, 148, Wolf com DiMona, 83, Katz, 88; C.L. – Esquirre, abril de 1953; polícia observou – Gosch e Hammer, 444, ents. Adriana Rizzo e Fulvio Toschi).

185 Luciano sabia o endereço de FS: o registro indica que houve duas apreensões diferentes de agendas de endereços. O documento Anslinger data a apreensão "depois da chegada de Luciano na Itália, em fevereiro de 1946". Um relatório de 1949 mostra que certamente houve uma apreensão em julho de 1949. Listas de endereços estão anexadas a ambos os documentos, e Sinatra aparece em ambas as listas – listado com seu endereço de Toluca Lake, na Califórnia. Numerosas diferenças entre as duas listas são consistentes com diferentes transcrições de épocas diferentes. Contudo, há uma referência, que é de algum modo surpreendente, à apreensão simultânea da agenda de endereços da amante de Luciano, Igea Lissoni – e fontes entram em conflito sobre se o casal se uniu logo no começo de 1946. Sinatra residiu no endereço de Toluca Lake da primavera de 1944 até o verão de 1949 (documento Anslinger – White para Anslinger, 5 de fevereiro de 1951, LLBN; Lissoni – Sondern, 117, Gosch e Hammer, 335; outros documentos – resumo dos relatórios sobre Luciano, 29, Manfredi "Affidavit" e entradas de agendas de endereços anexadas, 21 de novembro de 1952, e "Memorandum to District Supervisors", 15 de agosto de 1949, LLBN, "Summary infomation re Lucania", 12 de janeiro de 1947, J. Ray Olivera Papers; FS em Toluca Lake – Sinatra, *Legend*, 60, 91).

185-186 encontros posteriores de FS com Luciano: (figura familiar) John Davis, *Mafia Dynasty*, Nova York: HarperTorch, 1993, 120–, Wells e Bogdanovich, 312; (chefes consultavam) relatórios de síntese sobre Luciano, 28–, 45, 74, 83–, 87, Rizzo para Williams, 4 de maio de 1948, e "Memorandum to District Supervisors", 15 de agosto de 1949, LLBN, Henry Zeiger, *The Jersey Mob*, Nova York: Signet, 1975, 158–; (poder permanente/drogas) Cook, 125, 330, 346, 349, *True*, novembro de 1952. Ver também Vizzini com Fraley e Smith, 154; (Durante/Raft) resumo dos relatórios sobre Luciano, 53–; Cusack para Anslinger, 2 de março de 1961, LLBN.

185 "amigos pessoais íntimos" Cusack para Anslinger, 2 de março de 1961, LLBN. Outros nomeados nos relatórios do Bureau of Narcotics como tendo tido contato com Luciano foram o diretor de cinema Roberto

Rosselini, marido de Ingrid Bergman, o ator Marc Lawrence, e as atrizes Lois Andrews e Ella Logan (resumo dos relatórios sobre Luciano, 57, 71, 51, 52, 63).

185 FS transportou dinheiro entre 1950/60?: Memorando para Sr. Boardman, 28 de fevereiro de 1955, FSFBI, "File Review and Summary Check", 9 de março de 1962, FBI LA 100-41413.

186 esperava em 1952: Siragusa para Anslinger, 19 de janeiro de 1952, LLBN; (primavera seguinte) Siragusa para Anslinger, 5 de janeiro de 1954. Ver também Cusack para Anslinger, 7 de abril de 1961, LLBN; (turnê de FS) *Where or When?,* Gardner, 189; (novos conflitos) resumo dos relatórios sobre Luciano, 63, 69, 72, 85, LLBN, Memorando a Sr. Boardman, 28 fevereiro de 1955, FSFBI – relatório relativo a 1951, Legal Attaché Havana to Director, *2*6 de março de 1954, FBI 88-3277-2256; (nove vezes) *Boston American*, 31 de janeiro de 1956; (conclaves da Máfia) Memorando a Sr. Boardman, 28 fevereiro de 1955, FSFBI; ("Nós costumávamos encontrá-lo") Russo, 227; ver também Cook, 349; ("presente em 1951") Memorando a Sr. Boardman, 28 de fevereiro de 1955, FSFBI; ("Nós entramos na suíte") Jacobs, que viajou o mundo com Sinatra por anos, não tinha mais certeza da data exata deste encontro. Ele foi claro, contudo, sobre o fato de que isso aconteceu em Roma – provavelmente no final dos anos 1950 – e que Sinatra, de fato, visitou Roma em 1958 (ents. George Jacobs, Jacobs e Stadiem, 191, Hanna, *Ava*, Nova York: Putnam, 1960, 221–).

187 FS e Luciano em Havana para o Natal em 1958?: Chico Scimone, o americano siciliano que disse que tocou piano em uma "audição" de Sinatra para a Máfia, no final dos anos1930, disse aos autores que ouviu de fontes da Máfia que tanto Luciano quanto Sinatra estiveram em Havana no Ano-Novo de 1958, quando Fidel Castro derrubou o regime de Batista. Relatórios discutidos anteriormente neste capítulo indicam que o mafioso fez viagens secretas fugindo do exílio várias vezes, e, quatro anos depois de impor restrições estritas de viagens para Luciano, as autoridades italianas tinham devolvido o passaporte a ele em 13 de dezembro.

Parece possível que Sinatra estivesse em Havana no Ano-Novo de 1958. Os autores não localizaram indicação alguma de seus paradeiros precisos entre 29 de dezembro e 14 de janeiro. A filmagem das cenas finais de *Os Viúvos Também Sonham*, nesse entremeio, estava acontecendo na primeira

semana de 1959 na região de Miami, à distância de uma curta viagem de avião de Havana. Era comum para americanos procurando diversão, naquele tempo pré-Castro, fazer aquela viagem por alguns dias ou menos que isso. Uma referência no livro *Legend*, de Nancy Sinatra, que situa uma gravação de Sinatra em Los Angeles no dia 2 de janeiro, parece imprecisa. Outras fontes indicam que as sessões de gravação em questão se deram entre 13 e 15 de outubro de 1958.

O envolvimento de Sinatra em certa negociação em um cassino cubano aparece em um relatório do FBI que cita registros do National City Bank. De acordo com o relatório, ele e outras seis pessoas estavam investindo 10 milhões de dólares para construir o Monte Carlo Hotel e Cassino – em parceria com um sócio de Meyer Lansky. O próprio Lansky estava em Havana na noite de Ano-Novo de 1958 (Luciano atormentado – Fred Cook, *The Secret Rulers,* Nova York: Duell, Sloan e Pearce, 1966, 349–, Gosch e Hammer, 378–,408–, Scimone – ent. Chico Scimone, restrições/passaporte – Gosch e Hammer, 408- – ver também a revista *L'Europeo*, 11, 18 e 25 de janeiro de 1959; paradeiros de FS, 29 de dezembro a 14 de janeiro – "Where and When?"; filmagem de Hole – O'Brien, 116, revista *LAT*, 24 de maio de 1959; em LA? – Sinatra, *Legend*, 140. Ver também dezembro-janeiro, 1959, entradas de *Where and When?* em Sayers e O'Brien, 240–; cassino Monte Carlo – "Correlation Summary", 8 de junho de 1964, FSFBI, *Wall Street Journal*, 16 de janeiro de 1981; Lansky – Lacey, *Little Man*, 249–).

187-188 "(O elenco de apoio) para a multidão de *Hole*": locação na Flórida para *Hole in the Head* ocorreu entre novembro de 1958 e janeiro de 1959. A palavra "kadiddle-hopper" se refere ao tipo de chapéu usado pelo comediante Red Skelton ao representar "Clem Kadiddlehopper", personagem criado por ele (ents. Bill Woodfield, 2001; ver também *This Week*, 24 de maio de 1959, O'Brien, 116–, Hersch, 142 fn); ("Tem algumas pessoas"/ "Ele contou isso") ent. Peggy Connelly; (FS "assustado") Cusack para Anslinger, 2 de março de 1961, LLBN. (FS se correspondeu) Siragusa para Anslinger, 20 de maio de 1961, LLBN; ("Sinatra era um amigo muito íntimo") ent. Adriana Rizzo.

Capítulo 14: Flertando com o desastre

189 “uma das coisas mais imbecis”: Hamill, 145.

189 Nancy/aborto: (“Você será”) *Modern Screen*, maio de 1947; (aborto) Sinatra com Coplon, 18.

189-190 ataque a Mortimer: (incidente básico) Requerimento para Investigação, 10 de abril, Relatório do Investigador, 14 de abril de 1947, e documentos relacionados, Promotor do Distrito, região de Los Angeles, cortesia de Gavin MacFadyen, Hedda Hopper ent. de FS, *Chicago Tribune-NY News Syndicate*, sem data, rascunho de 1947, MHL ent. Louanne Hogan Wilson, *New York Daily News*, 9 e 15 de abril, (NY) *Daily Mirror*, 9, 11 e 13 de abril, *New York World – Telegram*, 9 de abril, *New York Post*, 9 e 11 de abril, (LA) *Daily News*, 9 de abril, *Daily Worker,* 9 de abril, *AP*, 9 de abril, UP, 9, 14 de abril, INS, 9 de abril, *Washington News*, 10 de abril, *LAT*, 10, 11, 12, 16, 17 de abril, *NYT*, 10 de abril, artigo de Grace Robinson, provavelmente no *New York News*, Robert Ruark Papers, *New York Journal-American*, 12 e 13 de abril, *Time*, 21 de abril de 1947; (licença retirada) (NY) *Daily Mirror*, 15 de abril de 1947, *Chicago Herald-American*, 14 de abril de 1947, Carpozi, 93.

190 o *songplugger* Sam Weiss: Weiss se encontrou com Sinatra pela primeira na 52nd Street de Nova York, onde ele trabalhava em clubes. Sinatra era próximo dele e de seu irmão “Sarge” Weiss, que também estava presente na noite do episódio de Mortimer e que se tornou um assistente essencial (histórico dos irmãos Weiss na ent. e corr. de Ric Ross, Sinatra com Coplon, 80, Sinatra, *My Father*, 58, ent. Shirley Ballard; Irving presente em Request for Investigation, 10 de abril, *Investigator’s Report*, 14 de abril de 1947, e documentos relacionados, Procurador do Distrito, Região de Los Angeles, cortesia de Gavin MacFadyen); (“Ele me chamou de”) *Time*, 21 de abril de 1947. A palavra “filho da puta” foi retirada de muitas das reportagens da imprensa e aparece no registro oficial como “bastardo”. A versão que Harrison Carroll deu aos investigadores e o texto de sua reportagem publicada também estão no arquivo; (preparado) Kelley, 125–, citando comentários de Jack Keller gravados em fita.

191-192 histórico de Mortimer/sequência: (“gritar... delinquentes juvenis”) Shaw, *Sinatra*, 79, 92, 93; (“até que as hostilidades”) (NY) *Sunday Mirror*, 15 de julho de 1945; (“luta de classes”) *New Republic*, 31 de março de 1986; (“muito do tempo”) *Los Angeles Examiner*, 10 de abril de 1947;

(“Lucky”) (NY) *Daily Mirror*, 14 de março de 1947; (“sovar”) *New York Post*, 10 de abril de 1947. Ver também Kelley, 124; (“enfiar sua cabeça”) ent. Sonny King, M/G ent. de Sonny King, ver também Wilson, *Sinatra*, 72; (“vou te matar”) Relatório do Investigador; (investigadores concluíram*) New York Journal-American*, 13 de abril de 1947; (nunca foi a julgamento) *LAT*, (LA) *Daily News*, *Washington Times-Herald*, 4 de junho de 1947; (*U.S.A. Confidential*) Jack Lait e Lee Mortimer, *U.S.A. Confidential*, Nova York: Crown, 1952, 21, ver também Jack Lait e Lee Mortimer, *Washington Confidential*, Nova York: Crown, 1951, *Bergen (NJ) Record*, 21 de junho de 2000; (apanhou até ficar inconsciente) *Washington Times-Herald*, (NY) *Daily Mirror*, 18 de maio de 1950; (FBI 1960) log of conv., 5 de abril de 1960, vol. 9, Misc. ELSUR Refs., HSCA Subject Files, Frank Sinatra, *JFK*, Zeiger, 200, ver também (NY) *Daily Mirror*, 5 de abril de 1960; (“Frank e eu”) ent. Brad Dexter.

192-193 publicações Hearst e FS: (Hearst sobre FDR & “vermelhos”) W.A. Swanberg, *Citizen Hearst*, Nova York: Scribner’s, 1961, 567, Vaughn, 41; (“limpar”) *New York World-Telegram*, 2 de abril de 1947; (“quase como uma tentativa”) *Time*, 21 de abril de 1947; (Jefferson Award) *New York Daily News*, 10 de abril, INS, 14 de abril, 1947, Carpozi, 91; (Mortimer cavando) ent. de George Evans por Charles Siragusa, 12 de abril de 1948, LLBN, “Memo for Mr. Tolson”, 12 de maio, Tolson to Director, 13, 15 de maio de 1947, e “Summary Memorandum”, 29 de setembro de 1950, FSFBI; (coletar informação) Mortimer to Pegler, 26 de setembro de 1947, box 72, Pegler Papers; (colunas de Pegler) *New York Journal-American*, 10, 11, 12, 16 de setembro e 1º e 4 de outubro de 1947; *Washington Times-Herald*, 14 de novembro de 1947; (“Posando”) coluna sem data, março de 1947, Robert Ruark Papers; (“Eu não sei”) *Photoplay*, novembro de 1951; (“bastante penitencioso”/recebia) Kelley, 127–, ent. de George Evans por Charles Siragusa, 12 de abril de 1948, LLBN.

194 situação de FS/métodos de trabalho: (Old Gold) UP, 24 de abril de 1947, *Chicago’s American*, 25 de setembro de 1966.

194-195 audiências no Capitol: Shaw, *Sinatra*, 115, Wilson, *Sinatra*, 76, (NY) *Daily Mirror,* 28 de novembro de 1947. Uma resenha favorável da apresentação por uma das grandes publicações da Hearst, foi dito posteriormente, tinha sido reescrita para soar como crítica terrível; (pesquisa ABC) Shaw, *Sinatra*, 114; (trabalho em estúdio) Granata, 35–,

WP, 31 de outubro de 1947; (Quinlan) *Metronome*, outubro de 1948; ("Me deixa") ent. de FS por Marlene Barthel, 46, 8; ("Ele colocava os pingos nos is") Lees, 161; (*Who's Who*) *LAT*, 24 de fevereiro de 1948; ("Sua voz") ent. Al Viola; ("matizes mais soturnos") Granata, 39; ("As canções que eu canto") *New York Daily News*, 23 de janeiro de 1978; ("sentia") Sinatra, *My Father*, 372.

195 Dia de Sinatra: (apresentação) *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982, Frank, 61, ent. Frank Monaco; (bate-boca) ibid. e Gardner, 149–, ent. Mearene Jordan; (Francesco morreu) *NYT*, 9 de abril de 1948, declarado com idade errada;

196 ("cuspida" de FS) *LAT*, 4 de fevereiro de 1998.

196 vida familiar de FS: (memórias queridas) Sinatra, *My Father*, 56, 72, *Family Weekly*, 17 de junho de 1984; ("tão tradicional") artigo de Marva Peterson, 21 de julho de 1947, MHL; (saíam para Palm Springs) ent. Gloria Cahn, Sinatra, *My Father*, 58–, 108; (decidiu construir) Davidson, 36–; "Twin Palms", www.locationsunlimited.com, *American Weekly*, 26 de novembro de 1950; (memórias felizes/enquanto iam de carro) Sinatra, *My Father,* 58; (bebê) *Los Angeles Examiner*, 10 de novembro de 1947, *Movieland*, 7 de setembro de 1948.

197 Evans trabalhando: *Los Angeles Examiner*, 6 de outubro de 1947, Sinatra, *My Father* 77, 90, ent. de George Evans por Charles Siragusa, 12 de abril de 1948, LLBN, observações da ent. de George Evans, 10 de setembro, Box 72, Pegler Papers.

197 contatos com a Máfia: (Fischetti) "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI, *Chicago Sun*, 16 de janeiro de 1948; ("interesse financeiro") "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI.

197 Moretti como "parceiro"/"contribuía": "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI. O colunista Lee Mortimer reportaria – e isso tem sido amplamente repetido – que Sinatra cantou no casamento de uma das filhas de Moretti. No entanto, Angela, filha de Moretti, revelou aos autores que ele não cantou no casamento dela e nem no de suas outras duas irmãs. Relatório de Mortimer no *New American Mercury*, agosto de 1951. Ver também, por exemplo, Kelley, 172; e referência aos casamentos das filhas de Moretti, ent. Angela Marroco, *Newark* (NJ) *Evening News*, 9 de junho de 1947, e Paterson (NJ) Call, 22 de setembro de 1947; ver também Dwiggins, 101.

197 Cohen: (história sórdida) *Los Angeles Examiner*, 6 de outubro de 1947, notas da entrevista com George Evans, 10 de setembro de 1947, Box 72, Pegler Papers.

197-198 Cohen/boxe/criminoso: "Summary Memo", 1º de março de 1955, FBI LA 100-41413, "Correlation Memorandum", 8 de junho de 1964, FSFBI, *Chicago's American*, 27 de setembro de 1966, Robinson para Olney, 15 de setembro de 1950, e Polski para McGill, 24 de agosto de 1951, Alpha Names File, "Sinatra, Frank", Kefauver Committee Files, NA, Peterson, *Mob*, 330–. O criminoso em questão era Jimmy Tarantino, que foi responsável por um jornal de calúnia que FS aparentemente ajudou a financiar – assim como Willie Moretti; (FS conhecia o trapaceiro) transcrição, interrogatório de Joseph Nellis a FS para o Kefauver Committee, 1º de março de 1951, publicado em *Gallery*, setembro de 1978; (agenda de endereços) "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI, e Rosen to Director, 26 de fevereiro de 1947, FSFBI, "Summary Memo on Frank Sinatra", 1º de março de 1955, FBI LA 100-41413; ("Qual é o problema, ele é meu amigo") Davidson, 20.

198 Palm Springs e a máfia: (Stables) "Summary Memo", 1º de março de 1955; FBI LA 100-41413, Pegler para Lloyd Felmly, 17 de outubro de 1947, Box 72, Pegler Papers; *Chicago's American*, 28 de setembro de 1966; ("*rendez-vous* preferido") "The Special Crime Study Commission on Organized Crime", Final Report, Sacramento, CA: Estado da Califórnia, 11 de maio de 1953, 21–, *Sacramento Bee*, 8 de março de 1977; (Smiley) ibid., 35, 28; (Smiley/FS) ent. Luellen Smiley "Summary Memo", 1º de março de 1955; FBI LA 100-41413, "Summary Memorandum", 29 de setembro de 1950, FSFBI; ("Eu conheci pessoas assim") Sinatra, *Legend*, 174.

198-199 situação em Hollywood em 1949: (MGM tinha pagado) Shaw, *Sinatra*, 124, Dwiggins, 124; (forçou a paciência) Sinatra, *Legend*, 78, Sinatra, *My Father*, 16, Kelley, 127, O'Brien, 5–; (FS se comportou mal) O'Brien, 29–, 51, 49–; (premiére de *Miracle*) ibid., 38; (filmes que perderam dinheiro) O'Brien, 31, 33, 38, 52; pesquisas de opinião da *Down Beat*, 1º de janeiro 1944-30 de dezembro de 1949; ("decadente") *Billboard*, 20 de novembro, 1965; ("É o fim de Sinatra?") *Modern Television & Radio*, dezembro de 1948; (se sentia, de fato, acabado) Nancy Sinatra, *Legend*, 87; ("Quando tínhamos convidados"/se trancava) (LA) *Daily News*, 2 de

setembro de 1950,

Capítulo 15: Amantes, eternamente

200 fotografia da MGM: John Springer Collection, fotos Corbis – de acordo com o arquivista da MGM, a fotografia foi tirada em 10 de fevereiro de 1949, Garder, 122; histórico de Ava: (quando criança) Doris Cannon, *Grabtown Girl*, Asheboro, NC: Down Home Press, 2001, 12–, 31, ent. sem data de Ava por Charles Samuels, *Motion Pictures*, MHL; (andava descalça quando era adulta) Roland Flamini, *Ava*, Nova York: Coward, McCann, 1983, 81; (fumava com oito anos) ibid., 28; (beleza) Cannon, 45, 54, 65; (unhas) ibid., 52; (não podia bancar) Gardner, 18; (atuava/com facilidade) Cannon, 35, 50–; (filmes) entrevistas em fita, de 1988, com Ava Gardner por Peter Evans, Gardner, 13, 24; (sonhava) Cannon, 43, 66; (falava em cantar) Gardner, 29; (acabar trabalhando como secretária, ibid., 69–, ent. sem data de Ava por Charles Samuels; (atriz à espera) fitas de Evans, Flamini, 21, 38, Charles Higham, *Ava*, Nova York: Delacorte, 1974, 15–; (“Eu nunca liguei”) ent. sem data de Ava por Charles Samuels, Gardner, 188.

201-202 vida amorosa de Ava no começo: (estrito/certinha) *Look*, 27 de novembro de 1956; (tímida/“Eu me fazia”) fitas de Evans, Cannon, 46; (“a maior”) Higham, *Ava*, 12; (histórico de Rooney) Flamini, 44, Mickey Rooney, *I.E.: An Autobiography*, Nova York: Villand, 1991, refs., Cannon, 73–; *(longe de L. A.)* Rooney, *Too Short*, 187 ; (“perto pra caramba”) Flamini, 53; (“Assim que ele”) Higham, *Ava*, 24; (“encontrei evidências”) fitas de Evans; (Rooney disse), Rooney, *Too Short*, 1920–; (campo de atuação) Higham, *Ava*, 41–; (Hughes/peitos/“*wet decks*”) Higham, *Ava*, 46, Gardner, 67; (nunca tinha dividido) Gardner, 69, 127; (acreditarem no contrário) por exemplo, Higham, *Ava*, 45–, 48– Charles Higham também escreveu *Howard Hughes*: *The Secret Life*, Londres: Pan Books, 1994; (Hughes persegue Ava) Higham, *Ava*, 152, Gardner, 78–, 154, 158, Jane Ellen Wayne, *Ava’s Men*, Nova York: St. Martin’s, 1990, 185–; (*jitterbug*) Cannon, 58 (“disfunção” de Shaw Flamini, 75–; (quatro esposas) Wayne, 81; (psicanálise) ent. Artie Shaw, Higham, Ava, 57; (“o primeiro homem inteligente”/ “a mulher mais perfeita”) Gardner, 8; (morando juntos)

Flamini, 80–; (“melhorar”/*A Interpretação [dos Sonhos]*/apresentou) Gardner, 90–; (calar a boca) ibid., 94; (discutir/divorciaram) Higham, *Ava*, 58–; (Tormé) Tormé, Velvet, 89; (Duff) Gardner, 106, Higham, *Ava*, 72–; (Taylor) ibid., 117–; (Mitchum) Lee Server, *Robert Mitchum: “Baby, I Don't Care*”, Nova York: Faber and Faber, 2002, 251 – ver também Gardner, 119.

203-204 problemas de Ava: (Peter Evans) Evans, um escritor proeminente do *show-business*, gentilmente permitiu aos autores citarem material das fitas não publicadas de sua entrevista com Ava Gardner, cujos direitos autorais lhe pertencem. As memórias de Ava intituladas *My Story*, aparentemente derivadas de subsequentes sessões gravadas em fitas, foram publicadas após a morte da atriz em 1990; (“revisar”) ent. Peter Evans; (“uma capacidade tremenda”) Rooney, *Too Short*, 184; (“como Coca-Cola”/Scotch e cerveja/“eu misturei tudo”) Higham, *Ava*, 64, 61, 73; (“o quanto bebíamos”) fitas de áudio de Evans; (“desesperadamente insegura”) Higham, *Ava*, 89; (“podia mudar”) Gardner, 284; (“Quando eu perco”) Richard Hack, *Hughes*, Beverly Hills, CA: New Millennium, 2001, 139; (“usou uma faca de cozinha”) Rooney, *Too Short*, 195; (nocauteou Howard Hughes) Higham, *Ava*, 49, ver também 73; (“A qualidade”) Rooney, I.E., 137; (puritana) Gardner, 49; (bordéis) fitas de áudio de Evans, Gardner, 106–, Ted Quillin para os autores, 18 de abril de 2002, Higham, *Ava*, 136, 154–; (“Eu acho que fazer sexo é”) Messick, *Show Business*, 187; (“Eu quero me casar”) artigo sem data escrito por Elsa Maxwell, MHL; (nunca quis) Rooney, I.E., 143; (usava métodos contraceptivos) Flamini, 95; (“Eu não acho que”) fitas de áudio de Evans, (“a operou”) Higham, *Ava*, 76–. O autor Charles Higham contou aos autores que obteve acesso à versão sobre o aborto de uma amiga, a quem ele considerava digna de confiança.

204 festa de Tormé/Toxton: Tormé, Velvet, 64–.

204 atingiu alguém: *LAT*, 22 e 23 de março de 1949, *Look*, 14 de maio de 1957, (garrafa) Carpozi, 99.

204 o início do caso entre FS e Ava: (carro acelerado/“flerte”) fitas de áudio de Evans, Gardner, 122.

204 Palladium: fitas de áudio de Evans, entrevista sem data feita com Ava Gardner por Thelma McGill, MHL, Gardner, 122. Outros autores situaram o primeiro encontro de FS com Gardner em 1945. Contudo, a atriz disse,

por duas vezes, que teria se dado antes, durante seu casamento com Rooney, no período em que Frank estava com (a banda de) Dorsey. Ela estava divorciada de Rooney em 1943, e Frank tinha já deixado Dorsey no outono de 1942. Referente a 1945, ver Sinatra, *Legend*, 67, Freedland, 116; (“tinha olhos”) ent. Artie Shaw; (batedora do time de softball) Kelley, 91, Sinatra, *Legend*, 81–; (trocaram de parceiros) *LAT*, 24 de outubro de 1946, Wilson, *Sinatra*, 88.

205 “Só por pirraça”: Cahn, 95. As memórias de Cahn sugerem que isso ocorreu já em 1942, mas ele não pode estar correto. Sinatra não foi para Hollywood antes de 1944, e Mearene Jordan – que, de acordo com Ava, estava com ela nas Sunset Towers – não começou a trabalhar para a atriz antes de 1947 ou 1948 (Gardner, 123, 283); (“arrogante”) Higham, *Ava*, 91; ver também ent. Mearene Jordan; (“beberam um bocado”) Gardner, 123; (“nós bebemos”) Gardner, 125.

205 incidente com tiros: este incidente normalmente é referido como se tivesse ocorrido no final de janeiro/fevereiro de 1950. Juntando os pontos, a evidência é que tenha ocorrido antes – ao menos porque evidentemente se deu antes da morte de George Evans, no fim de janeiro de 1950. Em sua biografia sobre Sinatra, de 1986, a autora Kitty Kelley citou Keller como dizendo que a farra dos tiros teria ocorrido em Indio, na Califórnia. O homem que era chefe de polícia de Indio no final dos anos 1940, Part Cunningham, negou que o incidente tivesse ocorrido no período em que ele estava no posto. Não foi possível para os autores verificar os fatos com maiores detalhes junto a Keller ou Cunningham, já que ambos são falecidos (Davidson, 5–, Kelley, 133–, e *Desert Sun*, 16 de outubro de 1986); (Nichols Canyon) Higham, *Ava*, 79, Hanna, 131; (“Nós nos tornamos amantes”) Gardner, 125.

205-206 evolução do caso de FS/VGA nos anos 1950: (Ava liberal) fitas de áudio de Evans, Gardner, 55; (vermelhos/consulado soviético) fitas de áudio de Evans; (transmissão) Buhle e Wagner, 437–; (jazz/músicos afroamericanos) fitas de áudio de Evans, Cannon, 35; (amigos tentaram) artigo sem data por Thema McGill, cerca de julho de 1952, MHL; (Turner disse a Ava) Gardner, 125–; (“tomar cuidado”) ent. Jean Greenberg; (George Evans alertou) ent. Phil Evans, Sinatra, *Legend*, 90, ver também Mearene Jordan; (estreia/festa) Wilson, Sinatra, 89; (fotógrafo ameaçado) *LAT*, 7 de fevereiro de 1950, Gardner, 126, Flamini, 121, Bill Adler,

Sinatra: The Man and the Myth, Nova York: NAL, 1987, 86–; (“Minha vida de casada”) *NYT*, *LAT*, *Los Angeles Examiner*, 15 de fevereiro de 1950; (“terrivelmente”/fotos da imprensa) Sinatra, *My Father*, 75; (FS perturbado) Sinatra e Coplon, 22, Gardner, 125; (“A batalha que eu tinha travado”) *American Weekly*, 20 de julho de 1952; (pílulas) Flamini, 125, Higham, *Ava*, 95; (ciúmes/“Se ele olhasse”) Gardner, 129, 287; (“ela juraria”) ibid., 287; (FS preocupado) ibid., 127, 154, 158.

207-208 incidente na Hampshire House/Shaw: diversas versões dos eventos daquela noite vieram à tona ao longo dos anos, divergindo quanto aos detalhes, mas contando a mesma história, basicamente. Os autores fizeram uso da versão oferecida por Artie Shaw em uma entrevista em 2002, juntamente com o final do tiroteio como descrito no livro de 1990 de Ava Gardner, *My Story*, na página 130. Para outras versões, ver *Look*, 11 de junho de 1957, Gehman, 204–, Dwiggins, 106, Arnold Shaw, *Sinatra: The Entertainer*, Nova York: Deliah Books, 1982, 135–, Higham, *Ava*, 95–, Carpozi, 104, Flamini, 123, Kelley, 147–; (Ava não gostava dos mafiosos) ent. Spoli Mills, MacLaine, Lucky Stars, 85, Flamini, 123, 126; (queria falar de sexo) ent. Artie Shaw. Em contraste, Earl Wilson, citando a cantora Bricktop, reportou que Ava teria dito: “Era sempre demais na cama; os problemas aconteciam todos fora da cama”. A própria Bricktop não fez menção alguma a isso em suas memórias publicadas (Wilson, *Sinatra*, 114, ver também Bricktop e Haskins); (Douglas) Kirk Douglas, *The Ragman’s Son*, Nova York: Pocket, 1988, 164–.

208 desabamento da carreira em 1950: (“Daqui a um ano”) Wilson, *Sinatra*, 84–; (morte de Evans) Shaw, *Sinatra*, 132; (“separação amigável”) *LAT*, 29 de abril de 1950; (Mayer e FS) O’Brien, 47–.

208 piada: FS ent. por Zion. Sinatra fez a piada durante uma conversa sobre um machucado que Mayer sofreu quando caiu de um cavalo. Sinatra gracejou que o chefe da MGM não teria caído do cavalo, mas de Ginny Simms. Simms, cantora de uma banda, era namorada de Mayer naquela época;

209 (disse a FS para sair) Sinatra, *My Father*, 87. O filme mais recente de Sinatra na época, *On the Town*, tinha sido um sucesso, mas aquilo não era suficiente para mudar a cabeça de Mayer. O’Brien, 48; (“Ele queria ser”/“não era bom”) Kelley, 149–; (“Todas as noites”) fitas de áudio de Evans; (já não estava mais trabalhando) Friedwald, 184, 192, Granata, 72; (voz enlameada) (Chicago) *Sunday American*, 25 de setembro de 1966;

(alcançou uma nota alta/sangue) *Life*, 23 de abril de 1965, Hamill, 148–, ver também, *LAT*, 2 de maio, *Los Angeles Examiner*; 3 de maio, *Metronome*, junho de 1950.

209-210 episódio com Mario Cabré: (história central) Shaw, *Sinatra*, 136, Higham, *Ava*, 96–, Flamini, 129, Carpozi, 110–, Gardner, 136–; (telefonemas de FS) Flamini, 131; (colar) Shaw, *Sinatra*, 138–; (acusações) Flamini, 135; (“Nada!”) Wilson, *Sinatra*, 93; (“O lance da Ava”) ent. Tony Mottola.

210 separação de Nancy: (queria apenas a separação) Carpozi, 113; ver também *NYT*, 15 de fevereiro de 1950; (juiz concedeu) *NYT*, *LAT*, 29 de setembro de 1950.

210-211 FS/Ava em 1951: (“vagaroso, vagamente”) Rosemary Clooney e Barthel, 107–; (pressão da MGM) recorte avulso por Elsa Maxwell, artigo avulso por Arthur Charles, ambos MHL; (cartas de ódio) Flamini, 123, 144–; (“As pessoas não entendem”) Granata, 71; (nem uma única música) *Billboard*, 5 de janeiro de 1952; (TV/ rádio) entradas, *Where or When?*, Shaw, *Sinatra*, 144–, Friedwald, 195; (Laine et al.) Rockwell, 102, Shaw, *Sinatra*, 23.

211-212 episódio de FS com o gás: o incidente com o gás é relatado em três livros, nas memórias escritas pelas filhas de Sinatra, Nancy e Tina, e na biografia do autor escrita por Earl Wilson. Wilson cita Sacks, mas não oferece data para o episódio. Nancy data o ocorrido na metade de 1952, enquanto Tina parece localizá-lo em 1950, ou logo depois disso. Os detalhes, na versão de Tina, sugerem que tudo ocorreu durante as triunfais apresentações de Eddie Fisher em Manhattan, no começo de 1951 (Sinatra e Coplon, 22, Sinatra, *Legend*, 105, Wilson, *Sinatra*, 95; e referente à data da apresentação de Fisher em 1951 ver Eddie Fisher, *My Life, My Loves*, Nova York: Berkley, 1982, 58–, Fisher e Fisher, 42 –, *WP*, 25 de março de 1951); (sessão de gravação de *I'm a Fool to Want You*) *Billboard*, 10 de novembro de 1965, citando bem Barton, Friedwald, 190, Granata, 74–; (“numa voz entorpecida”) High Fidelity, agosto de 1971; (“Eu estou concordando”) *NYT*, 30 de maio, *LAT*, 30 de maio, 2 de junho de 1951, Carpozi, 120; (Hoboken/ “pequenas e doces fotos”) (Gardner, 150–; (Danny Wilson) O’Brien, 58; (psiquiatras/sacerdote) Shelley Winters, *Shelley*, Nova York: Ballantine, 1980, 305–; (psiquiatra para Nancy/Kroger) *Look*, 11 de junho de 1957, ent. William Kroger, 1994,

cortesia de Dick Russel, *NYT,* 7 de dezembro de 1995; (“Nós hesitamos”) Gardner, 151-; (FS em Nevada) *LAT,* 10 de agosto, *Time,* 3 de setembro de 1951; (“gritando”) ent. Ralph Denton; (“Eu tentei fugir”/“um único engano”/“Eu contei”) Gardner, 154, 138. Ver também Sciacca, *Sinatra,* 168; (“Ele estava bebendo”) ent. Brad Dexter; (bate-bocas em Tahoe) Gardner, 154–.

213 overdose de FS: *LAT*, *Los Angeles Examiner*, *New York World – Telegram*, 1º de setembro, *WP*, 2 de setembro de 1951. “Sinolo” é evidentemente um nome falso de improviso, baseado no nome do assistente de Frank, Hank Sanicola. Sanicola estava presente naquela noite; (“Eu queria socá-lo”) Gardner, 156; (“De repente, ela ficou”) *Look*, 11 de junho de 1957; (“exaustão”/rumores de um aborto) Higham, *Ava*, 110–, Wayne, 145; (executivos da MGM) Flamini, 157; (julgamento do divórcio) *Look*, 11 de junho de 1957, Kelley, 169, Higham, *Ava,* 111.

213-214 casamentos de FS & Ava: (“de uma mulher”) Gardner, 159; (“Tínhamos combinado...” e sequência) fitas de áudio de Evans.

Capítulo 16: Arruinado

215-216 Ava/FS no início de 1952: (*Bewitched*) entrada de fevereiro de 1952, *Where or When?;* (fixa residência) Shaw, *Sinatra*, 155; (dona de casa) Flamini, 154; (“No último”) ent. Janet Leigh, *There Really Was a Hollywood*, Garden City, NY: Doubleday, 1984, 153; (“Sra. Sinatra”/“Sr. Gardner”) fitas de áudio de Evans; (“Amigos notavam”) ent. Gloria Cahn Franks; (“Frank não”/“Ele tinha chegado”) fitas de áudio de Evans – a “pior” faixa era a canção *Castle Rock*, Friedwald, 76. Ver também *Look*, 11 de dezembro de 1956; (“E o pior de tudo”) Friedwald, 76.

216 declínio da carreira: (trabalhos excelentes/não refletiu) Granata, 74–, O’Brien, 265; (MCA usou espaço) Kelley, 176; (Ava abominava) fitas de áudio de Evans, John Daniell, *Ava Gardner,* Nova York: St. Martin’s, 1982, 21–, Flamini, 239–; (cerco à imprensa) *LAT,* 1º e 2 de junho de 1951, fitas de áudio de Evans; (“Isto é um relacionamento privado”/incidente no México) *WP*, 6 de agosto de 1951, *Look*, 28 de maio de 1957; (incidente em LA) ibid., *LAHE*, 7 de novembro de 1979.

216-217 “A maior parte dos meus problemas”: *American Weekly*, 20 e 27 de

julho de 1952. Frank renegou o artigo anos depois, alegando que aquilo era uma fabricação. Contudo, de acordo com o colunista Earl Wilson, a verdade era que Sinatra teria ordenado a um escritor profissional para preparar o material para ele – o qual ele aprovou antes da publicação. O escritor que contratou foi Irving Fine, ex-agente de imprensa de Jack Benny. Sinatra, *Legend,* 104, Wilson, *Sinatra,* 83–; ("estaria pronto no caso de") Shaw, *Sinatra,* 159–; (Paramount) Wilson, *Sinatra,* 99– (Paree) ibid., 101; ("Sinatra já teve") Carpozi, 136– (Boyar, com sua esposa, Jane, acabou se tornando biógrafo de Sammy Davis Jr.); ("não poderia se distribuir") Granata, 72; ("um dos homens mais maldosos") *Look,* 11 de junho de 1957; ("Dane-se ele") Granata, 76.

217 "Ele deu umas desafinadas": Kelley, 180. Essa foi provavelmente a experiência mais amarga de 1952, combinada com a memória da recepção morna que ele tivera de alguns, cinco anos antes – no Dia de Sinatra de 1947 – e que levou Sinatra à decisão de não mais se apresentar em Hoboken. Ele iria à cidade na metade dos anos 1960 para mostrar à sua filha Tina os principais pontos da cidade, mas não faria nenhuma aparição pública até 1984. *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982, Freedland, 141, Sinatra e Coplon, 109, *Jersey Journal,* 27 de julho de 1984; ("Estava parecendo a (própria) morte") *Woman's Home Companion*, maio de 1956, Taylor, 142 – que situa a conversa como tendo ocorrido na 48th Street, e Wilson, *Sinatra*, 82; ("Uma pomba") *Hollywood Citizen-News,* 24 de fevereiro de 1970; ("alguma bodega de segunda categoria") *New Choices*, dezembro de 1993/ janeiro de 1994; (fã-clubes debandando) Kelley, 176; (admiradoras) *Photoplay,* novembro de 1951.

218 problemas no casamento no final de 1952: ("Hoje é nosso sétimo") artigo avulso de Thelma McGill, c. junho de 1952, MHL; (Grimes) Cannon, 100; ("Qualquer coisa podia me provocar") Gardner, 162 –; ("gestos bonitinhos") Wilson, *Sinatra,* 104; (anel) artigo sem data de Florabel Muir, *Photoplay*, MHL, Flamini, 128; ("Eu odeio") fitas de áudio de Evans.

218 caso com Farrow?: Mia Farrow, *What Falls Away*, Nova York: Bantam: 1998, 24 –, 87, Higham, *Ava*, 126. Em suas memórias, de 1997, citando sua mãe, a atriz Maureen O'sullivan, Mia Farrow se refere ao caso como um fato que realmente ocorreu. A alegação parece contradizer um relato

na biografia de Gardner, dizendo que ela não gostava de John Farrow. Não há referência ao caso na biografia póstuma da própria Ava Gardner. Mia Farrow data o caso em 1953, o que parece ser um erro – *A Bela e o Renegado* foi filmado em 1952.

219 bate-boca em Palm Springs: (incidente) Kelley, 181–, citando entrevistas feitas por Michael Thornton, Gardner, 171–, Lana Turner, 165–; (“rumores doentios”) ibid., Morella e Epstein, 161, Higham, *Ava*, 128, Jane Ellen Wayne, *Lana: The Life & Loves of Lana Turner*, Nova York: St. Martin’s Press, 1995, 95, Sciacca, *Sinatra*, 152 –, ent. Tita Cahn; (relatório do FBI) “Summary Memo on Frank Sinatra”, 1º de março de 1955, FBI LA 100-41413.

219-220 não confiável: Gardner alegou, em uma de suas versões, que ela teria escalado uma cerca perimetral e tentado espiar através de uma janela para pegar Sinatra e Turner em flagrante. Isso não faz sentido se, como alegado, ela tivesse avistado Sinatra *fora* da casa, passeando no carro dele. Há também sérios problemas com a cronologia. Gardner disse que ela nem pensava em sair para Palm Springs até “horas depois da meia-noite”. A viagem teria levado mais de duas horas, e ela descreve Turner como “aparentando mais adorável do que nunca” e Cole como convidando Ava e a irmã e começando uma “festa”, como se essa fosse uma maneira normal de receber convidados inesperados no meio da noite. A versão de Turner, por sua vez, descreve Gardner chegando em plena luz do dia, enquanto ela e Cole estavam sentadas tomando sol na piscina. Um dia inteiro e uma noite se passaram, segundo Turner, antes da chegada dramática da polícia (tarde da) à noite. Em uma entrevista em 2003, a acompanhante de Gardner, Reenie Jordan, disse que ela também estava presente durante o episódio – uma afirmação que traz mais detalhes à confusão (versão de Gardner – Kelley, 181–, citando entrevistas feitas por Michael Thornton, Gardner, 171–; versão de Turner – *Turner*, 165–); (foi para a casa de Jimmy Van Heusen) Shaw, *Sinatra*, 165; (“no banheiro”) Wilson, *Sinatra*, 103; (mudou o número de telefone) Shaw, *Sinatra*, 165; (“perto de um colapso”) Wayne, *Ava*, 160–, Wilson, *Sinatra*, 104; (“Você sabe”) Rose, 177, ent. Milt Ebbins; (“Sinatra está aterrorizando”) Lee Israel, *Kilgallen*, Nova York: Dell, 1979, 214; (FS pediu/“ele a ama”/no Frascati’s/comício) Wilson, *Sinatra*, 104–, Shaw, *Sinatra*, 165; (visita da família) Cannon, 101; (sem trabalho/ impostos) *LAT*, 20 de setembro de 1951, *LAHE*, 16 de

janeiro de 1962, ents. Bob Neal, Peter Levinson; (“sem dinheiro”) fitas de áudio de Evans; (passagem aérea) Flamini, 179.

220-221 Mogambo: (“Você é casada?”) (*London*) *Daily Telegraph,* 18 de fevereiro de 2002; (o maior safári) Don Meredith, “The Last of the Great White Hunters”, salon.com, 19 de março de 1998, Higham, *Ava*, 129–, Flamini, 181; (África fascinava) ibid.; (se irava) Los Angeles Herald & Express, 15 de outubro de 1953, Flamini, 182; (bebida) James Spada, *Grace,* Londres: Sidwick e Jackson, 1987, 126; (Ava/Kelley eventualmente) Robert Lacey, *Grace*, Nova York: Putnam, 1994, 68; (“Ava é tão”) Kelley, 190; (“O tratava”) ent. Eva Monley; (matava o tempo) Dwiggins, 112; (“a figura”) Frank, 77.

221-222 desejo de FS pelo papel em *A um Passo...:* (agentes tentando) Segundo Sinatra, a ideia de que ele podia fazer o papel de Maggio veio dele, depois de ler o romance. Não foi bem assim, de acordo com William Morris, ex-agente de Martin Jurow. Jurow se lembrava de que ele sabia que Fred Zimmerman, diretor de *A um Passo...,* estava buscando alguém apropriado para o papel de Maggio, achava que Sinatra parecia a pessoa certa para o papel quando foi lhe pedir ajuda, e colocou seu nome na frente. A versão de 2001 de Jurow tem cobertura no capítulo 17. Para a versão de Sinatra, ver *Hollywood Citizen-News*, 16 de abril de 1953; para a versão de Jurow, ver Martin Jurow como relatou a Philip Wuntch, *Martin Jurow Seein’ Stars*, Dallas, TX: Southern Methodist University Press, 2001, 24–; (“Eu conheci centenas”) comentários de FS, turnê italiana de 1987, RAI UNO, e ver *LAT,* 20 de junho de 1958, *Hollywood Citizen-News*, 15 de abril de 1953; (“Eu posso atuar”) *Cosmopolitan*, maio de 1956; (ver Cohn) Wilson, *Sinatra,* 109–; (“Quem diabos?”) James Bacon, *Made in Hollywood*, Chicago: Contemporary Books, 1977, 124; (telegramas) Fred Zinnemann, *A Life in the Movies*, Nova York: Scribner’s, 1992, 124; (Ava intercedendo) Gardner, 177–, Wilson, *Sinatra,* 110, ents. Nick Sevano, Peggy Maley; (convocado para o teste) Zinnemann, 124, Flamini, 185–.

222 gravidez/aborto de Ava: (No momento que ele partiu) Wayne, *Ava*, 160, Flamini, 180; (falado a qualquer um) artigo avulso. Por Arthur Charles, c. 1950-51, artigo avulso, por Marsha Saunders, e artigo sem data da *Motion Picture* por Linda Post, MHL, *Photoplay,* junho de 1951; (“Enfim eu descobri”) artigo sem data da *Motion Picture* por Charles Samuels, MHL; (“uma dúzia”) *Woman’s Home Companion*, junho de 1956; (“Eu não podia

continuar") fitas de áudio de Evans, *Gardner*, 184; ("Ava odiava Frank") Higham, *Ava*, 134; (Ford/viajou) ibid., ent. Spoli Mills, Kelley, 195–, George Carpozi, *Poison Pen*, Fort Lee, NJ: Barricade Books, 1991, 218.

223 "comer alface": *Look*, 10 de fevereiro de 1952. Randy Taraborrelli afirmou em seu livro sobre Sinatra que Attwood entrevistou Gardner não no Savoy, mas na "clínica de aborto" – e que ele era partidário da desculpa de "disenteria". Os autores não viram evidências para tais asserções (Taraborrelli, 153); ("Toda minha vida") Higham, *Ava*, 133–.

223 Natal de 1952: (seis outros atores) *LAT*, 20 de junho de 1958; (bate-boca) Higham, *Ava*, 135, M/G ent. de Nick Sevano; (lamentável/Natal) Meredith, salon.com, Flamini, 187–, Higham, *Ava*, 135, Bobby Lamb ent., rádio RTE, setembro de 2002; (pele de marta/anel) Sinatra, *Legend*, 107, Flamini, 188, Wayne, *Ava*, 166; (FS prometeu) ent. Milt Ebbins – ver também Johnatan Van Meter, 107–; (Ava não se impressionou) Wayne, *Ava*, 166, Flamini, 188 (noite memorável/"Ela estava bebendo") ent. Eva Monley; ("Ele e Ava") ent. Lee Harragin.

223-224 segunda gravidez: ("Eu engravidei"/aborto) Gardner, 186–. A data e local precisos deste aborto são nebulosos. Entrevistada para suas memórias, Gardner disse que o segundo procedimento, como o primeiro, foi feito em uma clínica no subúrbio de Londres. Conta-se que Bunny Allen, líder do Safari, teria mencionado tanto Londres quanto Paris como local do aborto. Gardner estaria brevemente em Paris com Sinatra no começo de 1953, e embora ela tenha situado o segundo aborto em Londres, disse que o cantor estivera presente. Ela teria acordado do procedimento e encontrado Sinatra sentado ao lado da cama, em lágrimas.

Informação disponível indica que o primeiro aborto aconteceu no final de novembro de 1952, depois da partida de Gardner para Londres no dia 22 daquele mês. (Sinatra tinha deixado a África no dia 14, a caminho de seu teste para *A Um Passo da Eternidade).*

O segundo aborto provavelmente ocorreu depois de Sinatra ter deixado Boston – os shows dele lá começaram em 20 de janeiro de 1953 – e provavelmente no começo de fevereiro, quando Gardner ficou livre do trabalho de locação na África.

Assumindo que o primeiro aborto tenha se dado por volta de 22 de novembro, opinião médica sugere que o encontro sexual que teria resultado na segunda gravidez teria ocorrido logo no começo de dezembro (aborto em

Londres/FS presente – Gardner, 196; Allen em Londres e Paris – *Bunny Allen: A Gypsy in Africa*, documentário para a TV, produzido por Mark Macauley e Peter Hort para a LVP International, Londres, ent. Adrian Blomfield, ver também Kelley, 196; 22 de novembro/uma semana após a partida de Frank – em Flamini, 187, Dwiggins, 112; Kelley, 196; referente a 14-22 de novembro – Dwiggins, 112, Flamini, 187; FS em Boston – entrada de 20 de janeiro, *Where or When?;* Ava ficou livre – Flamini, 189; conselho médico sobre encontros – ent. Theresa Swan); (continuou falando) Los Angeles Herald & Express, 15 de outubro de 1953; ("A gravidez aterrorizou") Rooney, I.E., 142; ("achava que teria sido") ent. Spoli Mills e ver ent. Mearene Jordan.

225-226 caso com Bunny Allen: (FS preocupado) ent. Sonny King; (Gable/Kelly) Spada, 63–, Flamini, 184, Lacey, 126–, ents. Lee Harragin, Mark Macauley, fitas de áudio de Evans, Gardner, 103; ("nos dávamos bem") fitas de áudio de Evans; (contrarregra) ent. Eva Monley; (histórico de Allen) Meredith, salon.com, *LAT*, 4 de março de 2002, (*London*) *Daily Telegraph*, 14 e 18 de fevereiro de 2002, (*London*) *Daily Mail*, 14 de fevereiro e 2 de maio de 2002; (cuidou de todos os aspectos) Flamini, 181; Higham, *Ava*, 131; (rinocerontes atropelados) ibid., 132, Wayne, *Ava*, 166; ("o tipo de homem", *LAT*, 4 de março de 2002. Ver também Higham, *Ava*, 131; ("uma garota adorável") ent. *Bunny Allen: A Gypsy in Africa*; ("Ela estava andando por aí") ent. Eva Monley; ("Era de comum conhecimento") ent. Lee Harragin.

226 "Bunny não sabia": ent. Adrian Bloomfield, e também ent. Mark Macauley. Se Ava fez sexo com outro homem não muito antes de deixar a África – seja com John Farrow, diretor de *A Bela e o Renegado*, ou com um homem desconhecido que, de acordo com um relato, teria feito sexo com ela na noite do furor de outubro em Palm Springs – ela pode ter até tido dúvidas sobre quem seria o pai da criança envolvida em sua primeira gravidez.

226 decisão e filmagem de *A Um Passo*: (ainda não sabia) *Hollywood Citizen-News*, 16 de abril de 1953; (Adler) Sciacca, *Sinatra*, 157.

226 "O teste foi bom": ent. Daniel Taradash, M/G ent. de Daniel Taradash, Zinnemann, 124. Eli Wallach disse que ele foi firmemente selecionado para o papel, que aquele papel só apareceu como oportunidade para Sinatra depois de Wallach fugir da raia – ao receber a oferta de um papel

em uma peça de Tennessee Williams. “Aquilo pavimentou o caminho para Sinatra”, contou Lee Solters, publicitário de Sinatra, aos autores. Cohn, a princípio, foi contra a ideia de colocar Sinatra, segundo a assistente de Ava Gardner, Reenie Jordan, dizendo: “Eu não tenho dinheiro para investir nesse cara. Ele é um perdedor” (versão de Wallach – Larry King e Peter Occhiogrosso, *Tell Me More*, Nova York: Putnam, 1990, 147–; outras versões, ents. Lee Solters, Mearene Jordan).

227 “Ele disse, ‘Pearl’”: Levinson, *September*, 111. Sinatra também foi citado como tendo dito que soube que havia conseguido o papel em Londres e – outra variação da história – Montreal. Boston parece ser mais provável (referente a Boston – entradas de janeiro, *Where or When?*, *LAT*, 20 de junho de 1958; Londres – *Hollywood Citizen-News*; Montreal – Sinatra, *My Father*, 96); (FS/Clift) Patricia Bosworth, *Montgomerry Clift*, Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1978, 224–, 232, Robert LaGuardia, *Monty*, Nova York: Avon, 1977, 110; (colocava FS na cama) Sinatra, *My Father*, p. 97–; (“Nós ficávamos”) Bosworth, 226; (perturbando/ligação/ainda dizia) ibid., 224, LaGuardia, 113.

227-228 colapso do casamento: (saiu correndo para a Europa) Kelley, 201; (turnê desastrosa) *Hollywood Citizen-News*, 8 e 16 de maio, *LAT*, 17 e 19 de maio de 1953; (Milão/Roma) Flamini, 193, ent. Abbe Lane; (Escandinávia, etc.) entradas de maio-junho de 1953, *Where or When?; (*“Eu me lembro exatamente”) Gardner, 191; (“mais do que qualquer coisa*”) Los Angeles Herald & Express*, 15 de outubro de 1953; (“exausto”) *LAT*, 30 de outubro, *Hollywood Citizen-News*, (LA) *Daily News*, 29 de outubro de 1953, Shaw, *Sinatra*, 178; (corte dos pulsos) *Time*, 29 de agosto de 1955, *Look*, 14 de maio de 1957, Kelley, 207, Wilson, *Sinatra*, 95; (“pequenos cortes”) Fisher, *Been There*, 160, 29 de novembro de 1953, entrada *Where or When*?; (psiquiatra de Ava/prova de amor) Kupicinet e Neimark, 214–; (psiquiatra de FS) ent. Hildi Greenson – viúva do Dr. Ralph Greenson, Wilson, *Sinatra*, 120; (118 libras) Flamini, 201; (perder cabelo) *Woman’s Home Companion*, junho de 1956, Higham, *Ava*, 92; (“Eu estava arruinado”) FS ent. por Zion.

Capítulo 17: Uma ajuda dos rapazes

229-230 Oscar por *A Um Passo*: (Críticos) O'Brien, 65–, Frank, 92; ("Agora eu sou uma estrela") Taylor, 173; ("Embora o Sr. S.") Jacobs e Stadiem, 58; (noite do Oscar) coluna sem data de Hedda Hopper, *MHL*, Wilson, *Sinatra*, 117; ("a maior mudança") Parsons, 156; ("É engraçado") *Motion Picture*, agosto de 1955; ("É isso") ent. Hildi Greenson; (se sentia seguro) *Motion Picture*, agosto de 1955.

230 Progresso no setor musical: (Capitol) *Granata*, 81; ("Você alguma vez já viu") *Billboard*, 20 de novembro de 1965, citando *Metronome*, novembro de 1953.

230-231 FS e a conexão com a máfia: (Lanza) Chappel para White, 27 de novembro de 1956, Box 4, File 13, Harry Anslinger Papers, Strait e Robinson, 145–; (nenhuma apresentação em clubes noturnos) *Where or When?*, corr. Ric Ross – não cinco anos, como em Kelley, 146; (Shamrock) 28 de janeiro – 10 de fevereiro de 1950, entrada para *Where or When?*; (Smiley) ent. Luellen Smiley, Peterson, *The Mob*, 387–, *LAT*, 28 de abril de 1951; (Miller/madrinha) *Newsday*, 17 de abril de 1991; ("Ele estava sempre pedindo favores") Kelley, 194; (Moretti/Fischetti na estreia) ibid., 146; (Chez Paree) ibid., 157, *Where or When*?, ver também Taylor, 41, Kupicinet com Neinmark, 150; (Steel Pier) entradas de *Where or When?*, 4 de setembro de 1950 –, agosto de 1953.

231-232 500 *Club*/D'Amato: (voltou a cantar) Van Meter, 106 – referente à temporada de 51, múltiplas entradas de *Where or When*?; (histórico de D'Amato/Luciano) Van Meter, 46–, 59–; (único proprietário) ibid., 179–; (Reginelli) Ovid Demaris, *The Boardwalk Jungle*, Toronto: Bantam, 1986, 32–; (Bruno) ibid. e Van Meter, 77 – mas referente ao nome do filho, ver também Van Meter, 173; (FS/ D'Amato) ibid., 103–, 200, 278–, 107, 167; ("Sinatra estava para baixo") *Philadelphia*, setembro de 1983.

232 Máfia providenciou trabalho: ("Antes de ele ter") Vincent Teresa e Thomas Renner, *Vinnie Teresa's Mafia*, Garden City, NY: Doubleday, 1975, 125; (trabalho em Boston) entradas de *Where or When?*, janeiro de 1953; (Palladino) Teresa e Renner, 370, 390, *Boston Globe*, sem data, 1943; (Desert Inn) entradas de 13 de setembro de 1951 e 1952 para *Where or When?;* ("Naquele tempo") ent. Sonny King; (ligação de D'Amato) Van Meter, 107; (histórico de Dalitz) recorte sem data, "The Double Life of Moe Dalitz", *Las Vegas Review-Journal*, Roemer, 141–, Earley, 46; (Dalitz/Luciano) Peterson, *The Mob*, 159, 229, 247; (relatório da equipe

de inteligência) Peter Noyes, *Legacy of Doubt*, Nova York: Pinnacle, 1973, 242.

232 a Máfia e o divórcio de FS: (Cohen/mafioso menor/“ir para casa”) O associado de Cohen que estaria provocando ciúmes em Sinatra era Johnny Stompanato, o futuro amante de Lana Turner, que foi esfaqueado até a morte em 1958 pela filha adolescente de Turner. Segundo um dos biografistas de Ava Gardner, esta atriz teria namorado Stompanato em 1948 (Cohen, 84, Crane e Jahr, 33, Wayne, *Ava*, 96);

233 (“Quando Sinatra”) “*Summary Memorandum*”, 29 de setembro de 1950, FSFBI.

233 telegrama: a assinatura completa era “WILLIE MOORE”, uma anglicização de Moretti, um dos vários nomes usados pelo gângster. A primeira referência ao telegrama localizada pelos autores aparece em *The Green Felt Jungle*, o livro inovador de 1962 sobre Las Vegas, escrito pelo vencedor do Pulitzer Ed Reid. Reid relata que o telegrama estava no arquivo do U.S. Bureau of Narcotics, e tinha sido enviado “quando o cantor decidiu se divorciar de sua esposa Nancy”. Outros escritores, incluindo Nicholas Gage, fizeram referência ao telegrama neste mesmo contexto. Isso o situaria em 1950. Uma pesquisa nos arquivos disponíveis do Bureau of Narcotics não teve sucesso em encontrar este telegrama. Contudo, William Gallinaro, um ex-policial de Nova York que se tornou investigador para o Senate Subcomittee on Investigations, contou aos autores que ele se lembrava de ter visto o telegrama através de um colega agente (Reid e Demaris, 33; Gage, 91); (“A integridade”) Sterling, 72; (“mostrava uma falta”) Katz, 220, ver também Sinatra e Coplon, 74, Nathan Glazer e Daniel Moynihan, *Beyond the Melting Pot*, Cambridge, MA: MIT Press, 1971, 197.

233 “Luciano estava tentado”: o relatório do Bureau of Narcotics em questão se refere a Luciano tendo encontrado Sinatra em abril de 1953, mas quase certamente o encontrou em maio – quando Sinatra se apresentou em Nápoles (Siragusa para Anslinger, 5 de janeiro de 1954, LLBN).

233-234 morte de Moretti/ “Por causa das conexões de meu pai”: ent. Luellen Smiley. Moretti foi assassinado em outubro de 1951.

234-235 Controvérsia sobre conseguir o papel em *Eternity*: (Fontane) Mario Puzo, *The Godfather*, Londres: Pan, 1970, 8–, 41–, 38, 35, 37–; (Woltz) ibid., 60, 55, 35–, 68; (parentesco de Cohn) entrada de Cohn,

International Directory of Films and Filmmakers, vol. 4, Londres: St. James Press, 1996; (jukebox) Bernard Dick, *The Merchant Prince of Poverty Row: Harry Cohn of Columbia Pictures*, Lexington, KY: University Press of Kentucky, 1993, 20–, Bob Thomas, *King Cohn*, Beverly Hills, CA: New Millennium, 2000, 20–; (déspota) Dick, 13, Zinnemann, 117; (apetite sexual) Thomas, 61 –; (corrida de cavalos/apostador/Omar Kiam) ibid., 58–, Wilson, *Show Business*, 199; (se opôs a incluir FS no elenco) *LAHE*, 14 de março de 1976; ("Que coisa dissimulada!") *New York Daily News*, 24 de janeiro de 1978, ver também *TV Guide*, 16 de abril de 1977, e *Hour*, CBS TV, sem data, 1985.

235 pressão da Máfia/*A Um Passo*: ("Hey, consegui aquele papel") Jacobs e Stadiem, 102, ent. George Jacobs; (admitiu para Dexter) ent. Brad Dexter.

235-236 assim como Ava: Gardner estava envolvida pelo menos porque, como relatado no capítulo anterior, ela própria tinha pedido a Cohn para dar a Frank o papel em *A Um Passo da Eternidade*. "Pelo amor de Deus, Harry", ela se lembrava de ter dito, "farei um filme de graça, se você fizer pelo menos o teste com ele" (Gardner, 178–, Dick, 183); (Jurow) ents. Erin Jo Jurow, Philip Wuntch, o que Jurow contou a Wuntch, 24–; (Wood "conectado") Rose, 91–; (Wood/Costello/ Lansky) ibid., 92–, 180, 190, Katz, 140; (poder de Alo) *Miami Herald*, 20 de dezembro de 1965, Sifakis, 6, "*Correlation Summary*", 28 de julho de 1965, FBI 92-2815-355; (Alo conhecia FS & família) ents. Carole Russo, Hector Saldana. Ver também capítulo 2, p. 10, e capítulo 3, p. 21; ("seu melhor amigo") ent. Kenneth Roberts; (íntimo de Giné) ents. Carole Russo, Kenneth Roberts, Peter Levinson; (Giné, o agente) corr. Ric Ross, *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (Alo/William Morris) Messick, *Show Business*, 185, 234; (Alo/Wood) ents. Carole Russo, Erin Jo Jurow, o que Jurow disse a Wuntch, 29, Rose, 190–; (Alo/Cohn) o que Jurow disse a Wuntch, 30, ent. Carole Russo.

236-237 Joan Cohn reconheceu/"dois cavalheiros"/cabeça de cavalo?: ent. Peter Evans. O roteirista de *A Um Passo*, Dan Taradash, contudo disse que ele não sabia de nada sobre o envolvimento com a Máfia; e que ele provavelmente nunca teria sido comunicado. Ele e a viúva de Cohn recusaram o elemento da "cabeça de cavalo na cama" presente no romance *O Poderoso Chefão*, dizendo que seria uma ficção. O mesmo fizeram o ex-assistente de Cohn Jonie Taps e também Abe Lastvogel da William

Morris Agency. O novelista Mario Puzo provavelmente sabia, devido à pesquisa que fez, que entregar cadáveres de animais é algo recorrente em histórias da Máfia na Sicília. A entrega de um animal sinalizava que o destinatário estava sob ameaça e a gravidade da ameaça era indicada pelo tamanho do animal entregue. Puzo provavelmente viu o drama envolvido nisso e fez da cena do cavalo na cama o clímax de um episódio sobre o qual ele conhecia as linhas gerais de fontes verídicas (ent. Dan Taradash; Joan Cohn, Lastvogel, negações de Taps – ent. Peter Evans, Kelley, 194, *LAHE*, 14 de março de 1976; entrega de cadáveres – Henner Hess, *Mafia & Mafiosi*, Nova York: New York University Press, 1996, 114, Sifakis, 159); (“ele é que tinha conseguido”) Katz, 250. Costello estava na prisão, por desobediência ao Senado dos EUA durante as audiências do *Kefauver Committee*, entre agosto de 1952 e o fim de outubro de 1953. O mafioso, entretanto, não ficou apartado do mundo durante aquele período (Katz, 195, Wolf e DiMona, 241–); (Luciano tinha autorizado) Charles Rappeleye e Ed Becker, *All American Mafioso*, Nova York: Doubleday, 1991, 69; (histórico de Rosselli) Rappeleye e Becker, 58–, 130; (“era quem”) ibid., 133; (“Dê o papel a Frank”) Richard Mahoney, *Sons & Brothers*, Nova York: Arcade, 199, 63, 388, n. 54.

237 FS & a Máfia a partir de novembro de 1953: (Shenker/agentes) Kelley, 207; (histórico de Shenker) *Life*, 29 de maio de 1970, *Sacramento Bee*, 8 de março de 1977, *Las Vegas Sun*, 17 de junho de 1985, *Las Vegas Review-Journal*, 18 de fevereiro de 1989; (“Quando Frank comia”) *New York Journal-American*, 25 de fevereiro de 1956;

238 (FS parceiro do Sands) Sinatra, *My Father*, 109, Pignone, 101, depoimento de FS, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fevereiro de 1981; (embargo do IRS) *LAT*, 20 de agosto de 1953, *Nevada State Journal*, 31 de outubro de 1953, *LAHE*, 16 de janeiro de 1962, Carpozi, *Sinatra*, 148 –.

238 pagou apenas dez mil dólares: o cachê de Sinatra por *Eternity* é comumente considerado de 8 mil dólares. Os autores acataram o valor de 10 mil dólares declarado pelo ex-agente da William Morris, Martin Jurow, que estava envolvido na negociação (O’Brien, 63, o que Jurow disse a Wuntch, 30); (“até que ele tivesse quitado”) *LAT*, 20 de agosto de 1953; (FS conseguiu sua licença) *Nevada State Journal*, 10 de fevereiro de 1954; (pagando gradualmente o débito) ibid., (Reno, NV) *Evening Gazette*, 19 de agosto de 1953, *LAHE*, 19 de junho de 1972.

238 Costello/Alo/Sands: Sifakis, 182, Rose, 189, ent. Ed Walters. O proprietário principal do estabelecimento era Jake Friedman, um apostador do Texas, mas fontes estão de acordo que mafiosos de grande renome compartilhavam a propriedade com ele (Rose, 189, James Bacon, *Hollywood is a Four-Letter Town*, Nova York: Avon, 1976, 185, *LAHE*, 19 de junho de 1972); (Alo monitorando) Robert Lacey, *Little Man*, Boston: Little, Brown, 1991, 293–, John Tuohy, "The Sands", agosto de 2001, *americanmafia.com*; (histórico de Entratter) Sifakis, 107, Reid e Demaris, 92, Sinatra, *Legend*, 52, 114, Fisher e Fisher, 30, "*Sands Hotel*", 21 de janeiro de 1963, FBI 92-6314-2, 35–.

238-239 FS brincando: Ovid Demaris, *The Last Mafioso*, Nova York: Times Books, 1981, 63, 325. O servente, suspeito de assassinato, era Benedicto Macri, leal a Luciano, Albert Anastasia (Peterson, *The Mob*, 312, Sifakis, 12, Cook, 317, Max Block e Ron Kenner, *Max the Butcher*, Secaucus, NJ: Lyle Stuart, 1982, 169); (outubro no Sands) *Where or When?*, Sinatra, *Legend*, 113; (em estilo) Wilson, *Sinatra*, 138 –; (casa em Vegas) Sinatra, *Legend*, 113; ("*King*") Wilson, *Sinatra*, 138.

239 Natureza da relação FS/Máfia: (*Kefauver*/Nellis se lembrava) ents. Joe Nellis, M/G ent. De Joe Nellis; ("Eu sempre senti") M/G ent. De Eddie Jaffe;

240-241 ("Sinatra é um cara paradoxal") Ezra Goodman, *The Fifty Year Decline and Fall of Hollywood*, Nova York: MacFadyen, 1962, 240; ("Eu me lembro") Fisher e Fisher, 277–; (Irmãos Rico) Peter Viertel, *Dangerous Friends*, Nova York: Doubleday, 1992, 135; (FS contou a Coppola) *Playboy*, julho de 1975; (*The Godfather III*) O'Brien, 209; ("As portas duplas") Levinson, *September*, 136–; ("Se alguém" Davis, Boyar, e Boyar, 111, ent. Tita Cahn, *People*, 1º de junho de 1998; ("Às vezes, eu queria que") Kelley, 439; ("Eu podia ter feito ele ir para") Wilson, *Sinatra*, 6; ("Quando ele me disse") MacLaine, 71; ("Eu não acho que") *Las Vegas Review-Journal*, 9 de dezembro de 1998; ("Sicilianos eram lutadores orgulhosos") Wilson, *Sinatra*, 17; ("Sinatra queria") Shaw, *Sinatra*, 289; ("Se eles permaneciam") *Esquire*, abril de 1966; ("obviamente") Puzo, *Godfather Papers*, 187; ("Estes são os caras"/evidências factuais) *LAT Calendar*, 26 de julho de 1992; ("Os Rapazes") ent. John Smith; (relatórios 1951-54) "*Correlation Summary*", 8 de junho de 1964, FSFBI, Siragusa para Anslinger, 5 de janeiro de 1954, e "ent. Of George Evans"

por Charles Siragusa, 12 de abril de 1948, *LLBN*; (“Era uma relação simbiótica”) ent. John Smith;

242 (“Tem uma coisa que”/ “Noites de domingo”) Tosches, 206, 152–; (“Diga ao bastardinho”) Lewis e Cluck, 156–;

243 (“Jerry ficava nervoso”) Block e Renner, 129; (episódio de Lanza) Chappel para White, 27 de novembro de 1956, Box 4, File 13, Harry Anslinger Papers, Strait e Robinson, 145–, 155–, 162–; (Lucchese/Luciano) Peterson, *The Mob*, 296, Hendrik de leeuw, *Underworld Story*, Londres: Neville & Spearman Ltd., 1955, 50; (Lucchese e FS) Gage, *Mafia*, 89, *“Frank Sinatra” memo*, 10 de fevereiro de 1961, FSFBI, depoimento de Sinatra, *Select Committee on Crime, U.S. House of Representatives, 92nd Cong., 2nd sess.*, 1973.

243 pista de corrida: ibid. A pista de corrida era a *Berkshire Downs*, próximo a Springfield, Massachusetts. O envolvimento de Sinatra com a pista foi investigado pelo *House Select Committee on Crime*, em 1972 (*LAT*, 19 de julho de 1972); (enfureceu chefes da Máfia) Teresa e Renner, 125; (picuinha com Bruno) ent. Jean Bruno; (“Eu disse a ele”) Hamill, 146;

244 (“Ele estava sempre”) *Miami Herald*, 8 de abril de 2001.

Capítulo 18: Um triunfo do talento

245-246 Reestabelecimento da carreira: (no final da gravação de *Eternity)* Goldmine, 3 de maio de 1991; (Capitol) Granata, 82; (quatro canções/duas não lançadas) Rednour, 239, 259, Scott Sayers e Ed O’Brien, 260, 264, Tom Rednour, *Songs by Sinatra*, Beacon, NY: Wordcrafters, 1998, 109; (pesquisa de opinião/revistas de música) Shaw, *Sinatra*, 192, *Billboard*, 20 de novembro de 1965, John Howlett, *Frank Sinatra*, Nova York: Wallaby Books, 1979, 76; (convites para filmes) *Time*, 20 de agosto de 1955; (“Eu nunca tive um fim!”) *LAT*, 12 de dezembro de 1965; (“submisso”) Friedwald, 207.

246 Capitol: (Livingston/Dexter) ibid., 206–, *Goldmine*, 3 de maio de 1991; (contrato) *Esquire*, dezembro de 1987, *Rolling Stone*, 24 de janeiro de 1991, Friedwald, 207, Clooney e Barthel, 136; (“Devia ter”) Granata, 82, Friedwald, 207.

246-247 A América dos anos 1950 e FS: (“a Siesta de Eisenhower”) Manchester,

772, 776; (Monroe) Anthony Summers, *Goddess: The Secret Lives of Marilyn Monroe*, Nova York: Macmillan, 1985, 59; (“adorável sobrevivente”/“Nos anos cinquenta”) artigo sem data escrito por Barbara Grizzuti Harrison, *Los Angeles Tattler*; (“tinha feito”) *Playboy*, abril de 1998; (tempo “em que um vocalista”) *M Inc.*, fevereiro de 1991.

248-249 Nelson Riddle: (“Maestro”) Jacobs e Stadiem, 124; (da casa) Granata, 85; (dentes) Levinson, *September*, 64, Friedwald, 212; (Bob Crosby et al.) ibid., 213–; (obscura) ibid., 29, 208, 216; (“Faça um favor a si mesmo”/Stordahl) ibid., 207–, ver também memórias de Vern Yocum, gravadas em fita, fornecidas aos autores por Vernise Yocum Pelzel; (“apenas conduzindo”) ibid., 217; (“Jesus Cristo!”) Levinson, *September*, 113; (muita coisa em comum) ibid., 17, 140, 217, 13, Friedwald, 254–; (clássicos) Hamill, 165, Levinson, *September*, 28, 26; (Dorsey) ibid., 46–; (“Eu os observei”) Granata, 96–. (FS rejeitou) Douglas-Home, 34; (“um perfeccionista”) Shaw, *Sinatra*, 174, e memórias de Vern Yocum, gravadas em fita; (“Ele tinha ideias muito definidas”) Douglas-Home, 34; (“tomava nota”/a noite toda) Friedwald, 29, 254, Levinson, *September*, 136; (repetições sem fim) ibid., *Billboard*, 20 de novembro de 1965; (“Se eu não estivesse”) Kelley, 211; (“Aquele homem gentil”) corr. Charles Higham, 18 de setembro de 2003;

250 (“Não há ninguém”) Shaw, *Sinatra*, 173–; (“o maior”) Douglas-Home, 35; (“o melhor”) Levinson, *Trumpet Blues*, 252; (“com a maior”) Frank Sinatra Jr. *As I Remember It*.

250-251- FS e os álbuns dos anos 1950: (nove álbuns) corr. Tom Rednour.

252 A lista de nove álbuns não inclui quatros álbuns de compilações, dois de trilha sonora de filmes – para *Meus Dois Carinhos* e *Can-Can* – e nem os quatro álbuns de Riddle lançados depois de 1963, quando Sinatra não estava mais na Capitol. Também não inclui *Songs for Young Lovers*, que foi um coquetel de orquestrações feitas por Riddle e George Siravo – Riddle conduziu (Tom Rednour – para mais detalhes ver Rednour, 234–, 249–, Friedwald, 205; a combinação Siravo-Riddle – Friedwald, 220–); (“Primeiro, eu decido”/“Tommy Dorsey fazia isso”) Douglas-Home, 36–; (“sabia agora tirar o melhor”) Friedwald, 30–; (equipamento da Capitol) Granata, 23; (“lúcidas”) Hanna, 48; (“A atmosfera comum”) *Music*, Spring 1955; (“o momento em que”) *Stereo Review*, novembro de 1971; (“Eu mudei de gravadoras”) FS ent. No especial da *CBS News*; (chapéus)

ents. Peggy Connelly, Bob Neal, Zehme, 115–; (“o barômetro”) Douglas-Home, 18.

252-253- calvice: Calvice era comum na família, e perda de cabelo era

254 evidente em Sinatra desde a metade dos anos 1940 (ent. Frank Monaco, Kahn, 37); (“borrifar tinta de cabeça”) Jacobs e Stadiem, 56; (adereços de cabeça) Goodman, 239, Kelley, 131, *Woman’s Home Companion*, junho de 1956, *Look*, 14 de maio de 1957; (“romântica”/“Mesmo aos nove anos de idade”) Frank Sinatra Jr., *As I Remember It*; (“Eu não ligava”) Levinson, *September*, 118. Ver também Lees, 100; (“até tarde da noite”) Taraborrelli, 175. Ver também ibid., 160, LaGuardia, 113; (Frankie) Frank Sinatra Jr., *As I Remember It*; (“cara”/“gato”) ex., “Makin’ Whoopee”, em *Songs for Swingin’ Lovers*, Capitol Records, 1956, relançados em CD em 1998, letras originais de “Makin’ Whoopee”, *The Sinatra Songbook*, www.vex.net; (“darling” /“baby”) *Night and Day* em *A Swiging Affair*, Capitol Records, 1957, lançado em CD, 1998, *Night and Day*, *The Sinatra Songbook*; (“Não cante isso”) William McBrien, *Cole Porter*, Nova York: Random House, 1998, 151. Ver também George Eells, *The Life That Late He Led*, Nova York: Putnam’s, 1967, 127; (estudava as letras) Douglas-Home, 34; (“Eu sempre”) Granata, 98; (“Ele podia praticamente”) Levinson, *September*, 118; (A interpretação pessoal de Frank) *WP*, 16 de maio de 1998; (ballet/peça de teatro) ed. Mustazza, *Popular Culture*, 194; (“Música para mim”) Douglas-Home, 35; (“aponta tudo”) Granata, 11; (“lamurioso”) *Playboy*, abril de 1998, ver também *New Yorker*, 25 de maio de 1998, Charles Taylor, “Songs for Swingin’ Lovers”, www.salon.com; (“iam além”) ibid., (“escuridão”) *Rolling Stone*, 24 de janeiro de 1991; (“Ele pode dizer”) Dwiggins, 140; (“Era Ava”) Kelley, 209.

Capítulo 19: O coração solitário

255-256- FS e Ava, dezembro de 1953-54: (“arriscam”) Mark Twain,

257 *Notebook*, 1906, vitado em www.twainquotes.com; (ficarem juntos/ “Frank me ligava”) Gardner, 193; (“Isso vai ser uma zona”/Natal de 1953) Hanna, 44–, Shaw, *Sinatra*, 182, Dwiggins, 114; (noite de Ano-Novo) Hanna, 48; (“estava meio sentada”) Bricktop e Haskins, 269; (“tentando consertar”) Shaw, *Sinatra*, 182; (“não tinha chance”) Hanna, 49; (Dominguín)

Higham, *Ava*, 145, Flamini, 196. Ver também Abbe Lane; (“Diga a ele”) Flamini, 204; (“muito masoquista”) Jacobs e Stadiem, 61; (Bacall/bolo) Lauren Bacall, *Lauren Bacall: By Myself*, Londres: Johnathan Cape, 1979, 215, 1979, 215; (“Ele ligava”) ent. Mearene Jordan; (FS convidou) ent. George Jacobs, Jacobs e Stadiem, 62–; (apartamento) ibid., 30; (“Havia fotos dela”/O mesmo acontecia na casa em Palm Springs”) ibid., 46, 64; (Styne se mudasse) Taylor, 174; (“Eu chego em casa”/lágrimas de FS/fotografia) Sciacca, *Sinatra*, 170–. *Look*, 11 de junho de 1957, Shaw, *Sinatra*,186–; (“Frank estava sentado”) Lazar e Tapert, 154, 149; (estátua) Hanna, 44, Shaw, *Sinatra*, 182, Kelley, 527; (“Você é a única”) *Look*, 11 de junho de 1957;

258 (“Pai, todo nosso amor”) Sinatra, *Legend*, 114, Davidson, 42–; (camisas/Ela esperava) Sinatra e Coplon, 46, 34; (“Sr. S. parecia”) Jacobs e Stadiem, 48; (Frank disse a Jacobs) ibid., 202; (disse à sua filha mais velha) Sinatra, *Legend*, 94; (vagava pelas ruas) *LAT*, 16 de maio de 1998; (“Frank subiu pela rua”) Kelly, 217.

258 FS e as mulheres 1954-59: (“manteria”) Sinatra e Coplon, 160; (“A Lei de Sinatra”) *Look*, 28 de maio de 1957.

258-259 Jacobs: ninguém seria mais apropriado do que Jacobs para falar do trânsito de entrada e saída no quarto de Sinatra, durante os anos 1950 e 1960. Os autores o entrevistaram antes e depois de ele encontrar um editor para suas memórias, e ficou claro que ele tinha grande afeição por seu antigo patrão. (ents. George Jacobs, 1983, 2001-04); (“o Casanova”) Jacobs e Stadiem, 67–; (“Foi uma época de pesadelo” Kelley, 215; (“uma bela estrelinha”) Jacobs e Stadiem, 54–.

259 FS e Dinah Shore: Jacobs e Stadiem, 67. Shore e Sinatra cantaram juntos pela primeira vez em 1937, no rádio e, depois, na TV, nos anos 1950 e 1960. Também apareceram juntos nos anos 1970, mas aí teriam brigado por causa do tratamento dado por Shore ao presidente Spiro Agnew – um amigo de Sinatra – no show dela. Eles se apresentaram juntos novamente, contudo, em 1993 (cantaram em 1937 – Dwiggins, 12, Bruce Cassidy, *Dinah!* Nova York: Franklin Watts, 1979, 27; nos anos 1970 – *Where or When?*, *Hollywood Citizen-News*, 14 de julho de 1970; briga – ent. Jean Bach, Kelley, 438, ver também McCall’s, maio de 1973; 1993 – Ridsway, pt. 2, 284, *Where or When?*).

259 FS e Grace Kelly: (envolvida) Steven Englund, *Grace of Monaco*, Nova

York: Doubleday, 1984, 122; (amizade duradoura) fitas de áudio de Evans; (concordou em encontrá-lo) Englund, 122; (FS bebeu) Taraborrelli, 191.

259 "Ele não tinha atração": *GQ*, novembro de 1999. Kelly e Sinatra, contudo, permaneceram bons amigos depois de ela se tornar a Princesa Grace de Mônaco. Sinatra frequentemente visitava Mônaco e cantava no Red Cross Ball do principado. George Jacobs suspeitava que ele e a princesa tivessem tido uma aventura sexual durante a visita em 1962. Pouco antes de sua morte, Kelly e Ranier celebraram seu vigésimo quinto aniversário de casamento, juntamente com Sinatra, em Palm Springs (amigos de longa data – Lacey, *Grace*, 363, Sinatra, *My Father*, 112; Red Cross Ball – ed. Vare, 158, Bacon, *Four-Letter Town*, 259, Douglas-Home, 49; aventura sexual? – Jacobs e Stadiem, 195; aniversário – *LAT*, 20 de abril de 1981).

259 Ava e FS em 1954: (discos) Flamini, 203; (cruz) Higham, *Ava*, 144; (Dominguín) Gardner, 201–, Higham, *Ava*, 145–, 148; (divórcio) Higham, *Ava*, 149; Flamini, 212, Shaw, *Sinatra*,188; (foto no espelho) Shaw, *Sinatra*,189.

260-261 FS e Gloria Vanderbilt: ("buscava classe") Jacobs e Stadiem, 113; ("vinte e sete milhões") conversão feita pelos autores dos quatro milhões que aparecem na obra de Barbara Golsmith, *Little Gloria, Happy at Last*, Londres: Macmillan, 1980; 585. Ver também *NYT*, 21 de fevereiro e 1º de março de 1945; (42 anos mais velho do que ela) Carol Matthau, *Among the Porcupines*, White Knight, Nova York: Fawcett, 1987, 41; (Hughes) ibid., 46–; (De Cicco), ibid., 124, 197; (pintura etc.) ibid., 208, 274–, 179, 227–, 290–; ("Pare!"/anos antes/ "Era aquilo") ibid., 308, 229, 310–; (se mudou) (*Bridgeport, CT*) *Telegram*, 31 de dezembro de 1954, *Los Angeles Examiner*, 1º de janeiro de 1955, Shaw, *Sinatra*, 194–, *New York Journal-American*, 29 de fevereiro de 1956; (St. Clair Pugh pensou) ent. St. Clair Pugh; (falsa) Matthau, 114;

261 (referência consciente a "*It Was a Very Good Year*") em St. Clair Pugh, 7. Ver também O'Brien e Wilson, 136, *Hi Fi/Stereo*, novembro de 1965.

261 "durante as quais": Gloria Vanderbilt, *It Seemed Important at the Time*, Nova York: Simon e Schuster, 2004, 73–; ("Não consigo imaginar") Vanderbilt, 312. Gloria Vanderbilt negou o pedido de entrevista feito pelos autores em 2003, explicando que estava completando suas próprias memórias. De acordo com o criado de Sinatra, George Jacobs, Vanderbilt e Sinatra estavam em situação amigável nos anos 1960 (Jacobs e Stadiem,

221); (estrelaria um filme?) *Los Angeles Examiner*, 27 de outubro de 1955, O'Brien, 91, Howlett, 94, Dwiggins, 117, *Woman's Home Companion*, junho de 1956.

261 Ekberg: *New York Journal-American*, 29 de fevereiro de 1956, O'Brien, 153, *People*, 7 de dezembro de 1987; ver também Ekberg, *(London) Daily Mail*, 27 de dezembro de 1999.

261-262 FS e Jill Corey: (FS no Copacabana) *Washington Times-Herald*, 12 de janeiro de 1955; ("Eu notei") ent. Jill Corey; (histórico de Corey) *Life*, 9 de novembro de 1953, encarte, *Sometimes I'm Happy, Sometimes I'm Blue*, CD, Collectables Records, 2003.

262 FS tomava cuidado: Jacobs e Stadiem, 50; (descoberta) Sinatra, *My Father,* 107, Sinatra, *Legend*, 120; e Sinatra e Coplon, 58; apresentação dos colegas feitas por Sinatra no concerto em Melbourne, em janeiro de 1955, fita de áudio da coleção de Alf Batchelder, monografia de Batchelder.

262-263 Ava 1954-55: ("Sinatra"/"meu velho homem"/"o maior") Hanna, 132; (caso tinha esfriado) Higham, *Ava*, 155, Hanna, 109; ("Eles ficavam brigando") M/G ent. de George Jacobs. Ver também Gardner, 193; (falava de se mudar) Viertel, 233.

263 FS, sexo e mulheres: (fotos de mulheres para "fazer") Jacobs e Stadiem, 110; (Van Heusen) ibid., 110, 59; ("Me arrume uma maldita puta") ibid., 68; (histórico de Renay) Ed Reid, Mickey Cohen, *Mobster*, Nova York: Pinnacle, 1973, refs., (Renay e FS) ent. Liz Renay. Ver também Liz Renay, *My Face for the World to See*, Nova York: Lyle Stuart, 1971, 162, Liz Renay, *My First 2,000 Men*, Fort Lee, NJ: Barricade, 1992, 192, e Dwiggins, 119.

263 FS e Dietrich: ("Sinatra estava intoxicado") Clooney e Barthel, 247; ("se mantendo feliz") Riva, 632.

263-264 registros do diário de Dietrich: ibid., 658–, 680–, Em *O Anjo Azul*, seu livro de 1992 sobre Dietrich, Donald Spoto cita um registro de seu diário que refletia – segundo ele – o medo de Sinatra de que estivesse "sexualmente fora de prática". Dietrich, escreveu Spoto, "aliviou seus medos". Uma entrada do diário de Dietrich para o dia em questão, como foi publicado no mesmo ano pela filha da cantora, não diz exatamente isso. Parece, mais ainda, não se referir a Sinatra, mas a Yul Brynner (Spoto, *Blue Angel*, 237, Riva, 686, entrada de 4 de setembro).

264-265 se comportando de forma insensível: ("Ele inunda") artigo avulso de

Joyce Simmons, MHL; (Miss Ceilão) *LC Information Bulletin*, vol. 55, Oct. 2I, I996; (abandonou Corey) Wilson, *Sinatra*, 320; ("Abra isso aqui!") *People*, 7 de dezembro de 1987, (*London*) *Daily Mail*, 27 de dezembro de 1999. Ver também Dwiggins, 121; (FS e Zsa Zsa Gabor) Zsa Zsa Gabor e Wendy Leigh, *One Lifetime is Not Enough*, New York: Delacorte, 1991, I61–.

265-266 Sandra Giles: (histórico) www.dancersandromancers.com (web site de Giles); www.glamorgirlsofthesilverscreen.com; *Life*, 16 junho de I958; ("Aqui é Frank Sinatra") ent. Sandra Giles.

266 FS e Shirley Van Dyke: ents. Stan e Bob Levey, *LAT*, 24 de maio de I957·

267 FS e Eva Bartok/filha: (muitas fontes) transcrição de uma entrevista de 1976 de Bartok gravada em fita, feita por Peter Evans, *courtesy* of Mr. Evans, ents. Peter Evans, Deana Sinatra, (London) *Sunday Mirror*; 7 e I4, de novembro de 1976, (London) *Mail on Sunday*, 14 de agosto, *New York Daily*, 16 de agosto, *People*, 5 de setembro de 1994, (London) *Daily Mail*, maio de I997; (caridade em Londres) muitas fontes, Dwiggins, 123–, Sinatra, *Legend*, I39.

267-268- nomes usados/cartas 1976 & 1994: Deana mudou seu nome

269 para Deana Sinatra depois da morte de Sinatra. Antes disso, ela tinha usado ou o nome de sua mãe Bartok, ou Jurgens – sua mãe se divorciou do ator Curt Jurgens aproximadamente um ano antes do nascimento de Deana. Que ambas as cartas que escreveu para Sinatra, a de 1976 e de 1994, existiram é um fato confirmado por Peter Evans, o escritor para quem Bartok falou sobre a paternidade de sua filha pela primeira vez. Evans forneceu aos autores cópias dos rascunhos de ambas as cartas, as quais ele ajudou a filha de Bartok escrever. Ele também forneceu um comprovante de entrega, datado de 5 de julho de 1976, mostrando que a carta foi recebida pelo advogado de Sinatra, Milton Hudin. Outro advogado de Sinatra, Harvey Silbert, confirmou que seu cliente teria recebido a carta de 1994 e a discutido (mudança de nome – cartas de Deana Sinatra para os autores, 7 de janeiro de 2004; carta de Bartok para FS – cópia carbono da original, 5 de julho de 1976, com recibo do correio *Red Arrow* 298437, cortesia de Peter Evans; carta de Deana para FS é um rascunho, 11 de maio de 1994, enviada para Peter Evans, ver também (London) *Mail on Sunday*, 1º de agosto de 1994; comentários de Silbert, *People*, 5 de setembro de 1994)·

269 FS e Jeanne Carmen: (“NINGUÉM AMAVA FRANK”) ents. Jeanne Carmen, 1983, 2001.

269 depois de intermitentemente/“liga-desliga”/“stand-by”: George Jacobs e Brad Dexter se lembravam de Carmen como tendo sido namorada de Sinatra por um longo período. O relacionamento também está documentado em uma considerável extensão. Ents. George Jacobs, Brad Dexter, Jacobs and Stadiem, 76, 155; *release da Twentieth Century-Fox*, 1959, coluna de Harnson Carroll, 22 de maio de 1961, coluna sem data de Carroll, coluna sem data de Gene Carter, cerca I963, MHL.

270 histórico de Carmen: (London) *Sunday Mirror Magazine*, 8 de junho de 1952, artigo avulso, circa 1952, “*She Sells Shares...,*’’ MHL, *Los Angeles Mirror News*, 1º de agosto de 1957, *TVGuide*, 11 de janeiro de 1958, brochura para “The Greatest Golf Show”. Jack Redmond Enterprises – capas de revistas como *Carnival*, *Gala*, *Dare*, *She* etc. A pesquisa de Anthony Summers para seu livro *Goddess* sugere que Carmen também se tornou amiga de Marilyn Monroe, e que viviam em apartamentos na mesma vizinhança em 882 Doheny Drive em West Holywood. Um antigo telegrama enviado a Carmen naquele endereço confirma que vivia lá (pesquisa de Summers – Summers, *Goddess*, 306, 394, 591, ents., Jeanne Carmen, 1983, 2001; telegrama – mensagem da Western Union, datada de 3 de julho de 1961, na coleção de Jeanne Carmen); (“Nós nos vimos”) ent. Jeanne Carmen. (“Havia uma ‘a mulher de Frank’”) ent. Brad Dexter.

Capítulo 20: Peggy

271-272 Peggy Connelly: (histórico e todas citações sobre o relacionamento com FS) ents. e corr. Peggy Connelly, 2002, 2003, 2004; (Clube para Garotas) Peter Brown, Kim Novak, *Reluctant Goddess*, New York: St. Martin’s, 1986, 49; (histórico de “There’s a Flaw’’) *NYT*, 7 de outubro de 1990, Granata, 126.

272-273 Eles e Elas: (“meio que destruído”/Brando preferido a FS) Jacobs e Stadiem, 51–, *New Choices*, dezembro de 1993/janeiro de 1994, *New Jersey Monthly*, fevereiro de 1982; (recusaram dizer “Bom-dia”) Sidney Skolsky, *Don’t Get Me Wrong*, *I Love Hollywood*, New York: Putnam, 1975, 41; (“o ator mais superestimado”) *Look*, 11 de junho de 1957.

Contudo, em 1986, Sinatra deixou claro publicamente que Brando era “um grande... um tremendo ator” (FS ent. por Zion); (método/“quando Mumbles”/saiu do set) Bacon, *Four-Letter Town*, 190, Charles Higham, *Brando*, New York: New American Library, 1987, 158–.

273 Tender Trap: O’Brien, 82–.

273 “Nembutal”/“Dexedrine”: ibid, 94.

273 “Eu tenho que *ir*”: *New Yorker*; 1º de junho de 1998.

275-276- Características físicas de FS/roupas: (outros sobre maquiagem)

277 ex., Jacobs e Stadiem, 56; (novo lar) ent. Peggy Connelly, Sinatra, *My Fathe*r; 108–, Sinatra, *Legend*, 322; (móveis de jardim) artigo avulso por Eleanor Hams, c. 1945, MHL; (camisas) monografia de Batchelder; (suéteres/blazers) Jacobs e Stadiem, 46, 185; (lenços) *Philadelphia Daily News*, 18 de maio de 1998, *Vanity Fair*, dezembro de 1993; (sem laços) Paris Match, 28 de maio de 1998; (apartamento) *LAHE*, 28 de janeiro, 1988; (avião) ents. Piloto Johnny Spotts, Bob Neal, Farrow, 81; (telefone) ent. Bob Neal; (“ele odiava”) Jacobs e Stadiem, 186.

278 “Tire a mão do”: *Look*, 4 de maio de 1957, Shaw, *Sinatra*, 229–, Gehman, 21, Human Events, 4 de maio de 1963. A história contada pela *Look* dizia que o político em questão era porta-voz da Câmara dos Representantes Sam Rayburn, uma alegação de que Sinatra foi capaz de invalidar citando um telegrama que confirmava sua versão, emitido pelo próprio Rayburn. Uma reportagem posterior, entretanto, sugere que o encontro realmente ocorreu mas que não envolveu Rayburn, e sim, o senador dos EUA Theodore F. Green (Green – *Chicago Tribune*, 7 de janeiro de 1961).

278 “Tínhamos saído”: ent. Peggy Connelly. Nancy Sinatra, citando seu pai e o pianista Joe Bushkin, escreveu sobre um acidente em Palm Springs durante o qual – tendo chegado bêbados – uma mulher caiu de uma janela. Bushkin contou aos autores que ela “tinha colocado sua mão para fora da porta de vidro” quando foi jogada para fora por Sinatra. Peter Lawford teria dito que estava presente quando Sinatra “ficou tão doido. . . que ele a lançou através de uma janela de vidro... ele acabou com ela”. A viúva de Sammy Cahn, Tita, disse que pelo que entendeu, Sinatra teria “entrado em discussão com a garota, arremessado ela através da sala e aí ela caiu na placa de vidro” (Sinatra, *Legend*, 302; ent. Bushkin; comentários de Lawford em Kelley, 256; ent. Tita Cahn).

279 *O Homem do Braço de Ouro*: (FS se entusiasmou) comentários de FS,

Italian tour de 1987, RAI UNO, Hamill, 29; (fez *lobby*) Shaw, *Sinatra*, 207, O'Brien, 85; (médicos especialistas) comentários de FS, Italian tour de 1987, RAI UNO; (olho mágico) Bill Boggs ent.; (FS recebeu) O'Brien, 89. Ver também FS no *New York Daily News*, 24 de janeiro de 1978, Bill Boggs ent., FS ent. de Arlene Francis, 1º de outubro de 1977, WOR (NY); (Connelly na premiação) Shaw, *Sinatra*, 213; ("maníaco-depressivo") *Playboy*, fevereiro de 1962.

280 *caïd*: No norte da África, a palavra *caïd* descrevia um chefe ou líder, um homem que era responsável por manter a ordem e que administrava a justiça (ed. Paul Vogé, *Larousse Universel*, Paris: Librairie Larousse, 1948, 267).

281-282 episódio na Espanha: (Ava deixou os EUA) Gardner, 219; (FS durante Pride & Passion) O'Brien, 95–, *Look*, 14 de maio de 1957, Shaw, *Sinatra*, 217–, *NYT Magazine*, 10 de fevereiro de 1957, Hanna, 180–, Nancy Nelson, *Evenings with Carry Grant*, New York: Wm. Morrow, 1991, 192–; (Ava tinha aguardado/exibição) Shaw, *Sinatra*, 212–; (carro/discos) ibid., 213, 219, Flamini, 228, and ent. Peggy Connelly.

283 FS tomou o avião de volta: Shaw, *Sinatra*, 218. As cenas restantes que envolviam Sinatra seriam filmadas posteriormente, em um estúdio acusticamente tratado de Hollywood. Elas pareciam falsas quando comparadas às sequências espanholas autênticas, e o filme sofreu com isso (O'Brien, 96).

283 divórcio de FS: (Ava comunicou) Shaw, *Sinatra*, 219; (deu a entender sobre Chiari) Flamini, 229. Ver também Shaw, *Sinatra*, 176, Carpozi; ("como um homem louco") *Look*, 11 de junho de 1957; ("como um cão surrado") Shaw, *Sinatra*, 224; ("Mr. Sinada") ibid., 212.

283 Ellie Graham: Sinatra começou um caso com Ellie Graham Goldfarb, uma modelo, quando ela veio a Las Vegas no final de 1955 para estabelecer residência obrigatória para conseguir um divórcio em Nevada. Segundo Graham, em seu livro de 1994, Sinatra a recebeu no Sands – mesmo antes de serem apresentados – beijando-lhe as pontas dos dedos e dizendo "Eu te amo". Depois de um caso que ela descreveu como "amável", do qual nenhum dos dois esperava muito, ela se viu grávida e fez um aborto. Ela continuou a se encontrar com Sinatra de tempos em tempos, mas acabou conhecendo e se casando com o ator David Janssen (Ellie Janssen, *David Janssen, My Fugitive*, Hollywood, FL: Lifetime, 1994, I, *Sta*r, artigo sem

data, 1994).

284 Fim do caso com Connelly: Sinatra não aceitou prontamente o fato de que Peggy Connelly tinha terminado o caso entre os dois. Ele apareceu batendo à porta dela por muitas vezes e, mais adiante, quando o casamento dela com Dick Martina acabou, ele telefonava repetidamente. Ainda depois disso, logo antes do casamento de Sinatra com Mia Farrow em 1966, jantaram juntos em Nova York. Eles se viram pela última vez por volta de 1971, em Palm Springs (ent. Peggy Connelly); ("I'm a Fool") Sayers e O'Brien, 47, Rednour, 47; (Ava no México) Higham, *Ava*, 179–, Flamini, 229– ("quase causava pânico") Viertel, 318; (Ava acionou) *Hollywood Citizen-News*, 15 de junho de 1957, Shaw, *Sinatra,* 231; (decreto foi emitido) *Newsweek,*15 de julho de 1957, Flamini, 231–.

284 FS 42/equipe de relações públicas: Sinatra nasceu em 12 de dezembro de 1919. Um comunicado à imprensa de George Evans, em 1942, afirmava que Frank tinha nascido naquele mesmo dia, mas em 1917. Em 1947, na esteira do episódio envolvendo Lee Mortimer, Frank declarou sua idade como 29, quando na realidade tinha 31. Seu primeiro registro em *Who's Who*, em 1948, fornecia a data incorreta de nascimento de 1917. Este tipo de registro normalmente traz compiladas informações fornecidas pelas próprias pessoas listadas (comunicado à imprensa de 1942 no MHL, ver também *Metronome*, maio de 1943, Dwiggins, 92).

284 "Meu pai": Sinatra e Coplon, 160.

284-285 *Tone Poems*: Sickel tinha feito trabalhos de reescrita sobre os "scripts" das séries de Sinatra na rádio entre 1953-1954, *Rocky Fortune*. Eles aparentemente se deram bem, pois em 1956 Sinatra teria perguntado a Sickel se tinha alguma ideia para um tipo "diferente" de álbum. *Tone Poems of Color* foi gravado em 22 e 28 de fevereiro, e em 7 e 15 de março de 1956 (histórico de Sickel e trabalho de reescrita − Dwiggins, 138, encarte, *Tone Poems of Colors*; relançamento em CD, pela Capitol Records, 1999; datas de gravação − Sayers e O'Brien, 23, ver também Sinatra, *Legend*, 126); (Gigliotti) Gilbert Gigliotti, *A Storied Singer: Frank Sinatra As Literary Conceit*, Westport, CT: Greenwood Press, 2002, 22–; (laranja, a "mais alegre") Paris Match, 28 de maio de 1998.

286-287 vazio emocional de FS: (dispensar) e.g., o caso com Lauren Bacall abordado no capítulo 21; ("perdeu muita fé") FS ent. por Zion; ("Um monte") FS ent. em *Suzy Visits*; ("como minha sombra") *Newsday*, 24 de

julho de 2002, rascunho de artigo; (refúgio) *LAT*, 26 de julho de 1992, Jacobs e Stadiem, 50, *Ladies' Home Journal*, dezembro de 1993; (caía logo no sono) ibid., setembro de 1966; (permitido na cama de Nancy?) Sinatra e Coplon, 108; (Chevrolet) *Woman's Home Companion*, maio de 1956; ("Numa noite") Kelley, 260; ("falta de sono") Sinatra, *My Father*, 312; (virou uma garrafa) *Look*, 14 de maio de 1957; (arrebatamento de Kilgallen) Kahn, 105, Shaw, *Sinatra*, 73; (série) *New York Journal-American*, 25, 26, 27, 28 e 29 de fevereiro e 1º e 2, de março de 1956; ("semelhança medonha") ent. Armand Deusch, Deutsch, 115; (abusar publicamente) *Look*, 14 de maio de 1957, ents. Sonny King, Tony Montana, M/G ent. de Jay Bernstein, Israel, 275; (muito depois de ela ter morrido) monólogo de Sinatra, Caesars Palace, 5 de maio de 1978, *videotape* da coleção do autor; (incidente em Sunset Strip) *Look*, 15 de maio de 1957, Davidson, 22, Dwiggins, 117, ent. Bob Neal, Shaw, *Sinatra*, 193 – o jornalista era Jim Byron, também descrito como um "publicitário"; (processou o editor) ibid., 229.

287-288 "Bill estava sentado": ents. Maralynne Davidson ver também Davidson, 13, Tosches, 313. Houve acessos nervosos e violência. No *set* de *Not as a Strange*, em 1954, quando Sinatra ameaçou bater no fotógrafo Billy Woodfield "até suas tripas saírem para fora", os coadjuvantes Robert Mitchum e Broderick Crawford revidaram, derrubando-o de uma varanda não muito alta. Em fevereiro de 1957, quando uma companhia aérea não disponibilizou uma beliche a mais do que os dois que ele havia reservado, Sinatra cancelou uma turnê inteira para a Austrália. Mais tarde, foi obrigado a acertar com o promotor da turnê algo como 75 mil dólares. No mesmo mês, entrou em uma briga com Rex Harrison em uma festa de Hollywood. Antes disso, em uma festa em Palm Springs, tinha atingido um homem com uma garrafa, segundo se alegou, durante uma discordância sobre como bater um coquetel. A vítima, o empresário Jack Wintermeyer, necessitou de tratamento hospitalar para os cortes profundos na testa. (Strimgerscrap − ent. Billy Woodfield, ver também Server, 337–; turnê cancelada − *LAT*; 5 e 12 de fevereiro de 1957; Rex Harrison-*LAT*, 19 de fevereiro de 1957, Gehman, 180–; discórdia em Palm Springs-*LAT*, 22, 23 de março de 1949, *Look*, 14 de maio de 1957, Carpozi, *Sinatra*, 99); ("deveria ficar disponível") Sinatra, *My Father*; 119; ("Angel Eyes", a favorita) corr. Lois Nettleton, 2003; (apelido de "Angel") ent. Reenie

Jordan; (mudado para uma nova casa) ent. Peggy Connelly; (placa) Shaw, *Sinatra*, seção de fotos no capítulo 28; (descrição da casa/música/telescópio) *Look*, 14 de maio de I957; (“Dirigi até aqui”) 1º de janeiro de 1956, entrada, eds. Graham Payn e Sheridan Morley, *The Noël Coward Diaries*, Nova York: Da Capo, 1982, 301; (desamparado) Bacall, 226.

Capítulo 21: Betty

289 FS e os Bogart: (rádio) Ridgway, pt. 1, 8, 31; (iate) A. M. Sperber e Eric Lax, *Bogart*, New York: Wm. Morrow, 1997,485; (bebedeira) Jeffrey Meyers, *Bogart: A Life in Hollywood*, Boston: Houghton Mifilin, 1997, 299; (“praticamente morava”) McCall’s, julho de 1966; (“um cara que”) ent. Brad Dexter, ver também Jacobs e Stadiem, 40.

289 “venerar Bogie”: ent. de Bacall por Peter Bogdanovich, em *Süddeutsche Zeitung*, 16 de agosto de 2002. Os autores recorreram aos livros de Bacall, *By Myself* (1978) e *Now* (1994), e a sua entrevista para o *Süddeutsche Zeitung*. A atriz recusou os pedidos repetidos dos autores por uma entrevista.

289-290- apogeu: Embora tivesse feito muitos filmes anteriormente,

291 Bogart não se tornou realmente uma estrela até *High Sierra e The Maltese Falcon*, em 1941; (perucas) Bacall, 152; (beberrões) ibid., 149, 152; (Bogart no começo da vida) Sperber e Lax, 1–; (evitava brigar/hábito de beber moderado) Joe Hyams, *Bogart e Bacall: A Love Story*, Nova York: David McKay, 1975, 172–, 203; (“Ele simplesmente não conseguia”) *Süddeutsche Zeitung*, 16 de agosto de 2002; (bem letrado/mentor/“Acho que”) Gehman, 42, 55; (“emocionalmente adulto”) Carpozi, *Sinatra*, 95; (“ficar longe”) Gehman, 55; (“se divertia”) Bacall, 218; (“um tipo de casa aberta sem fim”) Hyams, 170; (“redemoinho”) Clooney com Barthel, 219; (“Nós ancoramos”) David Niven, *The Moon’s a Balloon*, Nova York: Putnam’s, 1971, 328.

291 “Ele cantou a noite toda”: Melvyn Bragg, *Rich: The Life of Richard Burton*, Londres: Hoddard e Stoughton, 1988, 381. Apesar das memórias de Burton, Bogart pode também, de vez em quando, ter pulado em defesa do jovem. “Nunca mais fale de um colega meu deste jeito novamente”, ele

rosnou quando Joan Collins disse algo não elogioso sobre Sinatra em uma festa (Sammy Davis Jr., *Hollywood in a Suitcase*, Nova York: William Morrow, 1980, 15); (“quatro dias”) Niven, 329; (logo enfastiou) Bacall, 223.

291-292 Rat Pack de Holmby Hills: (“uma organização com uma”) Hyams, 204. Ver também Nathaniel Benchley, *Humphrey Bogart*, Boston: Little, Brown, 1975, refs.; (“The Holmby Hills’’) *New York Herald Tribune*, 15 de dezembro de 1955; (prendedores de lapela) Gerold Frank, *Judy*, Nova York: DaCapo, 1999, 415.

292-293 “um maldito bando de ratos”/ratos brancos: Niven, 329. Havia outras versões de como o grupo ficou com este nome. Sammy Davis, que se dizia parte da era “Rat Pack” de Bogart, disse: “Naqueles dias, os adolescentes é que andavam por aí em ‘rat packs’ (‘bandos de ratos’) e Bogie disse que nós éramos o ‘rat pack’ de Beverly Hills”. De acordo com o autor Gerry Romero, os convidados notívagos dos Bogart no começo se referiam a si mesmo como “Free-loaders” (N.T.: termo usado para denominar aqueles que querem usufruir de algum patrimônio sem contribuir para tal e sem ter uma desculpa convincente para fazê-lo, passível de tradução como “fila-boia”, “folgados”, “parasitas”) mas, posteriormente, mudaram para “Rat Pack”. Um documentário para a televisão, de 1999, sugeria que diretores de estúdios em Hollywood – exasperados pelas aspirações do grupo de Bogart pela liberdade artística – lhes deram o nome de “The Rat Pack”. A lista publicada no *New York Herald Tribune* dos membros fundadores também incluía o marido de Judy Garland, Sid Luft, David Niven, Michael Romanoff e Jimmy Van Heusen. Outros que alegaram, ou foram ditos serem membros, eram Spencer Tracy e Peter Viertel (“Naqueles dias’” – *Star*, 15 de dezembro de 1981; “Freeloaders” – Romero, 120; documentário de 1999 “The Rat Pack”, Nova York, Praeses Productions for A&E, 1999, vídeo na coleção do autor; outros membros *New York Herald Tribune*, 15 de dezembro de 1955, Davis, Hollywood, 13, Bacall, 222, Viertel, 238); (“adultos que agiam”/“vejo que o bando de ratos”) Joe Hyams, *Bogie*, Nova York: New American Library, 1966, 122; (carros de corrida) Howard Greenberger, *Bogey’s Baby*, Nova York: St. Martin’s, 1976, 122; (“Dizemos Ratos”) *High Times*, junho de 1978; (“contra a *PTA*”) Bogart, 55; (“que você e seus”) Greenberger, 23; (“As pessoas trabalharam”) Kelley, 239; (Barrymore/Flynn) Michael Freedland, Dino:

The Dean Martin Story, Londres: W. H. Allen, 1984, 91; (apenas uma piada) Hyams, *Bogie*, 123; (amigos ficaram sabendo) Bacall, 229.

293-294 saúde debilitada/morte de Bogart: (FS visitava) Bogart, 283, 288, Hyams, *Bogart e Bacall*, 221; (telefonava) Bacall, 231, 244, 277; (telegramas) *Look*, 14 de maio de 1957; (“Ele levantava o astral”) Bacall, 244; (“Eu perdi tanto peso”) Charles Hamblett, *The Hollywood Cage*, Nova York: Hart, 1969, 62; (“Se Sinatra perdesse”) Bacon, *Made in Hollywood*, 67; (assistiu ao filme de FS) Bacall, 2.54. Ver também *Süddeutscbe Zeitung*, 16 de agosto de 2002, o que sugere que o filme de Sinatra era *On the Town*; (cancelou as apresentações) Davis, Boyar, and Boyar, 361, Sperber e Lax, 517; (evitando ligações) Greenberger, 156; (funeral) Bacall, 26i, 267; (“Ele *nunca*”) ent. Peggy Connelly.

294 Verita Thompson: o livro de Thompson sobre o caso é repleto de detalhes convincentes, e os biógrafos de Bogart levaram sua alegação a sério (ent. Verita Thompson, Verita Thompson com Donald Shepherd, *Bogie and Me*, Nova York: St. Martin’s Press, 1982, Jeffrey Meyers, *Bogart: A Life in Hollywood*, Boston: Houghton Mifilin, 1997, refs., A. M. Sperber and Eric Lax, *Bogart*, Nova York: William Morrow, 1997, refs.).

294-295 relacionamento de FS com Bacall: (Ray) Nicholas Ray, *I Was Interrupted*, Berkeley, CA: University of California Press, 1993, 159 e refs.; (“Seu jeito paquerador”) Bacall, 204, 209; (“muito atraída”) ibid., 217; (“Se Lenny e eu estivéssemos”) Lauren Bacall, *Now*, Nova York: Alfred A. Knopf, 1994, 168; (“Nunca me atrevi...”) Bacall, *By Myself*’ 217; (“Frank amava Bogart”) ent. Peggy Connelly; (“Não era segredo”) Kelley, 240; (Bogart não sabia) int. Verita Thompson; (“Foi assim”) Sperber and Lax, 462.

295 aniversário em Vegas: segundo suas memórias de 1978, Kin Novak era a “garota” de Sinatra durante a comemoração de aniversário no Sands. Havia rumores, nunca comprovados, de que ele e Novak tivessem um caso. Eles tinham trabalhado juntos em *O Homem do Braço de Ouro* no ano anterior e trabalhariam novamente em 1957, em *Pal Joey*. Na época, Novak menosprezou a fofoca sobre ela e Sinatra como sendo “nonsense”. Segundo Tina Sinatra, Novak foi uma das “paixões” de seu pai. Em 2004, no entanto, no programa *Larry King Live*, Novak não disse nada que apoiasse a ideia de que tinham sido amantes (“garota”/aniversário – Bacall, *By Myself*; “absurdo” − Brown, 52, 56, 120, *Los Angeles*

Examiner, 6 de outubro de 1957; ver também O'Brien, 86; "paixões'" − Sinatra e Coplon, 114, ver ainda Jacobs and Stadiem, 68; 2004 Novak ent. No *Larry King Live*, CNN, 5 de janeiro de 2004); ("irritado"/"Ele era meio enciumado") Bacall, *By Myself* 240–; ("representava saúde física"/"loucamente atraente"/"deve ter sempre havido") Bacall, *By Myself*, 277; (estavam saindo) ibid., 275; (iate/ "Depois daquele"/"distante") ibid., 280, *Süddeutsche Zeitung*, 16 de agosto de 2002; ("Frank se sentiria"/alugou outra casa) Bogart, 77–;

296 (Clívia) Bacall, *By Myself*, 281.

296 proposta de casamento/rompimento: (Natal) *Süddeutsche Zeitung*, 16 de agosto de 2002, se referindo à apresentação de Fontainebleau, que ocorreu em dezembro; ("como um maníaco"/"Ele está, de fato, agindo") ibid.

296-297 contato nenhum: *Süddeutsche Zeitung*, 16 de agosto de 2002. Bacall ficou sem ouvir falar de Sinatra até a segunda semana de fevereiro de 1958, quando ele esteve na Costa Leste para o funeral de Manie Sacks, seu antigo mentor na Columbia (morte de Sacks − *Gettysburg Times*, 10 de fevereiro de 1958 – a data da morte está incorreta em Sinatra, *Legend*, 136); (a pediu em casamento novamente) ibid., e Bacall, *By Myself*, 283–; (jornais comentavam) *Los Angeles Examiner* (LA) Mirror; *Hollywood Citizen-News*, 15 de março de 1958; (história vazou) Bacall, *By Myself*, 284–, Lazarwith Tapert, 156–, *Los Angeles Examiner*, 12 de março de 1958; ("Eu não sei") *Hollywood Citizen-News*, 12 de março de 1958; ("Sinatra Não Vai Dizer") *LAT*, 13 de março de 19s8; ("Pra quê?") *Chicago Sunday Times*, 19 de março de 1958; ("Minha humilhação"/ "um completo merda"/eles não se falariam) Bacall, *By Myself*, 285–; ("porque era o que") "*Sinatra's Song*'' por John Lahr, Sinatra Music Society, 2000; ("casada com um homem crescido") Bogart, 77–; ("incrivelmente juvenil") ibid.

297 "não teria conseguido viver": *Süddeutsche Zeitung*, 16 de agosto de 2002. Segundo as memórias de 1978 de Bacall, ela e Sinatra acabaram retomando algum "tipo de situação amigável". Três anos depois, entretanto, ela contou a Barbara Walters que não se encontrava com o ex-amante. ''Um de nós está fadado a partir, e provavelmente seria ele. Ele tem quase tanto humor quanto esta porta... Humor nenhum... Eu queria que apenas calasse a boca e cantasse" (The Barbara Walters Specials, jun. 2, 198I, *ABC News*, coluna de Liz Smith, *New York Daily News* 23 de abril

de1981); (“algo beirando a linha”) Lazar e Tapert, 158.

Capítulo 22: O líder do bando

298 Rock n’ roll/Presley: (“Uma guitarra elétrica”) *Time*, jun. 18, 1956; (metade dos discos) Manchester, 724.

298-299 “Sh-Boom”/Haley: Evanier, 90. Os Crew Cuts era um grupo formado por brancos. Um grupo de negros, os Chords, tinham lançado “Sh-Boom” antes, em abril de 1954. A versão dos Chords chegou ao número cinco das paradas (Evanier, 90); (abaixo da cintura não) Manchester, 759.

299 Dorsey apresentou: Levinson, 124, Rose, 204. Uma apresentação antiga mais conhecida de Presley foi no programa *Toast of the Town* de Ed Sullivan. Sua aparição no programa *Dorsey Brothers’ Stage Show*, em 28 de janeiro de 1956, entretanto, precedeu àquela no T*oast of the Town* em mais de seis meses (Sullivan-Halberstam, 478–).

299 morte de Dorsey: Simon, 176, Shaw, *Sinatra,* 34. Frank, de sua parte, se apresentou novamente com Dorsey em agosto daquele ano, no Paramount em Nova York. Ele não havia esquecido a separação rancorosa do bandleader em 1942, e se recusou a participar de um tributo na televisão quando o bandleader morreu, três meses depois. Contudo, em 1958, dedicou um de seus próprios programas na CBS a Dorsey. E, então, em um concerto em 1979, criticou duramente a maneira com que Dorsey resistiu à sua partida da banda, nos anos 1940 (recusou/dedicou – Friedwald, 113; railed – Kelley, 64); (75 mil dólares) David Halberstam, *The Fifties*, Nova York: Villard Books, 1993,478.

299 FS e o rock ‘n’ roll: (carta de FS) Simon, vii; (“odiava”) Jacobs and Stadiem, 124–; (“mais brutal”) *AP,* 29 de outubro de 1957, Kelley, 254–, a revista era a *Western World*; (FS preocupado) entrevista com FS, *Suzy Visits*.

299 músicas que arrebentaram: em 1955 Sinatra gravou dois *singles* “doo-wop”, *Two Hearts, Two Kisses* e *From the Bottom to the Top*. *Can I Steal a Little Love*, uma oferta desconfortável, foi para o n. 20 das paradas da *Billboard,* de 1957 (“doo-wop” – Friedwald, 230; “*Can I Steal*?” – Rednour, 20, comentário de Frank Sinatra Jr. , *As I Remember It*).

299-300 trabalhos de FS em 1957-1959: (canções lançadas em 1957-1959)

Rednour, refs., O'Brien e Sayers, refs.; (*Only the Lonely*') Rockwell, 132; (álbuns que mais venderam) ibid., (124 canções) O'Brien and Sayers, 71–; (apresentação na TV) entradas para *Where or When?*, 1957-1959; (filmes) O'Brien, 99–; *Kings Go Forth* foi claramente um fracasso, e o resultado da bilheteria de Pal Joey permanece nebuloso; *("mais fantástico"/ "a voz do amor")* Shaw, *Sinatra*, 237, 256; (Beatty) *Hollywood Citizen-News* (LA) *Mirror-News* 21 e 27 de outubro, *LAT,* 22 e 28, de outubro, 4 de novembro, *Los Angeles Examiner*, 27 de outubro, *Newsweek*, 3 de novembro de I958, ent. Shirley MacLaine, Gehman, 212–, 214, Dwiggins, 122–; (Prowse) ent. Shirley MacLaine; (sexo casual/prostitutas) ex., ent. Jack Cione, Levy, 201, *Star;* 17 de fevereiro de I976.

300 Austrália/Ava queria vê-lo: Gardner, 240, Higham, *Ava*, 195, Hanna, 254 Gardner estava em locação na Austrália para o filme *A Hora Final (On the Beach)*; ("Nós queríamos conversar") Gardner, 240; ("voltasse para casa"/chave) fitas de Evans; (relógio) *Rocky Mount Telegram*, 12 de novembro de 2003.

301 *One for My Baby*: Sinatra, na primeira gravação de *A Hora Final (On the Beach)* em 1947, fez um trabalho nada memorável. Não se compara com a gravação virtuosa de 1958. A história detalhada da canção na versão de Sinatra está em O'Brien e Wilson, 98; ("eu vivi essa mesma experiência") *LAT*, 3 de outubro de 1993; ("Queria saber") artigo de David Halberstam, *Playboy*, abril de 1998; ("Melhor Cantor'") *Down Beat*, resultados de pesquisa, dezembro de 1956-1959, Howlett, 101, Shaw, *Sinatra*, 258.

301-302 acordo televisivo: o acordo televisivo com a ABC – para 26 programas de meia hora mais alguns especiais de uma hora de duração – teve más avaliações (Shaw, *Entertainer*, 61, Shaw, *Sinatra*, 233); (sete milhões de dólares/"o artista mais bem pago'') *NYT Magazine*, 10 de fevereiro, *Variety*, 13 de novembro de 1957, citando *NYT.* Ver também *Newsweek*, 21 de outubro de 1957, *Los Angeles Examiner*, 29 de novembro de I956, sugerindo soma mais baixa; ("o bem mais quente") ibid., 259; ("o maior artista do mundo") *Chicago Sunday Tribun*e, 18 de maio de 1958.

302 Bando de Ratos de Sinatra: Richard Gehman, autor do livro de 1961 que continua sendo a fonte mais informativa sobre o assunto, identificou vários outros como membros do "Bando de Ratos": Tony Curtis, que descreveu a si mesmo como um "representante principal" do grupo, Jimmy Van Heusen, Sammy Cahn, Irving Lazar e o novelista e roteirista

Harry Kurnitz. A *Life* reportou Judy Garland como um membro, embora Gehman diga que não. “Os afiliados’’, escreveu Gehman, incluíam Eddie Fisher e Elizabeth Taylor, o comediante Milton Berle, Mike Romanoff do restaurante Romanoff’s – e até o Presidente Kennedy. Orson Welles clamou por uma “filiação do tipo discreta, “de alguém de fora” (Gehman, 52–, Tony Curtis e Barry Paris, *Tony Curtis*, NovaYork: William Morrow, 1993, 147, *Life*, 22 de dezembro de 1958, Welles and Bogdanovich, 27).

302-303 Dean Martin: (apresentações de 19 de fevereiro de 1957/ mais três) entradas de 1957 para *Where or When?*; (“Tem algo”/“simples") *Look*, 26 de dezembro de 1967; (histórico) ibid., Tosches, refs., *Life* 22 de dezembro de 1958, *Esquire*, 4 de julho de 1978; (jogo ilegal em Steubenville) Messick, 192–, Messick e Nellis, 120; (se metia com jogo) Tosches, 21; (“Seu filho vai”) *Look*, 26 de dezembro de 1967; (contrabandear uísque) *Esquire*, 4 de julho de 1978, Tosches, 47; (conheceu o chefe/ficha limpa) ibid., 51, 64; (Martini) *NYT* 26 de dezembro de 1925; (*Riobamba*) Wilson, *Show Business*, 325–; (primeiros sucessos/Lewis) Tosches, 102, 98, 109, I20, 125; (“Não sou cantor”) *Esquire*, 4 de julho de 1978; (não trabalho de verdade) *Look*, 26 de dezembro de 1967; (FS conheceu Martin) ent. Mortimer, VanMeter, 97.

302-303 Martin conhecia os Fischetti: o envolvimento dos Fischetti com Martin e Lewis relatado com considerável extensão na biografia de Martin escrita por Nick Tosches. O produtor da Columbia Morris Stoloff disse que “sabia que Martin tinha um conjunto de rapazes durões que tentava arrumar-lhe trabalhos. Eles vinham batendo na minha porta”. O chefe do sindicato dos Açougueiros Unidos, Max Block, disse que a Máfia “criou” Martin e que ele, mais tarde, permaneceu sob controle da Máfia. Arquivos do FBI sugerem que Martin e Sinatra – acompanhados de Joe Fischeti visitaram um alto chefe da Máfia de Chicago em 1958. O FBI soube em 1960 que Fischetti estava falando sobre fazer que Martin gravasse um disco. Havia mais referências do tipo, mostrando, por exemplo, que Martin ainda jogava golfe com os mafiosos em 1977 (irmãos Fischetti – Tosches; Stoloff-Freedland, 189; a Máfia “criou” – Block e Kenner, 129; visitaram o chefe da Máfia. – “*Correlation Summary are Francis Albert Sinatra*’’, 8 de junho de 1964, FSFBI; gravar disco? – registro de 20 de outubro de 1960, Misc. ELSUR Refs., “*Frank Sinatra”*, vol. 1, HSCA Subject Files, *JFK Collection*, NA.; mais referências – “*Report re Samuel*

Giancana'', 12 de abril de 1961, FBI 92-3171-185, HSCA memorando da equipe de vigilância do FBI, 3 de setembro de 1963, Demaris, 384); (casamento de Moretti) Patterson (NJ) *Call*, 22 de setembro de 1947; (tinha o cuidado de não ostentar) ent. Sonny King, Shawn Levy, *Rat Pack Confidential*, Nova York: Doubleday, 1998, 131.

304 aproveitar seus tempos de juventude/autocontrole de Martin/ casamento/golfe: *Look*, 26 de dezembro, 1967, Ricci Martin with Christopher Smith, *That's Amore*, New York: Taylor, 2002, 58, 3, ent. Jeanne Martin, Rev. Robert Perrella, *They Call Me the Show Bizz Priest*, Nova York: Trident, 1973, 143. Martin, de fato, recorreu à violência, contou ele a Oriana Fallaci em 1967, quando confrontado com insultos relativos à sua herança italiana. Ele citou dois incidentes, uma discussão notável na qual Sinatra também estava envolvido – o que será abordado posteriormente. Ele admitiu ter bebido muito durante seus anos com Lewis, mas disse que aquilo era algo do passado. O assistente de Sinatra, George Jacobs, entretanto, escreveu que Martin teria consumido quantidades "maciças" de álcool no final dos anos 1950. Testemunhas que conheciam Martin bem disseram que sua imagem de "bêbado" no palco era apenas cena. O copo que ele tinha em mãos quando estava no palco era normalmente suco de maçã (beber quantidades "maciças' – Jacobs e Stadiem, 85; beber era só uma cena – ents. Jeanne Martin, Mort Viner, Jeanne Carmen, Martin with Smith, 55, MacLaine, 78, Michael Freedland, Dino, London: Allen, 1984, 92); (círculo social de Bogart) ent. Jeanne Martin, Fosches, 254; (amigo de FS) *Look*, 26 de dezembro de 1967; ("Tio Dean") Sinatra e Coplon, 93; ("A relação deles") ent. Jeanne Martin.

304 "Aqueles que adentravam": Wil Haygood, *In Black and White*, Nova York: Knopf, 2003, 180. A biografia de Haygood e outra escrita por Gary Fishgall foram publicadas em 2003. O próprio Davis escreveu ou contribuiu para três livros autobiográficos, mas não eram de todo confiáveis. Uma excelente fonte adicional é um compêndio de escritos sobre Davis, publicado em 2001 (Gary Fishgall, *Gonna Do Great Things*, Nova York: Scribner, 2003, Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, Davis, *Hollywood in a Suitcase*, Davis, Jane e Burt Boyar, *Why Me?* Nova York: Warner, 1989, ed. Gerald Early, *Sammy Davis Junior Reader,* Nova York, Farrar, Straus and Giroux, 2001).

304-305 Sammy Davis, Jr.: (o pai o levou) Haygood, 47; (adolescência) ibid., 50

– o papel no filme quando criança foi em *Rufus Jones for President*; (primeiros encontros com FS) Ebony, julho de 1958, *Star*; 15 de dezembro de 1981, Down Beat, agosto de 1998; teatro de New York) entrada de maio de 1947 para *Where or When?*, Shaw, *Sinatra*, 118; (“Todas as grandes”) Shaw, Sinatra, 118; (“Sammy talvez nunca tivesse”) ent. Marilyn Sinatra.

305 FS visitou no hospital em 1954: Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, 220 , Davis, Boyar,e Boyar, *Why Me?*, 58. Uma das namoradas de Sinatra, Cindy Bitterman, disse que ele adiou ir ver Davis enfermo e que foi apenas quando estava sentindo vergonha por não ter ido – Sinatra abominava hospitais (Haygood, 168. Ver também FS/hospitais, Jacobs e Stadiem, 69); (permanência em Palm Springs) Jacobs e Stadiem, 69; (levou-o à casa de seus pais) Haygood, 180.

305 acomodações: segundo Davis, o novo lugar era uma casa alugada, em Hollywood Hills. Outras fontes dizem que Sinatra na realidade comprou a casa (Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, 220, 228, Sinatra, *Legend*, 316, *LAT* Calendar, 26 de julho de 1992, Fishgall, 89); (idolatria) ent. Peggy Connelly.

305 admiração entre Davis/FS: (imitava FS) Haygood, I77, I80, *Star*; 17 de fevereiro de 1976; (“talentos impressionantes”) *Ebony*, julho de 1958; (comendo notas/estalando os dedos) Granata, 102.

305 Davis e as mulheres: (promíscuo) Haygood, 181, Fishgall, 154; (“O Frank acabou de bater”) Haygood, 200. Bob Neal, herdeiro de Maxwell House que era próximo de Sinatra naquela época, contou aos autores que o cantor “pegou pesado” com prostitutas, em contraste com mulheres “de qualidade”. Ele recordava um episódio em que Frank “acertou uma [prostituta] com um sapato, a acertou com o salto do sapato dela porque ela teria feito algo que o desagradou’’. Dois livros sobre Sinatra se referem a um incidente similar, mas retratam Sinatra sendo atingido na cabeça pela mulher, em vez do contrário. Um documento de 1959 do FBI se refere a uma “escapada em que uma garota foi atacada por Sinatra e levemente ferida em um tipo de quebra-pau”. Há de se lembrar também um incidente anterior no qual uma mulher foi ferida na casa de Sinatra em Palm Springs (“pegou pesado” – ent. Bob Neal; Sinatra acerta mulher – Dwiggins, data incorreta, 119, Taraborrelli, 220; documento referente a “escapada”, “*File Review & Summary Check*”, 19 de setembro de 1960, 17, FBI LA 100-

41413; incidente anterior – ver capítulo 20, p. 217).

306 Davis e controvérsia: (abraçando o judaísmo) ibid., 79, Haygood, 183.

306 Davis and Novak: Haygood, 196–, Brown, 148–. Posteriormente, Davis reconheceu o caso, mas Novak o negou – recentemente, em 2004, Davis reconheceu – Davis, Boyar, and Boyar, *Yes, I Can*, 434–, *Why Me*, 81–; Novak negou – Brown, 160, Fishgall, 117, ent. Kim Novak, *Larry King Live*; (Cohn furioso) Sam Kashner e Jennifer MacNair, *The Bad and the Beautiful*, Nova York: Norton, 2002, 209; (Rand/capanga armado) Haygood, 263; (união de fachada) Davis, Boyar, and Boyar, *Yes, I Can*, 460– (“amigo bem-relacionado”/chefe da Máfia) Davis, Boyar, and Boyar, *Why Me*, 93–, Rose, 477 (visão de Woodfield) ents. Billy Woodfield.

306 Joe Fischetti e Davis: Segundo o biógrafo Haygood, Davis tinha sido observado pela Máfia por algum tempo, em particular pela Máfia de Chicago. Sempre inapto a lidar com suas finanças, ele tinha emprestado dinheiro da Máfia para quitar antigas dívidas. Registros do FBI demonstram contato contínuo com Fischetti nos anos 1960 (Davis observado, 217; contato com Fischetti – relatório referente a “Joseph John Fischetti,’’ 25 de abril de 1963, FBI 92-3024-60).

307 Davis e Gardner: a história sobre Davis e Ava, publicada na revista *Confidential*, foi uma série de insinuações sem comprovações construídas em torno de uma fotografia de Davis vestido de Papai Noel, com barba, e Ava em um vestido vermelho, uma foto inofensiva para a edição de Natal de uma outra revista. A história pode ter sido sem fundamento, mas o ajudante de Davis, Arthur Silber Jr., alegou que os dois dormiram juntos “algumas vezes” (C*onfidential*, março de 1955, in ed. *Early*, 246. Ver também p. 575, fitas de Evans, Gardner, 199 – e, com uma linha do tempo inexata, Davis Boyar, and Boyar, *Why Me*, 211–; Silber “algumas” – Fishgall, 87); (fúria de FS amenizada) Jacobs e Stadiem, 68–; (Bitterman) Haygood, 28–.

307 “O talento não é”: Dwiggins, 149, *Chicago’s American*, 30 de setembro de 1966. A entrevista ofensiva, com o apresentador de rádio Jack Eigen, se deu no saguão do Chez Paree em Chicago; (retribuição/se desculpou) Shaw, *Sinatra*, 257, O’Brien, 121,James Spada, *Peter Lawford: The Man Who Kept the Secrets*, Nova York: Bantam, 1991, 210; (“repugnante”) Wilson, *Sinatra*, 140; (“Charley") Davis, Boyar, and Boyar, *Yes, I Can*,

111, 221, 229; (sinônimo genérico para camarada no grupo) Gehman, 54, Shaw, *Sinatra: A Biography*, Londres: W. H. Allen, 1968, 367.

307-308 Peter Lawford: (“Charlie the Seal”) *Good Housekeeping*, fevereiro de 1962, Zehme, 38; (quase bonito) *NYT*, 25 de dezembro de 1984; (vida jovem) Lawford e Schwarz, e Spada, *Lawford*, refs.; (“terrível acidente”/“Coogan”) Spada, *Lawford*, 29, 42; (“deus bem talhado”) perfil da Twentieth Century-Fox PR, sem data, 1952, MHL; (Maxwell) *Modern Screen*, 21 de março de 1947, Lawford e Schwarz, 59; (Turner) ibid., 51, 58–; (Gardner) fitas de Evans tapes, Tormá, *Velvet*, 98–; (conheceu FS) *Modern Screen*, 21 de março de 1947; (gozações) ent. Gloria Cahn Franks, Kelley, 13; (“temperamento singular”) *Modern Screen*, 21 de março de 1947; (“encontro” com Ava) ent. Milt Ebbins, Kelley, 206; (“Eu estava na cama”) *Star*; 17 de fevereiro de 1976.

309 Se encontraram em um jantar: o jantar festivo, na casa de Gary Cooper e sua esposa, foi datado como ocorrendo em agosto de 1958, mas outras informações (ver a seguir) deixam claro que Sinatra e o casal já eram próximos na ocasião. O mais provável é que o jantar tenha ocorrido no final de 1957 ou no começo de 1958 (agosto de 1958 – Spada, Lawford, 2003. Ver também Christopher Lawford, *Symptoms of Withdrawal*, Nova York: William Morrow, 2005, 40); (Dinah Shore) 26 de janeiro de 1958, entrada para *Where or When?* (filmes com FS) *Never So Few*, 1959, *Ocean’s II*, 1960; (restaurante) Spada, *Lawford*, 205 – o restaurante era o Puccini’s.

309 “Ele olhou para cima”: *Star*, 17 de fevereiro de 1976, *American Weekly*, 12 de novembro de 1961. O rompimento de Sinatra-Lawford evidentemente ocorreu na primavera de 1954, quando Ava Gardner retornou a Los Angeles depois de fazer *A Condessa Descalça*. A referência de Lawford em em uma entrevista posterior a 1951 é um erro. Referências que situam a reconciliação em agosto de 1958, ou 1959, também estão erradas. Seja qual tenha sido o significado da aparição no programa Dinah Shore Show em janeiro de 1958, eles estavam claramente como amigos em junho daquele ano – durante a primeira de suas duas viagens para a Europa (rompimento, Kelley, 206, *Star*, 17 de fevereiro de 1976, Lawford e Schwarz, 100. Ver também Higham, *Ava*, 148, Carpozi, *Poison Pen*, 228–; reconciliação – Spada, *Lawford*, 483, *Star*, 17 de fevereiro de 1976. Ver também Dwiggins, 122, Shaw, *Sinatra*, 247, *New York Herald Tribune*, 19

de junho, *New York Post*, 23 de junho de 1958, corr. Ric Ross); (com entusiasmo/macaqueava) ents. Peter Dye, George Jacobs, *Cosmopolitan*, outubro de 1961.

309 “Ele tem um talento enorme”: *American Weekly*, 12 de novembro de 1961. Peter e Pat Lawford estavam sujeitos ao mau temperamento de Sinatra tanto quanto qualquer outra pessoa. Na noite de Ano-Novo de 1958, quando eles adiaram uma viagem para vê-lo em Palm Springs, ele tentou colocar fogo nas roupas que eles tinham deixado na casa. Como as roupas não se queimaram com facilidade, ele as jogou na piscina (Jacobs, 131, Lawford e Schwarz, 103).

309-310 *Some Came Running*: (“típica cidade pequena americana”) *High Times*, junho de 1978; (grosseria e insultos) *Time*, 25 de agosto, *New York Daily News*, 2 e 3 de setembro de 1958, Carpozi, *Sinatra*, 190 MacLaine, 84; (arrancou um telefone) *New York Daily News*, 3 de setembro de 1958; (chegou a arrebentar uma televisão) *Time*, 25 de agosto de 1958; (“O Sr. Sinatra me agarrou”) *New York Daily News*, 3 de setembro de 1958 (versão de MacLaine) ent. Shirley MacLaine e MacLaine, 65–, 61, 74, 69, 84, 71, 109.

311-312 “Um repórter da revista *Life”*: Gehman, 50, *Star*; 15 de dezembro de 1981, ver também Shirley MacLaine, *Don't Fall off the Mountain*, Londres: Bodley Head, 1971, 102. Posteriormente, Shirley MacLaine disse que “Dave Zeitlin” era o nome do repórter da *Life* com quem ela e os colegas se recusaram a cooperar. Contudo, o escritor vetereno de notícias de capa para a *Time-Life*, Paul O'Neil, foi quem escreveu sobre a descoberta, a história sobre o “Clã” , em dezembro de 1958; (“Não conformidade”) *Life* 22 de dezembro de 1958, ent. Michael O'Neil; (Davis citou/fonte) Shaw, *Sinatra*, 262; (“Ele era nosso líder”) *Philadelphia Daily News*, 18 de maio de 1998.

312-313 nome Rat Pack e comportamento: (rótulo Clã renegado) FS em *Daily Variety*, 25 de agosto de 1960, citado também em Taraborrelli, 211, Lawford em *American Weekly*, 12 de novembro de 1961, Davis em ed. Early, 238; (mudaram para Rat Pack) Gehman, 36, 52; (“apenas um grupo”) Pittsburgh Courier, 3 de março de 1962; (definições de FS/“*quim*”) Gehman, 53–; (“*bird*”) Zehme, 39, *Philadelphia Daily News*, 18 de maio de 1998; (“Charlies”) ibid.; (“Mother”) Gehman, 54; (“Não sou tão certinha assim”) ent. Keely Smith por Jim Raposa.

313-314 A Cúpula no Sands": (Entratter tirou) Davis, Boyar, e Boyar, *Why Me*, 107; *Variety*, 11 de agosto de 1997; (telegramas falsos) Wilson, *Show Business*, 15, Ralph Pearl, *Las Vegas Is My Beat*, Secaucus, NJ: Lyle Stuart, 1973, 65; (34 mil /100 dólares/3 dólares) *Playboy*, junho 1960, *Pearl*, 67; ("iconoclastia selvagem") *Playboy*, junho de 1960; ("um Monte Rushmore") *Vanity Fair*, maio de 1997; ("Ei, onde diabos fica"/"Dean, fecha"/cuecas) Pearl, 66, *Playboy*, junho de 1960; ("Aqui estão eles") ibid.; (balde de gelo) Starr, 57; ("O Poder") *Variety*, 11 de agosto de de 1997; ("o único bebum totalmente sóbrio") Davis, Boyar e Boyar, *Yes, I Can*, 496; ("Eles estavam") corr. Ed Walters, com permissão; ("glorificação") Miami Herald, 29 de março 1960; ("Beber muito") Davis, *Suitcase*, 83; ("Você quer dançar") Gehman, 73, *Playboy*, junho de 1960; ("Você vai dançar comigo") Fishgall, 154; (mutilando a letra) *Playboy*, junho de 1960.

315-316 Rat Pack & sex: (Sede do Clube) *Esquire*, março de 1996, corr. Ed Walters, com permissão, Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, 498; (iniciais) *Las Vegas Review-Journal*, 16 de maio de 1998; (roupão marrom) Sinatra, *My Father*, 134; ("Eu fui") Douglas, 400; ("Eu tinha 18 ou 19 anos") *Rolling Stone*, 25 de junho de 1998; ("O lugar fervilhava") *Starr*, 61; ("Jogava-se pôquer") ent. Count Guido Deiro; ("Quando Dean chegou") ent. Ed Walters; ("por conta da casa") Jacobs e Stadiem, 143; ("As mulheres eram tratadas") ent. Count Guido Deiro.

316 Lawfords/FS e JFK: (fim de semana em Palm Springs) *Star,* 17 de fevereiro de 1976, Jacobs e Stadiem, 130; (tentando seduzi-la?) ibid., 129; (Victoria Frances) Spada, Lawford, 204; (padrinho) Christopher Lawford, 41; ("Acho que nós éramos") *Star,* 17 de fevereiro de 1976.

Capítulo 23: O convidado de Chicago

317 Falsa imagem de JFK (doença crônica) Robert Dallek, *An Unfinished Life*, Boston: Little, Brown, 2003, refs., Joan e Clay Blair Jr., *The Search for JFK*, Nova York: Berkley, 1976, esp. 635–; ("um dos mais bem guardados") *Atlantic Monthly*, dez. 2002.

317 Charlatão das celebridades: que Kennedy recorreu a tratamento médico por intermédio do charlatão das celebridades Max Jacobson é agora aceito

como um fato. “Eu não ligo se for xixi de cavalo”, Kennedy disse sobre as injeções que Jacobson administrava, “funciona”. Na qualidade de presidente, ele foi a um encontro com o líder soviético Nikita Khrushchev totalmente drogado. (Jacobson – e.g., refs. em Dallek).

317-318 Drogas recreacionais: os fragmentos de informação disponíveis agora sobre o alegado uso de drogas de Kennedy incluem a afirmação de que ele usou cocaína durante uma visita a Las Vegas, no começo de 1960, que teria experimentado maconha e LSD com uma amante na Casa Branca, e que – junto com seu cunhado Peter Lawford – teria administrado nitrato amílico em uma mulher para ver como este afetaria a experiência sexual dela (uso de drogas em Vegas – corr. Ed Walters, usado com permissão; drogas na Casa Branca, Nina Burleigh, *A Very Private Woman*, Nova York, Bantam, 1998, 11–, 212, 286, a amante era Mary Meyer; nitrato amílico – Lawford e Schwarz, 137–); (“carreiras de cocaína”) Jacobs e Stadiem, 140, 347. JFK e sexo (“como Deus”) Richard Reeves, *President Kennedy: Profile of Power*, Nova York: Simon e Schuster, 1993, 291 (“Eu, uma vez, perguntei”) Dallek, 152, e ver Priscilla Johnson Mcmillan, *Marina and Lee*, Nova York, Harper and Row, 1977, 3.

318 “No que dizia respeito a sexo”: Summers, *Godness*, 240. Há uma cobertura completa da vida sexual de Kennedy no estudo de Robert Dallek entitulado *An Unfinished Life*, em Joan e Clay Blair Jr., *The Search for JFK* – frequentemente neglicenciado, mas inestimável – em Richard Reeves, *President Kennedy: Profile of Power* (todos citados anteriormente) e em Nigel Hamilton *Reckless Youth*. Nova York: Randon House, 1992 e Sally Bedell Smith, *Grace and Power: the Private World of The Kennedy White House*, 2004. Foi sugerido que a medicação que ele tomava para a doença de Addison contribuiu – assim como em outros pacientes – para o aumento do seu desejo sexual (Blair, 648, Dallek, 213).

318 Envolvimento/contrabando de Joe Kennedy: (“parceiros” com Costello) *NYT*, 27 de fevereiro de 1973. Comentários de Costello, feitos para o jornalista Peter Maas, foram publicadas no *New York Times* no começo de 1973. Em um livro no ano seguinte, o advogado de longa data do mafioso, George Wolf, pareceu sugerir que seu cliente poderia ter apenas jogado maliciosamente o nome de Joe Kennedy – tanto para Maas quanto em um comentário anterior para a Comissão Estadual de Bebidas sobre a atividade pós-proibição – quando, de fato, ele estava se referindo a um

diferente Joe Kennedy. Outra informação, entretanto, indica que Costello estava realmente falando do pai do futuro presidente (comentários de Wolf – Wolf com DiMona, 146–, 202; outra informação – Kratz, 68-13, Joseph Bonanno com Sergio Lalli, *A Man of Honor: The Autobiography of Joseph Bonanno*, Nova York, Simon e Shuster, 1983, 174); (caiu) Mohoney, 43; (Stacher) Eisenberg, Dan e Landau, 108; (Dalitz) Mahoney, 39, 383n83; (Madden) Grahan Nown, *The English Godfather*, Londres: Ward Lock, 1987, 189, 195; ("Eu discuti") Hersh, 50 (Kohlert/Relatórios alfandegários) Russo, 360, 361.

318-319 Experiência Sindical de McLaney: em 1973, em depoimento para o Subcomitê de Investigações do Senado, uma testemunha disse que McLaney "representa Meyer Lansky", cúmplice mais próximo de Luciano. Posteriormente, com a autorização de Lansky, McLaney comprou uma grande parte do Hotel Nacional, controlado pela Máfia, em Havana. Um assistente de longa data de McLaney confirmou sua asserção sobre Joe Kennedy (Hearings, HSCA, *U.S Government Printing Office*, vol. 10, 185, e ver Russo, 67–); ("controlado por Luciano") informação fornecida para autores por Gus Russo, que entrevistou McLaney; (assaltos de caminhões) Eisenberg, Dan e Landau, 109, Mark A. Stuart, *Gangster: The Story of Longy Zwillman*, Londres, *Star,* 1987, 42, Morgan, 58, Russo, 361 – os dois contrabandistas eram Murray Humphreys e Joe Reinfeld, ambos proeminentes no comércio ilícito; ("filho da mãe") Hersh, 138 e ver supra, 19 (Cassara) Fox, 315–, Hersh 52–; (Kennedy vende para os contrabandistas) Richard Whalen, *The Founding Father*, DC: Regnery 1993, 380–, Fox, 316, Hersh, 54, Sifakis, 353, Stuart, 40 – parceiros que foram associados com Moretti, Longy Zwillman e Joe Reinfeld; ("levemente embaraçoso") Whalen, 380; (Joe não corra) ibid., 137, 345, 358, Ralph G. Martin, *A Hero for Our Time*, Nova York, Macmillan, 1983, 41–; ("Eu disse para ele") ibid., 48; (ganhar) ibid., 22, Dallek, 36; ("Tudo que Joe tinha"/nível sem precedentes) Dallek, 130; (Eu vou fazer) ibid., 169 – o funcionário era Frank Morrissey.

319 Joe fixa suas esperanças: Joe Kennedy tinha aspirações presidenciais para seu primeiro filho Joe Jr., mas ele foi morto durante a guerra. "Se não foi Joe", Kennedy teria dito um pouco antes daquela derrota, "Será Jack". Martin, 41.

320 Kennedy e Bonanno (visitas de 1954/1956) int. Bill Bonanno, Bill Bonanno,

Bound by Honor, Nova York, St. Martin´s, 1999, 5, 7, 27–. Como Bill Bonanno disse em seu livro de 1999, Joe Kennedy visitou Bonanno no fim de 1955, "procurando levantar apoio para seu filho." Todavia, estudos acadêmicos da campanha de 1956 indicam que Kennedy pai estava ativamente se opondo à tentativa de seu filho em ocupar a posição de vice-presidente. Pode ser que a recordação de Bonanno – se autêntica – é devida a uma primeira viagem de reconhecimento. (Dallek, 206, Parmet, 335–); (Experiência de Joe Bonanno) Sifakis, 40–, Brashler, 187, Bonanno com Lalli, 56–, 166, 172, 319.

320-321 ("Nenhum democrata"/"Kennedy disse") Bonanno, 7, 27–, o autor Gay Talese, que fez Bill o assunto de seu livro sobre a máfia, *Honor Thy Father*; os autores comentam que encontraram nele uma fonte confiável. Nós salientamos, todavia, que *Bound by Father*, e as subsequentes entrevistas de Bonanno, incluem afirmações dramáticas e não corroboradas do alegado papel da Máfia no assassinato do presidente Kennedy. Não obstante essas afirmações, e dado o que agora se sabe sobre as ligações criminosas de Joe Kennedy, as revelações de Bonanno Jr. sobre as visitas de Kennedy para seu pai merecem sua inclusão aqui (int. Gay Talese, mas ver também as afirmações de assassinato de Bonanno, 299–, e Bill Bonanno ints., *Time.com*, 11 de maio de 1999, http://crime.about8.com, 5 de agosto de 1999; (JFK/Battaglia na massa) Rosen para Boardman, 4 de março de 1958, Hoover O&C Files, volume 13.

321 Battaglia oficial democrata/amigo de Bonanno: (*Tucson) Daily City*, 22 de jan. de 1970, Bonanno com Lalli, 307, Bonanno 8. Embora o obituário de Battaglia o identifique apenas como o vice-presidente do Partido Democrata do estado do Arizona, o autor Richard Mahoney o identificou como sendo um subchefe da Máfia. O filho de Joe Bonanno, Bill, que tinha sido preparado para suceder seu pai, escreveu sobre seu contato com Kennedy, em suas memórias *Bound by Honor*, de 1999. Ele contou aos autores que Battaglia era "uma parte do nosso mundo" (Mahoney, 39, 383, e – rever ligação com a Máfia – ver Rosen e Boardman).

321 Bonanno encontra JFK: ibid. Os agentes observaram John F. Kennedy com Battaglia em 1958, enquanto Bonanno diz em suas memórias que teve um encontro com o futuro presidente em "1959-1960". Não está claro se o chefe da Máfia não se lembrou da data do encontro ou se houve mais de

um encontro.

321 Em contato com FS/casamento/um dos convidados de FS: Bonanno disse, em uma entrevista posterior, que na ocasião do casamento de 1956 Sinatra estava impossibilitado de se apresentar – como alternativa, Tony Bennet se apresentou int. retransmitida (1) – Joe Bonanno no *60 minutes*, *CBS News*, 19 de maio de 2002, int. Bill Bonanno, Bonanno, 42 e foto, e ver Bonanno com Lalli, 189–, Gay Talese *Honor Thy Father*, Greenwich, CT: Fawcett, 1971, 24.

322 Giancana (passado) Brashler, Giancana e Renner, Roemer, refs., (feitio sadista) Brashler, 44 (o lado de Accardo) ibid., 120, (o poder passou) Roemer, 191 (homem de família) Brashler, Giancana e Renner, 60, 67, 99, 47, int. Antoniette Giancana, Penthouse, março de 1984, (“como alguém”) ibid., 60; (“cheio de vitalidade, caloroso”) Fisher com Fisher, 290.

322 “Ele é profundamente”: Demaris, *Mafioso*, 197. Shimon, que também era um *expert* em eletrônica, conheceu Giancana em 1961, através do homem de confiança deste, Johnny Rosselli, quando ambos se envolveram em um plano secreto da CIA/Máfia para matar Castro (ints. de autores, Joe Shimon, e ver *“Interim Report,”* Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, gov. EUA., Printing Office, rua 94, Cong., Ist. sess., 81); (“assustador”) int. Rock Brynner; (“Ele era tão sério quanto”) Michael Corbitt com Sam Giancana, *Double Deal*, New York: Wm. Morrow, 2003, 60–; (bateu em uma de suas filhas) *Penthouse*, mar. I984; (atirou na TV) int. Sonny King; (“implacável") SAC Chicago para Diretor, 31 de outubro de 1962, FBI 92-3171-917; (vivia pela arma) Brashler, 51–, 66, 151–, 156–, Giancana and Renner 32–, 75–.

322 FS e Giancana: (FS um dia insistiria) SAC Los Angeles ao Diretor, 7 de out., I963, FBI 92-6667-6, Kelley, 394, testemunho de FS, Comissão de Jogos de Nevada e Conselho Estadual de Controle de Jogos, fev. 11,19,1981; (disse ao FBI) SAC Los Angeles ao Diretor, 7 de out., 1963, FBI 92-6667-6; (depois do escritório ter estabelecido) “Título: Samuel M. Giancana,’’ 12 set., 1960, FBI 92-3171.

322 (“quantidade de informações”) ints. Peggy Connelly, Marilyn Sinatra, Gloria Cahn Franks, *NYT*, int. de Antoniette Giancana, 2 de fev. De 1984, Giancana e Renner, 101, Jacobs and Stadiem, 100–, Sinatra, *Legend*, 112, e ver *LAT Calendar*, 26 de julho de 1992, relatório, 5 de maio, 1961, FBI

92-636-3; (De Carlo) SAC Newark para SAC Nova York, 28 de agosto de 1947, FBI 94-419535. Ver anterior exposição da conexão Sinatra/De Carlo no capítulo 5, p. 47–, supra. O documento do FBI contém referências diretas sobre De Carlo como "Ray" – ele preferia seu apelido. Ele era conhecido também como "Gyp"; ("Aquele bandido") Sinatra, *Legend*, 112; (apresentação beneficente) Giancana e Renner, 81,94–, 101, 104; ("muito afeiçoados") *NYT*, 2 de fev., 1984;

323 ("Meu pai") int. Marilyn Sinatra.

323 "convidado especial"/"arrepiado de medo"/"comportamento impecável"/"O que ele": Jacobs e Stadiem, 103, 3, 105. Todavia, a amante de Sinatra, Peggy Connelly, lembra que em certo momento Sinatra passou a evitar as ligações de Giancana. A explicação pode estar no fato de que, como ela também recorda, o gângster estava constrangendo a secretária de Sinatra com insinuações não bem-vindas. Sinatra ajudou a afastá-lo dela (ints. Peggy Connelly); (El Rancho) "Frank Sinatra,'' 10 de fev., 1961, FSFBI; (Giancana & *Deus Sabe Quanto Amei*) *Las Vegas Review-Journal*, 14 de dez., 1995, int. John Smith – O homem que cozinhou era Joe; (Incidente MacLaine) int. Shirley MacLaine, MacLaine, *Lucky Stars*; 62–, 69; ("apresentação de comando") "Correlation Summary", 8 de jun. de 1964, e "Frank Sinatra'', 10 de fev., 1961, FSFBI, "Joseph Fischetti," 27 de set. de 1960, FBI 92-3024-23; (Armory Lounge) "Samuel M. Giancana", 5 de maio de 1961, FBI 92-636-3, "Samuel M. Giancana'', 12 de abril de 1961, FBI 92-3171-185.

324 FS no casamento: Scatterday para Belmont, 30 de março de 1960, FSFBI, *AP*, 31 de agosto,1963. Um relatório do FBI e um recorte de jornal se referem a Sinatra como tendo sido um convidado no casamento. A irmã de Bonnie Giancana, Antoniette, disse que ele foi convidado mas não compareceu. Ela não é uma fonte confiável sobre este assunto, uma vez que ela mesma não compareceu ao casamento (Giancana and Renner, 194–).

324 "festa privada": SAC Los Angeles para diretor, 24 de abril, 1963, FBI 92-6667-1, Evans para Belmont, 17 de abril, 1964, FSFBI, "Samuel M. Giancana", 12 de set., 1960, FBI 92-3171-72. Posteriormente, em depoimento oficial, Sinatra negou que Giancana estivesse presente. Os agentes do FBI não acreditaram nele e chegaram a considerar processá-lo por fraude (Evans para Belmont, 9 de out., 1963, FBI 92-6667-7).

324 Giancana e Davis: Davis, Boyar, and Boyar, *Why Me*, 87, 100; (Worldwide Actors Agency) “Título: Samuel M. Giancana’’, 5 de maio, 1961, FBI 62-636-3; (distraído) William Roemer, *Roemer: Man Against tbe Mob*, New York: Donald Fine, 1989, 189, Roemer, Accardo, 189, Brashler, 146–; (“no calor”) Brashler, 147, Giancana e Renner, 246; (FS/Giancana e mulheres) “Título: Samuel M. Giancana’’, 5 de maio, 1961, FBI 92-636-3, Brashler, 148; (Keely Smith e FS) int. Keely Smith por Jim Raposa, fornecido aos autores, Giancana e Renner, 232; (Smith e Giancana) Brashler, 149, “Samuel M. Giancana’’, 28 de jan., 1964, FBI 92-3I7I-1322, e “Título: Samuel M. Giancana”, 5 de maio, 1961, FBI 92-636-3; (carregamento de charuto) M/Gent. de Nick Sevano; (anel) ent. e corr. Toni Shimon, “int. gravada de Joe Shimon,’’ 26 de julho, 1977, Rec. No.180-10095-10496, HSCA, JFK; (cópia de *A Um Passo/*“skinny little”) Penthouse, mar. 1984; (“para alcançar seus próprios”) Giancana e Renner, 92; (“Eles são todos ratos”) Penthouse, mar. 1984.

Capítulo 24: O candidato e a meretriz

325-326 FS e política/JFK: primeiro encontro/“se isto significasse” (*LA*) *Mirror*, 1º de dez. 1960, Shaw, *Entertainer*, 45. O encontro de 1955 é reconhecido pelo próprio Sinatra, mas ele e Kennedy podem ter se encontrado ainda antes. De acordo com a filha de Sinatra, Nancy, se encontraram logo após o casamento de Kennedy, no final de 1953, enquanto Tina Sinatra afirmou que eles haviam se conhecido através de Lawford. Tomadas juntas, as afirmações das filhas colocam o primeiro encontro antes da metade de 1954, quando a amizade entre Sinatra e Lawford foi interrrompida por uma divergência entre os dois (Sinatra, *My Father*, 219, Sinatra com Coplon, 71); (afiliado como Democrata) Tina Sinatra int. para Larry King Live, CNN, 1993, int. Larry King, Sinatra, *My Father*, 219; (campanha FDR, Truman, Stevenson) *Look*, 14 de maio, 1957, *Human Events*, 4 de maio, 1963, Sinatra com Coplon, 71; (cantou 1956), *Daily Mirror*; 6 de agosto, *Variety*, 12 de jul., 1956; Jon Wiener, *Professors, Politica and Pop*, New York: Verso, 1991, 265–; (“o verdadeiro herói”) Parmet, 382; (“entusiasmados”) Sinatra, *My Father*; 133; (Mayflower) Robert Parker com Richard Rashke, *Capitol Hill in Black and White*, New York: Dodd,

Mead, 1986, 84–, Christopher Andersen, *Jack and Jackie*, New York: Morrow, 1996, 156; (JFK Palm Springs/“A Shirley tem?. . .”) Jacobs e Stadiem, 135–; (adorava fofoca) Kenneth O'Donnell, David Powers com Joe McCarthy “*Johnny, We Hardly Knew Ye*”, Boston: Little, Brown, 1972, 18; (“Eu sei que”) Bragg, 310; (publicidade) Parmet, 437–, Whalen, 446; (“Senador Kennedy”) Dwiggins, 142; (“era mútuo”) Freedland, *All the Way*, 271.

326-327 Esforço de Joe Kennedy por JFK: (visita a FS) Jacobs e Stadiem, 117–, 128; (“Nós vamos vender”) Whalen, 446; (revistas/dinheiro ilimitado) Parmet, 482–, 435, 441; (“Eu acabo de”) ibid., 439; (mapa) Whalen, 447; (“quem os chefes eram”) Ronald Kessler, *The Sins of the Father*; New York: Warner, 1996, 374.

327 Joe mandou um intermediário/“Joe Kennedy havia”: em seu livro de 1999, Bill Bonanno nomeou o intermediário de Kennedy de “Skip O’Brien”. Os autores não foram capazes de identificar um assistente de Kennedy por esse nome (Bill Bonanno, 82, int. Bill Bonanno).

327-328 Joe Kennedy e a Máfia: (atentados contra Luciano) Gosch e Hammer, 387, 392–; (encontrou na Sicília) Umberto Santino, *Historia del Movimento Antimafia*, Roma: Editori Riuniti, 2000, 205, Umberto Santino e Giovanni, La Fiura, *Behind Drugs*, Turin, Itália: Edizioni Grouppo Abele, 1993, 140–. Ver Bonanno com Lalli, 198–, Douglas Valentine, *The Strength of the Wolf*, New York: Verso, 2004, 165; (“Eu fui instruído”) Bill Bonanno, 82–, int. Bill Bonanno; (ambos na Comissão da Máfia) Brashler, 187; (ataque cardíaco) Bonanno com Lalli, 222; (“não se davam bem”) ibid., 250, Brashler, 277.

328-329 “Joe veio a mim antes /“Lá atrás em 59”: Anthony Summers entrevistou Phil Regan em 1991, e este morreu em 1996. Os autores não entrevistaram Alo até 1997, assim eles não tiveram oportunidade de perguntar a Regan sobre o alegado encontro com Joe Kennedy. Alo foi entrevistado também em 1997 por Gus Russo para seu livro sobre a máfia de Chicago, *The Outfit*. Nós reunimos aqui o que Alo disse nas duas entrevistas sobre a introdução de Phil Regan. Nascido no Brooklin, Regan era um cantor e ator que cantou o hino nacional na posse do presidente Truman. Ele era próximo dos gânsteres da costa leste Joe Stacher e Longy Zwillman, e estava envolvido em atividades envolvendo a Máfia e os políticos no começo de 1952. (Passado de Regan, coluna de Louella Parsons, 27 de

mar., 1962, *Variety*, 10 de jul., 1963, *Boston Globe*, 19 de jul., 1988, *Collier's*, 25 de fev., 1950, Paul Fay, *The Pleasure of his Company*, Nova York: Harper and Row, 1963, 44, Peterson, *The Mob*, 288; Regan prison, *NYT*, 24 mar., 30 de ago., 1973, 17 de abril, 1975, *LAT*, 6 de jan., 1983; Russo sobre Alo Russo, 367).

329 Giancana/Máfia/política: (Luciano e Al Smith) Gosch e Hammer, 97, 6, Wolf com DiMona, 97, Stuart, 92, 159; (Llewella Humphreys/Truman/Eisenhower) *There Was a Crooked Man*, documentário, HTV Wales, fornecido para os autores pelo diretor Don Llewellyn; (Giancana "eleitor ilegal"/candidato baleado) Brashler, 58–, Peterson, *Barbarians*, 142–; (Giancana e políticos no fim dos anos 1950) ibid., 312, Brashler, 210, ASA (nome não revelado) Chicago para Director, 20 de dez., 1962, FBI 92-3171, Memorando para o arquivo por Max Goldshein, "Organized Crime and Rackets in Chicago and Cook CO.," 111, 27 de set., 1957, BN, NA, Mahoney, 49. Ver também Hearings, HSCA, 22–.

329-330 comprometendo oficiais: um exemplo de armadilha sexual foi o calvário de George Ratterman, que, em 1961, era o candidato reformista para delegado por Newport, Kentucky. Gânsteres o deixaram semiconsciente ao " batizarem" sua bebida, e o colocaram na cama com uma dançarina associada e chamaram a polícia. O tiro saiu pela culatra, pois Ratterman foi capaz de provar sua inocência e acabou por vencer a eleição (Ratterman File, FBI 44-17593, Messick, 201–, 207, Messick, *Syndicate Abroad*, Londres: Macmillan, 1969, 232); (viúva de Lansky) *60 Minutes*, CBS News, 25 de jun., 1989, Lacey, *Little Man*, 340; ("Dê uma garota a ele") Bill Bonnano, 83–.

330 Korshak: (Bea e Lawford) *Vanity Fair*; abr. 1997; (passado) *NYT*, 27 de jun., 1976; (próximo de Giancana) *NYT*, 28 de jun., 1976, "Samuel M. Giancana", 5 maio, 1961, FBI 92-636-3, SAC Las Vegas para Diretor, 21 de maio, 1963, FBI 92-5053- 4, Scheim, 338n.

330 Korshak próximo de FS: os Korshak se aproximaram de Sinatra por volta de 1959. Bea Korshak, uma ex-estrela da Paramount, tinha estado na *villa* alugada por Sinatra em Acapulco no ano anterior. Ela continuaria sendo uma amiga confiável nas décadas seguintes, quando serviu como surpervisora de honra no casamento de Sinatra com sua quarta mulher, e ajudando na decoração da casa de Palm Springs. A certa altura, Frank teria

dito ser um cliente de Korshak (perto de 1959 – Jacobs and Stadiem, 107; estrela – *Vanity Fair*; abril de 1997; no casamento – Sinatra com Coplon, 158; decoração – *Architectural Digest*, dez. 1998; cliente? – "File Review & Summary Checks," 26 de mar., 1970, FBI LA 100-41413); (confrontando Kefauver) *NYT*, 27 de jun., 1976, Russo, 258–, *Vanity Fair*, abr. 1997.

330 FS/JFK e sexo: ("cafetão de Jack") Kelley, 269; ("festas indiscretas") Scatterday para Belmont, 30 de mar., 1960, e "Correlation Summary," 8 de jun., 1964, FSFBI, "File Review & Summary Check," 19 de set., 1960, FBI LA 100-41413-121; ("a mais surpreendente") *Dallas Morning News*, 15 de jun., 1977.

330 JFK Palm Springs 1959: ("repleta de música") Kelley, 267; ("Kennedy Room") *Architectural Digest*, dez. 1998, *Look*, nov. 30, 1965.

330 Placa/"Tivemos uma ótima": Kelley, 286, 531; a placa comemorativa da estadia de Kennedy é datada "6 e 7 de novembro, 1960", mas isto não pode estar correto. Kennedy estava viajando pelo país em um ritmo frenético naqueles dias, e a eleição ocorreria no dia 8 – mas não na Califórnia. O senador viajava pela costa oeste no começo de novembro de 1959, mas estava em Oregon, não na Califórnia, nos dias 6 e 7. Todavia, informes da imprensa entre 30 de outubro e 5 de novembro indicam que ele teve oportunidade de visitar Sinatra nos dias 3 e 4. A referência de Powers sobre a estadia na casa de Sinatra permanece a única evidência que os autores acharam sobre tal visita, mas pode ser considerada como uma referência confiável. A equipe da biblioteca John F. Kennedy foi incapaz de lançar mais luz sobre o assunto (viagem de JFK – Theodore White, *The Making of the President*, 1960, New York: Atheneum, 1962, 338; balanço da Costa Oeste –*LAT*, 1º de nov., 1, 2, 4, 7, *NYT*, 8, *WP*, 2,3,10,13, *Oregon Journal*, 6, 7, 8, 9, 10, 1959; Biblioteca JFK – Sharon Kelly, referência de bibliotecária para os autores, 5 de fev., 2003, e ver Kelley, 267,531).

330 jantar no Puccini/Campbell: int. Nick Sevano. Sevano tinha recentemente voltado a se reunir com a turma de Sinatra. Campbell nunca mencionou ter encontrado Kennedy logo em novembro de 1959 – ela afirmaria que seu primeiro encontro com ele foi em 7 de fevereiro de 1960. Ainda que Sevano tenha dito aos autores que tinha quase certeza de que Kennedy estava no Puccini. A cobertura da imprensa mostra que Kennedy estava

em Los Angeles no dia 1º e 2 de de novembro, especificamente em Beverly Hills no dia 1º. O relato de Sevano, se preciso, estabeleceria que a atenção do candidato foi atraída para Campbell três meses antes do que ela afirma (retorno de Sevano – Shaw, *Sinatra*, 262; JFK 1º-2 de novembro – *LAT*, 2, 4 de nov. *WP*, 2, 3 de nov., *NYT*, 8 de nov., 1959.

330 Campbell and FS: (passado de Campbell) ints. Judith Exner, 1991, (Judith Exner era o último nome de casada de Campbell) como disse a Ovid Demaris, *My Story*, New York: Grove Press, 1977, 15, depoimento de Judith Exner, 20 de set., 1975, Hearings, Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, Senado dos EUA, vol. 1, Relatório de Processos;

331 (“nas festas”) int. de Campbell por Barry Farrell, cortesia de Tony Cook, Exner como disse a Demaris, 49.

331 Comitê do Senado: o episódio de Campbell foi primeiro provado por um comitê do Senado, formalmente nomeado de Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência. Seu relatório interno, emitido em 20 de novembro de 1975, é frequentemente chamado de relatório Church, por causa do presidente do comitê, o senador Frank Church. Alternativamente, é chamado também de Comitê de Inteligência; (Campbell no Puccini/FS perseguiu/“idílico”) Exner como disse a Demaris, 49.

331-332 Viagem ao Havaí/“massagem”: de acordo com Campbell, os convidados de Sinatra no Havaí incluíam o dr. Leon Krohn, ginecologista, e o presidente do banco City National, Al Hart. No começo de sua carreira Hart trabalhou para uma companhia de bebidas da Máfia em Chicago. Outra turista, Karen Dynan, corroborou o fato de que Campbell estava no Havaí. Ela relatou ter encontrado o grupo de Sinatra, e disse que ele incluía Hart e um médico (convidados Krohn/Hart, Exner como dito a Demaris, 50; banqueiro Hart-ibid., “File Review & Summary Check”, 9 de mar., 1962, FBILA 100-4141 3-148; Peter Dale Scott, *The Dallas Conspiracy*, não plub. ms., Reid, *Reapers*, 180; corroboração int. Karen Dynan); (“Nós estávamos bebendo”) int. Karen Dynan; (colunista de fofoca) Harrison Carroll em *LAHE*, 17 de nov., 1959; (viu FS de novo/Entratter/Formosa) Exner como dito a Demaris, 61–; (Formosa/Giancana) “Samuel M. Giancana,” 7 de mar., 1961, FBI 92-3171-146, Giancana e Renner, 107, Brashler, 212; (“Eu vou apostar até”)

Exner como dito a Demaris, 64.

332 *High Hopes*: Rednour, 37, Sayers and O'Brien, 83; (nova versão) 28 de jan., 1960, entrada, *Where or When?*; ("Eu sou Jack Kennedy"): Reeves, 160; ("Frank, como podemos contar") *Rolling Stone*, 19 de mar., 1981; (JFK and Caroline) O'Donnell, Powers com McCarthy, 150, Parmet, 512.

333 JFK no "ápice" (JFK se dobra/relaxa) 8 e 9 de fev., 1960. Assim que tirou uma folga, Kennedy se dirigiu ao comitê democrata local, enquanto estava em Las Vegas. Isso foi em uma segunda-feira, 8 de fevereiro, um dia – sua agenda indica – que foi planejado como "dia de folga". Ele aparentemente cancelou um plano de voar para São Francisco (*Las Vegas Sun*, 9 de fev., 1960, corr. arquivista Sharon Kelly, Biblioteca John F. Kennedy); ("Não havia razão maldita alguma"/"Nós todos percebemos") Martin, 199, David Heymann, *A Woman Named Jackie*, London: Heinemann, 1989, 230; ("Senhoras e Senhores"/"O novo presidente") JFK no Sands, gravação de vídeo na coleção dos autores, int. Bullets Durgom, 1986, ent. Sonny King; ("O que você disse") Wilson, *Show Business*, 15; ("troféu"/"Está tudo perfeitamente") Pearl, 66–, Davis, *Suitcase*, 83; (reembarcou no Caroline) *NYT*, 10 e 11 de fev., 1960; (se sentaram falando) Davis, *Suitcase*, 83; (informante do FBI) "File Review & Summary Check", 19 de set., 1960, FBI 100-41413-121. Dada a informação no relatório do FBI e do conhecimento dos autores da passado do informante, ele foi identificado como Fred Otash, investigador privado de Los Angeles. O dono do El Rancho era Beldon Katleman, e o "gerente de campanha'' provavelmente Larry O'Brien. Um relatório do FBI escrito logo após a visita de Kennedy ao Sands inclui uma alegação específica. "O senador Kennedy", afirma o informante, "está comprometido com uma mulher em Las Vegas". Outras fontes indicam que aqueles investigadores da revista de escândalos conseguiram colocar uma escuta clandestina no quarto de Sinatra e obter fitas de "Kennedy com uma puta''. De acordo com reportagens da imprensa, meses depois da visita de Vegas houve um frenético esforço em localizar e destruir as fotografias tiradas de Kennedy em clubes noturnos locais. De acordo com um manuscrito não publicado pelo autor Ladislas Farago, que entrevistou alguns oficiais seniores do FBI, J. Edgar Hoover obteve as fitas e então as passou para Kennedy quando ele se tornou presidente (Kennedy comprometido − New Orleans para Diretor, 23 de mar., 1960, FBI 94-37314-2; esforço frenético − "Correlation Summary" 8

de jun., 1964, FSFBI, Shaw, *Sinatra*, 274; Coleção Hoover-Farago, Biblioteca Mugar, Universidade de Boston).

334 Campbell e JFK no Sands: (colega de classe de Blair/“oportunistas”/ porque nós percebemos”) Hersh, 224, Heymann, 231, Martin, 199; (“experimentava as mercadorias”) int. John Daley, 1983; JFK e cocaína) corr. Ed Walters, e ver referência anterior sobre o uso de drogas, capítulo 23, p. 247.

334-335 “Eu estava sentada à mesa”: ent. Milt Ebbins. Ebbins contou ao autor Anthony Summers, no começo de 1983, que foi ele que “apresentou” Campbell, em uma entrevista que não foi focada em Campbell, mas sobre informações para uma biografia de Marilyn Monroe. Ebbins disse virtualmente o mesmo que foi aqui citado no texto para Laurence Leamer, autor do livro *The Kennedy Women* (Laurence Leamer, *The Kennedy Women*, New York: Bantam, 1994, 489); (uma das três mulheres) ent. Count Guido Deiro; (“estava tão bonito”) Exner como dito a Demaris, 86–; (JFK ligou/fez sexo no Plaza/“um longo”) ibid., 98–; (pedido urgente de FS) Exner como dito a Demaris, 99–; (apresentações no Fontainebleau) corr. Ric Ross, *Miami Herald*, 27 de mar., 1960; (apresentada para Fischetti) ibid., 107–; (“Venha cá, Judy” /“os olhos de Flood”) ibid., 116–; (perto de Giancana) ibid., 120–.

335 Giancana havia pago a conta: Campbell afirmou que ela objetou por Giancana ter pago a conta, e o pagou de volta. É confirmado que ele estava em Miami ao mesmo tempo que Gloria Cahn com o marido. Em sua entrevista para este livro, Cahn lembrou de um incidente envolvendo o mafioso e a filha de dezenove anos de Frank, Nancy. “A pequena Nancy estava lá’’, lembrou Cahn. “Ela não estava confortável, porque seu pai havia feito arranjos com Giancana para levá-la ao aeroporto. Ela disse: ‘Papai, realmente prefiro ir com Gloria e Sammy’. Assim que nós saímos do carro, ela ficou muito aliviada”. Nancy esteve em Miami para a gravação de um show da ABC com Sinatra e Elvis Presley (dinheiro pago de volta − Exner como dito a Demaris, 123; ABC show − *Where or When?* A gravação é de 26 de março, 1960, para ser exibida em maio, ver Sinatra, *Legend*, 147).

335-336 Campbell afirma ter sido usada como mensageira: Campbell disse, em 1988, que Kennedy e Sam Giancana tinham prolongado seu contato um com o outro, e a usado como mensageira e intermediária. O assessor de

imprensa e repórter Johnny Grant, que tinha conhecido Campbell enquanto adolescente, disse que ela contou-lhe tudo isso, em essência, em 1963. Um político de Chicago, que trabalhou na campanha de Kennedy em 1960, Martin Underwood, foi citado como tendo dito, em 1997, que ficava perto de Campbell quando ela carregava fundos secretos de Giancana para a campanha de Kennedy, ou instruções de Kennedy para o assistente Kenneth O'Donnell. Embora Underwood depois tenha negado essa afirmação, seu entrevistador, Gus Russo, insistiu que, em 2004, Underwood disse para ele e para o repórter investigativo Seymour Hersh exatamente aquilo (afirmações de 1988 − *People*, 29 de fev., 1988; Grant-Hersh, 325; Underwood citado − ibid., 304–; negado − capítulo 7, registo do Relatório Final do Conselho de Revisão de Assassinatos, 1998; Russo, conv. com autores, 2004).

336 “A única Campbell”: *Newsweek*, 29 de dez., 1975. Tanto o ex-assessor de Kennedy, Dave Powers, quanto Kenneth O'Donnell negaram qualquer conhecimento de Campbell. Powers insistiu, além disso, que os registros realizados na Biblioteca Kennedy não fazem nenhuma referência sobre as visitas na Casa Branca afirmadas por Campbell. Evelyn Lincoln, a então secretária do presidente, afirmou nos anos 1970 que Campbell tinha sido apenas “uma trabalhadora de campanha”. Desconhecidos do público até a década de 1990, e divulgados pela primeira vez pelos autores, foram vários os relatórios do Serviço Secreto que provavam que Powers havia mentido. Além disso, os registros telefônicos da Casa Branca mostraram que Campbell ligou para o escritório de Kennedy 75 vezes. Lincoln, por sua vez, admitiu, em uma entrevista de 1992, que ela estava de fato ciente dos contatos telefônicos de Campbell com o presidente. Richard Burke, que serviu como assistente administrativo para o senador Edward Kennedy, recorda ter visto as transcrições de conversas telefônicas do salão oval do Presidente Kennedy. “Uma’’, disse ele,” foi uma conversa longa e romântica com uma mulher chamada Judith Campbell. “O roteirista Bill Richmond comprovou, através de registros telefônicos, ter estado em contato com Campbell durante a presidência, e que comentou na ocasião − embora cautelosamente − sobre seu relacionamento com Kennedy. Betsy Duncan, uma namorada do associado de Giancana Johnny Rosselli, disse a mesma coisa (negações − Anthony Summers, “The Unmaking of a Myth”, (*London*) *Sunday Times Magazine*, 6 de out., 1991;

registros da Casa Branca – da biblioteca JFK, nos arquivos dos autores; “trabalhadora de campanha” int. Evelyn Lincoln, 1992; “conversa romântica” Richard Burke, William e Marilyn Hoffer, *The Senator* Nova York: St. Martin’s, 1992, 108; Richmond/Duncan − ints. de autores.).

336 “O inferno não tem”: *Fort Worth Star-Telegram*, 19 de jan., 1976; (alegações confiáveis/confissões privadas) ver nota acima.

336 Campbell longe de ser indiscreta: (declaração de FS: “prostituta”) Kelley, 538; (negação de Campbell) Exner como dito a Demaris, 13, ints. Judith Exner.

336 processo de calúnia: Campbell processou Laurence Leamer por causa de uma passagem em seu livro *The Kennedy Women*. O juiz do caso rejeitou a ação, porque – afirmando um problema de saúde − Campbell não poderia viajar para Los Angeles para participar de um depoimento. Embora mais tarde tenha começado este depoimento, ela foi embora antes que ele estivesse completo. O recurso de Campbell sobre a decisão do juiz expirou em ocasião de sua morte, em 1999. (corr. advogado de Campbell, James Lesar, 2004); (“definitivamente pensavam”) Hersh, 311.

336-337 “prostituta agendável por telefone”/“ela namoraria”: Jacobs e Stadiem, 134, 60–, 133, ent. (George Jacobs. De acordo com Jacobs, Sinatra avaliou altamente os serviços sexuais de Campbell, e − antes dela conhecer John Kennedy – a indicou para o pai de John, Joe; (“Campbell era notória”/“quem ela era”) int. Conde Guido Deiro.

337 Campbell e Rosselli: (Rosselli/Vegas): Rappeleye e Becker, refs.; (e Joe Kennedy) ibid., 202, Russo, 66, 126, 362, int. Joe Shimon, 1985; (“possivelmente em 1960”) testemunho de Judith Exner, 20 de set., 1975; (não tinha conhecido nenhum mafioso) *People*, 29 de fev., 1988; (“apenas brevemente”) Exner como dito a Demaris, 215; (Rosselli disse que tinha conhecido) testemunho de John Rosselli, 22 de set., 1975, audiências, Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, Senado dos EUA, relatório de procedimentos, JFK, *NYT* 12 de abril, 1976, *LAT*, 19 de dez., *Newsweek*, 29 de dez., 1975; (Breen) Rappeleye e Becker, 208.

337 Dexter: int. Brad Dexter. Dexter teve uma íntima associação com Sinatra − ele teve um papel-chave no resgate do cantor em um quase afogamento, em 1964, e trabalhou para Sinatra por vários anos. Uma indicação de que ele estava bem colocado para saber sobre os contatos na Máfia de

Campbell pode ser achada no próprio livro de Campbell. A então namorada de Dexter, Betty Winikus, arranjou um jantar de Campbell com Giancana em Miami, em março de 1960 (Shaw, *Sinatra,* 338, Exner como dito a Demaris, 120–); ("Quando Sam queria") ent. George Jacobs.

338 Judy "prostituta da máfia": Lawford com Schwarz, 147. Segundo Campbell, ela conheceu Lawford rapidamente – em julho de 1960, na convenção democrata, quando ela estava com John Kennedy; Lawford, por seu turno, disse que teve mais de um encontro com Giancana (conheceu Campbell − Exner como dito a Demaris, 50, 62, 162; Lawford/Giancana, *Star*, 17 de fev., 1976).

338 Campbell e Giancana: (Sinatra pediu a ela) Exner como dito a Demaris, 75, 77, 82, 84.

338 Davis/"Todos sabíamos": *Newsweek*, 29 de dez., 1975. Davis falou com a *Newsweek* com a condição de não ter seu nome revelado. Em suas memórias "*Why Me?*", publicadas pouco antes de sua morte, em 1990, ele se limitou a escrever: "Mais tarde, o senador e seus companheiros vieram para cima e tomaram algumas bebidas conosco... me disseram que havia quatro meninas selvagens agendadas para entretê-lo''. Como foi dito no capítulo 22, Davis tinha frequente contato com Giancana, desde que fora ameaçado pela Máfia por causa de seu caso em 1957, com Kim Novak (Davis como fonte − ints. Fontes da *Newsweek*; ele colocou seu carro à disposição − SAC Los Angeles para Diretor, 24 de mar., 1960, FBI 100-41413-96; "Mais tarde o senador" − Davis, Boyar, e Boyar, 108).

338 Cahn/"como pode Frank?": a própria Campbell disse que Gloria Cahn estava presente, e se destacando no grupo ao redor de Kennedy, durante a visita dele em fevereiro de 1960 a Las Vegas. Sobre a possibilidade de Giancana estar presente, os autores observam que o Black Book, a lista dos criminosos notórios, banidos dos cassinos, não existia até o mês de junho seguinte. Notamos, todavia, que Giancana não tinha nenhuma hesitação em desafiar esta proibição – e famosamente o fez no Cal-Neva Lodge, em 1963 (presença de Cahn − como dito a Demaris, 84 ints. Judith Exner; Black Book -Ronald Farrell e Carole Case, *The Black Book and the Mob*, Madison WI: University of Wisconsin Press, 1995, 8, 44).

338-339 "Eu conheci Jack Kennedy": Sevano recordou esta passagem tanto em uma entrevista para a rede britânica ITV quanto para os autores em 2004 (int. Nick Sevano, e M/G int., transcrito e fornecido para os autores);

(“Eles conversaram sobre”) int. Taki Theodoracopulos, 1986.

339 Uma possível evidência do papel de Giancana nos contatos de Kennedy: o *Washington Post* publicou que um dos documentos do senado “indica que várias das chamadas de Campbell para a Casa Branca foram feitas a partir da residência de Giancana, em Oak Park, Illinois”. Embora os registros de ligação telefônica da Casa Branca reportem algumas chamadas de Campbell de Oak Park, não podem ser identificados como tendo origem na casa de Giancana. Campbell reconhece tê-la visitado, mas disse que nunca ligou para Kennedy enquanto estava lá. Foi possível, ela sugeriu, que Giancana tenha tentado contato com o presidente usando seu nome, através da ligação de uma amiga de confiança (visita em Oak Park − Exner como dito a Demaris, 261; nome usado? ints. gravada de Judith Campbell por Barry Farrell, 1977, e pelo colega dos autores, 1991); “Eu acho que não”: int. gravada de Judith Campbell por Barry Farrell, 1977, e ver Exner como dito a Demaris, 142; (“Eles deliberadamente”) int. com Brad Dexter.

339-340 Comitê de Inteligência: (Giancana baleado) Blakey e Billings, 391; (Rosselli se recusou) testemunho de John Rosselli, 22 de set., 1975, audiências, Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, Senado dos EUA, Relatório de Procedimentos, JFK; (Campbell questionada) declaração de Judith Campbell Exner, 20 de set., 1975, audiências, Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, Senado dos EUA, Relatório de Procedimentos, JFK; (parágrafo do relatório) “Alegado plano de assassinato envolvendo líderes estrangeiros”: Relatório Interno, Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, Senado dos EUA, Washington, DC: U.S. Gov’s Printing Office, 1975, 129; (não entrevistou FS) AP, *LAHE*, jan. 19, *Variety*, 20 e 21 de jan., *Chicago Tribune*, 11 de fev., 1976; (colunas de Safire) *NYT*, 15 e 22 de dez., 1975, 13 de jun., 1977, *LAHE*, 11 de jan., 1976; (questões de Safire) *NYT*, 7 de jan., 1976; (“fechar a tampa”) *NYT*, 22 de dez., 1975; (FS “se colocando à disposição”) SAC New Orleans para Diretor, 23 de mar., 1960, FBI 94-37314-2; (“Frank pediu a mim”) como citado em int. de Tita Cahn, segunda mulher de Sammy Cahn.

Capítulo 25: No meio de tudo

341 Joe Kennedy se aproxima da Máfia: (“Não é do papa”) Merle Miller, *Plain Speaking*, New York: Putnam, 1973, 187; (buscava a Máfia) Russo, 365, Parmet, 521.

341 almoço no Felix Young: embora a reunião tenha resultado em uma grande contribuição para a campanha, nem todos estavam prontos para dar total apoio ao exército de Kennedy. Alguns, como Carlos Marcello, de Nova Orleans, jamais dariam (Summers, *Official & Confidential*, 269–, Mahoney, 43–, 386, Russo, 356–, 367); (Giancana não se comprometeu) Jacobs e Stadiem, 140; (Humphreys astuto) Hersh, 143, Russo, 372–; (RFK mirado) Schlesinger, *RFK*, 164–; (Illinois) White, 124, 143, 60; (abordagem de FS/versão da TV) *Sinatra: The Music Was Just the Beginning*, Warner Bros. 1992

342 jogo de golfe: Hersh, 137–, Sinatra com Coplon, 72–, e ver Sinatra, *Legend*, 146. Não está claro exatamente quando Sinatra foi convocado para ver Joe Kennedy. Tina Sinatra julgou “no final de 1959” e no início de 1960. Sua irmã, Nancy, apontou fevereiro de 1960.

342 Virgínia do Oeste: (coisa certa?) Theodore White, *The Making of the President*, New York: Atheneum, 1962, 101–; (95% de protestantes) *Memories* abr./maio 1990; (alegações) Hubert Humphrey, *The Education of a Public Man*, Garden City, NY: Doubleday, 1976, 214–, Lawrence O’Brien, *No Final Victores*, New York: Ballantine, 1974, 69, Hersh, 95–, Kessler, 380, James Hilty, *Robert Kennedy, Brother Protector*, Philadelphia: Temple University Press, 1997, 144–; (“Eu conheço bem Joe”) ent. Bob Neal.

342 “falação”/“em eleger aquele Joe”: as memórias de Jeanne Humphreys foram apoiadas pelas mais de 300 páginas do diário que ela manteve. Ela e o neto de Humphreys, George Brady, foram entrevistados em 1997 pelos escritores Seymour Hersh e Gus Russo, bem como Robert McDonnell, ex-advogado da máfia que disse ter ajudado a organizar um encontro entre Joe Kennedy e Giancana em Chicago (Hersh, 135, 143, Russo, 370).

342-343 D’Amato espalhando dinheiro: Demaris, Boardwalk, 33, int. de D’Amato por Ovid Demaris, 1983, Van Meter, 171, Michael Hellerman com Thomas Renner, *Wall Street Swindler*, Garden City, NY: Doubleday,

1977, 105. Os chefes da Máfia aumentaram suas apostas, e também forneceram dinheiro para a campanha do adversário de Kennedy, Richard Nixon (Anthony Summers com Robbyn Swan, *The Arrogance of Power*, Nova York: Viking, 2000, 513); (“Nós temos eles”) ent. Skinny D’Amato, 1984; (Malandra) Van Meter, seleção de fotos e 173; (“uma das pessoas”) int. Robert Blakey.

343 FS “interessado”: int. John Chernenko – um relato desse episódio, publicado anteriormente, disse Chernenko aos autores, foi alterado.

343 “Se você quer”: Davis, Boyar, and Boyar, *Why Me?*, 108.

343 “Nós voltamos”: int. Brad Dexter, 2001.

343 “costumava receber mensagens e dinheiro”: Judith Campbell, por sua vez, alegou que ela carregava dinheiro *para* Giancana em nome de John Kennedy. A primeira vez que Campbell realizou essa missão, segundo ela, foi em 8 de abril de 1960, um mês antes das primárias da Virgínia do Oeste, carregando o que Kennedy disse que era “um monte de dinheiro’’ em “uma espécie de pasta feita de um couro muito macio.’’ O dinheiro foi, talvez, enviado para Giancana, a fim de lavá-lo (artigo de Anthony Summers, [*London*] *Sunday Times*, 6 de out., 1991)·

343 “nosso garoto de entregas”: entrevista de Joseph Shimon, arquivos HSCA, JFK.

343-344 convenção: (Martin também aparece) Deana Martin com Wendy Holden, *Memories Are Made of This*. Nova York: Harmony, 2004, 91, 95, 100; (banquete) Wilson, *Sinatra*, 157–, Davis, *Hollywood*, 84, *NYT*, 11 de jul., 1960; (“desde logo”) Athan Theoharis e John Cox, *The Boss*, Philadelphia: Temple University Press, 1988, 333fn.

344 Campbell: Exner como dito a Demaris, 162–, 72–. É certo que Campbell estava com Kennedy durante a semana da convenção em Los Angeles, pois os investigadores do promotor do distrito a viram em uma festa dele, ocorrida em um restaurante. Ela datou o episódio com o Kennedy e a segunda mulher como tendo ocorrido na segunda-feira, 11 de julho. A segunda mulher foi, talvez, fornecida pela cafetina questionada pela polícia mais tarde (investigatores − int. Bill Simcock, 1983); (hino nacional) Davis, Boyar e Boyar, *Yes, I Can*, 556, *Los Angeles Examiner*; 20 de agost., 1960; (jazzístico) David Heymann, *RFK*, New York: Dutton, 1998, 165; (4.509 delegados) White, 151 (gravação) Hilty, 149, corr. Ric Ross; (remendo para a careca) Spada, *Lawford*, 228; (FS “realmente

adorava”) int. Bob Neal e int. Fred Otash, 1985; (“Eu estava situado”) Gore Vidal, *The Last Empire*, Nova York: Doubleday, 2001, 151–.

344 “Bem, Frank’’: Mahoney, 63. O autor Richard Mahoney, a quem Peter Lawford descreveu a troca, datou esse evento como tendo ocorrido em 16 de julho de 1960. Todavia, a leitura do livro de Theodore White sobre a campanha sugere que ele ocorreu no sábado, 17 de julho (White, 179).

345 (Humphreys trabalhou) Russo, 378–.

345 “difícil, quase impossível”/Lucchese: int. Bill Bonanno, Bill Bonanno, 85–. Os mafiosos que não se convenceram conseguiram ganhar, segundo Bonanno, pois Joe Kennedy concordou que seria dado à Lyndon Johnson a candidatura da vice-presidência. Ele assumiu, então, em um acontecimento inesperado que nunca foi devidamente explicado. A secretária de John Kennedy, Evelyn Lincoln, disse os autores em 1992, que a pressão sobre o “a questão das mulheres, e as coisas sobre o passado de Joe Kennedy” forçaram seu patrão a escolher Johnson. Hy Raskin, um estrategista-chave de Kennedy, lembra de John Kennedy dizendo-lhe: “Eu não tive escolha. [Lyndon] e Sam Rayburn deixaram muito claro que Lyndon tinha de ser o candidato. Aqueles desgraçados estão tentando me enquadrar”. A história toda, ele disse a seu secretário de imprensa, Pierre Salinger, “nunca será conhecida. E é melhor que não seja’’ (“mulheres e coisas’’ − Summers, *Official & Confedential*, 271; “Eu não tive” − Hersh, 126; “nunca será” Pierre Salinger, *With Kennedy*, Garden City, NY: Doubleday, 1966, 46, int. Pierre Salinger, 1997); (“quais políticos deviam”/“Nós todos receberemos”) Russo, 382.

345-346 FS em campanha: (“quem realmente fazia”/cinquenta dólares) *LAT,* 13 de ago., 2000; (“Fechamos por”) Spada, *Lawford*, 226; (“Se ele dissesse às pessoas”/avião) *LAT*,13 de ago., 2000; (“Nós espalhamos por todo lugar’’) Davis, Boyar, e Boyar, *Why Me?*, 111; (“Uma simples”) Shaw, *Entertainer*; 97; (receitas) *Hollywood Reporter*; 8 de jul., 1960; (Havaí) O’Brien, *Film Guide*, 135; (“Como eu gostaria”) Braden, 148; (“Queremos Sinatra!”) Wilson, *Sinatra*, 160; (Eleanor Roosevelt Sinatra, *Legend*, 146, 148; (consultórios assaltados) Dallek, 286fn, 755n.

346 Hutschnecker/“dossiê completo”: os autores souberam dos detalhes deste episódio em 1995, através do falecido Dr. Hutschnecker e, mais tarde, em 2002, por Milt Ebbins (Hutschnecker surpreso etc. ints. Dr. Arnold Hutschnecker, 1995-1997, detalhes em Summers com Swan, 219, 520n4, e

int. Milt Ebbins; FS deixado vazar − Kelley, 530).

346-347 noite da eleição: (FS na casa de Curtis) int. Janet Leigh; (Nixon dizia em ambiente privado) Summers com Swan, 216, e ver O'Brien, *No Final Victories*, 96, White, 24–; ("Frank estava bêbado") int. Janet Leigh e ver também Messick, *Show Business*, 194.

347 voto popular: o número preciso de votos que elegeram Kennedy varia de acordo com a literatura. Os autores usaram os dados reportados no livro de Theodore White, *The Making of the President*, 1960 (White, 350, 386, mas ver Dallek, 294); (linha aberta) Kelley, 281; ("Isso vai") Jacobs e Stadiem, 167.

347-348 "vamos conseguir": Mahoney. Esta não é exatamente a frase "poucos amigos íntimos'' de Kennedy que é citada como tendo sido dita no dia seguinte, mas teria sido retransmitida imediatamente após o acordo com seu assessor Ralph Dungan (Benjamin Bradlee, *Conversations with Kennedy*, Nova York: Norton, 1975, 33); (Giancana monitorou) Mahoney, 81; ("Os votos não foram comprados") Russo, 396; ("os caras se mantiveram ") Sam e Chuck Giancana, *Double Cross*, London: MacDonald, 1992, 290; ("Eu sei ‘') Russo, 398, e ver Wilson, *Sinatra*, 161.

348 votos "roubados'': Hersh, 140–. Blakey era um promotor especial subordinado ao procurador-geral Robert Kennedy, e mais tarde chefe do conselho do Comitê sobre Assassinatos da Casa Branca. Ele se tornou diretor do Instituto Cornell sobre o Crime Organizado, e atualmente é professor de Direito em Notre Dame.

348 O acordo de Joe Kennedy com a Máfia ("deixar a máfia em paz") Hersh, 146; ("Em certa ocasião") ibid., 139–, Roemer, *Man Against Mob*, 158; (senador "com cobiça") Gosch e Hammer, 378.

348-349 Luciano/"Estávamos jogando": int. Sal Vizzini. O comissário Harry Anslinger, do Escritório de Narcóticos, avaliou Vizzini como "um dos mais eficientes agentes secretos que o Escritório já teve." Correndo grande risco, ele se infiltrou por dois anos da organização de Luciano, entre o início de 1959 ao final de 1960 (Anslinger-Vizzini com Fraleyand Smith, prefácio; infiltração-ibid., 33,216, ent. Sal Vizzini. Ver Valentine, xvi, 192); (Adonis deportado) Cook, 347; (Adonis assassinado) Cook, 139, Sterling, 87; ("oi e tchau") Messickwith Nellis, 236, *American Weekly*, 27 de jul.,1952.

349 registros sugerem: SAC Nova York para Diretor, 15 de abril de 1954, FBI 62-83219-17, revistos e liberados para os autores, 2004, “Correlation Summary,” 8 de jul., 1964, FSFBI. Um documento do FBI sugere que Adonis foi um dos apoiadores originais de Sinatra – isto é plausível porque ele fazia parte da Máfia de Luciano e era próximo de Willie Moretti, além de ter operado longamente em Nova Jersey; (“fazer o que pudesse”) Hellerman com Renner, 106.

349 “Joe Adonis espera”/“Costello deve”: coluna do sindicato de Winchell, 16 de dez., 1960. Costello tinha sido preso por acusações de evasão fiscal, e estava na prisão durante grande parte do tempo entre maio de 1956 até junho de 1961, quando foi libertado depois de ter cumprido a maior parte de um confinamento de cinco anos (Katz, 199–).

349 Família Kennedy em desacordo: (“perigoso’’) Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys*, London: Pan, 1985, 271; (disputa de família) Arthur Schlesiiiger Jr., *Robert Kennedy and His Times*, Boston: Houghton Mifflin,1978,142; (RFK perseguindo Giancana) “Título: Samuel M. Giancana,’’ 12 de set., 1960, FBI 92-3171, seção 4; (interrogado/tomado a Quinta Emenda) Schlesinger, 165; (“Vocês acreditam?”) Jacobs e Stadiem, 126; (“realmente odiava”) *Penthouse*, mar. 1984; (mafiosos boquiabertos) Cohen como dito a Nugent, 236;

349-350 (RFK deixou claro) Anthony Summers, *Not in Your Life Time*, Nova York: Marlowe, 1998, 192.

Perseguição de Giancana: (perto do topo) Diretor para SAC Nova York, 12 de abril, 1961, FBI 92-3171-238; (vigilância/“passo a passo”) Blakey e Billings, 208–, 254, Roemer, *Mob*, 153–, 257– − Roemer, Accardo, 221–; (traído, em sua visão) e.g., registros de convs., 6, 21 de dez., 1961, 4 de jan.,1962, Misc. ELSUR Rets., v. 01, HSCA Subject Files, Frank Sinatra, JFK, int. Bill Roemer, 1985.

350 Ameaça a FS: (esfaqueado Lewis?) corr. Mark Gribben e ver Giancana e Giancana, 167–; (Lewis) a mutilação de Lewis foi abordada anteriormente, como a ameaça a Davis.

350 Ordem para matar Arnaz: Demaris, *Last Mafioso*, 122–. Tomando-se as fontes relevantes em conjunto, a cronologia sugere como data mais provável a primavera 1961 para o episódio Arnaz. Sinatra sabia da raiva de Giancana, confrontou Arnaz, e em certa altura, entre um copo e outro, teria falado de ele mesmo matar o produtor. Na Itália, o Escritório de

Narcóticos descobriu que Sinatra tinha escrito para Lucky Luciano sobre a série de Arnaz. O fato de que Sinatra tinha brigado com Arnaz encheram os jornais da época (FS falou em matar, 287; carta de FS para Luciano − Siragusa para Anslinger, 20 de maio, 1961, LLBN, ent. Sal Vizzini; encheram os jornais − *Variety*, 8 de dez., 1960, 4 de abril, 1961, Russo; 353).

350-351 passado de Shavelson: Shavelson, refs., int. Melville Shavelson – Shavelson escreveu o roteiro de um dos filmes de Sinatra, *Double Dynamite* (1951), e dirigiu outro, *Cast a Giant Shadow* (1966).

351 Episódio da cabeça de cordeiro: ints & corr. Melville Shavelson, M/G int. de Shavelson. Os autores acharam Shavelson totalmente confiável, mas ele não pôde indicar a data do incidente da cabeça do cordeiro. O colega de Shavelson, Jack Rose, morreu em 1995, e não pôde, portanto, ser entrevistado. A melhor estimativa de Shavelson era de que o incidente ocorreu no início de 1961, quando então Sinatra se apresentou no Fontainebleau − logo após sua inauguração, em janeiro – e em fevereiro até 13 de março daquele ano. (FS no Fontainebleau − corr. Ric Ross, Sinatra, *Legend*, 156).

351 tradição da cabeça de cavalo: Sifakis, 159–, Sinatra, *Legend*, 110, e ver nota na p. 460 supra.

351 “ovelha com sua garganta cortada ”: Hess, 114, int. Gino Spezia. Há algumas evidências de que Giancana usava símbolos. Acredita-se que ele matou um dos seus homens, em 1948, por causa deste ter estragado um assassinato, deixando para trás evidências que apontavam para Giancana. O item encontrado com o cadáver era um pente − uma referência, acreditam os investigadores, do fracasso do homem ao “passar o pente fino” no corpo de sua vítima. Outros assassinatos reportados pelo biógrafo de Giancana relatam casos de uma moeda deixada na mão de um susposto informante, um cartão romântico atirado em um cadáver, e pequenos caixões enviados como ameaças para um homem que eventualmente foi morto (Brashler, 156–); (FS não conseguiria tolerar o cheiro) undat. *National Enquirer* series, 1990, pelo antigo criado de Sinatra, Bill Stapely; (virado para a parede) ent. Brad Dexter; (o que ele não esperava) Sinatra com Coplon, 77.

Capítulo 26: Debandada dos amigos

352-353 FS e inauguração: (noite na casa de RFK/ “um deus”/ “Chega de”) Joan Braden, *Just Enough Rope*, Nova York: Villard, 1989, 146–, Heymann, 197; (noite anterior) (LA) 18 de jan., 1961, Arthur Schlesinger, *A Thousand Days*, Boston: Houghton Mifflin, 1965, 166; (sucesso dos festejos inaugurais/apenas três mil) *LAT*, 21 de jun., 1998, *NYT*, 20 de jan., 1961, Taraborrelli, 238–; (Jacqueline não aprovava/de braço dado) Braden, 110, Heymann, 175, Sarah Bradford, *American´s Queen*, London: Penguin, 2001, 219; (“endividado”) comentários de Kennedy, cerimônia inaugural de JFK, gravação em vídeo na coleção dos autores; (área reservada) Reeves, 36; (FS não estava lá/“Frank não quis”) Spada, Lawford, 238.

353 “Havia um estande”: Henry Rogers, da Rogers & Cowan, empresa de relações públicas que tentou mais tarde, por instruções de Sinatra, obter do *Daily News* a retratação da história de que Sinatra tinha visto a cerimônia na TV em seu hotel. O relato de Neal indica que Sinatra primeiro visitou o Capitol Hill e em seguida voltou para sua suíte no hotel Hilton, junto de Neal. O *Daily News* não se retratou sobre história. Os autores não conseguiram localizar a notícia original, concluindo, portanto, que ela apareceu em uma edição não arquivada na Biblioteca do Congresso (Henry Rogers, *Walking the Tightrope*, Nova York: William Morrow, 1980, 164, int. Bob Neal).

353 Jantar de FS: *LAT*, 21 de jun., 1998, Bradford, 224; (caixas) int. Brad Dexter; (“muito no canto”) Brownstein, 159; (“Diga a ele”) int. Mel Shavelson, Shavelson, 167.

353 FS não vai para Palm Beach/“Tony e eu”: int. Janet Leigh. Uma reportagem de um jornal da época disse Sinatra fez a viagem, e isto se deu provavelmente por causa de uma antecipação de reportagem ([*LA*] *Mirror*; 21 de jan., 1961, e ver Gehman, 85).

354 Filme de FS e Maltz: o filme em questão foi uma adaptação do *best-seller* de William Bradford Huie, *A Execução do Soldado Slovic*, a história real da execução de um desertor americano na Segunda Guerra Mundial. O projeto foi engavetado (O’Brien, Film Guide, 207); (declarado/imprensa conservadora) *Science & Society*, Fall, 2002, Wiener, 267, *Miami Herald*,

(*NY*) *Daily Mirror*, 1º de abr., *Nova York Journal American*, 2 de abr., *LAT*, 8 de abr., *Variety*, 13 de abr., 1960; (FS brigou) *Variety*, 28 de mar., 1960, *Los Angeles Examiner*; 31 de mar., 1960; (demitiu Maltz) (*LA*) *Mirror News*, 9 de abr., *Variety*, 11 de abr., 1960; (pressão de Joe e Bobby) Sinatra com Coplon, 68, e ver Gehman, 188; (FS ficou bêbado) Jacobs e Stadiem, 145.

354 Receios democratas sobre FS: (“Jack Pack”) Spada, *Lawford*, 226, e ver *Holywood Citizen News*, 13 de out., 1960; (“Era esperado”) Wilson, Sinatra, 169; (tornou público) Braden, 110, Heymann, 175.

354 FS, Davis & Kennedys: (vaiado), *Los Angeles Examiner*; 20 de ago., 1960, Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, 566–, Haygood, 304.

354-355 imprensa sugeriu: ele pediu a Davis que postergasse: Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, 565, (*LA*) *Mirror*, 26 de out., 1960, Fishgall, 165. A filha de Sinatra, Nancy, disse que Joe Kennedy pressionou seu pai para conseguir que Davis adiasse o casamento. De acordo com George Jacobs, Davis adiou seu casamento como “um favor enorme” à Sinatra. Em suas memórias, Davis escreveu sobre o episódio como se a decisão tivesse sido só dele (Nancy sob pressão − Sinatra, *Legend*, 150; “favor’’ − Jacobs e Stadiem, 146; memórias de Davis − Davis, Boyar, e Boyar, *Yes, I Can*, 566, e *Why Me*, 116); (“ele não quer”) Davis, Boyar, e Boyar, *Why Me*, 130; (ligação de Lawford) Sinatra, *Legend*, 151.

355 FS horrorizado: Sinatra, *My Father*; 145. Apesar de não ser desculpável, a atitude de Kennedy deve ser vista no contexto do fanatismo de então. “Havia tensões nos bastidores que ninguém podia imaginar’’, disse o copista Vern Yocum, que viajou para a capital com Frank e a orquestra de Nelson Riddle para trabalhar na cerimônia de inauguração."Eles [Sinatra e Riddle] tinham quartos em um dos melhores hotéis em Washington. Na banda nós tinhamos dois músicos negros, um saxofonista e um baixista. Então nos alojaram do outro lado do rio em um motel”. Os funcionários do restaurante se recusaram a servir dois homens negros, e Frank incitou todo mundo a sair e comer em outro lugar.Tais episódios eram comuns em 1960 (lembranças gravadas de Vern Yoaim); (FS discutiu) Sinatra com Coplon, 76; (evento beneficente de MLK/FS bebendo) int. Peter Levinson, Levinson, *September,* 146.

355-356 FS difícil/relações com Kennedy: (telefonava ocasionalmente) e.g., Mickey Finn, 1983, “Correlation Summary”, 8 de jun., 1964, FSFBI;

(“Feliz Aniversário”) *Show Business Illustrated*, 5 de set., 1961; (visitou a Casa Branca uma vez) Sinatra com Coplon, 78; (Joe Kennedy e exibição) Spada, *Lawford*, 290; (Côte d’Azur/“não tinha vaga”) *LAT*, 3, 9 de ago., *Limelight*, aug. 24, *New York Daily News*, *Hollywood Citizen News*, 4 de agos., *Los Angeles Examiner*, 10 de set., 1961, *Chicago’s American*, 1º de out., 1966, int. Bob Neal; (FS no condomínio) *Manchester Union Leader*; 26 de set., 1961, *U.S. News & World Report*, 16 de set. de 1961; (álcool/prostitutas) *Manchester Union Leader*, 26 de set., 1961, Frank Saunders, *Torn Lace Curtain*, New York: Pinnacle, 1982, 79–; (“barulhento e desagradável”) Barbara Leaming, *Mrs. Kennedy*, London: Orion, 2001, 177, 175; (Salinger) Michael Beschloss, *The Crisis Years*, Nova York: Edward Burlingame, 1991, 312, Kelley, 293; (FS “também vem”) Elise Kirk, “Music at the White House”, JFK Library reprint, jun. 29, 2001; (“querendo chamar a atenção”) Smith, *Grace &Power*; 231; (“Tudo que eu fiz”) Kelley, 292; (“Ele estava no meio de um ataque de irritação”) Granata, 151; (não para Flórida/mal da garganta) Shaw, *Sinatra*, 308.

356 JFK não fica na casa de FS: (trabalho extensivo) *Chicago Tribune*, 7 de jan., 1961, *New Yorker*, 3 de nov., 1997, Sinatra, *Legend*, 160; (“Ele gastou milhares”) *Star*; 16 de dez., 1975; (festas/lista de convidados) Jacobs e Stadiem, 163.

356 No rancho de Crosby: *LAT*; 24 de mar., 1962. O assessor do presidente, Kenneth O'Donnell, insistiu posteriormente que a decisão de não ficar na casa de Sinatra foi tomada por preocupações de segurança. O serviço secreto disse ter pensado que a casa era vulnerável porque ficava ao lado de um campo de golfe. A casa de Crosby, pelo contrário, era mais isolada e fácil de guardar. Um livro de memórias do ex-piloto da Força Aérea Ralph Albertazzie, sugere que o Serviço Secreto realmente fez essa recomendação. Se assim aconteceu, foi conveniente. A ruptura com Sinatra foi impulsionada por preocupações mais sérias (O'Donnell insistiu − O'Donnell, Powers e McCarthy, 379; J. F. ter Horst e Ralph Albertazzie, *The Flying White Howe*, Nova York: Bantam, 1980, 175, e ver Bacon, *Hollwood*, 256, Reeves, 292; (Lawford entregou/FS arrancou o telefone da parede) Jacobs e Stadiem, 163; (“Frank do tipo dos reis maníacos”) int. Sonny King, Van Meter, 186.

356 (Lawford expulso) *Star*; 16 de dez., 1975, (*Long Beach*, *CA*) *Southland*, 19

de nov., 1972, Collier e Horowitz, 428, Christopher Lawford, 41, 197. De acordo com Christopher Lawford, Sinatra, anos depois, “convocou’’ seu pai em Palm Springs, não muito antes da morte de Lawford em 1984, “para fazer as pazes, dizendo através de um intermediário que não guardava mágoa… [Mas Frank] era o rei, nunca realmente viu meu pai e lhe deu uma palavra de concessão.’’ (Christopher Lawford, 42).

357 FS colocou a culpa: ents. Milt Ebbins, Shirley MacLaine. O editor Walter Annenberg disse depois que fora Joe Kennedy que havia aconselhado o presidente a “parar de escovar as costas alheias”. Todavia, este depoimento só é plausível se Joe ofereceu o conselho antes do dia 19 de dezembro de 1961. Ele sofreu um derrame terrível naquele dia, e não pôde falar por meses depois (“parar de escovar as costas alheias” − John Clooney, *The Annenbergs*, New York: Simon e Schuster, 1982, 263–; derrame − Allen, 479–); (“Ele estava mais louco”) int. Shirley MacLaine; (FS falava afetuosamente/recordações) ints. Tony Oppedisano, Rock Bryuner, Sinatra, *Legend*, 179, *Ladies’ Home Journal*, Dec. 1975; (telefone vermelho) *Look*, 30 de nov., 1965.

357 “Jack, você não pode”: Skolsky, 51–. Isso provavelmente ocorreu durante a visita do presidente a Los Angeles no final de semana, 18-19 de novembro de 1961. Ele e Monroe estavam na casa de praia de Lawford no dia 19, e ele tinha visto Sinatra em uma função pública no dia anterior. Havia um boato de imprensa que fora naquela semana que o presidente havia decidido se distanciar de Sinatra (18-19 de nov., *NYT*, 19 de nov., 1961, Summers, *Godness*, 227, 228n; rumor − *New York Journal American*,15 de nov., 1961, e ver *Photoplay*, mar. 1962); (“Johnny, você simplesmente não pode”) Collier e Horowitz, 371; (Feldman) Brownstein, 164.

357 “Aquilo não significava nada para ele”: ibid., 116. O ex-assessor da Casa Branca Dave Powers disse, anos depois, que Kennedy teria ficado “descontente” com a posição de que ele teria que se desligar de Sinatra. Houve ainda algum contato na parte final da presidência, mas foi limitado, tanto quanto se sabe, a uma polida correspondência (*LAT*, 19 de jan., 1976).

357 “Eu não sei”: int. Shirley MacLaine.

357 “Peter disse a ele”: int. Sonny King. Lawford, e o secretário de imprensa de Kennedy, Pierre Salinger, reconheceram mais tarde que essa era de fato a essência da mensagem (*Star*; 16 de dez., 1975, 17 de fev., 1976, int. Pierre

Salinger, em *Sinatra: Good Guy, Bad Guy*, Hart Ryan Productions, for ITV [London], 2000); (“era uma questão”) Brownstein, 164.

Capítulo 27: Pagando o preço

358 perseguido pelo crime organizado (RFK anunciando vitórias) *LAHE*, 24 de mar., *LAT*, 25 de mar., 1962; (indiciados/condenados) apend., HSCA, vol. 9, 20; (D’Amato lembrou) Hellerman com Renner, 106; (D’Amato indiciado) Hersh, 101; (expulsar Costello/Rosselli) Katz, 201, Rappeleye e Becker, 261, Mahoney, 97.

358 Marcello: embora tenha sido deportado em menos de três meses depois da nova presidência, Marcello retornou em questão de poucas semanas (apêndice, HSCA, vol. 9, 70–).

358-359 ação contra Giancana: (vigorosamente perseguido) Diretor para SAC Las Vegas, 13 de abril, 1961, FBI 92-3171-196, Evans para Parsons, 1º de maio, 1961, FBI 92-3171- 211, e 18 de maio, 1961, FBI 92-3171-240, Diretor para SAC Chicago, 22 de jun., 1961, FBI 92-3171-272, e jun. 22, 1962, FBI 92-3171-626; (RFK surpreendeu) Mahoney, 103; (“muito preocupado”) Diretor para SAC Chicago, 8 de fev., 1962, FBI 92-3171-613; (“advogado da bandidagem”) int. Marion Phillips, 1983; (“injusto’’) Hersh, 101; (“instruções”) Diretor para SAC Miami, 6 de jul., 1961, FBI 92-3024-25, “Título: Joseph Fischetti”, 24 de ago., 1961, FBI 92-3024-27.

359 FS falou em nome de Marcello: relatório de SA Furman Boggan, 14 de jan., 1963, HSCA Arquivos de sujeitos, LCN, Arquivo Principal, 90-6054, JFK, apêndice, HSCA, vol. 9, 70. Segundo este relatório, Sinatra falou em nome de Marcello por iniciativa do chefe da Flórida, Santo Trafficante, a quem Sinatra havia conhecido no início dos anos 1950. Trafficante, que sofria de calvície, teria consultado um cirurgião de transplante de cabelo recomendado por Sinatra (iniciativa de Trafficante − apêndice, HSCA, vol. 9, 70, relatório de SA Furrnan Boggan, 14 de jan., 1962, HSCA Subject Files, LCN, Arquivo Principal, 92:6054, seção 12; conheceu/transplante de cabelo − ent. Joe Nellis; “Supplemental Correlation Summary,’’ Feb. 25, 1969, FS FBI, e ver Ragano e Raab, 20, 115, 188, 214–; cirurgião ibid., 82); (Giancana/Rosselli e Castro) “Alegados Planos Envolvendo Líderes Estrangeiros’’, Relatório Interno,

Comitê Seleto para o Estudo de Operações Governamentais com respeito às Atividades da Inteligência, rua 94, Cong., 1ª sess., Nov. 1975, 74–; (“trabalhando para o governo”) Schlesinger, *RFK*, 495, Rappeleye e Becker, 231; (“Sinatra foi até o’’) Cohen como dito para Nugent, 235.

359-360 “Johnny, eu peguei o nome de Sam’’/“Uma hora ele me fala”: A fonte que os autores têm usado é a transcrição, com 36 páginas, que o FBI fez sobre uma série de diálogos conseguidos através de um grampo do FBI nas noites 6 e 7 de dezembro, 1961. O interlocutor de Giancana nessa conversa é identificado apenas como “John’’ e as fontes diferem quanto à sua identidade. Os autores concordam com aqueles que concluíram que era Formosa. Livros anteriores, entretanto, se referem a uma conversa em que se falava de “acertar” ou “bater’’ em Sinatra e nos outros membros do Rat Pack – gíria que alguns tomaram como matá-los. As transcrições do FBI no Arquivo Nacional não contêm esse diálogo. A referência do “bater” aparece pela primeira vez em uma biografia de 1977 de Giancana, e podem derivar da memória inexata ou das anotações do agente William Roemer, membro da principal equipe de vigilância do FBI de Chicago. Roemer provavelmente se enganou ao lembrar sobre a conversa de Giancana em dar para Sinatra ou Martin uma “dor de cabeça”. As transcrições vistas pelos autores não estavam disponíveis até recentemente, (conversa de 6 de dez. − registro de conv., 6 de dez., 1961, Misc. ELSUR refs., vol. 1, (HSCA Subject Files, Frank Sinatra, JFK, fontes diferentes − e.g., Blakey e Billings, 383, Mahoney, 125, Ronald Goldfarb, *Perfect Villains, Imperfect Heroes*, Nova York: Randon House, 1995, 137, Roemer, *Mob*, 189–; “hit’’/“whack’’ ibid., Brashler, 212 e autores corr. William Brashler, e ver Blakey e Billings, 383).

360 “socar suas [obscenidade suprimida]”/“Eles não o querem”: registro de conv., 21 de dez., 1961, Misc. Elsur Refs., vol. 1, HSCA Subject Files, Frank Sinatra, JFK.

360 “Mentiroso [obscenidade]!”: entrada de 4 de jan., 1962, Misc. Elsur Refs., Frank Sinatra, vol. 1, HSCA Subject Files, JFK, SAC Chicago para Diretor, 10 de jan., 1962, FBI 92-3171-58 − O FBI pensava que o outro associado era, possivelmente, Nick Civella. Entretanto, para a grande frustração de Giancana, o fato é que Sinatra continuava uma *entrée* para os Kennedy. Mesmo em 1963, o mafioso tinha ordenado a um capanga passar uma mensagem para os agentes do FBI que estavam fora de seu quartel-

general: “Se Bobby Kennedy quiser falar comigo, ele sabe para quem se dirigir”. O capanga deixou claro que Giancana estava se referindo a Sinatra: (Diretor para o Procurador-Geral, 9 de jul., 1963, FBI 92-3171-1070. Ver Roemer, *Mob*, 263).

361 Derrame de Joe K.: Whalen, 479; (“Por que é quê?”) Jacobs e Stadiem, 165.

361 “Descasquem o abacaxi”: *NYT*, 14 de abr., 1976.

361 Investigação de McMillan: os autores tiveram acesso à nota final McMillan sobre Sinatra, que foi apresentada no início de 1964. Treze outras notas relacionadas ainda estão retidas. Apesar de alguns detalhes sobre o esforço do advogado em ter Sinatra investigado terem vazado ao longo dos anos, ele sempre foi discreto. McMillan deu entrevistas limitadas aos autores em 1983 e em 2002, e uma entrevista mais longa para um documentário de TV ligado a este livro em 2004 (Donald McMillan para William Hundley, “Subject: Francis Albert Sinatra”, 3 de jan., 1964, Departamento de Justiça, Divisão para o Crime Organizado – com referência a 11 memorandos anteriores sobre Sinatra, e dois com o título “Max Eder” e também ents. Ron Goldfarb, Sra. Edwyn Silberling, Robert Blakey, Messick com Nellis, 238–); (“A afiliação de Sinatra”) int. Dougald McMillan; (Silberling/Campbell/grande júri) *NYT*, 12, 14 de abril, 1976; (“considerava Sinatra”) Brownstein, 162; (“Acredito que havia”) int. Dougald McMillan para PITV; (“contra a parede”) int. Dougald McMillan.

362 FS e Fischetti: (o viram mais de uma vez) Burke para SAC Newark, 13 de mar., 1965, FBI 137-3514-234, SAC Miami para Diretor, 5 de mar., 1962, FBI 92-3024-38, “Joseph Fischetti’’ 24 de abr., 1962, FBI 92-3024-46, e 29 de out., 1962, FBI 92-3024-55; (“Fischetti é’’) “Joseph Fischetti”, 18 de jun., 1962, FBI 92-3024-51.

362 FS e Giancana juntos: (“sala de jantar particular”) Van Meter, 194; (“o número que não estava na lista”) “Samuel M. Giancana” 11 de out., 1962, FBI 92-3171-904; (“a residência de Sinatra”) ibid.

362 Villa Venice/plateias lotadas: Brashler, 213–, Giancana e Renner, 108; “File Review & Summary Check: sobre Dean Martin”, 2 de fev., 1974, FBI 62-4881-3, e ver papel de Giancana como proprietário, “Special Summary Report, Samuel M. Giancana”, 5 de maio, 1961, FBI 92-636-3, FBI ent. de Frank Sinatra, 17 de jan., 1963, FBI 92-962. O advogado de Sinatra depois negou que seu cliente tinha realizado shows gratuitamente no

Venice Villa, afirmando que ele recebeu 15 mil dólares. O investigador do Conselho sobre o Controle de Jogos do Estado de Nevada que verificou os registros disse em depoimento que isto parecia verdadeiro. O agente do FBI de Chicago William Roemer e o amigo de Sinatra Sonny King concluíram que ele foi pago em “prestações” ou “minimamente’’. Tina Sinatra disse que seu pai “amoleceu’’ Giancana através de suas apresentações, mas não “de medo.’’ Sua irmã, Nancy, disse que as aparições eram um pagamento pela ajuda do mafioso nas eleições de 1960. (livre? e.g., *LAHE*, 18 de jan., 1981; testemunhos de Vincent Chieffo e agente Weyland, Conselho sobre o Controle de Jogos do Estado de Nevada, 11 de fev., 1981; “prestações’’ Roemer, *Mob*, 191; “minimamente’’ − int. Sonny King; “amolecidas’’ − Sinatra com Coplon, 76; vingança? − Sinatra, *Legend, 168)*.

362 Acapulco: int. Rock Brynner, Rock Brynner, *Yul: The Man Who Would Be King*, Nova York: Simon e Schuster, 1989, 148–; (“Dr. Moody”). O apelido mais comum de Giancana era “Mooney.’’ Ele usou vários pseudônimos, e algumas vezes o título de “Dr.” No México, acredita Brynner, ele se chamou tanto “Moody’’ quanto “Goody’’ (“Mooney’’ − Brashler, 28–, 106; pseudônimos, e.g., “Special Summary Report, Samuel M. Giancana”, 5 de maio, 1961, FBI 92-636-3; usou “Dr.’’ − e.g., ent. Dan Arney, Fisher, 255; “Moody’’/“Goody’’ − ints. e corr. Rock Brynner, Brynner, 148–); (jantaram em NY) “Samuel M. Giancana,’’ 30 de abril, 1963, FBI 92-3171, Section 17; (Palm Springs) Exner como dito a Demaris, 275–; (Havaí/J. J. Bracket) SAC Honolulu para Diretor, 13 de jun., 1963, FBI 92-3171-1027, e 19 de jul., 1963, FBI 92-3171-124; (Perno) SAC Honolulu para Diretor et al.,14 de jun., 1963, FBI 92-3171-1043, e 26 de jun., 1963, FBI 92-3171-1069; (Giancana para NJ) resumo, sumário de Ralph Salerno sobre o crime organizado para HSCA, obtido pelo autor.

363 Cal-Neva: (descrito) visita de Anthony Summers, 1983.

363-364 Joe K. e o *Lodge*: Sally Denton e Roger Morris, *The Money and the Power*; New York: Knopf, 2001, 173, 183–, 187, Russo, 376 −, “Inspeção Geral, Miami”, 16 de fev., 1944, Arquivo do FBI de Joseph Kennedy revisto e fornecido para os autores, 2003; (FS nunca reconheceu) depoimento de FS, Conselho sobre o Controle de Jogos do Estado de Nevada, 11 de fev., 1981, “Indústria dos Jogos de Nevada, *Cal-Neva*

Lodge’’, 18 de jan., 1963, FBI 190-HQ-1046581; (Giancana verdadeiro dono/admitiu) M/G ent. de Joseph Nellis, int. Joe Shimon, 1985, ents. Robert Blakey, Tony Montana, John Smith, Demaris, *Mafioso*, 101, registro de conv., 6 de dez., 1961, Misc. ELSUR refs., vol. 1, HSCA Subject Files, Frank Sinatra, JFK, “Supplemental Correlation Summary’’, 25 de fev., 1969, FSFBI, SAC Chicago para Director, 31 de ago., 1962, FBI 92-3171-859, Russo, 389–; (terceira temporada) *(Tahoe) Daily Tribune*, 26, 29 de jun., 1962, Bethel Van Tassel, *Wood Chips to Game Chips*, publicação individual, 1985, 37–; (prostituição) história oral de Edward Olsen, 1972, Universidade de Nevada, Reno, 371–; (D’Amato foi trazido) ibid.,374, Demaris, *Boardwalk*, 33; (Rosselli foi visto) “File Review & Summary Check”, 26 de mar., 1970, FBI LA 100-41413-179, SAC Las Vegas para Diretor, 6 de jul., 1962, FBI 62-9-65-243; (Formosa foi visto/função) Relatório para James Doyle (FBI) 19 de dez., 1962, HSCA Subject Files, LCN, Arquivo Pricipal, 92:6054, seção 12; (“corrida da sonegação”/“Eles nos chamaram”) ent. Dan Arney; (“Giancana deu a Joe”) ent. Tony Montana e ver sobre História de Pignatello, Farrell e Case, 46; (Monroe estava por lá) Summers, *Godness*, 395

364 “Eu revelei o filme”: Woodfield falou em 1984 sobre as fotos, para o autor Summers, que estava preparando sua biografia de Monroe, *Godness*. Todavia, pediu que sua identidade não fosse revelada, e que apenas uma versão resumida da história fosse publicada. Woodfield estava preocupado em não chatear Sinatra, que ainda estava bem vivo naquela época. Ele depois recontou a história para outras pessoas − e mais uma vez, para Summers − pouco antes de sua morte em 2001. Uma corroboração da história veio de Ruth Shavelson, a ex-mulher do então parceiro de Woodfield, John Florea, que lembrou ter ouvir sobre o episódio logo após seu ocorrido (ents. Billy Woodfield, 1984, 2001, e conv. Ruth Shavelson, Summers, *Goddess*, 396–).

364 Giancana e Monroe fizeram sexo?: Russo, 432, ent. Gus Russo. Peter Lawford também é citado, por seu agente Milt Ebbins, como tendo dito que Giancana teve relações sexuais com Monroe no Cal-Neva. O ex-agente do FBI, William Roemer, que dirigia a operação de escuta Giancana em Chicago, recordou uma conversa que podia ser referida a Monroe. “Você sabe que está se dando bem”, Rosselli disse ao seu companheiro mafioso “fodendo a mesma putinha que os irmãos

[Kennedy], não sabe?” Entretando, Judith Campbell também pode ter dormido com Giancana, por volta de julho de 1962, e em caso afirmativo Rosselli pode estar se referindo não a Monroe, mas, sim, a Campbell. As *Memórias de Campbell* indicam que ela primeiro teve relações sexuais com Giancana, algum tempo depois de maio de 1962, uma data que ela revisa em uma entrevista para o final de dezembro do mesmo ano (Lawford − ent. Milt Ebbins; Roemer-Roemer, *Mob*, 184, Exner como dito a Demaris, 254, Exner ent. com o advogado contratado pelos autores); (Monroe com repugnância) ent. Jeanne Carmen.

364-365 Giancana no Cal-Neva/autorizações perdidas: (Livro Negro) Farrell e Case, 8; (“Ele se enfiava”) ent. Nick Sevano; (chegou aos ouvidos das autoridades) Edward Olsen Oral History, 377; (partira para Palm Springs) ent. George Jacobs; (FS negou/D’Amato impediu) *História Oral* de Edward Olsen, 381, 391; (FS chamou Olsen) ibid., 391, ent. Guy Farmer, rascunho de Farmer “Frank Sinatra contra o Estado de Nevada”, 1998, fornecido para os autores; (memorando) Edward Olsen Oral History, 388; (agentes expulsos/subornados) ibid., 394; (queixa formal) ibid., 396; (FS anunciou) (Washington, DC) *Evening Star*; 8 de out., 1963, SAC Las Vegas para Diretor, 7 de outubro, 1965, FBI 92-6259-9.

366 rompimento de FS & Kennedy (“Se ele ao menos’’) Arthur Schlesinger, ex-assessor de Kennedy e historiador, anotou o comentário de Dickinson em seu diário no dia 28 de outubro de 1963 − dias depois que Sinatra teve suas licenças de jogos retiradas (Schlesinger, *RFK*, 496, 975n104); (viagem de JFK) *Las Vegas Review-Journal*, 29 de set., 1963; (“O que vocês estão fazendo?”) Grant Sawyer, *Hang Tough*, Reno, NV: Universidade de Nevada, Programa de História Oral, 1993; 94.

366 “Há alguma coisa que você possa?”: eds. Michael Green e R. T. King, *A Liberal Conscience: The Oral History of Ralph Denton*, Reno, NV: Universidade de Nevada, Programa de História Oral, 2001, 243. Pode ser, também, que o presidente pensou em Sinatra em um momento muito importante no mês seguinte. No auge da crise dos mísseis cubanos, quando parecia iminente uma guerra nuclear, o secretário de imprensa da Casa Branca, Pierre Salinger chamou Sinatra para avisá-lo sobre a gravidade da situação. A filha do cantor, Nancy, lembrou de seu pai chamando-a e dizendo-lhe para arrumar algumas coisas e estar pronta para viajar. Ele também ligou para sua amante Juliet Prowse, dizendo-lhe para

sair de Nova York, porque ela vai ser explodida'' ("Arrumar'' − Sinatra, *My Father*, 184, e ver Sinatra com Coplon, 80; "sair" − Freedland, 285).

366 "devastou": M/G ent. de Eddie Fisher; ("para além de machucado") ent. Leonora Hornblow.

366-367 pressão em Giancana: (FS levou) apêndice, HSCA, vol. 9, 34; (vigilância intensiva/como uma ditadura) registro de conv., 6 de dez., 1961, vol. 1, Misc. ELSUR Refs., HSCA Subject Files, Frank Sinatra, JFK. Uma ordem judicial requerendo que o FBI moderasse sua vigilância foi rapidamente revertida (UP, AP, 17 de jul., 1963, Brashler, 258–, Blakey e Billings, 255–; (fundos cortados) registro de conv., 19 de set., misc. ELSUR Refs., HSCA Subject Files, Sam Giancana, vol. 4, JFK, SAC Chicago para Diretor, 21 de set., 1963, FBI 92-3171-1222; (quatrocentos e setenta mil dólares) int. Joe Shimon, 1985; (pudesse ser deposto) (*Chicago Daily Tribune*, 4 de jun., 1962, SAC Chicago para Diretor, 11 de set., 1963, FBI 92-3171-1205, notas sobre Giancana ELSUR, 16 de out., 1963, fornecidas para os autores, apêndice, HSCA, vol. 9, 34; (xingando o governo) SAC Chicago para Diretor, 17 de out., 1963, 92-3171-234; (Comissão retirou), *(Washigton, DC) Evening Star*; 23 de out., 1963; (Giancana com FS em novembro) "Samuel M. Giancana", 28 de jan. 1964, FBI 92-3171, seção 20.

367 Assassinato de JFK: (Tom Jones/"september Song") O'Donnell, Powers e McCarthy, 387; (FS gravou) Rednour, 82–FS gravou essa música em 1946, 1961, e 1965; (Campbell 1963) Exner como dito a Demaris, 272; (ligações de Campbell/Giancana/FS) *NYT*,12 de abril, 1976; ("como se eu estivesse"/Rosselli instalou) Exner como dito a Demaris, 281, 286.

367-368 reação de FS: (locação do filme) O'Brien, *Film Guide*, 158, Gene Ringgold e Clifford McCarty, *The Films of Frank Sinatra*, Nova York: Carrol, 1993, 199. Outro relato diz que Sinatra ouviu sobre o assassinato não no cemitério Rosedale, em Los Angeles, mas, sim, enquanto estava filmando uma cena de tribunal nos estúdios da Warner. A maioria das fontes, todavia, incluindo a do então ator coadjuvante Sammy Davis, disse que ele ouviu as notícias no cemitério (O'Brien, *Film Guide*, 158, Davis, Boyar, e Boyar, *Why Me*, 150, Sinatra, *My Father*; 156); (lápide) ibid., 200, citando *Newsweek*, Sinatra, *My Father*; 156; (andava por entre etc.) Davis, Boyar e Boyar, *Why Me*, 150, Haygood, 316, Sinatra, *Legend*, 178; (ficou em Palm Springs), ints. George Jacobs, Sonny King, Sinatra com

Coplon, 81, Jacobs e Stadiem, 205; (Ação de Graças) Wilson, *Sinatra*, 200.

368 Sequestro de Frank Jr.: Turner, *Gambler's Money*, 167, Shaw, *Sinatra*, 331–, *LAT*, 15 de dez., 1963, 19 de maio, 1964, *New York Sunday News*, 31 de out., 1965, "File Review & Summary Check,'' 26 de mar., 1970, FBI LA 100-41413-179. Os advogados dos acusados tentaram argumentar que este tinha sido um falso sequestro, uma brincadeira designada a obter publicidade para Frank Jr. Um dos sequestradores, Barry Keenan, foi citado em 1998 como tendo admitido que esta era uma defesa "perpetrada por eu e pelos nossos advogados para confundir o júri e nos safar, pura e simplesmente. Não deu certo'' (Shaw, *Sinatra*, 336, Taraborrelli, 316, *New Times*, 15 de jan., 1998); ("estavam apenas executando") (LA) *Daily News*, 31 de out., 1965.

368 FS assombrado: os autores estão agradecidos a Dick Russell por esta informação, que teve conhecimento desse conteúdo em uma conversa em meados de 1990 com Tina Sinatra.

368-369 achados do assassinato: (homem armado, sozinho/Ruby solitário) "Relatório do Presidente da Comissão sobre o Assassinato do Presidente John F. Kennedy", Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1964, 19, 21–, 801; (sugestões) Gallup Poll, 21 de nov., 2003, www.gallup.com, e ver Relatório, HSCA, 1; ("a Máfia foi responsável") Anthony Summers, *Not in Your Lifetime*, New York: Marlowe, 1998, 201; ("Ele queria dizer") Hersh, 450–. Ver também Richard Goodwin, *Remembering America*, Boston: Little, Brown, 1988, 465, Schlesinger, *RFK* 615–; (Campbell no hotel/para Palm Springs) Exner como dito a Demaris, 286; ("Sinatra pensou em voz alta") Jacobs e Stadiem, 205.

369 Ruby e Reprise: (Comitê de Assassinatos Ligados ao Crime) apêndice., HSCA, vol. 9, iii, 149, 179; (Ruby em Chicago) Blakey e Billings, 283–, Summers, *Lifetime*, 332–; (associados convocados) *The Third Decade*, vol. 1, no. 2, jan. 1985, 15, Seth Kantor, *The Ruby Cover-Up*, New York: Kensington, 1978, 53–; (discutindo a promoção) testemunho de Robert C. Patterson, Audições da Comissão Warren, vol. 14, 129, "Supplemental Correlation Summary'', 25 de fev., 1969, FSFBI; (Shore assessor e publicitário de Frank) Sinatra tinha recentemente designado Shore − junto com William Woodfield − para elaborar suas respostas para uma entrevista à revista *Playboy*. Ele, então, revisou e aprovou o projeto (ent. Billy

Woodfield, Freedland, 292, 303–, Gigliotti, 106n6, int. Michael Shore for PITV, Kelley, 307, *Playboy*, fev. 1963).

369-370 Ligações de Ruby para Shore: apêndice, HSCA, vol. 9, 198, 1088, 1098, 1079, Scheim, 220–. Shore era originalmente de Chicago, e tinha ido à escola com Irwin Weiner e o irmão de Ruby, Earl. “Nós todos crescemos no West Side juntos’’, disse ele em depoimento ao Comitê da Câmara dos Assassinatos; (origens/escola − apêndice, HSCA, vol. 9, 1044, 1047, 1050; “Nós todos crescemos” − fita de áudio do testemunho de Michael Shore, 14 de jun., 1978, HSCA, JFK); (Shore testemunhou chamadas sobre o sindicato) testemunho de Michael Shore, 14 de junho, 1978, Rec. N. 180-10131-10432, HSCA, JFK, apêndice, HSCA, vol. 9, 1044, 198; (AGVA dominado pela máfia) Blakey e Billings, 290, Scheim, 246–.

370 ligação para Weiner: ibid., (passado de Weiner) Relatório, HSCA, 159, Summers, *Lifetime*, 342; (associado de Giancana) Hearings, HSCA, vol. 4, 497, 9, 1057; (não tinha sido sobre o problema do sindicato) ibid., 1043; (Shore e Woodfield sobre encontrar um advogado e a entrevista de Ruby) depoimento de Michael Shore, ents. Billy Woodfield, ent. Michael Shore para a PITV “Supplemental Correlation Summary”, 25 de fev., 1969, FSFBI, apêndice, HSCA, vol. 9, 1044, 1077, Alan Adelson, *The Ruby Oswald Affair*; Seattle, WA: Romar, 1988, 2, Blakey e Billings, 325, John Kaplan e Jon Waltz, *The Trial of Jack Ruby*, New York: Macmillan, 1965, 25,31, 63; (Shore nunca discutiu) ent. Michael Shore pela PITV.

370 “coisas confidenciais”: int. Tony Oppedisano.

370 FS/Giancana continuam a se relacionar: (nunca perdoou) “Samuel M. Giancana”, 5 de nov. 1975, FBI 92-3 171, revisto e fornecido para os autores, 2003; (“Aquele filho da mãe”) Russo, 449, ent. Gus Russo − os autores sabem o nome do membro da família que não queria ser citado; (socializar) “Frank Sinatra”, 18 de fev., 1972, e “Supplemental Correlation Summary”, 25 de fev., 1969, FSFBI, SAC San Diego para Diretor, 22 de maio, 1975, Arquivo do FBI sobre Sinatra, revisto e fornecido para os autores, 2003, testemunho de FS, Comissão de Controle de Jogos do Estado de Nevada, 19 de fev., 1981; (Uma vez, em Las Vegas) ent. Joseph Shimon, Aug. 13, 1977, HSCA, JFK; (falar de matar Frank) int. Jimmy Roselli, e ver Evanier, 152.

371 Assassinato de Giancana/preparativos do depoimento: Blakey e Billings,

389. O associado de Giancana, Johnny Rosselli, que testemunhou para o Comitê e começou a falar sobre o assassinato de Kennedy, foi morto no ano seguinte (Blakey e Billings, 383–)·

371 Questões de Safire: *Dallas News*, 7 de jan., 1976. Para ver a maior parte das questões, ver o capítulo 24, p. 268.

371 “adiar nossos sonhos para outro dia”: Sinatra, *My Father*; 353, comentário de Frank Sinatra Jr. em *As I Remember It*, e comentários de Tina Sinatra em *Sinatra: The Classics Duets*, Sinatra Enterprises, 2002, gravação de vídeo na coleção dos autores, Rednour, 79, 249 − Sinatra gravou essa música em 1944, 1945, 1957, e 1963.

Capítulo 28: O milionário solitário

372-373 Incidente do afogamento: ents. Brad Dexter, 2001, Ruth Koch. A Dexter é creditado o resgate do quase afogamento em um dos dois livros de narrativas que Nancy Sinatra publicou sobre seu pai, mas não nos dois livros. Seu nome não apareceu no relato publicado pela imprensa no dia seguinte ao acidente. Esse relato, todavia, foi baseado em uma declaração do assessor de Sinatra. Reunindo os detalhes conhecidos e os vários relatos, os autores acreditam que, apesar de outros desempenharem um papel no resgate, foi Dexter o mais importante. Ruth Koch foi categórica em dizê-lo quando entrevistada pelos autores em 2004. O tenente do Departamento de Bombeiros, George Keawe, um dos salvadores, confirmou a gravidade do incidente. Ele disse que a face de Sinatra “foi ficando azul... Em mais cinco minutos, ele teria morrido” (Nancy sobre o resgate − Sinatra, *My Father*; 338, e *Legend*, 189; relatos da imprensa − *LAT*, *Hollywood Citizen-News* citando UPI, 11 de maio, 1964; “foi ficando azul"− *Hollywood Citizen-News*, 11 de maio,1964); (“Você esqueceu?”) Wilson, *Sinatra*, 184, *Orange County Register*; 16 de maio, 1998.

373-374 Poder de FS: (Gehman/“O Enigma”/“Se você sabe”) *Good Housekeeping*, jul. 1960; (“Seria perturbador”) ibid., Gehman, 219; (“Não importa quão”) ibid., 220.

374-375 O começo da Reprise: (*I gotta right*/“como se estivesse diante”) Sayers e O’Brien, 90, Jonathan Schwartz, “The Intimate Spirit”, notas de rodapé em *The Complete Reprise Studio Recordings* (rasgou) Granata, 149; (“Eu

ajudei”) Shaw, *Sinatra*, 283; (“que tocassem de novo”) Granata, 146; (“um novo, mais feliz’’) *Billboard*, 20 de nov., 1965; (liberdade de criação/dinheiro) Granata, 145–, *Billboard*, 20 de nov., 1965; (dez álbuns) Rednour, 240. Um álbum, *Great Songs from Great Britain*, gravado em Londres em 1962 e lançado em 1965, não foi lançado nos Estados Unidos até 1993 (Granata, 63, Rednour, 72, 24); (jazz) *High Fidelity*, ago. 1971, Granata, 168–; (*performance* na TV) *Where or When?*, ed. Mustazza, *Popular Culture*, 228; (“não tanto”) *Show Bussiness Illustrated*, set. 1961; (foto de Woodfield) Lahr, 141, Shaw, *Sinatra*, 286; (Outra fotografia) Lahr, 81.

375 Presidente da mesa: (apelido/*disc jockey*) Shaw, *Sinatra*, 317, *Billboard*, 20 de nov., 1965, *LAT*, 5 de ago., 1986.

376 Nenhum *single* de Sinatra: Sayers e O’Brien, 265–. Sete *singles* de Sinatra ficaram entre os *top* quarenta entre 1957 e 1963, *Can I Steal a Little Love*, *All the Way*, *Witchcraft*, *High Hopes*, *Talk to Me*, *Ol’ MacDonald* e *Pocketful of Miracles* (O’Brien e Sayers, 265–); (Capitol estava tendo) *Variety*, 31 de jul., 1961, Granata, 147, Shaw, *Sinatra*, 311–; (Reprise com problemas) Granata, 147, (Washington, D.C.) *Evening Star*; 14 de out., 1963, Wilson, *Sinatra*, 152.

376 FS vendeu: *Variety*, 7 de ago., 1963, *New Yorker*, 3 de nov., 1997, Granata, 147. O valor total envolvido no acordo era de três milhões de dólares ou oito milhões no valor atual (*Variety*, 7 de ago., 1963); (exibindo o cheque) Shaw, *Sinatra*, 327, Jacobs e Stadiem, 204; (fatia principal Warner) “Correlation Summary’’, 8 de jun., 1964, FSFBI; (250 mil dólares/15%) *Look*, 14 de dez., 1965.

376 nove filmes/não mais filmes do *Rat Pack:* os nove filmes envolvendo o *Rat Pack* são: *Sergeants 3*, *Come Blow Your Horn* − incluindo uma rápida aparição de Dean Martin − *4 for Texas, Robin and the 7 Hoods*, anunciada com o picante subtítulo *Who Maid Marian?* e *Marriage on the Rocks* (O’Brien, 133-74, 214. Ver também *Who Maid?* corr. Daniel O’Brien).

376-377 *Manchurian Candidate:* para Sinatra, *Sob o Domínio do Mal (The Manchurian Candidate)* evocou uma memória positiva da sua relação com o presidente Kennedy. O presidente interveio pessoalmente para insistir que o filme fosse feito, ao mesmo tempo em que o chefe da United Artists, Arthur Krim, que por sinal era um membro sênior do Partido Democrata, estava obstruindo o seu desenvolvimento. Kennedy viu o filme em agosto

de 1962, antes de seu lançamento em outubro, na véspera da crise dos mísseis cubanos.

Por muito tempo foi dito que Sinatra se assegurou que o *Candidate* fosse mantido fora de circulação, anos após o assassinato de Kennedy. Supostamente, ele teria ficado horrorizado com a possibilidade de que o filme pudesse ter influenciado, de alguma forma, os eventos em Dallas, pois envolvia o assassinato de um candidato a presidente. Todavia, tanto o cantor quanto sua filha Nancy sustentaram que a retirada do filme não era de seu feitio. Da mesma forma, foi dito que Sinatra insistiu na retirada do filme de 1964, *Suddenly* − em que ele tinha interpretado um potencial assassino do presidente − porque Lee Harvey Oswald supostamente tinha visto o filme na televisão, algumas semanas antes do assassinato em Dallas. A pesquisa indica, porém, que *Suddenly* não foi exibido na televisão local na época.

Um *remake de Manchurian Candidate* produzido por Tina Sinatra, estreou em 2004 (JFK interveio − *Variety*, 12 de nov., 1987, 26 de fev., 1988, Sinatra com Coplon, 82; JFK assistiu – *NYT*, 14 de set., 2003; retirada do *Candidate*, *Variety*, 8 de fev., 1980, O'Brien, 148, e ver FS ent. em *Larry King Live*, 13 de maio de 1988, Sinatra, *Legend*, 168, *NYT*, 14 de set. 2003; retirada de *Suddenly*/Oswald, *Variety*, 12 de nov., 1987, MacMillan, 380, Blakey e Billings, 361; *Suddenly* não exibido − corr. dos autores Gary Mack. *Remake* do *Candidate* − Lançamento da Paramount, jul., 2004.)

377 *Candidate* "sem dúvida": Yarwood, 104; (Dama de Ouros/piscina) int. de FS em *Suzy Visits* ("assistente especial") *Hollywood Reporter*, 4 de out., 1963; (escritório/laranja/fotos/busto) *Newsweek*, 6 de set., 1965; (Artanis etc.) ibid.

377-378 aviões em 1965: ent. Johnnie Spots, piloto de Sinatra. Um dos aviões foi logo substituído por um *Hawker-Siddeley* inglês que Sinatra chamou de Christina II, por causa de sua filha Tina. Christina I era seu iate (ents. Johnnie Spots, Bob Neal; (viagem diária de jato) *Newsweek*, 6 de set., 1965, *Look*, 14 de dez., 1965; (transporte rápido) Sinatra com Coplon, 137, Farrew, 81 (setenta e cinco empregados); *Life*, 23 de abril, 1965; (casas) *Newsweek*, 6 de set., 1965; ($3,5 milhões) *Look*, 14 de dez., 1965; ("como a realeza") *Newsweek*, 6 de set., 1965; (iate/barbeiro) notas da Globe Features para fotos de William Read Woodfield, int. Woodfield.

378 generosidade de FS/caridade (“adulto superprivilegiado”) Sinatra, *Legend*, 163. Sinatra realizou trinta apresentações beneficentes em dois meses na turnê mundial de 1962 para as crianças órfãs. Foi dito para a Comissão de Jogos do Estado de Nevada que ele fez mais de 250 shows beneficentes entre 1965 e 1980. Os autores não foram capazes de calcular quantos benefícios ele distribuiu no curso de sua longa carreira (trinta nos registros entre 1962-1965, *Where or When?*; 250 comentários do Comissionário Dodge, depoimentos, Comissão de Jogos do Estado de Nevada, 19 de fev., 1981); (turnê mundial/seis milhões de dólares) Shaw, *Entertainer,* 94, Ridgway, pt. 1, 169, Douglas-Home, 48–; (mãe de Styne) Taylor, 123; (Silvers) int. Jo Caroll, Dennison, *Variety*, 11 de set., 1947, *Look*, 14 de maio, 1957; (Napoli) int Madeline Pucci; (Miller) Friedwald, 39, *McCall’s*, ago., 1989; (Rich) Levinson, *Trumpet* Blues, 221, *(Ireland) Sunday Independent*, 15 de abril, 2001; (Louis) ed. Vare, 210, *Ladies´s Home Journal*, out. 1979, *People*, 21 de nov., 1977; (Cobb) int. Shirley BalIard, Carpozi, *Sinatra*, 300, Robert Stack com Mark Evans, *Straight Shooting*, Nova York, Macmillan, 1980, 264; (marido de Cobert) Shaw, *Sinatra*, 1, *Newsweek*, 15 de jan., 1968; (Lee) corr. Eve Quillen, Peggy Lee, “Frank-Lee” em www.sinatra-ms.com/article1 (Mercer) int. Leonora Hornblow.

378-379 Billie Holiday: ents. Brad Dexter George Jacobs, Jacobs e Stadiem, 150. (“Lady Day”): linhas de rodapé de *Watertown* por Ed O’Brien. Sinatra primeiro veio com a música *Lady Day* em agosto de 1969 enquanto estava gravando o álbum *Watertown*. Estranhamente, os compositores da música não sabiam que Billie Holiday era afetuosamente conhecida como “Lady Day.’’ Não satisfeito com sua *performance* da música em *Watertown*, Sinatra a regravou no outono, e ela apareceu em seu álbum de 1971: *Sinatra and Company* (Friedwald, 442, 436, Rednour, 250).

379 Outras gentilezas: (marido da empregada) *Coronet*, out.. 1964; (engraxate) *Boxing Montly*, jul. 1998, elogio para Frank Sinatra por Sonny King, Igreja de St. Viator, Las Vegas, 27 de maio, 1998; (perna da garota) ent. Jerry Lewis; (casal de idosos) *LAHE* 25 de dez., 1970; (criança queimada) *McCall´s*, out. 1974; *(caminhão)* (*Long Beach, CA*) *Press Telegram*, 26 de maio, 1998; (“enviasse a eles um trocado”) Sinatra com Coplon, 136; (“A única condição”) (*Long Beach, CA*) *Press Telegram*, 16 de maio, 1998;

(“padrone”*)* e.g., Barzini, *Caesar*; 69, Sterling, 48, Davis, *Máfia Dynasty*, 164–; (“De certo modo”) ent. Peter Duchin.

380 quinquagésimo aniversário etc.: (Talese/artigo da *Esquire*) “Frank Sinatra era frio”, *Esquire*, abril. 1966; (“estava certa”) ent. de Gay Talese por David Talbot of *Salon*, gentilmente fornecida aos autores; (artigo aclamado) eds. Petkov e Mustazza, 90, “a maior história jamais escrita sobre”, edição de aniversário suplementar da *Esquire*; (“como cantor’’) Douglas-Home, 42; (“tomando o controle’’) ent. de Gay Talese por David Talbot; (NBC/CBS/documentários) *Esquire*, abr. 1966, *Where or When?*, Howlett, 135, *Life*, 23 de abr., Billboard, 20 de nov., *Newsweek*, 29 de nov., *Look*, 30 de nov., 1965.

380 *September of My Years*: foi seguido dentro de alguns meses por *A Man and His Music*, repleta de músicas identificadas com Sinatra.

380-381- voz mais grave/Camels: Billboard, 20 de nov., 1965. Sinatra

382 anteriormente fumava *Lucky Strike*, mas mudou para *Camel* por volta da metade dos anos 1960 (Strikes-Kahn, 113, Douglas-Home, legenda de foto; Camels − ents. Mort Viner, Tony Mottola, Hamill, 26); (“Seda”) *High Fidelity*, ago., 1971; (festa de anversário/*Tit Willow*) Sinatra, *Legend*, 197, Freedland, 319, letras de *Tit Wilow* para Nancy Jr., MHL; (perucas/transplante) *Esquire*, abr.,1966, *Newsweek*, 19 de jan., 1987, Ragano e Raab, 82; (“calos e sem pele”) *Esquire*, abr. 1966; (Jacobs/“eu fui levado”) *Open House with Gloria Hunniford*, Channel 5 (Reino Unido), 12 de maio, 2002, e gravação do programa da Rádio 4 da BBC, fornecida para os autores por Peggy Connelly; (“Sou um homem metálico”) *Life*, 23 de abril, 1965.

382-383 FS e rock’n’ roll: (“Frank Sinatra Lamentando”) Allen Ginsberg, *The Fall of America*, New York: City Lights, 1974, 4, Gigliotti, prefácio; (Beatles/73 milhões) Beatles, *The Beatles Anthology*, London: Cassell, 2000, “*1.000 Days of Beatle Mania”, Mojo Special Edition*, 2002, 89; (FS “derrotou o rock’n’roll”) *Newsweek*, 26 de fev., 1962; (Beatles *top singles*/álbuns) Chet Flippo, *McCartney*, London: Sidgwick e Jackson, 1988, 182; (Capitol/Livingston) *“1.000 Days”* 107; (“Nós saímos do nada”) Beatles, 119; (“cabelo longo”/“Ele não queria saber”/destruir o rádio) Jacobs e Stadiem, 233, 7; (“ele realmente”) ent. Rock Brynner; (odiava) Taraborrelli, 427; (“perdem o ponto”) *Look*, 31 de out., 1967; (Lennon/“Peggy Lee”) Beatles, 198; (McCartney/“se alguém”) Beatles,

22, Flippo, 20.

383 “Eu achava que estava escrevendo”: Beatles, 22. Assim como McCartney disse que escreveu a música se referindo a Sinatra, ele sugeriu separadamente que tinha o seu próprio pai em mente. Seu pai estava no fim dos 50 anos na época que ele escreveu a música. *When I'm Sixty-Four* não era protegida por direitos autorais, no entanto, até 1967 (Flippo, 20, Beatles, 360).

383-384 “Devemos parar”: *Life*, 23 de abril, 1965; (mulher de Starr) corr. Tita Cahn, letras gentilmente fornecidas para os autores por Tita Cahn, *Rolling Stone*, 25 de jul., 1998; (jato para Paul McCartney) Flippo, 231; (Harrison como seu hóspede) *LAT*, 19 de nov., 1968; *(Something/Yesterday)* Rednour, 85; (elogiaria) *LAT*; 28 de ago., 1975, 1º de dez., 2001, *New York*, 28 de abril, 1980, monólogo de FS no *Caesars Palace*, 5 de maio, 1978, fita de áudio na coleção dos autores; (canção inspirou/“Ele precisa”) *Esquire*, abril, 1966.

Capítulo 29: A noivinha

385 Ava e FS: (abertura em Vegas) *Los Angeles Examiner*, 7 de fev., 1961, Shaw, *Sinatra*, 282, (Los Angeles) *LAHE*, 28 de mar., 1962.

385-386 Madri/“foram vistos saindo”: ent. Dan Arney. “Os jantares dançantes que Ava dava”, lembrava sua amiga Betty Wallers, “muitas vezes se esticavam por até 24 ou mesmo 36 horas, e os homens costumavam cair exaustos como soldados em marcha forçada. Ela uma vez me ligou às 3 horas da manhã me convidando para uma ‘festa maravilhosa’. Lá ela me apresentou a um ‘grande cantor de flamenco’, que na verdade era o garoto do elevador” (Higham, *Ava*, 208, e ver Flamini, 242); (avião/“ressaca”) Dan Arney, Ben Tatar; (“Consegue imaginar?”) ent. Sonny King.

386 Outras mulheres: (“levar para sair”/“Eu levei’’) Hellerman com Renner, 101 (guardadoras de chapéu) *Life*, 23 de abril, 1965; (prostitutas) SAC Salt Lake City para SAC Los Angeles, 3 de nov., 1960, FBI 62-4867-9, “File Review & Summary Check”, 19 de set., 1960, FBI 100-41413-121, ent. Al Porcino; (“Primeiro, eram”/“Eu não o entendo”) *Good Housekeeping*, jul. 1960; (“Pensam que”) *Life*, 23 de abril, 1965.

386-387 Prowse: (conheceu no *set* de Can-Can) *Los Angeles Examiner*, 27 de

nov. 1960; (história de Prowse) *Coronet*, out.. 1961, *(London) Times*, 16 de set., 1996; (“Ele estava cantando”) ent. Shirley MacLaine; (família colonial britânica etc.) *Coronet*, out. 1961.

387-388 “incrivelmente amável”: Freedland, 267. Juliet Prowse foi entrevistada pelo autor Michael Freedland pouco antes de sua morte, na idade de 59 anos, em 1996. As citações aqui usadas foram primeiro publicadas na biografia escrita por Freedland sobre Sinatra *All the Way*, publicada no Reino Unido (Michael Freedland, *All the Way*, London: Orion, 1998, esp. cap. 20, e ents. e corr. Michael Freedland. Os autores o agradecem pela permissão para citar as entrevistas); (tricotar/jardinagem/pintura) ibid., 267, 283; (“Ela me sufoca”) *Newsweek*, 25 de maio, 1998; (pediu em casamento) Freedland, 267, M/G ent. de Jay Bernstein; (FS para a África do Sul) Jacobs e Stadiem, 170; (parentes para L.A.) *Photoplay*, abr. 1962, mas ver Parsons, 158–; (bêbado/“jogava coisas no chão”/“nunca tinha tido um bate-boca”/parar de trabalhar) Freedland, 267–; (“o grande amor de”) ibid., 280; (parado na esquina/*cartwheels*/“realmente como uma figura de pai”) ibid., 268. “Eu sabia”: ibid., 281. Prowse também teve um namorico com Elvis Presley enquanto ambos estavam trabalhando no filme *GI Blues*. Isto também, disse ela, enfureceu Sinatra (*Los Angeles Examiner*, 18 de set., *LAT*, 30 de out., 1960, and Freedland, 282). FS e Monroe: (se conheceram em 1954) ent. Milton Greene, 1984.

388-389 incidente bizarro/“parecia”/entraram com tudo no quarto: Summers, *Godness*, 153. O autor Anthony Summers comentou o episódio do arrombamento, geralmente chamado de *Wrong Door Raid* (Invasão da Porta Errada) em sua biografia de Monroe de 1985. Aparentemente, foi Sinatra, e não DiMaggio que contratou os detetives. Uma entrevista com um antigo ex-agente do IRS (Imposto de Renda), John Daley, em particular, reforçou a alegação que Sinatra foi um dos que entraram no apartamento. Além disso, outra entrevista, em 2002, fortaleceu a afirmação. Um antigo ex-detetive, John Danoff, disse para Summers que ele estava envolvido − aparentemente em 1959 ou no começo de 1960 − quando DiMaggio tentou pegar Sinatra com Monroe (Comentário de Summers − Summers, *Goddess*, 153–; FS recrutou Robin Moore e Gene Schoor, *Marilyn & Joe DiMaggio*, New York: Manor, 1977, 222, Jacobs e Stadiem, 95; Daley − ent. John Daley 1983; 2002 entrevista − ent. com o colega de detetives, que ainda está trabalhando e pediu anonimato;

DiMaggio tentou − ent. John Danoff 1983).

389 Marilyn: (solícito/“Maf”/ficasse na sua casa) ibid., 312; (Allan) ent. com o recente falecido Rupert Allan, 1983; (“protetor”/“amiguinha”) ent. Sonny King; (“beleza física”) Fisher com Fisher, 73. Ver Earl Wilson, *Show Business Laid Bare*, New York: Signet, 1974, 63–.

389-390 iate/“Eu lembro”: ent. Jeanne Martin, Summers, *Goddess*, 313. Summers descreveu pela primeira vez a viagem em seu livro *Goddess*. Jeanne Martin guardou o álbum de fotografias que Sinatra enviou aos seus convidados como lembrança, e, em 2001, gentilmente o cedeu aos autores, onde havia uma fotografia de Sinatra e Monroe a bordo do iate; (“Ela estava tomando”) Summers, *Goddess*, 434; (Pepitone/“Ele tirou”) ibid., 314; (Johnson/“soltar fumaça”) Edwin Hoyt, *Marilyn: The Tragic Venus*, Radnor, PA; Chilton, 1973, 239; (“profundamente entristecido”) Summers, *Goddess*, 422.Ver Fisher com Fisher, 154; (“em choque”) Jacobs e Stadiem, 173; (barrado na cerimônia fúnebre) ent. Inez Melson, 1983, Summers, *Goddess*, 482; (“Quem?”) Summers, *Goddess*, 310.

390 Rompimento com Prowse: (soltou a pergunta/disse sim/rompimento final) Freedland, 281 −, *LAT* 10 de jan., 23 de fev., *Time*, 19 de jan., *New York Daily News*, 30 de jan., 1962. Apenas alguns dias antes do anúncio de que ele estava noivo de Prowse, Sinatra esteve na Austrália com a atriz Dorothy Provine. Ele estava saindo com Provine durante o hiato do namoro com Prowse (*Parade Magazine*, 1º de abril, *Time*, 19 de jan., 1962, Jacobs e Stadiem, 152, ent. Dan Arney); (“Ele era”) ent. Shirley MacLaine; (telegrama de Ava) Freedland, 282.

391 Ava 196 2-64: (“ficaram muito muito”/“Se uma garota”) Gardner, 267; (ambos na Itália) O’Brien, *Film Guide*, 166–, *New York Daily News*, 10 de set., 1964, Wayne, 234; (Ava e Scott) Gardner, 254–, John Huston, *An Open Book*, Nova York: Da Capo, 1994, 328–, Flamini, 262–; (“Frank e eu”) ent. Brad Dexter.

392-393 Caso com Farrow: (quartos separados dos pais/caso com Ava) Para o caso de Gardner com John Farrow (foi apresentada para FS/“Você fique longe dela”) Farrow, 78; (encontrou FS, 1964) O’Brien, *Film Guide*, 167; (Parsons madrinha) Farrow, 34; (Cukor padrinho) Edward Epstein e Joe Morella, *Mia*, London: Robert Hale, 1991, 35; (“uma fada de olhos abertos”) *Life*, 5 de maio, 1967; (“garota abandonada”) *Mirabella*, mar. 1997; (“cortar o coração”) *Photoplay*, mar. 1965; (“terrivelmente

inocente") Farrow, 118; ("com medo dos homens") *Photoplay*, mar. 1965; (única vez na cama) Farrow, 73. Ver 80; (1,68 m/50-50-50/sutiãs com enchimento) *Life*, 5 de maio, 1967, Farrow, 72; (Dali/festa) Farrow, 66; ("muito inteligente") Kelley, 345 − Edie Goetz foi mulher do produtor William; (Minnelli/"mais forte") Farrow, 94, unid. clipe, "Plano Secreto de Mia Farrow para manter seu Frank", mar. 1968, MHL; (iniciativa de FS) Farrow, 78–; (exibição/segurou sua mão/pediu que tomasse o avião) ibid., 79–; ("olhos furtivos") *GQ*, nov. 1999; (atormentou FS) Kelley, 344; (chegou à casa/fotos de Ava) Farrow, 87; ("o gato dormiu sozinho") ibid., 83; (fins de semana/pintando/escrevia *sketches*/palavras cruzadas) ibid., 85–, unid. clipe, "Mia já passou no teste de casamento de Sinatra", ago. 1965, MHL; ("coala de diamante") Farrow, 98; (estojo de cigarros) Epstein e Morella, 80; (Thunderbird) Sinatra, *My Father*; 202; ("Charlie Brown") ent. Leonora Homblow; *("Angel Face"/"Baby Face")* Farrow 88; ("que lindo") ibid., 90; (*The Impossible Dream*) *Look*, 31 de out., 1967, Rednour, 52; (manteve Mia para ele mesmo) Farrow, 89; (não a apresentou para seus filhos) ibid., Sinatra com Coplon, 112; (não esteve na festa de 50 anos) ibid., III, Kristi Groteke com Marjorie Rosen, *Mia & Woody*, New York: Carroll e Graf, 1994, 55; ("Frank estava realmente bêbado") ent. Sonny King; (amizade) Sinatra com Coplon, 112, Sinatra, *My Father*; 203.

394 "Frank tinha decidido"/"se viu em um círculo"/"mesa da garotada": *Life*, 5 de maio, 1967, Farrow, 91. Outros colegas de Sinatra foram o dramaturgo Leonard Gershe, Gregory Peck e Veronique Peck, o ator Martin Gabel e sua esposa personalidade da TV, Arlene Francis, e o escritor Harry Kurnitz. Os convidados também incluíram o produtor Leland Hayward e sua mulher, Pamela Hayward, futura embaixatriz dos EUA na França. Os homens e as mulheres do grupo não eram tão velhos como havia sugerido a reportagem da *Life*, mas certamente já tinham passado da juventude.

394-395 três compartimentos etc.: Farrow, 91–, 100–, 110; ("Ela chegou a me ligar") ent.. Sonny King; (jogando dinheiro fora /Jack Daniel's) Farrow, 91–, 100, 110; ("intermináveis"/prostitutas) ibid., 92–, 112; (prostitutas parecidas com Mia) Jacobs e Stadiem, 8–; (cruzeiro) *Time*, 20 de ago., 1965, Farrow, 95; (Martin/Scotch) ibid., 90; ("abismo"/ Ela saiu para viajar) ibid., 101; (MacRae) MacRae Sheila com Paul Jeffers, *Hollywood Mother of the Year*; Nova York: Birch Lane, 1992, 158, ("linda morena")

“Joseph Fischetti”, 6 de maio, 1966, FBI 92-3024-88, “*Supplemental Correlation Summary*”, 25 de fev., 1969, FBI 62-232 19-60.

395-396 noivado/casamento: (pediu em casamento/anel/85 mil dólares) Farrow, 101–, Sinatra, *My Father*; 203, Kelley, 3 5 5; (“Casar com Mia?”) *Chicago Daily News*, 8-9 de maio, 1976. Em julho de 1966, todavia, foi a mãe de Farrow quem anunciou o noivado, se declarando “encantada” (*NYT*; 14 de jul. 1966); (não “emocionalmente preparada”) *Photoplay*, out. 1965.

396 “Meu filho está apenas”: *LAHE*, 13 de ago., 1965. A mãe de Sinatra sempre se deu bem com Ava Gardner, e ainda a recebia em sua casa em New Jersey no final da metade dos anos 1960 (ent. Ken Roberts, Jacobs e Stadiem, 98); (“não parecia conseguir”) *Hollywood Citizen-News*, 24 de abril, 1967, *LAHE*, 22 de ago., 1965; (“Ele queria”) ent. Shirley MacLaine.

396 “Os olhos de Ava brilharam”: Sciacca, 19; o comentário de Ava Gardner foi feito em 30 de setembro de 1966 em Nova York, após a estreia, na noite anterior, de seu filme A Bíblia no Início *(The Bible)*. Outra fonte disse que ela teria dito: “Eu sempre soube que Frank, sempre *(sic)* quis um menino com uma boceta”. Gardner bebeu muito durante a entrevista com Reed, e pode ter jogado a farpa na hora; Reed deve ter limpado a versão mais ofensiva do comentário, em vista da publicação. Mia Farrow, por seu turno, disse que Garder declarou: “[Mia] foi a filha que ela e Frank nunca tiveram” (comentário de Ava − Rex Reed, *Do You Sleep in the Nude?* Nova York: New American Library, 1968, 70; estreia − *NYT*: 29 de set., 1966; “era a filha”, Farrow, 95).

396-397 continuou a ver Ava: ent. Peter Levinson; (“Eu subi até”) Hellerman com Renner, 101; (“Eu acho”) Jacobs e Stadiem, 231-; (“O que desencadeou aquilo”) ent. Brad Dexter; (jantou com Peggy Connelly) ent. Peggy Connelly; (MacRae) MacRae com Jeffers, 175; (prostituta) Jacobs e Stadiem, 234; (casamento) *Hollywood Citzen News*, 20 de jul., *Life*, 27de jul. 1966; (não avisou sua família) Sinatra com Coplon, 113–; Farrow, 102, (“ligar para a senhorita G”) Kelley, 356; (“noivinha”) Graham, 115; (“era um pouquinho parecida”) Farrow, 118.

397 diferenças com Mia: (“o Dançarino e a Menina Flor”) Sinatra, *My Father,* 202; (“gracinha”/Daisy) Sinatra com Coplon, 116; (“quando Frank entrou”) ent. Sonny King, Taraborrelli, 359; (Mia “estava dançando”) ent.

Sandra Gilles; (Mia queria filhos) Sinatra com Coplon, 121, Epstein e Morrella, 151, *Life*, 5 de maio, 1967; (Vietnã) ibid., Farrow, 115.

398 Namorico com Bolling: fofocas indicam que Sinatra também saiu naquela época com a atriz Jill St. John, com quem ele teve um caso em 1963 (Bolling-ent. no *Globe*, 23 de dez., 1997, O'Brien, *Film Guide*, 184; St. John, 1967 − O´Brian, 184, Jacobs e Stadiem, 12; St. John, 1963 − *Newsweek*, 28 de out., 1963, Hellerman com Renner, 99, Wilson, *Sinatra*, 178).

398 gaiola: unid. Artigo de Debbie Sherwood, mar., 1968, MHL.

398 Racha por causa da carreira/"perder"/Rudin/Índia/divórcio: Farrow, 107–, 112, 120–, 134–, e ver Wilson, *Sinatra*, 227, *Newsweek*, 16 de out., 1967. Burt Lancaster, que se tornou próximo de Sinatra, disse que o cantor "nunca mencionou" Mia nos anos imediatamente após o divórcio. Farrow disse, todavia, que ele "manteve-se um verdadeiro amigo, sempre junto quando precisei dele". Ela lembrou que, em 1992, quando sua ligação com Woody Allen se desintegrou no meio de severas acusações sobre o comportamento sexual de Allen, a família de Sinatra se reuniu à sua volta. "Frank", escreveu ela, "até se ofereceu para quebrar as pernas de Woody". Um exemplo sobre o carinho duradouro de Farrow com Sinatra foi a nomeação de sua filha adotiva vietnamita de Frankie-Minh ("nunca mencionou" − Coronet, mar., 1972; "verdadeiro amigo" − *Philadelphia Inquirer*; 17 de maio, 1998, e ver Groteke com Rosen, 54; reuniu/"até ofereceu"/Frankie-Minh − Farrow, 280, 309).

398 rumores de assédio: Epstein e Morella, 137; (Susskind/"apareceu") Kelley, 370, 533; (Mia disse várias vezes) *LAT*, 16 de set., 1986, Groteke com Rosen, 54; ("um tipo de cara") *Photoplay*, abr. 1965.

399 Gabor: Gabor com Leigh, 165. A referência de Gabor sobre Mulholland Drive aparentemente refere-se à casa que Sinatra tinha construído na década de 1950 em Bowmont Drive, sobre o Coldwater Canyon. Ela tinha acesso fechado à Mulholland. Outras casas na área de Los Angeles durante a relação com Farrow incluíam um apartamento alugado em Doheny Drive, uma casa alugada na Sunset Boulevard, e – no início do casamento – uma casa de estilo Tudor no Copa De Oro. Durante vários meses, do início dos anos 1970, depois do alegado incidente do lavabo, e antes de seu casamento com Barbara Marx, Sinatra teve um caso com a irmã de Zsa Zsa, Eva (Mulholland/Bowmont – *LAT*, 1 de out., 16 de dez.,

1989, 18, 25 de fev., 4 de mar., 1990, Sinatra com Coplon, 102, 187; Doheny-Farrow, 85; Sunset- Sinatra com Coplon, 112, Jacobs e Stadiem, 3; De Oro-Farrow, 104, Sinatra, 203, Sinatra com Coplon, 117; Eva Gabor com Leigh, 166, *TV Guide*, 30 de out., 1993. Ver Sinatra com Coplon, 160).

399-400 Alegação de estupro: (incidente) ents. Susan Murphy; os autores acreditam que o relato de Susan Murphy é plausível. Como mencionado anteriormente, Sinatra costumava enviar mensagens em restaurantes para iniciar o contato, como ocorreu com Sandra Giles, Judith Campbell e a moça de Michael Hellerman. No mesmo ano ele viu Murphy em um restaurante, e usou uma tática semelhante à da abordagem da atriz Patty Duke. O empresário Daniel Schwartz e outros mencionados por Murphy eram de fato parte do círculo de Sinatra na época. O ambiente e a atividade que ela descreveu é consistente com a pesquisa mais ampla dos autores. Murphy tinha sido casada em sua juventude e tinha experiência sexual. No entanto, mesmo em 2003, quando entrevistada pelos autores, ela comentou sobre aquela noite, uma memória "horrível". Murphy não é mais seu nome (Duke-Patty Duke e Kenneth Turan, *Call Me Anna*, Nova York: Bantam, 1987, 194–; Schwartz/círculo de FS − e.g., Sinatra, *My Father*; 218).

Capítulo 30: Fora de controle

402 "Uma estrela": Especial *CBS News*.

402 Licença especial: *Look*, 28 de maio, 1957.

403 ameaças: ("Deixe-me lhe dizer") Kelley, 528; (Prowse/"É melhor você sair daí") *(London) Observer*; 13 de dez., 1998, Freedland, 281; (Bolling sobre a suposta briga) *Globe*, 23 de dez., 1997.

403 ameaças à imprensa: ("É Sinatra") Kelley, 570; ("Em alguns segmentos"/amigo Bacon) *LAHE*, 7 de dez., 1979, ent. James Bacon, Freeland, 316, Shaw, *Entertainer*; 12 .

404 Vandergrift & Finkelstein: a afirmação de que Sinatra ordenou seu motorista a "passar por cima do desgraçado" não é corroborada. Finkelstein a negou. O colunista Earl Wilson checou a história e não foi capaz de resolver suas várias inconsistências (*LAT (LA) Mirror-News*, 4 de nov., 1958,

"Correlation Summary", 8 de jun., 1964, FSFBI, Wilson, *Sinatra*, 323–).

404 Atirou em um jornalista da revista *Time*: ent. Billy Woodlield; (lutou com um fotógrafo) *LAHE*, 31 de ago., 1962; (Espanha/FS multado) *LAHE*, 18, 21 de set., 21, *LAT*, 11 de set., 1964; (Paris/bombinhas) *LAHE*, 8, 17 de jul., *Time*, 17 de jul., 1964.

404-405 "catastrófico"/"Quando os carros dos *paparazzi":* ent. e corr. Rock Brynner. O parceiro em questão era Jilly Rizzo, constante parceiro de Frank no final dos anos 1950 em diante; (arma escolhida) SAC Miami para SA (nocauteou), 27 de mar., 1967, FBI 92-99-876, Kashner e MacNair, 293, *American Weekly*, 12 de nov., 1961, Farrow, 103; (Engels) Wilson, *Sinatra*, 224, Epstein e Morella, 110, *LAT*, 28 de jul., 1966.

405-406 episódios violentos: (Irwin/"muito receio") *LAT*; 28 de fev., 2, 17 de março, *Hollywood Citizen-News*, 9 de mar., 1957; ("Frank levou"/"Frank empurrou") ent. Milt Ebbins; (incidente do segundo manobrista do restaurante/"guarda-costas"/FS liquidou) *Hollywood Citizen-News*, 20 de jul., 1960, *Reno Evening Gazette*, 15 de mar., 1962, artigos unid. por volta de 1960, FBI LA 62-4867-2, 3, 4, e 5, Gehman, 28, Kelley 275; (Del Monte Lodge) *LAT* , 21 de jan., 2 de fev., 1964; ("Sempre que Frank") ent. Rock Brynner.

405-406 Dunne: (FS bêbado) Kelley, 529, Bacall, 287, ent. Peter Duchin, Lazar e Tapert, 159; (atacou a esposa) ents. Dominick Dunne, Peter Duchin, Kelley 529, Bacall, 287, *New Yorker*, 25 de maio, 1998, Peter Duchin, *Ghost of a Chance*, Nova York: Random House, 1996, 270–, Lazar com Tapert, 158–; (ataque no Daisy) ent. Dominick Dunne, Dominick Dunne, *The Way we Lived Then*, New York: Crown, 1999, 131–.

407 FS e álcool: (bandeira) Granata, 169; (Alka-Seltzer) Zehme, 9.

407-408 "Jackie Daniel's": *Esquire*, mar. 1994. A declaração frequentemente citada "Sou a favor de tudo que faça você passar a noite, seja uma oração, tranquilizantes ou uma garrafa de Jack Daniel's" não necessariamente se origina com Sinatra. Ele apareceu pela primeira vez na "sua" entrevista para a *Playboy* em 1963 que, como foi dito anteriormente, tinha sido escrita para ele pelo executivo da Reprise Mike Shore e o jornalista Billy Woodfield (*Playboy*, fev. 1963); (camarim) smokinggun.com; (blazer/ornamento) (London) *Daily Mail*, não dat., maio 1962; (Squires) ent. escritório de Roger Brashears, Jack Daniel's Inc.; (acre) Perella, 274.

408 levando um copo: nos dias *Rat Pack*, de acordo com Tina Sinatra, o copo

que seu pai levava no palco para o primeiro show geralmente continha apenas chá gelado ou suco. Todavia, durante o segundo show podia conter álcool. As fontes divergem sobre o que o copo continha em anos posteriores. Sinatra disse ter proibido álcool no estúdio de gravação até que uma sessão fosse concluída (chá gelado − Sinatra com Coplon, 99; fontes divergem– Friedwald, 488, *(Irish) Sunday Independent*, 15 de abril, 2001; banido − Jacobs e Stadiem, 124); (bom para a voz) corr. Ed Walters, com permissão; (“gasolina”) *Life*, 23 de abril, 1965; (chocolate) *Philadelphia Inquirer*; sem data, maio 1998; (“Você não está bêbado”) Zehme, 109; (“Beba, Dickie”) “passarinho” –, como dito antes, era a gíria do Rat Pack para pênis. O amigo era o ator Dick Bakalyan (*Esquire*, abr. 1966); (“chapado”) ent. FS por Arlene Francis, 1º de out., 1977, WOR (NY); (Havaí/“uma garrafa cada”) ent. Jack Cione; (“Eu sinto muito”) excertos do livro de Bill Zehme, *The Way You Wear Your Hat*, em www.enteract.com, The Rat Pack, Praeses Productions para A&E, 1999, e ver *Vibe*, set. 1995; (“Eu não confio”) monólogo de FS, Caesars Palace, 5 de maio, 1978, gravação em vídeo na coleção dos autores. Na gravação é óbvio que Sinatra estava bêbado.

408-409 - cortava a bebida: Yarwood, 32, Jacobs e Stadiem, 58, Farrow, 93;

410 (“Bebe, bebe . . .”) Sinatra, *My Father*; xix; (não um grande beberrão) ents. George Jacobs, George Sidney Milt Ebbins, Sinatra, *My Father*; 137; (“É mais comum do que incomum”) *Ladies’ Home Journal*, nov. 1973; (“Em todos estes longos”) ent. Leonora Homblow; (algo de família) John Cooney, *Under the Weather: Alcohol Abuse and Alcoholism*, Dublin: Gill e Macmillan, 1991, 13; (“um homem que bebia”) Yarwood, 52; (“uma caixa de cerveja”) ent. Marilyn Sinatra; (doutor advertiu) ent. Peggy Connelly; (Cahn) ent. Gloria Cahn Franks; (Cooper/“alguém”) *Las Vegas Review-Jounal*, 16 de maio, 1998; (Hendricksen) *Las Vegas Review-Jounal*, 16 de maio, 1998; (Deutsch) ent. Armand Deutsch; (FS admitia) Zehme, 11; (“ele precisava daquilo”) ent. Leonora Hornblow; (“melhores professores”/“chocante”/“merdas de gente bêbada”) ents. Rock Brynner; (tratamento de Schwartz) Jonathan Schwartz, *All in Good Time*, Nova York: Random House, 2004, 272–; (“caso clássico”) *Vanity Fair*; jul. 1998. Ver *New Yorker*; 3 de nov., 1997; (“Há pouca dúvida”) corr. e ent. Dr. Robert Morse; (“Sinatra era um alcoólatra”) ent. James Graham. Graham é o autor de *The Secret History of Alcoholism*, Shaftsbury Dorset,

Reino Unido: Element, 1996; (“mudança de personalidade”) corr. e ent. Dr. Robert Morse; (“Sinatra ficava”) ent. Mort Viner; (“Algo que tirava”) ent. Bob Neal; (“O truque”) Lazar com Tapert, 158; (“Era previsível”) ent. Rock Brynner.

411-412 Weisman: (incidente) *LAHE*, 10, 11, 12, 13, 14 de jun., *NYT*, 11 de jun., *Hollywood Citzen-News*, 11, 28 de jun. LAT, jun. 12, *Variety*, 13, 30 de jun., *Chicago American*, 2 de out., 1966, Jacobs e Stadiem, 230–, ents. Jeanne Martin, Carol Weisman Wilson, Kelley, 353–, Freedland, 330; (“se escondendo”) *LAHE*, 10 de jun., 1966; (“Nós todos dirigimos”) Jacobs e Stadiem, 231; (“a única vez”) Kelley, 354; (“não havia evidência”) *Variety*, 30 de jun., 1966; (“O cara estava me xingando”) *Time*, 17 de jun., 1966; (“Em nenhum momento”) *Chicago American*, 2 de out., 1966; (“descolorido”) *LAT*, 12 de jun., 1966; (punhos ou com um cinzeiro) *LAHE*, 11 de jun., e ver *NYT*, 11 de jun., 1966; (“um homem”) *Hollywood Citzen-News*, 11 de jun., 1966.

412 “desafogar”/“Eu estava na frente” /atirou o telefone: Kelley, 353. O criado George Jacobs, no entanto, escreveu: “Jilly... começou a bater na cabeça de Weisman com um dos telefones.” “Jilly” é uma referência ao amigo e constante companheiro de Sinatra Jilly Rizzo, citado no capítulo anterior. Jacobs e Stadiem, 230, e ver 14; (“eles bateram nele”) ent. Carol Weisman Wilson; (“Nós estávamos um pouco”) *Look*, 26 de dez., 1967, em uma entrevista com Oriana Fallaci; (Jeanne Martin negou) ent. Jeanne Martin, Deana Martin com Wendy Holden, 158.

413 Dexter/“ele ficou louco”: ent. Brad Dexter, 2001, *Esquire*, nov. 1999, e ver Kelley, 356.

413 Mason: M/G ent. de Jackie Mason, ent. Myrna Lee Falk, Kelley, 364. A escritora Kitty Kelley também entrevistou Mason, em 1983 (Kelley, 364–, 533).

413 FS em Miami 1967: (Fischetti/mulheres) SA (deletado) para SAC Miami, 16 de mar., 1967, FBI 92-99-868, 27 de mar., 1967, FBI 92-99-876, 3 de maio, 1967, FBI 92-99886, e 4 de maio, 1967, FBI 92-99-889; (destruiu a mobília etc.) ibid., SA (deletado) para SAC Miami, jun. 9, 1967, FBI 92-99-902, e ver “Sands Hotel”, 22 de nov., 1967, FBI 92-6314-3Z.

413-414 Shecky Greene: (bebendo muito) Kelley, 368, 533, SA (deletado) para SAC Miami, 16 de mar., 1967, FBI 92-99-868; (“Por pior que fosse”/comentários ácidos) *GQ*, nov. 1999; (“coisas

ficaram”/“enfaixada”/“Frank tinha muitas”) Kelley, 368, (IO, nov. 1999, “Joseph J. Fischetti,"Jul. 28, 1967, FBI 92-3024-91.

414 FS furioso/“Não sentindo dor”: SA (deletado) para SAC Miami, 3 de maio, 1967, FBI 92-99-887.

414-415- Incidente no Sands: (Hughes comprou Sands) Elaine Davenport

416 e Paul Eddy, *The Hughes Papers*, London: André Deutsch, 1977, 76–, Charles Higham, *Howard Hughes: The Secret Life*, London: Pan, 1993, 279–; (rival de Hughes) Gardner, 158; (FS com astronautas) Sinatra, *Legend*, 203; (possuía dinheiro na casa/crédito cortado/discussão com Cohen/todas citações, salvo indicação) ten. W. Conger e sgt. W. Adams para delegado R. Lamb, “Incidente no Sands Hotel”, 18 de set., 1967 − gentilmente cedido aos autores por David Robb. Ver Bishop para DeLoach, 11 de set., 1967, FSFBI, “Sands Hotel”, 22 de nov., 1967, FBI 92-6314-32; (Anka “se levantou”) eds. A. J. Hopkins e K. D. Evans, *The First 100: Portraits of the Men and Women Who* Shaped Las Vegas, Las Vegas: Huntington Press, 1999, 164; (“quebrar as ”/“Eu construí”) *LAT*, 12 de set., 1967, *Time*, 22 de set., 1967; (Mia/carinho de golfe) Farrow, 100; (Palm Springs/bebedeira) Wilson, *Show Business Nobody Knows*, 20, ent. Ken Roberts; (descrição do incidente com Cohen) Levy, 88, *LAT*; 30 de dez., 1986; (“desnorteado”/fala “não era clara”) Farrow, 110; (“pegassem” Cohen) ent. Sonny King em *Sinatra: Good Guy, Bad Guy*; (“Naquela cidade”) ent. Ed Walters; (“apenas uma discussão”) testemunho de FS para a Comissão de Jogos de Nevada, 11 de fev., 1981 em fita de áudio de Giuliano; (FS liga para Alo/“Jimmy estava lá sentado”) ent. Ken Roberts, Jimmy Roselli; (contato com o Caesars) nota de imprensa, 11 de set., 1967, Coleção do Sands Hotel, Universidade de Nevada, Las Vegas, *LAHE*, 12 de set., *Variety*, 13 de set. 13, *Newsweek*, 25 de set., 1967.

417 Lee “Todas suas piadas”: *High Fidelity*, maio, 1967.

Capítulo 31: Procurando uma saída

418 *Strangers in the Night*: (“Eu não quero”) ent. Brad Dexter, 2001; (“enfiar o arco do violino”) Eve Quillen, *My Life in Shorts*, Las Vegas: self-published, 2003, 235; (“Essa é a pior música”) corr. Ed O’Brien, Ric Ross sobre *Concert for the Americas*, ago. 20, 1982; (“Se vocês gostam”)

monólogo de FS no concerto de Meadowlands, 12 de dez., 1983, fornecido para os autores por Ed O'Brien; ("Vocês *ainda* gostam?") *McCall´s*, ago. 1983;

419 ("Just where my pants") (*Long Beach, CA*) *Southland Sunday*, 10 de mar., 1974; ("porcaria") eds. Petkov e Mustazza, 140; ("canção de parasitas") *Esquire*, dez. 1987; ("esterco… Alistair Cooke") ibid.; ("Ele tirava sarro") ent. Armand Deutsch, *McCall´s*, ago. 1983.

419 número um: Rednour, 11. *Strangers in the Night* originou-se como trilha sonora do filme de 1966, *A Man Could Get Killed*, com James Garner e Melina Mercouri. O último single número 1 de Sinatra havia sido *Learnin' the Blues*, de 1955. Depois de *Strangers* se tornar um *hit*, ele ficou na capa do álbum de Sinatra produzido então, que foi devidamente colocado à venda como *Strangers in the Night* e se tornou número 1 (filme Granata, 180, verbete *A Man Could Get Killed*, imdb.com; n. 1 anterior – Rednour, 11; álbum *Granata*, 181, Rednour, 249); (quinze semanas) Sayers e O'Brien, 266; (quatro Grammys) ibid., 279, e ver *Goldmine*, 3 de maio, 1991; (*Michelle*) Sayers e O'Brien, 280.

419-420 *My Way*: ("Eu fiquei arrepiado") ent. Al Wola; ("hino nacional") Willson, *Sinatra*, 3; (Anka trouxe/"esquisitinha"/"não tinha nada") FS ent. por Sid Mark, "*Fridays with Frank*", WWDB (Filadélfia), 31 de dez., 1979, fita de áudio da coleção dos autores; ("completamente ele") *Newsweek*, 25 de maio, 1998; ("cinco palavras") comentário de Frank Sinatra Jr., *As I Remember It*; ("bramido ranzinza") *Atlantic Montly*, jan. 1984; ("algo que Hitler") *(London) Observer*; 17 de maio, 1998; ("petulância do gênio") www.salon.com, 7 de fev., 1997, Vowell, 159; ("Toda vez") Granata, xvii; ("pequeno árabe") monólogo de FS, Caesars Palace, 5 de maio, 1978; ("constrangimento"/"tocada demais") *Newsweek*, 25 de maio, 1998, e ver *New York Daily News*, 22 de jan., 1978.

420 *My Way* não foi ao topo: *My Way*, alcançou apenas a posição vinte e sete no Top Billboard 100 e desapareceu da lista após oito semanas. Ela foi nomeada para o Grammy de 1969, como Melhor Vocal Contemporâneo Masculino, mas perdeu para Harry Nilsson em *Everybody's Talking*. No Reino Unido, entretanto, *My Way* ficou no *top* cinquenta por incríveis 112 semanas. O *hit* original em francês em que Anka se baseou era *Comme d'habitude*, escrita por Jacques Revaux e Thibaut Giles e cantada por Claude François (O'Brien com Wilson, 153, Sayers e O'Brien, 281,

(London) Observer, 17 de maio, 1998, Joy Williams, “Frank Sinatra”, www.artistwd.com/joyzine).

420 desarranjado musicalmente: (“How’s your bird?”) *Granata*, 190; (*Some Enchanted Evening*) Rednour, 84, *Esquire*, dez. 1987, Friedwald, 432.

420 *Gunga Din*: Stan Cornyn com Paul Scanlon, *Exploding: The Highs, Hits, Hype, Heroes & Hustlers of Warner Music Group*, Nova York: Harper Entertainment, 2002, 74–, Sayers e O’Brien, 127, Ridgway, pt. 2, 277. O tema de *Gunga Din* levado da colônia britânica da Índia para Utah, serviu de inspiração para Sinatra em 1961, no filme Os Três Sargentos *(3 Sergeants)*. O filme não teve sucesso. O autor Anthony Summers escutou a versão não lançada de *Gunga Din* por cortesia de Ed O’Brien (Ringgold e McCarty, 177–, O’Brien, 1 38–).

420-421 Jobim: as duas coleções são *Francis Albert Sinatra e Antonio Carlos Jobim*, lançada em 1967, e *Sinatra e Companhia*, que foi lançada em 1971. O trabalho de Jobim foi visto em apenas um dos lados do álbum de 1971, a única parte publicada do que era inicialmente planejado como um segundo álbum Sinatra-Jobim (O’Brien com Wilson, 150–, Rednour, 245); (*A Man Alone*) Friedwald, 437–; (*Watertown*/“mais um item”) ibid., 442.

421 *Fly Me to the Moon*: A pesquisa indica que *Fly Me to the Moon* não foi, como afirmado pela filha de Sinatra, Nancy, e pelo arranjador Quincy Jones, interpretada durante o primeiro pouso lunar em julho de 1969. Os autores contataram o astronauta da Apollo II Buzz Aldrin, que tem sido citado por Jones como tendo colocado a fita da canção após a aterrisagem. Aldrin respondeu dizendo que não tinha colocado a canção durante o voo. Porém, de acordo com o Instituto Histórico da Nasa, a música foi tocada durante o voo orbital da Apollo 10. O livro de Andrew Chaikin sobre as viagens Apollo diz o mesmo, e afirma que foi o astronauta Cernan quem tocou a fita (afirmação de Nancy Sinatra, *My Father*; 365; afirmação de Jones − ents. de Jones em *Vibe*, set. 1995, *Rolling Stone*, 25 de jun, 1998; Aldrin negou − corr. com autores, 2004; NASA − *Chronology of Music Flown in Space*, compilado por Colin Fries para o Escritório de História da Nasa; livro Andrew Chaikin, *A Man on the Moon*, New York: Viking, 1994, 150–).

421-422 FS e família: (cirurgia de Marty/morte) Sinatra, *Legend*, 209, Sinatra com Coplon, 123, *Variety*, 29 de jan., 1969; (Dolly tentou se jogar) Sinatra, *My Father*; 113; (enterrado novamente em Palm Springs) Sinatra

com Coplon, 162; (Centro médico) Sinatra, *Legend*, 217, *Variety*, 13 de jan., 1971, PR *Newswire*, 15 de maio, 1998; (Dolly mudou) Sinatra com Coplon, 162, *LAT*, 24 de mar., 1971, *LAHE*, 11 jun., 1977; (detestava CA) Jacobs e Stadiem, 256; (brigas) Sinatra, *Legend*, 253, Sinatra, *My Father*, 234; ("adorava") Sinatra com Coplon, 162; ("Ele dava") ibid., 161; (Tina adolescente/reprovava/"rocha") ibid., 101–, *LAT Calendar* 26 de jul., 1992; (Frank Jr./"fora do círculo mais interno") *Esquire*, abr. 1966, e ver Kelley, 357; ("talento genuíno?") *Good Housekeeping*, jun. 1964, e ver *LAT*, 13 de ago., 1965; ("um único e simples") artigo de Harry Evans para *TV Star Parade*, jun. 1969.

422 A jovem Nancy: Nancy primeiro se casou com vinte anos, com o cantor pop Tommy Sands. Em 1970, ela se casou com o produtor e coreógrafo Hugh Lambert, com quem teve duas filhas. O livro de Nancy sobre seu pai surgiu em 1985, quando foi publicado sob o título de *Frank Sinatra: My Father*. A isto se seguiu um livro de fotos com muitas fotografias, chamado *Frank Sinatra: An American Legend*, em 1995; (*A Very Gentle*) *Life*; 5 de maio, 1967.

422-423 namoros de FS: as mulheres ligadas a Sinatra desde 1968 incluem Peggy Strasberg, uma jovem modelo, as atrizes Irene Tsu, Carol Lynley; Carol White − temporariamente emprestada de seu namorado − e Hope Lange (Strasberg − *Star*; 5 de dez., 1995, ent. Josephine Alvarez; Tsu − unid. artigo, Paul Fjordsen, "*The Girl Who Refuses to Marry Sinatra*", e Dave Bryan, "*How It Feels to Love Frank Sinatra*", maio 1970, MHL, Wilson, *Sinatra*, 196, contatos dos autores com Irene Tsu; Lynley − ent. Carol Lynley, Taraborrelli, 406, 415; White − *Sinatra Made Me Feel Like a Real Woman*, unid. artigo de jornal do Reino Unido de Carol White, MHL; Lange − ent. Leonora Hornblow, Romero, 202, Wilson, *Sinatra*, 321–); (Duke) Patty Duke e Kenneth Turan, *Call Me Anna*, Nova York: Bantam, 1987, 194–; (Ava/"um monstro sagrado") Higham, *Ava*, 232.

423 Hamill/"uma canção do passado": Hamill, 13–, ent. Pete Hamill. Foi a interpretação de Billie Holiday de *I'm a Fool to Want You* que estava tocando na *jukebox* no R J. Clarke em 1970.

423-424 Amizades de FS: (conceito de lealdade) *LAT Calendar*, 26 de jul., 1992, FS ent. em *Suzy Visits*, ent. Milton Greene, 1983, ent. Rock Brynner, *Esquire*, abr. 1966, M/G ent. de Jay Bernstein, *GQ*, nov. 1999, ed. Mustazza, *Popular Culture*, 247–, MacLaine, *Lucky Stars*, 87; ("Meu

filho") *Esquire*, abr. 1966; ("ferocidade") *Family Weekly*, 17 de jun., 1984; (Sanicola lutou) "File Review & Summary Check," 26 de mar., 1970, FBI LA 100-4141 3-179, Shaw, *Sinatra*, 311, *Variety*, 31 de jan., 1963, Sinatra, *Legend*, 165–; (Entratter) Kelley 470, Jacobs e Stadiem, 87; ("capaz de ser") ent. Phyllis McGuire; (Dexter despedido) ent. Brad Dexter, 2001; (Jacobs tratado como lixo) Jacobs e Stadiem, 9–, 250, ent. George Jacobs; (Entratter morto) Freedland, 353; Joe E. Lewis, *NYT* 5 de jun, 1971, Wilson, *Show Business Nobody Knows*, 246; (Armstrong) *NYT*, 7 de jul., 1971, refs. em *Where or When*, O'Brien, *Film Guide*, 92; (Romanoff) Sinatra, *Legend*, 224, ents. Gloria Romanoff, 1983; (Maxwell) *LAT*, 24 de mar., *LAHE*, 25 de mar., 1972, ents. Jean Greenberg, Joseph Spaccavento, entradas de 1947, 1951, *Where or When?*; (Sanicola morto) *LAT*, 8 de out., 1974; ("Para ser amigo de Frank") *Ladies' Home Journal*, nov. 1973.

424 Jilly Rizzo: ("Ermenigildo"/passado/lutador) "Jilly Rizzo", Nova York Field Office Report, 31 de out., 1966, e 29 de set., 1970, FBI 92-9522-pronúncia correta do nome fornecida por Tony Oppedisano; (rinoceronte) FS ent. por Arlene Francis, 25 de set., 1981, WOR (NY).

424-425 atendente de bar/Jilly's na 52nd: "Jilly Rizzo", *New York Field Office Report*, 31 de out., 1966, FBI 92-9522, artigo sem data para trilha sonora, por John J. Miller. Outros Jilly´s brotariam em Miami Beach e Palm Springs, mas por aquela altura Rizzo e Frank eram parceiros de negócios ("Jilly Rizzo", 27 de out., 1967, FBI 92-9522-3, Sinatra com Coplon, 139, ent. Marilyn Sinatra); ("Casa do Rei"/fotos/cadeiras/clientes dispensados) *LAT*; 19 de nov, 1968, *NYT*, jul. 1965, *Modern Maturity*, jan./fev. 2000; (a postos em crises) Sinatra, *Legend*, 189, Kelley, 330, artigo sem data de John Miller; ("cuzão"/"se tornou parte") *New Yorker*; 3 de nov., 1997, Sinatra com Coplon, 139; (prostitutas) ent. Brad Dexter; (Jackie O. et al./"bom de faxina") Kelley, 436, Sinatra com Coplon, 139, Joey Villa, *Living as Well Is the Best Revenge*, Las Vegas: Comic Two Talent, 1998; (jaquetas laranjas) ibid., Nova York, 15 de jul., 1974; ("padrinho danado de bom"/"o maior"/"você purifica") *Esquire*, abr. 1964, artigo sem data de John Miller; (Artanis/papéis em filmes/"Jilly ama você mais") Kelley, 533, "Jilly Rizzo", *New York Field Office Report*, 27 de maio, 1970, FBI 92-9522, Granata, 190, Ringgold e McCarty, 248–. Os três filmes foram *Tony Rome*, *Rally Muito Louco (CannonBall Run)* e, para a TV,

Contratado Para Matar (Contract on Cherry Street); (“poeta”) Sinatra, *Legend*, 302.

425 Rizzo & violência: (preso) “Jilly Rizzo”, *New York Field Office Report*, 31 de out., 1966, FBI 92-9522; (guarda-costas) “Jilly Rizzo”, 27 de maio, 1970, New York Field Office Report, FBI 92-9522, Sinatra com Coplon, 138, ents. Marilyn Sinatra, Joey Villa; (“trator”) *Esquire*, abr. 1966 − o comediante era Don Rickles; (Rizzo pisoteou) ent. Rock Btynner. Ver capítulo 30; (“pulverizou”) artigo sem dat. de John Miller, ent. Jakie Jordan.Ver *LAT*, 22 de jul., 1972, *Sinatra, Ol’ Blue Eyes at 75*”, New York: Starlog, 1990, 45; (castigou um bêbado) artigo sem data de John Miller.

425 Episódio de Palm Springs: (Rizzo assumiu a culpa) *LAT*; 9 de jul., 1973, 13 de set., 1974, *LAHE*, 12 de ago., 1973, 13 de set., 1974; (“Respeite!”/Rizzo culpado) *LAT*; 11 de set., *LAHE*, 14 de set., *Variety*, 16 de, 1974, depoimento de Jilly Rizzo na Nevada State Gaming Commission, 19 de fev., 1981. De acordo com a vítima, Sinatra também golpeou o corretor de seguros Frank Weinstock. Sinatra negou tê-lo feito, afirmando que tinha meramente colocado o “dedo no peito dele” − tendo Rizzo o apoiado. O caso foi resolvido fora dos tribunais, depois que os advogados de Rizzo requereram um novo julgamento. Rizzo também foi no Sands com Frank Sinatra em 1967, quando Sinatra teve seus dentes da frente quebrados por Carl Cohen. Na ocasião, avisado por Cohen de que acabaria morto se interviesse, Rizzo prudentemente se afastou. Ele teve um papel mais ativo em 1970, em outro incidente violento no Caesars Palace, quando Frank se lançou sobre o segurança Sanford Waterman. Quando Waterman puxou uma arma, Rizzo saltou sobre a mesa e arrancou a arma da sua mão. Apesar de Waterman ter sido inicialmente preso por porte de armas, o promotor concluiu que Sinatra tinha sido “o agressor em todos os sentidos”. Quando o incidente terminou, por si mesmo, o cantor disse a Waterman: “A Máfia vai tomar conta de você.” Anos depois, testemunhando para o Nevada State Gaming Control Board, Sinatra disse sobre o episódio: “Se nós não tivéssemos parado as pessoas que queriam arrancar a cabeça dele fora, ele teria sido gravemente ferido... Na verdade, nós salvamos sua vida” (FS primeiro a bater/FS negou − *LAT*, 11, 13 de set., 1974; Rizzo o apoiando/parecer do promotor/terminou − Carpozi, *Sinatra*, 326–, Wilson, *Sinatra*, 308; parecer do promotor/terminou −

ibid.; Rizzo no Sands, Relatório do delegado, 1967; acabaria morto-M/G ent. de Sonny King, ent. Joey Wlla; preso/“Sinatra agressor” − *LAHE*, 10 de ago., 1970, *LAT*; 7 de set., 1970; “A Máfia vai tomar conta de você” − ibid.; “Se nós não tivéssemos” − depoimento de FS, *Nevada State Gaming Control Board*, 11 de fev. 1981).

426 Rizzo & Máfia: (“homem mandado”) “Jilly Rizzo”, *New York Field Office Report*, 31 de out., 1966, 27 de fev., 1969, FBI 92-9522, “Jilly Rizzo”, 31 de out., 1966, FBI 92951.2-2, 27 de maio, 1970, FBI 92-4157-1, e 29 de set., 1970, FBI 92-4157-3; (“associado da LCN”) SAC Miami para SAC Los Angeles, 7 de fev., 1985, FBI 299-5245-80; (Giancana/Fischetti) “Jilly Rizzo,” *New York Field Office Report*, 31 de out, 1966, “Supplemental Correlation Summary”, 25 de fev., 1969, FSFBI, FBI Wiretap Summary, 20 de fev., 1962, fornecido para os autores por membro do HSCA; (amigo de Iacovetti) Hellerman com Renner, 101; (Iacovetti/Gambino) Hellerman com Renner, 226, *Wall Street Journal*, 19 de ago., 1968; (Rizzo e FS socializavam) ibid., “Supplemental Correlation Summary”, 25 de fev., 1969, FSFBI, Hellerman com Renner, 101; (ligações íntimas com Bilotti) ents. Joe Bilotti, Tony Montana, sr. James Billoti, Kelley 478; (Bilotti/Gambino) Sifakis, 33, Allan May, *Forgotten Man at Sparks*, 2 de fev., 1999, http://www.:americanmafia.com.

426 Gambino/Rizzo cambalacho com ações: em um relatório do FBI sobre a intimação de Rizzo, o golpe é descrito como tendo sido “uma tentativa de manipulação das ações nomeadas *Computer Fields Express*... ao tentar inflar preços de ações [os participantes] ficaram sem fundos... alegadamente Carlo Gambino, Frank Sinatra e Jilly Rizzo investiram em ações.” Um documento posterior citado pelo advogado de Sinatra, Milton Rudin, dizia que, mesmo que Sinatra tenha investido, provavelmente não teria tido conhecimento do nome da empresa. Rudin disse que não achava que tinha havido investimento da parte de Sinatra, mas sugeriu que podia ter havido um envolvimento de Rizzo. Nem Sinatra nem Rizzo foram acusados de qualquer crime. Depois, Rizzo foi por muito tempo visto como próximo de Joe Paterno, o capo que cuidava dos interesses Gambino em Nova Jersey (scam-SAC Nova York para Director, 21 de nov., 1973, FBI 166-547731, SAC Los Angeles para Diretor, 26 de nov., 1973, FBI 166-5477-32; próximo do capo − SA (deletado) para SAC Miami, jul. 30, 1985, FBI 183A-2166-339; passado de Paterno − Sifakis, 278, 164).

426 Conexões de Rizzo na Máfia: Rizzo compartilhava com Sinatra as ligações com a Máfia que vinham desde a organização de Luciano e de Nova Jersey. Bob Buccino, um velho ex-investigador do Estado que trabalhava contra o crime organizado, disse aos autores que Rizzo foi "extremamente cordial" com a figura da Máfia de Nova Jersey Angelo De Carlo, cuja relação com Sinatra foi documentada neste livro. Rizzo supostamente era dono de uma casa em Mountainside, cidade natal do chefe da Máfia ("extremamente cordial" "ent. Bob Buccino; Mountainside − "Jilly Rizzo," *New York Field Oflice Report*, 31 de out. , 1966, FBI 92-952 2).

426 fraude de oito milhões de dólares: um dos corréus com Rizzo foi Michael Rapp, também conhecido como Michael Hellerman, que apareceu em outras ocasiões nestas páginas. Rapp/Hellerman, que tinha tido um restaurante com Rizzo e encontrou Sinatra em diversas ocasiões, teve vários companheiros na Máfia. Ele foi apelidado de "corretor da Máfia", e membros da polícia exibiam uma lista daqueles que ele havia citado no caso "*Quem é Quem"* no crime organizado − das famílias Lucchese e Genovese em particular (Rizzo condenado/poupado das grades − *NYT*, 7 de maio, 1992; Stephen Pizzo, Mary Fricker e Paul Muolo, *Inside Job: The Looting of America´s Savings and Loans*, Nova York: McGraw-Hill, 1989, 141–, 144, 147; corréu Rapp/Hellerman − ADIC New York para Director, 20 de abr., 1990, FBI 290-17893-778, liberado para os autores sob sujeição do FOIA, Hellerman com Renner, 97–, 102–; "corretor da Máfia"/*Quem é Quem* − Pizzo, Fricker, e Muolo, 131–).

426 Jilly enterrado: *NYT*, 18 de maio, 1998, "Interments of Interest" ficha técnica por Kathleen Jurasky, Palm Springs Cemetery District.

426-427 Liga Antidifamação: ("manchavam") "Por que AID?" anexo de Di Lorenzo para Watson, 14 de out., 1967, Arquivo de Frank Sinatra, Box 320, White Home Central Files, Biblioteca Lyndon B. Johnson; (FS presidente) *NYT*; 4 de maio; (oito mil dólares/Madison Square Garden) *LAT*, 21 de out., 1967; (Salerno/"chances de correspondência") *NYT*; 12 de maio, 1967, e ver *NYT*; 13 de maio, 1967.

427 associações do comitê com a Máfia/FS se demitiu: Messick com Nellis, 242, Gage, 89. Anthony Scotto, vice-presidente da AID, era genro de Tony Anastasia, bandido de doca e irmão de Albert "Lord High Executioner" Anastasia. Mais tarde ele foi condenado por ter tomado mais de 200 mil dólares em subornos de empresas que lidavam com negócios nas docas.

Informantes disseram ao FBI que ele e o companheiro de conselho, Dr. Mario Tagliagambe eram “membros da Cosa Nostra”. O ex-congressista Alfred Santangelo foi o genro de Vicente Rao, identificado como um capo da família Lucchese. Dr. Thomas J. Sinatra, aparentemente sem qualquer relação com o cantor, foi genro de Carlo Gambino. Houve também Carmine DeSapio, o chefe do Tammany Hall [N.T.: organização política dentro do partido democrata que sustentava o poder através de corrupção e ligações com a Máfia] cujas cordas eram puxadas por chefes da Máfia. Mais tarde, provas fornecidas por um primo de Gambino levaram ao processo o presidente e o copresidente da AID, o ex-congressista Ross Di Lorenzo, processado, mas não condenado, por perjúrio. Henri Giné, advogado de Sinatra da Costa Leste, e amigo de Jimmy Alo, foi também membro da diretoria da AID (AID board-"Por que AlD)?” anexo de Di Lorenzo para Watson, 14 de out., 1967; Scotto- *Life*, 8 de set., 1967, Sifakis, 13–, 263, 298, Cleveland para Gale, 18 de maio, 1967, FBI 61-813117; Tagliagambe − ibid.; Santangelo-Sumário de Ralph Salerno no crime organizado para House Committee on Assassinations, 62, Sifakis, 127, 200; Dr. Sinatra, *Life*, 8 de set., 1967; DeSapio-Sifakis, 90, 181, 198; sumário DiLorenzo-Salerno para HSCA, p. 68, e ver diretor para procurador geral, 18 de maio, 1967, documento revisto, FBI 62-832 18, seção 3; Giné corr. Carole Cortland Russo.

427 Italian-American Civil Rights League: (comparecimento/dólares/atenção nacional) *Staten lsland Adventure*, 19 de out., *NYT*; 9 de Nnov., 1970, 4 de abr., 1971; (não usar “Máfia”) *NYT*, 24 de mar., *Staten Island Adventure*, 25 de mar., 1971.

427 Colombo “fundador”: *NYT*; 23 de mar., 4 de abr., 1971. Colombo foi baleado por um assassino em junho de 1971, em um comício da *League*. Supõe-se que tenha sido Carlo Gambino que ordenou o ataque, em parte como uma represália pessoal, em parte para extinguir a atividade da Liga − que ele e seus associados consideravam como muito forte. Colombo sobreviveu em estado vegetativo, com seu cérebro danificado pelas balas dos assassinos, por mais sete anos (Sifakis, 82); (FS astuto/“Colombo ficou furioso”) ent. and corr. Hector Saldana − que estava trabalhando em uma biografia de Alo, ents. Carole Cortland Russo, Ken Roberts, M/G ent. de Eddie Jaffe, Villa.

427 acordo: “Joseph A. Colombo”, 28 de jan., 1971, FBI 92-62 10-65. Um

relatório mais recente do FBI indica que primeiro se imaginou que Sinatra iria se apresentar em um comício da liga de 29 de jun. de 1970. Ele não apareceu, um fato que sustenta a referência de Alo a um "não comparecimento". Ele apareceria, no entanto, em 20 de nov. de 1970, que talvez se refira ao acordo negociado feito por Alo em seu nome. Várias fontes indicam que Sinatra também apareceu em um evento beneficente em nome da liga em novembro de 1971. Todavia, checando a cobertura da imprensa relevante e os arquivos do FBI sobre a *League*, essa aparição não é corroborada. (imaginou em 29 de junho − "Correlation Summary", 18 de fev., 1972, FSFBI; 20 de nov.-SAC Nova York para SAC Las Vegas,9 de dez., 1970, FBI 92-62 10-39, *NYT*; 4 de abril, 1971; aparição de 1971 − corr. Ric Ross, 20 de nov., 1971, entrada *Where or When?*, Sinatra, *Legend*, 224, FBI 92-6210, refs.); (pulou/"Até onde pode") carta escrita à mão, nomes do remetente e destinatário apagados, 19 de mar., 1971, FBI 166-3211-55.

428 *O Poderoso Chefão*: (FS brigou) *NYT Magazine*, 6 de ago., 1967; (História de Puzo/um milhão de dólares/oito milhões de dólares) Fox, 368–, (mais lucrativo) Robert Evans, *The Kid Stays in the Picture*, Nova York: Hyperion, 1994, 231; (obtidos com antecedência) ibid., 17; (advogados exigiram) Mario Puzo, *The Godfather Papers*, New York Putnam's, 1971, 53; (retirado do filme?/"Sinatra ainda não estava"/FS tentou arrancar à força) *Mean*, set. 2001; (Chasen's/insultou) Puzo, *The Godfather Papers*, 54–, e ver *Chicago Sun-Times*, 11 de set., 1970, Sciacca, 9.

428 revelações de 1969 grampos De Carlo: *LAHE*, jan. 7, 1970, registros de conv., 10 de mar., 5 de dez., 1961, 29 de out., 1962, 22 de abr., 11 de nov., 1963, 12 de jul., 1964, vol. 9, Minc. Elsur Refs., HSCA Subject Files, Frank Sinatra, JFK. Steve Lenehan, Steve Lenehan, um mafioso que se tornou informante, lembrou que em meados da década de 1960, quando ele disse que De Carlo estava ao telefone, Sinatra atendeu imediatamente à chamada. Na velhice, De Carlo mantinha uma fotografia de Sinatra na parede de seu escritório. Sinatra reconheceu apenas que ele havia "conhecido" o gângster (Lenehan − ent. Steve Lenehan e ver *lnterview with Steve Lenehan*, americanmafia.com, set. 2001; foto Sifakis, 98; "encontrou" − *LAT*, jun. 20, 1970).

428-429 FS e provas de crime: (intimação para se apresentar) *LAHE*, 15 de out., 1969; (lutou para evitar depoimento) *LAHE*, 15, 16 de out., 18 de dez.,

1969, 8,14 de jan., 1970; (Suprema Corte) *Philadelphia Inquirer*; 4 de fev., 1970; (solenemente disse) *LAT*, 18 de fev., 1970, Kelley, 393.

429 Fontainebleau suíte: (ordem do juiz) *LAT*; 11 de abr., 1968, "Joseph Fischetti", 25 de maio, 1967, FBI 92-3024-92; (deixou a Flórida) ent. Ralph Salerno, Ralph Salerno e John Tompkins, *The Crime Confederation*, Garden City, NY: Doubleday, 1969, 166; (controversa/processo abandonado) *LAT*; 24 de abr., 1968. O caso de Miami era um processo de difamação entre o Hotel Fontainebleau e o *Miami Herald*, que, em 1967, publicou artigos alegando que o hotel era controlado por mafiosos. No ano anterior, mais uma vez depois de muito se esconder e enrolar, Frank tinha sido obrigado a testemunhar perante um grande júri federal que investigava o desvio de dinheiro de proprietários de cassinos em Las Vegas (grande júri − Kelley, 366); (quatro anos depois/preparado para aparecer) *Hollywood Reporter*; *NYT*, 8 de jun., 1972; (comitê votou/FS sumiu) *NYT*; 8 de jun., 22, *LAHE*, jun. 8, *LAT*, 9 de jun., 1972; (humor beligerante) *NYT,*; 28 de jun.,19, 23 de jul. 1972.

429 "Vamos dispensar"/"Do ponto de vista": testemunho de FS, 18 de jul., 1972, Audições, Select Committee on Crime, U.S. House of Representatives, 92nd Cong., 2nd sess., Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1973. Sinatra ganhou justificada simpatia quando o Comitê sobre Crimes recebeu o depoimento do criminoso condenado Joe Barboza sobre um boato. Barboza afirmou que Sinatra tinha tido interesse no Fontainebleau, e tinha tido interesse no Sands e no Lake Tahoe, como uma fachada para o chefe mafioso da Nova Inglaterra Raymond Patriarca. Na opinião da União das Liberdades Civis Americanas, a exposição destas alegações submetia Sinatra ao "julgamento por publicidade" e ao "assassinato de caráter". Todavia, antes de Barboza fazer suas acusações, a comissão havia planejado questionar Sinatra sobre um assunto específico de um fato inquestionável − o seu anterior investimento e seu papel como vice-presidente da pista de corrida Downs Berkshire em Massachusetts. Seus coinvestidores tinham sido os mafiosos Patriarca e Lucchese. Em seu depoimento Sinatra negou conhecer Patriarca. Patriarca, por sua vez, negou conhecer Sinatra. Quando perguntado se algum dos seus associados havia feito negócios com compra de ações do cantor, que estivessem em seu nome, o chefe da Máfia pleiteou a Quinta Emenda [N.T.: o direito de permanecer calado]. Sinatra testemunhou que ele concordou em participar

do empreendimento da pista por causa da sugestão de um homem chamado Salvatore Rizzo, que conheceu durante um show em Atlantic City, em, aparentemente, 1962. Rizzo, por sua vez, repetidamente pleiteiou a Quinta Emenda quando perguntado se ele conhecia Sinatra e, em caso afirmativo, quanto tempo ele o conhecia. Porém, o ex-controlador da pista de corrida afirmou que Rizzo disse-lhe: “Eu conheço Sinatra desde Nova Jersey. Eu era vizinho dele. . . vivi ao lado deles. Eu conheço sua primeira esposa e seus filhos, e eu o conheço”. O *Providence Evening Bulletin* havia informado fazia tempo, em 8 de setembro de 1962, que Sinatra e Dean Martin eram amigos de Rizzo. Tanto Sinatra quanto Patriarca negaram que tivessem se conhecido, mas um relatório do FBI, datado de quatro anos antes dos testemunhos, se refere à Sinatra, no Caesars Palace, com “uma mensagem que ele queria levar para Raymond Patriarca” que teria sido um proprietário oculto do Caesars. O Relatório Final da Comissão deu um parecer ácido da versão de Sinatra sobre acontecimentos, mas concluiu que ele havia sido uma “fachada involuntária” no esquema de corrupção Berkshire Downs. As contradições citadas acima jamais foram esclarecidas (relato de Barboza-testemunho de Barboza, Select Committee on Crime, U.S. House of Representatives, 92nd Cong., 2nd sess., pt. 2, 752–, 756–, 763; ACLU − *Chicago Sun-Times*, jun. 6, 1972; Berkshire Downs − *NYT*, 8 de jun., 1972; testemunho de Sinatra − audições, Select Committee on Crime, House of Representatives, 92nd Cong., 2nd sess., pt. 4, 1409–; testemunho de Patriarca ibid., 1485; Rizzo-ibid., 1498, 1501, 1504; ex-controlador ibid., testemunho de Charles Carson, 1447, 145 1, 1457; *Evening Bulletin* SA Boston para USA Boston, 6 de nov., 1962, FBI 92-2961; *Las Vegas SA*, 29 de ago., 1968, FBI 92-1851-83; dono oculto, Dan Moldea, *Interference*, New York: William Morrow, 1989, 469n5; relatório − “Influência do Crime Organizado nas Corridas de Cavalos”, relatório, *Select Committee on Crime, U.S. Senate*, 93rd Cong., 2nd sess., jun. 25, 1973).

429 fez alarde no *NYT*: *NYT*, 24 de jul., 1972; (“como Lear”) *New Times*, 19 de out., 1973; (divulgado a alegação) *NYT*, abr. 4, 1971. Ver *Hollywood Reporter;* 21 divulgado out., 1969, *NYT*, 24 de jul., 1972; (“Se um homem”) *New Times*, 19 de out., 1973.

430 aposentadoria de 1971: (Thompson/“try a little tenderness”) *Life* 25 de jun., 1971; (5 mil pessoas/incluindo) ibid. Ver *LAT*; 15 de jun., 1971. O

concerto de “aposentadoria” foi em auxílio da Motion Picture e da Television Relif Found, para as quais foram levantados oitocentos mil dólares (Shaw, *Entertainer*; 43); (dois meses antes) Sinatra com Coplon, 125; (declaração) *New York Daily News*, 24 de mar., 1971; (“espetacular”) *Lé*, 25 de jun., 1971.

430 vendas de álbuns tinham caído/filme fracassado: Sayers e O’Brien, 261, O’Brien, 186, 191, 195, 198, 205. O álbum *My Way* tinha ficado na décima primeira posição nas paradas em 1969, mas os três álbuns lançados nos dois anos anteriores a 1971 tinham tido vendas desanimadoras. O filme de 1967 *Tony Rome* teve uma audiência considerável, assim como *O Detetive (The Detective)* e *A Mulher de Pedra (Lady in Cement)* de 1968. *O Mais Bandido dos Bandidos*, porém, lançado no final de 1970, foi um desastre comercial e de crítica. Frank Sinatra não fez mais nenhum filme até *O Primeiro Pecado Mortal (First Deadly Sin)*, em 1980, outro fracasso. A rápida aparição em *Um Rally Muito Louco II* encerrou sua carreira no cinema; (novecentas canções) Rednour, 11; (oitenta e sete álbuns) ibid., 249; (quarenta e três filmes) O’Brien, *Film Guide*, doze − com participações especiais, o total vai para cinquenta e cinco.

431 “Estou cheio”: *Life*, 25 de jun., 1971. Sinatra tinha sido submetido a um procedimento cirúrgico no ano anterior para a contratura de Dupuytren, uma condição dolorosa da musculatura da mão direita e da palma, a mão em que ele geralmente segurava o microfone. A origem da doença, segundo Sinatra gostava de afirmar, foi o soco que havia dado no colunista Lee Mortimer, vinte e três anos antes. Desde então ele se queixava também que a poluição de Los Angeles afetou seu nariz e sua garganta. Em 1971 houve rumores que ele estava recebendo em segredo tratamento para câncer de garganta. O rumor era infundado e Sinatra processou um tabloide, processo que foi resolvido fora dos tribunais, contribuindo com uma grande soma para a unidade médica instituída em memória de seu pai. Não há nenhuma evidência de que ele tinha problemas de saúde sérios na época (Dupuytren’s − *LAHE*, 9 de jul., 7 de set., *LAT*; 8 de set., 1970, *Screen Stars*, jul. 1971; origem? − ent. Al Wola; poluição de Los Angeles − *Time*, 22 de nov., 1968; rumor infundado − *LAHE*, 21 de jul., 1971, SAC New York para Diretor, 15 de set., 1971, FSFBI; tabloide processado − Shaw, *Entertainer*; 42); (“Ser uma figura

pública”/“patetas”/“colecionadores de lixo”) TV Guide, 17 de nov, 1973; (história de Gage) *Wall Street Journal*, 19 de ago., 1968; (confronto) ver nota sobre Rizzo no incidente do Caesars Palace; (Giancana fora do país) Brashler, 19, 394, 312 .

431 De Carlo/Alo/Fischetti: De Carlo, processado em 1970 por empréstimo com juros extorsivos, foi condenado a 12 anos. A sentença foi comutada em 1972 em meio a relatos de que Sinatra havia usado sua influência na Casa Branca de Nixon para conseguir que seu ex-apoiador de Nova Jersey fosse solto. Um estudo do arquivo do FBI sobre De Carlo, e em particular o dos relatórios do Departamento de Internos nas Prisões, não sustentam a acusação. De Carlo estava com câncer e outras doenças, e morreu em menos de um ano após a sua libertação.

Jimmy Alo foi condenado a cinco anos, em 1970, sob acusações de irregularidades com seguros e através da investigação da Securities and Exchange Commission, indo para a prisão no início de 1971. Ele continuou a ter uma relação amigável com os pais de Sinatra após a sua libertação em 1973, mas suas relações com o cantor esfriaram. Alo sentiu que Sinatra tinha falhado, em vários sentidos, em retribuir seu apoio ao longo dos anos, inclusive no reconhecimento da asseguração do papel de Sinatra em *A Um Passo da Eternidade.* Joe Fischetti foi indiciado por formação de quadrilha e outros delitos pouco antes da aposentadoria de Sinatra, e, em 1972, foi condenado a seis meses de prisão. Ele continuou amigo do cantor até sua morte em 1979 (De Carlo – Angelo De Carlo File, FBI 179-195-82 sem interrupção até 156, Sifakis, 98; Alo “Vincent Alo”, 18 de maio, 1971, FBI 92-2815-411, 10 de jan., 1975, FBI 92-2815-416, ents. Carole Cortland Russo, Ken Roberts, Hector Saldana; Fischetti − “Joseph J. Fischetti”, 22 de out., 1970, FBI 92-3024-106, 12 de jan., 1971, FBI 92-3024-108, 24 de jul., 1972, FBI 923024-112, testemunho de FS, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fev., 1981).

431-432 carregava uma arma: as mulheres que disseram que viram a arma foram a atriz Lois Nettleton e a dançarina Marianna Case, cujas relações com Sinatra são descritas no capítulo 32 (ents. Lois Nettleton, Case, 75–); (“Ele não era”) ent. Peggy Connelly; (“Todos nós temos”) *Coronet*, mar. 1971; (Streisand/smolking) *Life*; 25 de jun., 1971; (“Estou cansado”/Todo mundo riu) ibid.

Capítulo 32: "Let Me Try Again"

433-434 FS na aposentadoria: ("Acabou para mim") fita de áudio; ("Talvez eu vá"/"leria Platão") *Life*, 25 de jun., 1971; (variedade do trabalho de FS) Sinatra, *A Man and His Art*, IX, *Look*, 11 de jun., 1957; ("Eu nem cantarolava") Bill Boggs ent.; ("Toquei") "Sinatra in Egypt," entrevista não editada para *20/20*, *ABC News*, 4 de out., 1979, gravação em vídeo na coleção dos autores; (galerias/Picasso) Peter Malatesta, *Party Politics*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1982, 45–, 117; (golfe/"absolutamente nada") *Life*, 31 de dez., 1971; (Oscar especial) *LAT*; 1º de mar., *WP*, 16 de abril, 1971; (tributos no Senado/"o maior") Registro do Congresso, 30 de jun., *LAT*; 1º de jul., 1971; (Dia de Sinatra) *Hollywood Reporter*, 18 de jan., 1971; ("Frank Sinatra Drive") *Variety*, 19 de agosto, 1971, *LAT*; 16 de jan., 2000; (homem mais solitário) Sinatra com Coplon, 150.

434 caso com Marianna: caso com Marianna, *Another Side of Blue*, Running Springs, CA: publicação particular, 1997, refs., ent. Marianna Case.

434 Walters: Shaw, *Entertainer*, 102.

434 FS deplorava: coluna de Hedda Hopper, jul. 20, 1965, MHL.

435-436 Nettleton: (passado/caso) ents. & corr. Lois Nettleton e recortes 1971-71 na coleção de Lois Nettleton. Sinatra e Nettleton trabalharam juntos em 1970 na paródia de *western* chamada *Dirty Dingus Magee*, no qual ele interpretava um fora da lei e ela uma amorosa professora primária (O'Brien, 196–); (uso de "Francis") e.g., Case, 24, ents. Marianna Case, Carole Lynley; (ainda sentia como se ele fosse um garotinho) Case, 63; (pintava palhaços) Wilson, *Sinatra*, 79, Malatesta, 45–, *Look*, 11 de jun., 1957; (bochechas brancas) *Movie Show*, 31 de jul., 1947; (sobre sua mesa) *Newsweek*, 6 de set., 1965; (vestido como) Carpozi, *Sinatra*, 199 (copo de guardar escova de dentes), ent. Peggy Connelly; (Emmett Kelly), *Movie Show*, 31 de jul., 1947; ("triste e esfarrapado") Emmett Kelly com F. Beverly Kelly, *Clown*, New York: Prentice-Hall, 1954, 125; (autorretratos) ent. Tina Sinatra, *A Man and His Art*, IX.

438 FS e política: ("Muito depois") discurso de JFK no jantar de gala inaugural, 19 de jan., 1961, gravação de vídeo na coleção dos autores; ("democrata por toda a vida") ent. de Tina Sinatra, Larry King Live, CNN, nov. 1992, e

ver Sinatra, *My Father*; (Agnew e Reagan no hospital) *LAHE*, 13 de jan., 1971; (Agnew no encerramento) Hank Messick, J. Edgar Hoover; Nova York: David McKay, 1972, 253; (“Nixon!’’) *New York Journal-American*, 16 de jan., 1961; (“odiava Nixon’’) MacLaine, *Lucky Stars*, 86.

438 Reagan/“testemunha amigável”: Wills, *Reagan*, 255; (“Bonzo”) Jacobs e Stadiem, 238. Reagan interpretou um professor secundário que criava amizade com um chimpanzé, seu novo objeto de estudo, no filme de 1951 *Bedtime for Bonzo*. (idiota/“chato estúpido”) MacLaine, *Lucky Stars*, 86, Kelley, 361; (conheceu Nancy) Jacobs e Stadiem, 238, Sinatra, *My Father*; 60; (“deixasse o país”) MacRae, 171; (“She dislikes California”) letra de FS no concerto em Oakland, 25 de maio, 1968 citado em corr. Ed O’Brien.

438-439 FS e a campanha de 1970 de Reagan: *LAT*, 13, 14 de jul., *Hollywood Citizen-News*, 14 de jul., 1970 − a referência de Sinatra ter apoiado Reagan em 1966, em um livro recente de autoria de Charles Pignone, é certamente um erro; (“Eu apoio”) Taraborrelli, 384, e ver fita de áudio de Giuliano, *Hollywood Repórter*, 18 de mar., 1976; (“um candidato ilustre”/“acredita”) *LAT*, 13,14, de jul. 1970; (desprezo de LBJ/“Ele fará de você um grande”) Oliver Pilat, *Drew Pearson*, Nova York: Harpers, 1973, 282–; (apoiou Humphrey/“Bobby simplesmente não é”) *Variety*, 6 de maio, 1968. Ver McCall’s, jul. 1968; (não derrubou nenhuma lágrima) Jacobs e Stadiem, 3, 249, e ver Sinatra, *My Father*; 212; (“aquele tira do cacete”) ent. Michael Shore para PITV; (relatório sobre FS e assessores de Hoffa) Maxine Cheshire com John Greenya, *Maxine Cheshire, Reporter*, Boston: Houghton Mifflin, 1978, 106–, McCall’s, maio 1973; (*Wall Street Journal*) 19 de ago., 1968; (advertência de Nellis) ent. Joe Nellis, Kelley, 386; (FS desapareceu) *WP*, *LAT*, 25 de ago., 1968.

439 FS e Nixon/Agnew: (“Nixon me assusta”) *LAT*; 14 de jul., 1970; (Colson atraiu) ed. Bruce Oudes, *Richard Nixon´s Secret Files*, London: André Deutsch, 1989, 174.

440 Agnew & FS se encontraram: Agnew datou seu encontro com Frank Sinatra como tendo ocorrido durante o feriado de Ação de Graças de 1970. De acordo com Nancy Sinatra, eles se conheceram em um evento político em Palm Springs no verão de 1969. Agnew escreveu que se eles se encontraram no campo de golfe por acaso, mas seu assessor Pedro Malatesta disse que a reunião partiu da iniaciativa de Agnew (Agnew,

204–, *Sinatra*, *Legend*, 210, Malatesta, 15–); (música/gostasse de cantar) Wilson, *Sinatra*, 280; (convidado habitual) *WE*, 25 de fev., 1972; (dezoito visitas) *Newsweek*, 25 de maio, 1998; (*Deep Throat*) (*London*) *Observer*, 28 de abril, 2001, ("Casa de Agnew") McCall's, out. 1974, *LAT*, 11 de jul., 1980, Shaw, Entertainer; 118; ("sinatra está pronto") ed. Oudes, 211; (FBI tinha alertado) Diretor FBI para Ehrlichman, 15 de abr. 1969, FSFBI; ("Embora Sinatra"/RN enviou congratulações) Moore para Hasek, 1º de nov., Nixon para Sinatra, 3 de nov., 1971, White House Central Files, material presidencial de R. Nixon, NA; (Mrs. Mitchell no jato de FS) Mohr para Tolson, nov. 9, 1971, FSFBI; (Agnew tentou adiar) *LAT*, 31 de maio, *Variety*, 1º de jun., 1972; (presidente telefonou) Kelley, 410. Ver Freedland, 361; ("Ele está a bordo") H. R. Haldeman, *The Haldeman Diaries*, New York: Putnam, 1994, 491; (FS apoiou a reeleição) Mohr para Tolson, 9 de nov., 197I, FSFBI, *LAHE*, 4 de fev., 1973, Malatesta, 92; (alugou uma casa) Malatesta, 94–.

441 Cheshire: ("vagina"/puta) SA (deletado) para SAC Los Angeles, 2 de fev., 1973, FBI 92-1039-303, *Newsweek*, 5 de fev., 1973, Cheshire com Greenya, 124, *Time*, 5, 12 de fev. 1973. Ver Malatesta, 99; ("lívido") *New York Post*, 29 de mar., 1973.

441 "duas moedinhas": RN conv., 9 de jul., 1973, citado em Stanley Kutler, *Abuse of Power*, New York: Free Press, 1997, 621. O comentário das ''duas moedinhas'' foi feito depois em particular, para seu amigo Bebe Rebozo. Foi trazido ao público somente no final dos anos 1990, com o lançamento de um novo lote de gravações da Casa Branca.

441 pediu para FS cantar na Casa Branca: *LAHE*, 4 de fev., 1973, entrevista da M/G de Al Viola. Foi reportado que Sinatra já tinha cantado uma vez na Casa Branca de Nixon, em um tributo em fevereiro de 1970 para o falecido senador Everett Dirksen. Esse evento, de fato, foi organizado no Washington Hilton (tributo na Casa Branca? − *Hollywood Reporter*, 25 de fev., 1970, *Where or When?*, corr. Ric Ross; Hilton − *WP*, 28 de fev., 1970; (dez músicas/*The House*) 17 de abr., 1973, entrada, *Where or When?*, Vidal, 152; ("Washington Monument'') texto da gravação de vídeo de comentários de Nixon, 17 de abr., 1973; (painel central) Sinatra com Coplon, 143; ("Napoleon'') George Rush, *Confessions of an Ex-Secret Service Agent*, New York: Donald Fine, 1988, 193; (FS deu refúgio/custos legais) Spiro Agnew, *Go Quietly… or Else*, New York:

Wm. Morrow, 1980, 148–, 177–, 203–, Freedland, 362–, *WP*, 29 de set., 1973, *New Times*, 19 de out., 1973, Melvin Small, *The Presidency Of Richard Nixon*, Lawrence, KS: University of Kansas Press, 1999, 287; (um dos primeiros) *LAHE*, 23 de fev., AP, UP, 24 de fev., 1975, Robert Sam Anson, *The Unquiet Oblivion of Richard M. Nixon*, Nova York: Simon e Schuster, 1984, 99.

441 "Ninguém é perfeito": Sinatra, *My Father,* 226. Investigadores do caso Watergate tropeçaram logo de início sobre o fato de que Sinatra conhecia Kenneth Dahlberg, presidente da campanha de financiamento do meio-oeste da reeleição de Nixon, cujo nome constava em uma lista que foi parar na mão dos assaltantes de Watergate (Dahlberg-J. Anthony Lukas, *Nightmare: The Underside of the Nixon Years*, New York: Penguin, 1988, 142, Barry Sussman, *The Great Cover-Up*, Arlington, VA: Seven Locks Press, 1992, 74).

441-442 Lealdade de FS depois de RN: (arrecadação de fundos) 1º de nov., 1974, entrada, *Where or When?* ed. Vare, 115; (discreto em Carter) *LAHE*, 13 de dez., 1979, *Hollywood Reporter*, 18 de mar., 1976, *LAT*, 8 de maio, 1979, Sinatra, *Legend,* 262; (Tina sobre FS liberal/"sua própria batida") Sinatra com Coplon, 143.

442 "o sangue trabalhando": elogio de FS, St. Viator's Church, Las Vegas, 27 de maio, 1998, texto provido por Sonny King. King fez seus comentários em um elogio fúnebre após a morte de Sinatra, que tinha sido padrinho de um de seus filhos. Os autores não viram nenhum relatório que indicasse que o cargo na embaixada tinha sido debatido durante a administração Kennedy. Dean Martin disse no estúdio, antes da eleição de 1960, que a frase, se Kennedy a tivesse dito, "Você vai ser embaixador na Itália", era apenas uma piada. O mafioso John Rosselli, entretando, foi ouvido reclamando, em uma escuta telefônica do FBI, que Sinatra teve "grandes ideias... algo sobre ser embaixador, ou algo assim". Em 1971, durante o primeiro mandato do presidente Nixon, um longo artigo intitulado "Embaixada de Sinatra?" apareceu no *Los Angeles Herald-Examiner*. O mesmo jornal publicou uma sátira, com a mesma história, no início da administração de Reagan, para depois afirmar que a notícia tinha sido "estritamente uma brincadeira" (elogio dado na St. Viator's Church, Las Vegas, texto provido por Sonny King; Martin-Wilson, *Show Business*, 15; registro de conversa de Rosselli − 21 de dez., 1961, Misc. ELSUR Refs., vol. 1, HSCA Subject

Files, Frank Sinatra, JFK; longo artigo-*LAHE*, 2 de julho, 1971, 10 de nov., 9 de dez., 1980).

442 “uma criatura imparcial”: (*London*) *Observer*; 17 de maio, 1998; (“Eu acho que Sinatra’’) *NYT* artigo sem dat. de Robert Lindsey, feb. 1981; (pressão da Máfia?) ent. Shirley MacLaine.

443-444 FS sai do afastamento: (“Você deveria”) Shaw, *Entertaineir,* 88; (“Eu não achava”) nota de rodapé, *The Complete Reprise Studio Recordings*, 51 − houve um racha entre a relação de Sinatra com Miller, que durou entre 1978 até 1983, ibid., 37, Friedwald, 40; (“Um grande artista”) *Time*, 5 de abr., 1971; (queria apenas um descanso/“mentindo”/pressão dos filhos) FS ent. por Arlene Francis, 1º de out., 1977, e 25 de set., 1981, WOR (NY) Larry King ent. de FS, 19 de maio, 1998 (reprise); (30 mil cartas /“pessoas que”) Shaw, *Entertainer;* 90; (FS “sentia falta”) Saga, nov. 1974, e ver *LAT,* 18 de nov., 1973; (se entediou, Russell) *People*, 3 de maio, 1976; (“Ele não aguentou aquilo”) coleção de gravações de Vern Yocum, fornecida para os autores por sua filha Vernise Yocum Pelzel, e ver também Saga, nov. 1974; apresentações “privadas) múltiplas entradas, 1972-1973, *Where or When?;* (Palm Springs, show da polícia) *Hollywood Reporter*; 20 de jan., 1972; (Recepção de Ted Agnew) *WP,* 20 de maio, 1972, Malatesta, 75, (anunciado especial para a TV) *LAHE,* 20 de abri, 1973; (retorno para Vegas) Shaw, *Entertainer*; 91; (Ol´Blue Eyes) ed. Vare, 103 − o diretor de arte era Ed Thrasher; (começo da apresentação/boas-vindas arrebatadas) Shaw, *Entertaineir*, 91–; (críticas têm sido menos animadoras) ibid., Kelley, 421.

444-445 álbum: Sayers e O’Brien, 261. Embora as gravações tenham começado em 30 de abril de 1973, o material feito naquele dia foi destruído. Elas foram retomadas em junho (Sayers e O’Brien, 145, Granata, 191); (voz “rachada”/pediu desculpas) WP, 20 de maio, 1972; (vocalizações) *Sinatra in Egypt*, gravação de vídeo; (“enferrujada”/lábio tremia/cantar a letra/“ofegante”) TV Guide, 17 de nov., *LAT*, 18 de nov., 1973, *Newsweek*, 22 de abr., 1974; (*Let Me Try Again*) Rednour, 59; Sammy Cahn também fez a letra; (Madison Square Garden 1974) Wilson, *Sinatra*, 1–, 13 de out., 1974, entrada, *Where or When?* (“Ah, Frankie,”) *NYT*, 13 de out., 1974; (“Woodstock dos velhões”) *Newsweek*, 22 de abr., 1974; (“Aquele estilo”) *Rolling Stone*, 6 de jun., 1974.

445 publicação de Thompson/“Frank está de volta”: McCall’s, oct., 1974. Em

1974, na Austrália, Sinatra chamou jornalistas de “vagabundos, putas e parasitas”.’ Foi tanto o furor que sindicato australiano impediu o avião de sair, e só foi resolvido quando o líder do Partido Trabalhista Bob Hawke interveio. Sinatra também dizia insultos pueris para a jornalista Rona Barrett. Por exemplo, em uma ocasião em Las Vegas: “Ela é tão feia que sua mãe teve que colocar uma costeleta de porco em seu pescoço só para o cachorro brincar com ela... Eu não vou mencionar o nome dela. Eu também não vou mencionar Benedict Arnold, Aaron Burr, Adolf Hitler, Bruno Hauptmann, ou Ilse Koch – outra ordinária de dois dólares –, aquela que fazia abajures com peles [de prisioneiros de campos de concentração]”. Em 1975, Frank chamou Barbara Walters “de ordinária mais feia da televisão”, xingamento que iria repetir nos anos seguintes. Sinatra ou seus seguranças foram acusados de coagir jornalistas em 1971, 1974 e em 1975. Sinatra disse em Toronto que ele só usava jornais “para forrar o fundo da gaiola do meu papagaio e treinar o meu cachorro” (Austrália-*LAT*, 11 de jul., 1974, e *Melbourne Age*, 11, 12 de 3 jul., 1974; Weinstock como descrito no capítulo 32; Barrett − New York, sem data, 1974, Kelly, 423; Walters − Jerry Oppenheimer, *Barbara Walters*, New York: St. Martin’s, 1990, 243; coagir/“forrar” − *LAHE*, 19 de nov., 1971, *LAT*, 11 de jul. 1974, 12 de maio, 1975).

445 “Durante toda sua vida”: Howlett, 152·

445 “Não se preocupe comigo”: Sinatra com Coplon, 213, 162.

Capítulo 33: Barbara

446 Barbara Marx: (Case soube/“desconfortável’’) em Case, 120, 144; (“Ela estava tentando”) ent. Lois Nettleton.

446 FS sairia com outras mulheres por muito tempo: Sinatra teria namoricos com outras mulheres nesse período. Dependendo da versão que se lê, ele perseguiu ou foi perseguido por Pamela Hayward, a ex-esposa de origem britânica de Randolph Churchill e viúva do produtor Leland Hayward. Por um tempo, no outono de 1971, ele teria retomado brevemente o relacionamento com Natalie Wood, com quem tinha estado envolvido anos antes. Ele também teria relações de algum tipo com as atrizes Eva Gabor, Victoria Principal e um caso com Carol Lynley – retomando uma

relação do tipo liga e desliga que tinham. O caso com Eva Gabor durou por algum tempo. (Hayward − *LAT*, 14 de jun. 1971, Jacobs e Stadiem, 224, Kelly, 431, Christopher Ogden, *Life of the Party*, Boston: Little, Brown, 1994, 324–, Sally Bedell Smith, *Reflected Glory*, Nova York: Simon e Schuster, 1996, 252–; Wood-Gavin Lambert, *Natalie Wood*, New York: Knopf, 2004, 212, 254, Suzanne Finstad, *Natasha*, Nova York: Harmony, 2001, 121–, 205–, 256, 268, Jacobs e Stadiem, 8; Gabor- TV Guide, 30 de outubro, 1993, Gabor e Leigh, 166, Wilson, *Sinatra*, 320–, Sinatra e Coplon, 146, 160; Principal − ent. de Victoria Principal na *National Examiner*, 18 de outubro, 1983, ent. Leonora Hornblow; Lynley − ent. Carol Lynley, Taraborrelli, 4I5-).

446-447 passado de Marx: (nasceu em 1927) Sinatra com Coplon, 147, 267. Nós aceitamos a data de nascimento de Barbara dada no livro de sua enteada Tina; (Missouri/pai açougueiro) ibid., 147, *LAT*, 27 de mar., 1983; (tempos difíceis/mudaram para Long Beach) *LAT*, 27 de mar., 1983, feb. 25 de fev. 1988; (memórias) ent. Beverly Murphy, *New York Daily News*, fragmento sem data, c. 1990, e 12 de jun., 1990, *Chicago Tribune*, 11 de ago., 1991, corr. Ric Ross; (fragmento/"perseguiria uma vida") Sinatra com Coplon, 147; (alta/"estirada") *LAT*, 9 de jan., 1975, Sr. Blackwell com Vernon Patterson, *From Rags to Bitches*, Los Angeles: General Publishing, 1995, 155; (concursos de beleza) Kelley, 432–; (modelo/trabalhou em NY/casou com cantor) *LAT*, 28 de fev., 1988; (School of Modeling Arts) *Long Beach Magazine*, inverno 1983-84; (Vegas/casamento com Zeppo Marx/"anseio secreto'') *LAT*, 28 de fev., 1988; (Riviera administrado pela Máfia) Turner, *Gambler's Money*, 246–, Denton e Morris, 127, 132, 164, Messick, *Mob in Show Business*, 169–, 178, 252.

447 descrição do Riviera: Fred Basten e Charles Phoenix, *Fabulous Vegas in the Fifties*, Las Vegas: Angel City Press, 1999, 41, 65, 105. Os escritores Ed Reid e Ovid Demaris escreveram em seu livro seminal sobre Las Vegas, de 1963, que "a casa exige que as *showgirls* se sentem no *lounge* por pelo menos uma hora depois de cada *performance* e que 'adornem o espaço'". "Em suas memórias de 1980 Sammy Davis escreveu que 'encontros misturados' eram uma parte obrigatória da vida de uma *showgirl*... quando elas descem do palco após o show, para se juntarem aos jogadores" (Reid e Demaris, 111, Davis, *Why Me*, 80); (Becker, diretor de entretenimento) Rappeleye e Becker, vii; ("belos objetos"/"elas tinham que passar"/"com a

língua") ent. Ed Becker; ("lugar de encontro") Basten e Phoenix, SZ; (Zeppo cliente) ed. Miriam Marx Allen, *Love, Groucho*, New York: Da Capo, 1992, 191, 214; (casaram em 1959) *Ladies' Home Journal*, out., 1976, Kelley, 433; (golfe/almoços) *LAT*, 28 de fev., 1988.

447 "Eu liguei para o Racquet": Gardner disse em uma entrevista gravada que o encontro ocorreu enquanto ela estava gravando o filme *Tentação (The Angel Wore Red)*. As filmagens começaram em novembro de 1959, e o filme estreou em setembro de 1960. Na entrevista de Ava, os autores souberam confidencialmente do caso entre a companheira de longa data de Gardner Reenie Jordan e seu amigo Spoli Mills (entrevista de Gardner – gravações de filme de Evans, Higham, *Ava*, 189, 254, www.imdb.com).

448 caso entre FS e Barbara ("Zeppo tinha seus") Jacobs e Stadiem, 255, ent. George Jacobs. As visitas a que Jacobs se refere devem ter ocorrido antes do verão de 1968, quando Jacobs deixou de ser funcionário de Sinatra.

448 "um tapa-buraco": Sinatra com Coplon, 146. O que Tina Sinatra disse de sua madrasta deve ser tratado com cautela. O livro que escreveu depois da morte de seu pai é em grande parte uma crônica de conflito amargo com Barbara. No entanto, como o único relato publicado sobre os últimos anos de Sinatra, merece uma atenção séria; ("um tapa-buraco") ibid., 153; (Barbara se divorcia de Marx) *Variety*, 1º de maio, 1973; (não tornava as coisas fáceis) Sinatra com Coplon, 151, 153, Sciacca, 20, Kelley, 435; (gostasse de uma bebida) ent. Leonora Hornblow, *Ladies' Home Journal*, out.,1976; (sentava em silêncio/camaradas) ibid. e ent. Mel Haber; ("se encontrava") ent. Joey Villa.

448 Barbara desaprovava: *Ladies' Home Journal*, out. 1976. Há uma história relacionada a este período sobre a ligação de Sinatra com Jackie Kennedy Onassis que se centra em uma ocasião, em setembro de 1975, quando ele e Jackie jantaram no "21" Club em Nova York. Em um livro muito deficiente em fontes específicas, o biógrafo de Sinatra, Randy Taraborrelli, escreveu − depois que os dois haviam morrido − que eles "passaram a noite juntos no apartamento de Sinatra no Waldorf. Ele cita uma fonte que chamou apenas por um pseudônimo, a saber, "Jim Whiting", que teria dito que "eles eram absolutamente íntimos." A falecida Doris Lilly, que conheceu Onassis e escreveu um livro sobre os magnatas gregos, disse que Onassis "estava convencido de que Jackie e Sinatra estavam tendo um caso. Onassis disse que pegou os dois se

beijando.” Lilly também é citada como dizendo que ela se lembrava de vê-los entrar no apartamento de Jackie tarde da noite. “Os autores não acharam nada que substanciasse essas sugestões de ligação sexual. O *bandleader* Peter Duchin, que jantou com Sinatra e Jackie Onassis, em 1974, disse que isso era improvável. “Eu tinha a impressão”, disse ele aos autores, “que ela não o achava muito atraente.” Quando ela era editora nas Publicações Viking, Jackie teria tentado, e não conseguira, convencer Sinatra a escrever uma autobiografia (Sinatra/Onassis em Nova York − *LAHE*, 18 de set., 1975; Taraborrelli − Taraborrelli, 408–, 524; Lilly − Christopher Andersen, *Jackie After Jack*, Nova York: Wm. Morrow, 1998, 215, 259, 324–; Duchin-Bradford, 515–, ent. Peter Duchin; tentativa sobre autobiografia − Andersen, *Jackie*, 312)·

448-449- “com um diamante”: Sinatra com Coplon, 153–, Sinatra, *Legend*,

450 244–. A referência a “1975” feita no livro de Tina Sinatra deve ser lida, evidentemente, como “1976”; (“Não quero esta”) Kelley, 435, 437, Sinatra com Coplon, 152; (FS mandou seu advogado) 155, Kelley, 437; (casamento/“diante de uma lareira’’/convidados/presentes) *LAT*, 12, 16 de jul., *Canyon Crier*, 26 de jul., *Ladies’ Home Journal*, out. 1976, John Cooney, *The Annenbergs*, New York: Simon e Schuster, 1982, 387 (Bea Korshak) *Hollywood Reporter*, 23 de jun., 1976, e ver referência sobre Sidney Korshak no capítulo 24, p. 260, supra; (filhas foram/Frank Jr. não foi) *LAT*, 16 de jul., 1976, Kelley, 438; (caneta) Sinatra com Coplon, 158, 197; (Barbara tinha recusado a assinar) ibid I56; (ex-mulher Nancy em Tahoe) *LAHE*, 22 de out., 1974; (“sair de férias ”/“interlúdio romântico”) Sinatra com Coplon, 153–; (reconciliar) ibid., 156; in (Ava no apartamento de NY) Hamill,176, ent. Pete Hamill; (FS “Frank tinha ligado”) ent. Spoli Mills; (“ligou para ela diversas vezes”) Gardner, 287, ent. Mearene Jordan, e ver Cannon, 134; (“Reenie”) Ava Gardner para Spoli Mills − carta original mostrada aos autores pelo falecido Spoli Mills, em 2004; (“tipo de tranquilidade” − TV Guide, 16 de abr., 1977.

450 trabalho no final dos anos 1970: (noventa e dois concertos) *Where or When?* − desde o casamento, 11 de jul., 1976, para 12 de abr., 1977; (mais de mil) ibid. desde o casamento até 31 de dez., 1989; (“Tenho 61 anos”) *TV Guide*, 16 de abr., 1877; (“que eu não consiga”) FS ent. para Arlene Francis, 1º de out., 1977, WOR (álbuns nas paradas/apenas um foi um sucesso) Sayers e O’Brien, 261, Rednour, 250.

450-451 história de *New York, New York*: O’Brien com Wilson, 159, Friedwald, 481, *Granata*, 195. Quando lançado em 1980 como um “single”, *New York, New York* foi para o número 32 na parada da *Billboard*. *My Way*, onze anos antes, tinha ido para a posição número 27. Os três álbuns com material novo foram o disco triplo Trilogy (1980) − que incluia *New York, New York − She Shot Me Down* (1981), e *My Lady LA* (1984) Trilogy era um álbum com três discos e três temas, “Passado”, “Presente” e “Futuro”, com acompanhamento de um encarte volumoso com as letras, e era engenhoso demais para o público em geral. A *The New Yorker* o chamou de “o mais tolo empreendimento em que um cantor já se meteu”. Jonathan Schwartz, um entusiasta de Sinatra e radialista na *Metromedia*, disse sobre o álbum “Futuro”, que “é preciso virar um dos olhos enquando o outro ouve... As ideias são tão banais e clichê”. Tal blasfêmia levou Schwartz a ser temporariamente suspenso de seu trabalho, aparentemente porque Sinatra queixou-se ao presidente da *Metromedia*, John Kluge. Schwartz afirmou, também, que Frank Sinatra fez ameaças horripilantes contra ele por telefone. Nem todos os críticos, porém, condenaram *Trilogy*; o crítico do *The Philadelphia Inquirer* achou que a coleção era “uma pedra preciosa, não lapidada, mas, no entanto, uma joia. O álbum *She Shot Me Down* era uma coleção de canções sobre o amor perdido. Ele recebeu boas críticas, mas não conseguiu obter maior atenção. *LA Is My Lady* também fracassou, sofrendo do fato de que a faixa-título – planejada para ser um hino de Los Angeles como *Chicago* e *New York, New York* eram para essas cidades – não decolou. Sinatra tinha temido que o álbum não fosse funcionar comercialmente, e, de fato, ele chegou apenas ao número 58 nas paradas da Billboard. O crítico do *The Atlantic Montly* Stephen Holden condenou o álbum como “provavelmente o pior da carreira de Sinatra... excremento.” Outros discordaram. Os demais álbuns de Sinatra lançados entre 1977 e 1990 eram compilações de músicas gravadas anos antes (*New York, New York* − Rednour, 71, Sayers e O’Brien, 226; “o mais tolo’’ − *New Yorker*; 4 de out., 1982; “é preciso virar’’, *People*, 5 de maio, 1980; suspended − Schwartz, 248; threats − *Vanity Fair*, jul. 1998, mas ver Schwartz, 248; “ambiciosa’’ − *Philadelphia Inquirer*; 19 de dez., 1980; *Shot* − Rockwell, 221, Friedwald, 358; Lady fracassou/faixa título − Friedwald, 494; FS − *Granata*, 200; N. 58 − Sayers e O’Brien, 265; “provavelmente o pior’’ − *USA Today*, 12 de dez., 1984, Rockwell, 222;

compilações − Rednour, 250, 259, 264; “disappointingly subpar” − Friedwald, 268).

451 “explodiu”: San Diego Union Leader, 24 de abril, 1987; (London/Francis Albert Hall) Sinatra, *Legend*, 256; (Egito) *LAHE*, 28 de set., *Time*, 3 de out., 1979.

451 Rio de Janeiro: as estimativas do número de espectadores ficaram entre cento e cinquenta mil a cento e oitenta mil. Paul McCartney ultrapassou Sinatra em alguns sentidos, segundo os avaliadores do *Guinness,* quando ele se apresentou no mesmo estádio em 1990 (estimativas − *LAHE*, 28 de jan., *Variety,* 31 de jan., *Manchete,* 2 de fev., 1980; McCartney, 1990 www.guinnessworldrecords.com); (locais) *Where or When*?

451-452 *Barbara*/“decepcionantemente”: Friedwald, 268. Sinatra gravou *Barbara* em 1977 para *Here’s to the Ladies*, um álbum que nunca foi lançado. A música não foi divulgada até 1995, quando apareceu em um CD da Reprise. Todavia, a primeira vez que Sinatra a cantou ao vivo foi no início de 1979. Do fim de 1987, após aparente longa ausência, ele passou a cantá-la regularmente (Rednour, 16, *Where or When?).*

452-453 Casamento com Barbara: (“à luz do sol”) “All Star Party for Frank Sinatra”, em benefício do Variety Clubs International, 20 de nov., 1983, gravação em vídeo na coleção dos autores; (Brynner) ent. Rock Brynner, e ver Kirk Douglas, *Climbing tbe Mountain*, New York: Simon e Schuster, 1997, 206; (Rizzo *persona non grata*) *Philadelphia Daily News*, 4 de abr., 1984, 23 de jan., 1985, Sinatra com Coplon, 179; (Barbara remodelou/“A maioria daqueles”/renomeou) *Architectural Digest*, dez. 1998, *Buffalo News*, 15 de maio, 1983, *LAT*, 27 de mar., 1983, 25 de nov., 1998, Sinatra, *Legend*, 332, FS ent. em Suzy Visits; (“Tudo o que ela quer”) *Ladies’ Home Journal*, out. 1979; (moderado seus hábitos de beber/dormia melhor) *LAT*, 28 de fev., 1988, Deutsch, 237, Shaw, *Entertainer*; 116; (“Ele parecia”) ent. Charles Higham; (“Barbara começou a escolher”) ent. Leonora Hornblow; (“Você consegue me imaginar”) King com Occhiogrosso, 144; (Griffin e o isqueiro) Matthau, 234–; (planejando adoção) Sinatra, *My Father,* 260, revista *Us*, sem data, final de 2000.

453 FS consegue anulamento: *Variety,* 5 de nov., *LAHE*, 9 de nov., *Star*, 27 de nov., 1979. A Igreja Católica Romana teve no passado poucos anulamentos, permitidos apenas com provas de doença mental de um dos parceiros, falha na consumação sexual ou a recusa em ter filhos. Naquele

tempo Sinatra conseguiu sua anulação, porém, a Igreja tinha tornado-se mais branda. Agora os motivos incluíam: imaturidade na época do casamento ou falta de vontade de assumir as responsabilidades de um cônjuge. Não está claro quais provas Sinatra poderia ter apresentado para justificar a anulação de seu casamento com Nancy Barbato. *The York Post,* 11 de jun., 1971, *Newsweek,* 13 de mar. 1975, Garry Wills, *Strutures of Deceit,* New York: Doubleday, 2000, 170–); (Elas ficaram sabendo esta notícia primeiramente) ent. Tina Sinatra para 60 Minutes, *CBS News,* 8 de out., 2000; Nancy "traída'') Sinatra com Coplon, 173.

453 FS e Barbara se casam na igreja: de acordo com Serviço de Notícias Nacional Católico, Sinatra e Barbara trocaram votos em uma cerimônia privada na Catedral de São Patrício em Nova York. A revista *People,* todavia, reportou depois que a cerimônia ocorreu em Palm Springs. NYC? − *Variety*, nov. 1979; Palm Springs? − *People,* 22 de set., 1986); (problemas/separação) *Star;* 5 de jul., 1983, *LAHE,* 11 de jul., *New York Post,* 12 de jul., 1985, *LAT*, 28 de fev.,1988, Kelley, 495, Sinatra com Coplon, 174–; (O legado do papai) ibid., 186.

453-454 Jato de Dolly esmagado: (Long Beach, CA) *Press Telegram*, 9 de jan., *NYT, WP*, 10 de jan., 1977. Na época do acidente as notícias anunciaram erroneamente a idade de Dolly como 82 anos. Sua neta, Nancy, também reportou a data errada em seu livro, *Legend.* Os registros oficiais nos Estados Unidos e na Itália indicavam que ela tinha 80 anos. Ela nasceu em 26 de dezembro de 1896, como dito no capítulo 2 (*WP*, 10 de jan., 1977, Sinatra, *Legend*, 284,); (FS tomado pela dor) *Ladies' Home Journal*, out. 1979, *Family Weekly,* 17 de jun., 1984; ("Eles tinham brigado", Sinatra, *My Father,* 257–; ("Ele foi outro homem") ent. Sonny King.

Capítulo 34: A fotografia

455 "Ele disca": ents. Antigo empregado do hotel. Preocupado com a quantidade de associados que ainda vivem naquela área, o funcionário pediu que seu nome não fosse publicado aqui. Ele foi entrevistado pessoalmente por Anthony Summers.

455 Teatro Westchester: (FS se apresentou) corr. Ric Ross, não como em 1º-2 de abril e 24 de set. 2 de out., 1976, 16-29 de maio, 1977, entradas, *Where or*

When?; (teatro fechou/operação da Máfia/investigação) *New York Post*, 15 de nov., 1978, *New York Daily News*, 11 de jan., 1981, ent. Nathaniel Akerman, ent. Nathaniel Akerman para PITV (onze presos/pesadas multas) ent. e corr. Nathaniel Akerman, Demaris, Last Mafioso, 432, *NYT*, 30 de março, *Facts on File*, 19 de junho de 1981, *AP*, 14 de março de 1984, *LAT*, 1 de fevereiro de 1985.

455-456 FS e o teatro: (Rizzo e sonegação/"evidências gravadas em fita"/Rudin) *New York Daily News*, 11 de janeiro de 1981; (secretaria/"bem informada") ibid., 27 de dezembro de 1978, Carpozi, Sinatra, 342 − a secretária foi identificada por agentes do FBI simplesmente como "Dorothy."

456 "testemunhas do cúmplice": *Chicago Sun-Times*, 15 de abril de 1980 − o advogado Akerman identificou a testemunha para os autores como sendo Jimmy Fratianno.

456-457 Weisman & DePalma presos: Demaris, *Last Mafioso*, 432. Weisman trabalharia para Sinatra por muito tempo no futuro e seria um dos executores do testamento de Sinatra (gerente − *NYT*, 31 de outubro, 1993, Sinatra e Coplon, 208; executor − *Last Will and Testament of Francis Albert Sinatra*, Los Angeles Superior Court, Case n. BP.051249); ("Você tinha que ter visto ") ibid., 383; (Exhibit 181) *New York Daily News*, 27 dez, 1978; (fotografia); (Castellano) Sifakis, 133, ent. Nathaniel Akerman for PITV; (sobrinho de Gambino) *New York Daily News*, 11 de janeiro de 1981; (histórico de Fratianno) *Look*, 23 de setembro de 1969, Sifakis, 126; (informante de Fratianno) Demaris, *Last Mafioso*, refs.; (Spatola) *New York Daily News*, 27 de dezembro de 1978, *NYT*, 24 de maio de 1987, 28 de janeiro de 1989, (*NY) Newsday*, 11 de maio de 1993; (Fusco) Demaris, *Last Mafioso*, 304, 432; (DePalma) ibid., 441, (Westchester County, NY) *Journal News*, 6 de maio, 12 de junho, 1999; (Três dos homens na fotografia eram acusados) *New York Daily News*, 27 de dezembro de 1978 − os três eram DePalma, Fusco e Marson; (o fotógrafo "cagou de medo") ent. Nathaniel Akerman; (FS não fez comentário algum) (Hudson/Bergen Counties, NJ) *Monday Dispatch*, 13 de novembro de 1978; ("Eu não ouvi"/"Não posso dizer") *New York Daily News*, 27 de dezembro de 1978; ("Você tiraria"/"Fui chamado"/não os conhecia) depoimento FS, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fevereiro de 1981, fita de áudio de Giuliano; (FS nunca conheceu Gambino) depoimento de FS, *Nevada State*

Gaming Control Board, 11 de fevereiro de 1981; (conhecia Marson/conheceu “Jimmy”) ibid.; (completamente desavisado dos lances sujos) ibid.; (FS recebeu “com um beijo”) Demaris, *Last Mafioso*, 341; (genro de Gambino/comitê) *Life*, 8 de setembro de , 1967, *NYT*, 16 de outubro de 1976, Di Lorenzo para President Johnson, 30 de agosto de 1967, *Frank Sinatra File*, Box 320, *White House Central Files*, Lyndon B. Johnson Library.

458 Fratianno disse que tinha se encontrado mais com FS: Demaris, *Last Mafioso*, 63, 312, 324–, 341, 343–, 349–, 354–. Fratianno fez tais afirmações não para os promotores, mas para o autor Ovid Demaris, que escreveu um livro sobre ele posteriormente. Demaris viu Fratianno como uma fonte confiável, assim como o procurador-geral dos EUA Akerman. À parte as alegações de Fratianno, é provável que Frank tivesse conhecido Fratianno antes de se encontrar com ele e Marson. Por uma coincidência bizarra, o ex-marido de Barbara, Zeppo Marx, tinha anteriormente se envolvido com a esposa de Fratianno − um envolvimento que culminou em uma desagradável ação judicial. Jean Fratianno tinha entrado com uma ação contra Marx alegando que ele a tinha agredido. Marx alegou que teria havido apenas um incidente enérgico quando ela tentou deixar a casa dele em Palm Springs levando a chave da porta da frente e seu cartão de crédito. O caso foi julgado no fim dos anos 1970, e Marx foi ordenado a pagar 20.690 dólares a Mrs. Fratianno por danos (Fratianno confiável − Demaris, *Last Mafioso*, refs., ent. Nathaniel Akerman; Zeppo Marx − Demaris, *Last Mafioso*, 258).

458 conversas substanciais de DePalma e FS: Demaris, *Last Mafioso*, 383; (histórico de Pacella) *New York Post*, 19 de novembro de 1978, Demaris, *Last Mafioso*, 445, depoimento de Mickey Rudin, *Nevada State Gaming Commission*, 19 de fevereiro de 1981; (Pacella preso) *NYT*, 11 de janeiro de 1981; (“envolvimento” de FS) *Wall Street Journal*, 16 de janeiro de 1981, ent. Nathaniel Akerman para a PITV; (se recusou a responder re FS/menosprezo) ibid., *NYT*, 11 de jan., *Wall Street Journal*, 16 de jan., 1981; (FS admitiu) testemunho de FS, *Nevada State Gaming Control Board*, 11 de fev., 1981; (“Você verá”) *Wall Street Journal*, 16 de jan., 1981; (capo de Pacella) *NYT*, 11 de jan., *Wall Street Journal*, 16 de jan., 1981; (traficante de heroína) Kelley, 450, e ver ent. Nathaniel Akerman para PITV.

458 “Depois de Sam Giancana”: “Investigation on 9/6-8/89’’, 27 de mar., 1990, FBI 183B-Z132-Sub. 2. Leonetti foi um subchefe da máfia de Filadélfia, sobrinho do mafioso Nicodemos “Nicky” Scarfo. Concordou em cooperar com o FBI em 1989. Após sua condenação por homicídio, foi mantido em prisão preventiva e libertado depois de cumprir apenas cinco anos. O depoimento de Leonetti resultou na condenação de vários mafiosos maiores, e foi usado no julgamento de John Gotti (“Illinois Police and Sheriffs News’’ em www.ispn.org, George Anastasia, *Blood and Honor,* Nova York: William Morrow, 1991, 339–, 347).

458-459- FS e Reagan: (“Nós ouvimos”) *Philadelphia Inquirer*; 17 de jan.,

460 1981 (Reagan já tinha pedido) *LAHE*, 20 de nov., 1980; (Reagan no casamento) *LAT*, 9 de fev., 1981 (no funeral de Dolly) *LAHE*, 13 de jan. ,1977; (“fada dos dentes”/“Mouse”) Kelley, 455; (Grandes somas) *Newsweek,* 19 de jan., *Philadelphia Inquirer*, 15, 20 de jan., 1981, 30 de set., 1980, entrada, *Where or When?*; (“Não é todo candidato”) *Newsweek*, 19 de jan., 1981; “exultante”) *LAHE*, 20 de nov., 1980; (“tão desprezível quanto um show”) coluna unid. de Rex Reed, 20 de jan., 1981. Ver coluna sem data de Mike Royko, jan. 1981, *Chicago Daily News*; (“Grecian Formula”) artigo sem data Rex Winston, jan. 1981, *New York Daily*, (5,5 milhões de dólares) *LAHE,* 27 de jan., 1981; (porta-cigarros) *Hollywood Reporter*; 18 de jan., 1981; (requerida uma nova licença) *Wall Street Journal*,16 de jan., 1981 (“o ônus da prova para provar”) comentários do presidente Bunker, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fev., 1981, 2; (percurso mais fácil possível) ver transcrições, audições do Nevada State Gaming Control Board, 11 de fev., 1981, e State Gaming Commission, 11 e fev., 1981; (Peck & Douglas) depoimentos de Gregory Peck e Kirk Douglas, Nevada State Gaming Control Board, 11 de fev., 1981, 53–; (comitê se declarou “satisfeito”) ibid., comentários do sr. Askew, 181; (mudado um “bocado”) ibid., 184; (“no meio da jogatina”) ibid. 188; (“ingenuamente superficial/“reverência”) *NYT,* 15 de fev., 1981; (French Smith na festa/“desconhecia totalmente”) *Philadelphia Inquirer*, 8 de jan., *Newsweek,* 19 de jan., 1981 (Reagan como referência) *Chicago Sunday Times*, *LAHE*, 18 de jun., 1980; (não tinha mais relevância) *NYT,* 2 de jan., 1981; (“uma pessoa de honra”) *NYT*; *Dallas Times-Herald*, 19 de fev., 1981; (Reagan levou um tiro/confortar Nancy) *LAT,* 31 de mar., 1981, Sinatra, *My Father*; (branco/“Para o americano”) *LAT*, 4 de jun.,

1981.

460 cerimônia do segundo mandato: *Jersey Journal,* 18 de jan., 1985. Reagan também convocou Frank para cantar em um evento oficial na Casa Branca, e para organizar uma apresentação para a Rainha Elizabeth, quando esta visitou a Califórnia em 1983. Ele e Sinatra apareceram juntos em Hoboken, cidade natal do cantor, quando Reagan concorreu para um segundo mandato (ocasião oficial − *LAHE,* 26 de mar., 1985; Rainha Elizabeth − ibid., 9 de jan., 1983, Kitty Kelley, *Nancy Reagan*, New York: Simon e Schuster, 1991, 385; Hoboken − *Jersey Observer;* 7 de jul., 1984); (Medalha da Liberdade/"um dos mais") *LAT*, 9 de abr., 1985, *LAHE,* 29 de set., 1986.

460 festa do sexagésimo quinto aniversário: *LAHE, Philadelphia Daily News*, 15 de dez., 1980; (sexagésimo aniversário/quadragésimo aniversário) *LAHE*, 12 de dez., 1979, 12 de dez., I979, entrada, *Where or When?*

461-462 livro de Kitty Kelley: (trabalhando em uma autobiografia) *TV Guide,* 16 de abril, 1977; ("forçado a") entrevista de FS por William B. Williams, WNEW (NY) 6 de dez., 1983, gravação de áudio na coleção dos autores; (investigando) *LAHE*, 16 de out., 1983; press release, *Washington Independent Writers,* 7 de out., 1983, MHL; (Kelley escreveu para FS para não processá-la/"ousar escrever") Kelley, IX. Ver *Frank Sinatra & Camden Enterprises vs. Kitty Kelley*, Superior Court of the State of California, Condado de Los Angeles, N. WEC082657, 21 de set., 1983; (petição não deu em nada) *Variety,* 20 de set., 1984; ("tão horrorizadas") Kelley, *Nancy Reagan*, 3; (800 outras pessoas) Kelley, XI; (*best-seller*) *Columbia Journalism Review*, ago. 191, entrada Kitty Kelley, *Du Plain International Speakers Bureau,* www.duplain.com; ("Eu nunca li") *New York Daily News*, 23 de dez., 1986; ("proxenetas e prostitutas"/"parasitas"/"bosta") ent. de Larry King com FS, 19 de maio, 1998 (reprise), King com Occhiogrosso, 145–; (nome era tabu/"quase sufocaram nossa") *LAHE*, 29 de out.,1986, Sinatra, *Legend*, 302–; ("doença ruim") (*London*) *Observer*, 3 de out. 2004; (livro causou a doença de FS?) *TV Guide*, nov. 1992, *Ladies' Home Journal*, dez. 1993.

462 Saúde de FS: (garganta) entrevista de FS por William B. Williams, WNEW (NY), 6 de dez., 1983, transcrição providenciada para os autores por Ed O'Brien, Sinatra, *Legend*, 259, 261; (pólipos) *Time*, 7 de jul., 1986; (cortou os cigarros/bebida) Friedwald, 488, Sinatra, *My Father*, 276,

McCall's, ago. 1989, King com Occhiogrosso, 144; (lapsos) Taraborrelli, 443, ents. Tony Posk, Ann Barak, Tita Cahn, Kelley, 495, 363–; (dores intensas) Larry King ent. de FS, 19 de maio, 1998 (reprise); (cirurgia e colostomia) *LAT,* 9 de nov., 1986, *Variety,* 25 de nov., 1986, *NYT*, 15 de jan., 1987, Dia das Mulheres, 13 de abr., 1987, Sinatra, *Legend,* 304, Sinatra com Coplon, 188; ("Se eu não tivesse") ent. de Larry King com FS, 19 de maio, 1998, reprise; (dentro de duas semanas) Sinatra, *Legend,* 304.

462-463 *tour* "Juntos Novamente'': (conferência de imprensa/"Como se fazendo") *LAT*, 2 de dez.,1987; (Martin e o álcool/analgésicos) Tosches, 256, 392, 403, 420–, 425, 427, Deana Martin com Wendy Holden, 210–; (úlcera/problema nos rins) ibid., 433; (morte do filho) Martin com Smith, 208–; (Davis álcool/drogas/fígado/operação no quadril) Haygood, 443, 451, 455, 459, 463, 467, 470, Davis, Boyar, e Boyar, *Why Me*, 349, *LAT*, 15 de mar., 1988; (começaram a turnê/14.500/"String" /"Ipanema"/"toda vez") ibid., *Variety,* 16 de mar., 1988; (FS adulou Martin) Martin com Smith, 226, Tosches, 435; (Martin tinha caído) ent. Tony Posk; (arremessado um cigarro/FS repreendeu) *LAT,* 15 de mar., 1988, Haygood, 467; (FS queria festejar) Martin com Smith, *People,* 1º de jun., 1998; ("Eles não estavam em forma") *People,* 1 de jun., 1998.

463 (perturbado/voou de volta/"Ele adorava"): (gritos) Kupcinet, 212; Martin com Smith, 227. O agente de Martin, o falecido Mort Viner, sustentou até 2002 que não houve confrontos em Chicago, que seu cliente realmente estava doente. Deana, filha de Martin, disse que ele se sentia indisposto e cansado. Por meio do livro de seu filho, Ricci, e de entrevistas com os músicos Ann Barak, Posk Tony e Sol Schlinger, fica sugerido que a doença foi um pretexto. Houve também, logo depois da saída de Martin, o anúncio que ele estava prestes a voltar ao trabalho sozinho (Viner − ent. de Mort Viner; indisposto − Deana Martin com Wendy Holden, 226; músicos − ents. Ann Barak, Tony Posk, Sol Schlinger; anúncio − *LAHE*, 15 de abr. 1988.)

464 mortes: (Davis "garganta arranhando"/recusou cirurgia) Haygood, 468–, 472–, Davis com Barclay, 202–; (Van Heusen) *LAT*, 8 de fev., 1990; ("em pedacinhos") *People,* 17 de dez. 1990; (visitou/soluçou) Davis com Barclay, 218– ; (relógio de ouro) Haygood, 480.

464-465 Ava: (derrame) gravações de Evans, Cannon, 126, corr. Peter Evans;

(cigarro/bebida) ibid., gravações de Evans; (“Não posso dizer”) ibid.; (Dahl) *People*, 12 de fev., 1996; (buquê) Cannon, 103; (foto do casamento) gravações de Evans; (avião) Sinatra com Coplon, 214; (limusine) Cannon, 126; (FS desmontou) Sinatra com Coplon, 214, “Grieving Sinatra Tells Wife” “I Want to be Buried Next to Ava Gardner,” unid. clipe, 1990, MHL; (ele não estava entre/“Com meu amor”) ent. Barbara Twigg (florista), Cannon, 100; (Albany/Jack Daniel’s/“Sinatra parecia”) 30 de jan., 1990, entrada, *Where or When?;* ent. & corr. Ed O’Brien.

Capítulo 35: Para o fim da estrada

466-467 apresentações no começo dos anos 1990: (turnê mundial 1991) Sinatra, Legend, Taraborrelli, 491; (número de apresentações) entradas entre 1991-1994, *Where or When?;* (Hackman) *Heist*, dirigido por David Mamet, Warner Brothers, 9 de nov., 2001; (especial de TV/“fisicamente”) 16 de dez., 1990, entrada, *Where or When? NYT*, 31 de dez., 1990; (“desafina”) coluna sem data, Walter Scott ‘'Personality Parade’’, final 1984; (“estremece”) *L.A. Weekly*, 15 de jan., 1988; (“opaca") *Élan*, 27-29 de set., 1991; (“em estado de”) ed. Mustazza, Bibliography, 77.

467-468- Declínio Físico: (aparelho auditivo) ent. Ann Barak, (Irlanda)

469 *Sunday lndependent*, 22 de abr., 2001; (*Teleprompters* não em todos) corr. Ric Ross; (“Ele estava usando”) ent. Frank Fighera; (operação de catarata) ent. Tony Oppedisano, Sinatra com Coplon, 228, *AP*, sem data, maio de 1998; (“esquecia as letras”) *Cue*, 28 de out., 1978; (“Eu estava no meio”) Sinatra, *My Father*; 281–; (“Nós estávamos tocando”) ent. Tony Mottola; (acabou saindo do palco) *Philadelphia Daily New*, 4 de set., 1984; (“incoerentemente divagante”) *LAHE*, 21 de out., 1988; (acreditavam que ele vinha bebendo/“Que diabos é isso?”) *Variety*, 27 de jan., 1989; (“enfermidade dele") ent. Frank Fighera; (vidrinhos de remédio/Elavil/irmãs declararam sua preocupação/Tina e o intelecto de FS) Sinatra com Coplon, 195–, 29 de out., 1988, entrada, *Where or When?;* (Bregman) ent. Buddy Bregman, fornecida para os autores por Ed O’Brien; (não reconheceu Liza) ent. Ann Barak; (“Ou ele estava”) ent. Darrien Iacocca.

469 efeitos colaterais dos medicamentos ou bebida?: entrada Elavil, ed. William Kelly, *Drug Handbook*, ed. n. 24, Philadelphia: Springhouse, 2004, 439, Sinatra com Coplon, 439, *Granata*, 200. Os famosos “blue eyes” [olhos azuis] muitas vezes agora pareciam “como bolas de gude”, disse o violinista Tony Posk. Fighera e a violinista Ann Barak, que conheceu Frank enquanto este estava sob medicação, atribuiu as variações na condição de Frank às alterações de dosagem (ents. Tony Posk, Ann Barak, Frank Fighera).

469 Kennamer/“definitivamente tinha”: ent. Dr. Rex Kennamer. No fim dos anos 90 tomografias iriam indicar demência (Sinatra com Coplon, 259); (“Se eu fosse”/“ele não pode mais sustentar”) *GQ*, jun. 1989; (“espontaneidade”) eds. Petkov e Mustazza, 188; (“Meu palpite”) *Esquire*, dez. 1987.

470 O que levou FS a continuar: (“Deus, me dê”) Sinatra com Coplon, 231, e ver ent. de Tina Sinatra para o 60 Minutes, *CBS News*, 8 de out., 2000, ents. Tony Oppedisano, Leonora Hornblow.

470 “A.J. e Amanda”/Michael: Estranhamente, ou porque um neto nascido fora do casamento não era suficiente para ele, ou porque sua mente estava confusa, Sinatra falou em 1998 − um ano depois do nascimento de Michael – que ele pensava que não tinha neto (nascimento de Michael − Sinatra, *Legend*, 304; falatório publicitário – ent. de FS no Larry King, 19 de maio, 1998 (reprise).

470 ansiedade não era estranha: informação fornecida por uma fonte próxima dos conselheiros de FS.

470-471 declínio: (sobre as acusações rancorosas de Tina) Sinatra com Coplon, 197; (acordo de rescisão) ibid., 198–; (novo testamento) ibid., 291; (segundo escreveu Tina) ent. de Tina Sinatra para o 60 Minutes, *CBS News*, 8 de out., 2000; (“ridicularizava papai”) Sinatra com Coplon, 194 (“abertamente sem consideração”) ibid. 218; (“cruel/“engano”) (*London*) *Daily Telegraph*, 27 de mar., 2005 (ligou para a ex-mulher Nancy) ibid., 177; (“a melhor coisa que tinha acontecido”) ent. Sonny King; (“a melhor coisa da vida dele”) ent. Armand Deutsch; (“maravilhosa”) ent. Rex Kennamer e ver ent. Abbe Lane.

471-472 ler jornais: para notícias, Sinatra lia o *New York Times* e o *New York Daily*. Ele tinha aversão ao *New York Post* e ao *The Wall Street Journal* (ent. Tony Oppedisano); (trens/“todos os trens”/“um chapéu de maquinista”) *People*, 17 de dez., 1990, Sinatra’s Diamond Jubilee World

Tour Program, *USA Weekend*, 18 de dez., 1988; (“Ele pediu”) ent. Ann Barak; (“a droga mais forte”) *Newsweek*, 21 de mar., 1994; (“Me dá um”) *New York Daily News*, 23 de jan., 1978; (“maluco de babar”) Frank Sinatra Jr. para *Showbiz Today*, CNN, 13 de jul., 1989, gravação em vídeo na coleção dos autores; (“força vital dele”) ent. de Tina Sinatra para *Larry King Live*, CNN, 5 de nov., 1992; (“diminuir o fardo”) *LAT*, 16 de set., 1990.

472 Rizzo morto: *LAT*, 7 de maio, 1992, ent. Tony Oppedisano, Sinatra com Coplon, 223.

472-473 apresentação em 1992: (turnê) *Where or When?;* (preciso de ajuda para entrar) Freedland, 409; (prometeu a MacLaine que ia ser uma “coisa do barulho…") MacLaine, *Lucky Stars*, 97, ent. Shirley MacLaine; (Clinton/"Eu e ele enxugamos”) ent. Tony Oppedisano.

473-474 duetos (Ramone pressionando/Streisand e outros/sistema de fibra ótica/Olivier/“Vou cantar lá fora”) *Vanity Fair*; dez. 1993, *NYT*, 7 de out., 1993, *Granata*, XI, 203–. Ramone disse que ele primeiro mencionou o conceito de duetos para os assistentes de Sinatra em 1992, e Sinatra se envolveu apenas no ano seguinte (*Granata*, 204); (“Tramp”/lágrimas) Pignone, 77, conv. Henry Cattaneo; (“como Andy Warhol") *GQ*, mar. 1994; (número dois/dois milhões) ent. Gordon Murray, Billboard, e figuras fornecidas pela Recording Industry Association of America, www.riaa.com − Sinatra acreditou erroneamente que o álbum era o número 1 (Sinatra, *Legend*, 318); (maior venda) *Down Beat*, ago. 1998. *Duets II*, lançado no ano seguinte, vendeu mais de 1 milhão de cópias (www.riaa.com); (“como uma criança pequena”) Sinatra, *Legend*, 318.

474-475 momentos maravilhosos/confrontar a realidade: (dançavam nos corredores) eds. Petkov e Mustazza, 1993; (Rainha da Suécia) ent. de Bobby Lamb, RTE (Irlanda) rádio, set./out. 2002; (“Onde diabos estão?”) eds. Petkov e Mustazza, 191; (oxigênio) Sinatra com Coplon, 229; (FS “ficou velho”) *GQ*, jan. 1994; (FS deixaria o palco) Sinatra com Coplon, 239, 27-30 de dez., 1993 entradas, *Where or When?;* (“Ele se lembra bem”) eds. Petkov e Mustazza, 179.

475-476 apresentação em 1994: (lenço/“Legend"/peruca/FS respondeu) 36th Annual Grammy Awards, CBS-TV, 1º de mar., 1994, gravação em vídeo na coleção dos autores; (“homem de mais peso”) *Philadelphia Inquirer*, 17 de maio, 1998; (FS sumiu/cortado) ed. Mustazza, 66, *New York Daily*

News, 3 de mar., 1994, Sinatra com Coplon, 240; (colapso) *Newsweek*, 21 de mar., 1994, (*London*) *Observer*, 17 de maio, 1998; (“até a camada de fora”) ent. Tony Oppedisano; (voou para a Califórnia) *LAT, Variety,* 7 de mar., *People*, 21 de mar., *Zehme*, 234–; (“Vocês escrevem”) *Time*, 21 de mar., 1994; (Radio City/“Esta pode ser”) *Variety,* 25 de abr., 1994; (Tóquio) *Frank Sinatra in Japan*, 19-20 de dez., 1994, gravação em vídeo da transmissão pela televisão japonesa da coleção dos autores – as duas transmissões parecem ter sido editadas juntas; (músicos acharam doloroso) ents. Ann Barak, Frank Fighera; (“Mesmo antes”) Natalie Cole com Digby Diehl, *Angel on My Shoulder,* Nova York: Warner, 2000, 289; (*resort* em Palm Springs/torneio de golfe) 25 de fev., 1995, entrada, *Where or When?; Architectural Digest*, dez. 1998; (se apresentou bem) ent. Tony Oppedisano.

477 octagésimo aniversário: (manifestações públicas/Empire State/Fifith Avenue) *Commonweal*, 15 de dez., 1995, *Philadelphia Daily News*, 18 de maio, 1998; (especial de TV/“Patron Saint”) *Variety*, sem data, dez. 1995; (música de Dylan/ecoavam) *LAT*, 21 de nov., 1995, corr. Ric Ross; (*New York, New York*') ent. George Schlatter, *Variety*, sem data, dez. 1995; (“*cent'anni*") *Voices in Italian-Americana*, vol. 10, outono de 1992, e.g., 16 de abril, 1977, entrada, *Where or When?* Uma evidência sugere que *cent´anni* é uma contração de *a cento anni*, um antigo brinde feito em festas de aniversário (pesquisado por Livia Borghese, ent. Ann Barak).

Capítulo 36: Saída

478 "A gente tem que amar”: ent. Tony Oppedisano.

478 morte dos amigos: (engasgado) artigo sem data de Robert Wolinsky, www.nj.com; (“ido para as montanhas”) ibid.; (Martin “irmão”) Taraborrelli, 504; (“Havia um”) ent. Tony Oppedisano; (não compareceu) ent. Mort Viner.

478 fechamento do Sands/“Frank levou aquilo’’: “La Rue’s Sands’’, www.lvstriphistory.com.

479 FS muda de casa: (Fabergé/artistas) *LAT*; 28 de jul., 1991, catálogo de venda da Christie’s da coleção de Sinatra, 1º de dez., 1995.

479 Fifth Avenue sob a neve: ibid., 51, e ver também *My Life with Frank*

Sinatra, esboço de artigo de Marva Peterson, 21 de jul., 1947, MHL. Na lista do catálogo da Christie's consta uma pintura intitulada *Fifth Avenue in the Snow*, de Wiggins. Em entrevista para uma revista de 1947, Nancy Sinatra mencionou "dias especiais como aquele em que Frank me trouxe uma pintura da Fifth Avenue, em Nova York, debaixo de uma tempestade de neve, e ele a pendurou sob a lareira na manhã de Natal".

479-480 presentes etc. em leilão: catálogo da Christie's, 16, 14, 18, 93, 108, 91, 111, 91; (ele podia tocar) ent. Tony Oppedisano, Frank, 77; (vagão-restaurante) *Architectural Digest*, dez. 1998; (Christie's/ 5 milhões de dólares) catálogo da Christie's, *Newsweek*, 11 de dez., 1995; (casa vendida/2 milhões de dólares) *Architectural Digest*, dez. 1998, *LAT*, 7 de maio, 1995; ("todo mundo") Sinatra, *Legend*, 322; (desolado) *Architectural Digest*, dez. 1998; ("entrando em um luto"/permitiu que os Sinatra ficassem/26 membros da equipe) Sinatra com Coplon, 243–, ent. Oppedisano, *Architectural Digest*, dez. 1998; (chácara em Beverly Hills) (Newark, NF) Sunday Star-Ledger; 22 de mar., 1998; (Malibu/vizinhos) ent. Shirley MacLaine, *LAT*, 2 de set., 1990; (estéril/Devem estar metidos"/próximo da praia) Sinatra com Coplon, 244, ent. Tony Oppedisano; ("Quando é que vamos?") Sinatra com Coplon, 244; ("Onde eu estou?") *Time*, 25 de maio, 1998.

480 renovou os votos/filhas não compareceram: tal era a tensão na família que Tina não viu ou mesmo falou com seu pai por quase um ano (Sinatra with Coplon, 251).

480-481 meses finais: ("nervo pinçado"/ataque cardíaco/pneumonia etc.) *LAT*, 2, 3 de nov. (*Long Beach, CA*) *Press-Telegram*, 3 de nov., *New York Post*, 10 de nov., 1996, Sinatra com Coplon, 253–; (tomografias/psiquiatra/enfermeira) ibid., 257–, 266, ent. Dr. Rex Kennamer; ("Não dava para saber quem ele era") ent. George Jacobs; (Gold Medal) (*Long Beach, CA*) *Press – Telegram*, 30 de abr., *People*, 19 de maio, 1997, www.congressionalgoldmedal.com; ("tempestade em um copo-d'água") Sinatra com Coplon, 215; (molho/gravatas) *LAT*, 24 de maio,1990, 15 de abr.,1995.

481 "Esposa e filhos": *Wall Street Journal*, 26 de set., 1997. Em 1999, menos de um ano após a morte de seu pai, Tina Sinatra anunciou planos para o mercado: uma vela com a fragrância preferida do seu pai, alfinetes de lapela, uma miniatura de um típico chapéu de Sinatra, um pedestal com

um chapéu pendurado em uma haste do microfone. Em 2001 compareceu à uma cerimônia em Las Vegas para apresentar uma máquina "caça-níqueis Frank Sinatra". Explicando esses lançamentos, Tina disse os itens seriam vendidos para arrecadar dinheiro para a fundação Frank Sinatra, da qual ela era presidente. O projeto, ela disse, iria "manter a chama viva", e arrecadar dinheiro, em particular, para "a educação dos jovens" (planos de 1999-*Variety*, 22 de abr., 1999; 2001 − *Las Review-Journal*, 7 de dez., 2001).

482-483 melhores momentos: (Stern) *USA Today*, 15 de dez., 1997; (Clinton/Lewinsky/"Obviamente") ent. Tony Oppedisano, fita de áudio de Giuliano; ("Eu sentava"/velhos amigos/"eu fui até") *People*, 1º de jun., 1998, e ent. Sonny King; ("Barbara tinha saído") ent. Tony Oppedisano; (até o milênio) Sinatra com Coplon, 278, Bill Boggs ent.; ("Isto não sou eu") ent. Tony Oppedisano (fé católica) *Ladies' Home Journal*, out. 1979, *LAT*, 29 de abr., 1980, ent. Oppedisano; ("Nós tivemos uma conversa") ent. Shirley MacLaine; (vida passada) ent. Tony Oppedisano; ("tire minha mãe") Sinatra com Coplon, 276.

483 Churchill "fechado'': *LAHE*, 29 de abr., 1980. Sir Winston, de fato, morreu em 25 de janeiro de 1965, não aos noventa e um, mas aos noventa, depois de uma série de derrames. Lord Moran, seu médico, relembrava que ele parecia não reconhecer ninguém, ou se mover, durante duas semanas (Lord Moran, diários editados, *Winston Churchill: The Struggle for Survival* 1940-1965, London: Constable, 1966, 788).

483-484 morte: (Barbara tinha saído para jantar) ent. Abbe Lane; (reclamou) www.cbsnews.com, 16 de maio, 1998; (ele sentou e gritou) Sinatra com Coplon, 285; (paramédicos) *Philadelphia Inquirer*, 17 de maio, 1998; ("muito consciente") ent. Tony Oppedisano; ("muito cansado") www.cbsnews.com, 16 de maio, 1998; ("lutar") *Philadelphia Daily News*, 18 de maio, 1998, citando Jerry Vale; ("Estou me perdendo") *Las Vegas Review-Journal*, AP, 20 de maio, 1998, *Esquire*, jan. 1999.

484 "além da possibilidade de falar": ent. Dr. Rex Kennamer. O atestado de óbito de Sinatra dá a causa da morte como "parada cardiorrespiratória" decorrente de "infarto agudo do miocárdio" e "aterosclerose coronária". Os autores relatam os momentos finais de Sinatra com base no que parecem ser as versões mais confiáveis. Eles não levaram em conta uma versão atribuída pela imprensa a um homem chamado Artie Funair.

Funair, que disse ter sido amigo de Sinatra, teria dito, em 1998, que sabia que as últimas palavras de Sinatra teriam sido: “Oh meu Deus, oh minha mãe”. (certidão de óbito − Condado de Los Angeles, Department of Health Services, certidão de morte n. 090097308; fontes mais confiáveis − http://www.cbsnews.com, 16 de maio, 1998, declaração da família, *Variety,* 19 de maio, I998, ent. Tony Oppedisano, Sinatra com Coplon, 285, Sinatra, *Legend,* 323, ent. Tony Oppedisano, Jerry Vale citado em *Philadelphia Daily News*, 18 de maio, 1998; Funair − ibid. e tentativa de ent. Artie Funair); (filhas chegaram) Sinatra com Coplon, 281.

484-485 reação à morte: (editores) *NYT, Philadelphia Daily News*, 18 de maio; (transmissões na TV) *Philadelphia Inquirer;* 17 de maio, 1998; (Empire State) *Variety,* 18 de maio, 1998; (torre da Capitol) *Philadelphia Inquirer;* 17 de maio, 1998; (luzes em Vegas) corr. Ed Walters, por permissão, *Esquire,* jan. 1999; (Cal-Neva) *Granta*: 76, inverno de 2002; (missa em Hoboken) (Newalk, NF) *Star-Ledger*; 18 de maio, *People*, 1º de jun., 1998, ent. Rev. Michael Guglielmelli.

485 vigília e funeral: (Miller tocou) *New Yorker,* 1º de jun. 1998, Sinatra com Coplon, 294; (presentes na missa) *Las Review-Journal*, 20 de maio, *NYT, LAT, Variety*, 21 de maio, 1998, Villa; (ex-mulheres Nancy/Farrow) *Variety*, 21 de maio, 1998; (gardênias) *LAT*; 21 de maio, 1998, ent. Peggy Connelly; (quinhentas pessoas/fotógrafos/avião) *NYT, LAT*, 21 de maio, *New Yorker,* 1 de jun., 1998.

485-486 enterro: (cerimônia/bandeira) Sinatra com Coplon, 298–, 292; (outros enterrados/epitáfio) visita dos autores ao cemitério, “Interments of Interest’’ ficha técnica por Kathleen Jurasky, Palm Springs Cemetery District, *Las Vegas Review-Journal*, 20 de maio, 1998; (“Baby, vai ficar tudo bem”) *Sinatra in Japan*, 19-20 de dez., 1994, gravação em vídeo da transmissão da TV japonesa na coleção dos autores.

486 “porque não tenho orgulho”: ent. Marilyn Beck, Marilyn Beck, *Marilyn Beck’s Holiywood*, New York: Hawthorn, 1973, 124, *New Yorker,* 3 de nov., 1997, (“Westside”, Los Angeles) *Rave*, 22 de maio, 1998.

486 “ter se saído bem”: ent. de FS para William B. Williams, WNEW (NY) rádio, 6 de dez., 1983, gravação em áudio na coleção dos autores.

486 “O que é que tenha sido dito”: *Playboy,* fev. 1963.

Bibliografia selecionada

Esta lista inclui cerca de três centenas de livros que são citados nas Notas e Fontes. Não foram incluídos os muitos outros livros utilizados para referência geral e para contextualização apenas. Também não foram incluídos jornais e revistas ou documentos oficiais, os quais aparecem citados na íntegra nas Notas e Fontes.

Adler, Bill. *Sinatra: The Man and the Myth*. New York: NAL Penguin, 1987.

Andersen, Christopher. *Jack and Jackie*. New York: William Morrow, 1996.

Anslinger, Harry J., e Will Oursler. *The Murderers*. New York: Farrar, Straus and Cudahy, 1962.

Anson, Robert Sam. *Exile*. New York: Simon and Schuster, 1984.

Bacall, Lauren. *Lauren Bacall: By Myself*. London: Jonathan Cape Ltd., 1979.

_____. *Now*. New York: Alfred A. Knopf, 1994.

Bacon, James. *Hollywood Is a Four-Letter Town*. New York: Avon, 1976.

Bartok, Eva. *Worth Living For*. London: Putnam, 1959.

Barzini, Luigi. *From Caesar to the Mafia*. New York: Library Press, 1971.

_____. *The Italians*. New York: Atheneum, 1964.

Basten, Fred, e Charles Phoenix. *Fabulous Las Vegas in the Fifties*. Santa Monica, CA: Angel City Press, 1999.

Beschloss, Michael R. *The Crisis Years: Kennedy and Khruschev, 1960–1963*. New York: HarperCollins, 1991.

Bishop, George. *Frank Sinatra: A Photobiography*. Houston: Epps-Praxis, 1976.

Blair, Joan, e Clay Blair. *The Search for JFK*. New York: Berkley Publishing, 1976.

Blakey, G. Robert, e Richard N. Billings. *The Plot to Kill the President: Organized Crime Assassinated JFK*. New York: Times Books, 1981.

Block, Max, com Ron Kenner. *Max the Butcher*. Secaucus, NJ: Lyle Stuart,

1982.

Bonanno, Bill. *Bound by Honor: A Mafioso's Story*. New York: St. Martin's Press, 1999.

Bosworth, Patricia. *Montgomery Clift: A Biography*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978.

Bradford, Sarah. *America's Queen: The Life of Jacqueline Kennedy Onassis*. London: Penguin Books, 2001.

Bragg, Melvyn. *Rich: The Life of Richard Burton*. London: Hodder and Stoughton, 1988.

Branch, Taylor. *Parting the Waters: America in the King Years 1954–63*. New York: Simon and Schuster, 1988.

Brashler, William. *The Don*. New York: Ballantine, 1977.

Britt, Stan. *Frank Sinatra: A Celebration*. New York: Carlton Books, 1995.

Brownstein, Ronald. *The Power and the Glitter: The Hollywood-Washington Connection*. New York: Pantheon Books, 1990.

Brynner, Rock. *Yul: The Man Who Would Be King*. New York: Simon and Schuster, 1989.

Buhle, Paul, e Dave Wagner. *Radical Hollywood: The Untold Story Behind America's Favorite Movies!* New York: New Press, 2002.

Burleigh, Nina. *A Very Private Woman: The Life and Unsolved Murder of Presidential Mistress Mary Meyer*. New York: Bantam Books, 1998.

Cahn, Sammy. *I Should Care*. New York: Arbor House, 1974.

Callow, Simon. *Orson Welles: The Road to Xanadu*. London: Vintage, 1996.

Campbell, Rodney. *The Luciano Project*. New York: McGraw-Hill, 1977.

Cannon, Doris Rollins. *Grabtown Girl: Ava Gardner's North Carolina Childhood and Her Enduring Ties to Home*. Asheboro, NC: Down Home Press, 2001.

Carpozi, George, Jr. *Frank Sinatra: Is This Man Mafia?* New York: Manor Books, 1979.

_____. *Poison Pen: The Unauthorized Biography of Kitty Kelley.* Fort Lee, NJ: Barricade Books, 1991.

Case, Marianna. *Another Side of Blue*. Running Springs, CA: Cyberwoman, 1997.

Caute, David. *The Great Fear.* New York: Simon and Schuster, 1978.

Cheshire, Maxine. *Maxine Cheshire: Reporter*. Boston: Houghton Mifflin, 1978.

Clarke, Donald. *All or Nothing at All: A Life of Frank Sinatra*. New York: Fromm, 2000.

Clooney, Rosemary, with Joan Barthel. *Girl Singer: An Autobiography.* New York: Random House, 1999.

Cohen, Mickey, conforme relato a John Peer Nugent. *Mickey Cohen: In My Own Words*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1975.

Cohn, Art. *The Joker Is Wild*. New York: Random House, 1955.

Cole, Natalie, and Digby Diehl. *Angel on My Shoulder*. New York: Warner Books, 2000.

Coleman, Ray. *Sinatra: Portrait of the Artist*. Atlanta: Turner Publishing, 1995.

Collier, Peter, and David Horowitz. *The Kennedys: An American Drama.* London: Pan, 1985.

Consiglio, Albert. *Lucky Luciano.* Milan: Editrice A&G Marco, 1972.

Cook, Fred J. *The Secret Rulers: Criminal Syndicates and How They Control the U.S. Underworld*. New York: Duell, Sloan and Pearce, 1966.

Corbitt, Michael, and Sam Giancana. *Double Deal*. New York: William Morrow, 2003.

Crane, Cheryl, com Cliff Jahr. *Detour: A Hollywood Tragedy; My Life with Lana Turner, My Mother*. London: Sphere Books Ltd., 1989.

Cummings, John, e Ernest Volkman. *Goombata: The Improbable Rise and Fall of John Gotti and His Gang*. Boston: Little, Brown, 1990.

Dallek, Robert. *An Unfinished Life: John F. Kennedy 1917–1963*. New York: Little, Brown, 2003.

Daniell, John. *Ava Gardner.* New York: St. Martin's Press, 1982.

Davenport, Elaine, e Paul Eddy. *The Hughes Papers*. London: André Deutsch, 1977.

Davidson, Bill. *The Real and the Unreal*. New York: Lancer Books, 1962.

Davis, John H. *Mafia Dynasty: The Rise and Fall of the Gambino Crime Family*. New York: HarperTorch, 1993.

Davis, Sammy, Jr. *Hollywood in a Suitcase*. New York: William Morrow, 1980.

Davis, Sammy, Jr., Jane Boyar, e Burt Boyar. *Why Me?: The Sammy Davis, Jr., Story*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1990.

_____.*Yes, I Can: The Story of Sammy Davis, Jr*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1965.

Davis, Tracey, e Dolores Barclay. *Sammy Davis Jr.: My Father*. LA: General Publishing Group, Inc., 1996.

De Leeuw, Hendrik. *Underworld Story: The Rise of Organized Crime and Vice-Rackets in the USA*. London: Neville Spearman Ltd., 1955.

Dellar, Fred. *Sinatra: His Life and Times*. London: Omnibus Press, 1995.

Demaris, Ovid. *The Boardwalk Jungle*. Toronto: Bantam Books, 1986.

_____. *The Last Mafioso.* New York: Times Books, 1981.

_____. *The Lucky Luciano Story*. New York: Belmont Tower Books, 1974.

Denning, Michael. *The Cultural Front*. New York: Verso, 1998.

Denton, Sally, e Roger Morris. *The Money and the Power*. New York: Knopf, 2001.

Deutsch, Armand. *Me and Bogie and Other Friends and Acquaintances from a Life in Hollywood and Beyond.* New York: Putnam, 1991.

Doctor, Gary. *The Sinatra Scrapbook*. New York: Carol Press, 1991.

Douglas, Kirk. *The Ragman's Son*. New York: Pocket Books, 1988.

Douglas-Home, Robin. *Sinatra*. London: Michael Joseph, 1962.

Dwiggins, Don. *Frankie: The Life and Loves of Frank Sinatra*. New York: Paperback Library, 1961.

Earley, Pete. *Super Casino: Inside the "New" Las Vegas*. New York: Bantam, 2000.

Early, Gerald. *The Sammy Davis, Jr. Reader*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

Eisenberg, Dennis, Uri Dan, e Eli Landau. *Meyer Lansky: Mogul of the Mob*. New York: Paddington Press, 1979.

Epstein, Edward Z., e J. Morella. *Mia: The Life of Mia Farrow*. London: Robert Hale Ltd., 1991.

Estrin, Mark W., ed. *Orson Welles: Interviews.* Jackson, MS: University Press of Mississippi, 2002.

Evanier, David. *Making the Wiseguys Weep: The Jimmy Roselli Story*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1998.

Evans, Harold. *The American Century.* London: Jonathan Cape, 1998.

Evans, Robert. *The Kid Stays in the Picture*. New York: Hyperion, 1994.

Exner, Judith, conforme relato a Ovid Demaris. *My Story.* New York: Grove Press, 1977.

Falcone, Vincent, e Bob Popyk. *Frankly, Just Between Us.* Milwaukee, WI: Hal Leonard, 2005.

Farrell, Ronald, e Carole Case. *The Black Book and the Mob: The Untold Story of the Control of Nevada's Casinos*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1995.

Farrow, Mia. *What Falls Away*. New York: Bantam Books, 1998.

Feinman, Jeffrey. *Hollywood Confidential*. Chicago: Playboy Press, 1976.

Finley, M. I., Denis Mack Smith, e Christopher Duggan. *A History of Sicily*. New York: Viking, 1987.

Fisher, Eddie. *Been There Done That*. New York: St. Martin's, 1999.

_____. *Eddie: My Life, My Loves*. New York: Berkley, 1982.

Fishgall, Gary. *Gonna Do Great Things: The Life of Sammy Davis, Jr*. New York: Lisa Drew/Scribner, 2003.

Flamini, Roland. *Ava*. New York: Coward, McCann, 1983.

Fox, Stephen. *Blood and Power: Organized Crime in Twentieth-Century America*. New York: William Morrow, 1989.

Frank, Alan. *Sinatra*. New York: Leon Amiel, 1978.

Freedland, Michael. *All the Way: A Biography of Frank Sinatra*. London: Orion, 1998.

_____. *Dino: The Dean Martin Story.* London: Comet, 1984.

Friedrich, Otto. *City of Nets: A Portrait of Hollywood in the 1940's*. New York: Harper and Row, 1986.

Friedwald, Will. *Sinatra: The Song Is You*. New York: Da Capo Press, 1997.

Gabor, Zsa Zsa, com Wendy Leigh. *One Lifetime Is Not Enough.* New York: Delecorte Press, 1991.

Gage, Nicholas. *The Mafia Is Not an Equal Opportunity Employer.* New York: Dell, 1972.

Gambino, Richard. *Blood of My Blood*. New York: Anchor Books, 1974.

Gardner, Ava. *My Story*. New York: Bantam Books, 1990.

Gehman, Richard. *Sinatra and His Rat Pack*. New York: Belmont Books, 1961.

Giancana, Antoinette, e Thomas Renner. *Mafia Princess*. New York: William Morrow, 1984.

Giancana, Sam, e Chuck Giancana. *Double Cross: The Story of the Man Who Controlled America*. London: MacDonald, 1992.

Gigliotti, Gilbert L. *A Storied Singer: Frank Sinatra as Literary Conceit.* Westport, CT: Greenwood Press, 2002.

Glazer, Nathan, e Daniel P. Moynihan. *Beyond The Melting Pot*. Cambridge,

MA: MIT Press, 1971.

Goldfarb, Ronald. *Perfect Villains, Imperfect Heroes: Robert F. Kennedy's War Against Organized Crime.* New York: Random House, 1995.

Goldstein, Norm. *Frank Sinatra: Ol' Blue Eyes*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982.

Goodman, Ezra. *The Fifty-Year Decline and Fall of Hollywood.* New York: MacFadden Books,1962.

Gosch, Martin, e Richard Hammer. *The Last Testament of Lucky Luciano*. Boston: Little, Brown, 1974.

Graham, Sheilah. *My Hollywood.* London: Michael Joseph, 1984.

Granata, Charles L. *Sessions with Sinatra: Frank Sinatra and the Art of Recording*. Chicago: A Cappella Books, 1999.

Green, Michael, e R. T. King, eds. *A Liberal Conscience: Ralph Denton, Nevadan*. Reno, NV: University of Nevada Oral History Program, 2001.

Halberstam, David. *The Fifties*. New York: Villard Books, 1993.

Haldeman, H. R. *The Haldeman Diaries*. New York: Putnam, 1994.

Hamblett, Charles. *The Hollywood Cage*. New York: Hart Publishing, 1969.

Hamill, Pete. *Why Sinatra Matters.* Boston: Little, Brown, 1998.

Hamilton, Nigel. *JFK: Reckless Youth*. New York: Random House, 1992.

Hammer, Richard. *The Illustrated History of Organized Crime*. Philadelphia, PA: Courage, 1989.

Hanna, David. *Ava: A Portrait of a Star*. New York: Putnam, 1960.

_____. *Sinatra: Ol'Blue Eyes Remembered.* New York: Gramercy Books, 1990.

Haygood, Wil. *In Black and White: The Life of Sammy Davis Jr*. New York: Knopf, 2003.

Hellerman, Michael, e Thomas Renner. *Wall Street Swindler*. New York: Doubleday, 1977.

Hersh, Seymour. *The Dark Side of Camelot*. Boston: Little, Brown, 1998.

Hess, Henner. *Mafia & Mafiosi*. New York: New York University Press, 1996.

Heymann, C. David. *A Woman Called Jackie*. London: Heinemann, 1989.

Higham, Charles. *Ava*. New York: Delacorte Press, 1974.

_____. *Howard Hughes: The Secret Life*. London: Pan Books, 1994.

_____. *Marlene: The Life of Marlene Dietrich*. New York: W. W. Norton, 1977.

Howlett, John. *Frank Sinatra*. New York: Wallaby Books, 1980.

Hoyt, Edwin P. *Marilyn: The Tragic Venus*. Radnor, PA: Chilton Book Company, 1973.

Hyams, Joe. *Bogie: The Biography of Humphrey Bogart.* New York: Signet, 1967.

_____. *Bogie: The Humphrey Bogart Story*. New York: Signet, 1966.

Israel, Lee. *Kilgallen: An Intimate Biography of Dorothy Kilgallen.* New York: Dell, 1979.

Jacobs, George, e William Stadiem. *Mr. S.: My Life with Frank Sinatra*. New York: HarperEntertainment, 2003.

Jennings, Dean. *We Only Kill Each Other: Bugsy*. New York: Penguin Books, 1992.

Jewell, Derek. *Frank Sinatra: A Celebration*. New York: Applause Books, 1999.

Jurow, Martin, conforme relato a Philip Wuntch. *Marty Jurow Seein' Stars: A Show Biz Odyssey*. Dallas: Southern Methodist University Press, 2001.

Kahn, E. J. *The Voice*. New York: Harper and Brothers, 1946.

Kaplan, John, e Jon R. Waltz. *The Trial of Jack Ruby*. New York: Macmillan, 1965.

Kashner, Sam, e Jennifer MacNair. *The Bad & the Beautiful: Hollywood in the Fifties*. New York: W. W. Norton, 2002.

Katz, Leonard. *Uncle Frank: The Biography of Frank Costello*. New York: Drake, 1973.

Kelley, Kitty. *His Way: The Unauthorized Biography of Frank Sinatra*. New York: Bantam, 1986.

_____. *Nancy Reagan: The Unauthorized Biography*. New York: Simon and Schuster, 1991.

Kennedy, Robert F. *The Enemy Within*. New York: Harper and Row, 1960.

Kerouac, Jack. *The Dharma Bums*. Great Britain: André Deutch Ltd., 1959.

Kessler, Ronald. *The Sins of the Father: Joseph P. Kennedy and the Dynasty He Founded*. New York: Warner Books, 1996.

Kupcinet, Irv, com Paul Neimark. *Kup*. Chicago: Bonus Books, 1988.

Kuntz, Tom, e Phil Kuntz, eds. *The Sinatra Files*. New York: Three Rivers Press, 2000.

Lacey, Robert. *Grace*. London: Sidgwick & Jackson, 1994.

_____. *Little Man: Meyer Lansky and the Gangster Life*. Boston: Little,

Brown, 1991.

LaGuardia, Robert. *Monty: A Biography.* New York: Avon, 1977.

Lahr, John. *Sinatra: The Artist and the Man*. New York: Random House, 1997.

Lambert, Gavin. *Natalie Wood: A Life*. New York: Knopf, 2004.

Lawford, Christopher. *Symptoms of Withdrawal.* New York: William Morrow, 2005.

Lawford, Patricia Seaton. *The Peter Lawford Story.* New York: Carroll and Graf, 1988.

Lazar, Irving. *Swifty: My Life and Good Times*. New York: Simon and Schuster, 1995.

Leamer, Lawrence. *The Kennedy Women*. London: Bantam, 1994.

Lees, Gene. *Singers and the Song II*. New York: Oxford University Press, 1998.

Leigh, Janet. *There Really Was a Hollywood*. Garden City, NY: Doubleday, 1984.

Levinson, Peter J. *September in the Rain: The Life of Nelson Riddle*. New York: Billboard Books, 2001.

_____. *Trumpet Blues: The Life of Harry James*. New York: Oxford University Press, 1999.

Levy, Shawn. *Rat Pack Confidential.* New York: Doubleday, 1998.

Lewis, Jerry, com Herb Gluck. *Jerry Lewis, in Person*. London: Robson Books, 1983.

Lewis, Jerry, e James Kaplan. *Dean & Me (A Love Story)*. New York: Doubleday, 2005.

Lukas, J. Anthony. *Nightmare: The Underside of the Nixon Years*. New York: Penguin, 1988.

MacLaine, Shirley. *Don't Fall Off the Mountain*. London: Bodley Head, 1970.

_____. *My Lucky Stars*. New York: Bantam Books, 1995.

Mahoney, Richard D. *Sons & Brothers: The Days of Jack and Bobby Kennedy*. New York: Arcade Publishing, 1999.

Malatesta, Peter. *Party Politics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1982.

Manchester, William. *The Glory and the Dream*. Boston: Little, Brown, 1973.

Martin, Deana, com Wendy Holden. *Memories Are Made of This*. New York:

Harmony, 2004.

Martin, Ralph. *A Hero for Our Time*. New York: Macmillan, 1983.

Martin, Ricci, com Christopher Smith. *That's Amore: A Son Remembers Dean Martin.* New York: Taylor, 2002.

Matthau, Carol. *Among the Porcupines*: A Memoir. New York: Turtle Bay Books, 1992.

Mavaro, Giuseppe. *Dialogo tra un maestro ed i suoi alunni sulla storia di Lercara Friddi*. Lercara Friddi, Sicily: Biblioteca Comunale, 2002.

McBrien, William. *Cole Porter*. New York: Random House, 1998.

Messick, Hank. *John Edgar Hoover*. New York: David McKay, 1972.

_____. *The Mob in Show Business*. New York: Pyramid, 1973.

Messick, Hank, com Joseph Nellis. *The Private Lives of Public Enemies.* New York: Dell Publishing, 1973.

Meyers, Jeffrey. *Bogart: A Life in Hollywood*. New York: Houghton Mifflin, 1997.

Monroe, Will. *The Spell of Sicily.* Boston: Page, 1909.

Moore, Robin, e Gene Schoor. *Marilyn and Joe DiMaggio.* New York: Manor Books, 1977.

Morella, Joe, e Edward Epstein. *Lana: The Public and Private Lives of Miss Turner*. New York: Dell, 1982.

Morgan, John. *The Prince of Crime*. Briarcliff Manor, NY: Stein and Day, 1985.

Morley, Sheridan. *Marlene Dietrich*. London: Sphere Books Ltd., 1978.

Mustazza, Leonard, ed. *Frank Sinatra and Popular Culture*. Westport, CT: Praeger, 1998.

_____. ed. *Sinatra: An Annotated Bibliography*, 1939–1998. Westport, CT: Greenwood Press, 1999.

O'Brien, Daniel. *The Frank Sinatra Film Guide*. London: Butler and Tanner, 1998.

O'Brien, Ed, com Robert Wilson. *Sinatra 101: The 101 Best Recordings and the Stories Behind Them*. New York: Boulevard Books, 1996.

O'Donnell, Kenneth P., e David F. Powers, com Joe McCarthy. *"Johnny, We Hardly Knew Ye": Memories of John Fitzgerald Kennedy.* Boston: Little, Brown, 1972.

Ordway, Donald. *Sicily: Island of Fire.* New York: National Travel Club, 1930.

Parker, Robert. *Capitol Hill in Black and White*. New York: Dodd, Mead, 1986.

Parmet, Herbert S. *Jack: The Struggles of John F. Kennedy*. New York: Dial Press, 1980.

Parsons, Louella. *Tell It to Louella*. New York: Putnam, 1961.

Payn, Graham, e Sheridan Morley. *The Noël Coward Diaries*. New York: Da Capo Press, 1982.

Pearl, Ralph. *Las Vegas Is My Beat*. Secaucus, NJ: Lyle Stuart, 1973.

Peterson, Virgil W. *Barbarians in Our Midst: A History of Chicago Crime and Politics*. Boston: Little, Brown, 1952.

_____. *The Mob*. Ottawa, IL: Green Hill, 1983.

Petkov, Steven, e Leonard Mustazza, eds. *The Frank Sinatra Reader*. New York: Oxford University Press, 1985.

Pignone, Charles. *The Sinatra Treasures*. New York: Bulfinch Press, 2004.

Pilat, Oliver. *Drew Pearson, An Unauthorized Biography*. New York: Pocket, 1973.

Powell, Hickman. *Lucky Luciano: His Amazing Trial and Wild Witnesses*. Secaucus, NJ: Arno Press, 1975.

Puzo, Mario. *The Godfather*. London: Pan Books, 1970.

Quirk, Lawrence, e William Schoell. *The Rat Pack: The Hey-Hey Days of Frank and the Boys*. Dallas: Taylor Publishing, 1998.

Ragano, Frank, e Selwyn Raab. *Mob Lawyer*. New York: Scribner's, 1994.

Rappeleye, Charles, e Ed Becker. *All American Mafioso*. New York: Doubleday, 1991.

Rednour, Tom. *Songs by Sinatra: A Unique Frank Sinatra Songography*. Beacon, NY: Wordcrafters, 1998.

Reeves, Richard. *President Kennedy: Profile of Power*. New York: Simon and Schuster, 1993.

Reid, Ed. *The Grim Reapers*. New York: Bantam, 1969.

_____. *Mickey Cohen: Mobster*. New York: Pinnacle, 1973.

Reid, Ed, e Ovid Demaris. *The Green Felt Jungle*. New York: Trident Press, 1963.

Renay, Liz. *My Face for the World to See*. New York: Lyle Stuart, 1971.

_____. *My First 2,000 Men*. Emeryville, CA: Barricade Books, 1992.

Ridgway, John. *The Sinatra File: Part One*. Birmingham, UK: John Ridgway Books, 1977.

_____. *The Sinatra File: Part Two*. Birmingham, UK: John Ridgway Books, 1978.

_____. *The Sinatra File: Part Three*. Birmingham, UK: John Ridgway Books, 1980.

Ringgold, Gene, e Clifford McCarty. *The Films of Frank Sinatra*. New York: Citadel Press, 1993.

Riva, Maria. *Marlene Dietrich*. London: Bloomsbury Publishing Ltd., 1992.

Rockwell, John. *Sinatra: An American Classic*. New York: Rolling Stone Press, 1984.

Roemer, William F., Jr. *Accardo: The Genuine Godfather*. New York: Donald I. Fine, 1995.

_____. *Roemer: Man Against the Mob*. New York: Donald Fine, 1989.

Romero, Gerry. *Sinatra's Women*. New York: Manor Books, 1976.

Rose, Frank. *The Agency: William Morris and the Hidden History of Show Business*. New York: HarperCollins, 1995.

Russo, Gus. *The Outfit*. New York: Bloomsbury, 2001.

Sanford, Herb. *Tommy and Jimmy: The Dorsey Years*. New Rochelle, NY: Da Capo Press, 1972.

Sangiorgio, Nicolò. *Lercara Friddi: Itinerari storici e tradizionali*. Palermo, Sicily: Edizioni Kefagrafica, 1991.

Santino, Umberto. *Storia del movimento antimafia*. Rome: Editori Riuniti, 2000.

Santino, Umberto, e Giovanni La Fiura. *Behind Drugs: Survival Economies, Criminal Enterprises, Military Operations, Development Projects*. Turin, Italy: Edizioni Gruppo Abele, 1993.

Scheim, David. *Contract on America: The Mafia Murder of President John F. Kennedy*. New York: Shapolsky, 1988.

Schlesinger, Arthur M., Jr. *Robert Kennedy and His Times*. Boston: Houghton Mifflin, 1978.

_____. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*. Boston: Houghton Mifflin, 1965.

Schoell, William. *Martini Man: The Life of Dean Martin*. Dallas: Taylor Publishing, 1999.

Sciacca, Tony. *Luciano: The Man Who Modernized the American Mafia*. New York: Pinnacle Books, 1975.

_____. *Sinatra*. New York: Pinnacle Books, 1976.

Server, Lee. *Robert Mitchum: "Baby, I Don't Care."* London: Faber and Faber, 2002.

Shavelson, Melville. *How to Make a Jewish Movie*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1971.

Shaw, Arnold. *Sinatra: A Biography*. London: W. H. Allen, 1968.

_____. *Sinatra: The Entertainer*. New York: Delilah Communications Ltd., 1982.

_____. *Sinatra: Twentieth Century Romantic*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

_____. *The Street That Never Slept.* New York: Coward, McCann and Geoghegan, 1971.

Shepherd, Donald, e Robert Slatzer. *Bing Crosby: The Hollow Man*. New York: Pinnacle Books, 1981.

Shirak, Ed, Jr. *Our Way: In Honor of Frank Sinatra*. Hoboken, NJ: Lepore's Publishing, 1995.

Sifakis, Carl. *The Mafia File*. Wellington, UK: Thorsons, 1987.

Simon, George T., com prefácio de Frank Sinatra. *The Big Bands*. Wellingborough, U. K.: Thorsons, Collier Macmillan, 1967.

Sinatra, Nancy. *Frank Sinatra: An American Legend.* New York: Reader's Digest, 1998.

_____. *Frank Sinatra: My Father*. New York: Pocket Books, 1986.

Sinatra, Tina, introduction. *A Man and His Art: Frank Sinatra*. New York: Random House, 1991.

Sinatra, Tina, com Jeff Coplon. *My Father's Daughter*. New York: Simon and Schuster, 2000.

Sondern, Frederic, Jr. *Brotherhood of Evil: The Mafia*. New York: Farrar, Straus and Cudahy, 1959.

Spada, James. *Grace: The Secret Lives of a Princess*. London: Sidgwick and Jackson, 1987.

_____. *Peter Lawford: The Man Who Kept the Secrets*. New York: Bantam, 1991.

Sperber, A. M., e Eric Lax. *Bogart*. New York: William Morrow, 1997.

Starr, Michael Seth. *Mouse in the Pack: The Joey Bishop Story*. New York: Taylor Trade Publishing, 2002.

Sterling, Claire. *The Mafia: The Long Reach of the International Sicilian Mafia*. London: Hamish Hamilton, 1990.

Strait, Raymond, e Terry Robinson. *Lanza: His Tragic Life*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1980.

Stuart, Mark A. *Gangster*. London: W. H. Allen, 1987.

Sullivan, Robert, e os editores da *Life*. *Remembering Sinatra*. New York: Life Books, 1998.

Summers, Anthony. *Goddess: The Secret Lives of Marilyn Monroe*. New York: Macmillan, 1985.

_____. *Official & Confidential: The Secret Life of J. Edgar Hoover.* New York: Putnam, 1993.

Sussman, Barry. *The Great Cover-Up*. Arlington, VA: Seven Locks Press, 1992.

Talese, Gay. *Honor Thy Father*. Greenwich, CT: Fawcett Publications, 1971.

Taraborrelli, J. Randy. *Sinatra: A Complete Life.* New York: Birch Lane, 1997.

Taylor, Theodore. *Jule: The Story of Composer Jule Styne*. New York: Random House, 1979.

Teresa, Vincent, com Thomas Renner. *My Life in the Mafia*. London: Grafton, 1974.

Theoharis, Athan, e John Stuart Cox. *The Boss: J. Edgar Hoover and the Great American Inquisition*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

Thomson, David. *Rosebud: The Story of Orson Welles*. London: Little, Brown, 1996.

Tormé, Mel. *It Wasn't All Velvet.* New York: Viking Penguin, 1988.

_____. *Traps, the Drum Wonder: The Life of Buddy Rich*. Alma, MI: Rebeats Publications, 1991.

Tosches, Nick. *Dino: Living High in the Dirty Business of Dreams*. New York: Delta, 1992.

Turner, Lana. *Lana: The Lady, the Legend, the Truth*. New York: Dutton, 1982.

Turner, Wallace. *Gambler's Money*. Boston: Houghton Mifflin, 1965.

Valentine, Douglas. *The Strength of the Wolf: The Secret History of America's War on Drugs*. New York: Verso, 2004.

Vanderbilt, Gloria. *Black Knight, White Knight*. New York: Fawcett Gold Medal, 1987.

Vare, Ethlie Ann, ed. *Legend: Frank Sinatra and the American Dream*. New York: Boulevard Books, 1995.

Viertel, Peter. *Dangerous Friends: At Large with Huston and Hemingway in the Fifties.* New York: Doubleday, 1992.

Villa, Joey. *Living Well Is the Best Revenge: The Rat Pack and His Pals, the Friends of Joey Villa*. Las Vegas: Comic Two Talent, 1998.

Vizzini, Sal. *The Secret Life of America's No. 1 Undercover Agent*. Aylesbury, Bucks, Hazell Watson and Viney, 1972.

Wayne, Jane Ellen. *Ava's Men*. New York: St. Martin's Press, 1990.

Welles, Orson, e Peter Bogdanovich. *This Is Orson Welles*. New York: Da Capo Press, 1998.

Whalen, Richard J. *The Founding Father*. Washington, DC: Regnery Gateway, 1993.

White, Theodore H. *The Making of the President, 1960*. New York: Atheneum, 1962.

Wilkerson W. R., III. *The Man Who Invented Las Vegas*. Beverly Hills, CA: Ciro's Books, 2000.

Willoughby, Bob. *Sinatra: An Intimate Collection*. London: Vision on Publishing Ltd., 2002.

Wills, Garry. *Reagan's America: Innocents at Home*. Garden City, NY: Doubleday, 1987.

Wilson, Earl. *Show Business Laid Bare*. New York: Signet, 1974.

_____. *The Show Business Nobody Knows.* New York: Bantam, 1973.

_____. *Sinatra: An Unauthorized Biography*. New York: Signet, 1977.

Winters, Shelley. *Shelley, Also Known as Shirley*. New York: Ballantine, 1980.

Wolf, George, com Joseph DiMona. *Frank Costello: Prime Minister of the Underworld*. New York: William Morrow, 1974.

Yablonsky, Lewis. *George Raft*. New York: McGraw-Hill, 1974.

Yarwood, Guy, ed. *Sinatra in His Own Words*. London: Omnibus Press, 1982.

Zehme, Bill. *The Way You Wear Your Hat: Frank Sinatra and the Lost Art of Living.* New York: HarperCollins, 1997.

Créditos fotográficos

Lana Turner: Foto de arquivo/ Getty Images

Jo Davidson e Frank Sinatra: Foto por Keystone-France/Gamma-Keystone por Getty Images

Frank Sinatra e Tom Jobim: Getty Images

Eva Bartok: Getty Images

John Quinlan e Frank Sinatra: Getty Images

Frank criança: Getty Images

Família e amigos: Getty Images

Frank Sinatra e seus pais: Getty Images

Frank Sinatra ao microfone: Getty Images

Frank Sinatra em *O Homem do Braço de Ouro*: Álbum cinema/ Latinstock

Lápide de Frank Sinatra: Getty Images

Frank Sinatra com cachimbo: Getty Images

Marlene Dietrich: Getty Images

Nelson Riddle e Frank Sinatra: Foto por Murray Garret/ Getty Images

Bill Miller e Frank Sinatra: Foto por Hulton Archive/Getty Images

Frank Sinatra e Marlyn Monroe: Foto por David Livingston/Getty Images

FBI publica arquivo de Frank Sinatra: Corbis (DC)/ Latinstock

Frank Sinatra em *Sob o Domínio do Mal*: Corbis (DC)/ Latinstock

Hubert Humphrey e Frank Sinatra: Corbis (DC)/ Latinstock

Willie Moretti morto no chão do restaurante: Corbis (DC)/ Latinstock

Frank Sinatra conversando com repórteres durante julgamento: Library of Congress/ Everett/ Latinstock

Benny Siegel morto no sofá: Everett/ Latinstock

Frank Sinatra: Corbis (DC)/ Latinstock

Dean Martin, Sammy Davis Jr. E Frank Sinatra: Corbis (DC)/ Latinstock

Cena de *A Um Passo da Eternidade*: Corbis (DC)/ Latinstock

Gloria Vanderbilt e Frank Sinatra: Corbis (DC)/ Latinstock

Frank Sinatra e Ava Gardner: Corbis (DC)/ Latinstock

Mia Farrow e Frank Sinatra após a cerimônia de casamento: Corbis (DC)/

Latinstock

Frank Sinatra e Lauren Bacall cortando bolo: Corbis (DC)/ Latinstock
Frank Sinatra e Barbara Marx: Corbis (DC)/ Latinstock
Frank Sinatra com o presidente e outras pessoas: Corbis (DC)
Frank Sinatra menino: Corbis (DC)/ Latinstock
Marilyn Maxwell: Corbis (DC)/ Latinstock

Agradecimentos a licenças de publicação

Agradecemos imensamente àqueles que estão citados abaixo pela permissão para reprodução de material anteriormente publicado:

Bantam Books: Trecho de *His Way, The Unauthorized Biography*, de Kitty Kelley. Copyright © 1986 pela H.B. Productions, Inc. Trecho de *Ava, My Story* de Ava Gardner com Alan Burgess. Copyright © 1990 por C & J Films, Inc. Reproduzido com permissão da Bantam Books, uma divisão da Random House Inc.

Jill Corey: Trecho de *Tonight I've a Date with Sinatra*, por Jill Corey. Reproduzido por cortesia do autor.

FranAm Publishing Administration: Trecho de *When You Awake*, de Henry Nemo. Copyright © 1968 pelo Indano Music Co. Licença renovada em 1992. Todos os direitos reservados. Copyright internacional garantido. Reproduzido com permissão da FranAm Publishing Administration.

Hal Leonard Corporation: Trecho de *One for My Baby (And One More for the Road)*, letra de Johnny Mercer e música de Harold Arlen. Copyright © 1943 (Licença renovada) por Harwin Music Co. Todos os direitos reservados. Reproduzido com permissão de Hal Leonard Corporation.

HarperCollins Publishers Inc.: Trechos de *Mr. S.: My Life with Frank Sinatra* de George Jacobs e Stadiem William. Copyright © 2003 por George Jacobs e Stadiem William. Reproduzido com permissão da HarperCollins Publishers Inc.

Hobby Catto Properties LLC:. Trechos de *Why Sinatra Hates the Press, part 1 & part 2, Look Magazine* (28 de maio de 1957 e 11 junho de 1957). Trechos de *Sinatra and Family Look Magazine*, (26 de dezembro de 1967). Reproduzido com permissão de Hobby Catto Properties LLC.

Little, Brown and Co., Inc.: Trecho de *Why Sinatra Matters*, de Pete Hamill. Copyright © 1998 por Deidre Enterprises, Inc. Reproduzido com permissão de Little, Brown and Co., Inc.

Music Sales Corporation: Trecho de *The House I Live In*, de Earl Robinson e

Lewis Allan. Copyright © 1942 (renovado) de Music Sales Corporation (ASCAP). Todos os direitos reservados. Copyright internacional garantido. Reproduzido com permissão da Music Sales Corporation.

Peermusic: Trecho de *I Get Along Without You Very Well*, de Hoagy Carmichael. Copyright © 1938 por Songs of Peer , Ltd. Copyright (renovado). Todos os direitos garantidos. Reproduzido com permissão de Peermusic.

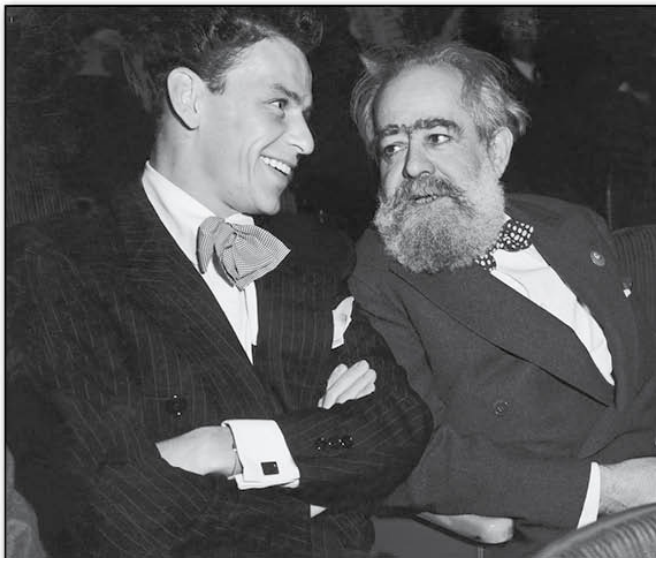
Warner Brothers Publications U.S., Inc.: Trecho de *Our Love*, de Buddy Bernier, Larry Clinton, e Robert D. Emmerich. Copyright © 1939 (renovado) de Chappell & Co., Bernier Publishing e Dulcet Music. Trecho de *I'm a Fool To Want You*, de Frank Sinatra, Jack Wolf, e Joel S. Herron. Copyright © 1951 (renovado) por Sergeant Music Co., Integrity Music Corp e Maraville Music Co. Administrado pela WB Music Corporation. Todos os direitos reservados. Reproduzido com autorização da Warner Brothers Publications U.S., Inc., Miami, Flórida 33014.

Caderno de fotos



Lana Turner afirmou que teve com Sinatra "um sério romance". Eles fingiram um rompimento para atender à demanda da MGM, mas continuaram a se encontrar secretamente.

Aos trinta anos, Frank recebeu uma prestigiosa homenagem. Foi imortalizado pelo escultor Jo Davidson em um busto de bronze. Davidson achava que o cantor parecia "um Lincoln mais jovem".





Tom Jobim e Sinatra. A parceria entre os cantores rendeu dois álbuns; o impressionante *Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim*, e *Sinatra & Company*.



Eva Bartok, atriz americana cuja maior notoriedade não foram os filmes, mas sua tempestuosa vida privada. Trinta anos após separar-se de seu último marido, anunciou publicamente que Deana, sua filha, era fruto de um breve relacionamento com Sinatra. O cantor havia dito anteriormente que estava "muito ocupado" para conhecê-la.



Aos 21 anos, Sinatra estava levando a sério a carreira musical; pagava por aulas de técnicas vocais com um antigo cantor do Metropolitan Opera, John Quinlan.

Frank elegantemente vestido de Pequeno Lorde, por volta de 1921. Filho único, era alternadamente mimado e intimidado por sua irascível mãe.





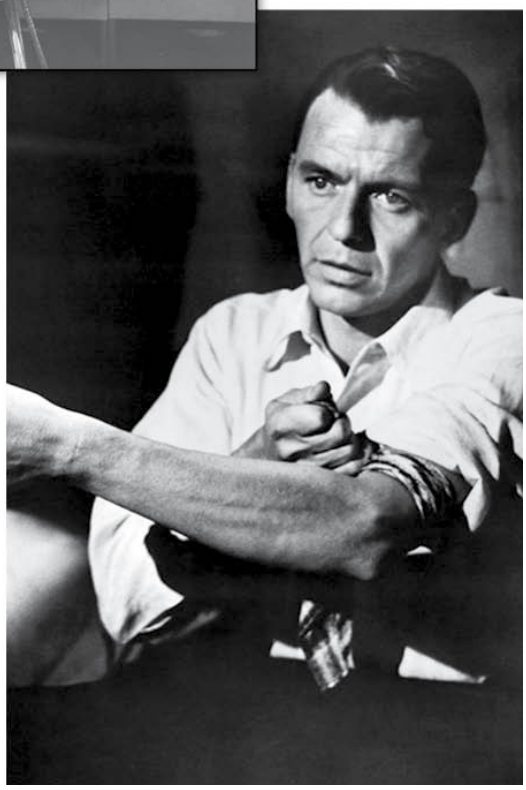
1923: Sentado no chão, o primeiro da direita para a esquerda, Frank está com a família e amigos defronte à casa da fazenda Echo, nas Montanhas Catskill, Nova York. Este era o local favorito da família para passar o verão. Dolly, sua mãe, está na segunda fileira, sentada com um violão.



A família Sinatra em Hoboken, Nova Jérsei: Dolly, Marty e seu filho cantor.



Com 25 anos, Frank posa com o microfone enquanto canta *As time goes by* no Riobama.



Sua performance como um viciado em drogas em *O homem do braço de ouro* lhe rendeu uma indicação a Melhor Ator, mas não o Oscar.



A lápide de Sinatra no Desert Memorial Park, California. Ao nível do solo, tem poucas informações, como a inscrição "O melhor ainda está por vir", título de um de seus sucessos, e seu nome completo, Francis Albert Sinatra.
A simplicidade foi solicitação do próprio *Blue Eyes*.



O jovem cantor posa com um cachimbo, tomando como referência o cantor Bing Crosby.

A ousada atriz alemã Marlene Dietrich. Com marcante voz rouca e sensual, alcançou o sucesso ao protagonizar o filme *O anjo azul* (1930). Uma das primeiras mulheres a usar calças, tornou-se cidadã estadunidense em 1937. Também se envolveu com Frank Sinatra.





"Faça um favor a você mesmo: trabalhe com Nelson Riddle", foi um conselho recebido por Frank em 1953. Juntos, produziram os álbuns da era de ouro de Sinatra. O tempo não apagou *In the wee small hours* ou *Only the lonely*.



Em 1953, Frank perguntou a Bill Miller: "Como você gostaria de trabalhar comigo, garoto?" O "garoto", que era um pouco mais velho que Sinatra, seria o maestro e o pianista do cantor por mais de quarenta anos. Frank o chamava de "Zé Bronzeado", por causa da palidez de seu rosto.



Tanto John Kennedy quanto Sinatra se relacionaram com Marilyn Monroe. Durante um passeio de iate em 1961, a atriz estava desorientada, visivelmente sob efeito de remédios. Ela estava na mesma situação quando se encontrou com Frank e o mafioso Sam Giancana, dias antes de sua morte, no mesmo ano. (Item de leilão em exposição na Bonhams & Butterfields em junho de 2009: Sinatra e Marilyn Monroe.)



Prisioneiro 42799, acusado por "seduzir" uma mulher, em 1938.



Nas filmagens de *Sob o domínio do mal* (1962). Na opinião de Sinatra, seu melhor filme; a bilheteria, no entanto, foi baixa.



Hubert Humphrey, para quem Frank trabalhou na campanha de 1968, o definiu como um "sólido e devotado americano liberal". O cantor insistia que era um eterno democrata, mesmo após o apoio a candidatos republicanos.



Willie Moretti morreu de forma trágica, assim como outros mafiosos que Frank conheceu.



Prestando depoimento por conta da acusação de Lee Mortimer. Com ajuda de terceiros, Sinatra havia agredido o colunista. Anos depois, quando Mortimer morreu, Sinatra urinou em sua sepultura.



Meses após o episódio de Cuba, Bugsy Siegel foi executado pela Máfia. Frank visitou a cena do crime para beber em sua homenagem.





Em 1988, com 72 anos, Frank persuadiu Dean Martin e Sammy Davis Jr. a se unirem a ele para uma turnê. Martin abandonou a turnê antes do final e Davis morreu em 1990, mas Frank seguiu cantando até quase os oitenta. Sua voz já não era a mesma e a memória estava em frangalhos, mas ele ainda podia despertar profundas emoções.



O papel de Maggio, o soldado rebelde de *A um passo da eternidade*, foi feito sob medida para Frank. Ele batalhou para obter o papel e ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante em 1953, de modo que recuperou sua carreira, até então decadente.



O assistente pessoal de Sinatra o definiu como "o Casanova dos tempos modernos". Depois de Ava, Frank flertou com vasto número de mulheres, entre elas Gloria Vanderbilt, em 1954.



A paixão obsessiva por Ava Gardner causou a destruição de seu primeiro casamento e quase o levou à ruína. "Eu não me lembro da cerimônia", disse Gardner a respeito da união em 1951. Frank perseguiu a atriz até a morte dela, em 1990, a despeito da infidelidade e das brigas compulsivas, comuns aos dois.



Depois do casamento em Las Vegas, Sinatra se referia à Mia Farrow como "minha noiva infantil". Ela, por sua vez, achava mesmo que o casamento era uma espécie de adoção. A união durou apenas dois anos.



Lauren Bacall foi pedida em casamento por Frank Sinatra, que de forma vexatória voltou atrás em sua decisão.



Em 1976, Frank se casou com Barbara Marx, com quem se manteve até a morte.

Frank teria dito que Richard Nixon lhe causava medo; mesmo assim, deu apoio a ele em 1972, e cantou na Casa Branca para o primeiro-ministro da Itália. A respeito do escândalo de Watergate, Frank dizia que "ninguém é perfeito".





O menino Sinatra, que anos mais tarde seguiria sua vontade de não permanecer em Hoboken e ganharia o mundo.



Frank disse que confundiu amizade e amor ao se casar com Nancy; ele achava que podia "ter qualquer mulher" que quisesse. Um de seus primeiros romances foi com Marilyn Maxwell, que apareceu usando um bracelete de diamantes em uma festa de Sinatra; Nancy acreditava que seu marido o tivesse comprado para ela.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



1 Literalmente, “Lei de Liberdade de Informação”. N. T.

2 *bandleader* é uma palavra inglesa para designar o líder ou condutor de um conjunto musical, frequentemente de bandas de baile. O termo ficou consagrado no mundo do jazz, em especial no período das Big Bands, que contou com famosos *bandleaders* como Count Basie e Duke Ellington. Assim, ficou consolidado o uso do termo em inglês, mesmo em textos escritos em português sobre o tema. N. T.
3 “Nosso amor, o sinto em todo lugar/ Nosso amor é como uma prece noturna/ Vejo sua face nas estrelas lá em cima/ Enquanto sonho, em toda a magia do/ Nosso amor.” N. T.

4 “Jimmy Olhos Azuis” N.T.

5 *Little Lord Fauntleroy* (*O Pequeno Lord*), livro infantil da autora anglo-americana Frances Hodgson Burnett, conta a história do jovem órfão Cedric Errol que um belo dia recebe uma visita que muda sua vida; como único herdeiro de seu avô, o Conde de Dorincourt, o jovem se torna o Lord de Fauntleroy. O estilo Little Lord Fauntleroy aludido de fato foi resultado do livro na moda infantil de classe média norte-americana. O clássico terno Fauntleroy era composto de um casaco de veludo e calças combinando, vestido com uma blusa extravagante, com um laço grande ou colarinho de babados. N. T.
6 Trabalho que consiste em confeitar doces, biscoitos etc., mergulhando-os em chocolate. N. T.
7 “Dolly Alfinete”. N. T.
8 Uma pianola que funcionava a partir da inserção de moedas, um antecessor do *jukebox*. N. T.
9 “Honesta e verdadeiramente, estou apaixonado por você...” N. T.
10 F.D.P. abreviação para filho da puta; no original S.O.B, abreviação para “son of a bitch”. N. T.
11 Joe “Mesquinho”. N. T.
12 “Garoto Calças Largas”. N. T.
13 Algo como “Tramoia”. N. T.
14 Forma pejorativa de tratar os ítalo-americanos, algo como “gringo”. N. T.
15 Outra forma pejorativa de tratar os ítalo-americanos, semelhante ao uso de “latino” como insulto. N. T.

16 O menor dos pianos de cauda, de aproximadamente 1,5 metro. N. T.
17 *Speakeasies* eram bares que vendiam bebida ilegalmente durante o período da Lei Seca nos EUA. N. T.
18 Jimmy “Olhadela” Petrozelli. N. T.
19 Liga Cultural Siciliana. N. T.
20 Os *song-pluggers* eram profissionais da música, em geral pianistas, contratados por lojas de música no início do século XX para promover música nova, tocando o que os vendedores lhes orientassem para tocar. N.T.
21 “Dicas para o Canto Popular”. N. T.

22 Corte de carne, predominantemente de carne bovina, feito de modo a preservar a maciez; em geral preparado na grelha. N. T.
23 Angelo “Cigano” De Carlo. N. T.
24 Adonis era um antigo conhecido de Luciano, poderoso nos jogos e nas transações ilegais nas docas em Nova York e Nova Jersey. N.T.
25 Famosa canção italiana cujo titulo significa *De volta a Surriento*. N. T.

26 Filhas da Revolução Americana. N. T.
27 “Emcee” é a forma pronunciada de MC, “master of ceremonies”; em português, “mestre de cerimônias”. N.T.
28 Frankie Cetim. N. T.
29 Termo que se refere a pequenos e luxuosos clubes noturnos. N. T.

30 “Fazedor de estrelas”. N. T.
31 “O Cavalheiro Sentimental do *Swing*”. N. T.
32 Marca francesa famosa de um aperitivo com sabor de anis. N. T.
33 No golfe, aquele que é responsável por carregar os apetrechos dos jogadores, sendo comum também que dê conselhos ou levante o moral destes. N. T.
34 “Senhorita Raios de Luar”. N. T.
35 “Meu coração chora, ele está fadado a se partir/ Já que nada importa, deixe ele se partir”. N. T.
36 Termo utilizado para designar dançarinos de *swing*, ou danças deste estilo. Sua raiz estaria em “jitters”, cujo significado, “nervosismo”, “tremelique”, faria referência ao modo de dançar aparentemente descontrolado próprio do *swing.* N.T.
37 “Corporação Musical da América”. N. T.
38 “Federação Americana de Artistas de Rádio”. N. T.
39 Joseph “Doutor” Stacher. N. T.

40 No original, “a swign-shift Caruso”, “Um cantor que ficava oscilando entre ser um cantor popular e um Caruso”, ou seja, um cantor lírico. N. T.
41 12 de outubro, “Dia de Colombo”, feriado oficial em muitos estados dos EUA, dia em que se comemora a chegada do navegador Cristóvão Colombo à América. N. T.
42 Literalmente “Via dos Namorados”, áreas afastadas em que casais iam namorar, especialmente dentro de seus carros, próximo ao que se chama no Brasil de “beijódromos”. N. T.
43 Clube de Campo de Lakeside. N. T.
44 “Vale Caloroso”. N. T.
45 “Os que desmaiam”, provavelmente alusão às *bobbysoxers* N. T.
46 Variação do jogo de cartas conhecido como buraco, no qual o objeto é a obtenção de conjuntos de três ou mais cartas do mesmo valor ou naipe. N. T.

47 No original, “When the yanks go marchin'in. I wanna be there boy...”, paródia da famosa canção *When the Saints go Marching in*. N. T.
48 Abreviação de “*Government Issue*” (G.I.), “Suprido pelo Governo”; apelido conferido aos soldados do Exército dos EUA. N. T.
49 “Tentilhão Frágil”. N. T.
50 No original, as letras falam de um sujeito que sofre muitas frustrações, a quem “tudo acontece”, às avessas. Na paródia, Frank aproveita o mote para responder sarcasticamente aos republicanos: “Me convidaram para ir a Washington/ Para uma xícara de chá/ Os republicanos começaram a grasnar/ Eles são doidos demais!/ E tudo que fiz foi dar um oi/ Para um cara chamado Franklin D./ Tudo acontece comigo!”. N. T.
51 “Comitê para Ação Política”. N. T.
52 “Congresso de Organizações Industriais”. N. T.
53 “Panelas políticas têm uma tampa/ Sob a qual se esconde o que está sendo preparado/ Mas é fácil dizer/ Pelo aroma bolchevique/ Qual cozido foi preparado por Sid”. N. T.
54 “Comitê dos Eleitores Independentes das Artes e Ciências por Roosevelt”. N. T.
55 “Comitê de Cidadãos Independentes das Artes, Ciências e Ofícios”. N. T.

56 Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara dos Representantes. N.T.
57 “Comitê de Ajuda à Iugoslávia”. N.T.
58 “Comitê de Ação para Liberar a Espanha Agora ”. N.T.
59 “Brigada dos Veteranos de Abraham Lincoln”. N.T.
60 “Federação Americana de Artistas de Rádio”. N.T.
61 Forma de tratamento no diminutivo, de tom pejorativo, dirigida aos comunistas, algo que se assemelha ao uso de “os comunas” no Brasil. N. T.
62 “Liga Comunista Jovem”. N. T.
63 “Juventude Americana pela Democracia”. N. T.
64 “Garota Esperta”. N. T.
65 ” Comitê de Atividades Antiamericanas”. N. T.
66 “Juventude Americana para a Democracia”. N. T.
67 “Comitê para a Primeira Emenda”. N. T.

68 “Niggers” é um termo pejorativo usado em inglês para se referir a afro-descentendes (algo como “preto”, no Brasil), assim como “kikes” ou “sheenies” para descendentes de judeus e “dago” (algo como “carcamano”, no Brasil) para descendentes de italianos. N. T.
69 “Aqui todos *nós* trabalhamos enquanto os caras brancos se divertem”. N.T.
70 “Reunião Mundial da Juventude”. N. T.
71 O que a América é para mim?/ Um nome, um mapa, ou uma bandeira que eu vejo,/ Uma palavra certa, a democracia/ O que a América é para mim?/ A casa em que eu vivo / Um lote de terra, uma rua/ O merceeiro e o açougueiro/ Ou as pessoas que eu conheço./ As crianças no parquinho,/ Os rostos que eu vejo/ Todas as raças e religiões/ São a América para mim. N. T.
72 “Colégio Benjamin Franklin”. N. T.
73 “Colégio Froebel”. N. T.
74 “Se Eu Fosse Negra”. N. T.
75 “Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor”. (N.T)
76 “Congresso da Igualdade Racial”. N. T.
77 “União Americana de Liberdades Civis”. N. T.
78 “Não Haverá Nunca Outro Judeu”. N. T.
79 Algo como “Ursinho Bronzeado”, “Ursinho Queimado”. N. T.
80 “Coelhinho da selva”. N. T.
81 “Centro Internacional da Juventude Frank Sinatra”. N. T.
82 “Centro Sinatra para a Juventude”. N. T.
83 “Centro para o Estudante Estrangeiro”. N. T.

84 Termo usado para designar uma garota contratada por um time para cuidar dos equipamentos, principalmente dos tacos. N. T.
85 Termo que tem origem nas jogadas de basebol e que serve para se referir às etapas de um envolvimento sexual físico; a primeira base seriam beijos e “amassos”, já a segunda se refere às carícias mais íntimas, como a masturbação. N. T.

86 Instituição de Amparo às Forças Armadas Americanas na Itália. N. T.
87 “Comitê Especial de Investigação do Crime Organizado em Comércio Interestadual”. N.T.

88 “Dia de Sinatra ”. N. T.

89 “Rei das Bilheterias”. N. T.
90 Termo usado por Hughes para se referir a mulheres divorciadas, que se aproxima da expressão pejorativa “rodada”, em português brasileiro. N. T.
91 “Vadia-Jezebel-Gardner”. N. T.
92 “Sou um tolo de lhe querer,/ De querer um amor que não pode haver,/ Um amor que está lá para outros também.../ Sei que é errado, só pode ser/ mas certo ou errado, eu não sei ficar/ Sem você”. N. T.
93 “Por favor, meu amor, faça o que quiser, apenas me ame... Eu vou morrer se você cansar de mim”. N. T.
94 “Serviço de Aconselhamento da Família Católica”. N. T.

100 “Joe “Fulano” Palladino”. N.T.
101 “Comissão tributária de Nevada”. N. T.
102 “Rei de Las Vegas”. N. T.
103 “Comitê do Crime da Casa Seleta”. N. T.

95 “Esta situação maluca me tira do sério”. N. T.
96 “Associação dos Fotógrafos da Imprensa ”. N. T.
97 No original, citação à canção “All or Nothing at All”: ‘Yesterday’s ‘All’ was ‘Nothing at All'[...]”. N. T.
98 Expressão que expressa algo como “Um Frankie não tão quente assim”. N. T.
99 “Quando você acorda os dias se curvam à sua porta/ Quando você acorda, o sol brilha como nunca/ Nuvens encharcadas pela chuva acham difícil explicar para a terra lá embaixo/ Que elas não podem chover, pois isso macularia um espetáculo celeste/ Que é assim por causa de você...”. N. T.

104 No original, “canções de coração partido” aparece como “*torch song*”, cujo sentido é análogo e deriva da expressão “carry a torch for”. Literalmente, a expressão significa “carregar a lanterna para alguém” e é usada para se referir ao nutrir um amor por alguém, por vezes secretamente, e sem ser retribuído por aquele sentimento, algo como “arrastar um caminhão por alguém”. N. T.

105 “Eu fico bem sem você,/ Claro que fico/ Eu te esqueci, como eu devia/ Claro que sim/ A não ser quando ouço seu nome/ Ou a risada similar de alguém,/ Mas eu te esqueci, como eu devia”. N. T.

106 *Irving Veloz Lazar*. N. T.
107 “Foi um ano muito bom para garotas de sangue azul/ Financeiramente independentes”. N. T.
108 “Tenho um encontro com Sinatra esta noite/ Estou angustiada/ Virgem como sou, se ele me beijar, eu desmaio/ E devo chamá-lo de Frankie ou Frank? /... Em um passeio pelo parque com seu *chofer*/ Jantar, beber vinho e dançar/ Na parte de trás ele segura minha mão, canta em meu ouvido/ O romance vai começar...”. N. T.

109 Paródia humorística dos versos e do nome da canção “Smoke gets in your eyes” (“Vem fumaça em seus olhos”); o verso “Smoke gets in my nose” significa “Fumaça entra no meu nariz”. N. T.
110 “Resmunguento”. N. T.
111 “Alta Sociedade”. N. T.
112 “Laranja é o alegre/ enganador/ e eu engano/ mas agradavelmente…/ Minha sombra é exata/ e elegante,/ mas nunca vai perfurar/ minha pele/ a ponto de afetar a minha alma...” N. T.
113 “Olhos de Anjo”. N. T.
114 ”... divirta-se, gente alegre/ a bebida e o riso são por minha conta”. N. T.

115 Nome do grupo de oito universidades da região nordeste dos Estados Unidos que são consideradas as melhores faculdades do país. São membros da Ivy League a Universidade Brown, a Universidade Columbia, a Universidade Cornell, a Dartmouth College, a Universidade Harvard, a Universidade da Pensilvânia, a Universidade Princeton e a Universidade Yale. N. T.
116 “Bando de Ratos”. N. T.
117 Os integrantes do “Rat Pack” eram nomeados por codinomes e os títulos acompanhavam a palavra “rat”, ou seja, “rato”. N. T.
118 *O Algonquin Round Table* (literalmente, “Mesa-redonda do Algonquin”) foi um celebrado grupo de escritores, críticos, atores e outros artistas de Nova York. Começando como um tipo de brincadeira, o grupo se reuniu para o almoço todos os dias no Hotel Algonquin, aproximadamente entre 1919 e 1929. Entre seus membros, estavam, além de Robert Benchley, a roteirista, poeta e crítica Dorothy Parker, e o editor da *The New Yorker* Harold Ross. N. T.
119 “Ratoeiras de Beverly Hills”. N. T.
120 *PTA* é uma sigla “Parent-Teacher Association”, ou seja, “Associação de Pais e Mestres”. N. T.
121 Palavra usada para remeter ao ritmo frenético, relativo à música produzida na época. “Ring-a-Ding Rhythm!” (literalmente, “Ritmo do Ring-a-Ding”) foi como ficou conhecido o filme *It’s a Trad, Dad* (literalmente, “É um Trad, Pai”). O filme, de 1962, é uma comédia musical cujo enredo é centrado em jovens que querem defender o “trad jazz”, sendo “trad” uma referência a “tradicional”, ritmo que reviveu nos anos 1950. Antes do filme, um álbum de Sinatra, de 1961, levou o título de *Ring-a-Ding-Ding!*, sendo o primeiro disco do cantor gravado pelo selo criado por ele próprio, a Reprise Records. N. T.
122 Cara liberado. N. T.

123 Adjetivo usado para descrever uma elegância sem alarde, algo como “descolado”. N. T.
124 Adjetivo empregado para denominar algo que é apreciado no momento, uma tendência. N. T.
125 “São 2h45, não há ninguém no local/ A não ser você e eu./ Então prepare o pessoal, Joe, eu tenho uma historinha para contar/ Eu acho que você deveria saber/…esta tocha que eu encontrei, tem que ser apagada/ Ou ela vai explodir. / É uma para o meu bem,/ E mais uma para a estrada. N. T.
126 Charley a Foca. N. T.
127 “Departamento de Informações sobre a Guerra”. N. T.
128 “*Some Come Running*”. N. T.
129 Tipo de tecido de algodão fino, próprio para roupas de verão. N.T.
130 No original, “Ratpackspeak”, ou seja, um tipo de dialeto falado pelo grupo Rat Pack. N.T.
131 “Um fim de semana de divertido”. N.T.
132 “Gasser” seria oposto a “bunter” porque, usado como gíria, remete a alguém cheio de energia, enquanto o verbo *to bunt*, em jargão de beisebol, significa rebater a bola com pouca força, de forma “chocha”. N.T.
133 “Passarinho”. N.T.
134 Algo como “perereca”. N.T.
135 “Mother” significa “mãe”, que era usado pelo grupo para significar “motherfucker”, um xingamento semelhante a dizer a alguém que este “come sua mãe”. N.T.
136 Haig é uma marca de uísque escocês cujo *slogan* era “Don’t be vague: ask for Haig” (“Não titubeie: peça Haig”). N.T.
137 Mau-mau era um grupo contra a presença britânica no Quênia nos anos 1950. N.T.
138 O trecho “Você me fez te amar, Eu não queria, Eu não queria” virou “Você me fez te amar, Você me acordou para isso”. Esta versão parodística brinca com o sentido sexual de *“love”*, o que levaria a uma interpretação como “Você me fez te amar, Você me acordou para transar”. N.T.
139 No trecho aludido de “*Chattanooga Choo Choo*”, “Nada melhor do que comer ovos e presunto na Carolina”, era cantado como “Nada melhor do que dormir com uma menor (de idade)”. N.T.
140 Corruptela com a palavra *brother-in-law*, que inglês significa cunhado, e que foi apelido de Lawford pela coincidência de “law” no sobrenome do ator. N.T.

141 Sam “Lunático” Giancana. N.T.
142 Tony “O Grande Atum” Accardo. Accardo receberia este apelido, conta-se, depois de uma pescaria em que o mafioso teria pescado um atum gigante. N.T.
143 “Agência Mundial de Atores”. N.T.
144 “Filhote magrelo fraquinho”. N.T.

145 A versão de *High Hopes* (*Grandes Esperanças*) se chamou *High Hopes with Jack Kennedy* (*Grandes Esperanças com Jack Kennedy*), e os versos acima citados significavam: “Todo mundo quer apoiar Jack/ Jack está no caminho certo”. N.T.

146 No original, “Fifth Amendment”, uma emenda da Constituição dos Estados Unidos e que diz que “ninguém será detido para responder por um crime capital, ou outro crime infamante, salvo por uma denúncia ou acusação perante um Grande Júri”; a emenda também garante que um réu, uma vez absolvido, não seja julgado novamente pelo mesmo crime. N.T.

147 No original, “lock-step”, expressão provavelmente derivada do uso no sistema penal norte-americano no século XIX, em que os prisioneiros tinham que marchar sincronizadamente, em fila, presos pelas pernas por uma corrente. N.T.

148 “Seção para o Crime Organizado do Departamento de Justiça”. N. T.
149 “Dr. Carrancudo”. N. T.
150 ”...os dias se reduzem a uns poucos e preciosos/ Setembro, novembro...” N. T.
151 “Comitê exclusivo da Câmara dos Representantes para Assassinatos”. N. T.
152 “Associação Americana de Artistas de Variedades”.N. T.
153 “Comitê de Inteligência do Senado”. N.T.
154 “Os Velhos Olhos Azuis”, apelido de Frank que aludia a seus olhos. N.T.
155 “Desista de seus sonhos por mais um dia/ ...é hora de um novo começo”. N.T.

156 A palavra que deu nome à companhia de Frank, “Reprise”, no inglês significa “repetição” (comumente de uma frase ou tema musical, quando empregada neste contexto) e o “i” é pronunciado com um som similar ao “i” do português (lembrando a própria pronúncia de “reprise” no português). No entanto, como descreve o autor, Frank preferia pronunciar o nome da companhia trocando o som de “i” para “ai” (“repraise”), o que faz o som se aproximar de “reprisal”, palavra que no inglês denota “retaliação” a uma ofensa. N. T.
157 Uma tradução para “Revenge Records” seria “Vingança Discos”. N. T.
158 Um “news ticker” (“relógio de notícias”), por vezes referido como um “crawler” (“rastreador”), é um espaço pequeno de tela, comum em redes de TV, dedicado à apresentação de manchetes ou de notícias curtas. N. T.
159 “Receita Bruta Comparativa”. N. T.
160 “Presidente do Conselho”. N. T.
161 “Tantas sombras em seus olhos/ ... Lady Day tem muita dor”. N. T.
162 “E deixe a música tocar, enquanto há uma canção para cantar/ Então vou ficar mais jovem que a primavera”. N. T.
163 “O tapete que uma vez ele cortou, agora ele usa na cabeça/ Meu Papai, papai, papai ...”. N. T.

164 “Turnê Mundial para as Crianças”. N. T.
165 “Não é apenas por ser seu rosto, mas um rosto tão encantador/ Fica tudo bem comigo”. N. T.
166 Um movimento de dança em que o corpo vira de lado, com os braços e as pernas se configurando como os raios de uma roda. N. T.
167 *O Pecado Mora ao Lado*. N. T.
168 “Cara de Anjo” (“Angel Face”) ou “Cara de Bebê” (“Baby Face”). N. T.

169 “Escritório de Investigadores Particulares e Peritos”. N. T.
170 “Comitê Médico-Científico do Conselho Nacional para Alcoolismo e Dependência de Drogas”. N. T.
171 Um cassetete revestido em couro com um eixo flexível.N. T.
172 “Filho da puta”. N. T.
173 Xingamento sem correspondência no português, que literalmente significa “comedor da (própria) mãe”. N. T.
174 Xingamento no inglês destinado a alcaguetes e que significa algo como “rato delator”. N. T.
175 “Chupa-rola”. N. T.

176 “Imaginando durante a noite/ Onde é que está minha calça”. No inglês, corruptela do original “Wond’ring in the night/ What were the chances” (“Imaginando durante a noite/ Quais eram as chances”). N. T.
177 “Fiz do meu jeito”. N. T.
178 Como lemos no livro, “bird” era a palavra usada pelo Rat Pack para se referir aos órgãos sexuais masculino e feminino. Assim, a frase soaria como “Como vai a sua perereca, Sra. Robinson?” N. T.
179 “Me leve até a lua, me deixe dançar entre as estrelas,/ Me deixe ver como é a primavera em Júpiter e em Marte...” N. T.
180 “Centro de Educação Médica Anthony Sinatra”. N.T.
181 “Tudo ou Nada”. N.T.
182 “A Casa do Rei”. N.T.
183 No original, “fuckface”, xingamento dirigido ora ofensivamente ora afetuosamente (como é o caso, no trecho) e que deriva da palavra “fuck” (em português, “foda”) alinhada à palavra “face” (“cara”, “face”), e que é usado em contextos análogos aos termos em português como “cuzão”e “cara de cu”. N. T.
184 “Fodam-se todos!” N. T.
185 “Jilly ama você mais do que você pode imaginar.” N.T.
186 “Liga Anti Difamação Ítalo-americana”. N. T.
187 “Liga Ítalo-americana de Direitos Civis”. N. T.
188 “Quando uma mulher ama um homem... experimente um pouco de ternura...” N. T.

189 Nome da canção cantada por Frank na ocasião de seu regresso como cantor em 1973. O mote da canção, cujo título pode ser traduzido como “Deixe-me tentar outra vez”, era apropriado à ocasião. N. T.
190 “Ela não gosta da Califórnia, mas de Reagan e a umidade.../ por isso é que a dama é uma vagabunda.” N. T.
191 No original, “confirmation hearing”, um tipo de audiência realizada pelo Senado dos EUA para recolher informações sobre a possibilidade de aprovar ou rejeitar candidatos a cargos federais de alta confiança que são nomeados pelo presidente. N. T.
192 “Sei que eu disse que estava partindo/ Mas não consegui dizer adeus/ Foi apenas autoengano/... Deixe-me tentar mais uma vez”. N. T.

193 ”...Se consigo lá, consigo em qualquer lugar/ Só depende de você, Nova York, Nova York.” N. T.
194 “…a canção que estou cantando, por toda a minha vida/ Não há ninguém como ela, como Barbara...” N. T.
195 *A Casa em que Moro*. N. T.
196 *Mandem os Palhaços*. N. T.
197 *Grandes Esperanças*. N. T.
198 *Jovem de Coração*. N. T.
199 *A Doce Ratoeira*. N. T.
200 *À Minha Maneira*. N. T.
201 *Eu Canto as Canções*. N. T.
202 *Amor Verdadeiro*. N. T.

203 Richard “Nervos” Fusco. N. T.
204 “Administração de Punições Relativas a Drogas”. N. T.
205 “Sociedade Nacional para o Combate à Esclerose”. N. T.
206 “Juntos Novamente”. N. T.
207 Ver foto.
208 “Guarda Aérea Nacional”. N. T.
209 “Um para o meu bem,/ e mais um, para a estrada.” N. T.

210 *O Melhor Ainda Está Por Vir*. N. T.
211 “A Voz”, em italiano. N.T.
212 Expressão que nos EUA é mais comum na forma “the whole nine yards” (literalmente, “as nove jardas completas”) e é usada para se referir a algo que se deu “por completo”, “por inteiro”. N.T.
213 “E mesmo quando eu estiver velho e grisalho”. N. T.
214 “O vento do outono, e o vento do inverno, vieram e foram,/ e ainda assim, os dias, aqueles dias solitários, continuam...”. N.T.
215 “Estamos bebendo, meu amigo, pelo final de um breve episódio... quando eu ficar sombrio, por favor, me ouça antes que tudo tenha se passado... Espero que você não se importe de emprestar seu ouvido... aquela longa...aquela longa...é uma longa, muito longa estrada”. N.T.
216 “Padroeiro de Nova Jersey”. N. T.

217 “A Charley Shoulders Agradece Queimado, o ‘U(rso)’”. N. T.
218 “Nossa Senhora de Malibu”. N. T.
219 Câmara dos Representantes. N. T.
220 Prêmio concedido pelo Congresso dos Estados Unidos e que é uma das mais altas condecorações civis dos Estados Unidos, juntamente com a *Presidential Medal of Freedom*. N. T.
221 “Frankie levou seus golpes golpes, mas fez do jeito dele”. N. T.
222 *O Melhor Ainda Está por Vir*. N. T.